ANNAES
DA
BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO.

ANNAES

DA

BIBLIOTHECA NACIONAL

DO

RIO DE JANEIRO

PUBLICADOS SOB A DIRECÇÃO DO

BIBLIOTHECARIO

DR. JOÃO DE SALDANHA DA GAMA.

Litterarum seu librorum negotium concludimus hominis esse vitam.
(PHILOBIBLION. CAP. XVI.)

1883 — 1884

VOLUME XI.

RIO DE JANEIRO
Typ. G. Leuzinger & Filhos

1885

CATALOGO

DA

EXPOSIÇÃO PERMANENTE

CATALOGO

DA

EXPOSIÇÃO PERMANENTE

DOS

CIMELIOS

DA

BIBLIOTHECA NACIONAL

Publicado sob a direcção do Bibliothecario

JOÃO DE SALDANHA DA GAMA

RIO DE JANEIRO
TYP. DE G. LEUZINGER & FILHOS, RUA DO OUVIDOR 31
1885

PREFACIO

Reorganizada por Decreto de 4 de Março de 1876, e dotada de pessoal idoneo, tem agora podido a Bibliotheca Nacional desenvolver rapidamente as suas forças. Certo, si tambem outros recursos obtivera, mais arrojados vôos houvera já desferido. Ainda assim, nos sempiternos fastos da historia patria, lá ficam, vigorosamente cinzeladas, as finas e graciosas fórmas da Exposição Camoneana de 1880, e o vulto mais senhoril e altivo da Exposição de Historia de 1881, como documentos incontrastaveis de sua fecunda actividade. Hoje, por esforço não menos ingente, rasga a Bibliotheca novas fontes e novos horizontes á grande ancia de saber do espirito humano, desvendando-lhe os primores do seu opulento seio.

Edições raras; exemplares, talvez unicos; outros esplendidamente trabalhados por mãos dos mais afamados mestres; alguns, encerrando os thesouros do pensamento das mais vastas e po-

tentes intelligencias dos tempos idos; esses offertando-nos as primicias da sciencia, colhidas pela observação e pelo raciocinio; aquelles, patenteando-nos os segredos da arte, surprehendidos pela inspiração e pelo sentimento; ali, a antiguidade com sua rudeza, mas com sua grandeza; aqui, a actualidade com todos os seus apuros e todas as suas galas; tudo isso, fielmente descripto, confrontado e commentado, dará, porque o não diremos? mais luz aos pontos controvertidos, mais firmeza ás conquistas feitas; estudo paciente e critica conscienciosa, ha de recrudescer a febre do movimento, de que é fatal resultante o progresso, o aperfeiçoamento geral.

Ao estudo e á analyse precedeu a selecção.

Nos ricos archivos da Bibliotheca Nacional, separar e grupar, sciente e conscientemente, alguns poucos exemplares de valôr mais subido, não é tarefa de somenos importancia. O espaço de que dispunhamos, em extremo diminuto, não permittia a exhibição completa de todas as nossas riquezas. Era preciso escolher, escolher sempre, examinar, comparar, tornar a comparar, até que as joias, por seu pequeno numero, e por mais preciosas, se pudessem accommodar nas caixas que lhes estavam destinadas. Não obstante o apoucado espaço, que nos obrigou em um ou outro ponto a alterar a ordem chronologica, conseguimos fossem representadas todas as cidades

e todos os artistas, que se distinguiram na grande arte de Gutenberg. Na Allemanha, os Fusts, os Schœffers, os Zells, os Deckers, e os Gieseekes e Devrients; na Italia, os Galls, os Estevãos Plancks, os Spiras, os Colonias, os Juntas e os Aldos; em Basiléa, os Frobens, os Cartanders e os Hervagios; na França, os Gerings, os Ascensios, os Estevãos, os Mames, os Didots e os Clayes; em Antuerpia, os Plantinos e os Moretos; em Leyde e Amsterdão, os Elzevires; na Hespanha, os Brocars, os Sanchas e os Ibarras; em Londres, os Roycrofts e os Whittinghams; em Portugal, os Nicolaus de Saxonia, os Galhardes, os Bonhominis, os Combregers, os Andrés de Burgos, os Antonios Gonçalves, os Barreiras, os Rodrigues, os Lyras, os Craesbeecks, e a Imprensa Nacional; em New York, os Appletons; em Philadelphia, os Collins; em Buenos-Aires, os Krafts; no Rio de Janeiro, a Imprensa Nacional, os Maximinos, os Lombaerts, os Laemmerts e os Leuzingers; emfim, no Maranhão, os Mattos e os Frias.

Na Secção de Manuscriptos, alinha-se, impondo o respeito e a admiração, a brilhante pleiade de sabios illustres: Alexandre Rodrigues Ferreira, Arruda Camara, Lacerda, Velloso e Freire Allemão, ali estão, como a convidar-nos a penetrar no coração de nossas virgens e seculares florestas e a abrir pelas amplidões d'esta portentosa e inexhaurivel natureza a rota que a sciencia inda procura.

Miralles, com os fulgores da historia, espanca as sombras do nosso passado. Nobrega e Anchieta, em suas cartas, nos ensinam, com a singeleza de verdadeiros Apostolos, como o Evangelho nas selvas esplende auroras de civilisação. Nas ennegrecidas paginas dos velhos e illuminados codices dos seculos que já fôram, ficaram estampados os vestigios da pericia e da perseverança de seus autores, a mesma pertinacia, a mesma habilidade, que ergueram as Pyramides e abateram os Barbaros. Contemplai tambem em sua lettra, em seu estylo, e, pois, em si mesmos, os varões assignalados, dos humanos destinos levitas augustos, sagrados pela intelligencia e pelas lettras, pelo trabalho e pelas virtudes.

Por ultimo, a Secção de Estampas, complemento indispensavel a toda bibliotheca bem organizada.

Em relação aos nossos haveres, nesta interessante Secção, assim como nas outras, poucos são os exemplares expostos, mas, em compensação, brilham as obras-primas dos grandes mestres, quantas bastam para distinguir as epocas, as escolas, as maneiras, e conhecer as transformações por que a arte tem passado.

A escola italiana representada por Mantegna, Marco-Antonio e seus discipulos Marcos de Ravenna e Agostinho Veneziano, os Carraccis, Guido Reni e seus discipulos, João Volpato e Raphael Morghen ;

A escola allemã por Alberto Dürer, Frederico Wagner, e Mertz;

A escola hollandeza por Lucas de Hollanda, Henrique Goltzio, Guilherme Hondio, Hermano Swanewelt, e Rembrandt;

A escola flamenga pelos Salderers, Van Dyck, Paulo Poncio, e Pedro Van Schuppen;

A escola ingleza por Hogarth;

A escola franceza por Noël Garnier, Jacob Callot, Roberto Nanteuil, Gerardo Audran, Gerardo Edelinck, os Drevets, Debucourt, Henriquel Dupont, e Gaillard;

A escola hespanhola pelo Hespanholeto, e Fernando Selma;

A escola portugueza por Vieira Lusitano, João Caetano Rivara, e João Vicente Priaz;

Todas captivam a nossa attenção.

Desde os primeiros ensaios da gravura, ou o *nigello*, até as magnificencias dos Audrans e dos Edelincks, tudo fórça a admiração.

Ao contemplar estas maravilhas, dir-se hia que, á vista de nossos proprios olhos, aquelles grandes mestres, aquelles insignes artistas, aquelles poetas, *os sublimes loucos*, emergem do passado, e, guindados em suas obras-primas, se transfiguram na immortalidade.

Não terminaremos, sem deixar aqui registrado um voto de louvor e de apreço aos distinctos empregados d'esta Bibliotheca, os Srs.: Dr. José

Zeferino de Menezes Brum, Dr. José Alexandre Teixeira de Mello, Alfredo do Valle Cabral, e B.el Antonio Jansen do Paço, pela intelligencia, illustração e zêlo que consumiram na confecção d'este Catalogo. Cada um, em sua respectiva Secção, não cumpriu só o seu dever, trabalhou com dedicação: resolutos todos, não recuaram ante o sacrificio, corajosamente o transpuzeram, com os olhos fitos na patria e na sciencia.

Dos Officiaes, os Srs. Antonio José Fernandes de Oliveira e João Ribeiro Fernandes, e do Auxiliar, o Sr. Antonio Luiz Pinto Montenegro, não deixaremos de fazer honrosa menção pelo valioso contingente com que nos auxiliaram.

Ao cavalheirismo e extrema obsequiosidade do illustrado Sr. Dr. Ladislau Netto, Director Geral do Museu Nacional, devemos o bem elaborado Catalogo das medalhas e moedas expostas, confiado á reconhecida proficiencia do intelligente e prestimoso Conservador da Secção de Numismatica d'aquelle importante Estabelecimento, o Sr. Luiz Ferreira Lagos.

Homenagem de reconhecimento ufanamo-nos de prestar-lhes.

Não nos entibiem, porem, os esforços até hoje despendidos, nem o muito, que ainda ha a conquistar, nos conturbe o animo e nos palleje a fé. Como minimos operarios na obra collossal que a geração do presente quer legar ás gerações por

vir, sacrifiquemos, si tanto é preciso, o nome com as suas grandezas, a saúde com os seus prazeres, a vida com os seus esplendores, mas seja essa a nossa derradeira palavra — ávante.

Bibliotheca Nacional, 21 de Maio de 1885.

JOÃO DE SALDANHA DA GAMA,
Bibliothecario.

SECÇÃO DE IMPRESSOS

E

CARTAS GEOGRAPHICAS

ESBOÇO HISTORICO

Tantas vezes se tem recentemente tratado do assumpto, especialmente nos *Annaes* da propria Bibliotheca, que a presente noticia não póde deixar de ser, em muitos pontos, repetição do que já corre impresso. Da douta monographia acêrca de Barbosa Machado, escripta pelo distincto Sñr. Dr. Ramiz Galvão, não pouco será aqui discreta e discricionariamente aproveitado. O digno chefe da secção de estampas, na introducção ao catalogo especial da sua secção, tomou a si o mais arduo da tarefa: no seu trabalho, já ha mais tempo escripto, posto que só agora saia á luz publica, achará o leitor proficientemente desenvolvida a materia e largamente documentada. Aqui pois só se dará um resumo historico do como se formou e avultou este grande repositorio do saber humano chamado *Bibliotheca Nacional e Publica* do Rio de Janeiro, de que com razão nos ufanamos, e que é de certo a mais rica e abundante da America do Sul.

Quando o grande capitão do seculo mandou invadir Portugal, El-Rei D. João VI, alma toda feita de paz, espirito avesso a toda a idéa de luta, e luta que lhe parecia com razão desigual, resolveu refugiar-se nos seus vastos dominios da America, o que effectuou deixando Portugal em fins do anno de 1807. Aportando ao Brazil em principios do de

1808, trouxe comsigo a Real Bibliotheca da Ajuda, que seu avô, El-Rei D. José I, organisára para substituir a que o terremoto de Lisboa em 1755 dispersára e o consecutivo incendio consumíra.

Collocada no extenso e escuro consistorio da igreja da O. 3.ª de N. Senhora do Carmo, á rua do Carmo, foi ella, não de todo e indistinctamente franqueada ao publico, mas aproveitada, de 1811 em diante, pelos estudiosos que para esse fim obtinham prévio e facil consentimento regio. Temos presente uma ordem nesse sentido passada pelo Conde, depois Marquez de Aguiar, em nome do Principe Regente, em 3 de Dezembro de 1811, dirigida ao P. Joaquim Damaso.

A principio accommodou-se a Bibliotheca no andar superior do hospital; mais tarde, tendo ella seguramente crescido com os livros que vieram de Lisboa, por aviso de 3 de Novembro de 1812 extendeu-se ao pavimento terreo, de onde se removeram os doentes para o Recolhimento do Parto, á rua dos Ourives.

O primeiro acto relativo á nossa Bibliotheca de que resam os seus registros é o Decreto de 29 de Outubro de 1810, referendado pelo mencionado Conde, dando lhe mais apropriada accommodação no edificio em que ella primitivamente e mezes antes se acoutára. É concebido nos seguintes termos:

« Decreto de 29 de Outubro. *Manuscripto authentico.* — Havendo ordenado por Decreto de 27 de Junho do presente anno, que nas casas do Hospital da Ordem Terceira do Carmo, situado á minha Real Capella, se collocassem a minha Real bibliotheca e gabinete dos instrumentos de physica e mathematica, vindos ultimamente de Lisboa: e constando-me pelas ultimas averiguações a que mandei proceder, que o dito edificio não tem toda

a luz necessaria, nem offerece os commodos indispensaveis em hum estabelecimento desta natureza, e que no lugar que havia servido de catacumba aos Religiosos do Carmo se podia fazer huma mais propria e decente accomodação para a dita livraria: hei por bem, revogando o mencionado Real Decreto de 27 de Junho, determinar que nas ditas catacumbas se erija e accomode a minha Real bibliotheca e instrumentos de physica e mathematica, fazendo-se á custa da Real Fazenda toda a despeza conducente ao arranjamento e manutenção do referido estabelecimento. O Conde de Aguiar, do Conselho de Estado, Presidente do Real Erario, o tenha assim entendido e faça executar por este Decreto sómente, sem embargo de quaesquer leis, regimentos ou disposições em contrario. — Palacio do Rio de Janeiro, em 29 de Outubro de 1810. — Com a rubrica do Principe Regente Nosso Senhor (V. *Coll. Nabuco*, t. I, 1810, pg. 337). »

Já em 1814 constava a Real Bibliotheca de mais de 60,000 volumes, segundo o testemunho do P. Luiz Gonçalves dos Santos nas suas *Memorias para servir á Historia do Reino do Brazil*, I, pg. 308.

« Esta Real Bibliotheca, diz o autor historiando os principaes acontecimentos d'aquelle anno, tem chegado ao estado de ser a primeira, e a mais insigne, que existe no Novo Mundo, não só pelo numero de livros de todas as Sciencias, e Artes, impressos nas linguas antigas, e modernas, *cujo numero passa de sessenta mil volumes*... que cada vez mais se augmentão, mediante a munificencia de Sua Alteza Real, que não cessa de enviar novas e selectas obras, que nella se colloquem... »

Tinham acompanhado a familia real portugueza no providencial exilio dois sacerdotes illustres, dados ao cultivo das lettras, Frei Gregorio José

Viegas e Padre Joaquim Damaso, da Congregação do Oratorio: a elles confiou o Principe a manutenção e arranjamento interno da sua bibliotheca, e do encargo se desempenharam de modo satisfactorio, Fr. Gregorio até 1821, em que tornou para o reino com a côrte, e o P. Damaso até 1822, em que voltou tambem para Portugal, não tendo querido adherir á emancipação da colonia.

Não levou porem comsigo o regio bibliothecario para o reino os impressos, como fizera á grande parte dos manuscriptos da Real Bibliotheca, os quaes fôram por elle de novo recolhidos á da Ajuda.

Desde que a Bibliotheca definitivamente se estabeleceu no Rio de Janeiro foram-se-lhe aggregando, por dadivas generosas e acquisições sob mais de um titulo, grandes e importantes collecções de livros, que hoje em dia a constituem o que é. No dominio colonial continuou a fazer-se de Lisboa remessa de livros ali impressos e que, a titulo de *propinas*, recebia a casa real.

Antes porem de passarmos a fazer menção d'ellas é do nosso rigoroso dever registrar a do douto abbade de Santo Adrião de Sever, Diogo Barbosa Machado. Aos incansaveis esforços d'este distinctissimo collector de preciosidades bibliographicas deve a nossa, herdeira da Bibliotheca da Ajuda, a mais que rara, pois é unica no seu genero, collecção de opusculos valiosissimos concernentes á historia de Portugal e do Brazil e que, pelo paciente bibliophilo reduzida com admiravel perseverança a um só formato, consta de 85 volumes de folio, pelo diligente abbade doados, com toda a sua rica livraria e outras collecções facticias, ao Rei D. José I depois do terremoto. Esses thesouros ficaram constituindo o nucleo da actual Bibliotheca Publica do Rio de Janeiro: não podia ter ella mais nobilitada estirpe.

Entram na mesma linha de conta as collecções que o sabio abbade organisára de sermões, villancicos e retratos, que são outras tantas gemmas de subido quilate que a enriquecem de preciosidades, zeladas pelos recentes bibliothecarios com o summo cuidado e o amor de entendidos, pois *quem não entende da arte não a estima*, como já pensava o laureado cantor dos *Lusiadas*. Alguns dos opusculos que compõem esta collecção singular, mereceram já reproducção; outros têem sido citados por litteratos e bibliographos: são documentos interessantes muitos d'elles, que não fôram convenientemente explorados, e está ainda hoje por conhecer-se toda a magnitude do seu merecimento intrinseco.

Nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, publicação iniciada pelo Sñr. Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, penultimo bibliothecario, deu aquelle activo, zeloso e illustrado bibliographo a descripção technica e minuciosa do que de mais importante encerra esta magnifica e excepcional collecção, na qual, como pondera o douto ex-bibliothecario, não se sabe o que mais admirar-se, si a excellencia das edições raras, si a belleza dos exemplares preferidos, si emfim a bôa ordem e perfeição das collecções facticias, prodigio de perseverança e de cuidado.

Pelo catalogo msc. da opulenta livraria do benemerito abbade, constava ella de 34 classes, com 4.301 obras em 5.764 volumes. Viam-se nella representadas quasi todas as edições originaes de poetas e historiadores portuguezes e castelhanos, de quasi todos os autores asceticos que escreveram nestas duas linguas desde o seculo XVI: escriptura sagrada; theologia especulativa, dogmatica e moral; liturgia sacra e profana; historia ecclesiastica; historia ecclesiastica das regiões orientaes e occidentaes; historia profana; historia profana das

regiões orientaes e occidentaes; vida de Christo, de santos e santas e principes ecclesiasticos e seculares, illustres em virtudes e acções militares; elogios de pontifices, principes e varões insignes em santidade, lettras e armas; bibliothecarios; genealogicos; heraldicos; chronologos; geopraphos; orthographos; grammaticos; rhetoricos e oradores; discursos concionatorios; poetas latinos, portuguezes, castelhanos e italianos; symbolos, emblemas e emprezas; diccionarios; antiquarios; polygraphos; autores antigos da lingua latina em prosa e em verso; pompas triumphaes e funeraes; politicos; asceticos; itinerarios; escriptores epistolares; apologias; criticas e invectivas; miscellanea; livros de estampas. Contavam-se nesta livraria, verdadeiramente régia, nada menos que exemplares das edições dos Lusiadas de Lisboa, 1572; *ibi*, 1597; *Paris*, 1759; commentarios do poema por Faria, *Madrid*, 1639; *id.* das rimas de Camões por Faria, *Lisboa*, 1685; *id.* dos Lusiadas por Corrêa, *ibi*, 1720; *id. id.* por Graces, *Napoles*, 1731; *id. id.* em francez por Castera, *Alcalá*, 1580; Lusiadas em italiano por Pagi, *Lisboa*, 1656; *id.* em inglez, *Londres*, 1655; *id.* em latim por fr. Thomé de Faria, *Lisboa*, 1622. De Bernardes figuravam as Flores do Lima, edição de Lisboa 1597; de Antonio Ferreira os Poemas lusitanos, *ibi*, 1598; das obras poeticas de Sá de Miranda a ed. de Lisboa 1622; da Victoria de Lepanto, de Jeronymo Côrte-Real, a de Lisboa 1578; do Naufragio de Sepulveda a de Lisboa 1594; das Ribeiras do Mondego, de Soutomaior, a de Lisboa 1623; da Gigantomachia, de Gallegos, a ed. de Lisboa 1626; da de Obras varias poeticas, do mesmo autor, de Madrid 1637, e as rimas de Balthasar Estaço, *Coimbra* 1604.

Para significar o avultado numero de obras raras e estimaveis que se encontravam na livraria

de Barbosa Machado seria preciso transcrever grande parte do respectivo catalogo; basta ponderar-se que estavam ali reunidas quasi todas as provincias do saber humano representadas pelas suas obras mais dignas de nota e estimação.

Desafiam porem particular menção as collecções facticias que elle arranjára, unicas que existem no mundo. Para dar idéa da sua engenhosa paciencia em as organisar e do merito d'ellas falle mais uma vez o Sñr. Dr. Ramiz Galvão no artigo que consagrou ao illustre collector, inventariando a sua obra:

« Sabem todos os amadores de livros, escreve elle, o que são folhetos como especie bibliographica. Publicações de pequeno folego e destinadas quasi sempre ao effeito do dia em que saem á luz, não se julgam ordinariamente dignas de enquadernação e dentro de poucos annos desapparecem, roubando á historia um subsidio valioso e muitas vezes á litteratura um thesouro inestimavel. Pois bem; Barbosa Machado, conseguindo reunir uma collecção valiosa d'este genero de publicações, quasi todas interessantes e muitas d'ellas rarissimas, sinão exemplares unicos, deu-se ao trabalho de as ordenar por materias, reduzi-las ao mesmo formato, incluindo-as dentro de tarjas de papel forte, e conserva-las enquadernadas em volumes, para os quaes mandou imprimir folhas de rosto especiaes... Mas não parou ahi a paixão litteraria de Barbosa. Seu grande merito de colleccionador extendeu-se á chartographia e ás artes, e posto que em menor escala no que respeita ao numero, o que neste genero nos conservou é de summo valor... »

São ao todo 155 volumes, dos quaes 9 *in-folio* imperial, 86 *in-fol.*, 47 *in-4.º* e 13 *in-8.º*, repletos de obras rarissimas, e, por mais de um titulo, credoras da maior estima, riquezas que certamente

entraram para esta Bibliotheca quando se ella constituiu.

« Entretanto, pondera o digno ex-bibliothecario, causa magoa dizê-lo, já hoje não existem em sua perfeita integridade, ou porque mão criminosa ousou tocar-lhes, ou porque a excessiva confiança de passados administradores permittiu que alguns volumes fôssem consultados fóra do estabelecimento. » Com effeito, faltavam o 5.º vol. (todo relativo á America) da *Historia dos Cercos*, que depois appareceu, e o 4.º vol. dos *Elogios funebres de Ecclesiasticos Portuguezes*. Em compensação porem possue a Bibliotheca tres volumes intitulados *Noticia das Embaxadas que os Reys de Portugal mandarão aos Soberanos da Europa*, de que não faz menção o catalogo, e 4 volumes, em vez de 3, dos *Villancicos da Festa do Natal.*

Pouco sobreviveu o erudito abbade á generosa doação dos seus livros, que devia ter-se realisado pelos annos de 1770 a 1773, pois, como se sabe, falleceu (em Lisboa) a 9 de Agosto de 1772.

No seu vasto acervo litterario figura tambem uma excellente collecção de mappas de Portugal e suas Conquistas.

Da livraria do Collegio de Todos os Santos da Ilha de S. Miguel, que pertencêra aos extinctos Jesuitas, encorporada á da Ajuda, conta a nossa algumas obras assignaladas com o *ex-libris* d'aquelle Collegio.

A 13 de Novembro de 1811 todos os impressos e mss. pertencentes ao espolio de Fr. José Marianno da Conceição Velloso foram offerecidos ao Principe Regente pelo P. provincial do convento de Santo Antonio d'esta côrte, onde fallecêra o abalisado botanico. Adveiu-nos tambem por essa occasião a sua monumental *Flora Flu-*

minensis, ainda então inedita, hoje publicada desde 1825, exceptuada uma parte do texto, proximamente impressa nos *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro* na sua totalidade.

Em 1815 foi para ella comprada a livraria do Dr. Manuel Ignacio da Silva Alvarenga.

Na compra effectuada em 1818 da collecção de desenhos feitos á mão, estampas, camafeus, moldes, &., pertencente ao architecto José da Costa e Silva, incluiam-se tambem livros impressos.

Em 1822 comprou o Governo do Principe Regente do Brazil para a Real Bibliotheca a valiosa livraria do conde da Barca, composta de muitas obras preciosas e raras, que o douto estadista pudera colligir, verdadeiro amador que era, nas suas viagens e estada por diversas côrtes da Europa. D'essa livraria, da sua adjudicação á Bibliotheca Nacional e da vida do seu benemerito collector escreveu o Sñr. Dr. J. Z. de Menezes Brum, chefe da secção de estampas, minuciosa e conscienciosa memoria, de forçosa leitura para os que se interessam por estas cousas. Na alludida memoria dá-se larga noticia das especies bibliographicas de que se compunha aquella copiosa livraria, que montava a 2.365 obras em 6.329 volumes, e não a 70 ou 74.000 volumes, como asseverava o representante de João Piombino, cessionario dos herdeiros do Conde, quando tratava de haver do Governo Imperial, annos depois (1871), o importe da compra d'aquella na verdade preciosa collecção de livros, pela qual se pagou a avultada somma de mais de 76:000$000 de réis, moeda brazileira.

Em 7 de Janeiro de 1824 adquiriu a Bibliotheca, por compra que fez o Governo pela quantia de 1:200$000 réis, a livraria do Dr. Francisco de Mello Franco, composta, segundo accusa o res-

pectivo catalogo, de 2 vol. de obras de theologia; 8 de direito; 1,029 de sciencias e artes; 242 de bellas-lettras; 100 de classicos; 209 de historia: ao todo 1.590 volumes, além de alguns mss.

Os herdeiros do cons. José Bonifacio de Andrada e Silva fizeram, em Maio de 1838, doação á Bibliotheca da sua livraria, contendo cêrca de 5.000 volumes, em grande parte de obras allemães, sobre muitos ramos das sciencias naturaes, e de edições recommendaveis de typographos de nomeada sobre diversos assumptos scientificos e litterarios, alem de mss. de valia e avultada copia de cartas autographas de personagens notaveis de todos os paizes, especialmente na politica, com muitos dos quaes mantivera correspondencia o venerando patriarcha da Independencia nacional.

Os nossos cabedaes bibliographicos augmentaram-se ainda com a acquisição da escolhida livraria do notavel bibliognosta argentino D. Pedro de Angelis, mediante compra effectuada pelo Governo Imperial em Dezembro de 1853, pela quantia de 21:120,000 réis, compra real, não só por serem todas as obras que a compunham de incontestavel merecimento por se referirem a esta parte do continente sul-americano, algumas de bastante raridade, como pelo seu perfeito estado de conservação, nitidamente encadernadas, offerecendo particularidades que lhes accrescentam o valor e taes como póde desejal-as o mais escrupuloso bibliophilo. Compraram-se-lhe assim 1.717 obras em 2.747 volumes. Pelo seu catalogo, que corre impresso (*Buenos-Aires*, 1853, *in-4.º* de 232 pp.), vê-se que se distribuia esta bella livraria, quanto ás materias, em — Obras relativas á Historia e viagens — Obras acêrca do Rio da Prata desde o seu descobrimento até á sua independencia, por ordem chronologica — Obras publicadas

desde a sua independencia até 1852 — Obras sobre o Estado Oriental do Uruguay depois da sua separação das Provincias Argentinas — Periodicos publicados naquellas Provincias e no Estado do Uruguay, por ordem chronologica — Legislação, direito publico e economia politica — Polygraphos, philosophia e bellas-lettras. Estavam nella comprehendidos muitos mappas, planos e plantas de diversas porções de territorio e rios da America Meridional.

Em 1872, a 14 de Junho, o Sñr. Cons. Filippe Lopes Netto offereceu á Bibliotheca Nacional uma magnifica collecção de obras escriptas e impressas na Republica do Chile, constante de 2.172 volumes, tratando de varios ramos dos conhecimentos humanos e comprehendendo tudo o que de mais importante se tem publicado naquelle paiz, que nesse particular, como em muitos outros, serve de nobre exemplo aos demais Estados do nosso continente. Referindo o facto ao Ministerio do Imperio, exprime-se nos seguintes termos, que julgamos do nosso dever renovar, o Sñr. Dr. Ramiz Galvão:

« Bastava esta circumstancia *(a de versar sobre o que de mais valioso se tem ali impresso)* para dar immenso valor á referida collecção, que por assim dizer representa uma litteratura inteira e, o que é mais, uma litteratura que está muito mais adeantada do que entre nós se cuidava. Mas ainda accresce que entre esses 2.172 vols. recebeu a Bibliotheca documentos curiosissimos para a historia do Chile, mappas geographicos de valor e muitas obras magistraes sobre sciencias naturaes, mathematicas, direito, theologia e bellas-lettras, que deverão ser com grande proveito consultadas pelo publico fluminense. Ha muito tempo... não recebe este estabelecimento presente igual, porque

das collecções ultimamente reunidas á Bibliotheca, a mais importante foi de certo a de Pedro de Angelis, mas essa mesma custou somma, e não pequena, aos cofres do Estado. »

Á Snr.ª D. Francisca da Costa Ferreira Lagos, viuva do commendador Manuel Ferreira Lagos, comprou o Governo Imperial em Março de 1873, por 28:000$000 réis, a parte mais importante da variada, escolhida e primorosa livraria d'aquelle nosso bibliophilo. Foi esta uma das acquisições mais valiosas com que se tenha locupletado a nossa Bibliotheca, tanto no que diz respeito a mss., como a obras impressas, concernentes especialmente á America e ao Brazil, notaveis estas pelo criterioso da escolha e primor da encadernação: só de folhetos e relatorios a somma orçava por 2.000. Os volumes impressos, provindos d'essa fonte, elevam-se a 3.475 e 146 mappas geographicos.

A estas acquisições, proprias a satisfazerem ao mais exigente conhecedor de livros, juntam-se muitissimas outras, espaçadamente feitas, de impressos em volume, papeis avulsos, documentos historicos, dadivas de benemeritos particulares, e compras realisadas de accôrdo com as exigencias insaciaveis do seculo e á la par com as modernas conquistas do espirito nas sciencias e na litteratura.

Longo fôra enumerar uma por uma as doações singulares, si bem que algumas valiosissimas, feitas á Bibliotheca nestes ultimos tempos: apenas mencionaremos as mais avultadas.

Ao Sñr. Cons. Filippe Lopes Netto deve segunda vez a Bibliotheca Nacional a mais abundante colheita de obras e opusculos relativos ao systema penitenciario, cuidadosa e patrioticamente reunidos pelo illustre diplomata na Europa e America, composta de 182 obras em 319 volumes,

registrados em Março de 1882 nos livros da casa. Além d'essa dadiva na verdade principesca, presenteou-nos S. Ex.ª com um magnifico e nitido exemplar do suberbo *Mapa Geografico de America Meridional*, levantado por D. Juan de la Cruz Cano y Olmedilla em 1775, documento preciosissimo, por irrecusavel, em favor do Brazil na pendente questão de fronteiras do Imperio com a Confederação Argentina, mappa composto muito antes e impresso dois annos antes do celebre *Tratado Preliminar* de limites entre Portugal e Hespanha.

Ao Sñr. José Gurgel do Amaral Valente, Encarregado de Negocios do Imperio nos Estados-Unidos, deve igualmente a Bibliotheca Nacional a offerta, tão generosa quão valiosa, de 68 obras em 117 volumes, relativas todas ao Canadá, e alguns mappas estatisticos e cartas geographicas, com o que desappareceu a sensivel falta que se lhe notava de noticias especiaes d'aquelle paiz.

O Sñr. commendador José Pedro Werneck Ribeiro de Aguilar, Encarregado de Negocios do Brazil em Santiago, presenteou-a, no primeiro quartel do corrente anno, com 71 volumes dos *Annales de la Universidad de Chile* de 1870-82 e com varias obras de escriptores distinctos d'aquella Republica, sommando aquelles e estas 84 volumes; d'entre estas ultimas notam-se as obras de Amunátegui: La cuestion de limites entre Chile i la Republica Argentina — El terremoto del 13 de Mayo de 1647 — Vida de D. Andres Bello — La encyclica del Papa Leon XII contra la independencia Española, — e a de José Toribio Medina *Los aborijenes de Chile*.

Como si as honras da representação do Brazil nos paizes extrangeiros aguçassem o innato patriotismo, obrigando-o a provas fóra do commum,

outro membro do corpo diplomatico brazileiro, o Sñr. José Augusto de Saldanha da Gama, ao deixar a cidade de Lima, onde servia na Legação Imperial como addido de 1.ª classe, trouxe-nos em Abril de 1884 uma rica e variada messe de documentos e obras antigas e modernas acêrca da historia, geographia e bellas-lettras da Republica do Perú. Compõe-se esta bella collecção de 116 obras em 149 volumes. Com esta acquisição o fundo de escriptos concernentes áquella Republica, possuido pela Bibliotheca, de exiguo que até então era, augmentou de maneira notavel, podendo-se agora, com este subsidio, estudar com vantagem a historia d'aquelle paiz desde os seus primitivos tempos até aos nossos dias. Para dar uma ideia approximada do valor da offerta bastará que se saiba que estão nella incluidas as obras seguintes: — Constituições politicas do Perú de 1823, 1828, 1834, 1839 e 1860; *Historia del Perú Independente* por Mariano F. Paz Soldan; *Documentos historicos del Peru* por Manoel de Mendiburu; *Historia de la geografia del Peru* por A. Raimondi; *Geografia del Peru* por Mateo Paz Soldan; *Colleccion de documentos litterarios del Peru* por M. de Odriosola; *Obras poeticas* de Clemente Althaces; *Obras* de R. Palma.

Por intermedio do mesmo Sñr. Saldanha da Gama recebeu a Bibliotheca as obras completas, em 19 volumes, do joven e distincto litterato peruano, o Sñr. Pedro Paz Soldan y Unanue, que sob o pseudonymo de Juan de Azona tanto tem enriquecido as lettras em sua patria.

Como si do lado da representação nacional no extrangeiro se tivesse estabelecido uma corrente de estimulo e competencia em obsequiar a patria distante, veiu ainda do corpo consular brazileiro, quasi pelo mesmo tempo (a 25 de Março d'aquelle anno), nova e valiosissima dadiva engrossar

o peculio historico da Bibliotheca. O Sñr. Dr. Salvador de Mendonça, consul do Brazil em Nova-York, fez-lhe presente de uma importante collecção de obras, muitas raras, todas de inestimavel valor, concernentes a um dos mais interessantes e accidentados periodos da nossa historia, como é de certo o do dominio hollandez e das lutas correspondentes. Algumas d'ellas, pela sua extrema raridade, podem ser consideradas como documentos. Consta esta suberba offerta de 122 obras em 215 volumes, sem contar 7 mss. de valor que as acompanham e uma serie de estampas. Tudo nella tem um merito real: a muitas das obras deu o douto e paciente colleccionador a categoria de raras no minucioso catalogo explicativo com que as acompanhou, e na verdade o são. Menciona-las todas fôra longo, destacar algumas fôra injusto. D'ellas inseriu luminosa noticia, que devia ter enchido de contentamento aos excavadores das cousas patrias, o *Jornal do Commercio* de 13 de Junho do mesmo anno. D'essa noticia extractamos: « Do seu complexo, no aturado e delicado afan de selecção de escriptores, obras e edições, está a revelar-se o critico sagaz e judicioso; em todas as minucias, até no acondicionamento d'estes valores, como que se sente a carinhosa solicitude, o fino gosto do bibliophilo. »

Em Novembro de 1884 o Sñr. general Henrique de Beaurepaire Rohan fez á Bibliotheca Nacional a importante dadiva de uma farta collecção de livros, d'entre os quaes avultam muitos almanaks, revistas e folhetos, preciosos para o estudo da nossa historia politica e litteraria e especialmente militar.

A 6 de Fevereiro do corrente anno fôram recebidos pela Bibliotheca 1.115 volumes de obras diversas, escriptas em hespanhol, relativas á histo-

ria e litteratura do Chile, remettidas de Santiago, por intermedio do Sñr. commendador Ribeiro de Aguilar, Encarregado de Negocios do Brazil naquelle Estado, e presente inestimavel do Sñr. Romão Briseño, douto conservador da Bibliotheca do Chile. D'essa opulenta offerta, e do generoso movel que a determinou, dá detida noticia, no *Jornal do Commercio* de 7 d'aquelle mez, o actual Sñr. bibliothecario.

Da escolhida livraria que organisára o fallecido professor do I. Collegio de Pedro II, Dr. Manuel José Garcia, mandou o Sñr. Cons. Filippe Franco de Sá, então ministro dos Negocios do Imperio, incorporar á Bibliotheca Nacional 656 obras distribuidas por 999 volumes, d'entre as quaes sobresahem muitas relativas á educação e linguistica. Este magnifico contingente, que ficará conhecido na Bibliotheca pelo nome de *Collecção Franco de Sá*, que a gratidão não só apontava como impunha, foi recolhido ao estabelecimento a 24 de Abril do corrente anno.

Até 1873, em virtude da falta de pessoal idoneo e indispensavel, não se havia feito das riquezas da Bibliotheca mais do que um inventario summarissimo e incompleto, sinão desordenado e quasi imprestavel. Em 1874 porem começou-se o trabalho regular do catalogo geral de impressos, faltando hoje apenas para completal-o a classificação das obras de theologia: nesta especialidade, no artigo *Biblia*, possue a Bibliotheca verdadeiras preciosidades. Em 1876, por força do decreto n.° 6.141, de 4 de Março, que reformou a Bibliotheca, dando-lhe novo Regulamento e organisação conveniente, tiveram esses trabalhos vigoroso e desusado impulso e deu ella agigantados passos para se alçar ao nivel das suas congeneres do velho mundo. Ao Sñr. Cons. José Bento da Cunha Figueiredo, então

ministro dos Negocios do Imperio, deve a Bibliotheca esse generoso melhoramento, a que a provada competencia do Snr. Dr. Ramiz Galvão, que teve, como bibliothecario, de o levar a effeito, soube dar a mais proveitosa e fecunda execução.

A publicação dos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, começada pelo dito Snr. Dr. Ramiz Galvão em 1876 e continuada pelo seu successor na administração, tem por fim a divulgação de documentos preciosos, que até então jazeram desconhecidos ainda de nós mesmos; dando noticia, assim dos livros raros e altamente estimaveis que povoam as estantes da Bibliotheca, como das peças mais curiosas que compõem o seu gabinete de estampas, estudos bio-bibliographicos sobre os mais celebres escriptores nacionaes, emfim tudo o que importe não só á bibliographia em geral, mas ainda á brazileira em particular. Com essa publicação, que está no seu X volume, obedeceu o erudito bibliothecario á mais judiciosa inspiração e consultou os desejos dos cultores das bôas lettras. Os *Annaes da Bibl. Nac.* serão a todo tempo um registro de preciosos documentos e informações sérias, apreciado do bibliophilo e do litterato, do amador e do sabio.

O catalogo geral, em que se cuida com afinco, virá a seu tempo; está sendo preparado convenientemente, dispondo-se dois catalogos, um systematico, outro alphabetico, cuja mor parte se tem passado para cartões volantes, que melhor se prestam á procura; vencendo-se a não pequena difficuldade que offerece a organização de trabalhos d'essa natureza até nos paizes mais adeantados.

Já ficou dito que por Decreto de 4 de Março de 1876 fôra a Bibliotheca Publica do Rio de Janeiro reformada, dando-se-lhe novo Regulamento. Dividiu-se o seu pessoal em tres secções, ficando

ella com — um bibliothecario, um secretario, tres chefes de secção, o de estampas, o de manuscriptos e o de impressos e cartas geographicas; tres officiaes, oito auxiliares encarregados de fornecer os livros ao publico e ajudar o trabalho de catalogação geral, um guarda, um porteiro e tres serventes.

A Bibliotheca é todos os dias uteis franqueada aos estudiosos das 9 horas da manhã ás 2 da tarde e das 6 da tarde ás 9 da noite.

A sua frequencia já havia sido facultada ao publico em 1814 pelo Principe Regente, depois rei D. João VI, como o affirma o P. Gonçalves nas suas citadas *Memorias*.

A 4 de Agosto de 1858 começou a funccionar no edificio que para esse fim comprára o Governo Imperial á rua do Passeio n.° 48, onde de presente se acha, mudada da igreja do Carmo, no correr do mez de Julho d'aquelle anno, por Fr. Camillo de Montserrat, então bibliothecario.

Não devem ter-se apagado ainda da memoria publica as duas exposições effectuadas nesta Bibliotheca em 1880 e 1881. A 1.ª realisou-se a 10 de Junho, dia em que se completavam tres seculos que deixára as amarguras da vida o glorioso epico portuguez, Luiz de Camões. Constou a commemoração da exhibição das diversas edições das obras do immortal cantor dos feitos lusitanos vasadas em quasi todas as linguas conhecidas, desde a 1.ª edição do seu monumental poema até ás mais recentes, com tudo quanto a seu respeito e da sua obra se tem pensado e escripto no globo. Quem não assistiu a essa festa incomparavel não poderá de certo formar idéa cabal d'esse congraçamento de todas as vontades e esforços para a glorificação da memoria de um homem e do *non omnis moriar* que elle deixou na sua tormentosa passagem pela vida:

verdade é que esse homem é a imponente personificação do que de mais elevado existe na litteratura de dois povos, irmãos pela origem e pela lingua. A *Exposição Camoneana* da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro foi uma verdadeira apotheose. O discurso pronunciado pelo bibliothecario, o Sñr. Dr. Ramiz Galvão, na sua abertura, é uma obra-prima. D'essa exposição singular subsiste um catalogo especial (*Rio de Janeiro, Typ. Nacional,* 1880, 8.º de 71 pp.), para o qual se aproveitou a extensa e completa monographia que acêrca do poeta e das suas obras publiárac nos *Annaes da Bibl. Nac.* o Sñr. Dr. João de Saldanha da Gama, então chefe da secção de impressos, na qual dá relação methodica e rigorosamente bibliographica de todas as edições camoneanas e das traducções latinas, hespanholas, italianas, francezas, inglezas, allemães, dinamarqueza, polaca, sueca, polyglotta e lingua brazilica, possuidas pela Bibliotheca.

O IX tomo dos nossos *Annaes* encerra, em 2 grossos volumes, de 1.758 pp. ao todo e 98 de indices, *in-4.º* gr., o *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil* realisada na Bibliotheca a 2 de Dezembro de 1881 e que aturou um mez. Foi essa exposição, como a precedente, commettimento grandioso e de elevado intuito, levado a effeito com o mais completo exito, no meio dos sinceros applausos dos entendidos e deante da estupefacção dos tibios e indifferentes; deixando no animo dos que a ella assistiram a mais viva e grata impressão. Si nenhum outro resultado tivesse ella dado de si, bastaria aquelle *Catalogo*, a que o actual bibliothecario ajuntou um *Supplemento* e um *Indice onomastico dos autores*, para a tornar sempre memoravel. Naquelle compacto inventario do que então se reuniu nas sallas da Bibliotheca relativo á nossa historia e

geographia, terão os futuros historiadores um guia seguro para as suas pesquizas e o simples curioso um copioso elencho do que se ha escripto no assumpto.

Dispõe actualmente a secção de impressos da Bibliotheca Nacional de mais de 140.000 volumes, sendo sem contestação, a alguns respeitos, a mais opulenta da America do Sul.

É esta Bibliotheca bem dotada de edições *Aldinas*, de *Froben* de Basiléa, dos *Estevãos*, dispõe de uma collecção completa das edições *Elzevirianas* e abunda em paleotypos e incunabulos. Possue um grande numero de obras de historia e viagens, cuja melhor parte escripta em portuguez e hespanhol, as impressões dos mais afamados tratados de direito, e a sua collecção de autores classicos é do mais alto valor, pois contém obras de preciosa estima mesmo para as bibliothecas da Europa, contando avultada copia de edições de quasi todas as primeiras typographias em Veneza, Leyden, Antuerpia, Moguncia, Milão, Amsterdão, Roma, Paris; e edições mais ou menos completas, pelo menos não vulgares, dos mais afamados typographos antigos, taes como as dos *Badius*, *Gryphus*, *Plantinos*, e todas as edições *ad usum Delphini*.

O seu peculio tem-se augmentado dia a dia pela acquisição criteriosa e vigilante de tudo quanto sobre todos os conhecimentos se publica de fresco na Europa e no Brazil, nas linguas portugueza, franceza, ingleza, hespanhola, allemã, &., recebendo não só d'essa parte do mundo como dos principaes Estados da America latina os jornaes e revistas de mais voga e merecimento.

D'entre os melhoramentos por que tem passado o estabelecimento convem não esquecer o da sua illuminação por meio da luz electrica, que brevemente será inaugurada, graças ao interesse que por

elle mais uma vez tomou o Sñr. Cons. Filippe Franco de Sá na sua passagem pela publica administração.

Tal é em pallida resenha o historico da fundação, desenvolvimento e estado actual da secção de impressos da Bibliotheca Nacional e Publica do Rio de Janeiro.

Bibliotheca Nacional, 27 de Maio de 1885.

DR. JOSÉ ALEXANDRE TEIXEIRA DE MELLO,
Chefe da Secção.

CATALOGO

MOGUNCIA: MAINZ.

(Mogontiacum).

N.º 1. — (A Biblia de 1462). 2 vols. in-fol.

Descrevendo este preciosissimo incunabulo nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, assim se exprime o Snr. Fernandes de Oliveira (*):

« A Biblia foi sem duvida alguma o primeiro livro produzido pela arte typographica.

« A edição de 1450–55 (Gutenberg, Fust e Schœffer) é considerada como a primeira não só das edições da Biblia, como de qualquer outro livro impresso com typos moveis de metal. De Bure diz-nos que, estudando na Bibliotheca Mazarina, foi agradavelmente surprehendido achando esta primeira e celebre producção da imprensa, para a qual escreveu o seguinte titulo: « Biblia sacra latina vulgata: Editio primæ « vetustatis æneis caracteribus absque loci & anni nota, sed « typis Moguntinis Iohannis. Fust evulgata. Opus longe raris- « simum cujus Parisiis adservatur exemplar in Bibliotheca « Mazarina. 2 vols. in-fol. »

« Depois d'este descobrimento a Biblia, que até então era conhecida por Biblia de 42 linhas, recebeu o nome de *Biblia Mazarinea*.

« A existencia d'esta edição, si bem que admittida por Maittaire, Marchand, Trithemio, pelo autor anonymo da *Chronica de Colonia*, Lambinet, e por quasi todos os bibliographos modernos, tem sido comtudo contestada por outros. Clément, por exemplo, nega absolutamente qualquer edição anterior á de 1462, suppondo ser a de 1450–55 posterior a esta . . . .

« Não sendo nosso fim tratar aqui da edição de 1450–55, nem de outras impressões como a Biblia de 36 linhas e o *Catholicon* de 1460, hoje geralmente admittidas, passaremos

(*) Vão aqui corrigidos os erros que escaparam na descripção feita d'este incunabulo nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, vol. I, pag. 335.

a dizer algumas palavras sobre a edição de 1462, que aqui temos representada em duplo exemplar na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, e que é sem duvida o mais bello incunabulo da nossa collecção.

« A Biblia de Moguncia é a primeira que traz data, lugar de impressão e nome de impressor. Não tem folha de rosto nem titulo algum, havendo exemplares impressos em papel e em pergaminho, sendo aquelles mais raros, porem estes de mais apreço e subido valor. Formosa e nitida impressão ainda hoje apontada como um primor typographico !

« O exemplar que descrevemos está impresso em pergaminho, dividido em dois volumes, contendo cada pagina 2 columnas com 48 linhas cada uma.

« Dibdin, na sua *Bibliotheca Spenceriana*, diz que Wurdtwein encontrou no livro de Hoseas só 47 linhas. Buscando verificar este ponto, vimos que, na pagina onde começa o dito livro, a 1.ª col. tem só 47 linhas, mas a 2.ª tem 48 e assim por diante.

« O 1º volume começa pelas seguintes palavras, escriptas com tinta vermelha : « Incip̄ epl'a scī iheronimi ad paulinū « p̄sbite-/rū : de om̄ibs diuine historie libris. ca. p̄mū. / »

« As lettras iniciaes dos livros e dos capitulos são feitas á mão com tinta azul e encarnada, não devendo passar sem reparo o que se dá no livro dos Psalmos, onde tambem as lettras maiusculas, que dão principio aos periodos, são feitas á mão, com as côres já acima mencionadas, o que não acontece em qualquer dos outros livros, onde estas lettras são impressas. Contem o 1.º volume os livros da Escriptura Santa desde o Genesis até os Psalmos, e termina com as seguintes palavras escriptas com tinta vermelha : *Explicit psalteriuz*

Anno . M. .cccc.lxij.

« Tem 242 ff. inn.

« O 2º volume começa : « Epistola sancti ieronimi presbiteri ad chro/matiū et eliodorū ep̄os de libris salomonis. / » com tinta vermelha. Consta de 239 ff. inn. e encerra os livros da Biblia desde os Proverbios até o Apocalypse de S. João, terminando com o seguinte colophão e escudo, tudo impresso com tinta vermelha :

« Explicit liber apocalyps' beati iohãnis apl'i : / » e mais abaixo :

« Pñs hoc opusculuz finitū ao cõpletū et ad
« eusebiaz dei industrie in ciuitate Maguntij
« per Johannē fust ciuē. et Petrū schoiffher de
« gerns'heym clericū diotes' eiusdez est consū-
« matū. Anno incarnacõis dñice. M. cccc. lxij.
« In vigilia assumpcõis gl'ose virginis marie. »

« No fim do segundo volume existem cinco folhas em branco e sobre a ultima está collado um autographo concebido nos seguintes termos :

« Ego hmãn9 de almania institor honestj ac discretj virj
« iohanis guymier alme vniuersitatis parisieñ librarij publicj
« ac iuratj fateor vendidisse preclaro ac scientifico viro ma-
« gistro guillermo tourneuille archipresbitero et canonico an-
« degauensi dignissimo dominoqz meo suj gratia ac preceptori
« colendissimo vnã bibliam magūti... ...essam in pergameno
« in duobus voluminibus Et hoc pretio et s̄ı... quadraginta
« scutorū a me manualiter ac realiter receptorū Cuius quidem
« biblie venditione profiteor per putes ratã et gratã habere
« nec contra venire ac dominū meū colendissimū dicte biblie
« emptorem indempnem contra omnes releuare et de euictione
« eiusdem biblie me tenerj et antedictū dñm meū defendere
« polliceor Teste signo meo manuali hic apposito hac die quita
« mensis aprilis Anno dominj m°. cccc°. lxx° ».

« Eu Herman d'Allemanha, agente do honrado e distincto João Guymier, livreiro juramentado da Universidade de Paris, confesso ter vendido ao illustre e sabio Guilherme de Tourne-

ville, arcipreste e conego de Angers, meu senhor e respeitabilissimo amo, uma Biblia impressa em Moguncia sobre pergaminho, em dois volumes, pelo preço e somma de quarenta escudos, que realmente recebi, venda que ratifico por este presente, promettendo não contradizer-me e defender o mesmo senhor comprador da dita Biblia contra qualquer que pretenda havel-a por menos do que custou ou queira reivindical-a como coisa sua. Em fé do que, aqui deixo a minha firma escripta de meu proprio punho no quinto dia do mez de Abril do anno do Senhor 1470. »

HERMAN.

« Este Herman é mui provavelmente o mesmo Herman de Stathoen, natural de Münster, a quem se referem Lambinet e outros tratando da venda dos livros de Schœffer em Paris.

« Alguns escriptores pretendem que diversos exemplares d'esta edição foram vendidos em Paris como manuscriptos, ao principio por preço excessivo, porem que, augmentando-se o numero dos exemplares e descendo o valor exigido por Fust, os primeiros compradores, desconfiando da rapidez com que se reproduzia tão longo quanto difficil trabalho, julgaram-se illudidos e intentaram contra aquelle que os enganára acção judicial; que Fust, amedrontado, fugira para Strasburgo e d'ahi para Moguncia, onde ensinára a sua arte a João Mentelin. O que é porem certo, segundo as opiniões a que me reporto, é que o Parlamento tomou conta da questão, não proseguindo o processo pela intervenção de Luiz XI, que mandou alliviar da culpa aquelle que julgava innocente. Quiz sem duvida mostrar que não era incapaz de um acto de justiça durante o longo periodo de sua existencia. Um dos motivos porque attribuem a Fust a venda da Biblia de 1462 como manuscripta, é o colophão que se ácha em alguns exemplares e que não traz as palavras: « Artificiosa adinventione imprimendi seu caracterizandi » — palavras que, no dizer dos propugnadores d'esta historia, foram collocadas por Fust em alguns exemplares depois que viu descoberta a sua fraude.

« Não pensamos d'este modo, e, segundo a opinião de distinctos bibliographos, julgamos, que, si este facto se deu, o que não acreditamos, foi sem duvida com a edição de 1450-55.

« Em 1462 já se devia conhecer em Paris o invento de Gutenberg. E' nem se diga em abono d'essa accusação que só os homens instruidos teriam noticia d'esse grande invento; que a classe baixa o ignorava completamente, podendo com facilidade, ser illudida por Fust. Isto só aconteceria si os

compradores pertencessem á classe insciente da famosa descoberta, o que por certo ninguem em boa fé poderá acreditar. Como admittir que os homens de lettras da culta capital da França, pudessem desconhecer em 1462 a existencia da imprensa, si já deviam ter noticia do *Psalmorum Codex* de 1457, do *Rationale Divinorum Officiorum* de 1459, das *Clementinas* de 1460, além de mais dois ou tres livros produzidos pela arte typographica? Poder-se-ha suppor que Fust e Schœffer não houvessem enviado a Paris exemplares d'estas obras? « Et quand bien même, diz Prosper Marchand, on l'y aurait absolument ignoré, si, sous ce prétexte on en avait voulu inquiéter les ouvriers, n'avaient-ils pas dans ces déclarations publiques de quoi se justifier pleinement des accusations qu'on aurait pû leur intenter? »

« Não será tambem de todo o pezo a palavra autorizada de Lambinet dizendo-nos que foram inuteis todas as pesquizas feitas nos registros do Parlamento de Paris para descobrir o menor vestigio d'este imaginario processo?

« Gabriel Naudé, um dos que primeiro se encarregaram de espalhar esta anecdota, onde foi saber que alguns exemplares da Biblia de 1462 foram vendidos em Paris por 60 escudos? Seria na *Decas fabularum humani generis* de Walchius, onde pela primeira vez se contou a historia da venda da Biblia de 1462 como manuscripta? Assim o pensa Lambinet. Mas, si o proprio Walchius nos diz que a ouvira de um Henrique Schorus, e que este Schorus a aprendera de alguns velhos do seu tempo, que credito podem merecer documentos d'esta ordem?

« Em nosso humilde entender é de todo o ponto inverosimil esta anecdota, por mais que a tenham querido apadrinhar nomes respeitaveis e respeitados em assumptos bibliographicos.

« O que todavia se pode concluir, com toda a certeza, do precioso autographo que transcrevemos é que ainda em 1470 esta Biblia de Schœffer se vendia pelo preço de 40 escudos. O escudo na epoca de Luiz XI valia pouco mais de 22 soldos, e equivale em moeda de hoje a 4 fr. 50. A Biblia custou portanto 180 francos, e nada mais; é a isto que se chama preço exaggerado, dado mesmo o desconto dos tempos?

« Que muito que quatro ou seis annos antes se vendesse por 60, quando os exemplares eram mais raros em Paris?

« Parece-nos pois que, ainda a ser exacta esta asserção de Naudé, o facto não importa concluir-se que o livro fôra vendido como manuscripto.

« O que nos dizem as chronicas? O *Catholicon* de J. de Janua foi vendido em 1465 por 41 escudos, e sobre ser livro

de menos valor ninguem suppoz ainda que a respeito d'essa obra tivesse havido fraude.

« João André, bispo de Aleria, em uma dedicatoria a Paulo II, que occorre á frente de sua edição das obras de S. Jeronymo, nos informa que livros communs custavam então 20 escudos, e que os respectivos manuscriptos se vendiam antes do descobrimento da imprensa por 100 escudos e mais.

« Maittaire assegura que existem exemplares em cujo colophão se vê a palavra *opus* em lugar de *opusculum*. Seria sem duvida alguma mais cabida aquella expressão, desde que se tratava de uma obra de vulto; porem Van Praet nega similhante alteração, e Lambinet affirma que Schœffer só usou d'aquella palavra na reimpressão de 1472, nunca em exemplar algum anterior a esta data.

« O mesmo Van Praet menciona um exemplar da Biblia de 1462, contendo o autographo que transcrevemos. Meerman tambem o aponta, e Lambinet, apresentando a lista dos possuidores de exemplares d'esta edição, impressos sobre pergaminho, não sabe onde param oito ou dez, entre os quaes um havia, diz elle, que continha um acto de venda, muito curioso, escripto em latim e que pertenceu a Coustard, Conselheiro do Parlamento de Paris.

« Á vista do que deixamos dito, podemos assegurar que o exemplar que pertenceu a Coustard é hoje propriedade da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. Acha-se elle, como se vê, em perfeito estado de conservação, parecendo que os seculos desviaram, respeitosos, sua acção destruidora d'este primoroso representante das glorias typographicas d'aquellas eras remotas, para mostral-o á geração presente com todo o brilho de seus primeiros dias.

. . . .

« O exemplar da Biblia, que aqui descrevemos, veiu-nos da Real Bibliotheca, e certamente fez parte da collecção de livros, que para o Rio de Janeiro trouxe El-Rei D. João VI em 1808.

« O que é certo é que o que está exposto sob este numero é o famoso exemplar Coustard, cujo destino ignorava Van Praet; e o que tambem é indubitavel é que este precioso livro, si não é dos mais raros, pois que d'elle se conhecem pelo menos uns 30 a 40 exemplares, é todavia o principe de nossos incunabulos, o testemunho eloquente da pericia de Fust e Schœffer e uma das mais bellas obras que por ventura já sahiram da caixa do compositor e do prelo do impressor. »

Fallar na afamada Biblia é fallar no immortal inventor da imprensa, e em Moguncia, sua patria, a *alma-mater* do progresso indefinito da humanidade.

« Graças á imprensa, disse o poeta francez do Jocelyn na sua *Vie des grands hommes*, somos todos contemporaneos. Converso com Homero e Cicero; os Homeros e Ciceros dos seculos porvir conversarão comnosco, de sorte que a gente hesita em decidir si a imprensa não é tanto um verdadeiro *sentido* intellectual, revelado ao homem por Gutenberg, como é uma machina material. Sae, é verdade, do papel, da tinta, dos typos, dos algarismos, das lettras, que caem debaixo dos sentidos; mas sae ao mesmo passo do pensamento, do sentimento, da moral, da religião, isto é, uma porção da alma do genero humano. »

A *Mogontiacum*, *Maguntia* ou *Moguntia* dos latinos, *Mainz* dos naturaes, *Mayence* dos francezes, *Moguncia* já agora para nós outros, tornou-se para sempre celebre, graças a esta admiravel revolução da mecanica, a que estão eternamente ligados o nome da cidade que lhe serviu de berço e os de Gutenberg, Fust e Schœffer, que o ideiaram e realisaram.

Ali nasceu nos ultimos annos do XIV seculo Hans (João) Gensfleisch de Sulgelock, mais conhecido por Gutenberg, nome que lhe provinha do appellido da familia de sua mãe.

Para a breve biographia que a natureza do presente trabalho nos fórça a dar do afortunado moguntino, *uma das mais puras glorias da velha Allemanha*, a quem só tardiamente, já nos nossos dias, levantaram os seus conterraneos a devida estatua, não nos faltavam de certo largas fontes de consulta; pareceu-nos porem preferivel aproveitarmos apenas, posto que em resumo, o que a seu respeito consubstanciou Pedro Deschamps no seu interessante *Dictionnaire de géographie ancienne et moderne à l'usage du libraire*, pondo de parte tudo quanto havia de hypothetico e nebuloso na vida do *pae dos typographos* e utilisando-se tão somente dos factos que, por incontroversos, haviam entrado para o dominio da historia.

O sobrenome de Guten-Berg vinha de uma propriedade patrimonial, uma casa em Moguncia, que era o apanagio de um dos ramos de sua familia; o outro ramo chamava-se Gensfleisch de Sulgelock ou Sorgenloch.

João Gensfleisch era o segundo filho de Frielo (*Fritz*, *Frederico*) Gensfleisch; o mais velho, que tinha o sobrenome do pae, foi conego do cabido de Moguncia e morreu cêrca de 1460. Sua mãe, Elze (Elisa) de Gutenberg, era filha de Claus (Nicolau) zum Gutenberg, tio-avô de Frielo e portanto parenta do marido em 3.° grau.

Nada se sabe da mocidade dos dois filhos de Frielo. Em 1420, por occasião da revolta das corporações moguntinas, emigrou a quasi totalidade das familias nobres da cidade;

nesse numero conta-se a de Gutenberg, cujo nome vem especificado no decreto de amnistia que lhes concedeu em 1430 o Arcebispo-Eleitor Conrado III. O nosso Gutenberg tinha-se então, segundo grandes probabilidades, estabelecido em Strasburgo, como se verifica de actos officiaes seus occorridos de 1434 a 1443, aos quaes Deschamps se refere detidamente. Nas peças relativas ao anno de 1439 destaca-se uma concernente a um processo que ganhára, no qual o ourives Hans Dũnne, depõe como testemunha que « havia tres annos pouco mais ou menos lhe pagára Gutenberg perto de cem florins *por cousas que concernem á imprensa (Drücken).* »

D'este facto decorre que já então Gutenberg se occupava em segredo na manipulação de metaes apropriados á realisação da ideia que concebêra e deu depois em resultado o portentoso invento que immortalisou o seu nome. Para mais a gosto entregar-se ás suas experiencias se retirára para o convento de *Santo Arbogasto,* perto de Strasburgo. Deschamps, citando Aug. Bernard, conclue que fôra ali que elle preparára os seus typos de chumbo, fundidos em matrizes do mesmo metal, achára a liga conveniente para lhes dar a consistencia e malleabilidade, que a principio não tinham, &.

« Cheio de habilidade pratica, diz Deschamps e de dextresa manual, faz-se desenhista, moldador, gravador e fundidor; é ali, naquelle retiro mysterioso, que o grande homem desconhecido devassa todos os segredos da arte; é ali que consegue sem a menor duvida inventar a prensa typographica primeiro, e descobrir depois, talvez tambem pôr em pratica a mobilisação dos caracteres de imprimir e a sua fundição em metal. »

Isto lhe parece incontestavel.

Gutenberg, que figura ainda, em 1444, no rol dos contribuintes de Strasburgo, deve ter voltado para a patria no anno seguinte; naturalmente não achou logo ali os meios sufficientes para a realisação dos seus designios. Tres annos depois porem, apesar dos seus minguados recursos, que o obrigavam a pedir dinheiro por emprestimo, sabe-se que começára a impressão de uma Biblia, pois era sua constante preoccupação a divulgação do *livro dos livros,* levado pelo seu espirito nimiamente religioso. « Assim, diz Lamartine, l. c., este mecanico obscuro, como si fosse propheticamente inspirado pela Providencia, não operou esse prodigio por acaso ou por cobiça; operou-o por devoção e com a paixão santa e a consciente previsão do que ia fazer. » Sentiria logo quanto era gigantesca a empresa a que se abalançava? que os seus proprios recursos e a sua vida inteira não bastavam

para leval-a ao cabo? O que é certo é que se associou, por um contracto legalisado por cinco annos, com João Fust, opulento banqueiro de Moguncia, que lhe adianta 800 florins mediante a clausula de que todo o material da imprensa que estabelecesse Gutenberg lhe ficaria pertencendo até ao reembolso total do capital. Uma clausula verbal obrigavà Fust a pagar a este 300 florins *para cobrir os gastos que trazia comsigo a exploração de uma imprensa*. Dois annos se consomem inutilmente antes que a empresa pudesse encaminhar-se; novos auxilios pecuniarios são fornecidos pelo socio capitalista, que lhe impõe um terceiro socio, habil calligrapho vindo de Paris, que Fust fizera seu genro, encarregado de inspeccionar o trabalho do mestre; Pedro Schœffer de Gernsheim entra assim para a associação e... para a immortalidade do nome. « Gutenberg, diz Deschamps, est lié, il lui faut passer sous les fourches caudines de l'usure, parce qu'il veut publier sa BIBLE. »

A empresa era na verdade superior ás forças de um só homem. Analysando materialmente o seu primeiro livro, isto é, o primeiro livro impresso que viu o mundo, fructo da admiravel pertinacia que zombou de todos os obstaculos, conclue Aug. Bernard, citado por Deschamps: « ... pode-se por ahi julgar dos gastos immensos d'esta primeira e colossal empresa! »

Teria sem duvida feito experiencias preliminares, com impressões de folhetos e avulsos sem importancia, o illustre e nobre martyr. Nem a consagração do martyrio lhe faltou! Não podendo pagar a Fust a somma, enorme para as suas posses, que tudo isto lhe acarretára, tomaram-lhe o material que accumulára e viu-se Gutenberg despojado da sua parte na associação leonina e na dos lucros que proviriam da venda da Biblia. Viu-se obrigado a dar a Fust e Schœffer tudo o que servira para a impressão d'aquella obra-monumento e a ir estabelecer-se modestamente na casa patrimonial da familia, emquanto aquelles se installavam triumphalmente em estabelecimento consideravel, em vasta propriedade do opulento banqueiro, com quem o velho mestre não podia por certo competir vantajosamente.

A historia registra os nomes de alguns dos operarios que se conservaram fieis na hora da desgraça ao glorioso mestre, auxiliando-o nos embaraços em que devia tel-o deixado a dispersão do seu material typographico; são Nummeister e Bechtold de Hanau, e Henrique Keffer ou Keppfer, natural de Moguncia. Este acompanhou-o até á morte, segundo as mais bem deduzidas hypotheses.

Posto que o tivessem elles acompanhado e tivesse o velho mestre continuado sem ruido a sua tarefa, publicando ainda muitas obras, entre outras a sua *Biblia de 36 linhas* e o seu admiravel *Catholicon* de 1460, a comparação dos productos dos seus modestos prelos com os da officina rival que, fôrça é confessar, chegára de um jacto á irrecusavel superioridade, era esmagadora.

Sobrevieram depois os acontecimentos de 23 de Outubro de 1462, o saque de Moguncia, catastrophe que arruinou por muito tempo as imprensas moguntinas, mas que, dispersando os seus operarios (providencial compensação!), levou aos mais remotos paizes *os segredos d'este descobrimento que devia renovar a face do velho mundo.*

Gutenberg, depois de serenada a tormenta que affligira a terra natal, viu sobrevirem-lhe dias mais felizes e tranquillos: o arcebispo-eleitor, victorioso, subvencionou-o, nomeou-o seu *cortezão pensionado* (17 de Janeiro de 1465), estabeleceu-lhe uma tença, com que *poude o velho mestre terminar com calma e quietação a sua longa vida atormentada*, na bella phrase de Deschamps.

Ignora-se a data certa da sua morte, mas deve ter acaecido antes de 26 de Fevereiro de 1468, conforme um documento authentico contemporaneo.

Gutenberg jaz, em Moguncia, no convento dos Franciscanos, segundo as maiores probabilidades. Um parente, Adão Gelthus, mandou erguer-lhe um monumento funerario, no qual Wimpheling gravou (1499) o seguinte epitaphio:

D. O. M. S.
Joanni Gensfleisch
Artis impressiore repertori
de omni natione et lingua optime merito
in nominis
sui memoriam immortalem
Adam Gelthus posuit.
Ossa ejus in ecclesia D. Francisci Moguntina
feliciter cubant.

E provavel que antes do seu fallecimento tivesse Gutenberg cedido a Bechtermuncze d'Eltwill uma parte dos seus typos, o que explica não só a existencia da imprensa d'este como a de Bamberg. A mór parte d'elles, porem, foram por sua morte divididos entre seus primos os Gelthus e o Dr. Conrado Homery e depois vendidos, em 1508, a Frederico Heyman, de Moguncia.

Para remate citemos litteralmente Deschamps. Não re-

gatearemos mais uma duzia de linhas para recordar aos leitores os primeiros passos da vida da arte prodigiosa que abriu horizontes illimitados ao pensamento humano.

« Para nós Gutenberg deu a lume a *Biblia de 42 linhas*, a de *36 linhas* e o *Catholicon* de 1460, e não vemos motivo nenhum serio para deixar de lhe attribuir racionalmente a impressão de alguns dos *Donats*, *Cartas d'indulgencia*, &., não xylographicas, que precederam a Biblia, assim como não hesitamos em crer que é d'elle a mór parte dos livros posteriores a 1455, executados com o typo da *Biblia de 42 linhas* ou com o que serviu para a impressão do *Catholicon de Janua* de 1460, posto que a demanda de 1455 com os seus socios o tivesse despojado da melhor parte do seu material e seja impossivel determinar com exactidão o que lhe tomaram e o que lhe deixaram.

« Não nos demoraremos com a imprensa rival e triumphante de Schœffer; são geralmente conhecidos os seus admiraveis productos: deve-se-lhe a impressão do primeiro classico; a sua bella edição das *Epistolæ Familiares*, de Cicero, que dá além d'isso a primeira ode de Horacio que teve as honras da imprensa, e tantos outros primores da arte, servirão para que se lhe perdôem ou, pelo menos, se lhe attenuem as injustiças que commetteu associando-se ao deshumano ardor com que o velho Fust, seu sogro, perseguiu até á morte o infeliz Gutenberg.

« Não nos esqueçamos de dizer que tambem teve a honra de gravar os primeiros caracteres gregos, que empregou pela primeira vez nessa mesma edição da obra-prima de Cicero, e que é esse livro ao mesmo tempo o primeiro para o qual se serviram de *entrelinhas*.

« Do velho Fust não se falla mais depois do saque de Moguncia: falleceu em 1467, na idade pelo menos de 72 annos. Seu filho Conrado, denominado Hanoquin, associou-se a seu cunhado e morreu por volta de 1480. »

A ultima obra de Schœffer tem a data de 1502, isto é, a 4.ª ou talvez 5.ª edição da sua obra-prima, o *Psalterium* de 1457. Não quiz nunca deixar de usar nas suas impressões, no meio seculo que consagrou aos trabalhos da imprensa, dos velhos caracteres gothicos de que se servira no comêço da sua carreira; entretanto, já tinha começado a generalisar-se o uso dos caracteres romanos. Deve ter morrido no principio de 1503, porque seu filho João Schœffer publicou, com a data de 8 de Abril d'esse anno, um volume, o *Mercurio Trismegisto*, em cujo colophão declara que é a primeira obra que imprimia.

Pela extensa e escrupulosa noticia que ao immortal inventor da imprensa consagra Deschamps e pela interessante carta que a tal proposito lhe dirigiu A. F. Didot, fica fóra de contestação que os trabalhos começados por Gutenberg em Strasburgo com os seus primeiros associados, e continuados em Moguncia, *justificam pela sua importancia a gloria que se liga ao seu nome.*

« Assim, conclue Didot na citada carta, qualquer que seja a partilha operada mais tarde *(por Fust e Schœffer)* do que se creou em commum, e de que se fizeram duas imprensas distinctas, a de Gutenberg e a de Fust e Schœffer, a Gutenberg é que pertence o invento da imprensa e a mór parte no da gravura dos typos empregados nas *cartas de indulgencia*, trabalho que elle continuou desde a sua residencia em Santo Arbogasto, anteriormente a 1436, que o vemos continuar ainda em 1448, em Moguncia, com o emprestimo de Gelthus, e em 1450 com o de João Fust, ajudado depois, em 1452, por Pedro Schœffer. »

Eis o que ha de averiguado e seguro, *com todos os caracteres reclamados pela exactidão historica*, acêrca do glorioso revolucionario da rotina, que deu ao mundo o milagre da multiplicação do pensamento, tão admiravel como a do pão na ceia do Christo, acto que póde muito bem ter sido o symbolo, a parabola prophetica da idéia de Gutenberg.

Só em 1837, a 14 de Agosto, foi que erigiu a cidade de Moguncia ao seu pro-homem uma estatua, obra do celebre estatuario sueco Thorwaldsen, moldada em bronze em Paris por Crozatier. Em 1840 ergueu-lhe Strasburgo outra, devida ao cinzel de David d'Angers e fundida por Soyer e Ingê, reproduzida no pateo de honra da Imprensa Nacional de Paris. Do seu busto, que anda largamente divulgado pela numismatica, possue a Bibliotheca Nacional um exemplar na *Series Numismatica universalis virorum illustrium.*

No pedestal da estatua de Moguncia lê-se: na face anterior,

« Joannem Geinsfleisch de Gutenberg patricium Moguntinum ære per totam Europam collato posuerunt cives. 1837. »

E na posterior (inscripção devida ao celebre philologo Ottfried Müller):

« Artem, quæ Græcos latuit latuitque Latinos,
Germani sollers extudit ingenium.
Nunc, quidquid veteres sapiunt sapiuntque recentes,
Non sibi, sed populis omnibus id sapiunt. »

No Catalogo de Bernard Guaritch, Abril, 1884, um exemplar da Biblia de Moguncia está avaliado em 1,800 libras ou 18:000,000 da nossa moeda! Sendo o nosso o exemplar Coustard, unico que contém o curioso autographo, muito mais deve valer.

A Bibliotheca Nacional possue, como já dissemos, outro exemplar d'esta Biblia com algumas variantes e em cujo colophão se lêem as palavras « Artificiosa adinventione imprimendi seu caracterizandi. »

STRASBURGO: STRASSBURG.

(Argentoratum).

N.° 2. — Terenti' cũ Directorio Vocabulorũ Sententiarũ artis Comice Glosa ĩterlineali Comẽtarijs Donato Gvidone Ascensio.

In-fol. peq. de CLXXVI ff. num. pela frente e 5 prel. inn. contendo: « Terentij directoriũ vocabularum » as quatro primeiras, *Terentii epitaphivm* no v. e fim da 4.ª e *Therentii vita excerpta de dictis. D. F. Petrarcha.* no r. da 5.ª Frontispicio xylographado, representando o palco de um theatro: em cima o titulo e em baixo, dentro da estampa, a palavra *Theatrvm;* esta est. vem reproduzida no verso da 5.ª fl. prel.

(In-fine:) « Immpressum (*sic*) in Imperiali ac vrb libera Argentina Per magistrum Ioannẽ Grüninger accuratissime nitidissimeqz elaboratũ & denuo reuisum atqz collectum ex diuersis commẽtarijs Anno incarnatiõis dominice Millesimoquaterqz centesimononagesimosexto, Kalendarũ vero Nouembrium. Finit fœliciter. »

Em caracteres rom., as maiusculas goth., a duas colum., com est. em madeira disseminadas no texto, e ornamentada a lettra capital do volume. Edição mencionada por Panzer, vol. I, pag. 56, n.° 299; por Hain, *Repertorium bibliographicum*, vol. II, p. II, pag. 404, n.° 15431; por Graesse, *Trésor de livres rares et précieux*, e por Brunet, *Manuel du libraire.*

É muito estimada esta edição por causa das numerosas grav. em madeira que contém, *singulares e bellas*, represen-

tando personagens e scenas das comedias do afamado Plauto carthaginez. Em 1499 Grüninger deu outra edição d'este poeta, *in-fol.*, com as mesmas gravuras xylographicas... As mesmas estampas figuram ainda numa edição de *Strasburgo*, Grüninger, 1503, *in-fol.*

São raros os exemplares d'esta edição.

A impressão é digna de nota, porque, sendo varios os tamanhos dos typos empregados em todo o volume, na mesma pagina, o impressor soube conservar-lhe a ordem e a nitidez indispensaveis.

Strasburgo disputou com Moguncia e Harlem a prioridade no estabelecimento da imprensa.

Na epocha de Gutenberg era cidade imperial desde 1205; em 1681 foi annexada á França por Luiz XIV; em 1871 foi recuperada pela Allemanha.

Segundo a *Chronique Contemporaine* de Philippe de Lignamine (*Roma*, 1474), *João Mentelin* ou *Mentelius* ahi imprimia desde 1458. Isto se não pode assegurar. Segundo todos os bibliographos, a *Biblia Sacra Germanica*, in-fol. de 405 ff, a 2 cols., 61 linhas na col. completa, s. d., parece haver sido impressa em 1466.

Henricus Eggesteyn, entretanto, fundou quasi simultaneamente um estabelecimento rival do de Mentelius; a sua Biblia allemã, in-fol. de 404 ff., a 2 cols., de 60 linhas, é provavelmente tambem de 1466. O 1.º livro de Strasburgo com data é d'este impressor: *Gratiani decretum...*, 1471, in-fol., a 2 cols., 459 ff. No mesmo anno publicou com os menores caracteres que possuia o *Liber de remediis utriusque fortunæ*, de Adriano o Cartuxo, in-4.º

Depois d'estes, diz-nos Deschamps, os mais notaveis são: *Adolpho Rusch de Inguilen*, que passou a dirigir o estabelecimento de Mentelius; *Martinus Flach* e *João Grüninger*.

Segundo La Serna Santander seguem-se aos dois primeiros impressores d'esta cidade: *Georgius Husner* (*Jeorius* nas edições e *Leorius* segundo alguns), que produziu poucas impressões de 1473-1498; *Johannes Bekenhub*, socio do precedente, em 1473; o seu nome só figura no *Durandi Speculum*. — *C. W.* (Conradus Wolfach?), impressor do *Reductorium bibliæ*, 1474; *Martinus Flach*, de Basiléa, e outros.

Johannes Gruningerus, um dos mais notaveis, cujo nome de familia era *Reinhart*, trabalhou com muita actividade desde 1483, e é o impressor do exemplar que a Bibliotheca Nacional expõe sob o n.º 2.

COLONIA: KOELN.

(Colonia Agrippina.)

N.° 3. — Incipit sermo beati Augustini episcopi super orationem dominicam; s. l. e s. d. *(Coloniæ, Ulr. Zell.* c. 1470?) in-4.° peq. de 8 ff., 27 ll., caract. goth.

Começa: « Voniam domiño gubernante iam estis in via regia constituti. »

Na palavra — *Voniam* — falta a capital — *Q*.

Na fl. 3: « Explicit sermo beati Augustini, de orõne dominica. Incipit exposicõ eiusdẽ sup Sȳbolū. »

No v. da fl. 6: « Explicit exposicõ super symbolum. Incipit sermo beati Augustini epẽscopi de Ebrietate cauenda. »

Termina no v. da fl. 8: « per omnia secula seculorum Amen. »

Basta a simples inspecção para reconhecer-se que temos á vista um incunabulo do XV seculo. A falta de fl. de rosto, a falta das lettras capitaes, que se não imprimiam para serem feitas á mão, a falta de indicação de lugar, de impressor e de data, o typo, tudo nos convence, que temos diante dos olhos um precioso producto dos primitivos tempos da arte typographica.

O typo com que foi impresso este opusculo é conhecido e um dos mais estimados dos bibliographos; é o typo com que o famoso Ulrich Zell imprimiu suas primeiras obras.

A tomada e o saque de Moguncia pelos soldados de Adolpho de Nassau em 1462 trouxe como consequencia a dispersão dos typographos que ahi trabalhavam na officina de Pedro Schœffer e de João Fust, provavelmente sob a direcção de Gutenberg. Uns acolheram-se ás cidades proximas; outros, porém, foram mais longe levar á Italia o grande descobrimento. Entre os primeiros nota-se Ulrich Zell ou Zel, de Hanau, que foi estabelecer-se em Colonia; sua officina de typographia já devia estar funccionando em 1464. Zell imitou sempre os caracteres e os processos typographicos da officina de Schœffer, e a tal ponto levou a imitação que, si não figurasse o seu nome em algumas edições, passariam como obra da officina de Moguncia.

Maittaire, Panzer, Hain e outros bibliographos mencionam muitas obras executadas com os caracteres de Ulrich Zell, mas impressas sem designação de lugar, nem de impressor, nem data, algumas das quaes mui provavelmente anteriores a

1466. Deschamps refere a este anno de 1466 o primeiro livro impresso por Zell com data certa: « Johannis Chrysostomi super psalmo quinquagesimo liber primus. » (In fine): « Deo et deifere refero grãs infinitas de fine primi libri johañis crisostomi sancti doctoris & episcopi sup psalmo quĩquagesimo, per me Ulricũ zel de hanau clericũ diocesis Mogũtineñ. Anno dñi millesimo quadrĩgetesimo sexto. » In-4.° de 10 ff. inn., sem *reclamos* nem registro, com 33 linhas longas na pagina completa. Foi reimpresso em 1467 pelo mesmo typographo, in-4.° de 29 linhas por pagina, com o accrescimo do livro segundo.

A omissão da palavra *sexagesimo* no colophão da 1.ª edição suscitou commentarios. La Serna Santander diz que se póde ler do mesmo modo 1466, ou qualquer d'estas outras datas: 1476, 1486 e ainda 1496, visto que Zell trabalhou até 1499. Deschamps porem sustenta com bons fundamentos que deve prevalecer a primeira data. Entre as impressões sem data d'este typographo devemos citar: *De officiis*, de Cicero, in-4.° de 60 ff. com 34 linhas, impressa cêrca de 1466 segundo Brunet, mas, segundo Panzer, anterior á de 1465 de Schœffer; e « Pij p̃pe secũdi: Bulla retractationũ... », in-4.° goth., de 11 ff. inn., sem *reclamos* nem registro, com 27 longas linhas na pagina inteira. Esta bulla, na opinião de La Serna, foi impressa em 1468; Deschamps, porem, de accôrdo com de Bure e Bernard, suppõe que o fosse antes da morte de Pio II, a qual succedeu em 1464.

Ulrich Zell foi impressor de Philippe o Bom, Duque de Borgonha, celebre collecionador de manuscriptos preciosos do seculo XV. Por ordem d'este duque imprimiu a obra de Raul Lefebvre: « Recueil des Histoires de Troyes. Compose par venerable homme raoul le feure prestre chappellan de mon tres redoubte seigneur Monseigneur le Duc Philippe de bourgoingne En lan de grace. mil CCCC. LXIIII. » In-fol. peq. de 285 ff. inn., sem *reclamos* nem registro, 31 linhas longas, caract. goth. Para este livro, que foi o primeiro impresso em francez, fundiram-se caracteres especiaes, imitando perfeitamente a bella calligraphia d'aquelle seculo. Segundo Bernard as lettras grupadas e as ligações dão a este volume o aspecto da xylographia. Quanto á data, deve ser anterior á morte de Philippe o Bom, que occorreu em 15 de Junho de 1467.

Com os mesmos caracteres da obra precedente Zell imprimiu outro romance do mesmo autor, *Jason*, in-fol. peq. de 131 ff., com 31 linhas. Este, porem, appareceu depois da morte do duque de Borgonha.

O celebre William Caxton, primeiro typographo de Inglaterra, foi discipulo de Zell; e a traducção para o inglez do *Recueil des hystoires de Troyes*, concluida por Caxton em Colonia

a 19 de setembro de 1471, foi mui provavelmente impressa por elle ahi mesmo, sob as vistas e com o auxilio do mestre. Esta traducção, que offerece a particularidade de ter sido o primeiro livro impresso em inglez, tambem foi executada com aquelles caracteres especiaes, que estavam em deposito nessa cidade.

Em 1470 apparecem em Colonia outros impressores:

Arnold Ther Hoernen, cuja primeira impressão é: «Sermo ad populum predicabilis in festo psentationis Beatíssime marie semper virginis noviter... per impressionē multiplicatus, sub hoc currente anno Domini M.° CCCC.° LXX.°», in-4.° peq. de 12 ff. num. com algarismos arabes, 27 linhas. Das duas edições, ou antes, duas tiragens que se fizeram d'este livro com a mesma data, uma traz no v. do frontispicio um prefacio, no qual se lê: «In ciuitate Colōiēsi per discretū viꝝ Arnoldū Therhoernē»; na outra falta este prefacio. Este livro passou por ser o primeiro em que se empregaram os algarismos arabes; Deschamps, porem, affirma que estes algarismos foram empregados typographicamente pela primeira vez no *Mamotrectus* de João Marchesini, publicado na mesma data em Berona por Elias de Lauffen. Em 1471 Hoernen imprimiu o *Liber Quodlibetorum* de S. Thomaz, in-fol. peq. goth., que, na opinião de Firmin Didot, é o primeiro livro em que apparecem os titulos no alto das paginas. João Koelhoff, de Lubeck, tambem imprimia em Colonia desde 1470. Em 1472 publicou este typographo o «Joh. Nyder præceptorium divinæ legis, — Explicit præceptorium... impressū Colonie per magistrum Johannem Koelhoff de Lubick *(sic)* anno Dñi M. CCCC. LXXIJ», in-fol. goth., de 307 ff., a 2 cols. de 39 linhas, primeiro livro, com data certa, impresso com registro. Koelhoff foi o impressor da celebre *Chronica de Colonia* de 1499.

Ainda em 1470 começaram a imprimir em Colonia Petrus de Olpe e João Veldener. Finalmente, no seculo XV, ainda ahi imprimiram: Henricus Quentel, com os caracteres de Ulrich Zell; J. Guldenschaaf, de Moguncia; e Conradus Winter, de Homburgo.

Assignámos ao opusculo que ficou acima descripto a data provavel de 1470, porque, pode-se dizer, foi só depois de 1472 a 1473 que Zell começou a estampar em seus trabalhos as indicações de lugar, anno e impressão.

Sobram, pois, á Bibliotheca Nacional motivos para estimar e zelar o exemplar que expõe sob o n.° 3.

Este opusculo anda juntamente com outros no mesmo volume. Pertenceu á Real Bibliotheca.

N.° 4. — M. Fabii Qvintiliani oratoriarvm institvtionum lib. XII. una cum Declamationibus eiusdem argutissimis, ad horrendæ uetustatis exemplar repositis, diligenterqz impressis Apvd Sanctam Coloniam. MDXXIIII. In-fol. peq. de CLIX pp. num. só pela frente.

Frontispicio allegorico gravado em madeira e as palavras do titulo a duas tintas; impresso em caracteres romanos.

No v. da fl. de rosto traz: « Godefridus Hittorpius, Philippo Melanchtoni S. D. — M. Fabij Quintiliani uita — Erratula aliquot obiter annotata. »

Seguem-se 5 ff. do *Index alphabeticvs.*

O texto das Instituições occupa as CXII primeiras folhas. No v. de fl. CXII, em baixo, lêem-se as seguintes palavras: « M. F. Quintiliani Oratoriarum Institutionum Finis. »

As Declamações, começando na fl. CXIII, terminam no v. de fl. CLIX, onde se lê: « M. Fabij Quintiliani Declamationum XIX. Finis Coloniæ in ædibus Eucharij Ceruicorni, Heronis Fuchs. Anno uirginei partus. M. D. XXI. mense Martio. »

As duas primeiras edições d'esta importante obra são de Roma, 1470.

A impressão do nosso exemplar é nitida, uma das melhores do XVI seculo. Tem nas margens annotações manuscriptas, por lettra, segundo cremos, d'aquelle seculo.

NORIMBERGA: NÜRNBERG.

(Norimberga).

N.° 5. — Jncipit prologus in legendas sanctorum quas collegit in vnum frater Jacobus ianuensis de ordine predicatorum.

Precede a primeira fl. *Catalogus Sanctorum*, de que faltam no nosso exemplar as primeiras linhas, por inadvertencia do encadernador quando aparou as folhas do livro. A ff. CLXV: « Historia lõbardica explicit. quã iacobs d'voragĩe... » Seguem-se

addições até ff. CLXXXIII, ultima do vol., na qual se lê: « Finit lombardica hystoria p mandata Anthonij koburger Nurenberge impressa Anno salutis. Mccccixxxij. kl.' octob.' »

In-fol. a 2 colum., contendo 183 ff. num. pela frente, caract. goth.; as ff. inteiras, de 54 ll., com todas as lettras capitaes de côr vermelha e a lettra inicial illuminada a vermelho e azul. Sem registro nem chamadas (*reclamos*).

O nosso exemplar, identico ao descripto por Panzer vol. II, pag. 192, n. 113, e mencionado *sub n. Jacobus de Voragine* no *Bibl. Casanatensis Catalogus*, foi restaurado em tempo e está em bom estado.

A *Legendas dos Santos*, appellidada *pelo enthusiasmo dos seus contemporancos* LEGENDA AUREA, teve numerosissimas edições, tanto em latim como em francez, desde a latina de cêrca de 1470, impressa, segundo Graesse, com os caracteres de Berthold em Basiléa e da qual *Panzer, t. IV, pag. 240, n. 268 e*, não declara a data, e a edição franceza de 1475, *in-4.º*, *Panzer, t. IV, pag. 13*, até a latina feita por D. Th. Grässe, bibliothecario do rei de Saxonia, *Dresda e Leipzig, Arnold, 1846*, in-8.º gr., mencionada por *Brunet, vol. V, col. 1367*.

De muitas das mais afamadas d'essas edições, incluidas algumas em italiano, hollandez, allemão, inglez e francez, dão minuciosa relação Graesse e Brunet, que omittem entretanto esta de 1482. Faremos especial referencia á de *Strasburgo, Argentine*, 1486, *in-fol.* goth., a qual contém a lenda de S. Gangolpho, em que se acha, diz Brunet e repete Graesse, *este conto digno de Rabelais*, que ambos reproduzem.

O autor, que falleceu, segundo o *Cat. da Bibl. Casanatense* e *P. Larousse*, em 1298, nasceu em Varaggio, a alguns kilometros de Genova, cêrca do anno de 1230. Tomou o habito de S. Domingos aos 14 annos de idade, professou as lettras sacras e, em 1292, foi eleito arcebispo de Genova. Deve a celebridade de que gosou á presente obra, que naturalmente passou de mão em mão durante mais de um seculo, até ser impressa a primeira vez. Compoz, além d'esta, a intitulada *Sermones de tempore & de Sanctis per totum annum*, que tambem mereceu successivas reimpressões. A *Historia de Genova até 1297*, de que falla o autor do *Grand Dict. du XIX.me siècle*, não é sinão a *Legendas dos Santos*, a que tambem se dava esta denominação, despida porem da parte puramente legendaria.

« Poucas obras, diz este autor, tem gozado de tão estrondoso favor; foi reimpressa mais de cincoenta vezes no XV e XVI seculos; mas cahiu ha muito no mais justo esquecimento e as fabulas incriveis que relata foram depois repudiadas pela mór parte dos autores ecclesiasticos. »

Norimberga tambem se aproveitou do saque de Moguncia em 1462, e certamente foi das primeiras cidades da Allemanha a receber imprensa. Quem fosse o introductor d'esta é ainda uma questão a resolver. Segundo Deschamps foi Henrique Keffer ou Keppfer, natural de Moguncia, um dos poucos discipulos de Gutenberg que se lhe conservaram fieis até á morte. Para este bibliographo, Keffer continuou a trabalhar em Moguncia com Gutenberg ainda depois do celebre processo intentado contra o descobridor da imprensa; deixou esta cidade depois da morte do mestre, e foi fixar-se em Norimberga, onde se associou com João Sensenschmidt, Bohemio, natural de Egra e artista habituado aos trabalhos metallurgicos. Foi este Sensenschmidt quem fabricou os prélos, gravou e fundiu os caracteres, puncções e matrizes para o estabelecimento commum, seguindo em tudo os modelos da officina de Gutenberg. A partir de 1470 produziu esta associação muitos volumes em que não figuram os nomes dos impressores. O primeiro livro que apparece com o nome de Sensenschmidt é a *Margarita Poetica* de Albertus de Eyb, de 1472, cujos caracteres se aproximam extraordinariamente dos da Biblia de 36 linhas; e o unico volume em que figura o nome de Keffer associado ao de Sensenschmidt é a *Pantheologia* de Régnier de Pisa, 1473, in-fol., descripta por Panzer, tom. II., pag. 170, e por Hain sob o n.º 13015.

A obra mais antiga de Norimberga, com data certa, é, na opinião de todos os bibliographos, a seguinte: *Francisci de Retza Comestorium Vitiorum*, na qual se lê, na 2.ª col. da fl. 281, v.: « Hic codex egregius Comestorij viciorum Sacre theologie professoris eximij Francisci de Retza ordinis predicatorum finit feliciter. Nuremberge Anno ?c̄.LXX.º patronaꝝ formaꝝ qº cōcordia et pporcōe īmp̄ssus. » In-fol. de 286 ff. inn., a 2 cols. de 49 linhas, 2 ff. em branco; sem *reclamos*, nem assignaturas, nem capitaes gravadas. Esta obra é impressa com os mesmos caracteres de que se serviu Sensenschmidt na *Margarita Poetica* já citada. Sensenschmidt, que La Serna Santander suppõe ter sido o introductor da imprensa em Norimberga, tornou-se mui habil na typographia; sua obra prima foi a *Biblia* de 1475, depois da qual nada mais produziu de importante; retirou-se pouco depois para Bamberg, onde apparece em 1481; finalmente, em 1485, levou a imprensa á cidade de Ratisbona.

Frederico Creusner ou Kreussner e Antonio Koberger ou Koburger apparecem quasi simultaneamente. O primeiro, que Tross suppõe anterior a Koberger, tambem é reputado por alguns como o introductor da imprensa nesta cidade.

O volume mais antigo do primeiro d'estes impressores é talvez um *Psalterio*, in-fol. goth. de 86 ff. inn., 26 linhas, sem *reclamos* nem registro, nem lettras iniciaes ou capitaes, executado com os mesmos caracteres de outro *Psalterio* em que figura o seu nome. Estes volumes occorrem citados no *Catalogo Bearzi*, n.os 28 e 30. Varios outros Psalterios impressos com o seu nome ou com os mesmos caracteres indicam que essa era a sua especialidade.

Koberger, terrivel rival de Sensenschmidt e de Kreussner, imprimiu em 1473 o *Boetius*, reimprimiu em 1474 a *Pantheologia* de Régnier de Pisa, e publicou successivamente 3 *Biblias* em 1475, 1477 e 1478. Exerceu a arte typographica desde 1473 até o começo do seculo XVI. É sem contradicção o mais celebre impressor de Norimberga; Badius Ascensius, autoridade competente, faz-lhe em uma epistola o seguinte elogio: « Siquidem cum sis librariorum facilè princeps et inter fideles atque honestos mercatores non inferiori loco positus. — Litteratos omnes et colis et foves; pervigilemque curam ad bonos codices, verè, tersè, ac sine mendis imprimendos adhibes, etc. » Koberger falleceu em 1513; succedeu-lhe um filho de igual nome; outro Koberger, de nome João, tambem figura em Norimberga. Esta familia era aparentada com a do bibliographo Panzer.

Kreussner e Koberger empregaram frequentemente os mesmos caracteres, o que se explicaria facilmente admittindo a hypothese, aventada por Deschamps, de que Sensenschmidt lhes tivesse cedido parte dos modelos fornecidos por Keffer. As duas edições, uma sem data e outra de 1475, do *Poggius* de Kreussner são impressas com os mesmos caracteres do *Boetius* de 1473 de Koberger; e os caracteres do primeiro são mui semelhantes aos do *Comestorium Vitiorum* de Sensenschmidt.

Encontram-se ainda em Norimberga, no XV seculo, os seguintes impressores: Conrado Zenninger; Joahnnes Regiomontanus, tambem chamado João Müller de Monteregio (Kœnigsberg); Pedro Wagner; Jorge Stuchs, de Sultzbach; Marco Ayrer; Pedro Vischer; Gaspar Hochfeder; João Mayr, e Alberto Dürer. O nome d'este insigne pintor e gravador em madeira começa a figurar em 1498 como impressor nas subscripções de varias collecções de estampas gravadas e executadas em Norimberga. Miguel Wolgemuth, mestre de Dürer, illustrou muitos volumes de Koberger.

No mesmo seculo tambem existia uma imprensa particular no convento dos eremitas da ordem de S. Agostinho.

Desde o seculo XVI Norimberga se distingue entre todas

as cidades da Allemanha na impressão da musica em caracteres moveis; de 1540-1600, Neuber, J. Montanus, Th. Gerlatz, a viuva Gerlach e outros fizeram grande numero de publicações.

Lackmann menciona uma imprensa particular do sabio Elias Hutter, nesta cidade, a qual publicou em 1599 uma *Biblia polyglotta, Ebraice, Chaldaice, Græce, Latine, Germanice et Slavonice.*

O exemplar sob n.º 5, pertenceu á Real Bibliotheca.

N.º 6. — Registrum huius operis libri cronicarum cū figuris et ymagībus ab inicio mūdi:

Titulo que se lê na 1.ª fl. em lettras goth. de missal, gravadas em madeira.

In-fol. gr., caract. goth., com mais de 2500 grav., das quaes algumas muitas vezes repetidas, abertas em madeira por Michael Wolgemuth e Wilhelmus Pleydenwurff.

O vol. começa, depois do *Registrum* acima transcripto, por uma « Tabula operis huī de temporibus mundi » em 19 ff. não num. Segue-se: « Epitoma operū sex dierū de mūdi fabrica Prologus », no alto da 1.ª fl. num.

No fim da fl. CCLXVI lê-se: « Completo in famosissima Nurembergensi vrbe Operi de hystoriis etatum mundi. ac descriptione vrbium. felix imponitur finis. Collectum breui tempore Auxilio doctoris hartmāni Schedel. qua fieri potuit diligentia. Anno xp̄i Millesimo quadringentesimo nonagesimotercio. die quarto mensis Junij. Deo igitur optimo. sint laudes infinite. »

No fim do texto, no v. da fl. que corresponde á CCC e ultima, lê-se a subscripção seguinte: « Adest nunc studiose lector finis libri Cronicarum per viam epithomatis & breuiarij compilati opus q̄dem preclarum. & a doctissimo quoqz comparandum. Continet em̄ gesta. quecūqz digniora sunt notatu ab initio mūdi ad hanc vsqz tēporis nostri calamitatem. Castigatūqz a viris doctissimis vt magis elaboratum in lucem prodiret. Ad intuitū autem & preces prouidorū ciuiū Sebaldi Schreyer & Sebastiani kamermaister hunc librum dominus Anthonius koberger Nuremberge impressit. Adhibitis tamē viris mathematicis pingendiqz arte peritissimis. Michaele wolgemut et wilhelmo Pleydenwurff. quarū solerti acuratissimaqz animaduersione tum ciuitatum tum illustrium virorum

figure inserte sunt. Consummatū autem duodecima mensis Julij. Anno salutis nr̄e. 1493. »

Seguem-se 2 ff. inteiramente em br. e sem num. e mais 5 igualmente inn.: *De Sarmacia regione Europe;* estas 7 ff., collocadas, como se vê, no fim da obra e depois da subscripção, andam, no dizer de Brunet, em alguns exemplares collocadas, em n.º de 6, das quaes só uma em branco, entre as ff. CCLXVI e CCLXVII.

Este livro, conhecido pelo nome de *Chronica de Nuremberg*, é pouco vulgar, e, sobretudo, notavel pelas bellas gravuras em madeira, de que está ornado.

A Bibl. Nac. possue outro exemplar d'esta primeira e apreciada edição.

A segunda edição é de Augsburgo, 1497, muito inferior á precedente tanto no trabalho de impressão do texto como nas gravuras. Da traducção em allemão, de *Norimberga*, 23 de Dezembro de 1493, fizeram-se reimpressões em *Augsburgo*, 1496 e 1500, in-fol.

O exemplar exposto pertenceu á Real Bibliotheca.

N.º 7. — Venerandi pratris Bartholomei Anglici ordinis Minorū: viri eruditissimi: opus: de rerū proprietatibus inscriptum: ad cōmunem studiosorū vtilitatem iam denuo: summa cura: labore: ac industria recognitū: chalcographieqz demandatum: atqz adfabre politū:

No fim:... « per fridericū Peypus ciuem Nurembergñ impressum: Expensis prouidi viri Joannis Koberger eiusdem ciuitat' incole feliciter explicit. Anno salutis nr̄e. M. ccccc. xix. Id. iij. Maij. »

In-fol., caracteres goth., titulo dentro de uma tarja xylograph. emblematica, lettras capitaes ornadas, a duas colum., sem num. Precedem a obra 3 ff. inn. de *Registrum* das materias e dos autores nella citados.

Mencionada em Panzer, vol. VII, pag. 461, n. 149, que, entretanto, em vez da palavra *politum*, que se lê no nosso ex., transcreve —*perpolitum*. Hain, cujo *Repertorium* só vai, como se sabe, até ao anno de 1500, faz menção das anteriores edições do nosso autor sob o nome de *Bartholomaevs de Glanvilla*,

nome sob o qual tambem Graesse as menciona, não incluida todavia na sua relação a edição de 1519.

Ha muitas edições d'esta obra e traducções para francez, hespanhol, hollandez e inglez. Diz-se que a traducção ingleza de John Trevisa foi um dos primeiros livros impressos em papel fabricado em Inglaterra.

A impressão d'esta nossa edição é nitida, e os caracteres gothicos nella empregados não são destituidos de elegancia, offerecendo excellente specimen para o estudo comparativo dos typos de impressão no XVI seculo.

O exemplar exposto pertenceu á Real Bibliotheca.

N.º 8. — Præclara Ferdinãdi. Cortesii de Noua maris Oceani Hyspania Narratio Sacratissimo. ac Inuictissimo Carolo Romanorũ Imperatori semper Augusto, Hyspaniarũ, & c̄ Regi Anno Domini. M. D. XX. transmissa: In qua Continentur Plurima scitu, & admiratione digna Circa egregias earũ puĩntiarũ Vrbes, Incolarũ mores, puerorũ Sacrificia, & Religiosas personas, Potissimũqz de Celebri Ciuitate Temixtitan Variisqz itli9 mirabilib9, que legētē mirifice delectabũt, p Doctorē Petrũ saguorgnanũ Foro Iuliensē Reueñ. D. Ioan. de Reuelles Episco. Viēnēsis Secretariũ ex Hyspano Idiomate in latinũ versa Anno Dni. M. D. XXIIII. Kl. Martii: Cum Gratia, & Pruilegio.

Ao titulo, contido em uma tarja ornamentada, no v. da fl. de rosto, que é occupada pelo brasão de Carlos V, seguem-se a dedicatoria do autor ao papa Clemente VII, datada de Norimberga « Quarto Idus Febru. Anno Domini Millesimo Quingentesimo Vigesimo Quarto »; outra dedicatoria, em disticos latinos, *Ad lectorem*; o *Argumentum Libri*; e a effigie do pontifice aberta em madeira com o dizer: *Super Aspidem et basiliscum ambulabis.* »

São tres as *Narrações*. No fim da 2.ª lê-se: « Explicit secunda Ferdinandi Cortesii Narratio per Doctorem Petrum

Sauorgnanum... ex Hyspano Idiomate in latinum Conuersa. Impressa in Celebri Ciuitate Norimberga. Cōuentui Imperiali presidente Serenissimo Ferdinando Hispaniarū Infāte, & Archiduce Austriæ... Anno. Dñi. M. D. XXIIII: Quart. No. Mar. Per Fridericum Peypus. » Embaixo d'uma vinheta contendo as lettras *F.* e *P.* a palavra *Arthimesius.*

Segue-se a 3.ª parte com o retrato xylographado do imperador Carlos V e o titulo:

« Tertia Ferdinādi Cortesii... p̄clara Narratio. In qua Celebris Ciuitatis Temixtitan expugnatio, aliarūqz Prouintiarū, que defecerant recuperatio continetur... Per Doctorē Petrum Sauorgnanū... in Christo patris dñi Io. de Reuelles Episcopi Viēnensis Secretarium Ex Hyspano ydiomate In Latinum Versa. »

Este tit. está contido dentro de uma tarja aberta em madeira, no alto da qual e por cima o retrato do imperador, circulado por uma inscripção allemã em caract. goth.

In-fol., caract. rom., os tit. dos cap. em goth., lettras iniciaes figuradas, com XII-XLIX-LI ff. num. pela frente e 1 inn. no fim da *Erratvla.*

De todos os tratados de bibliographia que a Bibl. Nac. possue só Panzer, *Annales Typographici*, VII, pag. 466, n. 182, faz menção d'esta obra, dando porem, por equivoco, a data *1520* para a dedicatoria do autor ao papa Clemente *oitavo*, quando vem claramente expressa a de *1524* a Clemente *septimo.*

A edição é rara, e valiosa para o estudo da xylographia naquellas remotas éras.

O exemplar exposto pertenceu á Bibliotheca Real.

LIPSIA: LEIPZIG.

(Lipsia).

N.º 9. — Ad Pavlvm III. Pont. Max. Congratvlatio Iohannis Cochlei Germani, super eius electione, recens facta, nuperq̄z promulgata. M. D. XXXV. *In fine: Lipsiæ, excudebat Michaël Blum*, 1535. In-4.º de 13 ff. inn., comprehendido o tit., 1 fl. em branco.

O titulo vem dentro de uma tarja gravada em madeira. Citado por Panzer, vol. VII., pag. 230, n.º 902.

A imprensa foi introduzida nesta cidade no fim do XV seculo. O primeiro livro ahi impresso com data é o *Joannis Annii Viterbiensis Glosa sup. Apocalipsim d statu ecclie.... Lipczk,* 1481, in-4.° de 48 ff., opusculo rarissimo, executado com os caracteres de Marco Brandis, segundo a opinião de Deschamps. Em 1484 appareceu um tratado philosophico do Arcebispo de Praga com o nome d'este impressor: — *Sig. Albicus, de regimine hominis.... impressum in Lipczk per Marcum Brand,* in-4.°

Conrado Kacheloven, que segundo Panzer é o mesmo Conradus Gallicus, editou muitas obras de 1485 a 1516, e parece ter sido o segundo impressor d'esta cidade; a elle seguiram-se Mauricio Brandis ou Brandt, Jacob Thanner, Melchior Lotter ou Lotther, impressor de *Donats,* talvez mais antigos do que se pensa, mas que não trazem data; e muitos outros.

No seculo XVI a imprensa d'esta cidade attingiu a grande desenvolvimento, e sua importancia tem-se conservado até a epoca actual.

Convem ainda citar: J. D. Emmanuel Breitkopf (1719-1794), o inventor da impressão musical em typos moveis, que se occupou durante toda a vida com a gravura dos caracteres; Tauchnitz, celebre pelas edições dos classicos gregos e latinos; e, modernamente, Teubner, Brockhaus, R. Weigel, nomes que, na phrase de Deschamps, são a honra da typographia, não só de Leipzig, mas da Allemanha inteira.

Leipzig é hoje, como todos sabem, um dos mais opulentos emporios do commercio de livros.

O incunabulo exposto sob o n.° 9 é um specimen interessante da arte typographica no XVI seculo. Costuma andar juntamente com outros opusculos, impressos em annos e lugares diversos.

N.° 10. — Os Luziadas de Luiz de Camões Edição critica-commemorativa do terceiro centenario da morte do grande poeta Publicada no Porto por Emilio Biel *Typographia Giesecke & Devrient estabelecimento graphico Leipzig.* MDCCCLXXX. In-fol. gr.

Precede o titulo o retrato de Luiz de Camões, em busto a tres quartos para a esquerda, dentro de um oval, com

muitos ornatos e figuras allegoricas, gravado a buril por Pichel, Neuman, segundo desenho de Burger.

Depois do titulo: Dedicatoria a S. M. o Sr. D. Pedro 2.° assignada pelo editor Emilio Biel; Retrato do Imperador, em busto, a tres quartos para a esquerda, dentro de um oval, ornado com figuras allegoricas, gravado a buril por Anonymo, trazendo porem na margem inferior o endereço — *Imp. Giesecke & Devrient.* — Na fl. seguinte: « Attestado Nós abaixo assignados, editor e typographos, certificamos que se imprimiram tão sómente cem copias em papel especial da edição d'esta obra, dos quaes este exemplar é o n.° 2, propriedade da Bibliotheca Publica do Rio de Janeiro. Leipzig aos 3 de Junho de 1880 (*assignados*) Giesecke & Devrient impressores Porto aos 10 de Junho de 1880 (*assignado*) Emilio Biel editor. »

A edição é enriquecida com um estudo sobre a vida e obras do Poeta por José da Silva Mendes Leal, e baseada sobre a segunda edição de 1572, emendada pela de 1834, de Hamburgo, revista e retocada por José Gomes Monteiro.

Na *Bibliographia Camoniana* do Sr. Theophilo Braga vem transcripta uma nota que, por nossa vez, reproduzimos aqui:

« Doze exemplares numerados, impressão em pergaminho, gravuras em papel da China *(épreuves de marque.)* Cem exemplares igualmente numerados, com os nomes dos assignantes; edição especial de primeira tiragem, gravuras em papel da China, impressas antes de aberto o titulo *(avant la lettre.)* O numero de exemplares é garantido sob a immediata responsabilidade do impressor da edição. E para que no todo da parte material haja rigorosa uniformidade e harmonia, encarregados das illustrações os abalisados artistas abaixo mencionados, o editor não podia deixar de confiar a impressão da obra á casa Giesecke & Devrient, a qual, por edições primorosas, tem conquistado um lugar distincto entre as officinas mais notaveis nas artes graphicas. Alem das treze gravuras em aço, originaes dos distinctos professores das academias de Berlim, Munich, &., os Srs. Begas, Burger, Kostka e Liezen-Mayer e dos abalisados gravadores Neisser, Wagenmann, Lindner, Goldberg, Deininger, Schultheiss, Martin, &. A obra contém o frontispicio gravado em aço, dez paginas, titulo, uma para cada canto, em chromo-gravura, originaes do professor o Sr. Dr. Gnauth. A primeira lettra de cada canto expressamente gravada em ornamentação allusiva ao assumpto, desenhos do professor o Sr. L. Burger e gravadas pelos artistas os Srs. Krey, Kaeseberg & Oertel, e para os assignantes, onze photo-gravuras no tamanho original, copias das gravuras

da edição do *Morgado de Matheus*, executadas pela casa Fritz no Porto. A publicação é toda subordinada a um estylo rigorosamente uniforme. »

Esta edição dos Lusiadas do Sr. Emilio Biel é, incontestavelmente, uma das mais bellas homenagens prestadas pela geração actual ao grande epico portuguez, no terceiro centenario da sua morte.

N.° 11. — Deutsche Litteraturgeschichte von Robert Koenig.... Fünfzehnte, mit der zwölften bis vierzehnten übereinstimmende Auflage. *Bielefeld und Leipzig, Verlag von Velhagen & Klasing (Druck von Fischer & Wittig in Leipzig)*, 1883, in-8.° de 1 fl. inn.,– VIII.–840 pp. num., com 43 peças separadas color. e 254 gr. intercal. no texto, caract. goth.

A primeira edição deve ser de 1878, como se deduz da data da dedicatoria, que vem reproduzida neste exemplar.

Na 15ª edição, que acabamos de descrever, a dissertação segue a ordem chronologica, sendo dividida em tres grandes periodos que comprehendem o estudo da poesia no alto-allemão antigo, medio e moderno.

O texto é nitidamente impresso, geralmente no typo allemão moderno, e traz illustrações magnificas de toda a especie, como sejam: fac-similes de manuscriptos e frontispicios de diversas obras, retratos de escriptores em diversas epocas da vida, reproducções de desenhos e de illustrações que adornam outras obras, &, &.

Entre os frontispicios reproduzidos citaremos o do *Novo Testamento* de Martim Luthero, ed. de *Augsburg, Hans Schönsperger*, 1523, in-fol.; entre os retratos são dignos de nota os de Gœthe e os de Schiller; Gœthe ahi vem representado nada menos de cinco vezes: aos 28 annos, aos 30, aos 70, aos 83, e ainda depois de morto.

As peças em separado são lithographadas e quasi todas coloridas; as intercaladas no texto são gravadas em madeira; umas e outras feitas com grande esmero e perfeição.

A encadernação do volume é de panno com ferros especiaes.

O exemplar exposto foi comprado pelo Dr. João de Saldanha da Gama, actual Bibliothecario.

BERLIM: BERLIN.

(Berolinum).

N.° 12. — Œuvres de Frédéric le Grand. *Berlin, Imprimerie Royale, R. Decker,* 1846–57, 30 toms. de texto em 32 vols. in-4.° gr.; 1 vol. in-4.° gr. de *Table générale,* e 1 in-fol. de atlas.

Ao todo 34 vols.

Esta magnifica edição, dividida em cinco partes, consta do seguinte:

— *Œuvres historiques,* toms. I–VII, 1846–47.
— *Œuvres philosophiques,* toms. VIII–IX, 1848.
— *Œuvres poétiques,* toms. X–XV, 1849–50.
— *Correspondance,* toms. XVI–XXVII, 1850–56.
— *Œuvres militaires,* toms. XXVIII–XXX, 1856.
— *Plans relatifs aux œuvres militaires de Frédéric le Grand réimprimés sur les planches originales,* 1856, in-fol.
— *Table chronologique générale des ouvrages de Frédéric le Grand et catalogue raisonné des écrits qui lui sont attribués,* 1857.

A 1.ª edição das obras de Frederico II da Prussia foi impressa em *Liège,* em 1790, com a rubrica *Amsterdam,* e comprehende 24 vols. in-8.°, assim distribuidos: — *Œuvres primitives,* 4 vols.; — *Œuvres posthumes,* 19 vols.; — *Vie de Frédéric par Denina,* 1 vol. Segundo Graesse, a edição de *Potsdam,* 1805, tambem em 24 vols., é esta mesma com o frontispicio mudado.

Esta 1.ª edição, segundo Preuss, é extremamente incorrecta no texto e seu plano falto de logica; além d'isso, muitas composições do autor não figuram na collecção.

Attendendo a estes defeitos, o rei da Prussia Frederico Guilherme IV encarregou a Academia Real das Sciencias da publicação das obras completas e authenticas do seu illustre antepassado e poz á sua disposição todos os fundos necessarios. A commissão da Academia, tendo recolhido os autographos, que se achavam dispersos, e procedido a uma cuidadosa revisão, desempenhou-se da incumbencia dando a lume esta 2.ª edição, cujo 1.º volume se acha exposto sob o n.º 12.

Houve d'esta duas tiragens: uma in-8.º, e outra de 200 exemplares in-4.º gr., em papel velino, ornada de vinhetas e enriquecida de retratos gravados por entalho doce. O nosso exemplar pertence a esta tiragem especial, que no conceito do Snr. Dr. Ramiz Galvão (*Relatorio sobre as artes graphicas, Rio de Janeiro*, 1871), é indubitavelmente em materia de typographia um dos trabalhos mais perfeitos que a imprensa allemã tem produzido. O papel é excellente, o typo de uma elegancia extrema, e a *tiragem* feita com grande cuidado e por toda a parte igual.

A encadernação, em chagrin com ferros especiaes, é rica, trazendo na face anterior as armas da casa real da Prussia, e na posterior o monogramma de Frederico Guilherme IV, encimado com a corôa real.

No primeiro vol. vê-se o retrato de Frederico II, primorosamente gravado por entalho doce, e no fim do oitavo occorre o fac-simile do *avant-propos* de um dos seus escriptos philosophicos, intitulado: *L'Antimachiavel.*

A cidade de Berlim foi fundada em 1163 pelo margrav Alberto de Brandeburgo; conhecida a principio pelo nome de *Cöln an der Spree*, em 1657 mudou-o para o de *Friedrichswerder*, derivado do nome do eleitor Frederico-Guilherme; mais tarde, em 1688, passou a ser chamada *Friedrichsstadt* em honra de Frederico I, e finalmente *Berlin*. Segundo Cotton, sua imprensa data de 1539, sendo o primeiro livro impresso uma obra de Jorge Wicelius; Deschamps, porem, observa que grande numero de obras d'este theologo catholico foram impressas de 1564–1577, e que isso parece indicar que não se deve referir a uma data tão antiga a impressão dos seus tratados dogmaticos e polemicos.

Em 1540 appareceu a seguinte obra: *Kirchen Ordnung in Churfurstenthum der Marcken zu Brandemburg, wie man sich beide mit der Leer und Ceremonien halten sol. Berlin, Johan Weis*, 1540, 3 partes em 1 vol. in-4.º peq., com musica. Rara. No Privilegio, datado de *Cöln an der Spree Dinstag nach Jubilate*, 1540, dá-se a *Hans Weiss unser Buch-*

drucker o direito de imprimir e vender livros na cidade de Berlim. Neste mesmo seculo ahi existiram varios livreiros que imprimiram grande numero de obras. Sobre estas vide Vogt e os catalogos de Heinsius e dos Elzevires.

Nesta cidade existiu tambem uma officina, fundada em um convento de franciscanos, cujos productos trazem ora esta declaração: *In Graven Kloster;* ora est'outra: *In monasterio Leucophæo.*

ROMA.

N.° 13. — Rodericus (Sancius de Arevalo), Episcopus Zamorensis. Speculum vitæ humanæ, cum epistola ad Paulum II, in qua auctoris hujus libri vita et ejusque studia recoluntur.

Titulo facticio, dado, com pequenas modificações, por Maittaire, I, pag. 280; *Panzer, II, pag. 408, n.° 8. ; Hain, II, p. II, n.° 13939 ; Dibdin, III, n.° 763 ; Ebert, II, n.° 19224; Brunet, sub nomine Rodericus ; Graesse, idem ;* e outros.

Sem fl. de rosto. In-4.°, não obstante lhe darem os bibliographos o formato de fol. peq.; de 150 ff. sem numeração, com 33 linhas cada pagina, as duas lettras iniciaes illuminadas e as capitaes e os titulos dos capitulos coloridos de azul e vermelho. A impressão, de nitidez admiravel, é feita em papel de linho consistente e forte.

Edição princeps, provavelmente, como pondera Dibdin, *l. cit.*, um dos tres primeiros livros impressos em Roma, em cujo numero colloca as *Epistolas* de Cicero de 1467 e o *Lactantius*, de 1468.

A obra compõe-se de duas partes, das quaes a 1.ª, dividida em XLIII capitulos, trata da vida civil e a 2.ª, em XXX, occupa-se da vida espiritual. Começa pela dedicatoria do autor a Paulo II: « (S) Anctissimo ac clemẽtissimo in christo patri domino... » A dedicatoria, o « Prefatio utilis in qua auctoris huius libri vita... » e a « tabula capitulorum eius », occupam as 9 primeiras ff. e o r. da 10.ª No v. d'esta começa propriamente a obra: « Incipit capitulũ primũ primi libri : uidelicet de primo & sublimiori statu temporali... » Em cada uma d'essas

partes têem os capitulos a sua numeração privativa, e a 2.ª novo prefacio.

Todos os bibliographos citados e De Bure, vol. I do *Suplement* e pag. 196 do vol. de *Jurisprudence*; e o catalogo da *Bibliotheca Borbonica*, tom. III, descrevem uma ed. da obra do bispo de Zamora, identica á exposta, feita em Roma em 1468 pelos afamados typogr. Conrado Sweynheym e Arnoldo Pannartz, importadores da maravilhosa arte áquella cidade. Infelizmente, falta no nosso exemplar a fl. final, na qual se devem ler os versos citados por todos aquelles bibliogr. e que começam: « Edidit hoc lingue clarissima norma latine », seguidos dos em que se declaram os nomes dos impressores e o lugar e data da impressão:

> « Hoc Conradus opus suueynheym ordine miro
> Arnoldusqz simul pannarts una ede colendi
> Gente theotonica: roma expediere sodales.
> In domo Petri de Maximo. M. CCCC. LXVIII. »

Ha toda a probabilidade, sinão certeza, que o nosso exemplar pertença a esta edição descripta pelos bibliographos.

Diz da presente edição o autor do catalogo da *Bibl. Borbonica :*

« Editio princeps, et rarissima; splendidissima etiam, ita ut nulla in eadem desideretur elegantia. Typi Romani majusculi nitidi, et conspicui in lineas 33. tributi, satis latum marginibus... Initiales adjectae sunt ab Illuminatore, nam spatia tantum illis Typographus destinaverat, e primam voluminis paginam insignem reddidit colore rubro, et coeruleo, et auro. » E accrescenta que no *Catalogus Bibl. Tillerianæ*, pag. 356, se dá esta edição como feita no anno de 1467.

O exemplar descripto por De Bure, *Bibliographie instructive*, vol. de *Jurisprudence*, começa exactamente como o nosso pelas 4 ff. da taboa alphabetica das materias. A sua extrema raridade é tambem attestada por elle.

Do autor e d'esta e das outras suas obras se occupa com individuação Nicolau Antonio na sua *Bibliotheca Hispana vetus*, t. II.

Conrado Sweynheym e Arnoldo Pannartz, naturaes da Allemanha, foram os primeiros impressores que vieram estabelecer-se em Subiaco, celebre mosteiro situado nas proximidades de Roma. Quasi ao mesmo tempo, um francez, de nome Ulrico Hahn, veiu directamente tentar fortuna em Roma e ahi obteve a protecção do celebre Cardeal Torquemada; contrariado,

porem, em suas primeiras tentativas, não poude disputar a prioridade aos seus rivaes, que o excederam na rapidez da execução dos primeiros trabalhos que emprehenderam. O caso passou-se do seguinte modo:

Com a noticia do lisongeiro acolhimento que tiveram estes tres artistas, os impressores de Subiaco deram-se pressa em vir para a cidade, onde foram igualmente mui bem acolhidos e festejados.

No anno de 1467 estes impressores, que pouco trabalho tiveram no transporte do seu material, publicaram o volume *M. Tvllii Ciceronis Epistolarum ad Familiares Libri XVI.* In-4.° de 246 ff., sem *reclamos* nem registro.

Este é o primeiro trabalho dos proto-typographos de Roma, que vieram revelar á *cidade eterna* os mysterios da maravilhosa arte de imprimir.

Sweynheym e Pannartz, que já não eram ricos, exhauriram, com a publicação das Cartas de Cicero e com as despezas do estabelecimento de sua residencia em Roma, todos os seus recursos e cahiram em extrema pobreza. Comtudo, o impulso que haviam dado ás lettras era enorme, e, ajudados de outros companheiros, ainda imprimiram um grande numero de volumes. Alquebrado pelas fadigas e pelas privações, Sweynheym abandonou a imprensa e dedicou-se exclusivamente á gravura, em que era perito, vindo a fallecer em 1478.

Pannartz continuou sempre a trabalhar como typographo, e veiu a fallecer pelos fins de 1486.

Ulrico Hahn estréa com uma obra mystica de Torquemada: *Meditationes*, 1467, in-fol.

Illustraram-se ainda como impressores d'esta cidade: em 1470, o allemão George Lover; em 1472 Leornardo Pflug; em 1474 George Laschel de Reichenhal. Seguem-se Estevão Planck, Martim de Amsterdão, Eucharias Franck ou Silber, a quem se deve o primeiro livro impresso em caracteres ethiopes, em 1513, &.

Eis, em poucas palavras, ou em extracto o que encontramos de mais notavel nos modernos escriptores acêrca da historia da imprensa em Roma no XV e principio do XVI seculo. Os melhoramentos que a arte tem ahi adquirido, de então para cá, são consideraveis, e o seu estado actual póde ser apreciado nos exemplares que expomos sob os n.os 18 e 19.

O de n.° 13, agora descripto e convenientemente restaurado, pertenceu á Real Bibliotheca, tendo feito parte da livraria denominada do *Infantado*.

N.º 14. — Roderici Sancii (de Arevalo). Incipit compendiosa historia hispanica.

Sem fl. de rosto nem data. In-4.º gr. de 185 ff., incluidas 13 finaes, contendo a *tabula materiarum;* em caracteres romanos, sem registro, nem numeração. O n.º de ff. do nosso exemplar confere com o dado pela *Bibl. Grenvill.*, citada por Graesse, e com o dado por Dibdin quanto ás da *tabula:* não são pois 185 ff. com 16 de *tabula*, como diz Brunet e repete Graesse.

A 1.ª fl., illuminada a ouro e a côres, bem como a lettra inicial, contêm o summario impresso em vermelho, do qual Brunet e outros extrahiram o titulo; contêm mais uma dedicatoria a Henrique IV de Castella, que vai da 1.ª fl. á metade do r. da 3.ª O resto d'esta e todo o seu v. é preenchido pelo indice dos capitulos da 1.ª parte.

A obra está dividida em 4 partes, das quaes a 1.ª conta XVII capitulos; a 2.ª, com prologo especial, não tem divisão de capitulos; a 3.ª, com um *Prephatio* (sic) *&* *introductio* e indice de capitulos, contêm XL capitulos, e a 4.ª, tambem com o seu indice e *Prologus in Quarta parte*, XXXX capitulos. No fim d'este, fl. 172 v.: « De mandato. R. P. D. Roderici Episcopi Palentini auctoris huius libri. Ego Vdalricus Gallus sine calamo aut pennis eundem librum impressi. » O v. d'esta fl. está em branco. As iniciaes dos cap. são coloridas de vermelho umas, de azul outras.

Pelo colophão acima reproduzido se verifica que a obra sahiu das mãos do famoso impressor de Roma Udalrichus Gall ou Ulric Hahn, chegado áquella cidade em 1467, provindo de Vienna d'Austria. Quanto á data da impressão, no fim do texto do nosso exemplar, em seguida ao colophão, lê-se a seguinte nota msc., de lettra antiga:

« Liber iste Romæ impressus per Vdalricum gallum anno 1470. Ita sentit Michael Maittaire, Annal. Typograph. tom. 1.º pag. 292., ubi v.ª »

Recorrendo-se porem ao autor e lugar citados, apenas se depara com o seguinte:

« Roderici Santii compendiosa Historia Hispanica: *per Udalric. Gall.* 4.º Romæ... *(sic)* »

Ebert dá *cêrca do anno de 1470* para a sua impressão.

Tambem Graesse a diz impressa em 1469-70, *segundo Maittaire*, ou em 1470, segundo o *Cat. bibl. Harlei*, II, pag. 489.

Audifredi no seu *Catalogus historico-criticus* das edições romanas, diz a este respeito á pag. 44:

« In rarissimae hujus editionis exemplo infra indicando, praeeunt *tredecim folia* indicis, seu *Tabulae*... postquam, interjecto folio albo, sequitur prologus Auctoris... » E quanto á data, accrescenta:

« Subscriptio ad calcem opposita non plane demonstrat, uti existimat P. L. *(Pater Lœrius)*, opus ante exitum anni 1470. (quo Auctor obiit) excusum fuisse » e, continuando a sua argumentação, inclina-se a preferir para a impressão da obra do então bispo de Placencia o anno de 1469, firmado no que diz o autor, *quod vide*, no fim do ultimo capitulo da parte IV da sua *Historia*.

Panzer diz a este proposito:

« Sine nota anni, verisimiler tamen circa annum 1470. »

Hain, vol. II, p. II, n.º 13955, diz tambem:

« Praeced. 13 ff. tabb. hoc præfixo tit.: Incipit tabula materiarum et rererum (*sic*)... » Depois de o declarar sem data, dá-lhe comtudo a de *cêrca de 1470*.

O exemplar exposto pertenceu ao Dr. Nicolau Francisco Xavier da Silva, de quem parece ser a nota msc. citada.

N.º 15. — Enee Siluii Piccolominei Qui et Pius Secũdus fuit Epistole in Cardinalatu edite. Lege feliciter.

Sem fl. de rosto. *In-4.º* de 75 ff., com 38 linhas cada pag., caracteres rom., sem numeração nem registro, lettras capitaes illuminadas a ouro e as iniciaes coloridas de vermelho e azul. Impresso em papel forte de linho, com amplas margens de ambos os lados, apresentando todos os caracteres das impressões de Roma expostas sob os n.os 13 e 14.

In fine: « Presens Liber Epistolarum familiarium Enee Siluii Piccolominei qui et pius secundus fuit: in Cardinalatu editarum impressus est Rome per Magistꝝ Iohannem Schurener de Bopardia. Anno Iubilei et a Natiuitate dñi. MCCCCLXXV. Die. XIIII. Mensis Iulii. Sedente Clemẽtissimo Sixto Papa Quarto Anno eius felici Quarto. »

Contém 159 cartas, das quaes a 1.ª datada *Ex Vrbe. XXII. Decēbris.* MCCCCLVI, dirigida ao Imperador Frederico Augusto, e a ultima, escripta *Ex Roma. IX. Marcii.* MCCCCLVIII, ao cardeal Ursino.

Descrevendo-a dá Brunet á obra 76 ff. e o mez de Junho para a sua impressão, o que não é exacto. Panzer, II, pag. 453, n.º 178, dá-lhe inadvertidamente o formato de *folio pequeno.* O mesmo formato lhe attribue Maittaire, *Annales*, I, pag. 353, que entretanto apenas a menciona; provavelmente nenhum d'elles viu a obra.

Dibdin, *Bibl. Spencer.*, III, n.º 602, a dá como edição *princeps* e a classifica tambem de *folio.* De Bure entretanto, na sua *Bibl. instructive, Belles-lettres*, n.º 4134 e seguintes, descreve uma edição das Cartas familiares, de *Coloniæ, per Joannem Koelhoff de Lubeck*, do anno de 1458, *in-fol.*

« Edição rarissima, ajunta elle, e que deu causa a muitas contestações na Republica das Lettras, motivadas pela indicação do anno da impressão, designado na subscripção do fim do vol. como sendo de 1458. Está hoje reconhecido que a indicação é falsa e que ha erro na subscripção que a designa; não se determinou porem ainda em que anno foi ella feita, baseando-se todos em conjecturas; comtudo, embora os juizos dos sabios estejam divididos a este respeito, parecem inclinados a dar-lhe a data de 1468. Existem em Paris dous exemplares, &. »

Em um d'esses exemplares ha uma nota msc. muito antiga, refere De Bure, que serve para demonstrar que o autor desapprovou uma parte dos seus escriptos quando foi elevado a posto mais eminente e que mudou de modo de pensar, e transcreve essa nota.

Cita ainda De Bure a seguinte ed., que é tambem anterior á exposta:

« Ejusdem Æneæ Sylvii Epistolæ. *Mediolani, Zarotus, 1473, in-fol.* »

Depois d'estas descreve a nossa, da qual diz: « Edição muito estimada, posto que só contenha a parte das Cartas escriptas pelo autor quando Cardeal. Essa parte foi depois reimpressa em Paris em 1476 e é tambem procurada. »

Assim, ainda que não seja, como o acreditou Dibdin, da 1.ª edição o exemplar exposto, que pertenceu á Real Bibliotheca, tem bastante valor para merecer este logar de honra.

N.° 16. — Nicolai Perotti Rudimenta Grammatices.

In-fol. de 102 ff. não num., comprehendida a de prefacio; sem fl. de rosto. Com as lettras capitaes coloridas de vermelho e á mão.

No fim: « Regule grammaticales Reuerendissimi patris & domini. domini Nicolai Perotti Archiepiscopi Sypontini viri doctissimi atqz eloquentissimi absolute sunt feliciter. Rome quoqz impresse per me Vuendellinũ de Vuilla in artib9 magistrũ. duodecimo Kalendas Octobrias. Anno salutis Millesimoquadringentesimoseptuagesimoquinto. »

No v. da 1.ª fl. vem o *Prefatio in Regvlas Grammaticales*, e o livro começa na seguinte fl.:

« Nicolai Perotti ad Pirrvm Perottvm nepotem ex fratre svavissimvm Rvdimenta Grammatices incipivnt. »

Descripta pelos autores de bibliographia ora sob o titulo de *Regulæ*, ora sob o de *Rudimenta*. Fazem menção da obra Hain no seu *Repertorium* vol. II, p. II, n.º 12647; Panzer nos seus *Annales Typographici*, II, pag. 461, n.º 222; Dibdin no seu *Supplement to the Bibliotheca Spenceriana* pag. 223, n.º 1206, que a qualifica do modo seguinte: « This is a rare and estimable impression »; e Brunet, que no seu *Manuel du libraire*, IV, col. 504, diz:

« Neste mesmo anno de 1475 appareceram duas outras edições da obra de Perotti: uma, *In studio Patavino, per Albertum de Stendalia... die xvii mensis Iunii, in-fol.*; a outra, *Venetiis, per Gabrielem Petri de Tarvisio, in-fol.* peq. No anno de 1476 fizeram-se não menos de seis edições da Grammatica de Perotti, &. »

De Bure, *Bibliographie Instructive*, Belles-lettres, I, n.º 2261, que mais detidamente a descreve, accrescenta:

« Todas as edições d'este livro são assaz procuradas pelos curiosos e têem algum merito quando a sua data não passa do anno de 1480. »

Ebert no seu *Lexicon*, vol. II, n.ºs 16201-9, mencionando as edições de *Romæ, Cr. Sweynheym et Arn. Pannartz*, de 1473; *Arn. Pannartz, ibi*, 1474; *J. Ph. de Lignamine, ibi*, 1475, cita igualmente uma edição de *Napoles, Mthi. Moravus, cêrca de 1475*.

O impressor d'esta edição é um dos mais antigos de Roma.

Anda juntamente no mesmo volume: « *Laudivivs... De Vita Beati Hieronymi... edite* (1473) *in alma urbe neapole.* »

O nosso exemplar proveiu da Real Bibliotheca.

N.° 17. — De Varia Constructione Thesaurus: p Ant. Mancinellum Veliternum. In-4.° de 38 ff. inn., sem fl. de rosto.

No v. da 1.ª fl. a dedicatoria datada de *Rome Nonis Sextilibus Anno Christi Mccccxc.*

In-fine: « Impressum est opus in Vrbe summa diligentia per magistrum Stephanum Plannck... Anno Christi. M.ccccxc. »

Panzer e Hain não descrevem esta obra.

Antonio Mancinelli, philologo italiano, nascido em Velletri em 1452 e fallecido em Roma cêrca de 1506, diz Larousse no seu *Grand Dictionnaire* que ensinára as lettras antigas em differentes cidades da Italia.

As obras de Mancinelli grangearam-lhe uma extensa reputação; hoje estão esquecidas. Vide *Biographie Universelle*, tomo XXVI.

Expomos o incunabulo sob o n.° 17, menos pela sua raridade, do que por ser um producto sahido das officinas de Estevão Planck, um dos mais distinctos typographos, dos que floresceram em Roma no XV seculo.

O nosso exemplar pertenceu á Real Bibliotheca.

N.° 18. — Lyrica — Sonetos e Rimas de Luiz Guimarães J.r *Roma, Typographia Elzeviriana, MDCCCLXXX. In-12.°*, de 246 pp.

Elegante e nitida impressão em caracteres elzevirianos modernos, similhantes em muitos pontos ao primitivo typo dos afamados impressores que lhe deram o nome, o presente volume é impresso a duas côres, vermelho e preto, contendo vinhetas, cabeções de pagina e *culs de lampe* de variadas fórmas e lettras capitaes ornadas e igualmente coloridas, estas e uma das vinhetas de côr de rosa, assim como a lettra inicial, e duas vinhetas de verde esmaecido.

Divide-se o livro, dedicado á esposa do poeta, em tres

partes : a *primeira*, sem titulo especial, composta na mór parte de sonetos : a *segunda*, tendo por titulo *Os poetas mortos*, contendo sonetos em variado metro dedicados á memoria de Gonçalves Dias, Cazimiro de Abreu, Junqueira Freire, Alvares de Azevedo, Castro Alves, Varella, Agrario de Menezes, Franco de Sá, Laurindo Rabello, Bruno Seabra, Aureliano Lessa, José de Alencar e Porto Alegre : e a *terceira*, contendo composições poeticas de differentes medidas e assumptos.

Encerra o volume 150 trechos de poesia admiraveis pela belleza irreprehensivel da fórma e delicadeza da idéa e que hão de permanecer eternamente na litteratura não só patria, mas das duas nações que fallam a mesma lingua, como um modelo no genero, isto é, uma das mais puras e suaves manifestações do lyrismo moderno, brotado, felizmente para o orgulho nacional, na terra de Gonçalves Dias, que parecia entretanto ter levado comsigo, para o seio da morte, o segredo da melodia, alma da poesia lyrica.

Nas poesias que, em bôa hora, consagrou á memoria dos illustres mortos seus predecessores e contemporaneos, teve o lyrico fluminense a gentileza de dar por epigraphes e por fechos das respectivas peças versos dos proprios poetas commemorados, applicando-os a cada um d'elles com a mais encantadora originalidade.

O Snr. Dr. Luiz Caetano Pereira Guimarães Junior nasceu nesta cidade do Rio de Janeiro a 17 de Fevereiro de 1845. Recebeu o grau de bacharel em sciencias sociaes e juridicas da Faculdade do Recife no anno de 1869, havendo começado o curso em S. Paulo. Entrou em 1872 para o corpo diplomatico como addido á Legação brazileira no Chile, tendo anteriormente sido nomeado para a Bolivia, onde não chegou a ir. Em 1873 foi transferido no mesmo caracter para a Legação Imperial em Londres. D'ahi passou-se para a Italia, onde permaneceu 5 annos, como addido á Embaixada do Brazil junto á Santa Sé, servindo sob as ordens do eminente poeta, chefe da escola romantica nacional, Domingos de Magalhães, Visconde de Araguaya. A este proposito repetiremos com um dos seus criticos : « Sem offensa á seriedade do officio, podemos dizer, e com desvanecimento, que fomos representados no Capitolio pelo Parnaso. » Promovido em 1878 á Secretario de Legação para Lisboa, onde serve actualmente de Encarregado de Negocios, serviu ao mesmo tempo de delegado do Imperio no Congresso Postal Internacional, reunido naquella cidade.

« Carreira rapida e honrosa, que o levou, aos quarenta annos, a um dos postos de primeira ordem da Diplomacia

brazileira, a Secretario da legação imperial em Lisboa *(G. Lobato).* »

Do Chile nos mandára o poeta por meiado do anno de 1873 um punhado de estrophes peregrinas que se publicaram aqui na *Republica* ou na *Reforma* ou em ambas. Não sabemos porque as engeitou elle, pois não as vemos nas collecções com que brindou depois as lettras patrias.

Na sua residencia em Santiago publicou na *Revista Sud-America* d'aquella capital noticias biographicas dos Srs. Joaquim Serra, Machado de Assis e D. Narcisa Amalia, a inspirada poetisa das *Nebulosas*. A sua pena pois tem sido infatigavel. Coração generoso, aberto a todos os sentimentos bons, alma inaccessivel á inveja, tem sempre tido uma palavra de applauso para o merecimento alheio. Por isso o seu proprio merecimento tem sido applaudido dos seus e de extranhos.

Em Lisboa, onde desempenha actualmente o nosso illustre compatriota aquelle importante cargo, é elle o foco de todas as attenções dos homens de lettras e jornalistas do paiz, que lhe apreciam devidamente o merito litterario e os dotes do coração. Ali passou elle pela dolorosissima provação de perder a esposa que idolatrava e que lhe enchia de doçura o lar tranquillo.

Muitas revistas portuguezas se têem occupado com o notavel diplomata e poeta, dando traços da sua biographia, juizos das suas obras e o seu retrato. Ultimamente ainda o distincto escriptor portuguez Gervasio Lobato consagrou-lhe bellissimo artigo no *Occidente* n.° 224.

Referindo-se a essa publicação, diz *O Paiz* de 6 e 7 de Abril do corrente anno:

« Sentimos verdadeiro prazer vendo o modo por que é considerado em Portugal o distincto brazileiro, que ali occupa o lugar de secretario da nossa legação.

« Se o diplomata é acolhido com todas as provas de apreço, o litterato é constantemente victoriado pelos seus confrades nas lettras, e mais de uma revista portugueza tem-se occupado de Luiz Guimarães estudando suas obras e trasladando paginas dos livros e manuscriptos do primoroso poeta e prosador. »

Depois de apreciar-lhe a carreira como diplomata e apontar os dados principaes da sua biographia, diz o escriptor do *Occidente* :

« Emquanto ao poeta a sua vida é tão cheia de glorias, cada um dos seus passos litterarios accentuou-se na litteratura

brazileira por uma obra prima de tal valor, que nesta rapida noticia biographica escripta a correr, com pouco tempo e menos espaço ainda, apenas podemos citar essas obras que marcam a sua ascensão ao logar eminente que hoje occupa nas letras brazileiras. »

É o que por nossa vez faremos.

O Sñr. L. Guimarães fez as suas primeiras armas como folhetinista no *Diario do Rio de Janeiro*, para o qual escreveu durante tres annos chronicas hebdomadarias, que logo attrahiram para o seu nome a attenção publica.

Alem do *Diario do Rio de Janeiro* collaborou o Sñr. Guimarães Junior em outros jornaes, designadamente no *Correio Paulistano* e *Imprensa Academica* de S. Paulo, assignando as elegantes chronicas que lhes consagrou com os pseudonymos *Victor Murillo* e *Luciano de Athayde*. Lembra-se todo o Rio de Janeiro ainda da serie de folhetins, scintillantes no estylo e conceituosos no variado assumpto, que sob o titulo de *Cartas romanas*, assignadas *Oscar d'Alva*, publicou a *Gazeta de Noticias*.

Publicou em avulso, por ordem chronologica: Uma scena contemporanea, comedia; Historias para gente alegre, *Rio de Janeiro*, 1870, 2 vols.; — Carlos Gomes, perfil biographico *ibi, 1870*; — Corymbos, poesias, *ibi, 1870*, primicias do seu talento poetico e ás quaes chamou um critico contemporaneo *Rime d'amore dolce e leggiadre*; — Galeria brazileira: Pedro Americo, *ibi, 1871*; Filagranas, *ibi, Garnier*, 1872; Curvas e Zig-zags, *ibi, id., 1872*; Nocturnos, *ibi, 1872*; Contos sem pretenção, *ibi, Garnier (1872)*; e, finalmente, o seu magnifico volume *Sonetos e Rimas*, que a Bibliotheca Nacional expõe, publicado, como se vê, em Roma 1880, e cuja edição de 1500 exemplares se exgotou rapidamente.

Mencionaremos ainda *O lyrio branco*, tentativa de romance, e os seus ensaios no genero dramatico *Uma scena contemporanea*, comedia em 2 actos; *O caminho mais curto*, em 1 acto, e o drama em 5 actos *As quedas fataes*.

Tem o poeta entre mãos um livro sobre a Italia intitulado *A Patria do Ideal* e mais de uma comedia e de um drama, entre os quaes citam os seus intimos o drama historico *André Vidal*; a comedia de sala *As joias indiscretas*; *Um demonio*, comedia em 2 actos; *A gallinha e os pintos* e *Monstros da Historia*, pequenos poemas modernos, em que figuram Calligula, Nero, Messalina, Cleopatra, Lucrecia Borgia, Aretino, etc.

Promettem-nos os jornaes de Lisboa para breve mais um livro de poesias, a que o autor intitulou *Lyra final*, vasta collecção de preciosidades, esperada com anciedade pelos cultores das bôas lettras nos dous paizes.

« O trabalho de Luiz Guimarães, ajunta o escriptor portuguez, não se póde apreciar em uma rapida nota biographica, escripta sobre o joelho; tem direito a um estudo serio e demorado, porque é a manifestação de um dos talentos mais robustos e originaes do nosso tempo, e porque esse trabalho representa uma pagina das mais gloriosas da moderna litteratura brazileira. »

Referindo-se ao laureado poeta, diz outro escriptor portuguez, o Sñr. Alberto Rocha, no *Correio da Europa* de 6 de Dezembro de 1881:

« Eu já tinha ouvido dizer que o melhor soneto de Luiz Guimarães é a *Visita á casa paterna.* Segundo a minha opinião o melhor soneto do poeta é sempre o ultimo que acabamos de ler, quando percorremos o seu livro...

« Cada uma das suas outras poesias tem um cunho particular e um valor inestimavel. »

Para accentuarmos os traços d'este rapido perfil biographico do festejado poeta-diplomata só com as glorificações transatlanticas, evitando assim que nos acoimem de suspeição, diremos ainda, com a eximia escriptora portugueza D. Guiomar Torresão *(Ribaltas e Gambiarras)*, acêrca dos *Sonetos e Rimas:*

« Os sonetos de Luiz Guimarães Junior parecem fundidos de um jacto, como um fitão de ouro derretido tomando de subito, nos rendilhados do molde, o feitio de uma joia primorosa. Espelham-se nelles as imagens, nitidamente recortadas, como em crystal diaphano, e a fórma de curvas opulentas e maciesas flexiveis, de linhas puras e contornos suaves, lembra uma madona arrancada ao marmore de Carrara pelo cinzel de João Goujon. »

Entre os seus titulos honorificos e litterarios, e são muitos, contam-se o de membro da Arcadia de Roma sob a designação de *Admeto Priamideu* e cavalleiro do Santo Sepulchro de Jerusalem.

Expondo um exemplar dos *Sonetos e Rimas* preenche a Bibliotheca Nacional dois fins: fecha brilhantemente o cyclo das impressões typographicas da cidade eterna com um primor da arte, e rende a homenagem devida ao Benevenuto Cellini do lyrismo nacional. O impressor romano, pondo no frontispicio dos *Sonetos e Rimas* o lemma horaciano: *ære perennius,* mostrou que tinha a intuição do futuro, pois a obra inimitavel do peregrino poeta será seguramente mais duradoura que o bronze.

O presente exemplar é dadiva generosa do Sñr. Dr. J. Z. de Menezes Brum.

N.° 19. — Della vita e delle opere di Albertino Mussato — Saggio critico di Michele Minoia *Roma, Forzani e C., tipografi del Senato*, 1884. In-8.°

Recontar a vida e commemorar os feitos e obras d'este negociador, poeta latino, historiador distincto, notabilissimo jurisconsulto, mal ou imperfeitamente apreciado pelos que d'elle até hoje se occuparam, tal é a tarefa que o autor chamou a si. Os escriptos de Mussato, que tão importante papel desempenhou nas commoções politicas da sua patria, dão-lhe direito ao titulo de restaurador das lettras latinas e do mais completo historiador dos acontecimentos em que teve parte. Os seus poemas, tragedias e elegias são, segundo juiz competente, *d'uma latinidade admiravel para a epoca*.
A este proposito diz o Snr. Minoia na *Prefazione* da sua obra: « Entendi fazer reviver a imagem de um contemporaneo de Alighieri, que só pelo alevantado do engenho e vida honesta e operosa, e não pelo baixo manejar dos interessados, como em demasia se tem visto por tristes exemplos em nossos dias, soube erguer-se aos mais altos cargos do Estado. Pretendi, além d'isso, desafiar algum abalisado critico a tratar digna e completamente de Mussato. »

O exemplar que a Bibliotheca Nacional expõe tem por fim, como com o precedente, estabelecer ponto de comparação entre as obras que viram a luz na Cidade por excellencia na epoca da introducção da imprensa e nos nossos tempos; a nitidez da impressão e a importancia do assumpto justificam a escolha.

Foi comprado pelo Dr. João de Saldanha da Gama, actual Bibliothecario.

VENEZA: VENEZIA.

(Venetia).

N.° 20. — Priscianus Cœsariensis — (Opera Grammatica omnia)

In-fol. de 271 ff. não num., das quaes a 251.ª em branco. Devia haver mais uma em branco, a 1.ª, que falta no nosso exemplar. Neste ponto a descripção do exemplar exposto apre-

senta essa differença, que não é capital. Contam-se em cada pagina completa 41 linhas; caract. romanos; nitidamente impresso; as lettras capitaes illuminadas a ouro e côres e as iniciaes de cada capitulo coloridas de azul.

Tem duas *subscripções*, a 1.ª, collocada na fl. 236 r. (do nosso exemplar e 237 dos bibliographos): « Volumen prisciani:.. de numeris & põderib9 & mẽsuris explicitũ est. Anno domini M.CCCC.LXXV. » A 2.ª fecha o volume e é concebida do modo seguinte, depois da palavra *Finis :*

« Impressum Venetiis impẽsis Iohãnis de Colonia socijqz eius Iohãnis mathen de Gherretzem. Anno domini. M.CCC.LXXVI. »

Esta edição, segundo Brunet, é re-impressão da ed. do mesmo anno, feita na mesma cidade de Veneza *impensis Marci de Comitibus sociique ejus Girardi Alexandrini*, tambem *in-fol.*; e segundo Graesse sel-o-hia da feita ainda em Veneza, mas em 1472, por Vindelino de Spira, *in-fol.*, com 286 ff. de 41 linhas cada pag. inteira. Descreve antes uma ed. de 1470 do mesmo Vandelino e accrescenta, o que se observa no nosso exemplar:

« As citações gregas, deixadas em branco na edição de 1470, estão preenchidas nesta (de 1472) e nas seguintes com os caract. proprios d'esta lingua. »

Dibdin, na sua luxuosa *Bibliotheca Spenceriana*, vol. III, n.º 582, a dá tambem como reimpressão das duas de Spira. A inscripção de que falla e que se nota no v. da fl. 207 da presente edição : « Explicitus est liber de Cõstructione Sequitur de Duodecin carminibuss. », observa-se igualmente no nosso exemplar, bem como o titulo que se lê na fl. que tem o registro *ee*: « Cõmentariũ Rufini de metris comicis incipit. »

Laire, citado por Panzer, III, pag. 109, n.º 194, menciona ainda uma ed. de Veneza, *per Johannem de Colonia, explicitum est anno dni 1475, in-fol.*, que differe d'esta, de 1476, que entretanto começou naquelle anno, e que o proprio Panzer, IV, pag. 429, n. 194, confessa ser uma e a mesma.

A edição exposta, pela sua esplendida nitidez, com as suas grandes paginas de linhas extensas, impressa em excellente papel de linho forte, e largas margens, póde dar ideia do apuro a que chegou logo em começo a arte typographica em Veneza.

Levada em 1469 para esta cidade pelo afamado João de Spira, que imprimiu *Ciceronis Epistolæ ad Familiares* naquelle anno, e *in-folio*, como a maxima parte das impressões d'essa epoca; *Primus in Adriaca formis impressit aenis...*, homem de força de vontade e espirito cultivado, que depois se re-

tirou para a Allemanha e foi um dos que mais imprimiram no seu tempo; continuada por seu irmão Vindelino de Spira e por Nicolau Jenson, vindo de França e não menos famoso, auxiliado este algumas vezes pelo seu compatriota João Rubeis; seguida por outros de menor nomeada e depois por João de Colonia e João Manthen ou Mentelen de Gherretzen, que, entre edições de outras obras, fizeram a que a Bibl. Nac. expõe. Fôrça é mencionar o nome justamente celebre de Aldo Manucio, romano de nascimento, restaurador das linguas grega e latina, a quem se deve o typo inclinado, que se chama *italico*, *character cursivus seu cancellarius*, de que alcançou privilegio do papa.

Contou Veneza em seu seio, durante o seu poderio como rainha do Adriatico, muitos outros impressores mais ou menos famosos, cujos nomes podem-se ver mencionados por Deschamps no seu *Supplement au Manuel du Libraire*, *Dict. de Géographie*, no artigo consagrado áquella cidade. No seu dizer, só no XV seculo, o seu movimento typographico foi prodigioso: em 31 annos, contando as imprensas claustraes, vêem-se trabalhar imprensas em mais de duzentos estabelecimentos typographicos.

« É um exemplo unico a registrar nos annaes da historia: Paris, durante o mesmo lapso de tempo, apenas póde apresentar 80 a 85 imprensas; Milão, cêrca de 60; Lyão, pouco mais ou menos outras tantas; quanto á Roma, Bolonha e Florença, não passam de 40; Veneza teve mais de 200! »

Ás duas familias, a dos Aldos e a dos Juntas, deveu esta cidade *incomparavel esplendor*, na bella phrase de Deschamps. O numero de impressões nella feitas, antes do anno de 1500, é immenso. « O commercio prodigioso que então se fazia na republica veneziana, diz outro escriptor d'estas cousas, influiu infinitamente na arte typographica, que foi, pelos irmãos Spira, Nicolau Jenson e outros artistas celebres, levado a um grau de perfeição tal que se não conseguiu exceder nos nossos dias. » — De la Serna, *Dictionnaire bibliographique choisi*, I, pag. 175.

« Mas o numero e a prosperidade das imprensas venezianas, conclue Deschamps, foram pouco a pouco diminuindo com a força e prestigio da nobre republica, e quando Veneza, perdendo a sua importancia politica, se converteu em mera cidade de prazeres, a sua typographia se anniquilla e apenas produz pamphletos, torpezas e imitações fraudulentas. »

O exemplar exposto, em perfeito estado de conservação, graças á restauração por que passou, está enriquecido de notas mss. marginaes, em latim, e fez parte da Real Bibliotheca, cujo carimbo conserva.

N.º 21. — (Biblia sacra)

Sem fl. de rosto. *In-4.º* de 458 ff. sem numeração, registradas, a 2 columnas, caract. goth., capit. e iniciaes illuminadas e coloridas.

Começa por: *Prologus in bibliam*, no alto da folha e, acima da lettra capital, illuminada a ouro e azul, que occupa toda a largura da columna: « Incipit epla sancti Hieronymi ad paulinum presbyterum. de omnibus diuine historie libris Capitulum primum. »

In fine: « Biblia impssa Uenetijs p Octauianũ Scotũ Modoetiensem explicit feliciter. Anno salutis. 1480. pridie kalēdas iunij. » 420 fl. Seguem-se interpretações dos nomes hebraicos: « Incipiũt interpretatiões hebraicorum nominuz 6m ordinem alphabeti. » 37 ff. a 3 columnas.

Diz d'esta edição Panzer, *Annales typ.*, III, pag. 158, n.º 461: « Est prima ex hac officina Biblior. latinor. editio. »

Maittaire apenas faz d'ella a seguinte menção nos seus *Annales typ.*, I, pag. 404:

« Eadem (*Biblia Latina*): *impens. Octaviani Scoti.* 4to. Venet. 1480. » A por elle anteriormente apontada é tambem do mesmo lugar, anno e formato, *per Franciscum de Hailbrun.*

As indicações bibliographicas dadas por Hain, *Repertorium bibliogr.* I, pag. 405, n.º 3080, coincidem perfeitamente com as do exemplar exposto, menos no numero de ff., que são 458, contando com as 37 das *interpretações*, e não 465, como dá Hain.

O nosso exemplar, bello specimen da impressão do XV seculo, pertenceu á Real Bibliotheca.

N.º 22. — Omnia Opera Angeli Politiani, et alia quædam lectu digna, quorum nomina in sequenti indice uidere licet.

In-fol. de 452 ff. não num., cujo registro começa pela 2.ª fl., *a ii.*

No fim, como em todas as edições aldinas, com raras excepções, é que se lêem o nome do impressor e a data e lugar da impressão. Infelizmente está nesse ponto truncado o nosso exemplar, que só tem 231 ff. Segundo, porem, o douto autor dos *Annales de l'imprimerie des Alde,* tom. I, pag. 40;

Panzer, III, n.° 2379; Hain, II, p. II, n.° 1328; Dibdin, *Bibl. Spencer.*, III, n.° 756, e Brunet e Graesse, *sub nomine*, deve ler-se :

« Venetiis in ædibus Aldi Romani mense Iulio M.IID. Impetrauimus ab Illustrissimo Senatu Veneto in hoc libro idem quod in aliis nostris. »

Edição princeps das obras completas do autor, em largas linhas, de 38 cada pagina cheia, de amplas margens, lettras capitaes illuminadas a ouro e côres e as iniciaes dos cap. coloridas umas de azul, outras de vermelho e outras de ambas as côres; caract. romanos.

O titulo vem no meio do r. da 1.ª fl., em typo pequeno commum, e no v. da mesma fl. a dedicatoria do impressor: « Aldus Manutius Romanus Marino Sannuto Leonardi filio patritio Veneto. S. P. D. »

Segue-se na fl. immediata, completa, o *Index eorum, quæ hoc volumine continentur*.

Depois d'estas 2 ff. prel. começa propriamente a obra pelo: *Angeli Politiani epistolarvm lib. primvs*.

No nosso exemplar, que termina á fl. 231 pela palavra *Finis*, faltam, além das mais, as duas ff. separadas, de que falla Renouard, em que devem achar-se o registro dos *reclamos* e *assignaturas* e uma peça de versos acêrca da morte de Lourenço de Medicis. « A ultima fl., diz elle, do quaderno K está em branco e póde faltar sem que por isso fique a obra imperfeita. » É exactamente o que acontece com o exemplar exposto.

Diz Renouard a respeito d'esta edição:

« Esta rara edição, uma das mais bellas que tenham sahido dos prelos Aldinos, é mais ampla que a de Florença, 1499, *in-folio*, porem menos completa que a de Basiléa, *apud Episcopium*, 1553, *in-fol.*, a unica em que se acha a historia da conjuração dos Pazzi, omittida, sem duvida de proposito, por Aldo, que era bastante instruido para não conhecer essa edição, pois já desde 1478 tinha ella sido impressa (*in-4.°*, sem nome de lugar nem de impressor): receiou-se seguramente de incorrer no desagrado da côrte de Roma, reimprimindo uma narração historica que envolvia um soberano Pontifice na cumplicidade de um assassinato premeditado. »

O autor da *Bibliotheca Pinelliana*, pag. 525, n.° 12711, menciona-a nos seguintes termos:

« Politiani Angeli Opera omnia, edente Aldo Manutio. *Venet. Aldus*. MCCCCXCVIII, fol. — Exemplar nitidissimum atque miræ pulchritudinis, cum litteris initialibus elegantissime depictis & auro exornatis. »

Graesse denomina-a *bella e rara edição*.

D'entre as epistolas de que se compõe esta parte da obra, nota-se, á fl. 66, uma de Aldo Manucio ao autor, datada *Carpi. Quinto Calendas Nouembres*, sem designação de anno.

O nosso exemplar contém apenas as Cartas de Policiano e as suas Miscellaneas, cujo titulo se inscreve :

« Angeli Politiani Miscellaneorvm centvriae primae ad Lavrentivm Medicem praefatio », que termina pela palavra *Finis*, como já ficou notado.

Angelo Policiano, assim chamado do lugar do seu nascimento (*Monte Pulciano* na Toscana), nasceu pelo anno de 1454 e falleceu em 1509. Chamava-se *Cini*, abreviatura de *Ambrogini*. Sendo conego em Florença, foi encarregado da educação de João de Medicis, depois papa sob o nome de Leão X.

O exemplar exposto das suas obras passou da opulenta livraria de Barbosa Machado para a Real Bibliotheca.

N.° 23. — Opere Toscane di Lvigi Alamanni al Christianiss. Re Francesco Primo. *Venetiis apud hæredes Lucæ Antonij Iuntæ Anno M.D.XLII.*

Dois tom. em 1 vol. *in-8.°*, caract. ital. Edição completa. A 1.ª ed. é de *Lione*, *Seb. Griffio*, parte I, 1532; parte II, 1533. Cita-se, diz Graesse, uma edição da I p. feita em Florença (Giunti) em 1532 e outra da II, publicada em Veneza « per Pt. de Nicolini da Sabio ad instantia di M. Sessa », 1533, *in-8.°* Todas estas primeiras edições, continúa Graesse, são da maior raridade, por ter o papa Clemente VII mandado queimal-as em Roma, porque o autor — « piangeva in esse la rovina della sua patria, biasimando la tirannide e confortando i suoi cittadini alla libertà. »

O tomo I contém: Dedicatoria do autor a Francisco I, sonnetos, psalmos, elegias, fabulas, satyras, eglogas, tendo no fecho de cada serie o dizer, nas elegias: — « Fine delle Eleg. di Lvi. Alam. al Christ. Re Francesco primo. » — ; nas eglogas: — « Fine delle Eglogbe di Lvigi Alam. al Christ. Rè Franc. primo. »

No fim d'este tomo e do 2.° lê-se: « Stampato in Vinegia per Pietro Scheffer Germano Moguntino, ad instantia

delli heredi di M. Lucantonio giunta il primo di Luglio *(sic)*. L'anno — M.D.XLII. »

O 2.º tomo contém, depois de nova dedicatoria ao mesmo rei, poesias de mais longo folego: sylvas, em tres *livros*, a fabula de Phaetonte, Antigone (tragedia em verso), hymnos, estancias em oitava rima e ainda sonnetos. Fecha o tomo a *Tavola dell'opere*, a declaração do logar e data da impressão e no v. da ultima fl. a marca typographica em ponto grande, quando nas ff. de rosto dos 2 vols. vem ella reduzida.

O volume exposto sob n.º 23 pertenceu á collecção de Barbosa Machado.

N.º 24. — Viaggi fatti da Vinetia, alla Tana, in Persia, in India, et in Constantinopoli: con la descrittione particolare di Città, Luoghi, Siti, Costumi, & della Porta del gran Turco: & di tutte le intrate, spese, & modo di gouerno suo, & della ultima Impresa contra Portoghesi. *In Vinegia*, M.D.XLV.

In-8.º, tendo na fl. de rosto a marca typographica com o nome *Aldus* por ella partido nas duas syllabas; 163 ff. num, e uma em branco no fim, com a mesma marca typ.

Nicolau Francisco Haym, mencionando-a na sua *Biblioteca Italiana*, I, pag. 181 sob o n. 4 e pag. 182 sob o n. 1, dá esta collecção de viagens como obra de *Giosafat Barbaro* e *Ambrogio Contarini ed altri, raccolti da Antonio Manuzio* e impressa em Veneza *pei Figlioli d'Aldo* em 1541 *in-8.º* e em 1545 no mesmo formato *(pure in-8)*.

Brunet classifica-a *Recueil peu commun* e accrescenta: « contém duas obras de Josafat Barbaro, uma de Ambrogio Contarini, duas de Aluvigi e duas sem nome de autor... A reimpressão, *Vinegia, Aldus, 1545, in-8.* de 163 ff., é mais bella do que a edição original. »

O *Dizionario di opere anonime e pseudonime di scrittori italiani*, Milão, 1852, dá, sob o titulo *Libri tre delle cose de' Turchi*, indicações bio-bibliographicas que podem parecer curiosas aos investigadores d'estas cousas.

Renouard nos seus *Annales de l'imprimerie des Alde*, I,

pag. 317, manda ver a edição de 1543, da qual a nossa é uma copia, mas de muito melhor impressão, em cuja ultima fl., como no presente exemplar, se lê: *In Venegia nell' anno M.D.XLV. Nelle case de' figlivoli di Aldo.* Vem depois a marca typogr. em uma fl. em branco.

Recorrendo á edição indicada, de 1543, depara-se, depois da reproducção completa do seu titulo, o seguinte, que parece não deixará de ser lido com interesse:

« Esta collecção (de 180 ff.), recolhida por Antonio Manucio e por elle dedicada a Antonio Barbarigo, contém duas viagens de Josaphat Barbaro, uma de Ambrosio Contarini, duas de Aluvigi e duas sem nome de autor, uma das quaes tinha já sido impressa pelos Aldos em 1539. Esta ed. de 1543 é a 1.ª da collecção completa, ainda que a *Serie* e Crevenna annunciem uma de 1541... Este vol. de 1543 é raro, e, o que é para se notar, encontram-se mais difficilmente bons exemplares d'ella do que da reimpressão de 1545, que todavia não é de modo algum mais commum. A *Tana* é a antiga *Tanaïs*, hoje o Don. »

O exemplar exposto sob o n.º 24 pertenceu a Barbosa Machado.

N. 25. — ΜΕΓΑ ΕΤΥΜΟΛΟΓΙΚΟΝ. Magnvm etymologicvm Grecæ linguæ, nunc recens summa adhibita diligentia excusum, & innumerabilibus penè dictionibus locupletatum. Qvas vt facilivs cognoscere Lector possit, singulis manus index est apposita. Adeo vt ferè nihil in hoc Libro desiderari iam possit ab ijs, qui Græcis literis nauant operam. *Venetiis, apud Federicum Turrisanum,* M.D.XLIX. *In-fol.* a 2 colum.

Em grego.

Descrevendo-o, diz d'este livro Renouard nos seus *Annales de l'imprimerie des Alde:*

« 177 ff., numeradas sómente até á 175, por causa de 2 outras inn. que se ajuntaram depois da fl. 156. A numeração porem continúa de 157 em deante. No fim, uma fl. para a ancora, marca typogr. dos *Aldos.*

« Posto que traga só o nome de Federico *(sic)* Turrisan, foi sem duvida impresso por Paulo Manucio, como o foram, em 1550 e annos seguintes, o *Aristoteles in-8.°* e muitos outros livros gregos, executados com os mesmos caracteres, *Apud Aldi filios, expensis vero Federici Turrisani.* Parece que Federico desejára continuar as edições gregas, então quasi abandonadas na Imprensa Aldina, cuja reputação haviam outr'ora feito...

« Este vol. é raro e mais amplo do que a preciosa edição de Calliergi, 1499, *in-fol. gr.* A 1.ª pag. do texto está ornada de uma grande vinheta em madeira, impressa em vermelho, no gosto das que andam naquella edição. As palavras *manus index est apposita*, que se lêem no titulo, significam que todos os accrescimos são designados por ũa mão (signal de impressão), precaução utilissima e sem motivo despresada na edição de Veneza, 1710, *in fol.*, que, sem esse defeito, seria de todas a melhor, exceptuada todavia a ultima, de Leipsic, 1816, 2 vol. *in-4.°*

« No prefacio annuncia Federico o intento de se occupar seriamente de edições gregas, e cumpriu a palavra... »

Brunet, *sub nomine* Etymologicum, diz d'esta edição:

« Bella edição, assaz rara e mais ampla do que a precedente *(Veneza, 1499)*; é impressa por Paulo Manucio, com a ancora aldina no titulo e no fim do volume... »

Estas descripções adaptam-se perfeitamente ao nosso exemplar, que conserva o *ex-libris* da Real Bibliotheca, de onde provém.

N.° 26. — P. Ouidij Nasonis Metamorphoseon Libri XV. Raphaelis Regii Volaterrani luculentissima explanatio, cum nouis Iacobi Micylli... additionibus. Lactantij Placiti in singulas fabulas argumenta... Cœlii Rhodigini Ioan. Baptistæ Egnatii, Henrici Glareani, Giberti Longolij, & Iacobi Fanensis,... annotationes... *Venetijs, apud Ioan. Gryphium,* 1574, in-fol. de 8 ff. inn., 337 pp., com xylographias intercal. no texto.

Precedem o texto as seguintes epistolas: — *Iacobo Spiegelio... Iacobvs Mycillivs;* — *Raphael Regivs Philippo Cyv-*

lano...; datadas a primeira de Francfort, 1543 e a segunda de Veneza, 1513. Segue-se: *Ovidii vita*, sem registro; e depois: o *Index;* — a *Apologia Raphaelis Regii contra qvosdam cavillatores;* — *Avctorvm... nomina;* e finalmente *Iacobi Mycillii in titvlvm libri Metamorphosis annotatio.*

Á pag 1 começa o texto das metamorphoses, que occupa a parte central de cada folha, cercado das respectivas explicações de Raphael Regio, notando-se ainda algumas referencias nas margens lateraes. No fim de cada livro occorrem as annotações ao texto.

As gravuras representando os assumptos das fabulas são intercaladas no texto no começo de cada metamorphose, occorrendo na parte superior os argumentos correspondentes de Lactancio Placido.

A execução typographica é bôa, e feita com 3 variedades de typos; as capitaes do começo de cada livro e das suas explanações são gravadas em madeira.

João Gryphio pertencia á celebre familia de impressores allemães do seculo XV., bem conhecida por esse nome; era irmão de Sebastião Gryphio, estabelecido em Lyão, e de Francisco Gryphio, impressor de Paris. A marca typographica d'estas celebres officinas era um *grypho*, quadrupede fabuloso alado e dotado de poderosas garras.

No presente exemplar a marca da typographia está estampada na fl. de rosto, abaixo do titulo e antes das indicações de lugar e anno.

Pertenceu á Real Bibliotheca.

N.° 27. — Aristotelis omnia quæ extant Opera... Averrois Cordvbensis in ea opera, omnes, qui ad hæc vsq; tempora peruenere commentarij. Nonnulli etiam ipsius in Logica, Philosophia, & Medicina libri, cum Leui Gersonidis in Libros Logicos annotationibus, quorum plurimi sunt, à Iacob Mantino, in Latinum conuersi. Grecorum, Arabum, & Latinorum lucubrationes quedã ad hoc opus pertinentes. Marciantonii Zimaræ Philosophi, in Aristotelis, & Auerrois dicta, in Philosophia Contradi-

ctionum Solutiones, propriis locis annexæ. Bernardini Tomitani... in Arist. & Auer. dicta in primo libro Poster. Resol. Contradictionum Solutiones: nec non... Conuersiones, & Animaduersiones. in Auer. quæsita demonstratiua, argumenta, &... grauiores sententiæ, certo ordine collectæ, quæ omnia ex eiusdem Tomitani lectionibus excerpta fuere. Superadditæ sunt huic operi Michaelis Pselli Metaphrasis secundi libri Poster. Emmanuele Margunio interprete, euisdemq; Emm. in eundem Annot. Tabula M. A. Zimaræ lucidissima, ac eruditissima... *Venetijs, apud Iuntas*, MDLXXV. 10 vols. in-8.°

A data 1575 occorre no titnlo geral da collecção; porem o 7.° vol. traz a data 1573 e os outros a de 1574. O 1.° e 6.° vols. são divididos em 3 partes com fl. de rosto em separado.

O frontispicio é impresso a duas côres, vermelha e preta, trazendo abaixo do titulo a marca, em tinta vermelha, do impressor Lucas Antonio Junta; esta marca, que consiste em uma flor de lis com as iniciaes L. A., vem repetida á tinta preta em cada um dos titulos parciaes.

A impressão, muito nitida e elegante, é geralmente feita a duas columnas em typos romanos de diversos tamanhos, com algumas capitaes ornadas; exceptua-se, porem, a composição da parte II. do vol. I. que, até a fl. 319, r., é feita a 3 cols., continuando depois a 2 cols. desde o verso d'essa folha até o fim do vol.

A familia *Junta*, *Giunti* ou *Zunti*, mui notavel nos annaes da imprensa, é originaria de Florença, onde o chefe da familia, Philippe Junta, exerceu a typographia de 1497 a 1517; succederam a este seus filhos em sociedade, e depois Bernardo Junta, que desde 1531 passou a dirigir sosinho a officina paterna. Entre os Juntas de Florença nota-se ainda outro Philippe, que falleceu em 1604. Um membro d'esta familia, Jacques Junta, fallecido em 1561, estabeleceu-se em Lyão com uma typographia, que em 1592 ainda existia sob o mesmo nome da familia. Lucas Antonio Junta, estabeleceu-se em Veneza no fim do 15.° seculo; suas edições, que datam de 1482, são anteriores ás de Philippe, cujo nome todavia é mais esti-

mado. Seus successores foram: Thomaz Junta, cêrca de 1550; Bernardo Junta, cêrca de 1608, e Modesto, filho do segundo Philippe Junta, que exerceu o officio pelo menos até 1642.

Deschamps ainda cita dois membros d'esta familia estabelecidos em Salamanca, os quaes Renouard não menciona. São: João Junta, que ali trabalhou na arte typographica de 1543 a 1561, e seu filho Lucas de Junta, que lhe succedeu e ainda a exercia em 1575. Os Juntas tambem imprimiram em outros lugares de Hespanha. Em Burgos apparecem: Juan de Junta, de 1528 a 1554, o qual Deschamps, em contradicção com G. Brunet, identifica com o anterior; e Philippe de Junta, que succedeu a este e ainda ahi trabalhava em 1563. Em Madrid encontra-se Thomaz Junta, de 1594 a 1624, *impressor del Rey* em 1621, e um dos ultimos do ramo hespanhol d'esta familia.

N.° 28. — La Gerusalemme liberata di Torquato Tasso con le figvre di Giambatista Piazzetta. Alla Sacra Real Maestà di Maria Teresa d'Austria Regina d'Ungheria, e di Boemia, ec. *In Venezia, MDCCXLV., stampata da Giambatista Albrizzi Q. Girol...*

In-fol. de 12 ff. prel. inn., 253 ff. num. só pelo anverso na parte inferior, 1 fl. inn., frontsp. gr., com est., cabeções de paginas, vinhetas e lettras capitaes gr. a buril.

As folhas prel. inn. contêm: 1.° — O ante-rosto e o titulo (ff. 1-2); 2.°— *Alla Sacra Reale Apostolica Maestá di Maria Teresa d'Austria Regina di Ungaria, di Boemia ec. ec. ec. Giovambatista Albrizzi.* (ff. 3-5); 3.° — *Privilegio della Sereniss.ma Repubblica di Venezia*, datado de 24 de Março de 1745 (fl. 6); 4.° — *Catalogo degli Associati alla presente opera*, a 2 cols. (ff. 7-9); 5.° — *Allegoria del poema* (ff. 10-12).

O testo occupa as 253 ff. num. e a fl. inn. do fim. Esta contêm as tres ultimas estrophes do poema, e em baixo occorre uma vinheta, em cuja parte superior se lê o seguinte distico gravado a buril: *Il fine del vigesimo ed ultimo canto.*

O volume tem os seguintes trabalhos de gravura: — um frontispicio, representando a apotheose de Torquato Tasso, cujo busto é levado ao parnaso pela Fama e por outra mulher alada, collocado entre o ante-rosto e o titulo; — um retrato em corpo da Imperatriz Maria Theresa, gravado a buril por

Felix Palanzani segundo desenho de João Baptista Piazzetta, entre o titulo e a dedicatoria; — 22 estampas fóra do texto, das quaes 20 no principio dos 20 cantos do poema, representando o assumpto do respectivo canto, offerecidas a 20 differentes personagens da epocha; e as duas outras são vinhetas finaes, uma no fim do 8.° canto, e outra no fim do 20.°; — cabeções de pagina em fórma de cartucho para cada canto, deixando no meio um espaço, onde se lê o argumento do canto respectivo em lettras italicas tambem gravadas a buril; — 19 vinhetas finaes e 22 lettras capitaes. Exceptuando o retrato da Imperatriz Maria Theresa e um cabeção de pagina, o do 7.° canto, que está subscripto = *Schede sc.* =, as outras gravuras não trazem o nome do gravador.

Descrevendo esta edição, accrescenta Graesse a seguinte nota: « Édition magnifique quant à l'impression et au papier: les 20 figures et les initiales dessin. par Piazzetta sont au dessus de toute louange. Le texte est sans notes. Il existe une contrefaçon sous la même date, dans laquelle les gravures sont sans adresses, mais en revanche avec l'annonce des passages auxquels elles se rapportent. »

Fazendo nossa a opinião d'este bibliographo quanto ao merecimento da edição, devemos notar que o exemplar exposto pertence á verdadeira edição de 1745, e não á contrafação, porque todas as 20 gravuras do começo dos cantos trazem as dedicatorias a que já alludimos, e não as explicações dos assumptos a que se referem.

A 1.ª edição do poema, com o titulo *Il Goffredo*, é de *Vinegia*, *Dom. Cavalcalupo*, 1580, in-4.°; esta edição, dada por Celio Malaspina sem consentimento do autor, é muito incorrecta e muito incompleta, contendo apenas 16 cantos.

O exemplar pertenceu á Real Bibliotheca.

FLORENÇA: FIRENZE.

(Florentia).

N.° 29. — Il Decameron di Messer Giovanni Boccacci Cittadino Fiorentino. Ricorretto in Roma, et Emendato secvndo l'ordine del Sacro Conc. di Trento, Et riscontrato in Firenze con

Testi Antichi & alla sua vera lezione ridotto da' Deputati di loro Alt. Ser. Nvovamente stampato... *In Fiorenza, nella Stamperia de i Giunti (Filippo & Jacopo Giunti e' fratelli)*, MDLXXIII. In-4.° de 16 ff. prel. inn., 578 pp., 2 ff. inn.

A primeira edição do *Decameron* é de Veneza, por Christofal Valdarfer, 1471, in-fol., e d'ella, segundo Brunet e Graesse, completo existe apenas um unico exemplar.

O exposto pertence á edição conhecida pelo nome de *Edizione dei Deputati*, que foi redigida por alguns membros da Academia della Crusca, e é procurada pela correcção do texto; é uma edição mutilada; nella faltam os trechos demasiado licenciosos.

Segundo Graesse ha uns exemplares com o retrato de Boccaccio e outros com uma flor de lis na folha de rosto; o nosso exemplar, porém, tem a flor de lis abaixo do titulo e o retrato de Boccaccio no verso da fl. 16.ª inn., ao lado de outro retrato de mulher, tendo a cabeça ornada de uma corôa. O mesmo vol. contém ainda, em seguida ao *Decameron*:

« Annotationi et Discorsi sopra alcvni lvoghi del Decameron, di M. Giovanni Boccacci; fatti dalli molto Magnifici Sig. Deputati da loro Altezze Serenissime, sopra la correttione di esso Boccaccio stampato l'Anno MDLXXIII. Con licentia, et privilegio. » *In Fiorenza, nella Stamperia de i Giunti (Filippo & Jacoppo Giunti e' fratelli)*, MDLXXIIII. In-4.° de 20 ff. inn., 142 pp. num., 8 ff. inn.

Esta obra acompanha ordinariamente a edição de 1573 como 2.° vol., e, comquanto tenha a data de 1574 na fl. de rosto, in-fine se lê a de 1573.

Convem notar que ainda nesta segunda parte se encontra a flor de lis no frontispicio e tambem no v. da ultima fl. inn., e que no v. da 4.ª fl. prel. occorrem os dois retratos já mencionados.

A edição do *Decameron* de 1573 foi reimpressa pelos Juntas varias vezes, a saber: *Veneza*, 1582, segundo uma nova revisão de Salviati; *Florença*, 1582; *Veneza*, 1585, e *Florença*, 1587, in-4.°

A imprensa foi estabelecida em Florença por Bernardo Cennini, ourives de profissão, nascido em 2 de Dezembro de 1415. Quando se espalhou a noticia de terem chegado aos Estados do papa alguns impressores allemães, Cennini, sem a

menor noção typographica e unicamente auxiliado por seus dois filhos Domingos e Pedro, dedicou-se por tal fórma ao trabalho que conseguiu descobrir os processos até então empregados e pôl-os em pratica. O primeiro volume publicado por este impressor foi: *Servii Expositio Virgilii. Servii Honorati Maur grammatica explanatio in Bucolica, Georgica et Æneidem Maronis*, in-fol. de 237 ff., 43 linhas. As 3 partes d'este volume trazem subscripções curiosas, que é conveniente conhecer. As *Bucolicas* terminam na fl. 20, v. com o seguinte colophão: « Ad lectorem florentiæ. VII. idus novembres. MCCCCLXXI Bernardvs Cennius aurifex omnium iudicio præstantissimus: et Dominicus eius. F. egregiæ indolis adolescens: expressis ante calibe caracteribus, ac deinde fusis literis uolumen hoc primum impresserunt. Petrus Cenninus Bernardi eiusdem. F. quanta potuit cura et diligẽtia emendauit ut: cernis Florentinis in geniis nil ardui est. » — O Commentario sobre as *Georgicas* termina assim na fl. 55, v.: « Servii Honorati grammatici in Georgica Maronis explanatio explicit ad lectorem Florentiæ. V. idus Januarias. MCCCCLXXI. » (Deve ser 9 de Janeiro de 1472). Esta subscripção continúa como a da primeira parte, faltando-lhe porem as palavras *ut cernis*. — A 3.ª parte contém a *Eneida* com 180 ff. Na fl. 235, v. acha-se: « eiusdem ad Aquilinum de natura syllabarum libellus », que termina no v. da fl. 237 e ultima, com est'outro colophão: « ad Lectorem. Bernardus Cenninus aurifex omnium iudicio præstantissimus: et Dominicus eius. F. optimæ indolis adolescens impresserunt. Petrus eiusdem Bernardi. F. emendavit: cum antiquissimis autem multis exemplaribus contulit: in primisque illi curæ fuit ne quid alienum servio adscriberetur, neu quid recideretur aut deesset: quod Honorati esse pervetusta exemplaria demonstrarent. Quoniam vero plerosque iuvat manu propria suoque more græca interponere: eaque in antiquis Codicibus perpauca sunt, et accentus quidem difficilime imprimendo notari possunt: relinquendum ad id spatia duxit. Sed cum apud homines perfectum nihil sit, satis videri cuique debebit: si hi libri (quod vehementer optamus) præ aliis emendati reperientur. Absolutum opus Nonis Octobribus, MCCCCLXXII. Florentiæ. » (7 de Outubro de 1472.)

Assim, este curioso volume faz datar de 1471 o estabelecimento da imprensa em Florença. Os Cennini nada mais produziram, continuando depois a occupar-se da ourivesaria.

O segundo impressor de Florença foi Johannes Petri, de Moguncia, que publicou em 1472 a 1.ª edição do *Philocolo* de Boccacio, in-fine: « Magister Joannes Petri de Magontia scripsit hoc opus Florẽtiæ die xij Nouembris MCCCCLXXII. », in-fol,

de 266 ff., 34 linhas longas. Esta palavra *scripsit* encontra-se tambem em uma edição sem data dos *Triomfi* de Petrarca impressa pelo mesmo typographo. João de Moguncia associou-se depois com Lourenço Mattheus de Morgianis e ainda publicou varias obras, sendo a ultima de 1497. Domingos de Pistoja e Pedro de Pisa, religiosos da ordem de S. Domingos, fundaram uma typographia no convento de S. Thiago de Ripoli, da mesma ordem, imprimindo desde 1476 até 1484 nada menos de 86 obras. F. Fossi publicou um catalogo d'estas obras accrescentando mais 12 impressões duvidosas ou suppostas. O primeiro volume publicado por esta officina é um *Donatello* ou *Donatus pro pueris*.

Nicolaus Laurentii, allemão de Breslau, imprimiu em Florença de 1477 a 1486. O volume *Monte Santo di Dio d'Antonio* (*Bettini*) *da Siena. Florentie, Nicolo di Lorenzo, die x septembris*, 1477, in-4°. gr., é o primeiro em que apparecem estampas gravadas por entalho doce. Estas chapas foram desenhadas por Sandro Boticelli e gravadas por Bacio Baldini, ambos discipulos de Maro Finiguerra. Em 1481 sahe ainda dos mesmos prélos uma edição de *Dante*, in-fol., com illustrações abertas em cobre, executadas pelos mesmos artistas.

Devemos mencionar depois a imprensa dos irmãos Nerli, que publicaram a edição princeps de *Homero, Sumptibus Bernardi et Nerii Nerliorum*, 2 vols. in-fol. gr., de 39 linhas. Esta edição foi impressa segundo uma copia preparada por Demetrius Chalcondilas, refugiado de Athenas, e revista pelos correctores João Acciajoli e Demetrio Candiota. Os caracteres da officina dos Nerli foram depois adquiridos pelos Juntas.

No fim do seculo XV apparecem ainda: Antonio Miscomini; Giovanpietro de Bonominis, de Cremona; Francesco Bonaccorsi; e sobre todos Philippo Giunta, chefe da celebre familia dos Juntas, de que já tratámos no n.° 27. O primeiro livro impresso por Philippe Junta intitula-se : *Zenobii Epitome parœmiorum* (græce). In-fine : Τέλος ἐν τῇ Φλωρεντίᾳ. *Impressum Florentie : Impensis ac cura Phylippi de Zunta Florentini. Anno Domini* M. CCCC. LXXXXVII. In-4.° peq. de 66 ff., 2 ff. em branco, executado com os caracteres que figuram no *Homero* dos Nerli.

A cidade de Florença é actualmente celebre pelas suas grandes bibliothecas. Deschamps, que nos serve de guia, menciona as seguintes: a *Laurentiana*, que contém os preciosos incunabulos do Conde d'Elci e os manuscriptos do Grão-Duque Leopoldo; a *Magliabecchiana*, que pertenceu a Antonio Magliabecchi, com cêrca de 150,000 impressos e 10,000 mss. ; a

Riccardiana, oriunda da antiga collecção do Marquez Riccardi, e em cujo edificio celebra suas sessões a notavel Academia della Crusca; e finalmente a *Marucelliana.*

O exemplar exposto pertenceu á Real Bibliotheca.

N.° 30. — Rime e lettere di Michelagnolo Buonarroti precedute dalla vita dell'autore scritta da Ascanio Condivi. *Firenze, G. Barbèra, editore,* 1860, in-32., de XVII–459 pp., 1 fl. inn. de indice, com o retr. de Buonarroti gravado a buril.

Traz uma *prefazione* assignada por G. E. Saltini.

Este editor, bastante conhecido, imprimiu neste formato as melhores obras dos classicos italianos; o exemplar exposto pertence a essa collecção, da qual a Bibliotheca Nacional possue 49 vols; todos elles trazem o *ex-libris* da *Biblioteca Conte di Aquila.*

A impressão é nitida, e o typo minusculo e elegante.

Esta obra figura sob o n.° 30, como um élo necessario de transição entre as antigas edições florentinas e a modernissima, que a Bibliotheca expõe sob o n.° 31.

N.° 31. — Domenico Milelli Canzoniere 1.° Migliaio. *Roma, Casa editrice A. Sommaruga e C. (Firenze, Tip. dell'Arte della Stampa),* 1884, in-8.° de 196 pp.

Este exemplar é um verdadeiro primor de arte typographica, e dá perfeita idéa do estado actual da imprensa na cidade de Florença: com este fim o expomos. O rosto, o ante-rosto e as 3 ff. seguintes, bem como a primeira folha do livro segundo, são impressos a côres com *clichés* especiaes e bem executados; a impressão, muito nitida, é perfeitamente igual em todo o volume, e o typo é o chamado *elzevir* mo-

derno; a composição é ornada de vinhetas no começo e fim de cada poesia, e o papel é excellente. Foi comprado pelo Dr. João de Saldanha, actual Bibliothecario.

TREVISO.

(Tarvisium).

N.° 32. — De reipvblicæ venetæ administratione: : *S. l. n. off. n. d.*, in-4.° de 14 ff. inn.

Consta do seguinte:

fl. 1, r. — o titulo acima transcripto.
fl. 1, v. — « Bartholomævs Vranivs Iacobo Pvrliliarvm Comiti: : S. P. D. »
fl. 2 — « Sebastiano Patricio Veneto Referendario et Secretario Apostolico: : Iacobvs Comes Pvrliliarvm S. D: : » no v. da qual se lê, *in fine*: « Iacobi Comitis Pvrliliarvm de Repvb. Venetæ administratione: : Domi et foris liber. » Segue-se o texto de ff. 3-14; e *in fine* occorre: « Ioannis Baptistæ Vranii Carmen: : », no v. da 14.ª fl.

Esta obra de Purliliarum foi impressa em *Tarvisium* (Treviso), por *Gerardus de Flandria*, e vem descripta por Hain sob o n.° 13604, e por Panzer, *Annales*, vol. III., pag. 42, n.° 63.

A impressão é feita em caracteres latinos, e as lettras capitaes, para as quaes se deixou sufficiente espaço em branco, foram substituidas por lettras minusculas do mesmo typo do texto.

Além d'esta compoz Purliliarum as seguintes obras:

— Opvs Iacobi Comitis Pvrliliarvm epistolarvm familiarivm *(Absque nota)*, in-fol. Appareceu cêrca de 1490, segundo Brunet; mas Hain, sob o n.° 13606, cita outra edição de 1480.
— De generosa liberorum educatione *(Absque nota)*, *(Tarvisii, Gerardus de Flandria)*, in-4.° — Reproduzida pelo mesmo impressor em 1492 e em 1498.
— Iacobi Comitis Pvrliliarum, de re militari libri II... *Argentorati*, *Johannes Cnoblochus*, 1527, in-8.° — Reimpressa em Veneza *in ædibus Joan. Tacuini di Tridino*, 1530, in-4.° peq.

Gerardo de Flandres foi o primeiro impressor de Treviso; vindo provavelmente de Moguncia, estabeleceu-se em Veneza, e segundo Van der Meersch, na officina do francez Nicolau Jenson; em 1471 passou-se para Treviso, onde publicou nesse mesmo anno um tratado de S. Agostinho, *De salute sive de aspiratione anime ad Devm liber*, in-4.°, de 20 ff.; em 1476, estabelecendo-se na mesma cidade Manzolo e Hassia, transportou-se Gerardo para Vicencia, Friuli, Udina, &; voltando depois, ali permaneceu até 1494; em 1498 reappareceu ainda em Treviso, morrendo provavelmente no anno seguinte.

Segundo Deschamps, que nos fornece estes dados, Gerardo de Flandres é um dos maiores nomes da sua epoca; é, talvez, com seu mestre Nicolau Jenson, o impressor da Italia no seculo XV que levou a arte typographica ao mais alto grau de perfeição.

FERRARA.

N.° 33. — Biblia En lengua Española traduzida palabra por palabra dela verdad Hebrayca por muy excelentes letrados vista y examinada por el officio dela Inquisicion. Con priuillegio del yllustrissimo Señor Duque de Ferrara.

In fine: — « A gloria y loor de nuestro Señor se acabo la presente Biblia ẽ lengua Española traduzida dela verdadera origen Hebrayca por muy excelentes letrados: con industria y deligencia de Duarte Pinel Portugues: estampada en Ferrara a costa y despesa de Jeronimo de Vargas Español: en primero de Março de. 1553. »

In-fol. goth., a 2 cols., de 8 ff. prel. inn., 400 ff. num., 3 ff. inn., fronstp. gr. em madeira.

Esta Biblia, conhecida sob o nome de *Biblia de Ferrara*, parece ter sido a primeira impressa na lingua hespanhola. Ha exemplares de duas especies, ambos extremamente raros, uns para uso dos Judeus, e outros para uso dos Christãos; estes exemplares se differençam apenas pela epistola dedicatoria e pelo final do colophão, constando ambos do mesmo numero de folhas.

O nosso exemplar pertence ao numero dos ultimos; nos outros, vulgarmente chamados *Biblia dos Judeus*, o colophão

coincide com o do nosso até á palavra *letrados*, depois da qual continúa assim, segundo Clément e Salvá: « con yndustria y diligencia de Abrahã Usque Portugues: Estampada en Ferrara a costa y despesa de Yonna Tob Atias hijo de Levi Atias español en 14 de Adar de 5313. » (1553.)

Segundo David Clément, Brunet, Graesse, etc, estes exemplares não são de duas edições diversas, antes pertencem, posto que com variantes, á mesma edição.

As 8 ff. prel. inn. do nosso exemplar contêem; — 1.°, a fl. de rosto gravada em madeira, onde se vê representada a arca da alliança; — 2.°, a dedicatoria: « Al... Señor Don Hercole da Este el Segundo... », assignada por *Jeronimo de Vargas y Duarte Pinel*, no verso do frontispicio; — 3.°, um prologo *Al letor*, occupando a 2.ª fl., r. e v.; — segue-se depois a *Tabla*, a 3 cols., desde a fl. 3.ª até o anverso da 7.ª; e, finalmente, o « Catalogo delos juezes y reyes que reynaron en Israel y prophetas y sacerdotes mayores de sus tiempos; y sumario delos años desde Adam fasta año de. 4280. del mundo sacado de Sedar Holam. », a 2 cols., occupando o v. da fl. 7.ª e a 8.ª.

O texto, a 2 cols., occupa as 400 ff. num.

In fine: Tabla delas Haphtaroth de todo el año, comprehendendo 2 ff. inn., que faltam em muitos exemplares. Segue-se mais 1 fl. inn. contendo o *Registro* e o *colophão*.

Segundo observa Crevenna, *Catalogue raisonné*, I, pag. 25, ha alguns exemplares da Biblia dos christãos em que falta uma passagem no *Levitico*, entre o versic. 35, cap. VII, e a ultima palavra do v. 7, cap. VIII., a qual devia achar-se no verso da fl. 48, 2.ª col.; em outros exemplares, porem, suppriu-se esta lacuna pela reimpressão da mencionada folha. Crevenna possuia um exemplar com a lacuna e outro completo.

Comparando a nossa *Biblia* com o texto da *Biblia Sagrada, Rio de Janeiro, Garnier*, 1864, notamos que o nosso exemplar contém o cap. VII do Levitico até o v. 35 *inclusive*, com o qual termina a 2.ª col. da fl. 48 v., e que a fl. 49 começa com o v. 8.° do cap. VIII do mesmo livro; assim pois, faltam os v. 36–38 do cap. VII., e os v. 1–7 do cap. VIII. Temos pois 3 especies differentes de exemplares da *Biblia de Ferrara*, a saber: 1.ª, exemplares para uso dos Judeus; — 2.ª, exemplares para uso dos christãos com a lacuna nos caps. VII. e VIII. do *Levitico*; — 3.ª, exemplares para uso dos christãos sem esta lacuna.

Segundo a melhor opinião a imprensa começou nesta cidade no seculo XV, e foi introduzida pelo francez André

Beaufort, que se assignava *Andreas Gallicus*, *Andreas Belforti*, ou *Andreas de Francia*.

O primeiro livro impresso por Beaufort foi, segundo Amati, uma edição dos Commentarios de Servius Honoratus sobre Virgilio, que foi publicada em Roma por Udalricus Gallus em 1471.

Deschamps, no seu artigo sobre esta cidade, diz que Ferrara é um lugar estimado dos bibliophilos, porque as edições princeps, as raridades e curiosidades bibliographicas nella abundam.

Em verdade, assim é. A Biblia que fica acima descripta e que expomos sob o n.° 33, é uma edição princeps, é edição muito rara, é, emfim, a famosa e estimada Biblia de Ferrara.

O exemplar veiu-nos da Real Bibliotheca.

PARMA.

N.° 34. — (Plinius Senior. Opera. *Parmæ*, *Andreas Portilia*, 1480.) In-fol.

Fl. 1 r.: « Caivs Plynivs Marco svo salvtem »; e, in fine: « Svetonii Tranqvilli in libro de viris illvstribvs ». — Fl. 1, v: « Caivs Plynivs Tacito svo salvtem. » — Fl. 2, r.: « Item Tertvliani in Apologetico », e « Item ex libris de temporibvs Evsebii Caesariensis ». — Fl. 2, v., em branco. — Fl. 3, r.: « Caii Plynii Secvndi Natvralis Hystoriae Liber Primvs. Caivs Plynivs Secvndvs. Novocomensis. T. Vespasiano svo salvtem Praefatio », que termina na fl. 4, r. — Na 15.ª linha da fl. 4, r., começa a tabua, « Svmmatim hæc insvnt libris singvlis », que vae até o v. da 15.ª fl., occupando 12 ff., como diz Hain, *Repert. Bibliogr.*, n.° 13093, e não 10, como se lê na descripção feita por Dibdin, *Bibl. Spenceriana*, vol. II., pag. 263, n.° 366. Na 15.ª fl., r., começa o livro segundo: « Caii Plynii Secvndi Natvralis Hystoriae Liber Secvndvs »; no v. da 275.ª, na 15.ª linha, começa o trigesimo septimo: « Caii Plynii Secvndi Natvralis Hystoriae Liber Tricesimvs-septimvs et vltimvs: Procemivm.

O nosso exemplar está incompleto; á fl. 275 seguem-se

mais 4, a ultima das quaes termina assim : « Viliores constantivs repraesentant : neqz est mutabi » (*sic*).

O registro vae de *a* a *z*, variando o numero de ff. do seguinte modo : *a* comprehende 9 ff., a primeira das quaes é marcada *a 2*; *b* contém 6 ff. ; de *c* a *u* ha 18 cadernos, cada um de 8 ff. ; *x* e *y* contém 6 ff. cada um ; *z*, 8 ff. Seguem-se 2 cadernos marcados & e ɔ de 4 ff. cada um. Depois continúa o registro de *A* a *L*, comprehendendo 11 cadernos de 8 ff. cada um. O nosso exemplar ainda tem 4 ff. do caderno *M*; Dibdin, porém, assegura que *M* contêm 6 ff., ás quaes se segue *N* com 4 ff. Feito o calculo sobre estes dados, um exemplar completo deve ter 285 ff. O nosso contêm apenas 279, inn.

Graesse, entretanto, affirma que esta edição consta de 268 ff., sendo a primeira em branco.

Para completar a descripção da obra temos de recorrer aos dados fornecidos por Dibdin e Hain. Na fl. *N ii*, r., (283), deve achar-se o colophão concebido nos seguintes termos :

« Caij Plynii Secundi Naturalis Historiae Liber Tricesimus Septimus et Ultimus Finit. Parmae Impressus Opera Et Impensa Andreae Portiliae Anno Natiuitatis Domini M. CCCC. LXXX. Idibus Frebruarii. Regnante Illustrissimo Prĩcipe Ioanne Galeazeo Maria Duce Mediolãi. »

Devem seguir-se 10 versos latinos : « Andreas prodesse uolens portilia multis », etc., assignados *Andreas Aicardus*, e mais 3 pp. de importantes correcções.

Magnifica impressão, muito nitida, feita em papel encorpado e de excellente qualidade. Os caracteres empregados são os romanos, com todas as abreviaturas da epoca. Neste bello incunabulo faltam as grandes e pequenas capitaes, cujos espaços ficaram em branco ; ellas são, porem, assignaladas pelas lettras minusculas correspondentes. Uma pagina cheia contém 58 linhas. Os *reclamos* só existem na ultima pagina de cada folha de impressão.

O exemplar acha-se em excellente estado de conservação.

A primeira edição da *Historia Naturalis* de Plinio publicada em Parma traz a data de 1476, *Steph. Corallis*, in-fol. de 365 ff. Seguem-se logo a nossa de 1480, *Andreas Portilia*, in-fol. de 285 ff. inn., e, no anno seguinte, outra do mesmo Portilia, in-fol. de 266 ff.

Andreas Portilia ou Portiglia, parmezão, foi o introductor da imprensa em sua patria, e nella trabalhou até o anno de 1481. O primeiro volume impresso nesta cidade é, segundo

Deschamps, uma collecção de 3 opusculos intitulados: — *Plutarchi Tractatus de liberis educandis, Guarino Veronensi interprete.* — *Hieronymi Presbiteri de officiis liberorum erga parentes.* — *Basilii Magni de legendis gentilium libris oratio ad adolescentes, Leonardo Aretino interprete.* Os tres tratados formam um vol. in-4.º de 40 ff., a 26 linhas, sendo a ultima fl. em branco. Na fl. 39, r., se lê:

« Eia quibus restat pueri spes unica patrum
« Discite: nã facilis nũc uia monstrat iter.
« Hoc nã ĩpressit opus nobis Portilia Parmae
« Andreas: multus cui datur artis honos.

« Nono calendas octobres. M. CCCC. LXXII. »

Em 1473, este mesmo impressor publicou a celebre edição dos *Trionfi di Petrarca*, com os commentarios de *Francesco Filelfo*, acabada *pridie nonas martii 1473*.

Encontrou Portilia um rival formidavel em Estevão Corallis, natural de Lyão, considerado o mais celebre impressor de Parma no seculo XV; trabalhou este de 1473 a 1477, desenvolvendo na profissão a maior actividade. A Achilleida de Stacio, primeira obra que sahiu dos seus prélos, tem a data *Parmae, M. CCCC. LXXIII. X. Cal. Aprilis*, in-4.º

Dos frades cartuchos, impressores de Parma, só se menciona uma impressão, com a data *M. CCCC. LXXVII. Decembris*, in-4.º, citada por Deschamps como bem executada pelos proprios cartuchos.

Como impressores do seculo XV nesta cidade, ainda citaremos: Genexius del Cerro, que publicou um bello *Terencio* em 1481; Deiphœbus de Oliveriis, que imprimiu em 1483 um *Lucano*, e Angelus Ugolettus, de quem subsistem muitas impressões de 1487 a 1499, e que é considerado o melhor impressor d'esse seculo depois de Portilia e Corallis. G. Brunet, no seu *Dict. de Bibliologie Catholique*, dá a este ultimo impressor o nome de *Francisco*.

Quasi tres seculos depois appareceu o celebre João Baptista Bodoni, que tão conhecida tornou na Europa a imprensa gran-ducal de Parma. D'elle tratar-se-ha no n.º 35.

Nosso exemplar pertenceu á Real Bibliotheca.

N.° 35. — Q. Horatii Flacci opera. — *Parmae, in aedibus Palatinis, typis Bodonianis, CIƆ IƆ CCLXXXXI, in-fol.*

Contém xiv pp., das quaes as x primeiras occupadas pelo prefacio do editor *Jos. Nic. de Azara* e as restantes pela *Q. Horatii Flacci vita e Svetonii poetis*, e 371 pp. num. de texto.

A descripção dada por Graesse d'esta soberba edição quadra perfeitamente com as indicações que apresenta o exemplar exposto, e é a seguinte:

« É o texto das antigas edições, corrigido aqui e ali á vista de mss. da *Bibl. Chigi.* Editou-o Jos. Nic. de Azara, auxiliado por Ennio Quirino Visconti, Carlos Fea e Estevão Arteaga. Deu causa o seu apparecimento a uma critica muito acerba por parte de Clementino Vanetti nas suas *Osservazioni intorno ad Orazio. Roveredo, 1792,* 3 t. *in-8.°; Lugano, 1825, 3 t. in-8.°*, critica a que respondeu a *Lettera di Steff. Arteaga a Gio-Batt. Bodoni, intorno alla censura publ. da Clementino Vanetti contra l'ediz. Parmense dell' Orazio del 1791. Crisopoli (Parma, Bodoni), 1793, peq. in-4.°* »

Tiraram-se d'esta magnifica edição 300 exemplares, dos quaes 50 em papel fino, 50 em papel vellino de Annonay e 3 em couro apergaminhado.

Ha d'ella uma reimpressão incorrecta: *Parmae, typis Bodonianis, 1793, in-4.° gr.*, em 150 exemplares, e ainda outra, *ibi, 1793, in-8.°* de 200 exemplares, dos quaes muitos em papel vellino.

Diz a seu respeito Brunet, *Manuel du libraire*, tantas vezes citado:

« Edição de execução perfeita: é mais procurada que a mór parte das demais producções do mesmo impressor. Segundo os dados que nos subministra o catalogo de Bodoni, por J. de Lama, tiraram-se, além dos exemplares ordinarios em papel *royal*, 50 em papel superfino ou *imperial*, 50 em papel vellino, 25 em vellino de Annonay e 3 ou 4 em pergaminho.»

Por uma nota de Dibdin, *Bibl. Spencer.*, VII, pag. 138, se verifica que um d'estes ultimos exemplares foi comprado para a Bibliotheca do conde de Spencer ao proprio Bodoni pelaquantia de quarenta e oito *luizes de ouro novos de França.* Outro ex. havia sido vendido no mesmo dia, 5 de Novembro de 1792, a lord Berwick; os dous outros paravam em poder do editor, o cavalleiro de Azara. Dibdin transcreve a carta de Bodoni, em francez, em que faz estas declarações. Parece, pelo dizer da viuva do impressor, em 1819, que dois d'esses ex. pertenceram depois á imperial Bibliotheca de Vienna.

O exemplar exposto prima não só pelas suas bellezas primitivas, de nitidez de impressão, feita em vistosos caracteres romanos, excellente papel de linho, com largas linhas e espaçosas margens; como pela sua solida encadernação e perfeito estado de conservação em que se acha. É pois uma impressão que faz honra ao impressor e á cidade em que foi feita.

João Baptista Bodoni, fallecido em Padua em 1813, na edade de 73 annos, nascêra em Saluzzo no Piemonte de pae typographo. As impressões que fizera, de 1781 a 1813, vêem mencionadas no 2.° vol. da *Vita del cavaliere Giambattista Bodoni*, obra de enthusiasmo escripta por um amigo do famoso impressor, José de Lama, publicada em Parma em 1816, segundo o *Dict. de Bibliologie Catholique* de G. Brunet.

« A não serem as guerras, diz este autor, e as revoluções que assolavam a Italia e paralysavam em Europa o gosto pelo estudo, os trabalhos de Bodoni teriam gozado de importancia muito superior á que tiveram. » Passa depois a uma analyse das suas edições, com referencia ás principaes, para a qual remettemos o leitor curioso.

Renouard, no *Catalogue d'un amateur*, I, dá indicações bibliographicas aproveitaveis para quem quizer conhecer a fundo a vida e o caracter do notavel typographo parmezão. Como complemento a estas fontes de consulta bio-bibliographica, apontam-se ainda as *Memorie anecdotti per servire alla vita di J. Bodoni* por Passeroni, *Parma*, 1814, in-8.°, e a *Biographie des trois illustres Piemontais*, Lagrange, Denina, Bodoni, fallecidos em 1813, por Gregori, *Verceil*, 1814, in-8.°

Concluiremos com o trecho de Deschamps, *Dict. de Géographie ancienne et moderne... par un bibliophile:* « Pelo meiado do ultimo seculo appareceu em Parma um grande impressor, cuja fama foi collossal e excessiva, João Baptista Bodoni, nascido em Saluzzo em 1740. Sob a sua direcção a imprensa gran-ducal adquiriu reputação européa. É certo que o luxo typographico das suas grandiosas edições, luxo a que tudo sacrificou o impressor, até mesmo a correcção, póde justificar, até certo ponto, o preço elevado a que chegavam, ha cincoenta annos, estes *in-folios* de margens despropositadas. Graças a Deus, porém, ninguem hoje os compra mais por taes preços e as edições de Bodoni têem baixado a preços relativamente mediocres, mas perfeitamente justificados. »

O exemplar exposto pertenceu á livraria do Infantado e conserva o carimbo da Real Bibliotheca.

VICENCIA: VICENZA.

(Vicentia).

N.° 36. — (Virgilio, l'Eneide ridotta in compendio da Atanagio Greco, e travolta in vulgare.)

Titulo dado pelo autor do *Dizionario di opere anonime e pseudonime de scrittori italiani* e repetem, com leves alterações, todos os bibliographos.

No fim do vol. deve lêr-se:

« La qual e stata impressa ne la famosa cittade de Vicencia. per Hermanno Leuilapide da Colonia grãde ne lano dil Signõr. M.CCCC.LXXVI. adi Marti. xi. Marcio. »

Seguem-se dois versos latinos e as iniciaes. P. B. C. O. no r. da ultima fl., e no v.: « Publii Maronis Virgilii Epitaphia. »

In-4.° peq. de 91 ff. sem num., de 23 linhas cada pagina cheia, largas linhas, caract. romanos, em papel encorpado, com registro; foram deixados em branco os lugares para as lettras capitaes.

Sem fl. de rosto.

O livro começa:

« .Maronis Virgilii Liber Eneidos feliciter Incipit.. Prologvs. »

Panzer, III, pag. 509, n.° 15, citando Maittaire, Crevenna e outros, diz em relação áquelle bibliographo: « Quis sit iste Atanagius Graecus se nescire dicit Maitt. l. c. not. 3. »

É com effeito o que se lê na citada nota, pag. 370, onde se discute toda a materia, que deu thema a mais de uma controversia. A este proposito diz Brunet que a obra não é uma traducção italiana da Eneida inteira, mas apenas um resumo em prosa do poema, distribuido por capitulos á guisa de romance, originariamente composto *in lingua vulgare*, como vem declarado no prologo, por um certo Athanasio, grego, para uso de Constancio, filho do Imperador Constantino: em frente do vol. acham-se dous prologos, *um do traductor italiano anonymo*, outro do grego Athanasio. Lê-se com effeito, e o nota Brunet, no fim do vol.: « ...opera gia in verso componuda... et da puoi de uerso in lingua uulgare reducta per lo litteratissimo greco Athanagio p consolatione de Constantio figluolo de Constantino Imperatore... »

Graesse observa a este respeito: « Não é uma versão, mas

um extracto da Encida em prosa feito para Constancio, filho do Imperador Constantino (?) por um certo Nastagio ou Anastacio, frade minimo, segundo uns grego de nação, florentino segundo outros: esta obra foi publicada por Andréa Lancia, notario em Florença. »

« Ninguem, pondera por sua vez o autor do *Cat. de Crevenna*, III, pag. 202, ninguem atina com quem possa ser este *Atanagio Greco*, que se dá por autor d'esta traducção em todos os logares do volume... que, entretanto, não é conhecido nem entre os poetas italianos, nem alhures, assim como não ha meio de se descobrir nada de positivo a seu respeito. » Para o autor esta traducção, similhante em muitos pontos a uma trad. msc. citada no *Vocabulario de la Crusca*, tem apenas grande merito pela sua extrema raridade e pela antiguidade da sua impressão.

O autor do Diccionario dos anonymos e pseudonymos italianos, citado, III, pag. 226, col. 1.ª *in fine*, discute do modo seguinte esta questão bibliographica:

« Ao prologo e á rubrica segue outro prologo, em que se diz, como ainda se repete no fim, que o alludido Athanasio Grego passou para prosa vulgar *l'Eneide per consolatione de Constantio figliulo de Constantino Imperatore*. Como todos vêem, não posso dar grande valor a tão solemne impostura, mas, para descobrir-se o verdadeiro traductor cumpre antes recorrer a varios codices que se guardam em Florença, dos quaes consta que a Eneida foi traduzida para prosa latina por fr. Anastacio, da Ordem dos Minimos, e que *questo latino Ser Andrea di Ser Lancia a trasladou para aprazivel vulgar a rogos de um seu amigo chamado Coppo*. Este *senhor Andrèa de Senhor Lancia* é já conhecido como traductor de outras obras latinas, e nas novellas de Sacchetti falla-se de um florentino chamado *Coppo*, que gostava de ler e era contemporaneo de *Lancia*. De resto, a vulgarisação do de quem se trata provêm do citado pela Crusca, mas a impressão está muito gasta nessa parte (*guasta nella lezione*), de modo que não se lhe apanha bem o sentido. »

Dibdin, *Bibl. Spenc.*, *Supplement*, não entra nessa indagação, posto que não se occupe pouco com a obra.

De Bure, *Bibliogr. Instructive*, I, n.º 2704, varia um pouco no titulo que dá á obra e diz:

« Espositione dell' Eneide di Virgilio. *In Vicentia, Hermanus Levilapis, anno 1476. in-4.º*

« Edição assaz recommendavel por sua vetustez. Ha um exemplar em Paris na Bibliotheca do rei. »

Como se vê, não entra este bibliographo em maiores

desenvolvimentos, e assim Haym na sua *Biblioteca italiana*, o qual, I, pag. 202, n.º 4, apenas diz:

« P. Maronis Virgilii Liber Eneidos feliciter incipit (*in prosa tradotto per lo litteratissimo Greco Atanagio*). Vicenza 1476 per Hermanno Levilapide in-4.º E Bologna per Ugone de' Rogerii 1481 in-4 e Venezia per Zoppino 1528 in-8 *con figure.* »

Pelo que diz Brunet se conclue que o poema teve *um traductor italiano anonymo*, além do *grego Athanasio*, e citando o que se lê no fim do vol., r. da fl. 101 e ultima, supprime, depois da phrase *gia in uerso componuda*, o seguinte: « p lo famosissimo Poeta laureato. P. Marone Virgilio Mantuano ad honore et laude de Octauiano Augusto secundo Imperatore de Romani. » A phrase pois *in uerso componuda* applica-se ao proprio Virgilio e a nenhum outro. Na verdade os dois prologos postos no principio do vol. parecem indicar que dois individuos tomaram parte no trabalho, especialmente o segundo, redigido do modo seguinte: « Questo e il prologo dil greco athanagio. » Nenhum dos outros bibliographos, nem mesmo Crevenna, *Catalogue raisonné*, III, pag. 202, se occupa d'este assumpto.

A respeito da sua impressão e valor como raridade bibliographica diz este bibliographo:

« Esta rara edição é executada em bellissimos caracteres redondos *sans chifres, & sans reclames*, mas unicamente com registros de cadernos, que começam por *a*... » O exemplar que descrevia Crevenna estava mutilado em mais de um lugar. O registro do nosso começa por *a 2*.

Ebert, no seu *Allgemeines bibliographischen Lexikon*, II, apenas se occupa com o nome do traductor, *Atanagio ou Nastagio.*

Este resumo em prosa da Eneida foi reimpresso em Veneza *per Nic. Zoppino di Aristotile da Ferrara, 1528, in-8.º*

No mesmo anno em que se fazia na mesma cidade de Vicenza a edição exposta, fazia-se a das obras do poeta, na lingua original, *per Joannem de Vienna*, em nitidissimos caract. romanos e *in-fol.*

Dá-nos conhecimento da serie de impressores que no XV seculo se estabeleceram naquella cidade e suas visinhanças o *Dictionnaire de Bibliologie Catholique* publicado pelo abbade Migne. Basta consignar-se nesta noticia que o primeiro que fundou imprensa em Vicenza foi Leonardo Achates, de Basiléa, que deu ao prelo grande numero de obras desde 1475 até 1491, tendo-se a principio estabelecido em Sant'Orso,

suburbio de Vicenza, em 1474. Trabalhára primeiramente em Veneza e em Padua.

O segundo typographo que fundou officina nesta cidade foi Hermann Lichtenstein ou, á latina, *Hermannus Levilapis*, natural de Colonia, que ali trabalhou pela arte em 1475 e anno seguinte. Foi depois para Treviso, em 1477; d'ali tornou á Vicenza, onde continuou a imprimir até 1480. Deixou-a mais tarde e passou-se á Veneza e ali permaneceu até morrer, o que se suppõe que aconteceu em 1497. Era um dos mais afamados impressores do XV seculo, diz La Serna Santander, *Dict. bibliographique choisi*, 1.ª p., pag. 305.

O 3.º na ordem chronologica dos primeiros typographos de Vicenza é Johannes de Reno ou de Rheno, que ali trabalhou de 1475 até 1482, tendo antes estabelecido officina na aldeia de Sant'Orso, para onde foi o primeiro que lhe levou a arte, antes de Vicenza, e onde imprimiu, em 1473, *J. Duns Schotus, super tertio sententiarum, in-fol.* Passou-se mais tarde e definitivamente para Veneza. La Serna dá a relação, que fôra longo reproduzir aqui, dos 15 primeiros typographos de Vicenza.

O exemplar exposto do *Virgilio vulgarizzato* está truncado: faltam-lhe interpoladamente 10 ff., sendo pois o seu numero de 91, quando devia ser de 101; felizmente subsistem as indispensaveis para dar ideia do livro. Este exemplar foi restaurado. Não traz nenhum *ex-libris*, mas devia ter pertencido á Real Bibliotheca.

Uma observação ainda: Cousa notavel! No opulentissimo *Repertorium Bibliographicum Ludovici Hain* não figura o nome de Virgilio nem se faz menção de nenhuma das suas obras!

BASILÉA: BASEL.

(Basilea).

N.º 37. — Novvm Instrumentũ omne, diligenter ab Erasmo Roterodamo recognitum & emendatum, nõ solum ad graecam ueritatem, uerumetiam ad multorum utriusqz linguae codicum, eorumqz ueterum simul & emendatorum fidem, postremo ad probatissimorum autorum cita-

tionem, emendationem & interpretationem, praecipue, Origenis, Chrysostomi, Cyrilli, Vulgarij, Hieronymi, Cypriani, Ambrosij, Hilarij, Augustini, una cũ Annotationibus, quae lectorem doceant, quid qua ratione mutatum sit. Quisquis igitur amas ueram Theologiam, lege, cognosce, ac deinde iudica. Neqz statim offendere, siquid mutatum offenderis, sed expende, num in melius mutatum sit. *Apvd inclytam Germaniae Brasilaeam. Cvm privilegio Maximiliani Caesaris Avgvsti, ne qvis alivs in Sacra Romani Imperii Ditione, intra qvatvor annos excvdat, avt alibi excvsvm importet.* In-fol.

No começo do vol. ha 14 ff. inn. prel., contendo: o titulo acima reproduzido integralmente, no qual occorre a marca typographica de *Io. Fro.;* — « Io Frobenivs pio lectori S. D. », datada « Basileae. sexto Calendas Martias. Anno M. D.XVI.»;—« Leoni Decimo, Pontifici modis omnibvs svmmo, Erasmvs Roterodamvs Theologorvm infimvs. S. D. », datada: « Basileae Anno restitutae salvtis M. D. XVI. Calendis Febrvariis »; —« Erasmi Roterodami Paraclesis ad lectorem pivm»; —« Erasmi Roterodami Methodvs»; —« D. Erasmi Roterodami Apologia »; e finalmente: « **ΒΙΟΙ ΤΩΝ ΤΕΣΣΑΡΩΝ ΕΥΑΓΓΕΛΙΣΤΩΝ ΕΚ ΤΗΣ ΤΟΥ ΔΟΡΟΘΕΟΥ ΜΑΡΤΥΡΟΣ ΚΑΙ ΤΥΡΙΩΝ ΕΠΙΣΚΟΠΟΥ ΣΥΝΟΨΕΩΣ.** » No r. da fl. 2.ª inn., epistola a Leão X, o texto vem dentro de uma larga tarja impressa á tinta preta; na parte inferior d'esta tarja ha um escudo em branco, provavelmente destinado a receber o nome do typographo.

Seguem-se 324 pp. num., comprehendendo os quatro *Evangelhos* e os *Actos* dos apostolos. Na primeira, não num., ha uma larga tarja impressa á tinta preta, em cuja parte inferior se lê, dentro de um escudo: « Ioannes Frobenivs svis typis excvdebat ». A impressão é feita a 2 col.; na da direita está a versão latina de Erasmo e na da esquerda o texto grego. Depois dos Actos dos apostolos traz na pag. 323: **ΥΠΟΘΕΣΙΣ ΤΗΣ ΕΠΙΣΤΟΛΗΣ ΤΟΥ ΑΓΙΟΥ ΠΑΥΛΟΥ ΠΡΟΣ ΤΟΥΣ ΡΩΜΑΙΟΥΣ**, que se refere á 2.ª parte.

Esta 2.ª parte consta de 672 pp. (*sic*), 2 ff. inn. As primeiras 224 encerram as *Epistolas* dos apostolos e o *Apocalypse*. Na primeira, não num., ha um cabeção de pagina cercando o titulo por tres lados, e em cujos ramos lateraes se lê:

ΙΩΑΝΝΗΣ ΦΡΟΒΕΝΙ. Este cabeção e duas lettras capitaes que adornam a pagina são impressos á tinta encarnada. Na pag. 224, *in fine*, lê-se em linhas longas: « Finis Testamenti totius ad græcã ueritatẽ uetustissimorũqz Codicum latinoꝝ fidem & ad pbatissimoꝝ authorũ citationẽ & interpretationem accurate recogniti, opera studioqz D. Erasmi Roterodami. » Segue-se uma fl. em branco inn. A disposição do texto nestas paginas é a mesma da primeira parte.

As outras paginas contêem: « In Annotationnes Novi Testamenti Praefatio. D. Erasmvs Roterodamvs pio lectori S. D. » datada « Basilaeae. An. M. D. XV., de pp. 225 – 230; — « In Novvm Testamentvm... adnotationes Erasmi Roterodami... » de pp. 231 – 675. Nesta ultima pagina lê-se no fim: « Annotationvm Erasmi Roterodami in Novvm testamẽtum ab eodem recognitum... finis. Basileae, Anno salutis hũanae. M. D. XVI. Kalendis Martij. » Na pagina erradamente numerada 672, em vez de 676, acha-se: « Ioannes Œcolampadivs pio lectori. S. », epistola que termina no r. da 1.ª fl. inn. Nesta fl. inn. ainda se encontram duas erratas: « Emacvlata in Evangeliis », e « Emendata in Epistolis ». No r. da 2.ª fl. inn., ultima do vol., occorrem: 1.º o registro « Canon terniorvm » 2.º o colophão, assim concebido: « Basileae in aedibus Ioannis Frobenij Hammelburgensis Mense Februario. Anno. M. D. XVI. Regnante Imp. Caes. Maximiliano P. F. Avgvsto. »; 3.º a marca da officina de *Io. Fro.* cercada de 4 legendas. Esta marca é diversa da da fl. de rosto. A pag. 225, começo do Prefacio da 2.ª parte, tambem é ornada de tarja impressa á tinta preta.

Segundo diz Graesse, as 2 ff. inn. que acabamos de descrever faltam em muitos exemplares.

A impressão é muito nitida; nas ff. prel. inn., nas annotações, e nas ff. inn. do fim as linhas são longas; o texto do Novo Testamento é, como já foi dito, impresso a 2 cols. Além das tarjas mencionadas ha muitas vinhetas e lettras capitaes ornadas. A paginação foi muito descurada pelo impressor; com effeito, percorrendo o volume pagina por pagina, verificámos 16 erros e 2 faltas de numeração na 1.ª parte, e 30 erros e uma falha na 2.ª! D'entre os erros convem distinguir os dois seguintes: 1.º as pp. 131 – 136 da 2.ª parte são repetidas; 2.º na mesma 2.ª parte, depois da pag. 618 a numeração continúa: 669, 670... até 675, e depois 672, sem que falte cousa alguma ao texto, como se verifica pelos *reclamos*.

Graesse, na descripção que faz d'esta edição, accrescenta a seguinte nota:

« Première éd. du Nouveau Test. en grec (car celle d'Alcala, quoique imprimée en 1514 ne fut publiée qu'en 1520). C'est en même temps la première de 5 édd. d'Erasme. Elle n'a pas un très grand mérite critique, car, quoique Erasme donnât le texte sur plusieurs mss., ceux-ci n'étaient pas du tout d'une haute antiquité et ses compagnons dans le travail, Gerbel, Capito et Œcolampadius se sont permis trop d'altérations arbitraires selon leurs conjectures hasardées et à la faveur de la Vulgate.

« Les prem. parties du N. Test. imprimées en grec sont les chansons de Marie et de Zacharie *(Ev. Lucæ I)* dans le Psautier grec de 1486 et les 6 premiers chapitres de l'évangile St. Jean publiés avec *Greg. Nazianz. Carmina* (*Ven. Aldus* 1504 in-8.°). Dans la Polyglotte d'Alcala le texte du Nouv. Test. est donné sur 6-8 mss. assez récents, mais on l'a accommodé à la vulgate, et dans l'éd. de la Bible en grec imprimée par les Alde en 1518 le texte d'Erasme se retrouve, mais avec quelques changements sur des mss. »

As 5 edições de Erasmo ás quaes Graesse se refere são: 1.ª a exposta, já descripta; 2.ª *Basileae, apud Joa. Froben. Mense Martio* 1519, in-fol., segundo a qual Luthero fez a traducção allemã do Novo Testamento; 3.ª *Ibi, id.*, 1522, in-fol.; 4.ª *Ibi, id.*, 1527, in-fol. a 3 cols., sendo a da esquerda para o texto grego, a do centro para a versão de Erasmo, e a da direita para a vulgata; 5.ª *Ibi, id.*, 1535, in-fol., com o texto e a versão de Erasmo a 2 cols., dispostas como se vê na 1.ª ed. O texto d'esta differe do da 4.ª ed. sómente em 4 passagens.

Esta 5.ª edição foi varias vezes reimpressa: *Bas., Hi. Froben. et Nic. Episcopius*, 1541 (*in-fine:* 1542), in-fol., já depois da morte de Erasmo; — nas *Opera Erasmi* por Beatus Rhenanus, *Bas.* 1539, Tom. VI; — nas *Opera Erasmi* por Clericus, *Lugd. Bat.*, 1705, in-fol., Tom. VI. Esta ultima edição tambem appareceu com um titulo em separado. Citemos ainda as seguintes, tambem mencionadas por Graesse: *Bas., P. Perna*, 1570, in-fol.; — *Lugd. excud. Joa. Tornaesius typ. reg. 1559, VI idus dec.*, in-8.°; — *Lipsiae, typis Voegelianis*, 1570, 1578 e 1591, in-8.°; — *Viteb., Selfisch*, 1606, in-8.°, cuidada por Er. Schmid; — *Viteb., her. Sam. Selfisch*, 1618, in-8.°, reimpressão da anterior; — *Gissae Hass. ex off. Jos. Dict. Hampelii*, 1669, in-4.°; — *Francof., Balth. Chr. Wust.*, 1674, 1680 e 1700, in-8.°

Estas 20 edições no espaço de menos de 2 seculos servem para attestar o merecimento da versão de Erasmo.

Das cinco primeiras edições de Erasmo, impressas todas por Frobenius durante a vida do traductor, a Bibliotheca Nacional possue a primeira, que expõe como mais valiosa, e a quarta, que tem o merito de facilitar o confronto da versão de Erasmo com a da vulgata.

Basiléa é uma cidade muito notavel pelos seus impressores. Deixando de parte o *Reformatorium vitæ morumque et honestati saluberrimum*, ahi impresso, que sahiu erradamente com a data *M. CCCC. XLIIII.*, em vez de *M. CCCC. XCIIII.*, parece muito provavel, segundo a opinião dos melhores bibliographos, que a imprensa fosse introduzida nesta cidade por Bertholdus Rodt ou Rot, discipulo de Gutenberg. De Moguncia Rot passou-se para Strasburgo, onde residiu por algum tempo, e d'ali para Basiléa, onde se estabeleceu. De 1462 a 1474 Rot deve ter imprimido grande numero de livros; mas, como o seu illustre e modesto mestre, elle os publicou sem lhes pôr o nome e nem mesmo a data. Um unico volume, no qual figura o nome d'este impressor, serviu para reconhecer os seus caracteres e para attribuir aos seus prélos grande numero de volumes em que elles figuram.

Este volume é intitulado: « Repertorium vocabuloꝝ Equisitorum Oratorie poesz et historiarum cum fideli narracōe... Editum a doctissimo lr̃arum amatore Magistro Conrado (*de Mure*) Turicensz ecclesie cantore. Et 'pletus anno domini M° CCCC. LXX. III.° » S. d., in-fol. goth. de 147 ff. inn., sem *reclamos* nem registro, de 36 a 38 linhas na pagina inteira. Neste volume lê-se em uns versos: « Bertoldus nitide hũc impresserat in Basilea... »

Deschamps, a quem seguimos, chega á conclusão que Bertholdo Rot já imprimia pelo menos em 1467. Pelo anno de 1473 Rot começou a impressão de uma Biblia latina em 2 vols. in-fol.; mas provavelmente a morte o colheu antes de terminar este grande trabalho, pois só o 1.° vol. é impresso com caracteres seus.

Bernardo Richel, burguez de Basiléa, e que provavelmente emprestára a Rot os primeiros fundos para estabelecer a officina, apparece logo depois como typographo; foi elle quem terminou a Biblia de Rot, imprimindo o 2.° vol. em 1475 com caracteres proprios. Seu nome deixa de figurar desde 1486.

Os dois primeiros livros impressos com data em Basiléa são de 1474: o primeiro, *Der Sachsenspiegel*, in-fol., foi publicado por Bernardo Richel; o segundo, datado de 13 de Dezembro, *Repertorium juris Joannis Calderini*, tambem in-fol.,

appareceu sem nome de impressor, mas seus caracteres são os mesmos de que se serviu Miguel Wensler ou Wensel na edição das *Epistolas de Gasparino*. Estes dois typographos imprimiram juntos em 1475 o *Quadragesimale Roberti de Licio... pressit manibus nec tersis in Basilea Bernardus Richel, cum Michaele Wensel.*

Os impressores mais notaveis de Basiléa depois d'estes são: João de Amerbach; João Froben ou Frobenius, o impressor da obra exposta; João Herwagen ou Hervagius, que publicou um *Polybio* em 1529, e ao qual nos referimos adiante, no n.° 39; João Bebelius, que deu a lume um *Aristoteles* em grego em 1531; Andreas Cartander, de quem expomos sob n.° 38 o *Avli Gellii noctivm atticarvm Libri XIX.*, de 1519; João Oporino (Herbst), cuja biographia damos adiante no n.° 42; e finalmente Thomaz Guarino, o impressor da Biblia do Urso. Sobre os dois primeiros Deschamps faz as seguintes considerações:

« Parmi les grands imprimeurs bâlois, que Zwinger appelle *Typographici Heroes*, nous devons citer: Jean de Amerbach, chef d'une famille illustre, qui porte presque à la perfection l'art de la typographie; son premier livre est de 1481, c'est le *Præceptorium divinæ legis* de J. de Nyder, des frères Prêcheurs, in-fol. de 221 ff. à 44 l.; son *Saint Ambroise* de 1492 est resté célèbre. Ses trois fils succèdent à son imprimerie et soutiennent dignement l'héritage paternel.

« L'un de ses correcteurs fut Jean Froben, de Hammelbruck (1460-1527), qui devint à son tour *Princeps typographiæ Basiliensis;* il fut le protecteur et l'ami de trois grands hommes: Erasme, Œcolampade et Holbein, qui pendant de longues années lui prêtèrent leur concours. Erasme pleure la mort de Froben d'une façon touchante: *Nunquam antehac expertus sum*, dit-il, *quantam vim haberet sincera amicitia ac mutuus animorum nexus, Fratris Germani mortem moderatissime tule, Frobenii desiderium ferre non possum.*

« M. A.-F. Didot a consacré à ces deux grands hommes, Amerbach et Froben, une des plus intéressantes notices de son *Hist. de la typographie.* »

No seculo XVII, João Buxtorf pae fundou uma typographia hebraica e publicou diversas obras nessa lingua.

No seculo seguinte Haas ensaiou pela primeira vez a impressão typographica das cartas.

Finalmente, devemos mencionar a imprensa Kœnig, cujos antepassados editaram, de 1580 a 1660, varias obras de importancia; o grande *Lexicon Chaldaicum, Talmudicum, et Rabi-*

nicum, que custou a João Buxtorf trinta annos de trabalhos, é e será sempre a gloria da imprensa Kœnig. Este enorme volume foi impresso por Luiz Kœnig em 1639, sob as vistas de João Buxtorf filho.

Pertenceu á Real Bibliotheca.

N.° 38. — Avli Gellii noctivm atticarvm Libri XIX *Ex inclyta Basilea. — In fine: Basileae, apvd Andream Cartandrvm. Mense Septembri. Anno M.D.XIX. || Svmptv Lodovici Hornken Bibliopolae.*

In-fol. peq. de 14 ff. prel. inn., comprehendido o tit., 106 ff. num. de texto, 22 ff. inn.

Citado por Panzer, tom. VI., pag. 216, n.° 310.

O titulo, impresso á tinta vermelha á excepção da indicação da cidade, vem dentro de uma tarja xylographada em uma só peça; em diversos lugares d'esta tarja acham-se cinco taboletas com dizeres tambem impressos á tinta vermelha, e no angulo inferior da direita se lêem a data 1519 e as lettras H e F entrelaçadas em monogramma. No v. da fl. de rosto, na parte superior, um prologo: « Andreas Cartander bonarvm literarvm stvdioso salvtem », datado « Basiliae, Calen. Sept. Anno M.D.XIX. », no qual o impressor dá noticia do como foi feita a edição, e na parte inferior uma errata. As 8 ff. inn. seguintes contêm um indice alphabetico; a este segue-se um indice analytico, comprehendendo 5 ff. tambem inn.

O texto occupa 106 ff. num. só pela frente, e na fl. 1 vem dentro de uma tarja gravada em madeira, composta de quatro peças.

As folhas inn. do fim encerram: — 1.° « In Avli Gelii noctivm atticarvm commentarios, capitvm index », 8 ff.; — 2.° « Dictionvm græcarvm interpretatio », 13 ff. Segue-se uma ultima fl. com o colophão dividido em duas partes, como já foi indicado; abaixo da ultima está a marca do editor *Lodovic' Hornken*, e no v. a do impressor *And. Car.*, com quatro inscripções lateraes; esta ultima é gravada em madeira e traz a mesma data e monogramma do frontispicio.

A primeira edição das Noites atticas de Aulo Gellio, impressa *Romae, in domo Petri de Maximis*, 1469, in-fol., é muito rara; a segunda edição, que appareceu em 1472, na

mesma cidade e pelos mesmos impressores, é ainda mais rara do que a primeira, cujo texto reproduz linha por linha. Entre muitas outras edições, com revisão do texto ou simples reimpressões, é digna de nota a de *Ven. in aedibus Aldi et Andreae soceri, mense septembri* 1515, in-8.°, na qual o texto foi revisto por João Baptista Egnatius, que lhe accrescentou um duplo indice e a explicação dos vocabulos gregos; d'ella existem duas especies de exemplares, que Graesse ensina a distinguir.

A edição exposta foi feita sobre o texto aldino de 1515, revisto por Cartander auxiliado por Beatus Rhenanus e Fabricius Capito, como declara no prologo o proprio Cartander. Contêm vinte livros, e não desenove, como erradamente se lê na fl. de rosto; o livro XX começa na fl. 102, r., e termina na fl. 106, r.; entretanto, no v. d'esta ultima fl., depois de um trecho intitulado *Versvs lecis datae hi svnt*, occorre a seguinte inscripção final, que vem confirmar o titulo: « Avli Gellii noctivm atticarvm librorvm vndeviginti finis. »

A impressão é feita em typo romano com capitaes ornadas; nas margens do texto occorrem numerosas chamadas tambem em typo romano, porém menor; as citações são impressas em caracteres gregos.

No exemplar descripto por Graesse a disposição das folhas é diversa da que este apresenta; naquelle todos os indices foram collocados no fim do volume, que contêm 1-106-21-1-13 ff.

Cartander, como dissemos, é um dos mais celebres impressores de Basiléa.

N.° 39. — Novvs Orbis Regionvm ac insvlarvm, veteribvs incognitarvm, unà cum tabula cosmographica, & aliquot alijs consimilis argumenti libellis... *Basileae, apvd Io. Hervagivm, mense Martio, anno M.D.XXXII.*

In-fol. peq. de 24 ff. prel. inn., comprehendido o tit., 584 pp. num., 1 fl. inn. de registro e colophão, 1 carta geogr.

Edição princeps muito rara e de inestimavel valor.

As 24 ff. prel. inn. contêm: fl. 1, r., o titulo; fl. 1, v., « Catalogvs eorvm qvae hoc uolumine continentur »; fl. 2 a fl. 3 r., « Excellenti viro Georgio Collimitio Danstettero...

Simon Grynaevs S. »; fl. 3, v.-fl. 18 v., « Index »; ff. 19-24, « Typi cosmographici et declaratio et usus per Sebastianum Munsterum. »

O texto occupa 584 pp.

Segue-se uma fl. inn. com o registro e o colophão, trazendo no v. a marca do impressor.

O mappa, que em muitos exemplares falta, é gravado em madeira e vem immediatamente depois da descripção de Sebastião Munstero. Na *Bibl. Amer. Vetustissima* acham-se descriptos o original do mappa, designado pela lettra A, e mais quatro copias, differentes entre si e tambem diversas do original; o do exemplar exposto coincide com o original A em todos os pontos, á excepção do titulo do alto da pagina, que é: TYPVS COSMOGRAPHICVS VNIVERSALIS, em vez de: COSMOGRAPHICVS VNIVERSALIS, que se lê naquelle; cumpre ainda mencionar a circumstancia de ser o mappa impresso em duas folhas, que reunidas medem $0^m,360 \times 0^m,552$.

A obra é uma collecção de noticias sobre viagens de differentes navegadores; e, comquanto seja pela maior parte uma simples reproducção, é de grande importancia para a historia da geographia. A compilação foi feita por João Huttich, mas a sua publicação deve-se a Simão Grynæus, que escreveu e assignou o prefacio dirigido a Collimitius.

Esta collecção é geralmente conhecida pelo nome de *Collecção de Gryneu*, ou pelo de *Gryneu-Hervagiana*, segundo Ternaux, *Bibl. Amér.*, ou ainda pelo de *Huttichio-Gryneu-Hervagiana*, segundo Meusel, citado na *Bibl. Amer. Vetustissima.*

Trömel, *Bibl. Américaine*, diz que o começo d'esta obra até a relação das viagens do indio José é uma simples reproducção do *Itinerarium Portugallensium* do monge Madrignano, *Mediolani*, 1508, in-fol., citado por Ternaux sob o n.º 13; e accrescenta que ella apresenta ainda uma parte das imperfeições do *Itinerarium* e do *Il Mondo Nuovo* de H. Vicentino, *Vicencia*, 1507, in-4.º Segundo Ternaux, que descreve o *Mondo Nuovo* sob o n.º 9, este ultimo livro é a primeira collecção de viagens que foi impressa.

O *Novus Orbis* foi impresso varias vezes: *Parisiis, apua Antonium Augellerum, impensis Ioannis Parui & Galeoti á Prato*, 1532, in-fol.; *Basileae, apvd Io. Hervagivm*, 1536-37, in-fol., reproducção fiel da 1.ª edição augmentada da carta de Maximilianus Transylvanus, secretrio de Carlos V, ao Cardeal de Salzburg; esta carta é datada de Vallisoleti, 24 de Outubro de 1522, e contêm a primeira relação da viagem de Magalhães. A edição *Basileae, apud Jo. Hervagium*,

1555, in-fol. é a mais completa, e por isso são mais procurados os seus exemplares. Ternaux cita, sob o n.º 44, uma de *Basilea*, 1534, in-fol., com a nota de 2.ª edição; convem mencionar que nenhum outro catalogo aponta esta edição, e talvez seja a mesma de 1536-37, que Ternaux não descreve.

Esta collecção foi traduzida para o allemão por Michel Herr, e impressa em *Strazburg, durch Georgen Ulricher von Andla*, 1534, in-fol.

O exemplar exposto é impresso em typo romano, com capitaes ornadas, e nas margens occorrem algumas referencias em italico; ha nelle um erro de paginação; as pp. 579-580 e 581-582 são numeradas assim: 581-582, 583-584; este erro, porem, corrigiu-se nas duas ultimas paginas do texto, onde vêm repetidos os n.os 583-584; na fl. de rosto, sobre a marca do impressor, acha-se collada uma gravura, representando um escudo de ouro com tres cabeças de pavão em roquete, timbrado por uma corôa de conde, tendo aos lados dois cães.

Esta obra pertenceu á Real Bibliotheca da Ajuda, e figurou na Exposição de Historia do Brazil sob os n.os 798 e 1381; o mappa vem descripto no *Ensaio de Chartographia Brazileira* sob o n.º 16.

João Herwagen ou Hervagius desposou a viuva do impressor suisso Froben, e, ligando-se com Erasmo, dedicou-se ao aperfeiçoamento da fundição dos caracteres e da tiragem; é um dos mais afamados impressores de Basiléa; falleceu nesta cidade em 1564.

N.º 40. — Bellvm Christianorvm Principvm, praecipve Gallorvm, contra, Saracenos, anno salvtis M.LXXXVIII pro terra sancta gestum: autore Roberto Momacho. (sic) Carolvs Verardus de expugnatione regni Granatae: quae contigit ab hinc quadragesimo secundo anno, per Catholicũ regem Ferdinandum Hispaniarum. Cristophorus Colom de prima insularum, in mari Indico sitarum, lustratione, quae sub rege Ferdinando Hispaniarum facta est. De legatione regis. Æthiopiae ad Clementem ponti-

ficem VII. ac Regẽ Portugalliae: item de regno, hominibus, atqz moribus eiusdem populi, qui Trogloditae hodie esse putantur. Ioan. Baptista Egnatius de origine Turcarum. Pomponius Laetus de exortu Maomethis. Lector humanissime habes hic opus quarundam historiarũ, quas iam primũ typis nostris ex antiquo & scripto exemplari in commodum euulgauimus. *Basileae excvdebat Henricvs Petrvs mense Avgvsto*, [*in fine: anno D. M. XXXIII*, (sic).] In-fol. peq. de 3 ff. prel. inn., 149 pp. num.

Citado por Panzer, *Annales Typogr.*, vol. VI., pag. 296, n.º 937.

A fl. 1 inn. contém o titulo; na fl. 2, r., acha-se um prefacio *Henricvs Petrvs lectori s.*, datado *Idibus Augusti, anno XXXIII;* logo abaixo, na mesma folha, occorre um *Index*, a 2 cols., que vai até o v. da 3.ª fl. inn.

Os 8 livros da *Historia* de Robertus Monachus, contendo uma relação da primeira cruzada, occupam as pp. 1–84, e são precedidos de um prefacio; as edições mais antigas d'esta Historia são extremamente raras. A *Expugnatio Regni Granatae* de Carolus Verardus, de pp. 85–115, traz um prefacio, um argumento e um prologo, sendo os dois ultimos em versos soltos; a edição original d'esta peça é de Roma, 1493. A *Cristopheri Colom de insvlis nvper inventis in mari Indico.... epistola, ad... Raphaëlem Sanxis: deinde per Alexandrum de Cosco latinitate donatum*, de pp. 116–121, foi traduzida do hespanhol, e no fim traz a data *Vlisbonæ, pridie Idus Martii.* As tres primeiras edições d'esta traducção de Cosco foram impressas todas no anno de 1493; a 1.ª e a 2.ª por Estevão Planck, e a 3.ª por Eucharius Silber, em Roma; esta peça e a antecedente appareceram juntas *Basileae, J. Bergman de Olpe*, 1494, in-4.º, com 1 carta e figs.

A parte intitulada « De legatione regis Æthiopiae ad Clementem pontificem VII. ac Regẽ Portugalliae... », que occupa as pp. 122–142, refere-se á embaixada do imperador da Ethiopia David ao rei de Portugal, á qual se seguiu outra de D. Manuel ao mesmo imperador, de 1515–27. Estes successos foram narrados pelo Padre Francisco Alvares, que fez parte da ultima embaixada, na sua obra intitulada *Verdadera informaçam das terras do Preste Ioam....*, descripta por Innocencio, tomo II, pag. 329, n.º 436. Esta parte contém: uma relação da embai-

xada do imperador da Ethiopia David ao Papa Clemente VII, uma descripção do reino, povo e costumes naquella epocha, uma carta de D. João III a Clemente VII, datada de 28 de Maio de 1532, e quatro de David; a primeira d'estas é dirigida a D. Manuel, a segunda a D. João III, e as duas ultimas a Clemente VII. No titulo das epistolas de David se lê: «ex Aethiopico in Lusitanam indéqz Latinam linguam traductae»; a traducção para o latim foi feita por Paulus Iovius, como se póde ver do seguinte trecho que occorre na pag. 123, *in fine:* «Paulo Iouio... qui & has quoqz Dauidis literas fidelissime latinas fecit.»

A historia da origem dos Turcos de João Baptista Egnatius vai de pp. 143-146, e a de Pomponio Lætus sobre o mesmo assumpto completa o vol., de pp. 146-149. No verso da pag. 149 occorre um colophão com a data mencionada.

O texto é impresso em caracteres romanos, com annotações marginaes em caracteres italicos.

O exemplar pertenceu á Real Bibliotheca.

N.° 41. — L. Annaei Senecae Philosophi Stoicorum omnium acutissimi opera quae extant omnia, Coelii Secundi Curionis uigilantissima cura castigata, & in nouam prorsus faciem, nimirum propriam & suam, mutata:.... *Basileae,* M.D.LVII. *In fine:* Basileae, per Ioannem Hervagivm, et Bernardum Brandum, Anno salutis humanae M.D.LVII. Mense Augusto.

In-fol. de 8 ff. prel. inn., 761 pp. num., 7 ff. inn.

As 8 ff. prel. inn. contêm: fl. 1, r., titulo; fl. 1, v., «Catalogvs»; fl. 2, «epistola nvncvpatoria»; fl. 3, r., «C. S. C. Lectori S. D.», e «Clavdii Moreli Agathii Cathalaunii, ad Lectorem»; fl. 3, v. — fl. 6 v., «D. Erasmi Roterodami de Seneca ivdicivm», e «Fernandi Pinciani.... de Seneca lvcvlentissivm testimonivm»; ff. 7-8 r. «Vita Lvcii Annaei Senecae ex Tacito et Svetonio decerpta, Xichone Polentone autore.» O texto e os commentarios ou explanações occupam as 761 pp.; segue-se finalmente o Indice desde o v. da pag. 761 até a 7.ª fl. inn., v., onde occorre o colophão.

A impressão do texto é feita geralmente a uma só columna, em typo romano igual por toda parte e com capitaes

ornadas; os commentarios e scholios de Erasmo e Pinciano, que se acham no fim de cada livro, destacam-se facilmente, porque são impressos no caracter italico; exceptuam-se, porem, o livro de Seneca *Ludus in mortem Claudij Cæsaris*, em que o texto se acha no centro da pagina em typo maior do que no resto da obra e os scholios de Beatus Rhenanus nas margens em typo tambem romano; e os *Proverbios*, em que a impressão é feita a 2 columnas. Nas margens do volume notam-se os numeros dos capitulos em lettras romanas, e variantes e conjecturas em italico.

A 1.ª edição das obras de Seneca é de *Neap.*, *Matth. Moravus*, 1475, in-fol.; rarissima, porem muito incorrecta; em 1478 appareceu uma reimpressão correcta d'esta edição, *Taruisij, per Bernardum de Colonia*, 1478, in-fol. Deixando de parte 3 edições de Veneza, 1490, 1492, e 1503, e outra sem lugar nem data, mas provavelmente feita tambem em Veneza por Giov. Tacuino, segundo Graesse, citaremos especialmente as de Basiléa anteriores á edição exposta. A primeira que ahi appareceu é de 1515, *apud Jo. Frobenium mense Julio*, in-fol.; pouco correcta; foi depois reimpressa *Bas. apud Joh. Hervagium m. Martio*, 1537, in-fol.; existe ainda outra edição *Bas., s. off. (apud. Jo. Hervagium), s. d.* in-fol.; depois vem a edição de 1557, que ora se descreve.

Conforme diz Graesse, esta edição foi feita pela de 1529, cujo texto vem correcto ou antes desfigurado pelos scholios de Erasmo e de Pinciano.

Ex-libris da Real Bibliotheca.

N.º 42. — Matthiæ Castritii Darmstatini, de heroicis virtvtibvs, memorabilibvs factis, dictis & exemplis Principum Germaniae, Libri V... *Basileae, per Ioannem Oporinum (In fine:... Anno salutis 1565. mense Martio)*. In-8.º de 391 pp., 20 ff. inn.

As primeiras 28 pp. contém: — 1.º « Epistola nvncvpatoria » do autor a Maximiliano II, Imperador dos Romanos, de pp. 3–23; — 2.º « Benevolis lectoribvs », pag. 24; — 3.º « Avtorvm.... allegatorum Catalogus », de pp. 25–28. O texto corre da pag. 29 até á pag. 391; segue-se depois um « Rervm et verborvm... Index », occupando o v. da pag. 391 e as 20 ff. inn.

A epistola nuncupatoria, o catalogo dos autores e o indice são impressos em caracteres latinos; o texto e os vinte versos da epistola aos leitores o são em typo aldino ou italico, notando-se, porem, que para os titulos dos capitulos o impressor se serviu do typo romano.

João Oporino, cujo verdadeiro nome é João Herbst, nasceu em Basiléa em 1507 e ali falleceu em 1568; foi revisor e copista de grego na imprensa de Froben nesta cidade; mais tarde fundou uma typographia com Roberto Winter, chamado *Chimerinus,* a qual attingiu grande desenvolvimento. Associado a principio com Winter, depois com os herdeiros de João Hervagius, depois ainda com os de Episcopius, e muitas vezes sem companheiros, Oporino foi um grande impressor e talvez o mais ousado dos da Suissa do seu tempo; publicando, não obstante a maior opposição dos calvinistas, uma edição do *Coran,* e mui provavelmente tambem o *Tratado dos hereticos,* que appareceu sob o nome ficticio de Jorge Rausch e que lhe foi attribuido, esta ousadia e a falta de ordem nos negocios o impediram de prosperar.

Oporino contribuiu muito para tornar conhecidos os classicos antigos, publicando pela primeira vez ou traduzindo varios escriptores gregos e latinos, e primando nas edições pela correcção e critica. Imprimiu mais de 700 vols., cujo catalogo foi publicado em Basiléa, 1571, in-8.°

Compoz tambem um *Onomasticon* dos nomes proprios; *Scolios sobre J. Solin; Scolios sobre as Tusculanas de Cicero,* 1544, além de umas annotações sobre Demosthenes, 1532, in-fol., e muitas notas criticas.

O volume pertenceu á preciosa livraria do Abbade Diogo Barbosa Machado, e conserva ainda na guarda o *ex-libris* d'aquelle distincto bibliographo, com o n.° 2111.

PARIS.

(Parisius).

N.° 43. — (Nider, seu Nyder et Neder [Johannes]. Præceptorium divinæ legis.) In-4.°

Sem fl. de rosto, de 330 ff. sem num., registradas de *a.* II. á *S. VI.*, caract. romanos, lett. cap. dourada sobre ver-

melho e as iniciaes dos capitulos coloridas umas de vermelho, outras de azul.

Começa pelo « Prohemiũ » :

« Eximii sacre theologie professoris fratris Iohannis Nyder « ordinis predicatorũ in expositionē preceptorũ decalogi : pro- « logus incipit. »

Á fl. 302 v. :

« Eximie sacre theologie pfessoris magr̄i (*magistri*) nyder « ordinis fratrũ p̄dicatorũ Preceptoriũ diuine legis finit feliciter. « Exaratũqz p magistrumvldalricũ (*sic*) Gering in vrbe Pari- « siana. Anno Domini. M. CCCC. LXXXII. die. IX. Iunii. »

Segue-se um *registrum seu tabula* das materias tratadas no livro, que occupa o resto do v. d'essa fl. e as 28 restantes, terminando pelas palavras « Finis tabule. »

A taboa vem em alguns exemplares no principio do livro.

Posto que não seja a 1.ª obra impressa em Paris, é todavia trabalho typographico do primeiro impressor d'essa capital. Na relação dada por Panzer, II, pg. 269, das dez primeiras obras sahidas dos prelos parisienses, tem o 1.° lugar a *Gasparini Pergamensis Epistolarum opus*, o que se evidencia do epigramma latino que se lê no fim do volume ; edição sem data, mas, segundo todas as conjecturas, feita cêrca do anno de 1470, como se vê em De Bure, II, n.° 4124.

Foi estabelecida em Paris ao mesmo tempo que em Veneza, em 1469, a arte de imprimir, pelos cuidados dos doutores em theologia João de la Pierre, prior da Sorbona, e Guilherme Fichet, que mandaram vir da Allemanha naquelle anno a Martinho Krantz, Ulrico Gering, natural de Constança, e Miguel Friburger. Reinava então em França Luiz XI.

Estes tres impressores estabeleceram-se depois na rua *St. Jacques* e tomaram por divisa um *sol de ouro*, como se vê no fim dos Sermões de Utino, 1477, e ali imprimiram muitas obras, já então com data, cuja relação summaria se póde ler na *Histoire de l'imprimerie (Paris*, 1689), entre as quaes uma Biblia *in-fol.*, de 1475, que foi a primeira obra d'esse genero editada em França.

Alguns annos depois mudaram-se para a rua da Sorbona, junto ás Escolas de Theologia, onde se associaram a Guilherme Maynial e mais tarde a Berthault de Rembolt, natural de Strasburgo, e ali imprimiram, entre outras, a 1.ª edição feita em Paris das obras de Virgilio, *cum notis per Marteolum*, *in-fol.*, 1492 ; o *Psalterium ad usum Parisiensem*, 2 vols. *in-4.°*, impressos em preto e vermelho, dos quaes fez Ulric Gering

presente aos senhores da Sorbona de um exemplar tirado em velino, para lhes servir quando cantassem na respectiva igreja; e a 1.ª edição da *Venerabilis Bedæ opera*, 1499.

Em seu nome só, imprimiu Gering, e foram as suas ultimas impressões, *Ioann. Franc. de Pavinis Visitantium & Visitatorum, in-8.º*, em 1508; e *Petri Suberti lib. de cultu vineæ Domini*, &., tambem em 8.º, no mesmo anno.

Gering empregou no principio caracteres redondos e póde-se dizer que as suas impressões, depois que dissolveu a sociedade que tinha com os outros, em 1478, são de notavel belleza: mais tarde, levado pela moda do tempo, fez uso de caracteres gothicos (*Histoire de l'imprimerie*, citada), ou talvez para differençar as suas edições das que, na Sorbona, faziam seus discipulos, então seus rivaes declarados. É esta a opinião de Brunet.

Gering não se fez recommendavel somente pelo exercicio da sua arte; era-o tambem pela sciencia e pela probidade, que lhe angariaram a estima e amizade dos senhores da Sorbona, como ainda o demonstrou por disposições testamentarias em favor do collegio mantido por elles. Foi sempre muito esmoler e por sua morte legou metade dos seus bens aos alumnos pobres do Collegio de Montaigu, onde se guardou por muitos annos o seu retrato.

Por sua morte Berthauld de Rembolt continuou com a sua officina e tomou-lhe a divisa ou marca typographica.

Para as reimpressões que depois se fizeram em outros lugares do *Preceptorium* de Niger veja-se Graesse, mais minucioso a esse respeito do que Brunet.

São estes os primeiros impressores que teve a cidade de Paris. Póde-se ver a relação chronologica dos que depois ali se estabeleceram na citada *Histoire de l'imprimerie et de la librairie, où l'on voit son origine & son progrès, jusqu'en 1689*. Dos Estevãos e outros typographos afamados da grande capital da França se dirá em seu lugar proprio.

João Nider ou Nyder, autor da obra exposta, tomou o nome de uma aldêa da Suabia, onde nascêra; dominicano, foi prior do convento de Basiléa, assistiu ao celebre concilio d'essa cidade e morreu a 23 de Agosto de 1510.

Exemplar da Real Bibliotheca.

N.° 44. — Hystoria ecclesiastica.

Eis o titulo dado por Panzer:

« Evsebii Ecclesiastica Historia, latine, interprete Ruffino, per Goffredum Boussardum correcta. »

Na obra porem apenas se vê na fl. de rosto o titulo reproduzido acima e uma vinheta da marca do impressor, marca representada em 6.° lugar no *Recueil* de L. C. Silvestre, 1.ª parte, de Pierre Levet, livreiro e impressor de Paris de 1485 a 1499.

La Serna, I, pag. 230, menciona Pedro Levet como um dos impressores de Paris desde 1486 até 1500.

In fine, antes da *Tabula* com que termina o vol.:

« Eusebii cesariēsis eccl'iastica finit hystoria p magistruz
« goffredū boussardū... emēdata. diligentia petri leuet parisii
« impressa. expensis Johãnis de cōbelēs et prefati leuet. Anno.
« 1Ꝯ9A. pridie kalendas septembris. »

Si póde haver duvida na data d'esta impressão, copiada fielmente, não seria de certo para o algarismo 9. Entretanto Panzer, Hain, Graesse e Bolongaro-Crevenna, dão-n'a como de 1467 e emendam-n'a para 1497. Maittaire todavia, I, pag. 631, dá sem hesitar esta data e assim David Clement na sua *Bibliotheque curieuse... de livres dificiles a trouver*, tomo 7.°

In-4.° de 110 ff., a 2 columnas, não numeradas, com registro, caracteres goth., com espaço em branco para as lettras capitaes. A obra propriamente dita occupa as primeiras 93 ff.; as restantes são preenchidas pela *Tabula* das materias.

No v. da fl. de rosto vem uma dedicatoria do impressor: « Gaufridus Boussardus theologoꝝ minimus dño stephano poncher... S. P. D. », que a enche e metade do r. da fl. seguinte. No v. d'esta, que é a 2.ª: « Incipit plogus Rufini presbitiri in hystoriam ecclesiasticā ad Cromatium episcopum. »

Enumerando as edições successivas que teve a *Hystoria ecclesiastica* do bispo de Cesaréa, Clement, l. c., dá a presente como 6.ª, nos seguintes termos:

« Mr. Fontanini não conheceu a 5.ª edição, cotada nos Annaes typographicos de Mich. Maittaire, t. I, pg. 525...

« A 6.ª edição acha-se nos mesmos Annaes, t. 1, pg. 631... *Paris*, 1497, *in 4to.* »

Fontanini, citado, dá todavia a lista de muitas outras edições da Historia Eccl. de Eusebio, que sahiram á luz no correr do XVI seculo, em sua *Historia Literaria Aquilejensis.*

O exemplar exposto foi doado á Bibl. Nac. pelo p. José Speridião de Santa Rita, cuja assign. autogr. conserva.

N.º 45. — Commẽtariorũ Vrbanoꝝ Raphaelis Volaterrani: octo et triginta libri cũ duplici eorũdem indice secundum Tomos collecto. Itẽ œconomic' xenophõtis: ab eodẽ latio donatus.
Venũdãtur Parrhisiis in via Jacobea ab Joãne parvo & Jodoco Badio Ascẽ.

No fim dos Commentarios e da traducção de Xenophonte: *In ædibus Ascensianis ad XII kalendas Octob. Anno Salutis nostræ. M.D.XV.*

In-fol., sem num., com registro, caracteres romanos, lettras capitaes ornamentadas, impressas em preto.

O tit., impresso em vermelho e preto, vem contido em uma tarja xylographada, em que se vê a marca typogr. de Petit, para quem foi impressa a obra.

Panzer, VIII, pag. 22, n.º 784, o unico que dá relação da obra d'entre os bibliographos consultados, fal-o do seguinte modo: « Commentariorum urbanorum Raphaelis Maffaei Volaterrani... »

Da relação que dá dos impressores de Paris, desde a introducção da imprensa naquella cidade até o anno de 1689, a *Histoire de l'Imprimerie et de la Librairie*, destacam-se os nomes de João Petit e Jodocus Badius, que ali floreceram de 1493 a 1541, cujas marcas typogr., pois usou Petit de mais de uma, se podem ver no *Recueil* especial de L. C. Silvestre. A 1.ª obra impressa por Petit, mencionada pelo citado autor, foi o *Modus legendi abbreviaturas in utroque Jure... in-8.º*, em 1498. Panzer, II, n.º 430, porem, cita a *Guidonis Juvenalis Cenomani...*, impressa em 1497, além de duas obras, do mesmo anno, impressas *per Andream Bocard, impensis Johannis Alexandri et Johannis Petit*, uma, e *Johannis Richart, Johannis Petit et Durandi Gerlerii Parisiensium civium*, outra. É de Jean Petit a 1.ª edição de Lactancio, *in-fol.*, *Paris*, 1509. « Pode-se dizer d'este impressor livreiro, accrescenta aquelle autor, que foi no seu tempo o que mais mandou imprimir, pois que occupava, além da sua, mais de quinze officinas differentes. Punha de ordinario como divisa na primeira pagina dos seus livros estas palavras *petit à petit*, alludindo ao seu nome. Foi guarda ou syndico da Livraria e Imprensa e fez confirmar a 20 de Outubro de 1516 os privilegios e isenções que Luiz XII concedêra aos livreiros e impressores. »

Jodocus Badius, appellidado *Ascensius*, porque era de Asc, no territorio de Bruxellas, nasceu em 1462; estudou em Gand

e depois em Bruxellas, de onde foi para Ferrara e ahi fez grandes progressos nas linguas grega e latina. D'ali esteve em Lyão, onde explicou publicamente os antigos poetas e compoz e imprimiu grande copia de bons livros na officina de João Trechsel, com cuja filha se casou. Por morte do sogro foi residir em Paris, em 1499 ou 1500, não só com o fim de ensinar a lingua grega, mas tambem para restabelecer a arte typographica, que começava a declinar naquella cidade, tendo cahido no gothico. Restaurou-a com effeito, imprimindo em bellos caracteres redondos e perfeitos obras importantes, cuja relação nos ministra a *Histoire de l'Imprimerie* citada. Imprimiu algumas de sua composição propria, especialmente commentarios acêrca de quasi todos os autores latinos. Um filho seu, Conrado Badius, foi tambem impressor e livreiro.

O exemplar exposto, comquanto um tanto damnificado do tempo, dá bôa prova do modo de imprimir d'essa epocha.

Pertenceu á Real Bibliotheca.

N.° 46. — Opera Vergiliana docte et familiariter exposita: docte quidē Bucolica & Georgica a Seruio. Donato. Mancinello: & Probo nuper addito: cũ adnotationib' Beroaldinis... ab Augustino datho in ei' principio. Opusculorũ preterea quedam ab Domitio Calderino. Familiariter vero oĩa tam opera q̃ opuscula ab Iodoco Badio Ascencio...

Venandãtur a Francisco Regnault...

No fim: « Quæ omnia rursus coimpressa sũt in ædibus Ioannis barbier, vt in calce totius dicetur codicis. »

In-fol. peq., numerado por folhas, a 2 columnas na mór parte d'ellas, contendo em uma, em caracteres romanos, o texto do poeta, e em outra, em caract. goth., os commentarios e ainda notas ou chamadas á margem; lettras capitaes ornamentadas, não coloridas.

O tit. está contido em uma tarja xylographada e impresso em preto e vermelho; vinheta com a marca do impressor, de que usava em principio e que se póde ver na obra de L. C. Silvestre *Marques typographiques*, sob o n.° 43, já modificada da de n.os 42, 369, 943 e 944.

No numero das repetidas edições das obras do Mantuano mencionadas por Brunet não se depara com esta, indicada porém por Panzer e Graesse. Brunet, citando entretanto a ed. *impressa ad kalendas novemb. M. D. XV. in Parrhisiorum academia*, sem declarar o nome do impressor, *in-8.°*, remette o leitor para Panzer, VIII, pag. 22, onde este bibliographo apenas menciona a ed. de Regnault, que a Bibl. Nac. expõe. Em seguida dá Brunet noticia da edição das *Opera Vergiliana, docte et familiariter exposita a Servio, Donato, Mancinello et Probo, cum adnot. Beroaldi, Aug. Dathi, Calderini, Jodoci Badii Ascensii*, mas *expolitissimis figuris et imaginibus illustrata*, sahida da officina de *Jacobus Saccon* em 1517, em 2 tom. em 1 vol. *in fol.* Do confronto resalta a differença das duas edições de 1515, ainda maior em relação com esta ultima, apesar da identidade do formato. Graesse refere a de *Paris, Regnault, 1515, in-fol.*, que é a nossa, e a da *Parrhisiorum academia*, 1515 tambem, mas *in-8.°*, citada, diz elle, por Maittaire, *Index*, t. II, pag. 327, citação que já tambem havia feito Brunet.

Ainda no mesmo anno se fez em Veneza, *in ædibus Alex. Paganini*, outra edição das obras virgilianas, dos mesmos commentadores, *in-fol.*

Nenhum d'estes bibliogr. porém se refere a *João Barbier*, impressor do nosso exemplar. Barbier, entretanto, foi um dos mais habeis impressores parisienses do seu tempo, como se póde ver da *Histoire de l'Imprimerie et de la Librairie*, citada; foi *livreiro-jurado* e imprimiu obras para Dionysio Rosse, para Pedro Bacquelier e para João Petit. Tinha por divisa typographica uma espada com o motto: *tout par honneur.*

François Regnault, cujo nome se lê na fl. de rosto do presente exemplar, livreiro-impressor de Paris, floresceu de 1512 a 1551. Punha em baixo dos livros que imprimia *Parisiis; ex officina honesti viri Francisci Regnault*, e por divisa, em volta da sua marca, que era um elephante: *En Dieu est mon esperance.* Distinguiu-se pela grande quantidade de obras que imprimiu. Tinha dous irmãos, Jacques e Roberto, tambem livreiros.

A 1.ª ed. das obras de Virgilio, segundo La Serna, III, n.° 1355, é de *Roma, Conradus Suueynheym et Arnoldus Pannartz* (1469), *in-fol.* Audifredi, *Editiones romanæ*, pag. 23, discute a sua prioridade, a proposito da controversia que a esse respeito se suscitou entre Fabricius, De Bure e Crevenna, que suppunham ser a 1.ª ed. das obras do vate de Mantua a de Veneza, 1470, por Vindelino de Spira.

O exemplar exposto consta de 2 tomos em 1 vol., circumstancia que parece ter escapado aos bibliographos que trataram da obra. Fez parte da Real Bibliotheca.

Publius Virgilius Maro, principe dos poetas latinos, nasceu na aldeia de Andes, perto de Mantua, no anno 70 antes de Christo; seu pae era oleiro, segundo alguns dos seus biographos. As suas poesias angariaram-lhe a amizade de Augusto, de Mecenas, de Horacio. Morreu em Brindes, na Calabria, de volta de uma viagem que fizera á Grecia, a 25 de Setembro do anno 19 A.-C, na idade de 51 annos. Seu corpo, transportado para Napoles, foi sepultado no caminho de Pozzuoli: no seu tumulo se gravaram estes versos, que elle proprio compuzera e o mundo inteiro sabe de cór:

Mantua me genuit, Calabri rapuere, tenet nunc
Parthenope; cecini pascua, rura, duces.

N.° 47. — Avgvstini Ricij, de motu octavæ Sphæræ, Opus Mathematica, atqz Philosophia plenum. Vbi tam antiquorũ, q̃ iuniorũ errores, luce clarius demõstrantur... Eiusdem de Astronomiæ autoribus Epistola.

Imprimebat Lvtetiæ Simon Colinæus, 1521.
Perlege prius q̃ iudices.

In-fine, em fl. separada, sem num.: «Parisiis, ex ędibus Simonis Colinęi, e regiõe scholæ Decretorum sitis. Anno. 1521. Decimo Calen. Maias.»

In-4.° de 51 ff. numeradas pela frente, caract. romanos, lett. cap. ornamentadas, em preto, com *chamadas* nas margens.

Brunet não faz menção d'esta obra, dada entretanto com bastante individuação por Panzer, VIII, pag. 72, n.° 1264, e por Maittaire, 2.ª parte, pag. 610, e este com mais extensão do que costuma. O Cat. da Bibl. do Museu Britannico a menciona, e assim Hain, posto que estivesse incompleto o exemplar que tinha á vista; ao que parece edição diversa, de 30 linhas cada pagina cheia, quando o nosso conta 28 ll. cada uma.

Agostinho Ricci, litterato e medico italiano, nascido no comêço do XVI seculo, foi medico do papa Julio III e traduziu alguns tratados de Galleno. A obra porém, segundo Larousse, que preservou o seu nome do esquecimento é a sua

comedia *I tre tiranni*, representada em Bolonha na presença do papa e de Carlos V, impressa *con privilegio apostolico*, apesar dos pormenores immoraes que encerra.

Simão Colinet ou de Colines, ou ainda de Collinée, impressor da obra exposta, casou-se com a viuva de Henrique Estevão o primeiro, que lhe trouxe em dote a imprensa de seu fallecido marido. Foi o que primeiro se occupou em talhar puncções e cunhar matrizes para os caracteres de impressão; a principio trabalhava em Meaux, de onde ha d'elle a edição de *Iacob. Fabri Comment. in quatuor Evangel.*, *in-fol.*, 1521; no mesmo anno começou a trabalhar em Paris, onde imprimiu *De memorabilibus & claris mulieribus Iacobi Bergomensis*, tambem *in-fol.*, e outras obras, não só por conta propria como para diversos livreiros; mas já em 1519 imprimira em Paris *Clichtovei Tractatus de regis officio*, *in-4.º*. Era um dos habeis impressores do comêço do XVI seculo para o grego e o latim e muito entendido na sua arte. Tinha por marca typogr. o *Tempo* com o dizer *Virus hanc sola retundit*, e algumas vezes coelhos, a que chamam *couils*, alludindo ao seu nome de *Colines*. Nascido em Pont-à-Colines (na Picardia), falleceu (em Paris?) em 1547. Larousse diz que se lhe attribue a obra intitulada *Grammatographa*, *Paris*, 1541.

A obra exposta, sahida dos seus prelos, anda precedida no mesmo vol., no nosso exemplar, das seguintes não menos preciosas:

1.º — M. T. Cic. « Rhetorici, seu De inuẽtione... Cum M. Fabii Victorini... commentariis... » *Parisiis*, ex officina Roberti Stephani, 1537, 4.º;

2.º — « De rebus Turcarũ »... Christophoro Richerio... authore... *Ibi. id.*, 1540, 4.º

O exemplar que se expõe pertenceu á Real Bibliotheca.

N.º 48. — Avli Flacci Persii Satyrici ingeniosissimi & doctissimi Satyræ cum quinqz commentariis, & eorum indice amplissimo: ac satyrarum argumentis. Iodoci Badii Ascensii. Iohannis Britannici Brixiani. Iohannis Baptistæ Plautii. Aelii Antonii Nebrissensis. Johannis Murmel-

lii Ruremundensis. Additis ad calcem I. Iohannis Scoppæ in eūdem adnotationibꝫ.
Venundantur in ędibus Iodoci Badii Ascensii cū priuilegiis primariæ authoritatis...

Sem l. de impressão. A data vem no fim, na referencia ao privilegio concedido a Badius para a reimpressão: «...iam primū in Francia impressis: sub Pascha. M. D. XXIII. Vt patet in diplomate sic signato. — L. Ruzeus. »

In-fol. de 16 ff. preliminares sem numeração e CLXIIII, numeradas, de texto; largas linhas de impressão por caract. romanos, lettras cap. e iniciaes ornamentadas, não coloridas; *chamadas* nas margens; registro.

As 16 ff. prel. contêem: no v. da fl. de rosto uma dedicatoria de Iodocus Badius; nas 5 seguintes, r. e metade do v. da 6.ª, em 4 columnas, a *Tabula in Persii commentarios*; no resto da 6.ª fl. uma advertencia de Philippus Beroaldus, &.; nas 3 ff. seguintes e v. da 4.ª, em toda a largura das paginas, o *Preambulū Auli Persij Flacci*; a *Vita Persii* de João Britannico, &. no v. da 11.ª fl.; na 12.ª e 13.ª uma *Epistola nuncupatoria de Jo. Bapt.*; outra epistola do mesmo autor na fl. 14.ª e uma *Vita poetae*; seguem-se *Prenotamenta* de outros. O *Prooemium* e o texto vêem então nas 1.as ff. numeradas, nas VII primeiras e v. da VIII.

Da presente edição faz Brunet apenas referencia quando menciona a de *Complutum* (Alcalá de Henares), *cum commentariis Ælii Ant. Nebrissensis*, 1526, *in-4.º*:

« Este mesmo commentario (*de Ant. de Lebrissa*), diz elle, se achava já reunido a outros na ed. de Persio publicada em Paris, 1523, *in-fol.*, por Badius Ascensius. »

Mais explicito se mostra Graesse:

« Nova redacção do commentario de Ascensius, mas, sob esta fórma, sem merito nenhum. Uma edição dada pelo mesmo em 1520 e citada por Panzer, VIII, pag. 90, n.º 1451, não existe absolutamente. »

Acêrca do impressor que, como se sabe, era um dos mais notaveis de Paris, vide o n.º 45.

O exemplar exposto, que traz a sua marca typogr. na fl. de rosto, dentro d'uma portada aberta em madeira, pertenceu á Real Bibliotheca.

N.° 49. — D. Erasmi Roterodami Divæ Genouefæ præsidio à quartana febre liberati Carmen uotiuum, nunquam antehac excusum.

Parisiis, excudebat Christianus Wechelus... Anno M. D. XXXII.

In-8.° peq. de 4 ff. inn.

A fl. 1 contêm o titulo; entre este e as indicações da edição acha-se a marca do impressor. O texto começa na fl. 2 e vae até a ff. 4, r.; no v. d'esta occorre novamente a marca do impressor.

A impressão do texto é feita em typo aldino ou italico, excepto as palavras *Genovefa*, que vem repetida seis vezes, e *Francisci*, que figura uma só vez, as quaes são impressas em typo romano maiusculo. As iniciaes de cada verso e todas as lettras maiusculas são tambem romanas, sendo ornada a capital — D —, pela qual começa a poesia.

Esta primeira edição não está descripta nos catalogos que a Bibl. Nac. possue. Panzer nos seus *Ann. Typ.*, e o *Cat. Bibl. Mus. Brit.* citam outra edição do mesmo anno, *Friburgi*, 1532, in-4.°; além d'esta nenhuma outra vem mencionada.

Christiano Wechel, natural da Allemanha, estabeleceu-se em Paris com uma typographia em 1527; é afamado pela belleza e correcção das suas edições dos autores gregos e latinos. Falleceu cêrca de 1554. O catalogo das suas impressões appareceu em Paris, 1554, in-8.° As marcas typographicas de que usou vêem reproduzidas em Silvestre, sob os n.os 464, 596, 820, 921, 922, 923, 924 e 1178. O nosso exemplar traz no titulo a marca n.° 921, e no v. da fl. 4 a de n.° 596.

O volume exposto traz na guarda o *ex-libris* de Barbosa Machado, com o n.° 2891, e pertenceu depois á Real Bibliotheca.

N.° 50. — M. Fabii Qvintiliani, Oratoris eloqventissimi, Institvtionum Oratoriarum Libri XII, singulari cum studio tum iudicio doctissimorum virorum ad fidem vetustissimorum codicum recogniti ac restituti. Eiusdem Declamationum Liber. Additæ sunt Petri Mosellani viri eru-

diti Annotationes in septem libros priores, & Ioachimi Camerarii in Primũ & Secundũ. Quibus & accessit doctissimus Cõmentarius Antonii Pini Portodemæi in Tertium, nunc recèns editus. Cum Priuilegio.

Parisiis, ex Officina Michaelis Vascosani.... M. D. XXXVIII.

In-fol. de 4 ff. inn., 224-34-33 ff. num. só pelo anverso, 16 ff. inn.

A fl. 1 inn. contêm o titulo, impresso em caracteres romanos, dentro de uma moldura gravada em madeira; segue-se, na fl. 2 inn., uma epistola *Iohanni Morino... Michael Vascosanus S. D.*, datada *Parisiis, Sexto Calend. Iunias. 1538.*; no r. da fl. 3 inn. occorre *M. Fabii Qvintiliani vita*; no v. d'esta ultima e no anverso da seguinte acha-se a *Tabvla capitvm Institutionum Oratoriarum...*, impressa a 2 cols.; finalmente no v. da 4.ª fl. inn. vem *M. Fabivs Quintilianvs Tryphoni Bibliopolæ S.*, impressa toda em typo romano maiusculo.

As *Institut. orat.*, com capitaes ornadas e annotações marginaes, occupam as ff. 1-186, e no fim d'esta occorre um colophão. Na fl. 187 vem reproduzida a moldura do frontispicio, trazendo no centro a marca typographica usada por Josse Bade, n.º 774 de Silvestre; acima da marca typographica se lê o titulo: *M. Fabii Qvintiliani oratoris eloquentissimi Declamationes undeuiginti*; e abaixo acham-se repetidas as indicações do frontispicio. Segue-se o texto das declamações, de ff. 188-224, tambem com capitaes ornadas, mas sem annotações marginaes. As 34 ff. seguintes contêem as annotações de Pedro Mosellano e de Joaquim Camerario, a 2 cols. Seguem-se 33 ff. sob nova numeração com os commentarios de Antonio Pino; na primeira d'estas folhas vêem ainda reproduzidas a moldura, a marca typographica e as indicações de edição já mencionadas; a impressão d'estes commentarios é feita a 2 cols. As 16 ff. inn. do fim contêem um indice alphabetico dos 12 livros das *Institut. Orat.*, a 3 cols. No v. da ultima fl. occorre ainda a marca typographica de Josse Bade.

A impressão é feita em typos romanos de diversos tamanhos, sendo principalmente digna de nota a do texto das Declamações, que é um verdadeiro primor de nitidez; o typo, pequeno, é muito elegante e perfeitamente igual.

Miguel Vascosano era genro de Jodocus Badius e concunhado de Roberto Estevão. La Caille, na sua *Hist. de*

l'impr. et de la libr., diz que elle era livreiro jurado, impressor ordinario do rei e um dos mais celebres e mais notaveis livreiros e impressores de Paris, tanto pelo saber, como pela escolha dos livros, que imprimia com a maxima perfeição.

O exemplar exposto traz na guarda o *ex-libris* de Barbosa Machado, com o n.º 313; e no frontispicio, abaixo da data, occorre a seguinte nota manuscripta: *Ex Bibl. D. de Cardonnel aº 1645.*

N.º 51. — M. T. Ciceronis Opera, Ex Petri Victorii codicibus maxima ex parte descripta... Eivsdem Victorii explicationes suarum in Ciceronem castigationum. Index rervm et verborvm.

Parisiis ex officina Roberti Stephani, M.D. XXXVIII. - M.D. XXXIX., 5 toms. em 2 vols. in-fol.

O vol. I. traz no principio 8 ff. inn. A primeira fl. contém o titulo geral da collecção com a marca typographica do primeiro Roberto Estevão, n.º 542 de Silveste; esta fl. traz a data de 1539. As 6 ff. immediatas encerram as seguintes epistolas: *Petrvs Victorivs Nicolao Ardinghello S. D.*, 3 epistolas; *Leoni X. Pontifici Maximo Andreas Navgerivs*; *Petro Bembo Andreas Navgerivs*; *Iacobo Sadoleto Andreas Navgerivs.* Na 8.ª fl. inn. vem *Elogia de M. Tullio Cicerone, ex vetvstissimis avthoribvs* (*T. Livio, Avfidio Basso, Brvtidio Nigro, Asinio Pollione, Cornelio Severo*). Seguem-se depois sob novos titulos: *Rhetorica*, 1538, 288 pp. num.; *Orationes*, 1539, 640 pp. num. de texto, 3 ff. inn. de variantes. Cumpre advertir que a ultima pagina do texto das *Orationes* vem erradamente num. 340, em vez de 640.

O vol. II. contém as seguintes partes, tambem com titulos em separado e nova numeração: *Epistolæ*, 1538, 416 pp. num.; *Philosophica*, 1538, 450 pp. num. e mais 1 inn.; *Petri Victorii explicationes suarum in Ciceronem castigationum*, 1538, 158 pp. num., a que se segue, sem fl. de rosto, *In omnia M. Tullii Ciceronis opera Index locupletissimvs*, 50 ff. inn., a 3 cols.

Os titulos das 5 partes trazem tambem a mesma marca typographica que se vê na fl. de rosto da collecção.

A presente edição, impressa em typos romanos com capitaes ornadas, é notavel pela execução typographica; quanto ao texto, é reimpressão do da edição dos Juntas, *Venetiis, in offic. Lucæ-Ant. Juntæ*, 1534-37, 4 vols. in-fol., que tinha sido expurgado e correcto por Victorius.

A primeira edição das obras completas de Cicero appareceu *Mediolani, per Alex. Minutianum et Guillelmos fratres*, 1498-99, 4 vols. in-fol., e foi logo reproduzida *Parisiis, in ædibus ascensianis*, 1510-11, 4 vols. in-fol., com algumas variantes nas margens.

O impressor d'esta obra é Roberto Estevão, segundo filho de Henrique Estevão, chefe da illustre familia de impressores a que legou seu nome. Nasceu em Paris em 1503 e falleceu em Genebra a 7 de Setembro de 1559. Exerceu a arte typographica a principio na officina de seu pae, e em seguida na de seu padrasto Simão Colineu; fundou depois uma typographia, e o primeiro livro que publicou appareceu em Dezembro de 1526. Entre as suas numerosas edições avultam principalmente as da Biblia e as do Novo Testamento em latim, grego, hebraico e francez, linguas nas quaes era profundamente versado.

O numero d'estas edições sobe a 23.

Na *Nouv. Biogr. Gén.* de Firmin Didot & Frères encontra-se o seguinte juizo sobre este impressor e suas edições:

« Par son instruction, par son dévouement à l'art typographique et son zèle à sauver de la destruction et à propager en France les monuments littéraires de l'antiquité grecque et latine, dont on lui doit un si grand nombre d'éditions imprimées avec autant de soin que de goût, Robert Estienne occupe le premier rang parmi les imprimeurs. Ses éditions, supérieures à celles des Alde par leur exécution typographique et leur correction, l'emportent même en général sur celles de son fils Henri, et la modicité de leur prix nous étonne.

« Sa vie, si courte et si remplie de travaux littéraires, fut souvent troublée par les persécutions; mais le devoir de propager par son art les Saintes Ecritures lui fit braver la colère des docteurs de la Sorbonne, à une époche où les convictions religieuses se manifestaient au péril de la vie. C'est à comparer les textes saints dans leurs sources même qu'il appliqua dès sa jeunesse ses profondes connaissances en hébreu, en grec, en latin. »

. . . .

« Un goût sévère se fait remarquer dans toutes les éditions de Robert Estienne. Ses caractères, avant même l'emploi des types de Garamond, gravés d'après les belles formes romaines, sont bien fondus. Les seuls ornements qu'il se permette sont ces belles lettres fleuronnées dites *grises* ou *criblées* et quelque vignette en tête des livres ou des chapitres, reproduisant avec le goût de la renaissance ce que les manuscrits de Rome et de la Grèce offrent de plus beau en ce genre. »

O exemplar que expomos, e que pertenceu á Real Bibliotheca, confirma estes elogios.

N.º 52. — ΘΗΣΑΥΡΟΣ ΤΗΣ ΕΛΛΗΝΙΚΗΣ ΓΛΩΣΣΗΣ, Thesavrvs graecae lingvae, ab Henrico Stephano, constructus, in qvo, praeter alia plvrima, quæ primus præstitit, (paternæ in Thesauro Latino diligentiæ æmulus) vocabula in certas classes distribuit, multiplici deriuatorum serie ad primigenia, tanquam ad radices vnde pullulant, reuocata...

Henr. Stephani Oliva. Cvm privilegio Caes. Maiestatis, et Christianiss. Galliarvm Regis. S. l., s. d., 5 toms. em 4 vols. in-fol.

A fl. de rosto traz a marca typographica do primeiro Roberto Estevão descripta em Silvestre, *Marques Typogr.*, sob o n.º 508; no verso d'esta fl.: « Henrici Stephani Admonitio de Thesavri svi Epitome, quæ titulum Lexici Græcol. noui praæfert », impressa em italico. Seguem-se depois: de pp. 3-6, a dedicatoria do autor ao Imperador d'Allemanha Maximiliano II, a Carlos IX rei de França, a Izabel rainha de Inglaterra, a Frederico Conde Palatino, a Augusto duque de Saxe, a João Jorge marquez de Brandeburgo e a varias academias d'esses estados, e mais duas peças em verso; de pp. 7-8, « Avtorvm græcorvm Catalogvs », e tres poesias assignadas *Th. B. V. dicauit;* de pp. 9-20, « Henrici Stephani ad lectorem epistola, sev præfatio... »; de pp. I-IX, « Scipionis Carteromachi Pistoriensis oratio de laudibus litterarum Græcarum »; de pp. X-XI, « M. Antonii Antimachi de literarum Græcarum laudibus oratio, in Ferrariensi gymnasio publicè habita »; de pp. XII-XX, « Ex Conradi Heresbachii ora-

tione in commendationem Græcarum literarum, excerpta ». A fl. seguinte traz o titulo do tomo I, que comprehende as lettras A – I. O tomo II abrange as lettras K – O; na fl. seguinte ao titulo occorre uma advertencia « Lectori hvivs Thesavri lingvae graecae. »

Os tomos III e IV acham-se encadernados em um só volume; o III contém as lettras Π - Υ; o IV, comprehende as lettras Φ - Ω. Estes quatro tomos formam o diccionnario propriamente dito.

O tomo V, sem designação, traz o titulo « Appendix libellorum ad Thesaurum Græcæ linguæ pertinentium. » Segue-se depois o « Index in Thesavrvm lingvæ græcæ, ab Henrico Stephano constructum », que contém todas as palavras gregas dispostas por ordem alphabetica rigorosa.

Na ultima folha, embaixo das cols. 211 e 212, acha-se o registro completo dos 5 tomos.

A disposição das palavras no diccionario não segue a ordem alphabetica rigorosa; o autor julgou mais acertado grupar as palavras compostas ou derivadas logo em seguida ás suas respectivas raizes ou vocabulos primitivos; esta innovação, de utilidade para o estudo profundo da lingua grega, tornou-se um inconveniente para os principiantes e exigiu o accrescimo do indice em ordem rigorosa, o qual á primeira vista parece descabido em um diccionario. O proprio autor justificou esse accrescimo em uma advertencia, que se lê no começo da primeira parte do indice.

Como complemento d'esta obra se costuma juntar est'outra do mesmo autor:

— « Glossaria duo, e situ vetustatis eruta: ad utriusque linguæ cognitionem et locupletationem perutilia. Item de Atticæ linguæ seu dialecti idiomatis Comment. Henr. Stephani. Utraque nunc primùm in publicum prodeunt. — *Excudebat Henricus Stephanus M. D. LXXIII.* » In-fol.

O *Thesaurus Græcæ linguæ* appareceu pela primeira vez em 1572; nos exemplares que trazem esta data se lê no titulo, depois de *revocata,* o seguinte: « Thesaurus lectori. Nunc alii intrepidè vestigia nostra sequantur: Me duce plana via est quæ salebrosa fuit. » Mais tarde appareceram outros exemplares sem data, differindo dos primeiros, e diz-se que tambem existem outros com a data *M. D. LXXX.*

O nosso exemplar não traz data, e differe dos primeiros nos seguintes pontos: 1.°, no titulo, em vez das palavras citadas, se lê: « Thesaurus lectori, de ea quam fecit quidam eius epitome, quidam ἐπιτέμνων me, capulo tenus abdidit ensem: Æger eram à scapulis, sanus at huc redeo. De magno quod

idem compendium affert dispendio agitur in ea quæ proximè sequitur epistola. — 2.º, embaixo da oliveira, no lugar occupado pela data, acha-se « Henr. Stephani Oliva », e não « Excudebat Henr. Stephanus », como se lê nos de 1572.

Determinemos agora a data do exemplar exposto. Brunet, apoiando-se nas observações de Maittaire, é de opinião que houve duas edições differentes, uma de 1572, e a outra sem data; e julga que esta ultima é posterior a 1580, epoca em que Scapula publicou o seu *Lexicon*, resumo do *Thesaurus* de Henr. Estevão. Em abono d'esta opinião vêem as seguintes palavras que se lêem na *Admonitio* do verso da fl. de rosto do nosso exemplar: « Hæc enim omnia (*correctiones et augmentationes*) non huic posteriori Thesauri editioni inserere, verùm seorsum edere visum est, ne ei qui iam priorem emisset, posterior etiam, si habere illa quoque vellet, comparanda esset. »

Ambrosio-Firmin Didot, comparando escrupulosamente sete ou oito exemplares do *Thesaurus*, achou muitas differenças typographicas em diversas partes dos volumes, e verificou a reimpressão de cêrca de metade da obra, isto é, 500 folhas approximadamente. Renouard, porém, na sua monographia sobre os Estevãos, e Firmin Didot pae, antes d'elle, nas *Observat. littér. et typographiques sur Robert et Henri Estienne*, que occorrem no fim de um volume de suas poesias, *Paris*, 1834, in-8.º, pensam que houve uma só edição. Os fundamentos d'esta opinião são os seguintes:

1.º A publicação do *Thesaurus* tendo esgotado os recursos do impressor, e o resumo de Scapula prejudicando-lhe a venda, Henrique Estevão não tinha meios nem necessidade de fazer nova edição; 2.º as folhas reimpressas são distribuidas com desigualdade em todos os exemplares em que foram introduzidas, havendo algumas que parecem ter sido reproduzidas só em numero muito limitado, e em todos os exemplares existem grandes partes que pertencem á edição de 1572; esta reimpressão parcial e onerosa de muitas folhas, em numeros desiguaes, foi feita para completar exemplares, reparando-se d'este modo erros de conta na tiragem ou perdas causadas por qualquer accidente; 3.º si houvesse segunda edição, o autor teria necessariamente feito as correcções e emendas indispensaveis, que promettêra publicar á parte; mas estas correcções não se encontram nos exemplares sem data; 4.º as palavras do autor, que parecem indicar edição *posterior* a 1572, são faceis de explicar: Henrique Estevão, tendo feito uma despeza tão consideravel e infructifera para completar os exemplares, julgou não offender a verdade qualificando-a de segunda edição, com o que procurava cobrir o *deficit*.

Não obstante todo o peso d'estes argumentos, parece mais acertado admittir a existencia de segunda edição, á qual pertence o nosso exemplar, seguindo assim a opinião de Brunet e de Maittaire e acceitando o testemunho do proprio autor. Esta edição é posterior a 1580.

Em relação aos exemplares datados de 1580, Renouard e Didot pae julgam que, si de facto existem, é uma simples fraude de livreiros muito frequente no commercio; reproduziram o titulo com uma data mais moderna para fazer acreditar em nova edição.

As duas edições não trazem lugar de impressão; mas o autor dos *Annales de l'Impr. des Estienne* suppõe que foram feitas na Suissa, fundando-se na qualidade do papel; esta opinião, porem, não parece muito segura, porque o papel podia ter sido importado.

Henrique Estevão, o autor e impressor d'esta obra, é filho do primeiro Roberto Estevão, do qual já se tratou no n.° 51. Nasceu em Paris em 1528, e falleceu em Lyão em Março de 1598. Applicou-se desde a juventude ao estudo da lingua grega, na qual se tornou profundamente versado; em varias viagens que emprehendeu augmentou consideravelmente a sua illustração, fazendo-se admirar em toda a parte pela extensão dos seus conhecimentos. Publicou 170 edições em diversas linguas, quasi todas acompanhadas de observações ou traducções suas; d'entre estas se destacam 19 *edições princípes*, e sobre todas a das Odes de Anacreonte, 1554, in-4.°, em grego e latim, das quaes elle descobriu dous manuscriptos quando já se julgavam completamente perdidos.

Renouard, o illustrado autor das monographias sobre os Aldos e sobre os Estevãos, considera aquelles superiores a estes; Firmin Didot, porem, impugnou este julgamento. Em resumo, diz Didot: si é exacto que Aldo Manucio se distinguiu muito pela belleza da execução typographica e pelo grande numero de *edições princípes* em uma epocha em que apenas se publicavam disputas theologicas, não é menos certo que suas edições são muito incorrectas; Roberto e Henrique, porem, distinguiram-se principalmente pela correcção dos textos; e as obras litterarias que compuzeram collocam-n'os em plano superior aos Aldos.

As edições de H. Estevão são umas de Paris e outras de Genebra; e, provavelmente, algumas tambem foram publicadas na Allemanha.

Nosso exemplar pertenceu á Real Bibliotheca.

N.° 53. — Isaaci Casavboni ad Polybii historiarvm Librum Primum Commentarii. Ad Iacobvm I. Magnæ Britaniæ Regem Serenissimum.
Parisiis, apud Antonivm Stephanvm... M. DC. XVII...

In-8.° de 11 – 212 pp. num.

Na fl. de rosto occorre a márca typographica dos Estevãos, com a legenda « Noli altvm sapere »; seguem-se: de pp. 3 – 11, uma epistola « Iacobo Primo... I. de Gravelle, Dv Pin, I. C. », e, no verso da pag. 11, « Ad lectorem monitvm. » O texto, sob nova numeração, vae até a pag. 212, na qual se encontra um extracto do privilegio concedido, em 22 de Dezembro de 1616, a Florencia Estienne, viuva de Isaac Casaubon.

A impressão é feita em typo romano com algumas capitaes ornadas; as citações do texto de Polybio são impressas em caracteres gregos com abreviaturas.

Antonio Estevão, filho de Paulo Estevão, nasceu em Genebra em 1592 e falleceu no hospital de Paris em 1674. Estabelecendo-se nesta ultima cidade, exerceu a arte typographica durante mais de cincoenta annos, occupando successivamente os cargos de impressor do rei desde 1615, adjunto da communidade dos impressores em 1626, e syndico em 1649. Em 1664 deixou de imprimir, tendo passado por grandes embaraços commerciaes: seu filho Henrique, que obtivera a sobrevivencia no cargo de impressor do rei, auxiliou-o na desgraça; fallecendo porem este em 1661, Antonio Estevão cahiu na miseria, perdeu a vista e veiu a morrer no hospital na idade de 82 annos.

Entre as suas edições citam-se como melhores: as *Obras completas de S. Jeronymo*, publicadas por Fronton du Duc; a ed. greco-latina de *Aristoteles*, *Paris*, 1629, 2 vols. in-fol.; o *Plutarcho* de 1624; e a *Biblia dos Setenta*, em grego e latim, publicada por Morin, a qual appareceu em 1628, 3 vols. in-fol.; esta edição foi perfeitamente impressa com os caracteres gregos de Garamond. É ainda digna de nota a edição do *Nouveau Théâtre du Monde*, 1661, 2 vols. in-fol., na qual lhe serviu de base o trabalho do mesmo genero de Davity.

O presente exemplar figura na exposição para representar a officina de Antonio Estevão e a imprensa em Paris no XVII seculo.

No v. da fl. de rosto traz o *ex-libris* do Abbade Barbosa Machado, com o n.° 2753; pertenceu depois á Real Bibliotheca.

N.° 54. — Histoire des plvs illvstres favoris anciens et modernes, recueillie par feu Monsieur P. D. P. Auec vn Iournal de ce qui s'est passé à la mort du Mareschal d'Ancre. *sur l'imprimé a Leyde, chez Iean Elsevier Imprimeur de l'Academie. cIↃIↃcLXI.*

In-12 de 8 ff. prel. inn., 514–121 pp. num.

O titulo occupa a fl. 1 inn.; seguem-se 6 ff. inn. com uma epistola « A Monseignevr Monseignevr le Comte Fabian, Comte de Dona, &c. », assignada *Iean Elsevier*, e mais uma fl. com a *Table des vies*.

As 514 pp. num. encerram as biographias de vinte e seis favoritos notaveis, cujos nomes constam da *Table*. No fim occorrem 121 pp. de nova numeração contendo: « Relation exacte de tovt ce qvi s'est passé a la mort dv Mareschal d'Ancre ».

O autor d'esta obra é Pierre du Puy, escriptor francez que floresceu nos seculos XVI e XVII.

A primeira edição é de *Leide, chez Jean Elsevier*, 1659, in-4.° de 10 ff. 340–75 pp.; é commum e de baixo preço. No mesmo anno foi reimpressa *à Paris sur l'imprimé à Leyde, chez Jean Elsevier*, 1659, in-12, de 514–120 pp. Charles Pieters, o autor dos *Annales de l'Impr. des Elsev.*, diz que a edição de 1659, in-4.°, é a unica que os Elzevires imprimiram, e que a de 1659, in-12, é uma simples contrafacção impressa em Paris sem reclamos nem lettras *grises*. Pieters ainda menciona a nossa de 1661 e outra de 1662, in-12, de 624 pp., sobre as quaes não fórma juizo por não ter visto exemplares.

A nossa edição não tem capitaes ornadas, mas traz *reclamos* na ultima pagina de cada folha de impressão, isto é, nas pp. 24, 48, 72, etc. Segundo os principios estabelecidos pelo proprio Pieters na classificação da edição de 1659, in-12, esta tambem deve ser considerada como uma contrafacção da edição original, porque as suas indicações não são completamente identicas ás d'aquella. Convem ainda notar que se distingue de todas as outras pela paginação.

Brunet considera a nossa edição e outra de 1660, que não encontrámos descripta, como simples reimpressões da de 1659, in-12, que para elle é a mais procurada e a menos facil de encontrar-se. Outra edição de *Lyon*, 1677, 3 vols. in-12, revista por Louvet, tem pouco valor.

Barbier dá a edição de 1661 como impressa *à Paris sur l'imprimé à Leyde, chez Jean Elsevier.* Assim, seguindo esta opinião e a indicação de Brunet, devemos considerar a edição exposta como uma contrafacção da de 1659, in-4.°, feita em Paris por um livreiro desconhecido. Esta obra ainda appareceu resumida com o titulo: *Histoire d'aucuns favoris, par feu M. D. P. Amsterdam, Ant. Michiels (Elsevier),* 1660, in-12.

Faz parte da collecção Manuel Ferreira Lagos, adquirida pela Bibliotheca Nacional em Março de 1873.

N.° 55. — Cornelius Nepos De Vita excellentium Imperatorum. Ex recognitione Steph. And. Philippe.

Lutetiæ Parisiorum, Typis Josephi Barbou, M. DCC. LIV.

In-12 de 24-342 pp. num. e mais 1 inn., com 1 est. gravada a buril.

No começo do volume, de pp. 6-24, acha-se uma epistola « Dionysius Lambinus... Errico Valesio », datada « Lutetiae, a. d. XII. Kal. Decemb. Anno à Salute hominum generi data, M.D.LXVIII. » Seguem-se depois, sob nova numeração: « De Cornelii Nepotis vita et scriptis ex Gerardi Joannis Vossii, de Historicis Latinis, Lib. I. Cap. XIV », de pp. 1-9; « Auctorum aliquot testimonia et judicia, qui Cornelii Nepotis meminerunt », de pp. 10-24; « Series excellentium virorum, quorum vita a Cornelio Nepote scripta est », pp. 25-26. As vidas dos varões illustres occorrem de pp. 17-263, e no fim encontram-se: « Cornelii Nepotis fragmenta, quae reperiri potuerunt, omnia: olim summo Andreæ Schotti studio collecta, nunc recensita, emendata, & alicubi aucta », de pp. 265-288; « Chronologia Impp. Græciæ apud Cornelium Nepotem, olim ab Andræa Schotto concinnata; nunc passim correcta, aucta, & interpolata. Accesserunt Series annorum Catonis per eumdem Schottum: & V. C. Henrici Ernstii Chronologia Historiæ T. Pomponii Attici », de pp. 289-324; « Index rerum singu-

larium », pp. 325-339; « Catalogus editionum Cornelii Nepotis de Vita excellentium Imperatorum », pp. 340-342. A pag. seguinte, inn., contém a « Censoris Regii approbatio, datum Lutet. Paris. 22 April. 1745 », assignada por Joan. Bapt. Souchay.

A estampa, gravada por Et. Fessard segundo C. N. Cochin, representa uma apotheose ao autor, cujo busto, dentro de um escudo, se acha sobre uma columna sustentado por anjos. A composição, elegante e muito nitida, é geralmente feita em typo *elzevir*, com capitaes ornadas; no começo das 25 biographias occorrem vinhetas gravadas a buril com os bustos dos varões biographados, e nesta parte do texto ha tambem algumas vinhetas finaes.

José Gerard Barbou pertence a uma familia de impressores notaveis pela correcção e elegancia de suas edições. O primeiro d'elles, João Barbou, estabelecera-se em Lyão; Hugo Barbou, filho do precedente, teve sua officina em Limoges. Outros membros da familia estabeleceram-se em Paris, no começo do seculo XVIII, como impressores e livreiros; mas são pouco notaveis.

José Barbou succedeu-lhes em 1746 e ligou seu nome a uma bella collecção de classicos latinos, constante de 76 vols. in-12, da qual faz parte o exemplar exposto. Diz-se que foi o abbade Lenglet-Dufresnoy quem projectou reimprimir em 1743 as bellas edições elzevirianas dos classicos latinos; iniciada a publicação por uma sociedade de typographos, foi mais tarde continuada por Barbou, que comprou as edições já publicadas. O nosso exemplar traz na fl. de rosto a marca typographica dos Elzevires com a legenda *Non solus*.

A José Gérard succedeu seu sobrinho Hugo Barbou em 1789, e por morte d'este a officina foi adquirida por Augusto Delalain em 1808.

O exemplar pertenceu á Real Bibliotheca.

N.° 56. — Publius Virgilius Maro. Bucolica, Georgica, et Aeneis.

Parisiis, in aedibus Palatinis, excudebam Petrus Didot, natu major, M.DCC.XCVIII, Reip. VI.

In-fol. gr., de XI - 572 pp. num., com 23 magnificas gravuras abertas a buril segundo Gérard umas, e segundo

Girodet outras. Bella edição de luxo, impressa a capricho, de irreprehensivel nitidez, em grandes typos redondos, optimo papel, largas margens.

No nosso exemplar as XI pp. prel. contêem uma advertencia do editor, *Typographus lectori S. D.*

A respeito d'esta edição diz Brunet:

« Edição tão recommendavel pela sua extrema correcção como pela magnificencia do trabalho typographico e belleza das gravuras, da qual só se tiraram 250 exemplares e d'estes 100 *antes da lettra*... O exemplar em vellino, com os desenhos originaes, annunciado no catalogo de Firmin Didot, passou-se para a Inglaterra. »

Graesse por sua vez:

« Verdadeira edição de luxo, mui correcta; rara, pois apenas se tiraram 250 exemplares (dos quaes 100 com as estampas *avant la lettre*), num. e assignadas. O unico exemplar impresso em vellino, com os desenhos originaes, conserva-se em Londres. »

No *Catalogue des livres rares... du cabinet de M. Firmin Didot, Paris*, 1810, pag. 74, n.º 488, para o qual nos remette Graesse, se lê, a proposito d'este exemplar em vellino:

« Exemplar unico, impresso em vellino, a que serão reunidos os *vinte e tres desenhos originaes*, feitos pelos nossos mais celebres pintores os Srs. David, Girodet e Gérard. »

Na advertencia posta em frente do referido catalogo diz-se, em relação com esta edição e com a de Racine, quanto ao merito das gravuras em particular, que o Virgilio *não será cedido*, na arrematação, *por menos de doze mil francos*, preço á primeira vista exaggerado, mas que na realidade o não era, por conter 23 desenhos, unicos que pintores de tão grande talento condescenderam em fazer para livros, e que, *mesmo isolados*, seriam o mais bello ornato de que poderiam ufanar-se os mais celebres gabinetes. E accrescenta-se em nota:

« As obras dos Srs. David, Girodet e do fallecido Chaudet estão designadas para os grandes preços decennaes e podemos asseverar que os Srs. David, Girodet, Gérard... não recomeçariam nenhum desenho igual por tres mil francos. »

Por aqui se avalia o merito da edição de que a Bibliotheca Nacional expõe um dos raros exemplares. O nosso tem a seguinte nota, em parte impressa, em parte manuscripta, com a assign. autogr. do famoso editor, no v. da fl. anterior á de rosto:

« N.º 126. *Cent vint-Sixieme* sur deux cents cinquante. — *P. Didot l'ainé.* »

Paris, uma das cidades do velho mundo em que primeiro se exerceu a maravilhosa arte de impressão e onde ella chegou ao mais alto grau de aperfeiçoamento e esplendor, muito deveu á familia Didot, uma d'essas afamadas familias de typographos, cujos nomes se perpetuam na historia e se succedem por longa serie de annos, como as dos Estevãos, dos Plantinos, dos Elzevires, dos Juntas, dos Aldos, dos Gryphos, muitos de cujos membros tiveram a designação de *primeiro* e *segundo*, como si pertencessem a familias de principes reinantes. Nesses tempos não se contentavam elles com ser simples impressores ou editores: eram verdadeiros homens de lettras, versados no conhecimento das linguas latina e grega e tão conhecedores das producções do engenho humano nas idades antigas, que accrescentavam doutos commentarios, fructos do proprio saber, ás edições que faziam das obras dos classicos.

Firmin Didot, por exemplo, era não só um distincto conhecedor da litteratura grega e latina, que cultivava com proveito, como um colleccionador infatigavel e apaixonado de raridades bibliographicas. Haja vista a soberba collecção que, por sua morte, se expoz á venda, e que consta do catalogo supra mencionado e onde se deparam lado a lado, em extraordinario convivio, tanto as obras-primas das primeiras epocas da imprensa, como muitos dos livros que tinham servido de modelo aos primeiros impressores, verdadeiros monumentos da arte typographica desde o seu começo até á data em que se expuzeram aos olhos avidos do publico litterato tantas preciosidades.

Quantos progressos não fez em Paris a arte de imprimir desde que João de la Pierre, prior da Sorbona, e Guilherme Fichet, doutor em theologia, mandaram vir da Allemanha, cêrca de 1469, a Martinho Krantz, Ulrico Gering e Miguel Friburger, mestres no officio, emquanto João e Vindelino de Spira a transportavam para Veneza, até aos tempos dos Didots?

Porque, como consta da historia, a arte civilisadora por excellencia, inventada em Moguncia, d'ali se passára para Roma, cabeça da christandade, para Strasburgo, Veneza, Paris: ali criou raizes tão profundas e extensas, que parece não se extirparão jamais d'aquelle fecundo solo até á consummação dos seculos.

Depois de rapida e substancial resenha dos primeiros e principaes impressores de Paris, Deschamps no seu *Dictionnaire de géographie*, refere-se nestes termos a Didot:

« No XVIII seculo, emfim, apenas citaremos os Saugrain,

Barbou, Coustelier, Lottin, Anisson Duperron, guilhotinado como aristocrata; Momoro, guilhotinado como demagogo; e fecharemos esta longa nomenclatura por um dos nomes mais gloriosos da typographia franceza, o dos *Didots*, cujo estabelecimento como livreiros em Paris remonta ao reinado de Luiz XIV; o peso d'essa nomeada européa é nobremente sustentado hoje (*Deschamps publicou o seu Dicc. em 1870 na casa Didot*) pelo nosso respeitavel e douto editor, o Snr. Ambrosio Firmin Didot, nascido em 1790 (*a 20 de Dezembro*), tão excellente bibliographo, como hellenista erudito e ardente colleccionador de livros e estampas. »

O artigo que consagra a esta familia ou, antes, *dynastia* de impressores, o *Diccionario universal de historia y de geografia (Mexico:* 1853) é tão compendioso e succulento que não nos furtamos á tentação de o transcrever na integra:

« *Didot:* familia de impressores-livreiros, francezes, que muito contribuiu para os progresssos da imprensa em França: o primeiro d'esta familia que se distinguiu foi Francisco Ambrosio Didot, nascido em Paris em 1730 (*Janeiro)* e fallecido em 1804 (*a 10 de Julho).* Estabeleceu em sua casa uma fundição, de onde sahiram os mais formosos typos que até então se tinham visto; inventou um instrumento proprio para dar ao corpo dos caracteres uma justa proporção e publicou edições admiraveis pela correcção do texto, entre outras a collecção chamada *D'Artois*, em 64 tomos *in-18.°*, e uma *Collecção de classicos francezes*, impressa por ordem de Luiz XVI (*para educação do Delphim*) em tres formatos, *in-4.°*, *in-8.°* e *in-18.°*

« Firmin Didot, filho do precedente, nasceu em Paris em 1764 e morreu em 1836; trabalhou de accordo com seu irmão mais velho, Pedro, no aperfeiçoamento da sua arte e foi o primeiro que fez edições stereotypadas, em 1797: entre as suas edições estimam-se sobre todas *Virgilio, 1798, in-fol.; Horacio, 1799*, no mesmo formato; os *Lusiadas, 1817 (edição do morgado de Matheus*); a *Henriada, 1819*. Firmin Didot cultivava tambem as lettras; devem-se-lhe excellentes traducções em verso das *Bucolicas de Virgilio, 1806;* dos *Idylios de Theocrito, 1838*, e uma tragedia, *Annibal:* foi eleito deputado em 1829 (*aliás 1827*). »

Completando estas indicações biographicas accrescentaremos que Francisco Ambrosio era filho de Francisco Didot, primeiro do nome, livreiro, amigo do abbade Prévost, de quem publicou todas as obras. Nas officinas de F. Ambrosio é que se fizeram, em 1780, os primeiros ensaios em França de impressão em papel vellino.

Deixou dois filhos, Pedro Francisco Didot mais velho, a quem cedêra a sua imprensa em 1789, e Firmin Didot, seu successor na fundição de typos, ambos já distinctos na arte em vida mesmo do pae.

Pedro, notavel, além do mais, pelos seus conhecimentos bibliographicos, n. em 1732, falleceu a 7 de Dezembro de 1795, deixando tres filhos, Pedro Nicolau Firmino Didot (*Didot jeune*), que foi o seu successor na casa e deu as edições da *Voyage du jeune Anacharsis*; Didot Saint-Léger, inventor do papel *sem fim*, e Henrique Didot, habil gravador e fundidor de typos, inventor de uma fôrma especial (*fôrma polyamatypa*), por meio da qual se fundem d'uma assentada 100 a 150 caracteres ou signaes typographicos, para as edições chamadas microscopicas.

Firmino, entre outras obras que imprimiu, deu das *Tables de logarithmes* de Callet uma edição sem o menor erro.

Data de 1713 o estabelecimento d'esta familia em Paris, segundo o *Diction. univers. des Contemporains* de Vapereau. Gregoire todavia, no seu *Dict. encyclop. d'hist., de biographie*, &., faz remontar a nomeada da familia aos annos de 1689–1757, desde Francisco Didot, *syndico da communidade dos livreiros*.

Ambrosio Firmino, ultimo representante da familia, filho do deputado Firmino Didot, foi, segundo Vapereau, membro da Camara do Commercio de Paris, do conselho das manufacturas e do conselho municipal do Sena (1840–56); fez parte do jury das exposições industriaes nacionaes (1844–49) e das Exposições universaes de Londres (1851) e de Paris (1855), como relator das secções da imprensa e da papelaria.

Jacinto Didot, seu irmão, n. em Paris a 11 de Março de 1794, dirige com elle a imprensa Didot desde 1827. Henrique, irmão d'estes, é banqueiro em Paris.

Paulo, filho de Jacinto, n. em 1826 (1822, segundo Larousse), occupa-se especialmente de chimica e das applicações praticas das sciencias ao melhoramento das fabricas de papel de seu pae. Publicou em 1855, de collaboração com Barruel: *Nouveau mode de blanchiment des chiffons et des plantes textiles par l'adjonction du gaz acide carbonique, in-8.º*

Alfredo Didot, primo-irmão do precedente e filho de Ambrosio Firmino, n. em Paris em 1828 (em 1821, diz Larousse), deu-se ao estudo das linguas e tem feito muitas traducções. Publicou em 1852 os *Fragments inédits de Nicolas de Damas*, recentemente descobertos e comprehendidos na *Bibliothèque grecque* da casa Didot.

Eis até ás suas mais proximas ramificações a historia d'essa familia notavel, que não só continuou as gloriosas tradições

da arte de imprimir na capital da França, como a levou ao mais elevado grau de aperfeiçoamento de que era susceptivel.

« O nome Didot, diz P. Larousse, figura desde 1698 no *Catalogue de l'imprimerie et de la librairie* publicado por Lottin. »

A Pedro Didot, *l'ainé*, filho de Francisco Ambrosio, é que devemos a bella edição de Virgilio, de que a Bibl. Nac. expõe um exemplar dos 250 de que constou a edição, « uma das obras-primas, para empregarmos a expressão de Larousse, que subsistirão no mundo no numero dos mais bellos monumentos de que se honra a nossa patria. Este homem tão modesto, tão util, tão laborioso, falleceu a 31 de Dezembro de 1853. »

N.° 57. — L'Imitation de Jésus-Christ. *Paris, L. Curmer*, 2 vols. in-8.° gr.

Edição de luxo, ornada de vinhetas e molduras, douradas estas e diversamente coloridas, sendo variados os desenhos para cada pagina.

Precedem ao 1.° vol. 5 ff. inn., que contêem: fl. 1, r., o titulo *L'Imitation de Jésus-Christ*, em um oval, dentro de uma vinheta; — fl. 1, v., as indicações: *Chromolithographie de Lemercier — Typographie de J. Claye — Paris*, em outra vinheta encimada por um chapéo episcopal sustentado por duas figuras lateraes, que representam a fé e o commercio; — fl. 2, r., uma moldura deixando no centro um espaço completamente em branco; o v. d'esta fl. e o r. da seguinte acham-se em branco; — fl. 3, v., um portico ricamente ornamentado, com varias figuras, e no qual se vê, em um medalhão oval, a figura de Luiz XIV, ajoelhado, em oração; — fl. 4, r., outro portico, tambem ornamentado, no qual occorre o titulo da obra em um oval; — fl. 5, r., dentro de uma moldura, a seguinte dedicatoria: « Aux amis des arts qui par leur concours bienveillant ont encouragé l'acomplissement de cette œuvre l'éditeur reconnaissant L. Curmer »; embaixo em uma almofada, sobre fundo azul, a data MDCCCLVI.

O v. das duas ultimas ff. está em branco.

As XII pp. num. immediatas contêem o prefacio assignado pelo editor; a composição, em caracteres romanos, occupa approximadamente o centro das paginas, dentro de molduras coloridas, representando assumptos allusivos aos doze mezes

do anno, cujos nomes vêm impressos a diversas côres, em typo gothico, na margem superior. Segue-se uma fl. inn., na qual occorre, dentro de uma moldura, em fundo pardo, o titulo da edição de 1626, que é o seguinte :

« IV Livres de l'Imitation de Iesvs-Christ qu'aucuns attribuent à Iessen d'autres à Gerson, & d'autres à Thomas, à Kempis, fidellement traduits. Nouuellement mis en François par M. R. G. A. Et reueu par le mesme Autheur en ceste derniere Edition. — *A Paris chez Nicolas Gasse, au Mont St. Hilaire près la Court d'Albret M. DC. XXVI. — Avec approbation.*

O texto occupa 399 pp. num. ; no v. da ultima existe a seguinte inscripção, impressa em lettras douradas sobre fundo roxo : « Ce livre a été commencé le XV Aout MDCCCLV et fini le XV Aout MDCCCLVII. » Intercaladas no texto ha 8 ff. inn., das quaes quatro são titulos e as outras quatro são estampas representando assumptos religiosos; estas folhas precedem, duas a duas, os quatro livros da *Imitação*. *A Table des matières*, que completa o volume, occupa 1 fl. inn. de tit. e 14 pp. num.

O texto e o indice tambem se acham approximadamente no centro das paginas, dentro de molduras de côres variadissimas e de todos os estylos. A impressão, em typo romano maior que o do *Prefacio*, é geralmente feita á tinta preta sobre fundo branco ; exceptuam-se apenas as pp. 266–267, 270–271, que são completamente douradas com a moldura e o texto impressos á tinta preta, e as pp. 276–277, que o são á tinta prateada sobre fundo vermelho.

O 2.° vol. traz o seguinte titulo:

« — Appendice a l'Imitation de Jésus-Christ. — Auteurs présumés de l'Imitation par M. l'abbé Delaunay Chanoine de Meaux, Cure du Diocèse de Paris — Histoire de l'ornementation des manuscrits par M. Ferdinand Denis Conservateur de la Bibliothèque de Sainte-Geneviève — Catalogue Bibliographique indiquant les manuscrits reproduits dans l'Imitation et les Imprimés cités dans l'Histoire de l'ornementation des manuscrits — Index des manuscrits avec l'indication des noms des dessinateurs et des chromographes — Grande danse macabre. *L. Curmer — Paris, 47, Rue de Richelieu, au premier* — MDCCCLVIII — Tous droits réservés. »

Neste titulo occorre uma pequena vinheta com as iniciaes do editor L C ; no v. do ante-rosto, dentro de uma vinheta assignada *Bisson Cottard sc.*, lê-se: *L. Curmer Éditeur — Lemercier Imprimeur-Lithographe — J. Claye et L. Perrin Imprimeurs-Typographes.*

A primeira peça d'este vol., *Les auteurs présumés de l'Imitation de Jésus-Christ*, occupa 28 pp. num., incluidos nesse numero o titulo geral e o ante-rosto mencionados. É ornada de 7 cabeções de pagina e 2 vinhetas finaes, e acompanhada de 4 retratos fóra do texto, executados em photographia segundo gravuras antigas. São elles: Ioannes Gersen de Canabaco; Jean Gerson; Thomas de Kempis; e Michel de Marillac. Esta peça é assignada *in fine*: « L'abbé H. Delaunay, Chanoine de Meaux, Curé du diocèse de Paris. »

A 2.ª peça, *Histoire de l'Ornementation des Manuscrits par Mr. Ferdinand Denis Conservateur à la Bibliothèque Ste Geneviève. Paris L. Curmer MDCCCLVII.*, occupa 143 pp. de nova numeração, e contém os seguintes trabalhos de gravura: no verso do ante-rosto, uma vinheta, dentro da qual se lê: *Louis Perrin, impr. à Lyon;* um frontispicio com o titulo e as indicações transcriptas; um florão ou cabeção de pagina; 120 lettras capitaes ornadas, tiradas dos mais preciosos manuscriptos, incluidas no texto; 4 estampas occupando a pagina inteira, a segunda das quaes representa a rosa de Jessé, e as outras tres são capitaes ornadas; e finalmente 15 vinhetas finaes. Ao todo 142 ornatos, numero muito inferior ao de 200, que Brunet dá só para as iniciaes ornadas.

A 3.ª peça, *Catalogue des Manuscrits et Imprimés reproduits ou cités dans l'Imitation et la notice. Paris L. Curmer. MDCCCLVII.*, consta de 51 pp. de nova numeração e contém: uma vinheta no v. do ante-rosto com as indicações: *Paris — Imprimerie J. Claye Rue Saint-Benoit, 7;* um frontispicio com o titulo; um cabeção de pagina e 2 vinhetas lateraes formando tarja para o prefacio; 90 vinhetas illustrando as margens lateraes do catalogo e 2 vinhetas finaes. Ao todo: 97 ornatos. No v. da ultima pagina do catalogo occorre uma errata.

A 4.ª e ultima peça, *Index des Manuscrits & Imprimés reproduits ou cités avec l'indication des noms des dessinateurs, graveurs et chromographes accompagné des figures de Iollat, de Hans Sebald Beham et de Hans Holbein — MDCCCLVIII,* consta de 8 ff. inn. Traz um frontispicio com o titulo, 4 vinhetas representando assumptos pastoris, 15 cabeções de pagina, e 132 estampas pequenas que completam as tarjas d'essas 8 ff. São ao todo 152 ornatos, e não mais de duzentas gravuras, como diz Brunet. Seguem-se a este indice 16 pp. num. com o titulo: *La grande danse macabre.*

Nenhum dos ornatos d'este 2.º volume é executado em chromo-lithographia e a impressão de todos é feita á tinta preta.

O 1.º volume exigiu longo trabalho preliminar por parte do editor; Curmer teve de examinar cuidadosamente os manuscriptos mais preciosos das principaes bibliothecas da Europa, taes como: a *Bibliothèque Impériale*, o *Musée des Souverains*, as do *Louvre*, de *Sainte-Geneviève*, *de l'Arsenal*, e *Motteley*, em Paris; as de *Rouen*, *Strasbourg*, e *Saint-Dié*, nos departamentos; e, no extrangeiro, o *British Museum*, as de Oxford e Bruxellas, e as da Allemanha. Os desenhadores, sob sua direcção, reproduziram as tarjas e illuminuras originaes dos manuscriptos sem alteração alguma, a não ser o augmento ou reducção do formato para obter uma medida uniforme; e assim reuniram 400 pp. para o texto, 16 para o indice, 12 para o prefacio, 8 para os titulos parciaes, e 6 de preliminares; ao todo 442 molduras ou vinhetas differindo todas entre si.

A impressão dos ornatos foi feita com o maior cuidado. Sobre uma pedra typo estabeleceram as divisões necessarias; o chromographo reproduziu sobre esta base o traço do desenho original; seguiu-se o trabalho de coloração, que consiste em fixar sobre tantas pedras quantas são as côres a parte consagrada a cada uma d'ellas; a reunião d'estas impressões deu o conjuncto que a pedra negra depositaria do texto veiu completar.

Quanto ao texto, seguiu-se a traducção de Marillac, edição de 1626, que dá em toda a sua pureza uma excellente interpretação do livro latino. Para a reproducção do texto foram conservados os caracteres contemporaneos, executados com uma correcção irreprehensivel; rejeitou-se, porém, a impressão typographica, que complicava o trabalho, adoptando-se de preferencia o processo lithographico, que facilitava a tiragem. Para isso, depois de composto o texto e cuidadosamente revisto, tirou-se uma prova sobre papel da China escolhido e muito laminado, a qual foi transportada para a pedra lithographica, coadunando-se perfeitamente adaptada aos desenhos dos ornatos. Assim toda a obra foi impressa simultaneamente pelo processo lithographico.

O numero das côres variou de tres a quatorze, exigindo outras tantas impressões successivas, que foram executadas com o maior esmero. O editor, que nos fornece todas estas informações no seu prefacio, accrescenta:

« Si l'on veut réfléchir aux difficultés sérieuses de cette opération qui a nécessité l'emploi de plus de neuf cents pierres, aux variations apportées constamment par la température, aux soins que demande le repérage exact de ces superpositions successives, aux rigueurs d'un séchage indispen-

sable pour éviter la confusion des tons, aux combinaisons des couleurs nécessaires pour obtenir la reproduction fidèle du modelé, on sera bientôt convaincu que ce livre n'est pas un livre ordinaire, et que s'il a été téméraire de l'entreprendre, il peut être glorieux de l'avoir exécuté. » E, na realidade, este trabalho é, a todos os respeitos, digno de admiração. Pena é que na disposição dos ornatos não se tivesse seguido a ordem chronologica, do que, aliás, o editor se justifica plenamente no prefacio.

Brunet, descrevendo esta obra, diz que o corpo do volume se compõe de 50 fasciculos, não incluindo o appendice que foi vendido em separado. Este appendice consta das seguintes peças: 1.ª, Titulos do livro de Horas de Luiz XIV e dos quatro livros tirados da *Iconographia dos reis de França* de Du Tillet. 2.ª, Taboa das materias com as copias dos manuscriptos dos primeiros seculos. 3.ª, O calendario das horas da rainha Anna de Bretanha. 4.ª, Quatro miniaturas do livro de Horas da mesma rainha representando: a) a rainha em oração, cercada de suas damas de honor; b) a educação da santa virgem; c) a annunciação; d) a sacra familia. 5.ª, *Des auteurs présumés de l'Imitation*, pelo abbade Delaunay, com quatro retratos de Marillac, Gerson, Thomas de Kempis e Gersen. 6.ª, *Histoire de l'ornementation des manuscrits*, por Ferdinand Denis, com duzentas iniciaes ornadas tiradas dos mais preciosos manuscriptos. 7.ª, *La grande Danse macabre*, com mais de duzentas gravuras, copias fieis de Holbein, Hans Beham, Iollat, cercando a taboa indicadora dos manuscriptos e acompanhada do texto da *Danse macabre*. 8.ª, O catalogo illustrado dos manuscriptos reproduzidos na *Imitação* e dos impressos citados na *Historia da ornamentação dos manuscriptos*. Um exemplar reunindo todas estas peças fórma dois vols.

Em nosso exemplar as 4 primeiras peças da descripção de Brunet estão encorporadas ao 1.º vol.; no 2.º se acham as 4 ultimas, porém diversamente collocadas.

O Catalogo e o Indice dos manuscriptos e impressos, que occorrem no fim do 2.º volume, fornecem os meios de pesquizar a origem de cada uma das paginas da *Imitação* e dos *Appendices*; por elles se determina não só o manuscripto original de onde cada ornato foi tirado, como tambem os nomes dos artistas que o executaram, desenhadores, chromographos, gravadores, photographos, &.

Muito se tem discutido ácerca da autoria d'esta obra; ella tem sido attribuida a S. Bernardo, a S. Boaventura, a Thomaz de Kempis, a Gersen, a Ludolpho o Chartuxo, a

Henrique de Kalkar, a Ubertino de Casal, e a João Gerson; e ainda appareceu uma opinião ecclectica que attribue cada livro a um autor differente. Parece porém mais provavel que foi Thomaz de Kempis quem compoz este livro admiravel, tão cheio de uncção religiosa e tão apreciado por todos os povos.

N.º 58. — Publii Virgilii Maronis Carmina omnia perpetuo commentario ad modum Joannis Bond explicuit Fr. Dubner.

Parisiis, ex Typographia Firminorum Didot, MDCCCLVIII.

In-16 de 2 ff. inn. de tit., xvj–470 pp. num., 1 fl. inn.

As 16 ff. prel. contêem: *P. Virgilii Maronis vitæ et carminum adumbratio.* O texto, occupando 470 pp., comprehende: *Bucolica*, pp. 1–49; *Georgicon*, pp. 51–129; *Æneidos*, pp. 131–425; *Moretum*, pp. 427–431; *Copa*, pp. 431–432; *Culex, ad Octavium*, pp. 433–446; *Ciris, ad Messalam*, pp. 446–461; e *Catalecta*, de pp. 462 á 470, a qual consta de 14 diversos trechos em verso, de um fragmento *ex Epistola, quam Virgilius ad Augustum Cæsarem super Æneide sua scripsit.*, e dos quatro primeiros versos da Eneida, que foram supprimidos no texto.

O frontispicio é gravado em metal; o titulo vem dentro de uma tarja ornamentada, em cujo alto se nota o busto de Virgilio coroado de louros, em um redondo; acima das indicações da edição está uma loba amamentando os dois filhos de Rhéa Sylvia; na parte inferior, dentro de um rectangulo, um simulacro de combate. No começo das Eclogas do Moretum e dos livros das Georgicas e da Eneida acham-se vinhetas representando assumptos allusivos ao texto.

A impressão é excellente, sendo os typos completamente iguaes e de uma elegancia extrema. Cada pagina é cercada de um filete vermelho; o texto é impresso em typó romano, e os commentarios, tambem impressos no mesmo typo, porem menor, occupam o lado e a parte inferior do texto, do qual são separados por outro filete vermelho.

O nosso exemplar foi comprado pelo actual bibliothecario, Dr. João de Saldanha.

N.º 59. — Livre de prières par Ch. Mathieu. *Paris, MDCCCLVIII.*

In-8.º de 5 ff. inn., 149 pp. num., 4 ff. inn., com 7 est. fóra do texto.

Bella edição de luxo com ornatos de chromolithographia, segundo os manuscriptos da média idade, do VIII ao XVI seculo.

As 5 ff. inn. contêem: fl. 1, r., dentro de uma tarja, o falso titulo *Ornements des manuscrits*, em caracteres gothicos; fl. 2, r., dentro de uma vinheta, a palavra *Prières;* fl. 2, v., um portico dourado, dentro do qual um altar, e, sobre este, um quadro em branco e dois anjos aos lados; fl. 3, r., o mesmo portico e o mesmo altar com variantes nas côres; dentro do quadro o titulo da obra, em lettras douradas, sobre fundo solferino; fl. 4, r., o seguinte titulo: « Ornements des manuscrits du VIII^e au XVI^e Siècle. Reproduits en couleurs par B. Charles Mathieu. Tome I Prières illustrées. » *Paris A. Morel, Editeur 13, Rue Bonaparte*, impresso a quatro côres, dentro de uma tarja; fl. 5, recto, em um quadro cercado por uma moldura, a dedicatoria: « Dedié a S. Éminence le Cardinal Morlot Archevêque de Paris », em lettras douradas, sobre fundo solferino.

A *Table des matières*, nitidamente impressa à quatro côres, dentro de tarjas igualmente coloridas, occupa as pp. 1 – 4; seguese na pag. 6 a *Approbation* do Cardeal Morlot, datada de 26 de Junho de 1858, em um quadro, impressa em lettras douradas.

O texto é dividido em 7 partes, precedendo a cada uma: 1.º, um frontispicio; 2.º, uma estampa representando assumpto religioso; 3.º, o respectivo titulo; todas estas peças são primorosamente coloridas.

No fim do volume occorrem 4 ff. inn., a primeira com o titulo *Appendice*, e as outras em branco; estas quatro folhas têem, no recto e no verso, tarjas, que no indice se declara serem ornatos calligraphicos do XV seculo. Estes ornatos tambem apparecem na primeira e quarta ff. inn. do começo e nas 4 pp. do indice. A impressão do texto, nitida e primorosa, é feita pelo processo typographico em caracteres romanos muito elegantes e completamente iguaes; os ornatos muito variados e de apurado gosto artistico. Quanto ás difficuldades da execução em chromo-lithographia vide o que se disse em nota da *Imitação de Jesus-Christo*, sob o n.º 57.

Este *Livro de orações* appareceu augmentado, em segunda edição, com o seguinte titulo:

« Livre de prières, illustré à l'aide des ornements des manuscrits du moyen âge, publié par B. Charles Mathieu; suivi d'une notice historique et texte explicatif par F. Denis et B. Charles Mathieu. Chez l'auteur, rue de Four-Saint-Germain, 15. 1863 », 2 vols. in-16.

Esta segunda edição foi publicada em 23 fasciculos de 1860-63.

B. Ch. Mathieu, desenhador e lithographo de Paris, nasceu em Aix-la-Chapelle em 1810, e falleceu em Bellevue em 1869.

N.° 60. — Arthur Mangin. Les Jardins. Histoire et description. Dessins par Anastasi, Daubigny, V. Foulquier, Français, W. Freeman, H. Giacomelli, Lancelot.

Tours. Alfred Mame et Fils, éditeurs, M DCCC LXVII. In-4.° gr. com est.

Nas pp. III-VII o prefacio, datado de Paris, Fevereiro, 1867, e assignado por Arthur Mangin. Seguem-se 444 pp. contendo o texto, a taboa dos capitulos e a taboa dos desenhos. No verso da ultima fl., em baixo, a seguinte indicação: *Tours — Imprimerie Mame*. As estampas são em grande numero, umas fóra do texto, outras intercaladas nelle, tendo tambem como cabeções de pagina pequenas estampas e vinhetas, todas gravadas em madeira por diversos artistas.

A casa *Mame* foi fundada em Tours nos primeiros annos d'este seculo. Como bem observa juiz muito competente, não se deve avaliar o merecimento de uma casa industrial por alguns trabalhos feitos *ad hoc* para as exposições, e que estão muito longe da producção ordinaria que ella fornece aos mercados; Mame, porém, reune o duplo merito de uma producção enorme, nitida e barata e de trabalhos do mais apurado gosto e da mais irreprehensivel perfeição. Seus exemplares unicos em pergaminho são admiraveis, e constituem um therouro bem digno de ser transmittido aos filhos de uma familia, que promette seguir os passos dos Estevãos e dos Didots.

O estabelecimento Mame, continúa o mesmo juiz, é, segundo cremos, o primeiro de França, e a julgar pelos seus trabalhos e estatistica, um dos primeiros do mundo. Não co-

nhecemos sinão Brockhaus, de Leipzig, que a alguns respeitos lhe leva superioridade e vantagem. Dividido em differentes secções elle comprehende todas as officinas essenciaes e accessorias á preparação de um livro, como: *typographia* propriamente dita, officina de *encadernação*, *lithographia*, *estereotypia*, *gravura sobre madeira e sobre aço*, sem fallar na *fabrica de papel*, na *fundição de typos* e outras pequenas industrias particulares que, para assim dizer, não trabalham sinão para o grande productor, e que a elle se acham ligadas como si fizessem parte integrante de seu estabelecimento colossal.

O exemplar que a Bibliotheca expõe é um dos mais acabados productos d'este acreditado estabelecimento; e o que mais surprehende e captiva os bibliophilos é que a impressão d'esta obra de Mangin não foi feita para nenhuma solemnidade ou certamen industrial, mas, como muitas outras, atirada ao mercado, ao commercio; entretanto, que nitidez de impressão! que elegancia e que igualdade de typo e de tinta!

Incontestavelmente, esta edição é uma das mais bellas que já sahiram dos prélos do impressor.

N.° 61. — L'Ornement Polychrome Cent planches en couleurs or et argent contenant environ 2,000 motifs de tous les styles Art ancien et asiatique moyen age renaissance XVII^e et XVIII siècles Recueil historique et pratique publié sous la direction de M. A. Racinet... avec des notices explicatives et une introduction générale. Troisième édition.
Paris, Librairie de Firmin-Didot et C.^ie, in-4.° gr.

Edição de luxo, primorosamente impressa e gravada.

Contêm: « Préface de la première édition », assignado Firmin-Didot Frères et Fils; « Préface de la deuxième édition »; « Introduction Générale »; « Table des planches et notices »; « Planches et Notices »; « Table des motifs »; « Table des matières ».

Acêrca d'esta modernissima edição da muito conhecida e afamada casa Didot, diz o Sñr. Dr. Ramiz Galvão:

« Collecção historica e pratica, publicada sob a direcção de Mr. A. Racinet, com 100 estampas coloridas, representando cêrca de 2,000 objectos, da qual se distribuiu um *prospectus*, donde não duvidamos extrahir algumas notas mais importantes: Sabe-se que a vulgarização das bellas fórmas ha sido em nosso seculo objecto de trabalhos dos governos, de associações e de amadores particulares, imbuidos todos do pensamento salutar de diffundir o gosto elegante e apurado, que caracterisa as sociedades adiantadas. Muitas obras pois têem ultimamente apparecido sobre este assumpto, mas, umas demasiado especiaes, outras muito elementares, quasi todas sem o emprego da côr, que de alguma sorte é a vida do ornato das superficies, e muitas emfim publicadas por preços extremamente elevados. São d'este genero os trabalhos de Hittorff, Zahn, Westwood, de Bastard, Willemin, e de Owen-Jones, o illustre e incansavel autor da *Grammaire de l'ornement.*

« A nova publicação de Didot differe d'ellas a muitos respeitos: 1.° pelo emprego feliz da lithochromia, que hoje ha chegado em Europa a um subido grau de perfeição; 2.° pela attenção particular e maior desenvolvimento dado ás epocas da idade média, do renascimento, do XVII e XVIII seculos, que nas obras precedentes haviam sido um pouco sacrificadas ás artes da Grecia, Roma e do Oriente; 3.° pelo systema adoptado de apresentar o ornato só, sem adaptal-o a esta ou aquella fórma architectural, a este ou áquelle emprego industrial, e deixando por conseguinte a cada qual a liberdade de fazer d'elle o uzo que quizer, de repetil-o, enlaçal-o, combinal-o emfim ao bel prazer da phantasia e das exigencias do trabalho.

« Como se vê, pois, *L'Ornement Polychrome*, obra importante sob o ponto de vista artistico e industrial, é um vasto repositorio, onde poderão ir buscar modelos, architectos, esculptores, pintores, decoradores, fabricantes de móveis, tecidos e papeis pintados, tapeceiros, joalheiros, e um sem numero de profissões liberaes.

« A execução do livro foi confiada a Mr. A. Racinet, que sem duvida alguma escolheu com felicidade os objectos, grupou-os com engenho, desenhou-os correctamente, e com fidelidade os coloriu. Sob o ponto de vista typo e chromolithographico a obra é excellente, e faz de certo honra ás casas Didot e Lemercier, aquella encarregada da primeira parte, e esta da segunda. »

O exemplar foi comprado pelo Dr. João de Saldanha, actual Bibliothecario.

N.º 62. — Les Saints Évangiles Traduction de Bossuet.

Paris Librairie Hachette et C.ie M. DCCC LXXIII. 2 vols. in-fol. com o rosto impresso a duas tintas.

Eis-ahi o titulo do esplendido impresso, geralmente conhecido hoje pelo nome de *Evangelhos de Bida.*

D'esta obra-prima da typographia, e das artes suas congeneres em França, transcreveremos aqui o que dice o Dr. Ramiz Galvão em seu Relatorio sobre as artes graphicas na exposição universal de Vienna d'Austria em 1873:

« Tendo resolvido a casa Hachette & Comp., em 1860, emprehender uma publicação, que a recommendasse aos posteros, e assentando que seriam objecto d'ella os livros sagrados, começou por escolher uma traducção franceza, que a mais de um respeito se fizesse digna de attenção. O nome de Bossuet se apresentava em primeira linha; mas como este celebre theologo e orador nunca fizera traducção completa dos Evangelhos, posto que fosse incumbido por Péréfixe, arcebispo de Paris, de revêr a edição jansenista do Novo Testamento, força foi procurar aqui e acolá em seus sermões, orações funebres e obras de controversia religiosa os versetos e citações isoladas, em que elle traduzira a narração dos quatro evangelistas. Primeira difficuldade. M. Wallon, do Instituto, secretario perpetuo da Academia das inscripções e bellas lettras, se encarregou de vencel-a, e conseguiu fazer um corpo d'estes preciosos fragmentos de incontestavel orthodoxia e primorosa linguagem.

« Mas, a quem confiar a difficilima interpretação plastica de semelhante texto? Segunda difficuldade. A escolha do artista recahiu em Mr. Bida, desenhista que por seu raro merito e estylo elevado já conseguiu ganhar a reputação dos grandes pintores, e que aliás parecia preparado para um commettimento de tal genero, graças á sua estada por vezes no Oriente, e ao exacto conhecimento que tinha dos lugares e costumes do paiz. Entretanto Mr. Bida quiz ainda, antes de começar seus desenhos, tornar a visitar a Terra Santa e passar ahi alguns mezes em serio estudo. Regressando, poz mãos á obra, e por espaço de nove annos não fez sinão trabalhar nesta monumental producção; quando rebentava a guerra fatal de 1870, entregava elle o 128.º e ultimo desenho de que se incumbira.

« Não nos cabe aqui a analyse esthetica d'este trabalho;

basta-nos dizer que se não sabe o que mais louvar ali, si a comedida originalidade, a fiel reproducção dos costumes ainda em seus pormenores apparentemente insignificantes, ou emfim a nobreza do estylo e a magestade das composições. Como muito bem dice Mr. du Camp, apezar de uma certa familiaridade que não é sinão a realidade bem produzida, é difficil encontrar composições historicas mais bem ordenadas do que a *Herodias*, a *Resurreição da menina*, o *Homem da mão sêcca*, a *Casa da velha*, o *Baptismo*, o *Sermão da montanha*. Assim como o *Filho prodigo*, o *Bom Samaritano*, o *Dinheiro da viuva* e *Jesus na Synagoga* são fieis interpretações de typos, monumentos e costumes, a *Figueira maldita*, os *Dois cegos*, o *Lyrio nas Campinas*, a *Parabola do semeador*, *Jesus em Nazareth* provam á saciedade que Bida não foi menos feliz na representação da paisagem.

« Obtidos os magnificos desenhos de Bida, cumpria grava-los. Terceira difficuldade. Para isso a casa Hachette & Comp. tratou de dirigir-se, e bem inspirada foi quando o fez, ao habil desenhista Mr. Edmond Hédouin, que tomou sobre si a direcção dos trabalhos de gravura, e os confiou aos mais distinctos *aquafortistas* de França: Flameng, Veyrassat, Bracquemond, Nanteuil e outros.

« O resultado foi o melhor que se pudera desejar; depois de doze annos de trabalho, por isso que cada desenho que se aprompta va passava logo para as mãos do gravador, depois de tantos esforços e de tanto zêlo, teve ao menos o editor a fortuna de vêr realizada talvez a mais consideravel e importante collecção de bellas aguas-fortes, que algum dia enriqueceram um só livro, e sabe-se que é este o genero de gravura mais difficil e mais custoso.

« Chegou a vez da execução typographica, que não deveria desdizer por forma alguma dos bons trabalhos já preparados. Quarta difficuldade. Começaram os editores por encarregar a Mr. Rossigneux, habil artista e desenhista, de lhes fornecer o plano de um typo todo novo e especial. Mr. Rossigneux reuniu os melhores specimens dos caracteres empregados pelos impressores francezes, desde Henri Etienne até Didot, que mais se distinguiram em sua arte; augmentando uns com o auxilio da photographia, afim de tornar bem patentes os seus defeitos, diminuindo outros, estudando severamente a todos, conseguiu o artista desenhar mathematicamente o seu alphabeto em grande escala, e fêl-o depois reduzir pela photographia ás suas actuaes dimensões. Obtido este resultado, gravaram-se phrases com este alphabeto em uma lamina de cobre para ajuizar melhor das relações das lettras entre si, e modificar as

distancias, si necessario fosse; emfim, quando os ensaios chegaram ao seu termo e de uma vez se assentou completamente na dimensão e forma do typo, passou-se á gravura das matrizes, e foi Mr. Viel Cazal quem prestou o seu concurso nesta parte. A fundição geral do typo fez-se na *Fonderie Centrale* de Paris.

« Entretanto, Mr. Rossigneux estava longe ainda de acabar a sua tarefa, antes não estava sinão no principio d'ella: o formato do livro (58 centimetros sobre 41) fazia com que o typo parecesse desproporcionado, e isto enfeiaria sem duvida uma obra que se queria fosse irreprehensivel.

« Cumpria pois juntar ao texto ornatos nos titulos, nas grandes capitaes, nos frisos e nos *culs-de-lampe*, mas ornatos a um tempo sobrios e elegantes, em que se não empregasse a figura humana sob pretexto algum, e que o mais possivel andassem de accordo com o texto.

« Foi ainda Mr. Rossigneux o incumbido d'esta ardua parte do trabalho, e a justiça manda dizer que não se pudera fazer melhor.

« Os 290 desenhos, que custaram 7 annos de labor, foram primorosamente executados em tamanho duplo do das gravuras, e reduzidos pela photographia á dimensão desejada; e a sua gravura definitiva por entalhe doce se confiou a Mr. Gaucherel.

« O primeiro pensamento dos editores foi mandar gravar cada desenho em uma lamina separada, mas este systema houve de ser posto á margem em virtude do mau effeito dos signaes deixados no texto pelas bordas d'estas laminas. Destruiram pois as que já estavam gravadas e substituiram-n'as por grandes laminas de dimensão superior á das paginas; em cada uma d'estas se preparou a gravura dos ornatos no lugar exacto que ellas deveriam occupar no texto, dando sempre o devido desconto ao alargamento, que experimentaria o papel pelo humedecimento.

« Era amontoar difficuldades para ter a gloria de vencel-as; mas os artistas que cooperaram nesta edição dir-se-hia que não viam difficuldade diante de seus olhos. Oito annos foram precisos a Mr. Gaucherel e seus ajudantes para terminar estas gravuras, que antes de serem entregues ao impressor eram ainda revistas e retocadas segundo as correcções indicadas por Mr. Hédouin.

« Chegamos agora á impressão, que como se póde prevêr, apresentava duas partes distinctas: 1.ª A impressão typographica propriamente dita a duas côres: titulos, enquadramento e texto; 2.ª A impressão por entalhe doce dos ornatos: titulos, capitaes, &c.

« A reunião d'estas 3 impressões, vermelha, preta e por entalhe doce, não podia ser feita satisfactoriamente sinão por artista muito habil; foi esta a razão da escolha de Mr. Claye, de cuja pericia estão de ha muito dando provas os excellentes trabalhos que de sua casa têem sahido.

« A impressão typographica começou pois em suas officinas em Janeiro de 1869, sob a direcção especial de Mr. Viel Cazal. Uma das grandes difficuldades que houve certamente a vencer foi o registro dos filetes e das paginas, porque, si a perfeita concordancia do verso e do rosto é difficil quando o papel é só molhado uma vez e só se faz uma tiragem, muito mais deveria sêl-o neste caso, em que as folhas tiveram de ser molhadas repetidas vezes e passar pela prensa não menos de 4 vezes, só no que diz respeito á typographia.

« A isto accresce que a grandeza do formato e a reunião das duas paginas entre si pelos filetes que atravessam a margem superior complicavam ainda mais o trabalho, offerecendo um novo obstaculo a superar; mas a difficuldade venceu-se após numerosos ensaios, e muito provavelmente após numerosas decepções. O resultado ahi está para ser comparado aos mais bellos trabalhos typographicos do mundo; não ha uma falha no typo, um desaccordo de registro, um engrossamento na tinta.

« A impressão tanto das aguas-fortes de Bida como das gravuras dos ornatos de Rossigneux exigia ainda mais tempo do que a primeira, e não era de certo mais facil do que ella, particularmente quanto á impressão dos ornatos, visto que convinha imprimil-os no lugar, que lhes era reservado pela impressão typographica, e cumpria que não falhasse nem um millimetro.

. . . .

« Foram estes os trabalhos reclamados pela edição in-folio dos Santos Evangelhos, que a casa Hachette apresentou em Vienna d'Austria, e que sem duvida alguma fizeram, fazem e farão sempre a honra da typographia franceza.

« Só resta dizer que o papel velino foi fornecido pelas fabricas *du Marais* e de *Sainte Marie;* o papel de Hollanda pelos Srs. *C. e S. Honig Breet de Zaandyle;* o que protege as gravuras pela casa *Tonnelier & Comp.;* e as tintas pela de *Lorilleux filho;* tudo, por conseguinte, das fabricas mais afamadas da Europa.

« Não será inutil emfim enumerar as operações, por que passou cada folha d'este livro precioso. Segundo referem os editores cada folha passou pelos seguintes tramites: foi transportada da fabrica ao deposito de papel, do deposito á typo-

graphia, humedecida uma primeira vez para a impressão dos filetes em tinta vermelha, e posta na machina a vapor, cujas rodas untadas de oleo e rolos embebidos em tinta reclamam ainda mais cuidados; foi tirada d'ahi, envolvida em coberturas humidas para evitar a retracção do papel; posta em outro prélo para a impressão do texto; tirada de novo, sêcca, transportada para as officinas do impressor das gravuras; molhada para a impressão dos ornatos do recto; sêcca e emfim molhada segunda vez para a impressão dos ornatos do verso. Cada folha dos Evangelhos, por conseguinte, foi molhada tres vezes, oito passou pela prensa, e 31 pelas mãos dos operarios. Imagine-se agora que cuidados não foram precisos, que zêlo, que delicadeza, e que pericia não houve mister, para evitar que uma só mancha viesse desvirtuar esta producção typographica digna de admiração por todos os titulos.

« Seu custo sóbe acima de um milhão de francos, que podem calcular-se em 400:000$000 de nossa moeda, e o resultado financeiro da empreza dará aos editores um deficit de 300,000 fr. ou 120:000$000, ainda que se venda a edição inteira.

« O que resta a concluir-se é que a casa Hachette trabalhou pela gloria, e nada mais; esta gloria obteve-a, já pelo *veredictum* do jury internacional, que lhe concedeu em Vienna o grande *Ehren-Diplom*, já pelo consenso unanime de quantos tiveram occasião de examinar esta verdadeira obra-prima de typographia. »

Tal é a opinião de um juiz competente sobre o magnifico exemplar que expomos sob o n.° 62.

A estampa exposta é uma das mais bellas; representa Jesus Christo na Synagoga, entre dois doutores, curando o homem da mão sêcca ou resicada.

Estampa gravada a agua forte por Celestino Nanteuil segundo desenho de Alexandre Bida; sem data e sem lettra.

O cabeção da pagina segundo Carlos Rossigneux, gravado a buril por Leão Gaucherel. No meio uma vide com folhas e um cacho de uvas; aos lados ramos de figueira com folhas e fructos; sem data e sem lettra.

A lettra capital I, segundo Rossigneux, gravada a buril por Gaucherel, enfeitada com um ramo de figueira com folhas e fructos.

O exemplar foi comprado em 1873 pelo Dr. Ramiz Galvão, ex-Bibliothecario.

LYÃO: LYON.

(Lugdunum).

N.º 63. — (Miroer historial).

Sem fl. de rosto nem titulo.

In-fol. de 14 ff. prelim. e 247 inn., a duas columnas largamente separadas, de 28 ll. cada pag. cheia, caract. goth., com registro; a lettra inicial colorida de vermelho e azul e as capitaes ornamentadas, mas impressas em preto; á fl. 71 v. falta absolutamente a que lhe corresponde e no v. da 66.ª vem a capital indicada por uma lettra commum, o que faz suppor que foram impressas depois e, ao que parece, por xylographia.

O livro começa, sem mais indicações:

« Cy commence la table de ce presẽt liure quį est dict le miroer historial. »

E no fim traz, no recto da fl., em 22 linhas:

« Cy finist ung compendieux extraict du mireur historial au quel sõt en bref et clairement recitees les hystoires de la Et les preexcelõtes gestes des grecz... et nobles princes dignes de perpetuelle memoire.

« Et a este fait et imprime a lyon sur le rosne en la maisõ de maistre bartholomyeu buyer citoien de lyon Et fini le dernier iour de iullet mil quatre cens lxxix DEO GRATIAS »

A taboa por que se abre o livro occupa as 13 primeiras ff. completas e parte, meia columna, do r. da 14.ª Não são pois 13 ff., como diz Graesse, nem 12 e parte da 13.ª, como dá Brunet.

Levantaram-se entre alguns bibliographos duvidas acêrca da originalidade da obra, cujo autor e verdadeiro impressor ninguem denunciou. Graesse diz a este proposito que Brunet pretende seja um extracto do *Speculum historiale* de Vicente de Beauvais, e não do *Speculum vitae humanae* de Roderico de Zamora, como diz *Breghot du Lut*, *Lettres Lyonnaises* pag. 17, ou do *Fasciculus temporum*, como diz Panzer, t. 1, pag. 532. Brunet acrescenta, depois da asserção contestada por Graesse: « Foi a proposito do *Miroer historial* acima descripto que o Snr. Breghot du Lut, de accôrdo nisso com o Snr. Delandine, disse que Buyer *nunca fizera profissão de impressor*. Póde acontecer, com effeito, que este cidadão de Lyão nunca tivesse exercido por suas proprias mãos este honroso officio, mas tomou certamente o titulo de impressor em

muitos livros por elle publicados, porque se lê na *subscripção* da trad. do N. Testamento por Julião Macho e P. Farget: *Imprime en la dicte ville de Lion par Batholomieu Buyer citoyen du dit lion.* A mesma cousa está, pouco mais ou menos, repetida no *Miroir de la vie humaine*, de 1477, e na *Legenda dourada* de Voragine, de 1476. No colophão do *Guidon de la pratique en chirurgie*, de Calliac, Barth. Buyer vem qualificado *impressor, cidadão e habitante da cidade de Lyão*, sem se receiar de pôr o titulo de impressor antes do de cidadão. Assim, pode-se dizer que Buyer tinha em casa uma imprensa que explorava em seu proveito por mãos de operarios seus e principalmente pelas de Guilherme Leroi, cujo nome consignou em muitas das suas *subscripções*. Ora, pergunto eu, os nossos impressores mais afamados fazem hoje cousa diversa do que fazia então Buyer? »

É um venerando attestado da pericia do primeiro impressor de Lyon o presente livro.

Da imprensa lyoneza e dos primeiros que naquella cidade trabalharam pela arte tratamos no seguinte n.°

O exemplar que a Bibl. Nac. expõe do *Miroer historial*, que Brunet classifica de *muito raro*, chama a attenção pela belleza da impressão, em grandes caract. goth., columnas estreitas e espaçadas, e pelo seu quasi perfeito estado de conservação.

Pertenceu á Real Bibliotheca.

N.° 64. — (Reginaldetus sive Reginaldvs, Petrvs) Speculum finalis retributionis.

In fine :

« Finit speculum finalis retributionis cōpositum per... magistrū Petrū Reginaldeti sacre theologie professorem : ordinisqz fratrum minorum. Impressum Lugduni partium francie amenissima vrbe per Iohānem trechsel impressorie artis magistrum. Anno nostre salutis Millesimo quadringentesimo nonagesimoquarto. die vero. xij. Martij. Laus deo. »

Seguem-se a marca do typographo, com as lettras I T, e depois seis disticos latinos que começam:

« Ne forte exigui spernas documenta libelli
Perlege... »

É um *in-4.°*, em caract. goth., a duas columnas, de 65 ff.

inn., com 53 ll. cada pag. cheia, e registro. Deixaram-se em branco os lugares para as lettras capitaes, indicadas por analogas do typo commum.

O titulo, sem designação de autor, vem isolado no r. da fl. de rosto. No v. da mesma fl., em uma só columna que preenche toda a pagina: « Ueterũ pbitates quosdã etiam in sacris codicibus inscriptos varie effecerunt virtutes... »

O texto começa, tendo no alto da pagina *De loco infernali*, por: « Quia deus teste p̄s lxi. Reddet vnicuiqz... »

Descripta por Panzer I, pag. 546, n.° 128, e Hain, II, p. II, n.° 13768, e apenas indicada por Maittaire, I, pag. 788; não vêm, nem o autor, nem a obra, mencionados em Brunet e em Graesse. Hain dá noticia de outras edições da presente obra: uma *Impressum Venetijs p Iacobinũ de Pentijs de Leucho...*, 1498, *in-8.° peq.*; outra do nosso impressor *Impressum Lugduni, 1492, in-4.°*, ambas em caracteres gothicos; ainda outra ed. de 1496, *in-4.°*, da qual não declara l. nem n. de impressor, e ainda outras, d'entre as quaes uma de *Parisiis, apud Petrum Levet, 1499, in-8.°*, e outra *Impressum Basilee per Michaelem furter, 1494, in-4.°*

Obscura é a historia da imprensa em seu principio na cidade de Lyão, a *Lugdunum* das antigas impressões, tão afamada depois pelo prodigioso numero de livros que de seus prelos sahiram a illuminar a intelligencia dos povos. Segundo Deschamps, fundado em monographias especiaes, a arte da imprensa estabeleceu-se em Lyão no anno de 1473, levada por Guilherme Leroy, a chamado de Bartholomeu Buyer *(Burius)*, membro de uma importante familia lyoneza. As impressões feitas por aquelle typographo, *artis impressoriæ expertus*, vão do referido anno ao de 1488. O primeiro livro que imprimiu foi *Reverendissimi Lotharii dyaconi... Compendium breve... Anno verbi incarnati. 1473, in-4.°* peq. de 82 ff.

Perto de cincoenta impressores, procedentes da Allemanha e de Veneza, vieram em breve fazer-lhe concurrencia, de sorte que, diz ainda Deschamps, citando Montfalcon, dentro de dez annos Lyão contava *duas vezes mais impressores do que hoje, quatro seculos depois da chegada de Guilherme Leroy!*

São pois de *Guilhermus Regis* ou *Leroy* as primeiras edições lyonezas, feitas *in domo honorabilis viri Barth. Burii*, por conta de quem trabalhou até 1483. Foi portanto o primeiro na ordem chronologica dos impressores de Lyão e não o segundo, como entende La Serna-Santander collocando em 1.° lugar a Bartholomeu Buyer.

Depois d'este notavel typographo vêm successivamente Nicolau Philippe de Bensheim e Marcos Reinhart, de Strasburgo, que trabalharam de sociedade; Martinho Husz e João Fabri, allemães e socios; Mathias Hus ou Husz, tambem allemão; Petrus Ungarus; João Syber; João Schabeler, *Battenschne;* João de Prato *(Du Pré)* e, finalmente, João Treschel, allemão, impressor da obra que a Bibl. Nac. expõe.

Treschel era sogro de Jodocus Badius Ascencius, de quem já aqui se tratou. Seus filhos Melchior e Gaspar foram tambem impressores na mesma cidade.

Estes e outros mestres insignes da arte em Lyão levaram-n'a ao mais alto grau a que podia ella chegar nos XV e XVI seculos:

« No XV seculo, diz Montfalcon, a imprensa lyoneza alimentava uma parte da Europa; a importancia das suas feiras, as franquias de que gosavam, asseguravam ás edições sahidas dos seus prelos immenso consummo; Lyão era então o que foi depois Franckfort e é hoje Leipzig, isto é, o emporio do commercio de livros do mundo lettrado; tres seculos depois viu-se reduzida a trinta typographias, que não trabalhavam muitas vezes por falta de *copias* e hoje em dia possuirá ella trinta prelos? (Deschamps). »

O exemplar que a Bibl. Nac. expõe, notavel pela delicadeza do typo e nitidez da mão de obra, pertenceu á Real Bibliotheca.

N.º 65. — Publij Ouidij Nasonis Sulmonensis Metamorphoseos Librorum. XV. opus auctum r recognitũ *(Cum variorum commentariis). Lugduni, in vico mercuriali apud probum virum Guilielmum Boulle, 1527, in.-4.º*

Panzer, VII, pag. 342, n.º 551, dá-lhe erradamente o formato de *folio.*

O titulo, impresso em vermelho e preto, vem contido em uma tarja ornamentada aberta em madeira.

A duas columnas, caract. goth., o texto circumdado pelos commentarios, com estampas xylographadas no fim ou principio de cada *livro;* lettras iniciaes ornadas; *chamadas* nas margens; registro e *reclamos.*

O vol. contém, como o indica Graesse, 4 ff. não num.

com a de rosto, preliminares, 141 num. com lettras romanas de texto e uma inn. no fim. Nesta vem uma *Epistole* de *Raphael Regius* a *Paulo Cornelio*, &.

No v. e fim da CXLI fl.: *Lugduni in officina Joannis Crespini expensis honesti viri Guilielmi Boulle.*

Na fl. de rosto, em seguida ao titulo, a marca do editor, com um monogramma do seu nome e este: *Gville. Bovlle*, marca que tem o n.° 489 na obra de Silvestre, com o accrescimo ali de duas flores de liz no monogramma.

Teve reimpressão immediata, da qual diz Graesse:

« A ed. de 1528 *in-4.°* e *in-fol.*, sahida dos mesmos prelos, annunciada por *Maittaire*, t. II, pag. 111, coincide provavelmente com a nossa. »

Das obras de Ovidio, tiradas isoladamente, imprimiram-se primeiro as *Heroidum Epistolæ*; e das Metamorphoses a 1.ª edição data provavelmente de 1472 (*Bibl. Spencer.*, II, pag. 204). Das suas obras completas têem a prioridade a de *Balthesar Azoguidius, Bononiensis*... « primus in sua ciuitate artis impressorie īuentor », 1471, *in-fol.*, e a de Roma, do mesmo anno, *de Sweynheym et Pannartz*, 2 vol. *in-fol.*, cuja descripção póde ver-se em Brunet, que entretanto não faz menção da presente. Diga-se de passagem: a ed. de *Azoguidius* é o 1.° livro que se imprimiu em Bolonha.

Acêrca das primeiras impressões feitas em Lyão e do movimento e importancia que ali teve a arte de imprimir, veja-se o n.° 64.

A ed. das Metamorphoses que a Bibliotheca Nacional apresenta foi, como se vê, impressa por João Crispim, cujas indicações biographicas faltam nas obras especiaes, a não lhe serem applicaveis as do impressor, jurisconsulto e litterato do mesmo nome, natural de Arras, de quem falla Larousse no seu grande Diccionario, que imprimiu todavia a maxima parte das suas edições em Genebra, onde floresceu e morreu. La Caille, na sua *Histoire de l'imprimerie et de la librairie*, apenas diz o seguinte, depois de noticia identica á que a este respeito se lê naquelle Diccionario:

« ... imprimiu mui correctamente *Novum Testamentum Græcè*... em *1564*; *Homeri Odyssea & Iliados*, em *1570*; *Theocriti opera Gr. Lat.* neste mesmo anno, todas *in-16*. Encontram-se notas, epistolas e prefacios da sua lavra em todos estes livros. Viu-se obrigado a retirar-se para Genebra por motivo de religião e ali compoz e imprimiu... Tinha por marca uma *ancora* e em torno d'ella uma *serpente* e duas mãos segurando a ancora. ».

Silvestre reproduz com effeito, sob os n.os 794, 795, 796, 891 e 1004, esta marca com modificações de umas para as outras, e diz:

« Crespin (Jean), libr. et imprim. à Genève. 1550-1571. »

A *Biographie Universelle ancienne et moderne*, t. x., que o dá fallecido naquella cidade em 1572, tendo-se nella refugiado em 1548 sahindo de Paris, não faz menção das Metamorphoses como impressão sua.

O mesmo se lê, posto que mais resumidamente, na *Nouvelle biographie générale*, publ. por Firmin Didot Frères. Tanto em uns como em outros as edições de João Crispim vão de 1554 até á epoca da sua morte, indo mesmo além d'esta o diccionario de Larousse e as obras de biographia citadas.

Em resumo: não são muito claras e seguras as noticias dadas pelos especialistas sobre este typographo.

O exemplar que se expõe pertenceu á Real Bibliotheca.

N.º 66. — Rationale diuinorum officiorum: quibuscumqz sacerdotibus: ac singulis sacramentorum: et eorum que in ecclesiasticis aguntur officijs rationes scire cupientibus perutile: editum per reuerendum patrem dominum Guilelmum Durandum quondam episcopum Mimateñ... *(Lugduni)* 1536.

In-4.º gr. de clxvij ff. num. pelo r. e 9 preliminares sem numeração; a duas columnas; caracteres gothicos; lettr. capitaes ornamentadas; annotações marginaes; registro.

A fl. de rosto é impressa em vermelho e preto; o titulo está contido em uma tarja xylographada.

No fim: « Finit Rationale diuinorũ officiorũ... obnixa elucubratiõe magistri Boneti de locatellis bergomensis correctũ Lugduni in edibus Nicolai Petit et Hectoris Penet consortiũ. Impẽsisqz eorundẽ Impressum Anno vt supra. »

No v. da fl. de rosto occorre uma carta de *Johannes Aloisius Tuscanus*, auditor da Camara Apostolica, a *Petro cardinali Tirasonensi*, encarecendo o merito da obra. As 9 ff. inn. contéem a *Tabula generalis et summaria totius operis*. Convém notar que a 1.ª fl. do texto tem a numeração de Fo. iij, com o tit. *Proemium*. Este começa: « Incipit Rationale diuinoruz officiorũ

editũ per... dium Guillelmuz Durandi... qui cõposuit speculum iuris et patrum pontificale. »

Como se vê, neste final se contém uma referencia a outra obra do mesmo autor.

No v. da ultima fl. occorre a marca typ. do impressor conjuntamente com a do livreiro: marca que se póde ver sob o n.º 336 na obra de Silvestre. *Nicolau Petit* e *Heitor Penet*, impressor e livreiro, floresceram em Lyão de 1534 a 1545.

A edição que a Bibl. Nac. expõe do Manual dos officios divinos não se encontra mencionada em nenhum dos autores de bibliographia; mas, como se verifica de todos elles, mereceu a obra de Durand numerosas reimpressões e foi das primeiras divulgadas pela imprensa logo depois do seu invento. A 1.ª edição do *Rationale divinorum officiorum*, referida por Dibdin, Panzer, Hain e outros, é de 1459, *in-fol.*, « per Johannẽ fust ciuẽ Magũtinuz. Et petrũ Gernszheym. » Esta é a unica ed. de que trata David Clement na sua *Bibliothèque Curieuse*, VII, que a classifica de extremamente rara. E a proposito d'esta edição discute em nota si seria ella o 1.º ou o 2.º livro impresso em Moguncia, e conclue que é o 3.º Pinelli tambem a colloca na categoria de edição *princeps: Est vero*, diz elle, *liber ob insignem raritatem celeberrimus.*

Em Lyão foi elle impresso pela 1.ª vez em 1481, *per Martinum Huz de Botvar, in-fol.*, caract. goth. Teve naquella cidade, para só fallarmos d'essas, mais as seguintes reimpressões: — *magistri Boneti de Locatellis Bergamensis correctum...* 1499, *in-4.º*; — 1500, sem nome de impressor, tambem *in-4.º; — elucubratione magistri boneti de locatellis... correctum... et Impressum... per... Stephanum Balaud*, 1508, *in-fol.; — impressum per Jacobum Sacon, correctum* ainda *obnixa elucubratione magistri Boneti de locatellis*, 1510, *fol.; — id., id.*, 1512, *in-fol.* menor; — *impressum... per Jacobum Myt*, corregida por Bonet, 1515, fol.; — *impressum...* pelo mesmo Jacob Myt, 1518, *fol.* O Catalogo do Museu Britannico menciona ainda uma edição de Lyão de 1565 em 8.º, sem declarar o nome do impressor, e Graesse, depois da numeração das diversas reimpressões da obra, conclue:

« A ultima edição do *Rationale divinorum officiorum* appareceu: *Lugd.*, 1672, *in-8.º* »

Hain, como observa Brunet, descreve no seu *Repertorium* 43 edições do *Rationale* de Durand feitas no XV seculo, das quaes 10 sem nome de logar nem de impressor nem data. Referindo-se á ultima edição, a de 1672, diz ainda Brunet:

« Ultima ed. do texto latino d'esta grande obra... »

Segundo Panzer, citado pelo autor do *Dict. de bibliologie*

catholique, só no seculo XV teve ella 38 edições, e mais 8 de 1500 a 1536, além de uma em francez.

Acêrca dos principaes typographos de Lyão e da introducção e desenvolvimento da imprensa em seus muros, já aqui se tratou sob o n.º 64.

O exemplar que a Bibl. Nac. apresenta do Manual de Durand pertenceu á Real Bibliotheca.

N.º 67. — Vita Jesu Christi... ex fecundissimis euangeliorum sententijs... per Ludolphum de Saxonia... cum marginalibus adnotamentis... ac sancte Anne vita, summisqz diui Joachim laudibus... 1537.

In-4.º, com registro de 8.º, a 2 colum., caracteres gothicos, em vermelho e preto o titulo e a 1.ª fl. do texto, numerado por folhas, com duas estampas xylographadas, lettras capitaes e iniciaes, allegoricas, notas marginaes (como no tit. se declara); 15 ff. innumeradas, preliminares, contendo a *Tabula alphabetica* das materias. No v. da fl. de rosto: « Epistola. Jodocus Badius Ascensius dño Petro Rostano. »

No fim: « Uita dñi nostri Jesu Christi graphice p religiosum virum Ludolphum de Saxonia... cum ... tabulis. Lugduni coimpressa Sumptibus honorat. vir. Jacobi. q. Francisci de Giunta Florentini... Anno M. cccccxxxvij... »

No fim do vol., em fl. em branco, depois da ultima do texto, occorre a divisa typogr. de Jacques Junta, que traz o n.º 448 na obra especial de Silvestre.

Jacques Junta ou *Giunta*, ou ainda *Zonta*, membro da notavel familia de impressores afamados da Italia do fim do XV seculo, fundára em Lyão uma officina que em 1592 existia ainda com o seu nome. Trabalhou de 1533 a 1546, fallecendo em 1561. É d'este Junta a marca typogr. que fecha o volume. Outros tinham adoptado por divisa uma *flor de liz*, que dera nome ao *florim* e se vê ainda no reverso dos *sequins* de Florença.

Outros membros da familia se haviam estabelecido em Veneza, como já aqui se disse; o seu tronco principal, porém, é originario de Florença, onde desde meiado do seculo XIV se encontram negociantes com o seu nome: foi nesta cidade

que um d'elles, Filippe, ali nascido em 1450, exerceu a profissão de 1497 a 1517. Seus successores e herdeiros imprimiram de 1518 a 1530, diz um dos biographos da familia. A derradeira obra impressa pelos que se seguiram é a collecção de *Rime de Michelangnolo* (*o velho*), 1625. D'ali passaram-se outros para Veneza. Outro ramo da familia viveu em Hespanha (Burgos e Madrid), onde deu á estampa, no correr do XVI seculo, diversas obras, hoje raras.

A derradeira impressão conhecida dos Juntas de Veneza é a *Hi. Ochi libri III de febribus*, do anno de 1657.

Ebert, *Allgemeines bibliogr. Lexicon*, 1, n.os 1063-75, dá a relação das edições *apud Juntas* nas quatro sédes da familia. Veja-se tambem o que d'ella diz Renouard na 3.ª ed. dos seus *Annales des Alde*.

A edição de que se expõe o presente exemplar não vem descripta em Brunet, Graesse, &. A primeira ed. da *Vita Christi* de Ludolphus Saxo, foi dada em 1474 *(absque loco)*, *in-fol.* goth.

« Esta edição, diz Brunet, impressa com os caract. de Henrique Eggesteyn, em Strasburgo, é considerada como a mais antiga d'esta obra com data... A edição de Colonia, 1474, *in-fol.* goth., não é menos rara... »

Foi traduzida em francez, em catalão, em hespanhol, em portuguez. D'esta ultima traducção, que Brunet dá como feita por fr. Bernardo de Alcobaça, diz Innocencio F. da Silva:

« Attribue-se-lhe a versão da mui celebrada *Vita Christi*, que se diz emprehendera, ou concluira em 1445, e que só veio á luz cincoenta annos depois no de 1495... »

A impressão d'esta traducção serve de prova inconcussa e permanente de que Portugal possuia em 1495 em toda a perfeição possivel este invento maravilhoso, que devia conduzir a Europa a passos agigantados pela estrada da civilisação e do progresso..., accrescenta o pranteado bibliographo portuguez.

O exemplar exposto pertenceu á Real Bibliotheca.

N. 68. — M. Actii Plavti Comoediae viginti. *Apvd Seb. Gryphivm Lvgdvni, 1547.*

In-12, posto que o registro lhe assigne o formato de 8.º

No catalogo dos livros raros de F. Didot, talvez por inadvertencia, considera-se esta obra como dividida em *2 volumes*.

O exemplar que a Bibl. Nac. expõe é em um só vol., com 1078 pp. num. de seguida, incluidas as de fl. de rosto. Nesta occorre, entre o tit. e a designação de localidade, n. de impr. e data, a marca typ., mencionada por Silvestre sob o n. 486, de Sebastião Gryphus, livreiro-impressor de Lyão de 1529 a 1550. Brunet não conheceu esta edição, feita em caracteres italicos, caract. a que se ficou, como se sabe, chamando *gryphos*, do nome do impressor que primeiro os empregára.

D'este impressor e do florescimento da arte em Lyão no seu tempo, diz o *Dictionnaire de Bibliologie Catholique:*

« Sebastião Grypho, famoso impressor lyonez, nascido na Allemanha cêrca de 1493, fallecido a 7 de Septembro de 1556; imprimiu alguns livros hebraicos, grande numero de classicos gregos, quasi todos os classicos latinos, porem poucos livros francezes, exactamente os que mais procurados seriam hoje. A longa lista que d'elles dá Maittaire nos seus *Annales typographic.*, II, pag. 2, não é completa, pois não menciona obras anteriores a 1528, entretanto Grypho imprimiu desde 1520. Tinha elle por empreza um grypho em cima de um cubo ligado por uma cadeia a um globo alado, com a divisa: — *Virtute duce, comite fortuna.* »

Quanto a Lyão:

« O XVI seculo foi com effeito para Lyão, na epoca dos Gryphos, dos Dolet, dos João de Tournes, dos Reville, uma era de esplendor typographico: uma multidão de operarios empregavam-se no exercicio da arte e a sua condição era sem duvida prospera, porque se vê figurarem na entrada solemne de Henrique II, em 1548, quatrocentos e treze impressores, marchando em corporação, bandeira á frente, trajando vistosos vestidos de seda e gibões de setim de mangas golpeadas. »

As comedias de Plauto foram pela primeira vez dadas a lume em Veneza, *opera et impendio Joannis de Colonia atque Vindelini de Spira*, 1472, *in-fol.* Reimprimiram-se depois muitas vezes, na mesma cidade, em Treviso, em Florença, em Antuerpia, em Paris, em Amsterdão, em Padua, em Milão, em Wittenberg (na Saxonia) e, finalmente, em Lyão, onde tiveram successivas edições, sahidas das mesmas officinas de Grypho, em 1535, 1537, 1540, 1547 (a nossa), 1549 e 1554, quasi todas *in-12*, segundo a perfunctoria noticia que d'ellas dá Graesse. Á de 1537, *in-8.º*, chamam os *Volpi*, citados por Pedro Antonio Crevenna, III, pag. 165, *codex nobilis, charta majori.*

Posteriormente foram ainda reimpressas em Berlim, Londres, Leipzig, Glasgow, Zweybrücken (na Baviera), Goettingue, Co-

lonia, Basiléa, Parma, Genebra, Vienna, Turim e Quedlinburg e Bonn (na Prussia), &.

Pedro Antonio Crevenna, *Catalogue raisonné*, VI, pp. 162-165, dá a relação chronologica das edições dos Gryphos descriptas na sua collecção, e referindo-se a Sebastião, diz:

« Distinguiu-se principalmente pelas suas bellas edições dos autores classicos e outros dos mais estimados, em lettras italicas, e em pequeno formato de *8.°* e de *12*. *Dolet*, *Julio Scaligero* e *Conrado Gesner* cumularam-n'o de elogios.

« Antonio Grypho, filho de Sebastião, continuou honrosamente, em 1558, na imprensa paterna sob o nome de *Herdeiros de Sebastião Grypho*... e cessou em 1567 de pôr em suas producções esta designação, substituindo-a pelo seu nome, com que continuou a imprimir até 1587, data depois da qual não encontramos nenhuma menção d'elle.

« Notar-se-ha na nossa lista um João Grypho, que exerceu a arte de imprimir em Veneza em 1552, 1556 e 1576. Somos de parecer que pertence á familia dos Gryphos de Lyão. As suas producções são estimadas e louvadas, sobretudo pela sua exactidão na pontuação. »

Em Paris estabelecera-se tambem um dos Gryphos, Francisco, irmão de Sebastião, e ali trabalhou pela arte de 1532 a 1540, segundo o mesmo Crevenna, distinguindo-se pelas bellas edições que deu das obras de Cicero em caract. romanos.

As primeiras obras que Sebastião Grypho imprimiu em Lyão foram *Sallustius; Terentius; De Re vestiaria*, todas em 1529 e *in-8.°*

O exemplar exposto das Comedias de Plauto pertenceu á Real Bibliotheca.

N.° 69. — Vray discovrs et tres espovventable dv Rosne desbovrdé a Lyon, le II. de Decembre M. D. LXX. Avec declaration av Peuple de Lyon sur le desbordement dudict Rosne: & exhortation à faire penitence. Le tout en vers Heroiques par Leonard de la ville, Charolais: Maistre d'Escole & escriuain audict Lyon.

A Lyon, par Iaqves Rovssin. M. D. LXX. Auec permission.

In-4.° de 24 pp. num., incluidas as da fl. de rosto; em

caract. italicos, notas marginaes, impressas em typo redondo. Logo depois do titulo occorre a marca do impressor, constituida pela figura de um homem que sobe a uma arvore, com o seguinte dizer na tarja circular que circumscreve o emblema: « Non sine labore. »

A que Silvestre na sua obra especial reproduz sob os n.os 453, 855 e 856, para os Roussin de Lyão, Jacques e Pedro, são muito diversas; a que dá sob o n.º 772, identica á que se nota no nosso exempl., é por Silvestre declarada como de Pedro Roussin, *impressor de Nevers, 1590 a 1598*. Quanto a Jacques, diz Silvestre: *livreiro e impressor em Lyão. 1589–1631*. Vê-se por este confronto que o autor das *Marques typographiques* não andou bem informado a seu respeito, não só em relação com a sua marca como acêrca do tempo em que trabalhou.

O opusculo de Leonardo de la Ville que a Bibl. Nac. expõe anda juntamente com muitos outros, por sua vez curiosos, estando sob o n.º 20 no vol. que os encerra.

Consta de tres partes, como no titulo se declara, em verso todas: « Discovrs dv Rosne desbordé...; Declaration faicte av pevple de Lyon dv desbordement du Rosne; Exhortation av pevple de Lyon à faire Penitence. » Cada uma d'estas peças começa por uma grande lettra capital ornada, tendo todas um distico em latim. A terceira e ultima termina: « Amen. Fin. La ronde de la Ville. »

Rarissimo. Nenhuma das mais minuciosas bibliographias conhecidas faz d'elle menção, nem do seu autor. Apenas o *Catalogue de l'Histoire de France*, t. VIII, pag. 380, col. II, n.º 4351, o designa do seguinte modo:

« Discours sur l'espouvantable et merveilleux desbordement du Rosne dans et à l'entour la ville de Lyon, et sur les miseres et calamitez qui y sont advenues. — *Lyon, par B. Rigaud, 1570, in-8.º Pièce.*

A. — 1570. — *Paris, J. Hulpeau, in-8.º Pièce.*

B. — 1571. — *Paris, au Mont S.-Hilaire, à l'enseigne du Pélican, in-8.º Pièce.*

C. — 1571. — *Rouen, Richard L'Allemand, in-8.º Pièce.* »

Como se vê, ali não só não se declara o nome do autor, como se omitte a presente edição, feita no mesmo lugar do successo que narra, falta que se não póde attribuir á pouca importancia da obra, pois teve duas edições successivas em Paris e ainda outra em Ruão.

Nas proprias parcas indicações biographicas do autor, esquecido em todas as obras *ex professo*, indicações que pudemos colher na *Nouvelle Biographie Générale* de Firmin Didot Frères, unica que as dá, que nos conste, não vêm mencionadas

tanto a presente edição como as de que acima se falla, dando entretanto noticia de outras composições do autor.

Diz a respeito d'este a obra citada:

— La Ville *(Léonard de)*, litterato francez, nascido em Charolles no XVI seculo. Foi mestre-escola e de escripta em Lyão e publicou as obras seguintes: *Complainte et Quèrimonie de l'Église à son époux J.-C. contre les hérétiques et Turcs;* Lyon, 1567, *in-8.°; — Traité de la Prédestination, contre Calvin;* ibid.; — *Lettres envoyées des Indes orientales, contenant la conversion de cinquante mille protestants à la religion chrétienne ès isles de Sodor et de Eude* (sic); ibid., 1571, *in-8.°*, trad. do latim de Fernando de Santa Maria, jacobino; — *Dacrigélasie spirituelle du roi Charles IX sur les combats et victoires obtenues contre les séditieux et rebelles hérétiques;* ibid., 1572, *in-8.°*, etc.

Acêrca do impressor nenhuma indicação mais ha a accrescentar.

O exemplar que a Bibl. Nac. apresenta, pela sua extrema raridade, do poema de Leornardo de la Ville pertenceu á Real Bibliotheca.

N.° 70. — Les vieux papiers d'un imprimeur
Recueil poétique par Aimé Vingtrinier
Lyon, N. Scheuring, M DCCC LXXII

In-8.° de 219 pp. num., comprehendidas as da *Table des Matières;* em papel amarellado, contidas todas as paginas em uma moldura feita por um filete impresso em vermelho, tendo a pag. de subtitulo moldura de arabescos, em typo *elzevir*, lettras capitaes floreteadas á maneira antiga.

No v. da 1.ª fl., antes do titulo:

Tiré par Gillot. — Encre de la maison Prudon.
No fim: *Typographie d'Aimé Vingtrinier.*

O exemplar que a Bibl. Nac. expõe servirá de termo de comparação entre as impressões feitas em Lyão na infancia da arte, na epoca do seu maior explendor, e nos nossos tempos.

Foi comprado pelo Dr. João de Saldanha, actual Bibliothecario.

ANTUERPIA: ANVERS.

(Antuerpia).

N.º 71. — Biblia Sacra Hebraice, Chaldaice, Græce, & Latine Philippi II. Reg. Cathol. pietate et stvdio ad sacrosanctæ Ecclesiæ vsvm *Christoph. Plantinvs excvd. Antverpiæ* (1569 - 72).

8 vols. *in-fol.* Cotejando a descripção minuciosa que de cada um d'elles fazem os autores dos *Annales Plantiniennes*, pp. 128-135, sob a data *1573*, n.º 1, verifica-se que aquella descripção se adapta ao nosso exemplar; para ella poderá recorrer o leitor curioso.

Quanto á data: o *Bibliothecæ Casanatensis Catalogus*, cuja descripção da obra, com ser mais succinta não é menos exacta, diz: V. T. 1569. - 70., N. T. 1571., *Apparatum* 1572.

O *Cat. Bibl. Musei Britannici*, na summaria noticia que d'ella dá, diz entretanto:

« Biblia Regia, sive, Antverpiana, Hebraice, Chaldaice, Græce, et Latine, cum Præfat. Benedicti Ariæ Montani et Apparatu. Ant. apud Plant. 1569, Fol. »

O *Catalogus* da Bibl. Burbonica, I, não só lhe recúa a data, como lhe dá mais um volume. Diz elle:

« Biblia Regia Antuerpiensia, Pentaglotta, i. e. Hebraice, Chaldaice, Syriace, Graece, ac Latine, Philippi II pietate, iussu, ac sumptibus edita; curante Bened. Aria Montano. Accedunt Apparatus, cum Lexicis, aliisque opusculis Biblicis. *Antuerpiae, per Christophorum Plantinūm*, 1568-72; vol. IX. in-fol. »

E em nota: « ... Novum Testamentum Graece tantum, Syriace, ac Latine impressum extat. »

Com effeito o vol. V consta do N. Testamento *Interpretatione Syriaca.*

Clement, *Bibliothéque Curieuse*, III:

« Biblia Sacra Hebraice, Chaldaice, Graece & Latine, Philippi II... studio... Christoph. Plantinus excudebat Antverpiae. (1569. - 1572.) in Fol. Vol. VIII. Edition très - rare. »

A sua descripção, feita vol. por vol., cuidadosa e exacta si bem que sobria, muito aproveitavel se torna aos bibliophilos. Referindo se ao tomo V, diz Clement: « Depois de uma bella

estampa e diversas peças preliminares, vem o Novo Testamento impresso em IV columnas, que occupam cada vez duas paginas, fronteiras uma da outra. A primeira columna apresenta a versão syriaca com o seu caracter proprio; a segunda uma traducção latina do syriaco feita por Guido le Fevre de la Boderie; a terceira a Vulgata e a quarta o texto grego. Deixou-se em baixo das paginas espaço sufficiente para a versão syriaca, em caracteres hebraicos, com os pontos, para facilidade dos que não sabem ler o syriaco. »

Como a edição da Biblia Antuerpiana anda truncada em algumas bibliothecas, accrescenta Clement: « ... esta obra deve ter *oito partes* para ser completa: cinco para a grande Biblia e tres para o *Apparatus*... »

Dibdin, no seu supplemento á *Bibl. Spenceriana*, diz:

« BIBLIA POLYGLOTTA. Antv. 1569, &c. Folio, 8 vols. »

E, posto que só lhe consagre cinco linhas, depois de se ter eximido do trabalho de verificar a data extrema, classifica-a de *verdadeira magnificencia e edição talvez unica.*

Brunet, *Manuel du libraire*, acha-a *muito bella* e mais completa que a *Complutense*, 1514–17, em 6 vol. *in-fol.* « Elle doit pourtant, accrescenta, trouver une place dans toutes les grandes bibliothèques. » E quanto ao numero de vols. e data da impressão: « *Antuerp.*, *Plantin.*, 1569–73, 8 vol. in-fol. »

A esta data extrema, 1573, é que queremos chegar.

Na interessante e completa monographia que acêrca das edições do famoso impressor flamengo, honra da patria e da arte, escreveram C. Ruelens & A. de Backer, *Annales Plantiniennes de 1555 a 1589*, á pag. 128, data 1573, n.º 1, dão elles este anno para a impressão final da obra monumental de Plantino. A descripção, extensa e circumstanciada, que d'ella fazem, põe de accôrdo o exemplar que descreviam com o que a Bibliotheca Nacional ora expõe. Consultaram todos os documentos, tiveram á sua disposição todas as informações: do seu assêrto, pois, se deduz que a sua impressão, começada em 1569, só se concluiu em 1573, embora no vol. 8.º, ultimo da obra, na fl. de rosto, se leia a data de 1572, que se repete no fim d'elle.

As datas de impressão de cada vol., observadas no exemplar presente, são as seguintes:

O I não traz indicação alguma a este respeito nem na fl. de rosto, nem no fim; no 2.º prefacio, porém, de Montano, lê-se: *Datum Antuerpia. X. cal. sextiles. cIↃIↃLXXI.* Em um dos actos do rei catholico acêrca da obra vem a data de 1569 e na *Censvra doctorvm Parisiensivm* a de 1572.

No *Privilegia Regnorvm... Philippi II*, em lingua castelhana, que se lê logo adeante, vem com effeito o seguinte:

« Fecha en la nuestra villa de Madrid, à veynte y dos dias del mes de Hebrero del año del nascimiento de nuestro Saluador Iesu Christo, de mill y quinientos y setenta y tres. »

Do que naturalmente se conclue que estas peças foram impressas depois de terminada a impressão geral.

O II não tem data tambem.

No III não se vê nenhuma declaração de data.

O IV traz no fim: *Christophorus Plantinus excudebat...* M. D. LXX.

O V traz no fim, em fl. separada: *Antverpiæ excvdebat...* (a marca do compasso) *Anno* cIɔ. Iɔ. LXXI. *Kal. Febrvarii.*

O VI, *Novvm Testamentvm*, dá a de M. D. LXXII.

O VII, *Commvnes et familiares hebraicae lingvae Idiotismi*, a mesma data. Este vol. contêm muitas gravuras juntas.

O VIII, finalmente, *Lexicon Græcvm*, tanto na fl. de rosto como no fim, traz a data de 1572 ainda.

A respeito d'este grande acontecimento nos dominios da imprensa, paraphraseando Clement, diremos: « Ahi fica o quanto basta para se conhecer a disposição d'esta obra importante. Justo é porem que se dê ao mesmo passo noticia dos que nella tomaram parte, *afim de se lhes conservar a porção de gloria que lhes é devida.*

A honra da idéa pertence a Christovão Plantino. A gloria da sua realisação cabe ao rei de Hespanha Philippe II. Ao cardeal Spinosa toca não pequena parcella, por ter induzido o rei a concorrer para os gastos da impressão, auxiliando de modo efficaz ao famoso typographo. Não mencionaremos os nomes dos que se encarregaram de organisar, traduzir, harmonisar todas as partes de que se compõe a obra, para não alongar demasiado esta noticia.

Com os autores dos Annaes Plantinianos diremos:

« A Biblia polyglotta foi o maior acontecimento da vida de Christ. Plantino, como o *Thesaurus græcæ linguæ* o foi da vida de Henrique Estevão. Bastariam estes dous monumentos para por si sós immortalisar o nome dos que os emprehenderam; sem elles os estabelecimentos de Paris e Antuerpia teriam sem duvida alcançado nomeada, mas em que consistiria a sua gloria?

« A historia d'esta celebre publicação constitue uma pagina importante da vida de Plantino... »

Quanto ás datas extremas da impressão, dizem elles, de accôrdo com o que já dissemos:

« A exemplo de Van Praet, dos redactores do catalogo da bibliotheca de Amsterdão e outros bibliographos, referimos ao anno de 1573 a data final da Polyglotta, si bem que nenhuma de suas partes traga data posterior á 1572. Eis o motivo: todo o corpo da obra ficou concluido entre os annos de 1569 e 1572; as ultimas indicações são de diversos mezes d'este ultimo anno; as preliminares, porem, que formam uma volumosa introducção, só sahiram dos prelos de Plantino no começo do de 1573. Com effeito, dois dos actos nella mencionados, os privilegios de Philippe II para Castella e Aragão, são de 22 de Fevereiro de 1573; privilegios concedidos depois do *motu proprio* de Gregorio XIII, datado do 1.° de Setembro de 1572, e do breve do papa a Philippe II, datado de 20 de Outubro do mesmo anno. »

Referindo-se á importancia do estabelecimento de Plantino, escrevem os autores citados no prefacio da sua notavel monographia:

« O Estabelecimento que fundára em Antuerpia, por meiado do XVI seculo, Christovão Plantino, é sem contradita o mais afamado e fecundo que todos os que jamais se ergueram no solo das nossas provincias belgicas. Si não gosa na historia da nomeada que alcançaram as grandes casas dos Aldos ou dos Estevãos, é certo que, relativamente á sua importancia, a imprensa Plantiniana as segue de muito perto, si é que não caminha par a par com ellas. Pelo menos a nenhuma outra cede em belleza e correcção e até no luxo das suas producções. Não é tão rica talvez como outras em publicações originaes de autores transcendentes, o que se deve attribuir á epoca já tardia em que se abriu, ás circumstancias que nem sempre a favoreceram e á situação do pequeno paiz que lhe foi berço. Para nós, porem, a grande officina de Antuerpia merece attenção e reconhecimento inteiramente particulares: nenhuma prestou mais serviços á sciencia, na Belgica, nenhuma concorreu como ella para favorecer o desenvolvimento das lettras. Póde dizer-se que em torno do nome de Plantino se agrupam os maiores nomes da nossa historia litteraria do XVI e XVII seculos. Os annaes d'este illustre estabelecimento constituem uma bella pagina da historia da erudição na Belgica. »

A primeira obra que se imprimiu nos seus prelos foi a *La institutione di una fanciulla nata nobilmente... traduite de langue Tuscane en François*, 1555, *in-8.°* peq.

« ... por este humilde volumesito abre-se a immensa serie de publicações que durante quasi tres seculos não cessam de sahir da officina que fundára... Plantino tinha plena e inteira confiança na sua empreza. Teve bastante cuidado em authen-

ticar por si mesmo o apparecimento do primeiro producto da sua casa... »

Este livro é extremamente raro.

Segundo a sensata observação dos autores, é provavel que tivesse Plantino imprimido antes de 1555, mas, sem duvida, cousas sem importancia, almanaks, abecedarios, &. : foi esta obrinha o primeiro producto da officina regularmente organisada. Nenhuma d'essas impressões anteriores é conhecida dos autores, que, entretanto, para escreverem aquelles seus Annaes, fizeram minuciosas e pacientes pesquizas nas bibliothecas publicas e particulares da Belgica e recorreram especialmente á opulenta collecção de edições plantinianas que se guarda na Bibliotheca Real de Bruxellas.

No fim da sua memoria dizem os autores:

« Christovão Plantino morreu a 1 de Julho de 1589 na idade de 75 annos. O estabelecimento que fundára e gerira por vinte annos, attingira um alto grau de esplendor e, quanto á actividade, não tinha rival talvez na Europa. Por testamento datado de 14 de Maio de 1588, confirmado por codicillo de 7 de Junho de 1589, Plantino e sua mulher, Joanna Rivière, transferiram o estabelecimento « par voye en manière de prélegat » a João Moereturf ou Moretus, que esposára Martinha, sua segunda filha. A mais velha, Margarida, havia casado, a 23 de Junho de 1565, com Francisco van Ravelinge ou Raphelengius, a quem Plantino cedêra o estabelecimento que fundára em Leyden. »

Moretus fôra director do trafico de livraria que Plantino possuia em Antuerpia e lhe prestára nessa qualidade, por mais de trinta annos, grandes serviços.

« O resto dos bens foram partilhados pelos filhos. O *prelegado* da imprensa de Antuerpia foi considerado como enorme vantagem concedida a João Moretus: levantaram-se a esse proposito discussões que depois se aplanaram, terminando por um accôrdo que foi assignado a 16 de Março de 1590, pelo qual ficou a imprensa pertencendo a Moretus mediante certas condições.

« No anno do fallecimento de Plantino ainda as obras sahidas da officina de Antuerpia tiveram a sua firma pessoal... Durante as disputas dos filhos trouxeram o nome da viuva e de Moretus e mais tarde só o d'este. O nome de Plantino, todavia, não desappareceu dos titulos e por longo tempo ainda a Officina Plantiniana manteve dignamente as tradições do seu creador. »

Como perpetua homenagem ao seu nome e á glorificação da patria adoptiva que tanto honrára, fundou a Municipalidade

de Antuerpia um museu, unico na sua especie, composto do edificio, do material, livraria, quadros e archivos da famosa officina, « conservada até aos nossos dias por seus descendentes ennobrecidos, os Moretus. » V. a este respeito o n.º 73 do presente Catalogo.

Christovão Plantino nasceu em 1514 em uma aldeia perto de Tours e era filho de um creado de servir. Aprendeu o officio com um impressor em Caen e ali se casou. Em 1549, dois annos depois do nascimento do primeiro filho, que morreu criança, estabeleceu-se em Antuerpia, que era então a cidade mais florescente e mais opulenta do norte da Europa. Exerceu a principio a arte de encadernador e preparador de marroquins. Em 1555 abriu uma pequena typographia e em poucos annos, apesar das perturbações religiosas do tempo, tornou-se o primeiro impressor dos Paizes Baixos, alcançando de Philippe II o titulo de impressor do rei, *Prototypographus Regius*, como se lê em varias das suas principaes edições. Ao mesmo passo a sua livraria era das mais consideraveis da epoca. Nos annos em que o partido do principe de Orange esteve de cima, foi elle o impressor official dos Estados-Geraes e, transferindo-se depois para Leyden, impressor da Universidade calvinista e dos Estados da Hollanda. Depois da tomada de Antuerpia por Alexandre Farnesio, voltou a assumir a direcção das suas officinas, que deixára ao cuidado de seu genro Moretus. A partir de 1567 teve Plantino uma casa succursal em Paris. Teve tambem agentes em Hespanha, depois casa filial em Salamanca e tencionou abrir outra em Londres. Uma parte da Biblia em hebraico (1566) foi espalhada por um agente especial seu em Barbaria. Todos os annos ia á celebre feira de Francoforte ou lá mandava um de seus genros. Poz em pratica toda a sua vida a famosa divisa que adoptára: *Labore et constantia.* Não obstante as calamidades da epoca, apesar de embaraços financeiros, por algum tempo insoluveis, e de difficuldades incessantes, deixou uma fortuna que o Sñr. Rooses, autor da monographia monumental de que se tratará no n.º 73, não receia avaliar em mais de um milhão de francos.

Passa depois o Sñr. Rooses, que nos ministra estes dados, em revista as pessoas, da familia e estranhas, que estiveram em contacto com o famoso typographo. D'entre estas convem destacar o director da afamada BIBLIA POLYGLOTTA, *o sympapathico Arias Montanus*, confessor de Philippe II, e Justo Lipsio, illustre e devotado amigo de Plantino até á morte d'este.

« Esta biographia de Plantino é ao mesmo tempo uma

galeria dos sabios, artistas, impressores e livreiros do XVI seculo nos Paizes-Baixos, diz o sñr. Paul Fredericq, na *Revue Historique.* »

A sua leitura levaria ao conhecimento de muita particularidade contemporanea curiosa, relativa não só á arte de imprimir e aos que nella se empregavam, como aos proprios autores das obras que então se estamparam.

A parte da sua memoria concernente á *Biblia Regia*, que a Bibl. Nac. expõe, é uma monographia de subido valor, na qual se encontram preciosos pormenores acêrca dos ataques apaixonados que solevantou esse grande emprehendimento scientifico e industrial, sem embargo da protectora approvação do Papa e do Rei.

C. Ruelens & A. de Backer, *Annales Plantiniennes*, dão o retrato do mestre, expressamente gravado por Pilinski, com o *fac-simile* da sua assignatura, e referem que Leon Le Maire gravára a sua primeira marca typographica, reproduzida tambem por Brunet, I, col. 762, e por Silvestre sob o n.º 809, de tal modo porém que mais parece uma phantasia de artista do que copia exacta do original. Na magnifica monographia *Christophe Plantin*, do douto conservador do *Musée Plantin-Moretus*, o sñr. Max Rooses, vêem estampadas dez das mais antigas marcas da imprensa plantiniana.

O exemplar que a Bibliotheca Nacional expõe da *Biblia Regia* pertenceu á Real Bibliotheca, provindo da livraria publica de S. Roque, em Lisboa, por doação de Lopo Soares.

N.º 72. — Descriptio pvblicæ gratvlationis, spectacvlorvm et lvdorvm, in adventv Sereniss. Principis Ernesti Archidvcis Avstriae... Belgicis Provinciis a Regia Ma.te Cathol. Præfecti, An. M.D.XCIIII... Antverpiæ editorvm.

Cvi est praefixa, De Belgij Principatu ... narratio ...

Cum carmine Panegyrico in eiusdem Principis ... in easdem Prouincias aduentum...

Omnia a Ioanne Bochio ... conscripta.
Antverpiae ex Officina Plantiniana. M. D. XCV.

No fim da primeira parte lê-se:

Antverpiæ, ex Officina Plantiniana, apvd Vidvam et Ioannem Moretvm. M.D.XVC.

In-fol., impresso, como se vê, pelo genro de Christovão Plantino; em caract. romanos, com bellas e numerosas gravuras no texto e lettras capitaes ornadas. Entre as gravuras notam-se, nas pp. 75 e 78, duas com a designação *Arcvs Lvsitanorvm* e *Schema posterivs Arc. Lvsitan.*

O titulo está contido em uma vistosa portada allegorica, aberta a buril. No fim, v. da ultima fl., occorre uma das marcas typogr. de Christovão Plantino.

Anda juntamente:

— Historica Narratio profectionis et inavgvrationis... Belgii Principvm Alberti et Isabellæ .., Avctore Ioanne Bochio ...
Antverpiae ex Officina Plantiniana, apvd Ioannem Moretvm. CIↃ. IↃXCII.

Impressão identica á precedente quanto ao typo de impressão, gosto e estylo das gravuras, &.

No fim do vol., no v. da ultima fl. e centro d'ella, o logar da impressão, o nome do impressor e a data acima referidos. Occorre ainda uma folha em branco com a marca de Plantino.

João Moreto era genro de Plantino, como se sabe, e succedeu-lhe na propriedade e direcção da afamada officina que seu sogro fundára em Antuerpia.

O exemplar exposto pertenceu a B. Machado.

N.º 73.— Christophe Plantin Imprimeur Anversois par Max Rooses conservateur du Musée Plantin-Moretus.
Anvers, Jos. Maes, Éditeur, 1882, in-fol.

Posto que a fl. de rosto traga, como se vê, a data *1882*, a obra só ficou concluida em 1883, segundo se lê na dedicatoria a Leopoldo de Wael, burgomestre de Antuerpia, *amigo esclarecido das artes e das lettras,* impressa na fl. immediata.

O titulo, em vermelho e preto, está emmoldurado em um frontispicio desenhado por Godofredo Ballain para o proprio Plantino, em 1564, e que nunca fôra empregado; utilisou-o agora o intelligente impressor contemporaneo reproduzindo-o por phototypia e dando-o para portico do magnifico e explendido monumento erguido á memoria do *Prototypographo regio*.

Precede ao titulo o retrato de Plantino, em busto, gravado á agua-forte por J. B. Michiels em 1881, com o *fac-simile* da assignatura do retratado; retrato especialmente aberto para esta obra.

O volume consta de 445 pp. num., e não *466*, como inadvertidamente dá o snr. Paul Fredericq na noticia que a seu respeito publicou na *Revue Historique, Juillet-Août 1884*, pp. 427-35.

Contém, alem do retrato e frontispicio mencionados e outra moldura de G. Ballain com a dedicatoria, numerosissimas estampas reproduzidas por phototypia, intercaladas no texto e em folhas sôltas, como sejam: titulos diversos de obras impressas pelo mestre, *fac-similes* de folhas de rosto, de paginas, de cartas mss., molduras e portadas, retratos diversos; outras estampas representando variados assumptos: um navio symbolico, uma banda de musicos, a arca de Noé; emblemas, o brasão de Philippe II; desenhos para missaes; brasões varios; paginas de musica; desenhos de assumptos botanicos; o Paço municipal e a cathedral de Antuerpia; vistas da officina plantiniana e seus aposentos e utensilios; as marcas do celebre impressor, reproduzidas no texto e fóra d'elle; cabeções de pagina, florões, vinhetas, lettras capitaes, &., desenhadas umas primitivamente por diversos e agora renovadas com maxima fidelidade pela phototypia, outras feitas expressamente para a presente obra, como sejam as vistas do edificio e os utensilios da officina, &.

D'entre os retratos vêem-se o grupo dos de Plantino, e seu filho Christovão e seu patrono, reproducção do pintado em 1591 por Crispim Van den Broek; o de Joanna Rivière, mulher de Plantino, cópia do gravado segundo P. P. Rubens; os de Jacques Moerentorf e Adrianna Gras, sua mulher; o de Guilherme de Orange; o de Francisco Raphelengio, um dos genros de Plantino; os de João Goropius Becan, de Theodoro Pulmano, de Philippe II, do cardeal de Granvelle, de Arias Montano, o autor dos *Hvmanæ salvtis monvmenta;* de Guilherme Lindano, bispo de Gand; de W. Lazio; de Huberto Goltzio; de Joanna Rivière ainda e suas seis filhas; de João Moerentorf (João Moretus I), genro do mestre, e de Martinha sua mulher, ambos segundo desenho de Rubens; de Egidio Beys, outro genro de

Plantino, e de Magdalena, sua mulher; de Crispim Broek, pintor antuerpense; de Martim de Vos, segundo gravura de João Sadeler; de Mathias, archiduque d'Austria, governador dos Paizes -Baixos; de João Baptista Houwaert, autor de *Pegasides Pleyn*, de *Milenvs clachte* e de *De Vier wterste;* de Carlos de l'Escluse; de Abrahão Ortelio; de Justo Lipsio; do cardeal Cesar Baronio; de Balthasar Moreto, neto do grande impressor, &., personagens contemporaneos que com elle estiveram em contacto, cujos retratos, muitos d'elles divulgados agora pela phototypia pela primeira vez, se guardaram assim por tres seculos!

Representante multiplo e mais accessivel de tudo quanto a piedade filial e um bem entendido patriotismo conservaram do grande impressor flamengo do XVI seculo e que constituem o Museu Plantino-Moretano de Antuerpia, o presente livro, com suas grandes folhas de papel levemente amarellado, irreprehensivel nitidez de impressão, numerosas e interessantissimas gravuras, muitas das quaes ineditas, frontispicios, lettras capitaes e iniciaes ornadas, aproveitadas das obras que se imprimiram nas officinas plantinianas; este magnifico livro, que faz a maior honra a Jos. Maes, que soube leval-o a cabo, é obra excepcional, mais para vêr-se do que para descrever-se: será sem duvida considerado a todo o tempo uma das maravilhas do nosso seculo.

« Sabe-se que existe em Antuerpia um museu unico, composto dos edificios, material, livraria, quadros e archivos da officina plantiniana, creada no XVI seculo por Christovão Plantino e conservada até aos nossos dias com um pio desvelo por seus descendentes ennobrecidos, os Moretus. A cidade de Antuerpia comprou esta admiravel collecção, com os respectivos immoveis, pela quantia de 1,200,000 francos, franqueou-a ao publico em 1877 e encarregou ao sñr. Rooses de utilisar os milhares de documentos contidos na *Casa Plantiniana...* »

De tão honrosa incumbencia resultou o presente livro.

« O seu *Christophe Plantin*, que o editor Maes publicou com luxo digno do assumpto, é obra de primeira ordem, cheia de revelações e conceitos novos.

« O livro do sñr. Rooses recorda-nos aquellas grandes composições dos mestres hollandezes do XVII seculo, representando uma numerosa familia: pae, mãe, filhos, genros, noras, netos, intimos e familiares da casa. Todas estas figuras, vistas de frente, de perfil, de tres-quartos, alumiados vivamente ou deixadas na penumbra, têem todavia cada uma a sua physionomia propria e estão todas grupadas com estudada naturalidade em roda do chefe da familia. »

Transcrevendo na integra estes trechos da noticia que ao

seu apparecimento consagra o snr. Paul Fredericq na *Revue Historique*, julgamos satisfazer a justa curiosidade do leitor e do bibliophilo que não tiverem á mão a obra monumental.

Tudo o que esta noticia e a obra singular de Rooses podem conter de interesse relativamente a Christovão Plantino, já ficou por nós aproveitado no n.º 71 do presente catalogo, a proposito da sua Biblia Pentaglotta.

O snr. Rooses, encarregado de organisar o museu e de aproveitar-se, para a glorificação do nome do mestre, de tudo quanto se guardava nas suas afamadas officinas, tem apresentado muitos e eruditos trabalhos acêrca da imprensa plantiniana, e o *Christophe Plantin* é uma prova cabal do seu zelo e competencia.

Já a *Revue Scientifique de la France et de l'étranger*, no seu n.º 17, de 21 de Outubro de 1876, pp. 404 e 405, tinha chamado a attenção da Europa e do mundo para a fundação d'aquelle museu e sua proxima inauguração, como uma verdadeira maravilha que seria em breve entregue á admiração de todos os curiosos de *velharias*, tão attrahentes pela sua especial belleza e especial valor. O artigo da *Revue Scientifique* foi traduzido para portuguez e publicado integralmente no *Globo* de 14 de Abril de 1877.

Referindo-se á officina e seus aposentos, que pela phototypia temos presentes e que o autor do alludido artigo teve a fortuna de ver de perto; fallando do grande impressor, dos graves acontecimentos a que assistira, relembrando os personagens historicos da epoca, diz elle:

« Fica-se tomado de um certo estremecimento de admiração e respeito á vista do aspecto severo e imponente que se nos apresenta: achamol-o tal como era em tempo de Plantino; praz-se a gente em comparar o ruido e a azáfama de então com o silencio e o socego de hoje; vêem á lembrança os mensageiros que, de instante a instante, deviam vir trazer para ali as noticias d'essa epoca agitada, levar em troca os livros, as publicações, impacientemente esperadas. Por traz d'aquellas janellas, guarnecidas como outrora de pequenos vidros encaixilhados em tirasinhas de metal; alem d'aquelle muro, orlado pela bella e enorme vinha que o proprio mestre plantára, os operarios, os revisores, todos aquelles eruditos que se chamavam Justo Lipsio, Arias Montanus, Kilianus, Gervatius, Ortelius, Moretus, &., trabalhavam pacientemente, á sombra dos seus gabinetes, nos primores d'arte que podemos contemplar ainda hoje.

« Tal é o thesouro, conclue o autor, que a cidade de Antuerpia acaba de adquirir.

« Comprehender-se-ha que contentamento deviam sentir os seus edis quando se viram em estado de encontrar este palacio do seculo XVI, em que o culto do passado foi tão religiosamente guardado, sem que um só documento, um unico objecto de arte se dispersasse... Dentro de alguns mezes... a cidade de Antuerpia não terá então somente encontrado os testemunhos da sua historia communal; possuirá um documento para a historia dos povos, o *Museu da Imprensa*. »

É o que se tem em miniatura e de que se poderá fazer aproximada idea pelo magnifico volume que a Bibliotheca Nacional expõe, comprado pelo Dr. João de Saldanha, actual Bibliothecario.

LEYDEN.

(Lugdunum Batavorum).

N.° 74. — Tabacologia: hoc est Tabaci, seu Nicotianæ descriptio Medico-Cheirurgico-Pharmaceutica vel ejus præparatio et usus in omnibus fermè corporis humani incõmodis. Per Iohannem Neandrum Bremensem, Philosophum et Medicum.

Lugduni Batavorum, ex Officina Isaaci Elzeviri Iurati Academiæ Tipographi, Anno 1626.

In-4.° de 20 ff. prel. inn., 257 pp. num., 2 ff. inn.

As 20 ff. inn. contêem: na 1.ª fl. o frontispicio allegorico com o titulo e as indicações; no verso da 2.ª fl., o retrato do autor (n.° 36 de Le Blanc), a meio corpo, dentro de um oval inscripto em um parallelogrammo, gravado a buril por W. Delff, segundo D. Bailly, trazendo no oval o seguinte dizer: « IOHANNES NEANDER BREMENSIS, PHILOSOPHUS ET MEDICUS ÆTATIS AN.° XXVI, CHRISTI CIↃ. IↃ. C. XXII. », e na margem inferior, quatro disticos latinos, subscriptos por P. S., tambem gravados; « Epistola dedicatoria consvlibvs », datada « Lugduni apud Batavos 7. Kal. Maij styl. Gregor. anno Do-

mini Iesv Christi Servatoris Veri », e assignada « Johannes Neander ». Seguem-se: « Præfatio ad lectorvm », occupando 5 ff. e o r. da immediata, que é a 17.ª; no verso d'esta, « Castoris Dvrantis... epigramma », e « Iohannis Posthii distichon »; na 18.ª fl., « Syllabvs auctorum, & librorum... »; no r. da 19.ª, dois epigrammas « In Tabacologiam », assignados « Ivstvs Ravelencis M. »; e, no v., « Tabaci aliquot differentiae »...; na 20.ª, o titulo até a palavra *incommodis*, e em seguida, o *Procemivm*.

A numeração começa na pagina seguinte, que é a terceira do texto, e vae até 257, convindo notar que, por erro de impressão, passou da pag. 248 para a pag. 251.

No fim occorrem 2 ff. inn. contendo versos flamengos intitulados *Tabacks Lof en Lastering aen D. Ioannes Neander*, e assignados *Ioost van Ravelingen*.

O frontispicio, gravado a buril por Moysés van Uytenbrouck, vem descripto no Catalogo de Rigal e mencionado no Diccionnario de Brulliot. Aos dois lados do titulo já transcripto estão Apollo e Diana, em pé sobre pedestaes; no alto a Medicina sentada entre duas mulheres representando a Chimica e a Botanica; entre os pedestaes as indicações da edição, e sobre elles a data: ANNO 1626. Sem registro.

Incluidas na numeração do texto acham-se 9 estampas.

As 3 primeiras, gravadas a buril, sem assignatura, representam especies da planta do tabaco; embaixo de cada uma lê-se um distico latino tambem gravado, sendo o da primeira assignado J. Neander; occorrem nas pp. 7, 9 e 13. As 3 seguintes, nas pp. 21, 27 e 31, são aguas-fórtes de Moysés van Uytenbrouck, representando a maneira de colher as folhas do tabaco e o modo de o seccar, enrolar e imprensar; a 1.ª e a 3.ª, assignadas M. V. BROVCK, vem descriptas por Bartsch, V., pag. 111, n.ºˢ 50-51, sob o titulo *Les Indiens;* a 2.ª não traz assignatura. O Catalogo Rigal e Brulliot indicam-n'as summariamente. As 3 ultimas, nas pp. 245, 253 e 257, gravadas a buril, representam diversos utensilios para fumar o tabaco; só a ultima vem assignada *Blon fecit*, mas evidentemente são todas do mesmo gravador.

Nos *Annales de l'Impr. des Elseviers*, pag. 67, n.º 236, vem descripto um exemplar d'esta obra, *L. B.*, *ex offic. Isaaci Elsev. jur. Acad. Typogr.*, 1622, in-4.º de 20 ff. prel. inn., comprehendidos nesse numero o falso-titulo, o titulo impresso e a 1.ª fl. do texto, 256 pp. num. compr. 9 est., a ultima das quaes é numerada 257, e 2 ff. inn. no fim.

Em seguida á descripção d'este exemplar está a seguinte nota: « On indique des exemplaires de cette édition avec un

frontispice gravé, précédant le faux-titre et le titre imprimé; c'est possible, mais je pense qu'alors c'est un frontispice ajouté après coup, parce qu'il n'a pas de feuillet correspondant dans le premier cahier des liminaires, et je doute en tout cas qu'il porte la date de 1622; parce qu'il paraît certain qu'en 1626 Bonav. et Abrah. ont rajeuni cette édition de 1622, en substituant à son titre imprimé un frontispice gravé, signé: *Lugd. Batav. ex offic. Elsev.*, etc., et daté de 1626. Ce serait donc dans mon opinion ce frontispice, qu'au lieu de le substituer, on aurait ajouté à quelques exemplaires primitifs de 1622, exemplaires qu'on aura décrits ensuite dans des catalogues sans faire attention que leurs deux titres portaient des dates différentes. »

O exemplar exposto differe dos primitivos de 1622 por não trazer falso-titulo nem titulo impresso, e sim um titulo gravado e o retrato do autor, que não existem nelles; no mais confere ponto por ponto. Quanto ao frontispicio gravado, ha exactidão nas indicações mencionadas, menos em um ponto: no exemplar lê-se — *Ex Officina Isaaci Elzeviri*, e não *ex offic. Elsev.*, como se lê naquella.

Brunet admitte a existencia de exemplares com a data de 1622 e de outros com a de 1626, sem fazer observação alguma. Graesse menciona sómente exemplares de 1626, e accrescenta que este curioso livro foi reproduzido *Bremæ*, 1622, in-4.°; 1627, in-4.°; *Ultraj.*, 1644, in-12; e traduzido em francez *Lyon*, 1628. 1630. in-8.°

Em conclusão: o autor dos *Annales* tem razão: o exemplar exposto foi impresso em 1622 por Isaac Elzevir; posteriormente substituiram-se as 2 ff. de titulos por um frontispicio gravado com a data de 1626 e por um retrato do autor; conservaram-se, porem, nesse frontispicio as mesmas indicações do titulo impresso.

A antiga cidade flamenga de *Lugdunum Batavorum*, hoje chamada *Leyden* ou *Leyde*, é das mais notaveis em relação á arte typographica. A imprensa ahi foi introduzida no fim do seculo XV, sendo a primeira obra publicada a Chronica de Joh. Van Naaldwyck, intitulada *Die Cronike of die historie van Hollant...* 1483, in-4.° goth., sem nome de impressor, mas executada nas officinas de *Heynricus Heynrici*. Do mesmo anno existem ainda duas outras obras, ambas sem nome de impressor, que são: *Die epistelen ende evangelien*, in-4.°, e *Æneæ Silvii Legatio*, tambem in-4.° Os impressores do seculo XV nesta cidade foram: o mencionado Heynricus Heynrici, Hugo Jansson Van Voerden e Jan Severs. No fim do seculo XVI, em 1583, o celebre Christovão Plantino foi chamado para

estabelecer-se como impressor da Academia, e publicou no anno seguinte a bella edição *Hadr. Barlandi Hollandiæ comitum historia et Icones, Lugd. Batav., ex offic. Chr. Plantini*, 1584, in-fol., illustrada com bellos retratos gravados sobre cobre. Pela retirada de Plantino esta officina passou para seu genro Raphelinge. Data ainda do mesmo seculo o estabelecimento dos Elzevires nesta cidade; de 1580 a 1712 quatorze membros d'esta notavel familia exerceram a arte typographica na Hollanda, fundando as officinas de Leyden, Amsterdão e Haya.

No seculo XVII, que foi a epoca de apogeu da imprensa elzeviriana, appareceram duas typographias particulares, consagradas ambas ás linguas orientaes; uma installada cêrca de 1613 por Thomas Erpen, professor d'estas linguas, e a outra fundada por Theodorus Petræus, não menos notavel orientalista. A primeira obra publicada nesta ultima officina, o *Canticum Canticorum, Liber Ruth, Jonas ... Æthiopice et arabice, cum versione lat. per Theod. Petræum*, traz a data de 1654.

Os primeiros ensaios de stereotypia parece terem sido feitos nesta cidade por Jan Müller e Samuel Luchtmans, e julga-se que a primeira applicação d'este processo foi o *Testamentum novum Syriacum, cum versione latina, cura et studio J. Leusden et C. Schaaf. Lugd. Batav.* 1709, in-4.°

Para maiores desenvolvimentos vide a obra de P. Deschamps, *Dict. de Géographie ancienne et moderne... par un bibliophile, Paris, F. Didot*, 1870, in-8.° gr.

O exemplar pertenceu á Real Bibliotheca.

N.° 75. — Respublica, sive Status Regni Galliæ diuersorum autorum. *Lvgdvni Batavorvm, ex officina Elzeviriana. Anno cIↄ IↄC XXXVI. Cum Privilegio.*

Comprehende as seguintes partes:

— « Clavdii Sesellii V. C. de Monarchia Franciæ, sive de Repvblica Galliæ, et regvm officiis, libri dvo. Iohanne Sleydano interprete », de pp. 3-134.
— « Ioannis Tilii de rebvs gallicis liber », de pp. 135-381.
— « Vincentii Lvpani Commentariorvm de magistratibvs et præfectoris Francorvm Libri tres », de pp. 382-504.
— « Philippi Honorii de Regno Gallico, sive Francico relatio », de pp. 505-565.

— « Ioannis Boteri de Regno Gallico relatio », de pp. 565-579.
— « Regvm et reginarvm coronatio », de pp. 579-606.
— « Series et chronologia brevis regvm Galliæ », de pp. 606-613.

As 5 ff. inn. contêem:
— « Index in Rempvblicam Galliæ », que vae do verso da pag. 613 até á 4.ª fl. inn., r.
— « Svmma Privilegii », datado « 15 . Maij, 1626 », e assignado « G. V. Hertevelt V.t » e « I. van Goch », que occupa o v. da 4.ª fl. inn. e o r. da seguinte.

O exemplar exposto, nitidamente impresso e em perfeito estado de conservação, faz parte de uma bella collecção de pequenos tratados estatisticos de differentes estados editada por Boaventura e Abrahão Elzevir; estes tratados, impressos todos no formato in-24, são conhecidos pela denominação geral de *Republicas*, e o numero d'ellas sobe a 33, segundo o *Catalogus Librorum officinæ Elsevirianæ...*, 1644, in-4.º de 4 ff..

Nesse catalogo são citadas na seguinte ordem: — « Angliæ, Venetiæ Contareni, Venetiæ Iannoti, Romanæ, Galliæ, Poloniæ, Scotiæ, Helvetiæ, De Principatibus Italiæ, Hispaniæ, Daniæ, Belgii confœderati, Russiæ sive Moscoviæ, Turciæ, Sueciæ, Imperii mag. Mog. sive Indiæ, Hebræorum Cunæi, Græcorum Emmii, Topographia Const. Gyllii, Idem de Bosphoro Thracio, Africæ Leonis Africani, Persiæ, Busbequii Turcica, Valesiæ et Alpium descr., Rhetiæ, Mare lib. Grotii et Mer. de mat., Sabaudiæ, Germaniæ, Hungariæ, Status Ferdinandi, Chinæ, Portugalliæ. »

O Privilegio concedido a Boaventura e Abrahão Elzevir, em 15 de Maio de 1626, para a publicação d'estes tratados teve um effeito retroactivo. E, com effeito, na *Svmma Privilegii* que se encontra no fim do exemplar descripto lê-se: « Ne quis præter illorum aut hæredum voluntatem atque consensum, toto decennio proximo, his in regionibus ulla ratione excudat, aut alibi extra provincias excusos inferat vendatve, libros, I, hunc præsentem, cui titulus, Respublica, sive Status regni Galliæ; II, editos ante hunc sub istis fere titulis, Respublica Angliæ, Venetiarum, & Romana; III, pauloque post edendos tractatus de Republica & administratione Scotiæ, Poloniæ, Hispaniæ, Daniæ, Norvvegie, Sueciæ, Græciæ, Turciæ, Vngariæ, Germaniæ, Bohemiæ, Helvetiæ. »

As *Republicas* foram tão procuradas a principio que quasi todas se reimprimiram varias vezes, chegando algumas a ter tres edições differentes no mesmo anno. Perdido, porém, o merito da opportunidade e esgotado o prazo do privilegio, os editores não completaram a collecção. Actualmente não são procuradas;

entretanto, quanto á execução typographica, ainda devem merecer particular estima dos bibliophilos.

A Bibliotheca Nacional possue duas collecções das *Republicas;* uma que lhe foi offerecida pelo Ex.mo Snr. Barão de Vasconcellos (Rodolpho), e outra que pertenceu á Real Bibliotheca. A primeira está completa e os exemplares perfeitamente conservados e encadernados em marroquim vermelho; á segunda, menos bem conservada, faltam apenas 2 volumes, a saber: *Busbequii Turcica*, e *Mare lib. Grotii.*

Em ambas ha mais de uma edição de algumas das obras.

O volume exposto pertence á primeira collecção.

A familia Elzevier (Helschevier, Elschevier ou Elsevier), é originaria da Belgica. D'entre os seus membros quatorze exerceram a profissão de livreiro ou a de typographo e prestaram ás lettras importantes serviços durante cento e trinta annos consecutivos, de 1583 a 1712, tendo-se estabelecido todos na Hollanda, em Leyden, Amsterdão, Haya e Utrecht.

Luiz Elzevir, primeiro do nome e chefe da familia, nasceu em Louvain em 1540 e falleceu a 4 de Fevereiro de 1617. Passando-se para Leyden em 1580, desde 1582 foi conhecido como livreiro. O primeiro livro impresso com o seu nome foi: *J. Drusii Ebraïcorum quæstionum, sive quæstionum ac responsionum libri duo, videlicet secundus ac tertius. In Academia Lugdunensi*, 1583. (In fine:) « Veneunt Lugduni Batauorum apud Ludouicum Elseuirium, è regione scholæ novæ. » In-8.° peq. de 126 pp., 1 fl. inn. Tendo-se expatriado por prestar adhesão ás idéas da Reforma, voltou depois a Leyden, publicando então, de 1592–1617, 150 edições. Convem declarar que Luiz I nunca foi impressor, mas sómente livreiro. Deixou cinco filhos: *Matheus*, *Luiz II*, *Gilles*, *Joost* e *Boaventura*.

Matheus, qualificado de livreiro em Leyden desde 1591, o foi até Setembro de 1622; por morte do pae associou-se com Boaventura. Morreu em Leyden com mais de 75 annos de idade aos 6 de Dezembro de 1640. Deixou 3 filhos: *Abrahão*, de quem trataremos depois; *Isaac* e *Jacob*. *Isaac* foi impressor em Leyden de 1616 a 1625, vindo a fallecer a 8 de Outubro de 1651. Era elle quem imprimia para a sociedade do pae e do tio. A officina de Isaac foi a primeira typographia elzeviriana. *Jacob Elzevir*, o terceiro filho de Matheus, foi livreiro em Haya de 1621 a 1636, e morreu depois de 1652.

Luiz II foi livreiro em Haya antes do precedente, pouco mais ou menos desde 1600 até 1621, epoca da sua morte. Publicou apenas 4 arestos e uma carta acompanhando um d'elles.

Gilles (Egidio), livreiro, foi o primeiro que geriu a succursal de Haya, *op de Zaal*, estabelecida por seu pae cêrca de 1595–97. Em 1599 appareceu o unico volume que traz o seu nome. Nessa data deixou a cidade e a livraria, sendo substituido por seu irmão Luiz II. Morreu em Leyden com perto de 80 annos, sendo sepultado em 1.° de Julho de 1651.

Joost (Josse), foi livreiro em Utrecht de 1603 a 1607, e provavelmente até mais tarde, vindo a fallecer aproximadamente em 1617. Dos dois filhos varões que deixou, Luiz e Pedro, só o primeiro foi livreiro e typographo, vindo a fundar a imprensa elzeviriana de Amsterdão.

Boaventura, nascido em 1583, em 1601 já se occupava de livraria; em 1608 apparece o primeiro volume com o seu nome. Foi livreiro e impressor em Leyden, fallecendo a 17 de Setembro de 1652. Associou-se como livreiro, a principio com seu irmão Matheus, de 1618–1622; nesta ultima data Matheus cedeu a sua parte na sociedade a *Abrahão I*, seu filho mais velho, nascido em Leyden em 1592 e fallecido em 14 de Agosto de 1652. Continuando a sociedade entre o tio e o sobrinho, compraram a Isaac Elzevir, em 24 e 25 de Dezembro de 1625, o local da officina de Leyden por 2000 florins, e o material d'esta com o da imprensa oriental de Erpenius, que Isaac tinha adquirido pouco antes, por 9000 florins. Esta associação, de 1626 a 1652–53, produziu 370 edições, distinguindo-se entre ellas muitos volumes latinos em pequeno formato, considerados ainda hoje como verdadeiras obras-primas. Por morte de Luiz II, Boaventura ficou de posse da livraria de Haya, *op de Zaal*, a qual cedeu immediatamente a seu sobrinho Jacob. Esta livraria pertenceu de novo a Boaventura quando Jacob abandonou o commercio.

As edições dos filhos de Luiz I e dos filhos de Matheus anteriores á sociedade de Boaventura e Abrahão I, isto é, de 1599–1626, sobem ao numero de 131.

Boaventura deixou um filho, *Daniel*, nascido em Leyden a 14 de Agosto de 1626; Abrahão I tambem deixou um, de nome *João*, nascido na mesma cidade em 1622. Ambos foram como os paes impressores e livreiros. *Daniel* e *João*, tendo herdado cada um a parte paterna na officina de Leyden, associaram-se naturalmente em virtude d'esta circumstancia; mas esta união durou apenas dois annos, de 1652–1654, tendo produzido 35 edições, entre as quaes algumas mui bem acabadas. Nesta ultima data Daniel retirou-se e foi para Amsterdão interessar-se na officina de Luiz III. De 1655 a 1661, João continuou sósinho á testa da imprensa de Leyden, publicando nesse periodo 82 edições. Falleceu a 8 de Junho de

1661, deixando filhos menores, entre os quaes *Abrahão II*, que foi o ultimo representante dos Elzevires na arte typographica.

Por morte de João Elzevir, sua viuva Eva van Alphen e seus filhos continuaram a imprimir sob a razão *ap. Viduam et Hæredes Johannis Elsevirii*, a qual cessou de existir em 1681. De 1662-1681 publicaram-se com esta razão 17 edições, quasi todas sem importancia; d'entre ellas, porém, se destaca a grande *Biblia flamenga* de 1663, que, sem duvida alguma, tinha sido começada ainda em vida de João.

Abrahão II foi não sómente o ultimo Elzevir de Leyden, como tambem o ultimo impressor d'esta celebre familia. Nascido em Leyden a 5 de Abril de 1653, em 1681 tomou conta da officina que até essa data fôra gerida por sua mãe. Sem nenhuma aptidão typographica, com elle terminou a longa decadencia da imprensa elzeviriana d'essa cidade. De 1681-1712, publicou apenas 21 edições, todas ellas theses ou escriptos dos professores da universidade. Abrahão II falleceu em 30 de Julho de 1712. O material da sua officina e o da imprensa oriental de Erpenius dispersou-se em venda publica de 20 de Fevereiro de 1713. Este leilão produziu sómente cêrca de 2000 florins!

Si ás 807 edições que temos mencionado addicionarmos 136 edições anonymas e pseudonymas dos Elzevires de Leyden, descriptas por Ch. Pieters, e publicadas de 1626-1712, teremos um total de 943 edições, que representam indubitavelmente grandes serviços prestados ás lettras. Convem mencionar aqui bem explicitamente que nem todas ellas são *impressões* dos Elzevires; muitas ha de que elles foram apenas simples editores.

Imprensa de Amsterdão — *Luiz III Elzevir*, filho de Luiz II e neto do chefe da familia, nasceu em Utrecht em 1604; depois da morte do pae foi estudar na universidade de Leyden sob a direcção de seu tio e tutor Matheus Elzevir. É mui provavel que com este e com Boaventura se iniciasse no commercio de livros e na arte de imprimir. Depois de uma viagem á Italia foi fixar-se em Amsterdão, recebendo o direito de burguezia em 3 de Dezembro de 1637; em 27 de Fevereiro de 1638 foi inscripto na corporação dos livreiros d'esta cidade. Desde essa data apparecem livros com o seu nome, mas evidentemente impressos em differentes typographias. Não podemos precisar a data certa da fundação da officina elzeveriana de Amsterdão. Desde 25 de Setembro de 1639 Luiz III se propunha estabelecer dentro de poucos mezes a imprensa; mas o que é certo é que sómente de 1650 em diante se encontra a subscripção *Typis Ludovici Elsevirii*

muitas vezes repetida, comquanto tambem appareça a indicação *apud Ludovicum Elsevirium* anteriormente usada. Trabalhando só, Luiz III desenvolveu muita actividade, chegando a publicar de 1638–1654 nada menos de 198 edições, muitas das quaes de grande merecimento; a sua enorme actividade, porém, fel-o descuidar-se da impressão de muitas outras.

A associação com seu primo Daniel, filho de Boaventura, foi convencionada em 1654. Com effeito, no fim d'este anno o seu nome deixa de figurar isolado embaixo das edições, que, a partir de 1655, trazem ordinariamente estas indicações: *Apud Ludovicum et Danielem Elzevirios*, ou *Amst.*, *ex Officina Elzeviriana*. Esta associação durou dez annos, de 1655 até 1664–65, e foi um beneficio para a imprensa elzeviriana de Amsterdão. Foi tambem a epoca de maior esplendor. Publicaram-se 141 edições, distinguindo-se entre ellas: uma serie de classicos latinos *cum notis variorum*, in-8.°; um *Cicero*, in-4.°; o *Etymologicon Linguæ Latinæ*; o *Homero*, em 2 vols. in-4.°; *Ovidio*, revisto por Heinsius, 1658, 3 vols.; o *Novo Testamento* de 1658, muito apreciado, e o celebre *Corpus juris civilis*, 1663, 2 vols. in-fol., que se expõe sob n.° 79, considerado por A. F. Didot uma verdadeira obra prima typographica.

Luiz III desde 1664 resolvêra retirar-se dos negocios; em verdade, em 1665 só apparecem 4 edições da sociedade, sendo as outras sómente de Daniel. A partir d'este anno as edições são todas do ultimo, exceptuando apenas *La Sainte Bible* de Des Marets pae e filho, 2 vols. in-fol. gr., datados de 1669, a qual provavelmente foi começada em 1663. Foi com esta obra prima que Luiz III terminou a carreira, fallecendo pouco depois, em 1670.

Ficando só, com um estabelecimento tão consideravel, Daniel tambem desenvolveu grande actividade; mas as guerras que sobrevieram á Hollanda por aquella epoca causaram-lhe graves prejuizos. Falleceu em 13 de Outubro de 1680, tendo publicado, desde 1664, 158 edições sómente suas, incluindo-se nesse numero duas que appareceram em 1681 sob o nome da *viuva de Daniel Elzevir*. A queda d'esta officina foi a consequencia natural da morte de Daniel. Cinco mezes depois falleceu sua esposa; seu filho, de 19 annos de idade, e suas seis irmãs não podiam dirigir uma officina tão importante; por isso os tutores resolveram a liquidação. Em Julho de 1681 vendeu-se a officina; a 4 de Agosto seguinte começou o leilão do *Bibliopolium*, que produziu 120,000 florins. As lettras perderam incontestavelmente muito com a dispersão do material da officina de Daniel. Elle foi sem contradicção o maior de todos os Elzevires.

Reunindo a todas as edições já mencionadas as 171 anonymas e pseudonymas impressas pelos Elzevires de Amsterdão e citadas por Pieters, teremos 668 edições elzevirianas da mesma cidade.

Resta-nos ainda fallar de *Pedro Elzevir*, filho de outro de igual nome e neto de Joost Elzevir. *Pedro Elzevir* nasceu em Roterdão em 1643 (?), e foi com seus paes para Amsterdão. Estudou direito na universidade de Utrecht e depois ahi exerceu a profissão de livreiro de 1667-1675. Nesta data vendeu a livraria e abandonou o commercio. Foi sepultado em Utrecht a 22 de Setembro de 1696. Publicou apenas 10 edições com o seu nome. Segundo Pieters, Pedro era sómente livreiro-editor.

G. Brunet, em um artigo sobre esta familia, inserto na *Nouv. Biogr. Générale* por Firmin Didot Frères, vol. 15.°, col. 911, apresenta o seguinte resumo, que convem transcrever: « D'après le relevé que nous avons fait avec soin sur les *Annales de l'Imprimerie Elzevirienne*, publiées par M. Charles Pieters, de Gand, le nombre total des ouvrages de tous genres portant le nom des Elzevier s'élève à 1213 ; 968 sont en latin, 44 en grec, 126 en français, 32 en flamand, 22 en langues orientales, 11 en allemand, 10 en italien. » Recorrendo á mesma fonte (2.ª ed., *Gand*, 1858, in-4.°), chegámos a um total de 1214, excluindo da contagem as 136 edições anonymas e pseudonymas de Leyden e as 171 de Amsterdão.

Para maiores esclarecimentos vide a obra de Charles Pieters e o artigo citado da *Nouv. Biogr. Générale*.

N.° 76. — L. Annæi Senecæ Philosophi Opera omnia; ex ult: I. Lipsii emendatione; et M. Annæi Senecæ Rhetoris quæ exstant; ex And. Schotti recens.

Lugd. Batav. Apud Elzevirios, 1640.

3 vols. in-12.

O vol. 1 consta de 12 ff. prelim. inn., 552 pp. de texto. Aquellas comprehendem: o frontispicio gravado a buril com o titulo e as indicações acima transcriptas igualmente gravadas; « Epistola dedicatoria D. Petro Segviero », datada *Lugduni Batavorum, ipsis Kal. Decemb. cIↄ Iↄ c xxxix*, e assignada « Bonaventura & Abrahamus Elzevirii »; o busto de *L. Annæus*

Seneca, dentro de uma portada, gravado a buril; « Vita L. Annæi Senecæ »; « Fragmenta ex libris Senecæ qui intercide-runt »; uma gravura a buril representando um homem quasi nú, em pé dentro de uma bacia. Segue-se o texto.

No frontispicio gravado vêem-se aos lados do titulo as figuras de *Zeno* e *Cleanthes*, em corpo inteiro; em cima, no meio, uma figura de Minerva em um oval, e aos lados, os bustos de *Hercules* e *Vlysses*, tambem dentro de ovaes; em baixo, dentro de um redondo, duas figuras com a legenda *Honos et Virtus;* aos lados d'este redondo os bustos de *Seneca* e *Epictetus*, em escudos ovaes.

O vol II traz o seguinte titulo impresso:

« L. Annæi Senecæ Philosophi Tomus Secundus. In quo Epistolæ, & Qvæstiones Natvrales. » (Marca typographica com a legenda *Non solus.*) *Lugdun. Batavor. Ex Officina Elseviriana, cIↃ IↃ c xxxix.*

O vol. III. traz novo titulo impresso, assim concebido:

« M. Annæi Senecæ Rhetoris, Suasoriæ, Controversiæ, cum Declamationum Excerptis. Ex ultima Andreæ Schotti recensione. Tomus tertius. » (Marca typographica com a legenda *Non solus.*) *Lugdun. Batavor. Ex Officina Elseviriana, cIↃ IↃ c xxxix.*

Edição nitidamente impressa, com algumas capitaes ornadas e cabeções de pagina.

Esta edição de 1639-40 é a primeira que os Elzevires publicaram das obras dos dois Senecas e ao mesmo tempo a mais procurada. Em 1649 foi reimpressa, ainda por Boaventura e Abrahão Elzevir; esta reimpressão, diz Charles Pieters, foi feita pagina por pagina e linha por linha, á excepção das peças preliminares do tomo I, que occupam 24 pp. em lugar de 12 (24 ff. em lugar de 12 ff.?). O frontispicio é tambem o mesmo, exceptuando a data. A segunda edição tem de mais que a primeira uma epistola dedicatoria muito longa de Gronovius á rainha da Suecia, e mais um volume com o seguinte titulo: « Joh. Fred. Gronovii ad L. et M. Annæos Senecas notæ. » *Lugd. Batav. ex offic. Elsev.* 1649, in-12, de 12 ff. prelim., compr. o tit., 422 pp. de texto, 22 pp. inn. de *index* e *corrigenda*. Este ultimo volume tambem se junta á primeira edição. Um exemplar com as margens não aparadas, comprehendendo os 3 vols. da primeira edição e o 4.° da segunda, foi vendido em 1833 por 500 francos; este mesmo exemplar, no leilão do Marechal Sebastiani, em 1851, foi adjudicado por 999 francos, sem contar as despezas.

Em 1659, em Amsterdão, Luiz e Daniel Elzevir deram nova edição dos Senecas, tambem em 3 vols. e no mesmo for-

mato in-12. No anno anterior tinham publicado em separado as Notas de Gronovius, 1 vol. in-12, que costuma acompanhar a edição de 1659.

Das edições mencionadas se fez tiragem em separado das *Epistolas*, as quaes trazem respectivamente as datas, 1639, 1649, e 1658.

A imprensa elzeviriana de Amsterdão ainda publicou outra edição das obras dos dois Senecas, *Amstelodami, apud Danielem Elsevirium. A.° 1672*, 3 vols. in-8.°, frontsp. gr.

A Bibliotheca Nacional possue um exemplar completo d'esta ultima edição, que, no dizer de Pieters, é muito cara e muito estimada, e, em uma palavra, o melhor Seneca *Variorum*. Ella é illustrada com os commentarios ou notas de Justus Lipsius, J. Fred. Gronovius, Libertus Fromondus, Nic. Faber, And. Schotti, Joh. Schultingius, e varios outros não mencionados nos titulos. Ha exemplares da mesma edição com a data 1673.

A obra exposta faz parte da bella collecção de classicos latinos, que Boaventura e Abrahão Elzevir publicaram durante mais de vinte annos. Estas edições, hoje muito procuradas, são as mais preciosas dos *Elzevires* de pequeno formato.

No *Catalogus Librorum officinæ Elsevirianæ*... de 1644, ellas se acham grupadas sob o titulo *Auctores varii ex Edit. Elsevirianâ*. São em numero de 19, a saber: *Quintus Curtius*; — *Tacitus Grotii*, 2 vols.; — *T. Livius ex recens. Heinsii*, 3 vols.; — *Idem ex recens. Gronovii*, 4 vols.; — *Cæsaris Comment. Scaligeri*; — *Plinii Historia naturalis*, 3 vols.; — *Sallustius*; — *Terentius Heinsii*; — *Virgilius*; — *Erasmi Colloquia*; — *Florus et L. Ampellus*; — *Senecæ opera, ex recens. Lipsii*, 3 vols.; — *Justinus*; — *Plinii Epist. ex rec. Casauboni*; — *Velleius Paterculus*; — *Ciceronis opera*, 10 vols.; *Sulpitii opera*; — *Titus Livius*, 3 vols.; — *Gronovii Notæ in Livium*.

N.° 77. — Historia natvralis Brasiliæ, Auspicio et Beneficio Illvstriss. I. Mavritii Com. Nassav. illivs Provincjæ et maris summi Præfecti adornata: In qua non tantum Plantæ et Animalia, sed et Indigenarum morbi, ingenia et mores

describuntur et Iconibus supra quingentas illustrantur.

Lvgdvn. Batavorvm, apud Franciscum Hackium, et Amstelodami, apud Lud. Elzevirium. 1648.

In-fol., com figs. grav. em madeira intercal. no texto.

Divide-se em 2 partes: a primeira de 6 ff. prelim. inn., compr. o tit. gr., 122 pp. num., 1 fl. inn. de index; a segunda de 4 ff. prelim. inn., 293 pp. num. de texto, 7. pp. inn. de index. O frontispicio gr. em metal representa a fauna e a flora brazileira; no primeiro plano, á direita está uma indigena, e á esquerda um indio; entre elles nota-se a figura de um rio. No alto, sobre uma tela distendida, o titulo até a palavra *illustrantur;* em baixo, sobre uma concha, as indicações da edição.

Na fl. immediata occorre o seguinte titulo:

« Guilielmi Pisonis... de Medicina Brasiliensi Libri quatvor:... et Georgi Marcgravi de Liebstad ... Historiæ rervm natvralivm Brasiliæ, Libri octo: ... cvm Appendice de Tapuyis, et Chilensibvs. Ioannes de Laet ... in ordinem digessit & Annotationes addidit, & varia ab Auctore omissa supplevit & illustravit. »

Seguem-se duas epistolas de Pison, a primeira a Guilherme de Nassau, occupando 2 ff., e a segunda *Benevolo lectori,* 1 fl. A ultima fl. inn. contém *Svmmaria librorvm seqventivm,* a 2 cols., e a errata. O texto da primeira parte encerra sómente os quatro livros de Pison, *de Medicina Brasiliensi,* que vão até á pag. 122, seguindo-se 1 fl. inn. de *Index rervm et verborvm.*

Parte II. As 4 ff. inn. contêem: o titulo respectivo sem indicações, 1 fl.; dedicatoria « Ioanni Mavritio Nassaviæ Comiti ... Georgius Marcgravius, de Liebstad, ... », 1 fl.; « Ioannes de Laet, Antwerpianvs, ad benevolos lectores », 1 fl.; « Svmmaria librorvm seqventivm », 1 fl. trazendo no verso a errata. O texto, abrangendo os oito livros de Marcgrav, *Historia rervm natvralivm Brasiliæ,* e o Appendice de Laet, occupa 293 pp. num., a ultima das quaes é um « Appendix ad libros de plantis », com 4 est. Seguem-se 7 pp. inn. de « Index omnivm plantarvm et animantivm... »

Alem do exemplar exposto, a Bibliotheca Nacional possue mais dois; um que foi de Francisco José da Serra, e outro que pertenceu ao Conde da Barca; neste ultimo as margens são mais largas e as figuras coloridas á mão.

Os tres exemplares são completamente identicos, ponto por ponto; entretanto, Pieters, nos *Annales de l'Impr. des Elseviers*, descrevendo esta obra, diz, á pag. 257, n.° 94, que ella consta de 12 ff. compr. o frontispicio gravado, 327 pp. e 2 ff. inn. no fim, o que está em completo desaccordo com os exemplares presentes. Procurando elucidar este ponto, verificámos que Pieters confundiu a *Historia naturalis Brasiliæ*, quanto á numeração das paginas, com est'outra obra: *Gulielmi Pisonis Medici Amstelædamensis de Indiæ utriusque re naturali et medica libri qvatvordecim ... Amstelædami, apud Ludovicum et Danielem Elzevirios. A.° cIↄ Iↄ c lviii.* In-fol. D'esta obra, cujo frontispicio gravado é um 2.° estado do da precedente, a Bibliotheca Nacional possue dois exemplares, ambos com 12 ff. inn., compr. o tit. gr., 327 pp. num., 2 ff. inn. de indice, a que se seguem 39 - 226 pp. num., 1 fl. inn., que completam os exemplares. Este engano se torna patente recorrendo á descripção d'esta ultima obra, dada por Pieters á pag. 283, n.° 255 da obra citada.

AMSTERDÃO: AMSTERDAM.

(Amstelodamum)

N.° 78. — Memoires des sages et royalles œconomies d'Estat, domestiqves, politiqves et militaires de Henry le Grand...

Et des servitvdes vtiles obeissances conuenables & administrations loyales de Maximilian de Bethvne...

A Amstelredam, chez Aletinosgraphe de Clearetimelee, & Graphexechon de Pistariste, (1638) A l'enseigne des trois Vertus couronnées d'Amaranthe.

2 tom. em 1 vol. *in-fol.*

Graesse, depois de descrever as duas edições de Londres (*aliás Paris*), 1745, 1747, em 13 vols. *in-4.°* e outras, referindo-se á presente edição diz:

« A primeira ed. e suas reimpr. devem ser conservadas, porque contêem a obra tal qual a ditou o autor (*Maximiliano de Bethune, duque de Sully*), emquanto que nas supramencionadas se remoçou o estylo em falta de originalidade. » Citando o tit. da referida primeira ed., accrescenta:

« Impresso no castello de Sully em 1638 por um impressor de Antuerpia. Vê-se nos titulos a sigla da casa de Sully (isto é, os VVV) colorida de verde. Assim os *parallelos de Cesar com Henrique o Grande* vêm nesta impressos em caract. romanos, t. 1, pp. 470 – 488), emquanto que o é em italico nas reimpr. de *Ruão* 1649 e de *Paris* 1664, em 2 partes, *in-fol.* Existe tambem uma reimpressão *Jouxte la copie d'Amsterdam* 1652, 4 vols. *in-12*, com caract. similhantes aos dos Elzevires; outra de *Paris*, 1663, 8 vols. *in-12*. Todas ellas apenas comprehendem a epoca de 1570 a 1610, e a continuação, de 1610 a 1628, foi accrescentada pelos cuidados de Le Laboureur: *Paris*, *Courbé*, 1662, 2 partes *in-fol.*, ou *Ruão*, 1662, 4 t. em 3 vols. *in-12*. Emfim, deu-se em *Amst.* (*Trévoux*), 1713, uma ed. da obra completa em 12 vols. *in-12*. A reimpr. das *Econom. d'estat* faz parte das collecções publicadas por Petitot e Michaud. »

Dá em seguida noticia das traducções que teve a obra para o allemão e inglez e das edições respectivas.

Quanto ao lugar da impressão, Brunet diz peremptoriamente, depois de apreciar o merito d'esta primeira ed. em confronto com as outras:

« A primeira ed. d'estas Memorias ... foi impressa no *castello de Sully*, em 1638, por um impressor de Antuerpia, sob a indicação de *Amstelredam, chez Alèthinosgraphe* ... e sem data, em 2 vol. de *fol.* Reimprimiram-n'as em *Ruão*, 1649... Estas antigas edições, sobretudo a primeira, que é bastante rara, merecem ser conservadas. »

É visivel que é supposititia a indicação de lugar de impressão, bem como os nomes dos impressores.

Quérard, *La France Littéraire*, IX, tratando das memorias do grande ministro do grande rei, diz:

« Sully (Maximilien de Béthune, duc de), ministre de Henri IV; né à Rosni, en 1559, mort à Villebon, en 1641.

— Mémoires ...

« A primeira edição d'estas Memorias ... foi impressa no castello de Sully, em 1638, por um impressor de Antuerpia, sob a indicação de Amsterdão ... em 2 vol. *in-fol.* » E a proposito d'esta e das immediatas:

« Estas antigas edições, especialmente a primeira, que é

muito rara, têem ainda seus apaixonados, por conterem a obra tal qual sahiu da penna do autor. »

Maximiliano de Béthune, como se lê em Larousse, comprára em 1602 e restaurára o castello de Sully, séde de uma baronia desde o XI seculo, berço da familia d'aquelle nome, cujo mais illustre representante foi o autor das presentes Memorias. Na torre chamada de *Béthune* estabelecêra elle mais tarde uma imprensa clandestina, onde se fez esta afamada impressão, « quando Henrique IV reconheceu, em 1606, os serviços do seu ministro erigindo em ducado a antiga baronia ... Para elle se retirou Sully depois da morte do soberano, e era ali que, rodeado dos seus secretarios, redigia as suas curiosas obras (*Grand Dict. univ. du XIX siècle*). » Sobreviveu ao rei mais de 30 annos.

A obra citada o dá nascido a 13 de Decembro de 1560 e fallecido, no seu castello de Villebon, a 22 de Dezembro de 1641.

Pierre Deschamps, no seu *Dict. de Géographie*, complemento ao *Manuel du libraire*, na palavra *Soliacum*, *Sully*, referindo-se ás *Memoires des sages œconomies* e á sua impressão no castello d'aquelle nome, ajunta:

« Edição original dita *dos VVV verdes*, porque no titulo se acham essas tres capitaes (cifra da casa de Béthune), coloridas de verde, »

A *Biographie Universelle*, citada por Quérard, qualifica a obra nos seguintes termos:

« Poucos monumentos historicos possuimos tão preciosos como as Memorias de Sully... É uma extensa narrativa do reinado de Henrique IV e das operações do governo, sobretudo as que Sully dirigiu. Nellas se deparam com interessantes particularidades da vida privada do monarcha e do seu ministro e as intrigas da côrte. A fórma da narração é das mais caprichosas: os secretarios de Sully contam a seu amo as circumstancias da sua vida, que elle, melhor do que ninguem, devia de certo conhecer. Suppõe-se que taes secretarios, tão bem informados, são personagens imaginarios, postos em scena para evitar á Sully o embaraço de referir pessoalmente os proprios actos. »

O ex. que a Bibl. Nac. expõe no lugar reservado ás publicações de Amsterdão, embora supposto, pertenceu á Real Bibliotheca e acha-se em satisfatorio estado de conservação.

N.° 79. — Corpus Juris Civilis, Pandectis ad Florentinum archetypum expressis, Institutionibus, Codice et Novellis, addito textu Græco, ut & in Digestis & Codice, Legibus & Constitutionibus Græcis, cum optimis quibusque Editionibus collatis. Cum notis integris, repetitæ quintum prælectionis, Dionysii Gothofredi, JC. Præter Justiniani Edicta, Leonis & aliorum Imperatorum Novellas, ac Canones Apostolorum, Græcè & Latinè, Feudorum Libros, Leges XII. Tabul. & alios ad jus pertinentes Tractatus, Fastos Consulares, Indicesque Titulorum ad Legum: & quæcunque in ultimis Parisiensi vel Lugdunensi editionibus continentur, huic editioni novè accesserunt Pauli receptæ Sententiæ cum selectis notis J. Cujacii et sparsim ad universum Corpus Antonii Anselmo, A. F. A. N. JC. Antvverp. Observationes singulares, Remissiones & Notæ Juris Civilis, Canonici, & Novissimi ac in Praxi recepti differentiam continentes; denique, Lectiones variæ & Notæ selectæ Augustini, Bellonii, Goveani, Cujacii, Duareni, Russardi, Hottomanni, Contii, Roberti, Ræv‌ardi, Charondæ, Grotii, Salmasii & aliorum. Opera & Studio Simonis van Leeuwen, JC. Lugd. Bat.

Amstelodami, apud Joannem Blaeu. Ludovicum, & Danielem Elzevirios. Lugd. Batavorum, apud Franciscum Hackium. M DC LXIII. Cum Privilegio S. C. Majestatis.

2 vols. in-fol., frontispicio gr.

O vol. 1 consta de 10 ff. prelim. inn., 796 pp. num. A primeira das folhas inn. é um frontispicio gravado a buril, assignado embaixo: « C. van Dalen sculp. » É uma esplendida estampa. No centro vê-se um pedestal e nelle o seguinte

titulo gravado: « Corpus Juris Civilis cvm D. Gothofredi et aliorum notis Postrema editio omnibus prioribus auctior & emendatior. Sumptibus Sociatis ». Sobre o pedestal está o busto de Justiniano, dentro de um redondo sustentado por duas crianças; sobre este a figura da Justiça, sentada, com seus attributos. Aos lados do pedestal duas figuras de mulher; a da direita apoia o pé direito sobre uma esphinge; com a mão esquerda segura um livro aberto, que descansa sobre a coxa, e com a direita uma penna; esta representa a historia; a da esquerda, representando a lavoura, segura com a mão direita uma canga apoiada sobre o chão, e com a esquerda sustém uma brida. Entre esta figura e o pedestal nota-se um cão. Em baixo, á direita, os emblemas da navegação e do commercio; no centro, um busto sobre um pedestal; e, á esquerda, a cornucopia da abundancia, varios fructos e saccos com dinheiro.

Estampa não descripta.

Na segunda fl. inn. occorre o titulo fielmente transcripto, e, no verso, a « Summa Privilegii, Peractum Kalend. Septemb. cIↃ IↃc LXIII ». As duas ff. immediatas contêem: « Epistola dedicatoria Illustrissimis ac Præpotentibus D. D. Hollandiæ, Westfrisiæque Ordinibus Simon van Leeuwen, J. C. », e « Typographi ad lectorem ». Seguem-se nas 6 ff. restantes: « Notitia juris ante et post Justinianum reliquiarum, partim à Jacobo Gothofredo, D. F. partim à Josepho Maria Suaresio Vasionensi Episcopo conscripta », e « Index omnium titulorum in hoc universo juris corpore comprehensorum ».

O texto d'este vol. abrange 796 pp.

In fine a subscripção *Amstelodami, Typis Ludoviei & Danielis Elzeviriorum. cIↃ IↃc LXIII.*

O vol. II, com suas peças subordinadas, tem numeração varia.

No fim do vol. occorrem 20 ff. inn. contendo: « Index omnium legum Pandectarum, seu Digestorum, ordine alphabetico digestus »; e « Index omnium legum totius Codicis, ordine alphabetico codicis. »

Nos *Annales de l'Impr. des Elsevier... par Charles Pieters, Gand,* 1858, in-8.º, póde vêr-se a seguinte nota:

« La beauté de cette édition répond au choix des pièces qu'elle renferme et elle est fort estimée. A la fin de la première partie se trouve la souscription: *Typis Ludovici et Danielis Elseviriorum,* qui ne laisse aucun doute sur l'origine Elsevirienne de ce beau livre, dont le tirage, dit Berard, offre le résultat le plus parfait. La disposition des matières contenues dans chaque page offrait, ajoute-t-il, des obstacles qui

ont été habilement vaincus. Ce n'était pas une chose aisée que de combiner, sans confusion, des caractères romains de plusieurs dimensions, des italiques, des capitales, des caractères grecs, et d'en couvrir des pages imprimées à deux colonnes et entoureés pour ainsi dire de notes marginales et autres. Toutes ces difficultés ont été surmontées. Malgré la petitesse des caractères, malgré la grandeur de la justification et malgré l'abondance des matières, ce livre se lit avec une grande facilité et sans embarras ni fatigue pour les yeux. Cette édition enfin est restée la plus belle, comme elle est la meilleure de cet ouvrage important et souvent réimprimé. »

Brunet diz: « Cette édition est en même temps la plus belle, et celle dont on fait le plus de cas. »

O exemplar, que expomos, d'esta formosa edição dos Elzevires, pertenceu á Real Bibliotheca.

N.º 80. — ... Hobat Alebabot Obrigaçam dos Coraçoens Livro moral de grande erudiçaõ & pia doctrina. Composto na Lingua Arabica pello devoto Rabbenu Bahie O Daian, Filho De Rabbi Iosseph, dos famosos Sabios de Espanha. E traduzido na lingua Santa pelo Insigne Rabi Jeuda Aben Tibon. E agora novamente tirado da Hebraica, â Lingua Portugueza, para util dos da nossa Naçam... Per Semuel filho de Ishac Abaz de boa memoria. A gloria de Deus Bendito.

Impresso em Amsterdam. Em Casa de David de Castro Tartas. Anno 5430.

O anno corresponde ao de Christo 1670.

In-4.º, em caract. romanos, largas linhas, notas marginaes em grypho, numeração por ff. a principio e depois por paginas.

As paginas dos prologos contêem 39 linhas e as do texto, em que a composição é o que se chama *entrelinhado*, só contêem 34.

Descripto por Innocencio da Silva no seu *Dicc.* e por Antonio Ribeiro dos Santos nas *Memorias de Litt. Portug. da Acad. R. das Sc.*, III, pag. 353. Não mencionado por Barbosa Machado.

O livro começa, na fl. de rosto, antes do titulo transcripto, por tres palavras em caract. hebraicos; o r. da fl. seguinte e parte do v. da mesma fl., sem num., é todo escripto na mesma lingua; segue-se *Oração a o Deus Alto com a dedicatoria desta obra...*, que occupa o resto da fl. e toda a seguinte, que tem o n.° 3. No v. d'esta o *Prologo A o devoto Lector*, que vae até ao v. da fl. 4, numerada só na frente, como a fl. 3. A *Approvaçam dos eminentes e doctissimos, SS. Hahamim do K. K. de Amsterdam*, dada nesta cidade *a os 26 do mez de Nisan Anno. 5430.*, assignada Yschac Abuab e Moseh Raphael de Aguilar, occupa toda a fl. 5.ª, sem num.; no v. d'esta e mais de metade do r. da 6.ª, tambem innum., occorrem as *Approvaçoens dos eminentes e doctissimos SS. Hahamim de Hamburgo*, em lingua hebraica; o v. d'esta 6.ª fl. contém as *Erratas da estampa, que se devem correger...* A fl. seguinte, que corresponde á 7, tem a numeração de 5 e traz o *Prologo do primeiro traductor... que traduzio este Livro, do Arabico no Hebraico.*, e preenche as 4 ff. seguintes, numeradas 5, 6, 7 e 8, e termina: *Com isto darey principio ás palavras do Autor, implorando o favor & ajuda de Deus Bendito. Amen.* D'aqui em deante a numeração é por paginas, começado por 9 até 16. De 17 a 23 passa de novo a numerar-se por ff. Estas pp. e ff. são occupadas, desde a 9, pelo *Prologo do autor... Rabenu Bahie.* Segue-se uma fl. intercalar inn. contendo: *Esta he a disposição dos Tratados deste livro, por sua ordem.* Estes tratados são dez:

« O Primeiro Tratado, declara os requisitos da obrigação de creermos a Unidade de Deus com coração perfeito. — O Segundo, declara os requisitos da obrigação de Contemplarmos nas criaturas, & nos muitos beneficios que de Deus recebem. — O Terceiro, declara os requisitos da obrigação de receber o Serviço de Deus sobre nos. — O Quarto, declara as requisitos da obrigação de Confiarmos em Deus Bendito somente. — O Quinto, declara os requisitos da obrigação de Dirigirmos todas nossas obras a seu nome Santo, & apartarmos nos da hipocresia. — O Sexto, declara os requisitos da obrigação de mostrarmos Humildade & submissão diante de Deus. — O Septimo, declara os requisitos da obrigação da Penitencia, & suas circumstancias, & dependencias. — O Outavo, declara os requisitos da obrigação da Conta que o homẽ deve tomar a sua alma

por amor de Deus. — O Noveno, declara os requisitos da obrigação de Abstinencia, & qual dellas devemos professar. — O Decimo, declara os requisitos da obrigação do Amor de Deus, & seus graos. »

O texto começa na pag. 24, continuando a numeração até á pag. 31; d'esta passa á pag. 33, sem que falte nenhuma pelo seguimento do texto; d'ahi continúa sem interrupção até á pag. 438, ultima do livro.

Esta longa descripção seria excusada a não ser a necessidade de authenticar a identidade do exemplar que se expõe, á vista do que a seu respeito diz Innocencio da Silva, *Dicc. bibliogr. port.*, VII, pp. 228-9, que teve ensejo de examinar um exemplar muito bem tratado da obra, cuja descripção confere com o nosso:

« Barbosa, diz elle, ignorou totalmente a existencia do livro, e a do seu traductor, por isso que d'elles não faz menção alguma na *Bibl.* Ribeiro dos Santos aponta na verdade esta obra; mas parece que se refere unicamente ao testemunho e menção que d'ella encontrou em Wolfio e D. José Rodrigues de Castro, pois não nos diz que tivesse visto exemplar algum, ou noticia d'elle em Portugal; e o modo porque no logar citado indica os summarios dos tratados, me confirma ainda n'esta opinião. »

O exemplar visto por Innocencio é no seu conceito *o unico que hoje existe em Lisboa, e até em Portugal;* tendo apenas achado noticia de outro, *mencionado com a nota de raro*, accrescenta elle, no *Catalogo da bibliotheca de Isaac da Costa*, sob o n.º 2296: este colleccionador possuia tambem uma versão hespanhola da mesma obra, impressa em Amsterdão 5370 (A. de C. 1610), segundo o mesmo Innocencio.

Do traductor da obra apenas diz o seguinte o douto bibliogr. portuguez:

« *Semuel*, filho de Ishac Abaz, judeu portuguez, do qual somente se sabe que assistia em Amsterdam na segunda metade do seculo XVII, e que fôra Rabbino ou Doutor na Synagoga. »

Innocencio tinha a obra na conta de *egualmente rara e preciosa*.

O nosso exemplar, em bom estado de conservação, fez parte da Bibliotheca Real, cujo carimbo conserva.

É pois o 2.º exemplar que se conhece.

N.º 81. — Livro da Gramatica hebrayca & chaldayca Estilo breve & facil.

Dedicado a os Ss. Parnasim de Talmud Torà, & Thezoureyro de Hes-Haym. Por Selomoh de Oliveyra.

Em casa de David Tartas Por Semuel Teyxeyra 5449.

A data corresponde ao anno de 1689 da era de Christo. *In-8.º*, com o registro de *4.º*

O titulo e mais indicações da fl. de rosto se contêem em uma portada xylographada, em cujo alto se vê uma inscripção hebraica. A data, aqui fielmente transcripta, não tem entre parenthesis a sua correspondente na era vulgar *(1688*, aliás 1689), como dá erradamente Innocencio da Silva, *Dicc. Bibl. portuguez*, VII, pag. 226.

Compõe-se o livro de uma parte em portuguez, com 71 pp. num.; de outra parte nas duas linguas orientaes de que falla o titulo, e de uma como que terceira parte, com o seu titulo especial, nas tres linguas. Esta parte intitula-se:

« ... Hes-Haym Arvore de Vidas, Thezouro da Lingua Sancta ... Dedicado ... por Selomoh de Oliveyra... »

Depois do titulo da fl. de rosto vem a *Dedicatoria*, em 4 pp. preliminares inn.; a esta segue-se em fl. inn. a relação das materias comprehendidas no vol., que é a seguinte:

« Gramatica Hebraica... — Gramatica Chaldaica... — As Rayzes da Escritura... — O Chaldaico da S. S... — Alpha-Beta Hebraico... — Vocabulario Portuguez... — Rethorica Hebraica... — Poezia Hebraica... — Logica Rabinica...— Yndex dos Preceytos... »

Vem este livro, segundo affirma Innocencio da Silva, mencionado no *Catalogo* de Isaac da Costa, *com a nota de rarissimo.*

Nas *Memorias da Litteratura Sagrada dos Judeos Portuguezes* de Antonio Ribeiro dos Santos, publicadas nas *Memorias* da Acad. R. das Sciencias de Lisboa, se depara com o pouco que em nossa lingua se escreveu acêrca dos judeus portuguezes e da sua litteratura *extremada das preoccupações da sua crença.*

Expellidos de Portugal, foram procurar asylo na Haya, em Amsterdão, em Hamburgo, em Londres, onde viveram desassombrados de perseguições por motivos de religião e ali deixaram copia de si nas muitas obras que fizeram imprimir.

Com a que a Bibl. Nac. apresenta de Schelomão de Oliveira e a descripta sob o n.° 80, publicadas em Amsterdão, dá-se uma amostra do genero, não só quanto aos autores, como quanto ao lugar de impressão.

Segundo Ribeiro dos Santos, seguido por Innocencio da Silva, Selemoh ou Salomão de Oliveira era filho de David natural de Lisboa, e mestre dos judeus portuguezes de Amsterdão; falleceu por 1708. « Foi Grammatico que alcançou illustre nome pelas obras seguintes... »

Barbosa Machado, sob o nome *Schelemo de Oliveira*, diz d'elle que fôra mestre de Synagoga em Amsterdão, onde explicou com grande erudição o Talmud, e referindo-se ás suas obras accrescenta:

« Nellas se admira a vasta litteratura que tinha assim da intelligencia da lingoa Hebraica, e Chaldaica como da Astronomia, e Chronologia. »

O nosso exemplar pertenceu á Real Bibliotheca.

VALENÇA: VALENCIA.

(Valentia).

N.° 82. — Epístolas de sant Hieronimo.

Titulo impresso em vermelho, contido em uma larga portada aberta em madeira. Abaixo do titulo, comprehendido na propria portada, em uma só linha:

« Hieronimi epl'e pistrini rubiginis p̄lo. »

In-fol. peq., a duas colum., caract. goth., numerado por folhas, lettras capitaes e iniciaes ornadas; pequenas estampas xylograph. intercaladas no texto e duas maiores, uma no v. da fl. de rosto e outra no de uma das ff. preliminares.

No fim, em grandes caract. goth.:

« A gloria y loor dela sanctissima Trinidad padre hijo espiritu sancto: y dela sacratissima reyna delos ãgeles: Maria virgen: madre de dios abogada y señora nr̃a Fue imprimida la presente obra ẽla ĩsigne y coronada ciudad de Valẽcia: por Jorge costilla acabose a xxx. de henero año de nr̃a reparacion de Mil. D. xxxvj. »

Fallando de uma edição posterior, *Sevilla 1548*, diz Salvá no *Catalogo* da sua bibliotheca, II, n.° 3918:

« O traductor d'estas Epistolas foi o bacharel Juan de Molina, segundo os *encabeçamentos* da dedicatoria a D. Maria Enriquez de Borja, duqueza de Gandia, do da obra e do posto em uma especie de advertencia ao leitor, que se encontra no fim do volume. Não conheceu Nicolau Antonio a presente impressão *(de 1548)*, nem outra que possui em Londres, feita em *Valencia, por Juan Jofre*, M. D. XX., *fol.*, lettra gothica. »

Com effeito no ex. da presente ed., não mencionada por Salvá nem Graesse nem Brunet, lê-se a dedicatoria de que falla o primeiro, impresso o endereço em vermelho, contida em uma tarja aberta em madeira; dedicatoria que começa: « Epistola phemia *(proemial)* del Bachiller Juã de Molina sobre la presente obra... » E no fim do vol. a advertencia a que elle se refere, posta antes do colophão acima transcripto.

Graesse, v. *Hieroymus*, menciona a seguinte edição:

« — Sant Hieronimo Epistolas trad. en castellano por el Bachiller Juan de Molina. Valencia 1520. in-fol. Goth. Av. fig. en bois. » E em seguida a nossa e outras:

« Reproduit *Salam., Jorge de Castilla* 1526. in-fol. *Ib.* 1532. in-fol. *Burgos* 1554. in-fol. »

Como se vê, ou houve equivoco da sua parte, o que é mais provavel, dando a nossa edição como feita em *Salamanca*, ou com effeito se fez naquella cidade outra reimpressão no mesmo anno de 1526.

Nicolau Antonio, entretanto, increpado de omissão por Salvá, dá noticia da presente edição na sua *Bibliotheca Nova*, t. 1, pag. 744:

Epistolas de San Geronymo. Valentiæ apud Georgium de Castilla 1526. folio.

E diz do emerito traductor:

« João de Molina, de Ciudad Real em Castella a Nova, habitante de Valencia, quiz ser conhecido pelo appellido perpetuo de *bacharel* nos monumentos da sua industria que após si deixou: são estes monumentos as traducções em lingua castelhana de escriptores latinos seguintes... »

É singular, como terá notado o leitor, que todos estes bibliographos tenham inadvertidamente trocado uma vogal no nome do impressor, dando *Castilla* em vez de *Costilla*, como se lê claramente no nosso exemplar.

Salvá não menciona a presente edição.

Segundo P. Deschamps, *Diction. de géographie*, foi Valença a primeira cidade da peninsula iberica em que penetrou a imprensa: quatro annos depois da fundação de uma universidade e no mesmo anno em que os reis catholicos Fernando e Isabel subiam ao throno de Castella.

Fray Francisco Mendez, na sua *Tipografia Española, segunda edicion corrigida por Don Dionisio Hidalgo*, pp. 50 e seguintes, confirma este asserto, baseando-se no seguinte impresso, primeiro que com fundamento se assegura feito em Hespanha: *Certamen poetich, en lohor de la Concecio*, collecção de versos de trinta e seis poetas contemporaneos, pela mór parte naturaes de Valença, reunida por D. Bernardo Fenollar, distincto cidadão valenciano, para um torneio que ali se celebrou no dia da Encarnação, 25 de Março de 1474. Imprimiu-se *en Valencia, 1474, in-4.° Falta nombre de impresor.* « Todas estas circunstancias, conclue o autor, deciden á favor de la edicion de este libro en este año: y se corroboran con el final del siguiente... »

Refere-se á outra obra *sem titulo nem portada, como sucede en muchos de los antiguos*, de cujo prologo se infere que se intitula *Comprehensorium*: e por autor: *Juan*, e termina: « Presens huius Comprehensorii preclarum opus Valentie impssum. Anno. M. CCCC. LXXV... finit feliciter. *In-fol.* » Este livro serve igualmente de prova de que se exercia a arte da imprensa naquella cidade desde o anno anterior, 1474. No mesmo anno de 1475 imprimiram-se em Valença as obras de Crispo Sallustio, em 8.° gr., sem fl. de rosto.

Cita depois outras obras que successivamente se deram á luz naquella cidade, no que parece excusado seguil-o.

Quanto ao nome dos primeiros impressores de Valença difficil é chegar-se á conclusão satisfactoria. Do que porem nos refere Mendez na obra citada, e repete Deschamps, se deduz o seguinte:

De 1478 em diante fazem-se conhecidos os impressores de Valença. O veneravel p. Dr. Bonifacio Ferrer (irmão de S. Vicente Ferrer) passou do latim para a lingua limosina ou valenciana a Biblia Sacra, *molt vera e catholica*, que se imprimiu naquella cidade, *in-fol.*, *per mestre lambert palomar alamany mestre en arts... acabada* (de imprimir-se) *lo mes de Març del any mil CCCCLXXVIII.* Em 1482 o mesmo typographo, cujo nome regular é *Lambert* ou *Lambrecht Palmart*, de naturalidade allemão, auxiliado por um compatriota, *Philipp Vizlant* d'Isny, no Wurtenberg, imprimia a *Cosmographia* de Pomponio Mella, *in-4.°* Tinham vindo estabelecer-se em Valença em 1473 ou 1474, e associados a um commanditario burguez da cidade, *D. Alfonso Fernandez de Cordoba*, crearam assim a primeira imprensa hespanhola.

Esses incunabulos da proto-typographia valenciana, de ha longo tempo rarissimos, são verdadeiras e inestimaveis preciosidades.

De Jorge de Costilla, impressor d'estas *Epistolas de Sant Hieronimo,* nenhuma noticia encontrámos nas obras especiaes.

O exemplar exposto pertenceu á Real Bibliotheca.

SARAGOÇA: ZARAGOZA.

(Cæsaraugusta).

N.º 83. — Las quatorze decadas de Tito Liuio hystoriador delos Romanos: trasladadas agora nueuamente del latin en nuestra lẽgua castellana. La primera: tercera y quarta enteras segun en latin se hallã: y las otras onze segũ la abreuiaciõ de Lucio floro. In-fol.

O Sñr. Antonio José Fernandes de Oliveira faz d'este livro a seguinte descripção nos *Annaes da Bibliotheca Nacional:*

« O titulo está impresso em quatro linhas, com lettras vermelhas, por baixo de um escudo das armas imperiaes, illuminado a côres amarella, preta, verde e encarnada. No verso vê-se uma grande estampa, gravada sobre madeira, representando um rei sentado no throno cercado pelos grandes da côrte, e destacando-se do grupo uma figura que parece representar o autor, offerecendo o seu livro ao soberano. Nas duas folhas immediatas se acham: a dedicatoria a Carlos V pelo traductor, e advertencias.

« Impresso em typo gothico, contem o volume 533 ff. num. de um só lado, e mais 9 inn. com o colophão, que em seguida copiamos, e a *Tabla* ou indice:

« Aqui se da fin & conclusiõ alas decadas del clarissimo
« orador Tito liuio: hystoriador delos hechos delos Romanos:
« segun la translacion q̃ dellas hizo (agora nueuamente en ñra
« lengua castellana) el reuerẽdo padre fray Pedro de la vega
« de la orden delos frayles de sant Hieronymo. Imprimidas en
« la noble y Cesarea ciudad de çarogoça: por industria y
« espezas del experto varon George Coci Alemã de nacion: y
« morador en la dicha ciudad. Acabarõse a veynte y quatro dias
« del mes de Mayo. Año de mil quinientos y veinte. »

« Este colophão está impresso com tinta encarnada e preta e sobreposto a um escudo com as armas de Coci, tendo as mesmas côres.

« De todos os bibliographos que consultámos, nenhum como Salvá descreve com mais minuciosidade e exacção a edição presente, que é rara e de grande valor bibliographico. Nicoláu Antonio de certo a não conheceu, pois é de modo duvidoso que falla em fr. Pedro de la Vega como traductor das Decadas de Tito Livio, sem animar-se a transcrever siquer o titulo d'essa excellente versão.

« Para provar que não é exaggerada a apreciação que fazemos quanto ao merito d'este paleotypo, basta citar as palavras escriptas por Salvá sobre este assumpto:

« Este magnifico volúmen es sin disputa el más perfecto « que salió de las prensas del distinguido Jorge Coci, y con « dificultad podrá presentarse otro que le aventaje en belleza « tipográfica y hermosura de papel entre todas las que se pu« blicaron en España y fuera de ella en el siglo XVI. »

. . . .

Esta edição de 1520 foi, ao que parece, reproduzida com melhoramentos e correcções feitas por Arnaldo Byrckmann em Colonia Agrippina, 1553, in-fol., e, si é exacto o que nos assevera Graesse *Trésor des l. rares*, tambem em Medina del Campo em 1562, 3 vols. in-fol.

Da edição melhorada por Byrckmann se fez a reimpressão moderna de *Madrid*, *Imp. Real*, 1793-96, 5 vols. in-4.º

« Fr. Pedro de la Vega nasceu em Burgos e recebeu o habito da ordem de S. Jeronymo em N. S. do Prado de Valhadolid; seguiu d'ahi para o Collegio de Siguenza afim de aperfeiçoar-se nos seus estudos, e conseguindo tornar-se distincto entre os seus mais distinctos companheiros, mereceu ser escolhido por fr. Francisco de Urera, geral da ordem, para dirigir o trabalho da impressão dos breviarios e missaes, de que a mesma ordem havia grande mister. Profundo latinista, versado em diversos ramos dos conhecimentos humanos, partiu fr. Pedro para Saragoça, onde existia então a melhor typographia de Hespanha, dirigida pelo celebre Jorge Coci, afim de fazer executar o trabalho de que fôra encarregado; terminado que foi, voltou para o seu convento, recebendo as felicitações dos companheiros, e dizendo-lhe a consciencia que bem cumprira a sua missão.

« Pouco depois voltou a Saragoça, encarregado ainda de diversos trabalhos, e ahi professou de novo no convento de Santa Engracia no anno de 1515.

« Eleito vigario, foi em seguida elevado ao priorato, sendo depois nomeado para igual cargo no convento de Villaviçosa. Cinco vezes exerceu o cargo de prior, tal era o apreço em que o tinham os seus irmãos, tal a justiça que faziam ás suas virtudes e talentos. Finalmente, no anno de 1537 foi escolhido para geral da Ordem, á qual, quer neste cargo, quer nos que anteriormente exercêra, prestou grandes e valiosos serviços, fallecendo a 19 de Setembro de 1541, querido e pranteado por quantos o conheciam. »

A illustre cidade de Saragoça, cabeça do reino de Aragão, não foi das menos solicitas em attrahir o invento sublime que Gutenberg dera ao mundo ; em 1475 imprimia ahi Matheus de Flandres o seu *Manipulus curatorum*.

Paulo Hurus é o segundo typographo, cujo nome occorre nos incunabulos cesaraugustanos ; depois d'elle vem uma sociedade composta de Jorge Coci, Leonardo Butz e Lopo Appenteger, que subscrevem as — *Constitutiones* — impressas em 1500.

Resta-nos ainda um ponto curioso d'este volume. É todo elle ornado de estampas gravadas em madeira e intercaladas no texto. Sobem estas estampas ao numero avultado de 328. Estas xylographias constituem um documento precioso para a historia da arte na Hespanha, e têem ainda tal ou qual valor como representação de documentos da epoca. Pouco se sabe sobre os primeiros annos da arte xylographica na peninsula, mas, quando não foram outras razões, bastára a inspecção das paginas d'este livro para concluir-se que foram allemães os que importaram este melhoramento. As gravuras que illustram as Decadas de 1520 têem todo o caracter gothico, duro e primitivo da velha escola saxonica.

É, pois, ainda pelo lado iconographico, interessante e digno de apreço este incunabulo hespanhol.

Pertenceu á Real Bibliotheca, cujo carimbo conserva.

BARCELONA.

(Barcino).

N.º 84. — Chroniques de Espãya fins aci no diuulgades : que tracta d'ls Nobles Juuictissims Reys dels Gots : y gestes de aquells :

y dels Cōtes de Barcelona: e Reys de Arago: ab moltes coses dignes de perpetua memoria. Compilada per lo honorable y discret mossen Pere Miquel Carbonell: Escriua y Archiuer del Rey nostre senyor. e Notari publich de Barcelona. Nouament imprimida enlany. M.D.xlvij.

Em dialecto catalão.

Titulo impresso em vermelho e preto contido em uma tarja xylographada; abaixo do qual e dentro da mesma tarja uma vinheta diversa de outra que vem no fim do vol. e é a marca do impressor. Bella amostra das impressões do tempo, apesar da sua pouca nitidez; em caract. goth., a duas columnas; notas marginaes; lettras capitaes e iniciaes ornamentadas; numeração romana por ff.; com registro.

Depois de uma *Taula dela present obra*, que occupa 3 ff. inn. prel., começando no v. da fl. de rosto, segue-se, na 5.ª, que é o *folio 1.º*, o texto, contida esta 1.ª fl. dentro de orla igual á do frontispicio: « Chronica: ohystorya de Espanya Composta: e hordenada: per Pere Miquel carbonell... », que vae até á fl. CCLVII v. A esta segue-se uma fl. em branco, a ultima do livro, na qual se lê: « A lahor y gloria de nostre senyor deu Jesuchrist: y dela humil verge Maria: es acabada la present obra delas Chroniques de Cathalunya tretas del Archiu Real per lo honorable e discret mossen ... estampat en la insigne Ciutat de Barcelona per Carles Amoros y ha despesas de mossen Jaume manescal ... y mossen Jonot trinxer Mercaders de libres Ciutadans dela dita Ciutat de Barcelona a. XV. de Noembre. Any. M.D.xxxxvj. J. C. »

Segue-se, na mesma pagina, o registo e abaixo d'este a marca do impressor, fielmente reproduzida por Salvá, II, n.º 2855, na descripção que faz da obra, que confere com a do exemplar que a Bibliotheca Nacional expõe, salvo uma visivel falha na transcripção do colophão.

Eis o que a respeito da presente edição diz o erudito bibliographo hespanhol:

« Nic. Antonio menciona uma edição de *Barcelona 1536*, a qual si existe, do que duvido, deve ser summamente rara, pois nunca a vi. Da de 1546 passaram-me pelas mãos pelo menos doze exemplares e talvez entre todos não havia dois completos e em bom estado: geralmente carecem da ultima fl., que é a que contêm os signaes da impressão e a sua data;

é sem duvida a esta circumstancia que se deve o terem alguns bibliographos supposto que existe terceira edição, de 1547, data do frontispicio. »

Nicolau Antonio, effectivamente, sob o nome *Petrus Michael* (vulgo *Pere-Miquel) Carbonell*, transcrevendo resumidamente o titulo da obra, a dá como primeiramente impressa em Barcelona em 1536 *in-fol.*, e depois em 1547 no mesmo formato. E accrescenta que o autor começára a escrevel-a em 1495 e a concluira em 1513. Graesse, reportando-se a Brunet, diz que a edição que elle cita de 1547 não existe: « vem-lhe esta supposição, ajunta elle, de estar aquella data no titulo da edição de 1546; ha porem uma anterior, *Barcelona, 1536, in-fol.* » Brunet todavia apenas diz, depois da transcripção do titulo: *Barcelona, Carles Amoros, 1546,* (1547 no titulo), *in-fol. goth.* Já se vê que Brunet a tem por uma e mesma edição.

Foi Barcelona, no dizer de Mendez e outros escriptores castelhanos, uma das primeiras cidades da Europa que mais cedo adoptaram o admiravel invento; « á lo menos, diz Capmany, citado por Mendez, se reputa por la primera que en España hizo sudar la prensa, consagrando sus primicias á la impresion de la *Catena aurea* de Santo Tomas por los años de 1471. » Pedro Miguel Carbonell, autor contemporaneo citado por Capmany, *apud* Mendez, assevera que a imprensa começou a ser conhecida na corôa de Aragão no reinado de D. João II, isto é, desde 1458 até 1476. « Vemos, escreve elle, que Barcelona mui cedo converteu aquelle ramo de industria em artigo de commercio activo. » A proposição de Capmany é sustentada por D. Jaime Ripoll Vilamajor, fazendo descripção minuciosa de um livrinho *in-8.°* de 50 ff., encontrado na livraria dos Trinitarios descalços de Barcelona e ali impresso por João Gherling, allemão, no anno *a nativitate Christi M.CCCC.LXVIII.* Deschamps, porem, no seu *Dict. de géogr.* refuta todas estas asserções e conclue por admittir, com Panzer, Nic. Antonio e La Serna, embora com reservas, que o primeiro livro impresso em Barcelona, *J. Valesci Tarentini opus de Epidemia et Peste,* traduzido em catalão por Juan Villar, é de 1475.

Na opinião de Deschamps *os dois primeiros impressores authenticos de Barcelona* são dois estrangeiros, Nicolau Spindeler, allemão, e Pedro Bru ou Bruno, saboyano, que associados ali estabeleceram uma typographia *de certa importancia* desde 1478, data que se encontra na primeira obra sahida dos seus prelos.

Não vemos mencionado por nenhum dos citados bibliographos o nome do nosso impressor, *Carles Amoros*, d'entre os que exerceram a arte naquella cidade. G. Brunet, porem, no seu *Dict. de bibliologie catholique*, columna 932, escreve:

« Indicam os bibliographos 1473 ou 1475 como o anno em que a typographia se estabeleceu em Barcelona; fallou-se até do anno de 1468, mas o asserto parece duvidoso. Pedro Bruno e Nicolau Spindeler imprimiram naquella cidade desde 1478; o primeiro associou-se a um padre, Pedro Posa; o segundo trabalhou até 1506. Assignalam-se tambem Pedro Miguel, 1481-98; Matheus Vendrell, 1484; João Baro, 1493; João Rosenbach, de Heidelberg, 1493 a 1526; Jacques de Gumiel, 1494-97; e *Charles Moros* (sem data). Pode-se accrescentar o allemão João Luchner que, de 1495 a 1503, imprimiu ora em Barcelona, ora no convento de Montferrato. »

O nosso exemplar, completo e em excellentes condições de conservação, graças á restauração por que passou, pertenceu á Real Bibliotheca.

SEVILHA: SEVILLA.

(Hispalis).

N.º 85. — Quinto Curcio Historia de Alexandre magno.

No fim, á ff. ciiij:

« Enel nombre de dios todo poderoso amē. fenesce el dozeno libro d'la ystoria de Allexādre magno fijo de Felipo rey de macedonia: escripta de Quinto Curcio ruffo muy enseñado: & muy abundoso en todo. & sacada en vulgar: al muy sereno principe Felipo maria tercio duque de Milan & de Pauia & conde de aguera: & señor de Genoua: por Pedro candido dezimbre su sieruo. El qual fue impresso enla muy noble & muy leal civdad de Seuilla. por Meynardo vngud aleman: & Lançalao polono compañeros. acabose a. xvj. de mayo. año de mill y quatrocientos y nouenta y seys. »

In-fol. peq., a duas columnas, em caracteres goth., lettras iniciaes e capitaes ornadas, numeração romana, com registro, sem *reclamos*.

Na fl. de rosto uma gravura em madeira, representando

Alexandre, divide o titulo em duas partes. Este é impresso em grandes caract. goth., chamados de missal.

Ao colophão acima transcripto segue-se a marca dos impressores com as iniciaes dos seus nomes *M.* e *S.* Esta marca vem reproduzida em Mendez, *Tipografia Española*, pag. 109. Silvestre não a traz.

Mendez, *op. cit.*, pag. 349, dando noticia da obra, diz:

« Candido Decimbre traduziu-a do latim para o italiano e imprimiu-se em Florença 1478. Luiz Fenoller traduziu-a para o *limosim* e publicou-se em Barcelona 1481: esta traducção passou para o castelhano em 1496. »

O nosso exemplar contém, do verso da fl. de rosto até ff. 4, a *Tabla deste presente libro:* estas ff., preliminares, não têem numeração. Segue-se o texto, o qual principia pelo *Libro tercero*, fl. j, e começa: « Aqui comiença la ystoria de Alexandre magno... sacada en vulgar fielmente de Pedro candido. Enla qual ay doze libros: & es este el tercero libro: & mengúa el primero & el segundo: que en la nuestra edad non se hallan. »

O livro fecha com a « Comparacion de Cayo julio cesar... & de Alexandre magno rey de Macedonia de Pedro candido ordenada. » Este parallelo occupa de fl. cv á fl. cviij, ultimas do volume e que occorrem depois da subscripção.

Tratando da edição que da *Vida de Alexandre* ainda se fez na mesma cidade de Sevilha em 1534, de cuja dedicatoria se verifica que a traduzira de Quinto Curcio *Gabriel de Castanheda*, que lhe accrescentou os capitulos que faltavam, diz Salvá da nossa:

« Diosdado Caballero falla de uma versão castelhana de Quinto Curcio, publicada *em Sevilha por Ungut e Polono em 1496*, que ignoro si será a de Gabriel de Castanheda; apesar de que suspeito que seja differente e quiçá a primeira edição da que descreve Mendez no t. II msc. da *Tipografia* do modo seguinte... » A descripção que se segue confere com a do nosso exemplar, posto que esta edição seja de *Juan Varela de Salamanca*, *do anno de 1518*, como o proprio Salvá na sua transcripção declara.

Mendez, citado por Salvá, accrescenta que ha quem supponha que Pedro Candido traduziu a obra de Curcio para a lingua toscana, mas ignora-se quem a passou d'esta para a castelhana e que *de esta traduccion hai una edicion de Sevilla del 1496...*

A traducção castelhana impressa em Barcelona em 1481, descripta por Salvá, a dá elle como feita por Pedro Candido *de lati en tosca e per Luis de fenollet en la present lengua va-*

lenciana trasferido, o que já nos havia dito Mendez no lugar acima citado.

Com effeito, no *Bibliothecæ Regiæ Catalogus (Londini*, 1824), vemos mencionadas mais de uma edição d'essa traducção e em primeiro lugar:

« Istoria di Alessandro Magno, tradotta in volgare da Pietro Candido Decembrio, incominciando dal terzo Libro... *apud Sanctum Jacobum de Ripoli*, Florentiæ, 1478, *fol. min.*, *caract. lat. cum sign.* Edizione prima. »

A obra que a Bibliotheca Nacional expõe é pois trabalho dos primitivos impressores de Sevilha, o que lhe dá o mais alto valor bibliographico.

A arte de imprimir estabeleceu-se pela primeira vez naquella cidade, segundo Melchor de Cabrera citado por Mendez, importada em 1476 por João de Leão, *eminentisimo en el arte tipográfico*, o que todavia não parece incontestavel. É fóra porém de duvida para Deschamps, *Dict. de Géographie*, que data de 1477 a importação da imprensa em Sevilha, a *Hispalis* dos latinos, que foi a quarta cidade de Hespanha a gosar do maravilhoso invento: ainda mais, foram hespanhoes os seus primeiros impressores. O primeiro livro com data certa, sahido dos prelos sevilhanos, é o de *Alfonso Diaz de Montalvo*, impresso naquelle anno de 1477, *in-fol.*, a 2 colum., caract. goth. peq., descripto por Deschamps. Imprimiram-n'o Antonio Martines, Bartholomeu Segura e Affonso do Porto, *cuyos apellidos parece no dejan duda de que son españoles*, assim como a obra intitulada *Sacramental*, de Clemente Sanchez de Vercial, no mesmo anno, *in-4.*°

Enumerando os mais afamados typographos sevilhanos Deschamps dá os nomes de *Meynardo Ungut* e *Stanislau* (Lanzalao) *Polono*, impressores da presente edição de Quinto Curcio e aos quaes se deve a impressão das *Ciento Novelas de Juan Boccacio*, do mesmo anno de 1496, *in-fol.*, goth. O polaco Stanislau passou-se depois para Alcalá, de onde existe uma impressão sua de 1503. O nome d'este impressor vem em uma de suas edições *Ladislaus*, o que nos parece mais conforme com o que lhe dão os hespanhoes, apesar de que a inicial usada na sua marca typographica social é um *S*, como vimos.

Da presente edição diz Brunet:

« Uma trad. hespanhola de Q. Curcio, impressa em Sevilha em 1496, *in-fol.*, é citada por Caballero. É talvez a mesma que a de Gabr. de Castanheda, que appareceu em Sevilha, em casa de Cromberger, 1534, *in-fol.* goth. »

Dos prelos sevilhanos possue a Bibliotheca Nacional um

raro e precioso exemplar dos *Tratados del doctor alonso ortiz... imprimido por tres Allemanes cõpaneros. Enel año del señor.* M. CCCC. xciij, *in-fol.* goth., que tambem lhes faz honra. Por se referir a tão notaveis mestres da arte de imprimir julgamos opportuno transcrever o que d'elles diz Salvá no seu *Catálogo.*

« Os tres *allemães companheiros* que realisaram esta bella impressão foram João Pegnizer de Nuremberga, Magno e Thomaz, cujo *escudo* se encontra no fim do volume. Comparando-o com o que vem nas *Siete Partidas* de 1491, verificar-se-ha que é bastante parecido com aquelle, consistindo a differença mais notavel em haver-se supprimido no presente as iniciaes de Paulo de Colonia, que já havia sem duvida deixado a sociedade. »

Ainda a proposito dos primeiros impressores de Sevilha diz Don Rafael Floranes nos seus *Apuntamientos sobre la imprenta,* publicados na 2.ª edição da citada *Tipografia Española* de Mendez, que quasi que se estabeleceram em Sevilha quatro typographias ao mesmo tempo, a de Tallada, a de Paulo de Colonia e companheiros, a de Ungut e socios e a de Pedro Brun e Juan Gentil. « Prova, ajunta elle, da grandeza, riqueza, fama e muito commercio d'aquella insigne cidade. Em outro tempo pretendiam os barbaros germanos entrar em Hespanha com exercitos armados para destruil-a; agora apparecem nella em companhias pacificas, para instruil-a com as doçuras de uma *arte exquisita,* que torna immortaes as producções do seu engenho, como tinha a arvore do paraiso a virtude de preservar da morte os que provavam do seu fructo. »

Floranes referia-se ao anno de 1493.

« Dois annos depois, continúa elle, em 1495, deram estes mesmos allemães, na mesma cidade de Sevilha, os *Proverbios de Séneca,* que foram reimpressos em 1500, ainda ali, *por industria y arte de Jhoannes pegnizer de Nuremberga y Magno herbst de fils.* »

Para fechar o cyclo dos afamados propagadores da arte civilisadora por excellencia naquella parte da peninsula, diremos ainda com Floranes que a sociedade typographica dos allemães Ungut e companheiros permanecia em Sevilha em 1498; nesse anno concluiram elles a impressão da notabilissima obra a *Peregrina,* do bispo de Segovia D. Gonzalo Gonzales de Bustamante, com a douta e extensa *glossa* denominada *Bonifaciana,* do nome de seu autor o dr. Bonifacio Peres Lisboa, jurisconsulto portuguez que acompanhou á Castella a rainha D. Joanna, mulher de Henrique IV e filha d'el-rei D. Duarte. No anno seguinte, 1499, imprimiram elles na mesma cidade *Las trescientas* de Juan de Mena. Lanzalao Polono, um

dos da referida sociedade, passou-se depois para Alcalá de Henares, como já se disse.

O nosso exemplar do *Quinto Curcio, Historia de Alexandre*, representa dignamente o producto da imprensa naquella importante cidade de Hespanha na infancia da arte. Está em bom estado de conservação. Pertenceu á Real Bibliotheca.

N.º 86. — Suma de geographia q̃ trata de todas las partidas & prouincias del mundo: en especial delas indias. & trata largamẽte del arte del marear: juntamẽte con la espera en romãce: con el regimẽto del sol & del norte: nuevamente hecha.
Con preuilegio real.

No fim: « Fenece la suma de geographia... Fue impressa enla nobilissima & muy leal ciudad de Seuilla por Jacobo crõberger alemã enel año d'la encarnacion de nuestro señor: de mil & quinientos & diez & nueve. »

In-fol. peq., sem numeração, caracteres goth., lettras capitaes ornadas, notas marginaes, com registro, sem *reclamos*.

O titulo vem contido em uma tarja ornamentada, aberta em madeira, occupando a parte inferior: a metade superior é preenchida por uma esphera armillar, igualmente xylographada.

No v. da fl. de rosto vem o *Previlegio real*, que começa:

« Por quãto por parte de vos el bachiller Martin fernãdes de enciso... »

É o nome do autor, como mais claramente se vê na fl. seguinte. No alto d'esta lê-se na dedicatoria:

« Suma de geographia q̃ trata ... Fecha por Martin fernãdes denciso... »

Na fl. seguinte *Começa la obra*, que comprehende 75 largas ff. com a de rosto e a dedicatoria.

Salvá não faz d'ella menção no seu catalogo. Graesse menciona-a e mais duas edições posteriores. Brunet, annunciando-a, accrescenta:

« Livro curioso, porque é o primeiro tratado de geographia impresso em Hespanha, no qual se deparam com pormenores acêrca da America. Antonio (*Nicolau Antonio*) cita

o sub-titulo um tanto diverso do que acabamos de dar segundo a *Biblioth. heber.* ... e indica uma segunda edição, de 1530, pelo mesmo impressor, *in-fol.* de 58 ff. assim como uma terceira, por Andres de Burgos, 1546, do mesmo formato. »

Brunet pois não viu nenhuma d'estas edições, incluida a nossa, que é a primeira e, como se vê, rarissima.

O autor da *Bibliotheca Hispana Nova*, t. II, pag. 101, col. 1.ª, mencionando a obra de *Encisso, alguazil mayor de Castilla*, dá o titulo que se vê no nosso exemplar si bem que em castelhano moderno, e as seguintes indicações: *Hispali apud Jacobum Cromberger 1519. in-fol. iterumque 1530. tertio item apud Andream de Burgos 1546. in-fol.*

Suppos-se ter havido uma ed. anterior: com effeito F. Mendez, na sua *Tipografia española*, 2.ª edição, pag. 84, diz:

« Suma de Geographia por Martin Fernandez Denciso. En Sevilla 1482.

« Dudo ó niego que haya tal edicion, pues segun D. Nicolas Antonio, no pudo alcanzar el autor á este tiempo... »

Ao que accrescenta D. Dionisio Hidalgo, seu continuador:

« Está bien dudado, y mucho mejor negado: porque efectivamente la primera edicion de esta obra fué la de Sevilla en casa de Jacobo Cromberger, aleman, ãno de 1519, con privilegio que para ella le dió el rey y emperador D. Carlos (á quien la dedica)... »

Panzer, nos seus *Annales Typographici*, IX, pag. 475, n.º 32 b., apenas cita a edição de 1530, de João Cromberger, feita na mesma cidade de Sevilha, tambem *in-fol.*, com 58 ff. Leclerc na sua *Bibliotheca Americana*, pag. 51, n.º 192, diz:

« Enciso (M. Fernandez de). Suma de geographia que trata de todas las partidas y provincias del mondo, en especial de las Indias (à la fin:) Seuilla, Juã Cromberger, 1530, in-fol., gothique, vel. »

E accrescenta: « Volume mui raro e *infinitamente precioso* pela descripção geographica da America... Esta obra foi impressa pela primeira vez em 1519. Reimprimiu-se em 1530 e 1546. » E cita um trecho de Harrisse, que vemos na breve noticia que dá da obra o nosso *Cat. da Exp. de Historia do Brazil*, sob o n.º 2:

« Segundo se vê da *Bibl. Amer. vetustissima* de Harrisse, onde a obra vem minuciosamente descripta, o autor da *Suma de geographia* veio ao Novo Mundo com Rodrigo de Bastidas, foi o planejador da expedição de Vasco Nuñes de

Balboa, e acompanhou a Ojeda em sua viagem ao continente; Enciso se estabelecêra a principio em S. Domingos.

« The account of America is principally from his own observations (Rich.) »

« É obra rarissima. »

Ternaux, pag. 4, n.° 20, classifica-a: « C'est le premier livre espagnol, qui traite de l'Amérique. » E cita exactamente a nossa edição.

O exemplar que a Bibliotheca Nacional expõe pertenceu á Real Bibliotheca.

N.° 87. — Epistolas del glorioso dotor sant Hieronymo. Agora nuevamente impresso y emendado. 1532.

Con priuilegio Ymperial.

In-fol., caract. goth., em vermelho e preto, lettras capitaes e iniciaes ornamentadas, com registro, sem *reclamos*, frontispicio xylographado, um retabulo com a imagem de S. Jeronymo, ambos coloridos. A declaração do *priuilegio* no alto da fl. de rosto.

As primeiras 9 ff., com a de titulo, numeradas, contêem:

No v. da fl. de rosto uma gravura em madeira, colorida á mão que toma toda a pagina. A fl. II, r. e v., « Epistola prohemial del Bachiller Juan de Molina... Dirigida ala Illustre y muy. R. Señora Doña Maria Enrriquez de Borja: Primero Duquesa de Gandia. Y agora... Abadessa dignissima de sancta Clara... » As ff. III *usque* VIII r., « Tabla dela presente obra. » No v. d'esta ultima fl. reproduz-se a estampa do v. da de rosto.

Da fl. IX em deante o texto, que começa pelo seguinte titulo impresso em tinta vermelha:

« Comiēçan las epistolas del glorioso santo y muy esclarecido doctor... el bienauenturado señor san Jeronymo... partidas en Libros... por el bachiller Juan de Molina: natural de ciudad Real... »

A obra divide-se em sete livros e consta o vol. de CCIV ff. numeradas á romana. No v. da ultima occorre a dedicatoria do traductor, cujo nome se perpetuou addicionado do seu titulo de *bacharel*.

Na fl. que se segue, sem numeração, vem a subscripção

em grandes caract. goth., em tarja floreada, com que termina o volume:

« A gloria y loor dela santissima Trinidad padre hijo y espiritu santo... Fue imp̃mida la p̃sente obra enla ĩsigne & muy leal ciudad d'Seuilla. En casa d'l Jurado Juã Varela de Salamãca cõ p̃uilegio real y Jmperial dõde largamẽte se contienẽ las penas por diez Años puestas: al q̃ la imprimiere en toda castilla o de otra parte ĩpressa la vẽdiere. Acabose a. xxv. de Junio. Enel año de nr̃o Reparacion de mill y quiniẽtos y Treynta y dos años. »

É reimpressão, como se vê, da obra precedentemente descripta sob o n.º 82, e tão rara como ella. Salvá, como já se viu, menciona apenas a ed. de 1548, da mesma cidade de Sevilha, e refere-se á uma ed. de Valença, 1520, *por Juan Jofre*, da qual possuiu um exemplar em Londres. No fim do nosso lê-se a seguinte nota msc.: « A prim.ra impressão em Valença em caza de Ioão Iofre anno 1520 folio. »

Salvá pois não conheceu a presente edição. Brunet não cita nenhuma das edições da traducção castelhana d'estas Epistolas. Graesse, como se viu no alludido artigo, menciona a de Valença, 1520, e refere-se á de Jorge de Castilla (aliás *Costilla*), *Salamanca* (aliás *Valencia*), 1526, *in-fol.*; á da mesma cidade de *Salamanca* (aliás *Sevilla*), 1532, *in-fol.*; e *Burgos*, 1554, *in-fol.* tambem. Graesse dá assim a nossa como feita em *Salamanca*, pois como tal se deve tomar a expressão *ib* de que usa, do que se segue que não a viu, e de onde se conclue a sua raridade.

A respeito da introducção da imprensa em Sevilha nenhuma noticia deve merecer mais confiança do que a que nos subministram Mendez e o seu continuador na obra citada, *Tipografia Española*, no trabalho especial de Don Rafael Floranes— *Apuntamientos sobre la imprenta* em Hespanha. De suas investigações se verifica que em 1485 foi que se generalisou na peninsula o maravilhoso invento que faz de Gutenberg um semi-deus. « No citado anno 1485, diz o douto investigador, a achamos *(a arte de imprimir)* tambem introduzida em Sevilha e, o que é mais digno de apreço, servida por um *Mestre* natural do paiz. Tal é o impressor Antonio Martinez de la Talla, em cuja officina sahiu ali impresso aquelle anno o *Espejo de la Cruz*, livro de autor anonymo italiano, traduzido em romance pelo chronista Affonso de Palencia... » Dos outros typographos primitivos de Sevilha, Paulo de Colonia, João Pegniczer de Nuremberg, Magnus de Herbst, Thomaz Glockner, allemães, trata particularmente o autor, a quem recorrerá com vantagem o que desejar maiores in-

formações. La Caille, na sua *Histoire de l'imprimerie, &*, dá como primeiros impressores de Sevilha os allemães supracitados, que imprimiram de parceria *Floretum Sancti Matthæi... in-fol.*, e *Alphonsi Tostati opera*, igualmente *in-fol.*, ambos em 1491. Cita depois Maynardo Ungut allemão e Ladislau polaco, de quem já aqui se tratou no n.° 85, e a sua edição da *Cronica del Rey Don Pedro...* 1495, *in-fol.*

O que parece pois mais certo é que a imprensa fôra introduzida em Sevilha por João de Leão em 1476, mas só mais tarde se generalisou e tomou mais largo desenvolvimento.

Deschamps, no seu excellente diccionario de geographia, menciona, d'entre os typographos de mais nomeada de Sevilha, a *Juan de Varela*, impressor da presente edição das *Epistolas* do senhor são Jeronymo. No *Dictionnaire de bibliologie catholique* de Gustavo Brunet publicado pelo abbade Migne, figura o nosso impressor *Juan de Vorela* (seguramente *Varela*), no trecho seguinte, col. 933:

« Meynard Ungut e João Pegniszer de Nuremberg imprimiram em 1496 em Granada a *Vita Christi.* Depara-se depois d'elles em 1505 com *Juan de Vorela*, que trabalhou em Sevilha de 1511 a 1534. »

O exemplar exposto é um bello *specimen* das impressões sevilhanas, valioso por si mesmo e pela sua raridade: pertenceu á Real Bibliotheca.

SALAMANCA.

(Salmantica).

N.° 88. — (Lvcii Marinei De Hispaniæ lavdibvs libri VII.)

S. l. n. offic. n. d., in-fol. de LXXV ff. num. só pelo anverso.

Obra rarissima, minuciosamente descripta por Salvá sob o n.° 3021.

Eis a descripção d'ella:

Fl. I, r.; completamente em branco.

Fl. I, v.: « Ad magnanimvm et illvstrem ac virtvtis cvltorem Rodericvm Pementellvm Benaventi Comitem Clarissimvm Lvcii Marinei Sicvli Præfatio », que vae até fl. III, r.

Fl. III, v.: Versos latinos de « Rodericus Manricus », « Arius barbosa », e « Petrus martyr ».

Fl. IIII, r.; Começa a obra: « Ad Rodericvm Pementellvm Comitem Benaventanvm virvm magnanimvm et illvstrem Lvcii Marinei Sicvli de Hispaniæ lavdibus Liber primvs incipit ».

Fl. LXXIII, r., *in fine:* « Libri septimi et vltimi finis ».

Idem, v.: « Lutius marineus siculus Rodorico pementello benauenti comitis filio uiro docto atque magnifico salutem dicit ».

Fl. LXXIIII, r.: termina a epistola precedente, e segue-se: « Lutius marineus siculus Rodorico Mãrico salmantini gymnasii rectori clarissimo salutem ».

Fl. LXXIV, v. — LXXV, r.: Versos latinos do autor, sob o titulo: « Siculus alloquitur librum suum ».

O verso da fl. LXXV está em branco.

Na descripção de Salvá seguem-se 2 ff. inn. de indice que faltam ao nosso exemplar.

Impresso em lettra redonda com capitaes ornadas e *reclamos* ou chamadas para o texto collocadas nas margens.

Diz, a respeito d'esta obra, o douto bibliographo castelhano:

« He descrito este volúmen con tanta escrupulosidad por su estremada rareza; efectivamente, solo Nic. Antonio lo menciona entre todos los bibliógraphos. — El papel es magnifico, y de hermosa letra redonda la impresion, que demuestra ser del siglo XV. y de Salamanca. Aun cuando los tipos y demas circunstancias no fueran bastantes para justificar mi opinion, no me deja lugar á dudas que es del año 1496 ó principios del 97, el hallarse entre los elogios de los varones ilustres contenidos en ella el del principe D. Juan, hijo de los reyes Católicos, á quien supone entonces de diez y seis años, y ensalza la instruccion que le habia dado Fr. Diego Deza; y al hacer el panegirico de este prelado hácia el fin del tomo, dice que era obispo de Salamanca y anteriormente maestro de aquel principe. Fr. Diego Deza fué agraciado con el obispado en 1496: en 7 de Octubre de 1497 murió en aquella ciudad el principe D. Juan, de diez y nueve años de edad, y su preceptor pidió en seguida se le trasladasse á otro punto, lo cual se verificó en 1498, pasando á la silla de Palencia. De consiguiente, si la impresion, hecha segun dice al fin tan de prisa que no habia dado tiempo á su autor para releerla, fuera posterior á este año, ni hablaria del principe D. Juan como á vivo en su elogio, ni hubiera dejado de mencionar su muerte en el de Fr. Diego Deza, ni supondria á este obispo

de Salamanca, siéndolo de Palencia ó de Jaen donde estuvo despues. De que es anterior al 1504 no hai cuestion, pues supone reinante á Isabel I. y esta murió en dicho año. » Passa em seguida a analysar o conteúdo da obra e a razão de sua escassez, terminando: « Yo no he visto otro ejemplar, ni conozco la existencia de ninguno en las varias bibliotecas visitadas por mi ó de que hai catálogos formados. »

Assim, pois, o exemplar que expomos sob o n.° 88 é verdadeira preciosidade bibliographica, de alto valor por sua extrema raridade.

Os tres primeiros livros contêem a descripção das cidades de Hespanha, ou antes noticias resumidas de suas cousas mais notaveis; os quatro ultimos comprehendem biographias ou relações dos mais importantes feitos de alguns homens distinctos do mesmo paiz. Estas noticias, com suppressão de umas, accrescimos em outras e additamentos de muitas novas, foram incluidas na obra do mesmo autor, *De rebvs Hispaniæ memorabilibvs.* (*In fine:*) *Excvsvm ·Complvti apvd Michaelem de Egvia. Mense Ivlio. An. M. D. XXX.* In-fol. de 10 ff. prelim., *clxxv* ff. Em 1533, por ordem do rei, supprimiram-se nesta ultima obra as ff. 128–175, relativas a biographias dos varões illustres de Hespanha. Para os exemplares não vendidos se fizeram novas folhas de preliminares, com ligeira suppressão e rectificação do indice, reimprimindo-se tambem a fl. 128, na qual se poz novo colophão: *Impressum Compluti per Michaelem de Eguia, Absolutiiqз est mense Maij. Anno ab orbe redempto. M. D. XXXIII.* A Bibliotheca Nacional possue um exemplar d'esta segunda especie, com 8 ff. prelim., *cxxviij* ff. num.

Os exemplares completos de 1530 devem ter soffrido perseguição, segundo observa Salvá, pois são contados os que se conhecem sem que estejam mutilados. Á mesma razão attribue o bibliographo castelhano a extraordinaria escassez da obra exposta, *De lavdibvs Hispaniæ,* que trata do mesmo assumpto, depois supprimido naquella.

A imprensa foi introduzida em Salamanca em 1480 por Arnaldo ou Arnao Guillen de Brocar e seu filho Juan de Brocar, impressores notaveis, o primeiro dos quaes trabalhou successivamente em differentes lugares de Hespanha, como sejam: Pamplona, Alcalá de Henares, Logroño, Burgos, Toledo, &. O mais antigo impresso que se conhece é o intitulado *Introductiones latinæ A. Antonii Nebrissensis;* (*in fine:*) *Ælii Antonii Nebrissensis grãmatici Introductiones latinæ explicatæ Salmanticæ anno natali christiano M. cccc. lxxxj. ad*

xvij K. Februarii. Deo gratias; obra rarissima, in-fol. goth., a 2 cols., sem numer., começada a publicar-se no anno anterior.

Os outros livros impressos em Salamanca nesta epoca são, pela maior parte, grammaticas, obras de philosophia, de historia, e *Cancioneros*, distinguindo-se entre os ultimos o *Cancionero de todas las obras de Juan de la Encina con otras añadidas*, 1496, in-fol. Todas estas obras vêm magistralmente descriptas na *Tipografia Española* de Fr. F. Mendez, 2.ª ed. corr. e augm. por D. Dionisio Hidalgo, *Madrid*, 1861, in-8.°, pp. 113, 297 e 359.

Imprimiram nesta cidade, ainda no seculo XV: Leonardo Aleman, y Lupo Sanz de Nauarra, compañeros, os quaes Mendez suppõe serem os primeiros e unicos impressores de Salamanca no mesmo seculo; Juan de Hans Gysser Aleman de Silgenstal (Seligenstadt); Juan Porres ou de Porras, e Christoforo de Alemania, citado por D. Sancho Rayon e Zarco del Valle.

No seculo seguinte distinguiram-se na typographia: Lorenço de Leõ d'dei, de quem expomos uma edição sob o n.° 90; Juan de Canoua; Andrea de Portonariis, da celebre familia de Veneza do mesmo nome; Pedro de Castro, e dois membros da celebre familia florentina dos Juntas: João Junta, ali estabelecido de 1543 a 1561, e seu filho Lucas de Junta que lhe succedeu e ainda trabalhava em 1575.

O exemplar exposto pertenceu á Real Bibliotheca e anda junto no mesmo volume com outra obra do mesmo autor: *Lucii Marinei Siculi de primis Aragonie regibus*; (*in fine:*) *Impressum est hoc opus in Cesaraugusta inclyta ciuitate Jussu et auctoritate octo virorum Aragonie regni deputatoruz: Industria vetero Georgij Coci Alemani. Pridie Calēdas Maias: Anno domini millesimo quingentesimo nono.* In-fol. Primeira edição, n.° 3019 de Salvá.

N.° 89. — Arte breue & introduccion muy necessaria para saber jugar al axedres con ciento y cincuenta juegos de partido. Intitulada al serenissimo & muy sclarescido don Johan el tercero principe del as spañas por Lucena hijo del muy sapientissimo doctor y reuerendo prothonotario don Johan remirez

de Lucena embaxador y del cõsejo delos reyes nuestros señores studiãdo enel preclarissimo studio dela muy noble cibdad de Salamanca.

S. l. n. offic. n. d., in-4.° de 87 ff. inn.

Impresso em caracteres gothicos, sem *reclamos*, e ornado de lettras capitaes, que faltam em alguns lugares.

Ensina o modo de jogar o xadrez, indicando como se pode dar *xaque mate* em cento e cincoenta diversas posições; os differentes jogos vêm representados em 164 figuras gravadas em madeira.

As 87 ff. são distribuidas por 12 cadernos do seguinte modo: *A* contèm 8 ff.; *aa*, *bb* e *cc*, 8 ff. cada um; *dd* e *ee*, 6 ff.; *B*, *C*, *D*, *E*, *F*, cada um 8 ff.; e *G*, 3 ff.

Esta é a segunda parte do volume.

A primeira intitula-se:

« Repeticion de amores compuesta por Lucena hijo del muy sapientissimo doctor y Reuerendo Prothonothario don Juan Ramirez de lucena embaxador y del consejo delos reyes nuestros señores en seruicio de la linda dama su amiga estudiando enel preclarissimo studio dela muy noble ciudad de Salamãca. »

As duas partes estão subordinadas a um titulo geral, impresso em grandes lettras capitaes gothicas e concebido nos seguintes termos:

« Repeticion: de amores: e arte. de axedres con. CL. juegos. de partido. »

Este titulo occorre na 1.ª fl., r., onde tambem se nota um jogo de xadrez gravado em madeira. No v. d'esta fl. está um epigramma latino de Francisco Quiros, *In laudem operis,* em 9 disticos, e em seguida, sob o titulo *Lucena in suo opere*, 18 disticos tambem latinos, que terminam na 2.ª fl., r. No v. da 2.ª fl. occorrem: o titulo, já mencionado, da primeira parte: « Repeticion de amores compuesta por Lucena, etc. »; logo abaixo o *Preambulo*, e em seguida a este o *Exordio*.

Esta primeira parte contèm cinco cadernos, marcados *a*, *b*, *c*, *d*, *e*. Os quatro primeiros constam cada um de 8 ff.; o ultimo tem sómente 4 ff., sendo a do fim em branco. São ao todo 36 ff. inn.

Panzer, no vol. IV, pag. 417, n.° 21, menciona esta obra nos seguintes termos: « Repeticion de Amores, y Arte

de Ajedrez con 150 iuegos de partido, auctore anonymo de Lucena, filio Johannis de Lucena (*Salamanticæ*, 1500).

Hain, no *Repert. Bibliogr.*, n.° 10254, a descreve completamente sob o nome *Juan de Lucena*, sem determinar o lugar nem o anno da impressão.

La Serna Santander, no seu *Dict. bibliogr. du XV.e siècle*, vol. III, pag. 122, n.° 874, faz minuciosa descripção, dizendo que poucos livros existem tão raros como este. Nesta descripção, que apparece traduzida para o hespanhol na *Typografia Española* de Mendez, 2.ª ed. corr. e augm. por Hidalgo (pag. 411), se declara que a obra foi impressa cêrca do anno 1495.

Brunet e Graesse tambem lhe assignalam esta ultima epoca.

Salvá possuiu um exemplar, que descreveu sob o n.° 2525, o qual continha sômente a segunda parte d'esta obra.

Expendidas todas estas opiniões, a conclusão mais provavel é que este livro rarissimo tenha sido impresso em Salamanca, como diz Panzer, no fim do seculo XV.

Pertenceu á Real Bibliotheca.

N.° 90. ARte d' rezar as horas canonicas: ordenada segũdo as regras & costume. Bracharensse: com outras cousas muytas que geeralmẽte som necessarias pã o rezar das ditas horas p qualquer costume que sereze. Dirigida ao reuerendissimo snõr o snõr dõ Dioguo de sousa Arcebpõ & Sõr da Cidade de Bragua primas das spanhas rẽ. nouamẽte feita por Sisto figueira Bacharel em canones residente em o studo de Salamanca. E por mãdado de sua Sõria impressa.

Este titulo vem dentro de uma tarja grosseira, que mede 0m,166 de alt. × 0m,109 de larg.

O Dr. Ramiz Galvão, nos *Annaes da Bibl. Nac.*, vol. I, pag. 370, faz d'este exemplar a seguinte descripção:

« É um vol. in-4.º de 4 ff. inn. e 58 numer. pelo anverso, de char. goth., contendo:

Fol. 1.ª (inn.) r.: titulo;
Idem v.: *Começa o prologo* (que vae até o meio do v. da 2.ª fl. inn.);
Fol. 2.ª (inn.) v.: *Começa a Tauoada* (a qual prosegue até o r. da 4.ª fl. inn.);
Fol. 4.ª (inn.) v.: uma estampa aberta em madeira, representando a Sancta Virgem no throno rodeada de Sanctos e martyres; no alto o Padre, Filho e Espirito Sancto ladeados por dous anjos que têm as azas expansas. 0m,096 de alt. × 0m,096 de larg.
Fol. i (num.) r.: *Primeira parte.* Comeca a arte de rezar as horas canonicas: ord'nada segũdo as regras & costume special dasancta ygreia d'Bragua primas das spanhas rẽ.

« Prosegue o texto dividido em quatro partes até o r. da fl. lvij.

Fol. 57.ª (num.) v.: « Acabasse a arte de rezar as horas canonicas nouamente impressa & con muyta diligencia corregida & emendada: em a cidade de Salamãca por Lorenço de leõ d'dei. Acabousse aos xxiij dias do mes de feuereiro. amno do señor de mil. ccccc. xxj Amnos.

« O resto d'esta pagina e o r. da fl. lviij são occupados por dous decretos, em latim, de Innocencio III. e Clemente V. No fim — *Laus Deo* —. »

Na *Bibl. Lus.* e no *Catalogo da Academia* esta obra vem citada com o seguinte titulo:

« *Arte para se rezar conforme o Rito Brachârense. Salamanca. 1521. 4.º* »

Innocencio, descrevendo-a sob o mesmo titulo, no tomo VII do *Diccionario*, pag. 453, accrescenta a seguinte nota:

« Assim apparece esta obra descripta na *Bibl. Lus.* sem mais declaração, e tal qual passou d'ahi para o denominado *Catalogo da Academia.* Estou bem certo de que nem o collector do *Catalogo*, nem o auctor da *Bibl.* viram o livro que descrevem. E de mim confesso outro tanto, não me constando da existencia de exemplar algum nas livrarias de Lisboa. »

Este juizo temerario e a precipitação de Innocencio no julgar já foram impugnados pelo Dr. Ramiz Galvão no mencionado artigo dos *Annaes*.

Será o exemplar da Bibliotheca Nacional o unico existente? É provavel, mas não podemos affirmal-o categoricamente. É certo que os exemplares são de extrema raridade,

porque não vem citado nas mais importantes obras de bibliographia que a Bibl. Nac. possue.

Lourenço de Leão, mercador e impressor de Salamanca, foi um dos melhores do seculo XVI. Segundo Deschamps, trabalhava em 1519, e, segundo G. Brunet, de 1512-1516. É porem certo que imprimiu pelo menos até 1521, anno em que publicou a *Arte d'rezar* de Xisto Figueira, que a Bibliotheca expõe.

G. Brunet dá a este impressor o nome de *Laurent de Léon de Rey;* não é exacto; no nosso exemplar se lê: *Lorenço de leõ d'dei.*

N.º 91. — Coronica delas Jndias. La hystoria general de las Jndias agora nueuamente impressa corregida y emendada. 1547
Y con la conquista del Peru.

In-fol., caract. goth., a duas columnas, lettras capitaes e iniciaes ornadas, registro, com estampas no texto grosseiramente abertas em madeira. O titulo principal, impresso em vermelho, contido em orla xylographada, e fóra d'esta, em preto, a 2.ª parte do titulo; escudo das armas imperiaes separando em 2 partes o tit. principal.

A Chronica divide-se em duas partes, a primeira das quaes com cxcij ff., comprehendidas 6 de *Tabula* e uma *Epistola* do autor; a segunda, de que se tratará em seguida, com lxiiij ff.; contendo o vol., no fim, a *Conquista del Peru*, com xxij ff. num. e uma sem numeração.

No fim da primeira parte lê-se:

« Fin dela primera parte dela general y natural hystoria delas Jndias yslas y tierra firme del mar oceano; que son dela corona Real de Castilla. La qual escriuio por mandado dela Cesarea y Catholicas magestades el capitan Gonçalo Fernandez de Ouiedo & valdes... La qual se acabo & Jmprimio enla muy noble Ciudad de Salamanca en casa de Juan de Junta a dos dias del Mes de Mayo Año de mil y quinhentos & quarenta & siete Años. »

Impressa antes em Toledo *por industria de maestre Remõ de Petras*, 1526, *in-fol.* goth.; depois em *Sevilha (J.º Cromberger)*, 1535, no mesmo formato, só a primeira parte; diz da obra Brunet no seu *Manuel du libraire*, IV: « Obra pre-

ciosa, porque o autor residiu por muito tempo na America. Foram compostos 50 livros, mas esta edição (*a de 1535*) e a seguinte (*a nossa, de 1547*) só contêem os 21 primeiros. »

Da nossa diz elle: « Segunda edição, augmentada da Conquista do Peru por Fr. de Xerez, que constitue uma segunda parte... Este volume raro foi vendido por 37 fr. *Santander*... e com o 20.° livro da 2.ª parte por 4 libras e 6 sh. »

Continúa Brunet:

« Libro XX de la segunda parte de la general historia de las Indias... que trata del estrecho de Magellanes. *Valladolid, por Fr. Fernandez de Cordova*, 1557, *in-fol.* de LXIIII ff. numeradas. Unico livro publicado d'esta segunda parte, cuja impressão não se continuou pela morte do autor: é um fragmento raro, que se acha algumas vezes reunido ao volume precedente, o qual, assim completado, poude ser annunciado como impresso em Valhadolid em 1557. »

Reimprimiu-se modernamente em Madrid, 1851 – 55, 3 t. em 4 vol. *in-4.°* gr., na lingua castelhana. Imprimira-se uma traducção franceza (dos 10 primeiros livros) em Paris, 1556, *in-fol.*, e uma italiana em Veneza, 1534.

Salvá, mencionando com individuação, *sub nomine* Fernández de Oviedo y Valdes, as edições de Toledo e de Sevilha, diz a proposito da nossa:

« Brunet cita uma edição em cujo frontispicio se adverte que é *nuevamente impressa, corregida y emendada y con la conquista del Peru. Salamanca, por Juan de Junta, 1547.* Folio, let. goth., a duas columnas, figuras de madeira. Apesar dos melhoramentos que annuncia o frontispicio e de trazer no fim a *Verdadera relacion de la conquista del Peru*, por Francisco de Jerez, o sñr. D. José Amador de los Rios, na advertencia que precede a edição de Oviedo publicada pela Academia, disse ser preferivel a primeira, de 1535, por havel-a cuidado e corrigido o autor. »

A segunda parte da obra, com folha de rosto e numeração especiaes, traz no frontispicio, apenas circumscripto por um filete, encimado pelo mesmo brazão d'armas, o titulo:

Libro. XX. Dela segunda parte de la general historia delas Jndias. Escripta porel Capitan Gonçalo Fernandez de Ouiedo y Valdes... Que trata del estrecho de Magallans.

En Valladolid. Por Francisco Fernandez de Cordoua... Año de M. D. L. vij. In-fol., caract. goth. duas columnas, notas marginaes, lettras capitaes e iniciaes ornadas, 64 ff. numeradas á romana, com registro e estampas xylogr. no texto. No v. da fl. de rosto começa o *Prohemio*, que occupa as ff. II e III e metade do r. da IV; seguindo-se lhe um segundo

Prohemio ou *Introducion d'l libro veynte:* essas ff. são impressas de lado a lado e não por colum., como o resto do livro. Este *Libro. XX.* divide-se em xxxv capitulos, ficando o ultimo incompleto: no fim d'este e r. da fl. lxiiij, lê-se: « No se imprimio mas desta obra, porque murio el autor. Fenece el libro. xx Dela segunda parte... » *Impresso en Valladolid, por Frãcisco Fernandez de Cordoua. En este año de. M. D. L. vij.*

Segue-se ainda, com fl. de rosto especial, orla aproveitada, com alguma modificação, da 1.ª parte, substituidas por uma vinheta as armas imperiaes, a duas col., lettras capitaes ornadas, numeração romana, caract. goth.:

« Conquista del Peru. Verdadera relacion dela conquista del Peru & prouincia del Cusco llamada la nueua Castilla. Conquistada por Francisco piçarro: capitan dela... Embiada asu magestad por Francisco de Xerez... secretario del sobredicho capitan... y uno de los primeros conquistadores della.

« Fue vista y examinada esta obra por mandado delos señores Jnquisidores. »

Consta de XXII ff., vindo o *Prologo* no v. da de rosto, e mais uma innum. no fim, contendo 9 *decimas* em lingua castelhana com o titulo:

Dirige el auctor sus metros al Emperador Rey nuestro. señor. No v. d'esta fl., depois da palavra *fin*:

« A gloria de Dios y dela virgen Maria se acabo el presente tractado... fue Jmpresso en Salamanca por Juan de Junta: acabose a cinco dias del mes de Julio año del nascimiento de nuestro señor Jesu Christo de Mil & Quinientos & quarenta & siete años... »

Fecha o livro uma vinheta tendo o dizer *Nichil sine cavsa* e com visos de marca de typographo: não é todavia nenhuma das que dá Silvestre para a familia Junta, isto é, os de Lyão e seus herdeiros.

O *Bibliothecæ regiæ catalogus*, IV, v. *Oviedo*, apenas faz menção da primeira parte da Chronica geral das Indias, *con tabla, y estampas. fol. Salamanca*, 1557.

Nicolau Antonio, *Bibl. Hispana Nova*, menciona as impressões de Sevilha, *apud Joannem Cromberger*, 1535; de Salamanca, 1547, *in-fol.*, sem declaração do nome do impressor, mas dando as demais indicações que conferem com as do nosso exemplar, e *La Historia del Estrecho de Magallanes*, isto é, a 2.ª parte da chronica, omittindo a *Conquista del Peru*, que a acompanha, seguramente por faltar ao exemplar que descrevia.

Como se vê, é raro o exemplar completo da *Chronica*. La Serna Santander, *Catalogue*, IV, que cita um com a *Conquista del Peru, Salamanca, Juan de Junta, 1547, in-fol.*, põe-lhe a nota:

Très-rare. Já Brunet, como vimos, classificára de raras tanto a 1.ª e a 2.ª parte reunidas, como o fragmento que trata do estreito de Magalhães.

Referindo-se á edição moderna de Madrid, na imprensa da Academia de Historia, em 4 vols., diz Salvá:

« Prestou a Academia um assignalado serviço ás lettras e á historia publicando não só as addições dos 21 livros impressos que Oviedo deixou manuscriptos, como os 29 que haviam ficado ineditos... Do merito e do interesse que desperta a obra de Oviedo póde fazer-se ideia pelo juizo que a seu respeito emitte o snr. D. José Amador de los Rios na *Vida y escritos de aquel*, que precede a ultima edição *(a de Madrid).* »

Este magistral julgamento, que Salvá transcreve por extenso, é o maior elogio que se possa tecer á obra.

« Las siencias filosóficas y naturales, conclue D. Amador de los Rios, la medicina, la cosmografia, la náutica y aun la milicia acudieron á la *Historia general de Indias* (é o titulo que prevaleceu na reimpressão madrilena) para pedirle enseñança, logrando al poco tiempo ser traducida en las lenguas toscana y francesa, alemana y turca, latina, griega y arábiga, honra hasta entónces no alcanzada por obra alguna moderna, y de que el mismo Gonzalo Fernández de Oviedo se manifestó despues altamente satisfecho. »

Juan Junta, impressor da presente edição, pertence á afamada dynastia de typographos d'esse appellido que tanto lustre deram á arte em Veneza e Lyão e de que já aqui se tratou sob os n.os 27 e 67. Transferindo-se para Hespanha, como tambem se disse, publicaram os membros d'esse ramo dos Junta ou Giunti, no decurso do XVI seculo, diversos volumes difficeis de encontrar-se hoje.

De Valhadolid, lugar de impressão da segunda parte d'esta *Coronica delas Jndias*, aqui se trata sob o n.º 94.

De Francisco Fernandes de Cordova, impressor da 2.ª parte da Chronica de Oviedo, menciona apenas o nome o continuador da *Typografia Española*, pag. 292, a proposito da impressão que fizera dos *Comentarios á las leyes de Toro* em 1568.

O exemplar que a Bibl. Nacional apresenta, comquanto não accuse a nitidez de impressão que se nota em tantos outros, possue belleza relativa e tem verdadeiro valor por completo e bem conservado. Ignora-se a sua procedencia, mas provavelmente pertenceu á Real Bibliotheca.

BURGOS.

(Burgi).

N.º 92. — Doctrina & instruciō dela arte de caualleria:

In-fol. de CXXVIII. ff. num. só pela frente, 2 ff. inn. no fim.

A fl. I, não num., contém o titulo transcripto, aberto em madeira, em grossos caracteres gothicos, e impresso á tinta preta. Acima do titulo ha uma estampa, tambem aberta em madeira, representando um cavalleiro ajoelhado que recebe a lança das mãos de um rei. Aos lados da estampa, duas tarjas, igualmente xylographadas, representando dez differentes assumptos religiosos. Na margem inferior, outra tarja, tambem gravada em madeira, onde se notam varias figuras, a saber: no centro: S. Paulo, S. Pedro e dois outros santos; e aos lados: S. Marcos e S. Matheus. A estampa e o titulo parecem abertos na mesma prancha.

Tal é o aspecto actual da fl. de rosto, que foi evidentemente restaurada e accrescentada. Salvá, descrevendo esta edição em nota ao n.º 1541, só falla do titulo e da estampa superior. As tarjas lateraes e a inferior, que representam assumpto diverso do da obra, não pertencem evidentemente ao primitivo frontispicio. São impressas em papel mais claro que o d'aquelle, percebendo-se mui visivelmente a juxtaposição. Além d'isso trazem texto impresso no verso, circumstancia que não se nota no resto da folha. Algum antigo possuidor naturalmente substituiu por ellas as margens mutiladas do exemplar.

Na fl. 2, r., lê-se o seguinte, impresso com tinta vermelha:

« El presente libro se llama doctrinal delos caualleros en ꝗ estan copiladas ciertas leyes & ordenancas que estan enlos fueros & partidas delos reynos de castilla & de leon tocantes alos caualleros & fijos dalgo & alos otros ꝗ andan en actos de guerra cō ciertos prologos & introduciones que hizo & ordeno el muy reuerēdo señor don Alonso de Cartajena obispo de burgos: a instancia & ruego del señor don Diego gomez de Sandoual: conde de Castro: & de Denia. »

Segue-se logo abaixo o *Prologo,* que deve terminar na fl. III, que falta ao nosso exemplar.

O texto começa na fl. IIII. Na fl. CXXVIII., v., vem uma *Conclusion*, que termina no r. da fl. seguinte, inn., onde se lê: *Fue imprenso este libro en burgos por Juan de Burgos Acabose a seys de mayo. año de mill &. cccc. & xcvij.*

A *Tabla delos titulos del presente libro* occupa o v. d'esta 1.ª fl. inn. e o r. da seguinte, cujo v. está em branco.

A impressão é feita em typo gothico, com capitaes ornadas, e sempre a 2 cols. Exceptuam-se apenas o *Prologo* e a *Conclusion*, onde as linhas são longas, em uma só columna. Na numeração das folhas ha um erro: depois da fl. V, seguem-se duas outras numeradas V e VI, em lugar de VI e VII.

A primeira edição d'esta obra, descripta por Salvá no n.º citado, tambem foi impressa em Burgos, no anno de 1487, in-fol., sob o titulo: *Doctrinal delos caualleros*. No fim, este colophão: « Fue imprẽso este libro en burgos por maestre fadrique aleman... Acabose a veynte de junio Año de mill E. cccc. &. lxxx. vij. » Os exemplares d'esta data são de extrema raridade. Completo, com a portada, Salvá apenas conheceu o exemplar que classificou.

Segundo referem Mendez, Salvá e Brunet, Nic. Antonio menciona uma edição com a data de 1492. Com effeito, na *Bibl. Hispana Vetus*, tomo II, pag. 262, n.º 397, sob o nome *Alphonso de S. Maria, sive de Cartagena*, se lê: « Doctrinal de caualleros: quem rogatu Didaci Gomezii Sandovalis Comitis de Castro ac de Denia scripsit librum, Burgis editum anno MCDLXXXVII. atque iterum MCDXCII, *in folio:* quæ duæ editiones in eximii viri D. Laurentii Ramirezii à Prato bibliotheca fuere. »

A ser exacta esta asserção, a nossa edição é a terceira, sendo todas ellas de Burgos. Esta terceira edição tambem é rara.

O estabelecimento da imprensa em Burgos data de 1485, sendo o seu introductor Frederico de Basiléa, a quem os Hespanhoes chamam Fadrique Aleman ou Fadrique de Basiléa. O mais antigo impresso d'esta cidade é a *Arte de Gramatica de Fray Andres de Cerezo ;* (in-fine :) « Mense martio duodecima die anno salutis domini millesimo quadrigentesimo octogesimo quinto... hoc reve compendium maxima cum diligentia per ingeniosum virum magistrum fredericum burgis impressum est. Valete feliciter. » In-fol. goth.

Segundo G. Brunet, Frederico de Basiléa ainda imprimia em 1517. Entre as suas impressões distinguem-se ainda: o referido *Doctrinal delos caualleros*, 1487, in-fol. ; *La Chronica de España*

abreviada ... Por Mossen Diego de Valera ... 1487, in-fol.; o *Libro de los Santos Angeles*, 1490, in-fol., raro; a *Sũma de cõfessiõ llamada defecerũt...* 1499, in-4.º; e a primeira edição do Cid, *Cronica del famoso cauallero Cid Ruydiez Campeador*, 1512, in-fol.

Segue-se João de Burgos, cujas edições são bastante raras. Trabalhou este typographo desde 1491, imprimindo successivamente: os *Commentarios de Cesar*, 1491, in-fol. goth., de linhas longas, sem num.; o livro chamado *Compendio de la humana salud*, 1495, in-fol.; a *Arte de Gramatica de Fray Andres de Cerezo*, 1497, in-fol.; a obra exposta de Alonso de Cartagena, no mesmo anno, in-fol.; *El Baladro del Sabio Merlin cõ sus profecias*, 10 de Fevereiro de 1498, in-fol. goth.; *Los doce trabajos de ercules copilados por don ẽrriq̃ de villena*, 1499, in-fol.; *De la vida bienaventurada* de João de Lucena, tambem em 1499, in-fol., logo reimpressa por elle em 1502, etc. João de Burgos, como se dirá no lugar proprio, tambem imprimiu em Valhadolid, no anno de 1500, uma edição de Sallustio.

Com a data de 1499 cita Mendez um livro, *Centon epistolario del Bachiller Fernan Gomez de Cida Real ... Fue estampado e correto ... Por Juan de Rey e a su costa en la Cibdad de Burgos el Anno MCDXCIX*, o qual parece indicar que ainda no seculo XV existia em Burgos outro typographo differente dos mencionados. G. Brunet suppõe que este João de Rey fosse discipulo de Frederico de Basiléa; Mendez porém assevera que a impressão é moderna, feita cêrca de 50 annos mais tarde, e aventa a idéa de que o nome do impressor seja supposto.

No seculo XVI appareceram nesta cidade os seguintes impressores: Alonso de Melgar, ahi nascido, que publicou em 1520 a 3.ª edição das *Notas del Relator;* Juan de Junta, de 1528-54; e Philippe de Junta, que lhe succedeu e ainda ahi trabalhava em 1563. Estes dois ultimos pertencem á celebre familia florentina do mesmo nome. G. Brunet declara que não se deve confundir este João de Junta, de Burgos, com o seu homonymo estabelecido em Salamanca; P. Deschamps, porém, no *Dict. de Géogr. ancienne et moderne*, affirma que foi o mesmo impressor que se estabeleceu nas duas cidades.

Pertenceu á Real Bibliotheca o exemplar que expomos.

GRANADA.

(Granata).

N.º 93. — Habes in hoc volvmine amice lector. Ælii Antonii Nebrissensis Rervm a Fernando & Elisabe Hispaniarũ fœlicissimis Regibus gesta℞ Decades duas. Necnõ belli Nauariensis libros duos. Annexa insuper Archiepi̅ Roderici Chronica, alijsqz historijs antehac non excussis. Cvm imperiali privilegio. Ne quis alius excudat aut vendat. Anno M.D.XLV.

Tres partes em 1 vol. in-fol.

Este titulo precede a primeira parte, que tem 8 ff. prelim. inn., LXXXVI. ff. num. só pela frente.

A 1.ª fl. inn. contém o titulo mencionado precedido de um grande escudo das armas imperiaes e dentro de uma tarja gravada em madeira, em cuja parte superior se vê a inicial Y. Na 2.ª fl. inn., r., acha-se a dedicatoria « Philippo Avgvsto Hispaniarvm Principi Caroli Cæsaris Quinti filio Xanthus Nebrissensis S. », datada « Ex officina nostra literaria apud inclytam Granatam. Anno millesimo quingentesimo quadragesimo quinto, calendis Decembris »; e, no v. da mesma fl., « Ad Philippvm Hispaniarum Principem carmen », e « In Nebrissensis Lavdem »; na 3.ª fl., « Ælii Antonii Nebrissensis... ad... Ferdinandum diuinatio in scribenda historia incipitur », datada no fim « Ex municipio Cõplutensi ad idus Aprilis. Anno salutis Christiane. M. D. IX. » As 5 ff. restantes encerram: « Ælii Antonii Nebrissensis... ad beneuolum candidumqz lectorẽ... » exhortatio; « Ael. Antonij Nebriss... excusatoria p̄fatio » (onde ha uma omissão devida á falta de uma folha no autographo); « Descriptio totius Hispaniæ »; « De montibus Hispaniæ »; e « De maximis fluminibus Hispaniæ. » O verso da 8.ª fl. está em branco.

A Decada primeira começa na fl. I., e, abrangendo sómente 7 livros, termina no v. da fl. XLIX, onde se lê: « Decadis primæ & Libri sept. Finis. Reliqui tres temporum iniuria desiderantur. » A Decada segunda começa na mesma folha, logo apoz esta declaração; comprehende os tres primeiros livros completos e os tres primeiros capitulos do livro quarto.

Na fl. LXXIII, r., onde termina, occorre est'outra declaração: « Hactenus in Nebrissensis archetypis & protocollis inuentum est, cætera incuria quorundam, & fucorum rapacitate nihil aliud rimantium, quam quomodo autorum lucubrationibus insidientur, perierunt. »

Segue-se, no v. da fl. LXXIII, « Ælii Antonii Nebrissensis... de bello Nauariensi... » em 2 livros, que terminam na fl. LXXXVI, v., onde se lê: « Belli Nauariensis finis. » Logo abaixo está a marca do impressor com a inicial Y no centro, e a lettra « Arcta est via qvæ dvcit ad vitam » sobre uma fita; e em seguida o colophão: « Apud inclytam Granatam. Anno a virgineo partu millesimo quingentesimo quadragesimo quinto. »

A segunda parte traz novo frontispicio gravado em madeira, com a inicial Y na parte superior, e aos lados, sobre fitas, as legendas: « Lata est via qvæ dvcit ad perditionem »; « Arcta est via qvæ dvcit ad vitam. »

O titulo está dentro do frontispicio em dois espaços em branco. No superior: « Reverendissimi ac Illvstrissimi Domini Domini *(sic)* Roderici Toletanæ Diœcesis Archiepiscopi rerum in Hispania gestarum Chronicon Libri nouem nuperrime excussi, & ab iniuria obliuionis vindicati. Adiecta insuper Ostrogothorum, Hugnorum, Vandalorum, cæterorumqz historia. »

No inferior: « Necnon Genealogia Regum Hispanorum Reuerẽdi patris Domini Alphõsi de Carthagena Episcopi Burgensis. »

Na margem inferior da tarja: « Apvd inclytam Granatam. Anno. M. D. XLV. Mense Octobri. Cvm Imperiali Privilegio. »

Consta de 4 ff. prelim. inn., CXXIIII., alias CXXII. ff. num. só pela frente. Contém: no v. do frontisp., « Xanthus Nebrissensis candido Lectori S. », datado « Anno a Christo nato millesimo quingentesimo quadragesimo quinto, quarto calendas Octobris »; da 2.ª fl. inn., r., até a 3.ª, r., « Tabvla »; no v. d'esta e no r. da 4.ª, « Prologvs. Serenissimo... Domino suo Fernando... Rodericus indignus cathedræ Toletanæ Sacerdos hoc opusculum &... optat. » O verso da 4.ª fl. está em branco.

Os 9 livros da *Chronica* de Rodericus vão até o v. da fl. LXXXIII. A historia dos Ostrogodos, Hunos, Vandalos, Suevos, Alanos e Salignos começa na fl. seguinte e vae até o r. da fl. XCII. No v. d'esta fl. principia a obra de Alphonsus de Carthagena, com o titulo *Anacephalæosis*, terminando esta no v. da fl. CXXII, erradamente numerada CXXIIII, onde se lê: « Regum Hispanorum, ac Romanorum Imperatorum, simul & summorum Pontificum, ac aliorum anacephalæosis Finis. »

A fl. de rosto da terceira parte tem uma tarja gravada em madeira, com a inicial Y em tres lugares differentes. Dentro da tarja nota-se uma vinheta circular xylographada, representando as armas imperiaes, e com a seguinte legenda ao redor das armas: « Carolvs. Ro. Imp. Semper Avg. Hispan. Vtr. Sicil. Hier. Etc. Rex. » Abaixo da vinheta occorre o titulo:

Episcopi Gervndesis Paralipomenon Hispaniæ Libri decem antehac non excvssi. — Cvm imperiali privilegio.

Fóra da tarja, na margem inferior: *Apvd inclytam Granatam. Anno M. D. XLV. Mense Octobri.*

Comprehende esta ultima parte 2 ff. prel. inn., LXXVII. ff. num. só pela frente. A primeira d'aquellas traz o titulo, e no v., *Ad lectorem Parenesis*, que termina: « Vale ex officina nostra literaria. Anno. M. D. XLV. » O *Index* occupa a 2.ª fl. inn. Na fl. I., r., acha-se: « Avtoris Proemivm, in qvo Fernando et Elisabæ Castellæ & Aragoniae Regibus præsens opus consecrat. » No verso: « De Historiographis Hispaniæ », que termina no r. da fl. seguinte. O texto começa propriamente no v. da mesma fl. II e vae até o v. da fl. LXXVII, onde acaba o decimo livro.

Salvá descreve minuciosamente esta obra sob o n.º 3078.

Segundo essa descripção falta ao nosso exemplar, na 3.ª parte, uma folha final com o escudo do impressor. Esse escudo, que vem reproduzido em Salvá, num. cit., tambem apparece no fim da primeira parte do nosso exemplar, e já foi descripto.

Primeira edição, esplendidamente impressa em caracteres romanos com todas as capitaes ornadas. Á excellencia do papel junta-se a nitidez da impressão. Os exemplares completos encontram-se com difficuldade por terem sido vendidas em separado as differentes partes de que consta a obra.

O bibliographo castelhano já citado faz sobre esta edição e sobre o impressor as seguintes considerações:

« No recuerdo haber visto libro alguno, impreso en aquella época, más magnifico que el presente: el papel es hermoso, y la edicion bellissima y mui parecida á las de Badio Asensio: lástima que el impresor de ella, quien lo fué de otras obras, las cuales tambien pueden presentarse como modelos de perfeccion tipográfica, ocultase constantemente su nombre y solo usara de la inicial Y, que hallamos ya enlazada en las elegantes orlas de sus portadas, ya en el escudo que usaba como distintivo.... »

Anteriores á conquista de Granada existem alguns livros, datados da *Campanha de Granada*, os quaes Deschamps reputa

impressos no acampamento dos hespanhóes, ou antes na cidade que se elevára diante d'aquella em virtude da permanencia do sitio. O bibliophilo citado menciona nestas condições a seguinte obra: *Alcabalas. Leyes del quaderno nueuo de las rentas de las alcanalas & franquezas Fecho en la vega de Granada...* », in-fol. de 34 ff., em linhas longas, sem lugar nem data de impressão, mas que começa assim: « Año del nascimiento del nuestro Saluador Jesu Christo de mill e quatrocientos e nouenta años. Yo el Rey. Yo la Reyna. » Ella foi reimpressa no anno seguinte, in-fol. de 40 ff., 23 dias antes da tomada da cidade, como se deduz da declaração: « Dada en el Real de Granada, 10 Diciembre 1491. »

Na descripção d'esta obra Deschamps diz *alcanalas*. Não será *alcabalas*, como se lê no principio da transcripção?

Segundo a opinião de todos os bibliographos hespanhoes a primeira obra impressa nesta cidade, depois da conquista, foi o *Primer volumen de vita Xri de Fray Francisco Xymenez corregido e añadido por lo Arçobispo de Granada: y hisole imprimir porque es muy prouechoso. Contiene quasi todos los euangelios de todo el año.* (In-fine:) « Fue acabado y empresso este primer volumen de vita cristi de fray frãcisco ximenez: en la grande e nõbrada cibdad de Granada en el postrimero dia del mes de Abril. Año del señor de mill. cccc. xcvj. Por Meynardo vngut e Jhoãnes de Nurẽberga alemanes, por mãdado y expensas del muy reuerendissimo señor: Don Fray Fernando de Talauera primero arçobispo de la sancta yglesia desta dicha cibdad de Granada. » É um precioso volume in-fol., imperfeitamente descripto por alguns bibliographos, que tiveram á vista exemplares incompletos, aos quaes faltava a declaração final.

Meynardo Ungut e Johann Pegnicer de Nuremberga se haviam estabelecido em Sevilha desde 1490–91; levados provavelmente pelo Arcebispo D. Fernando de Talavera.

Foram elles os introductores da imprensa em Granada. Assim o declaram Mendez e Deschamps, e Maittaire concorda com a data de 1496 para a introducção da imprensa; o licenciado Cabrera, porém, diz que a importaram os Menas, que eram summamente peritos na arte e foram interpretes da lingua franceza no Santo Officio d'aquelle reino. Si fosse exacta esta opinião, a imprensa teria apparecido em Granada muitos annos depois de 1496, pois, segundo observa Mendez, Hugo de Mena ali imprimia de 1566 por diante, e Sebastião de Mena de 1488–99.

No seculo XVI apparece Juan Varella, chamado de Salamanca em 1504 pelo mesmo Arcebispo Talavera, e imprime os dois livros de Fr. Pedro de Alcala: *Arte para lige-*

ramẽte saber la Lingua Arauiga, e *Vocabulista Arauigo en letra Castellana.*

Neste mesmo seculo apparece o impressor da obra exposta, tão distincto na opinião de Salvá, mas cujo nome só chegou á posteridade sob a fórma da incognita *Y,* que elle mesmo adoptára.

Pertenceu á Real Bibliotheca.

VALHADOLID: VALLADOLID.

(Pintia).

N.º 94. — Chronica del muy esclarecido principe, y rey don Alonso: el qual fue par de Emperador, & hizo el libro delas siete partidas. *(Vinheta.)* Y ansi mismo al fin deste libro va encorporada la Chronica del rey Don Sãcho el Brauo, hijo de eite rey don Alonso el Sabio. *Con privilegio Imperial. Impresso en valladolid Año. 1554. Esta tassado en*

In-fol. de 2 ff. prelim. inn., lxxvij ff. num. só pela frente, 1 fl. inn.

Na 1.ª fl. inn., r., occorre o titulo impresso a duas côres, vermelha e preta, dentro de uma tarja gravada em madeira igualmente impressa a duas côres. A vinheta, tambem gravada em madeira e impressa a duas côres, occupa o centro da pagina, representando o rei D. Affonso sentado no throno, tendo na mão direita uma espada e na esquerda o globo com a cruz. Aos lados, a lettra: « Elrey Don Alonso El Sabio ». No v. da mesma fl. está o privilegio datado de « Madrid a veynte y vn dias del mes de Março de mil y quinientos y cinquenta y tres Años », e assignado « Por mandado de su Alteza Francisco de Ledesma ». Este privilegio é concedido por dez annos a « Miguel de herrera vesino de Valladolid », que havia « recopilado y puesto en perficion las cronicas del rey don Alõso el dezeno y del rey don Sãcho el quarto su hijo en vn cuerpo de libro, y la del rey don fernãdo padre del rey don Alonso que gano las algeziras en otro cuerpo »; elle abrange as tres obras mencionadas.

Na 2.ª fl. inn., r., lê-se: « Aqui comienca la tabla delos capitulos de la cronica del rey don Alonso el Sabio... », a qual termina no verso da mesma fl.

A Chronica de D. Affonso X começa na fl. j, r., e vae até o v. da fl. lviij, onde se lê: « Fin de la historia del noble rey don Alonso dezeno de este nombre ». Naquella fl. j., não num., o texto vem dentro da mesma tarja que se nota no frontispicio.

Na fl. lix., não num., vem o titulo da Chronica de D. Sancho IV, dentro da mesma tarja e concebido nos seguintes termos:

« Aqui comiêça la chronica del muy noble rey don Sancho el brauo quarto deste nombre hijo del rey don Alonso dezeno, y padre del rey don Fernando, que fue padre del rey don Alonso onzeno que gano las algeziras. El qual començo a reynar en la era de mil y trezientos y veynte y dos años, y reyno hasta el año de mil y trezientos y treynta y tres años, que murio en la ciudad de Toledo martes a veynte y cinco dias del mes de Abril del dicho año. Con Priuilegio imperial. »

Por cima d'este titulo ha uma vinheta xylographada representando D. Sancho a cavallo. Entre a tarja e a vinheta está a legenda: « El rey don Sancho el Brauo. »

A chronica de D. Sancho começa no verso d'este titulo e vae até a fl. lxxvij, r., onde se lê: « Fin dela cronica del muy noble rey don Sancho el brauo. Siguese la tabla deste presente libro ». Esta *tabla* occupa o verso da mesma fl. e termina no recto da seguinte inn., onde se acha o seguinte colophão:

« Aqui se acaban las dos cronicas. La primera del esclarecido principe y rey don Alonso el sabio que fue par de emperador: el qual hizo el libro delas siete partidas. y la segunda cronica es del rey dõ Sancho el Brauo su hijo. Fueron impressas en valladolid, a costa y en casa de Sebastian Martinez. Acabaronse a diez y ocho de Henero de mil y quinientos y cinquenta & quatro Años. »

Logo abaixo do colophão a seguinte declaração:

« Siguese la cronica del rey don Fernãdo hijo del rey dõ Sancho el brauo y nieto del rey don Alonso el Sabio: y visnieto del rey dõ Fernando el sancto que gano a Seuilla y padre del rey don Alonso el onzeno que gano las algeziras cuya cronica esta tambien impressa. »

E, com effeito, no mesmo volume segue-se a obra mencionada que passamos a descrever.

— Cronica del muy valeroso rey don Fernando, Visnieto del sancto rei don Fernãdo que gano a Seuilla. Nieto del rey dõ Alonso que fue par d'emperador, & hizo el libro delas siete partidas y fue hijo del rey dõ Sancho el Brauo. Cuyas cronicas estan impressas. y fue padre del rey dô Alõso onzeno q̃ gano las Algeziras. y abuelo del rey don Pedro. Cuyas cronicas tambiẽ estan impressas. Este es el rey don Fernãdo que dizen que murio emplazado de los Caruajales. *Impresso en Valladolid. Año 1554. Con Priuilegio. Tassado en*
In-fol.

Este titulo vem cercado da mesma tarja que figura nos frontispicios das outras chronicas. Acima d'elle está uma vinheta xylographada representando o rei D. Fernando a cavallo, com a seguinte legenda: « Don Fernando Quarto Rey de Castilla y de Leon. rc. El qual gano a Gibraltar. » Tanto o titulo como a moldura e a vinheta são impressos a duas côres, vermelha e preta. No v. da fl. de tit., que deve ser j, vem reproduzido o mesmo privilegio que occorre na Chronica de D. Affonso X.

O texto começa na fl. ij, r., e termina no v. da fl. lxxvij. Segue-se a *tabla* d'esse ponto até o v. da fl. lxxviij, onde se encontra o colophão:

« A gloria y alabança de Jesu christo nuestro dios, y de su gloriosa madre haze fin la presente Cronica del muy noble rey dõ Fernãdo quarto deste nõbre, d'los reyes que reynaron en Castilla y en leon. Fue impressa en la muy noble villa d' Ualladolid, a costa y en casa d' Sebastiã Martinez. Año d' M. D. L iiij. »

Contém esta chronica 70 ff. num. em caracteres romanos; a numeração d'ellas, porém, apresenta as seguintes irregularidades: 1.ª a fl. xl. é erradamente numerada lx.; 2.ª depois da fl. lxiiij a numeração continúa assim: lxxiij, lxxiiij.... lxxviij, em vez de: lxv, lxvj.... lxx.

Salvá descreve estas chronicas sob os n.ºˢ 2885 e 2886, accrescentando na ultima a seguinte nota:

« Esta Crónica y la de D. Alonso el Sabio y D. Sancho son mui raras, por no existir de ellas más edicion que la de 1554. Fernan Sánchez de Tovar ó de Valladolid fue, segun se cree comunmente, el autor de estas tres Crónicas, que forman la continuacion de *la general.* »

Os exemplares que possuimos d'estas edições preciosas acham-se em bom estado de conservação.

A impressão é feita em caracteres gothicos, a 2 cols., com capitaes ornadas; exceptuam-se apenas a *tabla* da chronica

de D. Affonso X e os dois privilegios que o são em caracteres latinos; estes em linhas longas, e aquella a 2 cols.

A antiga cidade de Pintia, em Tarragona, depois chamada Valdoletum, Vallis Oletum, e hoje conhecida pelo nome de Valhadolid, tambem teve a sua imprensa ainda nos fins do seculo XV, sendo o primeiro impressor Juan de Froncour, que Mendez suppõe ser allemão (Juan de Francour), e Deschamps julga ser de nacionalidade franceza (Jean Francœur). No *Ensayo de una bibl. española* de Zarco del Valle e D. Sancho Rayon vem uma relação de livros impressos nesta cidade a partir de 1492. O primeiro d'elles é o *Tractado breue de confession. (In fine:)* « Esta obra se fizo en valladolid a loor & alabança de nuestro señor Jesu Christo & de la gloriosa virgen maria su madre. Año de mil & quatrociētos & xcii Años. A. iii de febrero. » In-4.°, impresso em pequenos caracteres gothicos, linhas longas, sem numer. de folhas nem *reclamos*, mas com registro A - 8 — B - 8.

O primeiro livro que apparece trazendo nome de impressor é de 1493: *Hordenanças fechas para la reformaçion de la audiençia & chançelleria en medina del cāpo. Año de mill & quatroçientos. lxxxix años.* (In fine:) « Esta obra fue empressa por maestro Johan de Froncourt. En la muy noble & leal villa de Valladolid. a xxviij dias del mes de Junio. Año del naçimiento del nr̃o señor Jesu Cristo de mill & quatrocientos & noventa & tres años. » In-fol. goth., de linhas longas, sem numer. de folhas nem *reclamos*, frontispicio gravado com o escudo das armas reaes. Tem duas assignaturas: A, de 8 ff., e B. de 10.

Consta que nos fins do seculo XV havia em Valhadolid uma imprensa, estabelecida no mosteiro de N. S. do Prado, da ordem de S. Jeronymo, onde se imprimia a *Bula de la Cruzada*. Em 1500 o celebre João de Burgos imprimiu nesta cidade a traducção de Sallustio feita por Francisco Vidal de Noya. Em 15 de Fevereiro de 1503 appareceu Jacobo de Gumiel, que publicou nessa data os *Comentarios del Sr. Palacios Rubios sobre la Rubric. et cap. Per vestras de Donationib.*

Os impressores da mesma cidade no seculo XVI são: o afamado Arnao Guillen de Brocar, que tambem imprimiu em outros lugares de Hespanha; Lazaro Salvago, de Genova, que em 1527 trabalhava no citado convento de N. S. do Prado; Nicolas Thierry; Juan de Villaquiran; Diego Fernandez de Cordova; etc.

ALCALÁ DE HENARES.

(Complutum).

N.° 95. — Vetus testamentũ multiplici lingua nũc primo impressum. Et imprimis Pentateuchus Hebraico Greco atqz Chaldaico idiomate. Adiũcta unicuiqz sua latina interpretatione.

6 vols. *in-fol.*, dos quaes os primeiros 4 contendo o Antigo Testamento; o 5.° o Novo Testamento e o 6.° um vocabulario hebraico e chaldaico d'aquella 1.ª parte.

No fim do 4.° vol.: « Explicit quarta et vltima pars totius veteris testamẽti hebraico grecoqz et latino idiomate nunc primũ impressa in hac preclarissima Complutensi vniuersitate. De mandato ac sumptibus Reuerendissimi in christo patris & domini: domini. F. Francisci Ximenez de Cisneros... Cardinalis Hispanie Archiepiscopi Toletani & hispaniarum primatis... Industria & solertia honorabilis viri Arnaldi Guillelmi de Brocario artis impressorie Magistri. Anno Domini Millessimo qngẽtesimo decimo septimo. mẽsis Iulii die decimo. »

Em cada volume está o titulo dentro de uma tarja xylographada; acima do titulo o brasão d'armas do cardeal Ximenes impresso em vermelho, e acima d'elle quatro hexametros latinos que começam: *Haec tibi pentadecas...* Precedem o texto no 1.° volume o *Prologus* do cardeal ao papa Leão X e outro *ad lectorem* e outros prologos e peças preliminares. Sem numeração todos elles, com *reclamos;* com registro, notas marginaes, lettras capitaes ornadas.

O 2.° contém: « Secũda pars Veteris testamenti Hebraico Grecoqz idiomate nunc primum impressa: adiuncta vtriqz sua latina interpretatione. »

O 3.°: « Tertia pars Veteris testamenti... adiuncta vtriqz sua latina interpretatione. »

O 4.°: « Quarta pars, &. »

Todos estes titulos com a mesma tarja, armas e versos latinos. Nesta 4.ª parte, depois do colophão que ficou transcripto, segue-se na mesma pagina a marca do impressor com a seguinte divisa: *In hoc signo vinces.* Convem advertir que esta marca é muitissimo diversa da que reproduzem Mendez, pag. 167 da sua *Tipografia Española*, 2.ª edição, e Hidalgo, seu continuador, á pag. 382 da mesma obra.

A descripção que dá Panzer, vi, pag. 442, n.º 7, da famosa Biblia não vae além d'estes 4 primeiros volumes.

Mattaire, *Annales Typographici*, ii, pag. 295, cita-a nos termos seguintes:

« *Biblia Polyglotta:* per Arnoldum Guilielmum de Brocario. fol. Compluti. 1517. » E accrescenta em nota:

« Hoc magnificum Opus sex Voluminibus continetur. » E passa depois a descrevel-os individualmente, a começar pelo Novo Testamento. D'esta descripção se verifica que o 1.º vol. do N. T. foi impresso em 1514; o 2.º, *Vocabularium*, em 1515. O 4.º do Velho Testamento o foi, como já vimos, em 1517.

Brunet, que engloba no mesmo titulo generico as duas partes da obra, diz a seu respeito:

« Esta polyglotta, executada por ordem e á custa do cardeal Ximenes, de quem conservou o nome, é a primeira que tenha sido publicada. Muito menos completa que as demais polyglottas, *elle ne se recommande guère que par sa grande rareté*, o que é todavia bastante para lhe conservar consideravel valor no commercio, &. Conhecem-se 3 exemplares d'este livro impressos em pergaminho, &. » E á relação que dá de cada um dos volumes da obra ajunta:

« Uma carta do Dr. Adam Clarke ao duque de Sussex, em data de 25 de Fevereiro de 1824, inserta na 2.ª parte da *Bibliotheca sussexiana*... certifica que o titulo e as seis ff. prel. do primeiro volume d'esta polyglotta, assim como a fl. do N. Testamento (ou 5.º vol.) que contém o fim da Epistola aos Hebreus e o começo dos Actos dos apostolos, foram impressos duas vezes e com divergencias typographicas. Para só fallar aqui da fl. que serve de frontispicio ao 1.º volume, differe em dois exemplares não só pela bordadura de madeira que a cérca, como pela disposição typographica do titulo, o qual só tem seis linhas em um, em quanto que em outro tem sete, das quaes as ultimas assim:

« latina interpreta-
tione. »

« No exemplar de *sete linhas* as armas do cardeal Ximenes, collocadas no centro da pagina, são coloridas de vermelho; nos de *seis linhas* o são em preto. A ultima d'estas seis linhas é:

« sua latina ĩterpretatiõe. »

« Pensa o Sñr. Clarke que os exemplares de seis linhas são mais raros que os outros. »

O nosso exemplar é dos que têem as armas impressas em vermelho e *sete linhas* no titulo.

Clement na sua *Biblioteque curieuse*, III, descreve largamente a Biblia de Ximenes e accrescenta em nota indicações historicas que resumiremos.

« Posto que, diz elle, tenham muitos sabios fallado d'esta importante obra, creio que a maior parte dos leitores, que não dispõem de tempo e commodidade para os consultar, estimarão achar aqui uma descripção circumstanciada d'ella. Sabem todos que *Francisco Ximenes de Cisneros* foi o grande autor d'este emprehendimento. Lançou-lhe os primeiros fundamentos em 1502: mandou vir os mais habeis personagens do seu tempo, *Demetrius de Creta*, grego de nação, e *Antonio de Nebrissa*, *Lopes Astuniga*, *Fernando Pintian*, professores das linguas grega e latina; *Affonso*, medico de Alcalá, *Paulo Coronel*, *Affonso Zamora* e *João Vergara*, eruditos nas lettras hebraicas. Puzeram elles desde logo mãos á obra e durante cêrca de quinze annos ininterrompidos, gastando nisso o cardeal *mais de cincoenta mil escudos de ouro*, não cessaram de trabalhar. »

Quanto á sua raridade diz o mesmo Clement:

« Antes de encerrar este artigo tenho algumas particularidades a observar: a primeira relativa á *raridade* d'esta edição, que provém em parte do mediocre numero de exemplares que d'ella se tiraram. O papa Leão X acompanhou-a de uma bulla, datada de 22 de Março de 1520, pela qual permittiu a sua venda depois do fallecimento de *Ximenes*: nella marcava o numero de *copias, usque ad sexcenta volumina vel amplius impensa ejusdem Francisci Cardinalis impressa*. Ora, o que eram 600 exemplares, ou pouco mais, para uma obra procurada? Nem chegavam para as bibliothecas publicas, de onde não sahem mais. Eis o que fez com que fosse esta edição já *muito rara* antes do fim do XVI seculo, como o declara *Arias Montanus* no primeiro Prefacio que poz em frente da famosa Polyglotta impressa em Anturpia por Plantino em 1569-72... O que ha de mais lamentavel a respeito d'esta obra é que existem exemplares incompletos e privados de um volume inteiro, como já o havia notado *Alvares Gomesius* na Vida do cardeal Ximenes, pag. 47, n.º 10. »

É a nossa Polyglotta a primeira das de que faz menção o Cat. da Bibliotheca Casanatense:

« Biblia Sacra (1517. Ximeneana, Complutensia, & Tetraglotta, *seu* IV. *ling. nuncupata) seu* Vetus Testamentum mul-

tiplici lingua nunc primum impressum. Et imprimis Pentateuchus Hebraico Græcoque atque Chaldaico idiomate. »

No *Catalogue des livres* de Bolongaro-Crevenna, I, *Théologie*, vem ella descripta tambem em primeiro lugar com a nota:

« Très bel, & très complet Exemplaire de la première Polyglotte, dont on connoit la rareté & le prix. »

Alcalá de Henares, lugar de impressão d'esta afamada Biblia, patria de Miguel de Cervantes, chamada *Complutum* pelos latinos, possuiu outr'ora uma Universidade, fundada em 1499 pelo mesmo cardeal Ximenes, a mais celebre do reino no XV seculo, depois da de Salamanca, teve provavelmente imprensa logo depois da fundação universitaria e complemento indispensavel d'esta, como diz P. Deschamps. No dizer de Melchior de Cabrera, por elle citado, o primeiro que ali estabeleceu officina typographica seria o licenciado Varez de Castro, a quem o cardeal, na sua qualidade de *gobernador de España*, concedêra *notaveis privilegios*.

Ao polaco Stanislau, porém, o *Lanzalao Polono* dos bibliographos nacionaes, impressor de Sevilha, é que parece averiguado a Deschamps dever Alcalá a introducção da arte de imprimir. Tendo-se separado da sociedade que mantinha naquella cidade com o allemão Meynardo Ungut, estabeleceu-se em 1501 em Alcalá.

« A elle, diz o citado autor, é que devemos considerar como o pae da typographia nesta cidade, que tão grande importancia litteraria teve em Hespanha no XVI seculo. »

Depois de citar mais de uma impressão sua de 1502:

« Alguns annos depois, um celebre impressor que possuia um estabelecimento importante em Pamplona no XV seculo, que encontramos em Logroño em 1503 e 1506, estabeleceu-se em Alcalá cêrca de 1511; é Arnaldo Guillen de Brocar, de quem diz o monge agostinho fr. Geronimo Roman *que el impresor mais famoso que vino à Alcalá de Henares fuè Arnao Guillen.* »

Menciona Deschamps em seguida duas das impressões das suas officinas de 1512 e 1513, e accrescenta:

« O mais bello titulo de gloria de Arnaldo Guilherme de Brocar é ter sido o impressor da mui justamente celebre *Polyglotta* de Ximenes, impressa em Alcalá em quatro annos, 1514-17, formando seis volumes *in-fol.* Este nobre livro é muito conhecido para que o citemos circumstanciadamente. »

Segundo o alludido autor os principaes impressores de Alcalá no XVI seculo são: *Miguel de Eguia*, 1522-36 (aliás 1537), que tambem trabalhou em Toledo, Pamplona, Burgos

e Logroño; *Juan de Brocar,* filho de Arnaldo, 1550-60; *André de Angulo,* 1563; *Sebastian Martinez,* 1558-67; *Juan Iñiguez de Lequerica,* 1572-87; *Juan Gracian,* 1574-88, e sua viuva, a partir de 1589.

A primeira cidade de Hespanha em que trabalhou pela arte o nosso impressor foi Pamplona, segundo Hidalgo, o qual descreve mais de uma impressão sua d'aquella cidade, de 1496 a 1499.

O exemplar exposto, que está em bom estado de conservação, pertenceu á Real Bibliotheca, tendo antes feito parte da livraria do Collegio da Companhia de Jesus em Coimbra.

N.º 96. — Libro de la invencion liberal y arte del juego del Axedrez, muy vtil y prouechosa: assi para los que de nueuo quisieren deprender à jugarlo, como para los que saben jugar. Compuesta aora nueuamente por Ruylopez de Sigura clerigo, vezino dela villa Cafra... *En Alcala en casa de Andres de Angulo.* 1561. Con privilegio.

In-4.º de 150 ff. num. e 8 innum. prelim., contando com a do titulo.

Contém o livro, nas 8 ff. prelim.: o titulo; no v. d'este o decreto real concedendo ao autor privilegio para imprimir a obra; uma « Epistola nvncvpatoria de Rvy Lopez de Sigura ... al ... señor don Garcia de Toledo », que vae do v. da 2.ª fl. ao r. da 4.ª, cujo verso está em branco; e « Aduertimiẽto de las enmendas que en este presente libro se contienen », nas restantes folhas. Segue-se o texto.

O livro é impresso em largas linhas, de 27 ll. cada pag. inteira, em caract. rom., numerado por ff. em caract. arabicos, com lettras iniciaes ornadas, registo e *reclamos,* tendo no alto das paginas o tit. principal da obra, metade em uma e o resto na outra, e pequenas notas á margem.

Termina no r. da fl. 150 pela seguinte declaração: *Fve impresso En Alcala de Henares, en casa de Andres de Angulo. Año de M. D. LXI.* O v. d'esta fl. está em branco.

Brunet e Graesse, na breve descripção que fazem da obra de Ruy Lopez, dão a indicação do lugar de impressão e nome

do impressor como si só viessem no fim do volume, quando estão não só no principio mas tambem no fim, como se vê.

O 1.° ajunta: *Obra rara:* vende-se por 4 libras, &. É um tratado do jogo de xadrez, do qual existe uma traducção italiana por G. Domenico Tarsia, *Veneza, presso Cornelio Arrivabene*, 1584, *in-4.°* E tambem uma traducção franceza com o titulo:

Le Jeu des échecs, avec son invention, science et pratique, trad. d'espagnol en françois. Paris, 1609, *in-4.°* Reimpresso, com o titulo *Royal jeu des échecs.* Paris, *Robinot*, 1615, ou Paris, *Gourault*, 1636, *in-8.°*, e tambem sob o titulo *Royal et nouveau jeu des échecs.* Paris, *Ant. de Roffé*, 1674, *in-12.*

Graesse repete estas indicações.

Pedro Antonio Crevenna, no seu *Catalogue raisonné*, II, pag. 236, menciona do mȯdo seguinte a obra de Ruy Lopes:

Libro de la invencion liberal y arte del juego del Axedrez, composta por Ruylopez de Sigura. En Alcala, en Casa de Andres de Angulo, 1561., *in-4.°*, e ajunta:

« Este livro é muito raro, e difficil de achar completo e em bom estado, o que é commum a quasi todos os livros hespanhoes. O nosso exemplar está o mais perfeito que se possa desejar. »

Nicolau Antonio, *B. Hispana Nova*, sob o nome *Rodericus Lopes de Segura*, faz menção da nossa edição, e depois de se referir ás traducções já acima mencionadas, accrescenta que, segundo um improviso em verso de Affonso Ciaconius, o autor fallecêra no anno de 1570 ou pouco depois.

Salvá não o menciona.

Dando noticia no n.° 95, da introducção da imprensa em Alcalá de Henares, ficou consignado o nome de André de Angulo como um dos seus impressores mais afamados.

O exemplar que a Bibliotheca Nacional expõe, em excellentes condições de conservação, pertenceu á Real Bibliotheca, provindo da livraria de Barbosa Machado, de quem conserva o *ex-libris.*

MADRID.

(Madritum).

N.° 97. — Tesoro de la Lengva Gvarani. Compvesto por el Padre Antonio Ruiz, de la

Compañia de Iesvs. Dedicado a la Soberana Virgen Maria...

Con priuilegio. En Madrid por Iuan Sanchez. Año 1639. In-4.°

As indicações do lugar, nome do impressor e data, vêm repetidas no fim.

Tem 8 ff. prel. não num., 407 num. pela frente, a duas cols., e mais 1 fl. inn.

No frontispicio occorre uma gravura a buril representando a Virgem Maria, e aos lados o distico — *Concebida sin — mancha de — pecado original.* —, palavras que completam o enunciado do titulo.

Em guarani e hespanhol.

As 8 ff. prelim. contêem o titulo, a « Suma del Priuilegio », e a « de la Tassa », a « Fée de Erratas », a « Aprovacion del padre Diego de Boroa, Prouincial de la Prouincia del Paraguay, de la Compañia de Iesvs », a « Aprovacion del licenciado Gabriel de Peralta, Canonigo de la santa Iglesia de Buenos Ayres », a « Aprovacion del ... Doctor D. Lorenço Hurtado de Mendoza, Prelado del Rio de Ianeiro », a « Licencia del Ordinario », a dedicatoria (em latim) « Beatiss.[mæ] Virgini Mariæ », um prologo « A los padres religiosos ... Predicadores del Euangelio á los Indios de la Prouincia del Paraguay » e, finalmente, « Advertencias para la inteligencia desta segunda parte de la lengua Guarani ». A approvação do prelado do Rio de Janeiro é datada de « esta Corte de Madrid ... a los 7. dias del mes de Março de 639. »

O *Tesoro* começa na folha 3.ª

Edição original. D'ella falla Ternaux Compans na sua *Bibliothèque américaine*, sob o n.° 588:

Tesauro (sic) *de la lengua guarani, compuesto por el P. A. Ruiz Montoya de la C. de J. ... Madrid, Sanchez, 1639. In-4.°*

« D'esta edição original, diz o snr. Valle Cabral na sua *Bibliographia da lingua tupi* (Rio de Janeiro, 1880), que é hoje bastante rara, possuem exemplares nesta côrte, Sua Magestade o Imperador, e os snrs. dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira, dr. Couto de Magalhães e Francisco Antonio Martins.

« Em 1876 o snr. Julio Platzmann fez a reimpressão *facsimile* d'este livro, e o visconde de Porto Seguro fez outra no mesmo anno, porém compacta ... »

D'estas impressões falla Leclerc na sua *Bibliotheca Americana*, n.os 2246 e 2247; mas não viu a edição primitiva.

Sob o 1.º d'esses ns. diz elle:

Montoya (Ant. Ruiz de). Obras. Viena y Paris, Maisonneuve et C.ie, 1876, 2 vol. in-4.º peq. — Tomo I. « Arte, Vocabulario y Tesoro de la lengua Guarani, ó mas bien Tupi ». IV, 100, XII pp. e 510 col. — Vol. II. « Tesoro guarani (ó Tupi) Español ». 407 col. — O terceiro volume comprehenderá a « Conquista espiritual » e o « Catecismo guarani ». « Esta edição é publicada sob a direcção do sñr. F. de Varnhagen. »

E sob o n.º 2247: — *Arte de la lengua Guarani; Bocabulario de la lengua Guarani; Tesoro de la lengua Garani. Publicado nuevamente sin alteracion alguna por Julio Platzmann. Leipzig, B. G. Teubner, 1876, 4 vol. in-4.º peq.*

« Reimpressão exacta *(soignée)*, feita pelas edições originaes, em papel *vergé*, com typos á imitação dos antigos.

« *Arte* CXX pp., titulo *fac-simile* da edição de Madrid, 1640... — *Bocabulario*, titulo *fac-simile* da edição de 1639, 7 ff. sem numeração, 407 ff., 1 fl. inn. — *Catecismo*, titulo *fac-simile* da edição de 1640 ... »

E accrescenta acêrca do autor:

« O P. Ruiz de Montoya, celebre missionario do Paraguay, nasceu em Lima em 1583. Entrou para a Companhia de Jesus em 1606 e foi enviado ás missões, onde converteu mais de cem mil indigenas. Este sabio religioso morreu em Lima em 1652. »

A Bibl. Nacional possue a reimpressão do benemerito Visconde de Porto Seguro e a de Platzmann.

A edição de Porto Seguro inscreve-se:

« Grammatica y diccionarios (Arte, Vocabulario y Tesoro) de la lengua Tupi ó Guarani por el P. Antonio Ruiz de Montoya, Natural de Lima, Misionario en la antigua reduccion de Loreto, junto al rio Paranápanema del Brasil, Superior en otras, y Rector del Colegio de Asumpcion, etc. Nueva edicion: mas correcta y esmerada que la primera, y con las voces indias en typo diferente. *Viena, Faesi y Frick (Imprenta I. y R. del Estado); Paris, Maisonneuve y C.ia*, 1876, in-8.º, sem num., a duas colum. » (No fim:) *Advertencia final*, assignada pelo douto editor.

Salvá não viu exemplar algum do *Tesoro*; mencionando porém, sob o n.º 3391 do seu *Catalogo*, a *Conquista espiritual* do mesmo autor, *Madrid*, 1639, 4.º, accrescenta:

« Libro raro. — Del mismo autor existe, segun Nic. Antonio, el *Tesoro de la lengua Guarani, Madrid, 1639*, y el

Arte, y Vocabulario de la lengua Guarini (sic). *Ibidem, 1640.* Tambien publicó un *Catecismo de la lengua Guarani. Madrid, 1640, 8.°*

« Por una aprobacion puesta al principio de la *Conquista espiritual*, y por la firma de la dedicatoria, se saca el segundo apellido Montoya. »

Nicolau Antonio, com effeito, na enumeração que faz das supracitadas obras do incansavel missionario, diz antes:

« Antonio Ruiz de Montoya, Limensis, Jesuita, strenuus in Paraguajana provincia operarius, & non unius collegii rector ... » E depois:

« Superstiti etiam tunc hos tribuit libros *Bibliothecæ Societatis* auctor. Sed tandem obiit magna sanctitatis fama Limæ, dum ex Hispania ad Paraquarenses suos remearet. XI. Aprilis MDCLII. »

Brunet e Graesse dão o titulo da obra de Montoya nos termos seguintes:

Tesoro de la lengua Guarani, que se usa en el Perù, Paraguay, y Rio de la Plata. Madrid, J. Sanchez, 1639, in-4.

Livro que se fez rarissimo, conclue Brunet.

O titulo supra vem repetido de modo identico pelos pp. de Backer na sua *Bibliothèque des écrivains de la Compagnie de Jésus*, tomo I, que dá relação das outras obras impressas do autor.

Carayon, *Bibliographie historique de la Compagnie de Jésus*, apenas menciona a *Conquista espiritual.*

Da edição primitiva possue a Bibliotheca Nacional dous exemplares: um, o que se expõe, que pertenceu ao pranteado americanista nacional, Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira, com a dedicatoria do volume ao Sñr. Dr. Ramiz Galvão escripta de sua lettra; e outro, bastante damnificado, que pertenceu ao Sñr. conego João Pedro Gay, vigario de Uruguayana.

Da edição *fac-similar* de Platzmann possue a Bibliotheca ainda outro exemplar que, posto que com falta das ultimas folhas, se conserva pela qualidade do papel em que foi tirada.

Obscura e cheia de duvidas e incertezas em seu comêço a historia da imprensa de Madrid, como pondera Deschamps e confessa o proprio Mendez na sua *Typografia Española*, grande numero de autores comtudo fazem remontar ao anno de 1499 a importação da arte de imprimir áquella cidade. Reflectindo-se porém que Madrid só adquiriu certa importancia depois que recebeu em seu seio a afamada Universidade de Alcalá de Henares com o seu admiravel museu, rica biblio-

theca e mais estabelecimentos litterarios, e que só em 1560 nella se assentou a capital da Hespanha, transferida de Toledo, facil é o suppor-se que só mais tarde é que gosou dos beneficios do invento de Gutenberg, propagado de ha muito pelas outras cidades da Europa e mesmo algumas do reino.

Como seus primeiros impressores citam-se os nomes de Pedro Cosin, Alonso Gomez, fallecido em 1586, Francisco Sanchez, *chefe de uma dynastia que imprimiu até ao fim do XVII seculo;* Pedro Madrigal, Guilhermo Druy, Querino Gerardo, o licenciado Varez de Castro, &.

« Entre os impressores subsequentes, que nos parecem dignos de memoria, continúa Deschamps, citaremos Juan de la Cuesta, que, estabelecido a principio em Baeza, deixa a seu irmão Pedro a direcção d'essa typographia e se domicilia em Madrid, onde lhe coube a honra de publicar, em 1605, a primeira parte da immortal historia de Dom Quichote ... Citemos ainda Thomas Junti, *impressor del Rey*, em 1621, um dos ultimos representantes do ramo hespanhol dos celebres Juntas de Florença. »

Conclue o autor a sua resenha acêrca da typographia madrilena por « uma lembrança e testemunho de veneração á admiravel imprensa de Joachin Ibarra, nascido em Saragoça em 1725, que foi nomeado impressor da camara d'el rei em Madrid e levantou a typographia hespanhola a um grau de perfeição inteiramente desconhecido até então na peninsula. »

Nenhuma indicação porém nos offerecem os bibliographos especiaes relativamente a Juan Sanchez, impressor do *Tesoro* de Montoya, trabalho ouriçado de difficuldades pelo peregrinismo de uma das linguas em que tinha de ser impresso e que não seria seguramente confiado a quem o não pudesse desempenhar cabalmente.

N. 98. — Ara poru aguĭyey haba: conico, quatia poromboe ha marângâtu. Pay Joseph Insaurralde amÿ̆grî rembiquatiacue cunûmbuçu reta upe guarâma; Ang ramò mbĭa reta mêmêngatu Parana hae Uruguaĭ ĭgua upe yquabeê mbî Yyepĭa môngeta aguĭvey haguâ, teco bay tetirô hegui yñepĭhy̆rô haguâma rehe, hae teco

marângâtu rupiti haguâma rehe, ymbopĭcopĭbo Tûpâ gracia reromânô hapebe.

Tabuçu Madrid é hape Joachin Ibarra quatia apo uca hara rope. Roĭ 1759. pĭpe – 60.

Dois tomos in-8.° peq., de 12 ff. inn., 464 pp. num., e 7 ff. inn., 368 pp. num.

Ch. Leclerc na sua *Bibliothèque Americaine* descreve-a sob o n.° 759 e ajunta:

« A traducção abreviada do titulo é indicada d'este modo nas licenças: « *Buen uso del tiempo.* »

« Obra muito rara e importante para a litteratura Guarani; é o livro mais volumoso que se haja impresso inteiramente nesta lingua. Foi publicada conforme o msc. do autor pelo p. Luiz de Luque, da Companhia de Jesus. Demais, parece ter-se conservado desconhecida dos bibliographos. Todavia d'ella falla Adelung no vol. III, 2, pag. 432, do seu *Mithridates,* onde vem indicada sob a data 1759; talvez não tivesse Adelung conhecimento do tomo II.

« O p. Insaurralde era superior das missões do Paraná e do Uruguay.

« Os pp. de Backer, vol. VI, pag. 228, apenas indicam o segundo volume. »

Com effeito os autores da *Bibliothèque des écrivains de la Compagnie de Jésus,* l. c., transcrevem toda a fl. de rosto do tomo segundo, *in-8.°, de 368 pp.,* precedendo-a do seguinte:

« Insaurralde, Joseph, est auteur d'un ouvrage en langue guaranie, intitulé: Le bon emploi du temps... »

Brunet, Graesse e Salvá não conheceram a obra, o que comprova a sua raridade.

No que ficou dito no n.° 97 acêrca da tardia introducção da imprensa na capital das Hespanhas, rendemos homenagem de consideração pela memoria de Joaquim Ibarra, a quem a arte deveu o maior esplendor a que attingiu no seculo passado na peninsula, transcrevendo textualmente o que a seu respeito disse P. Deschamps no seu *Dictionnaire de Géographie.* Accrescentaremos agora, com mais propriedade de lugar, o que do mesmo notavel impressor diz J.-Fr. Née de la Rochelle no seu opusculo *Recherches historiques et critiques sur l'établissement de l'art typographique en Espagne et en Portugal,* pp. 65 e 66:

« Quando os reis christianissimos fixaram mais tarde residencia em Madrid, attrahiram para esta cidade impressores, aos quaes deram o titulo de *Impressores Reaes.* Estabeleceram

tambem uma Imprensa Real, á imitação da de França. No ultimo seculo, o celebre *Joachim Ibarra*, nascido em Saragoça em 1725, foi nomeado *Impressor da camara d'el Rei em Madrid* e levou a perfeição da sua arte a um grau até então desconhecido na Europa; a emulação que inspirou aos seus confrades, fez com que a arte typographica realizasse em vinte annos mais progressos do que havia feito nos dois seculos precedentes.

« Ibarra illustrou-se por edições magnificas, em que o luxo das gravuras se ajunta ao dos typos, á sua extrema correcção e á superioridade da tiragem. Distinguem-se d'entre as suas bellas edições a traducção hespanhola de Sallustio pelo infante D. Gabriel, publicada em Madrid em 1772, in-fol., com fig.; uma Dissertação erudita acêrca do alphabeto e lingua dos Phenicios por Fr. Perez Bayer, 1772, in-fol.; uma Biblia latina, tambem in-fol.; um Don Quixote espanhol de Cervantes, 1780, em 4 bellos vols. de 4.°, com fig.; no mesmo anno uma bôa edição da Historia de Hespanha por Marianna, em 2 vols. in-fol., e tantos outros bons e bellos livros que seria longo enumerar aqui. Tivemos que lamentar-lhe a morte no anno de 1788; mas sua viuva sustenta a sua gloria por algumas publicações importantes, notavelmente pela de um *Diccionario de la Lengua Castellana, en Madrid, 1803, fol. peq.* »

No nosso exemplar do *Ara poru* precede a fl. de rosto uma nota msc., que é copia da opinião e noticia de Leclerc que ficaram acima transcriptas.

Foi comprado em Paris em 1878 pela quantia de 500 francos. Acha-se perfeitamente conservado.

N.° 99. — La conjuracion de Catilina y la guerra de Jugurta por Cayo Salustio Crispo.

(No fim:) *En Madrid. Por Joachin Ibarra, Impresor de Camara del Rei Nuestro Señor. M.DCC.LXXII.*

O titulo está contido em uma bella tarja allegorica gravada a buril por E. Monfort.

In-fol. com um retrato de Salustio, estampas, um mappa da *Numidia antigua* e numerosas vinhetas, todas primorosamente abertas e gravadas; lettras capitaes e iniciaes ornadas.

Consta de 7 ff. prel. inn., sem contar a de tit., e 395 ff. num. As primeiras contêem o *Prologo* do traductor e « De la vida y principales escritos de Salustio. » A traducção castelhana, impressa em largas linhas de typo italico, é acompanhada, na parte inferior da pagina, do texto latino, impresso em caracteres redondos, a duas columnas.

Brunet diz da obra:

« Esta edição da traducção de Sallustio, feita pelo infante D. Gabriel, sob a direcção de Fr. Perez Bayer, seu preceptor, é considerada com razão como obra-prima typographica. Os exemplares foram pela mór parte distribuidos como presente, mas não são muito raros... Os exemplares impressos em papel parte branco parte azulado, que são os que mais commummente se encontram, não valem mais do que de 40 a 50 fr. »

Teve reimpressão na mesma cidade, em 1804, em 2 vols. *in-8.°*, ainda com o texto latino, mas sem a *dissertação* de Bayer acêrca do alphabeto e lingua dos Phenicios, *fragmento curiosissimo*, como diz Brunet, *que faz parte da edição in-folio.*

Bolongaro-Crevenna, IV, n.° 6230 classifica-a, accentuando as primeira palavras:

« *Livro extremamente raro e precioso*, tanto por causa da sua execução typographica, de superior belleza, como porque S. A. R. o Infante D. Gabriel, que é o auctor da traducção e a mandou imprimir á sua custa, reservou para si todos os exemplares com o fim de fazer presente d'elles. A traducção é acompanhada do texto latino, de notas, de uma soberba carta geographica e de bellissimas estampas. »

Em opposição á opinião de Brunet quanto ao preço por que teem sido vendidos exemplares do Sallustio hespanhol, Graesse indica outros elevadissimos e ajunta:

« Texto da edição Elzevir. 1634 com variantes tiradas de 3 mss. hespanhoes. Aqui está talvez o livro mais perfeito, que tenha apparecido, pela igualdade da tiragem. Foi impresso por ordem e á custa do infante Dom Gabriel, que reservou a edição inteira para presentes. Comtudo foi este principe auxiliado sem duvida na versão pelo seu aio, F. Perez Bayer, que ajuntou uma dissertação *del alfabeto y lengua de los Fenices y de sus colonias.* O texto, em caracteres romanos, em duas columnas, está por baixo da versão hespanhola impressa com caract. cursivos. Ha segunda tiragem, feita, depois da morte do principe, em papel menos fino e azulado, com *provas* usadas. »

Terminaremos com a opinião de Salvá.

No n.° 2791 do seu *Catalogo* diz o abalisado bibliographo hespanhol, depois da transcripção do titulo da obra:

« Este é sem duvida o livro melhor impresso em Hespanha nos dois ultimos seculos; poucos porém são os exemplares que se encontram de papel branco e uniforme, como o que possuo. — Attribue-se a traducção ao infante D. Gabriel, si bem que a reviu e corrigiu Pérez Bayer. — Fez-se outra edição em *Madrid*, *Imprenta real*, 1804, 2 vols. *in-8.°* e d'ella se tiraram alguns exemplares em papel grande. — Ambas as impressões levam junto o texto latino. »

Da imprensa de Madrid desde o seu começo já aqui se deu noticia no n.° 97, e do afamado Joaquim Ibarra já tambem aqui se fez honrosa menção no mesmo n.° e no 98.

O magnifico exemplar, que a Bibliotheca Nacional expõe da *Conjuração de Catilina y la Guerra de Jugurta*, dá a mais alta idéa do grau de perfeição a que chegou a arte de imprimir na capital da Hespanha e o que nesse sentido deve a patria a Joaquim Ibarra.

N.° 100. — El ingenioso hidalgo Don Quixote de la Mancha compuesto por Miguel de Cervantes Saavedra.

Nueva edicion corrigida denuevo, con nuevas notas, com nuevas estampas, con nuevo analisis, y con la vida de el Autor nuevamente aumentada por D. Juan Antonio Pellicer bibliotecario de S. M. y Academico de numero de la Real Academia de la Historia.

En Madrid, por D. Gabriel de Sancha, 1797-98.

Cinco tom. em 7 vols. *in-8.°*, em pergaminho, com o retrato do autor, gravado a buril por D. Duflos, estampas e vinhetas e *fac-similes* da assignatura de Cervantes.

Nosso exemplar consta, como se vê, de 7 volumes, distribuidas por elles as duas partes de que se compõe a obra do modo seguinte: — No 1.° *Notas al tituto de la historia*, dedicatoria de Pellicer, *Discurso preliminar*, *Vida de Miguel de Cervantes*, *Prologo*, e outras peças accessorias que occupam as primeiras CCXLIV pp. do vol., a que se seguem 13 capitulos da parte primeira do texto.

— No vol. II, continuação da parte primeira, cap. XIV

a XXXIII. — No vol. III se continúa ainda a primeira parte, cap. XXXIV a LII. — No IV, que é o I da segunda parte, com *Prologo* e *Advertencia* especiaes, contêem-se os primeiros XXV cap. da segunda parte. — No V vol. os cap. XXVI a XXXIX d'esta parte. — No VI os cap. XL a LIX. — No vol. VII os cap. LX a LXXIV; um «Indice de las cosas mas notables... distribuidas por toda la obra; Explicacion de las estampas que contienen los cinco tomos de que consta esta edicion; Descripcion geografico-historica de los viages de Don Quixote...» com um mappa da parte da Castella que se diz percorrida pelo ingenhoso fidalgo; e a *Lista de los señores subscriptores*. Todos estes vols. têem o seu frontispicio especial; os 3 primeiros paginação separada; o 4.° e o 5.° numeração seguida, e assim o 6.° e 7.° entre si.

Sob o n.° 1568 do seu *Catalogo* escreve Salvá:

«Ejemplar intonso del papel grande y fuerte, de que se tiraron mui pocos. En Londres tuvimos uno de los seis que se imprimieron sobre hermosa vitela, dividido en 7 vols., que todos tienen su fróntis.»

O exemplar da Bibliotheca, como se vê da descripção supra, é *uno de los seis que se imprimieron sobre hermosa vitela, dividido en 7 vols. que todos tienen su frontis.*

Descrevendo em seguida a nova edição dada pelo mesmo Pellicer, em *Madrid, Gabriel de Sancha*, 1798-1800, 9 vols. *in-8.°*, accrescenta o bibliographo hespanhol:

«Vi exemplares tirados em papel forte.

«O Snr. Pellicer, diz Navarrete, pensou muito fundadamente que era necessario illustrar o Quichote de notas historicas, litterarias, moraes, grammaticaes e criticas; regulando antes o texto pela edição de 1608, e corrigindo-o pela de 1605 na *parte primeira*; adoptando para a *segunda* a de 1615. Para indicar as passagens que Cervantes imitou dos livros cavalheirescos, especialmente do *Amadis de Gaula*, e dos poetas italianos ou latinos, e fazer algumas outras observações, aproveitou-se dos trabalhos do Dr. Bowle: e como o seu emprego lhe proporcionava na sala de Mss. da Real Bibliotheca outras noticias que não estavam ao alcance de todos os litteratos, conseguiu confirmar e esclarecer alguns successos verdadeiros que se referem naquella fabula; designando os autores e livros que nella se citam; descubrindo as fontes de onde tirou Cervantes certos casos e aventuras; desvendando as allusões de algumas satyras; dando razão dos usos e costumes nacionaes e explicando certas phrases e palavras obscuras.

«Precede á obra, na edição em 5 volumes, e constitue o ultimo tomo na de 9, a *Vida de Cervantes*, e em um discurso

preliminar trata-se das primeiras edições, das variantes e legitimidade do seu texto, de algumas traducções e do primeiro livro de cavallaria, impresso em Hespanha, cujo heroe se arremeda em Dom Quichote.

« No fim d'elle ajunta o commentador uma *descripção historico geographica* das viagens de D. Quichote, em que se relatam varias antiguidades da Mancha e de Aragão.

« Ambas as edições são bôas... Os desenhos feitos com propriedade por Camaron, Paret, Navarro e Jimeno, foram gravados por Moreno Tejada e, em Paris, por Duflos: o que tudo junto faz digna esta edição do apreço distincto que tem entre as melhores que se hão feito do *Quichote*.

Referindo-se depois, sob o n.° 1577, á edição feita no Mexico em 1842 por Ignacio Complido, 2 vols. *in-8.°* francez, diz judiciosamente Salvá:

« Quasi todas as nações do antigo continente haviam pago um justo tributo ao relevante merito d'este livro, reproduzindo-o em magnificas edições já na lingua original, já em traducções nos varios idiomas europeus: o Novo Mundo, sobretudo a parte d'elle em que se falla a lingua de Cervantes, não podia deixar de associar-se áquellas levantando tambem um monumento typographico ao autor classico da sua lingua nativa. »

Cervantes, só annos depois de publicada a primeira parte da sua portentosa narrativa, compoz e deu ao prelo a segunda parte. Antes d'elle, porém, um certo *Alonzo Fernandez de Avellaneda* (pseudonymo que, no dizer de Graesse, nunca se desvendou) publicou um segundo volume de *Don Quixote*, que se tornou rarissimo por tel-o supprimido o proprio Cervantes. « Sem a existencia, accrescenta Graesse, da verdadeira continuação por parte d'este, teria certamente a obra de *Avellaneda* adquirido a nomeada de uma das melhores producções da litteratura hespanhola. »

Na monographia, porém, de Don Adolfo de Castro, intitulada *Varias obras inéditas de Cervantes... com nuevas ilustraciones sobre la vida del autor y el Quijote*, Madrid, 1874, attribue-se a continuação da famosa novella ao poeta dramatico contemporaneo, de notoria reputação, D. Juan Ruiz de Alarcón y Mendoza, fundado em razões que o autor adduz e discute.

« De todo resulta mayor gloria para el principe de los novelistas, conclue o auctor. No se trata ya de que tuvo un adversario vulgar, sino un escritor admirable en algunas de sus obras, de excelente erudicion, de elegancia en el decir, y de agrado y delicadeza en los pensamientos, por más que en el

libro en que pretendió competir con el autor del *Quijote* quedó vencido.

« De todas maneras, de hoy más puéde decirse que Avellaneda fué un digno rival de Cervantes. »

A primeira parte da historia do *ingenioso hidalgo* fôra impressa em *Madrid, Juan de la Cuesta*, 1605, *in-4.°* peq. e logo fez outra edição o mesmo impressor, no mesmo anno e na mesma cidade, tal foi o enthusiasmo que despertou a maravilhosa composição de Cervantes. Já quando esta primeira parte corria mundo, impressa em Valença, em Lisboa, em Bruxellas mais de uma vez, do mesmo modo em Madrid, uma vez em Milão, foi que *Juan de la Cuesta* deu na capital da Hespanha, em 1615, a *Segunda parte* no formato da primeira.

Avellaneda publicára a sua continuação do dom Quichote em Tarragona, 1614.

A obra monumental de Cervantes, que Brunet qualifica de *admiravel romance*, mereceu as honras de passar para todas as linguas e litteraturas do mundo, como já o disse Salvá, e na propria Hespanha Joaquim Ibarra imprimiu-a nas suas officinas em 1780 e 1782, em 4 vols., com tal apuro e gosto, que fez da sua edição uma obra-prima typographica, illustrando-a com gravuras da mão dos melhores artistas nacionaes, edição que, em 1787, a viuva de Ibarra repetiu em 6 vols.

As duas partes reunidas foram pela primeira vez impressas por Sebastian Matheyad em Barcelona, *en casa de Bautista Sarita*, 1617, *in-8.°*

Em Lisboa foi a primeira parte dada á estampa no mesmo anno em que se fazia em Madrid a primeira impressão do original.

Ultimamente se imprimiu no Porto, por uma associação para esse fim organisada, uma primorosa edição da famosa satyra de Cervantes com as seguintes indicações:

« O engenhoso fidalgo Dom Quichote de la Mancha por Miguel Cervantes de Saavedra. Traductores Viscondes de Castilho e de Azevedo (e M. Pinheiro Chagas) com desenhos de Gustavo Doré gravados por H. Pisan. »

Porto, Imprensa da Companhia Litteraria, 1876–78. 2 vols. *in-fol.* max.

Esta impressão é conhecida em Portugal pela denominação de *edição dos typographos*.

Nesse intervallo de tempo, em 1877, o visconde de Benalcanfor, laureado commensal das boas lettras portuguezas, auxiliado por D. Luiz Breton y Vedra, transportou de novo para a nossa lingua as grotescas aventuras do engenhoso fidalgo,

dando em Lisboa 2 vols. *in-8.º*, com desenhos de Manoel de Macedo e gravuras de D. José Severini. Tiveram seguramente em vista proporcionar uma edição ao alcance de todas as bolsas.

Ha tambem muitas redacções dramaticas e innumeras imitações do *D. Quichote*; todas estas imitações porém ficam muito distanciadas da de *Avellaneda*.

Nas obras dramaticas do nosso Antonio José comprehendidas no *Theatro Comico Portuguez, Lisboa, 1747, segunda impressão*, depara-se, no tomo primeiro dos 4 da collecção, com a *Vida do grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança, opera que se representou no Theatro do Bairro Alto de Lisboa, no mez de Outubro de 1733*, cuja paternidade Innocencio da Silva deixou patente. Essa comedia do nosso Plauto teve a honra insigne de ser traduzida para o francez pelo Snr. Ferdinand Denis, como já o havia advertido Varnhagen. Nos *Chefs-d'œuvres des théâtres étrangers, Paris, 1823*, de par com a *Inez de Castro* de João Baptista Gomes e outras peças notaveis do repertorio theatral portuguez, inclue-se a traducção da *opera* do infeliz *judeu brazileiro*.

Orgulha-se Alcalá de Henares de ser a patria de Miguel Cervantes de Saavedra, a quem especialmente a *Vida e feitos de D. Quichote de la Mancha* deu tão justa e duradoura celebridade. Ali nasceu o famoso poeta e romancista castelhano a 9 de Outubro de 1547 e morreu em Madrid a 23 de Abril de 1616. « Nenhuma pedra, nenhuma inscripção indica hoje a sepultura do maior genio que a Hespanha tenha produzido », dizem F. Didot Frères no artigo que lhe consagram na sua *Nouvelle biographie universelle*. Sepultado, como pedira, em um convento de freiras e tendo annos depois mudado estas de residencia, ignora-se o que foi feito das cinzas do escriptor que deu ao mundo *o mais glorioso monumento* de um reinado, o de Filippe III, de quem se conta, no dizer de outro biographo, *que as loucuras do cavalleiro da Mancha desannuviaram mais de uma vez a fronte d'esse principe melancholico e sombrio*. O certo é que Cervantes expirou acabrunhado de dividas e apesar da protecção do conde de Lemos e do cardeal Sandoval, morreu, para assim dizer, de fome! « Cervantes, diz a *Biographie Universelle* publicada por Michaud Frères, acabou crivado de dividas e de necessidades, na capital e quasi sob os olhos de um soberano que, a não ser elle, nunca teria conhecido a ventura de rir. »

Não o acompanharemos na sua attribulada peregrinação pela vida nem na enumeração dos escriptos com que immortalisou o seu nome e a sua patria.

Repetiremos comtudo, com um d'aquelles seus biographos,

que o *Don Quijote*, obra cheia de uma alegria tão franca, foi escripto no fundo de uma prisão, onde os *alcaides* de uma aldeia da Mancha haviam lançado Cervantes em seguida a uma d'essas embrulhadas judiciarias tão communs na Hespanha.

« Cervantes, diz Larousse no seu grande diccionario, foi um heroe antes de ser um grande escriptor e realisou grandes acções antes de ter escripto uma obra prima. A sua vida offerece o raro modelo das mais altas virtudes que honram a humanidade: coragem intrepida nos perigos, paciencia e abnegação na desgraça, probidade e resignação na pobreza, extrema indulgencia casada a profundo conhecimento do coração humano, amor pela familia, reconhecimento pelos beneficios, tranquillidade deante da morte, taes são os exemplos que este grande homem legou á posteridade. »

Na capital do Chile commemoraram em 1878 os admiradores do preregrino novellista complutense o CCLXII anniversario da sua morte e publicaram uma bella memoria sob o titulo *Aniversario CCLXII de la muerte de Miguel de Cervantes Saavedra*, livro curioso e merecedor de consulta pelas noticias importantes que encerra.

Da edição que a Bibliotheca Nacional expõe do *Don Quixote* só se tiraram, como dissemos, 6 exemplares em pergaminho. Além do nosso e do exemplar de Salvá, Brunet diz que outro se conserva na Bibliotheca Nacional de Paris; outro, que tinha sido pago por 3,000 francos, ainda em 1838 alcançou 400 francos.

Ligando o seu nome a uma publicação de tanto merito, D. Gabriel de Sancha entrou para o numero dos mais afamados impressores da Hespanha.

N.º 101. — Episodios Nacionales por B. Perez Galdós. Illustrado por D. Enrique y D. Arturo Mélida.

Madrid (Imp. y lit. de la Guirnalda, 1882); in-4.º

Com grande numero de estampas, pela mór parte intercaladas no texto; lettras capitaes ornadas; 419 pp. de numeração ininterrompida.

É o tomo II da obra geral do mesmo titulo, consagrado ás datas e factos historicos — *El 19 de Marzo y el 2 de Mayo — Bailén.*

Frontispicio impresso a duas côres, com a marca da officina; a primeira folha de cada um dos dois textos adornada de uma gravura allegorica aberta em madeira, com as datas e o nome dos episodios que commemora; estas duas estampas occupam quasi toda a respectiva pag., deixando um pequeno espaço para a impressão typographica.

De bella e nitida impressão, em caract. denominados *cicero*, em largas linhas e excellente papel, ornado de magnificos desenhos xylographados com esmero, o exemplar que a Bibliotheca Nacional expõe dará uma fiel idéa das modernas impressões da capital da Hespanha.

Comprado pelo Dr. João de Saldanha da Gama, actual Bibliothecario.

LONDRES: LONDON.

(Londinum).

N.° 102. — Testamenti Veteris Biblia Sacra, Libri Canonici priscæ Iudeorum Ecclesiæ à Deo traditi. Latini recens ex Hebræo facti brevibúsque Scholiis illustrati ab Immanuele Tremellio & Francisco Junio. Accesserunt Libri Qui Vulgo dicuntur Apocryphi... quibus etiam adjunximus Novi Testamenti libros ex sermone Syro ab eodem Tremellio, & ex Græco à Theodoro Beza in Latinum versos... Secunda cura Francisci Junii.

Londini, Impensis Guliel. N. An. Dom. 1593.

Titulo impresso em caract. typog. dentro de um portico aberto em madeira e tendo a data *1574*.

In-fol. peq., a duas columnas, lettras capitaes e iniciaes ornadas, *reclamos*, numeração arabica, notas marginaes numerosissimas, envolvendo muitas vezes o texto.

Divide-se este em 4 partes, cada uma com paginação e titulo especiaes: na quarta, que se inscreve *Bibliorvm pars quarta, id est, Prophetici libri omnes*, vem a data *M.D.XCII.* e a marca typographica constituida pelo caduceu no centro e

duas cornucopias lateraes. A estas partes seguem-se os *Libri Apocryphi*, com fl. de rosto especial, a mesma data e marca de impressor; e, finalmente, o *Testamentum Novum*, tambem com a sua fl. de rosto, na qual se declara:

Londini, Excudebant Reg. Typograph. Anno salutis humanæ 1592.

Mencionada apenas na sua primeira edição, *Francofurti ad Moenum*, 1575-79, no Catalogo do Museu Britannico; esta e a segunda, *Londini exc. Henr. Middletonus impensis C. B.*, *1579-80*, no *Bibl. Casanatensis Catal.*; omittida por Brunet, Graesse, Dibdin, pelo *Bibl. Regiæ Catalogus* e por Clement, que só menciona a edição primitiva, que qualifica de *rarissima;* só achâmos descripta a presente edição no *Catalogus librorum qui in... Bibl. Borbonica adservantur.* Na designação da localidade da impressão e nome do impressor, diz o autor do referido catalogo: *Londini, per Guil. B. R. N. et R. B.*, *1593*, *in-fol.* e accrescenta:

« Hanc *Tremellio-Iunianam* interpretationem, secundis licet curis recognitam, ne Anglis quidem Theologis usquequaque probatam fuisse, ex censura Londinensi, quae operi praefigitur, apparet. Multa sane admixta continet, quae humanum ingenium sapere eadem Londinensis facultas indicavit, et admonuit. »

Na noticia que em nota dá Clement, *Bibliothèque curieuse*, IV, pag. 148, da primeira edição da presente *Biblia* algumas indicações se deparam applicaveis a esta.

« Ainda que, diz elle, nada ha de mais commum do que a Biblia de *Tremellius & de Junius*, da qual se fizeram cêrca de trinta edições diversas, não deixa esta primeira edição de ser *muito rara*, porque está dividida em cinco partes, que foram impressas separadamente e em diversos tempos. Ella parece, além d'isso, incompleta aos que não a conhecem exactamente, porque não tem Novo Testamento. Encontram-se todas as edições seguintes acompanhadas do Novo Testamento de *Theodora de Beza*. E quem não acreditaria que elle falta nesta primeira edição?... Comtudo os conhecedores devem procural-a, por ser a unica edição verdadeira de *Tremellius*, que começára esta traducção em 1571 e que a tinha consideravelmente adeantado antes que *Francisco Du Jou* lhe fosse associado pelo Eleitor Palatino Frederico III, o que só se deu em 1573...

« Tremellio falleceu no anno seguinte *(Emmanuel Tremellio n. em Ferrara em 1510 e m. em 1580)*: Junio, vendo-se senhor d'esta Biblia, fez-lhe a principio mudanças na segunda edição, que publicou em Londres em 1581, *in-8.°*, adicionada

do Novo Testamento de Beza. Continuou no mesmo pé até 1602, anno em que morreu de peste. De sorte que só a nossa edição é a que representa exactamente a versão de Tremellio... » Clement refere-se, como se disse, á 1.ª edição.

O que se torna singular é que nem este autor, nem o conego Rossi no catalogo da Bibliotheca Burbonica, nem Robert Watt na sua *Bibliotheca Britannica* (*Edinburgh*, 1824), desvendam o nome do impressor ou impressores d'estas edições da Biblia de Tremellio, nome aqui posto em iniciaes; especialmente este ultimo bibliographo, que se extende em noticias das obras de Tremellio, de Junio ou *Du Jou* e de Theodoro Beza e, a proposito d'este, chega mesmo a mencionar a presente edição de 1593, por causa do seu *Novum Testamentum*, de que se tirou em Londres no anno seguinte nova edição aparte, *in-16*.

Si bem que não destituida de merito pela nitidez da sua impressão e correcção do texto, a Bibliotheca Nacional expõe a presente edição por ser excellente exemplar das impressões feitas em Londres no XVI seculo.

O que expomos pertenceu ao Collegio da Companhia de Jesus em Paris, doado por Achilles de Harlay, conde de Beaumont, de onde passou para a Real Bibliotheca.

Londres, metropole do reino Unido da Grã-Bretanha, capital da Inglaterra, deveu a Guilherme Caxton a importação da imprensa. Referindo-se ao assumpto, diz Deschamps:

« Seria necessario encher um volume inteiro para fallarmos com alguma individuação dos seus institutos *(de Londres)*, dos seus collegios, das suas bibliothecas e dos seus museus; apenas podemos saudar de passagem esta esplendida agglomeração de thesouros litterarios e artisticos, tão maravilhosamente administrados, que se chama *British-Museum*, a *National -Gallery* e as collecções particulares, que têem, como a *Spenceriana*, importancia quasi igual á dos mais opulentos depositos publicos. »

Embora a abbadia de Westminster, em que estabelecêra Caxton a sua officina, ainda então não estivesse comprehendida na enorme cidade, ella é seguramente o ponto de partida da historia da imprensa londrina. Caxton, que fôra a principio aprendiz de mercieiro em Londres, passou-se depois á Hollanda, onde teve ensejo de estudar a *nova arte* e de onde a trouxe para a terra natal em 1474, segundo uns, e de 1468 a 1471, segundo Deschamps, que o acompanha par e passo na sua fecunda existencia.

Foi, pois, na ordem chronologica, Guilherme Caxton o primeiro impressor de Londres.

« Caxton, diz um dos seus biographos, dirigiu durante perto de quinze annos o seu estabelecimento e deu ao prelo obras que os bibliographos disputam hoje a preços excessivos... Este laborioso artista era o proprio que traduzia os seus livros, imprimia-os, coloria-os, encadernava-os e, como não se usavam ainda as *erratas*, corrigia á mão e á tinta vermelha os erros que continham. »

Na abbadia de Westminster, onde fundára a sua officina, *porque as terriveis commoções que sublevaram naquella epoca fatal a velha Inglaterra* o arredaram da cidade propriamente dita, acabou a sua laboriosa velhice o proto-typographo inglez, em 1491.

O primeiro livro, porém, verdadeira e rigorosamente impresso em Londres é o de *Antonii Andreæ — Quæstiones super XII. Libros Metaphisicæ... per... Johannem Lettou*, 1480, *in-fol.*, que não declara entretanto o lugar de impressão. No anno seguinte imprimiu o mesmo João Lettou as *Expositiones super psalterium. By Jacobus de Valencia, in-fol.*, com aquella declaração.

Associou-se depois este impressor a Wilhelm de Malines ou Macklyn, como lhe chama Dibdin, que cita duas obras impressas por elles.

Depois d'estes merece especial menção Wynkyn, Winken ou Winandus de Worde, estrangeiro, que, como Lettou, era provavelmente um dos operarios allemães recrutados por Caxton em Colonia ou em Flandres quando levou para a Inglaterra a arte de imprimir. Este herdou do mestre o material, os typos e mesmo a officina, e continuou em Westminster até 1501 ou 1502, estabelecendo-se depois em Londres. Ahi, o primeiro livro que imprimiu, *Manipulus Curatorum*, *in-8.°* peq., traz em cima do titulo o monogramma de Caxton e no fim a data de *1502*. O ultimo livro que parece ter imprimido é uma edição dos Colloquios de Erasmo, de 1535, citada por Maittaire e Panzer. Foi incontestavelmente Wynken de Worde um dos maiores impressores de Inglaterra; aperfeiçoou os velhos e rudes typos de seu mestre, como diz Deschamps, regularisou-os, variou-lhes os tamanhos, e as suas edições, que attingem, segundo Didot, o numero de 408, têem hoje um valor exorbitante.

Na impossibilidade de darmos o historico de todos os typographos da metropole ingleza que fizeram honra á gloriosa arte, citaremos apenas os que mais se distinguiram no XVI seculo.

Ricardo Pinon ou Pynson, natural de Ruão, a quem deve a Inglaterra a adopção do caracter romano, imprimiu em

Londres de 1493 a 1531; Julian Notary, que trabalhou de 1498 a 1520; Wiliam Faques, normando, que imprimiu de 1504 a 1511 e foi discipulo de João Bourgeois, de Ruão; e Henry Pepwell, de 1506 a 1539.

Depois d'estes menciona ainda Deschamps os nomes e datas seguintes: — John Skot ou Scott, 1521 a 1537; Thomas Godfray, 1510 a 1532; John Rastell ou Rastall, 1517–1533; Robert Copland, antigo aprendiz de W. de Worde, 1515 –1547; succede-lhe seu filho William.

« Ricardo Grapton, conclue Deschamps, que imprime a *Biblia de Cranmer* em 1540, e tantos outros, para cuja minuciosa nomenclatura remettemos o leitor ás *Typographical Antiquities* de Dibdin e ao notavel artigo que F. Didot consagrou aos impressores inglezes no seu *Essai sur la typographie* publicado em 1851. »

Não deixaremos entretanto em silencio o nome de Thomaz Roycroft, impressor da afamada *Biblia Polyglotta* de Waltton, mencionada no presente catalogo sob o n.° 104.

Na sua importante monographia, que modestamente intitulou *Relatorio sobre as artes graphicas na Exposição universal de Vienna em 1873*, refere o Snr. Dr. Ramiz Galvão os nomes dos impressores modernos da Grã-Bretanha que se fizeram representar naquelle congresso da civilisação do mundo contemporaneo.

Desde a *British and foreing Bible Society*, que ali se apresentou com as suas Biblias vertidas em 66 linguas differentes; os impressores, lithographos, chromo-lithographos e editores *Grant & Comp.*, que havia mais de trinta annos trabalhavam, quasi sem competidores, naquellas differentes especialidades, não só em Londres como em Paris; e *Johnston & Comp.*, de Edimburgo; até *Augener & Comp.*, impressores de musica, de Londres; *Reed & Fox*, de Londres, e *Stephenson Black & Comp.*, de Sheffield, fundidores de typos. Exprobrando á Inglaterra o não se ter feito representar na Exposição pelos grandiosos emprehendimentos que tem realisado na arte de imprimir, lembra o Snr. Dr. Ramiz os nomes, tornados historicos, dos *Baskerville*, *Thomas Bensby*, *W. Bulmer* e *Ch. Wittingham*, que souberam elevar tão alto o nome inglez no consenso universal da civilisação pela imprensa, e conclue:

« A boa execução typographica, ainda das obras communs, é cousa que se não póde negar em Inglaterra; ella provém no nosso humilde parecer de uma circumstancia peculiar aos usos da corporação dos impressores.

« Sabe-se que alli a liberdade de imprensa é illimitada,

e que cada qual tem o direito de estabelecer uma imprensa ou uma livraria, sem que nisso hajam de intervir as autoridades do paiz; entretanto está tambem nas tradições e nos velhos habitos exigir rigorosamente 7 annos completos de aprendizagem a todo o artista typographo, que se destina á impressão ou á composição.

« Da manutenção fiel d'este preceito resulta que os operarios das officinas são em geral homens habeis em sua especialidade, amadores della, porque com o tempo lhe ganharam estima, e conhecedores de todos esses pormenores manuaes e mecanicos, que fazem o bom typographo... Quanto a nós a Inglaterra não deve a outra causa o bem acabado de suas publicações ordinarias. »

N.º — 103. — Haklvytvs Posthumus or Pvrchas his Pilgrimes, contayning a History of the World, in Sea voyages, & lande — Trauells, by Englishmen & others... Some lest written by M: Hakluyt at his death More since added. His also perused. & perfected. All examined. abreuiated. Illustrated w[th] Notes. Enlarged w[th] Discourses. Adorned w[th] pictures, and Expressed in Mapps. In fower Parts. Each containing fiue Bookes. By Samvel Pvrchas. B. D.

Imprinted at London for Henry Fetherston at y[e] signe of the rose in Pauls Churchyard 1625.

Cinco vols. in-fol., frontsp. gr., com cartas geographicas e figs.

O titulo transcripto e as indicações mencionadas se acham no frontispicio gravado que precede o titulo do volume 1. Este frontispicio, allusivo ao assumpto da obra, traz na parte inferior o retrato de Samuel Purchas na idade de 48 annos.

Cada volume é dedicado a uma personagem differente, e traz um titulo especial impresso. Nos quatro primeiros volumes o titulo começa pelas palavras: *Pvrchas his Pilgrimes. In five bookes*, ás quaes se seguem os resumos dos respectivos assumptos. Estes volumes têem as seguintes indicações: *London, printed by William Stansby for Henrie Fetherstone, and are to be sold*

at his shop in Pauls Church-yard at the signe of the Rose. 1625.
O 5.º vol. tem titulo differente, assim concebido:

— « Pvrchas his Pilgrimage or Relations of the world and the religions obserued in all Ages and places discouered, from the Creation vnto this Present. Contayning a Theologicall and Geographicall Historie of Asia, Africa, and America, with the Ilands adiacent... The fourth Edition, much enlarged with Additions, and illustrated with Mappes through the whole Worke; And three whole Treatises annexed, One of Russia and other Northeasterne Regions by S.r Ierome Horsey; The second of the Gulfe of Bengala by Master William Methold; The third of the Saracenicall Empire, Translated out of Arabike by T. Erpenivs. By Samvel Purchas... »

Neste vol. as indicações são as mesmas, differindo apenas na data, que é 1626. Os tres tratados mencionados no titulo estão collocados no fim do volume: os dois primeiros, sob uma só fl. de rosto, occorrem á pag. 969; o terceiro, com outra fl. de rosto, á pag. 1009.

Collecção de viagens muito procurada, citada por Ternaux Compans sob o n.º 479. Os exemplares completos e bem conservados encontram se com muita difficuldade. Lowndes fez uma descripção d'esta obra, especificando, para cada volume, o numero de folhas das peças accessorias e do texto, as cartas geographicas fóra d'elle, e os erros de paginação. Esta descripção foi reproduzida em primeiro lugar por Brunet, e depois com menos exactidão por Graesse. O nosso exemplar, perfeitamente conservado, confere com o de Lowndes em todos os pontos menos um: falta-lhe uma folha de lista das cartas geographicas, que deveria achar-se no começo do vol. 1, logo depois das 11 ff. inn. de indice. Assim, além do merecimento scientifico que lhe attribuem, tambem tem grande valor bibliographico.

A fl. de rosto do 5.º vol. declara-o impresso em 4.ª edição. Segundo Paul Trömel, *Bibl. Américaine*, este 5.º vol. póde ser considerado como precursor e resumo da grande obra de Purchas. Elle appareceu pela primeira vez em 1613, e foi reimpresso em 1614; a 3.ª edição, *London, printed by William Stansby for Henry Fetherstone*, 1617, in-fol., vem longamente descripta naquelle catalogo sob o n.º 69.

A impressão de toda a obra é feita em papel amarellado com caracteres romanos e italicos, capitaes ornadas, vinhetas iniciaes e finaes. Nas margens occorrem notas explicativas. As cartas geographicas, intercaladas no texto ou fóra d'elle, são todas gravadas em metal. As figuras, porém, são umas gravadas

em metal e outras em madeira. A paginação de todos os volumes foi muito descuidada pelo impressor.

O exemplar exposto, encadernado em couro da Russia, foi adquirido para a Bibliotheca Nacional em 1881, sendo comprado na Europa por 1.900 francos.

N.º 104. — Biblia Sacra Polyglotta, Complectencia Textus Originales, Hebraicum cum Pentateucho Samaritano, Chaldaicum, Græcum. Versionumque antiquarum... Quicquid comparari poterat... Cum Apparatu, Appendicibus, Tabulis, Variis Lectionibus... Opus totum in sex Tomos tributum. Edidit Brianus Waltonus...

Londini, Imprimebat Thomas Roycroft, MDCLVII, 6 vols. in-fol.

Estampas á agua forte grav. por Wenceslau Hollar; o 1.º vol. com o titulo impresso a duas côres, frontispicio do mesmo gravador precedido do retr. de Walton esculp. por Pedro Lombart; pp. numeradas, registro e *reclamos*. O 2.º, 3.º e 4.º vols. sem front., que falta tambem no 6.º; este porém com fl. de rosto especial.

A descripção que faz Brunet com toda a minuciosidade da presente polyglotta confere com a do nosso exemplar, menos no addicionamento do *Castelli Lexicon*, que De Bure descreve aparte, publicado annos depois.

Diz a seu respeito o *Manuel du Libraire* : « Esta polyglotta, á qual cumpre ajuntar: *Lexicon heptoglotton Edm. Castelli*, Lond., 1669 seu 1686, 2 vols. in-fol., é a que mais se procura, por mais completa e correcta do que as outras. Os sabios que, depois de Walton e Castell, mais contribuiram para a sua publicação, quer traduzindo os textos ou revendo-os, quer fornecendo importantes subsidios, quer emfim ajudando o autor com os seus conselhos, são o arcebispo Usher, Herbert Thovndike, Edw. Pococke, Th. Greaves, Abrah. Wheelock, Sam. Clarke, Dudley Loftus, Th. Hyde, Alex. Huish, Th. Pierce, etc. » Dá em seguida os preços por que tem ella sido vendida, e accrescenta :

« Os exemplares a que não anda junto o *Lexicon de Castell* perdem um terço do valor.

« Ha exemplares d'esta polyglotta em papel grande, formato atlantico, que, segundo se pretende, não passam de doze; mesmo uma parte dos que se conhecem não têem o *Lexicon* em papel grande... »

Antes da publicação d'este *Lexicon*, Bryan Walton publicára dois opusculos para o estudo das linguas orientaes, cujos titulos se lêem no *Manuel* de Brunet, em um dos quaes, impresso em Londres, 1655, pelo impressor da polyglotta, se declara que já estava esta a imprimir-se, *jam sub prelo*.

As seguintes indicações são-nos ainda fornecidas pelo bibliographo francez.

A impressão da polyglotta de Londres, começada em 1653 (o segundo volume tem a data de 1655 e o quarto a de 1656), terminou em 1657, sob o protectorado de Cromwell. Walton fizera menção do protector em um trecho que se achava na pag. 10 do prefacio, immediatamente antes da lista das pessoas que concorreram para a obra; depois da restauração porém supprimiu este trecho e substituiu as duas ultimas folhas do seu prefacio por tres outras, nas quaes fez mudanças e accrescentamentos consideraveis, como se póde verificar confrontando as duas versões. Como os exemplares com o primitivo prefacio são raros em França, apesar de o terem reimprimido em Inglaterra ha alguns annos pelos cuidados de Adam Clarke, reproduz Brunet a passagem supprimida e a que a substituiu, nas quaes a phrase *a Serenissimo D. Protectore* desappareceu com o trecho que lhe era relativo e passou a inscrever-se: *Serenissimus princeps D. Carolus*, &. O nosso exemplar pertence ao numero dos que passaram por esta cautelosa revisão: dedicado *Augustissimo potentissimoque principi ac domino Carolo II...*, excusa declarar-se que no lugar indicado do prefacio não se allude de modo algum ao famigerado *Protector da Inglaterra*.

Foi Cesar de Missy, segundo affirma Brunet, quem primeiro, em uma carta inserta na obra de Bowyer intitulada *The Origin of printing*, tornou conhecidas as duas lições differentes do prefacio de Walton. Depois Adam Clarke, *Bibliographical dictionary*, tomo I, e mais tarde H. J. Todd, deram sobre o mesmo assumpto novos esclarecimentos que nada deixam a desejar.

« Temos, diz Brunet, ainda duas observações a fazer sobre o primeiro vol. d'esta polyglotta e vem a ser: que se encontra em alguns exemplares uma epistola dedicatoria a Carlos II, em quatro paginas, que debalde se procuraria nos outros; e que

em grande parte dos exemplares do mesmo volume se nota, na 2.ª columna da pag. 48 dos *Prolegomena*, um cartão que cobre a passagem que começa: *Quarto, Extraditione, &c.* »

Quanto a esta ultima circumstancia, que se não observa no nosso exemplar, Bolongaro-Crevenna a notára na noticia que consagra á Polyglotta londrina no seu catalogo, reproduzindo os trechos assim supprimidos.

Brunet dá-nos a relação das obras de Walton e outros que podem servir de complemento á polyglotta e as edições que se fizeram em separado do seu *Apparatus* e *Prolegomena*, e das peças que lhe são relativas e é bom reunir-se-lhes.

Thomas F. Dibdin, no seu *Supplement to the Bibliotheca Spenceriana*, diz da Biblia de Walton:

« Uma das collecções de volumes mais notaveis do mundo; em papel grande. Esta condição torna extrema a raridade do livro. Possuimos em nosso paiz cinco exemplares similhantes dos doze que foram impressos. » E enumera em nota os respectivos possuidores; notando-se que todos elles são acompanhados do *Lexicon Heptaglotton*, tambem em papel grande.

O exemplar que elle descreve pertencêra ao Snr. Payne, que o comprára em Paris pelos começos da revolução franceza.

« Em geral, diz ainda Dibdin, existem exemplares d'esta especie *(em papel grande)* divididos em doze volumes, para evitar a divisão em seis, de que resultavam vols. excessivamente grossos. Não é, porém, pequeno sacrilegio bibliographico uma pratica que, além de diminuir-lhe as dimensões, perturba a ordem original de uma collecção de livros quasi sem igual. O exemplar é uma *copia real*, como o são, segundo creio, todas as que foram tiradas em papel grande; porém S. S. *(Lord Spencer)* possue outro exemplar encadernado em bezerro liso, papel pequeno, trazendo o Lexicon de Castell, e que é conhecido pelo nome de *copia republicana*... »

Diz Robert Watt na sua *Bibliotheca Britannica* que a polyglotta de Walton foi o primeiro livro que se publicou *por subscripção* na Inglaterra. Modelada pela edição de Paris de Le Jay, é-lhe superior no cuidado da revisão, na qualidade do papel e em outros melhoramentos introduzidos, si bem que inferior na execução typographica.

O exemplar que a Bibliotheca Nacional expõe d'esta famosa Biblia pertenceu á Real Bibliotheca e acha-se em bom estado de conservação.

Com esta fecha a Bibliotheca Nacional a exposição que faz das suas biblias mais afamadas, sentindo não dispor de mais espaço para apresentar outras merecedoras das honras d'esta exposição, como é sem duvida a *Biblia, interprete Se-*

bastiano Castalione ... impressa em Basiléa, *per Ioannem Oporinum, Anno Salutis humanæ M. D. LIIII, in-fol.*, a duas colum. O exemplar que a Bibl. Nac. possue da Biblia de Oporino tem o *ex-libris* da Real Bibliotheca, para onde passou do Collegio da Sociedade de Jesus em Paris, á qual o doára o Conde de Beaumont. É realmente um formoso livro, impresso com a maior nitidez e elegantes caracteres.

N.º 105. — Espejo fiel de vidas Que Contiene los Psalmos de David En Verso Obra Devota, Vtil, y Deleytable Compuesta por Daniel Israel Lopez Laguna. Dedicada al muy Benigno y Generoso Señor. Mordejay Nunes Almeida.

En Londres con Licencia delos Señores del Mahamad, y aprovacion del Señor Haham. Año 5480.

In-4.º de 25 ff. prelim. inn., incluida nesse numero a fl. de rosto, 286 pp. num. de texto, 1 fl. inn., com 2 est. fóra do texto.

Impresso no anno 1720 da era christã.

Na fl. de titulo ha uma vinheta gravada a buril, representando David sentado no throno a tocar harpa. No degrau inferior do throno lê-se: « Ab.m Lopes de Oliveira Fecit. »

As 13 ff. inn. seguintes contêem: duas petições em verso hespanhol; — « Aprobacion del Excelentissimo Sr. H. H. R. David Nieto, Rab. del k. k de Londres », datada de *Londres R. H. Sivan 5479*, (1719); — um trecho em hebraico; — 7 peças em verso, sendo a primeira em inglez e as outras em hespanhol; — um elogio em prosa, assignado *M. N.*; — « Fee de erratas »; — « Aprobacion (o sea Cenzura) de Jahacob, Henrriques Pimentel, (alias) Don Manuel de Humanes, a pedimento del Mecenas, y lo mas cierto al merecimiento digno del Autór »; — « Prefacio de Abraham de Jahacob Henriquez Pimentel. Al Lector »; — « Eccos del Autor », em versos hespanhoes; — e finalmente o *Prologo* em *Dezimas* tambem na lingua hespanhola. As ultimas 11 fl. inn. encerram 24 poesias diversas, escriptas por differentes autores. Duas são inglezas; duas outras latinas, e as restantes hespanholas.

As duas estampas são abertas a buril pelo mesmo artista Abraham Lopes de Oliveira, e representam enigmas. A 1.ª occorre antes da fl. de rosto; a 2.ª entre as ff. prelim. 19 e 20.

As 286 ff. num. de texto contêem a traducção dos 150 Psalmos de David. Cada Psalmo traz uma especie de argumento ou explicação do assumpto respectivo, feita em verso rimado. A traducção é mui variada quanto á versificação; é feita successivamente em madrigaes, endechas, lyras, decimas, oitavas, redondilhas, quartetos, quintilhas, canções, romances, tercetos, esdruxulos, e versos heroicos.

A fl. inn. do fim tem no r. uma decima, e no v. uma glosa em decimas: « Da gracias al Criador el Autor de que el fin deseado gosa en esta gloza. »

Salvá descreve esta obra sob o n.º 944, e accrescenta em nota a noticia de mais quatro versões castelhanas dos Psalmos de David; a saber: — a do *Dr. Iuan Perez, conforme á la verdad de la lengua Sancta. En Venecia en casa de Pedro Daniel. M. D. LVII.*, in-8.º; — a de *Dauid ABenatar melo, conforme ala uerdadera Tracduccion ferraresqua... En Franqua Forte Anho De 5386* (1626), in-4.º; — a de *Yahacol Yehuda, Leon Hebreo. Amsterdam*, 5431 (1671), in-8.º, acompanhada do texto hebraico; — e a do *Dr. Tomás Gonzalez Carvajal. Valencia, D. Benito Monfort*, 1819, 5 vols. in-8.º Esta ultima versão foi reimpressa por Salvá pae, em *Londres*, 1829, in-32, e mais tarde em *Paris*, 1848, in-32 e in-18.

Pertenceu á Real Bibliotheca. Figura na exposição como specimen das impressões rabbinicas de Londres feitas na lingua hespanhola.

N.º 106. — Sermam funebre pera as exequias dos trinta Dias, do Insigne, Eminente, e Pio Haham e Doutor, R. David Netto. Composto pelo Dr. Ishac de Sequeyra Samuda, Medico do Real Collegio de Londres, e Socio da Real Sociedade.

Em Londres, 5488. Com licença dos Senhores do Mahamad.

In-8.º com registro de 4.º; anno 1728 da éra christã.

O titulo vem dentro de uma tarja preta, e é dividido em tres partes por dois filetes horisontaes. Em seguida á fl. de

rosto ha viii pp. contendo a « Dedicatoria. A os Senhores Parnassim e Gabay do K. K. de Sahar Hassamaym de Londres », assignada « Ishac de Sequeyra Samuda »; e logo depois mais iv pp. com uma advertencia « Ao Leitor. »

Na pag. 1, não numer., começa o « Sermam funebre », cujo thema, « Conheceo o Sol seu Occaso », tirado do Psal. 104, v. 19, alli vem reproduzido em caracteres hebraicos.

O nosso exemplar está incompleto: contém 118 pp., terminando a ultima por estas palavras: « Morreremos, como todos na terra; mas com mays privilegios que a Phenix, renasceremos, como escolhidos, na Gloria. »

Antonio Ribeiro dos Santos, nas *Memorias da Litteratura Sagrada dos Judeos Portuguezes no presente Seculo* (Mem. iv.; inserta no tomo iv. das *Mem. de Litterat. Port.*, *publicadas pela Acad. R. das Scienc. de Lisboa*), descreve esta obra, á pag. 337, do seguinte modo:

« Sermão funebre para as exequias dos 30 dias do R. David Neto ben Pinhas. » *Londres 488. (de C. 1728) 8.°* »

E accrescenta que este sermão foi o terceiro dos que se recitaram nas exequias d'aquelle famoso Rabbino, e que no fim occorre um epitaphio para a sua sepultura, o qual termina assim :

« Posto que tanto em pouco aqui se encerra,
« Que o muito, e pouco em morte he pouca terra. »

Innocencio copia litteralmente este titulo menos exacto, e menciona sómente a existencia de dois exemplares: um de Ribeiro dos Santos, e outro que pertencera á livraria de Monsenhor Hasse e devia ter passado para a Bibliotheca da Universidade de Coimbra. Assim, o nosso exemplar é o terceiro conhecido d'este raro opusculo.

Todo o volume é impresso em caracteres latinos, exceptuando-se apenas a advertencia *Ao Leitor*, que o é em typo italico ou grypho. No texto occorrem varias citações hebraicas, seguidas das respectivas interpretações em notas na margem inferior.

O autor compoz ainda outra obra, que se conserva inedita, citada por Innocencio, com o titulo:

— *Viriadas do doctor Ishac de Sequeira Samuda, Medico lusitano, e Socio da R. Sociedade de Londres. Obra posthuma, digesta e concluida pelo doctor Jacob de Castro Sarmento, medico lusitano, etc., que offerece ao maior protector das letras, o muito alto e poderoso senhor D. João V, rei de Portugal.* Fol. —

É um poema em oitava rima, contendo 13 cantos com 1465 oitavas, escripto segundo o gosto da escola hespanhola.

Pertenceu á Real Bibliotheca. Figura na exposição por sua raridade e tambem como specimen das impressões rabbinicas de Londres feitas em portuguez.

N.° 107. — Qvinti Horatii Flacci Opera. — *Londini aeneis tabvlis incidit Iohannes Pine MDCC XXXIII. — MDCCXXXVII.*

Dois vol. in-8.° gr.

O vol. I contém 16 ff. prelim. inn. No verso da 1.ª fl. occorre uma gravura representando a musa Erato; na 2.ª fl. o titulo, e nas outras as seguintes peças: — Dedicatoria *Frederico, Principi Walliae,* assignada *Johannes Pine;* — Prefacio *Lectori S.;* — Seis listas de subscriptores; — Dedicatoria da Vida de Horacio á Alexandre Pope; — *Q. Horatii Flacci Vita, e Vetusto Exemplari descripta.* No r. da ultima fl. inn. acha-se o retrato de Horacio, em busto, e no v. a dedicatoria do primeiro livro das odes a Roberto Walpole.

O texto occupa 264 pp. num. e comprehende: 1.° Os 4 livros das *Odes,* dedicados á Roberto Walpole, a Ricardo Conde de Burlington, a João Duque de Rotland, e a Ricardo Ellys. — 2.° O livro dos *Epodos,* dedicado á Arthur Onslow. — 3.° O *Carmen Secvlare* com dedicatoria a João Burton. No fim, em uma fl. inn., uma gravura representando seis medalhas do tempo de Domiciano commemorativas dos jogos seculares. Entre as pp. 176 e 177 occorre uma fl. inn. trazendo no r. uma estampa, que termina o 3.° livro das *Odes,* e no v. a dedicatoria do livro immediato.

No vol. II ha 12 ff. inn. prelim.: no v. da 1.ª fl. uma estampa symbolisando a historia representada por uma mulher que escreve com o estylete em um papyro. Na 2.ª fl. acha-se o titulo, e nas outras: — a Dedicatoria *Gvlielmo Avgvsto Cvmbriæ Dvci,* assignada *Johannes Pine;* — seis listas de subscriptores, e a dedicatoria do primeiro livro das *Satyras* a Philippe de Hardwick.

O texto, abrangendo 191 pp. num., contém: 1.° Os dois livros das *Satyras,* dedicados a Philippe de Hardwick e a Spencer Conde de Wilmington; — 2.° Os dois livros das *Epistolas,* offertados a Carlos Duque de Richmond e ao medico Ricardo Mead; — 3.° A *Arte Poetica* ou *Epistola ad Pisones*

com dedicatoria a Jorge Dodington. No fim ha 7 ff. inn. de *Figvrarvm explicatio.* Entre as pp. 48 e 49, 94 e 95, 152 e 153, 172 e 173, existem 4 ff. inn., que separam os diversos livros. Cada uma d'estas ff. contém no r. uma estampa, e no v. a dedicatoria da peça seguinte.

Esta edição é toda gravada a buril, sendo cada pagina aberta em uma só chapa. O texto seguido foi o da edição de Jacob Talbot, *Cambridge*, 1701, in-12.

Os 2 vols. contêem as seguintes peças de ornamentação: 1.° As duas estampas do começo dos vols., representando *Erato* e a *Historia*, já descriptas. — 2.° O busto de Horacio na fl. 16 inn. do 1.° vol. — 3.° Sete estampas occupando, como as precedentes, a pag. inteira; 6 d'ellas, nas ff. inn. já citadas e a ultima na pag. 259 do 1.° vol. — 4.° Grande numero de cabeções de paginas e vinhetas finaes representando os mais variados assumptos, collocadas no começo e fim de cada poesia. — 5.° Lettras capitaes ornadas.

É para apreciar-se nesta obra a nitidez e igualdade dos caracteres gravados, quer italicos, quer latinos, assim como a elegancia de todos os ornatos e a excellencia do papel. Vide a este respeito no fim do vol. II a *Figvrarvm Explicatio.*

Ha exemplares de duas especies, que se distinguem por uma unica variante: na medalha de Augusto, que occorre no cabeção da pag. 108 do vol. II, lê-se *Post. Est.* em uns exemplares, e *Potest* em outros. Os da primeira especie são os mais estimados, provavelmente por serem primeiras provas e portanto mais vigorosas que as outras. No exemplar exposto lê-se: *Caesar Avgvstvs. Tribvn. Potest;* pertence pois á segunda especie.

João Pine, gravador e homem de lettras, nasceu em Londres, cêrca de 1700, e falleceu em 1756. Os seus principaes trabalhos são: — a procissão das ceremonias usadas na promoção dos cavalleiros da ordem do Banho, segundo o quadro que está na capella de Henrique VII, em Westminster; — a destruição da armada hespanhola chamada a frota invencivel, segundo as tapeçarias da Casa dos Lords; — e a soberba edição de Horacio acima descripta. Pine tambem gravou alguns retratos, entre os quaes o proprio e um de Garrick, em busto, á maneira negra. As Bucolicas e as Georgicas de Virgilio, publicadas pelo filho depois de sua morte, são ornamentadas da mesma maneira que o Horacio, porém o texto é impresso com typos.

Pertenceu á Real Bibliotheca. Está encadernado em marroquim vermelho com enfeites dourados, e acha-se em perfeito estado de conservação.

N.° 108. — Ensaio sobre o homem de Alexandre Pope, traduzido verso por verso por Francisco Bento Maria Targini, Barão de São Lourenço... Dado a luz por huma sociedade literaria da Grão-Bretanha.

Londres: na officina Typographia de C. Whittingham, College House, Chiswick. 1819.

Tres vols. in-4.° gr. com est. e aquarellas.

O vol. I. consta de XXIV–380 pp. num., e contém: — « Dedicatoria. Ao... Senhor Rei Dom João o Sexto... Promotor das artes, sciencias, e commercio », datada « Em 28 de Maio de 1818 », até a pag. XXIV; — « Prologo do traductor », seguido da traducção de « O Messias, ecloga sagrada », com o original inglez ao lado. Esta traducção, feita verso por verso pelo proprio Targini, está sob o mesmo titulo de « Prologo do traductor » e termina na pag. 31. Segue-se depois « The design = Prologo do autor », até a pag. 39. Este volume encerra o original e a traducção das duas primeiras epistolas: I « Da natureza e estado do homem a respeito do universo », II. « Da natureza e estado do homem a respeito de si mesmo, como individuo. » Cada uma é seguida de extensas e eruditas notas do traductor feitas sobre quasi todos os versos.

O vol. II consta de 2 ff. de tit., 232 pp. num., e contém o texto e a traducção da epistola III, « Da natureza e estado do homem, a respeito da sociedade », seguidos das notas do traductor.

O vol. III contém 2 ff. de tit., 331 pp. num., e encerra o texto e a traducção da epistola IV, « Da natureza e estado do homem, a respeito da felicidade », tambem seguidos das respectivas notas.

Ornam a obra 6 estampas gravadas a buril:

I. O retrato do traductor, em busto, em um oval dentro de um portico. Em baixo, á esquerda: *H. J. da Silva inv. et del.;* e á direita: *G. F. de Queiroz sculp. em 1815.* No pedestal lê-se: FRANCISCO BENTO MARIA TARGINI VISCONDE DE SÃO LOURENÇO. *1819.* D'esta inscripção deduz-se que a estampa foi primitivamente gravada em 1815 e depois retocada em 1819. É, pois, 2.° estado.

II. O retrato do autor, em corpo inteiro, sentado. Em baixo, á esquerda: *Jervas pinxit;* e á direita: *J. H. Robinson sculp.* Mais abaixo, no centro: « Alexandre Pope

de hum retrato original, por seu amigo Jervas, que se acha presentemente em poder do senhor G. Watson Taylor, membro do parlamento britanico. » E, logo depois: « Fac-simile da escritura de Pope. » *Approach, great Nature studiously behold A. Pope.*

III. Assumpto allusivo á epistola I. Representa os effeitos de um terremoto, vendo-se no primeiro plano um homem, uma mulher e uma criança lançados por terra. Em baixo, á esquerda: *Uwins del.*; e á direita: *C. Heath sculp.* Mais abaixo, no centro:

> « Mas não erra tambem a natureza,
> Quando o sol abrasado a peste envia?
> Os terremotos somem as cidades?
> As enchentes submergem as provincias? »
>
> Epist. I. vers. 141 até 144.

IV. Assumpto allusivo á epistola II. No primeiro plano, á direita, vê-se um pobre deitado, de mãos postas, olhando para o alto, tendo o corpo coberto por um lençol; á esquerda, um cão. Ao fundo, atravez de uma janella, diversas pessoas reunidas em um banquete. Em baixo, á esquerda: *Uwins del.*; e á direita: *Rhodes sculp.* Mais abaixo, no centro:

> « Paixão, riqueza, fama, engenho, e arte
> C'o visinho trocar ninguem deseja:
>
> . . . .
>
> Na abundancia feliz se julga o rico,
> Da providencia no cuidado o pobre. »
>
> Epist. 2. vers. 261, 262, 265, 266.

V. Assumpto allusivo á epistola III. Uma mulher sentada, e ao lado d'ella um homem, igualmente sentado, tendo nos braços uma criancinha. A direita um cão. Em baixo, á esquerda: *Uwins del.*; e á direita: *Scott sculp.* Mais abaixo, no centro:

> « Tudo se ama a si mesmo, e á propria casta:
> Dentro della dous entes n'hum se tornam.
> Mas o prazer n'huma união não finda,
> Nas classes suas, novos laços tecem. »
>
> Epist. 3. Vers. 121 até 124.

VI. Assumpto allusivo á epistola IV. No primeiro plano, á direita: um rapaz e uma moça, de mãos dadas, coroados

de flores; á esquerda: duas crianças brincando no chão, perto de uma cesta. Do mesmo lado, um homem olhando para o primeiro grupo. Em baixo, á esquerda: *Uwins del.;* e á direita: *A. W. Warren sculp.* Mais abaixo, no centro:

« Amor proprio, ao dos homens, e divino
Dirigido, o bem faz d'alheio nosso.
E que mais appetece uma alma nobre? »

Epist. 4. Vers. 353 até 355.

Em nosso exemplar as 4 ultimas gravuras são acompanhadas de outras tantas aquarellas, representando exactamente os mesmos assumptos. Estas aquarellas trazem no angulo inferior esquerdo: *Uwins del.;* e são executadas em bom papel de desenho, diverso da obra. Serão copias das gravuras ou os proprios desenhos originaes? Não podemos decidir.

Da mesma officina de C. Whittingham sahiu, ainda no anno de 1819, uma edição, sómente com o texto inglez do poema, ornada com desenhos de Uwins, gravados por Heath, &, como se póde ver no *Allibone's Dictionary*. Innocencio affirma que as gravuras da traducção de Targini são as proprias que serviram para esta edição ingleza.

A impressão é muito nitida e feita em typo romano, perfeitamente igual em todos os volumes. O papel, de excellente qualidade, é do acreditado fabricante Whatman e traz em lettras d'agua a data de 1818. As estampas são abertas á buril com correcção e elegancia, e as aquarellas executadas com delicadeza e perfeição. O exemplar tem grandes margens. Os 3 vols. estão ricamente encadernados em velludo carmezim, com largas cantoneiras e fechos de prata dourada e lavrada; em ambas as faces da encadernação destaca-se a corôa real portugueza, mui bem dourada e nitidamente estampada sobre o velludo.

Sobre o merecimento d'esta obra publicou-se em Londres um folheto, com o titulo *Extracto do P. Amaro*, s. d., in-8.° gr. de 63 pp., cuja leitura Innocencio aconselha.

Ch. Whittingham, o impressor d'esta obra, elevou a subido grau de perfeição á tiragem das gravuras em madeira; os seus descendentes, accrescenta o Sr. Dr. Ramiz Galvão no seu *Relatorio sobre as artes graphicas*, não ha muito continuavam com brilho as impressões da afamada *Chisswick press*.

O exemplar exposto pertenceu á Real Bibliotheca, sendo offerecido á D. João VI pelo proprio traductor. É a todos os respeitos um exemplar especial.

A Bibliotheca Nacional tambem expõe na respectiva secção o manuscripto original d'esta obra, em 4 vols., igualmente offerecido ao rei pelo traductor. O manuscripto tambem é ornado de estampas; estas, porém, differem das que figuram na obra impressa.

N.º 109. — Correio Braziliense ou Armazem Literario.

Londres; Impresso por W. Lewis. Paternoster - Row, 1808–1822. – 28 vols. in-8.º

O *Correio Braziliense* durou 15 annos e publicava-se em fasciculos mensaes de numero incerto de paginas.

Cada numero trazia a divisa:

« Na quarta parte nova os campos ara,
E se mais mundo houvéra la chegára. »
Camoens, C. VII. e. 14.

Innocencio da Silva não teve razão quando, pretendendo corrigir a asserção de Varnhagen, diz que o *Correio* começou em 1807. A verdade é que o primeiro numero sahiu em Junho de 1808; e esta affirmação já consta do *Diccionario Bibliographico*, na parte supplementar (vol. x), trabalho do snr. Brito Aranha.

Foi redactor do *Correio Braziliense* Hypolito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, natural da Colonia do Sacramento, onde nasceu em 13 de Agosto de 1774. Segundo os seus biographos, Hypolito era formado em Direito e philosophia pela Universidade de Coimbra. Depois do desempenho de uma commissão scientifica nos Estados-Unidos que o Governo portuguez lhe confiára, voltou a Lisbôa em 1802, onde foi preso e processado pelo Tribunal da Inquisição como franc-maçon. Conseguindo evadir-se, Hypolito asylou-se em Londres, onde passou o resto da vida, consagrando-se á defesa e propaganda das idéas livres e constitucionaes. Nesta cidade fundou o *Correio Braziliense*, orgão dedicado a interesses politicos e litterarios e que devia exercer uma grande influencia sobre o espirito dos seus compatriotas. O *Correio Braziliense*, pela liberdade de opiniões em que era escripto, chamou desde logo a attenção da Côrte, e a Regencia de Portugal determinou primeiro fazêl-a combater por escripto, e

a este intento, diz Innocencio, se publicaram em Portugal algumas refutações; porém depois tomou outro partido mais expedito, que foi o de prohibir a introducção e leitura da obra em Portugal, debaixo de penas severas, repetindo-se a prohibição não menos de tres vezes, das quaes a ultima foi em 25 de Junho de 1817, sem que, contudo, se tornasse effectiva a efficacia de taes prohibições. A attitude patriotica do eminente jornalista, que puzera os seus serviços á causa da independencia do Brazil, grangeou-lhe a affeição de D. Pedro I e de todos os que desejavam a separação entre a colonia e a metropole. Hypolito falleceu perto de Londres, em Kesington, a 11 de Setembro de 1823, um anno depois da realisação das idéas pelas quaes combatêra, isto é, um anno depois da emancipação politica do Brazil.

Foi elle o primeiro que, na imprensa, advogou a causa abolicionista em relação ao Brazil, julgando a escravatura uma instituição incompativel com a civilisação das sociedades modernas.

A vida intellectual d'este homem foi notavelmente fecunda, attendendo-se ás circumstancias agitadas e á curta duração (49 annos) de sua existencia. Hypolito escreveu diversos livros sobre politica, economia, industrias, historia, grammatica, memorias auto-biographicas, além de outros escriptos esparsos no *Correio Braziliense*. Attribue-lhe Michaud, na sua *Biogr. Univ.* (Vide Innocencio da Silva — Dicc. t. v), um *Tratado sobre a Origem da Architectura*, de que não ha noticia em confirmação. No *Correio Braziliense*, XVII. 1816, dá-se a noticia de que Hypolito se occupava então em escrever uma *Historia do Brazil* desde o descobrimento até a immigração da familia real portugueza. Semelhante empreza parece que não foi levada a effeito ou, pelo menos, os seus resultados perderam-se ou descaminharam-se.

O *Correio Braziliense* existe na Bibliotheca Nacional quasi completo; dos vinte e nove volumes (1808–1822) de que consta a publicação, falta-nos o 29°. e ultimo volume que comprehende os numeros de Julho a Dezembro de 1822.

A collecção completa é muito rara.

N.° 110. — Transactions and proceedings of the conference of librarians held in London October, 1877. Edited by the secretaries of the confe-

rence, Edward B. Nicholson, Librarian of the London Institution, and Henry R. Tedder, Librarian of the Athenæum Club.

London: printed at the Chiswick Press by Charles Whittingham. 1878.

In-4.° gr. de xi – 276 pp. num.

Traz uma introducção assignada por Henry R. Tedder.

Entre os variados artigos que compõem a obra, muitos ha bibliographicos, referindo se mais ou menos especialmente á catalogação de impressos. No artigo de Henry Stevens, intulado: *Photo-bibliography; or, a central bibliographical clearing-house*, na pag. 70, vêm reproduzidos, em *fac-simile*, os titulos e frontispicios de algumas obras, e ao lado os respectivos bilhetes do catalogo alphabetico.

No fim occorre uma lista dos 216 membros da conferencia, e outra das 140 livrarias e 3 governos nella representados.

Magnifica impressão feita em caracters latinos, a 2 cols., e em papel de excellente qualidade.

Figura na exposição como specimen das modernas impressões de Londres, sendo, como se sabe, a *Chiswick Press* uma das mais afamadas d'entre as officinas da grande cidade.

LISBOA.

(Olysipo).

N.° 111. — Missale scd'm ritũ & consuetudinem alme bracharensis ecclesie cũ q̃ plurimis missis nouiter additis & in locis suis positis.

In-fol. goth. a 2 col. sem num.

O titulo está impresso com tinta vermelha, e o Missal com tinta ora preta, ora vermelha. Traz uma xylographia representando o Senhor Crucificado, e no fim a subscripção pelo modo que se segue:

« Missale hoc scd'm ritum & cõsuetudinẽ alme bracharensis ecclesie: fideli studio reuisum: solertiqz cura castigatũ

emendatumqz: fausto sydere est explicitum. Impressum florêti in ciuitate Ulixbonensi. Anno salutis christiane. Millesimo quadrigentesimo nonagesimoqz octauo. xij. Kalendas iulij. Et officina Nicholai de Saxonia. »

Edição muito rara.

Magnifico specimen da imprensa em Portugal no XV seculo. Por entre os vestigios dos annos que perpassaram, ainda se divisam em nosso exemplar algumas das excellentes qualidades das edições d'aquelle seculo. « Certo que se vêem nellas, diz Ribeiro dos Santos, alguns donaires e gentilezas, que ainda hoje não têem envelhecido, porque podem emparelhar com as edições modernas mais perfeitas e acabadas. O papel pelo commum é muito liso, igual, corpulento, e bem batido, o que o faz ser de uma forte consistencia; em algumas obras é assaz branco, noutras um pouco trigueiro e basso... A tinta é sempre muito preta e luzidia, e corre por toda a parte igual e solida. Usavam em algumas obras de imprimir de encarnado os titulos e summarios, as lettras iniciaes das orações, e outras partes... Em todas as edições que vimos, a forma do caracter é sempre de um mechanismo regular, e a lineação igual e recta, mostrando suas linhas bem assentadas, sem pequenas desigualdades... Os nossos impressores, á imitação dos extranhos, usaram em algumas edições de pôr enfeites e ornatos de portadas, tarjas e divisas, e tambem estamparia de figuras, que eram como as galas da typographia, com que se ella enfeitava em suas obras. »

Segundo se vê da descripção que acima fizemos, Ribeiro dos Santos equivocou-se quando assignalou para a 1.ª edição do Missal a data de 1496.

« D'este Missal, diz elle, se fez depois uma nova edição em Salamanca em 1502 in-4.° na off. de João de Porres, por ordem de D. Diogo de Souza; outra em 1538 por ordem de D. Jorge de Almeida, Bispo de Coimbra, eleito Arcebispo de Braga; outra em Leão de França em 1558, fol., em pergaminho, por mandado de D. Balthazar Limpo, na off. de João de Borgonha, que se intitula *Livreiro d'El-Rei de Portugal*, da qual ainda hoje usa a Igreja Bracarense. »

Não são accordes as opiniões sobre o anno em que se estabeleceu em Lisboa a arte typographica. Si consultarmos Ribeiro dos Santos, Lisboa foi, depois de Leiria, a cidade de Portugal que apresentou em utilidade das artes e das sciencias bem providas officinas typographicas, acreditando elle que o livro *Sepher Orach Chaim R. Jacob Ben Ascer* foi ali impresso em 1481. Michel Denis, o continuador de Maittaire,

tem este livro como impresso em 1485. Panzer e outros bibliographos contestam que a impressão seja de Lisboa, affirmando que o volume é da officina d'Iscar Soria, em Hespanha. Deschamps é de opinião que a obra é de Lisboa, mas estampada no anno de 1489, da qual existe um exemplar na Bibliotheca Nacional de Paris.

No fim d'aquelle seculo um typographo allemão, natural de Saxe, veiu estabelecer-se em Lisboa, sendo ahi mui bem acolhido por todos os homens de lettras. Este typographo é Nicolau de Saxonia, que se immortalisou, deixando-nos na impressão do *Breviario Eborense* 1490, na *Vita Christi* 1495, no *Breviario Bracarense* 1496, e no *Missal Bracarense* 1498, provas incontestaveis de seu grande merecimento como artista -impressor.

Pertenceu á Real Bibliotheca o exemplar que expomos.

N.º 112. — (Thesaurus Pauperum sive speculum puerorum). In-fol. goth.

Impresso a duas tintas. Consta de 41 ff. sem numeração. Nosso exemplar tem apenas 40, faltando-lhe a fl. de frontispicio, onde, segundo Ribeiro dos Santos, traz estampadas á direita as armas reaes de Portugal, e á esquerda em proporção igual uma esphera, e por baixo em lettra gothica maiuscula — *Grammatica Pastranæ.*

A 2.ª fl. começa com estas palavras impressas com tinta vermelha:

« Incipit compendium breue vtile siue tractatus intitulatus: Thesaurus pauperum siue speculum puerorum editum a magistro Johãne de pastrana. »

Em seguida a este Tratado vem:

« Antonij martini primi quondã huius artis pastrane in alma vniuersitate Ulixbonensi preceptoris: materierum editio a baculo cecorum breuiter collecta incipít. »

No fim a declaração:

« Explicit materiaruz editio a Petro rõbo ex baculo cecorũ breuiter colleta. Impressa vero Ulixbone. Anno domini millesimo ꝙngentesimo xiij. sydere. »

A grammatica, que se chamava *Thesouro de pobres e Espelho de meninos,* foi impressa pela primeira vez, segundo Ribeiro dos Santos, em 1501 pelo afamado impressor João Pedro

Bonhomini. Edição rarissima. O exemplar que a Bibliotheca expõe é da segunda, 1513, do mesmo typographo, quasi tão rara como a primeira.

« Lisboa, escreve aquelle douto investigador, continuou no seculo XVI, os seus trabalhos typographicos, fazendo grandiosos progressos nesta arte, pela quantidade de officinas que erigio. Foi uma d'ellas a de S. Vicente de Fóra, que já houve naquelle seculo, e foram das mais famosas, e de mais trato as de Valentim Fernandes, de Jacob Combreger, de Herman de Campos, de João de Kempis, de João Blavio; todos allemães: de João Pedro Bonhomini, italiano de Cremona e de Germão Galharde, francez; e as dos nacionaes Luiz Rodriguez, e Luiz Corrêa. D'estas officinas publicaram-se naquella idade innumeraveis obras, que ainda hoje formam a preciosidade das livrarias mais distinctas.

. . . .

« Johan Pedro de Boõs homens, ou Bonhomini, ou Bom homyni, ou Bognonino, em latim de *bonis hominibus*, (que assim diversamente se acha escripto) foi milanez de Cremona: parece que já tinha officina typographica em Lisboa no fim do seculo XV. No seguinte estampou elle varias obras, e algumas de parceria com Valentim Fernandes. »

O exemplar tem o carimbo da Real Bibliotheca.

N.º 113. — Tratado da sphera com a Theorica do Sol & da Lua. E ho primeiro liuro da Geographia de Claudio Ptolomeo Alexãdrino. Tirados nouamente de Latim em lingoagem pello Doutor Pero Nunes Cosmographo del Rey dõ João ho terceyro deste nome nosso Senhor. E acrecẽtados de muitas annotações & figuras per que mays facilmente se podem entender.

Item dous tratados q̃ o mesmo Doutor fez sobre a carta de marear. Em os quaes se decrarão todas as principaes duuidas da nauegação. Cõ as tauoas do mouimento do sol: & sua declinação. E o Regimẽto da altura

assi ao meyo dia: como nos outros tempos.
Com previlegio real.

(No fim:) *Acabouse de emprimir a presente obra na muyto nobre & leal cidade de Lisboa per Germão Galharde empremidor. Ao primeiro dia do mès de Dezembro. De 1537. annos.*

In-fol. peq. de 90 folhas sem num., em caracteres semi-gothicos, com desenhos e figuras geometricas xylographadas intercaladas no texto, uma est. msc. desdobravel, lettras capitaes ornadas, com registro e notas marginaes.

No v. da fl. de rosto occorre o alvará regio concedendo ao autor permissão para imprimir a obra; na 2.ª fl. a dedicatoria ao *Ifante Dom Lvis*; na 3.ª *Prohemio do autor* e logo abaixo o *Capitulo primeiro*.

A obra consta: primeiramente dos tres tratados — da *Sphera*, do inglez João de Halifax, mais conhecido, como diz Ribeiro dos Santos, pelo nome *latino-barbaro* de Sacrobosco; — da *Theorica do sol e da lua, tirada de latim* de Jorge Purbachio; — *Liuro primeiro da Geographia de Ptolomeu.*

Segue-se o « Tratado que ho doutor Pero nunez fez sobre certas duuidas da nauegação: dirigido a el Rey nosso senhor »; e depois o « Tratado que o doutor Pero nunez Cosmographo del Rey nosso senhor fez em defensam da carta de marear: cõ o regimẽto da altura. Dirigido ao muyto escrarecido: & muyto excelente Principe ho Jffante dom Luys ». Este ultimo tratado occupa as ultimas 31 ff. do volume; sem contar mais uma, em que vem o colophão, acima transcripto, e antes d'elle um epigramma latino em 10 versos, hexametros e pentametros, *Georgij coelij Epigramma*, que começa pelo verso: « Qui cupis e terris arcana incognita caeli ».

Descripta fielmente a notavel obra do afamado cosmographo portuguez, á vista do bem conservado exemplar que, em duplicado, a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro tem a fortuna de possuir, tomando por guias não só Barbosa Machado, na sua *Bibl. Lusitana*, como Ribeiro dos Santos na *Memoria da vida e escriptos de Pedro Nunes*, que se publicou no t. VII das *Memorias de Litteratura Portugueza* da Acad. R. das Sc. de Lisboa, e a Innocencio F. da Silva no seu *Diccionario bibliographico portuguez*, t. VI, façamos uma rapida resenha da vida d'aquelle homem illustre e da sua presente obra, hoje rarissima e de extremo valor bibliographico.

« O maior geometra que as Hespanhas têem produzido e incontestavelmente um dos maiores que no seculo XVI flore-

ceram na Europa », nasceu Pedro Nunes na villa de Alcacer do Sal, *salaciensis*, como elle proprio o declara na traducção latina que se publicou em Coimbra em 1546 dos seus *Tratados das cartas de marcar*. Não se sabe ao certo em que anno nascêra nem a data da sua morte; estando porém averiguado que ainda vivia, em Lisboa, a 6 de Setembro de 1574.

Segundo os seus biographos, e são elles muitos, especialmente Ribeiro dos Santos na sua citada memoria, Pedro Nunes cursára humanidades, philosophia e medicina na Universidade de Lisboa, muito antes da sua transferencia para Coimbra, e nella recebêra o grau de doutor na ultima d'aquellas faculdades. Cultivava-se por esse tempo com decidido zelo a mathematica na Universidade de Salamanca; para ali se passou elle depois, como parece provavel, afim de se dedicar ao estudo d'aquella disciplina, tão de sua particular predilecção. « D'alli foi elle chamado para o Reino pelo Senhor Rei D. João III. para vir honrar-nos, diz Ribeiro dos Santos, com seu illustre magisterio ». Professou então em Lisboa um curso de artes nos annos de 1530 a 1532; mudada para Coimbra a Universidade, regeu ali a cadeira de mathematica do anno de 1544 ao de 1562, em que foi, por carta de 4 de Fevereiro, jubilado; formando com as suas sabias lições aproveitados discipulos que muito honraram o nome do mestre e deram novo lustre á patria pela mathematica. A D. Sebastião, de quem recebêra varias mercês em remuneração dos seus serviços, diz-se que ensinára philosophia e sciencias mathematicas; foram ao certo seus discipulos o infante D. Luiz, o cardeal, depois rei, D. Henrique, e o afamado vice-rei da India D. João de Castro. D. João III o nomeára cosmographo, mais tarde elevado a cosmographo mór, do reino. Suppõe-se que depois da jubilação continuára a viver em Coimbra, de onde foi chamado á côrte por D. Sebastião em 1572.

« Os que pretenderem, disse Innocencio da Silva, noticias mais circumstanciadas ácerca d'este varão verdadeiramente illustre, e que tamanha honra dá á nossa patria, consultem a *Memoria da sua vida e escriptos* por Antonio Ribeiro dos Santos... e o *Ensaio historico sobre a origem e progressos das Math. em Portugal* por Stockler... Dos trabalhos d'estes dous academicos compilou e abreviou o sr. M. J. M. Torres uma noticia que inseriu no *Panorama*, vol v (1841)... »

Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, de saudosa memoria para as lettras nacionaes, na sua *Historia Geral do Brazil*, pp. 467 e 468 (*nota 83*) da 1.ª edição, adduz argumentos, a que se referiu com reserva Innocencio da Silva, tendentes a provar que o Dr. Pedro Nunes, mathematico e

lente, é o mesmo Dr. Pedro Nunes, védor da Fazenda na India em 1520, do qual se tem feito dois personagens distinctos. Indica tambem a *Bibliotheca Hispanica* de Nicolau Antonio, t. III; Bailly, *Historia da Astronomia moderna*, liv. IX; Lalande, *Tratado de astronomia*, liv. II; Bayle, *Diccionario;* Weidler, *Historia da Astronomia*, pag. 361; os autores do *Diccionario historico, critico e bibliographico*, Paris 1822, t. XX, que reproduz quasi pelas mesmas palavras o artigo respectivo do *Diccionario* de Chaudon.

No grande diccionario de Larousse vêm enumeradas as obras do abalisado mathematico portuguez.

Na *Biographie universelle ancienne et moderne*, t. XXXI, acha-se, entre outras noticias acêrca do nosso autor:

« Tinha o uso da bussola mudado as praticas da navegação e dado origem a novos problemas que pareciam insoluveis. Nunes foi dos primeiros que com isso se occuparam e, si não teve o merito de inventar methodos exactos, teve o de chamar para estas questões a attenção dos geometras ».

Referindo-se á refutação de Oroncio:

« Este Oroncio, professor no Collegio Real de França, imaginava haver descuberto a quadradura do circulo, a duplicação do cubo, a trisecção do angulo e a resolução do problema das longitudes... Emfim... vê-se (*nas suas obras*) um tratado de algebra (*Libro de Algebra, en Arithmetica y Geometria*), que escrevêra em hespanhol e appareceu em Antuerpia, em 1567, *in-8.°* Diz-se que elle prezava muito esta obra, que dedicára ao seu antigo discipulo o principe D. Henrique. Em uma edição de Sacrobosco lê-se uma nota de Nunes acêrca dos climas, na qual prova, um tanto prolixamente, como soia escrever, que a largura dos climas diminue á medida que se se approxima do polo... É principalmente conhecido pela ideia de um instrumento, em demasia gabado, que devia dar os angulos com grande exactidão... Primeiro d'entre os geometras modernos, applicou-se ás questões *de maximis et minimis*, isto é, dos valores maiores e menores que póde adquirir a variavel de um problema. No meio de muitas investigações d'este genero citaremos a solução elegante e completa que deu do problema *do mais curto crepusculo...* Os maiores geometras do seculo passado, Bernouilli, D'Alembert, etc., nunca puderam achar a formula principal de Nunes, a da duração, e todos elles estacaram em uma formula accessoria, tambem achada por Nunes, que não é mais que um fio para se chegar á resolução do problema verdadeiro ».

D'entre os escriptos do dr. Pedro Nunes mencionados por Larousse, acha-se um sobre os cometas, que não vemos ci-

tado por Innocencio. Do *Libro de Algebra* falla o Diccionario de biographia citado. « É, diz Stockler, o compendio mais methodico, e escripto com mais clareza, que até áquelle tempo se publicou ».

Dos outros escriptos seus, de que dá testemunho o proprio autor em composições suas impressas, deu Innocencio da Silva a seguinte relação: — *Tratado da geometria dos triangulos spheraes.* — *Tratado sobre o astrolabio.* — *Tratado do planispherio geometrico.* — *Tratado da proporção ao livro V de Euclides.* — *Tratado da maneira de delinear o globo para o uso da Arte de navegar.* — *Roteiro do Brasil.* — *Os livros de Architectura de Vitruvio, traduzidos e illustrados em linguagem.*

Do *Roteiro do Brasil,* cuja existencia muitos põem em duvida e que provavelmente nunca se chegou a imprimir, diz o Snr. Valle Cabral em uma das suas *Cartas bibliographicas,* publicada no tomo I da *Revista Brazileira,* pp. 595 - 606, a proposito do cosmographo mór Manuel de Figueiredo, successor de Pedro Nunes no cargo:

« Segundo o testemunho de Simão de Vasconsellos escrevêra Pedro Nunes um Roteiro do Brazil, mencionando-o no livro I, n.^os^ 14, 17 e 66 das *Noticias antecedentes, curiosas e necessarias das cousas do Brazil,* que precedem a sua *Chronica da Companhia de Jesus.* Esta noticia dahi passou para a *Bibliotheca Lusitana* de Barbosa Machado e deste autor para Ribeiro dos Santos, e provavelmente de ambos ou de um delles foi que Stockler teve conhecimento do *Roteiro do Brazil* de Pedro Nunes ».

Simão de Vasconcellos parece ter visto a obra, pelo menos em manuscripto, pois d'ella cita no n.º 17 das suas Noticias um trecho relativo á *provincia do Brazil.*

Pelo modo por que o mencionou Innocencio, o proprio Pedro Nunes se refere a esse seu roteiro em outras das suas obras: não nos parece, pois, que só o fizesse o distincto bibliographo por vêl-o indicado pelo chronista da Companhia de Jesus. Não se sabe porém onde pára hoje esse roteiro, a que tambem allude Gabriel Soares, no seu Tratado descriptivo do Brazil.

Ribeiro dos Santos conclue a monographia que escrevêra acêrca do grande geometra portuguez com a enumeração dos escriptores, tanto nacionaes como extranhos, que d'elle fizeram honrada memoria; o que nos dispensaremos de repetir aqui.

No *Manual bibliographico portuguez* coordenado pelo Snr. Ricardo Pinto de Mattos (*Porto,* 1878), depois de uma breve noticia acêrca do afamado cosmographo mór do reino, lê-se uma completa descripção da sua obra, descripção que confere

com a do nosso exemplar; menciona-se a traducção hespanhola com o titulo *La Sphera de Juan de Sacrobosco. Nueva y fielmente traduzida de Latin en Romance, por Rodrigo Saens de Santayana y Spinosa...* Valladolid, 1568, *in-4.º*, e outro exemplar em latim. E accrescenta-se, a proposito da que a Bibliotheca Nacional expõe:

« O Tratado da Esphera é hoje livro raro e estimado, do qual foi mandado um exemplar á Exposição de Paris, de 1867.

« Deste precioso livro sabemos onde foi avaliado um exemplar por 50$000 réis que comprára em Pariz o visconde de Moncorvo, o mesmo pelo qual depois o conde de Azevedo deu livros em troca no valor de 200$000 réis. »

O Snr. Luciano Cordeiro, no artigo que estampou no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa,* 4.ª serie, n.º 4, a que deu por titulo *De como navegavam os portuguezes no começo do seculo XVI,* por investigações bibliographicas escrupulosas a que se entregára, chegou á conclusão, acêrca da prioridade de Pedro Nunes em publicações concernentes á cosmographia, de que:

« Pedro Nunes fez o que se tinha feito n'outras traducções e edições da compilação de Sacrobosto: ampliou-a e modernisou-a com os progressos e observações novas da sciencia cosmographica.

« Não é porém indifferente ficar-se sabendo que a obra do celebre inglez *(João de Halifax, Sacrobosto seu Bosco)* estava traduzida e impressa em Portugal e em portuguez, antes da conhecida e ampliada edição de Pedro Nunes, que, como já dissemos, nem todos sabem que o é, e que aquelles que o sabem suppõem ter sido a nossa primeira versão. »

Concluira o douto investigador que o *Tratado da spera* (sic) *do mũdo,* que Pedro Nunes verteu de novo, *sob a designação leal e modesta de Tratado da esphera (1537),* era *a simples e litteral traducção da obra do celebre João de Halifax.*

E adverte: « Diga-se já de passagem que o grande cosmographo portuguez, um dos maiores, se não o maior do seu tempo, o que não fôra muito difficil de sustentar, não pretendeu illudir ninguem. Se não citou a paternidade do *Tratado da esphera,* que elle aliás ampliou e corrigiu tão larga e scientificamente, foi porque a obra de Sacrobosto era vulgarissima na sua epocha, e tão conhecida andava que bastava citar-lhe o titulo. Da obra originaria possue a bibliotheca nacional de Lisboa uma numerosa collecção de edições diversas. Sabe-se que ella teve uma voga extraordinaria nos XV e XVI seculos, sendo reeditada nos principaes centros typographicos, adoptada nas principaes escolas, traduzida em diversas lin-

guas, commentada, ampliada e discutida pelos mais notaveis astronomos e mathematicos do tempo ».

E termina a sua extensa nota bibliographica pelo seguinte corollario:

« Pedro Nunes teve antecessores, vê-se ».

O tratado da esphera do cosmographo inglez fôra traduzido em portuguez por Gaspar Nicolau, mathematico, natural de Guimarães, e publicada, antes de Pedro Nunes.

É todavia de advertir que no titulo da obra declara Pedro Nunes: *Tirados nouamente de Latim em lingoagem*, ficando assim subentendido que já outro ou outros o haviam feito antes d'elle.

Do tratado da esphera conheceu Innocencio da Silva tres exemplares, um dos quaes fôra avaliado no inventario do possuidor por 1:000$000 réis! Um dos outros pertence á bibliotheca particular d'el rei D. Luiz I de Portugal. O douto bibliographo classificou-o como obra rara e preciosa.

Do Tratado do sabio mathematico de Alcacer do Sal possue a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro dois exemplares: um, o que se expõe, pertenceu á Real Bibliotheca, tendo para ella passado da livraria de Barbosa Machado; o outro fez parte da do Conde da Barca, sob o n.° 1415 do respectivo catalogo. Tem este exemplar no alto da fl. de rosto a seguinte nota escripta á mão:

« Ex Libris Car. Fr.ci Garnier, et Amicorum » e embaixo: « Cet exemplaire est accompagné de Notes marginales manuscrites, utiles et curieuses. (1537) »

E no v. de uma fl. em branco que precede a do titulo: « Traduction. — Traité de la Sphère avec la Théorie du Soleil et de la Lune Et le premier livre de la Geographie de Claude Ptolomée d'Alexandrie, nouvellement traduit du latin en portugais par le Docteur Pierre Nunez Géographe du Roi don jean III. avec des remarques et figures qui en facilitent l'intelligence.

« Ce livre renferme deux traités du même auteur sur la carte marine où l'on éclaircit les principales difficultés de la Navigation avec les tables du mouvement du Soleil et sa déclination, le reglement de sa hauteur tant a Midi qu'aux autres heures. 1537 ».

N.° 114. — Panagyrica oratio elegantissima plurima rerum & historiarum copia referta Ioanni huius nommis tertio inuictissimo Lusitaniarum regi nuncupata Antoneo Lodouico Vlyssiponensi medico auctore.

Ulysbonae. Apud Logdouicũ Rotorigiũ Typographũ. M. D. XXXIX. In-4.°

Primeira obra, segundo crêmos, sahida da officina do afamado impressor Luiz Rodriguez; está impressa em caracteres gothicos mui formosos.

Eis como se expressa Ribeiro dos Santos tratando d'este typographo:

« Este illustre impressor, que residiu em Lisboa, tem nas obras que publicou os titulos mais incontestaveis para ser qualificado entre os bons typographos do seu tempo: ainda hoje se estimam as suas edições, entre as quaes se distinguem muito as seguintes:... »

E a primeira que cita é a *Panagyrica Oratio*, que temos presente.

O titulo está dentro de uma bella portada gravada em madeira.

No v. da fl. — *Antonivs Lodovicvs ad lectorem.*

Este raro opusculo consta, além da 1.ª fl. inn., de xliiij ff. num. só pela frente. No verso da ultima traz estampada a divisa d'este insigne impressor de Lisboa, que usava de pôr no fim de suas edições, assim se exprime Ribeiro dos Santos, uma serpente, ou drago com azas extendidas, vibrando a lingua farpada, com parte da cauda enroscada no tronco de uma arvore, em que se enlaçava uma fita ou facha presa, e pendente do mesmo tronco, com a lettra — *Salvs vitæ* — e junto da raiz do tronco, uma pequena cedula que dizia — *Lvdvvicvs Rodvrici.* —

Innocencio da Silva, fallando de Antonio Luiz, o qualifica de distinctissimo professor de medicina e philosophia na Universidade de Coimbra, onde explicava Aristoteles e Galeno na lingua grega, florescendo ahi pelos annos de 1547 a 1565. Accrescenta que Antonio Luiz presentiu ou antecipou o famoso descobrimento da attração universal, que fez a gloria de Newton.

Barbosa Machado, no tomo 1.° pag. 311 a 313 da sua *Bibl.* traz tambem pormenores interessantes sobre a vida d'este sabio portuguez. Innocencio cita ainda outros autores, que se podem consultar com proveito.

Nosso exemplar faz parte do tomo 1.º dos *Elogios oratorios, e poeticos dos reis, rainhas e infantes de Portugal, collegidos por Diogo Barbosa Machado.*

Esta preciosa collecção, como já temos dito, foi offerecida por Barbosa á Real Bibliotheca d'Ajuda, d'onde nos veiu, trazida por El-Rei D. João VI.

N.º 115. — Statutos & constituyções dos virtuosos & reuerendos padres Conegos azuys do especial amado discipulo de xp̃o & seu singular secretario sam Joã apostolo & euãgelista. & ho fundamento de sua apostolica & muy louuada congregaçã da clerizia secular reformatiua em a obseruãcia de sua vida.

In-fol. goth.

O titulo, em uma portada xylographica, é impresso com tinta preta e vermelha.

Fl. 2.ª r. — *Prologo.*

Fl. 2.ª v. á 4.ª r. — *Tauoada.*

Fl. 4.ª v. — Uma estampa gravada em madeira, tendo no centro uma allegoria á Igreja e em volta os doze Apostolos.

O texto consta de 52 ff. numeradas de um só lado.

No v. de fl. 52.ª a subscripção:

« Forã impressas estas cõstituições por mandado do muyto virtuoso & Reuerendo padre ho padre Frãcisco de sancta Maria sendo Rector geral com consentimento & lugar do capitulo & padres que pera as mandar imprimir lhe derã primeyro. As quaes foram impressas ẽ casa de Germã Galharde imprimidor. Acabarõ-se aos xxv. dias do mes Dagosto. Anno de. M. D. XL. »

É edição muito rara.

Ribeiro dos Santos, no tomo VIII das *Mem. da Litt. Port.* dá a esta edição, sem duvida por inadvertencia, a data de 1543.

« Foram reimpressos, diz Innocencio, os referidos estatutos, em Lisboa, no anno de 1804, de mandado da respectiva congregação, sendo reitor geral o P. Antonio José de Faria. Os exemplares d'esta segunda edição são no mercado tão raros como os da de 1540. Deu-se nella uma equivocação assaz galante. O compositor typographico, ao ter de reproduzir o nome do impressor da primeira edição, confundiu de tal modo

o G com o B, tomando este por aquelle, que compoz *Bernã Balharde* em vez de Germã Galharde, e tal qual se imprimiu, porque o revisor, que não estava mais adiantado que o compositor, deixou passar o engano, em que só veiu a attentar-se muito depois da obra estampada. »

De Germão Galharde, escreve Ribeiro dos Santos o seguinte:

« Germão Galharde (que diversamente se acha escripto Gailharde, Galharde, Galhard, e Gaillardo) foi francez de nação, e veiu a ser impressor régio desde o anno de 1536, ou talvez antes; a sua officina se acreditou por uma das mais illustres do seu tempo. »

Em seguida enumera os seus principaes trabalhos.

A darmos credito a Barbosa, foi autor d'estes *Statutos*, ou D. João Vicente, ou então Pedro de S. Jorge. Elle attribue a obra a ambos.

O exemplar da 1.ª edição, que expomos, pertenceu á Real Bibliotheca.

N.º 116. — A paixã de Jesu xp̄o nosso deos & sñor assi como a escreuē os quatro euangelistas: & como a decrarã os sanctos: & doctores catholicos.

In-4.º de 62 ff. num.

O titulo, que acabamos de escrever, vem dentro de uma portada e embaixo de uma vinheta mui bem gravadas em madeira.

Na verso d'esta fl., a licença para a impressão, de Frei Hieronimo dazambuja, datada de 15 de Fevereiro de 1551.

A *Tauoada do que contem este tratado* occupa a fl. seguinte.

No r. da 3.ª fl., o titulo dos tres tratados de que se compõe o livro. No v., uma excellente estampa com a imagem do Senhor Crucificado.

Nas ff. 4.ª, 5.ª e 6.ª: « Proemio pera veremos como he verdade que deos morreo por nos & quanto lhe deuemos por esta obra. »

A 1.ª parte ou tratado termina no v. da fl. 45.

Fl. 46 inn. r.: « Elegia a Madanela » *(sic)*.

Fl. 47 inn. r.: « Outra elegia a madanela de outro autor. »

Fl. 49 r.: « Tratado dos proveitos que vem aos homẽs de serem membros de Iesu xpo nosso señor, & quam necessaria cousa he comesaremos nossas contemplações polla sua sacratissima humanidade. »

De fl. 58 v. a 62 v.: « Breve aparelho pera receber o sanctissimo sacramento tirado dasdoctas & muito deuotas meditações do padre frey Luis de Granada. »

Innocencio da Silva, depois de descrever o primeiro titulo, diz: « Tal é a descripção que d'este rarissimo livro nos dá Pedro José da Fonseca á pag. 165 do seu *Catalogo dos autores*, collocado por elle á frente do tomo 1.º e unico do Diccionario da lingua portugueza. »

Sobre esta rarissima edição, e probabilidades de segunda e terceira, vide o mesmo Innocencio, *Dicc.* vol. 6.º pag. 333.

Nosso exemplar está em muito regular estado de conservação, e pertenceu á Real Bibliotheca.

N.º 117. — Este libro he do começo da historia de nossa redençam, que se fez para consolaçam dos que nam sabẽ latim. Pede a Autor delle aos lectores que com charidade lhe digam por amor de Deos hũ Pater noster polla alma. *M. D. LXX.*

In-fol. de 2 ff. inn.–191 pp.

Este titulo está dentro de uma portada gravada em madeira, e no centro vê-se uma vinheta representando N. Senhora, tendo ao collo o menino Jesus.

No v. da fl. de rosto, a licença para a impressão concedida por « Frey Hieronymo da Azâbuja, Mestre na sancta Theologia & deputado pollo Senhor Cardeal Iffante & Inquisidor geral nestes Reynos de Portugal... A. 9. de Iulho. De 1551. »

Na fl. 2.ª: « A Muyto e Excellente Princesa, & serenissima Senhora Iffante Dona Maria filha do muy alto & inuenciuel Rey dom Manoel da gloriosa memoria. Ioam de Barreira Imprimidor. S. »

Nesta dedicatoria João de Barreira declara que a obra é de « dona Lianor de Noronha filha de dõ Fernando Marques de Villa Real tam affeiçoada ao seruiço de V. A... »

Segue-se o texto, e no fim a subscripção: « Em Lisboa. Por Joam de Barreira. Impressor del Rey. M. D. LXX. »

A 1.ª edição d'esta obra é de Lisboa, Germão Galharde, 1552. Ha uma segunda parte com titulo especial, impressa em em Coimbra, por João da Barreira, 1554.

Innocencio da Silva, em seu *Diccionario*, discute com muita lucidez e precisão o valor bibliographico d'esta obra. Referindo-se á 2.ª edição, que é a que expomos e foi acima descripta, escreve :

« A edição de 1570 era não ha muito tempo tida para alguns em conta de falsa, ou duvidosa... Falla d'ella o erudito Cenaculo nas suas *Memorias Historicas*, pag. 270, dizendo que este rarissimo livro fôra impresso em Lisboa em 1552 e 1570, havendo-se dado a licença para se imprimir em 1551. E adiante diz : que pela edição do anno de 1570 sabe-se que é autor d'aquella excellente obra D. Leonor de Noronha. Donde bem claramente se infere que, tendo elle visto a edição de 1552, não achava nesta fundamento bastante para deduzir quem fosse o seu autor.

« Ultimamente o Sr. Figaniere acabou de verificar o ponto, no que diz respeito á existencia da edição de 1570, de que muitos duvidavam. Existia, segundo me affirma, um exemplar na livraria das Necessidades, já depois removida para o palacio d'Ajuda...

« Lembro-me de ter visto, ha talvez doze ou mais annos, um exemplar d'esta obra (não direi comtudo de qual das edições apontadas) em poder do finado livreiro Manuel Lourenço da Costa Sanches ; e o mesmo me disse ao fim de algum tempo havel-o vendido, se me não engano, por 6$000. »

O que se deve concluir é que ha noticia apenas de mais um exemplar em Portugal d'esta rarissima edição, havendo pertencido o que expomos á Real Bibliotheca.

N.º 118. — Os Lvsiadas de Luis de Camões. Com privilegio real.

Impressos em Lisboa, com licença da sancta Inquisição & do Ordinario : em casa de Antonio Gõcaluez Impressor 1572. In-4.º

Consta de 2 ff. inn. com o titulo, o privilegio, e informação do qualificador Fr. Bertholameu Ferreira, e de 186 ff. numeradas pela frente, com o poema ; caracteres italicos.

Apraz-nos transcrever as seguintes palavras do Sñr. Tito de Noronha acêrca de Camões e dos seus *Lusiadas :*

« Em 1572 publicou-se em Lisboa um poema, que estava destinado a ter mais tarde uma reputação universal, resumir uma litteratura, e representar uma nacionalidade.

« Apezar dos seus defeitos, de todos os defeitos que accintosamente lhe têem descoberto, os *Lusiadas* são ainda uma das mais bellas, sinão a mais bella, das epopeas modernas.

« Todos, nacionaes e extrangeiros, continuam a reverenciar o inspirado cantor dos nossos fastos épicos, o soldado audaz, que legou á posteridade este famoso padrão litterario, este repositorio da lingua, este copioso estendal das nossas passadas façanhas, onde a par do mais grandioso patriotismo resalta a vasta erudição de um homem que foi grande no seu seculo, e que o continua a ser tres seculos depois.

« Camões é uma gloria nacional, e si foram audaciosas as emprezas que elle cantou, elle cantou-as com sublimidade condigna.

« Pagou-lhe mal a patria, mas a posteridade tem saldado fartamente a divida, fazendo justiça inteira ao talento peregrino d'este grandioso vulto, creador d'este poema sublime, o mais grandioso, o mais grave, o mais novo de quantos a Europa moderna tem produzido.

« Por uma coincidencia fatal, o cantor da patria morreu no anno em que esta era subjugada pelas hostes de Philippe II; mas si o paiz deixava de ter existencia politica, si o seu cantor escondia a sua miseria n'uma sepultura mais que modesta, á posteridade legava um monumento que o tornou bem conhecido e á patria, os *Lusiadas.* »

O Sñr. Dr. João de Saldanha, no seu *Catalogo da Collecção Camoneana*, presta tambem a este grande vulto da litteratura portugueza uma justa homenagem, pela fórma que se segue:

« Si as artes, as industrias, e as glorias militares elevam o poder das nações, e sobre ellas esparzem o vivo brilho de uma civilisação aprimorada, as lettras, eloquente manifestação da intelligencia e da razão, sobre tudo as engrandecem, e lhes erigem para o porvir monumentos inda mais duradouros que a pedra e o bronze.

« Os agricultores com os seus braços; os commerciantes com as suas ousadas viagens, enriqueceram Portugal; os artistas com a sua palheta ou o seu buril lhe aperfeiçoaram as fórmas elegantes e o romano perfil; os guerreiros com a sua espada lhe centuplicaram o poder, e rasgaram á sua ambição horizontes infindos; mas o Camões, o cultor das lettras, o grande épico, salvou do esquecimento todas estas glorias, talhando nos *Lusiadas* para o portico da immortalidade, o vulto athletico de Portugal. »

Nesta edição o titulo está mettido em portada de madeira, composta de plintho, duas columnas canelladas na metade inferior, e na superior um entablamento com dois golfinhos, e no centro um pelicano.

Como se sabe, os bibliographos reconhecem com a data de 1572 duas edições distinctas. Trigoso, o Morgado de Matheus e o Sñr. Visconde de Juromenha dão, entre outros, estes signaes para distinguir-se a primeira da segunda edição:

Na primeira a tarja é um tanto mais larga, e mais alta que na segunda;

O pelicano na primeira está com o collo voltado para a nossa direita, e na segunda é voltado para a nossa esquerda;

Os filetes das columnas descem na primeira da direita para a esquerda, e vice-versa na segunda;

O Alvará de privilegio na primeira tem 34 linhas e a data está escripta por extenso — vinte e quatro dias do mez de Setembro — na segunda o Alvará tem 33 linhas e a data em caracteres romanos — XXIIII de Setembro; —

Na primeira, a terceira pessoa do plural dos verbos termina em — am —; na segunda, termina em — ão —;

E outras muitas differenças.

« Quanto a mim, diz Innocencio F. da Silva, parece-me que, para fazer a devida distincção entre os exemplares das duas edições, bastará indicar a confrontação dos dois ultimos versos da oitava primeira do Canto I, que na edição *princeps* são escriptos como se segue:

> « Entre gente remota edificaram
> Nouo Reino, que tanto sublimaram. »

« E na chamada *segunda* lêem-se pela fórma seguinte:

> « E entre gente remota edificarão
> Nouo Reino, que tanto sublimarão. »

Segundo estes caracteristicos, acceitos por todos os bibliographos, o exemplar que possue a Bibliotheca e que figura na Exposição sob o n.° 118 pertence á chamada segunda edição.

A opinião do Sñr. Tito de Noronha, desenvolvida aliás com muita erudição em sua obra impressa em 1880 sob o titulo *A Primeira Edição dos Lusiadas*, é uma verdadeira novidade.

Eis-aqui as conclusões a que chega o illustrado escriptor:

I. A primeira edição dos *Lusiadas*, impressa em vida do poeta, e, como é de crêr, segundo o original do autor, é a que tem na portada do rosto o pelicano com o collo voltado á esquerda do leitor.

II. A edição de 1584, mutilada no texto, é a segunda.

III. Posteriormente a esta ultima edição, e antes de 1585, se fez outra, subrepticiamente, similhante em tudo á primeira, com a mesma data, mas com algumas variantes e diversa orthographia.

Os principios em que o autor assenta estas conclusões são, em resumo, os seguintes:

Os primeiros editores e commentadores, como Pedro de Mariz, Manuel Corrêa, Manuel Severim de Faria, e Faria e Souza, referem-se a uma edição unica;

Foria e Souza, só mais tarde, em 1685, é que distingue duas edições;

Depois de Faria e Souza assentou-se que houve duas edições dos *Lusiadas* em 1572;

O impressor Antonio Gonçalves era pouco diligente; no mesmo anno de 72 publicava ainda outra obra, a *Primeira parte do Compēdio da chronica do Carmo*, folio, de 242 pp., e não é de presumir que se affoitasse á reproducção de um livro que, parece, não foi grandemente considerado;

A producção do livro foi neste anno muito restricta;

A guerra feita ao poema pelos Caminhas, Bernardes, e outros litteratos do tempo, havia de naturalmente influir sobre a acceitação dos *Lusiadas;*

A epoca era pouco asada para emprehendimentos litterarios, pelas causas de mais conhecidas;

As variantes entre as duas edições ditas de 1572 não são tão notaveis que se possam attribuir ao autor;

A pretendida *segunda* edição é tida como a mais correcta, e tambem feita sob a vista do autor, não só a temos por isso, mas, o que é mais, como a primeira, e a unica pelo autor vista;

A chamada *primeira* edição é uma falsificação feita em 1585, para a curiosidade dos amadores que estavam indignados pelas mutilações que havia soffrido o poema na edição de 1584;

A orthographia das duas edições não é identica; isto prova que as edições sahiram de prelos differentes, visto não ser plausivel admittir que um impressor, no mesmo anno, tivesse duas fórmas de orthographar a mesma obra, e além d'isso se esquecesse de dizer que a 2.ª era uma nova edição, que a podia fazer, visto para isso ter privilegio por 10 annos;

A portada e os typos de que se serviu A. Gonçalves para os *Lusiadas* são os mesmos que foram de Germão Galharde e que serviram para a impressão do *Summario de Lisboa* e outras obras, e nestas o pelicano está com o rosto voltado para a esquerda.

São estes os principaes argumentos do Sñr. Tito de Noronha. Expostos assim em esqueleto, despidos das galas da erudição e da linguagem, crêmos que basta apresental-os para reconhecer-se que a sua força é mais apparente que real; que repousam tão sómente em presumpções; que lhes falta a evidencia, que impõe a convicção, a certeza.

A algumas das razões o proprio Sñr. Noronha se encarrega de responder. Diz elle que não é provavel que no mesmo anno de 1572 se fizessem duas edições dos *Lusiadas*, porque não havia necessidade d'isso, visto que o poema não era procurado. Entretanto na pag. 78 diz: « Publicou-se a 1.ª edição, com privilegio por dez annos: a edição esgotou-se, ou por ser pequena a tiragem, ou por terem ido exemplares para a India ... »

A principal razão em que se funda o Sñr. Noronha para affirmar que a chamada *segunda* edição é que é a primeira, está em ser ella mais correcta que a chamada *primeira*.

O capitulo VIII de seu excellente trabalho começa com estas palavras: « Temos por certo que em 1572 não se fez mais do que uma edição dos *Lusiadas*, e tambem nos quer parecer que o *autor não viu provas ...* »

Si o autor não viu provas, como quer o Sñr. Noronha tirar argumento da maior correcção da chamada *segunda* para affirmar que ella é que é a *primeira*, por isso que foi corrigida por Camões? Além de que, o argumento é contraproducente. Por isso mesmo que a *segunda* é mais correcta é que não tem probabilidade de ser a *primeira*. Em regra, são as primeiras edições as menos correctas.

Da sua propria obra extrahimos ainda as seguintes palavras do douto academico Trigoso: « Nada ha mais ordinario do que emendarem-se em uma segunda edição os erros em que se tem cahido na primeira; aproveitarem-se os autores das criticas que se fizeram, e melhorarem por meio d'estas a sua obra: assim quando são elles os que fazem uma e outra edição, quasi que póde haver certeza de que a ultima é preferivel. Guiados por estres principios é que sobretudo nos persuadimos de que a edição a que Manuel de Faria, o Padre Thomás, e o Sr. D. José Maria de Souza chamaram primeira, realmente o é, porque a achamos bastante inferior á outra. »

As asserções — *que se não deve presumir que um impressor orthographe a mesma obra por dois modos differentes no mesmo anno, e — que se esquecesse de dizer que a 2.ª era uma nova edição, visto que para isso tinha privilegio por 10 annos*, não são tambem procedentes.

Porque um impressor, no mesmo anno, não póde ortho-

graphar a mesma obra por duas fórmas differentes? Qual o obstaculo? Nas edições antigas, e ainda nas modernas, não se vêem as mesmas palavras orthographadas de modos differentes até na mesma linha?

O privilegio concedido por 10 annos para a impressão da obra, não isentava o autor e o impressor das difficuldades e delongas de novo exame ou censura, caso quizessem reimprimir a obra. Esta, como pensam muitos, póde ter sido a causa de haver o impressor omittido a declaração de 2.ª á nova edição.

Não nos parece provavel que Camões tivesse corrigido e dirigido pessoalmente a impressão da chamada segunda edição; mas, a semelhança que existe entre as duas faz-nos crêr que sahiram ambas das officinas de Antonio Gonçalves no anno de 1572. A hypothese aventada pelo Sñr. Noronha de haver sido reimpressa a obra em 1585, com os mesmos typos comprados a Antonio Gonçalves, não tem a menor probabilidade. No largo espaço de tempo de treze annos, estes typos, ou estariam completamente inutilisados, ou já muito gastos; e, quando não estivessem, não é de presumir que, em mãos de outra pessoa, tivessem produzido uma obra tão semelhante á primeira.

Por ultimo, a razão de estar no *Summario de Lisboa* o pelicano com o collo voltado para a esquerda, e dever estar assim na 1.ª edição dos *Lusiadas*, não é valiosa. Não ha duvida que se fizeram duas portadas: uma tem o pelicano com o rosto voltado para a esquerda, outra o tem com o rosto voltado para a direita. É certo tambem, como diz o Sñr. Noronha, que a que foi empregada no *Summario* é a que traz o pelicano com o collo voltado para a esquerda. Qual d'ellas, porém, foi empregada na 1.ª edição e qual na 2.ª? É este exactamente o ponto da duvida, que o Sñr. Noronha não resolve. A razão que dá não é bastante para affirmar-se que a chamada *segunda* edição é que é a primeira, por isso que tem o pelicano com o rosto voltado para a esquerda.

Em um ponto estamos de perfeito accôrdo com o Sñr. Tito de Noronha: é quando S. S.ª combate a opinião do Conselheiro José Feliciano de Castilho, que entende que, com a data de 1572, houve talvez quatro, e pelo menos tres edições. Em verdade, a explicação que dá o Sñr. Noronha das variantes encontradas pelo Conselheiro Castilho é muito plausivel: «As differenças que por ventura se possam encontrar em exemplares semelhantes provêm de se terem baralhado cadernos ou mesmo folhas dos dois exemplares, ou mesmo de se haver entresachado em exemplares incompletos quaesquer folhas de edições pos-

teriores e parecidas. Por esta fórma, duas edições podem parecer tres ou quatro, e mais até, por não conferirem exactissimamente em todas as suas folhas, comquanto apparentem um todo commum.

« Com as edições gothicas das *Ordenações* dá-se o mesmo caso: temos visto exemplares com livros de edições diversas, mas formando um todo completo. »

Os exemplares da segunda edição, que a Bibliotheca Nacional expõe sob o n.° 118, são tão raros e estimados como os da primeira.

O nosso pertenceu a D. Diego de Rocaberti y de Pau, cuja assignatura autographa se póde lêr na folha de rosto, logo abaixo da data 1572. Foi comprado pelo Dr. Ramiz Galvão ao Snr. B. L. Garnier pela quantia de 405$000 rs.

N.° 119. — Orthographia da lingva portvgveza. Obra vtil, & necessaria, assi pera bem screuer a lingoa Hespanhol, como a Latina, & quaesquer outras, que da Latina teem origem. Item hum tractado dos pontos das clausulas. Pelo Licenciado Duarte Nunez do Lião.

Em Lisboa por Ioão de Barreira impressor del Rei N. S. M. D. LXXVI. In-4.°

Livro muito raro e bem impresso, constando de 4 ff. prelim. e 78 ff. num. de um só lado.

No centro da 1.ª fl. uma vinheta xylographada, em forma oval, com esta legenda em volta: *Omnia omnibvs.*

Na 2.ª fl. as licenças datadas de 1574 e 1576.

No v. da 2.ª fl. o privilegio.

Na 3.ª e 4.ª ff.: carta de Duarte Nunes de Leão ao Conselheiro Lourenço da Silva.

Diz-nos Innocencio que é edição muito estimada, e lembra-nos, que no Catalogo de livros hespanhoes e portuguezes de Salvá vem mencionada a obra com a nota de rarissima.

Foi de Diogo Barbosa Machado, de cujas mãos passou para a Real Bibliotheca.

N.º 120. — Historia da prouincia sãcta Cruz a que' vulgar mẽte' chamamos Brasil feita por Pero de Magalhães de' Gandauo, dirigida ao muito Ills. sñor Dom Lionis P.ra gouernador que foy de' Malaca & das mais partes do Sul da India.

In-4.º de 48 ff. num. pelo r. com 2 est. interc. no texto.

Na fl. de rosto as armas dos Pereiras. (In-fine:) *Impresso em Lisboa, na officina de Antonio Gonsaluez. Anno de 1576.*

O Dr. Ramiz Galvão nos *Annaes da Bibliotheca Nacional* fez d'este exemplar a seguinte exacta descripção:

« O titulo, assim como a portada do frontispicio, é todo aberto a buril por artista que ahi mesmo se subscreve com as iniciaes i. l. Contém: o titulo: no v. d'esta folha — as licenças (sem a declaração de — *Vendense em casa de João lopes liureiro na rua noua —);* tercettos de Camões a.d. Lionis Pereira; um soneto do mesmo autor ao vencedor de Malaca; a dedicatoria de Gandavo; *prologo ao lector,* e finalmente a Historia dividida em 14 capitulos.

« Antecede ao cap. 12.º uma pequena gravura ou antes uma vinheta xylographica representando a morte que davam os indigenas brazileiros aos prisioneiros. A estampa, que occorre no v. da fl. 32, retrata o monstro marinho, a que allude o autor no cap. 9.º

« Figanière e Innocencio, não sabemos com que fundamento, assignam ao volume 3 ff. inn. - 43 ff. num. pela frente, e accrescentam ás licenças a nota de — *Vendense...* de que acima se fallou.

« A Historia de Gandavo é livro rarissimo, do qual se não conhecem mais de dois exemplares: este, e o que pertenceu a Ternaux-Compans, de cujo destino não havemos conhecimento.

« Foi reproduzido em Lisboa, *na Typ. da Acad. Real das Sciencias,* 1858, in-4.º de xx - 68 pp. com 1 est., segundo uma copia msc. que d'ella existia na bibliotheca da mesma Academia, e é o n.º 111 do tomo 1.º da *Collecção de opusculos reimpressos relativos á historia das navegações, viagens e conquistas dos Portuguezes.*

« No mesmo anno 1858 pagava o Brazil justo preito de homenagem ao seu primeiro chronista, reimprimindo por sua vez a obra de Gandavo no tomo xxi da *Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro,* onde a poderão achar os

curiosos, de pag. 367 a 430, com uma est. lithogr. na Lith. Imp. de Ed. Rensburg. Para esta reproducção serviu o texto original, que temos á vista e ora se descreve como joia inestimavel da *Collecção Barbosa Machado.*

« Todavia, muito antes de Portugal e do Brazil, já Ternaux-Compans, apreciador intelligente do valor d'este precioso livro, o havia feito conhecer traduzindo-o para francez e incluindo-o no tomo II da collecção intitulada *Voyages, relations et mémoires originaux pour servir à l'histoire de la découverte de l'Amérique. Paris, Arthus Bertrand.* 1837, in-8.°

« Força é porém confessar, que nem esta traducção é de todo irreprehensivel, nem as reimpressões portuguezas de 1858 foram feitas com a desejavel fidelidade. Livros d'estes photographam-se, não se reimprimem á carreira e com descuidos de copia. »

N.° 121. — Rhythmas de Lvis de Camoes, diuididas em cinco partes. Dirigidas ao muito Illustre senhor D. Gonçalo Coutinho. Impressas com licença do supremo Conselho da geral Inquisição, & Ordinario.

Em Lisboa, por Manoel de Lyra, Anno de M. D. LXXXV. A custa de Estevão Lopez mercador de libros. In-4.°

Diz o Sr. Dr. João de Saldanha em seu *Catalogo da Collecção Camoneana :*

« Editio princeps das rimas de Luiz de Camões. Os exemplares são muito raros. »

Na pagina de rosto tem uma vinheta com uma arvore no centro e esta legenda : « *Mihi Taxvs.* » Do lado esquerdo uma figura de mulher sustentando um ramo. Do lado direito outra figura de mulher sustentando um espelho. No verso d'esta pagina traz as licenças : 1.ª, de Fr. Manuel Coelho ; 2.ª, do Bispo d'Elvas, de Diogo de Souza e de Marcos Teixeira, datada de Lisboa, 17 de Novembro de 1594. No v. da fl. seguinte vem o privilegio concedido por Philippe II, pelo tempo de dez annos, a Estevão Lopes para imprimir *varias Rimas poeticas de Luis de Camões, que inda não forão impressas...* » No v. d'esta fl. e na seguinte vem a dedicatoria

de Estevão Lopes a D. Gonçalo Coutinho, datada de Lisboa, 27 de Fevereiro de 1595, na qual allude ao real serviço feito ao poeta por este fidalgo...

Todo o volume contém 182 ff.

Esta edição, devida aos cuidados do douto Surrupita, não é, como nos diz o Snr. Visconde de Juromenha, muito correcta, o que se deve attribuir ao escrupulo que teve Surrupita de emendar estas poesias, apesar de as achar viciadas pelos copistas.

Traz na guarda esta nota a lapis, posta provavelmente pelo livreiro Trübner: *Sir William Tite's copy sold, May 20th., 1874, for £ 30.*

« Foi Manuel de Lyra, diz o illustrado autor das *Mem. de Litt. Port.*, mui nomeado entre nós pelas muitas edições que produzirão seus prelos. Entre outras merecem aqui particular memoria a da *Entrada que em Portugal fez D. Philippe I de Portugal* por Isidoro Velasques em 1583... a dos *Cercos de Malaca* de Jorge de Lemos 1585... a da *Tragedia muy sentida, e elegante de D. Ignes de Castro* em 1587, 12, que he a mesma de Ferreira com alguma alteração, sem nota de lugar, edição rarissima... a da *Elegiada* de Luiz Pereira de 1588... a do *Discurso sobre a vida e morte de Santa Isabel Rainha de Portugal, com outras varias Rimas* em 1590... a do *Reportorio dos tempos* de André de Avellar, tambem em 1590 sem nota de lugar... Obras de Francisco de Sá de Miranda 1595... *Regimento do Auditorio de Evora* 1598. »

O nosso exemplar das *Rhythmas* traz o *ex-libris* J. E. G. Rebello da Fontoura. Foi comprado pelo Dr. Ramiz Galvão, ex-Bibliothecario.

N.° 122. — Constitviçoes do Arcebispado de Goa. Approuadas pello primeiro Prouincial.
Em Lisboa. Impressas, cõ licença da Sancta Inquisição. 1592. *Soli Deo Honor.*

Esta rarissima edição já foi estudada e descripta pelo Dr. Ramiz Galvão no 1.° vol. dos *Annaes da Bibliotheca Nacional.* Pedimos-lhe venia para reproduzir aqui algumas de suas palavras :

« Á pag. 102 do tomo II de seu *Diccionario Bibliographico* diz Innocencio :

« O P. José Caetano de Almeida nos seus apontamentos « manuscriptos a que tenho já alludido algumas vezes, affirma « que na bibliotheca de D. João V. vira um exemplar das Consti- « tuições de Goa, impresso em Lisboa em 1592; d'esta edição « não me consta que exista ao presente algum, quer nas livrarias « publicas, quer nas dos particulares, que pude consultar nesta « cidade. »

« Esta duvida levantada pela expressão do illustrado bibliographo deve hoje passar para o dominio das noticias verdadeiras e incontestaveis. Existe de facto a edição de 1592, e a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro se ufana de possuir um dos poucos exemplares que restam d'ella, si é que por ventura algum outro existe em local até aqui não determinado.

« Eis a sua descripção:

« O titulo acima transcripto está dentro de uma tarja elegantemente gravada e coroada pelo escudo das armas de Portugal.

« É um vol. in-fol. peq. com assignaturas de 8.°, contendo 94 folhas, a saber:

« Fol. 1.ª o titulo.

« Idem v.: as licenças assignadas por *Frey Bertholameu Ferreyra*, *Antonio de Mendoça* e *Diogo de Sousa*, e, embaixo, duas vinhetas, representando o Senhor Crucificado e N. S. da Conceição.

« Fol. 2.ª *Prologo.*

« Idem v.: *Alvara do Arcebispo* (D. Jorge Temudo) e *Decreto do primeiro Concilio Prouincial sobre as Constituições* (em latim e em vulgar).

Seguem-se: os « Titulos »; os « Canones Penitenciaes »; os « Casos reservados ao Papa »; os « Casos da Bulla, da cea do senhor que cada anno se publicam em Roma na quinta-feira, de laua pees, que sam mais estreitamente reseruados a sua Sanctidade. » Depois vem: o « Primeiro Concilio Provincial celebrado em Goa, no anno de M. D. LXVII. » Termina o vol. com duas bullas de Pio IV e a « Tavoada ».

« Estas Constituições, continúa o Dr. R. Galvão, feitas por D. Gaspar de Leão, primeiro arcebispo de Goa, e approvadas pelo Concilio Provincial d'aquella cidade, sahiram pela primeira vez a lume em 1568; d'esta edição princeps existe um exemplar na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

« A segunda impressão é a de 1592, cuja existencia confirmamos no presente artigo; não consta que exista em Portugal, e pode bem ser que não reste outro exemplar além do nosso. O proprio Ternaux-Compans não na cita em sua estimada

Bibliothèque Asiatique, quando é certo que teve conhecimento da edição de 1568.

« Nosso precioso exemplar, posto que victima dos insectos damninhos, está perfeitamente legivel e pode dizer-se salvo. Pertenceu á *Sé de Cochim*, como se deprehende de uma nota msc., que figura na fl. de rosto; talvez mais tarde ao P. Domingos Pereira, cujo nome achamos em dois lugares do volume, e, ultimamente, á *Real Bibliotheca*, donde se passou em 1808 para o Rio de Janeiro com os mais livros d'aquella procedencia. »

Innocencio cita ainda uma terceira edição, que não viu, descripta por Pedro José da Fonseca, assignalando-lhe a data de 1643, e cujos exemplares são assaz raros. É exacto; apenas em um ponto se engana P. J. da Fonseca: a data d'esta edição é 1649 e não 1643.

Este engano foi devidamente corrigido no Supplemento do Diccionario de Innocencio.

Temos d'ella um exemplar.

Fez-se modernamente uma edição d'estas Constituições, *corrigidas* e *accrescentadas* por D. Manoel de S.ª Catharina. *Lisboa, Imp. Regia*, 1810, in-fol.

Em duas palavras: o exemplar que expomos sob o n.º 122 é valiosissimo; talvez não exista outro.

N.º 123. — Svmmaria Recapitvlaçam da antiguidade da Sé de Lamego, Bispos, & Christandade della; & da sua nobreza. Composta pello Doutor Manoel Fernandez, Conego, & Leytor da escriptura sagrada na mesma Sé: & tirada do capitulo trinta & cinco da sua Portugueza Miscellanea.

Com licença impressa, em Lisboa, por Manoel de Lyra, 1596. in-4.º

O opusculo consta de 15 ff. sem numeração.

O titulo está dentro de uma portada gravada em madeira. No verso da fl. do titulo a informação de Fr. Manoel Coelho e a licença para a impressão assignada pelo Bispo d'Elvas, Diogo de Souza, e Marcos Teixeira. Na seguinte fl. vem a

dedicatoria da obra a D. Antonio Telles de Menezes, Bispo de Lamego.

Antonio Ribeiro dos Santos faz d'este opusculo menção muito summaria.

Innocencio da Silva diz: « Copio aqui a indicação do rosto, tal como a apresenta o snr. Figanière na sua *Bibliogr. Hist.*, obtida por elle da Bibliotheca Publica do Rio de Janeiro, onde existe um exemplar, que parece ser o unico hoje conhecido d'este rarissimo opusculo. »

Á vista d'estas palavras, pode bem avaliar-se o grande valor do exemplar, que a Bibliotheca expõe sob o n.º 123.

Pertenceu á Real Bibliotheca.

N.º 124. — Poemas Lvsitanos do Dovtor Antonio Ferreira. Dedicados por sev filho Miguel Leite Ferreira ao Principe D. Philippe nosso senhor. *Em Lisboa. Impresso com licença, Por Pedro Crasbeeck. M. D. XCVIII. Com Priuilegio. A custa de Esteuão Lopez Liureiro.* In-4.º

Primeira edição, muito rara e estimada.

Traz no centro da fl. de rosto a marca ou divisa do impressor Pedro Craesbecek, assim descripta por A. Ribeiro dos Santos: « Pedro Craesbeeck, impressor de grande nome entre nós, tomava por armas um escudo, e um gyra-sol voltado para o sol, que do alto o attrahia, tendo na orla esta lettra — *Trahit sua quemque voluptas.* — Como se acha entre outras na edição dos Poemas de Antonio Ferreira. »

Na fl. 2.ª: Offerecimento da obra ao rei por Miguel Leite Ferreira.

No v. da fl. 3.ª uma poesia de D. Francisco de Moura e outra de Jeronymo Corte Real a Antonio Ferreira.

Segue-se o texto com 240 ff. num. só pela frente, e acaba com a *Taboada*, em 4 ff. inn.

Para a biographia de Antonio Ferreira póde consultar-se Barbosa Machado, *Bibl. Lus.*, vol. 1.º, pag. 272, Pedro José da Fonseca, na segunda edição d'estes Poemas, e Innocencio da Silva, *Dicc. Bibl. Port.*, vol. 1.º, pag. 138.

Para completar a descripção do exemplar, transcrevemos as justas observações de Innocencio:

« Os exemplares d'esta edição de 1598 sahiram uns mais, outros menos limpos de erros, como consta da declaração que em alguns se encontra, juntamente com a taboa de erratas logo no principio do volume. Diz assim: *Em muitos volumes se não verão a maior parte d'estes erros, que se atalharam no decurso da impressão.* Já se vê que são mais estimaveis aquelles exemplares em que menos erros se encontram. Cumpre advertir que sendo estes poemas publicados vinte e nove annos depois da morte do autor, proveiu talvez d'ahi o sahirem alguns versos alterados por infidelidade das copias, risco a que estão sujeitas todas as obras, a cujas impressões não assistem os proprios autores. Ainda mais: parece que o exemplar que serviu de original para esta edição posthuma deixa alguma desconfiança de que nelle se introduziram algumas composições alheias, taes como os sonetos XXXIV e XXXV do livro 2.°, posto que o editor diga que seu pae os fizera na linguagem que em Portugal se usava no tempo d'el-rei D. Diniz, e que se divulgaram em nome do infante D. Affonso, filho primogenito d'aquelle rei. Mas, Faria e Souza, que devemos suppôr bem informado, e que nenhum interesse tinha em occultar a verdade, quer na sua *Fonte de Aganippe*, Parte I. *Discurso de los sonetos*, que elles fossem verdadeiramente compostos pelo infante D. Pedro, filho do referido rei D. Diniz... Os exemplares d'esta edição, de todas a mais estimada, são tidos em conta de raros. »

A 2.ª edição dos Poemas, dirigida por Pedro José da Fonseca, é de *Lisboa, Reg. Off. Typ.* 1771, 2 tomos in-8.°

Ainda se fez 3.ª edição dos Poemas, em *Lisboa, Typ. Rollandiana*, 1839, 2 tomos in-16, de que a Bibl. Nacional possue um exemplar. Esta edição é a mais commum, porque a de 1771 já se vae tambem tornando rara.

Pedro Craesbeeck, um dos mais notaveis impressores de Lisboa, começou a figurar, como nos ensina Ribeiro dos Santos, nos fins do seculo XVI. Em 1597 estampou o *Index librorum prohibitorum de mandato D. Antonii de Mattos de Norogna.* Esta officina durou mais de um seculo em seus descendentes.

D'este notavel impressor a Bibliotheca Nacional possue raras e estimadas edições, sobresahindo entre outras a das *Ordenações do Reino de Portugal, compiladas por mandado d'el-rei D. Felippe I de Portugal. Lisboa, 1603, fol.* com o additamento da *Errata da nova recopilaçam das leis e ordenações... Feita pelo Doutor Iorge de Cabedo.* Errata, que se tendo annexa a mui poucos exemplares, são por isso os que a contêem de subida estimação e valor.

A 1.ª edição dos Poemas, que fica acima descripta, foi um dos primeiros e mais importantes trabalhos sahidos de suas officinas.

O exemplar pertenceu á Real Bibliotheca.

N.º 125. — Discursos Politicos-Moraes, comprovados com vasta erudição das Divinas, e humanas Letras, a fim de desterrar do mundo os vicios mais inveterados, introduzidos, e dissimulados. Primeiro tomo dedicado ao Ill.^mo e Exc.^mo Senhor Sebastião José de Carvalho e Mello... Por seu author Feliciano Joaquim de Sousa Nunes, natural da Cidade do Rio de Janeiro.

Lisboa, na Off. de Miguel Manescal da Costa. 1758, in-8.º

Comprehende : 31 ff. inn. com a dedicatoria, precedida de uma vinheta ; prologo ao leitor ; satisfação apologetica ; cartas encomiasticas, e versos dirigidos ao autor, indice dos sete discursos que se contêem no 1.º tomo ; por fim, o texto com 269 pp., precedido de uma pequena vinheta.

Diz Innocencio da Silva : « A historia d'este livro é assás curiosa. Consta que o autor viera do Brazil a Lisboa, trazendo comsigo o manuscripto da sua obra, já concluida, e que devia produzir não sei quantos volumes. Imprimiu o primeiro, e julgando talvez que faria com isso a sua fortuna, dedicou-o ao primeiro ministro, esquecendo-se todavia de consultal-o previamente e sollicitar a sua acceitação. Indo porém apresentar-lhe o volume já impresso, o futuro Marquez de Pombal, que não soffria quebra nas regras da etiqueta, deu-se por offendido, tratou-o com o maior desabrimento, reprehendeu-o severamente por dar publicidade a doutrinas anarchicas, e ordenou-lhe que voltasse sem demora para o Brazil, relevando-o de maior pena que não fosse a de queimar desde logo todos os exemplares do tomo impresso, e o manuscripto dos seguintes ! Assim partiu desappontado o pobre autor, e segundo se affirma só tres exemplares impressos, que antecipadamente estavam já em viagem para o Rio de Janeiro, escaparam á destruição geral... »

Segundo Innocencio da Silva, escaparam sómente tres exemplares d'esta obra; assim, o que está exposto é uma verdadeira raridade bibliographica.

As doutrinas sustentadas pelo autor neste livro nem sempre são justas, nem exactas em suas applicações praticas.

O exemplar encadernado em marroquim vermelho e com douradura neste e pelas folhas parece indicar que, com effeito, o autor desejava offerecel-o a pessôa de distincção.

Traz o *ex-libris* da Real Bibliotheca.

N.° 126. — O Uraguay Poema de José Basilio da Gama na Arcadia de Roma Termindo Sipilio Dedicado ao Ill.^{mo} e Exc.^{mo} Senhor Francisco Xavier de Mendonça Furtado secretario de estado de S. Magestade Fidelissima, &. &. &. *Lisboa na Regia Officina Typografica. Anno M. DCCLXIX.*

In-8.° peq. de 3 ff. inn. - 102 pp. - 1 fl. inn.

Primeira edição d'este notavel poema.

« Os exemplares d'esta edição, diz Innocencio da Silva, vieram depois a tornar-se raros; ou porque o governo de D. Maria I, os mandasse recolher, como alguns affirmam ou porque o proprio autor, segundo dizem outros, procurasse haver a si todos os que podia, para inutilisal-os, com intento de afastar dos olhos do publico uma producção escripta sob o influxo de idéas e doutrinas, que desagradavam altamente á nova Côrte. »

Hoje, os exemplares d'esta edição ainda se tornaram mais raros.

Garret fórma ácerca do *Uraguay* este juizo: « O Uraguay de José Basilio da Gama é o moderno poema que mais merito tem na minha opinião. Scenas naturaes mui bem pintadas, de grande e bella execução descriptiva; phrase pura e sem affectação; versos naturaes sem ser prosaicos, e, quando cumpre, sublimes sem ser guindados; não são qualidades communs. Os Brazileiros principalmente lhe devem a melhor corôa de sua poesia, que nelle é verdadeiramente nacional, e legitima americana. Magoa é que tão distincto poeta não limasse mais o seu poema, lhe não desse mais amplidão, e quadro tão magnifico o acanhasse tanto. Si houvera tomado este trabalho,

dssappareceriam algumas incorrecções de estylo, algumas repetições, e um certo desalinho geral, que muitas vezes é belleza, mas continuado e constante em um poema longo, é defeito. »

Este juizo vem transcripto nos *Annaes da Imprensa Nacional* do Sñr. Valle Cabral.

A primeira edição brazileira d'este poema é da *Impressão Regia* 1811. Em 1845 foi reimpresso por Varnhagen. Em sua opinião, « considerado com respeito á forma artistica, este poema é sobretudo notavel pela força da harmonia imitativa, e pelo talento com que o autor, perfeitamente iniciado no mechanismo da linguagem, sabe adaptar os sons ás imagens. Assim o vemos fazer ás vezes correr os seus versos fluidos e naturaes, outras vezes demorados de proposito, quando deseja representar distancia, socego, ou brandura ; outras finalmente precipitados, quando nos quer apresentar imagens vivas ou audazes, e até finalmente nas descripções de combates, e outras semelhantes, soube fazêl-os roçar asperamente uns com outros. »

José Basilio da Gama nasceu no arraial de S. José do Rio das Mortes, Capitania de Minas-Geraes, em 1740, e morreu em Lisboa a 31 de Julho de 1795, sendo sepultado na igreja do extincto convento da Boa-hora de Belem.

O exemplar foi adquirido por permuta feita com o Sñr. Valle Cabral.

N.° 127. — Medicina Theologica ou supplica humilde, feita a todos os Senhores Confessores, e Directores, sobre o modo de proceder com seus Penitentes na emenda dos peccados, principalmente da Lascivia, Colera, e Bebedice. *Lisboa : na Off. de Antonio Rodrigues Galhardo.* 1794, in-4.° de 147 pp. – 2 ff. inn.

Do extenso artigo publicado por Innocencio F. da Silva sobre esta obra, extrahimos, por mais importantes, os seguintes topicos :

« Para a impressão e publicação da Medicina Theologica precederam todas as formalidades requeridas nesta especie de processos, conforme a legislação do tempo : e havida a compe-

tente licença da Real Meza da Commissão geral sobre o exame e censura dos livros, para a qual tinham passado em 1787 modificadas e ampliadas as attribuições da Meza Censoria, foi o livro exposto á venda nas lojas dos livreiros de Lisboa em 20 de Novembro de 1794. Levantou-se porém tal clamor contra sua doutrina, por parte de muitos animos pios e zelosos, que para logo a qualificaram abertamente de perigosa, e de heterodoxa, que as queixas chegaram até o throno, e o governo apressou-se em dar prompta satisfação aos escandalisados. A obra foi mandada recolher, e a Meza da Commissão geral dissolvida e extincta por decreto de 17 de Dezembro do mesmo anno, em termos nada honrosos para os membros que a compunham.

. . . .

« Da prohibição do livro seguiu-se o resultado quasi inevitavel nestes casos. Tomou corpo a fama da obra, e decuplou-se o valor dos poucos exemplares que por então escaparam ao confisco.

. . . .

« Quanto ao autor, não se pouparam da parte do ministerio, e das autoridades suas subordinadas, diligencias para o descobrir, e, se fosse conhecido, é provavel que lhe teria sahido cara a ousadia.

. . . .

« Hoje não ha perigo algum na manifestação do segredo. Diga-se pois, e fique de uma vez assentado que o autor da *Medicina Theologica* foi o medico brazileiro Francisco de Mello Franco. Só cheguei a saber isto casualmente, mas por modo irrecusavel. Em uns papeis que a fortuna me deparou, escriptos da mão do P. Joaquim Damaso, bibliothecario que foi d'El-rei D. João VI, achei esta noticia, com algumas outras, abonadas todas de verdadeiras pelo caracter honrado e fidedigno de quem as escreveu. Conta elle, que o proprio Mello Franco lhe declarara no Rio de Janeiro ser sua aquella obra, mostrando-lhe por esta occasião um exemplar d'ella, com algumas correcções e copiosissimos argumentos, a qual se propunha reimprimir, e sem duvida o fizera, si a morte sobrevinda entretanto lhe não cortasse a execução d'este e de outros projectos. »

Pelo que fica exposto, pode concluir-se que o livro exposto sob o n.° 127 tem um grande interesse bibliographico. Quanto ao valor intrinseco, não diremos que o tenha, notando-se em toda a obra um mixto, uma confusão de religião e de medicina, inexplicavel e injustificavel.

O exemplar pertenceu ao Sñr. Valle Cabral.

N.° 128. — Ignez de Castro Episodio extrahido do canto terceiro do poema epico Os Lusiadas de Luiz de Camões. Edição em quatorze linguas.

Lisboa Imprensa Nacional. 1873.

In-fol. de 46 folhas innumeradas, contendo um quadro com o nome dos traductores e com a data e lugar das edições; e em seguida a este quadro as traducções.

O Sñr. Dr. João de Saldanha, no seu *Catalogo da Collecção Camoneana*, annota assim a presente edição:

« Rica edição, impressa em superior papel.

« Antes da folha do titulo comprehende: I. Uma folha com as seguintes palavras: « Luiz de Camões Episodio de Ignez de Castro extrahido do canto terceiro do poema epico Os Lusiadas. » — II. Outra folha com estas palavras: « Ignez de Castro. » — III. Outra folha, tendo na pagina do rosto uma como moldura verde e rosa, e, no centro, esta dedicatoria impressa com tinta azul. *A Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro Offerece a Imprensa Nacional de Lisboa 1874.* — IV. O retrato de Camões copiado do de Gérard, e grav. por J. P. de Souza. - V. O Episodio.

« Esta impressão é um precioso specimen dos mais bellos trabalhos da Imprensa Nacional de Lisboa, e como tal figurou e mereceu altos louvores na Exposição Universal de Vienna em 1873. »

N.° 129. — Gonçalves Crespo. Nocturnos.

Lisboa 18, Rua Oriental do Passeio 1882.

In-8.°

Na 1.ª fl. inn. lê-se: *Nocturnos*, e a seguinte dedicatoria do proprio punho do autor escripta com tinta vermelha: *A Bibliotheca do Rio de Janeiro Off. o autor.*

No v. d'esta fl. a declaração:

« D'esta edição tiraram-se mais trinta exemplares que não entraram no mercado; sendo:

12 exemplares em papel Japão..........	n.os	1 a 12
12 exemplares em papel Whatman......	n.os	13 a 24
6 exemplares em papel da China......	n.os	25 a 30

O da Bibliotheca tem o n.º 19, e a assignatura autographa do autor.

A 2.ª fl. é a do titulo.

Na fl. 3.ª ou a 1.ª num. a dedicatoria da obra, pelo autor, á sua mulher Maria Amalia Vaz de Carvalho.

O texto abrange 160 pp.

Da pag. 161 a 164 o indice.

A ultima fl. sem num. traz a declaração ou subscripção:

Na parte superior: « Terminou-se a impressão nos prelos da Imprensa Nacional de Lisboa a 6 de Março de 1882. » No centro: uma pequena vinheta em fórma oval com as lettras A e F entrelaçadas em monogramma, tendo em volta as palavras: *Avelino Fernandes editor.* Na parte inferior: *18, Rua Oriental do Passeio — Lisboa.*

Elegante opusculo, em bellos caracteres impresso, caprichosamente brochado, com suas margens integraes, valioso producto das afamadas officinas da Imprensa Nacional de Lisboa.

« Antonio Candido Gonçalves Crespo, diz o Sñr. Dr. Blake em seu *Dicc. Bibl. Braz.*, nasceu no Rio de Janeiro a 11 de Março de 1847, e falleceu a 11 de Junho de 1883 na côrte de Portugal, para onde fôra muito joven, ahi fazendo toda a sua educação, naturalisando-se cidadão portuguez e casando-se com a festejada escriptora Maria Amalia Vaz de Carvalho. Formado em direito pela Universidade de Coimbra, foi deputado ás Côrtes pela India em 1879; era socio da Real Academia das Sciencias de Lisboa e de outras associações de lettras. »

Escreveu tambem as *Miniaturas*, sobre cujo merecimento o mesmo Sñr. Dr. Blake transcreve este juizo de Candido de Figueiredo: « São pequeninos quadros de uma extraordinaria belleza artistica e de uma excessiva delicadeza e mimo. »

BRAGA.

(Brachara Augusta).

N.º 130. — Catechismo ou Doutrina Christaã & Praticas spirituaes, ordenado por Dom Frey Bartholameu dos Martyres Arcebispo & senhor de Braga Primas das Espanhas &. Pera se

ler nas parrochias deste nosso Arcebispado onde não ha pregaçam.

Em Braga. Por Antonio de Maris Empressor do Senhor Arcebispo. E cõ licença de sua S. R. 1564.

In-4.° de 6 ff. inn. – CCXL ff. num. só pela frente.

No meio da fl. de rosto uma vinheta gravada em madeira representando as armas do Arcebispo.

In-fine lê-se : « Acabovse de imprimir o presente Catechismo na Cidade de Braga em casa de Antonio de Maris Empressor do Senhor Arcebispo aos iiij de Nouembro 1564. »

Primeira e muito rara edição.

Barbosa Machado e Innocencio, talvez por não a terem visto, descrevem-n'a menos fielmente.

« Dominicano, Arcebispo de Braga, havido por um perfeito imitador dos prelados da primitiva Igreja, escreve Innocencio da Silva, nasceu D. Fr. Bartholomeu dos Martyres em Lisboa em 1514, e não em 1614 como por erro typographico não corrigido se estampou no tomo II da Bibl. de Barbosa. Professou o instituto de S. Domingos a 20 de Novembro de 1528. Foi sagrado Arcebispo a 3 de Setembro de 1559. Tendo renunciado a mitra archiepiscopal em 1582, recolheu-se ao convento de Vianna, que fundára, e ahi morreu aos 16 de Julho de 1590. As suas acções e virtudes foram dignamente historiadas pelo seu confrade Fr. Luiz de Souza, na *Vida* que lhe escreveu... »

Em nosso exemplar occorre uma circumstancia, que lhe augmenta extraordinariamente o valor.

A ff. 2, embaixo, encontra-se a seguinte assignatura — *O arcebispo primas.* — No v. da fl. de rosto esta nota manuscripta : « O Sinal que esta na folha e' frente q dis *O arcebispo primas* he feito pela mão do mesmo Arcebispo D Fr Bartholomeu dos Martires

Fr Manoel de S Hyacintho
Prg.^dor^ g.^al^ »

Consultado o muito illustrado Fr. Camillo de Montserrate, a cujo exame foi submettido o exemplar, manifestou por escripto a opinião — que a firma não lhe parecia ser traçada á mão, sinão impressa por meio de estampilha, seja volante, seja, e mais provavelmente, intercalada na forma typographica. —

Nada se póde affirmar, é certo, mas as lettras da assignatura parecem ser do XVI seculo, assim como as da nota manuscripta, provavelmente de contemporaneo do illustre Arcebispo. Assim, temos por mais plausivel a opinião dos que pensam que a assignatura é do proprio punho do Arcebispo; sendo, portanto, de grande valor este exemplar que possuimos do *Catechismo ou Doutrina Christaã.*

« Braga, diz A. Ribeiro dos Santos, foi a terceira cidade de Portugal, que se honrou e ennobreceu com a typographia no seculo XV., offerecendo ao publico as primeiras producções d'esta arte pelos annos de 1494, ou talvez antes. A sua typographia, quanto até aqui nos tem constado, foi a principio de livros latinos, que eram os de mais trato e uso em uma cidade, em que só figuravam os estudos do clero. »

Tratando dos mais celebres impressores do XVI seculo, escreve:

« Antonio de Mariz foi pae de Pedro de Mariz, ambos bem conhecidos em nossa historia litteraria e typographica, em que deixaram illustre memoria de seus nomes. Tinha já officina em 1557, e por 1567 se achava com ella na cidade de Braga, aonde foi impressor do Arcebispo, como se vê da edição do Catecismo de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, e do fim do Compendio e Summario de Confessores, impresso em Viseu em 1559 por Manoel João. Tinha em seus prélos caracteres muito claros e formosos, como apparece de suas bellas edições. Passou depois a Coimbra, e ficou impressor da Universidade. »

O exemplar n. 130 foi offerecido á Bibliotheca por S. Ex.ª o Snr. Barão de Cotegipe.

N.° 131. — Sermão preegado Na See de Lamego, dia dos bemaventurados Apostolos, & gloriosos Martyres, sam Simão, & Iudas Thadeu, aos 28 Doutubro, de 1567 Annos... Polo Doutor Manoel Fernãdez, conego da conesia doutoral da mesma See.

Ajuntamse cinco suauissimos Psalmos dos principaes do Psalteyro tirados em lingua Portugues... pelo mesmo Autor. In-4.°

Contém a primeira parte 38 ff. inn. Termina com estas

palavras: « Aa sanctissima Trindade, & indiuisa vnidade, & a crucificada humanidade de Jesu Christo nosso saluador, & a limpissima inteyreza da gloriosa virgem sua mày, seja gloria eternamente. Amen. »

A segunda parte tem 14 ff., tambem sem numeração, e conclue assim: *Impresso em Braga, em casa de Antonio de Maris, impressor do senhor Arcebispo Primas, &c. Anno M. D. LXIX.*

Innocencio da Silva, pelo modo por que descreve a obra, parece que não a viu.

« A traducção de cinco Psalmos que fez Manoel Fernandes, diz Ribeiro dos Santos, pelo commum é chegada á lettra do texto, com grande propriedade, e energia, e o seu estylo tem muito da força e magestade do original.

« Barbosa, accrescenta elle, faz menção d'estas obras na *Bibl. Lusit.* Temos uma copia ms. que havemos por liberalidade do Ex.^mo^ e Rev.^mo^ Principal Castro Reitor, e Reformador da Universidade de Coimbra. »

O exemplar de Barbosa é o que expomos sobre o n.° 131, hoje propriedade da Bibl. Nac. Seria exemplar unico? Talvez, visto que os bibliographos não dão noticia de outro. O que podemos affirmar é que são extremamente raros.

SETUBAL.

(Cætobrix).

N.° 132. — Regra: statutos: & diffinções: da ordem de Sanctiaguo. In-fol. goth. a 2 col.

Livro raro.

No v. da fl. de rosto o indice do que contém o volume.

No v. da 2.ª fl. tambem inn. a figura do santo gravada em madeira e colorida á mão. No v. desta fl. o prologo.

O texto, com CXV folhas, traz na fl. CVIII a seguinte subscripção:

« Esta obra fue emprimida em Setuual: per mi Herman de Kempis alemã: E nel anno de Mil quinhêtos & noue: se acauo a treze del mes de Dezembro. »

Como se póde ver das palavras de Ribeiro dos Santos que em seguida reproduzimos, a obra, que ficou acima des-

cripta, é a primeira que foi impressa em Setubal, pelo primeiro impressor d'esta cidade — Herman de Kempis :

« Setubal entra na conta das villas de Portugal, que tiveram prélo portatil, qual foi o que lá levou Herman de Kempis, alemão. Os livros mais antigos que ali imprimiu, quanto nós podemos saber, foram a *Regra e Estatutos da Ordem Militar de Santiago... e... Confissional da maneira que os Cavalleiros da Ordem de Santiago se devem accusar*, de *Garcia de Rezende.*

Nosso exemplar, convenientemente reparado, pertenceu a Diogo Barbosa Machado, depois á Real Bibliotheca, de onde nos veiu.

ALMEIRIM

(Almarinum).

N.º 133. — Reḡ. & statut'. da hordē. daujs

In-fol. goth. a duas col.

Na 2.ª fl. inn. a imagem de S. Bento gravada em madeira.

Do r. da 3.ª fl. inn. ao r. da 4.ª inn. — *Prologo do meestre dom Jorge filho del Rey dom Johã ho segundo...*

Do v. da 4.ª fl. ao r. da 5.ª inn. — *Bulla do papa jullio segundo...*

O texto tem 63 ff. numeradas de um só lado.

No r. da fl. LIII e da fl. LXIII a cruz d'Aviz aberta em madeira.

Na mesma fl. LXIII a subscripção:

« Esta obra foy emprimida em Almeirim per Hermam de Campos alemã Bombardeyro del Rey nosso senhor. em o anno de mil quinhentos & dezaseys. E se acabou a treze dias do mes d abril. »

Seguem-se 3 ff. inn. com a *Tauoada.*

Depois d'essas, ainda 2 ff. inn. com uma consulta ao Mestre da Ordem e a resposta d'este.

« O Sr. Figaniere, observa Innocencio, aponta a existencia de dois exemplares d'esta edição rarissima, um na Bibliotheca-Eborense, outro na livraria do Sñr. Conselheiro J. J. da Costa de Macedo. Na de Joaquim Pereira da Costa ha tambem dois exemplares. »

Vem, pois, o nosso a ser o quinto que se conhece d'esta rarissima edição.

« Almeirim, diz Ribeiro dos Santos, foi outra villa, que se honrou por algum tempo com um prélo portatil, que ali levou Herman ou Germão de Campos ; d'elle sahiu em 1516 a edição de Regra, Estatutos e Definições da Ordem de Aviz, e nelle se começou a imprimir o Cancioneiro de Garcia de Rezende, que depois se acabou de estampar em Lisboa em 1515, pelo mesmo Germão de Campos. »

Deschamps, no art. *Almorimum*, diz :

« Imprimerie en 1516. Regra e estatutos da Ordem de avis. Por Germão de Campos. Ce fut là aussi que fut commencée par le même Herman de Campos l'impression du fameux *Cancioneiro general* de Garcia de Rezende... qui fut terminée à Lisbonne cette même année 1516, par cet imprimeur, et ce Germão de Campos n'est autre que le français Germain Gaillard, dont nous retrouverons le nom à l'histoire de la typographie à Lisbonne. »

Pertenceu á Real Bibliotheca.

EVORA.

(Ebora).

N.° 134. — Livro das obras de Garcia de Reesende, que tracta da vida & grandissimas virtudes & bõdades: magnanimo esforço excelentes costumes & manhas & muy craros feitos do christianissimo muito alto & muito poderoso principe elrey dom Ioam ho segundo deste nome... cõ outras obras q̃ adiante se seguẽ. Vay mais acrescẽtado nouamente a este liuro hũa Miscellanea ẽ trouas do mesmo auctor & hũa variedade de historias, custumes, casos, & cousas que em seu tẽpo accõtescerã. 1554. In-fol. a 2 col.

O titulo, como na 1.ª edição de 1545, é impresso em linhas ora vermelhas, ora pretas, e occupa a parte inferior da

pagina, tendo na parte superior estampadas, como bem observa Innocencio, da esquerda a esphera, e da direita o escudo das armas do reino.

Segue-se o alvará de privilegio e prologo de Garcia de Rezende, em 6 ff. inn.

A obra consta de cxxxiiij-xxiij ff., tendo no v. da ultima a declaração: « Foy impressa esta Miscellanea de Garcia de Reesende em ha cijdade de Euora, em casa de Andree de Burgos impressor do Cardeal iffante. & accabouse a ho fim de Mayo do anno do nacimento de nosso señor Iesu Christo de 1554. »

Vem depois em 4 ff. inn. a *Tavoada,* e no fim d'ella est'outra declaração: « A louvor de Deos e da gloriosa Virgem nossa senhora... » Foy impresso en Euora em casa de Andree de Burgos impressor do cardeal iffante. ao fim de Mayo. do anno de mil & quinhêtos. liiij.

Esta pouco vulgar edição é a segunda da obra de Garcia de Rezende, da qual se contam sete edições, sendo a ultima de Coimbra, 1798.

Sobre a biographia de Garcia de Rezende e sobre o conceito em que é tida pelos criticos a sua obra, vide Innocencio da Silva, *Dicc. Bibl. Port.* vol. 3.° pp. 120 e 121.

Por sua propria conta emitte Innocencio o seguinte parecer:

« No que, porem, a meu vêr, cabe maior censura a Rezende, é no facto já hoje demonstrado exuberantemente de haver convertido em fundo proprio o alheio, apropriando-se a chronica (em seu tempo inedita e que ainda esteve por mais de dois seculos) de Ruy de Pina, que primeiro que elle escrevêra das acções de D. João II, para copiar-lhe não só os pensamentos e idéas, mas até os periodos e as palavras, commettendo um plagiato, de que ninguem poderá absolvel-o ao confrontar a sua chronica com a de Pina, impressa pela primeira vez em 1792 por diligencia da nossa Academia. »

Segundo Ribeiro dos Santos, a cidade de Evora começou de ter officinas typographicas logo desde os principios do seculo XVI, tornando-se muito afamada a de André de Burgos. A mais antiga edição, que menciona, impressa nesta cidade é a do *Itinerario da Terra Santa,* de Fr. Pantaleão de Aveiro 1512.

Innocencio da Silva se lhe oppõe com estas palavras:

« O douto academico e bibliothecario-mór Antonio Ribeiro dos Santos, na sua muitas vezes citada *Memoria para a historia da Typ.* no seculo XVI, á pag. 92, dá o *Itinerario* de Fr. Pantaleão impresso em Evora em 1512, edição que

nunca houve nem podia haver, quando sabemos pelo que nos diz de si proprio Fr. Pantaleão, na sua obra, que elle chegara a Jerusalem em 1563, e que só passados alguns annos depois de voltar á patria, é que aprompt ára o seu livro para a impressão. Como que o *Itinerario* parece haver sido predestinado para dar-nos repetidos exemplos da facilidade com que entre nós *adormecem os Homeros*... »

Temos por mais certas as informações dos que nos dizem que o celebre impressor de Lisboa J. Combreger, ou Cromberger, ou Cromberguer foi chamado para Evora em 1519 ou 1520 pelos PP. de S. Domingos, e ahi imprimiu o 1.° e o 2.° livros das *Ordenações* da edição de 1521, de que a Bibliotheca Nacional possue um exemplar.

Alem de J. Combreger e de André de Burgos, trabalharam nesta cidade Martim de Burgos e Manuel de Lyra.

O exemplar, que expomos, conserva o *ex-libris* de Barbosa Machado, e o carimbo da Real Bibliotheca.

N.° 135. — Historia da antiguidade da Cidade de Euora. Fecta per meestre Andree de Reesende. E agora nesta segunda impressam emendada pelo mesmo autor. 1576. In-8.° peq.

No fim a subscripção:

« Foy impressa esta historia da antiguidade da muito noble & sẽpre leal cidade de Euora em ha mesma cidade. Per Andre de Burgos, impressor & Caualleiro da casa do Cardeal Infante. ao primeiro dia de Feuereiro de M. D. LXXVI. »

Innocencio da Silva descreve assim fielmente esta pouco vulgar edição:

« Tem no frontispicio uma tarja aberta em madeira, e consta de 55 folhas sem numeração... Quanto á primeira edição que d'esta obra se fez, na mesma cidade d'Evora, e segundo Barbosa pelo mesmo impressor 1553, 12.°, não ha sido possivel verificar a existencia d'algum exemplar. Parece que Monsenhor Ferreira Gordo tivera um na sua livraria, a ser exacta a descripção que apparece no respectivo *Catalogo*, que existe manuscripto e autographo na da Acad. R. das Sc. — Ha-os com abundancia da terceira, feita por diligencia de Bento José de Souza Farinha, Lisboa, na off. de Simão Thaddeo Ferreira, 1783, 8.°, igualmente de 55 folhas sem numeração como a segunda, e com ella conforme. Costumam os exemplares d'esta

ultima andar incorporados no livro *Collecção das Antiguidades d'Evora* do referido Farinha, que já acima citei, mas tenho-os visto tambem em separado.

« É de notar nesta historia a singularidade da construcção syntaxica e da orthographia no maior rigor etymologico, com que está escripta. Parece que o autor, exacto e ferrenho investigador das antiguidades, quiz até nas palavras, de que se serviu, guardar o meio mais proprio de descobrir-lhes a origem e conservar-lhes a derivação. Assim escreve sempre: *non, regnar, star, comptar, epses, cognescido, hacte, nocte, numqua* e outros infinitos vocabulos, que dão áquella obra um aspecto de ancianidade, em que os archeologos não podem deixar de comprazer-se. »

André de Resende nasceu e falleceu na cidade de Evora. Foi profundo latinista e distincto antiquario, e como tal, goza de reputação universal.

Nosso exemplar, em bom estado de conservação, pertenceu a D. Barbosa Machado, e depois á Real Bibliotheca, donde nos veiu.

N.º 136. — Constrviçam em lingoa portvgueza sobre Horacio. Offerecida aos Illvstrisimos senhores D. Verisimo & D. Carlos de Lancastro, pelo Padre Aleixo de Sequeira natural da Villa de Panoyas. Com licença, & Priuilegio.

Em Euora por Manoel Carualho. 1633. In-8.º

No centro da fl. de titulo uma vinheta aberta em madeira. No r. da fl. 2.ª as licenças, datadas de 1631. O v. d'esta fl. e a 3.ª contêem a dedicatoria datada de Evora, 24 de Março de 1633. Fl. 4.ª — *Ao cvrioso leitor*

Estas 4 ff. não têem numeração.

O texto occupa 173 ff. num. só de um lado.

De ff. 174–184 — *Index das fabvlas qve contem este liuro.*

Obra muito rara.

Barbosa e Innocencio, por não a terem visto, descrevem-n'a de um modo incompleto e inexacto.

« Aleixo de Sequeira, diz aquelle, natural do lugar de Panoyas na provincia do Alemtejo, muito perito no estudo das lettras humanas. Para que a mocidade portugueza perce-

besse claramente as moralidades, que estão occultas nas Odes de Horacio, as traduziu na lingua materna, e as dedicou a D. Verissimo de Lancastre, depois Cardeal da Igreja Romana. »

Foi da Real Bibliotheca o nosso exemplar.

COIMBRA.

(Conimbrica).

N.° 137. — Começase ho prologo em ho liuro que se escreue da regra & perfeyçam da conuersaçam dos monges, ho qual liuro foy copilado per ho Reuerendo senhor Lourenço Justiniano primeyro patriarcha de veneza que foy dos primeyros fundadores da cõgregaçam de sam Jorge em alga. In-fol. goth. a 2 col.

Consta de xciiii ff.

Falta ao nosso exemplar a fl. do titulo com a portada gravada em madeira, e no fim algumas folhas com o indice.

No v. da fl. xciiii vem a supscripção:

« Foy imprimida a presente obra em ho insigne moesteyro de sctã Cruz da muy nobre & sempre leal Cidade de Coimbra. per Germã galharde. Em o ãno de nosso senhor Jesu christo mil & quinhẽtos & trinta & huũ a. xxviij. dias de abril. »

Esta obra, escripta em latim por S. Lourenço Justiniano, foi traduzida por D. Catharina, Infanta de Portugal, filha d'El-Rei D. Duarte.

Tanto Ribeiro dos Santos como Innocencio consideram rara esta traducção, e Innocencio accrescenta: « é tida em estimação como um dos mais antigos monumentos da nossa linguagem. »

Este livro foi pela segunda vez impresso, com titulo differente, em Lisboa, na off. de Simão Thaddeo Ferreira, 1791, in-4.°

« Tendo sido Coimbra uma das principaes cidades do Reino, escreveu o douto autor das *Memorias de Litt. Port.*, todavia não foi das que se honraram com o recebimento da typographia no seculo XV. O Real Mosteiro de S. Cruz, aonde a principio se achava depositada quasi toda a litteratura de Coimbra, foi o que hospedou os primeiros prélos, que nella se

erigiram: pelo que diz Fr. Braz de Barros na dedicatoria do *Espelho de perfeycam*, e pela subscripção que vem no fim do livro, parece que os impressores eram Conegos do mesmo mosteiro.

« A Universidade trespassando para Coimbra as suas escolas de Lisboa, fundou outra officina de grande nome, que apostou primores com as mais famosas do Reino; foi assentada nos paços d'El-Rei, e para ella ajustou o P. Fr. Diego de Murcia, Reitor da Universidade, os dois grandes impressores João Barreira e João Alvares, por contrato... Estes dois homens, e Antonio de Mariz, nomes memoraveis nos fastos typographicos de Portugal... foram dos principaes que levaram a typographia de Coimbra ao mais alto ponto a que ella chegou entre nós naquella idade. »

Passando a enumerar as obras mais notaveis impressas nesta cidade, R. dos Santos cita em primeiro lugar o *Reportorio dos Tempos*, por João de Barreira, 1519.

Innocencio da Silva contesta-o, a nosso vêr com razão, dizendo que, ao menos quanto ao impressor, ha erro evidentissimo, pois que João de Barreira, em 1519, não tinha idade para ter officina typographica por sua conta, ou em seu nome.

Deschamps, *Dict. de géogr. anc. et moderne*, nega tambem a existencia da obra impressa naquella data, inclinando-se, fundado em N. Antonio e em B. Machado, a assignar-lhe a data de 1579; entretanto assegura que o primeiro livro impresso em Coimbra foi a *Chronica do Imperador Clarimundo*, livro, cuja existencia é peremptoriamente negada pelo illustre autor do *Dicc. Bibl. Port.*

O que parece averiguado é que a typographia não começou em Coimbra sinão em 1530 ou 1531, sendo talvez o *Livro da Regra e Perfeição dos Monges*, traduzido por D. Catharina, o mais antigo impresso d'aquella cidade.

Nosso exemplar pertenceu á Real Bibliotheca.

N.° 138. — Liuro das constituções & custumes que se guardã em o mosteyro de sancta Cruz dos conegos regrãtes da ordem de nosso padre sancto Agustinho.

In-4.° goth.

Livro rarissimo.

O titulo, impresso com tinta vermelha, está no fim da

pagina de rosto, occupando o alto uma vinheta gravada em madeira, representando a Cruz sustentada por dois anjos, e em volta, as palavras: « Ecce lignum crucis in qua salus mundi pependit. Venite adoremus. »

Esta fl. de rosto não tem numeração.

Segue-se na 1.ª fl. num. o *Prohemio*.

O texto vae até a fl. XCIII v., onde se lê a seguinte subscripção:

« Foy imprimido em o mosteyro de sancta Cruz da muy nobre & sempre leal cidade de Coimbra de mãdado de D. Dionisio por crasteyro: per dom Esteuam & dom Manoel conegos do dito mosteyro, Anno de nosso sõr. Jesu xpo 1532. »

Depois da subscripção, 4 ff. inn. com o *Repertorio*. No v. da 4.ª fl. uma vinheta representando o *Agnus Dei*.

Termina o vol. com 8 ff. sem numeração, das quaes a 1.ª tem no alto uma vinheta que representa S. Agostinho, e embaixo da vinheta as palavras do titulo:

« Começasse a Regra composta per o muyto famoso & bemauenturado doctor nosso padre sancto Agustinho bispo da cidade de Iponia. »

« O unico exemplar de que acho noticia certa, diz o douto Innocencio fallando d'esta primeira edição, existia antes do terremoto na livraria real d'el-rei D. João V, segundo os apontamentos manuscriptos que vi do respectivo bibliothecario o P. José Caetano de Almeida. »

Vê-se, por essas palavras, quanto são raros os exemplares d'esta edição de 1532. O que está exposto pertenceu a Diogo Barbosa Machado, e depois á Real Bibliotheca.

Impresso tambem pelos religiosos do Mosteiro de Santa Cruz, possue a Bibliotheca Nacional o *Espelho de perfeycam em linguoa portugues*, 1533, in-4.º meio goth.

É livro rarissimo e de muita estimação, diz Innocencio da Silva.

Foi offerecido á Bibliotheca pelo Sñr. Dr. Duarte Paranhos Schutel.

N.º 139. — Liuro ordinario do officio diuino Segundo a ordem de Cister. Nouamente correcto & emendado.

Foy impresso por Ioam aluares & Ioam da Barreira empressores del Rey, na vniuersidade de Coimbra Aos xij dias de Iunho. De M. D. L.

In-8.° peq. de 17 ff. inn. - 391 pp., das quaes só não têem numeração as pp. 1, 390 e 391.

No vol. 1.° dos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, em suas *Notas Bibliographicas* faz o Snr. Dr. Ramiz Galvão a seguinte descripção d'este rarissimo livro:

« O titulo se acha em um frontispicio rodeado de 8 vinhetas gravadas em madeira, que representam: em cima os quatro evangelistas, e embaixo, S. Bernardo, N. S. da Conceição, o S. Sudario e o Senhor Crucificado. No v. da mesma fl. do titulo — a scena do Pentecostes, tambem gravada em madeira. Segue-se, fl. 2: *Prologo de frei Bartholomeo Monge Professo da ordem de Cister... dirigido ao muyto reuerendo em Christo o padre frei Antonio Dom prior do conuento de Tomar & administrador de toda a ordẽ de Christo...*

« Fl. 4 r. — *Ao lector* — (Advertencia preliminar, que termina no r. da fl. 7.ª)

« Fl. 7 v. a 10 r. — (Explicações do bissexto, do concurrente, do aureo numero, da epacta, da indição e do lustro.)

« Fl. 10 v. a 11 r. — (Taboa.)

« Fl. 11 v. — *Declaraçam da tauoada.*

« Fl. 12 r. a 17 v. — (Calendario.)

« O texto occupa 389 pp.

« Pag. 390 inn. — (Declaração de frei Gonçalo da Silva abbade e frei Pedro de Rio Maior, reitor e vice-reitor do Collegio de S. Bernardo, dizendo que haviam visto, corrido e examinado este livro, e que o tinham achado verdadeiro e conforme em tudo aos ordinarios antigos de Cister e a todo o bom costume e cerimonias da Ordem, &, — declaração datada de 28 de Maio de 1550.)

« Pag. 391, tambem inn. — *Erros que nesta obra vam.* —

« Eis aqui a descripção minuciosa e exacta de um livro rarissimo, e do qual não sabemos si existe outro exemplar completo.

« Innocencio da Silva que em 1858, ao publicar o tomo 1.° de seu *Dicc. Bibl. Port.*, ainda não havia conseguido vêl-o, dá-nos noticia no tomo VIII (ou 1.° do Supplemento), que viu a luz em 1867, de um exemplar truncado, que em 10 de Novembro d'esse anno fôra arrematado pela Bibliotheca Nacional de Lisboa ao levar-se á praça a livraria Gubian.

« Como elle proprio confessa, não tem este exemplar sinão 378 pp. e a fl. de erratas; faltam-lhe pois as pp. 379-390...

« O exemplar que aqui possuimos só tem um defeito, e é que lhe falta a 12.ª fl. inn. do começo do volume, em que provavelmente termina a — *Declaraçam da tauoada.* — Em compensação nota-se-lhe a singularidade de offerecer entre as

ff. prel. e a pag. 1.ª 6 ff. occupadas por um calendario completo, que segundo toda a probabilidade não pertencem de proprio ao volume, mas lhe foram addicionadas por algum de seus possuidores. Este calendario é impresso em lettra gothica com tinta vermelha e preta...

« Este livro escripto em muita boa linguagem, e certamente digno de figurar no *Catalogo dos auctores que se leram para a composição do Diccionario da lingua portugueza*, tem além de sua extrema raridade o merecimento de haver sido o primeiro que neste genero se imprimiu em Portugal, e de offerecer-nos uma noticia por menor e fiel dos officios e ceremonias religiosas de uma ordem monastica, que ainda no seculo XVI ostentava todo o viço de sua pristina grandeza.

« Com o andar do tempo veiu a tornar-se antiquado e incompleto para o uso dos religiosos, e por isso se resolveu fazer outro *Ordinario*, que no seculo seguinte foi publicado... »

Nosso exemplar pertenceu á Real Bibliotheca.

N.º 140. — Coronica geral de Marco Antonio Locio Sabelico, des ho começo do mundo, ate nosso tempo. Tresladada do latim em lingoagẽ Portugues por Dona Lianor filha do Marques de Vila real Dom Fernando. Dirigida aa muyto alta & muyto poderosa senhora Dona Catherina Raynha de Portugal.... M. D. L. Foy vista & examinada a presente obra pollos senhores inquisidores & deputados da sancta inquisiçã, & com sua autoridade impressa. In-fol.

Typo goth. a 2 col., lettras capitaes ornadas, cccxLviij. pp. — 4 ff. prelim. inn., com o titulo dentro de uma portada gravada em madeira; dedicatoria á Rainha; a Taboada; Prologo de Marco Antonio. No fim: « Acabouse a primeyra eneida de Marco Antonio Locio Sabelico, tresladada de latim em lingagẽ Portugueza por a senhora dona Lianor filha do Marques de Vila real dom Fernando. E por seu mandado impressa em a muyto nobre & leal cidade de Coymbra, por Joam da Barreira & Joam Aluares, empremidores del rey na mesma uniuersidade. Aos xxv. dias do mes de Setembro. de M. D. L. »

Em nosso exemplar falta a folha com as pp. cccxLix e cccL., mas de pag. cccLj á cccLxiij traz em forma de appendice: « Capitulo de Iob de que nam faz mençam Sabelico. »
No fim tem: « Foy visto & examinado este capitulo & tractado da historia de Job pelo doutor & mestre Diogo de Gouuea per mãdado especial do senhor Cardeal Infante Inquisidor geral nestes reynos & senhorios de portugal. Em Lisboa a xvij. de Julho. M. D. L. »

Obra rara e estimada.

Diz Innocencio da Silva: « Tambem Farinha no *Summario da Bibl. Lusit.*, tratando da *Chronica de Marco Antonio Sabelico,* diz, que no exemplar da primeira parte d'esta obra, que elle vira na livraria d'el-rei, andava junto: *Tratado da historia de Job,* pela mesma traductora, e sem mais indicação; mas que este tratado faltava em outros exemplares que vira. Não sei que alguem mais fizesse d'então até agora referencia a similhante Tratado, e menos que seja hoje conhecida a existencia de algum exemplar d'elle. »
Farinha tem razão. Pela descripção, acima feita, confirmamos a existencia de um exemplar d'aquelle Tratado na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. Agora, já não é possivel a duvida. Os bibliographos que, como Innocencio, sómente por delicadeza e em attenção a Farinha, não negaram peremptoriamente sua affirmativa, devem hoje dar-se por convencidos e assegurar comnosco — que em alguns exemplares da *Chronica de Marco Antonio Sabelico* anda junto: *Capitulo de Job de que nam faz mençam Sabelico,* pela mesma traductora D. Leonor de Noronha.

A obra de Sabelico tem uma segunda parte.

O titulo começa: « Coronica geral da eneyda segũda... » O mais como na primeira parte; não tem, porém, como naquella a data M. D. L. e, em seguida a esta data, as palavras *Foy vista & examinada,* &. Termina a segunda parte com a seguinte indicação: *Aos dez dias do mes de Junho de M. D. Liij.* e as palavras: « E por a arte da impressam ser muyto delicada, & ter tantas miudezas como tem, vão algũs erros que ho discreto leytor pode suprir cõ muita facilidade aiudando aa letra, porque não se põe aqui, por serem de pouca substancia. »
Attribue-se ainda a D. Leonor a obra: « Este liuro he do começo da historea de nossa redẽcam » — que é tambem, como diz Innocencio, traducção de uma *decada das Eneidas* de M. A. Sabelico. J. Cardoso e depois d'elle Barbosa mencionam da mesma autora um *Tratadinho com tres meditações da paixão...*

D. Leonor de Noronha, filha de D. Fernando, Marquez de Villa-real, nasceu no anno de 1488 e falleceu em 1563.

O exemplar exposto, restaurado em tempo, pertenceu á Real Bibliotheca.

N.º 141. — Vida & milagres da gloriosa Raynha sancta Ysabel, molher do catholico Rey dõ Dinis sexto de Portugal. Com ho compromisso da cõfraria do seu nome, & graças a ella concedidas. *M. D. LX.* In-4.º

Este titulo occupa a parte inferior da pagina; na parte superior, uma estampa aberta em madeira, representando a Santa, e embaixo da estampa estas palavras: « Cruz & spinea domini mei Sceptrum & Corona mea. »

No v. da fl. de rosto: *Tauoada* e a licença de Fr. Martinho de Ledesma para a impressão da obra.

Na 2.ª fl.: « A muy alta & muy poderosa Raynha Dona Catherina primeyra deste nome de Portugal. » E a dedicatoria assignada por Antonio Dalpoem? e Antonio Brandão. Depois da dedicatoria: « *Os Mordomos ao leytor.* »

Segue-se o texto com 76 pp. No verso da ultima, innumerada, a subscripção:

« Foy impressa a presente obra por mandado dos Mordomos & confrades da confraria da gloriosa sancta Ysabel Raynha de Portugal. E a instãcia da senhora dona Ana de Meneses, Abbadessa do mostayro de sancta Clara de Coymbra & das senhoras dona Marta da sylua & dona Ambrosia de Crasto, sanscristaãs do mesmo mosteiro, pera louuor de nosso señor, & da gloriosa Raynha sancta Ysabel. Acabouse aos xv. dias do mes de Iulho. De M. D. LX. »

Impressa em Coymbra por Ioam da Barreyra, com licença dos deputados da sancta Inquisiçam.

As grandes capitaes e as iniciaes dos capitulos são ornamentadas.

Observa Innocencio da Silva no vol. 2.º pag. 142 do seu *Diccionario*: « Na *Bibl. Hist.*, do Sr. Figaniere, a pag. 24 se póde vêr circumstanciada a descripção d'esta obra, de que se diz existir um exemplar na Bibliotheca Publica do Rio de Janeiro. Em Portugal é por certo livro *rarissimo entre os raros.* Comtudo parece-me indisculpavel o descuido do compilador do pseudo *Catalogo da Academia* em não a mencionar, es-

tando a obra descripta na *Bibl.* de Barbosa, a quem provavelmente pertencera esse exemplar, que hoje existe no Rio de Janeiro. »

É exacto; o exemplar que pertenceu a Barbosa é o que figura na Exposição sob o n.° 141 e cuja descripção acabamos de fazer.

No vol. IX. pag. 118. *Supplemento ao Diccionario*, accrescenta Innocencio :

« Da *Vida & milagres de sancta Ysabel*, conserva-se um exemplar na Bibl. Eborense. Consta de IV–76 pp., e não declara em parte alguma o nome do seu autor. »

Esta nota, como se vê, confere com a descripção que acima fizemos. Realmente, a obra consta de IV–76 pp., e não traz em parte alguma o nome do autor, que é Diogo Affonso, secretario do Cardeal Infante D. Affonso, filho d'El-Rei D. Manuel.

O exemplar que expomos d'esse rarissimo livro está em bom estado de conservação, porque foi restaurado em tempo, e guarda ainda o carimbo da Real Bibliotheca.

PORTO.

(Portus-Calle).

N.° 142. — Cõstituições sinodaes do bispado do Porto, ord'nadas pelo muito Reuerẽdo & magnifico Sõr dõ Baltasar lĩpo bispo do dicto bp̃ado. & c̄. In-fol. goth.

Tem x–cxxx ff. e mais uma inn. com a subscripção:

« Estas Constituições & Ceremonial da missa cõ os mais tractados forã jmpressas na Cidade do Porto por Vasco dias Tanquo dè frescenal... Acabarõ se de imprimir no primeiro dia do mes de março do Año do nascimento de nosso Redemptor Jhesu Christo de mil & quinhentos & quarenta & hũ Annos. »

As palavras do titulo são impressas com tinta vermelha, dentro de uma tarja gravada em madeira, tendo no centro o brazão d'armas do Bispo D. Balthasar Limpo. Lettras capitaes ornamentadas.

Na 10.ª folha prel. uma gravura representando N. Senhora sentada, tendo ao collo o Menino Jesus; no verso da ultima fl. inn. outra gravura, tambem aberta em madeira.

Na fl. 117, dentro de uma portada xylographada, este titulo:

« Seguense os Canones. E casos reseruados ao Papa. »

Na fl. 123, com o frontispicio tambem gravado em madeira, est'outro titulo:

« Seguese a Bulla da Cea do Senhor q̃ se mãdou publicar pollo Papa Clemẽte Septimo. »

A 1.ª edição d'estas Constituições foi impressa no Porto, cêrca do anno 1497.

A que expomos é a segunda, quasi tão rara como a primeira. D'estas Constituições, diz o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha: « Serem tão bem ordenadas, que não devem nada aos demais bispados, e d'ellas depois se aproveitaram muitos prelados para emendarem e melhorarem as suas. »

Referindo-se á segunda edição, diz Innocencio: « Vi um exemplar bem tratado d'esta mui rara edição na Bibl. Nacional. Consta-me que existe outro na livraria do fallecido Joaquim Pereira da Costa. »

D'estas Constituições fizeram-se ainda terceira e quarta edição.

Segundo Ribeiro dos Santos, o impressor Vasco Dias Tanco de Frexenal assentou sua officina na cidade do Porto, e parece que foi o primeiro que ali exercitou a arte typographia no XVI seculo; foram partos de seus prelos — o *Espelho de casados*, em 1540 — e as *Constituições Synodaes do Bispado do Porto*, em 1541. »

A cidade do Porto, posto que já de muito commercio no XV seculo, não teve comtudo typographia fixa e permanente, sendo, diz Ribeiro dos Santos, prelo portatil e volante o que ali imprimiu a *Ley* ou *Ordenança*, de que se diz ter existido um exemplar na curiosa livraria de Gregorio de Freitas, escrivão da Correição de Setubal.

Nosso exemplar pertenceu a Diogo Barbosa Machado e depois á Real Bibliotheca. Sentimos não poder, por falta de espaço, expôr, como documento do estado actual da imprensa na cidade do Porto, o bello exemplar da immortal obra de Cervantes — *O Engenhoso Fidalgo D. Quichote de la Mancha. Traduzido pelos Viscondes de Castilho e de Azevedo. Desenhos de Gustavo Doré. Imprensa da Companhia Litteraria.* 2 vols. in-fol.

Soberba edição, sob qualquer aspecto por que seja considerada.

VIENNA: WIEN.

(Vienna).

N.° 143. — M. T. Ciceronis pro M. Cælio oratio. *Viennæ Avstriæ Egidius Aquila excudebat in Curia diuæ Annæ. Mense Septembri, An. M. D. L.*

In-4.°, constando de 37 pp. não numeradas, em caract. italicos, cujo registro vae de *A ij a E iij*.

D'entre a grande cópia de edições das obras do autor, mencionadas pelos bibliographos, não se depara com a da presente edição da oração em favor de Celio. Entretanto, consultando Fabricius, Ebert, De Bure, Panzer, Hain, Dibdin, Holtrop, Lebert, Graesse, F. Didot, Brunet, Deschamps, Crevenna, Roret, Yemeniz, Morante, Gancia, vê-se que do famoso polygrapho romano não houve quasi que anno nenhum, especialmente no XVI seculo, em que se não fizesse nova impressão das suas obras oratorias e obras completas.

Na *Historia das orações de M. T. Cicero (Lisboa, off. de Manoel Antonio, 1772)*, traduzida do francez pelo bacharel Luiz Carlos Moniz Barreto, lê-se uma breve noticia do processo de Marcos Celio, em cuja defeza pronunciou o principe dos oradores romanos a presente oração. Corria o anno 697 da fundação de Roma e contava então Cicero quasi 51 annos de idade.

« Cicero, diz o autor, tratou este artigo (*das verdadeiras causas do processo*) em o seo arrezoado com tanta vivacidade, e gosto, que pode passar por huma das suas mais agradaveis obras... Celio tendo sido absoluto *(absolvido)*, fez profissão toda a sua vida de hum perfeito affecto para com Cicero, e travou com elle huma correspondencia de cartas. Estes fragmentos ainda existem. »

Esta edição, escolhida para figurar na Exposição Permanente, não é uma raridade bibliographica; mereceu, porém, a honra da escolha por haver sido impressa em Vienna d'Austria em meiados do XVI seculo; e tendo ali começado a imprensa no fim do XV seculo, o nosso exemplar é um excellente attestado dos primeiros ensaios da grande arte em uma cidade, que depois a levou a tão alto grau de perfeição, como se póde ver pelo exemplar exposto sob o n.° 145.

N.º 144. — ... Liber Sacro sancti Evangelii De Iesv Christo Domino & Deo nostro. Reliqua hoc Codice comprehensa pagina proxima indicabit. Div. Ferdinandi Rom. Imperatoris designat. iussu & liberalitate, characteribus & lingua Syra, Iesv Christo vernacula, Diuino ipsius ore cõsecrata, et à Ioh. Euãgelista Hebraica dicta, Scriptorio Prelo diligẽter Expressa... In-4.º

No verso do tit., em syriaco e em latim, aquelle em 6 linhas, das quaes as quatro primeiras em caract. dourados á mão, impresso o latim em vermelho e preto, occorrem, no alto, as armas do impressor, e, em baixo, a menção do privilegio e a seguinte indicação: *Viennæ Austriæ excudebat Michael Zymmerman. Anno. M. D. LXII.* »

No r. da 2.ª fl. occorre o decreto imperial (em latim) comminando penas aos contrafactores da obra; no v. a declaração das materias, em XI partes, contidas no vol.

O ultimo colophão é como se segue: « In vrbe Vienna, amplissimarvm Orientalis Avstriæ provinciarvm metropoli florentissima, ad hvnc exhibitvm perdvctvm est divinvm hoc opvs, anno a Christi Nativitate M. M. LV. XXVII Septembris. Regiis impensis. Caspar Craphtvs Elvagensis, Svevvs, Characteres Syros ex Norici ferri acie scvlpebat. — Michael Cymbermannvs prelo et operis suis excudebat. » Termina o volume com 22 versos hexametros latinos *Ad. Dn. Philippvm Gvndelium*, explicando por que neste livro a impressão acaba de modo diverso do usado pelos latinos, isto é, de detraz para deante; e a resposta de Gundelio, em quatro disticos latinos; 22 ff. innum. e mais 1 fl., onde se vê abaixo da inscripção syriaca e de uma vinheta representando um anjo de azas abertas: « Finis Præcepti est Charitas. »

Brunet omitte o ultimo colophão supra transcripto, reproduzido entretanto por Graesse.

Tanto um como o outro descrevem um exemplar identico ao da Bibl. Nac., dando-lhe por titulo:

Liber S. evangelii... etc. *Nov. Testamentum, syriace, iussu et impensis Ferdinandi Roman. Imperat. designati editum, Viennæ-Austriæ, curantibus Alberto Widmanstadio et Mose Meredinæo; Mich. Cymbermanno excudente, 1555, in-4.º*

E notam variantes varias no exemplar descripto por Ebert e alguns outros.

E a 1.ª ed., segundo ambos, do Novo Testamento em syriaco, de que se tiraram mil exemplares e d'estes foram 500 enviados para a Asia pelo Imperador Fernando I.

Edição de 1562, mas começada em 1555, como se verifica da fl. de rosto e do final da carta de Widmanstadt a Gringer, a que se segue o colophão acima reproduzido.

O cat. do Museu Britannico apenas faz a seguinte menção d'ella: *Testamentum (Novum) — Syriac. Edit. Jo. Alb. Widmanstadt. Vien. 1555. 4.º*

O nosso exemplar, em perfeito estado de conservação, tem no alto da primeira fl. (aliás ultima), escripto á mão: *Bibliothecæ Colbertinæ*, e aos lados, na mesma fl.: *Collegii Paris. Societat. Jesu.*, e o *ex-libris* da Real Bibliotheca.

N.º 145. — Das Buch der Schrift enthaltend die Schriftzeichen und Alphabete aller Zeiten und aller Völker des Erdkreises zusammengestellt und erlaütert von Carl Faulmann... Zweite vermehrte und verbesserte Auflage.

Wien, 1880, Druck und Verlag der Kaiserlich-Königlichen Hof-und Staatsdruckerei, in-8.º gr. de XII - 286 pp. num. na margem inferior, 1 fl. inn.

A primeira edição é de 1878, como se deduz da data do prologo que vem reproduzido no exemplar descripto.

Esta segunda edição está nitidamente impressa em bom papel, sendo todas as paginas ornadas de uma tarja simples impressa com tinta encarnada; exceptuando as oito primeiras paginas, em que as linhas são dispostas em uma só columna, no resto do volume a composição é geralmente feita a duas columnas, em typo romano. Os caracteres dos alphabetos empregados pelos differentes povos em todos os tempos são aqui reproduzidos com o maior esmero e perfeição; entre elles notam-se os alphabetos gregos das tres idades com grande numero de ligações e abreviaturas, de pp. 170-180; o alphabeto e abreviaturas usadas por Gutenberg, pag. 203; e finalmente os caracteres empregados por Speyer, Aldus, Garamond, pelos Estevãos e Didot.

A Imprensa Imperial e Real de Vienna é sem contestação o primeiro estabelecimento typographico do imperio austriaco.

Entre as suas especialidades são dignas de nota a impressão dos livros orientaes e a galvano-plastia, por meio da qual são preparadas bellas e uteis estampas para o ensino dos cegos. O Dr. Ramiz Galvão, no seu *Relatorio sobre as artes graphicas*, entre muitas informações sobre este notavel estabelecimento, diz o seguinte: « A Imprensa nacional auxilia muitas vezes a industria particular fornecendo-lhe matrizes e punções, e emprestando-lhe textos compostos em linguas estrangeiras; dest'arte sua influencia sobre a imprensa em geral se tem feito sentir de um modo benefico. Ella tem para assim dizer concorrido mais do que qualquer outra causa para o estado em que se acha a arte typographica no imperio, e para crel-o bastará considerar que de seu seio como de um grande viveiro tem sahido centenas de habeis operarios, que por toda parte vão melhorar a industria particular. »

O exemplar foi comprado pelo Dr. João de Saldanha, actual Bibliothecario.

STOCOLME: STOCKHOLM.

(Holmia).

N.° 146. — D. N. Jesu-Christi SS. Evangelia ab Ulfila Gothorum in Moesi a Episcopo circa annum à Nato Christo CCCLX. Ex græco Gothicè translata, nunc cum Parallelis Versionibus, Sveo-Gothicâ, Norrænâ, seu Islandicâ, & vulgatâ Latinâ edita.

Stockholmiæ, Typis Nicolai Wankif Regij Typogr, Anno Salutis M. DC. LXXI. In-4.°

A 2.ª parte da obra traz o seguinte titulo: « Glossarium Ulphila-Gothicum, linguis affinibus, per Fr. Junium, nunc etiam Sveo-Gothica auctum & illustratum per Georgium Stiernhielm. *Holmiæ, Typis, Nicolai Wankif,* M. DC. LXX. »

Em uma folha em branco do principio do volume está lançada esta nota msc.: « The Glossary at the end of this book is exceedingly valuable. — Many words in the German and English which appear anamalous may have been traced. M. G. »

O livro é impresso em caracteres redondos, italicos e

gothicos, dispostos com excellente ordem. Traz um frontispicio allegorico, gravado a buril por Dionysio Padt-Brugge, segundo David Kloker d'Ehrenstral.

Brunet, fallando d'esta edição, diz: « Édition rare et recherchée. »

Deschamps, fundado na autoridade de Alnander, Lengren e Schröder faz remontar a origem da imprensa na cidade de Stockholmo ao anno de 1483. Foi, provavelmente, seu primeiro impressor um flamengo de nome João Snell ou Smed, que fixou primeiro sua residencia na cidade de Odensée, em 1482, onde imprimiu um livro celebre, o *Guil. Caorsini de Obsidione et bello Rhodiano.* No anno seguinte passou-se para Stocolme, onde imprimiu o *Dialogus Creaturar. Moralizatus.* In-4.° goth. João Snell ou Smed morreu em 1495.

No XVI seculo floresceram impressores celebres, figurando á testa d'elles *Amundus Laurentius.*

Nosso exemplar talvez pertença á Collecção Conde da Barca.

S. PETERSBURGO: PETERBYRRZ.

(Petropolis).

N.° 147. — Reimpression fidèle d'une lettre de Jean Schöner à propos de son globe, écrite en 1523.

St.-Pétersbourg: Imprimerie de Röttger & Schneider. 1872.

In-4.° de 6 ff. inn.

Edição rara, de que se tiraram apenas 40 exemplares.

Na fl. 1, v., occorrem o titulo e as indicações acima transcriptas; no v.: *Tirage à 40 exempaires,* e logo abaixo, em lettra de mão: *n. 15.* Na fl. 2.ª, r., lê-se est'outro titulo:

— « De Nvper svb Castiliæ ac Portvgaliæ Regibus Serenissimis repertis Insulis ac Regionibus, Ioannis Schöner Charolipolitani epistola & Globus Geographicus, seriem nauigationum annotantibus. Clarissimo atq; disertissimo uiro Dño Reymero de Streytpergk, ecclesiæ Babenbergensis Canonico dicatæ.

« Cum noua delectent, fama testante loquaci,
« Quæ recreare queunt, he noua lector habes.

Cum privilegio Imperiali denuo roborato ad annos octo &c. —

A *Epistola* começa na fl. 3, assignada 3: « Clarissimo atqve disertissimo viro domino Reymero de Streytpergk ... Ioannes Schoner Charolipolitanus S. D. »; occupa toda esta folha, o r. e o v. da seguinte, que traz a assignatura 4, e termina na fl. 5, sem assignatura: « Timiripæ, Anno Incarnationis dominicæ Millesimo quingentesimo uigesimotertio. »

Na 6.ª fl. vem uma *Advertencia*, em portuguez, datada de *St. Petersburgo, 20 de Agosto de 1872*, e assignada: *F. Ad. de Warnhagen.*

Esta *Advertencia* é concebida nos seguintes termos:

« A *plaquette* adjuncta foi entregue ao prélo ha alguns mezes, tendo-se em vista o exemplar da primeira edição pertencente á Bibliotheca Imperial de Vienna.

« As circumstancias porém de repararmos nas assignaturas 3 e 4 postas nas ff. 2.ª, 3.ª, e de suspeitarmos que faltariam duas paginas entre o fim da quarta pagina, e a palavra *habeatur*, do principio da folha que leva a assignatura 4 (nas quaes deveria o autor dar conta das expedições feitas desde 1492 a 1498), fizeram-nos hesitar na publicação, até ver se conseguiamos encontrar e examinar alguns outros exemplares da mesma *plaquette*.

« Felizmente conseguimos ver dois mais; sendo um delles o que possue em Londres o *British Museum* : e, encontrando-os ambos identicos ao de Vienna, julgamo-nos autorisados a dar publicidade a esta impressão; cedendo á evidencia de taes factos; embora em nosso animo fiquem ainda subsistindo as mesmas aprehensões e duvidas.

« Tiramos desta edição apenas quarenta exemplares. Vai feita a reproducção linha por linha, com tão escrupulosa fidelidade orthographica que respeitamos até os proprios erros manifestos da edição anterior; taes como: *Melaccum*, *Corlese* e *Mogellanū* por *Malacam*, *Cortes* e *Magalhaens*.

« Já em outro lugar [veja-se o nosso folheto *Jo. Schöner e P. Apianus (Benewitz)* etc., Vienna, 1872, pag. 56, e seg.] dissemos como julgavamos que a primeira edição tivera lugar, não em Bamberg, mas em Erfurth; e que saíra dos proprios prélos do autor. »

Não encontramos descripta a primeira edição.

No exemplar exposto a impressão do texto da carta e do respectivo titulo é muito nitida, e feita em bellos caracteres italicos, podendo dar idéa exacta do estado da arte typographica na importante cidade de S. Petersburgo. O papel é ex-

cellente. O exemplar está encadernado com mais 5 obras do Visconde de Porto Seguro, impressas em Paris, Havana, Caracas, Lima e Vienna.

Todos os bibliographos são de opinião que a imprensa foi introduzida em S. Petersburgo por Pedro o Grande no anno de 1711. Bachmeister, sub-bibliothecario da Academia das Sciencias, em seu *Essai sur la bibliothèque et le cabinet de curiosités*, relata por menor o estabelecimento das diversas tytygraphias de S. Petersburgo:

« En 1727, continúa ainda o *Dict. de géogr. anc. et mod.*, l'Académie des Sciences vient à bout d'avoir sa typographie propre ; le premier vol. est le recueil des dissertations savantes de l'Académie : *Commentarii Academiæ Scientiarum Petropolitanæ*, in-4.° La première série de cette précieuse collection, qui se continue, est comprise entre les années 1726 à 1746, et forme 14 vol. in-4.° Les discours lus aux premières assemblées de l'Académie en 1725, quoique portant le nom de S. Pétersbourg sur le titre, avaient été imprimés à Revel. »

MACAU.

N.° 148. — Jornada, que o Senhor Antonio de Albuquerque Coelho Governador, & Capitam geral da Cidade do Nome de Deos de Macao na China, fes de Goa athe chegar a ditta Cid^e^ dividida em duas partes. Offerece esta obra a Sua Senhoria o Capitam Ioam Tavares de Velles Guerreyro seo menor servidor.

In-fol. peq. de 185 pp.

Esta primeira edição foi impressa em Macau, em papel dobrado, pelo processo xylographico, segundo o estylo chinez.

Diz Innocencio da Silva que tem a data de 29 de Maio de 1718. Não encontramos esta data em nosso exemptar, posto que não duvidemos que tenha elle sido ali impresso.

Accrescenta Innocencio: « Edição rara e estimada. A Bibliotheca Nacional de Lisboa possue um exemplar; e na livraria que foi de Joaquim Pereira da Costa existe outro.

« A obra sahiu reimpressa : *Lisboa, na Off. da Musica* (1732, comquanto a *Bibl. Lusit.* e o chamado *Catálogo da Academia* tragam erradamente 1721). In-8.° de XVI-427 pp.

« Não podendo dizer-se rara, é comtudo pouco vulgar esta

segunda edição: da qual se tiraram tambem alguns poucos exemplares em formato de 4.° »

A Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro tem tambem um exemplar d'esta segunda edição.

O que expomos, impresso pela primeira vez em Macau, foi da Real Bibliotheca.

TOKIO (JEDDO).

N.° 149. — (Diccionario usual e encyclopedico de Takai Ranzan). *Jeddo*, 1863. 2 vols. in-4.° com estampas coloridas.

Do excellente relatorio do Dr. Ramiz Galvão sobre as artes graphicas extrahimos os seguintes trechos:

« Em materia de typographia e de artes graphicas em geral, o que se póde esperar de um Estado que até ha 20 annos atrás fechou obstinadamente os olhos a tudo quanto foi progresso e luz, e que ainda agora luta para vencer preconceitos arraigados no povo?

« Certamente mui pouco ou nada. Eis o caso do Japão; elle nos offerece um especimen do passado e uma tentativa do presente; nada mais.

« A exposição de livros japonezes foi feita, não por particulares, mas pelo governo.

« O systema de impressão, quem pudera crêl-o? é ainda o da primitiva: gravura em relevo aberta em madeira, e quasi sempre em páo de cerejeira por ser mais docil á acção dos instrumentos; passagem da tinta de *nankim* sobre a taboa gravada, juxtaposição do papel, e pressão exercida por um grande pacote de fibras de bambú, que faz as vezes de prélo, e que nem ao menos é o prélo imaginado junto ao berço da typographia por João Gensfleich.

« Como se vê, não ha em substancia a menor differença entre este processo e o das famosas impressões xylographicas, que precederam no Occidente ao descobrimento dos typos moveis, e que produziram entre outros livros a celebre *Biblia Pauperum*, a *Ars moriendi*, o *Speculum humanæ salvationis*, o *Apocalypsis sancti Johannis* e a *Historia Virginis ex Cantico Canticorum*, — obras todas anteriores ás *Cartas de Indulgencia* de 1454.

« São por consequencia verdadeiros *block-books* todas as obras expostas nesta galeria.

. . . .

« O que nestes livros nos parece sobretudo digno de nota, é o relatorio bem acabado de algumas gravuras, não no que respeita ao desenho em si, que é ingenuo as mais das vezes, mas á igualdade das tintas, ao relevo dos pormenores. Inquirindo da causa d'esta tal ou qual perfeição, chegamos á conclusão de que ella não provém sinão do papel empregado.

« Sabe-se com effeito que desde muito tempo um dos motivos por que a gravura em madeira não adiantou grandes passos até este seculo, foi a imperfeição dos processos de fabrico do papel. . . . .

« Hoje os melhoramentos são innumeros, e é a isso em parte que se devem os modernos triumphos da xylographia. O que é certo entretanto é que, por muito que se haja progredido neste fabrico, ainda os povos mais adiantados do Occidente não conseguiram obter um papel que, igual aos da China e Japão fabricados com a pasta feita do bambú, reuna as duas qualidades preciosas: solidez e macieza. . . . .

« No Japão começou agora a tentativa de progresso. Os especimens de typos moveis, que de certo não são ainda os que a arte empregará para o futuro, em todo o caso significam um passo para a verdadeira arte de imprimir. »

O bello exemplar, exposto sob o n.° 149, foi comprado em 1873 pelo Dr. Ramiz Galvão, ex-Bibliothecario.

N.° 150. — (Guia illustrado da cidade de Ieddo ou a moderna Tokio.)

Sobre a maneira de imprimir no Imperio do Japão dissemos sob o n.° 149 o que nos pareceu mais importante.

O que se não pode contestar é que nestes ultimos trinta annos, graças ao contacto com as nações civilisadas do Occidente, o Imperio do Japão têm feito grandes progressos. Na arte typographica, como em todas as outras, tem introduzido melhoramentos notaveis. É, pois, de esperar que, em breve, adopte o emprego do typo movel que, no pensar dos competentes, é a grande palavra do progresso em materia de imprimir.

O exemplar foi offerecido á Bibliotheca Nacional pelo Sñr. Capitão de Fragata Luiz Philippe de Saldanha da Gama.

GOA.

N.° 151. — Coloquios dos simples, e drogas he cousas mediçinaes da India, e assi dalgũas frutas achadas nella onde se tratam algũas cousas tocantes amediçina, pratica, e outras cousas boas, pera saber cõpostos pelo Doutor garçia dorta: fisico del Rey nosso senhor, vistos pelo muyto Reuerendo senhor, ho liçençiado Alexos diaz: falcam desembargador da casa da supplicaçã inquisidor nestas partes. Com priuilegio do Conde viso Rey.

Impresso em Goa, por Ioannes de endem aos X. dias de Abril de 1563. annos. In-4.°

As seis ff. preliminares innumeradas contêem: *Do liçençiado dimas bosque, medico valençiano ao leitor;* Privilegio do viso-rei, datado de 5 de Novembro, 1562; *Ao muyto ilvstre senhor Martim afonso de sousa... seu criado ho doutor orta lhe deseia perpetua felicidade...; Do autor falando cô ho seu libro, e mandao ao senhor Martim afonso de sousa; Ao Conde do Redondo viso Rey da India, Luis de Camões.* Seguem-se os Colloquios, em numero de 58, que findam na fl. 226 verso. De fl. 227 r. a 228 r. *Præstantissimo doctori Thomæ Roderico... Dymas bosque;* de fl. 228 v. – 238 v. um epigramma latino e uma taboada de erratas; de fl. 239–249 um indice alphabetico; vem afinal um *Coloquio do betre e outras cousas em que se enmẽdam algũas faltas de toda obra...* que, com erros de numeração, começa á fl. 210 e termina á fl. 217.

Eis o que diz Innocencio da Silva do Dr. Garcia de Horta:

« Doutor em medicina pela Universidade de Salamanca e Alcalá, e Lente de Philosophia na de Lisboa, antes da sua ultima transferencia para Coimbra. D'aqui partiu para a India, com a graduação de Physico de el-rei, no anno de 1534, como affirma positivamente o erudito Francisco Leitão Ferreira nas *Noticias Chronologicas da Univ.* Viveu por muitos annos naquelle Estado, não só exercendo com grande credito a sciencia de curar, mas applicando-se com incansavel diligencia aos estudos da historia natural e particularmente da botanica, investigando as qualidades e virtudes das plantas creadas naquellas regiões. Foi natural da cidade d'Elvas, e nasceu provavel-

mente nos ultimos annos do seculo XV. Falleceu na India, em idade mui provecta, sem que os seus biographos saibam dizer-nos a data precisa do obito. »

O juizo critico do mesmo Innocencio sobre o valor intrinseco da obra é expresso nos seguintes termos:

« São os *Colloquios* um livro estimavel por diversos respeitos, e dos que mais honra fazem á nação portugueza, pelo haver produzido. Monumento da intelligencia, e fadigas do seu benemerito autor, nelle appareceram a *primeira, e mais exacta* descripção da cholera morbus epidemica (como bem observa o Dr. Lima Leitão), e varias outras igualmente notaveis, e importantes de plantas orientaes, até então desconhecidas. É sem duvida grande desar para nós que se não fizesse ate agora uma nova edição d'esta obra, verdadeiro specimen de nossas passadas glorias. Diversos projectos e tentativas têem tido lugar a este intento, porêm o mau fado que nos persegue as fez sempre abortar, obstando á sua realisação. Comtudo, talvez não esteja longe o tempo de vermos em fim solvida esta divida nacional, em cujo pagamento se acha como que espontaneamente empenhado o zelo patriotico do mui illustrado consocio o sr. dr. Isidoro Emilio Baptista; o qual, tendo desde muito tempo enriquecido e addicionado a obra do nosso antigo physico indiano com importantes notas e observações, fructos do seu estudo e dos conhecimentos locaes que felizmente possue, não deixará de publical-a logo que as circumstancias o permittam. »

Os desejos do illustrado bibliographo, de ver publicada uma segunda edição d'esta obra, foram satisfeitos por um distincto brazileiro, Francisco Adolpho de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro.

Da Imprensa Nacional de Lisboa, em 1872, sahiram reimpressos os *Colloquios dos Simples*, segunda edição, dedicada pelo editor á Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro.

Esta obra foi, logo que appareceu em 1563, traduzida em castelhano por Christovão de Cresta; em latim por C. Clusio; em italiano por Annibal Briganti e em francez por Arthur Colin.

São rarissimos os exemplares d'esta primeira edição, documento da mais alta valia das antigas impressões da India.

João de Edem e João Quinquennio de Campania foram os primeiros e mais notaveis impressores de Goa, cabeça do Imperio Lusitano na Asia.

O exemplar que expomos sob o n.º 151 pertenceu a D. Barbosa Machado, cujo *ex-libris* ainda conserva.

MANILHA: MANILLA.

N.° 152. — Relacion de lo qve asta agora se a sabido de la vida, y Martyrio del milagroso Padre Marcelo Francisco Mastrili de la Compañia de Iesus, martyrizado en la ciudad de Nāgasaqui del Imperio del Iapõ a 17. de Octubre de 1637. sacada de informaciones autenticas, echas a instancias del P. Bartholome de Reboredo de la Compañia de Iesvs Procurador de los Santos Martyres de Iapon en la Ciudad de Manila, y Macau, de los que le conocieron, y trataron en vida, y se hallaron presentes a su dichosa muerte. Por el Padre Geronimo Perez de la misma Compañia. Con licencia del Ordinario, y govierno.
En Manila, en el Collegio de la Compañia de Iesus. Impressor Tomas Pimpin, Año 1639. In-4.° de 2 ff. inn. - 76 pp.

Opusculo rarissimo, impresso em papel de Manilha.

As 2 ff. preliminares contêem: o titulo, no meio do qual figura uma pequena vinheta gravada em madeira; a dedicatoria a *D. Sebastian Hvrtado de Corcuera... Gouernador y Capitan general de las Islas Philipinas.*

Os PP. De Backer, *Bibl. des écr. de la Comp. de Jésus*, citam este opusculo, mas sem nota que o illustre.

O exemplar faz parte da Collecção Historica de Barbosa Machado.

MEXICO.

N.° 153. — Ortografia castellana. A Don Ivan de Billela, del consejo del rei nuestro señor, presidente de la real audiencia de Guadalajara, visitador jeneral de la Nueva España. Por Mateo Aleman, criado de su majestad. Con previlegio por diez años.

En Mexico. En la emprenta de Ieronimo Balli. Año 1609. Por Cornelio Adriano Cesar. In-4.°

Na 2.ª fl. inn., a approvação assignada por fr. Diego de Contreras.

No v. d'esta fl., as erratas.

Na 3.ª fl. inn., a dedicatoria a D. João de Billela, firmada pelo autor.

No v. d'esta fl. e na 4.ª, 5.ª e 6.ª ff. inn., dois prefacios do autor, o primeiro com o titulo : *M. A. à Mejico D. S.*; o segundo com o titulo: *Letor.*

O texto se extende por 83 ff. num. só pela frente.

Obra muito rara mencionada sob o n.° 1060 por Leclerc, que em nota assim descreve um exemplar em velino :

« 6 fnc. 83 ff. Sur le titre, les armes de Juan de Billela gravées sur bois. À la suite du titre 1 f. contenant le portrait de Aleman parfaitement exécuté sur bois. C'est une pièce curieuse et qui doit être bien rare.

« Ce livre fut composé par le célèbre auteur du Guzman de Alfarache, lors de son voyage au Mexique. Il est d'une très grande rareté et peu connu.

« Très-bel exemplaire grand de marges et dans sa reliure originale. »

Do *Guzman de Alfarache, ce célèbre roman,* como o qualifica Graesse, possue a Bibliotheca Nacional as edições de Barcelona, 1599; Madrid, 1723; Ambères, 1736; Porto, 1792, traducção portugueza de Vicente Carlos de Oliveira.

Como se deprehende do Catalogo de H. Ternaux, a arte typograpica foi introduzida no Mexico na primeira metade do seculo XVI. O mesmo Ternaux transcreve o que diz Gil Gonsalez Davila em seu *Theatro Ecclesiastico de las Indias Occidentales :*

« En 1532 le vice-roi D. Juan de Mendoza introduisit l'imprimerie à Mexico; le premier imprimeur fut Juan Pablos et le premier livre qu'il publia *l'Échelle céleste* de S. Jean Climaque, traduite en espagnol par Fr. Jean de Malema, religieux dominicain. »

« Fernandez, *Hist. ecc. de nuestros tiempos,* accrescenta Ternaux, rapporte le même fait, mais il nomme le traducteur Alonzo de Estrada, et dit qu'il était fils naturel du vice-roi. »

Parece-nos provavel que fosse o Mexico a primeira cidade da America que se honrou com o estabelecimento de uma

officina typographica. Esta é a razão porque ella occupa o primeiro lugar em nossa Exposição.

O exemplar sob o n.° 153 pertenceu á Real Bibliotheca.

N.° 154. — Svcesos de las Islas Filipinas. Dirigido, a Don Cristoval Gomez de Sandoual y Rojas, Duque de Cea. Por el Doctor Antonio de Morga, Alcalde del Crimen, de la real Audiencia de la Nueua España, Consultor del santo Oficio de la Inquisicion.

En Mexico. En casa de Geronymo Balli. Año 1609. Por Cornelio Adriano Cesar. In-4.°

No meio da fl. de rosto as armas do Duque de Cea.

Na 2.ª fl. inn. a approvação assignada por João Sanchez.

No v. d'esta fl. o privilegio por dez annos concedido ao autor para imprimir a obra, com a assignatura de D. Luiz de Velasco e de Martim Lopez Gauna.

No r. da 3.ª fl. inn. a approvação de Fr. Garcia, Arcebispo do Mexico.

No v. d'esta fl. e nas tres seguintes, tambem sem numeração, a dedicatoria, *Al letor, A se advertir.*

A obra, com a primeira grande capital ornamentada, tem 172 ff. num. de um só lado.

Este livro é citado por Brunet com a nota de raro, e Salvá o descreve sob o n.° 3364, confirmando nestes termos a asserção de Brunet: « Con razon llama Brunet á este libro *volume rare.* »

Foi da Real Bibliotheca.

N.° 155. — Relacion de los martyres del Iapon del Año de 1627. Por el Padre Pedro Moreion Rector del Collegio de la Compañia de Iesvs de Macan. Hazela imprimir el Padre Iuan Lopez Procurador general de la misma Compañia de la Prouincia de Philipinas. Y dedicada al General D. Ivan de Arcarasso... Año 1631.

En Mexico. Impresso con licencia. En la imprenta de Iuan Ruyz. In-4.°

Na fl. de rosto um brazão d'armas gravado em madeira.

Na 2.ª fl. as licenças, datadas do Mexico, uma de 3 de Junho de 1631, e outra de 12 do mesmo mez e anno.

No v. d'esta fl. as lettras symbolicas da Companhia de Jesus.

Segue-se a dedicatoria em 6 ff., como as duas precedentes, inn.

O texto occupa 56 ff. num. pela frente.

Termina com estas palavras: *Laus Deo Virginique sine labe Conceptæ.*

É obra citada por Leclerc, n.º 1212, onde diz, descrevendo um exemplar em velino: « Bel exemplaire. Cet ouvrage n'est pas mentioné par Pinelo ni par Antonio. »

Nós diremos que não é tambem mencionada, nem por Salvá, nem pelos PP. De Backer, que aliás descrevem outras obras do mesmo autor.

Isto nos faz crer que a obra é de bastante raridade.

Eis alguns apontamentos biographicos que de Pedro Moreion nos dão os mesmos Backer:

« D'une illustre famille de Medina del Campo, naquit en 1562, entra au noviciat en 1577, s'embarqua pour les Indes en 1586, et passa plus de cinquante ans dans les missions des Indes et du Japon; il eut pour compagnons de ses travaux Jacques Quisay et Jean de Goto, qui furent martyrisés dans la suite. En 1620, il fut député à Rome en qualité de procureur du Japon; devint recteur du collège de Meaco en 1633, mais mourut peu de temps après. »

Nosso exemplar pertenceu a Barbosa Machado e depois á Real Bibliotheca.

N.° 156. — Promptuario Manual Mexicano, Que á la verdad podrá ser utilissimo á los Parrhocos para la enseñanza; á los necessitados Indios para su instruccion; y à los que aprenden la lengua para la expedicion... Añadese por fin un Sermon de Nuestra Santissima Guadalupana Señora... Dispuso el P. Ignacio de Paredes de la Compañia de

Jesus... dedica afectuoso y rendido al Señor D. Feliz Venancio Malo de Villavicencio, del Consejo de su Magestad... Con las licencias necessarias.

En Mexico, en la Imprenta de la Bibliotheca Mexicana, enfrente de San. Augustin. Año de 1759. In-4.°

Com 23 ff. prel. inn., em que se notam:

Uma estampa gravada em madeira representando um brazão d'armas. Será o de D. Feliz Venancio de Villavicencio?

Dedicatoria ao mesmo senhor;

Parecer de D. Carlos de Tapia Zenteno e outro de D. Ignacio Carrillo de Benitua;

Licenças do Ordinario e da Religião;

Resposta de D. Domingo José de La Mota a uma consulta que lhe fez o autor d'esta obra;

Razon de la obra al lector;

Indice.

« Este rarissimo tomo, diz Salvá, em nota sob o n.° 2373, está todo el escrito en lengua mejicana, y es talvez la obra más voluminosa que existe en dicha lengua. »

Os PP. De Backer, vol. 6.° pag. 422, citando as palavras de Ch. de Pougens e de Th. Lorin, dizem: « Volume en langue mexicaine de la plus grande rareté. »

Leclerc, sob o n.° 2331, illustra assim a descripção d'esta obra:

« Cet ouvrage, écrit entièrement en mexicain, se compose de quarante-six entretiens religieux avec des exemples et exhortations morales, et de six sermons pour les dimanches du Carême; le tout servant d'instruction religieuse pour les cinquante-deux dimanches de l'année.

« Les pages LXXIII à fin, contiennent un sermon sur N. Dame de la Guadalupe avec un abrégé de l'histoire de son apparition.

« Le P. Ignacio Paredes de la Compagnie de Jésus, né en 1703, au Mexique, était fort instruit dans la langue nahuatl. Brasseur de Bourbourg pense qu'après l'expulsion de son ordre du Mexique, il vint mourir en Italie. Il a publié à Mexico, en 1739, un abrégé de la très-rare grammaire du P. Carochi et une traduction du Catéchisme du P. Ripalda. »

Em nosso exemplar, no v. da fl. em branco que precede a do titulo, lê-se o que se segue por lettra do primeiro possuidor do livro:

« Al Sr. Commendador Doctor Carron du Villars su at° af° SS. M. Paono ministro de hacienda México Julio 25 1853. Ouvrage très-rare. »

N.° 157. — Historia de Nueva-España, escrita por su esclarecido conquistador, Hernan Cortes, aumentada con otros docvmentos, y notas por el Ilustrissimo Señor Don Francisco Antonio Lorenzana, Arzobispo de Mexico. Con las licencias necesarias.

En Mexico en la Imprenta del Superior Gobierno, del Br. D. Joseph de Hogal en la Calle de Tiburcio. Año de 1770. In-fol.

Este titulo é impresso a duas tintas.

No centro, entre o titulo e as indicações de lugar e typographia, uma pequena gravura allegorica, tendo no alto esta lettra: « Opibus clara religione nobilior. »

Na fl. seguinte, uma bella gravura em frontispicio, aberta em aço por Navarro.

Vêm depois 6 ff. com uma carta do Arcebispo, impressa em caracteres maisculos, tendo a lettra capital ornamentação allegorica.

Seguem-se o prologo e a errata, e logo opós « Plaño de la Nueva España en que se señalan los Viages que hizo el Capitan Hernan Cortes... Dispuesto por D. Iph. Ant.° de Alzate y Rañurez ano de 1763. »

O exemplar tem de texto XVI – 400 pp., e termina com o Indice em 9 ff. inn.

As XVI pp. contêem: « Viage de Hernan Cortes desde la Antigua Vera-Cruz à Mexico para la inteligencia de los Pueblos, que expresa en sus Cartas, y se ponen en el Mapa. »

Acompanhemos agora Leclerc, que faz da obra uma resumida mas excellente descripção:

« La Carte de la Californie se trouve entre les pp. 328 e 329. Cette carte a été dressée à Mexico en 1541 par le pilote Domingo del Castillo.

« Ouvrage extrêmement important, contenant de précieux documents sur l'histoire de la conquête du Mexique. Il suffira d'indiquer que les trois célèbres lettres (la seconde, la troisième et la quatrième) de Fernand Cortes sont réimprimées dans ce volume pour que l'on juge de sa valeur historique

que recommandent encore les notes du savant archevêque de Mexico. Entre les pp. 176-177, sous le titre de: *Cordillera de los Pueblos, que antes de la conquista pagaban tributo a el emperador Muctezuma, y en què especie y cantidad.*, sont 31 pl. (num. 32) représentant le *fac-simile* d'un livre mexicain en caractères hiéroglyphiques, avec la transcription en lettres latines et la traduction espagnole.

« Cet important document faisait partie de la célèbre collection de Boturini. Ainsi que l'indique le titre, il renferme la liste de différentes villes qui, avant la conquête, payaient tribut à l'empereur Muctezuma. »

O Snr. D. Diego Barros Arana, em suas *Notas para una Bibliografia*, menciona uma edição mais moderna d'esta obra, publicada em Nova-York, 1828, in-8.° por D. Manuel del Mar.

Em nota, diz: « Es una reimpresion incompleta de la Coleccion de Cartas i otros documentos concernientes a Cortes, que con ese mesmo titulo publicó el arzobispo Lorenzana, en Méjico, en 1770. »

O titulo não é exactamente o mesmo, mas tambem a variante não é consideravel.

O exemplar que a Bibliotheca expõe é um bello exemplar, de bom papel, amplas margens, e em excellente estado de conservação.

LIMA

N.° 158. — Constitvciones Synodales del Arçobispado de los Reyes en el Pirv. Hechas y ordenadas por el Illvstrissimo y Reverendissimo Señor Don Bartholome Lobo Guerrero Arçobispo de la dicha Ciudad de los Reyes, del Consejo de su Magestad. Pvblicadas en la Synodo diocesana qve Sv Señoria Illustrissima celebro en la dicha Ciudad en el año del Señor de 1613.

En los Reyes. Por Francisco del Canto. Año de M.DC.XIIII.

In-fol. de 6 ff. prelim. inn., 94 ff. num. só pela frente, 6 ff. inn. de indices, e mais 1 de erratas.

As 6 ff. prelim. inn. contêem: o titulo acima transcripto, onde se acham, dentro de um quadro, as armas do arcebispo com a legenda: « Ave Maria gratia plena Dominvs. ; — a « Licencia (*do vice-rei*) Don Ivan de Mendoza y Luna, Marques de Montesclaros... Fecha en Lima en quatro de Nouiembre de mil y seyscientos y treze años. », assignada; « El Marqves. », e mais abaixo: « Por mandado del Virey. Gaspar Rodriguez de Castro »; — Don Bartholome Lobo Gverrero... A los... Hermanos Dean y Cabildo... y a los Curas, y Beneficiados della, y Clero de nuestro Arçobispado. »; s. d., assignado: « El Arçobispo de los Reyes »; — e finalmente: « Relacion del principio qve vvo en la celebracion desta Synodo Diocesana, y del nombramento que en ella se hizo de examinadores y Iuezes Synodales. », s. d. nem assignatura.

O texto das Constituições Synodaes vae da fl. 1 até a fl. 87 v., onde se acha o mandamento que termina assim: « En los Reyes en veinte y seys dias del mes de Otubre de mil y seyscientos y treze años. El Arçobispo de los Reyes... El D. Hernando Becerril. Secretario. » Na fl. 88, r., occorre o termo de *Pvblicacion* das Constituições, passado pelo Secretario e datado de 10 de Fevereiro de 1614. Por este termo se vê que as Constituições foram lidas e publicadas na Santa Igreja maior de los Reyes em dois dias, Domingo 27 e Segunda-feira 28 de Outubro de 1613, assistindo á solemnidade o Arcebispo, o Vice-Rei, a Real Audiencia, o Deão, o Cabildo e o Regimento da cidade, assim como grande concurso de povo.

As ff. 89–94 contêem 8 Provisões do Vice-Rei relativas a assumptos ecclesiasticos, datadas todas de los Reyes, as seis primeiras de 1613 e as duas ultimas de 1614.

A 1.ª fl. inn. do fim traz o indice dos titulos, e as outras 5 o indice alphabetico das materias contidas nas Constituições. Na ultima d'estas folhas vem o seguinte colophão: *En Lima. Por Francisco del Canto. Año de M. DC. XIIII.*

Em nosso exemplar a fl. inn. de erratas está collocada entre as ff. 88 e 89.

Esta obra é impressa em typo romano de dois tamanhos, com lettras capitaes ornadas.

A respeito da introducção da imprensa em Lima poucas informações podemos dar. Ternaux, na *Bibl. Américaine*, n.º 161, menciona a seguinte obra, que é sem duvida alguma uma das mais antigas impressas nesta cidade: — *Tercero catecismo y exposicion de la doctrina cristiana, por sermones para que los curas y otros ministros prediquen y enseñen a los Indios y demas personas. Impreso en Lima por A. Ricardo, pri-*

mero impresor en estos reynos del Peru. M. DLXXXV. In-4.° de 215 ff.

Esta obra é uma collecção de 31 sermões em hespanhol, quichua e aymara. Ternaux accrescenta a seguinte nota: « Thomas *(Histoire de l'imprimerie en Amérique)* croît que l'imprimerie n'a été établie à Lima qu'en 1590. Colton *(Typogr. Gazetteer)* cite un volume de 1586; il paraît, d'après cela, que celui-ci est, sinon le premier, du moins un des premiers qui aient été imprimés dans cette ville. »

Do testemunho das outras obras expostas deduz-se que ahi trabalhavam: Francisco del Canto, em 1614, e Geronymo de Contreras, em 1621. Em 1648 existia uma officina de Juliano de los Santos et Saldaña, na qual se imprimiu nessa data a *Hypomnema Apologeticvm* de D. Didaco de Leon Pinelo.

No seculo XVIII, havia as seguintes officinas: *Imprenta Real de Joseph de Contreras,* em 1702?; a *Oficina de los Huerphanos,* em 1761, e a *Oficina de la Calle de S. Jacinto,* em 1772.

Em 1825, J. Gonzalez reimprimiu na *Imprenta del Estado* a *Constitucion politica de la Republica Peruana* de 1823. Modernamente introduziu-se em Lima a estereotypia. A Bibliotheca Nacional expõe sob o n.° 164 a *Historia del Perú Independiente* por Mariano Felipe Paz Soldan, *Lima,* 1868-74, 3 vols. in-8.° gr., na qual occorre a seguinte nota: *Esta obra es la primera que se ha estereotipado en el Perú, por Carlos Paz Soldan, en la imprenta y Estereotopia del autor, administrada por Fernando Oberti.*

A cidade de Lima, tambem conhecida pelo nome de *los Reyes,* foi a segunda da America que possuiu imprensa, sendo a primeira a capital do Mexico, onde esta arte foi introduzida em 1532.

N.° 159. — Extirpacion de la idolatria del Pirv. Dirigido al Rey N. S. en sv Real Consejo de Indias. Por el Padre Pablo Ioseph de Arriaga de la Compañia de Iesus.
En Lima, por Geronymo de Contreras Impressor de Libros. Con Licencia. Año 1621.

In-4.° de 8 ff. prelim. inn., 142 pp. num., 2 ff. inn.

Na fl. de tit. as lettras symbolicas da Companhia de Jesus, com esta legenda: « Ps. 21. Nvnciabo nomen tvvm

fratribvs meis. Ad. Heb. 2 ». Seguem-se: 2 ff. de licenças e approvações; — 2 ff. de dedicatoria « Al Rey N.° S.or en su Real Consejo de Indias »; — 2 ff. de « Prologo al letor »; — e 1 fl. de « Indice de los capitulos ». O texto da *Extirpacion* vae de pp. 1 - 127. Contém ainda este vol.: « Edicto contra la idolatria »; — « Constitvciones que dexa el visitador en los pveblos para remedio de la Extirpacion de la Idolatria; — Modvs et forma reconciliando excommvnicatos »; — « Litaniæ »; e, finalmente, « Indice de algvnos vocablos ».

No v. da ultima fl. inn. a mesma vinheta da fl. do tit., com a seguinte lettra no alto e embaixo: « Ab hoc principivm. Ad hoc refer exitvm ».

A impressão é feita em typo romano com capitaes ornadas.

Os PP. De Backer, na *Bibl. des Écrivains de la Compagnie de Jésus*, t. v, pag. 15, descrevem esta obra do seguinte modo:

« *Extirpacion de la Idolatria de los Indios del Piru y de los medios para la conversion dellos. Lima, H. de Contreras, 1621, in-4.°* » A não admittir-se a existencia de outra edição com as mesmas indicações da exposta, forçoso é convir que os citados bibliographos não viram a obra que descreveram.

Na mencionada Bibliotheca, l. c., encontram-se os seguintes dados biographicos do autor:

« Arriaga, Paul Joseph de, admis au noviciat d'Ocana, sa ville natale, le 24 février 1679, s'embarqua pour le Pérou, et s'y distingua par sa vertu. Après avoir enseigné la rhétorique, il gouverna d'abord le collége d'Arequipa, et ensuite celui de Lima, pendant 24 ans. Envoyé par sa province à Rome, il fit naufrage près de Cuba et périt l'an 1622, à l'âge de 60 ans. »

O volume exposto pertence á Collecção Pedro de Angelis, e é o n.° 23 do respectivo catalogo.

N.° 160. — Hypomnema apologeticvm pro regali Academia Limensi in Lipsianam periodvm... Accedvnt dissertativncvlae gymnasticæ palestricæ, canonico-legales, aut promiscuæ: partim extemporaneæ, expolitæ, & vtiles; ceu res ipsa ostendet. Avthore D. D. Didaco de Leon Pinelo...

Limae, Ex Officina Ivliani de los Santos et Saldaña, Anno Domini MDCXLVIII.

In-4.°, com 15 ff. inn. - 155 ff. - 19 ff. inn. Entre as

ff. 22 e 23 occorrem 16 ff. num. *a–q*. Antes da fl. de rosto contam-se mais duas, uma com o subtitulo da obra e outra com uma vinheta representando o sol, com dois disticos latinos. O titulo, impresso em preto e encarnado, está contido em uma tarja. Lettras capitaes e iniciaes ornadas; registro e *reclamos*.

Leclerc menciona-a na sua *Bibliothèque Americaine, histoire, géographie*, sob o n.º 1772.

« Esta obra, diz elle, composta pelo irmão do precedente (*o bibliographo Antonio de Leon Pinelo*), não vem citada em Ternaux. É interessantissima para a historia da Universidade de Lima ».

O exemplar que se expõe, impresso em papel almasso e em largas linhas, é um bello *specimen* das impressões peruanas no XVII seculo. Faz parte da valiosa collecção de documentos historicos e litterarios concernentes ao Perú, com que enriqueceu á Bibliotheca Nacional o Snr. J. A. de Saldanha da Gama, addido da Legação Imperial naquella Republica.

N.º 161. — Arte de la lengva Moxa, con su Vocabulario, y Cathecismo. Compuesto por el M. R. P. Pedro Marban de la Compañia de Jesvs, Superior, que fue, de las Missiones de Infieles, que tiene la Compañia de esta Provincia de el Perù en las dilatadas Regiones de los Indios Moxos, y Chiquitos.

(Lima) En la Imprenta Real de Joseph de Contreras. S. d.

In-8.º com marcação de *4.º*, com 7 ff. prel., 664 – 202 pp. e mais 1 fl. inn.

Brunet, que o classica de raro, dá á cidade de Lima e o anno de 1701 para a sua impressão: no seu *Manual du Libraire* assigna-lhe o formato de *8.º* peq., e na *Table méthodique* o de *12*. Graesse repetiu as indicações dadas pelo primeiro.

A descripção de Leclerc, *Bibliothèque Americaine, Catalogue raisonné*, é mais completa; por isso a transcrevemos.

« 7 ff. não num.; *Arte*, pp. 1 – 117; *Vocabulario Español-Moxa*, pp. 118 – 361; *Vocabulario Moxa-Español*, pp. 362 – 664; *Cathecismo*, pp. 1 – 108; *Confessionario*, pp. 109 – 142, 1 fl. inn.; *Cartilla y doctrina Cristiana*, pp. 143 – 202; *Indice*, 1 fl. inn. »

Convem advertir não só que as pp. 143 a 162, da *Cartilla*, não estão numeradas, mas tambem que no titulo d'esta se declaram o lugar e anno de sua impressão, como segue:

Cartilla, y doctrina Cristiana en lengua Moxa, impressa con licencia de los Superiores en la Ciudad de los Reyes por Joseph de Contreras Impressor Real Año 1702.

« Tudo quanto sabemos do autor d'esta preciosa e importantissima obra, continúa Leclerc, cifra-se em pouco. No titulo do seu livro annuncia que era o *Superior* das missões dos Indios Moxos e Chiquitos na provincia do Perú.

« A sua *Arte* é a unica obra publicada sobre a lingua dos indigenas d'aquellas regiões, chamados *Los Moxos* hoje na Bolivia (America do Sul).

« A lingua Moxa tem muitos dialectos: *Baure, Tikomori, Chuchu, Kupeno, Mosotie e Moxono* ou *Muchojeone*, fallados todos na missão de S. Xavier.

« Ludewig cita uma *Arte de la lengua Baure, escrito por el P. Antonio Megio, de la Compañia de Jesus...* 1749, in-fol. — Este manuscripto achava-se na collecção de Alcide D'Orbigny e deve estar presentemente na Bibliotheca Nacional de Paris ».

O que acima se transcreve lê-se igualmente na *Bibl. Amer.* do mesmo Leclerc, *Histoire, Géographie*, &., sob o n.º 2361, onde accrescenta:

« A sua *Arte* é a unica obra publicada sobre a lingua dos Indios d'aquellas regiões, que se dividiam em tres grandes familias: Moxos, Baures, Pampas, fallando o dialecto da mesma lingua. O seu paiz está coberto de florestas e é muito insalubre. »

Os pp. Augustin e Alois De Backer, na sua *Bibliothèque des écrivains de la Compagnie de Jésus*, que, no 6.º vol., reproduzem integralmente a fl. de rosto da obra de Pedro Marban, pouco adiantam á respeito do autor. Depois de a descreverem ajuntam:

« A approvação é datada de Lima, 15 de Dezembro de 1701... Esta obra é importante e rara ».

O nosso exemplar está perfeitamente conservado.

N.º 162. — Coleccion de las aplicaciones que se van haciendo de los Bienes, Casas, y Colegios que fueron de los Regulares de la Compañia de Jesus, expatriados de estos Reales Dominios. Siguiendo en todo lo adaptable las

reglas que prescribe la Real Cedula dada en Madrid á 9. de Julio de 1769.

Impresa en Limà. En la Oficina de la Calle de S. Jacinto. 1772 - 73, 2 vol. in-4.º

O vol. I com 26 ff. inn., 207 pp., 2 ff. não num. — Vol. II com 78 ff. não num., 306 pp., 2 ff. inn. de *Indice*.

Leclerc, *Bibliothèque Americaine, Histoire, Géographie, Voyages*, descreve sob o n.º 1713 um exemplar identico ao nosso e accrescenta:

« Importante e rarissima collecção de documentos officiaes nos quaes se encontram um estado completo dos bens possuidos pela Companhia de Jesus no Perú. É o complemento dos mesmos documentos impressos em Madrid em 1767. V. N.º 1882 *(aiás 1883)*. »

No n.º 1883 descreve Leclerc a *Colleccion general de Documentos, tocantes a la persecucion, que los regulares de la Cia suscitaran... contra D. Bernardino de Cardenas, obispo del Paraguay...*, e ajunta:

« Collecção extremamente importante para a historia do Paraguay. Contêm as peças seguintes... »

Devido seguramente á sua extrema raridade não vem esta *Coleccion de las aplicaciones* mencionada nas obras especiaes de Brunet, Graesse e outros, nem no *Catálogo* da bibliotheca de Salvá.

O nosso exemplar, impresso em excellente papel almasso, com registro, *reclamos* e notas á margem, encadernado em pergaminho, está perfeitamente conservado e tem, além do interesse do assumpto, o merito de representar com vantagem a imprensa do XVIII seculo nesta parte do Novo Mundo.

N.º 163. — Constitucion Politica de la Republica Peruana jurada en Lima el 20 de Noviembre de 1823.

Lima: 1825. Imprenta del Estado por J. Gonzalez.

In-8.º peq. de CXII. — 52 pp. num,, 2 ff. inn.

Contêm as seguintes peças preliminares: 1.º — « Discurso con que la comision de constitucion presentó el proyecto de ella al Congreso Constituyente », datado e assignado: « Sala de la Comision en Lima y junio 14 de 1823. — Toribio

Rodriguez. — Hypólito Unánue. — Carlos Pedemonte. — Justo Figuerolo. — José Sanchez Carrion. — José Gregorio Paredez. — Francisco Javier Mariategui. » 2.° — Decreto do Libertador Simon Bolivar, de 20 de Março de 1825, autorizando o Dr. D. Francisco Javier Mariategui a reimprimir a Constituição politica. 3.° — Decreto do Congresso Constituinte, prohibindo a reimpressão da Constituição sem prévia autorização e licença do governo; datado de 17 de Novembro de 1823, e no mesmo dia sanccionado pelo presidente da republica José Bernardo Tagle. 4.° — Decreto do Congresso Constituinte designando as solemnidades que se devem praticar na promulgação e juramento da Constituição; datado de 11 de Novembro de 1823, e sanccionado em 15 do mesmo mez e anno pelo referido presidente.

Na pag. 1, não numer., vem reproduzido o titulo do frontispicio sem as indicações. O texto da *Constitucion*, com a competente sancção, vae de pp. 3-48. Segue-se nesta ultima pagina uma proclamação sob o titulo: *El Congresso Constituyente del Peru. A todos los pueblos de la Republica;* esta proclamação, datada de 20 de Novembro de 1823 e assignada pelo presidente e secretarios do Congresso, termina na pag. 52.

No v. da 1.ª fl. inn. e no r. da 2.ª occorre o indice.

A Constituição peruana vem assignada por 56 deputados; foi decretada pelo Congresso em 12 de Novembro de 1823, e no mesmo dia sancionada pelo presidente da republica José Bernardo Tagle.

É reimpressão da edição de 1823.

Este exemplar, juntamente com outros de constituições mais modernas do mesmo Estado, foi offerecido á Bibliotheca Nacional pelo Snr. José Augusto de Saldanha da Gama.

N.° 164. — Historia del Perú Independiente por Mariano Felipe Paz Soldan... *Lima. M D CCCLXVIII.-M D CCCLXXIV.*

Tres vols. in-8.° gr., com retr. e cart. color.

Nos dois primeiros volumes lêem-se as seguintes declarações no v. do ante-rosto: « Esta obra es la primera que se ha estereotipado en el Perú, por Carlos Paz Soldan, en la Imprenta y Estereotipia del autor, administrada por Fernando Oberti. »; e na parte inferior da mesma pag.: « Impresa en el Havre, en la Imprenta de Alfonso Lemale. »

No 3.° vol. só existe a ultima declaração, assim modifi-

cada: « Impresa en el Havre, en la Imprenta de A. Lemale Aîné »; e na fl. de rosto falta a indicação da cidade, que vem nos outros dois.

A obra é dividida em 2 periodos: o primeiro, de 1819 -1822, occupa todo o 1.º vol.; o segundo, de 1822-1827, abrange o 2.º vol. e o 3.º

O vol. 1.º contém: « Prologo »; — o texto do 1.º periodo; — « Apendice de documentos manuscritos »; — « Documentos impresos »; — « Catalogo de los Libros, Folletos, Periódicos y demas publicaciones consultados para escribir la Historia del Peru Independiente... »; — « Indice alfabetico y cronologico »; — « Indice » das materias. O Catalogo é dividido em 2 partes: a 1.ª, « Catalogo de impresos correspondientes á varios años ó que tratan de asuntos generales », tem 1059 numeros; a 2.ª, « Catalogo de Folletos, Documentos oficiales, Cartas y demas Documentos Manuscritos que forman mi Biblioteca Peruana », abrange 439 numeros. Ornam este vol. uma carta colorida da « Batalla del Cerro. El 6 de Diciembre de 1820 », e 5 retratos, a saber: « El General San Martin »; « El General Arenales »; « El Virey Pezuela »; « El Doctor J. H. Unanue »; e « El Almirante Cochrane ». Estes retratos são estereotypados, ao que parece, segundo gravuras em madeira; trazem as assignaturas: « P. Sellier », á esquerda », e « Pegard et Fils », á direita; no 2.º, porém, se lê somente a ultima assignatura muito apagada.

O vol. 2.º contém: « Prologo »; datado de « Twickenham, 13 de Junio de 1869 »; — texto do 2.º periodo; — « Apéndice de documentos manuscritos »; — « Catálogo de Documentos Impresos que forman mi Bibliotheca Peruana. Continuacion del Catálogo del Primer Periodo », que comprehende os n.ºˢ 1060 -1456; — « Catalogo de Folletos, Documentos oficiales, Cartas y demas Documentos Manuscritos que forman mi Biblioteca Peruana », com 878 numeros, sendo os 439 primeiros repetição do Catalogo do 1.º vol.; — « Indice alfabético »; e « Indice » das materias. Illustram este vol. 6 cartas coloridas e 4 retratos. As cartas são: « Batalla de Torata. El 19 de Enero de 1823 »; — « Batalla de Moquegua. El 21 de Enero de 1823 »; — « Carta de la Campaña de Intermedios em 1823 por Mariano Felipe Paz Soldan »; — « Batalla de Junin. El 6 de Agosto de 1824 »; — « Batalla de Ayacucho. El 9 de Diciembre de 1824 »; e « Carta de las Campañas de la guerra de la independencia en 1820 e 1823 por Mariano Felipe Paz Soldan. »

Tanto estas cartas como a do 1.º vol. são executadas em chromo-lithographia, sendo o gravador de todas Erhard Schièble de Paris. Em 3 d'ellas lê-se: *Imp. Morock*, tambem de Paris.

Os retratos d'este volume são os seguintes: « José de la Riva-Aguero »; — « Antonio José de Sucre »; — « Marques de Torre Tagle »; e « Simon Bolivar »; este com o *fac-simile* da assignatura do libertador. No 3.º lê-se: *Imp. Lemercier et C.ie Paris*; e nos outros: *S. Straker & sons. sc.* São todos gravados em metal.

O vol. 3.º contém: continuação do texto do 2.º periodo; — « Apendice de rectificaciones, anotaciones y refutaciones hechas á la Historia del Perú Independiente »; — « Catalogo de Documentos Manuscritos que forman parte de mi Archivo histórico »; — « Indice alfabetico » e « Indice » das materias. O Catalogo de manuscriptos d'este vol. é feito sob novo plano. Nos anteriores os manuscriptos são distribuidos pelos differentes annos, seguindo-se em cada anno tambem a ordem chronologica; neste cada anno é dividido em secções segundo a natureza dos documentos. Este vol. não contém retratos nem cartas geographicas.

Toda a obra foi estereotypada, e segundo pessoa competente a execução é perfeita; um ou outro senão que se lhe nota não tira o merecimento do trabalho. Ha em poucos lugares lettras apagadas, em outros lettras tortas, e com mais frequencia certo sombreado entre ellas; mas isso constitue um defeito inherente ao systema empregado.

Sendo o primeiro trabalho de estereotypia feito no Perú, e de boa execução, esta obra representa mui legitimamente os progressos de Lima na arte de imprimir.

Foi offerecido á Bibliotheca Nacional em 1884 pelo Snr. José Augusto de Saldanha da Gama.

BOSTON.

N.º 165. — Festus. A poem by Philip James Bailey. Illustrations by Hammett Billings. From the third London edition.
Boston, Bazin & Ellsworth, and Brown & Taggard, 1860. In-4.º com est.

O livro tem 636 pp. num. e mais 1 inn. contendo prefacio, indice das gravuras e texto do poema dividido em dedicatoria, proemio, Festus, e *L'Envoi*.

Philip James Bailey, nasceu em Nottingham, em 22 de Abril de 1816, e encetou os seus estudos na universidade de

Glasgow; habilitado para a advocacia, teve de abandonar a carreira, não se sentindo com vocação para ella. Foi então que se entregou á poesia e publicou o celebre poema *Festus*, em Londres, 1839, o qual produziu um successo extraordinario na Europa como na America. Bailey ainda publicou posteriormente dois poemas: *O mundo dos Anjos* (The Angel World, 1850) e *O Mystico (The Mystic*, 1854).

A sua obra capital é, todavia, o *Festus*, poema espiritualista, acoimado de extravagante ou de irreverente, mas reconhecido como um producto elevado da imaginação e da originalidade. O *Festus* é propriamente a auto-biographia do poeta, ou a historia de um espirito inconsistente e avido de repouso. A acção do poema é desenvolvida sob a forma dramatica e passa-se em um mundo phantastico e sobrenatural, no céo, no inferno, no espaço, em cidades e templos arruinados.

A presente edição é a primeira americana, feita de conformidade com a 3.ª edição ingleza do poema. O *Proemio* que precede a obra foi escripto para a segunda edição ingleza e apparece tambem na edição americana.

As gravuras, que vêm na presente edição, em numero de 13, são feitas sobre aço e em papel especial fóra do texto.

O desenho é de Billings, sendo gravadores Wagstaff and J. Andrews.

« En 1674, escreve Ternaux-Compans *Notice sur les imprimeries*, John Foster obtint la permission d'établir une imprimerie dans cette ville, privilège dont l'université de Cambridge avait eu jusqu'alors la jouissance exclusive ; l'acte qui la lui accorda nomma en même temps deux censeurs sans l'autorisation desquels il ne devait rien publier. On ne connait cependant pas d'ouvrages imprimés par lui avant 1676. En 1704, B. Green commença la publication d'un journal hebdomadaire intitulé : *The Boston News — Letter;* c'est le premier journal des États-Unis, qui depuis en ont vu éclore un si grand nombre. Parmi les premiers imprimeurs de cette ville, on compte un Indien connu sous le nom de James Printer (Jacques l'Imprimeur). Ce fut lui qu'Elliot employa à la composition de sa Bible en langue indienne. Ce fut aussi Daniel Henchman, imprimeur de cette ville, qui établit, en 1730, le premier moulin à papier de l'Amérique anglaise. »

O exemplar n.º 165, mui bem impresso, é apresentado como documento do estado presente da arte typographica na cidade de Boston.

Foi comprado pelo Dr. João de Saldanha, actual Bibliothecario.

PHILADELPHIA.

N.° 166. — Historical and Statistical Information, respecting the history, condition and prospects of the Indian tribes of the United States: collected and prepared under the direction of the Bureau of Indian Affairs, per act of Congress of March 3.d, 1847, by Henry R. Schoolcraft, Ll. D. — Illustrated by S. Eastman. Capt. U. S. Army. Published by authority of Congress.

Philadelphia, Lippincott & C.o Printed by T. K. and P. G. Collins, 1851 - 1860, 6 vols, in-4.° gr. com o retr. do autor e est.

O titulo do 2.° vol. varia assim:

« Information respecting the History, Condition and Prospects: »

O titulo do 3.° vol. é igual ao do 2.° Part III:

O titulo do 4.° vol. é igual ao do 3.° Part IV.

O titulo do 5.° vol. varia assim:

« Archives of Aboriginal Knowledge. Containing the original papers laid before Congress respecting the history, antiquities, language, ethnology, pictography, rites, superstitions, and mythology of the indian tribes of the United-States. »

O titulo do 6.° vol. é igual ao do 5.°

O volume primeiro consta de XVIII-568 pp.; o vol. II de XXIV-607 pp.; o vol. III, de XVIII-635 pp.; o vol. IV, de XXVI prelim. e de 627 pp. num.; o vol. V, de XXIV pp. prelim. 718 pp.; o vol. VI, de XXVIII-726 pp. de texto e indice geral.

Alguns volumes, *in fine*, além da indicação da impressão, trazem do lado esquerdo a nota: *stereotyped by Fagan.*

O livro não possue uma divisão determinada de partes: é antes um archivo em que iam, mediante uma classificação provisoria, consignados os documentos e os factos á medida que eram colligidos ou descobertos.

Esta obra é um vasto repositorio de interessantes noticias sobre a historia, prehistoria, ethnographia, anthropologia, mythologia, linguagem e estatistica das raças aborigenes, o *Red Man* da America do Norte. Cada volume traz appendices e notas, alguns dos quaes consignando proposições a resolver e questionarios sobre o assumpto. Além dos indices por ma-

terias que se encontram no principio de cada volume, vem no ultimo um indice analytico em ordem alphabetica.

A obra de Schoolcraft foi publicada a expensas da nação e por uma lei do Congresso Nacional, em uma edição de luxo, ornada de numerosas estampas, que podem ser, de uma maneira geral, classificadas assim:

Gravuras a buril, constando: do retrato do autor, a meio corpo, sentado, a tres quartos para a esquerda, gravado por anonymo da officina de Illman & Sons, no VI vol.

De duas vinhetas na fl. de rosto de cada vol.

De muitas estampas grandes fóra do texto, gravadas por diversos artistas, uns anonymos, outros, não.

Estampas lithographadas: monochromaticas, chromolithographicas e coloridas á aguarella, fóra do texto.

Xylographias por anonymos intercaladas no texto.

O Snr. Dr. Salvador de Mendonça, a cuja obsequiosidade deve a Bibliotheca Nacional a posse d'esse bello exemplar da importante obra de Schoolcraft, diz o seguinte no Catalogo manuscripto de sua preciosa collecção:

« Os seis volumes que remetto d'esta importante obra sem igual, constituem um dos exemplares da chamada *Edição do Governo*, de que apenas se tiraram poucos exemplares, antes da edição que para distribuição e venda publica fizeram os editores. O exemplar pertenceu ao snr. Henry C. Murphy, que o teve como membro do Congresso, presidente de uma commissão do Senado.

« A respeito d'esta obra escreve um bibliographo: « Esta importante obra é um completo *Thesaurus*, um erario abundante de saber, ácerca dos aborigenes da America. Abrange a sua historia, ethnographia, antiquidades e linguas; a sua geographia antiga e moderna; os seus modos e costumes; religiões e superstições; a sua agricultura, commercio e trafico; as suas artes de ornato, e as suas peculiaridades physicas e intellectuaes. Todos estes assumptos são tratados, não de modo geral e summario, mas com minuciosidade, sendo cada topico paciente e completamente discutido e esgotado, e tendo a obra, posto que executada principalmente pela mão do autor, recebido os contingentes de muitos eruditos, perfeitamente familiares com certos assumptos especiaes, contidos em suas paginas. O resultado foi uma obra tal como não poderia ter sido feita de outro modo qualquer. É o mais completo e perfeito repositorio de trabalhos relativos aos indios, e comprehende tambem a unica historia geral da raça aborigene, que jamais foi publicada. É uma bibliotheca de historia e ethnographia

indigena, e abrange a substancia de tudo quanto é conhecido em relação ás tribus como tribus e á raça como raça. »

Na *Notice sur les imprimeries qui existent ou ont existé hors de l'Europe* deparamos com as seguintes informações:

« Philadelphie, capitale de la Pensylvanie, fut fondée en 1638, et avant l'expiration de quatre années, William Brodford vint y établir une imprimerie, où il publia d'abord un almanach pour l'an 1687; il parait cependant que son établissement n'était pas d'abord dans l'intérieur de la ville, car la souscription porte: *Printed and sold by William Bradford, near Philadelphia in Pensylvania.* Mais il vint s'y établir bientôt après, car Thomas cite une brochure sur les églises de la Nouvelle-Angleterre, imprimée par lui em 1689, á Philadelphie. En 1692, Bradford, mis en jugement pour avoir imprimé un ouvrage contre les Quakers, fut, par leurs persécutions, obligé de quitter la ville et de se retirer à New-York l'année suivante. Il eut pour successeur un certain Reinier Jansen, qui parait n'avoir été que son prête-nom. André Bradford, fils de William, vint en 1712 s'établir á Philadelphie et commença en 1719 la publication du premier journal qui ait paru en Pensylvanie. Depuis cette époque, l'art typographique y a été pratiqué avec autant de perfection qu'en Europe... »

O bello exemplar, cujo 1.° vol. expomos, foi offerecido á Bibliotheca pelo Snr. Dr. Salvador de Mendonça.

NOVA YORK: NEW-YORK.

N.° 167. — Picturesque America; or the land we live in. A delineation by pen and pencil of the mountains, rivers, lakes, forests, waterfalls, shores, cañons, valleys, cities, and other picturesque features of our country. With illustrations on steel and wood, by eminent american Artists. Edited by William Cullen Bryant.

New-York, D. Appleton and Company, 2 vols. in-4.°

Precedem ás folhas de rosto dois titulos, nos dois volumes, gravados a buril.

A parte litteraria ou o texto (letter-press) foi feita sob a

direcção do grande poeta americano W. Cullen Bryant, com a collaboração de diversos escriptores, sobtretudo dos que observaram pessoalmente a natureza americana.

Ao Snr. Oliver B. Burce, diz Bryant, deve-se a selecção dos assumptos, a escolha de artistas e a distribuição geral da obra.

O vol. I compõe-se de um prefacio de Bryant, um indice das materias com os nomes dos collaboradores e outro indice das gravuras sobre aço, em VIII pp. num. Em seguida, vem o texto de 568 pp. num.

O vol. II contém VI pp. preliminares de indice das materias, de autores e gravadores e 576 pp. num. de texto.

As gravuras, no dizer do proprio Bryant, são delineadas com a fidelidade, espirito e animação artistica que nenhuma photographia reproduz.

O titulo do 1.° vol. representa uma vista da cascata da Virginia, com o dizer : « Picturesque America. New York. D. Appleton & Co Publishers. » É gravado a buril por R. Hinshelwood, segundo Harry Fenn.

O titulo do 2.° vol., com o mesmo dizer, representa o Zimborio do Capitolio, e é gravado por E. O. Brandard, segundo Harry Fenn.

Todas as outras estampas são abertas a buril ou xylographadas, umas occupando paginas inteiras, outras intercaladas no texto, pelos artistas Harley, J. Filmer, W. J. Linton, Henrique Linton, F. W. Quartley Meeder, Chubb, Bogert, J. Karst, Alf. Harral, Richardson, R. S. Bross, A. Bobbet, H. W. Morse, e outros, segundo Harry Fenn, R. Swain Gifford, J. D. Smillie, &.

« New-York. Cette ville, são palavras de Ternaux Compans, fondée par les Hollandais, fut cédée par eux à l'Angleterre en 1664. Il ne parait pas qu'avant cette époque l'art typographique y ait été introduit. En 1693, William Bradford, expulsé de Philadelphie, transféra son établissement à New-York et débuta par un volume petit in-fol. contenant les lois de la colonie. Les premiers successeurs furent J. P. Zenger et J. Parker. »

O exemplar, que a Bibliotheca expõe, basta para testemunhar a perfeição a que chegou a grande arte na grande cidade norte-americana.

Por causa tão lamentavel quanto inexplicavel, só agora recebeu a Bibliotheca Nacional o soberbo exemplar, que ao diante succintamente descrevemos, impresso na importante cidade de Nova-York. Si mais cedo o houveramos recebido, certamente figuraria elle neste utilissimo concurso de verdadeiras preciosidades bibliographicas.

Não obstante a impossibilidade em que estamos de o expôr, por carencia de espaço, tal é o seu valor, sob qualquer aspecto por que se o considere, que não hesitámos um instante em mandar suspender a impressão d'esta folha só com o fim de ser nella inserta esta breve noticia a seu respeito. Mais ainda do que o seu merecimento, ditou-nos a resolução o vivo sentimento de gratidão que nos anima e ora nos prende aos que, com perfeita cortezia, nos offertaram este esplendido producto das artes graphicas na cidade de Nova-York, um dos mais activos e opulentos emporios da civilisação de nossos dias.

Eis a descripção:

State of New York. The public service of the State of New York during the administration of Alonzo B. Cornell, Governor. Historical, Descriptive and Biographical Sketches by various authors. Illustrated with Views and Portraits. In three volumes. Hon. Paul A. Chadbourne, D. D., LL. D. Editor-in-Chief. Walter Burritt Moore, A. M. Associate Editor.

Boston: James R. Osgood and Company. MDCCC LXXXII. 3 vols. in-4.° gr.

No verso da fl. de rosto de cada volume acham-se as seguintes declarações:

Entered, according the Act of Congress, in the year one thousand eight hundred and eighty-two, by James R. Osgood and Company, in the office of the Librarian of Congress, at Washington.

Weed, Parsons and Company, printers and electrotypers, Albany, New-York.

Magnifico exemplar impresso em bellos caracteres, com algumas lettras capitaes ornamentadas.

A execução typographica é nitida e primorosa, a tinta perfeitamente igual por toda parte, e o papel de excellente qualidade. Adornam a obra numerosissimas estampas fóra do texto, tiradas em papel mais encorpado, representando vistas de edificios, monumentos e paizagens, assim como retratos dos cidadãos mais notaveis do grande Estado.

Todos os trabalhos de arte são feitos pelo processo de heliotypia, uns segundo o natural, outros segundo gravuras, e alguns, ao que parece, segundo pinturas.

Quanto ao assumpto da obra, para avaliar de sua importancia, basta lêr os seguintes trechos do prefacio de P. A. Chadbourne, que dão um perfeito resumo do que nella se contém:

« The first volume begins with a condensed history of the State, and includes those subjects that pertain to the Executive Departments of the public service.

« The second volume treats mainly of the growth and modification of the Legislative Department of the Government, and contains sketches and portraits of members of Assembly and Senate during the present administration.

« The third volume is devoted to the Judiciary of the State, to the interest of Education, and to the relation of the State to the Federal Government.

. . . .

« The mechanical execution of the work, in the beauty and finish, of its heliotypes and in its letter-press, needs no commendation. »

Os tres volumes estão caprichosamente encadernados em *chagrin* preto, com ferros especiaes. Sobre a guarda estão impressas a ouro as armas do Estado de Nova York, com o dizer: « The Public Service of the State of the New York 1880–81–82 ».

Sob a mesma guarda, elegantemente circumdada de filetes dourados, acha-se a seguinte dedicatoria, impressa a ouro sobre o *chagrin*, collado em uma almofada de setim rôxo: « Presented to Empire of Brazil for the Imperial Library at Rio de Janeiro by the Trustees of the State Library of the State of New York, U. S. A. 1883. »

LORETO.

(Lauretum).

N.° 168. — Manuale ad usum Patrum societatis Jesu qui in reductionibus paraquariæ versantur ex rituali romano ac toletano, anno domini MDCCXXI. Superiorum permissu.

Laureti, Typis PP. Societatis Jesu, in-8.°

Titulo tirado do *Manuel du Libraire* de Brunet, onde occorre a seguinte nota:

« Ce Manuel, en latin et en langue guarani serait, selon une note du dernier Catal. Renouard, n.° 54, le premier livre sorti des presses de la mission des Jésuites au Paraguay. Il se compose d'un titre, de 266 pp. et de 40 ff. non chiffrés. Cette dernière partie, entièrement en guarani, est impr. avec d'autres caractères que le corps du volume. »

A parte, toda escripta em guarani, não começa, como diz Brunet, na 1.ª fl. inn., sinão no v. da 8.ª, que devêra ser a pag. 282, sendo, porém, os titulos, ainda mesmo nesta parte, escriptos em latim.

O *Manual* é tambem mencionado por Graesse e descripto pelo Sñr. Valle Cabral na sua *Bibliographia da lingua tupi ou guarani*, sob o n.° 52, por onde se vê que Pedro de Angelis possuia um exemplar d'este livro, tendo-o descripto em seu catalogo pelo modo que segue: « Manuale ad usum Patrum Societatis Jesu Paraguariæ. En español y guarani. *Loreto, 1724, in-8.°* »

Este rarissimo Catecismo, como parece aos bibliographos, é o primeiro livro impresso nas Missões do Paraguay no XVIII seculo. Assim, posto que incompleto, é digno de muito apreço o exemplar que a Bibliotheca expõe.

Foi-lhe offerecido pelo Sñr. D. Sebastião Larangeira, bispo do Rio Grande do Sul.

ÇORDOVA DE TUCUMAN:

ÇORDOBA DEL TUCUMAN.

(Córduba Tucumanorum).

N.° 169. — Clarissimi Viri D. D. Ignatii Duartii et Quirosii Collegii Monsserratensis Cordubæ in America conditoris Laudationes quinque, quas eidem Collegio Regio Barnabas Echaniquius O. D.

Cordubæ Tucumanorum. MDCCLXVI. Typis Collegii R. Monsserratensis. In-4.°

No v. da fl. de rosto a licença para a impressão.

Na 2.ª fl. a dedicatoria de *Barnabas Echaniquius*.

As 4 ff. seguintes tambem inn., são occupadas pelo prologo.

O texto tem 87 pp.

Opusculo raro e de alto valor bibliographico, porque, segundo affirma Pedro de Angelis, é a primeira producção da imprensa de Cordova.

Pertenceu á Collecção Angelis.

BUENOS-AIRES.

N.º 170. — Representacion del Cabildo, y vecinos de la Civdad de S. Felipe de Montevideo, qve mandò el Ex.mo S.or Virrey se imprimiese, para que fuese aùn mas publica su lealtad constante, y fiel ofrecimiento. Con licencia. *En Buenos Ayres: En la Real Imprenta de los Niños expositos.* Año de 1781. — in-4.º

O exemplar tem 6 pp. inn. não comprehendendo a fl. de rosto; é impresso em caracteres maiusculos, que variam para corpo menor na ultima pagina. As assignaturas que vem no fim do opusculo são impressas em italico. A lettra inicial é ornamentada.

Segundo se vê do Catalogo de Pedro de Angelis, foi esta a primeira producção da imprensa em Buenos Aires; hoje, livro raro e por todos os titulos precioso. Entretanto, T. Compans acredita que a primeira producção d'esta cidade é a *Carta Pastoral* de Fr. Joseph de S. Alberto, impressa no mesmo anno, da qual possue a Bibliotheca Nacional um exemplar, que figura na Exposição sob o n.º 171.

Convem advertir que T. Compans dá erradamente a esta Carta a data de 1791.

A *Representação,* que constitue a materia do livro, é datada de Montevidéo, 14 de Maio de 1781.

Da *Real Imprenta de los niños expositos* a Bibliotheca Nacional possue producções importantes e valiosas.

Neste mesmo volume, o opusculo n.º 2 da Miscellanea, foi alli impresso em 1799, sob o seguinte titulo: *Constituciones de la Real Congregacion del alumbrado y vela continua al Santisimo Sacramento reservado en los Santos Sagrarios...*

É sempre com profundo respeito e inexcedivel carinho que os bibliophilos guardam estas raras e curiosas reliquias do primeiro estabelecimento da grande arte em todos os paizes do mundo. O exemplar exposto sob o n.º 170 é uma

d'essas venerandas reliquias, seguramente digna de figurar neste certame de preciosidades bibliographicas.

Pertenceu á Collecção de Pedro de Angelis.

N.° 171. — Carta Pastoral, qve dirige a los parrocos, sacerdotes, y demas fieles de sv diocesi el Illustrisimo y Reverendisimo Señor D. Fr. Josef Antonio de S. Alberto, del consejo de S. M. y Obispo de Cordoba del Tucuman.

Buenos-Ayres. MDCCLXXXI. En la Real Imprenta de los Niños Expositos. In-4.° de 1 fl. inn. — 64 pp.

No mesmo volume, formando miscellanea, encontram-se estas obras do mesmo autor:

— « Carta Pastoral Segvnda. »
— « Carta Circular ò edicto. »
— « Carta Pastoral... con ocasion de haber fundado en la Capital de Còrdova dos Casas para Niños huèrfanos y huèrfanas. »
— « Sermon de gracias predicado... con la noticia del nacimento de los infantes D. Carlos y D. Phelipe de Borbon. »
— « Carta segunda pastoral... a los curas, tenientes y sacerdotes de su Diocesi. »

Estas cartas foram publicadas entre 1781 e 1786.

Esta ultima carta é assignada por D. Fr. J. A. de S. Alberto como *Arzobispo de La Plata.*

O exemplar da primeira, que expomos sob o n.° 171, e que T. Compans acredita ser a primeira producção da imprensa de Buenos-Aires, é do mesmo anno da *Representacion del Cabildo*, isto é, do anno em que appareceu o primeiro trabalho typographico de Buenos Aires; é, portanto, si não o primeiro, documento preciosissimo para o estudo da historia da typographica na Confederação Argentina.

Pertenceu á Collecção D. Pedro de Angelis.

N.° 172. — Tratado preliminar sobre los limites de los Paises pertencientes en America Meridional a las coronas de España y Portugal, ajustado y concluido entre El Rey N. S. y la Reyna Fidelisima, y ratificado por S. M. en San Lorenzo el Real á 11 de Octubre de 1777. En el qual se dispone y estipula por donde ha de correr la linea divisoria de unos y otros dominios, que dispues se deberá fixar y prescribir determinadamente en un Tratado Definitivo de Limites.

En Madrid en la Imprenta Real de la Gazeta año de MDCCLXXVII. Reimpreso en Buenos-Ayres en la Real Imprenta de Niños Expósitos, año de M.DCCXCVI. In-4.° de 30 pp.

A ultima fl., com as pp. 29 e 30, traz como appendice:
« Articulo IX del Tratado de Limites de 1750, que se cita en el Articulo XII del Tratado Preliminar de 1777, y deberán tener presente los Comisarios nombrados para la execucion de este ultimo Tratado. »

Firmam este Tratado, como plenipotenciarios, o Conde de Floridablanca e D. Francisco Innocencio de Souza Coutinho.

É conhecido pelo nome de Tratado de Santo Ildefonso, que fixou as fronteiras de ambas as Colonias pelo sul e pelo norte.

A ratificação da clausula que estipulava a restituição a Portugal da Ilha de Santa Catharina, tomada no anno anterior por D. Pedro Ceballos Cortez y Calderon, foi firmada no Tratado do Pardo, assignado em 11 de Março de 1778.

O exemplar exposto, sobre ser um documento valioso para a historia sul-americana, recommenda-se muito especialmente ao interesse dos bibliographos, porque é um dos mais antigos representantes da imprensa de Buenos-Ayres.

Pertenceu á Coll. Pedro de Angelis.

N.° 173. — Telegrafo Mercantil, Rural, Politico-Economico e Historiografo del Rio de la Plata. Por el Coronel D. Francisco Antonio Cabello y Mesa Abogado de los Reales Consejos, y primer Escritor periodico de estas Provincias, y Reyno del Perú &... Con privilegio exclusivo.

En la Real Imprenta de Niños Expósitos de Buenos-Ayres. 5 tom. em 2 vol. in-4.°

Precedem á Collecção: « Analisis del papel periodico intitulado Telegrafo Mercantil... 1800 »; uma poesia do editor com esta epigraphe extr. do Ecclesiast. cap. 10, v. 2.

« Qualis Rector es Civitatis,
tales et inhabitantes in ea... »

Em seguida: « Censura del Sr. D. D. Benito de la Mata-Linares »; « Licencia del Superior Gobierno »; « Analisis » assignada por Cabello y Mesa; « El editor a los Señores subscriptores »; « Lista de los señores subscriptores. »

O primeiro tomo contém 35 numeros, de Abril a Julho de 1801; o segundo, com 37 numeros, vae de Agosto a Dezembro do mesmo anno. O segundo volume com os tomos 3.°, 4.° e 5.° começa a 3 de Janeiro e termima a 17 de Outubro de 1802.

No frontispicio do periodico vem, abaixo do titulo, a inscripção:

« Admiranda tibi levium spectacula rerum,
In tenui labor: at tenuis non gloria; si quem
Numina lœva sinunt, auditque vocatus Apolo. »

A assignatura do periodico era de 2 ps. mensaes em Buenos-Aires e arredores.

O *Telegrafo Mercantil* &c. foi a primeira publicação periodica de Buenos-Aires, e mesmo do Rio da Prata, como se deprehende do Catalogo de P. de Angelis e do prospecto *(Analisis)* da propria publicação.

Seu redactor foi D. Francisco Antonio Cabello y Mesa, hespanhol natural da Extremadura e militar ao serviço da metropole na Colonia sul-americana.

D. Francisco Cabello, homem emprehendedor, pode-se considerar como o fundador da imprensa periodica na America-hespanhola meridional. Foi elle quem fundou os primeiros periodicos do Perú, em Lima, o *Diario Curioso*, o *Mercurio*

Peruano, o *Semanario Critico*, etc. Em residencia em Buenos Ayres fundou o primeiro periodico o *Telegrafo Mercantil* que aqui expomos. D. Francisco Cabello, conjuntamente com a publicação, realisou a idéa de uma « Sociedad Patriotica y Economica » moldada sobre as de Vera, Benevente e Medina da Hespanha.

Por esse tempo era viso-rei do Perú o marquez de Avilès.

O *Telegrapho Mercantil* é hoje collecção rara e estimada.

Pertenceu á Bibl. de Pedro de Angelis.

N.° 174. — Gaceta del Gobierno de Buenos-Aires. *Buenos-Aires, Imprenta de los Expósitos, 1809-10*, in-4.°

Os numeros da Gazeta, de impressão mais antiga que a da folha de rosto, variam no titulo e nas indicações de lugar e typographia. O titulo é simplesmente este : *Gazeta del Gobierno.*

As indicações são : *Buenos-Ayres : En la Imprenta de Niños Expósitos* ou *En la Imprenta de los Niños Expósitos.*

O volume comprehende 50 numeros, publicados com a data de 14 de Outubro de 1809 até 9 de Janeiro de 1810, data do ultimo numero.

Em ordem chronologica, é o quarto periodico que se publicou em Buenos-Aires.

Era sobretudo noticioso, apresentando em todos os seus numeros o resumo dos successos europeus ou americanos. O n.° XXXVIII, por exemplo, é um extracto das Gazetas do Rio de Janeiro.

Esse periodico era a reproducção da — *Gazeta del Gobierno* — de Hespanha, da qual sempre trazia a data. De lavra propria, apenas publicava o movimento maritimo de Buenos-Aires e Montevidéo.

Por esse tempo, o rei de Hespanha D. Fernando, coagido e ainda resistindo ás forças de Bonaparte, refugiara-se em Sevilha, que assim provisoriamente se tornára a capital do reino.

O systema que adoptou a gazeta bonairense de conservar ou transcrever em seus numeros a mesma data dos jornaes europeus, de que se servia, deixa o espirito em perfeita confusão e apenas apto para levantar uma ou outra conjectura. Assim o n.° I traz a data de 14 de Outubro de 1809, evidentemente data da Gazeta official hespanhola, por isso que as

noticias locaes que se encontram no mesmo numero (movimento do porto) chegam até á data de 29 de Dezembro.

O mesmo systema produz outros inconvenientes de maior monta. Havendo necessidade de publicar as noticias mais recentes em primeiro lugar, observa-se que, considerando os numeros da publicação na ordem crescente e natural, como os n.os 41, 42, 43 etc., nota-se entretanto uma ordem inversa nas datas, como 20 de Janeiro, 18 de Janeiro, 16 de Janeiro, etc.

Tomando-se como base o numero medio de dias (70 a 80) em que um navio á vela poderia vir da Hespanha ao Rio da Prata, pode restabelecer-se, embora com approximações variaveis, as datas da publicação de cada numero. O que desde logo offerece uma conclusão positiva: é que a — Gazeta — não podia ter apparecido antes dos ultimos dias, 30 e 31, de Dezembro de 1809.

O exemplar pertenceu a D. Pedro de Angelis.

N.° 175. — Mensages del Gobierno de Buenos -Ayres.

Buenos-Ayres, Imprenta del Estado e de la Independencia, 1839–1850. 4 vols. in-4.°

D'estas *Mensagens* a Bibliotheca Nacional possue as edições inglezas e francezas, que se fizeram de 1844 a 1850.

Rarissimos são os exemplares da edição da 28.ª legislatura, como se vê da seguinte nota mss. que nos deixou D. Pedro de Angelis:

« Hasta aqui habia llegado la impression de este *Mensage*, el dia 3 de Febrero de 1851, cuando se diò la batalla de Caseros. Toda la edicion se mandò al Parque de Artilleria, *para hacer cartuchos*, y este es uno de los pocos ejemplares, que conservé para mi uso. »

Esta circumstancia dá inestimavel valor ao exemplar, que ora nos pertence e expomos sob o n.° 175.

N.° 176. — Trofeos de la Reconquista de la Ciudad de Buenos Aires en el año 1806. Publicacion Oficial.

Buenos Aires, Litografia, Imprenta y Encuadernacion de Guillermo Kraft, 1882, in-4.° de 78 pp.

Na parte superior da folha de rosto, separada do titulo por um filete, esta declaração: « Municipalidad de la capital — Republica Argentina. »

Todas as paginas são orladas de filetes azues e o volume traz um retrato de Santiago Liniens e 6 estampas chromo-lithographicas.

Antes do titulo e do retrato a seguinte dedicatoria do exemplar á Bibliotheca Nacional, por lettra do proprio punho do Sr. Alvear: « Torcuato de Alvear Intendente Municipal de la Capital de la Republica Argentina A la Biblioteca Nacional de Rio de Janeiro. »

Foram collaboradores nesta interessante e importante publicação os Snrs. Drs. D. Vicente F. Lopez, Bartholomé Mitre, Andrés Lamas, Manuel R. Trelles e Angel J. Carranza.

No fim do volume occorrem as assignaturas de *Torcuato de Alvear* e *Mariano Obarrio secretario.*

O exemplar figura na Exposição como excellente specimen do estado da arte typographica em Buenos Aires na epoca actual. Com effeito, o papel empregado nesta edição é de muito bôa qualidade; o typo é formoso e bem fundido; a impressão é cuidada, e mesmo nitida.

MONTEVIDÉO.

N.° 177. — Oracion Inaugural que en la apertura de la Biblioteca Pública de Montevideo, celebrada en sus fiestas mayas de 1816, dixo D. A. L. Director de éste establecimiento. *Montevidéo: en el mismo año* (1816), in-8.°

Specimen das primeiras impressões de Montevideo.

O exemplar tem 16 pp. num. No v. da fl. do rosto, vem a inscripcão: « Mensis iste vobis principium mensium, primus erit in mensibus anni ». Exod. 12, 2. A oração ou discurso termina por um hymno.

As *festas mayas* do Uruguay, parodia ás festas romanas assim qualificadas, faziam-se para celebrar as datas: 25 de

Maio de 1810 — dia em que as Republicas do Prata proclamaram os direitos de independencia, e 18 de Maio de 1811, que marca a victoria de *las Piedras*.

Naquelle mesmo anno da abertura da Bibliotheca (1816) começava a guerra que havia de, como consequencia, annexar a republica oriental ao Brazil, sob o nome de Provincia Cisplatina.

Na opinião de Ternaux-Compans a arte de imprimir foi introduzida em Montevideo no anno de 1807, por um americano chamado William Scolloy. T. Compans não nos diz, porém, em que bases assentou este seu asserto. O que nos parece provavel é que a imprensa ali começasse, ou naquelle mesmo anno de 1807, ou talvez antes, importada por artistas procedentes de Buenos-Aires.

Em todo caso, com a exhibição do exemplar n.° 177 a Bibliotheca colloca ante os olhos dos interessados um specimen dos mais antigos documentos d'aquella cidade.

Pertenceu á collecção Pedro de Angelis.

N.° 178. — Refutacion de la calumnia intentada contra Don Carlos Alvear inserta en la Extraordinaria de Buenos Ayres del 28 de Diciembre de 1818.

Imprenta Federal por William P. Griswold y John Sharp (Montevidéo), in-8.° de 10 pp.

O autor, Don Carlos Alvear, defende-se da accusação de *traidor* que appareceu em um numero extraordinario da *Gazeta ministerial* de Buenos-Aires, de 28 de Dezembro de 1818.

A gazeta alludida accusa a Alvear, Carrera e Artigas de alliados aos portuguezes com a intenção de burlar o governo bonairense. Deu caso a esses successos a recommendação que fez o ministro de Madrid ao Vice-Rei do Perú de enfraquecer o dominio dos rebeldes, protegendo a facção dissidente de Carrera contra a administração de Buenos-Aires.

O opusculo termina com dois documentos e uma nota do editor, relativos á questão.

Pertenceu a D. Pedro de Angelis.

N.° 179. — El Febo Argentino.
Montevideo. Impr. de Torres. 1823, in-4.°

O exemplar contém os 3 primeiros numeros da publicação: o 1.° de 13 Junio, de 10 pp.; — o 2.° de 26 de Julio, pp. 11-30; — o 3.° de 21 Octubre, pp. 31-42. O primeiro numero foi impresso na — *Imprenta de Torres;* os dois ultimos na — *Imprenta de los Ayllones y Compañia.*

A folha tem caracter politico e acoima de atheista e maçonico o governo de Rivadavia e Manuel Garcia. No ultimo numero faz referencias ao Governo brazileiro em relação á politica sul-americana.

Não sabemos de quantos numeros consta a collecção d'este jornal, a qual não póde ser hoje muito vulgar.

Pertenceu a D. Pedro de Angelis.

N.° 180. — Constitucion de la República Oriental del Uruguay, sancionada por la Asamblea general constituyente y legislativa el 10 de Septiembre de 1829.
Montevideo, Imprenta Republicana, 1829, in-4.°

O exemplar consta de 38 pp. num. — A constituição foi dada na Camara Constituinte a 10 de Setembro de 1829, dois annos depois que havia sido proclamada a independencia do Uruguay, e reconhecida pelo tratado preliminar de paz com a Republica Argentina e o Imperio do Brazil, celebrado em 27 de Agosto de 1828. Presidiu á assembléa constituinte Silvestre Blanco, deputado por Montevidéo. Assignam como secretarios Miguel A. Berro e Manuel J. Errazquin.

O exemplar pertenceu a D. Pedro de Angelis.

N.° 181. — Memoria elevada al Exmo Gobierno de la Republica Oriental del Uruguay sobre el establecimiento de un nuevo muelle y la consiguiente formacion de un puerto abrigado, en la bahia de Montevideo. Por el ingeniero Carlos Enrique Pellegrini.

Montevidéo, Imprenta de la Independencia, 1833, in-4.° de 25 pp. num.

Traz no fim a assignatura do autor e a data de 15 de Março de 1833.

Esta memoria é uma resposta a um Officio do Governo Oriental, de 11 de Fevereiro de 1833, consultando o autor sobre um projecto de porto ou construcção de um dique em Montevidéo. Infere-se, pela leitura, que o Engenheiro Pellegrini achava-se, naquella cidade, de passagem.

A Memoria contém: « Exposicion del proyecto de un nuevo muelle »; « Introduccion »; « descripcion de lás localidades y detalles estadisticos »; « determinacion del sitio del muelle »; « tiempo que se gastaria con buques de vapor para ir de Montevideo à los diferentes puntos »; « sistema de construccion adoptado»; « descripcion de la obra y sumario de su presupuesto »; « medios de realisar la empresa. »

O exemplar pertenceu a D. Pedro de Angelis.

N.° 182. — Apertura de la Casa de Moneda Nacional de la Republica Oriental del Uruguay; Creada y establecida en Monte Video, durante el asedio de esta capital por el ejercito de Rosas.

Montevideo, Imprenta del Nacional, 1844, in-4.° de 17 pp. num.

O exemplar contém o discurso do Chefe de Policia e Encarregado da Casa de Moeda, o Sñr. Andres Lamas, e diversos documentos relativos á inauguração do estabelecimento.

O trabalho typographico é bastante regular; as folhas são tarjadas; a folha de rosto é impressa em côr verde; a lettra capital é ornamentada.

Pertenceu a D. Pedro de Angelis.

N.° 183. — Codigo de la Universidad Mayor de la Republica Oriental del Uruguay mandado publicar por el Exm.° Gobierno.

Montevideo, Imprenta Uruguayana, 1849, in-8.º

O exemplar consta de 97 pp. num. e 1 fl. de errata. É uma collecção de leis relativas ao ensino em geral e á Universidade da republica, desde 1833 a 1849, mandada publicar pelo Governo.

Apresentamos o exemplar como specimen da arte typographica no Uruguay, no anno de 1849.

Pertenceu a D. Pedro de Angelis.

N.º 184. — Estudios literarios por Francisco Bauzá.

Montevideo Establecimento tipográfico-editorial de la Libreria Nacional de A. Barreiro y Ramos, 1885.

In-8.º, de 291 pp. num., 1 inn. de *Indice*. Faz parte da bella collecção intitulada *Biblioteca de autores uruguayos*, editada pelos mesmos impressores. Esta curiosa e importante collecção, que faz honra á imprensa montevideana, já conta 16 obras em 19 vols., escriptas pelos Sñrs. Carlos Maria Ramirez, Sansón Carrasco, Palmas y Ombúes, Juan Zorrilla de San Martin, Justino J. de Aréchaga, F. A. Berra, A. de Vedia, C. M. de Pena, Adolpho Berro, Luis Melián Lafinur, Magariños Cervantes, Garcia de Juan e, finalmente, o Sñr. Francisco Bauzá, que nella toma parte não só com a presente obra como com a *Historia de la dominacion española en el Uruguay*, em 3 tomos.

A obra que a Bibliotheca Nacional expõe como um termo de comparação entre as impressões antigas e as de recente data da capital da Republica visinha, prima pela sua nitidez e correcção. É impressa em bellos caract. redondos, com o monogramma dos nomes dos impressores na fl. de rosto, lettras capitaes ornadas, cabeções de pagina e *culs de lampe*, á guisa das impressões antigas, que a arte moderna tem nestes ultimos tempos imitado em toda a parte do mundo.

Os *Estudios literarios* do distincto escriptor uruguayo comprehendem esboços biographicos, juizos criticos e quadros de costumes nacionaes. Nos primeiros trata de: *Francisco Acuña de Figueiroa*, notavel poeta do Estado visinho e que tão mal conhecemos, não tanto porque a maior e melhor

parte de suas composições jazem ineditas, como pela nossa nativa indifferença. Trata, em outro capitulo, de *Diógenes y sus ideas*; no terceiro, de *Los Poetas de la Revolucion*; depois analysa o livro de Draper *La Relijion y la Ciencia*; em seguida occupa-se com *César Diaz*, o illustre general, a quem Sarmiento chamára injustamente *porteño renegado*, que no entanto soube manejar tão bem a espada como manejou a penna, defendendo-se das injustiças contemporaneas nas suas *Memorias*, infelizmente truncadas pela sua tragica morte. Por fim, nesta serie dos seus bosquejos biographicos, falla-nos o Sñr. Bauzá de Juan Carlos Gomez, a quem appellida « talento elegante y paradójico, naturalmente inclinado á la anarquia », politico entretanto activo e irriquieto, polemista apaixonado e poeta muitas vezes feliz pela melodia da estrophe, sinão pela originalidade das idéas.

O livro do Sñr. Bauzá é pois não só um recommendavel specimen typographico, como obra valiosa e de attrahente lição: dupla face que lhe assigna um lugar de honra neste certamen da imprensa universal.

O exemplar exposto foi comprado pelo Dr. João de Saldanha, bibliothecario.

SANTIAGO DE CHILE.

N.° 185. — Demostracion Teologica de la Plena y Omnimoda autoridad que por Derecho divino y sin dependencia alguna del Papa tienen los Obispos dentro de sus respectivas Diocesis. Muy util, e importante en las circunstancias de hall'arse impedido el recurso à la Santa Sede.

Santiago de Chile: En la Imprenta del Superior Gobierno, por D. J. C. Gallardo, 1813. In-4.°

Pelo tempo da publicação estava vacante a cadeira episcopal de Santiago, sendo vigario geral da Diocese Dom José Santiago Rodriguez Zorrilla, ao depois bispo de Santiago. Comquanto nosso exemplar não traga a assignatura de quem querque seja, diversas conjecturas bem fundadas nos fazem crer que o seu autor foi o P.e Rodriguez Zorrilla. Com effeito, a

publicação tem um certo cunho official, e trata de um assumpto tão transcendente, como seja a jurisdicção em ultima instancia dos bispos sobre os negocios diocesanos, que denota ser o seu autor, não só pessoa de alta posição na hierarchia ecclesiastica como entendido em materia theologica; ora D. Rodriguez Zorrilla, era, conjuntamente, o governador interino do Bispado e Lente de Theologia na Universidade de San-Felipe.

Outro facto que vem dar maior força a essa conjectura, é que D. Rodriguez Zorrilla, em politica, defendia o dominio hespanhol e condemnava as tentativas de independencia do Chile, pelo que teve de soffrer exilios, privações e outras consequencias que a sua opinião acarretava; ora, no exemplar em questão, desde as primeiras palavras, o autor extranha que os americanos pensem sómente em liberdade, quando vêem o seu rei (Fernando VII) e o papa desthronisados pelas forças de Bonaparte.

O exemplar é um antigo impresso do Chile e é exposto como amostra dos primeiros tentamens da arte typographica naquelle paiz.

A imprensa foi fundada no Chile pelos esforços de Carrera que mandara vir dos Estados-Unidos alguns typographos e o material necessario a uma typographia. Dirigia as publicações o padre Camillo Henriquez, sectario dos principios da revolução franceza. Segundo Gaspar Toro, e alguns biographos como Luiz Montt e Suarez, o P.e Henriquez deu á luz os primeiros periodicos chilenos, entre elles, a *Aurora*, periodico que teve uma acceitação enthusiastica e foi creado para o fim da propaganda revolucionaria. Eram collaboradores conjuntamente com o P.e Henriquez, Don A. J. Irizarri, guatemalense; Bernardo Vera, argentino; Juan Engaña, peruano; e Manuel Salas. O P.e Camillo Henriquez foi contractado para redigir posteriormente a *Gaceta de Buenos-Ayres*, commissão de que se dispensou mais tarde por força de suas idéas e sentimentos. É de 1812 que data a primeira publicação periodica do Chile.

N.º 186. — Proyecto de Constitucion Provisoria para el Estado de Chile.
Santiago de Chile, Imprenta del Gobierno, 1818. In-4.º

O exemplar consta de 4 fls. inn. de introducção e 48 pp. de texto e advertencia final.

Este projecto não foi sanccionado. Depois da revolução de 1810, occasionada prematuramente pelo effeito da anarchia então de posse da Hespanha, alguns politicos interessados no movimento revolucionario, crearam um projecto de constituição, sob o titulo: *Reglamento Constitucional provisorio del pueblo de Chile*, publicado em 1811. Esse projecto pretendia conciliar a liberdade com a submissão á autoridade real da Hespanha. O projecto de 1813, mais liberal, não foi tambem sanccionado. O desastre de Rancagua (1.° de Outubro de 1814) tinha feito retroceder o Chile ao periodo colonial, de que se libertou definitivamente com a victoria de Chacabuco, em 12 de Fevereiro de 1817.

Foi em seguida a esses acontecimentos que se promulgou pela terceira vez um projecto de constituição (1818), que é o presente, mas que ainda d'esta vez não foi sanccionado, assim como outros que se lhe seguiram. A primeira Constituição Politica do Chile data verdadeiramente de 23 de Outubro de 1822.

O *Projecto de Constituição Provisoria* de 8 de Agosto de 1818 foi elaborado por uma commissão nomeada pelo Director do Chile Bernardo O'Higgins, em vista da impossibilidade de reunir-se o Congresso Nacional para legislar sobre o caso. A commissão compunha-se dos Srs. José Ignacio Cienfuegos, Francisco Antonio Perez, Lorenzo José de Villalon, José Maria de Rozas e José Maria de Villarreal.

Governava o Chile como Director Supremo B. O'Higgins, tendo como secretario Antonio José de Irisarri.

O exemplar pertence á collecção Pedro de Angelis.

N.° 187. — Constitucion política del Estado de Chile promulgada el 23 de Octubre de 1822. *Imprenta del Estado*. In-4.°

Nas 2 ff. seguintes inn.: *La Convencion a los habitantes de Chile.*

Assignam: Francisco Ruiz Tagle, presidente; José Antonio Bustamante, vice-presidente; Camilo Henriquez, deputado secretario; Dr. José Gabriel Palma, secretario.

De pp. I–VI: *Convocatoria con que se reunió la Honorable Convencion.*

De pp. VII–XIV, duas Mensagens do Poder Executivo.

De pp. XV–XVI: *La Convencion Preparatoria.*

O texto da Constituição abrange 78 pp. É referendada pelo presidente da Republica Bernardo O'Higgins, e pelos ministros do governo, extrangeiros e marinha, e da guerra.

Esta foi a primeira Constituição definitiva da Republica do Chile.

N.° 188. — El Agricultor. Periodico bimestre publicado por la Sociedad Chilena de Agricultura.

Santiago, Imprenta de la Opinion, 1836-49, 2 vols. in-4.°

El Agricultor publicava-se de dois em dois mezes em fasciculos de numero irregular de paginas, nunca menos de vinte. Esse periodico, segundo o testemunho de Don Ramon Briseño em seu *Catálogo Razonado de la Biblioteca Chileno-Americana*, foi orgão da primeira sociedade de agricultura fundada no Chile. Começou a publicar-se em 1838 e desappareceu em 1849, depois de ter posto em circulação 78 numeros. Foi o primeiro presidente da Sociedade de Agricultura Chilena Don Domingo Eizaguirre.

O volume exposto comprehende os numeros publicados entre as datas extremas, Abril de 1839 até Outubro de 1844, e traz *in fine* um desenho topographico.

A collecção completa é hoje pouco vulgar.

N.° 189. — Anales de la Universidad de Chile.

Santiago, Imprentas del Siglo e Nacional, 1846-1885, in-4.°

O exemplar exposto corresponde aos annos de 1843 e 1844; é o primeiro volume da collecção e foi publicado em Outubro de 1846.

A publicação faz-se por fasciculos mensaes que, reunidos, perfazem um ou dois tomos annualmente.

Como observa Don Ramon Briseño, os *Anales* contêem duas partes perfeitamente distinctas: uma é a parte *official*, que se compõe de actas, decretos e legislações sobre a instrucção publica e sobre as particularidades do corpo universitario; a outra parte, *scientifica e litteraria*, compõe-se de

discursos, memorias e dissertações sobre pontos de litteratura ou de sciencia. D'essa parte, que é evidentemente a mais util, D. R. Briseño organisou um indice exacto até 1873, no seu *Catalogo Razonado*.

A Bibliotheca Nacional possue a collecção completa dos *Anales* da universidade chilena e tambem o *Indice jeneral*, em ordem alphabetica, de 1843 a 1855.

A Universidade do Chile nasceu, sob a influencia do ministro Montt, da fusão do Instituto com a Universidade de San-Felipe, em 1843. Foi seu primeiro reitor o notavel grammatico e erudito Andrés Bello e secretario geral D. Salvador Sanfuentes.

Fizeram parte d'esta corporação alguns sabios europeus, como Claudio Gay, naturalista, e Andrès Gorbea, que fundou no Chile o estudo das sciencias mathematicas. A historia natural tem sido o objectivo principal dos estudos d'esta instituição.

Assim, sobeja razão teve a Bibliotheca Nacional escolhendo para figurar na Exposição o 1.° volume d'este vasto repositorio de noticias sobre a historia do Chile, sem duvida uma das mais importantes publicações periodicas da America do Sul.

VALPARAISO.

N.° 190. — Historia general de el Reyno de Chile Flandes Indiano por el R. P. Diego de Rosales, de la Compañia de Jesus: dos veces V. Provincial de la V. provincia de Chile, calificador del Santo Officio de la Inquisicion y natural de Madrid Dedicada al Rey de España D. Carlos II N. S. publicada, anotada i precedida de la vida del autor i de una estensa noticia de sus obras por Benjamin Vicuña Mackenna.

Valparaiso, Imprenta del Mercurio, 1877 -78, 3 vols. in-4.°

O 1.° vol. tem LXIX pp. prel. e 506 pp., a duas columnas, de texto e indice.

As ff. prel. contêem: *Advertencia del Editor*; *Vida de Diego de Rosales*, por B. Vicuña Mackenna; *Prefacio*, e finalmente dedicatorias, approvações, censuras, poesias e *Protesta del autor*.

A fl. de rosto é impressa a duas côres e ó trabalho typographico é, em geral, bem cuidado e, como tal, aqui figura.

É esta a primeira impressão da notavel *Historia* do padre Diego de Rosales.

O manuscripto havia sido copiado e ornamentado em Santiago, no gosto do seculo XVIII, devendo seguir para a Hespanha para ser ali impresso; por causas, porém, que ainda não estão esclarecidas, extraviou-se o manuscripto, indo parar nos fins do seculo XVIII em Paris, sendo nesta cidade o seu ultimo possuidor o notavel orientalista Langlès. Após a morte d'este sabio, D. Vicente Salvá adquiriu em leilão o manuscripto que, mais tarde, ficou entre o patrimonio de seu filho primogenito D. Pedro Salvá. Foi á custa de muitos esforços e até de *epistolas desabridas* que o Sñr. Vicuña Mackenna conseguiu a posse do precioso manuscripto.

O padre Diego de Rosales escreveu tambem a *Conquista espiritual del reino de Chile*, livro que continha apontamentos biographicos de importancia para o estudo da historia da catechese no Chile. Esse livro perdeu-se em parte; existe bom numero de fragmentos e capitulos, si bem que truncados e em lugares diversos.

O padre Rosales, além do merito de observador sincero, passa como uma das melhores autoridades em lingua castelhana pela correcção e pureza da phrase.

A publicação da *Historia General do Chile*, feita em Valparaiso e, segundo diz o editor, sem auxilio official e apenas contando com o favor publico, começou em 1877 e terminou com o 3.º volume em 1878.

O exemplar foi comprado pelo Dr. João de Saldanha, actual bibliothecario.

RIO DE JANEIRO.

N.º 191. — Relação da entrada que fez o excellentissimo e reverendissimo senhor D. Fr. Antonio do Desterro Malheyro, bispo do Rio de Janeiro, em o primeiro dia deste prezente

Anno de 1747 havendo sido seis Annos Bispo do Reyno de Angola, donde por nomiação de Sua Magestade, e Bulla Pontificia, foy promovido para esta Diocesi. Composta pelo Doutor Luiz Antonio Rosado da Cunha...

Rio de Janeiro. Na Segunda Officina de Antonio Isidoro da Fonseca. Anno de 1747, in-4.°

O exemplar contém 20 pp. num. e 1 fl. *in-fine* de licenças.

É uma obra preciosa pela raridade e é uma das primeiras publicações feitas no primeiro estabelecimento typographico fundado no Rio de Janeiro no governo de Gomes Freire de Andrada, Conde de Bobadella.

No mesmo volume, em seguida á obra citada, encontram-se as duas outras impressões feitas, por aquelle tempo, nas mesmas officinas. São: *Em Aplauso do Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Frey Antonio do Desterro Malheyro Dignissimo Bispo desta Cidade. Romance heroico.* S. l. n. d., in fol. de 5 ff. inn. impr. sómente de um lado. *Epigrammas* em latim e um soneto em portuguez. S. l. n. d., in-fol. de 12 ff. inn. Contém 11 epigr.

Isidoro da Fonseca teve primeiramente officina typographica em Lisboa; esta é a razão da declaração de *segunda* que se lê na obra exposta. Esta *Relação da entrada do bispo* foi a unica que então aqui se imprimiu: a côrte da metropole *mandou-a abolir e queimar, para não propagar ideias, que podiam ser contrarias ao interesse do Estado.* Quanto ao *Exame de Bombeiros,* descripto sob o n.° 192, acreditam alguns que tambem sahira á luz no Rio de Janeiro.

O exemplar sob o n.° 191 é da collecção historica de Barbosa Machado.

N.° 192. — Exame de Bombeiros, que comprehende dez tratados; o primeiro da Geometria, o segundo de huma nova Trigonometria, o terceiro da Longimetria, o quarto da Altimetria, o quinto dos Morteiros, o sexto dos Pedreiros, o setimo dos Obuz, o oitavo dos Petardos, o nono das Batterias dos Morteiros,

com dous Appendix: o primeiro do methodo mais facil, que se pode inventar, para saber o numero de balas, e bombas nas Pilhas: o segundo como dado hum numero de bàlas ou bombas, se lhe podem achar os lados das pilhas que se quizerem formar ou sejam triangulares ou quadrangulares, o dècimo da Pyrobolia ou fògos artificiaes da guerra, com dous Appendix: o primeiro dos fogos extraordinarios, o segundo dos Fogaréos e Candieiros da muralha. Obra nova e ainda não escrita de author portuguez .... Dedicado ao illustrissimo e Excellentissimo Senhor Gomes Freire de Andrada... Governador e Capitão General do Rio de Janeiro e Minas Geraes, por Jose Fernandes Pinto Alpoym. ...

En Madrid, En la Officina de Francisco Martinez Abad, 1748, in-4.°

O volume começa por 19 ff. prel., que contêem: a folha de rosto impressa a duas côres; em seguida, o retrato do General Gomes Freire de Andrada, em oval, de tres quartos para a esquerda, com a legenda, na margem inferior:

« Arte regit populos, bello præcepta ministrat
« Mavortem cernis milite, pace Numam. »

Seguem-se na fl. seguinte uma vinheta e a dedicatoria; as outras ff. constam, em ordem, de: dois prologos, com os titulos *Ao leitor malevolo* e *Ao leitor bombeiro;* tres cartas, contendo juizo critico e escriptas ao autor por André Ribeiro Coutinho, Mathias Coelho de Souza e José da Sylva Paes; e tres Licenças, do Santo Officio, do Ordinario e do Paço.

Em seguida vem o texto, que consta de 444 pp., incluindo um Indice alphabetico — e 18 estampas, gravadas por José Francisco Chaves, das quaes a de n.° XVII traz a data: *Rio, 1749*.

Julga-se, segundo se vê de Innocencio F. da Silva, que a indicação do lugar da impressão *(Madrid)* é suppositicia e que esta obra foi impressa no Rio de Janeiro, na officina de Antonio Izidoro da Fonseca.

Não temos elementos bastantes para affirmar que com effeito foi ella impressa no Brazil; todavia a possibilidade, e

mais, a probabilidade de um tal facto, autorisa-nos a apontal-a aqui sob o n.º 192.

Barbosa Machado em 1759 falla da existencia d'esta obra como manuscripta, ignorando portanto a sua impressão (*Barb., Bibl. Lus.*, tom. IV).

A obra é o complemento ou 2.ª parte de outra que, sob o titulo *Exame de Artilheiros*, sahiu á luz em Lisbôa em 1774, isto é, 4 annos antes e a qual foi mandada recolher por Carta Regia de 15 de Julho de 1774, dirigida ao corregedor do bairro de Alfama, sob pretexto de que *se não cumpriu no livro com a pragmatica ácerca de tractamentos.*

Esta 1.ª parte, segundo diz Varnhagen em sua *Hist. Geral do Brazil*, é edição muito mais rara que a do *Exame de Bombeiros*. A Bibliotheca Nacional possue d'ella um bom exemplar.

N.º 193. — Relação dos Despachos publicados na corte pelo expediente da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros, e da Guerra no Faustissimo Dia dos Annos de S. A. R. o Principe Regente N. S. E de todos os mais que se tem expedido pela mesma Secretaria desde a feliz chegada de S. A. R. aos Estados do Brazil até o dito dia.

(In-fine:) Rio de Janeiro. Em 13 de Maio de 1808. Na Impressão Regia.

In-fol. de 27 pp. num.

Esta obra foi a primeira publicação da Typographia Nacional, então Imprensa Regia, e sahiu á luz no mesmo dia da sua fundação, isto é, em 13 de Maio de 1808, data em que o Principe Regente D. João VI, sendo ministro Dom Rodrigo de Souza Coutinho, depois Conde de Linhares, decretou a instituição de uma typographia official. O decreto é do teor seguinte:

« Tendo-me constado, que os prelos que se acham nesta capital, eram os destinados para a Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra; e attendendo á necessidade que ha da Officina de impressão nestes meus Estados: sou servido, que a casa, onde elles se estabeleceram, sirva interinamente de Impressão Regia, onde se imprimam exclusivamente toda a legislação e papeis diplomaticos, que emanarem de

qualquer repartição do meu real serviço; e se possam imprimir todas e quaesquer outras obras; ficando interinamente pertencendo o seu governo e administração á mesma Secretaria. Dom Rodrigo de Souza Coutinho, do meu Conselho de Estado, ministro e secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra o tenha assim entendido, e procurará dar ao emprego da Officina a maior extensão e lhe dará todas as Instrucções e Ordens necessarias, e participará a este respeito a todas as Estações o que mais convier ao meu real serviço. Palacio do Rio de Janeiro em treze de Maio de mil oitocentos e oito. *Com a rubrica do principe regente n. s.* »

A creação da Imprensa Regia dependeu de uma circumstancia occasional. Quando se operou a mudança da Côrte portugueza para o Brazil, Antonio de Araujo de Azevedo, depois Conde da Barca, trouxe na nau *Meduza* alguns volumes de materiaes typographicos que existiam na secretaria dos Negocios da Guerra e Extrangeiros em Lisboa. D'esta circumstancia o Principe Regente e Souza Coutinho tiraram o melhor partido, creando, como ficou dito, a primeira typographia no Brazil. Nos seus annaes, pois, a obra acima é o primeiro, e por isso mesmo, o mais importante documento.

N.º 194. — Reflexões sobre alguns dos meios propostos por mais conducentes para melhorar o clima da cidade do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro, 1808. Por ordem de S. A.R. Na Impressão Regia, in-8.º de 27 pp. num. e 1 fl. inn.

Logo após a fl. de r. vem o *Prologo;* começa o texto na pag. 5 e termina na pag. 27, com o nome do autor — Manoel Vieira da Silva —. Segue-se a fl. inn. com as *Erratas.*

O autor, medico formado na Universidade de Coimbra, e da camara d'El-rei D. João VI, foi condecorado com o titulo de Barão de Alvaiazere; era physico-mór do reino e provedor-mór da saude da côrte e Estado do Brazil.

A obra é curiosissima e de grande valor bibliographico, por ser o primeiro trabalho medico que se imprimiu no Brazil.

N.° 195. — Gazeta do Rio de Janeiro.
Rio de Janeiro. Na Impressão Regia, 1808-22, 15 vols. in-4.° gr. e in-folio pequeno.

É a primeira publicação periodica do Brazil. No frontispicio, logo abaixo do titulo, traz a divisa seguinte, extrahida de *Horat.*, *Od.* III, *Lib.* IV:

« Doctrina sed vim promovet insitam
Rectique cultus pectora roborant. »

Esta divisa foi alterada do 2.° numero em diante pela omissão de *sed*, substituida por um signal de reticencia.

Collecção rara. Foi o primeiro periodico, como se disse, que se publicou no Brazil; começou no dia 10 de Setembro de 1808, sendo redigido por fr. Tiburcio José da Rocha, ao qual succederam o Brigadeiro Manuel Ferreira de Araujo Guimarães e o Conego Francisco Vieira Goulart.

A 14 de Novembro de 1822 estampou pela primeira vez as armas brazileiras. Findou a 31 de Dezembro de 1822, sendo substituido pelo *Diario do Governo*, impresso na mesma typographia. No ultimo anno trazia o titulo simplificado — *Gazeta do Rio.*

No primeiro numero declara que a publicação será semanal, mas do segundo em diante começou a publicar-se duas vezes por semana; emfim, desde o n.° 53, de 3 de Julho de 1821, sahiu a *Gazeta* ás terças, quintas e sabbados.

Na 4.ª pag. lê-se a seguinte declaração: « Esta *Gazeta*, ainda que pertença por Privilegio aos Officiaes da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra, não he com tudo Official: e o Governo sómente responde por aquelles papeis que nella mandar imprimir em seu nome. »

Esta *Gazeta*, como é facil suppor-se, nenhuma ou quasi nenhuma influencia exerceu sobre os negocios do Brazil, limitando-se á publicação dos actos officiaes e á transcripção de noticias extrangeiras, sobretudo das que diziam respeito á França, então sob o dominio de Napoleão.

O seu valor é puramente bibliographico, e não é pequeno.

O exemplar pertenceu á Real Bibliotheca.

N.° 196. — Marilia de Dirceo. Por T. A. G. *(Thomaz Antonio Gonzaga).* Nova Edição. *Rio de Janeiro. Na Impressão Regia. (In-fine:) Vende-se na Loja de Paulo Martin por 2400. 1810,* in-8.°

O volume é dividido em tres partes: a primeira com 118 pp.; a segunda com 108 pp.; e a terceira com 110 pp. Cada uma das partes tem folha de rosto especial.

É a primeira edição que se fez no Brazil das poesias de Gonzaga e cujos exemplares são hoje muito raros. Outras edições successivas se fizeram no Brazil, em 1812, 1835, 1842, 1845, 1855, 1862 e 1868.

A primeira edição portugueza é de *Lisboa* 1792.

Numerosas traducções das *Lyras* têem sido feitas para as linguas cultas, sendo as mais conhecidas a de Monglave et P. Chalas (*Paris, 1825*), a de Vegezzi Ruscalla (*Torino, 1855*), e a traducção latina do Dr. A. de Castro Lopes (*Rio de Janeiro, 1868*).

Questões interminaveis têem-se suscitado sobre a patria de Gonzaga. De todas as investigações resulta, porém, que T. A. Gonzaga nasceu no Porto de familia brazileira; que viveu a mais importante porção de sua vida no Brazil; que ahi inspirou-se e pelo Brazil teve a corôa do martyrio. (*Cabral, Annaes da Imprensa, pag. 43.*)

O facto que póde indicar com mais verdade a sua qualidade de brazileiro por adopção e vontade — é a parte incontestada que tomou na conjuração mineira em favor da emancipação colonial.

Gonzaga foi condemnado em 1792 ao degredo em Moçambique por dez annos; ali casou-se e passou os ultimos annos de sua vida. A data do seu fallecimento é incerta e seus biographos collocam-n'a entre 1807 e 1809.

Marilia é a unica collecção de versos de T. A. Gonzaga. Tem-se-lhe attribuido, mas sem fundamento, a autoria das *Cartas Chilenas*.

Entre os biographos e criticos que se distinguiram na elucidação de varias questões relativas á vida e obras de Gonzaga, deve-se citar o Snr. Cons. J. M. Pereira da Silva, A. Varnhagen e o Snr. Joaquim Norberto.

O exemplar foi offerecido pelo Snr. Valle Cabral.

N.º 197. — Variação dos Triangulos Esphericos para uso da Academia Real Militar por Manoel Ferreira de Araujo Guimarães Sargento Mór do Real Corpo de Engenheiros Lente do 4.º anno da referida Academia.
Rio de Janeiro. Na Impressão Regia, 1812. Por Ordem de S. A. R. In-8.º

Tem 12 pp. num. Opusculo muito raro.

O autor adopta, como meio de solução, o calculo differencial, admittido o caso em que as variações do triangulo não excedam a 0º,1'. Comprova o methodo adoptado com applicações em Astronomia. O autor condemna o methodo d'aquelles que, considerando sómente as variações dos lados ou angulos dos triangulos esphericos, como infinitamente pequenos, resolvem as questões d'esse genero por meio da Trigonometria plana.

Manuel Ferreira de Araujo Guimarães foi o redactor principal do *Patriota*, que dirigiu de 1813 a 1814.

Publicou ainda outras obras didacticas, entre ellas os *Elementos de Astronomia*, &c.

N.º 198. — Rimas de Bernardo Avellino Ferreira e Souza, offerecidas aos seus amigos.
Rio de Janeiro, Na Impressão Regia, 1813, in-8.º de 114 pp.

Ao exemplar da Bibliotheca faltam algumas ff. da lista dos subscriptores, a qual vem no fim do vol., em forma de appendice.

As dez primeiras paginas, num. com caracteres romanos, contêem a dedicatoria em verso, com esta epigraphe:

« Dest'arte, abrindo o Genio o seu thesoiro,
Outr'ora n'alta Grecia, e n'alta Roma,
Pagava em metro o que devia em oiro.
Boc. Son. Tom. IV. »

Em seguida o prologo.

A obra parece-nos muito rara, pois ainda não vimos outro exemplar d'ella, e Innocencio da Silva, que aliás descreve varias obras de Bernardo Avellino, nenhuma noticia nos dá d'esta.

Exemplar da Real Bibliotheca.

N.° 199. — O Patriota — jornal litterario, politico, mercantil &c. do Rio de Janeiro.
Rio de Janeiro, Na Impressão Regia, 1813-1814, 3 vols. in-8.° peq. e in-8.° gr. com est.

Foi a primeira publicação litteraria do Rio de Janeiro; publicou-se mensalmente durante o primeiro anno e de dois em dois mezes no anno seguinte.

No primeiro anno a assignatura era de 4$000 por semestre (6 n.os) e 800 rs. por cada numero. No segundo, 6$000 por anno (6 n.os) e cada numero 1$200.

O periodico trazia na fl. de rosto a divisa:

« Eu desta gloria só fico contente
Que a minha terra amei, e a minha gente. »

O nome do redactor principal d'essa publicação, Manoel Ferreira de Araujo Guimarães, não apparece em nenhum dos volumes; suppõem alguns que são d'elle as poesias assignadas com o pseudonymo — *Elmano Bahiense.*

Entre os collaboradores do *Patriota* devem citar-se: Domingos Borges de Barros (Visconde da Pedra Branca), Marianno José Pereira da Fonseca (Marquez de Maricá), P. F. Xavier de Britto, Antonio de Saldanha da Gama, F. de B. Garção Stockler, Fr. Archanjo de Ancona, José Bonifacio de Andrada e Silva, M. I. da Silva Alvarenga, Silvestre Pinheiro Ferreira, José Saturnino da Costa Pereira, Camillo Martins Lage, J. J. Ferreira de Souza, M. J. Pereira da Fonseca, José Bernardes de Castro, Gaspar Marques, &c.

A assignatura frequente B*** é de Domingos Borges de Barros (depois Visconde da Pedra-Branca).

O *Patriota* é um repositorio importante de informações sobre a nossa historia e geographia. No primeiro volume, que comprehende os fasciculos do primeiro semestre, notam-se artigos sobre a industria agricola e introducção no Brazil de plantas exoticas, e sobre questões de historia patria e de politica interna.

O prospecto d'esse periodico appareceu em 1812, e a Bibliotheca tambem o possue.

A collecção completa do *Patriota*, incluindo o *Indice geral* publicado em 1819, é hoje difficil de encontrar-se.

Ex-libris da Real Bibliotheca.

N.° 200. — Almanach do Rio de Janeiro para o anno de 1816.
Rio de Janeiro, Na Impressão Regia, in-12.

Contém 394 pp. num., incluindo as addições e o Indice.
A *Gazeta do Rio de Janeiro* de 3 de Agosto de 1816 noticía o apparecimento do Almanach nestas linhas:
« Sahio á luz o *Almanack do Rio de Janeiro* para o anno de 1816. Vende-se na loja da *Gazeta* em papel branco a 800 reis, e de Hollanda a 1$200; tudo em brochura. »
Este almanach sahiu nos annos de 1816, 1817, 1823, 1824, 1825 e 1827.
É a primeira publicação, no genero, que tivemos no Rio de Janeiro.
São raros os exemplares.
Ex-libris da Real Bibliotheca.

N.° 201. — Corografia Brazilica ou Relação Historico-Geografica do Reino do Brazil composta e dedicada a Sua Magestade Fidelissima por Hum Presbitero Secular do Gram Priorado do Crato *(Manuel Ayres de Cazal)*.
Rio de Janeiro, na Impressão Regia, MDCCCXVII, 2 vols. in-4.°

O 1.° vol. contém 6 ff. prel. de dedicatoria, licenças, indice resumido e lista de subscriptores; segue-se o texto, de 420 pp., contendo a Introducção e a descripção das Provincias do Rio Grande do Sul, do Paraná, do Uruguay, de Santa Catharina, de S. Paulo, de Matto-Grosso, de Goyaz, de Minas-Geraes, a errata (2 ff. inn.), e o Indice alphabetico.
O 2.° volume contém 1 fl. inn. de Indice; a descripção das Provincias do Rio de Janeiro, Espirito Santo, Porto-Seguro, Bahia, Sergipe d'El-Rey, Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauhy, Maranhão, Pará, Solimões, Guianna; um indice alphabetico e 2 ff. inn. de erratas.
Esta é a primeira edição da celebre *Corografia Brazilica* do Padre Ayres de Cazal. O nome do autor, que não apparece na fl. de rosto do livro, occorre logo na Dedicatoria e nas Licenças.
O Padre Ayres de Cazal, segundo affirma Varnhagen, *Hist. Geral, t. II, p. 1176, 2.ª ed.*, pretendia fazer uma segunda edição da *Corographia* expurgada de alguns defeitos

da primeira. Os materiaes que ajuntou por observação propria ou communicação de pessoas habilitadas, entre outras, de J. B. de Andrada e Silva, perderam-se ou foram inutilisados nas mãos de seus herdeiros, ignorantes talvez da preciosidade que possuiam. *Vide* Mello Moraes, *Corogr. Histor. tomo I, pag. 111*. O que é certo é que as indagações posteriores, feitas a esse respeito, não produziram resultado positivo.

Cazal acompanhou a Côrte no seu regresso á Lisbôa e ali falleceu pouco depois, na Congregação do Oratorio do Corpo-Santo, não se sabendo, ao certo, onde jaz sepultado.

A publicação da edição *princeps* da *Corografia* foi tão morosa e irregular que deu causa a reclamações repetidas do autor e do Padre Joaquim Damaso, seu intimo amigo. Como documento d'este facto existe, nos Archivos da Typographia Nacional, uma carta que a Silvestre Pinheiro Ferreira, membro da Directoria da Impressão Regia, dirigiu o Padre Damaso em 1 de Maio de 1816, e que se acha publicada nos *Annaes da Imprensa Nacional*, pp. 139-140.

Fez-se uma nova edição da obra de Cazal no *Rio de Janeiro, na typographia Gueffier e Comp., 1833*. O resto d'esta edição foi adquirida pela casa Laemmert, que deu aos exemplares nova fl. de rosto, com indicações suppostas e data de 1845.

Os exemplares da 1.ª edição são hoje muito raros.

O merito da obra de Cazal consiste, principalmente, em que as observações são, na maxima parte, pessoaes, feitas com as maiores despezas e até com sacrificio da propria vida. Os erros do livro, como observa Varnhagen *(loco cit.)* são principalmente historicos e a *Corografia Brazilica* é na realidade um monumento levantado á geographia patria.

O exemplar pertenceu a Monsenhor Pizarro, de quem, parece, são as notas manuscriptas que contém; passou depois ao Senador Dias de Carvalho; na venda da livraria d'este foi comprado pelo livreiro Sñr. J. G. de Azevedo; a este foi comprado pelo Sñr. João Capistrano de Abreu, que o permutou por outra obra com a Bibliotheca Nacional.

N.° 202. — Jornal de Annuncios.
Rio de Janeiro. Na Typographia Real, 1821, in-4.°

O *Jornal de Annuncios* começou a publicar-se em 5 de Maio de 1821 e terminou em 16 de Junho do mesmo anno, no setimo numero. O preço de cada numero era de 40 rs.

Era uma publicação hebdomadaria e o numero de folhas variava conforme a abundancia de assumptos. O n.° 7, o ultimo, traz esta declaração final: « Por motivos invensiveis *(sic)* não pode continuar este Jornal: e por isto roga-se aos Senhores Assignantes queiram mandar á Loja receber a differença que resta para prehencher o semestre que pagarão. »

A assignatura, por semestre, era de 960 rs., com obrigação de levar-se a folha ao domicilio do assignante. Os annuncios custavam 80 rs. por linha e eram gratuitos para os assignantes.

A collecção completa, como a possue a Bibl. Nac., é rara.

N.° 203. — Constituição Politica do Imperio do Brasil.

Rio de Janeiro, 1824. Na Typographia Nacional. In-4.° de 47 pp. num. e mais duas inn. de indice.

É a edição princeps e official.

O *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil,* pag. 852, descreve as seguintes edições da Constituição, impressas no mesmo anno:
— *Rio de Janeiro. Typ. Plancher.* In 8.°

Traz no fim um Hymno para as senhoras brazileiras cantarem aos seus meninos.
— *Bahia, Typ. Nacional,* in-fol.

No fim occorrem 2 ff. em que se acha o original do termo do juramento á Constituição prestado a 3 de Maio de 1824 pelo presidente da provincia, Francisco Vicente Vianna, Cabido, Senado da Camara, Governador das Armas, e quasi todos os chefes das differentes repartições publicas da provincia, &. Entre as assign. autogr. das pessoas que prestaram juramento notam-se as de José de Sá de Bethencourt e Camara, Dr. Antonio Polycarpo Cabral e Dr. Jonathas Abbott, então official interprete da Secretaria do Governo.
— *Constituição... gravé à Paris par Alph. Pelicier.*

Exemplar acondicionado em uma caixa metalica circular, com o busto do primeiro Imperador em relevo, obra de A. Fauginet.

N.° 204. — Poema Heroico sobre o amor devido ao Ente Summo contemplado como hum na sua essencia, e como trino nas pessoas. Por Fr. Francisco de Paula de Santa Gertrudes Magna...

Rio de Janeiro. Na Typographia Nacional. 1825. in-4.°

O exemplar tem 2 ff. inn. contendo a folha de rosto e um prologo, e 32 pp. num. contendo o poema.

O poema é escripto em versos brancos e endecassyllabos, dividido em dois cantos, dos quaes o primeiro é uma simples invocação.

Innocencio da Silva, mencionando esta obra diz: « Não pude até agora descobrir exemplar algum. »

É que elles são de extrema raridade.

Fr. F. de Santa-Gertrudes escreveu ainda dois *Cantos poeticos* em 1825 e 1827; — dos quaes o primeiro foi publicado sob as suas iniciaes.

Dos seus trabalhos litterarios, o mais antigo de que temos noticia é o *Sermão em memoria do faustissimo dia em que S. A. Real desembarcou n'esta Cidade da Bahia;* este trabalho veiu á luz na *Impressão Regia, Rio de Janeiro,* 1816.

A vida de Fr. F. de Santa-Gertrudes Magna não é bem conhecida; ignora-se a data de seu fallecimento.

Na folha de rosto, após o seu nome, seguem estas indicações. « Monge Benedictino, Pregador Geral. Mestre de Rhetorica, e Poetica na sua Congregação de Portugal, e Orador da Imperial Capella. »

N.° 205. — O Spectador Brasileiro. Diario Politico, Litterario e Commercial.

Rio de Janeiro, Na Imperial Typographia de Plancher, Impressor Livreiro de Sua Magestade o Imperador, 1826, in fol.

O *Spectador* era uma publicação diaria de 4 pp. num. cada numero, a duas columnas.

Trazia, acima do titulo, estampadas as armas imperiaes e, abaixo do titulo, a legenda:

Tout pour la Patrie.

O 1.° numero do *Spectador*, exposto sob o n.° 205, appareceu em 1 de Maio de 1826. A assignatura era de 18$000 annualmente; ou 9$000 por semestre; ou 4$500 por trimestre.

A duração do *Spectador Brasileiro* não foi muito longa, passando em 1.° de Outubro de 1827 a denominar-se *Jornal do Commercio*, nome que ainda hoje conserva.

É rarissima a collecção do *Spectador*.

N.° 206. — Jornal do Commercio (Annos 1–64). *Rio de Janeiro, Typ. d'Émile-Seignot Plancher e Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve & C.ª, 1827–1885*, in-fol. peq e max.

Nos primeiros annos era uma publicação diaria de 4 pp. num., a 2 columnas, trazendo no alto da 1.ª pag. um emblema allusivo ao commercio; tem o seu 1.° n.° o seguinte titulo:

N.° 1. – (VOL. I.) – 1827.

Segunda feira 1 de Outubro. (*Emblema*) Sexto anno da Independencia.

JORNAL DO COMMERCIO

No *Cat. da Exp. de Hist. do Braz.* occorre a seguinte nota: « Substituindo o *Spectador Brasileiro* deu o seu 1.° numero em 1.° de Outubro de 1827. A 1.° de Janeiro de 1836 passou a ser propriedade da firma social J. *(Junius)* Villeneuve & C.ª Têem tido a direcção a seu cargo successivamente os Srs.: Junius Villeneuve até 1844; F. A. Picot até 1854; commendador M. Moreira de Castro até 1860; E. Adet até 1867; e d'esta data em deante o Sñr. Dr. Luiz de Castro. Foram até hoje redactores da parte commercial da folha os Sñrs.: Levy, Benneton, Alfredo Basto, Lainé, Lepage, Cussen, Fomm, Cotrim e João Carlos de Souza Ferreira. »

Hoje é propriedade da firma social J. Villeneuve & C.ª

Foi menos exacto o Dr. Joaquim Manuel de Macedo quando no seu *Anno Biographico* affirmou que o *Jornal do Commercio* começára a publicar-se em 1.° de Abril de 1826, pois, como se acaba de ver, começou no anno seguinte e em Outubro; o 2.° n.° é de terça feira 2; o 3.° de quarta feira 3; o 4.° de quinta feira 4, e o 5.° de sexta feira 6.

São rarissimos esses cinco primeiros numeros, os quaes figuram na Exposição sob o n.° 206.

O *Jornal do Commercio*, d'esta Côrte, o *Monitor Campista*, da cidade de Campos, e o *Diario de Pernambuco*, do Recife, são actualmente os jornaes mais antigos do Imperio.

O *Jornal do Commercio* tem-se até hoje conservado neutro nas lutas dos partidos; esta neutralidade politica, porém, não o tem impedido de apresentar e discutir muitas das mais momentosas e transcendentes questões do publico interesse. Entre os seus collaboradores, tanto no que respeita ás sciencias, como ás boas-lettras e artes, figura uma grande parte de nossos mais brilhantes talentos. Incontestavelmente é um dos orgãos da imprensa periodica que mais influencia tem exercido sobre os nossos negocios.

N.° 207. — Almanak administrativo mercantil e industrial do Rio de Janeiro.
Rio de Janeiro, *Eduardo e Henrique Laemmert*, *1843-85*, 42 vols. in-8.°

A collecção completa, que a Bibiotheca Nacional possue, é rarissima.

Eduardo Laemmert nasceu a 10 de Agosto de 1806 no grão-ducado de Baden.

Em 1827 chegou ao Rio de Janeiro, encarregado pela casa *Bossange* de Paris de fundar aqui um estabelecimento de livraria. Em 1833 estabeleceu-se por sua propria conta, e cinco annos depois fundou uma typographia. « Em 1848, diz o Snr. Conselheiro Aquino e Castro, emprehendeu o infatigavel trabalhador a creação de um grande estabelecimento normal, onde fossem reunidas as officinas de typographia, stereotypia e encadernação, dando franco ingresso á numerosa classe de operarios que, na impossibilidade de seguir outra carreira, ahi procurasse trabalho e justa remuneração.

« Foi coroado do mais feliz resultado o generoso intento do activo emprehendedor, e não foi a menor das glorias que ainda em vida lhe couberam, a de haver por tal meio reunido em torno de si muitos e prestimosos artistas, e especialmente este enxame de pequeninos obreiros que hoje povôa as immensas officinas da rua dos Invalidos. »

« Henrique Laemmert nasceu em Rosemberg a 27 de Outubro de 1812. Em 1826 entrou no commercio de livros como apprendiz. De 1832 a 1835 esteve empregado na muito conhecida livraria de Cotta, editor das obras de Goethe e Schiller. Veiu para o Brazil em 1835, a convite de seu irmão Eduardo, e no anno seguinte tomou parte na gerencia da casa, contribuindo para o gradual desenvolvimento d'ella.

« Eduardo Laemmert falleceu em Francfort a 11 de Janeiro de 1880, e Henrique Laemmert nesta Côrte a 10 de Outubro de 1884. Ambos prestaram ás nossas lettras importantes serviços.

« Presentemente a firma social d'esta casa é Laemmert & C.ia São seus proprietarios os Srs.: Egon Widmann Laemmert, Arthur Sauer, e Gustavo Massow, todos tres naturaes da Allemanha.

« O estabelecimento typographico situado no vasto terreno da rua dos Invalidos n.° 71 foi consideravelmente augmentado pelos actuaes proprietarios, introduzindo os aperfeiçoamentos exigidos pelos progressos da arte, e accrescentando novas officinas de electrotypia, fundição de typos e gravura. Trabalham constantemente grandes machinas de imprimir, que produzem diariamente 18 a 20,000 folhas impressas de diversos formatos; 3 machinas de aparar; 1 de assetinar: 3 de dobrar; 1 de furar brochuras; 1 torno para aplainar as chapas que sahem da stereotypia ou electrotypia. Tudo é movido por uma machina a vapôr da força de 16 cavallos. Além d'isso, possue uma machina para dourar, um *balancé*, e tudo quanto é necessario para fazer encadernações solidas e de luxo.

« Occupa para cima de 100 empregados, artistas typographos e encadernadores, além de numeroso pessoal para redacção e revisão. Tem tambem constantemente 20 a 30 aprendizes, a quem se ensina qualquer das artes que se praticam em suas officinas, tendo d'ellas sahido artistas para muitos estabelecimentos d'esta Côrte.

« A casa Laemmert occupa-se especialmente com as edições de obras patrias, de direito, historia e geographia, sendo muitas illustradas com bôas gravuras. Publica annualmente o Almanak da Côrte; e as suas Folhinhas, cuja edição annual é de 100,000 exemplares, se acham espalhadas por todas as provincias do Imperio. »

N.° 208. — Collecção completa das Maximas Pensamentos e Reflexões do Ill.mo e Ex.mo Mar-

quez de Maricá, natural do Rio de Janeiro... Edição revista e emendada pelo autor.
Rio de Janeiro. Eduardo e Henrique Laemmert. 1843. In-8.°

Exemplar raro, impresso em papel de côres diversas; consta de VIII pp. num. com o prologo dos editores, 1 fl. *fac-simile*, 376 pp. num. e o retrato do autor lith. por Heaton & Rensburg.
O Marquez de Maricá publicou primeiramente as suas maximas em 3 fasciculos, que sahiram á luz segundo a ordem chronologica: o 1.°, em Janeiro de 1837; o 2.°, em Janeiro de 1839; o 3.°, em Maio de 1841; essas publicações successivas foram feitas á custa do autor e distribuidas gratuitamente.

Marianno José Pereira da Fonseca, Marquez de Maricá, senador pela provincia do Rio de Janeiro, nasceu no Rio de Janeiro a 18 de Maio de 1773 e ahi morreu a 16 de Setembro de 1848.
Além das edições já citadas, convem notar as seguintes:

— *Novas Reflexões* etc. do Marquez de Maricá. *Rio de Janeiro.* 1844.
— Novas Maximas etc. do Marquez de Maricá. *Ibi.* 1846.
— Ultimas maximas etc. do Marquez de Maricá. *Ibi.* 1849.
— Collecção completa das maximas etc. do Marquez de Maricá. *Typ. de Laemmert. Rio de Janeiro.* 1850.

Esta ultima edição, apesar da supposta indicação de ser impressa no Rio de Janeiro, foi impressa, segundo nota Innocencio F. da Silva, em Paris e, ao que parece, em 1860 (Innocencio — *Dicc. Bibliogr.).*

A impressão do exemplar sob o n.° 208 é uma das mais esmeradas da acreditada casa dos editores e typographos E. e H. Laemmert.

N.° 209. — Constituição Politica do Imperio do Brasil seguida do Acto Addicional e lei da sua interpretação.
Rio de Janeiro, Typographia Universal de E. & H. Laemmert, 1861, in-4.°

Tem 78 pp. num., todas ornadas de filetes duplos.
Divide-se em 3 partes:
I. Constituição, decretada em 25 de Março de 1824, terceiro

anno da Independencia e do Imperio, com o Juramento da mesma data pelo primeiro Imperador.

II. Acto Addicional, decretado pela Regencia permanente na menoridade do Sñr. D. Pedro II, segundo a carta de lei de 12 de Outubro de 1832 que fez alterações e suppressões na Constituição.

III. Lei de 12 de Maio de 1840 interpretando alguns artigos da Reforma da Constituição.

Exemplar impressso em excellente papel, com tinta preta e igual por toda parte, bellissimos caracteres redondos, dispostos com extrema regularidade.

N.° 210. — Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro...

Rio de Janeiro, Typ. de G. Leuzinger & Filhos e *Typ. Nacional, 1876–1883,* 10 vols. in-8.° gr. com o retr. de Diogo Barbosa Machado.

A Bibliotheca expõe o 6.° volume, que contém :

« Manuscripto guarani da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro sôbre a primitiva catechese dos indios das Missões composto em castelhano pelo P. Antonio Ruiz Montoya, vertido para guarani por outro padre jesuita, e agora publicado com a traducção portugueza, notas, e um esbôço grammatical do Abáñeê pelo Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira. »

O volume começa com um prefacio pelo Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, seguindo-se-lhe uma carta do Dr. Baptista Caetano ao Dr. Ramiz Galvão e a dedicatoria da obra, em lingua guarany, a S. M. o Imperador o Sñr. D. Pedro II.
Além do merecimento intrinseco do trabalho do distincto philologo brazileiro, este volume mereceu as honras da preferencia pela nitidez e elegancia da execução typographica, producto das afamadas officinas dos Sñrs. G. Leuzinger & Filhos d'esta Côrte.

« O chefe d'esta firma, George Leuzinger, respeitavel ancião de 72 annos de idade, nasceu em Outubro de 1813 na aldeia de Mollis, cantão de Glaris, Suissa, e chegou ao Rio de Janeiro em 30 de Dezembro de 1832.
« Começou a sua vida commercial como empregado de seu

tio, na casa importadora e exportadora—*Leutinger & C.ia* —, que foi por elle proprio liquidada em 1840.

« Nesta mesma data, o Snr. George Leuzinger fez acquisição do estabelecimento de papelaria e encadernação do Snr. Bouvier, á rua do Ouvidor n.° 36, casa que ainda hoje occupa.

« Foi em 1848 que este notavel industrial, reconhecendo a falta de uma officina de gravura e estamparia, envidou todos os recursos de que podia dispôr naquella epoca e conseguiu mandar vir da Europa o material e pessoal indispensaveis para esse fim.

« De facto, com grandes sacrificios, obteve apresentar trabalhos satisfactorios, sendo, depois de algum tempo, coadjuvado por aprendizes nacionaes. Em 1860, porém, viu-se na necessidade de fechar a sua officina, porque o seu melhor gravador fôra levado para a Casa da Moeda.

« Em 1853 comprou o Snr. Leuzinger a typographia franceza do Snr. Saint-Amand, a qual compunha-se de 3 prélos manuaes e algum typo de máu e velho gosto, unico então usado no Rio de Janeiro. Proseguindo no desenvolvimento de seu negocio, a par de seu genio reformador e progressista, o Snr. Leuzinger, por intermedio do honrado Snr. Fletcher, em 1858, importou dos Estados Unidos os primeiros prélos e typos americanos, com que operou uma completa transformação na industria typographica brazileira. Seus trabalhos para o commercio e administração publica, d'aquelle anno em diante, attestam os seus esforços, as suas glorias, e a honra indisputavel que lhe cabe na introducção d'este melhoramento.

« No anno de 1872 o Snr. Leuzinger deu á sua officina o desenvolvimento que hoje possue. O seu material compõe-se de 19,000 kilos de typos americanos de primeira qualidade, 1 motor a gaz da força de 4 cavallos, e 10 prélos mechanicos dos melhores fabricantes. O pessoal é representado por 52 artistas compositores e impressores, pela maior parte nacionaes, e discipulos da propria casa.

« A esses e a outros factos, assim como á sua reconhecida probidade, intelligencia, actividade e dedicação ao trabalho, deve o Snr. Leuzinger o conceito e fama de que gozam os artefactos sahidos de sua casa, presentemente conhecida em todo o Imperio.

« A firma social d'esta casa é representada pelo Snr. George Leuzinger e por 3 filhos seus, desde 1872. »

O eximio ethnographo nacional Baptista Caetano, a quem a Bibliotheca Nacional ficou assim a dever dois dos escriptos de mais fundo e mais alcance que divulgou pela imprensa, era

um d'esses espiritos seriamente cultos de que póde orgulhar-se toda uma geração. A Bibl. Nacional paga aqui a devida homenagem de respeito e gratidão á sua memoria.

O Dr. Baptista Caetano nasceu na antiga villa de Camandocaya, hoje cidade de Jaguary, provincia de Minas-Geraes, a 5 de Dezembro de 1826, em uma familia illustre pelo seu patriotismo e amor ás lettras.

Formára-se em mathematica na Escola Militar d'esta côrte e era vice-director da Repartição geral dos telegraphos do Estado, quando foi arrebatado ao amor da familia e á estima dos seus concidadãos, a 20 de Dezembro de 1882. Para a sua biographia offerecem elementos seguros a *Gazeta de Noticias* de 21 e 27 d'aquelle mez e anno, na qual o Snr. J. Capistrano de Abreu, com a synthese admiravel que lhe caracterisa os escriptos, o descreveu de modo tão magistral que nada póde desejar-se mais. Veja-se ainda o *Dicc. bibliogr.* de Innocencio da Silva, VIII, Suppl.; o *Monitor Sul-mineiro* de 20 de Janeiro de 1883; a *Provincia de Minas* de 15 de Março; o *Cruzeiro* de 23 de Fevereiro do mesmo anno e a *Gazeta Litteraria* de 15 de Janeiro de 1884: vozes unanimes a apregoarem os seus reaes merecimentos como cidadão e como sabio.

N.° 211. — Memoria sobre o exemplar dos Lusiadas da bibliotheca particular de S. M. o Imperador do Brazil pelo Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha publicada a expensas da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro por occasião do Centenario de Camões 10 de Junho de 1880...

Rio de Janeiro Typographia Nacional MDCCCLXXX. In-4.° gr. de 38 pp.

Antes da Memoria e da Dedicatoria a S. M. o Imperador, acha-se a advertencia do Snr. Dr. B. F. Ramiz Galvão, concebida nos seguintes termos:

« Á grande festa do Centenario de Camões não pudéra ser indifferente a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. Si inhibida por circumstancias particulares de offerecer á memoria do poeta um condigno monumento bibliographico,

nem por isso lhe era licito esquivar-se ao patriotico e louvavel impulso das gerações portugueza e braziliense de 1880, que pagam justissimo tributo de homenagem ao autor de suas glorias passadas e um dos mais insignes ingenhos poeticos de todas as idades.

« Vae neste opusculo uma das contribuições da Bibliotheca á festa do Centenario.

« Faltava á bibliographia camoneana um documento, do qual tinham noticia os eruditos, mas que raros haviam tido a fortuna de conhecer em sua integra; d'esse documento S. M. o Imperador, que o possuia, fez-me a graça de ceder copia á Bibliotheca Nacional, dando-nos a indispensavel autotorisação para o imprimir; refiro-me á douta Memoria do Conselheiro José Feliciano de Castilho, que hoje se offerece a publico tal qual a delineou ha 32 annos a aparada penna d'aquelle indefesso cultor das lettras portuguezas. »

As conclusões a que chegou José Feliciano de Castilho, após doutas investigações, são as seguintes:

« Por todos estes motivos decididamente julgo não poder ser objecto de questão:

que nunca foram de Camões as notas que se-escreveram no exemplar de Sua Magestade.

« É porem mui possivel, provavel mesmo, que este volume pertencesse ao Principe dos Poetas Portuguezes, pois por baixo do alvará se lêem as palavras — *Luiz de Camões seu dono* — de lettra, de que não torna a apparecer uma palavra em todo o decurso do volume, — e phrase emfim escripta sem affectação, correntemente, e com tal negligencia que até as palavras, ainda frescas, foram roçadas, a ponto de quasi se tornarem inintelligiveis, o que tira a idéa de um calculo doloso. Cumpre entretanto notar que n'essa linha o appellido está escripto *Camoens*, isto é, differentemente do modo como o Poeta o imprimiu.

« A serem pois fundamentadas as minhas observações:

este exemplar pertenceu na primitiva a Luiz de Camões, o qual todavia n'elle não escreveu uma só linha de commentos. »

Sobre o modo porque está escripta a palavra — *Camões* — occorre, no mesmo exemplar da *Memoria*, esta nota do Snr. Dr. Ramiz Galvão, ex-Bibliothecario:

« Aqui parece ter-se enganado o Conselheiro Castilho. O auxilio da lente deixa perceber distinctamente *Camoes*, ainda que á primeira vista se-possa crêr na intercalação de um *n* pelo já mencionado effeito do roçado da tincta.

« E alguma cousa mais. Adiante da phrase *Luiz de Camões seu dono*, com o auxilio da mesma lente se distingue, posto que apagadissima a data *576*. Este facto corrobora a hypothese de haver pertencido ao poeta este precioso volume, e traz para a discussão do assumpto mais um argumento de pezo, que é pena tivesse escapado ao sagacissimo auctor da *Memoria*. »

« José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, diz Innocencio da Silva na pag. 316, vol. 4.º do seu *Diccionario*, do Conselho de Sua Magestade, Fidalgo da C. R., Commendador das Ordens de Christo, e de N. S. da Conceição; Doutor e Bacharel em Direito, Medicina e Philosophia pelas Universidades de Coimbra, Paris e Rostock; Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa; da Sociedade Real dos Antiquarios do Norte; da Academia de Historia de Copenhague; da Sociedade Pharmaceutica de Lisboa; do Instituto Historico -geographico do Brazil e de outras Associações scientificas e litterarias. N. (conforme a sua declaração) em Lisboa a 4 de Março de 1812. No intervalo decorrido de 1835 até 1847, anno em que se retirou de Portugal para o Brazil, foi successivamente nomeado para varias e importantes commissões do serviço publico, das quaes não tiveram effeito por circumstancias supervenientes a de Secretario do Instituto das Sciencias Physico-mathematicas, cuja organisação foi mandada suspender pelo decreto de 2 de Dezembro de 1835, e a de Governador civil de Santarem, de que não chegou a tomar posse impedido pela revolução de Setembro de 1836: exerceu os de Bibliothecario mór da Bibliotheca Nacional de Lisboa desde Março de 1843 até 1847; Presidente da commissão encarregada da administração e reforma do Archivo Nacional da Torre do Tombo; Deputado ás Côrtes em varias legistaturas: serviu tambem militarmente como Tenente-coronel do batalhão de Voluntarios da Carta, creado em Outubro de 1846, cuja organisação lhe foi commettida. »

O Snr. Brito Aranha, no vol. XII, ou 5.º do Supplemento áquelle *Diccionario*, corrige o artigo de Innocencio pelo modo seguinte:

« Emende-se, em primeiro logar, a data do nascimento, que não foi em 1812, mas em 1810.

« Nunca recebeu o grau de doutor pela universidade de Coimbra. Era só bacharel formado em leis. O unico de seus irmãos que se doutorou, n'essa universidade, foi o Augusto Frederico de Castilho, que era doutor em canones, como ficou registado no tomo VIII, pag. 341.

« M. no Rio de Janeiro a 11 de fevereiro de 1879. »

O exemplar que expomos, sob o n.º 211, é unico, com as margens integraes, e constitue um bello attestado dos progressos que têem feito e do esmero com que actualmente trabalham estas officinas do Estado.

O Decreto n.º 9381 de 21 de Fevereiro de 1885 deu novo regulamento á Typographia Nacional, que passou a denominar-se *Imprensa Nacional*. Sua direcção, desde 1878, está confiada ao Ill.mo Sñr. Antonio Nunes Galvão.

N.º 212. — Relatorio da Directoria do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro em 1880. Edição de doze exemplares.
Rio de Janeiro. Typ. e Lith. Moreira, Maximino & C.ia, 1881, in-4.º gr. de 53 pp. com annexos.

No centro da folha de rosto, em um pequeno oval, a cabeça de Minerva, de perfil para a esquerda, tendo em volta as palavras: « Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro 1837. »

O titulo é impresso dentro de uma simples e elegante tarja.

Em seguida á fl. de rosto alguns trechos do discurso do Sñr. Joaquim Nabuco, na commemoração do Terceiro Centenario de Camões.

O Relatorio, organisado e publicado em homenagem ao mesmo Centenario, começa com estas eloquentes palavras:

« Si alguma vez a obrigação de expôr e referir acontecimentos da mais transcendente importancia para a historia do nosso *Gabinete*, como da mais grata, indelevel e perpetua memoria para quantos nos honramos de o sustentar e defender, foi já tarefa gloriosa; nunca, porém, como hoje, houve no desempenho d'ella nem maiores difficuldades a vencer, nem iguaes receios de o não conseguir na medida do que devemos á justa e legitima fama do nosso instituto e a vós outros por cuja confiança occupamos estes cargos.

« É que, volvidos no tempo os dias solemnissimos da memoravel epopéa consagrada no octogesimo anno d'este seculo á celebração do assombroso poema da civilisação dos povos, que no seculo XVI fixava definitivamente o eminente lugar que aos portuguezes cabia na historia dos progressos da humanidade, o nosso espirito enleva-se na contemplação das

grandiosas homenagens rendidas ao épico immortal, mas a nossa intelligencia não alcança retraçar a pagina historica que transmitte á posteridade a noticia das festas monumentaes com que nestes dominios da lingua portugueza se celebrou o terceiro centenario de Luiz de Camões... »

O Relatorio, caprichosamente impresso em excellente papel *Whatman*, com amplas margens, faz honra á pericia e bom gosto dos Sñrs. Moreira, Maximino & C.[ia], proprietarios de uma das melhores officinas typographicas da cidade do Rio de Janeiro.

O *Gabinete Portuguez de Leitura* effectuou a sua primeira sessão, em assembléa geral dos accionistas, no dia 14 de Maio de 1837, sendo eleitos:

Presidente, Dr. José Marcellino da Rocha Cabral; 1.º Secretario, Francisco Eduardo Alves Vianna; 2.º Secretario, José Maria do Amaral Vergueiro.

Começou a funccionar na modesta casa da rua de S. Pedro n.º 83, proximo á Igreja ainda hoje conhecida sob a mesma invocação.

De 1837 a 1850 teve grande desenvolvimento, adquirindo neste lapso de tempo numero consideravel de edições classicas, obras illustradas, importantes e excellentes exemplares dos primeiros seculos da imprensa, primando nas acquisições dos seculos XVI até o XVIII. Assim elevou a sua bibliotheca em 1860 até perto de 33,000 volumes, e o concurso dos accionistas a mais de 1,000.

Em 1842 passou para a rua da Quitanda n.º 55, onde estivera a typographia do *Despertador* e mais tarde se estabelecêra o *Correio Mercantil*. O espaço, porém, já era pequeno. Em consequencia d'isso, mudou-se a bibliotheca em Abril de 1850 para a casa da rua dos Benedictinos n.º 12, em que ainda se conserva.

O *Catalogo dos livros do Gabinete Portuguez de Leitura* foi publicado em 1858. Em 1868, Manuel da Silva Mello Guimarães deu á estampa o *Catalogo Supplementar* dos mesmos livros.

Este trabalho do illustrado bibliographo portuguez foi acolhido com muitos elogios por todos os entendidos, e a direcção do *Gabinete*, representada pelo Sñr. Visconde de S. Christovão, dispensou ao autor justas e animadoras expressões de louvor e gratidão.

Em Dezembro de 1872 possuia o *Gabinete* 20,371 obras em 44,917 vols. Eram os socios em numero de 1,891, e os subscriptores em numero de 175.

Em Dezembro de 1878 possuia 47,616 vols., 1,433 socios e 126 subscriptores.

Em 10 de Junho de 1880, para commemorar o 3.° centenario da morte de Luiz de Camões, lançou a primeira pedra do edificio da rua da Lampadoza, hoje Luiz de Camões; o qual deve ter capacidade para mais de 200,000 vols., salões para leitura, reuniões, conferencias litterarias e scientificas.

O edificio é bello, de puro estylo Manuelino, vindo, portanto, a ser um dos mais notaveis monumentos da Côrte do Rio de Janeiro.

Hoje conta a bibliotheca do *Gabinete Portuguez* 30,935 obras em cêrca de 62,473 vols., e mais de 125 revistas e periodicos diversos.

O exemplar que aqui figura sob o n.° 212 foi offerecido á Bibliotheca pelo Gabinete Portuguez de Leitura.

N.° 213. — Lycêo de Artes e Officios Polyanthea Commemorativa. Aulas do Sexo feminino.

In-4.° com est.

Este titulo, em caracteres maiusculos, a duas côres, bem como a tarja ornamentada, que o circumda, são lithogravados.

Traz um segundo titulo, o verdadeiro, que assim se inscreve:

— « Polyanthea Commemorativa da Inauguração das Aulas do Sexo Feminino do Imperial Lycêo de Artes e Officios. Edição de trezentos exemplares. *Rio de Janeiro, 1881.* » —

Entre os dois titulos, a dedicatoria á Bibliotheca, por lettra dos organisadores da Polyanthéa, duplica o valor do exemplar. Os organisadores, que tambem assignam o prefacio, são os Snrs.: Guilherme Bellegarde, Felix Ferreira e Dr. J. M. Velho da Silva Junior.

No v. da 4.ª fl. occorre a indicação: *Rio de Janeiro. — Typ. e lith. Lombaerts & C. — 1881.* »

Nas ff. 5 e 6, a lista dos collaboradores. Segue-se o texto de pag. 9 a 113.

O exemplar é adornado com os retratos de S. A. I. a Snr.ª D. Isabel, da Baroneza de S. Matheus, D. Zeferina Marcondes Carneiro Leão, D. Belmira Amelia da Silva, e D. Lucinda Furtado Coelho.

São desenhados por Belmiro e lithographados por A. Pinho e Valle.

Esta collectanea, para a qual concorreram muitos dos mais distinctos escriptores nacionaes e alguns extrangeiros, póde dar, pela sua execução typographica, idéa exacta da importancia das officinas dos Snrs. Lombaerts, uma das mais acreditadas do Rio de Janeiro.

O Snr. Dr. Teixeira de Mello, nas suas *Ephemerides Nacionaes* (Novembro 24 de 1856 e Janeiro 10 de 1857), dá exactas, posto que resumidas informações sobre esta utilissima instituição; d'ahi extrahimos os seguintes dados:

O Lyceu de Artes e Officios fundou-se nesta côrte, como complemento á Sociedade Propagadora das Bellas Artes, por iniciativa e esforços do Snr. Commendador Francisco Joaquim Bethencourt da Silva, professor de architectura da Escola Polytechnica, em 24 de Novembro de 1856.

Inaugurado no consistorio da matriz do Sacramento a 10 de Janeiro de 1857, passou-se depois para a igreja abandonada de S. Joaquim, onde funccionou por 19 annos. D'ahi mudou-se com toda a solemnidade, a 3 de Setembro de 1878, para o proprio nacional da rua da Guarda-Velha n.° 3, onde esteve por muitos annos a Secretaria do Imperio, depois de convenientemente adaptado ao seu generoso intuito.

Esse edificio, que o benemerito professor e director do Lyceu continúa a affeiçoar ao seu alto destino, dispõe de vastas salas para o ensino do desenho de figuras, de ornatos, de architectura civil e naval, de machinas, calligraphia, mathematica, geographia e outras disciplinas indispensaveis a um perfeito operario, e acha-se preparado para dar a instrucção simultanea a mais de mil individuos. O seu professorado compõe-se de mais de quarenta patrioticos cidadãos, que sem estipendio algum se prestam a ensinar as artes e sciencias applicadas. O Lyceu possue igualmente um gabinete de physica e um laboratorio de chimica, dispostos a auxiliar de um modo pratico as sciencias que a instituição propaga com louvavel zelo e infatigavel esforço ha quasi trinta annos.

Além dos cursos publicos e gratuitos de sciencias applicadas, mantidos com a maior regularidade, prepararam-se no edificio da rua da Guarda-Velha, officinas de artes mechanicas para o ensino pratico dos alumnos.

Com a creação das aulas para o sexo feminino, que data de 11 de Outubro de 1881, completou-se a idéa altamente civilisadora da instituição, resgatando-se a barbara injustiça de privar-se o bello sexo do direito que lhe assistia na com-

participação dos conhecimentos humanos, que deviam fazer da mulher brazileira uma perfeita mãe de familia. A *Nova Legião*, de que falla Luiz Guimarães, tem agora abertos diante de si os mais largos horizontes.

N.° 214. — O Lycêo Litterario Portuguez (1868 -1884).

Rio de Janeiro, Typ. e lith. de Moreira, Maximino & C., 1884, in-4.° com est.

O exemplar tem 207 pag. num. e 6 ff. inn. supplementares.

A fl. de rosto é impressa sobre papel a duas côres ; o exemplar traz uma photographia representando o edificio do lyceu e tres estampas representando os planos do mesmo edificio.

No fim do livro ha esta indicação : « Acabado de imprimir em vinte de Julho de mil oitocentos oitenta e quatro por Moreira, Maximino & C.ª para o Lycêo Litterario Portuguez. Rio de Janeiro. »

O livro foi publicado para a Commemoração da Festa de Inauguração do novo edificio do Lycêo Litterario, a qual se realisou em 11 de Junho de 1884.

A edição d'esta publicação foi de 724 exemplares impressos em diversas qualidades de papel. O exemplar da Bibliotheca, em papel Whatman, traz o n.° 8 e foi offerecido pela Directoria do mencionado Lyceu.

Este trabalho, como outros, dos Sñrs. Moreira & Maximino se recommenda pela nitidez da impressão e elegancia dos caracteres.

Fundada em 1868, funccionou esta benemerita associação em diversas casas, até que, por meio de donativos e subscripções, a actual Directoria adquiriu o magnifico e espaçoso predio do antigo largo da Prainha, que servia outrora de Escola de Marinha, e para o qual, preparado convenientemente e dotado de todas as condições desejaveis, se mudou definitivamente, com o mais solemne applauso publico, a 11 de Junho de 1884, estando matriculados nessa data nas suas diversas aulas 1,123 alumnos de todas as nacionalidades. Reune em si o *Lyceu* todos os elementos necessarios a tornal-o um estabelecimento de instrucção de primeira ordem; representando, com o *Gabinete Portuguez de Leitura* e o *Hospital de S. João de Deus*, um dos magestosos monumentos erguidos na capital do Imperio pela patriotica e laboriosa colonia portugueza.

N.° 215. — Innocencia por Sylvio Dinarte (Escragnolle Taunay) autor da Mocidade de Trajano, Céos e Terras do Brazil etc. 2.ª edição.

Rio de Janeiro. Typographia de G. Leuzinger & Filhos, 1884, in-8.° de 309 pp. — 1 fl. inn. com o Indice.

Na 2.ª fl. lê se o seguinte juizo do Sñr. Francisco Octaviano: « *Innocencia.* Este livro terá longa vida, do mesmo modo que se póde, ainda hoje, viajar a Escossia com as novellas de Walter Scott por guias. »

Na 3.ª e 4.ª ff. a dedicatoria do autor a seu amigo de infancia, o Sñr. José Antonio de Azevedo Castro.

A 1.ª edição d'este romance appareceu em 1872, e foi acolhida com enthusiasmo por escriptores nacionaes e extrangeiros.

Do estudo critico, que sobre elle escreveu e publicou o Sñr. Felix Ferreira, saudando o em sua 2.ª edição, reproduzimos a ultima parte:

« Retocando e revendo o seu romance, o Sñr. Taunay procurou principalmente vasal-o em uma linguagem correcta e fluente, sem procurar evitar a todo transe os chamados *brazileirismos*, que outra cousa não são mais que a natural evolução porque a lingua portugueza está passando em um paiz ainda em periodo de formação de nacionalidade; e nem a força de apurar o dizer poz a descoberto as cerziduras de um estylo artistico e de emprestimo, como soem fazer alguns dos nossos escriptores, por excesso de idolatria classica.

« Servindo-se dos mais finos materiaes que a linguagem vernacula moderna offerece nos dois paizes, onde é cultivada com o maior esmero, o Sñr. Taunay imprimiu em seu romance certo cunho de nacionalidade, que o torna distincto entre os melhores trabalhos congeneres que possue a nossa bibliographia. *Innocencia* é um livro que tanto póde ser apreciado pelos entendidos do Brazil como de Portugal. Não é o seu maior merecimento, mas é um dos capitaes; para mim, o que requinta o valor d'esse romance é o assumpto, que é verdadeiramente patrio. *Innocencia* é e será sempre considerada como obra prima da nossa litteratura; gemma mais fulgente do diadema do autor, difficilmente, no genero, poderá ser eclipsada pelo proprio que a lapidou. »

O Sñr. Pinheiro Chagas, em carta datada de Lisboa, 12

de Novembro de 1874, e publicada no *Diario do Rio*, referindo-se á nacionalisação litteraria, diz:

« Sylvio Dinarte compenetrou-se d'esta verdade e procura nos seus romances, acima de tudo, estudar o modo de viver peculiar, a indole e os costumes dos habitantes das provincias extremas do Brazil, d'aquellas onde ainda o homem se encontra quasi desacompanhado, face a face com a natureza. *Innocencia* pode-se dizer um esboço apenas, mas um esboço encantador que promette admiraveis quadros, logo que o seu autor concêba télas mais amplas, e onde possam entrar mais desaffogadamente os varios episodios da existencia dos fazendeiros no sertão.

. . . .

« Quem d'este modo pensa nos caracteres, quem tanta attenção presta ao desenho das physionomias, é um romancista em toda a extensão do termo, sêl-o-hia ainda que não tivesse tão potentes qualidades descriptivas, ainda que lhe faltasse o sentimento dramatico. »

Ha ainda outras apreciações criticas publicadas nos jornaes do Brazil e Portugal. O *Jornal do Commercio*, em fins de 1872, trouxe uma de Fernando Castiço, muito lisongeira para o autor.

O exemplar, que expomos, primorosamente impresso e encadernado, sahiu das celebres officinas dos Sñrs. G. Leuzinger & Filhos, e é, sem contradita, um dos mais perfeitos productos da typographia na Côrte do Rio de Janeiro.

Off. á Bibliotheca pelos Sñrs. Leuzinger & Filhos.

BAHIA.

N.° 216. — Observações sobre a franqueza da Industria, e estabelecimento de Fabricas no Brazil por José da Silva Lisbôa.

Bahia. Na Typog. de Manoel Antonio da Silva Serva. 1811. In-4.° peq. de VII – 55 pp.

José da Silva Lisbôa, depois Visconde de Cayrú, estava na Bahia, onde havia sido professor de Philosophia Racional e Moral, quando emigrou a Familia Real em 1807 e foi por sua influencia que se lavrou e publicou a Carta Regia de 28 de

Janeiro de 1808, franqueando os portos brazileiros ao commercio internacional, primeiro passo dado para a emancipação da colonia. Nasceu na cidade da Bahia em 16 de Julho de 1756 e morreu no Rio de Janeiro em 20 de Agosto de 1835.

O Visconde de Cayrú é autor de importantes e numerosas obras sobre Economia politica e Direito Mercantil e o primeiro publicista nosso na ordem chronologica. Prestou á patria e á sciencia economica assignalados serviços por mais de cincoenta annos. É uma gloria nacional.

Na *Vida e escriptos de José da Silva Lisboa...*, que na *Impr. Nac.* publicou em 1881 o Snr. Valle Cabral, terá o leitor não só uma relação exacta e minuciosa das edições das obras do notavel economista, como os factos e datas averiguados da sua laboriosa vida.

O opusculo presente contém sómente a primeira parte. A obra completa foi publicada anteriormente na *Impressão Regia*, *Rio de Janeiro*, 1810; dividida em 2 partes in-8.° gr., contendo a I, V–70 pp. num. e a II 243 pp. num. A analyse d'esse trabalho sahiu no *Correio Braziliense*, vol. V, pag. 614. O critico, posto que reconheça grande merito nos talentos e illustração do autor, e admitta os principios em que elle assenta os seus raciocinios, discorda, todavia, de suas applicações com relação ao Brazil.

O editor Silva Serva (vide V. Cabral, *Annaes da Typ. Nac.*) prometteu a reimpressão da II parte; a promessa, porém, parece que até ao presente se não realisou.

N.° 217. — Pastoral (de) Dom Fr. Francisco de S. Damazo de Abreu Vieira, Arcebispo Eleito da Bahia. (In-fine:) *Bahia: Na Typog. de Manoel Antonio da Silva Serva* (1814). In-4.°

O exemplar não tem fl. de rosto e consta de 9 pp. num. No fim vem esta nota, que designa o assumpto do opusculo:

« Pastoral, pela qual V. Ex.ª R.ᵐª ha por bem exhortar o Reverendo Clero aos Estudos das materias Ecclesiasticas, e estabelecer o methodo dos que devem ter os Ordinandos. »

Traz a data de 28 de Novembro de 1814 e é bem provavel que este fosse o anno da sua publicação.

O autor, que era natural de Portugal, da ordem de S. Francisco e oppositor na Universidade de Coimbra, occupa o 14.° lugar na serie dos arcebispos do Brazil, tendo sido anteriormente bispo de Malaca. Falleceu a 18 de Novembro

de 1816, tendo governado a archidiocese desde 20 de Setembro de 1814, a principio como governador e vigario capitular.

Os exemplares d'esta Pastoral são pouco vulgares, e, como se vê, é uma das mais antigas impressões feitas na cidade da Bahia.

N.° 218. — Idade d'Ouro do Brazil.

Bahia, Na Typog. de Manoel Antonio da Silva Serva, 1814, 1816, in-4.° de 6 ff. inn.

Traz como divisa:

Fallai em tudo verdades
A quem em tudo as deveis.
Sá de Miranda.

A Bibliotheca possue dois exemplares do n.° 65 de 1814, e o n.° 19 de 1816.

Foi o primeiro jornal que se publicou na Bahia; a collecção completa é muito rara.

Redigiu-o o p. Ignacio José de Macedo, natural do Porto e que residiu no Brazil por mais de 40 annos. A seu respeito e d'este periodico veja-se o que diz João Bernardo da Rocha no *Portuguez* n.° 38, Junho 1817, pag. 846.

N.° 219. — Oração funebre recitada por Fr. Francisco Xavier de S. Rita Bastos, nas exequias, que celebrou e officiou pontificalmente na Igreja primacial do Collegio desta Cidade, o Excellentissimo e Reverendissimo Snr. Dom Frei Francisco de S. Damaso de Abreu Vieira, Arcebispo da Bahia... no dia 8 de Junho de 1816 na morte da Nossa Fidelissima Rainha de Portugal e Senhora Dona Maria Primeira...

Bahia, Na Typographia de Manoel Antonio da Silva Serva, Anno de 1816, in-8.°

O exemplar consta da fl. de rosto, de uma dedicatoria ao Arcebispo da Bahia e da Oração, comprehendendo tudo 23 pp. num.

O autor, Francisco Xavier de Santa Rita Bastos, era religioso da Ordem franciscana, da provincia de Santo Antonio do Brazil. Pouca cousa se sabe a respeito de sua biographia. Falleceu no convento da sua religião na cidade da Bahia em 1846.

A – *Oração funebre* – acha-se descripta em Innocencio F. da Silva, sem nota bibliographica; entretanto, são muito raros os exemplares d'esta Oração.

N.° 220. — Relação do Festim que ao Illm° e Exm° Senhor D. Marcos de Noronha e Brito, VIII. Conde dos Arcos, Marechal de Campo dos Reaes Exercitos, Grão-Cruz da ordem de São Bento de Aviz, Governador e Capitão General da Provincia da Bahia, Gentil Homem da Camara de Sua Alteza Serenissima o Principe Real... Deram os Subscriptores da Praça do Commercio, aos 6 de Setembro de 1817, por occasião de collocarem nella o Retrato do mesmo Excellentissimo Conde, seu Fundador...

Bahia, Na Typog. de Manoel Antonio da Silva Serva (1817), in-4.°

É um volume de 64 pp. num., cuja maior parte, da pag. 14 á 60, consta de poesias laudatorias, terminando estas por um poemeto em latim, *Epinicium*, do celebre brazileiro José Francisco Cardoso de Moraes, autor do *Tripoli*, poema em latim, traduzido depois por Bocage.

O *Epinicium* ainda não foi descripto pelos bibliographos que trataram das obras do autor. Demais, o nome do autor, que é geralmente tido por José Francisco Cardoso, traz nesse exemplar a addição do appellido — *de Moraes*. Segundo se vê da narração do *Festim*, o *Epinicium* não foi recitado « por ser em lingua morta. »

Entre as peças poeticas do exemplar convem citar o *Elogio* (pag. 23), composição de Domingos Borges de Barros, depois Visconde da Pedra-Branca.

A manifestação que fizeram os commerciantes da Bahia

ao Conde dos Arcos, e que constitue o objecto do livro presente, foi uma prova de gratidão pelos serviços que o Conde prestára ao paiz, fundando a Praça do Commercio da Bahia, a primeira do Brazil, e pacificando em Março e Abril d'aquelle anno os movimentos revolucionarios de Pernambuco.

Os serviços prestados á Bahia pelo VIII Conde dos Arcos foram muitos e muito importantes: a elle devem os Bahianos não só a Praça do Commercio, como o Passeio Publico, a Pyramide commemorativa da passagem de D. João VI, o canal da Jequitaia, a Bibliotheca Publica, etc.

Os exemplares d'esta *Relação* são muito raros.

N.° 221. — Analise ao Decreto do 1. de Desembro de 1822, sobre a Creação da Nova Ordem do Cruzeiro: com algumas notas. Illustração ao Brazil, e ao nosso Imperador o Snr. D. Pedro I. Oferecida ao Publico pelo Dezengano.

Bahia, 1823, in 8.° de 29 pp.

No verso da fl. de rosto lêem-se, como divisa, os versos:

« E vê do Mundo todo os Principaes,
Que nenhum no Bem Publico imagina,
Vê nelles, que não tem amor á mais,
Qu'á si somente, e á quem filaucia ensina. »
Camões.

O exemplar provavelmente foi publicado, embora não haja declaração, na typographia da viuva Serva e Carvalho, successores da antiga typographia de M. A. da Silva Serva: pois d'esse tempo não temos noticia de outro estabelecimento do mesmo genero na Bahia.

A omissão do nome da officina justifica-se: o pamphleto ataca violentamente o governo imperial e o considera uma successão e prolongamento do despotismo portuguez.

O exemplar é precioso e muito raro.

N.° 222. — Corographia ou abreviada Historia Geographica do Imperio do Brasil, coordinada, acrescentada e dedicada á Casa Pia e Collegio

dos Orfãos de S. Joaquim d'esta cidade... por Domingos José Antonio Rebello.

Bahia, Na Typographia Imperial e Nacional, 1829, in-4.º peq.

O exemplar está em excellente estado de conservação e o livro é rarissimo, tanto que não existe d'elle exemplar, segundo nos consta, na Bibliotheca Publica da Bahia.

Contem 255 pp. de dedicatoria e texto, e 2 ff. inn. de errata e indice.

O livro occupa-se do Brazil e com especialidade da provincia e cidade da Bahia. — O autor era natural da Bahia e ali negociante matriculado e Director de uma Companhia de Seguros « Commercio Maritimo ».

Não sabemos ao certo si a obra foi mais tarde reproduzida.

N.º 223. — Relatorio dos Acontecimentos memoraveis dos dias 13, 14, 15, 16 de Março de 1838 na cidade da Bahia, mandado publicar pelo Marechal João Chrisostomo Callado, General em chefe do exercito restaurador.

Bahia, Typ. do Correio Mercantil, de M. L. Velloso & C.ª, 1838, in-4.º de 126 pp.

Esta publicação, apresentamol-a como um specimen precioso do tempo e lugar em que foi impressa.

A obra é um documento importante para a historia dos movimentos revolucionarios da Bahia, no periodo da Regencia.

O volume contém mais duas obras:

(Felicitação da Camara dos Deputados ao Marechal João Chrisostomo Callado.) *Rio de Janeiro, Typ. Nacional, 1838*, in-4.º de 10 pp. num., sem folha de rosto.

Exposição dos successos do Marechal João Chrisostomo Callado... *Bahia, Typographia de J. P. Franco Lima, 1838*, in-4.º de 38 pp. e 1 fl. inn. de errata.

O marechal Callado nascêra na cidade d'Elvas, em Portugal, a 24 de Março de 1780 e falleceu nesta côrte a 2 de Abril de 1857, segundo o autor das *Ephemerides Nacionaes*, I, pag. 196, col. II. O Dr. J. M. de Macedo traçou a sua biographia no I vol. do seu *Anno Biographico*, pp. 371-375.

N.º 224. — Collecção de obras relativas a historia da Capitania depois Provincia da Bahia e a sua Geographia mandadas reimprimir pelo Barão Homem de Mello, do Conselho de Sua Magestade o Imperador, Presidente da mesma Provincia. I. Historia da America Portugueza por Sebastião da Rocha Pitta.

Bahia, Imprensa Economica, 1878, in-4.º

O volume consta de 9 fl. inn., contendo folhas de rosto, prologos e licenças, e de 513 pp. num. de texto, indice e appendice.

Apresentamos esta edição como sendo um dos trabalhos mais esmerados que têem sahido dos prelos da Bahia. Foi impressa na Imprensa Economica.

Sebastião da Rocha Pitta nasceu na Bahia a 3 de Maio de 1660 e morreu a 2 de Novembro de 1738. A primeira edição da *America Portugueza* sahiu á luz em Lisboa, na Imprensa de José Antonio da Silva, em 1730. Esta edição princeps é hoje preciosa e rara e a Bibliotheca Nacional possue um exemplar d'ella.

A edição que expomos faz parte, sob o n.º 1., de uma Collecção de obras relativas á historia da Capitania e depois Provincia da Bahia, que projectava publicar o Sñr. Barão Homem de Mello.

O plano organisado para esse fim evidentemente não tinha em vista sómente a reimpressão, mas tambem a publicação de trabalhos ineditos ; ao menos é o que, com justiça, se póde concluir do titulo geral : « Collecção de obras... mandadas *reimprimir* ou *publicar.* »

No mesmo volume, como appendice, encontram-se :

I. « Biographia do Coronel Sebastião da Rocha Pitta, pelo Abbade Diogo Barbosa Machado — Bibliotheca Lusitana. »

II. « Narrativa da expedição dos Hollandezes á Bahia em 1638, extrahida da obra in-folio, publicada em Amsterdam em 1647 : Historia dos factos recentemente occorridos no Brasil e em outros lugares, durante oito annos, sob o governo do Conde João Mauricio de Nassau — escripta em latim por Gaspar Barleo. »

Criticos autorisados se manifestaram, pela forma que segue, acêrca do merecimento da *Historia* de Rocha Pita :

Diz Innocencio da Silva no seu *Dicc. Bibliogr. Port. :*

« Bem como todos os livros que tractam especialmente

das cousas do Brasil, esta *Historia* começou a ser mais procurada de trinta annos para cá, e foi subindo gradualmente de preço, de tal modo que os exemplares, que no principio d'este seculo se vendiam a 1$200 reis, quando muito, têem chegado a valer nos ultimos tempos 6$000 e 7$200 reis, e ainda ha mezes vi procurar com empenho um, que custou a quem o pretendia 8$000 reis! Como se tornam de dia em dia mais raros, não é para extranhar que este preço augmente ainda de futuro.

« Os nossos antigos criticos haviam esta obra em menos conta, principalmente no que dizia respeito ao estylo e linguagem: e tanto assim era, que o collector do pseudo *Catalogo da Academia* não a considerou digna de figurar entre os livros lá descriptos. Isto não obstante o voto do censor D. José Barbosa, exaggerado talvez, porém de cuja competencia e auctoridade poucos duvidariam. Affirma elle que a *Historia da America* está escripta com tanta elegancia, que só tem o defeito de não ser mais dilatada, para que os leitores se podessem *divertir* com maior torrente de eloquencia.

« O Snr. Varnhagen no seu *Florilegio*, pag. xxxv, a julga recommendavel pela riqueza de suas descripções, e pelo estylo pomposo e elevado, mais proprio todavia da poesia que da historia. Lendo esta, parece ás vezes estar-se lendo um poema em prosa.

« Ultimamente o Snr. Dr. Pereira da Silva apresenta da *Historia* e do seu auctor, o seguinte conceito: « *Se Rocha Pita soubesse ou podesse escapar-se do defeito de acceitar e dar, sem o menor discernimento, como verdadeiros alguns factos que só existiam em tradicções populares, e nas invenções dos missionarios, seria de certo um dos maiores historiadores da lingua portugueza... Quanto a estylo, é claro, facil, elegante e bello, tanto quanto o permittiam o gosto da epocha em que escreveu: tem descripções admiraveis e eloquentes pinturas... Finalmente, a* Historia da America, *quer para a epocha em que foi escripta, e que era de certo muito pobre de obras historicas, quer mesmo para os nossos tempos, que possuem uma mais abundante colheita de materiaes acêrca do Brasil, deve ser considerada um bom monumento, e um thesouro precioso, que honram a lingua e a litteratura portugueza.* »

Como se vê, são muito lisongeiros para o autor os juizos dos criticos illustrados. O Snr. Barão Homem de Mello, pois, reimprimindo a *Historia da America Portugueza*, prestou um bom serviço ás lettras e ao seu paiz.

N.º 225. — Memoria sobre a Araroba pelo Dr. Joaquim Macêdo de Aguiar.
Bahia, Imprensa Economica, 1879, in-4.º de 153 pp., 1 fl. inn. com est.

A *Imprensa Economica* é a melhor typographia da cidade da Bahia. Com effeito, a publicação presente torna-se digna de nota pela perfeição typographica com que foi executada; os typos de diversos corpos e feitios são dispostos com bastante regularidade e a impressão é nitida.

A obra é uma monographia da *Araroba* considerada em suas *applicações therapeuticas,* reproducção melhorada e augmentada da these de doutoramento apresentada pelo autor.

O exemplar foi comprado pelo Dr. João de Saldanha, actual Bibliothecario.

S. LUIZ.

N.º 226. — O Conciliador.
Maranhão, Na Typographia Nacional, 1823, in-fol.

Traz abaixo do titulo a divisa:

Sit, mihi fas audita loqui.
Virg. Aeneid. L. 6.

Na parte superior uma vinheta ou emblema em oval, representando duas mãos que se apertam, e a legenda: HABET CONCORDIA SIGNUM.

Foi este o primeiro periodico da capital do Maranhão. A collecção é hoje muito rara. A Bibliotheca expõe os n.ºs 210 e 212 de 1823.

« A primeira typographia que funccionou no Maranhão, diz o Sñr. Joaquim Serra em seu excellente trabalho *Sessenta annos de jornalismo,* publicado sob o pseudanymo de *Ignotus,* foi a mantida pelo erario real em 1821. Chegou de Lisboa a 31 de Outubro d'esse anno e começou logo a funccionar. Tinha uma administração composta de tres membros, sendo o principal um desembargador. Até 1830 foi essa a unica imprensa que possuiu a provincia. Depois da independencia passou a denominar-se *Typographia Nacional Imperial.*

O *Conciliador* sahiu manuscripto desde 18 de Abril de 1821 até á chegada do primeiro prelo em Outubro do mesmo anno.

O programma d'este periodico não foi e não está ainda bem definido. O Sñr. Serra diz: « occupa-se de assumptos proprios á seu destino. Dá resumidas noticias do exterior; faz algumas transcripções, e traz varios annuncios de caracter official. » O Sñr. Frias inclina-se, ao que parece, a dar-lhe sem hesitação o caracter de folha official. Innocencio da Silva, fallando da parte que tomou na redacção d'este periodico Rodrigo Pinto Pizarro de Almeida Carvalhaes, 1.° Barão da Ribeira de Sabrosa, accrescenta: « teve parte na redacção do *Conciliador,* folha politica que parece bem mal desempenhara o seu titulo. »

Parece que Innocencio allude ao desejo que tinha o periodico de unir ou conciliar os dois grandes grupos — brazileiro e portuguez, então em completo antagonismo na provincia.

O que se nos afigura averiguado é que foram seus principaes redacorets o mesmo Almeida Carvalhaes, um padre maranhense conhecido pelo appellido de *Tesinho* e F. Marques. Como nota o Sñr. Valle Cabral, o Sñr. Serra diz que o padre se chamava Antonio da Cruz Ferreira Tesinho, e o Sñr. Dr. Cesar Marques diz que se chamava José Antonio Ferreira da Cruz Tesinho ou José Gonçalves Ferreira da Cruz Tesinho.

Um justo reparo faz ainda o Sñr. Valle Cabral aos *Sessenta annos de jornalismo:*

O Sñr. Joaquim Serra dá ao periodico o titulo de *Conciliador do Maranhão.* Observa o Sñr. Cabral, e com razão, que o titulo é simplesmente *O Conciliador.*

O exemplar que expomos o attesta.

N.° 227. — Projecto de Constituição para o Imperio do Brasil.

Maranhão, Typographia Nacional, Anno de 1823, in-8.° peq. de 56 pag.

Esse exemplar, além de ser raro, é um documento do estado da arte typographica no Maranhão nos tempos da Independencia. A *Typographia Nacional,* acima alludida, foi mandada vir da Europa, segundo affirma Frias *(Mem. sobre a arte typ.),* em outubro de 1821 e nella publicou-se o *Conciliador* no mesmo anno e seguintes.

Frias suppõe que a mais antiga publicação maranhense em fórma de livro data de 1826, constando da descripção de umas festas do *Barracão.*

Essa declaração augmenta o valor do exemplar, cuja folha de rosto traz o seguinte : « impresso no Ryo de Janeiro e reimpresso no Maranhão.» A palavra *Rio* está escripta *Ryo,* como tambem se encontra no *Conciliador* do Maranhão impresso na mesma typographia ; no Sul do Brazil, no seculo presente, segundo pensamos, nenhum documento sahido da *Typographia Nacional* adopta a lição orthographica *Ryo.*

N.° 228. — Bibliotheca Dramatica. Theatro moderno.

Maranhão, Typ. de J. C. M. da Cunha Torres, 1853-54, in-4.°

A *Bibliotheca dramatica* comprehende as nove peças seguintes :

1.ª) *Os vestidos brancos* — drama em 2 actos por Leon Gozlan, trad. por A. H. Leal — de 23 pp. num. a duas col.

2.ª) *Os orphãos da Ponte de Nossa Senhora* — drama em 5 actos de Bourgeois et Masson, trad. por A. Rego — de 56 pp. num. a 2 col.

3.ª) *Simão o ladrão* — drama em 4 actos de M. Laurencin, trad. por Ant. Rego — de 71 pp. num. a 2 col.

4.ª) *O Casal das Giestas* — drama em 5 actos e prologo de Frederic Soulié, trad. por Ant. Rego — de 78 pp. num. a 2 col.

5.ª) *Clara Harlowe* — drama em 3 actos, com canto, por Dumanoir, Clairville et Guillard, trad. por Ant. Rego — de 35 pp. num. a 2 col.

6.ª) *O Cavalheiro da casa vermelha* — drama em 5 actos de Dumas et Maquet, trad. por Ant. Rego — de 72 pp. a 2 col.

7.ª) *A Estalagem da virgem* — de Hyp. Hostein et Tavenet, trad. por Ant. Rego — de 36 pp. num. a 2 col.

8.ª) *M.lle de Belle-Isle* — drama em 5 actos de Alex. Dumas, trad. por Ant. Rego — de 43 pp. num. a 2 col.

9.ª) *Gaspar Hauser* — drama em 4 actos por Anicet Bourgeois et d'Ennery, trad. por Ant. Rego — de 36 pp. num. a 2 col.

Esta collecção marca a data em que começaram as impressões mais notaveis do Maranhão. Foi impressa por Joaquim Corrêa Marques Torres, que em 1852 fizera a acquisição da typographia Magalhães e iniciou uma serie de publicações que tinham por modelos materiaes outras publicações extrangeiras (Frias, *Mem. sobre a arte typ.* pag. 18).

A *Bibliotheca dramatica*, diz Frias, foi uma das melhores impressões que produziu a officina Torres em seu principio.

A officina de Joaquim Corrêa Marques Torres é hoje propriedade do estimado impressor o Snr. J. M. C. de Frias.

O exemplar exposto pertenceu ao Snr. João Caldas Vianna Filho, hoje Visconde de Pirapetinga, cuja assignatura autographa occorre na primeira folha, em cima, á direita.

N.° 229. — Parnaso Maranhense. Collecção de Poesias.

(S. Luiz do Maranhão), Typographia do Progresso. Impresso por B. de Mattos (1861). In-4.° peq.

Consta de 3 ff. inn. de prologo, 285 pp. num. de texto, VI pp. de indice e 1 fl. inn. de errata.

O exemplar exposto recommenda-se pela nitidez da impressão e elegancia dos caracteres.

Belarmino de Mattos é com justo titulo cognominado o *Didot Maranhense*.

J. M. de Frias conta que já em 1848 a typographia do *Progresso* fizera adopção do cylindro de pelle na distribuição da tinta e o impressor B. Mattos foi o segundo no Maranhão que adoptou para as impressões o systhema de prelos mecanicos (*Vide: Memoria sobre a typographia* pp. 8 e 10).

O mesmo autor citado, diz adiante (pg. 20) que das impressões sahidas da officina do Snr. B. de Mattos distinguem-se, como as melhores, a do *Parnaso Maranhense* e as *Obras de João Francisco Lisbôa*, ambas feitas em prelo a braço.

Nosso exemplar está impresso em bom papel e mui bem encadernado.

N.º 230. — Memoria sobre a Tipografia Maranhense apresentada a Comissão directora da Exposição Provincial do Maranhão de 1866 e exposto como prova tipografica pelo tipografo J. M. C. de Frias.

S. Luiz do Maranhão, Typ. do Frias, 1866, in-4.º

Com 39 pp. num., a fl. de rosto impressa a 5 côres, e o texto, em todas as paginas, emmoldurado em elegantes filetes.

Quanto á execução artistica, basta dizer que Frias, um dos nossos mais peritos typographos, preparou esta edição para ser exposta em 1866 *como prova typographica;* em verdade, tanto pela variedade e formosura dos typos, como pela igualdade e boa qualidade da tinta empregada, o resultado da prova correspondeu á sua espectativa.

Considerado quanto ao assumpto, o trabalho é um valioso documento para a historia da typographia na Provincia do Maranhão.

Aqui damos os titulos dos capitulos ou pontos em que se divide a obra:

I « Fundação da primeira typographia no Maranhão e das mais que se lhe seguiram até hoje, material empregado, sua qualidade, melhoramentos introduzidos, seus introductores, em que epocas e vantagens obtidas. »

II « Analyse dos trabalhos typographicos, seu aperfeiçoamento, e causas que concorreram para elle, ou o embaraçaram. »

III « Pessoal typographico, suas habilitações, e qualidades; economia typographica; necessidades mais urgentes da typographia, e os meios de as remediar. »

Tendo em vista esta synopse, póde julgar-se da importancia do contingente que o Sñr. José Maria Correia de Frias prestou ao estudo d'esta especialidade no Brazil.

OURO PRETO.

N.º 231. — Villa Rica, Poema de Claudio Manoel da Costa. Arcade ultramarino, com o nome de Glauceste Saturnio. Offerecido ao

Illm.º e Exm.º Sñr. José Antonio Freire de Andrada, Conde de Bobadella &c. &c. no anno de 1773.

Ouro Preto, Typ. do Universal, 1839, in-4.º

Dado á luz em obsequio ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro por um dos seus socios correspondentes, como se declara na fl. de rosto, José Pedro Dias de Carvalho depois senador do Imperio pela provincia de Minas.

As XIX pp. prel. comprehendem: o titulo; no verso da fl. de rosto estas palavras de Virgilio:

« Ultra Garamantos, et Indos proferet imperium. »
Virg. Æn. 6.

Seguem-se: « Carta dedicatoria; Prologo; Fundamento historico. » O Poema occupa 79 pp. Na pag. 80 e ultima vem um soneto de José Maria Francisco de Assis: « Aos primeiros quatro cantos do Poema da fundação da capital de Minas, e suas extensoens, que pretende dar á luz o Sr. Dr. Claudio Manoel da Costa. »

Nesta mesma pagina, embaixo, a seguinte indicação: *Ouro-preto, 1841. Typographia do Universal. Praça numero 15.*

No bilhete do Catalogo systematico da Bibl. Nac. está lançada a nota que segue: « Unica e rara edição d'este interessante poema. No fim do volume occorre a data de 1841, o que faz suppôr que só então acabou-se a impressão, começada em 1839. »

Segundo as notas collegidas por Innocencio da Silva, o Sñr. Cons. Pereira da Silva, J. M. da Costa e Silva e Fernandes Pinheiro, o distincto poeta Claudio Manuel da Costa nasceu na cidade de Marianna, na provincia de Minas Geraes, a 6 de Junho de 1729. Concluidos os primeiros estudos no Rio de Janeiro, partiu para Portugal aos 17 annos de idade, e formou-se em Coimbra na Faculdade de Canones em 1753. Regressando em 1765 para o Brazil, estabeleceu a sua residencia em Villa Rica, e começou a exercer a profissão de advocacia, na qual adquiriu honrosos creditos.

O Governador da Capitania D. Rodrigo José de Menezes o nomeou 2.º Secretario do Estado em 1780, lugar que resignou em 1788, voltando á vida particular, na occasião em que o Visconde de Barbacena entrou na administração d'aquella provincia.

Implicado pouco depois como um dos chefes na conspiração tramada em Minas Geraes para a independencia do

Brazil, foi preso juntamente com os seus amigos Gonzaga e Alvarenga, e poucos dias depois achado morto na prisão, havendo-se enforcado com uma liga, isto nos principios de 1789.

Taes são as palavras de Innocencio, tomo II, pag. 79 do seu *Diccionario*.

Á pag. 80 encontramos o juizo critico ácerca do poeta brazileiro:

« Claudio Manuel da Costa, como poeta, pertence sem duvida á escola italiana, ainda que no seu estylo apparecem ás vezes resaibos de gongorismo; vê-se que procurava imitar Petrarca, Guarini e Metastasio, de cujas obras tinha muita lição e estudo. Entretanto, é certo que J. M. da Costa e Silva o excluiu da referida escola no seu *Ensaio Biographico-critico*, reservando-o para a hespanhola. Quanto ao seu merito, todos os criticos portuguezes e estrangeiros, e entre estes ultimos o Snr. F. Dénis e Sismondi, se accordam em julgal-o digno e feliz imitador dos seus modelos. Porém o seu ultimo biographo, o Snr. Pereira da Silva, levado sem duvida de excessivo, comquanto desculpavel sentimento de nacionalidade, vai ainda mais longe, e affirma — que Claudio conseguira aperfeiçoar o soneto portuguez, de modo a, se não exceder, ao menos rivalisar com os de Petrarca. Bocage (diz elle) é mais harmonioso na phrase, menos porém completo na poesia e no sentimento. Leiam-se os sonetos de Claudio, e julgue-se seu merecimento com justiça e imparcialidade. — Apezar d'este appello, não sei se os entendedores sentenciarão o pleito a seu favor. Duvido-o muito. »

Não nos compete a nós decidir tão importante questão. O que está fóra de duvida é que Claudio Manuel da Costa é um grande poeta, e o Brazil se orgulha de o contar entre seus filhos.

A Bibliotheca Nacional possue duas copias manuscriptas d'este Poema, ambas datadas de 1773, mas com variantes.

N.º 232. — O Recreador Mineiro. Periodico Litterario.

Ouro Preto, Typ. Imp. de Bernardo Xavier Pinto de Souza, 1845 - 1848, 7 vol. in-4.º com 84 num. e est. lithogr.

O volume exposto comprehende os numeros do primeiro semestre do anno de 1845. — Cada numero tem 16 pag. a duas columnas.

Foi seu fundador e redactor principal Bernardo Xavier Pinto de Souza.

O caracter da publicação é artistico e litterario. O volume do 1.° semestre traz as duas gravuras seguintes: « Imperial Cidade de Ouro Preto e Vista *(do Rio de Janeiro)* tomada de Santa Thereza »; as duas gravuras trazem a assignatura do gravador *A. Chenot.*

Pinto de Souza falleceu no Rio de Janeiro a 29 de Setembro de 1884, tendo nascido em Coimbra, segundo Innocencio da Silva, a 27 de Novembro de 1814.

O prospecto da folha foi publicado em 1844 e existe na Bibliotheca Nacional.

RECIFE.

N.° 233. — Sentinella da Liberdade na Guarita de Pernambuco.

Pernambuco, Nas officinas de Cav. & C.ª, e na typ. de Pinheiro e Faria, 1823–1835. In-4.°

A publicação do periodico era irregular, sahindo mais ou menos duas vezes por semana. O preço do numero avulso variava de 40 a 80 réis, conforme o numero de paginas de impressão. O seu titulo, no correr do tempo, soffreu diversas modificações, supprimindo-se por vezes o trecho *na Guarita de Pernambuco;* ora, com o titulo: *Sentinella da liberdade á beira-mar da Praia-Grande*, ora com o de *Sentinella... na sua primeira guarita, a de Pernambuco, onde hoje brada*, etc., etc.

A *Sentinella*, ao que parece, interrompeu a sua publicação entre 1823 e 1834. O seu principal redactor foi o afamado Cypriano José Barata de Almeida, deputado, natural da Bahia.

O periodico, nos seus primeiros tempos, advoga o constitucionalismo, atacando por vezes o governo imperial; applaude a revolução de Abril, que occasionou a quéda do primeiro reinado e, sob a Regencia, aconselha a Federação como unico systema que poderia salvar o paiz.

Este periodico, um dos mais antigos da provincia, é valiosissimo para a sua historia.

O exemplar exposto foi offerecido á Bibliotheca Nacional pelo Sñr. Soares de Souza.

N.° 234. — Diario do Governo de Pernambuco. *Pernambuco, Typ. de Cavalcanti & Comp., 1824.* In-fol.

O specimen presente é o n.° 51 de 28 de Fevereiro de 1824. Traz no alto as armas imperiaes e, sob o titulo, a divisa

Quid autem, si vox libera non sit, liberum esse?
Tit. Liv.

O preço de cada numero era de 80 réis.

Foi este o primeiro jornal official da provincia? Não temos noticia de outro.

A collecção do *Diario do Governo* é hoje muito rara.

N.° 235. — O Carapuceiro. Periodico sempre moral e só per accidens politico. *Pernambuco, Na typographia de M. F. de Farias,* 1837 a 1842, in-4.° com vinhetas.

Esta publicação sahia regularmente duas vezes por semana, e o numero avulso custava 80 réis.

Cada numero traz na primeira pagina a legenda seguinte:

« Hunc servare modum nostri novere libelli
Parcere personnis, dicere de vitiis. »
Marcial, Liv. 10. Ep. 33.

E a traducção em verso:

« Guardarei n'esta folha as regras bôas
Que he dos vicios fallar, não das pessôas. »

Foi redactor d'este periodico o p. Miguel do Sacramento Lopes Gama.

O periodico é satyrico e chistoso. Não se encontram allusões pessoaes; seus ataques são feitos aos costumes e aos habitos pouco moraes do povo. Redigido por um padre, nota-se claramente no periodico uma constante reacção contra o materialismo e as theorias de Bentham, Voltaire, d'Holbach e em geral contra a philosophia do ultimo seculo. Quando, por vezes, trata de politica geral condemna o systema republicano e defende a monarchia.

Publicação muito curiosa, tanto sob o ponto de vista biographico, como sob o ponto de vista historico.

Pertenceu o exemplar ao Snr. M. A. Vital de Oliveira, passou depois para o Snr. Antonio Carlos C. de M. S. e Andrada, e, mais tarde, para a Bibliotheca Nacional.

Segundo os seus biographos, nasceu o P. Miguel do Sacramento Lopes Gama em Pernambuco a 29 de Setembro de 1791, e teve por paes o Dr. João Lopes Cardoso Machado e D. Anna Bernarda do Sacramento Lopes Gama. Morreu na cidade do Recife a 9 de Dezembro de 1852.

N.° 236. — Parasitas. Versos de José de Vasconcellos.

Pernambuco, Typographia do Jornal do Recife, 1871, in-4.°

O volume consta de 2 ff. inn., contendo folha de rosto e advertencia, 135 pp. num. de texto e 2 ff. inn. de indice.
O exemplar é apresentado como um documento do estado da arte typographica em Pernambuco. A impressão é boa e nitida, notando-se diversidade e belleza de typos. Todas as paginas são tarjadas e as tarjas coloridas em fórmas e côres variadas.

PARÁ.

N.° 237. — (Resolução do Governo do Pará. Acta official.)

Pará, Na typographia nacional, 1824, in-folio.

É uma communicação que fazem o Conselho da Provincia e mais autoridades provinciaes do Pará ao Governo Geral, indicando as medidas que tomaram extraordinariamente em vista da necessidade da manutenção da ordem publica. Entre essas medidas avulta a da prisão e subsequente embarque do Brigadeiro José Ignacio Borges, que ameaçava a tranquilidade geral.
O exemplar é um dos mais antigos documentos typographicos da Provincia e considerado raro.
Naquelles tempos governava a provincia José de Araujo Roso, tendo por Secretario José Thomaz Nabuco de Araujo.

N.º 238. — Falla com que o Exm. Sr. Dr. João Capistrano Bandeira de Mello Filho abriu a 2.ª sessão da 20.ª Legislatura da Assembléa Legislativa da Provincia do Pará em 15 de Fevereiro de 1877.

Pará, Typ. do Livro do Commercio, Theophilo Schlogel & Comp., Adm. Antonio Ribeiro dos Santos, 1877, in-4.º

O exemplar tem 190 pp. num., 1 fl. inn. e LXVIII pp. num. de Annexos.

A capa do exemplar é impressa a tres côres e a impressão do texto caracterisa-se pela nitidez e regularidade do trabalho typographico.

É exposto como specimen do estado actual da arte typographica na provincia do Pará.

Comprado pelo Dr. João de Saldanha, actual Bibliothecario.

RIO GRANDE.

N.º 239. — Himno que se cantou na noute do dia 24 do corrente, pela feliz noticia da Gloriosa Elevação do Sr. Dom Pedro II ao Throno do Brazil.

Rio Grande, 25 de Abril de 1831 por F. N. F. In-4.º

É provavelmente um dos impressos mais antigos da provincia do Rio Grande do Sul; como tal, e pelo seu valor historico, figura na Exposição Permanente.

PIRATINIM

N.º 240. — Manifesto do Presidente da Republica Rio Grandense em nome de seus constituintes. In-4.º de 11 pp. num.

Datado de Piratinim, 29 de Agosto de 1838.

Nos tempos da Regencia, governando a provincia do Rio

Grande do Sul Antonio Rodrigues Fernandes Braga, rebentou a revolução republicana a 20 de Março de 1835 capitaneada por Bento Gonçalves da Silva e depois por David Canavarro e que só terminou em 1845 pela submissão dos rebeldes.

Pelo *Manifesto* vê-se que os Rio-Grandenses, « perdida a esperança de uma conciliação com o Governo », abraçam o systema republicano como o unico que os possa pôr ao abrigo da anarchia e do despotismo. O mesmo documento declara que a provincia acceita a confederação de outras, que livremente quizerem acompanhal-a nesse movimento.

Assignam o manifesto: *Bento Gonçalves da Silva, Presidente,* e *Domingos José d'Almeida — Ministro e Secr. d'Interior.*

Com quanto não venha no exemplar declaração de typographia, parece-nos evidente que a impressão foi feita no Rio da Prata. Autorisam-nos essa conclusão, em primeiro lugar, as difficuldades e grave responsabilidade de imprimir no paiz um pamphleto tão abertamente contrario ás instituições juradas, maximè em uma epoca em que as condições de paz eram precarias. Depois, o trabalho typographico está eivado de certos erros e defeitos que indicam claramente que os typographos occupados nessa impressão fallavam a lingua castelhana. Assim, encontramos nas poucas paginas as palavras: *Goberno, reducir, seducir,* etc. Além d'isto, como no castelhano não existe o *til* sobre vogal, vemos que no exemplar o diphtongo — *ão* — tão commum á nossa lingua é expresso sem o *til* e apenas levando um accento agudo. Não obstante, attenta a possibilidade de haver sido impresso no Rio-Grande, e por se referir o folheto a um periodo interessante dà nossa historia, e ser escripto por brazileiros, preferimos expôl-o neste lugar.

PORTO ALEGRE.

N.° 241. — Reflexões sobre o Generalato do Conde de Caxias, sobre o seu systhema militar e politico; parallelo entre o nobre Conde e os diversos generaes, seus predecessores.

Porto Alegre, Typografia de Isidoro Josè (sic) *Lopes, 1845,* in-8.°

A este titulo precedem quatro folhas, de impressão mais recente, contendo: na 1.ª, dentro de uma tarja, acima de

uma pequena vinheta, o titulo: Reflexões sobre o Generalato do Conde de Caxias; no v. d'esta fl. a indicação de lugar e de typographia; na 2.ª fl. os dizeres da fl. de rosto acima transcriptos; na 3.ª e 4.ª ff. a *Dedicatoria* assignada *Por um Rio-Grandense.*

O texto occupa 208 pp. No fim da ultima lê-se: *Porto-Alegre, 1846. Typografia de I. J. Lopes.*

O livro, apesar do tom laudatorio em que foi escripto, é um documento de valor para a historia nacional, no que respeita á pacificação da provincia do Rio-Grande do Sul, confiada ao illustre Barão, depois Duque de Caxias.

A impressão é regular para o tempo em que foi feita. Este opusculo já se vae tornando raro.

N.º 242. — Damasceno Vieira — A musa moderna.

Porto Alegre, Typ. do Jornal do Commercio, 1885, in-8.º

Consta de xxv – 190 pp. num., comprehendidas as de *indice.* Contém o vol., além de um *Estudo critico* do autor, que occupa as xxv pp. prel., LXVI trechos de poesia, divididos em dois grupos: *Luctas* e *Consagrações.* Ás poesias seguem-se: *Apreciações criticas* sobre os *Esboços litterarios,* trabalho anterior do autor, igualmente publicado em Porto Alegre, em que se occupa com o Snr. Dr. Tobias Barreto, a proposito do seu livro *Dias e Noites,* com os Snrs. Drs. Sylvio Roméro e Theophilo Dias e com o poeta rio-grandense o Snr. Mucio Teixeira.

No prologo do seu livro, que a tanto monta o *estudo critico* que o precede, procura o autor dar a razão dos seus versos e victoriosamente o consegue. Diz elle:

« ... a poesia de nossos dias sente-se attrahida para um novo pólo magnetico: o artista perdeu a antiga attitude vaga e contemplativa para assumir a do pensador que estuda de preferencia o homem nas suas crenças religiosas, nas suas instituições, no seu amor intimo e social, nos seus emprehendimentos em busca da eterna utopia — a perfectibilidade... A sua missão não é sómente *bella;* é tambem *util.* Encanta e instrue. Na harmonia d'estes dois predicados é que se firma a sua superioridade sobre a musa antiga...

« A musa moderna não restringe subjectivamente o horisonte de suas concepções: amplia-o, apoderando-se de todos

os problemas sociaes e fazendo-os passar atravez do sentimento como raios solares atravez de um prisma.

« O homem é o seu assumpto preponderante...

« O realismo que seguimos não faz uso de constantes hyperboles nem impõe-se á admiração dos ingenuos por meio de estylo transcendental, mais proprio de compendio de philosophia do que de um livro de indole poetica: antipathisamos com tudo quanto se oppõe á facil comprehensão do bello artistico.

« Não nos enthusiasma a poesia emphática, retumbante, pedantesca, entumecida de citações historicas, cravejada de comparações enigmaticas.

« Faz-nos lembrar as phantasticas dansas macabras... »

Quanto á fórma:

« A poesia é uma musica especial; convem ser sempre harmoniosa, de maneira que agrade simultaneamente ao ouvido e ao entendimento. »

Impresso a duas côres, em papel amarellado, caract. redondos, sem registro, o livro do Snr. Damasceno Vieira representa dignamente a imprensa rio-grandense neste ultimo quartel do seculo.

O exemplar exposto foi offerecido á Bibliotheca pelo autor.

S. PAULO.

N.º 243. — O Farol Paulistano.
S. Paulo, Na Imprensa de Bôa e C., 1837-32, in-folio peq.

É, segundo cremos, a primeira publicação periodica da Provincia de S. Paulo.

Foi a principio semanal; continuou depois a publicar-se duas vezes por semana. Cada n.º custava 80 réis.

Trazia a divisa: *La liberté est une enclume qui usera tous les marteaux.* O texto, impresso a duas columnas, compunha-se de 4 paginas, numero excedido algumas vezes quando apparecia supplemento.

A publicação durou 6 annos: a collecção da Bibliotheca Nacional tem algumas lacunas.

O fundador e redactor principal d'este periodico foi José da Costa Carvalho, depois Marquez de Monte Alegre.

O *Farol paulistano* adquiriu uma officina typographica propria, em que foram impressos o *Justiceiro* (1834 – 35); *O Novo Farol Paulistano* (1831) e o *Observador Constitucional* (1829 – 32).

A feição do periodico é politica; seus artigos são, em geral, consagrados á defeza dos principios constitucionaes e escriptos em linguagem moderada.

N.º 244. — Diario da Viagem do Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida pelas Capitanias do Pará, Rio Negro, Matto Grosso, Cuyabá, e S. Paulo, nos annos de 1780 a 1790. (Impresso por ordem da Assembléa Legislativa da Provincia de S. Paulo.)

S. Paulo, Na typographia de Costa Silveira, 1841, in-4.º de 89 pp. – 1 pag. inn. com a errata.

O livro é de importancia para a geographia do interior do Brazil; o *Diario* é excessivamente condensado, attendendo-se a que é a descripção de uma viagem, segundo diz o proprio explorador, de 648 1/2 leguas de terras invias e inexploradas.

O autor, Dr. F. Lacerda, era o astronomo da Expedição que por mandado d'el Rei D. José vinha fazer as demarcações dos dominios reaes na America, segundo se vê do proprio exemplar.

A Bibliotheca Nacional possue o msc. autographo (Cod. CCXXXVII (16 – 103) 16 ff. inn. 30 × 18) de uma parte d'este diario, comprehendendo a descripção da viagem desde Villa Bella de Cuyabá até á cidade de S. Paulo: esta parte corresponde no impresso ás pp. 43 e seguintes.

A publicação presente é a primeira, de que temos noticia, do *Diario* do Doutor F. J. de Lacerda e Almeida, e foi feita por ordem da Assembléa Legislativa de S. Paulo.

Os exemplares são pouco vulgares.

Figura na Exposição como um documento intermediario da arte de imprimir na provincia de S. Paulo. Com effeito, si o compararmos, veremos que sua impressão já não é a do n.º 243, mas tambem ainda não é a de n.º 245.

N.º 245. — Compendio da Grammatica portugueza, para uso dos alumnos de humanidades que frequentam a aula de Portuguez, compilado pelo Bacharel em Direito Augusto Freire da Silva... *Quarta Edição.*

S. Paulo, Typographia a vapor de Jorge Seckler & C.ia, 1883, in-4.º de 238 - VII pp.

A obra é dedicada á memoria do Dr. José Tell Ferrão. O texto vae de pag. 7 a 238.

Termina o volume com o indice e a errata.

O autor apresenta o seu trabalho sob a guarda d'estas idéas e palavras do Visconde de Almeida Garrett:

« De toda a educação do espirito a grammatica é a base. A grammatica é a sciencia das palavras, isto é, dos signaes de nossas idéas; e, entre estas e aquellas, — pela construcção physica do homem, por suas relações com os outros e com o resto do mundo visivel, por sua educação, por sua natureza, — é tão intima a connexão, tão estreita e quasi indivisivel, que jamais conhecerá bem as cousas o que não conhecer bem as palavras, jamais adquirirá idéas exactas, ou formará juizos distinctos o que das palavras, suas combinações e ligações, não tiver noção exacta, — e, no modo de as empregar e usar, não fôr egualmente correcto e habil. »

Jorge Seckler é talvez hoje o melhor impressor da cidade de S. Paulo. Apresentamos este exemplar como um specimen do estado actual da arte typographia na provincia. A impressão é muito regular; os typos varios empregados não são destituidos de elegancia.

O exemplar foi comprado pelo Dr. João de Saldanha, actual Bibliothecario.

FORTALEZA.

N.º 246. — Reflexões sobre dous impressos que deu a luz o Ex-Prezidente da Provincia do Rio Grande do Norte Deputado do Ceará Manoel do Nascimento Castro e Silva em

abono da sua illibada conducta contra o calumniador Antonio da Rocha Bezerra, que com falsidades pretendeu denegrilo.

Reimpresso na Typ. Nacional do Ceará, 1828, in-fol.

É a reimpressão de um artigo publicado editorialmente no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro n.° 116, de 20 de Fevereiro de 1828.

O reimpressor precede a publicação de algumas linhas encomiasticas ao accusado e assigna-se: *Por hum Cearense.*

A *Typographia Nacional* é a mesma em que se imprimiu a *Gazeta Cearense* em 1829. E provavel portanto que as *Reflexões* sejam um dos mais antigos impressos da provincia.

N.° 247. — Rodolpho Theophilo. Historia da secca do Ceará (1877-1880)

Fortaleza, Typ. do Libertador, 1883, in-8.°

O exemplar tem 501 pp. num. de texto, 4 pp. num. de indice e 1 fl. inn. de errata. Traz um retrato do autor, gravado em madeira, com o *fac-simile* da sua assignatura, duas xylographias representando figuras humanas e cinco chromolithographias representando vegetaes.

O autor, antes de tratar do assumpto capital do livro, estuda a geographia, as condições metereologicas da provincia e ainda a sua industria, commercio, geographia politica e estado de instrucção e de cultura litteraria.

A historia da sêcca é dividida e exposta na ordem rigorosamente chronologica, em periodos annuaes, a saber: 1877, 1878, 1879, e 1880 (até Junho); em seguida o autor faz a resenha das medidas que se têem proposto com o fim de prever ou remediar as seccas que assolam a provincia. No ultimo capitulo, propõe-se a provar que nenhuma coincidencia existe entre o *minimum* das manchas solares e as sêccas.

O exemplar é apresentado como specimen da arte typographica no Ceará, em nossos dias.

CARTAS GEOGRAPHICAS

N.° 248. — Karte von Amerika aus dem Iahre 1500 entworfen von Juan de la Cosa Begleiter des Columbus auf dessen zweiter Reise aufgefunden von Alexander Humboldt.

Verlag v. Bauer & Raspe in Nürnberg, $0^m,339 \times 0^m,275$.

Preciosa Carta, descripta no nosso *Catalogo de Historia* sob o n.° 1366, onde vem a nota seguinte:

« Em Ghillany e Humboldt — *Geschichte des Seefahrers Martin Behaim*, & *Nürnberg*, 1853, in-fol.

« É a celebre Carta descoberta por Humboldt na bibliotheca do Barão Walckenaer, e que traz a declaração expressa — « Juan de la cosa la fizo enel puerto de S.ª m.ª en año de 1500 — » Ahi se acha representado o Brazil pela primeira vez, e na altura do Cabo de S. Agostinho occorre esta nota: « Este Cabo se descubrio en ano de mil y IIIIXCIX por Castilla syendo descubridor Vicentians (Vicente Añes Pinzon). »

Não podendo a Bibliotheca Nacional, por falta absoluta de espaço, fazer uma exposição, já não diremos completa, nem ao menos resumida dos cimelios que possue em ramo tão importante dos conhecimentos humanos, por outro lado, não querendo deixar de representar, ainda que fosse por um só exemplar, a sua sub-secção de Cartas Geographicas, escolheu, parece-nos mui acertadamente, o que figura na Exposição sob o n.° 248.

É, como se affirmou, a primeira Carta em que o Brazil foi representado, e, portanto, muito digna de occupar este lugar de honra.

Em verdade, nella apenas se divisam os primeiros lineamentos, as primeiras fórmas do Imperio sul-americano; desenho a largos traços, mas firmes; contornos ainda incompletos, mas accentuados; um esboço de grandeza, uma prophecia, uma videncia dos altos destinos dos nossos Brazis.

A Bibliotheca Nacional possue o *fac-simile* da carta original, na obra « Les Monuments de la Géographie ou Recueil

d'anciennes cartes européennes et orientales... publiés en facsimile de la grandeur des originaux par M. Jomard... *Paris*, in-fol. max. »

É o n.° 16 da collecção.

O exemplar está exposto, emmoldurado em elegante quadro, na Secretaria da Bibliotheca.

INDICES

INDICE DOS AUTORES

(POR NUMEROS)

INDICE DOS IMPRESSORES

(POR NUMEROS)

INDICE DAS CIDADES

SECÇÃO
DE
MANUSCRIPTOS

ESBOÇO HISTORICO

Como já se viu no historico da secção de impressos, o fundo primitivo da secção de manuscriptos da Bibliotheca Nacional devemol-o á Real Bibliotheca, que nos deixou D. João VI, em 1821, sob a direcção do padre Joaquim Damaso.

Este padre, não querendo adherir á independencia do Brazil, voltou para Portugal, levando nessa occasião, si não todos os manuscriptos, que lhe estavam confiados, bôa cópia d'elles ou talvez a sua maxima parte. Não conduziu, porém, o padre Damaso, segundo se diz, toda a collecção de manuscriptos, tanto de parte da *Bibliotheca do Rei*, como da da *Casa do Infantado*, designações com que se distinguiam as duas livrarias reunidas em uma só sob o nome de *Real Bibliotheca;* em numero superior a mil, muitos dos quaes foram do uso privativo de D. José I e de D. João VI, existem na respectiva secção.

Francisco José da Serra, em uma carta sua sobre assumptos litterarios dirigida a D. Maria I, depois de 1791, allude a uma biblia em portuguez do XV ou XVI seculo que existia na Real Bibliotheca d'Ajuda e escreve: « Entre as obras *Manuscriptas* conto eu hũa *Biblia* em Portug.[es] do Seculo XV. ou XVI. q̃ pertencendo á V. Mg.[e] parou pela seg.[da] vez no poder do ultimo Cardeal Cunha. Hoje existe na Real Biblioth.[a] por

compra feita á herança do estranho possuidor. Praza á Deos q̃ este exemplo seja o ultimo. »

Ora, como essa Biblia, que pelo seu incontestavel valor devia estar a bom recato, não consta que apparecesse entre os haveres manuscriptos que herdámos da bibliotheca do Rei; é muito provavel que fosse ella um dos codices levados pelo padre Damaso, que sabia de certo arrecadar o que houvesse de mais precioso. Todavia, o instruido padre, a quem devemos um serviço insolvavel — a impressão da *Chorographia Brasilica* de Ayres de Casal — deixou-nos ainda assim muitos manuscriptos notaveis e interessantes.

Com D. João VI veiu mais uma collecção de manuscriptos, que no Palacio das Necessidades de Lisboa se guardavam em archivo reservado e a que se dava a denominação de *Manuscriptos da Corôa*. Esta collecção, porém, nunca se conseguiu annexar á Real Bibliotheca, sendo debalde os esforços do padre Damaso para isso, como se verifica de uma carta sua que existe em original no Archivo Publico. O Visconde de Villa Nova da Rainha, guarda-joias da Corôa, conservou-a em uma casa do Estado na rua do Ouvidor, donde voltou com D. João para Lisboa. D'esta collecção, que segundo se diz, era preciosissima e que contava perto de seis mil codices, nada ficou no Brazil; sendo propriedade da corôa portugueza, provavelmente deve existir ainda hoje no Paço d'Ajuda de Lisboa.

Dos manuscriptos que constituiram o nucleo da secção, muitos d'elles, como já se disse, são preciosos e interessantes. Além dos que são expostos, cujas procedencias se declaram, eis alguns dos mais notaveis:

Choronica del Rey Dom João o prim.º deste

nome e dos Reis de Portugal o decimo, e a dos Reis Dom Duartte e Dõ Affonço o 5.º, grosso volume in-fol;

Memoria das Cousas del Rey Dom Sebastião, in-4.º;

Coronica del rey don enrique quarto hijo del rey don joan el segundo de gloriosa memoria, in-fol. de 218 ff.;

Memorias historicas del rei D. Affonso VI e do principe D. Pedro, in-4.º de 248 ff., mas incompleto;

Documentos diplomaticos relativos á côrte de Portugal com differentes potencias européas, a saber: *Cartas e negociações de Joseph da Cunha Brochado na sua ultima missão em a corte de Espanha em qualidade de 1.º Plenipotenciario de Elrey D. João o 5.º*, in-fol. (v. o n.º 10,401 do *Cat. Exp. Hist.*); Memorias de Salvador Taborda Portugal, que contêem a relação da sua embaixada em Paris nos annos de 1677 a 1680, in-fol. de 316 pp.; Cartas de André de Mello de Castro, escriptas de Roma de 10 de Agosto de 1709 a 13 de Dezembro de 1710, 2 vols. in-fol.; *Memorias particulares ou anedoctas da Côrte de França apontadas por Joseph da Cunha Brochado no tempo, que servio de Inviado naquella Corte*, nas quaes andam juntamente do mesmo autor *Cartas particulares escriptas da Corte de França*, de 1696 a 1711, in-fol.; Collecção de cartas e mais papeis relativos ao territorio e á Colonia do Sacramento, de 1680 até 1725, 2 vols. in-fol. (v. o n.º 10,396 do *Cat. Exp. Hist.*); Memorias e negociações de André de Mello de Castro, de 1754 a 1766, em 5 vols, de fol.; *Cartas escritas á Corte do Anno de 1725*, que parecem ser de D. Luiz da Cunha; e alguns volumes de correspondencia, contendo cartas de D. Luiz da Cunha e despachos dirigidos

ao mesmo e ao Conde de Oeiras de 1768 a 1772;

Vasta collecção de papeis sobre a Inquisição de Goa, em 8 vols. de fol., contendo originaes de muitos inquisidores geraes, bullas e breves dos papas, regulamentos, autos de processos, ordens, e correspondencia official;

O *Theatrum Lusitaniæ Litterarium sive Bibliotheca Scriptorum omnium Lusitanorum*, de João Soares de Brito, 1645, codice que pertenceu ao padre Serra e provavelmente antes a Barbosa Machado;

A *Historia de Lisboa dirigida aos curiosos de noticias de suas excellencias, grandesas e antiguidades* pelo padre Adrião Pedro, msc. in-fol. que parece não estar completo;

A *Historia Juridico Panegirica, ou Discripção Topographico Architetonica do Famoso, e Magnifico Aqueducto que... se erigio, e fabricou, para se conduzirem as salutiferas, e copiosas Agoas Livres e de outras Fontes, a esta grande Corte, e Cidade de Lisboa*, escripta em 1745 pelo Dr. Ignacio Barbosa Machado, in-fol. de 229 ff., msc. que pertenceu antes ao padre Serra;

O rascunho original dos *Fastos Politicos e Militares da Antigua e Noua Luzitania* do mesmo Ignacio Barbosa Machado, distribuidos por mezes, de Janeiro a Dezembro, em um grosso volume de fol.;

A *Descripção geographica abreviada do Mundo em geral e individuada de Portugal em particular*, escripta e offerecida a D. João, principe do Brazil, por José Rodrigues Pereira de Mattos, in-fol. de 511 pp.;

A *Memoria dos Successos acontecidos na Cidade de Lisboa, desde 29 de Novembro de 1807 até 3 de Fevereiro 1808*, escripta e dirigida a D. João por Domingos Alves Branco Moniz Barreto;

O *Resumo ou breves noticias muito curiosas das antiguidades da Nobre Villa de Vouzella, e seus arrabaldes, Capital do Concelho de Lafoens*, escripta por José Marques em 1776;

A *Relação Politica da Historia, e Estado da Real Casa de Saboia*, escripta em 1791 por D. Rodrigo de Sousa Coutinho, depois Conde de Linhares;

As seguintes obras autographas do padre Francisco José da Serra, *Exame sobre a Histoire Generale du Principaute du Brésil; Nascimento Legitimo da Augusta Senhora D. Tareja, Primeira Rainha de Portugal; Alforje do homem pobre sem vergonha ou Gandaya de q.*[m] *he pedinte que come do seu e do alheo sem temor da Lei; Cathalogo dos A. A., que não sendo naturaes escreverão das cousas de Portugal;* e *Breves Reflexoens sobre a Bibliotheca Historica* de Pinto de Sousa;

Alguns escriptos e cartas do padre Antonio Vieira, dispersas em diversas collecções de papeis varios;

O precioso *Thesouro descuberto no Rio Amasonas* do padre João Daniel;

Os *Annaes do Rio de Janeiro*, que, segundo julga com algum fundamento o Sñr. Capistrano de Abreu, parece ser obra de Lara e Ordonhes;

E os livros de registro da correspondencia official de D. Fernando José de Portugal, governador da Bahia, de 1788 a 1801.

Em 1811 entraram para a Real Bibliotheca os manuscriptos do espolio de Fr. José Marianno da Conceição Velloso, offerecidos pelo provincial do Convento de Santo Antonio d'esta côrte, onde falleceu o botanico brazileiro. Por essa occasião veiu-nos o precioso original da *Flora Fluminensis* do notavel franciscano, a 2.ª parte do *Diccionario*

portuguez e brasiliano escripto do seu punho e o original da 1.ª parte, que foi impressa em 1795.

Da acquisição que se fez por compra em 1818 ao architecto José da Costa e Silva provieram vinte manuscriptos, quasi todos em italiano e escriptos da lettra do astronomo João Angelo Brunelli, uma excellente collecção de cartas originaes e differentes papeis.

Em 1822 adquirindo-se a copiosa livraria do Conde da Barca, fallecido em 1817, entraram poucos manuscriptos d'ella, mas entre elles veiu-nos a Biblia latina do XIII ou XIV seculo, que vae descripta sob n.º 1 do catalogo que se segue.

Da livraria do Dr. Francisco de Mello Franco comprada pelo Governo em 1824 provieram 3 manuscriptos.

Entraram 122 pastas de papeis com expediente das differentes Secretarias de Estado de Portugal, que, dizia em Março de 1834 o bibliothecario Goulart, foram « mandadas para aqui em outro tempo » por Francisco Gomes da Silva; e tambem outras 115 pastas que foram do gabinete do Marquez de Santo Amaro, fallecido em Agosto de 1832. Em Janeiro de 1837 informava a esse respeito o conego Goulart ao ministro do Imperio: « Em muitas pastas se conservam papeis que os Ministros d'Estado de Portugal mandavam ao Principe Regente; que formavam uma como correspondencia secreta, em que os mesmos Ministros fundavam suas razões e em que mesmo se atacavam uns aos outros. » Todos esses papeis parece que mais tarde foram retirados da Bibliotheca; e em 1841 o ministro do Imperio Araujo Vianna, depois Marquez de Sapucahy, tratava de trocar os que vieram do gabinete do Marquez de Santo Amaro por outros com o governo portuguez, segundo o

seu relatorio d'aquelle anno, em que se lê: « Existem na Bibliotheca Publica cento e quinze pastas, contendo documentos manuscriptos sobre o Governo Portuguez na Regencia do Senhor D. João VI, os quaes, por morte do Marquez de Santo Amaro, passaram do seu gabinete particular para aquelle estabelecimento. Talvez grande numero d'esses documentos interesse ao Governo Portuguez, e seja para nós objecto de méra curiosidade: assim faz-se indispensavel um escrupuloso exame naquelles papeis; e sendo verdadeira a supposição, em que estou, convirá agenciar a troca d'elles por outros, que interessem ao Brazil, e tenham passado d'aquella Bibliotheca para Lisboa, quando o mesmo Senhor D. João VI regressou a Portugal. »

Da livraria de José Bonifacio de Andrada e Silva, doada pelos seus herdeiros á Bibliotheca Nacional em 1838, provieram muitos códices em portuguez e allemão, uma copiosa collecção de cartas originaes e autographas de muitas pessoas notaveis de todos os paizes e boa porção de papeis e documentos. Entre os manuscriptos notam-se um livro curioso de Ditos de reis, infantes e pessoas illustres de Portugal e homens celebres do mundo, em 1 vol. de fol. de 684 pp.; *Noticias p.ª as Memorias del Rey Dom João o 1.º*, in-fol. de 291 fl.; o tomo primeiro da primeira parte da *Vida do Serenissimo Rey Dom João o 4.º* por Fr. Raphael de Jesus, autor do *Castrioto Lusitano*; as *Cartas de Francisco de Sousa Coutinho escritas de Roma á Raynha Viuva de El Rey D. João VI. e a El Rey D. Affonso VI*, de 6 de Janeiro de 1657 a 20 de Abril de 1659, in-fol. de 196 fl.; o *Diario de Novidades* de Francisco Leitão Ferreira, em 2 grossos vols. de 4.º; algumas obras do padre Vieira; e 13 volumes de *Papeis Varios*,

em que se contêem muitas obras importantes e curiosas em prosa e verso, tudo por cópia de lettra do XVIII seculo.

Em Julho de 1853 vieram 41 volumes de varias obras do medico e naturalista Dr. Antonio Corrêa de Lacerda, códices deixados em testamento pelo autor ao Governo Imperial. Estes manuscriptos, relativos á historia natural, metereologia e clinica medica, são todos muito importantes e ainda se conservam ineditos. A *Flora Pará-Maranhensis*, que é exposta, e a *Zoologia Paraense*, são trabalhos que encerram abundantes e preciosas noticias.

Em fins de Dezembro do mesmo anno de 1853 fez o Governo uma acquisição de alto valor, comprando a livraria de Pedro de Angelis, em que se contavam 1,295 manuscriptos, relativos todos ao sul da America. D'esta collecção ha catalogo, impresso por occasião da venda, sob o titulo *Colleccion de obras impresas y manuscritas, que tratan principalmente del Rio de la Prata, formada por Pedro de Angelis.*

O Dr. Mello Moraes em 1872 offereceu á Bibliotheca cerca de 200 volumes manuscriptos, contendo muitos livros de registros da correspondencia official dos vice-reis e governadores da Bahia e numerosos documentos officiaes.

Em Março de 1873 foi comprada a D. Francisca da Costa Ferreira Lagos, viuva do commendador Manuel Ferreira Lagos, toda a sua importante collecção de manuscriptos que sobem a mais de 300. Por essa occasião entraram as obras do naturalista brazileiro Alexandre Rodrigues Ferreira relativas á sua viagem scientifica pelo Pará, Amazonas e Matto-Grosso.

Em Setembro de 1878 entraram para a secção

alguns manuscriptos comprados em Lisboa no leilão do espolio de Rodrigo José de Lima Felner.

Em Outubro do mesmo anno foram comprados 64 volumes manuscriptos ao Dr. Mello Moraes pela quantia de 7:000$000. Entre os documentos interessantes que d'ahi nos vieram nota-se a collecção de *Cartas Andradinas*, dirigidas por José Bonifacio, Martim Francisco e Antonio Carlos ao conselheiro Drummond, de 1824 a 1838.

Em Maio de 1879 entraram para a secção os manuscriptos comprados em Lisboa no leilão da bibliotheca da Casa dos Marquezes de Castello Melhor. Foram os seguintes numeros do respectivo catalogo impresso: 49, 70, 71, 72, 112, 161, 162, 167, 168, 172, 173, 175, 176, 177, 179, 180, 183, 184, 186, 187, 191, 192, 194, 195, 196, 199, 202, 203, 206, 211, 212, 221, 223, 227, 228, 229, 230, 362, 339, 341 e 344. Foi preciosa esta acquisição e todos os manuscriptos chegaram perfeitamente conservados.

O Sñr. Conselheiro Francisco Octaviano de Almeida Rosa, em Dezembro de 1880, offereceu á secção 38 manuscriptos interessantes.

Em 1881 recebeu a Bibliotheca muitas offertas de manuscriptos e documentos, sendo as mais importantes: do Sñr. Dr. José Maria da Silva Paranhos, a curiosa collecção de papeis, docucumentos e cartas colligidas pelo Visconde do Rio Branco nas suas missões diplomaticas no Rio da Prata, principalmente no tempo da guerra do Paraguay; do Sñr. João Martins Ribeiro, livreiro d'esta côrte, 18 volumes manuscriptos de bastante valor que foram do espolio do Marquez de Olinda, vindo-nos entre elles, por excellente cópia, a *Historia do Brazil* de Fr. Vicente do Salvador e a parte inedita do *Valeroso Lucideno* de Fr. Manuel

Callado; do Sñr. Dr. Francisco Antonio Pimenta Bueno numerosos documentos sobre a provincia de Matto Grosso; do Sñr. Dr. Candido de Oliveira Lins de Vasconcellos, genro e possuidor dos papeis que foram do conselheiro Pedro de Alcantara Bellegarde, 48 valiosos manuscriptos; e do Sñr. Commendadór Joaquim Norberto de Souza Silva 32 manuscriptos sobre assumptos brazileiros.

Em Junho de 1883 foram comprados pela Bibliotheca ao Sñr. Dr. Mello Moraes Filho alguns manuscriptos e documentos officiaes que pertenceram ao espolio do Dr. Mello Moraes, por 3:000$000. D'esta acquisição provieram as *Memorias de Familias de todas as Capitanias do Brazil* de Roque Luiz de Macedo Paes Leme, 1792–1819, e as curiosas *Memorias* do Conselheiro Drummond.

São estas as mais notaveis acquisições que tem realizado a Bibliotheca desde os tempos coloniaes, e a ellas juntem-se muitos códices e documentos avulsos, adquiridos já por compra, já por dadiva de pessoas benemeritas.

Por decreto de 3 de Agosto de 1822, ainda no governo colonial, como se vê, foi nomeado o padre Felisberto Antonio Pereira Delgado ajudante da Bibliotheca Publica, « ficando incumbido da conservação e arranjamento dos manuscriptos da mesma Bibliotheca e da promptidão do seu catalogo, tendo igualmente a seu cargo a impressão d'aquelles que d'isso forem dignos pela sua raridade e distincto merecimento. » Essa nomeação foi confirmada por outro decreto de 23 de Outubro do mesmo anno, declarando-se porém que, além d'esta incumbencia privativa do arranjamento e conservação dos manuscriptos, o padre Delgado, no exercicio do seu emprego, coadjuvasse o bi-

bliothecario em todos os trabalhos do estabelecimento.

A reorganisação porém da secção, que antes se chamava *Archivo* e depois *Gabinete dos Manuscriptos*, data da fecunda administração do Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão; em principios de 1873 foi ella objecto dos seus cuidados. Tres annos depois, em 1876, por occasião da refórma da Bibliotheca, entrou a secção nas tres grandes divisões do estabelecimento, sendo então nomeado seu chefe o Sñr. Dr. José Alexandre Teixeira de Mello, que se conservou neste encargo, prestando excellentes serviços, até fins de 1882, por ter pedido transferencia para a secção de impressos, então vaga. O Sñr. Dr. Teixeira de Mello foi, substituido pelo official da respectiva secção.

Quando o Sñr. Dr. Ramiz Galvão assumiu a direcção da Bibliotheca Nacional existiam dois catalogos summarios dos manuscriptos do estabelecimento, organisados um na administração do Bispo de Anemuria (1822–1831) e outro na do conego Januario da Cunha Barbosa (1839–1846). O primeiro catalogo, por ordem alphabetica dos titulos dos manuscriptos, fórma um pequeno volume oblongo e pelo seu exame vê-se que não foram nelle arrolados todos os códices então existentes. O segundo é trabalho feito com muito mais cuidado que o precedente, disposto por ordem alphabetica dos appellidos dos autores e na falta d'estes pelos titulos das obras, e consta de 3 grossos volumes de folio. Na administração de Fr. Camillo de Montserrate este catalogo foi copiado em dois volumes de folio e servia na sala publica de leitura da Bibliotheca. Era o que até então existia em materia de catalogo de manuscriptos.

Do moderno catalogo, iniciado sob a direcção

do Snr. Dr. Ramiz Galvão e organisado com o desenvolvimento que reclamam trabalhos d'esta natureza, acham-se publicados os tres primeiros volumes da primeira parte; constará de alguns mais, pois por ora apenas chega até ao periodo de 1721 dos manuscriptos que tratam do Brazil em geral. A divisão d'esta primeira parte é: I. Brazil em geral; II. Amazonas e Pará; III. Maranhão, Piauhy, Ceará, Rio Grande do Norte e Parahyba; IV. Pernambuco, Alagôas e Sergipe; V. Bahia; VI. Espirito Santo e Rio de Janeiro; VII. S. Paulo; VIII. Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul; IX. Minas Geraes; X. Goyaz; XI. Matto Grosso; XII. Questões de limites (referencias); XIII. Obras varias de brazileiros; XIV. Papeis relativos a brazileiros: XV. Cartas e autographos de brazileiros notaveis e de extrangeiros de qualidade que estiveram no Brazil ou d'elle se occuparam.

Mas de grande parte dos manuscriptos, que dizem respeito á historia e geographia do Brazil, acham-se indicações succintas, esparsas, no *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil*, publicado em 1881. Este catalogo póde servir de guia aos estudiosos que procurem conhecer o que possue em manuscripto a Bibliotheca, em quanto não se concluir de todo o respectivo catalogo.

A secção conserva boa collecção de cartas geographicas manuscriptas, principalmente relativas á America do Sul. Em sua maior parte provieram ellas da Real Bibliotheca e das valiosas collecções de Pedro de Angelis e Manuel Ferreira Lagos, compradas pelo Governo. D'estes mappas começou-se a publicar no volume I dos *Annaes* da Bibliotheca uma relação, a qual ficou prejudicada por que foram depois todos descriptos no referido *Catalogo da Exposição de Historia*, fazendo-se

ainda, juntamente, com as cartas impressas, tiragem em separado sob o titulo *Ensaio de Cartographia Brazileira*. É pois outro auxiliar para os que desejem ter noticia do que guarda a secção em materia de cartographia brazileira em manuscripto.

Bibliotheca Nacional, 31 de Maio de 1885.

ALFREDO DO VALLE CABRAL,
Chefe da Secção.

CATALOGO

MANUSCRIPTOS DO XIII-XV SECULO

N.º 1. — (Biblia).

Sem titulo, por lettra gothica muito miuda, a tres tintas (preta, vermelha e azul), a duas columnas, em finissimo pergaminho. Com iniciaes polychromaticas, de fórmas variadas, alongando-se algumas em arabescos até tomar toda a altura da parte escripta da pagina; ora simplesmente illuminadas, ora representando santos, demonios e animaes, na maxima parte dragões.

Traz algumas correcções marginaes escriptas em tinta mais esbranquiçada do que a do codice.

De 567 ff. inn., sendo a fl. 258 em branco, de 0m,131 de alt. × 0m,089 de larg., tendo a parte manuscripta 0m,088 × 0m,060. S. l. e s. d. (fim do XIII seculo, 1300?).

Começa pela Epistola de S. Jeronymo ao presbytero Paulino *de omnibus divinæ historiæ libris:* « Frater ambrosius m̄ tua munuscula pferens detulit siml & suauissimas littãs... »

Segue no v. da fl. 3 o Prefacio de S. Jeronymo ao Pentateucho de Moysés: « Desid'ij mei desid'atas accepi epi'tas qui q°dã p̄sagio futuroꝝ cũ daniele sortitus est nom̄ ... », o qual termina no r. da fl. 4.

No v. d'esta fl. começa pelo livro do *Genesis* o texto do Velho Testamento, que vae até o v. da fl. 425. Logo em seguida continúa na mesma pagina o Testamento Novo que finaliza pelo Apocalypse no r. da fl. 524.

No r. da fl. 525 segue um indice alphabetico de nomes proprios, que acaba no r. da fl. 567 pelas palavras: « Expliciunt int'pret'ones ».

No v. da fl. 524 occorre uma Epistola, escripta com lettra gothica, á tinta menos carregada do que a de todo o livro, talvez por outro copista que não o do codice, tendo á margem a apostilla, apenas legivel: « Eplã pauli ad laodicen̄. », em lettra commum; na pagina seguinte reproduzimol-a na sua integra, tendo em frente o mesmo texto sem abreviaturas, com os erros de copia corrigidos e as principaes lacunas preenchidas.

Eplã pauli ad laodicen̄

aulus aplūs nō ab hoĩbus
neqz per hoĩem: sz per ihm̄
xpistum frĩbus qui sūt laodicee.
Gratia uobis et pax a deo patre
et dn̄o nr̄o ihū xp̄o. Gratias a-
go deo meo per omēm orationem
meã. q' permanētes estis meo et
perseuēntes pmissū expectãtes
in die iudicii. Neqz destrent
uos quorūdã uaniloquãtia ĩsmu-
antiū ut uos aduertant a ue-
ritate euãgelii quod ame p̄dica-
tur. Et nuc̄ faciet deus ut qui
sūt ex me ad pfectū euãgelii de-
seruiētes et faciētes benignita-
tem operãqz salutis uite et'ne.
Et palam nūc sūt ūicula mea
que patior in xp̄o ihū quib⁹ letor
ut gaudio. Et hoc michi ē ad
salutē perpetuã. q' ipm̄ fatm̄ o-
ratioĩb⁹ ur̄is et adm̄istrante
spū sc̄o siue per mortē. Est en̄i
uiu'e uita in xp̄o et mori gaudi-
um et id ipm̄ in uobis faciet
mĩam suam et eandē dilectio-
nē habeatis et sitis vnanimes.
Ergo dilectissimi ut audistis
pn̄tiam et retinete et facite
sine retractu q̄cūqz facitis.
Et quod est: Dilectissimi
gaudete in dn̄o et p̄cauete
sordidos ĩ luc⁹. Om̄s sint
palam apd' deū. Et estote
firmi in sensu xp̄i. Et que
integre & uera sūt et pudi-
ca & iusta & amabilia facite.
Et q̄ audistis & accepistis in
corde retinete. Et erit uobis
pax. Salutant uos sancti.
Gratia dn̄i nr̄i ihū xp̄i cum
spū ur̄o. Et facite legi co
locentiū uobis.

Epistola Pauli ad Laodicenses.

Paulus Apostolus non ab hominibus,
neque per hominem, sed per Iesum
Christum, fratribus, qui sunt Laodiceæ.
Gratia vobis et pax a Deo Patre
et Domino nostro Iesu Christo. Gratias a-
go Deo meo per omnem orationem
meam, quia permanentes estis meo et
perseverantes promissum expectantes
in die judicii. Neque disturbent
vos quorundam vaniloquentiam insimu-
lantium (veritatem), ut vos advertant a ve-
ritate Evangelii, quod a me predica-
tur. Et nunc faciet Deus, ut qui
sunt ex me ad perfectum Evangelii (sint) de-
servientes et facientes benignita-
tem operamque salutis vitæ æternæ.
Et palam nunc sunt vincula mea
quæ patior in Christo Iesu quibus lætor
et gaudeo. Et hoc mihi est ad
salutem perpetuam, quod ipsum factum (est) o-
rationibus vestris, et administrante Spiritu
Sancto, (sive per vitam) sive per mortem. Est enim
vivere vita in Christo et mori gaudi-
um: et id ipsum in vobis faciet
misericordiam suam, *ut* eandem dilectio-
nem habeatis et sitis unanimes.
Ergo, dilectissimi, ut audistis,
præsentiam (Domini) et retinete et facite
sine retractu quæcumque facitis.
Et quod (optimum) est, dilectissimi,
gaudete in Domino et percavete
sordidos in lucro. Omnes (petitiones vestræ) sint
palam apud Deum. Et estote
firmi in sensu Christi. Et, quæ
integra & vera sunt et pudi-
ca & justa & amabilia, facite.
Et quæ audistis & accepistis in
corde retinete. Et erit vobis
pax. Salutant vos Sancti.
Gratia Domini nostri Iesu Christi cum
Spiritu vestro. Et (epistolam) facite legi Co-
lossensium, vobis,

Esta Epistola, havida pela Igreja como apocrypha (vide ás pp. 17 e seguintes do vol. XXII, 1823, da *Biblia de Vence*, 4.ª edição, *Paris*, Mequignon Junior, 1820-1824), vem integralmente transcripta, em latim, na *Bibliotheca Sacra* de Xisto Senense, Veneza, 1575, á pag. 180 do livro II; no *Novum Testamentum XII linguarum*, Norimberga, 1699, e em muitas Biblias allemãs; e traduzida em francez ás pp. 1289-1290 do I do *Dictionnaire des Apocryphes* da *Encyclopédie théologique* do Abbade Migne. A do codice exposto apresenta algumas variantes.

Pertenceu este interessantissimo codice á bibliotheca do Conde da Barca, d'onde passou para a Bibliotheca Nacional por compra feita pelo governo colonial em 1822.

N.º 2. — (Breviario).

Sem titulo, por lettra gothica, com duas tintas, em pergaminho; com miniaturas grandes emmolduradas em arabescos anthophylloides com alguns animaes, sobretudo aves, e outras menores, intercaladas no texto; iniciaes illuminadas a ouro e a côres, e em grande numero de paginas — margens tambem ornadas de arabescos. De 200 ff. inn., medindo 0m,242 de alt. × 0m,173 de larg., tendo a parte msc. das paginas 0m,132 de alt. × 0m,081 de larg., com 20 linhas em quasi todas ellas. S. l. (Roma?), 1378.

Contém:

No v. da fl. 1, cujo recto está em branco, uma miniatura, representando o martyrio de S. Sebastião em uma paizagem, na qual se vê o brazão do reino de Portugal entre a folhagem da arvore, a que está atado o santo.

Da fl. 2 a 7 o Calendario em latim, tendo cada pagina uma pequena miniatura entre arabescos marginaes. No principio de cada mez occorre um adagio em latim, no genero do seguinte, do mez de Janeiro: «Prima dies mensis: et septima truncat ut ensis», e a indicação do numero de dias do mez e da lua; e no fim a do numero de horas do dia e da noite.

A fl. 8 em branco.

Do v. da fl. 9 ao v. da fl. 16 occorrem quinze orações a Jesus Christo, precedidas de uma miniatura *grande* (*) no

(*) As miniaturas aqui denominadas *grandes* têem todas o mesmo typo: occupam a pagina inteira, salvas estreitas margens; conteem um assumpto principal dentro de um portico, em cujos cantos ha quatro pequenos redondos com santos, e são orladas de arabescos anthophylloides, com animaes, principalmente passaros.

v. da fl. 9, com o rosto em branco, representando cinco assumptos: o Salvador em um portico; dois Papas, um Cardeal e um Bispo em quatro redondos nos cantos do portico. No r. da fl. 10: « Incipiunt quindecem orationes ad xp̄m (rubrica). O Ihesu xpriste eterna dulcedo... (principio da 1.ª oração) »; no v. da fl. 16, o final do texto da 15.ª oração: « in tentapcionem. Sed libera nos a malo. Amen. »

Da fl. 17 v. ao v. da fl. 19, Commemoração á Santissima Trindade, precedida de uma miniatura grande representando a Santissima Trindade.

No v. da fl. 20, com o r. em branco, uma miniatura grande, figurando S. João Baptista, precedendo á Commemoração do mesmo santo.

Depois da fl. 21 encontram-se duas tiras de pergaminho adherentes á costura da encadernação, resto evidente de duas ff., 22 e 23, primitivamente existentes no codice, cortadas por algum barbaro bibliolyta.

Do v. da fl. 24 ao v. da fl. 37, sete orações, ou memorias, em duas folhas cada uma, dos seguintes santos: S. Jorge, S. Christovão, S. Anna, S. Catharina, S. Maria Magdalena, S. Margarida e S. Barbara. Em cada oração o r. da 1.ª fl. está em branco; o v. d'ella tem uma miniatura grande representando o santo commemorado.

De fl. 38 a 89 v., o Officio da Virgem Santissima por Horas canonicas, com hymnos, antiphonas, psalmos, lições e responsorios (pela maxima parte diversos do que a Igreja actualmente reza), simultaneamente com o Officio da Santa Cruz, por breves Horas canonicas. Cada uma das Horas d'aquelle officio é precedida de duas miniaturas grandes, uma no v. da 1.ª fl. representando um passo da Paixão de Jesus Christo, outra, no r. da 2.ª fl., com algum acto da vida da Virgem; e seguida da Hora correspondente do officio da Santa Cruz.

— Matinas, do v. da fl. 38 ao v. da fl. 45, com uma miniatura grande representando Jesus Christo no horto das oliveiras, e no r. da fl. seguinte a Annunciação.

— Laudes, do v. da fl. 46 ao v. da fl. 53, com uma miniatura grande, — o Osculo de Judas, e no r. da fl. seguinte outra — a Visitação da Virgem Maria á Santa Isabel.

Do v. d'esta mesma fl. ao v. da fl. 59, uma serie de *Memorias*, todas precedidas de rubrica, e são: « Memoria de sancto spiritu. »; — « ... de sancta trinitate. »; — « ... de sancta cruce. »; — « ... de sc̄o michaele. »; — « ... de sancto iohanne baptista. »; — « ... de sancto petro et paulo. »; — « ... de sancto andrea. »; — « ... de sc̄o stephano. »; — « ... de sc̄o laurentio. »; — « Memoria de sancto... (Thoma). »; — « ... de

sancto nicholao. »; — «... de sancta maria magdalena. »; — «... de sancta katherina. »; — «... de sancta margareta. »; — «... de oĩbus sanctis. »; — «... de pace. »

Seguem no v. da fl. 59 as Matinas da Santa Cruz até ao r. da fl. 60.

Do v. da fl. 60 ao r. da fl. 65 — Prima, com duas miniaturas grandes: Jesus Christo levado á presença de Caiphaz, e — o Menino Jesus recem-nascido adorado por sua Mãe Santissima, S. José e uma mulher. Do v. da fl. 65 ao v. da fl. 69 — Tertia, com duas miniaturas grandes: J. Christo açoutado e o Annuncio aos pastores. — Do v. da fl. 70 ao r. da fl. 74 — Sexta, com duas miniaturas grandes: J. Christo carregando a cruz, e a Adoração dos Magos. Antes das primeiras palavras da Hora e na margem superior occorre o seguinte dizer escripto por lettra diversa e mais moderna: « Primiciant gentes dñm te' xp̄e fatentes. » — Do v. da fl. 74 ao r. da fl. 78 — Noa, com duas miniaturas grandes: J. Christo crucificado no Calvario e a Circumcisão. — Do v. da fl. 78 ao r. da fl. 83 — Vesperas, com duas miniaturas grandes: o Descendimento da cruz e a Matança dos innocentes. — Do v. da fl. 84 ao v. da fl. 89 — Completas, com duas miniaturas grandes: o Enterramento de J. Christo e a Fuga para o Egypto.

Do r. da fl. 90 ao v. da fl. 102 — Louvores á Virgem Maria, em versos latinos rimados, e os Sete gozos da mesma Virgem precedidos de outras tantas miniaturas pequenas intercaladas no texto.

Do v. da fl. 103 ao v. da fl. 112 — Meditações sobre a imagem de Jesus Christo, precedidas de uma grande miniatura representando diversos passos da Paixão do Senhor, e uma serie de Orações.

Do v. da fl. 113 ao r. da fl. 135 — Os Psalmos penitenciaes, os Quinze Psalmos graduaes, a Ladainha dos Santos, e onze Collectas, precedidos de uma grande miniatura: J. Christo salvando as almas do Limbo.

Do v. da fl. 135 ao v. da fl. 176 — o Officio de defuntos com Vesperas, Matinas e Laudes, e Encommendações das almas, precedido de uma miniatura que representa a Resurreição de Lazaro.

Psalterio da Paixão de Jesus Christo, do v. da fl. 177 ao v. da fl. 186, com uma miniatura grande, representando Jesus Christo chagado, entre sua Mãe Santissima e S. João Evangelista, em pé, junto á sua sepultura.

Psalterio de S. Jeronymo. Vae do r. da fl. 187 ao v. da fl. 199. No r. da fl. 187, uma rubrica, que occupa toda a pagina: « Beatus uero iheronimus in hoc modo psalterium

istud disposuit sicut angelus docuit eum per spm santũ porro propter hoc abbreuiatũ... et possidebunt regnum eternum. Oratio. »; no v. d'esta folha a oração: « SUscipere digneris domine deus omnipotens... Per omnia secula seculorum. Amen. »; no v. da fl. 188, com o r. em branco, uma grande miniatura, S. Jeronymo sentado lendo; no r. da fl. 189: « Incipit psalterium sancti iheronimi (rubrica). VErba mea auribz percipe domine »; e no r. da fl. 199 o final do Psalterio: « ego seruus tuus sum », seguido de « Gloria patri », da antiphona: « Ne reminiscaris domine... de peccatis nostris » e do principio da oração: « OMnipotens sempiterne deus clementiam tuam... », a qual acaba no v. da mesma folha pelas palavras: « ad uitam proficiat sempiternam. Amen. »

Termina o codice á fl. 199 v. pelo seguinte colophão:

« Ipse dipicture que conti
net hoc libro fuerunt manufacte
per Spinello Spinelli et illas deri
gebat R.mo P. Ioachinus de sa ora
tor amplissimus in Oratorio Re
gis D. Ferdinandi Portugalie et
pro ipsso Rege Menístrus Lusitanie
apud Sanctissimum P. Gregoriũ
XI. Anno 1378. »

A ultima folha, 200, em branco.

Pertenceu á Casa do Infantado, e passou para a Real Bibliotheca.

N.º 3. — (Breviario).

Sem titulo, por lettra gothica, em fino pergaminho; com grandes miniaturas emmolduradas em arabescos anthophylloides com animaes e personagens grotescos, e outras menores intercaladas no texto; iniciaes illuminadas a ouro e a côres, e em todas as paginas, excepto nas onze ultimas, margens adornadas de delicado arabesco. De 160 ff. inn. de 0m,173 de alt. × 0m,124 de larg., tendo a parte manuscripta das paginas 0m,099 × 0m,062, com 17 linhas em quasi todas ellas. S. l. (Flandres) e s. d. (2.ª metade do XIV á 1.ª do XV seculo).

Contém:

O Calendario, em francez, do r. da fl. 1 ao v. da fl. 12. As Horas canonicas da Cruz, do r. da fl. 13 ao r. da

fl. 16, precedidas de uma miniatura representando Jesu Christo crucificado no Calvario.

As Horas canonicas do Espirito Santo, do v. da fl. 16 ao v. da fl. 20, com uma miniatura, — a Descida do Espirito Santo.

Quatro Evangelhos: de S. João, S. Matheus, S. Marcos e S. Lucas, do r. da fl. 21 ao r. da fl. 25.

Oração á Piedade da Virgem Maria, do r. da fl. 25 ao v. da fl. 28, com uma miniatura marginal representando a Virgem Santissima sentada ao pé da cruz com seu Divino Filho morto no regaço.

Tres orações á Virgem Santissima, do r. da fl. 28 ao r. da fl. 31, tendo a primeira á margem uma miniatura representando um anjo tocando harpa em frente á Virgem Santissima com o Menino Jesus nos braços.

O Officio da Virgem Santissima, por Horas canonicas, com hymnos, antiphonas, psalmos, lições e responsorios, pela maxima parte diversos dos que a Igreja actualmente usa, com 6 miniaturas: 1.ª a Annunciação, entre varios assumptos da vida da Virgem, no começo das Matinas; 2.ª a Visitação da SS. Virgem á S. Isabel, no começo das Laudes; 3.ª Maria Santissima e S. José adorando o Menino Jesus recemnascido, no começo de Prima; 4.ª o Annuncio aos pastores, no começo de Tertia; 5.ª a Fuga para o Egypto, no começo de Vesperas; 6.ª a Coroação da Virgem, no começo de Completas. Faltam duas miniaturas, que deviam occorrer antes de Sexta e Noa, por terem sido subtrahidas as ff. 70 e 73 do codice, onde tambem se deviam achar a oração de Tertia, o principio de Sexta, a oração final d'esta Hora, e o principio de Noa.

Os Psalmos penitenciaes, do r. da fl. 88 ao v. da fl. 99, na mesma ordem em que ainda hoje os recita a Igreja, com uma miniatura, representando David penitente, ajoelhado.

A Ladainha de todos os Santos, com duas orações em seguida, do v. da fl. 99 ao v. da fl. 103.

O Officio de defuntos, com Vesperas, Matinas e Laudes, do r. da fl. 104 ao r. da fl. 145, com uma miniatura, representando o enterramento de um defunto.

Do r. da fl. 145 ao v. da fl. 153 uma serie de Orações á Santissima Trindade e a varios Santos, com os titulos, pela maxima parte em francez, escriptos á tinta vermelha.

No r. da fl. 154 occorre o seguinte titulo, á tinta vermelha: « Prosa fratris iohãnis lemonicensis monachi clareuallensis. Salutatio deuota ad ymaginem saluatoris nostri. » Vem em seguida o texto com algumas emendas á margem, e com as rubricas, umas em latim, outras em baixo allemão.

Finalmente, no r. da fl. 160, logo abaixo das palavras finaes da Saudação: « lucis et quietis. Amen. » lêem-se: « Confiteor deo & » e « Misereatur tui & », um tanto semelhantes aos da Missa segundo o rito Carmelitano, escriptos á tinta preta e lettra gothica differentes das de todo o livro e, ao que parece, por mão que não a do copista do codice.

No r. da 1.ª folha d'este codice houve uma nota, hoje raspada, que, segundo a auctorizada opinião de Fr. Camillo de Monserrate, fôra escripta no XVI seculo. São actualmente indecifraveis os seus vestigios.

O volume está modernamente encadernado em pergaminho, e pertenceu á Casa do Infantado, de onde passou para a Real Bibliotheca.

N.º 4. — (Breviario).

Sem titulo, por lettra gothica, a duas tintas, em pergaminho; com miniaturas emmolduradas em arabescos anthophylloides, com anjos, figuras humanas e animaes phantasticos; iniciaes illuminadas a ouro e a côres, e na maior parte das paginas arabescos marginaes. De 132 ff. inn. com 0^m,19 de alt. × 0^m,13 de larg., tendo a parte manuscripta das paginas 0^m,096 × 0^m,065, com 15 linhas em quasi todas ellas. S. l. (França) e s. d. (2.ª metade do XIV á 1.ª do XV seculo).

Contém:

O Calendario, em francez, da fl. 1 a 12.

Quatro Evangelhos de S. João, S. Lucas, S. Mattheus e S. Marcos, precedidos de uma miniatura representando os quatro Evangelistas, e Duas Orações á Virgem Santissima, do r. da fl. 13 ao r. da fl. 26.

O Officio da Virgem Maria, dividido por horas, mas differente do Romano, do r. da fl. 27 ao v. da fl. 69, constando de:

Matinas e Laudes precedidas de uma miniatura — a Annunciação —, e as Horas menores Prima, Tertia, Sexta e Noa precedidas de outra miniatura — o Menino Jesus recemnascido adorado por sua Mãe Santissima, S. José e uma mulher; e no fim Vesperas e Completas.

A fl. 70 em branco.

O Officio da Cruz, por breves Horas canonicas, do r. da

fl. 71 ao v. da fl. 73, com uma miniatura representando J. Christo crucificado entre os dois ladrões.

Breves Horas canonicas do Espirito Santo, do r. da fl. 74 ao v. da fl. 76, com uma miniatura: a Descida do Espirito Santo.

Os Psalmos penitenciaes; os mesmos que ainda hoje reza a Igreja, do r. da fl. 77 ao v. da fl. 88, com uma miniatura: David penitente ajoelhado.

A Ladainha de todos os Sanctos seguida de duas Orações, do v. da mesma fl. 88 ao v. da fl. 93.

A fl. 94 em branco.

O Officio de defuntos, seguido das primeiras palavras de tres orações, do r. da fl. 95 ao r. da fl. 123, com uma miniatura representando o enterramento de um defunto.

No v. da fl. 123, á tinta vermelha, uma rubrica em forma de *reclamo:* « les XV ioies nostre dame », servindo de titulo ás seguintes Jaculatorias á Virgem Maria, que vão do r. da fl. 124, adornado com uma miniatura, figurando a Virgem Santissima sentada ao pé da cruz, tendo ao regaço Jesus Christo morto, ao v. da fl. 132 e ultima. O texto d'esta parte do codice, todo em francez, principia: « DOulce dame de misericorde mere de pitie fontaine de tous biens qui portastes nr̃e seingneur ihũ crist. IX. moys en vous precieulx flans et qui la laitastes de uous doulces mamelles. »; acaba: « Sainte vraie croix aouree qui du corps dieu fus aournee de sa suour fus arousee. et de son sanc entummee. Par ta uertu par ta puissance. garde mon corps de meschãce. et motroit par ton plaisir que vray confes puisse mourir amen. Pater noster. »

Modernamente foi addicionada a este codice, antes da 1.ª folha, uma insignificante pintura a guache, feita em papel rendado, representando Nossa Senhora do Rozario, tendo por baixo o titulo: « Regina S. S. Rosarij ».

Encadernação de marroquim encarnado, ornado com ouro e lentejoulas brancas e vermelhas, tendo nas faces externas das guardas um brazão: em um escudo sem indicação de côr, uma estrella de prata com oito raios entre uma quaderna de crescentes de prata, com uma corôa de conde por timbre, muito semelhante ás armas da familia Carvalho: em escudo de azul, uma estrella de ouro com oito raios entre uma quaderna de crescentes de prata.

Pertenceu á Casa do Infantado e passou á Real Bibliotheca.

N.º 5. — Carta de Pero Vaz de Caminha a El-rei D. Manuel, dando-lhe noticia do descobrimento da terra de Vera-Cruz, hoje Brazil, pela armada de Pedro Alvares Cabral.

Com. = Sñor. — posto que o capitam moor desta vossa frota e asy os outros capitaães spreuam a vossa alteza a noua do achamento desta vossa terra noua que se ora nesta nauegaçom achou. nom leixarey tambem de dar disso minha comta a vossa alteza asy como eu milhor poder aimda que pera o bem contar e falar o saiba pior que todos fazer =

Ac. = o que de la Receberey em muita mercee. beijo as maãos de vosa alteza. deste porto seguro da vosa ilha da vera cruz oje sesta feira primeiro dia de mayo de 1500. — pero uaaz de caminha. =

Cópia authentica, extrahida do original autographo existente na Real Torre do Tombo de Lisboa, gaveta 8, masso 2, n.º 8, pelo erudito official-maior da referida Torre do Tombo, Sñr. João Pedro da Costa Basto, em fins de 1876.

Em seguida á carta, que consta de 12 folhas num., occorre em folha separada: « Barão de Santo Angelo, Consul Geral do Brazil em Portugal e Dominios, &, &, &. — Reconheço authentica esta copia da Carta de Pero Alves digo de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manoel sobre a descoberta do Brazil, escripta pelo Sñr. João Pedro da Costa Bastos, Official maior da Real Torre do Tombo. — E para que conste mandei passar a presente que assignei e fiz sellar com o Sello das Imperiaes Armas deste Consulado Geral. — Lisboa 12 de Dezembro de 1876. — *Barão de Santo Angelo*, Consul Geral. »

É precedido o codice por duas cartas autographas, relativas a esta copia da relação de Caminha, uma do Barão de Santo Angelo ao ex-director da Bibliotheca Nacional, e outra do Sñr. Costa Basto ao Barão de Santo Angelo.

Eis os primeiros trechos da primeira carta, que é datada de Lisboa a 11 de Dezembro de 1876. « Meu caro Sñr. Dr. Ramiz Galvão. — Fiz-lhe uma promessa ha dias, e eil-a na ponta da esperança. Aqui vae a carta de Pero Vaz de Caminha, escripta pelo Official mor da Torre do Tombo, o inestimavel Sr. Bastos, homem de recondito saber e preclara estima. Imagine o favor que este sabio fez-lhe, e o tempo que empregou para tanto. »

Agora a integra da carta do Sñr. Costa Basto :

« Torre do Tombo 7 de Nov. de 1876. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. — Só hoje consegui acabar a copia da carta de Pero Vaz de Caminha, que V. Ex.ª desejava. É longa, como vê ; não é facil de lêr ; e os negocios do meu officio tiram-me muito tempo (ou, para melhor dizer, tive de descurar alguns para me dar a isto). Procurei conservar na transcripção a orthographia e os defeitos do original, apezar de ficar, por vezes, obscura, não para V. Ex.ª, mas para os leitores menos habituados ao modo de escrever daquella epoca.

« Durante este trabalho, lembrou-me que se faria delle um folheto curioso e ao alcance de todos, publicando o texto com maximo rigor compativel com os typos usaes, e dando por baixo, como nas edições *ad usum Delfini*, uma transcripção correcta, com a orthographia e pontuação que actualmente empregamos. O leitor vulgar contentava-se com esta, e o homem de lettras ficava com elementos bastantes para avaliar da fidelidade da copia, e boa ou má interpretação que se dava ao velho escripto.

« Se V. Ex.ª acceitasse esta idêa, lembraria ainda que se augmentaria o valor do opusculo juntando lhe um pequeno vocabulario das palavras obsoletas, empregadas pelo autor ; e, por ventura, tambem um *fac-simile* das primeiras e ultimas linhas da carta com a competente assignatura.

« Resta-me pedir a V. Ex.ª que desculpe a imperfeição da copia, e que disponha da boa vontade de quem é — De V. Ex.ª — am.º e criado m.^{to} obrigado — *João Pedro da Costa Basto.* »

Nesta carta, como se sabe, Pero Vaz de Caminha relata dia por dia o descobrimento do Brazil.

« Graças ao raro talento de observação de que era dotado, diz a este proposito o Sñr. Ferdinand Denis, graças sobretudo á facil ingenuidade do seu estylo, o Brasil teve um historiador no proprio dia do seu descobrimento... Caminha descreve admiravelmente os sitios que teve sob os olhos e os traços salientes da nação Tupininquim, que os portuguezes acharam de posse d'essa bella região. »

« Si alguma cousa, diz algures o mesmo sabio escriptor, póde dar justa idéa da simplicidade com que se realizam os acontecimentos historicos mais fecundos em resultados, são essas fontes primitivas, essas chronicas contemporaneas, que contam sem exaggeração o proprio facto antes que seja involto de circumstancias extranhas ao acontecimento principal, e que permittem a quem o lê fazer-se por um momento historiador... Alguns dias depois do descobrimento, na presença de uma natureza cuja fecundidade se compraz em recordar, Pero Vaz

de Caminha, um dos escrivães da frota, referia a El-rei D. Manuel o que se havia passado e o espectaculo que tinha ainda deante dos olhos. »

Esta carta, sublime na sua singeleza e unica no seu genero, que a nossa Bibliotheca possue por cópia authentica e official, cópia valiosa e fidedigna que foi pedida para Lisboa com o intuito de se publicar nos *Annaes da Bibliotheca*, a seu tempo será ahi inserida com a mais escrupulosa fidelidade, corrigindo-se as provas typographicas pelo proprio original, de accôrdo com o que graciosamente nos offereceu o distincto paleographo da Torre do Tombo, Sñr. Costa Basto.

« Por vezes, diz Varnhagen, temos visto e admirado o seu original; são sete venerandas folhas de papel florête, que constituem o mais antigo documento que existe em nossa lingua materna, escripto no nosso proprio paiz. É um documento digno de reproduzir-se por *fac-simile.* »

Por largo tempo conservou-se inteiramente esquecida e ignorada esta notavel carta, com justo motivo considerada o auto do nascimento do Brazil.

Em seu original estudou-a Muñoz pouco antes de 1790, nos ricos archivos da Torre do Tombo, e d'ella fez o respeitavel historiador do Novo Mundo um extracto para a sua collecção de manuscriptos (NAVARRETE, *Coleccion de los viages y descubrimientos, que hicieron por mar los españoles*, tom. III, pg. 45); entretanto só foi publicada pela primeira vez em 1817 pelo padre Manuel Ayres de Cazal na introducção ao tomo I da sua estimada e preciosa *Corografia Brazilica*, impressa no Rio de Janeiro. Cazal precedeu-a porém do seguinte historico, dando razão de si e do logar onde encontrou a cópia da dita carta: « Havendo relatado o descubrimento do Brazil com Barroz, Goes e Ozorio á vista, communicando-se-me depois no Arquivo da Real Marinha do Rio de Janeiro a copia d'huma carta escrita em Porto Seguro pelo mencionado Pedro Vaz de Caminha, companheiro de Pedralvez, que refere o caso contrario daquelloutros, não só com miudeza, mas athé com veracidade palpavel, me vi obrigado a dar-lhe preferencia: e estimei tanto este encontro, que escrupulizo faria injustiça aos meus leitores não lhes dando aqui della a copia seguinte. »

O original, ainda accrescenta Cazal, conserva-se no Archivo da Real Torre do Tombo, gaveta 8, masso 2, n.° 8.

« Dando á luz tão interessante quão desconhecido manuscripto, diz o Sñr. Dr. Moncorvo de Figueiredo no seu opusculo *Os seis primeiros documentos da historia do Brazil* (Rio de Janeiro, 1874, in-8.° gr.), prestou o erudito padre Ayres de Cazal um assignalado serviço á historia patria, descortinando

factos de summo interesse, até então ignorados, e rectificando os erros das primeiras datas do descobrimento do Brazil. »

Em 1826, a Academia Real das Sciencias de Lisboa, dando o devido apreço a este notavel documento, fel-o inserir no tomo IV da sua *Collecção de noticias para a historia e geografia das Nações Ultramarinas*, sob n.º III. Traz o seguinte titulo: *Carta de Pedro Vaas de Caminha a El Rei D. Manoel, sobre o descobrimento da Terra de Santa Cruz, vulgarmente chamada Brazil.*

Esta edição da Academia, como era natural, sahiu muito mais correcta do que a dada á luz pela primeira vez por Ayres de Cazal. Nella tambem se procurou conservar a orthographia do original.

O *Patriota Brazileiro*, periodico mensal, no primeiro e ultimo numero que viu a luz (*Paris*, *Buchon*, 1830, in-8.º gr.), transcreve-a entre outras cousas de valor para a nossa historia.

Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva reproduziu-a no tomo I (1835) das suas *Memorias historicas e politicas da provincia da Bahia*, de pp. 19 a 42, extrahida da *Corografia Brazilica* e com a mesma orthographia da copia de que se serviu Cazal.

O Dr. Mello Moraes tambem a inseriu, extrahida da obra de Cazal, no tomo I (1858) da sua *Corographia historica do Imperio do Brazil*, em nota, de pp. 49 a 59. Depois ainda a reproduziu no *Brazil Historico*, tomo I da 2.ª serie, 1866, de pp. 57 a 63.

João Francisco Lisboa, o notavel litterato e historiador maranhense, desgraçadamente roubado tão cedo ás lettras patrias, nos dá uma *traducção* d'esta carta nos seus *Apontamentos, noticias e observações para servirem á historia do Maranhão*, insertos no JORNAL DE TIMON (*Maranhão*, 1883, in-8.º gr.), na nota A, de pp. 195 a 216. O illustre escriptor dá nas seguintes linhas razão da *traducção* que fez da carta de Caminha, pondo-a em linguagem corrente e amena: « Empregamos o termo *traduzir*, diz elle, mesmo em relação a esta carta, porque está escripta em um portuguez tam antigo, e a orthographia é tal, que ao commum dos leitores não seria hoje facil a sua intelligencia, se não procurassemos remoçal-a, mediante a traducção que fizemos. Este documento rarissimo, posto que já publicado em quatro diversas edições, só o temos visto, sob essa fórma obsoleta e difficil, na *Corographia Brazilica* do padre Ayres de Casal, e em uma traducção de Fernão Denis que, buscando principalmente servir á clareza, estragou e desbotou as formas originaes e coloridas

do auctor, tornou-se muitas vezes frouxo e diffuso, sem que todavia nem sempre acertasse com a verdadeira intelligencia do texto. » A *traducção* de Lisboa sahiu reproduzida no tomo II (1865) das suas *Obras*, impressas em S. Luiz do Maranhão, de pp. 428 a 450.

Na *Bibliotheca Historica do Brasil: producções de auctores nacionaes e estrangeiros desd'o seculo XVI até o actual, collecционadas pelos Drs. Augusto Cezar Miranda de Azevedo, Antonio Mendes Limoeiro, José Ricardo Pires de Almeida, com annotações de collaboradores brasileiros*, que fez ponto logo nas suas primeiras folhas, impressas no Rio de Janeiro, na Typographia Carioca, em 1876, in-fol., tambem vem a carta de Caminha como o primeiro documento do XVI seculo relativo ao Brazil, precedida de uma *Noticia sobre Pero Vaz de Caminha* pelo Dr. Limoeiro, de pp. 5 a 21. Foi reproduzida da edição de Cazal e alguns erros lhe escaparam.

Francisco Adolpho de Varnhagen, depois Visconde de Porto Seguro, no tomo 1 da sua *Historia geral do Brasil*, nos dá varios topicos curiosos d'esta carta, relativos á recepção de dois indigenas trazidos á bordo do navio de Cabral e á pintura dos habitantes do paiz, deixando de seguir passo a passo as acções do capitão-mór e dos mais da armada, nem as dos *nesta occasião* hospitaleiros habitadores da terra, nos oito dias que se demoraram os navegantes, até seguir sua derrota para o Oriente, porque o dispensava d'essa tarefa o « minucioso chronista deste descobrimento, o ingenuo Pero Vaz de Caminha, cuja narrativa epistolar dirigida ao proprio rei, destas plagas virgens, tanto nos encanta. »

Para se tornar mais conhecida a sincera narração de Caminha, já antes Varnhagen tinha escripto um pequeno conto sob o titulo *Chronica do descubrimento do Brazil* e o fez inserir no tomo IV (1840) do Panorama, pp. 21, 33, 43, 68, 85 e 101. Traz por assignatura as iniciaes do seu nome. Innocencio da Silva diz que viu uma carta do autor, dirigida a um sabio e respeitavel litterato, na qual dava razão d'essa sua composição, dizendo « que a escrevera para fazer chegar ao conhecimento do publico a interessante carta de Pero Vaz de Caminha; e preferíra a fórma de romance por ser este o melhor meio de adaptar ao gosto de todos a historia do paiz. » D'esta composição ha edição em separado, com o titulo — *O descobrimento do Brazil: chronica do fim do decimo-quinto seculo. Segunda edição authentica revista, correcta e accrescentada pelo auctor*. Rio de Janeiro, Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve & C.ª, 1840, in-8.º ou 16.º gr. de 70 pp. num., e mais uma de indice.

Ultimamente porém o historiador brazileiro fez imprimir integralmente a carta de Caminha, precedendo-a de algumas considerações gecgraphicas, no tomo XL (1877) da *Revista do Instituto Historico*, parte 2.ª, de pp. 5 a 37, sob o titulo *Nota acerca de como não foi na — Coroa Vermelha — na enseada de Santa Cruz que Cabral primeiro desembarcou e em que fez dizer a primeira missa, acompanhada do texto integro (e não truncado, segundo o publicou Cazal) da carta-chronica do descobrimento, escripta ao rei D. Manoel pelo cavalleiro de sua casa Pero Vaz de Caminha, que ia de escrivão na armada.* Quasi ao finalisar a interessante nota diz o benemerito historiador, dando razão da sua edição da carta: « ...Pero Vaz de Caminha, cuja carta escripta ao rei, d'este Porto Seguro, constitue por si só, n'este ponto, como em tudo o mais, a chronica mais minuciosa e authentica, que possuimos d'este descobrimento, ao passo que é, ao mesmo tempo, o documento mais venerando da historia colonial. Pelo que muito pedimos, nesta occasião, ao Instituto que não tenha, por mais tempo, privado d'elle a collecção dos seus annaes, e que se resolva a annexal-a á esta nossa memoria, valendo-se da cópia que, com esta, lhe offerecemos, conferida por nós á vista do original, e muito mais correcta, e não truncada como a de Ayres do Casal. Além de que, pela commodidade dos leitores, preferimos dal-a com uma orthographia mais regular e menos antiquada, pontuando-a convenientemente. »

Southey nas primeiras paginas da segunda edição (1822) do tomo I da sua *History of Brazil*, quasi que procurou reproduzir a carta de Caminha, quando narra os successos relativos aos primeiros dias do descobrimento, imprimindo d'esta sorte maior exacção aos factos que relata. Quando o historiador inglez em 1810 publicou o tomo I da sua obra, ainda não tinha conhecimento da carta de Caminha e só o teve depois de 1817 pela *Corografia Brazilica* de Cazal; por isso e outras causas mais viu-se obrigado a fazer nova edição em 1822 d'aquelle tomo primeiro.

O Sr. Ferdinand Denis traduziu-a em 1821 para a lingua franceza e foi publicada por Verneur no *Journal des Voyages* (Paris, 1818–24, 24 vols. in-8.º).

O douto litterato francez tambem publicou a sua traducção sob o titulo *Lettre de Pedro Vas de Caminha, sur la découverte du Brésil*, no tomo VI da interessante e pouco vulgar obra *Le Brésil ou histoire, mœurs, usages et coutumes des habitans de ce royaume, par H. Taunay et F. Denis* (Paris, 1822, 6 tom. in-12.º), de pp. 4 a 59. Esta traducção franceza anda tambem reproduzida na *Art de vérifier les dates,*

tomo XIII, parte 3.ª (Paris, Dènain, 1832, in-8.º), nota B, de pp. 441 a 457.

Ainda o Sr. Ferd. Denis nos dá alguns trechos da carta no seu trabalho intitulado *Brésil*, que se acha no *Univers*, collecção publicada em Paris por Firmin Didot Frères.

Olfers traduziu-a para a lingua allemã no *Feldner's Reisen durch Brasilien*, 1828, tomo II, pg. 159.

O sabio Humboldt submetteu a carta de Caminha a uma critica luminosa no seu *Examen critique de l'histoire de la géographie du nouveau continent* (Paris, 1836–39, 5 tom. in-8.º), fazendo sobresahir o seu incontestavel valor.

Como se vê, a carta de Caminha é datada do 1.º de Maio *d'este Porto Seguro* da *Ilha de Vera Cruz*, pelo que parece certo que Cabral acreditava que esta terra era uma ilha. « Esta data encobre tres revelações (observou o Visconde de Porto Seguro) : primeira, que o nome dado ao ancoradouro foi o que elle ainda hoje conserva ; segunda, que a terra foi então conceituada como uma simples ilha, conceito, em que estava ainda o proprio rei nas instrucções, que deu a João da Nova, quando ia para a India, e, depois do regresso de Cabral, na carta, que de Cintra (Symtra) dirigiu aos reis catholicos ; terceira, que á terra foi posto o nome não de Santa Cruz, mas sim de *Vera Cruz*. »

Agora passemos a dar os poucos dados biographicos que possuimos sobre Caminha, segundo o Snr. Ferd. Denis.

Pero Vaz de Caminha em 1500 embarcou para as Indias na expedição de Pedro Alvares Cabral na qualidade de escrivão do almoxarife ou recebedor do imposto real, que tinha de administrar a feitoria de Calecut. No emprego que exercia tinha por companheiro a um certo Gonçalo Gil Barbosa. Já chegado á idade madura quando embarcou para a memoravel expedição que se effectuou depois da de Vasco da Gama, tinha uma parte da familia estabelecida em S. Thomaz. Suppõe-se que Caminha morreu na deploravel escaramuça que se deu em Calecut sob a influencia dos commerciantes mahometanos ali estabelecidos, e na qual o almoxarife Corrêa mostrou tanta resolução, sem poder salvar os membros da feitoria. Esse fatal acontecimento succedeu a 16 de Dezembro de 1500. A opinião todavia que dá Caminha como uma das victimas d'este successo, apenas se basea numa supposição. Nenhum documento faz menção d'elle depois da expedição de Cabral.

A longa e interessantissima carta de Pero Vaz de Caminha é o verdadeiro diario do descobrimento do Brazil, e não é preciso encarecer a sua importancia.

MANUSCRIPTOS DO XVI-XIX SECULO

N.º 6. — (Manuscripto japonez.)

Em papel especial collado em diversos lugares, formando um só rolo, que mede 20^{m},380 de comprimento por 0^{m},326 de largo. Contém 9 illustrações, a côres e a ouro.

Este curioso manuscripto foi offerecido á Bibliotheca Nacional pelo illustrado Snr. Carlos de Koseritz em 1883.

O Snr. Koseritz offereceu na mesma occasião á Bibliotheca mais dois trabalhos japonezes, e, em carta datada do Rio de Janeiro a 27 de Julho do referido anno e dirigida ao Snr. J. Capistrano de Abreu, dá os seguintes interessantes esclarecimentos sobre os tres manuscriptos:

« Os rollos de pergaminho japonezes, que lhe remetti com destino á Bibliotheca Nacional foram comprados ha 5 annos, em Yokahama, por um amigo meu que m'os trouxe de presente. São pois trabalhos da actualidade e representam o estado da arte no Japão. São elles:

« 1.º Um romance japonez, com texto escripto e illustrações.

« 2.º Uma successão de desenhos comicos sem texto (de que não precisam porque são em si sufficientemente expressivos).

« 3.º Um mappa topographico da costa do Japão, pelo systema da terra.

« No romance ha um pedaço cortado, porque era uma pornographia indecente, que por isto cortei.

« Respondo pela authenticidade dos pergaminhos. É digna de nota a qualidade superior do pergaminho e sobretudo a maravilhosa finura dos desenhos e o seu colorido. São tintas, cujo segredo possuem os Japonezes e que a mais apurada arte européa não póde imitar.

« Julgo que esses pergaminhos tem algum interesse para a Bibliotheca, porque não creio que outra qualquer bibliotheca d'America do Sul, possua similares. Na Europa mesmo são rarissimos esses trabalhos japonezes, porque, feitos á mão, são muito caros no proprio Japão. »

O que a Bibliotheca expõe é o 1.º d'estes manuscriptos, isto é, o romance com illustrações.

N.º 7. — Cartas dos padres da Companhia de Jesus sobre o Brazil, desde o anno de 1549 até ao de 1568.

É o proprio livro de registro. Bella lettra do XVI seculo. 226 ff. num. 26 × 15.

Não traz titulo. É o n.º 7 do *Catalogo dos manuscriptos da Bibliotheca Nacional.*

Contém:

fl. 1. — Carta que ho padre Manuel da nobrega Prœposito prouincial da Companhia de Iesu em ho Brasil escreueo ao p.e Mestre Simão ho anno de 1549.

É escripta da Bahia. Imprimiu-se pela primeira vez no tomo v (1843) da *Revista* do Instituto Historico, de pp. 429 a 432. Sahiu reproduzida no 2.º volume da edição de Lisboa de 1865 da *Chronica da Companhia de Jesus* do p. Simão de Vasconcellos, como appendice, de pp. 289 a 292.

ff. 2. — Outra do padre Nobrega para o p.e Mestre Simão. do anno de 1549.

É escripta da mesma cidade da Bahia. Imprimiu-se pela primeira vez no referido tomo v da *Revista* do Instituto, pg. 433. Tambem foi transcripta no mesmo volume da edição citada da *Chronica* do p. Vasconcellos, pp. 300 e 301.

ff. 3. — Carta que o padre Manuel da nobrega preposito prouinçial da Companhia de Iesu em as terras do Brasil ezcreueo ao p.e Mestre Simão Preposito prouinçial da dita Companhia em Portugal. ho anno de 1549.

É datada da mesma cidade a 9 de Agosto. Foi impressa pela primeira vez no tomo v da *Revista* do Instituto, de pp. 435 a 442 e depois reproduzida no 2.º vol. da edição citada da *Chronica* de Simão de Vasconcellos, de pp. 293 a 300.

ff. 5. v. — Informação das terras do Brazil mandada pollo padre Nobrega.

Não traz data, mas é do anno de 1549. O original portuguez sahiu impresso pela primeira vez nos *Annaes do Rio de Janeiro* de Balthazar da Silva Lisboa, tomo VI (1835), de pp. 39 a 46. Imprimiu-se tambem no tomo VI (1844) da *Revista* do Instituto, de pp. 91 a 94 e no *Ostensor Brasileiro*, tomo I, de pp. 226 a 228. Ainda vem transcripto no 2.º volume da edição citada da *Chronica* de Simão de Vasconcellos, de pp. 301 a 305.

Foi vertida para a lingua italiana e impressa em Veneza na collecção de Miguel Tramezzino intitulada *Diversi avisi particolari dal l'Indie di Portogallo &*, publicada em Veneza em 1559, in-8.º

ff. 7. — Carta que ho p.º Antonio pĩz escreueo do Brasil da capitania de Pernambuco aos Irmãos da Companhia de ij de Agosto de 1551.

Imprimiu-se no tomo VI da *Revista* do Instituto, de pp. 95 a 103. Foi vertida para a lingua italiana e anda sem o nome do autor na citada collecção de Tramezzino de ff. 41 v. a 48 com o titulo *Cavato d'vn'altra mandata de Pernambuco.*

ff. 10. — Outra do padre Nobrega mandada da mesma Capitatania de Pernambuco ho anno de 1551.

Traz no fim a data — 1549 —. O original portuguez imprimiu-se pela primeira vez no tomo VI da *Revista* do Instituto, de pp. 104 a 106, d'ahi passou a ser transcripto no 2.º vol. da edição citada da *Chronica* de Simão de Vasconcellos, de pp. 309 a 311. Tambem anda no *Ostensor Brasileiro,* tomo I, pp. 228 e 229. Vertido em italiano, vem sem o nome do autor, na collecção Tramezzino, de ff. 48 a 50.

ff. 11. — Outra de Affonso bras mandada do porto do spirito Sancto do anno de 1551.

O original portuguez publicou-se pela primeira vez no tomo VI da *Revista* do Instituto, pg. 441. Foi vertido para o italiano e anda sem o nome do autor na collecção Tramezzino, de ff. 50 v. a 52.

ff. 12. — Outra do p.º Françisco pirez da çidade do Saluador do anno de 1551.

Foi traduzida para o italiano e sahiu sem o nome do autor na collecção Tramezzino, ff. 52 a 55 v.

ff. 13 v. — Outra de Leonardo nunez do porto de S. Viçente do anno de 1551.

Traz data de 24 de Agosto. Foi vertida para o italiano e anda sem o nome do autor na collecção Tramezzino, ff. 55 v. a 60.

ff. 16. — De hũa do padre Nauarro para os Irmãos.

É escripta da Bahia. Não traz data. Em castelhano.

ff. 16 v. — Outra do padre Leonardo nuñez. de xx de Iunho de 1551.

É escripta da capitania de S. Vicente. Foi traduzida para o italiano e sahiu na collecção Tramezzino, ff. 137 v. a 140.

ff. 18. — De hũa do irmão Pero correa de S. Vicente do año de 1551.

Traduzida para o italiano appareceu na collecção Tramezzino, ff. 140 v. e 141.

ff. *ibid.* — De outra do mesmo para os irmãos que estauão em Africa, de S. Vicente do año de 1551.

Foi vertida para o italiano e sahiu na collecção Tramezzino, ff. 141 a 143.

ff. 19 v. — Carta do p. Nobrega para os Irmãos do collegio de Iesu de Coimbra. de Paranambuc de 13 de Set.ro de 1551.

ff. 21 v. — De hũa carta do irmão Viçente roĩz da Baya de todos os Sanctos, de xvij de Mayo de 1552.

Traduzida para o italiano anda na collecção Tramezzino, de ff. 154 a 156.

ff. 24 v. — De outra do mesmo.

Não traz data; mas é de 1552. Foi tambem traduzida para o italiano e sahiu na collecção Tramezzino, de ff. 156 a 159.

ff. 26. — Carta do p. Antonio pĩz, de Pernambuc de çinco de Junho. 1552.

ff. 29 v. — Letras quadrimestres de Setembro ate o fim de dezembro de 1556. Do Brasil e de Jan.ro ate Mayo de 1557. 1.a via.

Datadas de Piratininga em o fim de Abril de 1557. São do veneravel padre Anchieta. Foram copiadas com toda a fidelidade possivel pelo Dr. J. A. Teixeira de Mello e impressas nos *Annaes da Bibliotheca Nacional,* volume I, de pp. 270 a 274.

ff. 32. — Copia de outra do mesmo Irmão Ioseph que escreveo neste mesmo tpõ.

É datada de Piratininga em o fim de Dezembro de 1556. Sahiu impressa com a propria orthographia nos *Annaes da Bibl. Nac.*, II, de pp. 266 a 269.

ff. 34. — Suma de alguãs cousas q̃ hião em a nao que se perdeo do bispo. Pera nosso p.e Ignacio.

É escripta da Bahia a 10 de Junho de 1557 pelo padre Antonio Blasques por commissão do padre Manuel da Nobrega. Imprimiu-se pela primeira vez no tomo V (1843) da *Revista* do Instituto, de pp. 214 a 223.

ff. 39. — Letras quadrimestres de Setembro a Jan.ro de 1556. do Brasil da Baya do Saluador para Nosso p.e Ignacio.

Não trazem nome de autor, e não chegou a ser terminada a copia, vindo em branco menos da metade da fl. 42 r. e todo o v. da mesma fl. 42.

ff. 43. — Carta q̃ o Irmão Ant.o blasqz escreueo da baya do saluador das ptes do brasil o año de 1558 a noso padre Geral.

Traz data do ultimo de Abril. Escripta por commissão do p. Manuel da Nobrega. Em castelhano.

ff. 48 v. — Terllado de hũa carta do padre Ant.o pĩz da Bahia de 19 de Julho de 1558.

ff. 50. — Terllado doutra da Bahya de 12 de setembro de 1558.

ff. 51 v. — Copia de hũa carta do p.e M.el da nobrega que escreueo do Brasil da Baya de todos os santos a 5 de julho de 1559.

ff. 57. — Carta escripta da cidade da Bahia, sem nome de autor, nem data.
Posto que não traga data, é do anno de 1559.

ff. 58. — Copia de hũa do p.e Ant.o blazquez q̃ escreueo da Bahia do Salvador a 10. de setembro de 1559. pera o p.e Geral.

Escripta por commissão do p. Nobrega. Em hespanhol.

ff. 62. — Copia de outra q̃ escreueo o mesmo p.e Ant.o blazquez Ao p.e Geral Diogo Laynez a 10 de 7.bro de 1559.

Escripta da Bahia por commissão do p. Nobrega. Em castelhano.

ff. *ibid.* — Copia de hũa carta do Irmão Ant.o de Sa q̃ escreueo aos Irmãos da Baya a 13. de junho de 1559.

Em castelhano.

ff. 65 v. — Copia de hũa carta do p.e fr.co pĩz e do Irmão Ant.o Roiz para o padre Nobrega.

É datada de... a 2 de Outubro de 1559.

ff. 66. — Copia de *(sic)* do p.ª fr.ᶜᵒ pirez p.ª o p.ᵉ Doutor. Traz a mesma data da antecedente.

ff. 67. — Copia de hũa do p.ᵉ Manuel da Nobrega que escreueo ao Inf. cardeal; de S. Viçẽte o prim.ʳᵒ de junho de 1560.

Foi impressa pela primeira vez pelo conselheiro Balthazar da Silva Lisboa nos seus *Annaes do Rio de Janeiro* tomo VI (1835), de pp. 102 a 111. Imprimiu-se tambem no tomo V da *Revista* do Instituto, de pp. 328 a 334 e sahiu ainda reproduzida no 2.º volume da 2.ª edição de Lisboa da *Chronica* do p. Simão de Vasconcellos, de pp. 312 a 317. Tambem acha-se inserta no *Brazil Historico*, tomo I, 2.ª serie, 1866, de pp. 115 a 118.

ff. 70. — Carta que escreueo o p.ᵉ M.ᵉˡ da Nobrega à thome de sousa da Baya à 5 de julho de 1559.

Sahiu impressa pela primeira vez nos *Annaes do Rio de Janeiro* de Balthazar da Silva Lisboa, tomo VI, de pp. 63 a 101.

ff. 79. — Carta que escreueo o Irmão Joseph ao p.ᵉ geral, de S. Vicente o prim.ʳᵒ de junho de 1560.

É do padre José de Anchieta. Em castelhano. Foi traduzida por Balthazar da Silva Lisboa e impressa nos seus *Annaes*, tomo VI, de pp. 111 a 139.

ff. 85. — Copia de hũa carta que escreveo o Irmão Joseph ao p.ᵉ geral, de S. Viçente ao ultimo de Mayo de 1560.

É do mesmo p. Anchieta. Em latim. Esta notavel carta foi impressa pela primeira vez e annotada pelo conselheiro Diogo de Toledo Lara Ordonhez no tomo I (1812) da *Collecção* ultramarina, sob o titulo *Josephi de Anchieta Epistola quamplurimarum rerum naturalium, quæ S. Vicentii (nunc S. Pauli) provinciam incolunt, sistens descriptionem*. Ha tiragem em separado. D'esta interessante carta fez o Dr. Teixeira de Mello com o concurso do Snr. Martinho Corrêa de Sá uma versão portugueza sobre o impresso e sahiu nos *Annaes da Bibl. Nac.* volume I, de pp. 275 a 305.

ff. 90 v. — Do p.ᵉ Ruy pereyra p.ª os padres e Irmãos da Comp.ª da prouinçia de Portugal da Bahia a 15 de Setembro de 1560.

Sahiu impressa pela primeira vez nos *Annaes do Rio de Janeiro* de Balthazar da Silva Lisboa, tomo VI, de pp. 139 a 165.

ff. 98 v. — Copia de hũa Carta que escreueo o p.ᵉ Joã de melo para o padre gonçalo vaz proposito da casa de São Roche da cõpanhia de jesvs, e lixboa, do brasil aos 13 de setembro de 1560.
É escripta do Collegio da Bahia.

ff. 100 v. — Copia de hũa carta que escreueo o p.ᵉ Ant.º pĩz do Brasil para os padres e irmãos da Companhia de jesus em o mes de outubro de 1560.
É datada da Bahia a 22 de Outubro.

ff. 103. — Copia de Hũa Carta q̃ escreueo o p.ᵉ Rui pir.ʳᵃ do Brasil para os p.ᵉˢ e Irmãos da Companhia de Jesvs. em portugal, no anno de 1561 a 6 de Abril q̃ foy dia da paschoa.
É escripta de Olinda.

ff. 105. — Copia de huna del Padre Antonio Blasquez del Brasil de la ciudad del Saluador Baya de todos los santos Para el Padre General M.ᵗʳᵉ Diego Laynez y a los mas Padres y hermanos de la compañia de 23 de setr.º de 1561 Reçebida en Lisbona a ocho de Março de 1562.
Em castelhano.

ff. 111 v. — Esta carta que se segue he fim da precedente que não a pode acabar o Padre Antonio blasquez.
Escripta por commissão do padre provincial Luiz da Grã pelo padre Leonardo. Em portuguez.

ff. 115. — Copia dalgũs capitolos de hũa carta do Padre Luys de gran Pera o Padre Doctor Torres de 22 de setr.º de 1561. R.ᵈᵃ a 5 de março de 1562.
Escripta do Collegio da Bahia.

ff. 116. — Copia de hũa do P.ᵉ Leonardo da Baya de Todolos Sanctos de 26 de Junho de 1562 Pera os Padres e Irmãos da Companhia de Jesús em Sam Roque.

ff. 125. — Copia de hũa do Irmão Joseph. q̃ escreueo de S. V.ᵗᵉ Ao Padre general M.ᵉ Diogo Lainez de 12 de Junho de 1561.
É do padre José de Anchieta. Em castelhano. Foi traduzida por Balthazar da Silva Lisboa e impressa no tomo VI dos seus *Annaes do Rio de Janeiro*, de pp. 46 a 63.

ff. 128. — Copia de hũa do brasil do spũ sancto p.ᵃ o p.ᵉ doctor Torres por cõmissão do p.ᵉ bras l.ᶜᵒ de 10 de Junho de 1562. R.ᵈᵃ a 20 de setembro do mesmo Anno.

O copista declara que « esta Carta não trazia firma. » Foi impressa no tomo II (1840) da *Revista* do Instituto, de pp. 418 a 423.

ff. 129 v. — Copia de hũa do Irmão Joseph. pera o P.e geral, de S. Viçente de março de 1562. R.da a 20 de Setembro do dito anno.

É do padre José de Anchieta. Em castelhano. Sahiu impressa pela primeira vez nos *Annaes da Bibl. Nac.* vol. I, de pp. 205 a 208.

ff. 131. — Copia de hũa do Padre Luis Roĩz dos ilheos pera o Padre Goncalo Vaz a 11. de março 1563.

ff. 132. — Copia de hũa do P.e Leonardo da Baja pera ho Pádre guoncalo Vaz Prouincial da comp.a de Jesus de portugal aos 12 de majo de 1563.

ff. 137. — Copia de hũa do Padre Antonio de Saa de Pernãbugo pera os Padres e Irmãos de Portugal da comp.a de Jesus de 8. de Septembro 1563 Annos.

ff. 138. — Copia de hũa do Irmão Sebastião de Pina de Baya para para o Padre G.lo Vaaz de 12 de Mayo de 1563.

ff. 139 v. — Copia de una de S. Viçente del hermano Joseph de Anchiete *(sic)* para el Padre M.e Diogo Laynez Præposito general de 16 de Abril de 1563.

Em castelhano. Foi traduzida pelo conego Januario da Cunha Barbosa e impressa no tomo II (1840) da *Revista* do Instituto, de pp. 538 a 552.

ff. 144 v. — Copia de hũa do Irmão Antonio Blazquez da baía a 4 de aguosto *(de 1556)* para os padres e Irmãos de san Roque.

Em hespanhol.

ff. 145. v. — Copia de hũa de Ant.o Blaqz.

Datada da Bahia ao ultimo de Maio de 1564. Em castelhano.

fl. 149 v. — Carta q̃ escreueo o Padre p.o da Costa do spirito Sancto aos padres & Irmãos da casa de Sam Roq. de Lisboa, año de 1565.

É datada da Casa de São João a 27 de Julho.

ff. 153. — Copia de hũa de Antonio blazquez pera o P.e Prouĩcial de Portugal.

Datada do Collegio da Bahia a 9 de Maio de 1565. Em hespanhol.

ff. 156. — Copia de una del P.e Antonio blazquez del Collegio de la baja de tosdolos *(sic)* Sanctos del Brasil p.a portugal y escrita a 13 de Setiembre de 1564.

Em castelhano.

ff. 160 v. — Copia de hũa do P.e Jorge Roĩz dos Ilheos do Brasil pera os P.es e Irmãos da Comp.a de Iesv de Portugal, escrita a 21 de Agosto de 1565.

ff. 162. — Copia de hũa do Padre Antonio glz̃ da casa de são pedro de porto seguro do Brasil Pera o Padre Dioguo Mirão prouincial de portugal escrita a 15. de feuereiro de 1566.

ff. 165. — Do P. Leonardo.

Datada de S. Vicente (S. Paulo) a 23 de Junho de 1565. Sahiu impressa pela primeira vez no tomo IV (1842) da *Revista* do Instituto, de pp. 224 a 231.

ff. 167 v. — Copia de hũa do P.e Joseph pr.a o padre Mestre Diogo Laines præposito Geral da Companhia de Jesv. 1565.

É do padre José de Anchieta e datada do Collegio de S. Vicente em Janeiro de 1565. Em castelhano. Foi publicada pelo Dr. Teixeira de Mello nos *Annaes da Bibl. Nac.*, vol. II, de pp. 79 a 123.

ff. 188 v. — Copia de hũa do padre Quiricio da Baya 13 de Julho de 1565 fala tambẽ no Rio de Janejro q̃ escreueo ao padre Dioguo Mirão prouincial da companhia de Jhũs.

ff. 190 v. — Copia de hũa do padre Joseph da Baya de todolos Sanctos que escreueo ao padre Doutor Dioguo Mirão prouincial da companhia de Jhũs de 9 de Julho de 1565.

É do padre José de Anchieta. Foi impressa pela primeira vez nos *Annaes do Rio de Janeiro* de Balthazar da Silva Lisboa, tomo VI, de pp. 166 a 181.

ff. 194 v. — Copia de hũa do Irmão pero Correa o qual foi morto dos Brazis a oyto de Junho de 155. *(sic)* annos pera o p.e Belchior nunez em Coimbra.

Sem data; mas foi escripta de S. Vicente em 1554.

ff. 195 v. — Copia de hũa do padre fr.[co] pĩz do Brasil de Nouas depois da geral.

Não traz data, mas foi escripta da Bahia em 1556.

ff. 196 v. — Copia de outra do Brasil do Irmão dioguo Jacome pera os p.[es] e Irmãos do Collegio de Coimbra. não tõ era.

Parece que foi escripta pelos annos de 1566.

ff. 199. — Litteræ quadrimestris à Maio usqz ad mensem septembris — ex India Brasilljca anno 1554.

São do p. José de Anchieta. Em latim. Vertidas para o portuguez pelo Dr. Teixeira de Mello foram publicadas nos *Annaes da Bibl. Nac.*, vol. 1, de pp. 60 a 75.

ff. 205. — Carta datada da Bahia a 19 de Julho de 1558.

Não traz nome de autor, nem titulo.

ff. 207. — Terlado doutra da Baya a 12 de Setembro de 1558. Tambem sem nome de autor.

ff. 208 v. — Annual del brasil p.[a] la puincia toletana y aragonia del anno 1567.

É datada da Bahia a 16 de Janeiro de 1568 e escripta pelo padre Diogo Gonçalves.

ff. 211. — Copia de hũa do Brasil da capitania de S. Vicente de peratininga aos 5 de dezembro de 1567.

Escripta pelo padre Balthazar Fernandes.

ff. 213 v. — Copia de hũa do Brazil da capitania de S. V.[te] a 22 de abril de 1568.

Escripta pelo mesmo padre Balthazar Fernandes, por commissão do padre reitor José de Anchieta.

ff. 215. — Carta do padre *Augustin de Laçerda*.

Datada da Ilha de Santo Thomé a 18 de Fevereiro de 1560 e escripta por commissão do padre Francisco de Gouvêa. Dá circumstanciada noticia da viagem que fizeram de Lisboa a Angola e Ilha de Santo Thomé. Não traz titulo. Esta carta e a que se segue, são, como se vê, de outras partes fóra do Brazil.

ff. 217 v. — Copia de hũa do Irmão Antonio Mendẽz que escreueo a noso Padre General de pois q̃ tornou de angola da Viagẽ que fizeram e desposição e custumes da quela terra feita em Lx.[a] a 9 de mayo de 1563 Anños. Em hespanhol.

ff. 225 e 226. — Indice das cartas do Brasil q̃ ha neste livro segundo os anos.

Todas estas cartas, documentos das primeiras missões do Brazil, são muito interessantes, principalmente as de Nobrega e Anchieta.

As de Anchieta, porém, já se acham hoje publicadas, cabendo á Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro a honra de concluir tão importante serviço, encetado no começo do seculo pelo conselheiro Lara Ordonhez, que imprimiu a primeira carta do veneravel jesuita contida nesta propria collecção.

Este registo de cartas dos padres jesuitas, escriptas do Brazil á casa de S. Roque de Lisboa, onde residiam os seus prelados, foi offerecido pelo conselheiro Lara Ordonhez, que o houve em presente do Marquez de Pombal.

Lara Ordonhez por occasião de remetter a preciosissima collecção a D. João VI para a Real Bibliotheca fêl-a accompanhar da seguinte carta dirigida ao conselheiro Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal: « Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sñr. — Em virtude da insinuação de V. Ex.^a^ para eu ter a honra de offerecer a el-rei nosso senhor algum manuscripto interessante, entrego com muita satisfação a V. Ex.^a^ o mais antigo e precioso, que possuo, qual é a *Collecção das cartas dos jesuitas*, escriptas do Brasil desde que chegaram á cidade da Bahia a 29 de Março de 1549 até 1568; para ser apresentado por mão de V. Ex.^a^ ao mesmo augusto senhor. — Deus guarde a V. Ex.^a^ — Rio de Janeiro, 1 de Fevereiro de 1820. — Ill.^mo^ e Ex.^mo^ Sñr. Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal. — De V. Ex.^a^ fiel criado. — *Diogo de Toledo Lara Ordonhez.* »

Esta carta acha-se no *Album brasileiro*, collecção de cartas de pessoas notaveis publicadas pelo Sñr. J. Norberto de Sousa Silva, na *Revista Popular*, tomo XIII, pg. 218.

Effectivamente, o conselheiro Thomaz Antonio, ainda que mais tarde, si a data da carta de Ordonhez está exacta, como é de suppor, no dia 24 de Março de 1821 remetteu á Real Bibliotheca o volume manuscripto, como consta do registro dos livros entrados para esta Bibliotheca em 1821.

Do nosso codice foram extrahidas uma copia em um grosso volume de folio pelo Sñr. Dr. José Thomaz de Aquino, a qual se conserva hoje no Instituto Historico e outra em dois volumes de 4.° pelo conselheiro Agostinho Marques Perdigão Malheiro em 1847 e 1848, exceptuando as já publicadas na *Revista* do Instituto. Perdigão Malheiro declara que fez a cópia « com toda a fidelidade e exactidão, com a mesma orthographia, pontuação, virgulação, lacunas,

faltas, e mesmo erros, mas faceis de perceber. » Esta excellente cópia igualmente pertence hoje ao Instituto Historico. O Sñr. Dr. João Antonio Alves de Carvalho tambem possue cópia de 20 d'estas cartas ainda feita pelo conselheiro Perdigão Malheiro.

Como acima se vê, algumas das primeiras d'estas interessantissimas cartas foram vertidas para a lingua italiana e impressas em Veneza em 1559 na valiosa e hoje rara collecção de Miguel Tramezzino, da qual fez ainda este impressor nova edição em 1665 na mesma cidade de Veneza, com titulo identico á primeira e em tudo o mais conforme a ella.

As cartas que ahi ficam indicadas parecem traduzidas á vista do nosso proprio códice, por muitas occurrencias que fôra ocioso apontar aqui, como sejam, por exemplo, a suppressão em uma d'ellas d'uma linha inteira do nosso registo, coincidencia de cruzes postas em certos periodos do manuscripto e a suppressão na versão italiana de trechos assim assignalados, &. Algumas foram vertidas integralmente, outras porém augmentadas com topicos de diversas, e algumas ainda com suppressões, de sorte que muitas vezes á primeira vista não parece que as publicadas na referida collecção veneziana sejam as mesmas que possuimos.

N.º 8. — Historia dos trabalhos da sem ventura Isea natural da Cidade de Epheso, e dos Amores de Clareo e Florisea. Com Real preuilegio.

Cópia de impresso por lettra dos fins do XVIII ou começo do XIX seculo. Contém 104 ff. inn., que medem 19 cent. de altura por 12 de largo.

Em seguida ao *Prologo ao Leytor* vem este *N. B.* do copista: « Até aqui he escrito em letra grifa Latina m.to boa, o corpo da Obra porem he em letra gotica, como se usava nos primeiros tempos da Imprensa, sem pontuação algũa se não a de ponto, e dois pontos, que servem quasi sempre de virgulas, e as vezes de ponto e virgula. Este Livro não traz anno de impressão, nem de Impressor, e so de hũa especie de Dedicatoria q̃. vem no fim da Obra se poderá rastijar o tempo em q̃. foi impressa. Pode suspeitar-se q̃. foi impressa em Hespanha por varias palavras Hespanholas, q̃. talvez o Impressor

puze-se por outras Portuguezas analogas, q. pelo som confundio e trocou. »

A *Historia* é dividida em XXXI capitulos numerados e mais um intitulado *Capitulo final* &c.

Em seguida acha-se um *Soneto que hum caualeiro fez cujo nome se encobre pera majores cousas*, e uma dedicatoria *Ao senhor doutor Ieronimo Piriz a quem vay diregida a obra*.

O final do *Prologo* diz assim : « A historia vay composta por ella mesma *(Iseu)* e de mim emendada em algũas partes somente nas falas e ordẽ seguindo em todo ho mais o original della. E por isso recebe com amor a questa obra lector distreto nam me culpado por algũs erros se as ella leuar mas antes louuado pollos muytos que agora vam emẽdados nouamente. »

O capitulo XXVII termina com a seguinte declaração: « A Belifronte e Arminador deu grão pena a perda de Floresinda. Porem como se ella *coubrou* se diraa na *Coronica de Felesindos :* que este feito e outros mais notaueis forão por elle acabados : como muy larguamente faz no seu liuro menção. Porque està historia não trata das auenturas de ninguem se nam de minhas desauenturas. »

Quasi ao terminar o *Capitulo final* lê-se : « quero dar-lhe fim : com proposito de em algum tempo *escreuer a segunda parte della :* que trata dos grandes feitos de Felesindos : e do que lhe aconteceo na demanda da fermosa infanta Luciandra. »

O impresso d'esta Historia é livro de extrema raridade, pois por ora só se sabe da existencia de um exemplar, que pertence ao Snr. Francisco Antonio Fernandes, do Porto, e que lhe custou ha pouco tempo nada menos de 50 £. Encontra-se noticia que até então o unico exemplar de que se conhecia era o que pelos fins do seculo passado existia na livraria do 1.° Visconde de Balsemão e que continuou a permanecer na mesma casa até que por occasião, segundo se diz, do Cerco do Porto em 1832 desappareceu, ignorando-se de todo o destino que teve.

A descripção do impresso, segundo o Visconde de Azevedo e Mattos, é : *Historia dos trabalhos da sem ventura Isea natural da Cidade de Epheso, & dos Amores de Clareo & Florisea. Com Real preuilegio.* Sem logar nem data de impressão, in-8.° peq. de 136 ff. num. pela frente e mais 3 com um soneto e a dedicatoria ao Dr. Jeronymo Pires. A portada é gravada e foi reproduzida em *fac-simile* pelo Snr. Brito Aranha no tomo X do *Diccionario* de Innocencio, segundo processo photo-lithographico.

Da obra ha traducção em hespanhol e em francez. A hespanhola sob o titulo *Historia de los amores de Clareo y*

Florisea, e de los trabajos de Isea foi impressa em Veneza por Gabriel Giolito em 1552, 2 tom. in-8.° Traz duas partes, sendo a segunda em verso. A dedicatoria ou introducção é assignada por Alonso Nuñes de Reinoso, que diz traduziu a obra do grego, o que é muito provavel. Veja-se o que a seu respeito dizem o *Diccionario* de Innocencio e Brunet.

A franceza é accusada por Brunet, que assim a descreve: La plaisante histoire des amours de Florisée et de Claréo, et aussi de la peu fortunée Yséa, trad. du castillan en français par Jacq. Vincent. *Paris, Jacq. Kerver*, 1554, in-8.° — É traducção da 1.ª parte.

Agora, quanto a 2.ª parte em portuguez nem o Visconde de Azevedo nem o Snr. Brito Aranha, ambos no *Diccionario* de Innocencio, nem Mattos no seu *Manual* se referem a ella, o que dá a entender que nunca foi impressa.

O códice pertenceu a José Bonifacio de Andrada e Silva.

N.° 9. — Carta do padre Antonio Ruiz (de Montoya), datada do Rio. de Janeiro a 25 de Janeiro de 1638 e dirigida ao padre Juan Baptista de Ornos, contendo varias noticias relativas ás Missões e aos Portuguezes.

Com. = Ihs. — P.e Ju.o de Ornos. — Pax Xpi etc. — El dia de Santa Teresa sahimos de Buenos ayres y llegamos a este Rio Jenero =

Autographa. 2 ff. inn. 29 × 18.

Do sobrescripto da carta collige-se que o padre Ornos achava-se em Loreto. Na mesma folha onde vem o sobrescripto vê-se uma nota assignada do punho do referido padre Ornos.

Este interessante documento nos proveiu da collecção Pedro de Angelis e traz nota de ter pertencido ao *Archivo de las Missiones*.

O padre Antonio Ruiz de Montoya, celebre missionario do Paraguay, era natural de Lima. Muito o recommendam e louvam o p. Nicolau del Techo na sua *Historia Provinciæ Paraquariæ Societatis Jesv* (Leodii, 1673, in-fol.) e Francisco Xarque em sua obra *Insignis missioneros de la Compañia de Jesus en la provincia del Paraguay* (Pamplona, 1687, in-fol.), como a um dos homens mais illustres que tem produzido o Perú. Nascido em 1583, entrou na Companhia de Jesus em 1606

e sendo empregado nas missões converteu, diz-se, perto de mil indigenas. Morreu no logar de seu nascimento em 1652. Conhecedor profundo da lingua guarani, publicou varias obras relativas a ella e o seu *Tesoro de la lengua guarani* é, na opinião dos entendidos, um verdadeiro thesouro para a grande lingua da America do Sul.

N.º 10. — Cartas do Conde de Villa Pouca de Aguiar, do Conde de Castel-melhor, do Conde de Attouguia, de Francisco Barreto de Menezes e do Conde de Obidos, governadores geraes e capitães generaes do Estado do Brazil, do anno de 1648 ao de 1663.

É o livro de registro. Consta de 117 ff. num. 24 × 14. Não traz titulo.

Um dos mais antigos livros de registro da correspondencia official dos governadores geraes do Brazil que possue a Bibliotheca, a primeira carta dirigida a Salvador Corrêa de Sá e Benavides, goverdador do Rio de Janeiro, é datada da Bahia a 6 de Janeiro de 1648.

É o n.º 30 do *Catalogo dos Manuscriptos da Bibliotheca Nacional*, em que se acham descriminados todos os documentos que contêm o codice exposto.

N.º 11. — Conqvista temporal, e espiritval de Ceylão, ordenada pelo padre Fernão de Qveyroz, da Companhia de Iesvs, da provincia de Goa, com muytas outras proueytozas noticias pertencentes â disposição, & gouerno do Estado de India. Em lisboa no ano (1687).

Original, com a assignatura autographa do autor. Consta de 12 ff. inn., 321 ditas num. 26 × 17.

Precedem-n'a: Dedicatoria « Ao Excelentissimo Senhor Francisco de Tauora, Conde de Aluor, V. Rey, e Capitão Geral da India, do Concelho de S. M. &. »; « Aos Portu-

guezes, que lerem a seguinte Historia »; « Primeyra protestação do Autor »; e « Inventario dos Liuros, e Capitulos desta Obra. »

É dividida em 5 livros.

Com. o livro I = Cap. I. Do sitio, grandeza, e nomes da ilha de Ceylão, e de seus pouoadores. — Fica a celebrada ilha de Ceylão fronteyra ao Cabo de Camorim, neste dilatado mar Indico, na garganta do grande golfo de Bengâla. =

Ac. o ultimo = e isto deue ser o que mays anime a Portugal, pera a recuperação daquela Ilha. =

Segue-se a « Segunda Protestação do Author. »

A dedicatoria ao Conde de Alvor é datada de Goa ao 1.° de Outubro de 1687 e nella é que vem a assignarura do proprio punho do autor.

Traz a seguinte licença da Companhia de Jesus dada em Goa para imprimir-se a obra:

« Gaspar Affonso, da Companhia de Jesv, Prouincial da Prouincia de Goa, por particular cômissão que tenho de nosso M. R. P. Preposito geral, deu licença, pera que se imprima este liuro, intitulado, Conquista temporal, e espiritual de Ceylão, ordenada pello p.e Fernão de Queyrôs da mesma Companhia Prouincial que foi desta Prouincia; reuisto, e approuado por religiosos doutos da mesma Companhia. E por verdade dey esta, por mim assinada, e sellada com o sello de meu officio. Goa. 6. de Janeiro de 1688.— *Gpar Affonso.* »

Em seguida vem o sello a que se refere a licença.

Apesar d'esta licença a obra não foi impressa, morrendo o autor pouco tempo depois, no Collegio de S. Paulo de Goa, a 12 de Abril do referido anno de 1688, com 71 annos de idade.

Esta obra parece ser a mesma a que sob o titulo *Conquista temporal, & espiritual do Oriente*, re refere o autor na pg. 262 da sua *Historia da vida do irmão Pedro de Basto*, escripta em 1684 e publicada em 1689. Barbosa Machado na *Bibliotheca Lusitana* a accusa com este titulo.

O p. Fernão de Queiroz, foi reitor do Collegio de Taná e de Baçaim, preposito da Casa professa de Goa, depois provincial e finalmente eleito Patriarcha da Ethiopia. A sua *Conquista de Ceylão* é obra muito importante e muito curiosa.

O msc. pertenceu ao padre Francisco José da Serra e depois á Real Bibliotheca.

N.º 12. — Trattados, actos, convençoens, e outros mais importantes Papeis, dos quaes se faz menção na primeyra parte destas Memorias, e que servem para a sua intelligencia.

Vasta e valiosa collecção de tratados, actos e convenções entre varias potencias e a corôa de Portugal. Abrange documentos de 1619 a 1715, em que terminam com os relativos á paz de Utrecht. Consta de 4 grossos volumes de fol. correspondendo cada um ás quatro partes em que eram divididas as Memorias que se accusam nos titulos dos volumes, Memorias estas que nos faltam e não possuimos nenhum outro esclarecimento a seu respeito. Todo o codice é escripto mui cuidadosamente em excellente lettra do XVIII seculo.

Os outros tres volumes da collecção trazem o seguinte titulo: « Tratados, actos, convençoens, e outros Papeis, que respeitão a paz de Utrecht, & que servem para a intelligencia da... parte destas Memorias. »

Os titulos são illuminados sobre pergaminho, com bastante esmero, e o que se vê no volume exposto representa uma bibliotheca.

Pertenceu o codice á Real Bibliotheca.

N.º 13. — Estimvlos del Divino Amor, si agudos, suaues, y dulces, en Doce Soliloquios Eucharisticos, en Prosa, e Verso. En qve el alma postrada delante de vna Infinita Magestad, llna de profundissimo Respecto, abriendo el Corazon, y derramando en presencia de su Dios habla tierna, y confiada mente de Christo, y con Christo sacramentado, mostrado algo del infinito Amor Divino, que resplandece en el Santissimo Sacramento del Altar, y insinua algunas de sus maravillosissimas profundidades, y misterios, combidando con sus enardecidas Palabras, â anegarse, y trãsformarse en Christo Jesvs. Las ofrece con el mas

obsequioso devido rendimiento A sus Altezas los Serenissimos Señores Principe, y Princesa de Asturias Señor Don Fernando, y Señora Doña Maria Barbara, su dignissima esposa, Nuestros Señores, que Dios prospere felices siglos para vien de esta Monarchia; D. Marcos de las Roelas, y Paz Iurado perpetuo dela Ciudad de Cordova. (1728 – 29.)

Original. Em pergaminho. Consta de 37 ff. num., que medem 41 cent. de alt. por 27 de larg. e mais 3 folhas maximas, desdobraveis, fóra do texto e em pergaminho mais forte.

Contém no texto numerosos desenhos do tamanho do livro, cabeções de pagina, tarjas, vinhetas, lettras capitaes, &, tudo feito com muito zelo e esmero, ora a aguada de nankin, ora a pennejado, a uma ou duas côres. Em todos os desenhos o autor não dispensa de assignar o seu nome.

O titulo do codice occorre na fl. 2. Na fl. 1 r. vem: *Ansias amorosas de vna Alma Contrita en la presencia de vn Crucifixo*, que constam de 10 estrophes, sendo a ultima a seguinte:

« Conceded para mia alma — *Palma*,
y pues que ya en vos blasona — *Corona*,
para que cante en la gloria — *Victoria*.
Què aunquè foy del mundo escoria,
vuestra sangre lograreis
mi Rey, si me concedeis
Palma, *Corona*, *Victoria*. »

E no v. da mesma fl. vê-se um crucifixo, tendo na parte inferior uma dedicatoria do autor á Princeza das Asturias D. Maria Barbara.

Entre os desenhos de que é repleto o manuscripto notam se:

Na fl. 3 v., o retrato do Principe jurado das Asturias D. Fernando de Bourbon, tendo na parte superior o seu brasão de familia;

Na fl. 4, o retrato da Princeza D. Maria Barbara;

Na fl. 22, o Descanço da fuga do Egypto;

Na fl. 26, o Descimento da Cruz;

Na fl. 30, uma batalha, vendo-se no alto o Principe D. Fernando a cavallo;

E na primeira das tres grandes folhas desdobraveis os

retratos de D. Fernando, rei de Hespanha, e dos Principes das Asturias D. Fernando e D. Maria Barbara e tres brasões d'armas de familia.

Este manuscripto é uma verdadeira curiosidade calligraphica, todo recheiado de prosa e verso e de desenhos de difficil e paciente execução. Nisto é que consiste todo o seu merecimento. O autor em uma das suas constantes dedicatorias (fl. 3 v.) chama-o « corto volumen escrito, y delineado na Ciudad de Cordova » e accrescenta que é fructo de sua applicação. De facto nesta parte foi Roelas y Paz de applicação admiravel.

O codice pertenceu á Real Bibliotheca.

N.° 14. — Aba reta y caray eỹ baecue Tupã upe ynemboaguiye uca hague Pay de la Comp.ª de Ihs poromboeramo ara cae P. Antonio Ruiz Icaray eỹ baé mongetaĭpĭ hare oiquatia Caray ñeẽ rupi ỹma cara mbohe hae Pay ambuae Ogueroba Aba ñeẽ rupi Año pĭpe S. Nicolas pe. Ad majorem Dei Gloriam.

Cópia. In-4.° peq. (0m,200 de alt. por 0m,143 de larg.) Consta de 1 fl., 254 pp. num.

É versão guarani da obra do padre Montoya — *Conqvista espiritval hecha por los religiosos de la Compañia de Iesus, en las Prouincias del Paraguay, Parana, Vruguay, y Tape, &c.*, impressa em Madrid em 1639, in-4.° O nosso texto guarani foi traduzido pelo Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira e tanto o texto como a traducção brazileira foram publicadas nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, vol. VI (1878-79). Veja-se a esse respeito a erudita introducção do Snr. Dr. Ramiz Galvão que precede a publicação. Ainda o Dr. Baptista Caetano antepoz á sua traducção um *Esbôço grammatical do abáñeê ou lingua guarani* e accompanhou-a de um extenso e valiosissimo vocabulario das dicções que figuram no manuscripto e que, sob o titulo *Vocabulario das palavras guaranis usadas pelo traductor da Conquista Espiritual do padre A. Ruiz de Montoya*, constitue todo o volume VII (1879-80) dos referidos *Annaes da Bibliotheca Nacional.*

Ultimamente o Snr. Conego João Pedro Gay offereceu á

Bibliotheca Nacional a cópia d'este manuscripto a que se refere o Snr. Dr. Ramiz Galvão na sua introducção á versão em portuguez do Dr. Baptista Caetano. Esta cópia, que tambem se expõe, foi achada pelo Snr. Conego Gay em S. Borja, onde era vigario, em 1850. É de lettra do seculo passado, faltando-lhe o titulo e algumas folhas do texto, mas traz em 3 ff. o final de uma especie de introducção, que não vem no original castelhano da *Conquista espiritual*, nem na cópia da Bibliotheca que serviu para a traducção e publicação nos *Annaes*. A declaração com que termina a cópia offerecida pelo conego Gay, é:

Opaĩma tecocue reta mombeùhaba.
Ymombeù catupĭramo toîco anga Tùpâ, haè
y chĭ marâneỹ ymombauca harera.
San Borjape haè Junio 2 de 1737 pĭpe.
Tùpâçĭ marângatu boya poriahu.
Iaime Bonenti.

Este ultimo nome, porém, talvez escripto pelo mesmo tempo da cópia, não é da mesma lettra do copista do codice guarani. Tambem a palavra — ymombauca —, que se acha na 3.ª linha, está emendada para — ymombeù uca —.

O Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro possue uma excellente cópia do manuscripto guarani, sem o texto preliminar que se nota na cópia offerecida á Bibliotheca pelo Snr. Gay, e que termina com esta declaração, igual á do codice que se expõe:

Opaỹma tecocue reta mombeù haba
Ymombeù catupĭ ramo toíco ânga
Tupâ, haè y chĭ marâneỹ
ymombeu uca harera
S.ra S.ta Anna,
Mayo 4 de
1754.

Em seguida vem, da mesma lettra da cópia:

« O P.e Manuel Ayres de Cazal natural da Villa do Pedrogam pequeno copiou este Livro de outro manuscripto, que achou na Livraria do Convento de S. Antonio da Cidade do Rio de Janeiro: em Março de 1796. »

Por esta declaração se vê que a cópia do Gabinete Portuguez de Leitura é da lettra do autor da *Corographia Bra-*

silica publicada em 1817, o que a torna ainda mais preciosa. É pois bem possivel que fosse ella extrahida do nosso proprio exemplar, que parece ter pertencido a Fr. Velloso, fallecido em 1811 no Convento de Santo Antonio, onde Casal encontrou o manuscripto que copiou. Como se sabe, a livraria de Velloso passou para a Real Bibliotheca, d'onde nos proveiu o codice.

N.º 15. — Historia Topografica, e Bellica da Nova Colonia do Sacramento do Rio da Prata.

É precedida de um *Prologo*, que começa = Confessote, leitor amigo, que a sem razão com que vivem no esquecimento os spiritos mais nobres do novo Mundo Brazilico, =

Com. a obra = Livro 1.º — 1. Não pretendemos mostrar com estudo alheio o direito de Portugal na Conquista da Nova Colonia do Sacramento do Rio da Prata, =

É dividida em 3 livros, tendo ao todo 517 n.ºs ou §§.

Termina com a transcripção de uma carta de Gomes Freire de Andrada datada do Rio de Janeiro a 18 de Junho de 1736 e dirigida ao coronel Luiz de Abreu Prego.

Não traz nome de autor nem data; mas ha toda a probabilidade de ser do Dr. Simão Pereira de Sá. Barbosa Machado, tratando d'este autor no tomo III (1752) da sua *Bibliotheca Lusitana*, accusa entre as suas obras manuscriptas a seguinte: *Historia Topographica e Bellica da nova Colonia do Sacramento do Rio de Janeiro*, accrescentando: « Está prompta com as licenças para a Impressão » Quanto ás ultimas palavras do titulo deve-se ler *Rio da Prata*, em vez de *Rio de Janeiro*, simples lapso de escripta que escapou ao autor da *Bibliotheca*. Nos *Jubilos da America*, publicados em 1754 pelo Dr. Manuel Tavares de Sequeira e Sá, diz-se na pg. 21 que o Dr. Simão Pereira de Sá era na « Republica das Letras já assáz conhecido, e o será ainda mais, depois que chegarem a vêr a luz publica, por beneficio do prélo, a *Historia Topographica, e Bellica da Nova Collonia do Sacramento do Rio da Prata*, e a Sabedoria perfeita, e Tardes conversadas, Obras que estão já promptas, e expeditas com licenças para receber o dito beneficio. » É pois muito provavel que a obra do Dr. Pereira de Sá, a que se referem Barbosa Machado e os *Jubilos da America*, seja a propria que aqui se descreve.

Parece ser *cópia*, apesar de no *Catalogo dos preciosos manuscriptos da Bibliotheca da Casa dos Marquezes de Castello Melhor*, sob n.° 176 da 1.ª parte, dizer-se: « *Parece ser o autographo* », e no *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil*, sob n.° 10750, *Parece ser o original*. Lettra do XVIII seculo. Consta de 3 ff. inn., 270 pp. num. 26 X 15.

A Bibliotheca Nacional possue outra *cópia*, tambem de lettra do XVIII seculo, in-fol., de 3 ff., 232 pp. num. Esta porém traz no fim, em separado, um *Roteiro do Rio da Prata pelas informações mais exactas, que pude alcançar na viagem que fiz na Fragatinha Atalaya de S. M. em 1757*. 12 ff. inn. com um *Mapa do Rio da Prata*, a aquarella.

Cada livro traz o seu *Summario;* porém pelo do 3.° vê-se que a obra não está completa, faltando ainda todo o longo texto que é accusado no referido summario desde « Sahe a esquadra do Rio de Janeiro com o mais luzido das suas milicias » até « Chega o armisticio, e se divulga a paz com applauzo geral de ambas as nasoens », que deve ser o assumpto do final da obra.

E porém bem possivel que o autor chegasse a completar a sua obra, não só por dar-lhe o summario no começo do livro, como ainda por Barbosa Machado e os *Jubilos da America* dizerem que estava prompta com todas as licenças para a impressão.

Simão Pereira de Sá nasceu na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro a 22 de Junho de 1701, tendo por paes Simão Pereira de Sá e Anna Bocan. Era irmão do Padre Fr. José Pereira de Santa Anna, que entre outras obras publicou a *Chronica dos Carmelitas*. Recebeu o grau de Mestre em Artes no Collegio dos Jesuitas do Rio de Janeiro; depois passou á Coimbra e formou se em canones na sua Universidade a 23 de Julho de 1729. Em 1752 era Procurador da Corôa e Fazenda e Promotor do Juizo da Provedoria das Capellas e Residuos do Rio de Janeiro. Foi um dos socios da Academia dos Selectos e nos *Jubilos da America*, que o chama na pg. 21 « erudito e eloquente academico », publicou uma carta, um *Romance heroico* e 3 sonetos seus.

É tudo quanto se sabe da vida do Dr. Simão Pereira de Sá, segundo nos deixaram a *Bibliotheca Lusitana* e os *Jubilos da America*.

As outras obras manuscriptas do autor, accusadas por Barbosa Machado, são:

Noticias Chronologicas do Bispado do Rio de Janeiro. — Nos *Jubilos da America* acha-se indicada sob o titulo « Historia Chronologica do Bispado do Rio de Janeiro. »

Propugnaculo da Advocacia ignorada por seus Professores.
Sabedoria perfeita, e Tarde conversada.
Conceitos jocoserios em Problemas e Cartas. — Nos *Jubilos da America* vêm sob o titulo « Conceitos joco-serios para divertir a melancolia. »
Oraçoens Academicas.
Obras Medicas.
Além d'estas descriptas por Barbosa, nos *Jubilos da America* se accusa ainda mais outro manuscripto:
Resoluçoens juridicas, e Problematicas.

N.° 16. — Provisão de Santo Officio da Inquisição de Lisboa, datada a 23 de Abril de 1750 e assignada pelo Cardeal da Cunha, nomeando Manuel Barbosa dos Santos familiar do mesmo Santo Officio da cidade de Lisboa.

Original. Em pergaminho e escripta em excellente lettra. 1 fl., que mede 0m,220 × 0m,326.
No verso lê-se: « Reg.da a fl. 254 do L.° 14 das criasoens dos Ministros e mas *(sic)* off.es desta Inq.am Lix.a no Santo Off.° 12 de Junho de 1750. — *Manoel da Silva Deniz.* »

É documento curioso e foi offerecido á Bibliotheca pelo Snr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

N.° 17. — De S. Mag.e F. Diario da Terceira Partida de Demarcação da America Meridional. Anno de 1753.

Começa a 11 de Novembro de 1753 e termina a 15 de Dezembro de 1754. Em Janeiro de 1755 chegou a commissão demarcadora á Assumpção, segundo declara o proprio Diario.
Original. Traz dia por dia as assignaturas autographas dos demarcadores portuguezes e hespanhoes José Custodio de Sá e Faria, Miguel Ciera e João Bento Python e Manuel Antonio de Florez, Athanasio Varanda e Alonso Pacheco. Consta de 1 fl., 236 pp. num. 30 × 15.

Foi impresso em 1841 no tomo VII da *Collecção de noticias para a historia e geografia das Nações Ultramarinas*, de pp. 364 a 553.

Apesar de publicado, o manuscripto é precioso por ser o original, com as assignaturas autographas dos demarcadores das duas corôas. Accresce ainda que é excellente a lettra em que está escripto.

Proveiu o códice da bibliotheca da Casa dos Marquezes de Castello Melhor.

A Bibliotheca Nacional possue em 2 vols. de fol. uma cópia contemporanea de documentos e memorias muito interessantes, relativas a esta partida de demarcação, sob o titulo *Colecção de varias Ordens, e Papeis pertencentes á Demarcasão dos Limites da America Meridional a q. se deo principio em virtude do Tratado pelo qual se regularão as Instruçõens p.ª a mesma Demarção* (sic) *em 17 de Jan.ʳᵒ de 1754* (aliás 1751, como vem exacto no titulo do 2.º volume). — Abrange documentos de 1751 a 1770, sendo os dos dois ultimos annos, uma carta do governador de Matto Grosso Luiz Pinto de Sousa Coutinho datada de Villa Bella a 4 de Maio de 1769 e dirigida ao Brigadeiro José Custodio de Sá e Faria, pedindo uma cópia do mappa do rio Paraguay desde a cidade de Assumpção até o marco do Jaurú, e outras informações, e a resposta d'este datada do Rio de Janeiro a 1 de Outubro de 1770.

N.º 18. — Mappa Geographicum, quo Flumen Argenteum, Paranà, et Paraguay exactissime nunc primum describuntur, facto initio a nova Colonia ad ostium usque Fluminis Iaurù, ubi, ex pactis finium regundorum, Terminus de marmore positus, terrarumque insigniores Prospectus, et quorundam animalium forme suis quælibet aptæ locis delineantur. Opera, ac studio Michaelis Ciera R. F. geographi.

Original. A aquarella. 35 ff. 0ᵐ,377 × 0ᵐ,288.

Na primeira fl. vê-se em um pedestal um genio em fórma de mulher contemplando o busto de D. José I, em um medalhão oval, que ella sustenta com a mão direita. Em torno do medalhão lê-se : *Iosephus I... Grat. Portug. et Algar. Rex.*

MDCCLVIII. Corôa o pedestal o brasão das armas de Portugal.

Na segunda fl. acha-se o titulo e depois seguem-se mais 3 ff. escriptas pela frente, em que se acha uma dedicatoria assignada pelo autor contendo 47 disticos latinos sob a rubrica *Ad Iosephum I. R. F.* O 1.º distico é:

« Anne aufidesse iuvat? tacitis certe omnia desunt.
et gratos animos paucula sœpe probant. »

A carta é dividida em xv partes ou ff. num., e em frente de cada uma acham-se outras tantas ff. com pinturas representando plantas topographicas, vistas e aves e quadrupedes que mais abundam em cada zona descripta. Entre estas pinturas notam-se: « Planta da Praça da Colonia do Sacramento »; « Vista por dentro da Praça da Colonia »; « Traje das Mulheres *(e)* dos Homens do Paraguay »; « Las Piedràs de S. Cathalina que estão perto da Cidade do Paraguay »; « Vista da Cidade da Assumpção do Paraguay »; « Vista da serra do Pan de asucar tirada do lugar R. »; « Vista dos tres Irmãos »; « Vista da Serra do Pan de asucar tirada do lugar Q. »; « Vista do Pan de asucar »; Vista da Cordilheira de S. Fernando observada no lugar D. »; « Vista por dentro da Lagoa Yaiba »; « Vista da Cordilheira de S. Fernando tirada do lugar A »; « Vista dos morros de Cheanê &. »; « Vista do lugar onde se tem posto o Marco de marmore perto da bocca do Rio Iaurù no anno de 1754 »; e « Vista do Rio Paraguay p.ª cima do Rio Iaurù. »

Nos angulos de quasi todas as partes da carta vê-se alguma pintura allusiva á região que descreve.

É manuscripto muito precioso e importante.

O Dr. Miguel Ciera foi um dos astronomos da terceira partida de demarcação de limites da America Meridional, em virtude do Tratado de Madrid de 13 de Janeiro de 1750. O mappa exposto é um dos resultados da sua importante commissão.

O manuscripto pertenceu á Real Bibliotheca, d'onde nos proveiu.

N.º 19. — Historia Millitar do Brazil. Desde o anno de mil quinhentos quarenta e nove, em q̃ teve principio a fund.ªᵐ da Cid.ᵉ de S. Salv.ᵒʳ

Bahia de todos de todos *(sic)* os Santos até o de 1762. Offerecida a Elrey Fidel.[mo] D. Jozé o 1.° N. S. Composta *(por)* D. Jozé de Mirales Ten.[e] Cor.[el] de hum dos Regimentos da Goarnição da mesma Cidade do Salv.[or], e Academico numer.° da Academia Brazilica dos Renascidos.

Original? É escripto por tres lettras diversas. Contém 1. fl., 266 pp. num., 15 ff. inn. 33 × 18.

Entre as pp. 110 e 111 nota-se em folha desdobravel um mappa estatistico das *Muniçoens de que se achão fornecidas as Fortalezas desta Praça. Bahia, e de 7.[bro] 27 de 1762.*

De pp. 161 a 232 traz: *Serie dos Governadores*, em que relata as datas de posse e os serviços de cada um durante os respectivos governos.

Da referida pagina 232 á ultima, acha-se uma serie de documentos, que abrangem o periodo de 1625 a 1762, sob o titulo: *Relação das Ordens de S. Mag.[de] de q̄ p.[a] melhor, e mais verdadr.[a] noticia faço expressa menção.*

Depois segue-se nas 15 ff. inn. o *Index* por ordem alphabetica.

É precedida de larga dedicatoria ao Rei, que occupa as 8 primeiras paginas do códice.

Com. a obra = Parte primeyra. — 1. Foi Nemrrod o inventor da disciplina Militar, e foi tãobem o Augusto Monarcha D.[m] João 3.° o pr.[o] que a estabeleceo, e mandou praticar neste Imperio; =

Na dedicatoria a D. José I, o autor dando razão de si e da sua obra, diz: « Poucos annos há que nesta Cap.[al] do Brazil se estabeleceo uma Academia cujo instituto era escrever a historia universal da America Portugueza. Fui eu elleito Socio numerario deste congreço, e incumbiuseme escrever a historia do estabelecim.[to], augmento, e estado prez.[te] de todos os Corpos Militares, q̃ há e tem havido nesta America. Com pouco mais de hũ anno de duração ficou senão morta, suprimida esta utiliss.[ma] Assemblea em q̃ se farião serviços bem recommendaveis a vossa Mag.[de], e ao publico. Não obstante, preseverei eu no empenho de concluir o q̃ se me tinha ordenado. Igualm.[te] fervoroso prosegui no trab.° de procurar as not.[as] precizas, vencendo não pequenas dificuld.[es] p.[la] incuria da vedoria, e total extinção dos pr.[os] Livros. Não perdoei ao mayor desvelo p.[a] averiguar a verd.[e], a q.[l] julgo que dezembaracei de

m.tas falssid.as Conclui finalm.te por ord.m de Vossa Mag.de a Historia Militar do Brazil, comprehendendo todas as Corporaturas militares, graduações de postos, previlegios concedidos, e mapas das Tropas, e soldos principalm.te pelo q̃ respeita a esta Capitania, pois forão frustadas todas as deligencias q̃ fis p.las noticias mais exatas que pedi do R.o de Jan.ro, e Pernambuco. »

Ahi tambem diz Mirales: « e soldado q̃ a 55 annos vesti a farda, e ainda não a despi. »

Como se vê, o manuscripto de Mirales é um dos trabalhos encetados na epoca da Academia Brazilica dos Renascidos (1759-60) e concluido depois da sua extincção. Apesar porém dos esforços que o autor empregou, como declara, esta obra está longe de ser uma historia militar do Brazil até o tempo em que foi escripta e não servem de boa fonte as suas informações.

O manuscripto foi comprado em Lisboa, provindo da Bibliotheca da casa dos Marquezes de Castello Melhor.

N.º 20. — Cathalogo dos Liuros da Livraria de Diogo Barbosa Machado distribuidos por elle em materias e escrito por sua propria mão.

Autographo. Consta de 2 ff. inn., 112 ditas num. 18 × 14.

As duas folhas inn. contêem o titulo e o *Index das materias em que está distribuido o Cathalogo dos Liuros.*

O Sñr. Dr. Ramiz Galvão, tratando d'este precioso manuscripto do autor da *Bibliotheca Lusitana,* diz: « O catalogo é summario; longe está de se poder chamar uma obra bibliographica, nem foi esse o intuito com que o escreveu Barbosa, que só desejava por assim dizer uma relação das riquezas de sua livraria. » V. *Annaes da Bibl. Nac.*, 1, pg. 29.

No v. da fl. de rosto vê-se o *ex-libris* do p. Francisco José da Serra, a quem pertenceu o manuscripto, que depois passou para a Real Bibliotheca, d'onde nos veiu.

N.º 21. — Noticia historica da ilha grande de Joannes ou Marajó, pelo Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira.

Com. = Illm.o e Exm.o Sñr. — Ensayar a Historia da ilha

Grande de Joannes, por outro nome Marajó, infor-
mar dos Productos n.[os] que ha, e podem haver na
d.[a] Ilha; escrever de cada hua dellas hua relação
circunstanciada, =

Ac. = os lugares p.[a] onde se devem conduzir, estão
sêccos: á vista do exposto V. Ex.[a] ordenará o q
fôr servido. — *Alexandre Rodrigues Ferreira.* =

Não traz data; mas foi escripta em Dezembro de 1783.
Sem titulo. *Autographo.* Consta de 14 ff. inn. 20 × 15.

Traz algumas alterações e correcções marginaes feitas da propria mão do autor por lettra posterior. Está riscado o principio, que era então assim:

= Illm.[o] e Exm.[o] Sñr. — Trabalhar com sucesso no
Exame das produccoens q̃ ha, e podem haver na
Ilha Grande de Joannes, por outro nome o Marajó,
escrever de cada huma dellas huma história circuns-
tanciada =

A Bibliotheca Nacional possue uma cópia (Cod. CVII/16-8), porém não traz as alterações e correcções feitas, ao que parece, mais tarde pelo autor, como no autographo. Esta cópia, que pertenceu a Rodrigues Ferreira, traz o seguinte titulo: *Noticia Historica da Ilha de Joannes ou Marajó*, e começa = Trabalhar com sucesso no exame das producçoens, q̃ ha, e podem haver na Ilha grande de Joanes, por outro nome o Marajó, =

No *Extracto do Diario da Viagem Philosophica que fez o D.[or] Naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira pelo Estado do Grão-Pará*, em que se contêm uma relação das obras que escreveu o sabio brazileiro, vem esta memoria sob o titulo de *Viagem á Ilha Grande de Joannes*, e como datada a 20 de Dezembro de 1783.

Na ordem chronologica é a segunda memoria que escreveu o autor na sua viagem scientifica pelo valle do Amazonas.

O manuscripto proveiu da collecção Lagos.

N.º 22. — Tratado historico do Rio Branco. (Pelo Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira.)

Com. = Rio Branco. — Acho escripto, que os Tapuyas
o chamão = Queceuene: a cor da sua agua he branca,
em contraposição da do Rio Negro, =

Ac. = Q.to a o genero de Sold.os, exercicio delles, fardamento, &.a vê-se q̃ Sold.o de praça não serve p.a o mato, nem o de mato p.a a praça. —

Autographo. Consta de 31 ff. inn. 20 × 13.

Não traz o nome do autor, nem data; mas foi escripto em 1786.

Na folha do rosto, abaixo do titulo, vem o seguinte:

« N. B. Este Tratado historico é escripto da propria mão do author Alexandre Rodrigues Ferreira. — Lisboa 2 de Janeiro de 1849. — *Drummond.* »

E na parte superior da mesma folha, acima do titulo, lê-se: « N.° 9. — *Drummond.* »

A Bibliotheca Nacional possue uma cópia por lettra moderna. É o documento n.° 20 & 21 c, que anda annexo ao códice manuscripto CLXL/18-2, que tem por titulo *Discurso historico e politico ácerca das declarações feitas pelo Ministro de Sua Magestade Britanica na Côrte do Rio de Janeiro com o objecto dos limites do Surinhame ou da Guyenna Inglesa com o Brasil,* por Manuel José Maria da Costa e Sá.

Como o antecedente, proveiu da collecção Lagos.

N.° 23. — Descripção e classificação de varias plantas do Brazil.

Collecção de 31 estampas, contendo cada uma a sua planta primorosamente desenhada a côres, precedidas da sua descripção em portuguez. O texto consta ao todo de 32 ff., que medem 32 cent. de alt. por 16 de larg. Algumas das estampas são assignadas por Muzi.

Original. Não traz nome de autor, mas ha probabilidade de ser de Fr. José Marianno da Conceição Velloso. Igualmente sem data.

Traz folha de rosto allegorica: em uma paizagem brazileira, uma India, ornada de pennas e armada de arco e aljava, de pé, cercada de outras 7 Indias em diversas posições, indica-lhes com a mão esquerda extendida o brasão de Luiz de Vasconcellos e Sousa, que se vê no alto da estampa, carregado por um anginho; por cima do brasão adejam mais dois anginhos, um tocando duas trombetas e o outro com uma corôa de louro na mão direita e uma palma na esquerda. Em

baixo da estampa, que é pintada á aguada de nankim, em margem floreada, lê-se:

« ... nil majus generatur ipso;
Nec viget quidquam simili, aut secundum:
Proximos illi tamen ocupavit
Pallas honores.

Horac. lib. 1.º Carm. 12. »

E no angulo esquerdo, por baixo d'estes versos vem: *L. B.º fecit.*

Este manuscripto proveiu da bibliotheca da Casa dos Marquezes de Castello Melhor e faz parte do n.º 341 do respectivo catalogo.

N.º 24. — Mappa botanico para uzo do Il.^mo e Ex.^mo S.^r Luis de Vasconcellos e Soiza Vice Rey do Est.º do Brazil.

Original. Sem nome de autor nem data. Consta de 21 pp. num. 34 × 20.

O texto é todo adornado de figuras feitas á penna.

Traz frontispicio allegorico desenhado a pennejado: na parte inferior da estampa um Indio sentado no chão, tendo presos aos cabellos dois grandes ramos de arvore constituida de folhas, flores e fructos de diversas familias botanicas, entrelaçados com faxas, em que se lêem os nomes das mesmas familias. E na parte superior vê-se o brasão de Luiz de Vasconcellos e Sousa entrelaçado com outros dois ramos, iguaes ao da parte inferior, tendo por baixo o titulo que fica acima reproduzido. Em baixo da estampa lê-se « Dezenhado pelo Ajud.º Ingenheiro Jozé Correa Rangel. »

Faz parte do n.º 341 do *Cat. dos prec. mss. da bibl. da Casa dos Marquezes de Castello Melhor*, d'onde nos proveiu o codice.

N.º 25. — Floræ Fluminensis seu Discriptionum plantarũ Præfectura Fluminensi sponte nascentium Liber primus Ad systema sexuale concinatus Ill.^mo ac Ex.^mo Dno Aloysio d'Vas-

conçellos & Souza Acons. S. Maj. Totius dition Brasil. terra, mariq. Prætoris Gener. ac Pro Reg. IV. &c. &c. &c. Sistit Fr. Josephus Marianus a Concept'. Vellozo Præsb. Ord. S. Franc. Reform. Prov. Flumin. 1790.

Original. Texto. 2 vols. 27 × 13. Estampas 11 vols. in-fol. maximo.

Tanto o texto como as estampas estão publicadas.

O texto só foi impresso em parte em 1825 na Typographia Nacional do Rio de Janeiro; ultimamente sahiu toda a obra completa nos *Archivos do Museu Nacional*, constituindo o vol. v (1880). As estampas porém foram todas publicadas em Paris em 1827, em 11 vols. de fol.

A fr. Antonio de Arrabida, bispo de Anemuria, que foi o 1.° Bibliothecario da Bibliotheca Nacional, se deve a impressão da obra de Velloso.

Este notavel manuscripto proveiu do espolio da livraria do botanico brazileiro, offerecido á Real Bibliotheca em 1811 pelo provincial do Convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro, onde falleceu Velloso.

De parte do texto ha outro exemplar igualmente original com ligeiras variantes, e das estampas possuimos tambem outro exemplar original dos 3 primeiros volumes.

O precioso manuscripto de Velloso, antes do bispo de Anemuria, que o « julgava inteiramente perdido », era conhecido por A. de S. Hilaire que o viu e examinou, segundo refere o Visconde S. Leopoldo no tomo II de seus *Annaes da Provincia de S. Pedro* (volume publ. em 1822, que ahi, entre outras cousas, diz na pg. 35: « Possa a *Flora Fluminensis* não ficar para sempre inedita e confundida na Bibliotheca Publica do Rio de Janeiro! Taes são os meus votos em utilidade da sciencia, e por gratidão especial á memoria d'aquelle, que será ornamento da Patria, e da Ordem Religiosa, da qual foi perfeito observante. »

Antes porém do Visconde de S. Leopoldo, o autor das *Reflexões sobre a historia natural do Brasil*, que precedem a *Instrucção para os viajantes*, publicada no Rio de Janeiro em 1819, já accusava na pg. XXVI a existencia da *Flora Fluminensis* de Velloso na *Bibliotheca Publica do Rio de Janeiro.*

N.° 26. — Principe perfeito. Emblemas de D. João de Solorzano. Parafrazeados em Sonetos portuguezes, e offerecidos ao Serenissimo Senhor D. João Principe do Brasil. Pello baxarel Francisco Antonio de Novaes Campos. Anno de 1790.

Em pergaminho, illuminado, de excellente lettra em caracteres de imprensa e admiravelmente conservado. 208 pp. num. a lapis, medindo 18 cent. de altura por 13 de largo.

Contém C emblemas em latim, com a respectiva traducção em sonetos portuguezes em frente. Cada emblema é ornado no alto de uma miniatura e cada soneto traz o seu titulo dado pelo traductor.

No principio do códice acham-se tres sonetos do traductor dedicados ao principe D. João; o primeiro, que é escripto em papel e de formato maior que o do livro, diz assim:

Chega o Livro á Prezença sempre Augusta
Do Principe, por Mãos da Espoza bella;
Que sendo do teu Norte Clara Estrella,
Todo o temor, que tens em vão te assusta.

A Lição, que contens ás Leys se ajusta;
Porque a Arte de reinar hé só aquella,
Em que ó Principe adora a Deos, e vella
Pela Páz do seu Povo santa, e justa;

Assim os Cêm Emblêmas traduzidos,
Fiquem álem de imprêssos na memoria,
No Real Coração sempre esculpidos:

Resta, Augusta Princeza, em vossa gloria,
Darem-se ao traductor premios devidos,
Por Vossa Intercessão, para memoria.

O segundo soneto é escripto a ouro e o ultimo traz por titulo *Ao Principe dos Luzos dedicado.*

O manuscripto, como se vê, pertenceu a D. João VI e veiu-nos da Real Bibliotheca.

N.º 27. — Estampas representando assumptos de historia natural, pela maior parte insectos, peixes e aves. Desenhos a lapis, nankim e aquarella pelo Dr. Manuel Arruda da Camara.

São 82. *Originaes*. Sem data, nem o nome do autor. In-4.º de 83 ff. num. A ultima contém uma nota explicativa, escripta do punho do autor, das 8 especies de abelhas, que se vêm representadas na estampa 76.

Provieram do espolio de Manuel Ferreira Lagos.

O Dr. Arruda da Camara, natural da villa do Pombal da Parahyba do Norte, então pertencente á provincia de Pernambuco, nasceu pelo meiado do XVIII seculo e morreu na cidade, então villa, de Goyana, em 1810. Era formado em medicina, distincto naturalista e muito dado aos estudos de botanica. Entre varias obras que compoz, algumas das quaes publicou, deixou em manuscripto um trabalho sobre a flora pernambucana, que parece serviu de base para o *Diccionario de botanica brasileira* de Almeida Pinto, pois nelle se declara que foi coordenado e redigido em grande parte sobre os manuscriptos do botanico brazileiro.

A Bibliotheca Nacional possue o autographo da *Memoria sobre a cultura dos algodoeiros* que Arruda da Camara escreveu em 1797 e foi publicada em Lisboa em 1799, in-4.º, com est.

N.º 28. — Oratio in exequiis augustissimæ, ac fidelissimae Uniti Regni ex Portugallia, et Brasilia, Algarbiisque Reginae, Mariae I., habita III. nonas Decembres M. DCCC.XVI. Conimbricae in regali Universitatis sacello a Joachimo Navarro Andradio in Gymnasio Academico Facultatis Medicae Professore P. O. Aphorismorum interprete, Regiae Curiae pro dirigendis Portug. et Algarbior. studiis sex-viro, Christi Ordinis equite.

Original, em primorosos caracteres de imprensa. Consta de 36 pp. num., 1 fl. de errata. 22 × 14.

Foi publicada no Rio de Janeiro, na Impressão Regia, 1818, in-fol. de 27 pp. num.

Da Real Bibliotheca.

N.º 29. — Ensaio sobre o homem, poema philosophico de Alexandre Pope traduzido verso por verso e dedicado a Elrei Nosso Senhor Dom João VI por Francisco Bento Maria Targini, Barão de São Lourenço. Inserta no Prologo do Traductor a versão, por elle tambem feita verso por verso, do Messias, Ecloga Sagrada do mesmo Autor... Rio de Janeiro, 1818.

Original. Consta de 4 tomos encadernados em marroquim encarnado, tendo nas faces externas de cada um as armas da casa real portugueza. Medem as folhas 22 cent. de alt. por 16 de largo.

No começo da dedicatoria ao Rei vê-se um cabeção de pagina representando as armas de Portugal e Brasil, com allegorias, á aguada de nankim, trazendo a seguinte assignatura e data: « *Oliveira Braziliense fez. Rio. A. 1817.* »

A versão traz o texto inglez em frente e é accompanhada de extensas notas do traductor.

Adornam-n'a 5 estampas gravadas a buril, sendo o retrato de Pope e quatro allegorias correspondentes ás quatro epistolas de que se constitue o poema. Os desenhos d'estas estampas são de Henrique José da Silva e todos trazem a data de 1815.

A primeira allegoria gravada por anonymo (A. Godefroy ?) traz na margem inferior o seguinte dizer:

« Confia humilde pois de voar treme,
« Espera a sabia Morte, a Deus adora.

Epist. I. vers. 91 e 92. »

A segunda gravada por... (A. Godefroy?) traz:

« Amor-proprio, e Razão tem hum só alvo,
« A dôr detestam, e o Prazer desejam.

Epist. II. vers. 87 e 88. »

A terceira gravada por A.[d] Godefroy:

« Sempre huma Geração outra procrea
« D'habito e Natureza Amor as nutre.

Epist. III. vers. 139 e 140. »

E a quarta gravada por... (A. Godefroy?):

« Sabe pois que esses bens a que aspiramos,
« E o Ceo destina á Especie humana inteira,
« Prazeres da Razão, e dos Sentidos
« São: a Saude, a Paz, e o Necessario.

Epist. IV. vers. 77 à 80. »

O retrato de *Alexandre Pope o maximo dos poetas inglezes*, excellentemente gravado, traz as seguintes inscripções e data: « H. J. da Silva inv. et del. » e « G. F. de Queiroz Sculp. em Lx.ª 1815. »

Pela data do desenho e da gravura d'estas estampas vê-se que desde aquelle anno Targini intentava publicar a traducção da obra do poeta inglez.

Este poema porém só foi impresso em Londres em 1819 em 3 tomos de 4.º, com os retratos do autor e do traductor e quatro estampas allegoricas, diversas das que se acham no codice manuscripto. Diz Innocencio da Silva que ellas são as proprias que serviram a uma edição ingleza do poema feito no mesmo anno e officina da portugueza. O retrato de Targini porém, que não vem no nosso manuscripto, foi desenhado por Henrique José da Silva e gravado por G. F. de Queiroz em 1815. É certo que este não podia figurar na nova edição em inglez, a que se refere Innocencio da Silva, pois não tinha razão de ser. Agora, posto que o retrato de Targini fosse gravado em 1815, dentro da portada por baixo do nome do retratado lê-se a data de 1819, o que prova que a chapa foi retocada nesta parte.

A dedicatoria do manuscripto não traz data; mas a do impresso, que é a mesma, é datada a 28 de Maio de 1818.

O manuscripto que se expõe é precioso por ser anterior á impressão e conter gravuras differentes das que accompanham o impresso. É o proprio exemplar que foi offerecido pela traductor a D. João VI antes da impressão, e que depois passou para a Real Bibliotheca, d'onde nos proveiu.

N.º 30. — Nicteroy. Metamorphose do Rio de Janeiro. Composta, e annotada por J. C. B. 1820.

Poemeto em versos hendecasyllabos soltos.
Autographo? De 30 ff. num. 21 × 16.
Na ultima folha traz a seguinte declaração, escripta do

punho de Manuel de Araujo Porto Alegre, depois Barão de Santo Angelo: « Esta bella producção é obra do Conego Januario da Cunha Barbosa, que ainda vive; este manuscripto é precioso por ser anterior á impressão do Poema, e por conter variantes. — Bruxellas 1837. — *Araujo Porto-alegre.* »

Como se vê, as iniciaes que se acham na folha de rosto correspondem ás do nome do autor.

Este poemeto foi publicado em Londres em 1822 com o nome expresso do autor, in-4.º de 60 pp. e 1 fl. de *erros typographicos*, a qual foi porém impressa no Rio de Janeiro e adduzida aos exemplares.

Os exemplares do impresso são hoje muito raros, mas o poemeto foi reproduzido por Varnhagen no seu *Florilegio da poesia brazileira*, tomo II, de pg. 667 a 682.

Entre o manuscripto e o impresso notam-se de facto muitas variantes. Os primeiros versos da composição no manuscripto são:

« Em brandas faxas infantis jazia
Nicteroy de Atlantida nascido,
Quando Mimas seu Pai, gigante enorme,
Que aos Ceos com mão soberba arremessara
A flamigera Lemnos arrancada
Das agoas, no furor de guerra impia,
Tingio de sangue os mares, salpicando, &. »

E os correspondentes no impresso:

« Nos braços maternaes, nascido apenas
Jazia Nicteroy, Saturnea próle,
Quando Mimas seu Páe, Gigante enórme,
Que ao Ceo com mão soberba arremessára
A flamigera Lemnos, arrancada
Dos mares no furor de guerra impia,
Tingio de sangue as aguas, salpicando, &. »

O manuscripto contém 48 notas; no impresso foram supprimidas 3 d'ellas.

O autor nasceu no Rio de Janeiro a 10 de Julho de 1780 e morreu na mesma cidade a 22 de Fevereiro de 1846. Era conego da Capella Imperial, foi o 1.º director da Imprensa Nacional e o 3.º Bibliothecario da Bibliotheca Nacional. Prégador afamado, poeta, politico, jornalista e litterato distincto, auxiliou com os seus serviços a Independencia do Brazil e contribuiu bastante para o engrandecimento da litteratura patria.

Acerca do seu merecimento como litterato, poeta e orador

sagrado assim se expressa o Snr. Dr. Ramiz Galvão no seu *Pulpito no Brasil*: « Januario da Cunha Barbosa alcançou nas lettras uma reputação solida e um nome d'esses que vivem por largos annos na memoria da posteridade. Muito applicado e até versadissimo no estudo da lingua vernacula, fallava Januario uma linguagem correcta e pura, como não é hoje commum; conhecedor profundo dos segredos da philosophia, ensinou-a por muitos annos com o maior applauso, embebendo os espiritos da mocidade com os preceitos da mais sã moral; dotado de um talento poetico immenso e d'uma veia inexhaurivel, deixou-nos um Poema o — Nicteroy —, que pelos bellos versos e imagens grandiosas que encerra, pelo apurado bom gosto que revela, bastára para inscrever seu nome nos annaes da litteratura nacional, e prova bem claramente que o jornalista, o philosopho e o purista, dedilhava tambem as cordas de uma harpa sublime.

« Mas não era só um genero a especialidade do poeta; embocava tão bem a tuba epica, como vibrava a lyra de Caldas, como zurzia o latego da satyra e da critica mordaz: e até si se pudéra notar naquelle genero tão variado alguma inclinação para este ou aquelle genero de composição, fôra sem duvida o genero cultivado por Marcial e Guerra o de sua predilecção; os Garimpeiros e a Mutuca testificam-no cabalmente.

« Emfim como orador sagrado alcançou Januario da Cunha Barbosa um nome que, si não póde rivalisar com nenhum dos membros do triumvirato oratorio formado por S. Carlos, Sampaio e Mont'Alverne, é comtudo citado entre os pregadores de nota. »

« Quanto ao merito dos sermões de Januario, parece-nos elle, pelo que lemos, merecedor do logar elevado que se lhe tem dado; mas não póde seu talento oratorio correr parelhas com o dos oradores d'esta época; distingue-se em todos seus Discursos uma dicção correcta, pura e castigada; seu estylo é quasi sempre simples e elegante, raramente guindado e sublime; não ha grandes concepções, nem pensamentos arrojados em que o genio do orador se patentêe; os quadros oratorios são raros, si bem que algumas vezes não sejam destituidos de força e elegancia. Emfim Januario da Cunha Barbosa, a julgar pelos discursos que lemos, era um orador que podia agradar, podia até encantar; mas nunca arrastar nem commover um auditorio. As paixões não se perturbam ao ouvir as suas palavras; sempre a imaginação sente-se ferida por um raio de belleza, mas o coração nunca se agita, a vontade nunca se determina, emfim o ouvinte não se sente opprimido

com o peso da eloquencia. Revela porém Januario grande conhecimento das Escripturas, e leitura adiantada de auctores sagrados, desenvolve sempre seu thema com habilidade, e o sermão é deduzido e bello. »

« Januario da Cunha Barbosa foi um digno coévo da eminente trindade oratoria que em seu tempo florescia. »

N.º 31. — O Poeta e a Inquisição, ou Antonio José. Tragedia em 5 Actos. A scena é em Lisbôa em 1739. Per D. J. G. de Magalhaens. 1836. Bruxellas.

Autographo. Consta de 67 ff. inn., que medem 19 cent. de altura por 15 de largo.

Foi representada pela primeira vez no Theatro da Praça da Constituição do Rio de Janeiro a 13 de Março de 1838, desempenhando o papel de Antonio José o afamado actor nacional João Caetano dos Santos.

No final do r. da ultima fl. traz a seguinte licença: « Vista devendo ao menos eliminar-se o verso = Quem tem armas na mão p.^r q̃. se curva. = R.º 1.º de 7.^bro 1837. *(Com uma assignatura)* » Este verso que, segundo a licença, devia ao menos ser supprimido, é o do acto 3.º, scena 2.ª:

« Quem tem armas nas mãos por que se curva? »

Esta tragedia foi publicada no Rio de Janeiro em 1839 sob o titulo *Antonio José ou o Poeta e a Inquisição* e mais tarde reproduzida no volume III (1865) das *Obras* do autor impressas em Vienna.

No impresso porém, em vez de ser eliminado o verso acima, segundo julgava conveniente o censor, foi substituido por este:

« Quem tem a força em si por que se curva? »

No alto do v. da ultima fl. occorre a seguinte declaração escripta do punho de Araujo Porto-Alegre, depois Barão de Santo Angelo: « Este manuscripto foi-me dado pelo seu author no dia 22 de Novembro de 1839, em que elle partio para o Maranhão como Secretario do Presidente Luiz Alves de Lima. — *Araujo Porto-alegre.* »

O autor, depois Visconde de Araguaya, nasceu na cidade

do Rio de Janeiro a 13 de Agosto de 1811 e morreu em Roma a 10 de Julho de 1882, exercendo o cargo de Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario do Brazil junto á Santa Sé.

N.º 32. — Livro Primeiro da Eneida de Virgilio, traduzido por Manuel Odorico Mendes.

Com. = Eu sou quem d'antes na delgada avena
Mudulei versos, e, ao sahir dos bosques, =
Ac. = De praia em praia todo o mar voltêas. =
Autographo. 16 ff., 18 × 10.

Precede-o em fl. separada a seguinte declaração de Porto Alegre, depois Barão de Santo Angelo: « Este manuscripto, que offereço á Biblioteca Nacional, é do proprio punho do meu particular amigo o S.r Manoel Odorico Mendes. Rio de Janeiro 20 de 7bro. de 1847. — *Manoel de Araujo Porto-alegre.* — N. B. O Traductor, no momento de partir para a Europa, a educar seus filhos, tinha já completado a versão do 6.º livro. »

Este livro está impresso, juntamente com os mais, na *Eneida Brasileira,* publicada em Paris em 1854, e da qual fez o illustre traductor nova edição em 1858, augmentada com a traducção das outras obras do epico latino, sob o titulo de *Virgilio Brazileiro.*

Manuel Odorico Mendes nasceu no Maranhão a 24 de Janeiro de 1799 e morreu em Londres a 17 de Agosto de 1864. Foi latinista profundo e poeta distincto. Deve-lhe ainda a traducção do original grego da *Illiada* de Homero que corre impressa.

N.º 33. — Flora paraense-maranhensis. Por Antonio Corrêa de Lacerda. 1821–52.

Autographo. 11 vols. 30×19, a duas columnas.

Em quasi todos os volumes encontram-se intercalados no texto desenhos a lapis representando folhas, fructos, flores, &.

O volume XI traz o seguinte titulo: « Photographia Paraense-Maranhensis, Sive descriptio Plantarum in Pará et

Maranhão lectis. Ab A. C. de Lacerda. Volum. II (tertium Phytographiæ Maranhensis.) Anno 1849 – 1850. »

O autor era bacharel formado em medicina e cirurgia pela Universidade de Coimbra. Nasceu na villa da Ponte, em Portugal, em 1777, e morreu no Maranhão a 21 de Junho de 1852. Passando-se de Portugal para o Brazil poucos annos antes da Independencia, estabeleceu-se no Pará, refugiando-se por pouco tempo (1835 – 36) em Cayena e nos Estados Unidos por causa dos movimentos revoltosos da provincia. Depois veiu residir no Maranhão, onde permaneceu até a morte. Exerceu a clinica nas duas provincias e gosou sempre do melhor conceito pelos seus conhecimentos e honradez. Dedicou-se com todo enthusiasmo aos estudos de historia natural, principalmente a botanica, pela qual tinha vocação especial, e deixou muitas obras ineditas. Estas, entregues ao Governo Imperial na conformidade das disposições testamentarias do autor, passaram para a Bibliotheca Nacional.

A maior parte d'ellas acha-se descripta no *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil* e no da *Exposição Medica Brasileira.*

O Dr. Lacerda era trabalhador incansavel e escrevia quasi diariamente, como se vê pelas datas dos seus estudos. Além da obra exposta, é digna de apreço a sua *Zoologia Paraense* (1821 – 1852) em 9 volumes. Fez observações diarias thermometricas, hygrometricas e barometricas no Pará desde 1 de Janeiro de 1829 até 17 de Maio de 1835, e no Maranhão de Junho de 1841 até 14 de Junho de 1852, poucos dias antes de morrer. Os casos notaveis de sua clinica eram tambem archivados e deixou-nos muitas observações. Foi naturalista notavel e si o seu nome não é hoje citado entre os de Velloso, Martius, Freire Allemão e outros, que estudaram a Flora brazileira, é porque tudo quanto escreveu das suas investigações botanicas nada foi publicado. Pouco tempo antes de fallecer pediu auxilio ao Governo Imperial para impressão de um trabalho seu sobre a Materia medica do Pará e Maranhão, como se póde ver no volume VIII do Diccionario de Innocencio.

Do legado do autor ao Governo provieram tambem algumas estampas de historia natural, coloridas á mão.

N.º 34. — Estudos botanicos e descripções de plantas brazileiras pelo Dr. Francisco Freire Allemão. 1836–66.

Original. 17 volumes in-fol. com muitos desenhos a côres,

á penna e a lapis, intercalados no texto. São os esboços originaes do illustre botanico brazileiro, acompanhados de minuciosas descripções scientificas e de observações histologicas interessantes. Ahi se acham estudadas varias das especies novas, com que enriqueceu a Flora brazileira.

O autor nasceu no Rio de Janeiro a 24 de Julho de 1797 e ahi morreu a 11 de Novembro de 1874.

AUTOGRAPHOS

N.° 35. — Carta patente datada do Palacio de Friburgo de Mauricia (Pernambuco) a 15 de Janeiro de 1643 e passada por João Mauricio, Conde de Nassau, Governador e Capitão Almirante General do Brazil por Suas Altezas os Senhores Estados Geraes da Companhia das Indias Occidentaes, nomeando Maximiliano Schade, na qualidade de Alferes da Guarda do Corpo, para Capitão de uma Companhia de Infantaria Hollandeza.

Em hollandez.

Original, com a assignatura autographa do Conde de Nassau. Em pergaminho. Com o sello do Conde. 1 fl.

Nassau, foi governador e general das forças hollandezas no Brazil de 1637 a 1644 e por isso cognominado *O Brazileiro.* Nasceu em Dillenbourg em 1604 e morreu em 1679.

Foi adquirida pela Bibliotheca por compra na Europa.

N.° 36. — Carta de João de Laet, datada de Leyden a 8 de Julho de 1629 e dirigida ao notavel antiquario, botanico e advogado hollandez Arnaldo Buchel (Arnoldus Buchellius), em Utrecht.

Em hollandez.

Autographa. 1 fl.

Accusa e agradece ao sabio advogado o recebimento de

uma carta e de um escripto, acha este de muita utilidade para o seu intento e declara que d'elle se servirá com o reconhecimento do nome do sabio, como convém. Diz-lhe mais que lhe falta ainda a ordenação de conformidade com a qual se arrendam os meios de communa na provincia do advogado e que a tratará de obter por qualquer meio.

Laet, geographo flamengo, nasceu em Antuerpia em 1582 e morreu na mesma cidade em 1649. Publicou muitas obras geographicas, uma das quaes, o *Novus Orbis*, diz respeito ao Brazil.

N.º 37. — Carta de Luiz XIV, datada de Versailles a 15 de Maio de 1690.

Com. = Mon Cousin laffliction n'a pu m'empescher de receuoir agréabllement la lettre =

Autographa. 1 fl. Não traz o nome da pessoa a quem é dirigida.

Accusa o recebimento de carta em que se lhe falla da morte de sua filha a Delfina.

Luiz XIV, rei de França, cognominado *O Grande*, nasceu em Saint-Germain en Laye, a 6 de Setembro de 1638, segundo C. Cantu, e morreu em Versailles a 1 de Setembro de 1715. Teve longo reinado, o maior da monarchia, favoreceu extraordinariamente as lettras e as artes, e coube-lhe por isso a honra de dar ao seculo o seu nome.

Offerecida por Sua Alteza o Principe Sñr. D. Pedro Augusto.

N.º 38. — Carta do Padre Antonio Vieira, datada da Bahia a 15 de Julho de 1690.

Com. = Excellentiss.º S.ᵒʳ — Depois que as frotas nos tirarão a frequente cõmunicação do Reino vem a ser as novas de Portugal como as novidades das arvores huã vez cada anno. =

Original, com a assign. e as palavras finaes De — *VEx.ª* — *criado* — autographas. 1 fl. Não traz o nome da pessoa a quem é dirigida. Inedita?

No verso lê-se de lettra antiga diversa da da carta: « Carta

feita por mão do P.e Antonio Vieyra. » Entretanto a carta como se vê não é toda escripta do punho do autor.

O P. Antonio Vieira, um dos maiores classicos da lingua portugueza, nasceu em Lisboa a 6 de Fevereiro de 1608, veiu para o Brazil não contando ainda 8 annos de idade, e morreu na Bahia a 18 de Julho de 1697, no Collegio da Companhia de Jesus, a cuja ordem pertencia.

Foi comprada ha pouco tempo em Lisboa.

N.º 39. — Carta da Marqueza de Maintenon, datada de Fontainebleau a 27 de Julho de 1711 e dirigida ao Duque de Richelieu.

Com. = J'ai donné vostre lettre au Roy Monsieur =
Autographa. 2 ff.
Declara interessar-se pelos negocios do Duque e refere-se a um filho d'este.

Francisca d'Aubigné, Marqueza de Maintenon, tão conhecida por este seu nome nobiliarchico, segunda mulher de Luiz XIV, nasceu em Niort a 27 de Novembro de 1635 e morreu em Saint-Cyr a 15 de Abril de 1719. Escreveu cartas e memorias interessantes, que correm impressas em differentes edições.

Offerecida por Sua Alteza o Principe Sñr. D. Pedro Augusto.

N.º 40. — Carta de Alexandre de Gusmão, datada de Lisboa a 19 de Fevereiro de 1746 e dirigida ao Padre João Monteiro Bravo.

Autographa. 2 ff.
Dá conta dos seus haveres.
Pertenceu a alguma collecção: as ff. trazem as numerações 123 e 124.

Alexandre de Gusmão, o famoso secretario privado de D. João V, nasceu em Santos, prov. de S. Paulo, em 1695 e morreu em Lisboa em Dezembro de 1753.

Proveiu-nos do leilão do espolio de Felner e vem descripta no respectivo catalogo no lote n.º 1470.

N.º 41. — Carta patente do Principe Regente D. João, passada em Lisboa a 28 de Maio de 1802, nomeando a Carlos Frederico Lecór sargento-mór da Legião de Tropas Ligeiras.

Original, com a assignatura autographa do Principe, depois D. João VI. 1 fl. Traz o sello grande. Com as assignaturas do Conde de S. Lourenço e D. Antonio Soares de Noronha.

D. João VI, 27.º Rei de Portugal, Imperador titular do Brazil, nasceu em Lisboa a 13 de Maio de 1767, chegou ao Rio de Janeiro em 1808, voltou para Portugal em 1821 e morreu a 10 de Março de 1826.

Offerecida pelo Capitão Luiz Pedro Lecór.

N.º 42. — Carta credencial passada em S. Cloud a 5 de Julho de 1810 por Napoleão I ao Conde Défermon, dando-lhe plenos poderes para negociar, concluir e assignar com o plenipotenciario do Rei de Westphalia a convenção necessaria para regular a cessão dos dominios que estavam á disposição do Imperador nas antigas provincias Westphalianas e no Hanover.

Em francez.
Original, com as assignaturas autographas de Napoleão, do Ministro-Secretario de Estado Duque de Bassano e do Ministro das Relações Exteriores Champagny Duque de Cadore. Em pergaminho. 1 fl.

Napoleão I nasceu em Ajaccio a 15 de Agosto de 1769 e morreu na ilha de Santa Helena a 5 de Maio de 1821.

Offerecida pelo Dr. Ataliba de Gomensoro.

N.º 43. — Alvará de 21 de Novembro de 1815, pelo qual o Principe Regente D. João admitte á profissão da Ordem de Christo a Frei José

Custodio de Camargo e manda lançar o habito da mesma Ordem.

Original, com a assignatura autographa do Principe, depois D. João VI. 2 ff.

Na segunda fl. acha-se o original do attestado de D. Matheus de Abreu Pereira, Bispo de S. Paulo, declarando que lançou o habito e recebeu a profissão da Ordem de Christo a Fr. José Custodio de Camargo, a 23 de Fevereiro de 1819.

No v. da 1.ª fl. veem-se entre outras as assignaturas autographas de Monsenhor Miranda, Monsenhor Almeida, Joaquim José de Magalhães Coutinho, Luiz Antonio de Faria Sousa Lobato e Antonio do Canto Quevedo Castro Mascarenhas.

N.º 44. — Carta de Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, datada de Olinda a 24 de Julho de 1816 e dirigida a seu irmão José Bonifacio de Andrada e Silva, em Lisboa.

Autographa. 2 ff.

Apresenta Luiz Francisco Cavalcanti de Albuquerque e pede que o recommende aos lentes da Universidade (de Coimbra), para onde ia.

O autor, irmão de José Bonifacio e Martim Francisco, nasceu em Santos, prov. de S. Paulo, a 1 de Novembro de 1773 e morreu no Rio de Janeiro a 5 de Dezembro de 1845. Prestou importantes serviços á causa da Independencia do Brazil e symbolisa a eloquencia parlamentar brazileira.

Proveiu do espolio de José Bonifacio.

N.º 45. — Carta de Martim Francisco Ribeiro de Andrada, datada a 11 de Agosto e dirigida a seu irmão José Bonifacio de Andrada e Silva, então na Europa.

Autographa. Sem declaração de lugar nem anno. O papel traz em lettras d'agua a data de 1816. 1 fl.

Trata de diversos assumptos.

O autor nasceu em Santos, segundo Innocencio da Silva em 1776, segundo o Dr. Teixeira de Mello em 1775 e segundo Azevedo Marques em 1774, e morreu na mesma cidade a 23 de Fevereiro de 1844. Com seus dois notaveis irmãos José Bonifacio e Antonio Carlos concorreu poderosamente para a Independencia do Brazil.

N.° 46. — Attestado do Capitão-mór das Ordenanças da villa e termo do Recife Antonio de Moraes Silva, datado do Quartel da Boa Vista a 28 de Junho de 1817 e passado em favor do Coronel Manuel Corrêa de Araujo, em relação aos acontecimentos de Pernambuco de 6 de Março do mesmo anno.

Com. = Attesto e juro aos S.[tos] Evang.[os] e o farei, qd°. cumpra, em Juizo, ser publico, e notorio, q̃ o Cor.[el] Manuel Correa d'Ar.°, no infausto dia 6 de Março do corr.[te] andou toda a tarde organizando o seu Regimento dos Nobres, em defesa da causa d'Elrei Nosso S.[or], o q.[l] não póde pôr em pé de atacar os inimigos rebeldes, por se acharem na caixa do cartuchame, q̃ se arrŏbou, e estava com o trem debaixo da inspecção de Domingos Theotonio Jorge um dos conspiradores, sómente 18 cartuchos; e pedindose polvora ao forte do Brum, lhe foi dada solta, e embarrilada. =

Autographo; com a lettra e assignatura reconhecida pelo Desembargador da Relação da Bahia e Ouvidor do Recife de Pernambuco Francisco Affonso Teixeira, a 17 de Julho de 1817. 1 fl.

Este documento parece pertencer a algum dos volumes da Devassa da revolução de Pernambuco de 1817, e no alto vê-se a numeração de folhas — 174.

Antonio de Moraes Silva, autor do excellente *Diccionario da lingua portugueza*, que já conta 7 edições, nasceu no Rio de Janeiro em 1755 e morreu em Pernambuco a 11 de Abril de 1824. Além do Diccionario, Moraes escreveu um *Epitome da Grammatica da lingua portugueza.*

O documento foi offerecido pelo Dr. Mello Moraes a 21 de Outubro de 1878.

N.° 47. — Carta regia escripta no Palacio da Real Quinta da Boa Vista a 14 de Novembro de 1817 e dirigida a Carlos Frederico Lecór, general em chefe das tropas destinadas á pacificação da margem esquerda do Rio da Prata.

Original, com a assignatura autographa do Rei D. João VI. 2 ff.

Offerecida pelo Capitão Luiz Pedro Lecór.

N.° 48. — Carta de 14 de Abril de 1819, pela qual Elrei D. João VI faz mercê ao Barão da Laguna, Carlos Frederico Lecór, Governador e Capitão General de Montevideo, do titulo do seu Conselho.

Original, com a assignatura autographa do Rei. É referendada por Thomaz Antonio de Villanova Portugal. Em pergaminho. 2 ff. Traz pendente o sello da Chancellaria.

Na 2.ª fl. acham-se entre outras as assignaturas autographas do Visconde de Magé e de Monsenhor Miranda.

Offerecida á Bibliotheca pelo Capitão Luiz Pedro Lecór.

N.° 49. — Carta de Diogo Antonio Feijó dirigida ao Padre Antonio José Moreira.

Autographa. Sem data. 2 ff.

Sobre assumpto relativo ao Congresso das Côrtes Geraes e Constituintes de Lisboa.

O Padre Diogo Antonio Feijó, um dos homens mais proeminentes da sociedade brazileira e ardente advogado da abolição do celibato clerical, nasceu em S. Paulo em Agosto de 1784 e morreu na mesma cidade a 9 de Novembro de 1843. Foi Deputado pela sua provincia ás Côrtes Constituintes de Lisboa, Deputado á Assembléa Geral Legislativa, Ministro da Justiça, Senador do Imperio e Regente por eleição popular na menoridade de Sua Magestade o Imperador, desde 1835 até 1837, e Bispo eleito de Marianna.

N.° 50. —Carta de Guilherme, Barão d'Eschwege, datada de Hessen-Cassel ao 1.° de Junho de 1822 e dirigida a José Bonifacio de Andrada e Silva.

Em portuguez.
Autographa. 2 ff.
Refere-se ás suas viagens pela Europa e Brazil e dá muitas particularidades interessantes da sua vida.
Eschwege, viajante e naturalista allemão a quem devemos algumas obras interessantes, principalmente sobre sciencias naturaes do Brazil, por onde viajou, nasceu perto da cidade de Eschwege, em Hesse, Allemanha, pelos annos de 1778, e morreu em Wolsfsanger a 1 de Fevereiro de 1855.
Proveiu-nos do espolio de José Bonifacio.

N.° 51. — Carta de 16 de Janeiro de 1823, pela qual Sua Magestade o Imperador D. Pedro I faz mercê ao Barão da Laguna, Carlos Frederico Lecór, das honras de grandeza.

Original, com a assignatura autographa do Imperador, e referendada por José Bonifacio de Andrada e Silva. Traz pendente o sello da Chancellaria do Imperio. Em pergaminho. 2 ff.
Na 2.ª fl. vêm-se entre outras as assignaturas autographas de João Maria da Gama e Freitas Berquó, depois Marquez de Cantagallo, Epifanio José Pedroza, e Monsenhor Miranda.
D. Pedro, fundador do Imperio e 1.° Imperador do Brazil e 4.° do nome dos Reis de Portugal, nasceu em Lisboa a 12 de Outubro de 1798 e morreu na mesma cidade a 24 de Setembro de 1834.
O documento foi offerecido pelo Capitão Luiz Pedro Lecór.

N.° 52. — Carta de 11 de Abril de 1829, pela qual Sua Magestade o Imperador D. Pedro I faz mercê ao Barão da Laguna de o elevar a Visconde do mesmo titulo em sua vida.

Original, com a assignatura autographa do Imperador e

referendada por José Clemente Pereira. Traz pendente o sello da Chancellaria do Imperio. Em pergaminho. 2 ff.

Na 2.ª fl. acham-se entre outras as assignaturas autographas de Antonio José de Carvalho Chaves, Albino dos Santos Pereira e Bernardo Joaquim Costa Ribeira.

Offerecida á secção pelo Capitão Luiz Pedro Lecór.

N.º 53. — Carta do Conego Januario da Cunha Barbosa, datada (do Rio de Janeiro) a 16 de Junho de 1831 e dirigida ao Conego Felisberto Antonio Pereira Delgado.

Autographa. 1 fl. Não traz o nome da pessoa a quem é dirigida.

Declara que, como a Typographia Nacional está em mudança para um dos repartimentos do edificio do Thesouro Nacional, não póde por ora receber em deposito os caixões da *Flora* (de Velloso), como parece desejar o Bispo de Anemuria; mas que se deve esperar pela mudança para que então se recolham os caixões.

O autor foi o 3.º Bibliothecario da Bibliotheca Nacional, depois da Independencia. Vide o n.º 30.

N.º 54. — Carta de Fr. Antonio de Arrabida, Bispo de Anemuria, Bibliothecario da Bibliotheca Nacional, datada do Rio de Janeiro a 19 de Agosto de 1831 e dirigida ao seu ajudante Conego Felisberto Antonio Pereira Delgado.

Autographa. 1 fl.

Restitue a Portaria de sua demissão de bibliothecario e envia os rascunhos do officio e carta que dirigiu ao Governo pedindo demissão do cargo, para serem registrados no livro competente.

Fr. Antonio de Arrabida nasceu em Lisboa a 9 de Setembro de 1761, acompanhou a familia real para o Brazil, e morreu no Rio de Janeiro a 10 de Abril de 1850. Foi o 1.º Bibliothecario da Bibliotheca Nacional, depois da Independencia.

N.º 55. — Carta de Evaristo Ferreira da Veiga, datada do Rio de Janeiro a 4 de Maio de 1833 e dirigida a seu primo Justino José Tavares, então alumno do curso juridico de S. Paulo.

Autographa. 2 ff.

Refere-se á derrota dos Andradas nas eleições de S. Paulo, diz que ao partido moderador só faltam chefes para dirigil-o, que o Rio de Janeiro tem estado tranquillo, mas que se falla em rusga para breve e que os escravos estão atrevidos, porém não os temem com as armas na mão, emquanto se tiver ó Corpo de Guardas Permanentes.

Evaristo Ferreira da Veiga nasceu no Rio de Janeiro a 27 de Outubro de 1791 e ahi morreu a 12 de Maio de 1837. Foi jornalista muito notavel, tomando parte activa em todos os acontecimentos politicos do seu tempo, já como redactor da *Aurora Fulminense*, já como deputado e homem de partido.

Foi offerecida pelo Sñr. Capitão de Mar e Guerra José Duarte da Ponte Ribeiro.

N.º 56. — Carta de Fr. Francisco do Monte-Alverne, datada (do Rio de Janeiro) a 20 de Setembro de 1833 e dirigida ao Sñr. Nicolau Antonio Nogueira da Gama, actual Barão de Nogueira da Gama.

Autographa. 2 ff. Não traz o nome da pessoa a quem é dirigida.

Refere-se aos acontecimentos politicos de 7 de Abril de 1831 e á polemica que sustentou pela imprensa com o *Jurista*, pseudonymo do Visconde de Cayrú.

Juntamente acham-se mais tres cartas autographas de Monte-Alverne, todas dirigidas ao mesmo Sñr. Barão de Nogueira da Gama e com o seu nome expresso, datadas a 10 de Janeiro e 2 de Maio de 1831 e 1.º de Junho de 1832, e uma por cópia, datada de Agosto de 1854 e dirigida a Sua Magestade o Imperador.

A estas cartas precede a seguinte, dirigida pelo Sñr. Barão

de Nogueira da Gama ao director da Bibliotheca Nacional:

« Ill.^mo e Ex.^mo S.^r D.^r João de Saldanha da Gama. — Tenho a honra de remetter a V. Ex.^a as inclusas cartas, quatro ortographas e uma por cópia, de Fr. Francisco do Monte-Alverne, as quaes destino á Bibliotheca Nacional da Côrte, se V. Ex.^a entender que têm ellas logar no Archivo d'essa Repartição a seu cargo.

« De parte as expressões de benevolencia, com que nas de 1831 a 1833 honrou-me tão immerecidamente aquelle meu venerando mestre e amigo, parecem-me todas ellas interessantes pelo seu merito litterario, principalmente a em que elle allude á discussão politica que sustentou pela imprensa com o sabio Visconde de Cairú.

« Cégo, havia 18 annos, e mais de 20 depois d'essas cartas, quando, convidado p.^r Sua Magestade o Imperador para prégar em 1854 o sermão de S. Pedro de Alcantara, achou-se em grandes difficuldades para satisfazer o desejo do Mesmo Augusto Senhor, conforme refere na mencionada carta p.^r cópia, cuja entrega, que se não realisou p.^r pedido meu, elle me havia confiado.

« Sua boa vontade, porém, para corresponder á confiança de Sua Magestade, tudo venceu; e o Sermão foi-lhe ouvido na Capella Imperial, por occasião da respectiva festa a 19 de Outubro d'aquelle anno.

« Sou com muita consideração — De V. Ex.^a — am.^o att.^o e cr.^o — *O Cons.^o Barão de Nogueira da Gama.* — Rio de Janeiro 12 de Junho de 1885. »

Fr. Francisco do Monte-Alverne, uma das glorias do pulpito brazileiro, nasceu no Rio de Janeiro em Agosto de 1784 e morreu em S. Domingos de Nyterôi a 2 de Dezembro de 1858. Era da Ordem de S. Francisco e as suas eloquentes obras oratorias correm impressas. « Monte-Alverne foi por muitos annos para os Brasileiros o primeiro homem de seu paiz, diz o Snr. Dr. Ramiz Galvão no seu *Pulpito no Brazil;* o povo em massa corria ancioso, para ouvi-lo nos pulpitos, como a um enviado do Céu; no auditorio que o ia admirar encontravam-se sempre as mais altas illustrações brasileiras; e a mocidade, a mocidade ardente de saber e de glorias, a mocidade admiradora enthusiasta quasi fanatica de seu talento, essa entoava-lhe os mais lisongeiros hymnos de apotheôse, applaudia-o até com phrenesi, e venerava-o como a um apostolo. »

N.° 57. — Carta do Conego Francisco Vieira Goulart, datada do Rio de Janeiro a 2 de Outubro de 1833 e dirigida ao Conego Felisberto Antonio Pereira Delgado.

Autographa. 2 ff.

Remette 29$440, valor do jornal de 92 dias a 320 rs. do escravo que serviu á Casa (Bibliotheca Nacional) no trimestre findo e pede recibo da importancia que se despendeu, desde o principio de Julho até 16 de Agosto, em que entrou na administração da referida Casa.

Francisco Ferreira Goulart, 2.° Bibliothecario da Bibliotheca Nacional, depois da Independencia, parece que era formado em sciencias naturaes e tambem parece que natural da Ilha do Fayal, Açores. Foi nomeado ajudante da Bibliotheca por decreto de 12 de Agosto de 1833 e promovido a bibliothecario por decreto de 11 de Janeiro de 1837. Falleceu em Nyterôi a 21 de Agosto de 1839. Era conego da Capella Imperial.

N.° 58. — Carta do Dr. Pedro Guilherme Lund, datada da Lagoa Santa (prov. de Minas Geraes) a 8 de Outubro de 1844 e dirigida a L. A. Prytz, consul geral da Dinamarca no Rio de Janeiro.

Em dinamarquez.

Autographa. 2 ff.

Offerece ao consul, por intermedio de Pedro Nielsen, um cavallo de Minas Geraes, de excellente raça, e pede que o acceite como pequena prova de amizade e reconhecimento.

O Dr. Lund, notavel geologo, paleontologo e botanico, a quem devemos muitos trabalhos importantes, nasceu em Copenhague a 14 de Junho de 1801, viveu largos annos no Brazil e morreu na Lagoa Santa a 25 de Maio de 1880.

A carta exposta e mais duas datadas de Ouro Preto a 9 de Dezembro de 1834 e de Sabará a 2 de Março de 1835 e dirigidas ao consul dinamarquez D. Hermann, foram offerecidas á Bibliotheca pelo Snr. Emilio Nielsen.

N.° 59. — Carta de Antonio Gonçalves Dias, datada do Rio de Janeiro a 5 de Janeiro de 1854 e dirigida ao Bibliothecario da Bibliotheca Publica da Côrte.

Autographa. 1 fl.
Pede por emprestimo o manuscripto *Thesouro descoberto no Amazonas.*

O autor, um dos mais applaudidos poetas lyricos brazileiros e litterato muito distincto, nasceu em Caxias, provincia do Maranhão, a 10 de Agosto de 1823 e morreu na madrugada de 2 para 3 de Novembro de 1864 no naufragio do navio *Ville de Boulogne*, perto das costas do Maranhão. Em homenagem aos importantes serviços prestados ás lettras pelo notavel poeta, ergueu-se em uma das praças publicas da capital do Maranhão a sua estatua, a 7 de Setembro de 1873.

N.° 60. — Carta de 27 de Outubro de 1854, pela qual Sua Magestade o Imperador o Senhor D. Pedro II manda abrir assentamento e pagar á Viscondessa da Laguna a pensão annual de seiscentos mil réis, concedida por Decreto de 29 de Novembro de 1839, em remuneração dos serviços prestados por seu fallecido marido o Visconde da Laguna.

Original, com a assignatura autographa de S. Magestade o Imperador. É referendada pelo Sñr. Conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz, actual Visconde do Bom Retiro. Traz pendente o sello da Chancellaria do Imperio.
O Visconde da Laguna, Carlos Frederico Lecór, falleceu no Rio de Janeiro a 3 de Agosto de 1836.

O documento foi offerecido pelo Capitão Luiz Pedro Lecór.

N.° 61 — Carta de Fr. Camillo de Montserrate, dirigida a J. P. da Rocha Vianna, ex-proprietario da casa do Largo da Lapa, em que se acha actualmente a Bibliotheca.

É o rascunho. Sem data nem o nome da pessoa a quem é dirigida. 1 fl.

Pede que lhe declare o dia em que pretende entregar as chaves da casa do Largo da Lapa ao Governo e permissão para passar para ella as duas estatuas de D. Pedro I e de D. Pedro II.

No v. acha-se outro rascunho de carta, igualmente sem data nem nome do destinatario, relativa á mudança das duas referidas estatuas.

Fr. Camillo de Montserrate foi o 5.° Bibliothecario da Bibliotheca Nacional e da sua vida, escripta pelo Snr. Dr. Ramiz Galvão, extrahem-se os seguintes interessantes dados:

« A 14 de Novembro de 1818 nasceu em Paris Jorge Estanisláo Xavier Luiz Camillo Cléau, filho, segundo elle proprio assegurou em documento official, de Jorge Gabriel Cléau de Freitas e de Anna Maria Perier de Angervilliers.

« Tendo recebido esmerada educação litteraria, trabalhou durante alguns annos sob a direcção de Letrône, sabio archeologo francez, ganhou entranhado amor ao estudo da antiguidade, e tornou-se dentro de pouco peritissimo nas linguas grega e latina.

« Por motivos de saude e impellido por graves dissabores domesticos fez depois uma longa viagem de circumnavegação, finda a qual tentou em França recolher-se á vida religiosa em um Convento Benedictino, — desejo que não logrou então satisfazer.

« Desgostoso e aconselhado por medicos a procurar um clima temperado, veio para o Brazil em 1844 e 3 annos depois obteve titulo de naturalisação brazileira.

« A 12 de Novembro de 1847 tomou Camillo Cléau o habito de religioso no Mosteiro Benedictino de N. S. de Monserrate do Rio de Janeiro, e ahi professou solemnemente no dia 1.° de Novembro de 1849, sob o nome de fr. Camillo de Monserrate.

« Tendo organizado scientificamente a bibliotheca do Convento, começou o seu Catalogo com grande esmero, mas foi distrahido d'este trabalho pelas obrigações de Lente de His-

toria e Geographia antigas do I. Collegio Pedro II, honrosa incumbencia que lhe confiou o Governo por decreto de 28 de Setembro de 1850.

« Ahi começou a revelar-se publicamente a sua admiravel illustração, e quanto lhe era familiar o conhecimento da archeologia, da epigraphia e das litteraturas antigas em geral.

« Por decreto de 23 de Abril de 1853 foi nomeado Bibliothecario da Bibliotheca Publica, occupando o posto vago por morte do Dr. José de Assis. Neste estabelecimento prestou distinctos serviços, promovendo a mudança da Bibliotheca para o novo edificio em que ella ainda hoje se acha, completando e melhorando os seus catalogos, e fazendo preciosas acquisições de livros e manuscriptos, cujo valor mais do que ninguem elle era capaz de conhecer. Si não foram maiores os fructos de sua administração, foi isso devido aos minguadissimos recursos do antigo orçamento, ao pouco apreço dado naquella epocha pelos poderes publicos a esta instituição, e finalmente ao seu estado de saude sempre precario e melindroso.

« Falleceu no dia 19 de Novembro de 1870. Figura seu busto modelado em bronze no Salão de leitura da Bibliotheca Nacional, que o reputa um dos seus mais sabios e mais dignos administradores; foi mandado fazer e offerecido este busto pelo commendador João Baptista Calogeras, seu amigo intimo e fidelissimo companheiro de lides litterarias.

« Fr. Camillo de Monserrate compoz a interpretação de um celebre enigma grego escripta em latim e impressa na *Minerva Brasiliense* de 15 de Novembro de 1844; varios artigos para folhas periodicas sobre assumptos litterarios; numerosas inscripções existentes no paiz; a decifração de bullas escriptas em caracteres lombardos e pertencentes ao Archivo Publico da Côrte; e varias memorias todas ineditas e infelizmente incompletas sobre diversos assumptos de interesse patrio, como: colonização, abolição da escravatura e trabalho livre, exploração do rio Amazonas, cunhagem de moeda, fabrico de papel-moeda impossivel de falsificar, &.

« Deixou mais um acervo enorme de notas mais ou menos systematizadas sobre epigraphia grega e latina, archeologia do Oriente, e particularmente sobre as antiguidades da America Central e do Mexico, que foram nos ultimos tempos o principal objecto de seu estudo.

«Foi um sabio na mais ampla accepção da palavra, e ao mesmo tempo um coração da mais fina tempera. »

N.° 62. — Carta de Carlos Frederico Hartt, datada de S. Fidelis (prov. do Rio de Janeiro) a 5 de Julho de 1865 e dirigida ao Sñr. João Caldas Vianna Junior, actual Visconde de Pirapitinga.

Autographa. 4 ff.
Versa sobre direcções de instrumentos meteorologicos e sobre diversos objectos relativos á sua expedição ao Brazil.

O professor Hartt, sabio geologo norte-americano, que prestou distinctos serviços á sciencia e ao Brazil, nasceu na cidade de Fredericktown em Nova-Brunswich, no Canadá, em 1840, e morreu no Rio de Janeiro a 18 de Março de 1878. Veio ao Brasil pela primeira vez em 1865, fazendo parte da expedição de Agassis e depois aqui voltou, encarregado de outras commissões geologicas e finalmente foi nomeado Chefe da Commissão Geologica do Brazil, fallecendo antes de terminar os seus interessantissimos trabalhos. Dedicou-se com muito enthusiasmo ao estudo da linguistica e do Folklore do Amazonas e quasi todos os seus escriptos sobre estes assumptos conservam-se na Bibliotheca Nacional, offerecidos pela respeitavel viuva do notavel naturalista.

N.° 63. — Carta de Francisco Adolpho de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, então Barão do mesmo titulo datada de Vienna d'Austria a 3 de Fevereiro de 1873 e dirigida ao Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

Autographa. 2 ff.
Trata de assumpto relativo a *Prosopopeia* de Bento Teixeira, lembra a conveniencia da reimpressão das *Memorias Diarias* de Duarte de Albuquerque no original castelhano, refere-se a creação de uma sala especial na Bibliotheca só de obras impressas no Brazil ou acêrca do Brazil e a outros objectos relativos á bibliographia.
O Visconde de Porto Seguro, a quem se deve a *Historia Geral do Brazil*, que conta duas edições, nasceu em S. João de Ipanema (Sorocaba), provincia de S. Paulo, a 17 de Fevereiro de 1816 e morreu em Vienna d'Austria a 29 de Junho de 1878, exercendo o cargo de enviado extraordinario do

Brazil naquella côrte. Historiador, geographo e investigador infatigavel, publicou, além da *Historia Geral*, numerosas obras, com que prestou os mais relevantes serviços ás lettras brazileiras. Ainda ao Visconde de Porto Seguro devemos muitas edições de obras importantes, e reproducções de ineditos valiosos relativos ao Brazil, entre ellas o *Roteiro* de Gabriel Soares de Souza, e a *Narrativa epistolar* do P. Fernão Cardim, manuscriptos que se conservaram ineditos por largos annos.

N.° 64. — Carta do Conselheiro José Martiniano de Alencar, dirigida ao Dr. B. F. Ramiz Galvão.

Autographa. Não traz data, nem o nome da pessoa a quem é dirigida. 1 fl.

Remette as *Georgicas* de Virgilio e pede o *Palmeirim.*

José de Alencar nasceu no Ceará a 1 de Maio de 1829 e falleceu no Rio de Janeiro a 12 de Dezembro de 1877. É o primeiro romancista brazileiro e um dos nossos mais aprimorados prosadores. Dotado de talento admiravel, foi abalisado publicista e jornalista infatigavel e seu nome está intimamente ligado á historia litteraria do Brazil.

N.° 65. — Carta do Visconde do Rio Branco, datada do Rio de Janeiro a 27 de Novembro de 1877 e dirigida ao Dr. B. F. Ramiz Galvão.

Autographa. Sem o nome da pessoa a quem é dirigida. 1 fl.

Agradece a remessa dos *Annaes da Bibliotheca Nacional.*

O autor, um dos vultos mais proeminentes da nossa historia politica no presente reinado, e a quem se deve a aurea Lei de 28 de Setembro de 1871, da libertação do ventre da mulher escrava, nasceu na Bahia a 16 de Março de 1819 e morreu no Rio de Janeiro a 1 de Novembro de 1880, cercado da admiração dos contemporaneos.

N.º 66. — Autographo de Sua Magestade o Imperador o Senhor D. Pedro II, relativo á commemoração do tri-centenario de Camões no Rio de Janeiro.

Dirigido, posto que o não declare, á redacção da *Revista Brazileira*, e por esta publicado no tomo IV (1880), precedendo a *Homenagem a Luiz de Camões*. Sem data, mas foi escripto em Junho de 1880. 1 fl.

Sua Magestade o Imperador o Senhor D. Pedro II nasceu no Rio de Janeiro a 2 de Dezembro de 1825; subiu ao throno a 7 de Abril de 1831, por abdicação de seu pae D. Pedro I, o fundador do Imperio, e reina desde então, sendo sob regencia até 23 de Julho de 1840, em que foi declarado maior. Foi sagrado e coroado Imperador a 18 de Julho de 1841.

Offerecido á Bibliotheca pela redacção da *Revista Brazileira*.

N.º 67. — Carta de Ferdinand Denis, datada de Paris a 16 de Maio de 1882 e dirigida ao Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

Em francez.

Autographa. 1 fl. Não traz expresso o nome da pessoa a quem é dirigida.

Accusa com enthusiasmo o recebimento do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil*.

O autor, Sñr. Jean Ferdinand Denis, director da Bibliotheca de Santa Genoveva, de Paris, litterato distincto, a quem não pouco devem as lettras no Brazil, nasceu em Paris a 13 de Agosto de 1798. Tem publicado muitas obras, fructo, pela maior parte, das suas excursões pela America no primeiro quartel do seculo.

N.° 68. — Discurso do Sñr. Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, proferido perante os empregados da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro a 24 de Julho de 1882, ao deixar o cargo de Bibliothecario.

Autographo. Sem titulo. 3 ff. num. in-fol.
Foi publicado no *Jornal do Commercio* de 25 de Julho de 1882.

O Sñr. Dr. Ramiz Galvão, 6.° Bibliothecario da Bibliotheca Nacional, foi nomeado por decreto de 14 de Dezembro de 1870, e exonerado, a seu pedido, por decreto de 22 de Julho de 1882, passando desde esta data a exercer as funcções de aio dos principes filhos de S. A. I. a Snr.ª D. Isabel. Nasceu na parochia do Rio Pardo, provincia do Rio Grande do Sul a 16 de Junho de 1846. Á Bibliotheca e ao mesmo tempo ás lettras brazileiras prestou os mais assignalados serviços, e, durante a sua fecunda administração, foi o estabelecimento enriquecido de muitas obras preciosas e raras, principalmente das que tratam da geographia e historia da America. A Bibliotheca Nacional muito lhe deve e nella deixou gravado em lettras indeleveis o seu nome.

INDICE

INDICE DOS AUTORES

(POR NUMEROS)

SECÇÃO
DE
ESTAMPAS

As manifestações do bello que affectam a vista são mais duradouras e em geral mais deleitosas do que as que entendem com os outros sentidos; já o velho Horacio havia dito:

« *Segnius irritant animos demissa per aurem,*
Quam quæ sunt oculis subjecta fidelibus. »;

e é talvez por isso que tamanha extensão têem tido as artes ditas do desenho.

Da gravura e das artes congeneres (lithographia, photogravura e outras), que reproduzem em grande quantidade de exemplares os desenhos, pinturas, esculpturas, &, tornando assim taes obras accessiveis á consulta frequente e apreciação prolongada dos proprios que nunca as viram em original, poder-se-hia dizer, como em outros tempos se dizia da philosophia escolastica em relação á theologia, que são *as servas da pintura, da esculptura e da architectura.*

D'estas ideas dimana a formação de collecções iconographicas; por isso nos paizes civilisados não só as bibliothecas publicas, mas tambem os amadores das bôas artes põem a peito possuir collecções de estampas, chegando ás vezes a comprar por preços verdadeiramente fabulosos as obras primas ou raras dos grandes mestres, como ainda ha pouco succedeu em Londres, onde o Sñr. Clément comprou por 1510 libras esterlinas uma agua-forte de Rembrandt, no 1.° estado, repre-

sentando o retrato do *Advogado Tolling* (*). (*Revue Britannique*, pp. 289 a 290 do n.º 5, de Maio de 1883).

Sem pretender emparelhar com a Bibliotheca Nacional de Paris, o Museu Britannico e a Bibliotheca Imperial de Vienna d'Austria, a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro póde ufanar-se de possuir uma collecção iconographica digna de qualquer bibliotheca de primeira ordem, contendo numerosos desenhos originaes, principalmente da escola italiana, para mais de trinta mil estampas de quasi todos os mestres de todas as escolas, d'entre as quaes muitissimas obras primorosas, grande numero de estampas raras e algumas peças *unicas*, que se não acham alhures.

O desejo de facilitar ao publico o exame e estudo d'estes thesouros e a necessidade de pôr a bom recato, em molduras, as famosas *batalhas de Alexandre Magno*, gravadas por Gerardo Audran e Gerardo Edelinck, e outras estampas de maxima grandeza, que dobradas andavam guardadas em pastas, estragando-se por este modo inconveniente de accommodação, foi o principal movel d'esta exposição.

Dito isto, resta-nos accrescentar algumas palavras sobre o modo, por que foi ella organizada. Na escolha das estampas que deviam ser expostas, tivemos em vista sobretudo apresentar as obras primorosas dos mais notaveis gravadores e as peças raras ou unicas, ainda que nem sempre obras de summo valor artistico; entretanto algumas gravuras, não raras, de artistas de somenos merecimento fôram escolhidas para figurarem na

---

(*) A estampa é geralmente conhecida por esta denominação; entretanto o autor do *Catalogo de Burgy*, 1755, a designa sob o titulo de *Retrato famoso do Medico Pedro Van Tol* e mais recentemente Mr. Vosmaer, citado por Ch. Blanc (*L'Œuvre de Rembrandt*), affirma que a pessoa retratada é com effeito um Medico, de nome Arnoldo Tholinx e não Pedro Van Tol.

exposição sómente como specimens de cada escola.

Não podemos deixar de lastimar que ao lado das numerosas obras primas e das estampas raras dos mais celebres mestres das escolas italiana, allemã, hollandeza, flamenga, ingleza e franceza, deixe de figurar grande copia de bellas gravuras das escolas hespanhola, portugueza, americana e brazileira, que mais de perto nos interessam, por ser muito escasso o numero das estampas que d'essas escolas, já de si pouco ricas, possue a Bibliotheca Nacional.

Si logramos o intento de descrever methodicamente neste Catalogo as estampas expostas, seguindo as pegadas dos mestres na materia, nem sempre pudemos, na distribuição d'ellas pelas paredes e vitrinas, collocal-as na mesma ordem em que estão descriptas, como tanto fôra para desejar. Os differentes formatos das folhas e a necessidade de aproveitar o acanhado espaço, de que dispunhamos, nos obrigaram por vezes á approximações destoantes; d'esta falta pedimos venia, e para attenual-a adduzimos ao Catalogo os indices, que julgamos necessarios para facilitar as pesquizas.

Bibliotheca Nacional, 29 de Maio de 1884.

Dr. José Zephyrino de Menezes Brum,
Chefe da Secção.

ESBOÇO HISTORICO

A historia da Secção de estampas, em seu principio obscura, confunde-se com a da Real Bibliotheca de Portugal e a da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro até 1.º de Abril de 1876: assim, pois, faremos antes o esboço historico das mesmas Bibliothecas até essa epoca do que o da collecção icognographica, da qual só trataremos por menor quando para isso tivermos dados positivos.

Tendo o terremoto de Lisboa de 1.º de Novembro de 1755 e o incendio que se lhe seguiu aniquilado a antiga Real Bibliotheca, tratou El-Rei Dom José I de prover á fundação de nova livraria para uso da Familia Real. É muito sabido como a maior e melhor parte dos fundos da nova bibliotheca foi constituida pela numerosa e riquissima livraria do erudito bibliophilo, Abbade de Santo Adrião de Sever, Diogo Barbosa Machado, offerecida por elle a El-Rei, e como a sua entrega á Casa Real foi effectuada de 1770 a 1773. [1]

Segundo o Catalogo de sua livraria, organizado e escripto pelo proprio Barbosa Machado, existente na Bibliotheca Nacional, a collecção icognographica do Abbade de Santo Adrião de Sever constava de:

3 volumes de estampas de brazões de di-

---

[1] Para mais pormenores sobre este assumpto vide *A Livraria Barbosa Machado* pelo Snr. Dr. B. F. Ramiz Galvão, nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, I, pp. 25 a 43.

versas familias (á folha 56), contendo estampas gravadas em metal e em madeira, pela mór parte tiradas de livros, e desenhos originaes com illuminuras;

63 obras em 73 volumes (á folhas 111 a 113). [2]

D'entre os livros de estampas de Barbosa Machado merece especial menção a famosa collecção facticia, unica no genero, de retratos, dispostos por ordem chronologica, em 7 volumes [3] in-folio imperial, com folhas de rosto adrede impressas, da qual reza o Catalogo citado: « Esta collecção que consta de 6 volumes he de summa estimação pella raridade de muitos Retratos, e estarem a mayor parte d'elles metidos em Tarjas primorosas que lhes augmentaõ m.to as figuras que representaõ. »

A respeito d'esta collecção de retratos diz o illustrado Sñr. Dr. Ramiz Galvão (*Annaes da Bibliotheca Nacional*, I, 35 a 36): « Barbosa foi um collector intelligentissimo, e ao que parece grande conhecedor de livros; mas o senso artistico, o gôsto, o amôr do bello esse faltava á sua organização e não fizera nunca o seu cuidado.

« ¿Como dizer um iconophilo que um soberbo retrato de Edelinck, de Nanteuil ou de Vorsterman ganha merecimento dentro de uma communissima tarja de Bonnart?

« ¿Haverá consorcio mais absurdo aos olhos de um amador da arte do que o de uma gravura primitiva de Portugal com a arte de G. Audran em seu apogeu de gloria?

---

(2) Á pagina 29 dos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, I, se diz por inadvertencia « Liuros de estampas... 64 obras, 76 volumes. »

(3) Contamos 7 volumes, porque aos 6 mencionados no Catalogo: 2 de *Retratos dos Reys, Rainhas e Principes de Portugal* e 4 de *Retratos de Varoeñs Portugueses insignes em Santidade, Litteratura, Sciencia militar e politica*, addicionamos o volume de *Retratos de Pontifices, Cardiaes e Bispos, Reis e Principes e Varoeñs insignes*, semelhante aos outros 6 no papel, no formato e na maneira por que foi organizado.

« Não ha negal-o; essa união hybrida, offensiva, quasi se-poderia dizer repugnante de retratos e de molduras das escholas mais oppostas, de gravadores os mais distanciados na escala do merecimento e da edade, é a nossos olhos a demonstração viva de que ao nosso illustre bibliophilo eram completamente alheias as noções intuitivas do bello.

« Não insistamos porêm neste particular; em tudo o mais as colleções foram acondicionadas com aquelle amôr que distingue os mais zelosos, e são realmente admiraveis pelos thesouros raros que ahi se-conservam.

« Uma peculiaridade distingue ésta vasta collecção de retratos, e é que muitissimos d'entre elles trazem impresso no proprio papel em que se acham collados, — ou um epigramma latino em louvor do individuo, ou uma concisa indicação biographica, ou simplesmente o nome e os titulos do personagem.

« Temos noticia e examinamos em bibliothecas de Europa collecções de retratos mais ricas e mais bellas sob o poncto de vista artistico; mas dispostas com tanto trabalho e enriquecidas de inscripções impressas *ad hoc* cremos que não existem; a de Barbosa póde talvez lisonjear-se de unica. »

Existem ainda hoje na Bibliotheca Nacional livros e estampas, cuja acquisição póde talvez ser attribuida á um periodo intermedio á destruição da antiga Real Bibliotheca (1755) e á entrega da livraria de Barbosa Machado a El-Rei Dom José I (1770 a 1773); entretanto força é confessar que nenhum documento historico autoriza esta supposição, nem esclarece qual a data e o modo por que foram adquiridos taes livros e estampas.

Quanto a estas, devemos observar que muitas d'ellas trazem no proprio corpo da gravura as

assignaturas autographas dos seus antigos possuidores: *João Gresbrante* [4]; — *He de Luiz da Costa tem estampas 34. | oje de seu filho Felix da Costa | agora he de André Gonçalves Pintor* [5]; — *A. P.*; — *Costa*; — *Oliveira*; taes assignaturas porém não podem determinar de modo definitivo qual a data em que a Real Bibliotheca adquiriu essas estampas.

De Mss. da Bibliotheca Nacional conclue-se que a livraria do Collegio de Todos os Santos da Ilha de S. Miguel, que pertencêra aos Padres Jesuitas, foi incorporada á Real Bibliotheca da Ajuda, sendo afinal aproveitada sómente parte d'ella.

Em 8 de Janeiro de 1780 mandou o Marquez de Angeja consultar a Feliciano Marques Perdigão, Guarda da Real Bibliotheca, si conviria, á vista do Catalogo da livraria dos proscriptos Jesuitas da Ilha de S. Miguel, mandar vir para Lisboa todos ou sómente parte dos livros da dita livraria; a 9 de Novembro de 1790, por ordem do Visconde *(de Villa nova da Cerveira)* Mordomo Mór, entraram para a Real Bibliotheca 15 caixões com os livros em questão, caixões que foram conservados fechados até 1804, anno em que, diz o Padre Francisco José da Serra Xavier, foram « abertos por mim do que resultou por comidos do bixo e podres com tal corrupção que pedirão ser queimados, o que executei; conservando porem alguns para melhorar de tomos ou supprir faltas. 22 de Outubro de 1804. Serra X. »

De feito ainda hoje existem na Bibliotheca

---

(4) *Gresbrante* e não *Gresbante*, pintor inglez, que floresceu de 1651 a 1680 e trabalhou em Lisboa (Cyrillo, 79).

(5) Luiz da Costa nasceu em 1595 ou 1599 (Raczynski, *Dictionnaire*, 60); Felix da Costa, seu filho, é Felix da Costa Meesen, que floresceu no fim do XVII e principio do XVIII seculo? (Raczynski, Dictionnaire, 57). André Gonçalves II nasceu em 30 de Dezembro de 1692, ✠ a 15 de Junho de 1762 (Cyrillo, 90) e possuia, segundo Taborda (pag. 226) uma vasta collecção de estampas.

Nacional livros em cujas folhas de rosto occorre, no alto, a seguinte declaração: « *Livr.ª publica do Coll.º da Comp.ª de* JESV *de Ponta Delgada.* »

Ha na Bibliotheca Nacional quatro volumes de estampas representando assumptos de historia natural, mappas geographicos, &, gravadas por diversos artistas portuguezes na *Officina calcographica, typoplastica e litteraria do Arco do Cego*, então sob a direcção do illustre botanico brazileiro Fr. José Marianno da Conceição Velloso. Tendo sido, por decreto de 7 de Dezembro de 1801, extincta a dita Officina, pode-se suppor que esses 4 volumes tivessem entrado para a Real Bibliotheca por essa epoca.

As chapas d'essas estampas, remettidas de Lisboa pelos Governadores do Reino e recebidas na Real Bibliotheca do Rio de Janeiro em 2 de Junho de 1813, ainda hoje se conservam na Bibliotheca Nacional.

Quando a Familia de Bragança, reinante em Portugal, veiu para o Brazil em 1807, trouxe comsigo a Real Bibliotheca da Ajuda e a do Infantado, as quaes foram em 1810 accommodadas no Rio de Janeiro no local, então occupado pelo hospital da Ordem 3.ª do Carmo, que foi removido para o Recolhimento do Parto, pondo-se a Bibliotheca em communicação com a Capella Real por meio de um passadiço. A Bibliothoca não era publica; entretanto dava-se entrada nella ás pessoas munidas de permissão especial para consultarem seus livros, estampas, &.

Por esse tempo foram nomeados conjuntamente directores da Real Bibliotheca no Rio de Janeiro o Franciscano Fr. Gregorio José Viegas e o Padre Joaquim Damaso, da Congregação do Oratorio.

Das acquisições feitas ([6]) desde então até a Independencia do Brazil mencionaremos por alto as que menos importam sob o ponto de vista iconographico, para nos occuparmos mais detidamente da collecção de estampas que pertenceu ao Conde da Barca.

D'entre aquellas devem-se contar:

1.º, o espolio litterario de Fr. José Marianno da Conceição Velloso, constante de livros, manuscriptos e desenhos originaes, offerecidos pelo Provincial dos Religiosos Franciscanos da Provincia da Immaculada Conceição do Brazil, á Real Bibliotheca, nella recebidos a 13 de Novembro de 1811;

2.º, a livraria do Dr. Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, comprada em 1815;

3.º, desenhos á mão, pinturas, estampas, camapheus, moldes, livros impressos e manuscriptos por compra feita ao architecto José da Costa e Silva, em 1818.

Fazia parte d'esta acquisição uma preciosissima collecção de esboços e desenhos originaes, de pennejado, a lapis, á sanguinea e á aguada, pela maior parte de mestres da escola italiana, trazendo cada um no verso da folha, escripto por lettra do proprio Costa e Silva, o nome do pintor, á que é attribuido o esboço ou desenho.

Para melhor se poder avaliar o merecimento artistico d'esta collecção, damos em seguida a lista dos mestres, cujas obras contém: — Baglione (Cesar); Barbieri (João Francisco), dito *Guercino;* Beretino (Pedro), dito *de Cortona;* Brizio (Francisco); Burrini (João Antonio); Cambiaso ou Cangiagio (Lucas); Cantagallina (Remigio); Cantarini (Simão), dito *de Pesaro;* Canuti (Domingos

([6]) Vide nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, IV, pp. 7 e seguintes, a *Introducção* do Catalogo dos Manuscriptos.

Maria); Carracci (Agostinho, Annibal e Luiz); Castiglione (João Benedicto); Cavedone (Jacob); Cignani (Carlos); Creti (Donato); Dionysio José, portuguez; Franceschini [qual?]; Galli (Francisco), dito *Bibbiena;* Gandolfi (Caetano e Ubaldo); Garbieri (Lourenço); Gennari [qual?]; Gessi (Francisco); Guidesca [?]; Dona Ignez, portugueza; Metelli (José Maria); Miguel Angelo; Milani (Aurelio); Palma senior (Jacob); Palma junior (Jacob); Pellegrini senior (Peregrino), dito *Tibaldi;* Possino [?]; Raphael; Reni (Guido); Ricardo Antonio, portuguez; Robusti (Jacob), dito *o Tintoretto;* Roli (José Maria); Sabbatini (Lourenço), dito *Lorenzino de Bolonha;* Sole (João José dal); Sirani (João André e Isabel); Spada (Leonel); Spisano (Vicente), dito *Spisanello;* Stringa (Francisco); Tempesta (Antonio); Tiarini (Alexandre); Torri (Flaminio); Varotti [?] (José); Viani [qual?]; Vieira Lusitano (Francisco), portuguez; Zuccaro (Frederico). Si a respeito da authenticidade dos autores de alguns d'estes esboços e desenhos originaes se podem levantar duvidas, parece que pela maior parte devem elles ter sido feitos pelos proprios artistas, aos quaes são attribuidos.

Tendo fallecido o Conde da Barca em 1817 no Rio de Janeiro, foi a sua livraria (7) levada á praça *para pagamento da execução que a seu herdeiro movia o Conselheiro Antonio Fernando Pereira Pinto. Em 22 de Abril de 1822, depois de terem corrido mais de trez praças sem se-apresentar licitante algum, foram de novo trazidos a publico*

---

(7) Vide, para mais esclarecimentos a este respeito, o nosso artigo, *Do Conde da Barca, de seus escriptos e livraria*, nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, II, pp. 5 a 33 e 359 a 403. Devemos entretanto advertir que nesse artigo alguns enganos escaparam, que vão corrigidos aqui em grypho.

De uns autos originaes, recentemente adquiridos pela Bibliotheca Nacional, cuja folha de rosto reza: « 1822 / Rio de Janeiro / Proprios Reaes e Nacionaes / O Ill.mo Snr. Cons.o Proc.or da Coroa e Fazenda / para se adjudicar / A Livraria do Ex.mo Conde da Barca falecido / ... », extrahimos alguns dos dados que serviram para a correcção d'esses enganos.

pregão de venda e arrematação os bens do dito Conde, que andavam em praça pela execução d'aquelle Pereira Pinto, e nessa occasião apresentou-se o P.e Joaquim Damaso, Bibliothecario da Real Bibliotheca, dizendo que, por ordem de *S. Alteza Real o Principe Regente do Brazil*, vinha arrematar para a mesma Bibliotheca a livraria, posta novamente em praça, pelo preço da avaliação, si não houvesse quem mais desse; de feito, não apparecendo outro licitante, foi a livraria, depois de preenchidas as formalidades do estylo, arrematada pelo Governo por *Rs. 16:730$970*, em que fôra avaliada, com a obrigação de entrar o arrematante com essa quantia para o Banco do Brazil, no praso de tres dias.

Em seguida foi a livraria do Conde da Barca incorporada aos proprios nacionaes por Accordão do Tribunal da Casa de Supplicação do Rio de Janeiro de 28 de Setembro de 1822, mandado executar por sentença civil do Juizo dos Feitos da Fazenda de 26 de Novembro do mesmo anno.

Quanto á collecção iconographica Araujense convem dizer que:

Além do « *Grande Theatro do Universo* » e da « *Collecção de antiguidades romanas e gregas* », *entraram para a Real Bibliotheca mais alguns volumes de estampas*, como por exemplo, a « *Œuvre de Joseph Vernet... représentant divers ports de mer de France et d'Italie, ainsi que plusieurs paysages de sa composition, gravés par Cochin, Le Bas, Aliamet, Le Veau, et autres célèbres graveurs françois. Paris. 1782. 2 volumes in-folio, com o ex-libris do Conde da Barca;*

Do « *Grande Theatro do Universo* » *possue a Bibliotheca Nacional 120 volumes*, e não 119, porque *existe o volume 125*, que foi contado como perdido (*Annaes da Bibl. Nac.*, II, 401), *vindo*

portanto a faltar d'esta Collecção tão sómente cinco volumes: o 21.°, o 69.°, o 70.°, o 71.° e *o 110.°*

Antes de fazer ponto neste assumpto, sejamnos permittidas duas cousiderações:

1.ª, que nos foi suggerida pela recente leitura do auto de arrematação da livraria do Conde da Barca: como é que, sendo essa livraria arrematada para pagamento do Conselheiro Antonio Fernando Pereira Pinto por execução, que movia ao herdeiro d'aquelle Conde, foi a importancia da arrematação recebida não pelo exequente, mas pelo representante de João Piombino, como cessionario dos executados?

2.ª, que até hoje a ninguem ainda occorreu: tendo a livraria do Conde da Barca sido arrematada por ordem de S. Alteza Real o Principe Regente do Brazil, em 22 de Abril de 1822 (no tempo portanto do dominio portuguez), era Portugal o verdadeiro devedor da sua importancia; tanto mais quanto nos dois milhões de libras esterlinas, que, pelo tratado e convenção addicional de 29 de Agosto de 1825, feitos no Rio de Janeiro entre Portugal e o Brazil, pagou este áquelle, foi incluida a indemnisação pelas propriedades particulares que deixou S. Magestade Fidelissima no Brazil (de cujo numero fazia parte a Real Bibliotheca, á qual tinha sido incorporada a livraria do Conde da Barca) e que se calcularam em libras esterlinas 250,000, « ... ficando com esta somma (2 milhões esterlinos) extinctas de ambas as partes todas e quaesquer outras reclamações, assim como todo o direito a indemnisações d'esta natureza (Art. 1.° da Convenção addicional). »

Além das acquisições acima mencionadas, a Real Bibliotheca fez outras parciaes e de menor valor, ás quaes os bibliothecarios chamavam *pro-*

pinas (doações voluntarias, remessas á que eram obrigados os editores, & ?)

Regressando a Familia de Bragança para Portugal, em 1821, deixou a Real Bibliotheca no Rio de Janeiro, onde ficou até hoje, passando a ser de direito propriedade do Brazil pelo ajuste de contas feito entre Portugal e o Imperio.

Desde o anno de 1814 a Real Bibliotheca tornou-se publica por ordem do Principe Regente D. João, caracter, em que se tem conservado até o presente, sendo porém, depois da Independencia, denominada, nos proprios documentos officiaes, ora *Bibliotheca Publica*, ora *Nacional*, umas vezes *Imperial*, outras *Imperial e Publica* ou *Imperial e Nacional* até 4 de Março de 1876, em que finalmente tomou o titulo que actualmente tem.

Na falta de Frei Gregorio José Viegas, que acompanhou a Familia de Bragança para Portugal, e do P.[e] Joaquim Damaso, que, por não querer adherir á causa da independencia do Brazil, resignou o emprego, foram nomeados por decreto de 23 de Outubro de 1822: Bibliothecario, o religioso franciscano Fr. Antonio de Arrabida, ulteriormente Bispo de Anemuria, e Ajudante do Bibliothecario, o Padre Felisberto Antonio Pereira Delgado, o qual desde 3 de Agosto de 1822 já servia na Real Bibliotheca como encarregado especialmente da conservação e classificação dos manuscriptos.

Em 7 de Janeiro de 1824 adquiriu a Bibliotheca Nacional a livraria do distincto e illustrado medico brazileiro, Dr. Francisco de Mello Franco.

Por decreto de 13 de Setembro de 1824, assignado por João Severiano Maciel da Costa, depois Marquez de Queluz, então Ministro do Imperio, foram mandados pôr em execução os *Artigos Regulamentares para o regimen da Bi-*

bliotheca Imperial e Publica que o zeloso Bibliothecario tinha organizado e submettido á approvação do Governo, em substituição dos *Estatutos da Real Bibliotheca*, publicados na Regia Typographia em 1821, que então regiam o estabelecimento.

Nas investigações, a que procedeu na Bibliotheca Nacional, encontrou Fr. Antonio de Arrabida o manuscripto e desenhos originaes da *Flora Fluminensis* de Fr. José Marianno da Conceição Velloso, ineditos, e tendo levado ao conhecimento do Governo este precioso achado, o então Ministro do Imperio Estevão Ribeiro de Rezende, mais tarde Marquez de Valença, por portaria de 25 de Agosto de 1825 manda *que o texto da sobredita obra seja aqui impresso debaixo da sua* (do Bibliothecario) *correcção e do D.or João da Silveira Caldeira; ficando autorisado tambem para enviar os respectivos Desenhos a Pariz, a fim de se estamparem lythograficamente na Officina de Lasteyrie, ou em outra de igual perfeição, tomando a seu cargo a direcção d'estes trabalhos louvaveis e muito analogos a seu patriotismo.*

Si quanto ás estampas a ordem foi então plenamente executada, sahindo ellas á luz da publicidade, em 1827, em Paris, na officina lithographica de Senefelder (N.° 11,693 do *C. E. H.*), não o foi completamente quanto ao texto, porque só parte d'elle ([8]) foi impresso no Rio de Janeiro, na Typographia Nacional, de 1825 a 1827 (N.° 11692 do *C. E. H.*)

Vieram para o Rio de Janeiro as estampas d'esta importante collecção iconographica, da qual muitos exemplares foram ter á Typographia Na-

---

(8) O resto do texto foi publicado em 1881, nos *Annaes do Museu Nacional* (volume V), sob a direcção do erudito e laborioso Director d'aquelle estabelecimento, Snr. Dr. Ladislau de Souza Mello e Netto.

cional e á Academia de Bellas Artes, sendo porém o maior numero d'ellas confiado á guarda da Bibliotheca Nacional.

Por ordens do Ministerio do Imperio de differentes datas receberam collecções completas da *Flora Fluminensis:* as Provincias do Imperio, o Museu Nacional, o Jardim Botanico, a Academia Militar, a Academia Medico Cirurgica (actual Faculdade de Medicina), a Sociedade de Medicina (hoje Academia Imperial de Medicina), o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, algumas pessoas particulares, estabelecimentos publicos extrangeiros....; mas ainda assim ficava em deposito na Bibliotheca Nacional grandissima quantidade de estampas da dita *Flora Fluminensis*, cuja historia vamos esboçar á vista de documentos existentes no Archivo da Bibliotheca Nacional.

Em officio de 4 de Março de 1839 informou o Bibliothecario Francisco Vieira Goulart ao Ministro do Imperio que nas lojas da Secretaria da Justiça, onde se achavam havia já nove annos mais de 200 caixões com estampas da *Flora Fluminensis*, tinham sido feitas accommodações especiaes para os ditos caixões, ficando elle de posse da chave da porta, que dá servidão para essas lojas.

Em officio dirigido ao Ministro do Imperio em 18 de Março de 1859, pondera o Bibliothecario Fr. Camillo de Monserrate que, si uma bibliotheca publica é com effeito um deposito de livros de uso effectivo e corrente, não deve ser o lugar normal para deposito permanente de muitos exemplares de uma só obra, e pede que sejam restituidos ao seu destino natural os salões da Secretaria da Justiça e da Bibliotheca Nacional, quer mandando remover d'ali para outro armazem independente da Bibliotheca Nacional os exemplares da *Flora Fluminensis* truncados, deteriorados

e inutilizados, quer ordenando que seja contractada a venda ou troca d'elles com uma fabrica de papel.

Por aviso do Ministerio do Imperio de 24 de Março de 1859 foi o Bibliothecario autorizado a « contractar a venda ou troca dos deteriorados ou truncados pelo modo por que lembra no seu officio de 18 do corrente, distribuindo os que estiverem completos, e em bom estado, pelas Bibliothecas das Faculdades, e pelas Provincias onde existirem taes estabelecimentos, e permutando-os com as Bibliothecas nacionaes ou extrangeiras, e ainda com os particulares por outras obras, cuja acquisição julgue importante, informando ao Governo Imperial do que occorrer posteriormente a esta declaração. »

Não consta do Archivo da Bibliotheca Nacional que a ordem supra fosse cumprida; sómente encontra-se um officio do Bibliothecario ao Ministro do Imperio, Sñr. Conselheiro José Antonio Saraiva, com data de 3 de Junho de 1861, que reza: « Tenho a honra de declarar á V. Ex.ª que apezar de se achar hoje muito limitado o numero dos exemplares da referida obra, existentes na Bibliotheca Nacional, pode-se comtudo dispôr d'um exemplar para o destino mencionado no Aviso, e que já se providencía para ser posto á disposição do 1.º Secretario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o exemplar da *Flora Fluminensis* que elle sollicitou por officio de 23 de Maio proximo passado »; mas passa por certo, segundo a tradição, que as collecções da *Flora Fluminensis* foram emfim ter a uma fabrica de papel.

Hoje a Bibliotheca Nacional não possue d'esta preciosa collecção de estampas mais que dois exemplares.

Tendo o Bispo de Anemuria pedido e em 16 de Agosto de 1831 obtido a sua demissão, foi interinamente encarregado da administração da Bibliotheca Nacional o Ajudante do Bibliothecario Conego Felisberto Antonio Pereira Delgado, o qual por decreto de 12 de Agosto de 1833 foi exonerado do lugar, sendo por decreto da mesma data nomeado para o substituir o Padre Francisco Vieira Goulart.

Em 19 de Agosto de 1833 entregou o Conego Pereira Delgado a Bibliotheca Nacional ao Padre Goulart, mas a pretexto de não poder ser demittido, por ser vitalicio o lugar de Bibliothecario, e de estar encarregado da conservação da livraria do Infantado, continuou a residir na parte da casa que occupava e reteve em seu poder todos os papeis, livros e mais objectos pertencentes á Bibliotheca. Não obstante ter sido intimado por officio do Chefe de policia, Eusebio de Queiroz Coutinho Mattoso Camara, de 28 de Setembro de 1833, expedido em consequencia do Aviso do Ministerio do Imperio do dia antecedente, para despejar a casa por cima da Bibliotheca Publica, que então occupava, entregando ao seu successor todos os objectos á sua guarda pertencentes á mesma Bibliotheca, o Conego Pereira Delgado não cumpriu a ordem, sendo necessario, para que ella fosse executada, que pelo Juiz de direito da 1.ª vara civel da Côrte, Lourenço José Ribeiro, se expedisse em 21 de Outubro de 1833, mandado de despejo no praso de oito dias.

O novo Ajudante do Bibliothecario administrou a Bibliotheca Nacional nessa categoria até 11 de Janeiro de 1837, e como Bibliothecario de então em diante até ao seu fallecimento (21 de Agosto de 1839).

Na administração do P.e Goulart entraram

para esta Bibliotheca: 122 pastas com papeis relativos a negocios que correram pelas differentes secretarias de Estado de Portugal, enviadas por Francisco Gomes da Silva, por antonomasia *O Chalaça;* e por morte do Marquez de S. Amaro, occorrida em 12 de Agosto de 1832, 115 pastas com documentos mss. que pertenceram ao seu gabinete particular, referentes ao Governo Portuguez sob a regencia do Principe Dom João, depois D. João VI; finalmente, em Maio de 1838, os herdeiros do grande patriota José Bonifacio de Andrada e Silva doaram-lhe a sua livraria, importante não só á luz da bibliographia, mas tambem pelos documentos officiaes, manuscriptos e cartas autographas de pessoas notaveis de todos os paizes.

O Conego Antonio Fernandes da Silveira, que desde 30 de Outubro de 1837 já servia de Ajudante do Bibliothecario, esteve á testa da Bibliotheca Nacional depois do fallecimento do P.e Goulart até 5 de Novembro de 1839, dia em que o Conego Januario da Cunha Barbosa, nomeado Bibliothecario por decreto de 5 de Setembro do mesmo anno, tomou posse do lugar. A 7 de Novembro de 1839 foi o Conego A. F. da Silveira exonerado, a seu pedido, do cargo de Ajudante do Bibliothecario.

Fallecendo em 22 de Fevereiro de 1846 o Conego Januario da Cunha Barbosa, foi, por decreto de 5 de Março do mesmo anno, nomeado Bibliothecario o Dr. José de Assis Alves Branco Moniz Barreto, que falleceu prematuramente para as lettras em 17 de Março de 1853.

Nomeado Bibliothecario, por decreto de 23 de Abril de 1853, o monge benedictino Fr. Camillo de Monserrate tomou posse do lugar em 29 do dito mez e anno.

Durante a administração de Fr. Camillo adquiriu a Bibliotheca Nacional: 1.°, em Julho de 1853, 41 volumes de manuscriptos do distincto medico e naturalista portuguez, Antonio Correia de Lacerda, os quaes « comprehendem noticias ineditas, abundantes e preciosas, sobre a historia natural e especialmente acerca de plantas do Pará e Maranhão e suas applicações medicinaes e economicas, sendo accompanhados os volumes d'esta collecção de desenhos coloridos de perfeita execução. » (*Annaes da Bibl. Nac.*, IV, pag. X); 2.°, em Dezembro de 1853, a importante livraria e manuscriptos de D. Pedro de Angelis, com o respectivo Catalogo.

Por estar a Bibliotheca Nacional mal accommodada no edificio do antigo hospital do Carmo, comprou o Governo a um particular, por 125 apolices da divida publica de conto de reis cada uma (Dr. Moreira de Azevedo, *O Rio de Janeiro* II, 122), a casa, hoje n.° 48, do largo da Lapa, para nella collocar a mesma Bibliotheca. A nova casa era, em verdade, mais vasta que o antigo local; faltavam-lhe porém outros requisitos necessarios a um estabelecimento d'esta ordem, e já hoje é insufficiente.

Graças aos cuidados e zêlo do digno Bibliothecario, tudo quanto havia na casa da rua de detraz do Carmo, livros, estampas, manuscriptos, trastes, &, foi removido sem estrago nem perda para a do largo da Lapa, ficando inteiramente concluida a mudança a 4 de Março de 1858; mas em consequencia de obras especiaes necessarias á accommodação da Bibliotheca no novo edificio, sómente a 4 de Agosto d'esse anno póde ella ser franqueada ao publico.

Fallecendo Fr. Camillo de Monserrate a 19 de Novembro de 1870, foi, por decreto de 14 de

Dezembro do mesmo anno, nomeado Bibliothecario o Sñr. Dr. Benjamim Franklin Ramiz Galvão, que tomou posse do lugar a 22 do dito mez e anno. O talento, instrucção não vulgar, assiduidade ao trabalho, amor dos livros e conhecimentos bibliographicos, já provados, do novo Bibliothecario o recommendavam, diremos até, o impunham á sabedoria do Governo Imperial.

O intelligente e laborioso Ministro do Imperio, Sñr. Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, que referendou o decreto de nomeação do Sñr. Dr. Ramiz Galvão, não se limitou a prover a Bibliotheca Nacional de um director excepcionalmente idoneo; com a força de vontade, que lhe é peculiar, ordenou uma serie de medidas tendentes todas á reforma radical d'este estabelecimento:

Em 7 de Abril de 1873 nomeou o Sñr. Alfredo do Valle Cabral official addido á Bibliotheca, incumbindo-o de zelar, estudar, ordenar e catalogar os manuscriptos;

Encarregou o Bibliothecario de ir, em 1873, á Europa estudar a organização das suas mais notaveis bibliothecas, no intuito de adoptar para a do Rio de Janeiro os melhoramentos que lhe fossem applicaveis;

Nomeou uma *Commissão de Catalogos*, composta dos Sñrs: Dr. João de Saldanha da Gama, Dr. Antonio Mendes Limoeiro, Alfredo do Valle Cabral, Antonio José Fernandes de Oliveira, José Carlos de Faria, Bacharel Domingos Jacy Monteiro Junior, Dr. Francisco Moreira Sampaio e Antonio da Costa e Sá (que serviu por pouco tempo), para organizar os catalogos necessarios á Bibliotheca, emquanto não levava a effeito as reformas que tinha em mente;

Finalmente, propoz e obteve do poder legislativo não só que a verba aquinhoada á Bibliotheca

pelas leis do orçamento anteriores fosse elevada á altura das suas necessidades e serviços (Rs. 68:800$500), mas tambem que o Governo ficasse autorisado a reformal-a sem augmento da despeza que então se fazia com ella (§ 1.° do art. 16 da lei n.° 20670 de 20 de Outubro de 1875).

Os vaivens da politica não permittiram que o illustre Ministro rematasse a cupula do edificio cujos fundamentos com tanto acerto assentára; é porém de rigorosa justiça que d'aqui lhe rendamos publica homenagem pelos relevantes serviços que ás lettras prestou e que proclamemos o seu nome como o de um dos bemfeitores da Bibliotheca Nacional.

As principaes occurrencias da administração do Sñr. Dr. Ramiz Galvão até ao 1.° de Abril de 1876 são:

A sala de leitura até então franqueada ao publico de 9 horas da manhã ás 2 da tarde, o foi igualmente de 6 ás 9 horas da tarde, a começar do dia 6 de Maio de 1872;

O fallecido Dr. Alexandre José de Mello Moraes offereceu á Bibliotheca, em 1872, cêrca de 200 volumes de manuscriptos encadernados, « contendo muitos documentos officiaes, não todavia coordenados e vindo não poucos d'elles incompletos pelo nenhum cuidado que se-teve no seu agrupamento e arranjo. » (*Annaes da Bibl. Nac.*, IV, pag. x);

Em Janeiro de 1873 comprou-se á viuva do commendador Manuel Ferreira Lagos, por 28:000$000 de réis, a melhor e maior parte da importante livraria, que fôra d'elle, constando de 3,475 volumes, 146 mappas, 231 manuscriptos, 2,000 folhetos, muitas gazetas e relatorios, e 1 volume com estampas lithographadas, coloridas á mão, para a obra da Commissão scientifica do Ceará (n.° 19,260 do *C. E. H.*);

Reimprimiu a *Prosopopea por Bento Teixeira. Reproducção fiel da edição de 1601 segundo o exemplar existente na Bibliotheca Nacional e Publica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 1873;*

Emquanto o Bibliothecario esteve em commissão em Europa, o estabelecimento foi interinamente administrado pelo 1.º official João Cesario da Silva, de 26 de Março de 1873 ao 1.º de Maio de 1874;

Adquiriu a Bibliotheca algumas estampas e copioso numero de livros, entre os quaes obras classicas sobre iconographia, tudo escolhido e comprado em Europa pelo proprio Bibliothecario no valor de cêrca Rs. 12:000$000.

Em 31 de Dezembro de 1874 o Sñr. Dr. Ramiz Galvão apresentou ao Ministro do Imperio um luminoso Relatorio *sobre bibliothecas publicas de Europa* e a 13 de Março de 1875 outro *sobre os trabalhos executados na Bibliotheca Nacional da Côrte no anno de 1874, e seu estado actual* (Annexo D do Relatorio do Imperio de 1875).

Neste ultimo refere o Sñr. Dr. Ramiz Galvão como nas suas investigações chegou ao descobrimento mais precioso talvez de quantos tinha feito em 1874, isto é, *da riquissima e numerosa collecção de estampas de todas as escolas e dos mais afamados mestres, que em todo tempo illustraram a arte da gravura;* e reclama do governo, a bem do serviço publico, a reforma da Bibliotheca Nacional, para a qual tinha anteriormente apresentado um *projecto de regulamento formulado de accôrdo com os melhores que achou no velho mundo.*

Não foi o Governo surdo á voz da evidencia, e em bôa hora quiz attender a este importante ramo da administração, expedindo o decreto n.º 6141 de 4 de Março de 1876, referendado pelo Sñr. Con-

selheiro José Bento da Cunha e Figueiredo, dando á Bibliotheca Nacional a actual organização.

O novo Regulamento dividiu a Bibliotheca em tres secções: 1.ª, de impressos e cartas geographicas; 2.ª, de manuscriptos; 3.ª, de estampas; estabeleceu o pessoal de: 1 bibliothecario, 3 chefes de secção, 3 officiaes, 1 secretario, 8 auxiliares, 1 guarda e 1 porteiro, destacando para o serviço da secção de estampas 1 chefe de secção e 1 auxiliar; e creou os *Annaes da Bibliotheca Nacional* (9), revista periodica destinada á publicação dos manuscriptos interessantes da Bibliotheca e trabalhos bibliographicos de merecimento compostos pelos empregados da repartição ou por individuos extranhos a ella.

O autor d'estas linhas, nomeado chefe da Secção de estampas por decreto de 24 de Março de 1876, tomou posse do lugar em 1 de Abril do mesmo anno, dia em que foi posta em execução a reforma da Bibliotheca Nacional.

A Secção de estampas pois começa a ter existencia e historia proprias sómente depois d'esta reforma.

As acanhadas proporções do edificio em que funcciona a Bibliotheca Nacional não permittiram que a Secção de estampas fosse melhor accommodada, pois que lhe comberam em partilha apenas duas pequenas salas do 3.º andar, mal mobiliadas e insufficientes para as suas necessidades e serviços.

Graças ás perseverantes pesquizas e estudos do Sñr. Dr. Ramiz Galvão as estampas da Bibliotheca Nacional, em numero talvez superior a trinta mil, que espalhadas pelas estantes, armazens e es-

(9) Os *Annaes da Bibliotheca Nacional* foram publicados sob a direcção do Sñr. Dr. Ramiz Galvão até ao IX volume *(Catalogo da Exposição de Historia do Brazil)*, e sob a do actual Bibliothecario, Sñr. Dr. João de Saldanha da Gama, o *Supplemento* ao mesmo Catalogo e o outro volume posteriormente dado á luz (X).

conderijos da casa, tinham jazido esquecidas ou desconhecidas, pasto da traça e do cupim e victimas da poeira, da humidade e de outros agentes de destruição, haviam sido salvas de aniquilamento quasi certo, colleccionadas e guardadas no local da Secção de estampas, e uma selecta e numerosa livraria especial, constando de obras classicas sobre iconographia, de monographias, catalogos e livros diversos concernentes a assumptos de bôas-artes, tinha sido adquirida para uso da Secção.

Com taes recursos foi inaugurada a Secção de estampas. O campo a lavrar era vasto; os instrumentos da melhor fabrica; o trabalhador, talvez carecedor de outras bôas partes, era todavia dotado de muito bôa vontade e de amor ao trabalho.

O Sñr. Dr. Ramiz Galvão tinha já feito importantes estudos sobre grande numero de estampas da Bibliotheca Nacional; apesar porém d'este valioso subsidio, póde-se dizer que as riquezas da nossa collecção iconographica continuavam desconhecidas, tanta era a quantidade que d'ellas havia.

Depois de alguns exames e estudos preliminares foi assentado o plano dos trabalhos da Secção de estampas: 1.°, classificação; 2.°, arranjo e collocação; 3.°, limpeza, concerto, restauração e montagem [10].

1.° A classificação é feita segundo o systema adoptado na Bibliotheca Nacional de Paris (J. Duchesne ainé, *Galerie de la Bibliothèque Impériale*, pag. XIII) com ligeiras modificações que pareceram necessarias á nossa. Para facilidade das pesquizas ha tres catalogos em via de organização: por escolas, por materias, alphabetico geral.

(10) Por analogia da significação que dá Aulete ao vocabulo, empregamol-o aqui para designar a acção de collocar uma estampa sobre uma folha maior com o fim de dar-lhe margens facticias ou realçar-lhe a belleza.

a) No *Catalogo por escolas*, o mais desenvolvido, os nomes dos gravadores vão dispostos por ordem chronologica ([11]) de nascimento; e no artigo relativo a cada artista ajunta-se á descripção das estampas por elle gravadas a sua biographia, como neste Catalogo.

b) *Catalogo por materias*, onde todos os assumptos das estampas são mencionados por ordem alphabetica, com indicação dos abridores que as gravaram e remissões ao 1.º

c) *Catalogo alphabetico geral* dos artistas, comprehendendo os nomes de todos os pintores, desenhadores, gravadores, &, mencionados nos dois precedentes catalogos, com as necessarias remissões a estes.

No 1.º catalogo estão até hoje inventariadas ou classificadas ([12]) cêrca de onze mil estampas, no 2.º perto de 2,000 e no 3.º sómente algumas centenas.

2.º Arranjo e collocação. Para accommodação dos fundos da Secção de estampas havia, na epoca do seu estabelecimento, sómente 2 estantes e 2 grandes mesas toscas; naquellas estavam arrumadas a livraria especial sobre iconographia e bôas-artes e as estampas encadernadas em volumes; as estampas avulsas achavam-se mettidas em pastas de diversos tamanhos amontoadas sobre as duas grandes mesas; e a *Collecção Araujense* arranjada do melhor modo possivel no soalho de uma das salas da Secção.

Com os pequenos recursos do seu orçamento ordinario e com uma valiosa consignação extraor-

---

(11) Emquanto não são conhecidas todas as estampas da Secção, esta disposição não é posta em pratica; os nomes dos gravadores se acham por ordem alphabetica, e as escolas promiscuamente reunidas.

(12) Denominamos inventariadas as estampas que estão indicadas apenas com os caracteres principaes, bastantes para as conhecer e distinguir; e classificadas as descriptas por menor, como as d'este Catalogo.

dinaria que o Sñr. Conselheiro Francisco Maria Sodré Pereira lhe concedeu em 1880, quando Ministro do Imperio, pôde a Bibliotheca Nacional prover a Secção de estampas dos principaes moveis, especialmente apropriados ao seu uso: um arcaz com 19 gavetões, uma grande estante, duas vitrinas com estantes na parte inferior e diversas molduras.

Das estampas inventariadas e classificadas as que estavam encadernadas como livros foram collocadas em estantes; as avulsas, em parte mettidas em pastas distribuidas por escolas e arrumadas nos gavetões do arcaz, contendo cada pasta as estampas de um gravador, e em parte expostas.

Quando a Bibliotheca Nacional dispuzer de meios pecuniarios mais avultados e de casa mais espaçosa, todas as estampas avulsas, que estão hoje guardadas em pastas no arcaz, serão convenientemente acondicionadas em encadernações mecanicas especiaes e collocadas em estantes como livros communs.

3.° Para a limpeza, concerto, reparação, montagem, &. das estampas creou-se uma officina em ponto pequeno com os utensilios mais necessarios para fazel-a funccionar.

Este serviço é um dos mais importantes da Secção e demanda, além de conhecimentos especiaes, muita paciencia, geito e delicadeza manual; felizmente para a Bibliotheca Nacional o auxiliar que serve na Secção, Sñr. Antonio Luiz Pinto Montenegro, é dotado de todos estes requisitos e já tem dado copia das suas habilitações nos numerosos trabalhos que tem executado, merecendo ser apontados com especial menção: a limpeza, concerto e restauração das folhas da preciosa *Collecção Araujense*, cujos volumes estão em maxima parte encadernados de modo condigno, e

de quasi todas as estampas agora expostas, principalmente das batalhas de Alexandre, cujo desenho foi admiravelmente restaurado pelo Sñr. Sebastião Augusto Sisson, distincto lithographo francez, mui conhecido entre nós pelos seus trabalhos, o qual com a maior benevolencia se constituiu collaborador gratuito da Bibliotheca Nacional.

Antes de passarmos adiante parece-nos que será bem cabido indicar aqui os seguintes trabalhos litterarios elaborados pela Secção de estampas, publicados nos *Annaes da Bibliotheca Nacional: Dos nigellos*, I, 142 a 149; — *Noël Garnier. Cinco estampas ainda não descriptas*, I, 355 a 362; — *Do Conde da Barca, de seus escriptos e livraria*, II, 5 a 33 e 359 a 403.

ACQUISIÇÕES. As estampas adquiridas pela Secção, depois da sua organização, provém de doações e de compras; d'ellas apontaremos apenas as mais notaveis pelo seu valor artistico ou pelo seu numero.

DOAÇÕES. Em Outubro de 1880 foram offerecidas pelo Sñr. S. A. Sisson á Bibliotheca Nacional cêrca de 60 estampas gravadas em metal, das quaes 25 á agua-forte por Francisco Delessert, e muitas lithographias, entrando nessa conta 15 de Gavarni, antes da lettra.

O Sñr. Jorge Leuzinger, typographo e editor estabelecido no Rio de Janeiro, doou á Bibliotheca Nacional em Fevereiro de 1881 dois grandes albuns, onde tinha cuidadosamente colligido não só as melhores provas das estampas que por sua conta mandara lithographar por diversos artistas no Rio de Janeiro e em Europa, mas tambem alguns dos desenhos originaes por que foram

ellas feitas. Todas estas estampas in-folio montam ao numero de 114.

Em Agosto de 1882 o Sñr. Frederico Antonio Steckel offereceu á Bibliotheca Nacional a serie de 35 estampas gravadas por José Longhi e outros artistas, segundo José Appiani, conhecida pela denominação de *Fastos de Napoleão I.º*, encadernadas em um rico album.

Manda a justiça que façamos aqui confissão publica do agradecimento da Bibliotheca Nacional pelos donativos que generosamente lhe fizeram não só os cavalheiros acima nomeados, como ainda todos os outros cujos nomes com pesar omittimos, mas que ficam perpetuados com veneração nos registros do estabelecimento.

Compras. Em Janeiro de 1877 quatro estampas gravadas a aqua-tinta por Debucourt, de impressão colorida, que, como todas as gravuras d'este artista, vão tornando-se raras, pelo que se vendem a altos preços;

774 estampas, pela maior parte lithographadas, das quaes 397 retratos, quasi todos de brazileiros, compradas ao Sñr. Dr. João Antonio Alves de Carvalho;

Os Caprichos, serie de 80 estampas gravadas á aqua-tinta, de impressão monochromatica por Francisco Goya y Lucientes, compradas em 1878;

Les Œuvres de William Unger, Eaux fortes d'après les maîtres anciens: contendo 160 estampas, até hoje publicadas;

O famoso Missal de Estevão Gonçalves Netto, reproduzido em chromo-lithographia por F. Appel, de Paris, havido pela Bibliotheca Nacional em Junho de 1880;

O Brazil pittoresco, serie de 79 estampas lithographadas por diversos artistas, segundo pho-

tographias de Victor Frond (com lacuna de 2 folhas), adquirido em Novembro de 1880;

46 estampas, em geral raras, de gravadores hollandezes, compradas em Fevereiro de 1881 a Frederico Muller, de Amsterdão, concernentes a assumptos da historia do Brazil no tempo da occupação hollandeza;

6 estampas de Raphael Morghen, havidas em Agosto de 1882;

230 estampas diversas (aquarellas, desenhos, gravuras e lithographias) sobre varios assumptos, compradas ao Sñr. José Rodolpho Marcondes do Amaral em Setembro de 1883;

80 aguas-fortes de Salvador Rosa, compradas a Miguel Navarro y Cañizares em 1884;

A Secção de estampas tambem augmentou a sua livraria especial, enriquecendo-se com obras classicas sobre iconographia, catalogos, monographias, &, que adquiriu por compra.

Exposição Camoneana. — Quando o *Gabinete portuguez de leitura do Rio de Janeiro* commemorou nesta cidade o terceiro centenario do passamento de Luiz de Camões, a 10 de Junho de 1880, não quiz a Bibliotheca Nacional perder o ensejo de prestar publica homenagem de admiração ao principe dos poetas portuguezes e lembrou-se de concorrer com o seu contingente para abrilhantar a festa do grande epico, que escreveu na lingua que tambem é a nossa, fazendo uma Exposição Camoneana.

O Sñr. Dr. Ramiz Galvão teve a fortuna de, em menos de um mez, dirigir e levar a effeito essa exposição, constando: **a**) de differentes edições das obras do poeta (93 numeros); — **b**) de traducções das mesmas em differentes linguas (86 numeros); — **c**) de obras relativas a Camões em

diversas linguas (153 numeros); — **d**) de trabalhos d'arte allusivos ao poeta e ás suas obras (148 numeros; — **e**) de manuscriptos (6 numeros); publicando ao mesmo tempo o *Catalogo da Exposição Camoneana* e a *Memoria sobre o exemplar dos Lusiadas da bibliotheca particular de Sua Magestade o Imperador do Brazil pelo Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha* (n.os 284 e 469 do Catalogo da Exposição Camoneana).

A exposição permaneceu aberta de 10 a 16 de Junho de 1880, tendo á ella affluido grande numero de visitantes, não só meros curiosos e amadores, mas tambem tudo quanto então havia no Rio de Janeiro de mais selecto nas lettras.

A festa da Bibliotheca não desmentiu os intuitos com que fôra projectada e correspondeu dignamente á grandeza do assumpto; assim os applausos que alcançou de doutos e indoutos, nacionaes e extrangeiros, foram unanimes.

EXPOSIÇÃO DE HISTORIA DO BRAZIL. A exposição camoneana suscitou a ideia de uma exposição de historia do Brazil. Quinze dias depois do encerramento d'aquella o incansavel Sñr. Dr. Ramiz Galvão, tendo já organizado a chave da classificação da projectada exposição, metteu mãos á obra e no dia 2 de Dezembro de 1881 logrou inaugural-a no proprio edificio da Bibliotheca Nacional, fazendo apparecer nesse dia o respectivo Catalogo.

« A Exposição de Historia do Brazil, feita pela Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, diz o Sñr. Dr. Ramiz Galvão (*Catalogo da Exposição de Historia do Brazil*, pag. v), é a execução d'um pensamento patriotico do ex.mo sñr. conselheiro barão Homem de Mello. A esse pensamento

demos corpo, propondo ao Governo os meios de realiza-lo, e pondo á disposição de tão nobre causa não só os grandes recursos da Bibliotheca, sinão tambem a actividade e as provadas habilitações dos empregados d'este estabelecimento, com cujo zêlo e patriotismo nos-era licito contar. Não foi illusoria a esperança; a Exposição é um facto na historia do paiz, e o seu catalogo vê hoje a luz da publicidade, para dar aos coevos e vindouros idéa dos nossos trabalhos e do manancial que pudemos reunir. »

Os objectos expostos, livros, mappas geographicos, manuscriptos, pinturas, gravuras, estatuas, moedas e medalhas, foram convenientemente dispostos e arranjados em cinco salas denominadas: *D. Pedro II*, *Ayres de Casal*, *Varnhagen*, *Velloso*, *e Silva Lisboa*, e em duas galerias, tendo cada objecto o seu numero correspondente ao do Catalogo.

O *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil* (IX volume dos *Annaes da Bibliotheca Nacional)*, com 1758 paginas de texto, descreve summariamente 20337 objectos, dos quaes 2782 pertencentes á Secção artistica.

Passando por alto a parte relativa á secção litteraria, alheia ao nosso assumpto, trataremos sómente do que diz respeito á secção artistica, cujo trabalho foi exclusivamente elaborado pela Secção de estampas.

Os objectos descriptos na secção artistica acham-se distribuidos por 6 classes: (XV) *Vistas. Paisagens. Marinhas.;* (XVI) *Historia.*, subdividida em seis periodos e comprehendendo *Retratos (de extrangeiros, que se-prendem á historia do paiz).;* (XVII) *Typos. Usos. Trajes.;* (XVIII) *Genealogia. Heraldica.;* (XIX) *Retratos. Estatuas. Bustos.*, subdividida em 7 §: *Reis de Portugal*, *Principes titu-*

lares do Brazil, Familia Imperial, Ministros de Estado, Corpo legislativo, Series e grupos varios, e *Retratos avulsos.;* (xx) *Historia natural.*, subdividida em 4 §: *Ethnographia, Zoologia, Botanica,* e *Geologia.*

Grato nos é consignar que, durante um mez em que esteve aberta, enorme concurrencia de visitantes honrou a Exposição, que mereceu os elogios dos entendidos e competentes, não sendo a secção artistica a menos aquinhoada do favor publico neste singular certame litterario e artistico, primeiro que se realizava no Imperio e quiçá no mundo.

Com chave de ouro fechou o Sñr. Dr. Ramiz Galvão a carrreira da sua administração, levando a effeito a exposição de historia do Brazil.

Si acaso a lembrança d'esta festa litteraria e o nome do seu organizador viessem um dia a delir-se da memoria dos homens, ahi ficará o *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil*, monumento duradouro para os fazer sempre lembrados e que será o promptuario que ha de servir de guia a quantos se dedicarem ao estudo da historia patria.

Chamado pouco depois a exercer outro cargo, tão honroso quanto melindroso, o Sñr. Dr. Ramiz Galvão foi, a seu pedido, exonerado do de Bibliothecario a 22 de Julho de 1882.

Nos animos dos seus companheiros de lidas litterarias, aos quaes com a sua palavra autorizada, parecer avisado e exemplo de assiduo trabalho dirigia, aconselhava e animava no desempenho das suas funcções, suavisando-lhes ao mesmo tempo com a amenidade do trato as agruras da labutação diaria, deixou o illustre chefe indeleveis saudades; e na opinião publica obteve pela sua

administração intelligente, laboriosa e fecunda ([13]) o cognome de *Restaurador da Bibliotheca Nacional*, titulo que por certo a Historia no seu imparcial juizo não deixará de lhe confirmar.

Para dirigir interinamente a Bibliotheca foi designado o Chefe da Secção de impressos, Sñr. Dr. João de Saldanha da Gama, nomeado depois, por decreto de 28 de Outubro de 1882, Bibliothecario, lugar que até ao presente exerce e de que tomou posse a 31 do mesmo mez e anno.

EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE ICONOGRAPHIA. O projecto de expor permanentemente na Secção de estampas o que havia de mais precioso e raro no escrinio das suas joias artisticas, é de justiça confessal-o, foi idéa do ex-bibliothecario, Sñr. Dr. Ramiz Galvão; os trabalhos porém das exposições Camoneana e de historia do Brazil impediram-no de executar esse projecto, que sómente hoje é posto por obra.

Nas duas salas da Secção de estampas estão expostas as gravuras: umas mettidas em molduras pendentes das paredes, outras accommodadas em duas vitrinas com caixilhos moveis, engenhosamente dispostos, de modo a multiplicar o espaço das mesmas vitrinas, reservado para a Exposição.

O presente Catalogo, vasado nos moldes das obras classicas de iconographia, contém, parece-nos, quanto é necessario para bem apreciar e estudar as estampas expostas. Estão ellas divididas em tres grupos:

1.º, Nigellos; 2.º, Gravuras; e 3.º, Desenhos. Devendo o nigello ser considerado como precursor da gravura, de direito cabe ao que expomos a

---

([13]) Aos trabalhos publicados sob a direcção do Sñr. Dr. Ramiz Galvão, já mencionados, cumpre accrescentar ainda a *A arte de grammatica da lingua brasilica da nação Kiriri, pelo Padre Luiz Vicencio Mamiani* (publicada em 1699), *Rio de Janeiro*, 1877.

precedencia que lhe damos; quanto ás estampas e desenhos, estão distribuidos por escolas, e em cada escola os artistas dispostos por ordem chronologica de nascimento, para que assim possa o leitor melhor seguir e avaliar o gradual desenvolvimento da arte; precedendo á descripção das estampas de cada mestre a historia resumida da sua vida.

Praza a Deus que curiosos e entendidos acolham este tentame da Bibliotheca Nacional com benevolencia e tirem d'elle o gôso e proveito que da sua realização possam advir.

Dr. José Zephyrino de Menezes Brum.

BIBLIOGRAPHIA

DAS ORAS CITADAS NESTE CATALOGO.

Andresen.

Handbuch für Kupferstichsammler... von Dr. Phil. Andreas Andresen. *Leipzig, T. O. Weigel,* 1870-1873, 2 vols. in-8.°

Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. *Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos e Typographia Nacional,* 1876-1883, 10 vols. in-8.° gr. ; publicados sob a direcção do Dr. B. F. Ramiz Galvão até ao IX volume (*Catalogo da Exposição de Historia do Brazil*), e sob a do Dr. João de Saldanha da Gama o *Supplemento* ao mesmo Catalogo e o outro volume posteriormente dado á luz. Obra em via de publicação.

Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro. *Rio de Janeiro, Imprensa Industrial, Typ. do Imperial Instituto Artistico, Typ. Economica de Machado & C.,* 1876-1881, 5 vols. in-4.° gr. Obra em via de publicação.

Arte de grammatica da lingua brazilica da nação Kiriri, composta pelo p. Luiz Vicencio Mamiani... Segunda edição publicada a expensas da Bibliotheca Nacional do Rio de Janero. *Rio de Janeiro, Typ. Central de Brown & Evaristo,* 1877, in-4.°

Assis Rodrigues.

Diccionario technico e historico de pintura, esculptura, architectura e gravura composto por Francisco de Assis Rodrigues... *Lisboa, Imprensa Nacional,* 1875, in-8.°

Aulete. *Diccionario.*

Diccionario contemporaneo da lingua portugueza (por F. J. Caldas Aulete). *Lisboa, Imprensa Nacional,* 1881, in-4.° gr.

B. Vide **Bartsh.**

Barbosa Machado.

Memorias para a Historia de Portugal... escriptas por Diogo Barbosa Machado... *Lisboa, Officina de Joseph Antonio da Sylva* e *Sylvianna*, 1736 – 1751, 4 vols. in-4.° gr.

Bartsch.

Le peintre graveur, par Adam Bartsch. *Vienne, J. V. Degen*, e *Pierre Mechetti, ci-devant Charles*, 1803 – 1821. 21 vols. in-8.° e 1 atlas in-4.°

Basan.

Dictionnaire des graveurs anciens et modernes... par F. Basan... Seconde édition... *Paris*, 1789, 2 vols. in-8.°

Baverel & Malpez.

Notices sur les graveurs qui nous ont laissé des Estampes marquées de Monogrammes, chiffres... (par J. P. Baverel et Malpez). *Besançon, Taulin Dessirier*, 1807 – 1808, 2 vols. in-8.°

Blanc (Ch.).

Histoire des peintres de toutes les écoles... par M. Charles Blanc, ancien Directeur des Beaux-Arts. *Paris, V.ve Jules Renouard; Librairie Renouard, Henri Loones, successeur;* 1863 – 1874 (?), 14 (?) vols. in-4.° gr.

Ch. Blanc. L'Œuvre de Rembrandt décrit et commenté par M. Ch. Blanc... Ouvrage comprénant la reproduction de toutes les estampes du maître exécutées sous la direction de M. Firmin Delangle. *Paris, A. Quantin*, MDCCCLXXX, 1 vol. in folio, com 3 de estampas.

Bocher (E.). *Lancret.*

Les gravures françaises du XVIII.e siècle, ou Catalogue raisonné des estampes, eaux fortes, pièces en couleur, au bistre et au lavis de 1700 à 1800, par Emmanuel Bocher. Quatrième fascicule. Nicolas Lancret... *Paris, Librairie des Bibliophiles (D. Jouast)*, 1877, in-4.° gr.

Br. Vide **Brulliot.**

Brulliot.

Dictionnaire des monogrammes, marques figurées, lettres initiales, noms abrégés etc. par François Brulliot. *Munich, J. G. Cotta*, 1832 – 1834, 3 tomos em 1 só volume, in-4.° gr.

Bryan.

A biographical and critical dictionary of painters and engravers... by Michael Bryan... A new edition, revised... by George Stanley. *London, H. G. Bohn,* 1849, in-8.° gr.

Catalogo de Behague.

Catalogue des estampes... composant la Collection de M. Octave Behague dont la vente aura lieu, rue Drouot... Du... 19 Février au... 3 Mars 1877. *Paris, George Chamerat.* Sem data (1877). in-8.° gr.

Catalogo da Exposição Camoneana realizada pela Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro a 10 de Junho de 1880 por occasião do centenario de Camões. *Rio de Janeiro, Typ. Nacional,* 1880, in-8° gr.

C. E. H. Vide Catalogo da Exp. de Historia do Brazil.

Catalogo da Exposição de Historia do Brazil, realizada pela Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro a 2 de Dezembro de 1881. *Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos,* 1881 – 1883, 3 vols. (com o *Supplemento*), in-8.° gr.

Faz parte dos *Annaes da Bibliotheca Nacional,* com o titulo de volume IX.

Catalogo das obras expostas na Academia das Bellas Artes em 15 de Março de 1879. *Rio de Janeiro, Pereira Braga & C.,* in-8.° peq.

Cyrillo. Vide **Volkmar Machado** (Cyrillo).

Delaborde.

Le Département des estampes de la Bibliothèque Nationale... par le V.te Henri Delaborde. *Paris, E. Plon & C.ie,* 1875, in-8.°

Duchesne ainé. *Galerie de la Bibliothèque Impériale.*

Description des estampes exposées dans la galerie de la Bibliothèque Impériale... par J. Duchesne ainé. *Paris, Simon Raçon et C.ie,* 1855, in-8.° gr.

Duchesne ainé. *Nielles.*

Essai sur les nielles... par Duchesne ainé. *Paris, Merlin,* 1826, in-8.° gr.

Dumesnil (**R.**).

Le Peintre-graveur français... par A. P. F. Robert Dumesnil. *Paris, chez Gabriel Warée... (M.me Huzard; veuve Bouchard Huzart)*, 1835-1850, 8 vols. in-8.° Obra continuada por M.r Duplessis (George) em mais 3 vols., *Paris*, 1865-1871.

Duplessis. *Memoires de Wille.*

Mémoires et journal de J.-G. Wille... publiés d'après les manuscrits autographes... par Georges Duplessis, avec une préface par Edmond et Jules de Goncourt. *Paris, V.e Jules Renouard*, 1857, 2 vols. in-8.° gr.

Duplessis. *P. Graveur.*

Le Peintre graveur français. — Vide **Dumesnil.**

Encyclopédie méthodique... par une Societé de gens de lettres... *Paris, Panckoucke*, 1782-1792; *Agasse*, 1792-1832; 166 vols. in-4.°, com estampas.

Exposição da classe de pintura historica da Imperial Accademia *(sic)* das Bellas-Artes no Anno de 1829. Terceiro anno da sua installação. S. l. *(Rio de Janeiro), R. Ogier*, s. d. (1829). In-4.°

Exposição publica da Classe de pintura historica na Imperial Accademia *(sic)* das Bellas-Artes no Anno de 1830. 4.° anno de sua installação. *Rio de Janeiro, R. Ogier*, s. d. (1830). In-4.°

Firmin-Didot.

Les Drevet (Pierre, Pierre Imbert et Claude). Catalogue raisonné de leur œuvre précédé d'une introduction par Ambroise Firmin-Didot... *Paris, Firmin-Didot et C.ie*, in-8.° gr.

Gallia Christiana.

Gallia Christiana, in provincias ecclesiasticas distributa; qua series et historia archiepiscoporum, episcoporum et abbatum Franciæ vicinarumque ditionum ab origine Ecclesiarum ad nostra tempora deducitur et probatur ex authenticis instrumentis ad calcem appositis. Opera et studio Domni Dionysii Sammarthani... *Lutetiæ Parisiorum, Johannes-Baptista Coignard* e *Typ. regia*, 1715-1785, 13 vols. in-folio.

Gersaint & Bartsch.

Catalogue raisonné de toutes les estampes qui forment l'œuvre de Rembrandt... par les Sieurs Gersaint, Helle, Glomy et P. Yver. Nouvelle édition, entièremente refondue... par Adam Bartsch .. *Vienne, A. Blumaer*, 1797, 2 vols., in-8.°

Goncourt (**E.**). *L'Œuvre de Watteau.*

Catalogue raisonné de l'œuvre peint, dessiné et gravé d'Antoine Watteau par Edmond de Goncourt. *Paris, Rapilly*, 1875, in-8.° gr.

Heineken, *Dictionnaire.*

Dictionnaire des artistes, dont nous avons des estampes, avec une notice detaillée de leurs ouvrages gravés. *Leipsig, Jean-Gottlob-Immanuel Breitkopf*, 1778-1790, 4 vols., in-8.° — Sem nome do autor (Barão de Heineken). A impressão não passou das lettras — D I Z —.

Huber & Rost.

Manuel des curieux et des amateurs de l'art, par Huber et Rost. *Zurich, Orell, Gessner, Fuesslin et Comp.*, 1797-1808, 9 vols., in-8.°

Innocencio. *Diccionario.* Vide **Silva** (Innocencio F. da)

Joubert.

Manuel de l'amateur d'estampes... par F. E. Joubert. *Paris*, 1821, 3 vols., in-8.° gr.

Lalanne.

Dictionnaire historique de la France... par Ludovic Lalanne. *Paris, Hachette et C.ie*, 1872, in-8.° gr.

Larousse.

Grand dictionnaire universel du XIX.° siècle... par Pierre Larousse. *Paris; Librairie classique Larousse et Boyer*, e outras typ., 1866-1878: 16 vols. in-4.° gr.

L. B. Vide **Le Blanc.**

Le Blanc.

Manuel de l'amateur d'estampes, par Charles Le Blanc. *Paris, P. Jannet*, 1850-1857, 9 fasciculos (obra não terminada), in-8.° gr.

Leblanc. *Catalogue de l' Œuvre de Wille.*

Le graveur en taille-douce. — Catalogue de l'œuvre de J. G. Wille, par Charles Leblanc. *Leipzig, Robert Strange*, 1848, in-8.°

Lefebre.

Opera selectiora, quæ Titianvs Vecellivs Cadvbriensis, et Pavlvs Calliari Veronensis inventarunt, ac pinxerunt, quæque Valentinvs Le Febre Bruxellensis delineavit et scvlpsit: Christianissimo Lvdovico Magno Franciæ et Navarræ Regi invictissimo sacrat vovet Jacobvs Van Campen. MDCLXXXII· S. l. In-folio.

A Bibliotheca Nacional possue d'esta edição (2.ª) um exemplar, na célebre *Collecção Araujense.*

Loftie. *Beham.*

Catalogue of prints and etchings of Hans Sebald Beham, Painter, of Nuremberg, citizen of Frankfort, 1500 - 1550 (Por W. J. Loftie). *London, Noseda*, 1877, in-8.°

Magasin pittoresque (Le), XIX.me année, *Paris*, 1851; — XXVII année, *Paris*, 1859.

Mariette.

Abecedario de P. J. Mariette et autres notes inédites de cet amateur sur les arts et les artistes, ouvrage publié d'après les manuscripts autographes, conservés au Cabinet des estampes de la Bibliothèque Impériale, et annoté par MM. Ph. de Chennevières et A. de Montaiglon. *Paris, J. B. Dumoulin*, 1851 - 1860, 6 vols. in-8.°

Meaume (E.).

Recherches sur la vie et les ouvrages de Jacques Callot... par Edouard Meaume... *Paris, V.e Jules Renouard*, 1860, 2 vols. in-8.° gr.

Memoria sobre o exemplar dos Lusiadas da bibliotheca particular de Sua Magestade o Imperador do Brazil pelo Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, publicada a expensas da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro por occasião do centenario de Camões. *Rio de Janeiro, Typ. Nacional*, 1880, in-4.°

Occorre tambem no volume VIII dos *Annaes da Bibliotheca Nacional.*

Moreira de Azevedo (Dr.). — *O Rio de Janeiro.*

O Rio de Janeiro, sua historia, monumentos, homens notaveis, usos e curiosidades pelo Dr. Moreira de Azevedo. *Rio de Janeiro, B. L. Garnier, livreiro editor (typ. Cosmopolita),* 1877, 2 vols. in-4.°

Nagler. *Lexicon.*

Neues allgemeines Künstler-Lexicon... Bearbeitet von Dr. G. K. Nagler. *Munich, E. A. Fleischmann,* 1835 - 1852, 22 vols. in-8.° gr.

Nagler. *Monogrammisten.*

Die Monogrammisten und diejenigen bekannten und unbekannten Künstler aller Schulen... bearbeitet von Dr. G. K. Nagler. *Munich, George Franz,* 1858 - 1870 (?), 4 (?) vols. in-8.° gr. (obra não terminada?).

Naumann. — *Archiv.*

Archiv für die zeichnenden Künste mit besonderer Beziehung auf Kupferstecher und ihre Geschichte (Archivos das artes do desenho, occupando-se principalmente da historia dos gravadores em cobre e em madeira).... Herausgegeben von Dr. Robert Naumann... unter Mitwirkung von Rudolph Weigel... *Leipzig, Rudolph Weigel,* 1855 - 1870, 16 (?) vols. in-8.° gr. Obra em via de publicação (?).

Novo almanack de lembranças luzo-brazileiro para o anno de 1884. *Lisboa, Lallemant Frères,* 1883, in-16.°

Ottley.

An inquiry into the origin and early history of engraving upon copper and in wood... by W. Young Ottley. *London, John and Arthur Arch,* 1816, 2 vols. in-4.° gr., com estampas.

Pas. Vide **Passavant.**

Passavant. *P. Graveur.*

Le peintre-graveur, par J. D. Passavant. *Leipsig, Rudolph Weigel,* 1860-1864, 6 vols. in-8.° gr.

Passavant. *Raphael.*

Raphael d'Urbin et son Père Giovanni Santi par J. D. Passavant... Édition française... revue et annotée par M. Paul Lacroix... *Paris, V.ve Jules Renouard, éditeur (P. A. Bourdier et C.ie),* 1860, 2 vols. in-8.° gr.

Raczynski. *Dictionnaire.*

Dictionnaire historico-artistique du Portugal pour faire suite à l'ouvrage ayant pour titre: Les Arts en Portugal, Lettres adressées à la Société artistique et scientifique de Berlin et accompagnées de documents; par le Comte A. (thanase) Raczynski. *Paris, Jules Renouard & C.ie*, 1847. In-8.°

Raczynski. *Lettres.*

Les arts en Portugal, Lettres adressées à la Société artistique et scientifique de Berlin, et accompagnées de documents par le Comte A. (thanase) Raczynski. *Paris, J. Renouard & C.ie*, 1846. In-8.°

Relatorio apresentado á Assembléa Geral Legislativa na quarta sessão da decima quinta legislatura pelo Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio Dr. João Alfredo Correa de Oliveira. *Rio de Janeiro, Typ. Nacional*, 1875, in-folio.

Réveil & Ménard.

Musée de peinture et sculpture... dessiné et gravé à l'eau forte par Réveil avec des notes descriptives, critiques et historiques par Louis et Réné Ménard. *Paris, V.e A. Morel & C.ie*, 1872, 10 vols. in-18.°

Revista trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil. *Rio de Janeiro*, em diversas typ., 1839–1883, 46 tomos, in-4.°

Revue britannique... 59.me année, n.° 5, Mai 1883. *Paris (Hennuyer)*, 1883.

Rocha Pitta.

Historia da America portugueza... composta por Sebastião da Rocha Pitta... *Lisboa, Officina de Joseph Antonio da Silva*, 1730, in-fol.

Sadeler. *Recueil.*

Recueil d'estampes, d'après Raphael, Titien, Carache, Baroche, Polydore, et autres, et principalement d'après Martin Devos, gravés par les celebres Sadeler. Contenant plus de cinq cents estampes. *Paris, Laurent Cars*, 1748, 2 tomos in-folio maximo (648 millimetros de altura, 475 millimetros de largura).

O exemplar da Bibliotheca Nacional está encadernado em um volume; com o ex-libris de Diogo Barbosa Machado.

O 1.° tomo consta da folha de rosto e de 104 folhas com 272 estampas; e o 2.° da folha de rosto e de 105 folhas com 224 estampas: são portanto 496 estampas, e não para mais de 500, nem todas dos Sadeleros.

Parece que o editor d'esta collecção, aliás tambem gravador, tendo mais em vista os interesses do mercador do que os da arte, imprimiu e publicou estas estampas sem methodo, sem criterio e quiçá até com má fé: é assim que na mesma folha occorrem ás vezes estampas de series differentes, ou então vêm impressas em 1.° lugar estampas que por ordem chronologica de assumptos deveriam occorrer depois; e são incluidas na collecção *dita* dos celebres Sadeleros gravuras que, embora cópias das suas, são obras de outros artistas, como por exemplo as series: *Selvas Sagradas*, abertas por João Merlo e Jacob Piccini, e o *Trophéo da vida solitaria*, gravado por João Merlo.

Sainte-Marthe (Dionysio). — Vide **Gallia Christiana.**

Silva (Innocencio Francisco da).

Diccionario bibliographico portuguez, estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil. *Lisboa, Imprensa Nacional,* 1858–1883, 10 vols. In-8.° gr.

Soares de Souza (Gabriel).

Tratado descriptivo do Brazil em 1587, obra de Gabriel Soares de Souza... Edição castigada... e accrescentada... por Francisco Adolpho de Varnhagen. *Rio de Janeiro,* 1851. — Apud *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil,* vol. XIV, 1851.

Sousa.

Historia genealogica da Casa Real Portugueza desde a sua origem até o presente, com as familias illustres, que procedem dos Reys e dos Serenissimos Duques de Bragança... por D. Antonio Caetano de Sousa. *Lisboa, José Antonio da Silva* e *Officina Sylviana,* 1735–1749; 19 tom. in-fol. (inclusos os 6 das *Provas* e 1 do *Indice geral).*

Taborda.

Regras da arte da pintura... escriptas na Lingua Italiana por Michael Angelo Prunetti. Dedicadas ao... Marquez de

Borba... por José da Cunha Taborda... Accresce Memoria dos mais famosos Pintores Portuguezes, e dos melhores Quadros seus que escrevia o Traductor. *Lisboa, Impressão Regia,* 1815, in-4.°

Teixeira de Mello (**Dr.**).

Ephemerides nacionaes colligidas pelo Dr. J(osé) A(lexandre) Teixeira de Mello e publicadas na Gazeta de Noticias. *Rio de Janeiro, Typ. da Gazeta de Noticias,* 1881, 2 vols., in-8.° gr. a duas col.

Teixeira Pinto (Bento).

Prosopopea por Bento Teixeira. Reproducção fiel da edição de 1601 segundo o exemplar existente na Bibliotheca Nacional e Publica do Rio de Janeiro. *Rio de Janeiro, Typ. do Imperial Instituto Artistico,* 1873, in-4.°

Thausing.

Albert Dürer, sa vie et ses œuvres par Moriz Thausing, traduit de l'allemand avec l'autorisation de l'auteur par Gustave Gruyer... *Paris, Firmin Didot & C.ie,* 1878, in-4.° gr.

Trusler.

The Works of William Hogarth... by the Rev. John Trusler and others... *London, The London Printing and Publishing Company,* s. d. (1833?), in-fol.

Van-Dyck.

Le cabinet des plus beaux portraits de plusieurs Princes et Princesses, des Hommes illustres, Fameux Peintres, Sculpteurs, Architectes, Amateurs de la Peinture & autres, faits par le fameux Antoine Van Dyck... Lesquels l'Autheur mesme a faict Graver à ses propres despens par les melieurs Graveurs de son temps. *A Anvers, chez Henry & Corneille Verdussen...* (sem data). In-folio.

Vapereau.

Dictionnaire universel des contemporains... par G. Vapereau. *Paris, Hachette & C.ie,* 1870. 1 vol. in-8.°

Varnhagen.

Historia geral do Brazil... pelo Visconde de Porto Seguro (Francisco Adolpho de Varnhagen)... 2.ª edição... *Rio de Janeiro, em casa de E. & H. Laemmert (Vienna, Imprensa do Filho de Carlos Gerold),* sem data (1876), 2 vols. in-8.° gr.

Vieira Lusitano (Francisco de Mattos Vieira, dito).

O insigne pintor e leal esposo Vieira Lusitano, Historia verdadeira, que elle escreve em Cantos Lyricos... *Lisboa, Officina Patriarchal de Francisco Luiz Ameno*, 1780. In-8.°, com os retratos do autor e de sua mulher em uma só estampa.

. **Villot.**

Notice des tableaux exposés dans les galeries du Musée Impérial du Louvre par Frédèric Villot... 3.° partie. Ecole française. 3.° édition. *Paris, Charles de Mourgues Frères*, 1864. In-12.

Volkmar Machado (Cyrillo).

Collecção de memorias relativas ás vidas dos pintores, e escultores, architectos, e gravadores portuguezes, e dos Estrangeiros, que estiverão em Portugal, recolhidas, e ordenadas por Cyrillo Volkmar Machado... *Lisboa, Victorino Rodrigues da Silva*, 1823, in-4.°

Weigel.

Supplements au Peintre-Graveur de Adam Bartsch, recueillis et publiés par Rudolph Weigel... *Leipzig, R. Weigel*, 1843, in-12.°

Wolf.

Le Brésil littéraire. Histoire de la littérature brésilienne... par Ferdinand Wolf... *Berlin, A. Asher & C.°*, 1863, in-8.° gr.

Zani.

Enciclopedia metodica critico-ragionata delle belle arti dell'Abate D. Pietro Zani. *Parma, Typ. Ducale*, 1819–1824, 28 vols. in-8.° gr.

CATALOGO

I

NIGELLOS

ANONYMO I.

N.° 1. — O triumpho de Galathéa, segundo Raphael.

Galathéa, em pé, com o rosto voltado para a direita, dentro de uma grande concha com rodas, puxada por dois golphinhos que se encaminham para a esquerda, vem acompanhada de tritões e nereidas e precedida por um Amor, que segura com as mãos as barbatanas peitoraes de um dos golphinhos, parecendo como que o querer dirigir.

No ar voam mais quatro Amores, tres dos quaes despedem settas contra os tritões e nereidas, e um quarto carrega um feixe de settas. O fundo do nigello está coberto de talhos cruzados. Em baixo, á esquerda, acha-se a taboleta em branco de M. A. Raimondi (Vide o n.° 42 da taboa dos monogrammas, &).

Cópia invertida da estampa de M. A. Raimondi, n.° 350 de B. (XIV, 262); sem marca ou monogramma do copista, nem data.

Altura, 88 millimetros; largura, 62 millimetros.

D'este nigello, que aliás tem os caracteristicos proprios de taes provas de impressão, descriptos por Duchesne ainé, *Nielles*, ás paginas 84 e seguintes, diz o mesmo autor, á pagina 225 da dita obra: « O triumpho de Galathéa, que Raphael pintou no Vaticano, foi gravado por Marco Antonio, e este nigello é sem duvida uma cópia feita segundo a estampa d'este gravador, pois que traz a sua taboleta. Mas por ter o fundo coberto de talhos cruzados, deve esta peça ser considerada como prova de um nigello, provavelmente dos mais modernos, visto como o uso das alfaias d'esta natureza cessou inteiramente, segundo affirma Cellini, desde o principio do XVI seculo. »

Passavant, *P. Graveur*, n.° 236, vol. I, pag. 279, diz que Zanetti conta somente quatro exemplares d'este nigello, impressos em papel; podemos pois addicionar que hoje é conhecido mais um quinto, o exposto na Bibliotheca Nacional.

Vide *Annaes da Bibliotheca Nacional*, artigo « Dos Nigellos », I, pp. 142 e seguintes.

II

GRAVURAS

II

GRAVURAS

ESCOLA ITALIANA

MANTEGNA (André)

André Mantegna, pintor e gravador a buril, nascido em Padua em 1431 e fallecido em Mantua a 15 de Setembro de 1506, foi a principio pastor, mas a sua propensão para as artes de imitação o levou a empregar os seus lazeres em desenhar os objectos, que lhe impressionavam a vista. Francisco Squarcione, cognominado *o pae dos pintores*, tendo conhecimento d'esta aptidão de A. Mantegna, tomou a seu cargo a sua educação e tamanha amizade lhe teve, que acabou por adoptal-o por filho e instituil-o seu herdeiro.

A. Mantegna não foi por certo o inventor da gravura, mas não é menos verdade que contribuiu para o incremento d'esta arte, então na infancia; Bartsch, referindo-se a autores que não cita, diz ter sido elle o primeiro que exerceu a gravura em Roma, e accrescenta que, nesta hypothese, devia ter começado a gravar no anno de 1484.

As estampas de Mantegna são notaveis pelo gosto e correcção do desenho; outro tanto porém se não pode dizer da sua maneira de gravar, com sombras executadas por traços parallelos, duros, e não por traços cruzados *(hachures)*.

Como pintor, A. Mantegna é ainda hoje muito estimado pelo conjuncto das suas boas partes: desenho correcto, judiciosa ordenação, excellente harmonia, conhecimento da perspectiva e do escorço e viveza do colorido.

A. Mantegna foi, pelos seus merecimentos, protegido por Luiz de Gonzaga, Duque de Mantua, que o nomeou cavalleiro, e pelo Papa Innocencio VIII.

N.º 2. — Jesus Christo descendo ao limbo.

No meio, o Salvador, visto pelas costas, com uma bandeira na mão esquerda, á porta do limbo; á esquerda, o bom ladrão, de pé, segurando uma grande cruz; á direita, 2 anciãos e uma mulher; e no alto da estampa, 3 demonios, dois dos quaes tocando trombeta.

No vão da porta, á esquerda de Jesus Christo, vêem-se duas figuras, uma a meio corpo e a outra mostrando somente a cabeça.

Bellissima estampa, muito rara.

O exemplar exposto está um pouco mutilado; as dimensões indicadas são pois as maiores encontradas:

Altura, 431 millimetros; largura, 333 millimetros.

N.º 5 de B. (XIII, 231).

Da Real Bibliotheca.

CADUCEU (Mestre do)

N.º 10.

Diversos são os nomes dados a este artista: uns erradamente o chamam *Francisco de Babylonia;* outros, em consequencia do lugar do seu nascimento e prolongada morada em Veneza, dão-lhe o nome de *Jacob Walch* (*Italiano*) ou *Jacob de Veneza;* estes o de *Jacometto;* e finalmente aquelles o de *Jacob de Barberino*, *Jacob de Barbaris* ou *de Barbarj*. Comquanto elle proprio se tenha assignado em um quadro existente na Galeria de Augsburgo *Jac.º de Barbarj P. 1504*, com a marca do Caduceu, e em um recibo, escripto em italiano, passado em 1510 a Diogo Flores, thesoureiro de Margarida d'Austria, *Jacobus de Barbaris*, tambem com o Caduceu, nem por isso é certo, segundo Passavant, *Le Peintre Graveur*, que o verdadeiro appellido de familia do artista seja esse, porquanto tendo elle angariado a protecção da distincta familia veneziana *Barberi* ou *Barberini*, é possivel que esta lhe tivesse permittido tomar o seu nome, como então succedia em Italia; seja porém como fôr, em iconographia o artista é geralmente conhecido pela denominação de *Mestre do Caduceu*.

Sobre outros pontos da sua vida têm havido tambem controversias; e apesar das pesquizas até hoje feitas, persistem

ainda duvidas e incertezas: assim tem-se-lhe dado por patria a Allemanha, a Hollanda, a França e a Italia; a data do seu nascimento não é conhecida com exactidão; e o lugar e data da sua morte são inteiramente ignorados. A este respeito o que se tem podido apurar é que: nascêra cêrca de 1450, indubitavelmente em Veneza; em 1.° de Março de 1511 ainda vivia, como consta de um acto de Margarida d'Austria, Governadora dos Paizes-baixos, concedendo-lhe nessa data uma pensão annual de cem libras, em attenção aos seus bons e continuos serviços e á sua debilitação e velhice; a 17 de Julho de 1516 já era fallecido, porque no inventario, então feito, dos quadros, livros, joias e moveis, que possuia a mesma Margarida d'Austria no seu palacio de Malinas, se faz menção de varios quadros pintados pelo *finado* Mestre Jacob de Barbaris; e que fôra pintor a oleo e em miniatura, nigellador, esculptor e gravador a buril e em madeira.

Por muito tempo viveu em Veneza o Mestre do Caduceu, considerado e estimado, trabalhando principalmente como pintor; pouco antes de 1495 fez uma viagem a Norimberga, onde conheceu e tratou de perto com Alberto Durero, voltando depois á sua patria não se sabe quando.

Segundo opinião, que prevaleceu por muito tempo, foi-se, em 1506, aos Paizes-baixos, em companhia do Conde Philippe de Borgonha, passando por Norimberga; Carlos Ephrusi porém (*Gazette des beaux-arts*, XIII do 2.° periodo, pp. 378 e seguinte) nega estes factos e data; entretanto não é menos certo que o nosso artista fôra chamado por este principe aos Paizes-baixos, que ahi residira por longo tempo, fazendo muitos trabalhos para o dito Conde e para Margarida d'Austria.

As gravuras abertas em metal pelo Mestre do Caduceu, umas no gosto allemão, outras no italiano, revelam mão habil em manejar o buril; a maneira porém por que são gravadas é muito desigual. Esta desigualdade tem facil explicação: alternadamente sujeito á influencias diversas e até contradictorias, á de João Bellini, de André Mantegna e dos Allemães, não possuindo o condão de imprimir ás concepções alheias certo cunho de originalidade, apanhando aqui e acolá o que estava nas forças do seu talento, o Mestre Caduceu nunca teve uma maneira inteiramente pessoal, nem podia deixar de ser desigual, como todos os artistas que, por mais habeis que sejam, substituem a inspiração pela experiencia, imitam antes obras alheias do que cream composições proprias. Deve-se ainda observar que, em muitas estampas, a maneira de gravar do nosso artista se approxima da de Alberto Durero, principal-

mente nas primeiras obras d'este mestre; o que é talvez devido antes a terem ambos bebido na mesma fonte (Martim Schongauer?), do que a ter um d'elles imitado o outro.

A obra gravada do Mestre do Caduceu consta de 30 estampas abertas em metal: 24 descriptas por Bartsch e 6 por Passavant, *Peintre graveur*, e de um xylographia, o famoso plano de Veneza, gravado em 6 pranchas, de 1478 a 1500. Esta gravura é, ao que parece, a mais antiga das suas estampas conhecidas; traz a data de 1500; e mede 2,m83 de altura e 1,m36 de largura, quando todas as suas folhas estão reunidas. Passavant, *Peintre graveur*, attribue ao nosso artista mais duas xylographias (n.os 31 e 32); Emilio Galichon porém (*Gazette des beax-arts*, XI do 1.º periodo, pag. 457) é de opinião que essas estampas não são obra do Mestre Caduceu, visto como nada têm do seu estylo e maneira.

O Mestre do Caduceu é, apesar dos seus senões, considerado como um dos mais famosos gravadores do seu tempo; as suas gravuras são com razão estimadas pelo seu merecimento e raridade.

Vide: Bartsch, VII, pp. 516–527; Passavant, *Peintre Graveur*, III, pp. 134–143; *Gazette des beaux-arts*, XI do 1.º periodo, pp. 311–320, 445–459; VIII do 2.º periodo, pp. 223–230; e XIII do 2.º periodo, pp. 363–382.

N.º 3. — A Sacra Familia.

Ao pé de uma arvore, no meio da estampa, a Virgem Santissima, assentada, tem a mão direita sobre um livro aberto, e com a esquerda achega a si o Menino Jesus, que está em pé junto d'ella. Por detraz e á esquerda da Virgem, vê-se uma Santa mulher, em pé; e á esquerda d'esta um anjo tocando guitarra. Um pouco aquem d'este grupo: perto de uma arvore, á direita, S. José, voltado para a esquerda, segurando com as duas mãos uma espada, cuja ponta assenta no chão, parece prestar attenção ao toque da guitarra; á esquerda, uma fonte de madeira.

A marca do gravador (n.º 10 da Taboa dos monogrammas,) occorre em cima, á esquerda. Sem data.

Altura, 155 millimetros; largura, 191 millimetros.

N.º 5 de B. (VII, 518); N.º 6 de L. B. (I, 143).

Estampa rarissima e muito bella, que pertenceu á Real Bibliotheca.

MONTAGNA (Benedicto)

Benedicto Montagna, pintor e gravador a buril, nasceu em Vicencia; a data do seu nascimento é duvidosa: uns a dizem desconhecida, emquanto outros a mencionam com precisão, ainda que discordando entre si, 1458 (Huber & Rost), 1516 (Basan); parece porém certo que floresceu no começo do XVI seculo; e morreu em Veronna em 1530. B. Montagna trabalhou durante quasi toda a sua vida em Veneza, tomando por modelos, na pintura, a João Bellini, e na gravura, a Marcos Antonio Raimondi.

As estampas de Benedicto Montagna são duras, talvez por terem sido abertas no começo da arte da gravura em Italia, e muito raras.

N.º 4. — S. Paulo o Eremita.

Á esquerda, S. Paulo, de pé, encostado a uma arvore, com um livro na mão direita, fazendo com a esquerda um aceno, contempla S. Antão, morto, á direita, visto pelas costas, sentado, com o braço direito sobre uma pedra, á entrada da gruta em que morava. No 2.º plano: o mar e alguns barquinhos.

Sem data, nem assignatura do gravador.

Altura, 195 millimetros; largura 171 millimetros.

N.º 42 de Pas., *P. Graveur* (v, 156).

Da Real Bibliotheca.

RAIMONDI (Marcos Antonio)

N.º 5. N.º 42.

Marcos Antonio Raimondi, mais conhecido por *Marco Antonio* ou *Marcantonio*, ourives, desenhador e gravador a buril, nasceu em 1487 ou 1488, em Bolonha, onde falleceu pelo anno de 1539.

Aprendeu o desenho e a gravura com Francisco Raibo-

lini, dito *Francia*, ourives e pintor, para quem trabalhou obras de nigello, em cujo exercicio se familiarizou com o manejo do buril e com os principios e pratica de gravar a talho-doce. As suas relações com Francia duraram muitos annos e foram tão intimas, que M. A. Raimondi foi cognominado *Marco Antonio di Francia.* De Bolonha passou-se para Veneza, onde viu pela primeira vez a *Pequena Paixão* de A. Durero, da qual fez uma cópia em aço, imitando exactamente a maneira das xylographias do grande mestre allemão; de Veneza passou-se para Roma. Nesta cidade travou relações com Raphael, captando-lhe em breve as bôas graças; assistido dos seus conselhos, gravou muitas composições d'este mestre e até diz-se que este gravava os contornos nas chapas que o discipulo abria, para que o desenho d'ellas fosse reproduzido com toda a fidelidade.

Depois da morte de Raphael, Julio Pippi, cognominado *Romano,* empregou M. A. Raimondi em reproduzir pela gravura as suas composições, d'entre as quaes uma serie de 20 estampas sobre assumptos lascivos, ditas *As posturas,* acompanhadas de sonetos, tanto ou ainda mais livres que as estampas, compostos por Pedro Aretino. Por causa d'esta serie incorreu Marco Antonio no desagrado do Papa Clemente VIII, que o mandou encarcerar, sendo afinal posto em liberdade pela intercessão do Cardeal Julio de Medicis e do pintor Baccio Bandinelli. *O martyrio de S. Lourenço,* que M. A. Raimondi gravou segundo o mesmo Bandinelli, em gratidão ao serviço que este lhe prestára, agradou tanto ao Papa, que se constituiu desde então protector do gravador.

Á tomada e saque de Roma pelos Hespanhoes, em 1527, M. A. Raimondi perdeu todo o seu haver, o que o obrigou a tornar para Bolonha, onde viveu retirado até fallecer.

Marco Antonio, emulo de Alberto Durero e de Lucas de Hollanda, foi o primeiro gravador italiano que elevou a sua arte á perfeição até então desconhecida em Italia, principalmente nos assumptos que gravou segundo Raphael. A reputação d'este famoso gravador, espalhada não só pela Italia, como tambem por outras partes da Europa, attrahiu á sua escola muitos discipulos: Agostinho Veneziano, Marcos de Ravenna (os mais notaveis), o Mestre do dado, Julio Bonasone, Jacob Caraglio (João), Eneas Vico, os Ghisis, Nicolau Beatricio, Bartholomeu Beham, Jacob Binck e Jorge Pencz.

As estampas de M. A. Raimondi são muito desiguaes; e podem, segundo a maneira por que foram gravadas, ser divididas em quatro classes: nas duas primeiras devem ser incluidas as que gravou em casa de Francia, as quaes são

desenhadas sem muito gosto, por vezes incorrectamente, abertas com buril secco e duro, talhos mal ordenados e estreitos; as da 3.ª classe, executadas na pujança do talento do artista, pela maior parte segundo Raphael, são notaveis pela graça, expressão e correcção do desenho e pela nitidez, bom gosto e delicadeza do buril; as da 4.ª finalmente, gravadas nos ultimos annos da vida do artista, são um pouco inferiores ás da 3.ª classe (Vide B., XIV pp. IX a XI).

Marco Antonio trabalhou desde 1505 até ao anno em que falleceu.

N.º 5. — A Virgem Santissima sentada em um throno, segundo Raphael, ou discipulo da sua escola.

A Virgem assentada em uma cadeira, cujos pés representam patas de leão, pousa a mão direita sobre um livro fechado, e com a outra segura o Menino Jesus, sentado no seu regaço.

Por detraz da cadeira vê-se uma cortina, como servindo-lhe de espaldar, e mais além um parapeito; no 2.º plano, uma paizagem com casaria.

A gravura não está acabada; as duas extremidades superiores da cortina e a pata do leão (á esquerda) estão abertas sómente a traço. Ao dizer de Passavant, a razão por que M. A. Raimondi não terminou esta obra, foi por se ter desgostado d'ella. Sem data, marca ou monogramma.

Altura, 176 millimetros; largura, 131 millimetros.

N.º 46 de B. (XIV, 52); N.º 19 de Passavant, *P. Graveur* (VI, 15).

Da Real Bibliotheca.

N.º 6. — O julgamento de Páris, segundo Raphael.

Páris, de perfil para a direita, sentado á esquerda da estampa, entrega o pomo a Venus, em pé diante d'elle, entre Juno, que o ameaça com a sua vingança, fazendo para elle um gesto com a mão direita, e Pallas, que se vê de costas, já tratando de embuçar-se no seu manto. Por sobre as cabeças

de Venus e Pallas, um genio alado, que adeja no ar, trata de pôr na cabeça da vencedora uma corôa de loureiro, que tem na mão direita; perto de Venus o Amor afagando-a; entre Páris e o grupo das contendoras, Mercurio dispondo-se a levar a nova aos deuses no Olympo; por detraz de Páris, na extrema esquerda da estampa, tres nymphas; e em baixo, á direita, dois Rios e uma Nayade, sentados no chão. No alto vê-se: no meio, precedido por Castor e Pollux, montados a cavallo, o Sol na sua quadriga, cercado dos signos do zodiaco; e na extrema direita, Jupiter, com a sua aguia, acompanhado por Ganymedes, Diana e outra deusa, são transportados no ar por um Vento. Em baixo lê-se: « SORDENT PRAE FORMA / INGENIVM. VIRTVS. / REGNA AVRVM », em uma taboleta, á esquerda; e « RAPH. VRB (e não VRBI) / (monogramma n.° 5 da Taboa dos monogr.) INVEN », um pouco para a direita. Sem data.

A estampa exposta, além dos precedentes caracteres descriptos pelos iconographos, apresenta a seguinte differença: a pequena porção do panno, perto da mão direita da figura que representa o Vento, está gravada sómente a traço e não sombreada.

Altura, 434 millimetros; largura, 293 millimetros.

N.° 245 de B. (XIV, 197), 1.° estado, não descripto.

Esta estampa é das mais perfeitas do buril de Marcos Antonio Raimondi. Para fazer sobresahir os claros da gravura, o artista passou pedra-pomes na chapa, depois de aberta; as estampas impressas pela chapa assim trabalhada apresentam um effeito de claro-escuro muito notavel. Nas primeiras provas, a cujo numero pertence a estampa exposta, descobrem-se facilmente os traços da pedra-pomes em muitos lugares (Vide Passavant, *Peintre-Graveur*, n.° 137, á pp. 25 e 26 do VI).

Um soberbo exemplar d'esta bellissima gravura foi vendido em Paris, em 1875, no leilão da collecção de Emilio Galichon por 6705 francos.

Da Real Bibliotheca.

MUSI (AGOSTINHO DI), dito *O Veneziano*

Agostinho di Musi ou de Musis, mais conhecido por *Agostinho Veneziano*, desenhador e gravador a buril, nasceu em Veneza cêrca do anno de 1490 e falleceu em Roma pelo anno de 1540 (Huber & Rost). Os autores não mencionam quem foi o primeiro mestre de Agostinho Veneziano; entre-

tanto é certo que em 1516 já elle trabalhava em Florença, onde gravou uma estampa (n.° 40 de B., no vol. XIV, pp. 45-46), segundo André del Sarto. D'esta cidade passou-se A. di Musi á Roma e ahi trabalhou sob a direcção de Marcos Antonio Raimondi, cuja maneira de gravar imitou, por vezes mui felizmente. Foi na escola d'este mestre que travou relações com Marcos de Ravenna, com quem se associou, para gravarem juntos; depois de 1520, porém, separou-se d'elle e cada qual trabalhou por conta propria.

As estampas de Agostinho Veneziano, abertas com buril fino, são por vezes incorrectas no desenho, o que não obsta que elle seja considerado como um dos mais distinctos gravadores do seu tempo. A. di Musi floresceu de 1509 a 1536 (datas extremas que se encontram nas suas estampas).

N.° 7. — A batalha do terçado, segundo Julio Pippi, dito *Romano*.

A estampa representa os Carthaginezes combatendo contra os Romanos ao mando de Scipião. Por toda a parte cavalleiros batem-se com soldados a pé; á esquerda: no 1.° plano, jaz no chão um homem morto e junto d'elle um terçado, do qual a estampa tirou a denominação por que é conhecida, e no fundo, uma cidade ardendo em chammas.

As lettras « *·A·V·* » occorrem escriptas em uma taboleta, que se vê no chão em baixo, á direita. Sem data.

Altura, 337 millimetros; largura, 463 millimetros.

N.° 212 de B. (XIV, 173); N.° 40 de Passavant, *P. Graveur* (VI, 55).

Cópia invertida, cuidadosamente aberta, da estampa n.° 211 de B. (XIV, 172), gravada por Marco Antonio (?) ou por Marcos de Ravenna (?).

Da Real Bibliotheca.

N.° 8. — O guerreiro, segundo Raphael.

Nú, marchando para a direita, com o rosto voltado para esquerda, para onde aponta com o braço direito estendido, embraçando um escudo redondo no esquerdo, do qual pende um manto curto que lhe cahe sobre as costas. No 1.° plano,

á direita, uma cepa de arvore; e no 2.º, vista de mar com barcos.

Sem subscripção, monogramma ou marca do gravador e sem data, no corpo da estampa.

Altura, 155 millimetros; largura, 103 millimetros.

N.º 461 de B. (XIV, 243); N.º 106 de Passavant, *P. Graveur* (VI, 61), o qual diz a respeito d'esta estampa: «O desenho com certeza não é de Raphael e os talhos muito magros dão ensejo a que se duvide si se deve attribuir a execução d'ella a Agostinho Veneziano.»

A estampa exposta tem as margens mutiladas. Pertenceu á Real Bibliotheca.

GHISI (João Baptista), dito *O Mantuano.*

I·B·M·

N.º 1.

João Baptista Ghisi, dito *Bertano* ou *Britano*, e tambem *Mantuano*, foi architecto, esculptor, pintor e gravador a buril e o chefe de uma familia de artistas, que tomaram todos o sobrenome patrio de *Mantuano.*

Reina a maior incerteza a respeito das datas de sua vida: para o nascimento encontram-se 1491 (Joubert, II, 81), 1500 (Huber & Rost), 1503 (Le Blanc), 1515 (Brulliot e Bartsch), e quanto á data da morte diz Bartsch que é absolutamente desconhecida; entretanto Le Blanc affirma que João Baptista Ghisi morreu em 1575. Este artista teve por mestres Julio Pippi, dito *Julio Romano*, e Marcos Antonio Raimondi. Joubert (II, 81) nega que Julio Romano tivesse sido mestre de J. B. Ghisi, allegando que este, nascido em 1491, não podia ter sido discipulo d'aquelle, que veio ao mundo um anno depois; como porém a data do nascimento de J. B. Ghisi pode ser 1515, este argumento de Joubert póde não ser de todo concludente.

O seu desenho é correcto, e a sua maneira de gravar assemelha-se á de Marcos Antonio Raimondi, e ainda mais especialmente á do Mestre do dado.

N.° 9. — Um Amor tocando cravo.

Um menino alado, visto pelas costas, quasi de perfil para a direita, sentado no chão, discorre o teclado de um cravo, posto diante d'elle, encostado a uma arvore; em baixo, á direita, vê-se um facho revirado, e, dependuradas na arvore, as armas do deus da guerra.

Em baixo occorre: á esquerda, o monogramma do gravador (Vide o monogr. n.° 1); e á direita, a data « 1538 ».

Altura, 86 millimetros; largura, 123 millimetros.

N.° 10 de B. (XV, 380); N.° 12 de LB. (II, 293).

Da Real Bibliotheca.

DENTE (MARCOS)

N.° 43.

Marcos Dente, mais conhecido pelo seu nome patrio *Marcos Ravignano* ou *de Ravenna*, nasceu nesta cidade em 1496 e morreu em Roma em 1550.

Foi discipulo de Marcos Antonio Raimondi ao mesmo tempo que Agostinho Veneziano, com quem trabalhou de parceria até 1520, anno em que se separaram, começando então cada qual a marcar as suas estampas com o proprio monogramma ou as lettras iniciaes do seu nome.

O talho de M. Dente não é sempre uniforme; parece que não era forte no modo de dirigir os talhos cruzados (*hachures*), o que entretanto o não impedia de fazer cópias fidelissimas e muito bellas, como a *Matança dos innocentes*, sob n.° 10 d'este Catalogo, e outras.

As estampas de M. Dente parecem-se um pouco com as de Agostinho Veneziano e ainda mais com as de seu mestre M. A. Raimondi; entretanto um olho amestrado nunca as confundirá com as gravuras d'estes dois artistas.

Vide a descripção da estampa n.° 13 d'este Catalogo.

N.° 10. — A matança dos innocentes, segundo Raphael.

A scena passa-se em uma praça, onde se vêem carrascos, mulheres e crianças, ao todo 23 figuras, das quaes as mais notaveis são: á esquerda, um homem nú, desembainhando com a mão direita uma espada, e com a esquerda puxando pelo pé uma criança que sua mãe aperta ao seio, para a salvar; no meio, uma mulher, de frente, com a bocca aberta, corre espantada para o espectador, com o filhinho nos braços; á direita, outra, com um joelho em terra, repelle com a mão esquerda o braço de um carrasco, tambem nú, no acto de desfechar um golpe de espada contra o filhinho. que ella segura com a direita; &.

No 2.° plano: no meio, uma ponte e casaria; á direita, perto do canto superior, uma mouta de arvoredo, onde se não encontra uma arvore esguia, semelhante a um *pinheiro;* e á esquerda, sobre um pedestal, lê-se: « RAPHA / VRBI / INVEN. A F M em monogramma (Vide o monogr. n.° 5) ». Sem data.

Altura: á esquerda, 272 millimetros; á direita, 276 millimetros. Largura, 419 millimetros.

N.° 20, 2.° estado, de B. (XIV, 23). Cópia da estampa, dita do *pinheiro (au chicot, alla falcetta),* descripta por B. (XIV, 21) sob n.° 18.

As estampas n.os 18 e 20 de B., gravadas no mesmo sentido em 2 chapas differentes, distinguem-se entre si pela existencia ou não do pinheiro; além da sua belleza, ellas têm-se tornado celebres pelas discussões que têm motivado.

Tempo houve, em que se disse ter sido M. A. Raimondi o gravador de ambas as chapas; esta opinião porém, que se originou de uma anecdota contada por Malvasia, não é seguida hoje por quasi ninguem.

Bartsch é de opinião que a estampa com o pinheiro (N.° 18 de B.) é obra de M. A. Raimondi e que a chapa sem o pinheiro (N.° 20 de B.) foi gravada por Marcos Dente de Ravenna; Zani attribue, pelo contrario, a M. A. Raimondi a estampa n.° 20, e a M. Dente a n.° 18; finalmente Passavant diz ter plena convicção de que a estampa com o pinheiro é obra do buril de Jorge Pencz e que a estampa sem o pinheiro é indubitavelmente gravada por M. A. Raimondi. Na impossibilidade de darmos um juizo definitivo sobre o assumpto, e forçado a tomar um partido, adoptamos a opinião de Bartsch.

Vide Bartsch (XIV, 19-24); Zani (II parte, V pp., 349 e seguintes); Passavant, *P. Graveur* (IV, pp. 101 e 102, e n.° 9 no volume VI, pag. 12); Delaborde, n.° 22 (pag. 209);

Duchesne ainé, *Galerie de la Bibliothèque Impériale*, (n.° 49 pag. 31).

Esta estampa, muito bella e rarissima, é a obra prima do gravador. Pertenceu á Real Bibliotheca.

Um exemplar d'ella já foi vendido por 7,500 francos.

N.° 11. — Venus ferida por um espinho de roseira, segundo Raphael.

Á esquerda, perto de uma moita de matto espesso, Venus, nua, de perfil para a direita, sentada em um panno estendido no chão, tira do pé esquerdo um espinho de roseira. Em baixo, á direita, um coelho; e no 2.° plano, um castello no cume de um monte, por cujo sopé passa um rio.

Em baixo, occorrem: o monogramma n.° 43, sobre uma pedra, á esquerda; e « *Ant. Sal. exc.* », á direita.

Altura, 262 millimetros; largura, 168 millimetros.

N.° 321 de B. (XIV, 241-242).

Ainda que Bartsch não o diga, é fóra de duvida que esta bellissima estampa é cópia de outra gravada por Marcos Antonio Raimondi. No exemplar da obra de Bartsch da Bibliotheca Nacional, todo emendado e annotado por um amador muito entendido e criterioso, que nunca achámos em erro, primeiro possuidor do dito exemplar, occorre o seguinte additamento á descripção d'esta gravura: « L'original par Raimondi, très rare. 1,050 francs. » — Vide: Passavant, *P. Graveur*, n.° 30, á pag. 69 do VI; n.° 288, á pag. 44 do VI; e Ottley, n.° 251, á pag. 811 do II.

A estampa exposta pertence ao numero das impressas depois do retoque feito na chapa primitiva por Francisco Villamena (B.).

Da Real Bibliotheca.

ANONYMO II

N.° 12. — Dido, segundo Raphael.

No meio de uma paizagem, Dido, em pé, segura com a mão esquerda um punhal em posição de quem vae craval-o no seio, e com a outra aponta para uma fogueira, á esquerda.

Em uma taboleta encostada á uma arvore, á direita, lê-se: « ΑΥΤΥΕΕΙΣ (*sic*) / ΘΑΝΑΤΟΣ / ΖΩΗ ».

Em baixo, occorre o seguinte distico:

« HOSPES ABIT: SED VT EST EXTINCTA PVDORIS HONESTAS.
ME FERRO EXTINCTAM COGIT INIRE ROGOS. (*sic*) »

Sem data, marca ou monogramma.
Altura, 179 millimetros.
Largura: em cima, 130 millimetros; em baixo, 127 millimetros.
Cópia invertida da estampa de Marcos Antonio Raimondi, n.° 187 de B. (XIV, 153).
É a cópia A de Bartsch, no 1.° estado, ou antes em outro differente (anterior a esse?), á vista da discordancia que ha entre o dizer latino que se lê na estampa e o mencionado por este autor.
Passavant, *P. Graveur*, dá mais uma copia (N.° 22, VI, pag. 23) desconhecida de Bartsch, por elle attribuida a Enéas Vico.

Da Real Bibliotheca.

ANONYMO III

N.° 13. — A Poesia, segundo Raphael.

Uma mulher alada, sentada sobre nuvens, com uma lyra na mão direita, sustentando com a outra um livro fechado, apoiado sobre o joelho esquerdo; aos lados vêem-se dois genios, segurando cada um uma tabella. Na da esquerda lê-se: « NVMĪE / AFLATV / R ».

Sem data, nem monogramma ou marca.
Altura, 178 millimetros; largura, 155 millimetros.
Cópia A de Bartsch da estampa de M. A. Raimondi, n.° 382 de B. (XIV, 291), reproduzida traço por traço em sentido inverso.
Bartsch (XIV, pp. XXII e XXIII) propende para a opinião de que esta estampa é obra do buril de Marcos Dente.

Da Real Bibliotheca.

BONASONE (Julio)

Julio Bonasone ou *Bolonhez*, desenhador, pintor e gravador á agua forte e a buril, nasceu em Bolonha em 1498 (?). Aprendeu a pintura com Lourenço Sabbatini e a gravura com Marcos Antonio Raimondi, cuja maneira de gravar adoptou. As suas estampas são abertas segundo as proprias composições, ou segundo as de Raphael, de Miguel Angelo, de Francisco Mazzuoli, dito o *Parmense*, e de outros; deve-se porém observar que Bonasone nem sempre gravava estas estampas exactamente segundo os quadros originaes dos pintores, mas antes segundo cópias que d'elles fazia, com alterações de sua invenção; taes estampas ordinariamente elle as subscrevia com o dizer: « *J. Bonasone imitando pinxit et celavit.* » Este artista trabalhou principalmente em Roma, onde morreu em 1580 (?).

N.° 14. — Scipião ferido na batalha do Tessino, segundo Polydoro Caldara, dito de *Caravaggio*.

No meio, Scipião, de perfil para a esquerda, com o braço direito envolto em uma atadura, meio levantado por seu filho Publio Scipião, depois cognominado o *Africano*, é carregado por um soldado visto pelas costas, para retiral-o do campo da batalha. Em baixo, á direita, lê-se: « Iv. Bonaso imitando pinsit & celavit / . A. S. Sqdebat ». Sem data.

Altura, á esquerda, 199 millimetros; altura, á direita, 203 millimetros; largura, em cima, 266 millimetros; largura, em baixo, 271 millimetros.

N.° 81 de B. (xv, 133); N.° 344 de L.B. (i, 448).

Da Real Bibliotheca.

DADO (Mestre do)

N.° 26 a. N.° 26 b.

O verdadeiro nome d'este artista é ainda hoje duvidoso: alguns o chamam *Beatricio o antigo;* Le Blanc, julgando-o

descendente de um pintor italiano, Bernardo Daddi, attribue-lhe o nome de B. Daddi; o certo porém é ser elle universalmente conhecido pelo nome de *Mestre do dado*, proveniente da marca de que usava.

Da sua vida pouco se sabe: acredita se que nascêra no principio do XVI seculo (1512?); trabalhou em Roma de 1532 a 1550; e ignora-se inteiramente quando morreu.

O Mestre do dado, pintor e gravador a buril, indubitavelmente pertence, pela sua maneira de gravar, á escola de Marcos Antonio Raimondi. As suas estampas não têem igual merecimento; mas pode se dizer que, em geral, são correctamente desenhadas e bem gravadas.

O principal senão que, como desenhador, se lhe pode notar é ter feito as figuras muito curtas, com cabeças muito grandes e braços e pernas muito reforçados.

N.º 15. — Santa Barbara, segundo desenho de um Mestre, que se approxima da escola de Raphael, ou de João Antonio Razzi, dito o *Cavalleiro Sodoma*.

No meio de uma paizagem, com casaria no 2.º plano, vê-se a Santa, de frente, em pé, com a palma do martyrio na mão direita e pousando a esquerda em um modelo da torre, em que estivera prêsa.

Em baixo, á esquerda, está o dado com a lettra B (Vide o n.º 26 a. da taboa dos monogr.). Sem data.

Altura: á direita, 207 millimetros; á esquerda, 209 millimetros.

Largura: 140 millimetros.

N.º 12 de H. (XV, 193); N.º 15 de L.B.

Quanto ao autor do desenho vide B. (ibidem) n.ºs 13, 14 e 15; e Passavant, *P. Graveur*, n.os 14 e 15 do VI, pag. 99.

Da Real Bibliotheca.

N.º 16. — Jogos de Amores, segundo Raphael.

Oito Amores: á esquerda, um, assentado no chão, ajudado por outro em pé, faz uma coroa de flores; estes trans-

portam feixes de flores e ramos de arvores; aquelles atiram maçãs nos outros; finalmente, um no fundo, á direita, segura um dardo com a mão esquerda levantada. Por baixo dos pés d'este está o dado com a lettra B (n.° 26 **b**. da taboa dos monogr.).

A estampa acha-se um pouco mutilada.

Dimensões da gravura no seu estado actual:

Altura, 183 millimetros; largura, em cima, 281 millimetros; largura, em baixo, 279 millimetros.

N.° 30 de B. (XV, 206); N.° 69 de L.B. (II, 81).

Da Real Bibliotheca.

ANONYMO IV

N.° 17. — Ganymedes raptado pela aguia de Jupiter, segundo Miguel Angelo Buonarroti.

No alto, entre nuvens, vê-se Ganymedes, com os braços extendidos, e as pernas seguras pelas garras de uma grande aguia voando.

Em uma rica paizagem, um cão ladrando, em baixo, á direita. Na parte inferior da estampa occorre: « GANIMEDIS. IVVENIS. TROIANVS. RAPTVS. A. IOVE. » Sem data.

Altura, á direita, 417 millimetros; altura, á esquerda, 422 millimetros; largura, 276 millimetros.

N.° 111, 1.° estado, de Passavant, *P. Graveur* (VI, 119), na obra de Beatricio, isto é, sem as palavras « MICHAEL ANG. »

Passavant attribue esta gravura a Beatricio; Robert Dumesnil (IX, 134-135) porém nega positivamente que seja do buril d'este Mestre, dizendo que esta e outras estampas, que elle aponta no mesmo lugar, foram provavelmente executadas em Roma, na mesma epoca em que vivia Beatricio, e talvez ao lado d'elle.

Da Real Bibliotheca.

VICO (Eneas)

Æ.V.

N.º 4.

Eneas Vico, desenhador e gravador em metal, nasceu em Parma pelo anno de 1520, floresceu de 1541 a 1560 e morreu em Ferrara em 1570.

Mudou-se, ainda muito moço, de Parma para Roma, onde teve por mestre um gravador mediocre, commerciante de estampas em larga escala, Thomaz Barlachi, para cujos fundos trabalhou por algum tempo. Não se sabe ao certo si Eneas Vico teve outros mestres melhores que Barlachi, nem quaes fossem elles; entretanto é innegavel que progrediu consideravelmente na arte, a ponto de ser considerado um dos mais habeis gravadores do seu tempo, apesar de algumas imperfeições das suas estampas.

Eneas Vico esteve em 1545 em Florença, onde gravou a *Conversão de S. Paulo*, segundo Francisco Floris: e em 1568 foi chamado pelo Duque Affonso II á Ferrara, onde residiu até morrer.

As estampas de Eneas Vico anteriores a 1550 são gravadas á maneira de differentes mestres: Julio Bonasone, Agostinho Veneziano, Jacob Caraglio e Marco Antonio; mas depois d'este anno Eneas Vico adquiriu uma maneira de gravar propria e caracteristica.

Eneas Vico não foi somente habil artista, mas tambem cultor das sciencias; estudou com particularidade a numismatica, e escreveu obras sobre esta disciplina, que nessa epoca foram muito estimadas.

Reina grande incerteza sobre muitos factos da vida d'este gravador; a esse proposito vide Bartsch, xv, 275 a 281.

N.º 18. — Os amores de Marte e Venus, segundo Francisco Mazzuoli, dito o *Parmegiano.*

Á esquerda, Venus, nua, sentada em seu leito, amamentando Cupido ao seio direito, passa o braço esquerdo sobre os hombros de Marte, que está sentado a seu lado, vestido de armadura.

Em cima, á esquerda, vê-se um Amor, tendo o corpo coberto de plumagem, com *crista, cauda e pés de gallo,* dor-

mindo, sentado sobre uma janella, pela qual entram largos feixes de raios luminosos (da aurora?).

No canto superior esquerdo, o monogramma n.° 4; na margem inferior: 1.°, quatro versos italianos, em duas columnas, « *Qui trá Venere... di Cesare' in Tesaglia.* »; 2.° *Ant. Sal. exc.* », no meio. Sem data.

Altura, sem a margem, 282 millimetros; altura, com a margem, 300 millimetros; largura, 200 millimetros.

N.° 21 de B. (XV, 292), 2.° estado, isto é, com o endereço de A. Salamanca.

Da Real Bibliotheca.

N.° 19. — Retrato de João de Medicis.

Em busto, de perfil para a direita; dentro de um oval, em um portico.

Á esquerda, a Victoria; á direita, Marte; em baixo, dois escravos maniatados; em cima, duas mulheres aladas, segurando o brazão do retratado; e por toda a parte, diversos attributos da arte da guerra. Lê-se no oval: « IL S. GIOVANNI DE MEDICI. »; em cima: « COSMO FLOR. II. DVCI OPT. / INVICTISS. IOHAN. MED. FILIO. D. / ÆNEAS VICVS PARMEN. / »; e nos pedestaes das estatuas da Victoria e de Marte: « CVM / PRIVI / LE / GIO », á esquerda; « SEN. / VENE / TOR. / MDL. / *Ant. Lafrerij Romæ.* », á direita.

Estampa um tanto mutilada.

Dimensões da estampa no estado actual:

Altura, á direita, 467 millimetros; á esquerda, 477 millimetros; largura, em cima, 300 millimetros; largura, em baixo, 307 millimetros.

N.° 254 de B. (XV, 338).

Passa esta bella gravura por ser uma das melhores do mestre.

Da Real Bibliotheca.

GHISI (Adão), dito *O Mantuano*

N.° 9.

Adão Ghisi, dito o *Mantuano*, desenhador e gravador a buril, filho de João Baptista Ghisi, nasceu em Mantua em 1530, segundo Hubert & Rost, trabalhou desde 1566 e morreu em Roma em 1574 (L.B.).

Adão Ghisi gravou segundo varios mestres italianos; a sua maneira de gravar é muito semelhante á de seu irmão mais velho Jorge Ghisi; o seu buril porém não é tão firme nem tão delicado. Em desenho era Adão Ghisi tambem um pouco inferior a Jorge.

N.° 20. — A escravidão, segundo André Mantegna.

Um moço, visto a 3 quartos, com o rosto voltado para a direita, carregando ao hombro uma canga, marcha com difficuldade para a esquerda, por ter presos os pés por uma pêa, á cuja extremidade está amarrado um grande pêso espherico.

Em baixo occorre: á esquerda, o monogramma do Mestre (Vide monogr. n.° 9); e no meio, « SERVVS EO LAETIOR QVO PATIENTIOR ». Entre este dizer e os pés do moço lê-se o endereço de « *Gio: Jacomo Rossi le stampa in Roma alla Pace* ». Sem data.

Altura, 203 millimetros; largura, 140 millimetros.

N.° 103 de B. (XV, 428); N.° 123 de L.B., 2.° estado (II, 291).

Da Real Bibliotheca.

ZENOI (Domingos)

Domingos Zenoi ou Zenoni, pintor e gravador á agua-forte, natural de Veneza, onde floresceu de 1560 a 1580.

Além da sua officina de gravura, da qual sahiram estampas da propria lavra, notaveis pelo seu valor artistico, teve em sua cidade natal casa de negocio de objectos de arte (quadros e estampas), cujo commercio foi muito activo e extenso.

Da vida e obras d'este artista pouco se sabe. Para maiores esclarecimentos a esse respeito, vide Nagler, *Lexicon*, XXII, 262; e Brulliot, n.os 669 da II e 301 da III.

N.º 21. — A Piedade, segundo João Baptista Franco.

Onze figuras em uma paizagem. No 1.º plano: á esquerda, J. Christo, morto, sentado sobre uma pedra, com o corpo meio levantado por um discipulo; á direita, a Magdalena de joelhos, com a mão direita no peito; por detraz d'ella, a Virgem Santissima, em pé, de manto na cabeça; e no meio, S. João, de mãos postas; — no 2.º plano, a cruz á direita, e 2 arvores, á esquerda.

Em baixo, sob os pés de J. Christo « Dominicus Zenoi Excīdebat », e não « Excudebat, » como diz Zani; e á direita, as lettras « F. B. » muito apagadas. Sem data.

Altura, 219 millimetros; largura, 158 millimetros.

Cópia invertida da estampa de João Baptista Franco (n.º 4 de L.B., n.º 17 de B.). Zani, II parte, VIII, 229, diz que esta cópia é bellissima e muito rara.

A estampa exposta pertence a um estado, não descripto, anterior (?) ao que traz o endereço « Ant. Lafrery Formis » por baixo da subscripção do gravador.

Da Real Bibliotheca.

CARRACCI (Luiz)

Luiz Carracci, pintor e gravador á agua-forte e a buril, filho de um carniceiro, nasceu em Bolonha em 1555. Teve por primeiro mestre a Prospero Fontana, e como os seus progressos eram muito lentos, este lhe aconselhou que renunciasse ao estudo da pintura; o discipulo porém não desanimou, e foi-se á Florença para tomar licções com André del Sarto e Domingos Cresti, dito o *Passignano*, e á Parma para estudar as obras de Correggio. Depois de ter visitado Mantua e Veneza, voltou á Bolonha e ahi fundou, com o concurso de seus primos e discipulos Agostinho e Annibal, a celebre escola de

pintura, que denominou *Accademia delle Incamminati*. Ainda que inferiores ás de seus primos, as gravuras de Luiz Carracci são com razão muito estimadas.

Luiz Carracci morreu em Bolonha em 1619.

N.° 22. — A Virgem Santissima dos anjos.

A Virgem, sentada, de perfil para a direita, contempla o Menino Jesus, que sustenta nos braços. No alto, á direita, 4 anjos, dos quaes um, de thuribulo, incensando, e outro com uma naveta na mão esquerda.

Em baixo, á esquerda, occorre: « *Lo. C. Petri Stephanony Exc.* » Sem data.

N.° 2 de B. (XVIII, 24); N.° 5 de L.B., 2.° estado (I, 607).

Altura, 162 millimetros; largura, 116 millimetros.

Da Real Bibliotheca.

CARRACCI (Agostinho)

Agostinho Carracci, pintor e gravador á agua-forte e a buril, filho de um alfaiate e primo-irmão de Luiz Carracci, nasceu em Bolonha em 1557. A principio exerceu a profissão de ourives; mas desamparou-a para dedicar-se ao desenho, á pintura e á gravura, tendo por mestres, de desenho e pintura a Prospero Fontana, de desenho a pennejado a Bartholomeu Passerotti, e de gravura a Domingos Tibaldi, Cornelio Cort, o qual por esse tempo trabalhava em Veneza, e a seu primo Luiz.

Como pintor, Agostinho Carracci occupa lugar distincto entre os artistas da escola italiana; associou-se a seu primo Luiz para fundar a *Accademia degli Incamminati* e collaborou com seu irmão Annibal na pintura da galeria do palacio Farnese, em Roma, onde executou os assumptos de *Cephalo e Aurora* e de *Galathea;* e como gravador as suas estampas são trabalhadas com muita sabedoria e, salvos alguns pequenos senões, poder-se-hiam chamar perfeitas.

Agostinho Carracci tinha grande penetração de espirito

e era muito versado em differentes ramos de lettras e sciencias: philosophia, mathematica, geographia, astrologia, historia, poesia, medicina; e até em musica diz-se que fôra habil.

Morreu em Parma em 1602.

N.º 23. — Pan vencido pelo Amor.

Em uma paizagem: á esquerda, o Amor subjugando a Pan em presença de duas nymphas, á direita.

Em baixo, á direita: « *1599.* A. C. IN »; e no alto no meio: « *omnia vincit Amor.* » em lettras muito miudas. Como a estampa exposta está mutilada de margens, mal se vêem na margem inferior as lettras « P. S. F », de que falla B.

Altura, 125 millimetros; largura, 184 millimetros.

N.º 116 de B. (XVIII, 103).

Da Real Bibliotheca.

CARRACCI (ANNIBAL)

Annibal Carracci, irmão mais moço de Agostinho e primo -irmão de Luiz Carracci, pintor e gravador á agua-forte e a buril, nasceu em Bolonha em 1560 e morreu em Roma em 1609.

Aprendeu os elementos de pintura com seu primo Luiz, e com o estudo aturado das obras de Paulo Veronense, de Correggio, de Raphael e do antigo conseguiu ser considerado o mais habil e amestrado pintor italiano depois de Raphael, Ticiano e Correggio. A pintura da galeria do palacio Farnese, em Roma, em que teve por collaborador seu irmão Agostinho, consumiu-lhe oito annos de aturado trabalho e custou-lhe a vida, porque, diz-se, morreu de desgosto pela ingratidão do principe Farnese, que recompensára mesquinhamente esta obra colossal, considerada por N. Poussin uma das maravilhas da arte. Annibal Carracci ajudou muito activamente a seu primo Luiz na direcção da *Accademia degli Incamminati*, na qual se formaram Domingos Zampieri, dito *Dominicano*, J. Lanfranc, J. F. Barbieri, dito *Guercino*, Francisco Albani e Guido Reni. Como gravador a sua obra não é numerosa; em compensação porém as suas estampas são muito bem desenhadas e acabadas.

N.º 24. — A adoração dos pastores.

Sete figuras, 2 anjos, 1 jumento e 2 carneiros.

No 1.º plano: o Menino Deus deitado sobre palhas, adorado pelos anjos, no meio; a Virgem Santissima ajoelhada e de mãos postas, á direita; e 4 pastores, dos quaes o que está ajoelhado perto do esteio de madeira tosca da cabana tem a mão direita apoiada nelle, á esquerda. No 2.º plano, á direita: São José dando ao jumento herva a comer.

Em baixo lê-se: á esquerda, « *Annibal Caracius fecit et inue.* »; e á direita, « *Nico. uan Aelst for.* » Sem data.

Altura, 104 millimetros; largura, 131 millimetros.

N.º 2 de B. (XVIII, 181); N.º 2 de L.B. (I, 605); Zani (II parte, V, 15).

Esta gravura, geralmente conhecida pela denominação de *Presepe de Carracci*, é muito bella e rarissima.

A estampa exposta pertence ao numero das do 3.º estado de Zani e proveiu da Real Bibliotheca.

N.º 25. — A Piedade.

Cinco figuras. Jesus Christo, morto, deposto da Cruz no chão, com o tronco reclinado sobre os joelhos de sua Mãe Santissima, que desmaia entre os braços de uma das santas mulheres. Á direita da Virgem, S. João, levantando um pouco o braço direito do Salvador, mostra a chaga á Magdalena com o indicador da mão esquerda.

Em baixo: á esquerda, « *Annibal Caracius fe. Caprarolæ. 1597.* »; e á direita, « *Vincenzo Cenci Romæ. for.* »

Esta estampa, conhecida pelo nome de *Christo de Caprarola*, foi gravada á agua-forte e retocada a buril, em uma chapa de prata, segundo é tradição.

Altura, 123 millimetros; largura, 161 millimetros.

N.º 4 de B. (XVIII, 182); — N.º 11 de L.B. (I, 591); — Zani (II parte, VIII, 207) qualifica esta bellissima gravura como a obra prima do Mestre e diz ser muito rara.

A estampa exposta pertence ás do 4.º estado de Zani.

Da Real Bibliotheca.

BRIZIO (Francisco)

Francisco Brizio ou Bricci, pintor e gravador á agua-forte e a buril, nasceu em Bolonha em 1575 e morreu na mesma cidade em 1623. Foi a principio sapateiro; tal era porém a sua inclinação para o desenho, que deixou o seu primeiro officio para ir aprender desenho e pintura com Bartholomeu Passarotti, acabando de aperfeiçoar-se nestas artes com os Carraccis (Luiz e Agostinho), que lhe tinham grande affeição. Brizio collaborou com Agostinho Carracci em algumas das estampas gravadas por este e vice-versa. Ainda que se pareçam com as de Agostinho Carracci, as estampas de Brizio são-lhe inferiores na correcção do desenho e na expressão. Brizio dedicou-se tambem á perspectiva e á architectura, tornando-se tão provecto nestas disciplinas que as ensinava em curso publico.

N.º 26. — A Virgem Santissima voltando do Egypto para a Judéa, segundo Luiz Carracci.

No 1.º plano: a Virgem Santissima caminha para a direita, levando o Menino Jesus pela mão, acompanhada de S. José, que com a mão direita levanta a fralda do seu manto; no 2.º plano: á direita, um anjo conduz um burro, ao qual dá feno a comer.

Em baixo, á esquerda: « *Lodo. car. in.* » Sem data.

Altura, 213 millimetros; largura, 134 millimetros.

N.º 2 de B. (XVIII, 254), mas sem o dizer: « Fra. Bricio. » á direita; o que faz crer que a nossa estampa pertence a um estado anterior ao descripto por este autor.

Da Real Bibliotheca.

RENI (Guido)

Guido Reni, mais conhecido pelo seu nome de baptismo, *O Guido*, pintor e gravador á agua-forte, nascido em Bolonha em 1575, morreu na mesma cidade em 1642. Depois de ter aprendido os elementos da sua arte com Dionysio Calvaert, passou-se para a escola dos Carraccis, onde fez grandes progressos; mais tarde foi á Roma, no intuito de se aperfeiçoar

na sua arte, estudando as obras de Raphael e de outros grandes mestres.

Guido gravou com desembaraço e espirito; o seu desenho é puro e correcto; as cabeças das suas figuras são nobres e graciosas e as roupagens tratadas com muito gosto e mestria.

Como pintor G. Reni é tambem muito estimado, e os seus quadros correm parelhas em belleza com as suas gravuras. Trabalhou em Bolonha, Mantua, Napoles e Roma, onde encontrou um rival e inimigo figadal em Miguel Angelo Amerighi, dito *O Caravaggio*, e um protector no Pontifice Paulo V.

Escravo da paixão do jogo, que lhe acarretou a perda dos seus haveres e amigos e da estima publica, passou os ultimos annos da vida no esquecimento e na miseria.

N.° 27. — A Sacra Familia.

Á esquerda, a Virgem Santissima, de perfil para a direita, assentada, olha para o Menino Jesus, á sua esquerda, o qual estende uma das mãos para levantar o manto de sua Mãe; á direita, S. José, sentado em frente a uma mesa, com a cabeça apoiada sobre a mão esquerda, tendo a direita pousada sobre um livro aberto. No alto, vêem-se dois anjos espalhando flores sobre a Virgem e o Menino Jesus.

Em baixo, á esquerda, occorre « GVIDVS RENVS, INVENTOR ET INCIDIT »; e na margem inferior:

« *Maria mater gratiæ, Mater misericordiae,*
« *Tu nos ab hoste protege, Et hora mortis suscipe.* »

Altura (com a margem inferior), 223 millimetros; altura (sem a dita margem), 210 millimetros. Largura, 151 millimetros.

N.° 10 de B. (XVIII, 285). — Vide tambem os n.os 9 e 11 da obra de Reni em B.

Da Real Bibliotheca.

N.° 28. — A Sacra Familia e Santa Clara, segundo Annibal Carracci.

No meio da estampa, a Virgem, de frente, assentada, com o Menino Jesus ao regaço; á esquerda, Santa Clara, tendo na mão direita uma ambula, sobre a qual o Menino

Jesus pousa a mão direita; finalmente, no 2.º plano, á direita, S. José com um bastão na mão esquerda.

Na margem inferior occorre: á esquerda, « *Anibale Caracci fecit.* »; e á direita « *Nicolo uan aelst formis* ».

Altura: (á direita), 214 millimetros; (á esquerda), 217 millimetros.

Largura: (em cima), 178 millimetros; (em baixo), 182 millimetros.

N.º 50, 3.º estado, de B. (XVIII, 303), o qual diz a respeito d'esta gravura:

« Esta estampa é admiravel pela arte do toque e do desenho. »

Da Real Bibliotheca.

N.º 29. — S. Roque distribuindo esmola aos pobres, segundo Annibal Carracci.

S. Roque, em pé, sobre um estrado elevado, no interior de uma columnata, segura com a mão direita uma bolsa aberta e com a esquerda distribue dinheiro por uma multidão de pobres, que occorrem de todos os lados.

Em baixo lê-se: á esquerda, « *Anibal Car. inuent.* »; no meio, « *P. Stephanonius formis Cum Priuilegio* »; e á direita, « *1610* ».

B. diz que a estampa não é inteiramente conforme á composição do pintor, por ter G. Reni addicionado dois velhos perto da mocinha, que se vê na extrema direita da estampa.

Altura: 285 millimetros; largura, 455 millimetros.

N.º 53, 2.º estado de B. (XVIII, 305).

Além da copia feita por Balthazar Galanino (B., XVIII, 341, n.º 51) ha outra, tambem invertida, por Anonymo francez, com o millesimo de 1610, e o endereço: « *Paris chez... aux Collones d'Hercule* », muito apagado, não descripta (?), da qual a Bibl. Nac. possue um exemplar.

Da Real Bibliotheca.

ANONYMO V

N.º 30. — A Virgem Santissima com o Menino Jesus, segundo Guido Reni.

A Virgem assentada, quasi de perfil para a direita, sustenta nos braços o Menino Jesus, que se lhe lança ao pescoço para beijal-a. Atravez de um arco, vê-se, no 2.º plano, S. José marchando a pé para a esquerda, em uma paizagem.

Na margem inferior occorre: 1.º, o distico latino:

« *Æternum Patrem refero pia Mater in ulnis.*
Me pete qui ora cupis clara uidere Patris. »

no meio; 2.º, « *Gui. Ren. In.* », á esquerda.

Sem monogramma ou marca; e sem data.

Altura: (com a margem inferior), 190 millimetros; (sem a margem), 178 millimetros.

Largura, 133 millimetros.

Cópia invertida, não descripta, da estampa de Guido Reni, n.º 1 de B. (XVIII, 278).

Da Real Bibliotheca.

ANONYMO VI

N.º 31. — A Magdalena penitente.

A Santa, a meio corpo, voltada para a direita, de mãos cruzadas sobre o peito, contempla um crucifixo, que segura com a mão direita. Na sua frente vê-se, sobre uma pedra, uma caveira em cima de um livro aberto.

Sem data, nem assignatura do gravador.

B. diz que o desenho d'esta estampa é geralmente attribuido a Guido Reni, mas que parece antes ser de Odoardo Fialetti ou de Jacob Palma Junior.

Altura, 174 millimetros; largura, 130 millimetros.

N.º 24 de B. (XVIII, 322).

Da Real Bibliotheca.

PASQUALINI (João Baptista)

João Baptista Pasqualini, pintor e gravador á agua-forte e a buril, nasceu em Cento, perto de Bolonha, em 1583 (L.B.), ou em 1600 (Huber & Rost e Bryan). Aprendeu a pintura com Cyro Ferri; e gravou segundo muitos pintores Bolonhezes, principalmente segundo o seu compatriota João Francisco Barbieri, dito o *Guercino*, cujo estylo em balde tentou imitar nas estampas, que abriu segundo este mestre; entretanto, si não foi bem succedido neste particular, as suas gravuras não deixam de ter certo merecimento.

Trabalhou em Roma de 1619 a 1630; e se não sabe onde nem quando falleceu.

N.° 32. — Os peregrinos de Emaüs, segundo João Francisco Barbieri, dito o *Guercino*.

Tres figuras até aos joelhos, sentadas á mesa: á esquerda, Jesus Christo parte com as duas mãos o pão, e á direita, os dois discipulos tomados de pasmo. A estampa exposta parece ter sido impressa antes da chapa acabada, pois se vêem no indicador e polegar da mão esquerda e no indicador da direita de Jesus Christo alguns contornos somente esboçados por uma serie de pequenas linhas interrompidas por espaços em branco.

Na margem inferior lê-se: á esquerda, « Io. FRANCISCVS. CENTENSIS. INV. SVPERIORVM PPRMISS (sic) »; e á direita, « Io. BAPT.ª PASQVALINVS. CENTENSIS, SCVLP. 1619 (apenas visivel) M·D·C·XIX »

Altura, 184 millimetros; largura, 244 millimetros.

N.° 9 de L.B. (III, 145; N.° 25 de Nagler, *Lexicon* (X, 556).

1.° estado, não descripto.

Da Real Bibliotheca.

CORIOLANO (Bartholomeu)

Bartholomeu Coriolano, desenhador e gravador em madeira e a claro-escuro, nasceu em Bolonha em 1590. Aprendeu os elementos da arte com seu pae Christovão Coriolano, acabando de aperfeiçoar os seus estudos na escola de Guido Reni;

e abriu muitas chapas de madeira segundo este artista, os Carraccis, Paulo Macci e outros. Da sua obra parte é constituida por xylographias ordinarias e parte por claro-escuros, muito estimados. Estes são gravados em tres chapas de madeira: uma para os contornos e sombras fortes, a segunda para as meias tintas e a terceira para as partes claras.

B. Coriolano trabalhou de 1620 a 1650; e foi agraciado pelo Papa Urbano VIII com o titulo de cavalleiro da Ordem de N. Senhora do Loreto e com uma pensão, em consequencia de ter offerecido á Sua Santidade uma collecção das suas estampas.

Morreu em 1654.

N.º 33. — A Virgem Santissima com o Menino Jesus, segundo Guido Reni.

Dentro de um oval ao alto, inscripto em um parallelogrammo.

A Virgem, a tres quartos para a direita, vista até aos joelhos, sentada, sustenta com as duas mãos o Menino Jesus adormecido, sentado em um coxim sobre o regaço de sua Mãe. Á esquerda, á meia altura da estampa: « G. R. In. / B. Cor. / F. »; e em um cartuxo por baixo do oval : « IESVS MARIA. » Sem data.

Claro-escuro a tres pranchas de madeira, impresso em papel azulado.

Grande diametro do oval, 173 millimetros;

Pequeno diametro do mesmo, 143 millimetros.

Dimensões do parallelogrammo: altura, 202 millimetros; largura, 151 millimetros.

N.º 7 de B. (XII,53). Vide tambem os N.ºˢ 5 e 6 do mesmo gravador (B., XII, 52-53).

A estampa carece de margens.

Da Real Bibliotheca.

BELLA (ESTEVÃO DELLA).

SB

N.º 15.

Estevão Della Bella, desenhador e gravador á agua-forte e a buril, nasceu em Florença a 18 de Maio de 1610. A prin-

cipio dedicou-se á pintura, tendo por mestre a Cesar Dandini; mas a sua manifesta inclinação para a gravura decidiu seu pae á mandal-o aprender esta arte com Remigio Cantagallina, em cuja officina teve por condiscipulo Jacob Callot. As suas primeiras estampas são no gosto d'este mestre; com o andar dos tempos porém adquiriu uma maneira de gravar propria, que se distingue pelo bom gosto e pela delicadeza e ligeireza da sua ponta. Della Bella trabalhou em Florença, em Roma, e em Paris; e em 1650 ausentou-se d'esta cidade para voltar a Florença, onde morreu a 22 de Julho de 1664 (*). Gravou assumptos de historia, caçadas, paizagens, marinhas, animaes e ornatos; a sua obra consta de mais de 1400 estampas.

N.º 34. — A batalha dos Amalecitas.

Em uma paizagem: no meio, dois Amalecitas a cavallo, fugindo para a esquerda; um d'elles defendendo-se em vão do ataque de um Israelita, que o fere com a sua lança; aquem d'este grupo, um cavallo e seu cavalleiro mortos, no chão; e além, o forte da batalha. Na margem inferior lê-se: 1.º, « *Stef della Bella In. et fe.* », á esquerda; « *Cum priuil Regis* », á direita; 2.º, « *Bataille des Amalecites* », no meio; 3.º, aos lados d'este titulo, quatro versos: um distico latino, á esquerda,

> « *Tædeat haud suplices ad sydera tendere palmas*
> *Moses; namque ense, plus agis ipse prece* »,

e a sua traducção em francez, á direita:

> « *O Grand Legislateur esleue au Ciel tes bras*
> *Ta priere fait plus que mille coutelas.* »

Sem data; entretanto Le Blanc dá-lhe a de 1663 (1.º estado ?).

Altura, 104 millimetros; largura, 278 millimetros.

N.º 3 de L.B. (I, 251). Vide Zani, á pag. 179 do III da II.ª parte.

Da Real Bibliotheca.

(*) Quanto ás datas da vida de Della Bella, vide Mariette.

N.º 35. — Uma mulher, de perfil para a direita, toda envolta em um grande lençol, sentada em um escabello, de pernas cruzadas, e com o mento apoiado na mão direita.

Cópia de um baixo relevo, segundo L.B; ou da estatua de Agrippina sahindo do banho? (Vide: « Statues et bustes antiques des Maisons Royales », 1.re partie, *Paris*, M.DC.LXXIX, estampa VIII).

Na gravura exposta não se vê a data de 1660, que L.B. lhe dá, por estar um tanto mutilada (?) ou por ser 1.º estado (?).

Dimensões da gravura no seu estado actual: altura, 143 millimetros; largura, 130 millimetros.

N.º 484 de L.B. (I, 254).

Da Real Bibliotheca.

N.º 36. — Uma mulher, em pé, de perfil para a esquerda, esforçando-se por conter um boi preso por uma corda, que ella tem entre as mãos.

Em baixo, á direita, lê-se: « S. D. Bella »; e na margem inferior, á esquerda, o mesmo dizer com as tres primeiras lettras como no monogramma n. 15.

Cópia de um baixo relevo (L.B.).

Na estampa exposta não se vê a data de 1660, que Le Blanc lhe dá; por estar um tanto mutilada (?) ou por ser 1.º estado (?).

Dimensões da estampa no seu estado actual: altura, 154 millimetros; largura, 149 millimetros.

N.º 485 de L.B. (I, 254).

Da Real Bibliotheca.

SIRANI (João André)

João André Sirani, pintor e gravador á agua-forte, nasceu em Bolonha em 1610, e morreu na mesma cidade em 1670. Foi discipulo de Guido Reni e de Jacob Cavedone; imitou a maneira d'aquelle mestre, tanto em pintura como em gravura;

e ensinou a pintura a suas tres filhas, Isabel, a famosa artista, mais adiante mencionada neste Catalogo, Anna e Barbara.

As suas estampas são gravadas com ponta extremamente espirituosa.

N.º 37. — Lucrecia.

Vista até aos joelhos, assentada perto de uma mesa, sobre a qual apoia o braço direito, segurando com a mão esquerda o punhal, com que acaba de ferir-se no seio, mostra na physionomia o desfallecimento precursor da morte.

Altura, 196 millimetros; largura: (em cima), 134 millimetros; (em baixo), 136 millimetros.

N.º 1, 1.º estado, de B. (XVIII, 148.)

Ainda que a estampa esteja privada das margens, o estado poude ser determinado pelas dimensões.

Da Real Bibliotheca.

N.º 38. — Apollo e Marsias.

Dentro de um oval, em largo.

Á esquerda, Marsias, no chão, com o tronco recostado sobre uma eminencia, de braços abertos, e maniatado, com o joelho esquerdo em terra e o direito extendido para a frente, de bocca aberta (gritando), e mostrando na physionomia a expressão de dôr vivissima; á direita: defronte d'elle, Apollo, ajoelhado, tendo presa entre as suas a perna esquerda do Satyro, escorcha-o com uma faca na mão direita na altura da axilla esquerda, e com a mão esquerda levanta a parte da pelle já esfolada.

Em baixo lê-se: « SIRANO » por cima da flauta de Marsias, cahida no chão. Sem data.

Maior diametro (largura), 192 millimetros: menor diametro (altura), 136 millimetros.

N.º 2 de B. (XIX, 149).

Da Real Bibliotheca.

CARPIONI (Julio)

Julio Carpioni, pintor e gravador á agua-forte, nasceu em Veneza em 1611. Aprendeu desenho e pintura com Alexandre Varotari, e em pouco tempo adquiriu a reputação de habil desenhador e pintor gracioso. As estampas, que gravou segundo as suas proprias composições, são desenhadas com muito bom gosto e executadas com mestria, ainda que por vezes com alguns pequenos defeitos; recordam a maneira de gravar de Guido Reni e de Simão Cantarini, aos quaes parece que Carpioni tomou por modelos neste particular. Trabalhou em Padua, Placencia, Vicencia e Verona, onde morreu em 1674.

N.º 39. — Santa Magdalena.

A Santa está de joelhos, quasi de perfil, voltada para a esquerda, olhando extatica para o alto, d'onde partem raios luminosos, que cahem sobre ella, com as mãos postas e os cotovellos apoiados sobre uma pedra, na qual se vêem uma caveira e dois fémures. No alto: á direita, 2 anjos e 2 cherubins; e á esquerda, mais um cherubim entre nuvens. Em baixo, á direita: « CARPIONI VEN. / FEC. » Sem data.

Altura: 211 millimetros (com a margem inclusa); 198 millimetros (sem a margem).

Largura, 138 millimetros.

N.º 10 de B., 1.º estado, isto é, sem o endereço « *Matio Cadorin forma In Pad.* » na margem inferior (XX, 184); N.º 13, 1.º estado de L.B. (I, 597).

Da Real Bibliotheca.

CANTARINI (Simão)

Simão Cantarini, pintor e gravador á agua-forte, nasceu em 1612 em Oropezza, perto de Pesaro, d'onde lhe provém o sobrenome patrio de *Pesarese* ou *Pesarense*, por que é conhecido.

Os seus primeiros mestres foram Pandolfi e Ridolfi, que deixou para frequentar a escola de Guido Reni, de quem foi um dos melhores discipulos e cuja maneira de gravar imitou a ponto de terem sido as suas estampas algumas vezes attribuidas áquelle mestre.

Cantarini estudou em Roma a obra de Raphael; trabalhou em Bolonha, onde estabeleceu uma escola de desenho, em Mantua e em Verona.

O seu caracter orgulhoso e invejoso alienou-lhe as bôas graças de seu mestre G. Reni e de outros protectores seus, e fel-o adquirir muitos inimigos entre os officiaes do mesmo officio. Diz-se que se suicidára; outros porém pensam que fôra envenado por um de seus inimigos.

Morreu em Verona em 1648.

N.º 40. — A Sacra Familia, segundo Guido Reni.

Á esquerda da estampa, a Virgem Santissima, de perfil para a direita, sentada ao pé de uma arvore, sustenta nos braços o Menino Jesus, sentado em seu regaço, com a cabeça reclinada em seu seio; á direita, Santa Isabel, sentada perto de S. José, e entre elles S. João em pé.

Esta estampa, descripta por L.B. sob n.º 3 (I, 581) e por B. sob n.º 10 (XIX, 128), é cópia invertida de outra (n.º 2 de L.B, e n.º 9 de B.) do mesmo gravador. Segundo Bartsch as principaes differenças entre o original e a cópia são: no original, o nariz da Virgem é illuminado, na cópia porém ella tem o nariz e o rosto sombreados; na cópia, o rosto do Menino Jesus está inteiramente coberto de sombras, ao passo que no original tem apenas poucas sombras; finalmente, a differença capital consiste em verem-se, na cópia, os dois braços do Menino Jesus, que no original mostra sómente o direito.

A estampa exposta não tem dizer algum, monogramma ou marca, nem data.

Altura, 121 millimetros; largura, 189 millimetros.

Esta gravura pertence ao 1.º estado (B.), o qual se differença do 2.º, por não trazer dizeres e não estar figurado o contorno interior do braço esquerdo de S. João.

Da Real Bibliotheca.

ANONYMO VII

N.º 41. — O repouso no Egypto, segundo Simão Cantarini, dito de *Pesaro*.

No meio, a Virgem Santissima, de frente, sentada no chão, levanta nos braços o Menino Jesus, que tem os seus abertos;

á esquerda, S. José, de perfil para a direita, tambem sentado no chão, apoiando-se no braço direito, e com um bastão na mão esquerda; á direita, um sacco e um pucaro.

Na estampa não occorre monogramma, marca, ou dizer algum, nem data.

Altura, 178 millimetros; largura, 262 millimetros.

Cópia invertida da gravura de Simão Cantarini, n.º 6 de B. (XIX, 126); n.º III de Zani (pag. 38 do VI da II.ª parte). Como a estampa exposta tem as margens mutiladas, não se póde verificar si é alguma das cópias descriptas por Zani.

Da Real Bibliotheca.

ANONYMO VIII

N.º 42. — A Virgem Santissima com o Menino Jesus; segundo Simão Cantarini, dito de *Pesaro.*

A Virgem, sentada em uma gloria, sustenta em pé o Menino Jesus, segurando-o com a mão direita pelo tronco e com a esquerda pelos pés. Em baixo, á esquerda, vêem-se dois cherubins; e no fundo, á direita, tres anjos em adoração. Em baixo, no meio, lê-se: « *Si Stampa da Matteo Giudici alli Cesarini.* »

Sem data? (A estampa não tem margens).

Altura, 142 millimetros; largura, 112 millimetros.

Cópia invertida e não descripta (?) da estampa de Simão Cantarini, n.º 17 de B. (XIX, 132) e n.º 10 de L.B. (I, 582).

Da Real Bibliotheca.

LOLI (LOURENÇO)

Lourenço Loli, pintor e gravador á agua-forte, nasceu em Bolonha em 1612 e morreu a 5 de Abril de 1691 (L.B.).

Foi discipulo de Guido Reni e de João Antonio Sirani; gravou com ponta facil e espirituosa, segundo as proprias composições e as de seus mestres, no gosto e maneira d'elles, a ponto de muitas das suas estampas serem attribuidas a estes. Loli era conhecido em Italia pelo nome de *Lorenzino de Signor Guido Reni*, em consequencia da particular affeição que este lhe tinha.

N.º 43. — Dois Amores lutando.

O da esquerda tenta resistir, firmando-se no chão com a perna esquerda e com o joelho direito sobre uma pequena eminencia do terreno, na qual se apoia com a mão direita, mas parece a ponto de succumbir; o da direita, com o pé esquerdo no chão e o joelho direito fincado na côxa esquerda do seu adversario, ataca-o com ambas as mãos. Em baixo, uma pequena margem em branco. Sem nome, monogramma ou marca do gravador e sem data.

Altura, com a margem, 172 millimetros; altura, sem a margem, 149 millimetros; largura, 126 millimetros.

N.º 19 de B. (XIX, 175).

Da Real Bibliotheca.

ROSA (SALVADOR)

Salvador Rosa, pintor e gravador á agua-forte, nasceu a 20 de Junho de 1615 em Renella, villa perto de Napoles, e falleceu em Roma a 15 de Março de 1673.

De criança revelou grande propensão para o desenho, a musica e a poesia; embora seu pae o destinasse á carreira juridica, poz-se de motu-proprio a estudar desenho com seu tio Paulo Greco e pintura com seu cunhado Fracanzani. Mal adquiriu certa pratica de manejar o pincel, começou a dar passeios pelos arredores de Napoles e a pintar as paizagens e figuras que acaso encontrava.

Levado pelo seu genio aventuroso fez uma excursão pelo Abruzo, onde tendo-se internado, diz-se, fôra feito prisioneiro dos salteadores d'essa região, que o retiveram por muito tempo: as suas series, á agua-forte, de *Salteadores* e *Soldados* parecem inspiradas pelos typos d'esses homens. Pouco depois da sua volta á Napoles, Salvador Rosa, ainda muito moço (18 annos), achou-se a braços com as maiores difficuldades: não só tinha de prover ás proprias necessidades, mas tambem de sustentar a numerosa familia de seu pae, cujo encargo lhe ficára por morte d'este.

Começou então a trabalhar com ardor; os adellos eram os unicos freguezes que lhe acudiam, os quaes entretanto mal lhe pagavam as suas pinturas. Arrastava assim a existencia, quando um dia o celebre pintor João Lanfranco, que então vivia em Napoles á lei da grandeza, passando de carruagem pela casa de um d'esses negociantes, viu um quadro, *Agar no*

deserto, que o impressionou, pintado por um artista obscuro, que não conhecia, a quem chamavam *Salvatoriello;* comprou o quadro e levou-o in-continenti comsigo. Tanto bastou para realçar o merecimento de Salvador Rosa aos olhos dos seus freguezes habituaes; e desde logo as suas télas começaram a ter maior estimação e obter preços mais elevados.

Entrementes veiu o nosso artista a conhecer o então afamado pintor de batalhas, Aniello Falcone, e por intermedio d'este a José Ribera. Frequentou as officinas de ambos. Como os genios de Salvador Rosa e do *Hespanholeto* se não coadunavam, pouco duraram as relações entre elles; mas com A. Falcone succedeu justamente o contrario, pois tornaram-se amigos até á morte. Com a frequencia da officina de A. Falcone, Salvador Rosa offeiçoou-se ao genero de pintura predilecto d'aquelle e em pouco tempo conseguiu emparelhar com elle, a quem os Napolitanos cognominavam *o Oraculo das batalhas.*

Vendo que não fazia carreira na patria, resolveu mudar de terra; foi-se á Roma em 1635, onde, graças á intervenção de um antigo camarada de collegio, o abbade Jeronymo Mercuri, obteve a protecção do Cardeal Brancaccio, que o levou comsigo a Viterbo para executar ali algumas pinturas, entre as quaes se conta a celebre *Incredulidade de S. Thomé* para o altar-mór da igreja *Della Morte.*

Aborrecendo-se da posição subalterna que tinha na casa do Cardeal Brancaccio deixou-a e tornou a Napoles. Dos trabalhos que executava nesta cidade mandava alguns á Exposição annual que se fazia no Pantheon em Roma: um d'elles, o *Prometheu*, causou então grande sensação. Julgando o ambicioso artista opportuno o ensejo para entrar na Academia de S. Lucas o que era naquelle tempo considerado como baptismo do talento e consagração de superioridade artistica, partiu de novo para Roma; não teve porém o gosto de ver realizados os seus desejos pela má vontade e inveja dos officiaes do mesmo officio. Apesar d'isto eram as suas pinturas bastante estimadas, quando um facto extranho á arte concorreu para tornar o nome do artista mais conhecido e popular: no carnaval de 1639 elle organizou uma mascarada, cuja principal figura, o *Signor Formica*, desempenhava, atirando a torto e a direito ditos espirituosos cheios de fino sal attico, espalhando epigrammas, distribuindo receitas contra todos os males particulares e calamidades publicas, cantando canções, &. Vivia ainda na cidade dos Papas quando arrebentou a revolta de Masaniello em Napoles (1647); correu a unir-se aos revoltosos e alistou-se na *Companhia da morte*, cujo capitão era seu amigo A. Falcone; sendo porém

suffocada a ephemera revolução, o nosso aventuroso artista voltou de novo á Roma. Ahi pouco se demorou; tendo nas suas poesias e em algumas das suas pinturas satyricas (entre outras, *A Fortuna distribuindo os seus favores*) feito allusões mui transparentes aos personagens da terra: pintores eminentes, Principes da Igreja, grandes Senhores, &, levantou contra si tamanha animosidade e celeuma, que julgou prudente ausentar-se de Roma ao menos por algum tempo. Aproveitando-se então da proposta do Grão-Duque de Toscana, Fernando II, que o chamava á sua côrte para executar algumas pinturas, pôz-se a caminho para Florença. O Grão-Duque tratou-o antes como amigo do que como protegido: concedeu-lhe uma avultada pensão e muitas honras; a gente da côrte e a melhor sociedade de Florença porfiavam em acolhel-o com a maior benevolencia e agrado. No meio de tantas honras e proveito tinha saudades de Roma e pensava sempre em voltar para lá; de feito em 1652 deixou Florença para estabelecer-se naquella cidade, onde viveu até morrer, com excepção de algum tempo (1661), durante o qual esteve de novo na capital da Toscana para assistir ás festas por occasião do casamento do herdeiro presumptivo da corôa grão-ducal (depois Cosme III) com a princeza Margarida de Orléans.

A grande batalha, sua obra-primá, ainda hoje admirada no Museu do Louvre, pintada em quarenta dias, que foi offerecida a Luiz XIV por Monsenhor Corsini, Nuncio na Côrte de França, e muitos dos seus melhores quadros foram feitos neste periodo da sua vida.

Cinco ou seis annos antes de morrer já não trabalhava mais; a doença o tinha condemnado á inactividade.

Salvador Rosa tratou de assumptos historicos, paizagens e batalhas; avantajando-se nestas mais do que naquelles.

As suas composições são cheias de calor, de vida e de energia de expressão; nellas resumbra entretanto certa melancolia e azedume, devidos talvez aos infortunios dos primeiros annos da sua vida; desenhava de modo antes grandioso que correcto; as suas figuras em geral não têm elegancia; e trabalhava com muita rapidez, o que não pouco influiu para que ás vezes os seus quadros não fossem bem acabados.

As suas paizagens principalmente, com velhos troncos de arvores carcomidas, fendidos pelo raio ou derribados pela tempestade, com rochedos escarpados e abruptos, com sitios de aspecto selvagem e lugubre, são admiraveis; neste genero não teve predecessores: tirou inspirações sómente do seu talento fecundo; e não terá talvez imitadores.

A obra gravada de Salvador Rosa, hoje bastante rara,

consta de 86 aguas-fortes (Nagler, *Lexicon*), abertas com ponta livre, facil e espirituosa; muitas d'ellas são feitas segundo os seus proprios quadros.

Salvador Rosa não foi sómente pintor e gravador; cultivou tambem a poesia e a musica e foi no seu tanto actor. Taes prendas e dotes eram ainda realçados pela graça do dizer e pela facundia da sua conversação amena e agradavel. Quando, depois do carnaval de 1639, foi conhecido o nome da pessoa que representou o papel de *Signor Formica*, o nosso artista deu o tom em materias de bom gosto tanto em Roma, como em Florença: a sua casa era o ponto de reunião dos seus amigos, dos homens de espirito e dos grandes senhores, que todos apreciavam e admiravam as boas partes de tão predilecto filho das musas.

N.° 44. — Alexandre Magno visitando Diogenes assentado á entrada do seu tonnel, ás portas de Corintho.

Doze figuras e um cavallo, em uma paizagem. Á esquerda, Alexandre de perfil para a direita, tendo na mão esquerda um bastão de mando apoiado no chão, faz com a outra mão um gesto a Diogenes, que se vê á direita da estampa, sentado no chão á entrada do seu tonnel, olhando para o poderoso monarcha e fazendo-lhe com a mão direita um aceno de afastar-se, como para dizer-lhe: *não me tires a luz do sol que me não podes dar*. Em baixo, um pouco para a direita, os seguintes versos de Juvenal (Satyra XIV, versos 311-313), escriptos em um cartaz:

« Sensit Alexander testa quum uidit in illa
Magnum habitatorem quanto felicior hic, qui
Nil cuperet, quam qui totum sibi posceret orbem. »

e por baixo dos versos: « Saluator Rosa Inu. ».

Sem data.

Altura, 445 millimetros; largura, 265 millimetros.

N.° 6 de Nagler, *Lexicon*, 1.° estado, não descripto por este autor, a saber: sem a palavra abreviada « scul. » em seguida a « Inu. »

Comprada no Rio de Janeiro pelo Bibliothecario, Snr. Dr. João de Saldanha da Gama.

SIRANI (ISABEL)

Isabel Sirani, pintora e gravadora á agua-forte, nasceu em Bolonha em 1638, e morreu na mesma cidade em 1665.

Aprendeu a pintura com seu pae João André Sirani; e em breve, graças ao seu raro talento e assidua applicação, tornou-se astista consumada. As suas pinturas são no estylo gracioso do Guido, a quem tomou por modelo. Isabel Sirani formou em pintura muitas discipulas: Veronica Franchi, Vicencia Fabri, Lucrecia Scarfaglia, Genoveva Cantofoli, &.

As gravuras de Isabel Sirani, tambem no gosto das de G. Reni, são abertas com ponta espirituosa e por isso muito estimadas.

Diz-se que esta artista morrêra envenenada por suas rivaes na arte. O seu corpo foi depositado no tumulo do Guido.

N.º 45. — A Virgem da legenda, segundo Raphael.

Dentro de um redondo, inscripto em um quadrado, a Virgem, vista até aos joelhos, sentada, segura com as duas mãos o Menino Jesus, que, com o pé direito sobre uma almofada e o esquerdo no regaço de sua Mãe, extende as mãos para tomar uma larga fita, que S. João, á direita da estampa, lhe apresenta; no fundo, á direita, um leito com a cortina tomada. Na margem inferior occorre: « *Opus hoc à Diuino Raphaele pictum, et a Fr. Bonauentura | Bisio oblinitum, inter reliquas inuictissimi Ducis Mutinæ | delitias conspicitur, Elisabetha Sirani sic incisũ exposuit.* »

Altura sem a margem: á direita, 210 millimetros; á esquerda, 207 millimetros; altura da margem, 24 millimetros; largura: em cima, 208 millimetros; em baixo, 210 millimetros.

N.º 6 de B. (XIX, 154); N.º 4 de Andresen (II, 515).

Soberba estampa a chama Bartsch.

Da Real Bibliotheca.

ROSSI o Velho (JERONYMO)

Jeronymo Rossi, ou de Rubeis, Senior, pintor e gravador á agua-forte, nascido em Roma em 1640, floresceu pelo anno de 1670. Segundo Malvasia, foi discipulo de Simão Cantarini,

o qual muitas vezes o tomou por modelo de suas figuras, visto ser moço muito bello e bem proporcionado de fórmas; Nagler, porém, na sua obra, *Künstler Lexicon*, fundando-se nas datas do nascimento de Rossi, 1640, e da morte de Cantarini, 1648, nega formalmente estes assertos, por não ser possivel que em tão tenra idade (8 annos) Rossi já tivesse aprendido a pintar e a gravar e servido de modelo para figuras de homem feito. Huber & Rost o dão como discipulo de Cantarini e de João Baptista Buoncore.

J. Rossi gravou apressada e negligentemente; apesar d'isto, não deixa de ser considerado como distincto gravador.

N.º 46. — Duas crianças; segundo Guido Reni.

Em uma paizagem, duas crianças nuas tentam apanhar um passarinho, que lhes fugira; a da esquerda, é vista pelas costas, cahida no chão, e a da direita, correndo para a esquerda, está prestes a segurar na ponta de um cordel preso a um dos pés do passarinho. Em baixo, á direita, « G.do R.ne ». Sem data.

Altura. 196 millimetros; largura, 261 millimetros.

N.º 5 de B. (XIX, 237); N.º 5 de Nagler, *Lexicon* (XIII, 436).

Da Real Bibliotheca.

MATTIOLI (Luiz)

Luiz Mattioli, nasceu em Crevaliore, lugarejo do Principado de Masserano, em 1662, e morreu em 1747. Quasi todos os autores o dizem pintor, desenhador e gravador á agua-forte; Bartsch porém affirma que elle nunca exerceu a arte da pintura, mas somente o desenho e a gravura.

A principio foi discipulo de Carlos Cignani, e depois de José Maria Crespi, cognominado o *Hespanhol;* e tal era a affeição que este dedicava a Mattioli, que lhe-permittia assignar o seu nome nas estampas que elle mestre gravava. Foi esta amigavel generosidade causa de se confundirem algumas das estampas d'estes dois gravadores; entretanto Bartsch pretende ter dado o seu a seu dono na descripção, que faz das obras de ambos.

Mattioli gravou segundo varios mestres e os proprios desenhos; as suas estampas são correctamente desenhadas e abertas com ponta facil e bem exercitada, de modo que não deixam de ser agradaveis á vista e de merecer geral estimação.

N.º 47. — A ama de leite favorita de Antonio van Dyck, segundo o mesmo.

Uma mulher sentada, de perfil para a esquerda, com o rosto voltado para a direita, olhando espantada para uma ave de rapina, que se vê sobre uma janella aberta, segura com a mão esquerda um menino reclinado no seu regaço, e com o braço direito achega a si outra criança de pé, a seu lado. No fundo uma cortina tomada. Na margem inferior lê-se: 1.º, « *La Balia favorita di Ant.º Van-Dyck in casa del Sig.r Co: Senatore Orsi in Bologna* » ; 2.º, por baixo e á direita d'este dizer « *Lud. Matthiolus f.* » Sem data.

Altura, á direita, 245 millimetros; altura, á esquerda, 243 millimetros; largura, 208 millimetros.

N.º 140 de Nagler, *Lexicon* (VIII, 458); N.º 13 de L.B. (II, 626). Vide tambem B., á pag. 411 do XIX.

Bella gravura e rara. Pertenceu á Real Bibliotheca.

PETRI (PEDRO ANTONIO DE)

Pedro Antonio Petri, Pitri ou de Pietri (*Pires*, em portuguez), pintor, gravador á agua-forte e a buril, nasceu em Premia, no Novarense (B.), ou em Roma (Basan), em 1663, segundo uns, ou em 1671 segundo outros; e morreu em Roma em 1716.

Teve por mestres de pintura a José Ghezzi, Angelo Massarotti e Carlos Maratti, de quem foi dos mais distinctos discipulos. Gravou segundo as proprias invenções, trabalhando as suas chapas á agua-forte e retocando-as a buril com muito cuidado. Poucas estampas d'este mestre apontam os iconographos.

N.º 48. — O purgatorio.

No alto, a Virgem Santissima e S. José sentados sobre nuvens; á direita, S. Antonio pedindo aos Santos Esposos

que intercedam perante Deus pelas almas do purgatorio; por baixo dos pés da Virgem e de S. José, um anjo derramando sobre as almas em pena um liquido contido em um grande vaso. Em baixo, á direita lê-se: « *Petrus de Petri Invcn. et Sculp.* » Sem data.

Altura, 389 millimetros; largura, 255 millimetros.

Estampa bella e rara, mui bem acabada, descripta por Nagler, *Lexicon* (XI, 185), sob n.º 2, no 1.º estado.

Bartsch só conheceu o 2.º estado (n.º 2, XXI, 290), do qual diz que se lê, á direita, em baixo: « *Gioseppe Marini Fece Fare per sua Deuotione, e Ded. a Dio. Pietro A. de Pietri Inue. et sculp. A. 1694. — con lic. de sup.* »

Da Real Bibliotheca.

VOLPATO (João)

João Volpato, desenhador e gravador, nasceu em Bassano em 1730 (Nagler, *Lexicon)*, ou em 1733, 1735 e 1738 (segundo outros), e falleceu em Roma em 1803.

Nos primeiros tempos da sua vida applicou-se á arte de bordar, que aprendeu com sua mãe, mas depois dedicou-se á gravura, não tendo a principio outro mestre nesta arte mais que o seu talento.

Querendo aperfeiçoar-se nella passou se á Veneza, onde foi discipulo de José Wagner, gravador e mercador de estampas, e de Francisco Bartolozzi.

Tanta affeição lhe tomou este que o chamou a si, deu-lhe bom gazalhado na sua casa e instruiu-o em todos os segredos da sua arte; tambem por isso teve Bartolozzi sobre o discipulo e a sua maneira de gravar muito mais influencia do que Wagner.

Em 1769 foi Volpato á Parma e ahi trabalhou por algum tempo; voltou depois á Veneza, e durante esta segunda morada nesta cidade gravou muitas estampas para a casa commercial de Wagner; finalmente mudou-se para Roma, onde se estabeleceu como mercador de estampas, continuando sempre a trabalhar como gravador.

Na escola de Volpato formaram-se habeis discipulos, que lhe seguiram as pegadas: Raphael Morghen, que se casou com sua filha, João Folo, Domingos Cunego e outros.

J. Volpato parece que viveu algum tempo em Paris (cêrca do anno de 1761), ou pelo menos trabalhou para mercadores de estampas d'essa cidade, como se infere do nome afrance-

zado, *João Rênard*, com que subscrevia as suas gravuras publicadas em Paris.

Em Veneza Volpato gravou segundo Piazetta, Maiotto, Amiconi, A. Zuccarelli, M. Ricci, Brand o Velho, e Bartolozzi; e em Roma segundo os mais celebres artistas italianos, Raphael, Miguel Angelo, Paulo Cagliari, dito o *Veronense*, Leonardo de Vinci, *Guercino*, *Tintoretto*, &.

As gravuras abertas por J. Volpato em Roma são muito numerosas, e podem dividir-se em duas especies: não coloridas, e coloridas á aguarella.

Em grande numero d'estas ultimas, que tiveram então muita sahida e ainda hoje são estimadas e caras, Volpato teve por collaborador o pintor e gravador Suisso Pedro Ducros. Da obra de Raphael no Vaticano, que por essa epoca uma sociedade de amadores mandára gravar por varios artistas, as melhores estampas são abertas por Volpato.

J. Volpato soube alliar vantajosamente a ponta com o buril; ainda que as suas estampas se resintam por vezes de certa frieza na expressão, têem muito valor na opinião dos entendidos.

N.º 49. — O tumulo do Conde Francisco Algarotti, no Campo Santo de Pisa, segundo Carlos Bianconi.

Dentro de um nicho, cavado em um portico, vê-se uma grande urna funeraria, sobre cuja campa está Minerva reclinada, lendo; no alto do nicho dois anginhos, um dos quaes sustenta um medalhão com o busto de Algarotti. Em baixo: no meio, sobre o patamar de uma escada de tres degraus, um grupo de cinco pessoas em differentes posições; á direita, sentado em um dos degraus da escada, um mendigo, com seu cão ao pé de si, pede esmola ás pessoas do grupo acima, apresentando-lhes a sua gorra; finalmente na extrema direita, um moço, sustentando com a mão esquerda uma lapide, levantada do chão, mostra-a com o dedo indicador da direita ao mesmo grupo. Na parede, aos lados do portico, vêem-se varias pedras tumulares com inscripções, &.

No corpo da estampa occorrem os seguintes dizeres: 1.º, no entablamento do portico, « ALGAROTTO OVIDII ÆMVLO / NEWTONI DISCIPULO / FRIDERICVS MAGNVS », em uma lapide; 2.º, em outra, por baixo do medalhão, « ALGAROTTVS / NON OMNIS »; 3.º, na peanha da urna, « ANNO DOMINI MDCCLXIIII »; e na margem inferior: « PISIS IN CŒMITERIO », no meio;

« *Carol: Bianconi Bonon:is fec.* », á esquerda; e « *Joan. Volpatus sculp. Venet:is 1769.* », á direita.

Altura, 610 millimetros; largura, 431 millimetros.

N.º 35 de Nagler, *Lexicon*, XX, 523.

Bella gravura. O exemplar exposto, procedente da Real Bibliotheca, tem o senão de lhe faltarem as margens; mas apesar d'isto é uma optima estampa.

MORGHEN (RAPHAEL)

Raphael Morghen, gravador á agua-forte e a buril, nasceu em Florença a 19 de Junho de 1758, segundo affirma seu discipulo Nicolau Palmerini, que com elle privou e escreveu o Catalogo completo da obra do Mestre, publicado ainda em vida d'este.

Raphael Morghen era filho de um gravador de origem allemã, Philippe Morghen, com quem começou a aprender a gravura; aos 12 annos de idade abriu uma chapa bem soffrivel e aos 20 já tinha gravado algumas estampas de tanto merecimento, que seu pae, no intuito de lhe dar a maxima instrucção na arte, mandou-o para a escola de João Volpato em Roma. Em 1794, a convite do Grão-Duque de Toscana, Fernando III, veiu residir em Florença, para abrir uma aula de gravura, mediante uma pensão de cêrca de dois mil francos e alojamento pagos por este.

Raphael Morghen gravou segundo Raphael, Leonardo de Vinci, Guido Reni e outros mestres; trabalhou ás vezes de parceria com Volpato e no fim da vida foi ajudado em suas estampas por seus discipulos.

Casou-se em 1781 com Domingas Volpato, filha de seu mestre, e falleceu em Florença a 8 de Abril de 1833.

Raphael Morghen avantaja-se pela harmonia, delicadeza e suavidade de suas gravuras, pelo que é considerado um dos primeiros gravadores d'este seculo, apesar dos senões que por vezes ellas accusam.

A sua obra é muito importante e foi muito bem descripta por Nicolau Palmerini, a quem R. Morghen tinha por habito dar um exemplar de cada estado das suas estampas desde o primeiro esboço até á prova cabal; este Catalogo foi copiado por Nagler, no seu *Künstler Lexicon*, e augmentado por elle com addições da propria lavra. A obra de R. Morghen foi comprada pelo Duque de Buckingham por 1,200 libras sterlinas.

N.° 50. — A Ceia de Jesus Christo com os Apostolos, segundo a famosa pintura mural, feita por Leonardo de Vinci no refeitorio do antigo Convento dominicano de *Santa Maria delle Grazie* (hoje quartel de cavallaria), em Milão.

Treze figuras postas á mesa: no meio, Jesus Christo, de frente, com os olhos baixos, os braços abertos e as mãos apoiadas sobre a mesa; á direita do Salvador: S. João, com a cabeça inclinada, de mãos postas e olhos baixos, immerso em grande afflicção; junto do Discipulo predilecto vê-se Judas, com o rosto de perfil, segurando com a mão direita, apoiada sobre a mesa, a bolsa; S. Pedro, em pé, por detraz do traidor, de perfil, com uma faca na mão direita e pondo a outra sobre a espadua de S. João, consola-o na sua dôr; em seguida, estão tres outros Apostolos, de pé: o 1.°, a tres quartos, com as mãos abertas na altura do peito, em signal de espanto; e os outros dois de perfil, tendo o ultimo as mãos firmadas sobre a mesa. Á esquerda do Salvador: um Apostolo sentado, de braços abertos; por detraz d'este, outro, em pé, voltado para Judas, como o indicador da mão direita levantado, em ar de ameaça, por suspeitar que seria elle o traidor; junto do primeiro d'estes dois discipulos, outro, moço, em pé, com as mãos no peito, como quem pergunta: *Nunquid ego sum?;* em seguida a este, um grupo de tres Apostolos, em differentes posições, em colloquio a respeito do caso. Sobre a mesa: pratos com vianda e peixe, pães, garrafas, copos, &. Por baixo da mesa vêem-se os pés dos convivas. No fundo, atravez de uma porta e duas janellas abertas, uma paizagem com casaria.

A estampa tem as margens mutiladas; da inferior resta apenas uma pequenissima porção, onde se lêem os seguintes dizeres: « *Leonardus Vincius pinxit* », á esquerda; « *Teodorus Matteini delineavit* », no meio; « *Raphael Morghen sculpsit* », á direita.

Dimensões da estampa no seu estado actual:

Altura, 434 millimetros; largura, 893 millimetros.

N.° 19 de L.B. Não se póde determinar si a estampa exposta pertence ao 4.° ou 5.° estado d'este autor, á falta de todos os dizeres da margem inferior; como porém os restantes estão abertos a buril, indubitavelmente ella não deve ser considerada como pertencente a nenhum dos tres primeiros

estados da chapa, nem tão pouco ao 6.°, por não apresentar signaes de retoque d'esta.

Apesar de estragada em alguns lugares, a nossa estampa dá bem ideia d'esta obra prima do gravador, a qual é já muito rara e muito cara; na venda Debois um exemplar no 3.° estado foi vendido por 2,030 francos, segundo L.B.

A estampa foi comprada no Rio de Janeiro pelo ex-Bibliothecario, Snr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

N.° 51. — A Sacra Familia, conhecida em iconographia pela denominação da *Virgem do Sacco*, segundo André Vannucci, dito *André del Sarto*.

Á direita, a Virgem Santissima sentada no chão, a tres quartos para a direita e com o rosto de frente, tendo ao regaço o Menino Jesus quasi nú; á esquerda, S. José, de perfil para a direita, tambem sentado no chão, com o antebraço direito apoiado em um sacco, lendo em um livro, que segura com a mão esquerda. Em baixo occorrem os seguintes dizeres escriptos em duas lapides: « QVÊ GENVIT / ADORA – / VIT », á esquerda; « AN. DOM / MDXX / V », á direita; e em cima, nos dois espaços triangulares aos lados do arco que limita a composição superiormente, « ANDREAS / VANNUC / CIVS / PINX. », á esquerda; « IN CLAVSTRO / SERVITA / RVM / FLOR », á direita.

Na margem inferior lêem-se:

1.°, « *Andreas Vannuchius pinx*t. *vulgo dicto And. del Sarto* », á esquerda; « *Theodorus Matteini delin.* », no meio; « *Raphael Morghen Sculp: Flor:* », á direita;

2.°, por baixo dos precedentes dizeres a dedicatoria, tendo de permeio o brazão da pessoa a quem é dedicada a estampa: « A SUA ECCELLENZA IL SIGNOR GENERALE MARCHESE MANFREDINI / *Cavaliere Gran Croce de Santo Stefano... Proprietario / d'un Regimento... Toscana / Raffaello Morghen* D: D: D: »

Sem data (1795).

Altura, 377 millimetros; largura, 725 millimetros.

N.° 95 de Nagler, *Lexicon;* N.° 13, 3.° estado, de L.B.

Rara e bellissima estampa, comprada no Rio de Janeiro sob a administração do actual Bibliothecario, o Snr. Dr. J. de Saldanha da Gama.

N.° 52. — Retrato de Francisco de Moncada, Marquez de Aytona, a cavallo, segundo Antonio Van Dyck.

Montado em um lindo ginete ruço argentado, a tres quartos para a direita, de cabeça descoberta, olhando para a frente, vestido de couraça tendo por cima um largo collarinho revirado, pousando a mão direita em uma das extremidades de um pequeno bastão de mando, que se apoia pela outra sobre a sella; em uma paizagem.

Na margem inferior lê-se:

1.°, « *Antonius Van-dyck pinxit* », á esquerda; « *Stephanus Tofanelli delineavit* », no meio; « *Raphael Morghen incidit Romae 1793* », á direita;

2.°, « *Imago equestris* FRANCISCI DE MONCADA *Marchionis Aytonae / Copiis Hispanicis in Belgio Praefecti, atque historiarum scriptoris quam è praeclara* VANDYCKII *tabula in aere cestro* a se deformatam / PII SEXTI PONT. MAX. RESTITUTORIS ARTIUM / NOMINI MAIESTATIQUE inscribit RAPHAEL MORGHEN »;

3.°, « *Tabula adservatur in Pinacotheca Excm̃i Principis* ALOYSII BRASCHI ONESTI... *Equitis Hierosol.* &c. », em tres linhas.

Com o brazão do Papa Pio VI cortando ao meio o 2.° e o 3.° dizeres.

Altura, 552 millimetros; largura, 419 millimetros.

N.° 43 de Andresen, 3.° estado.

Disputa a primazia á celebre *Ceia* do mesmo abridor (n.° 50 d'este Catalogo) esta bellissima estampa, hoje rara, mais conhecida pela denominação de *Cavalleiro de Morghen*. Um magnifico exemplar d'ella, antes de todas as lettras, foi vendido em 1867, na rua Drouot, em Paris, por 300 francos.

A estampa exposta pertenceu á Ex.ma Snr.a D. Luiza de Queiroz Coutinho Mattoso Perdigão, que generosamente a offereceu á Bibliotheca Nacional.

LONGHI (JOSÉ)

José Longhi, desenhador, pintor e gravador á agua-forte e a buril, filho de um negociante de sedas, nasceu em Monza em 1766 e falleceu em Milão em 1831. Depois de ter feito com proveito os estudos necessarios á carreira ecclesiastica, para a qual seus paes o destinavam, resolveu, impellido por irresistivel inclinação para as bôas artes, dedicar-se á pintura

e á gravura. Teve por mestre de desenho e de pintura a Julião Travallesi e de gravura ao florentino Vicente Vangelisti, que trabalhava então em Milão.

Desejoso de aperfeiçoar-se no desenho, foi-se á Roma a estudar as obras de Raphael e de Guido Reni; nesta cidade dedicou-se tambem ao estudo da poesia e fez repetidas vezes o curso de anatomia com o professor José Cervi. Foi em Roma que J. Longhi travou relações de amizade com Raphael Morghen, relações que se tornaram cada vez mais estreitas e perduraram até á sua morte.

J. Longhi, depois de exercer a pintura por algum tempo, desamparou-a, para dedicar-se unicamente á gravura. Pela morte de V. Vangelisti (1798) foi nomeado professor d'esta arte em Brera e teve a felicidade de, com a bôa organização da sua èscola e o excellente methodo das suas lições, formar numerosos discipulos, que espalharam a sua nomeada por toda Europa.

J. Longhi foi poeta, escriptor sobre assumptos de bellas artes e socio de quasi todas as academias de arte, existentes em Europa; angariou pelo aprimorado das suas gravuras as bôas graças de Napoleão I; e teve as condecorações da Corôa de ferro e de Constantino de Parma.

Poucos artistas têem deixado gravuras tão bem acabadas como Longhi. Os *Fastos de Napoleão I*, gravados de 1807 a 1816 por elle e por outros abridores sob a sua direcção, Miguel Bisi, Benaglia, José e Francisco Rosaspina, segundo André Appiani, merecem especial menção como collecção; a chapa do *Juizo final* de Miguel Angelo, segundo desenho de Minardi, e a da *Virgem do veo*, segundo Raphael, Longhi não as poude terminar; esta porém foi acabada por seu discipulo, o cavalleiro Toschi.

N.º 53. — Os desposorios da Virgem Santissima, segundo Raphael.

Á direita, S. José apresentando o annel nupcial á Virgem, á esquerda; no meio, o Summo Sacerdote, sustendo-lhes as mãos. Cinco mulheres acompanham a noiva e cinco mancebos o noivo; são estes os mollogrados pretendentes á mão de Nossa Senhora (*). Um d'elles quebra ao joelho a sua vara;

(*) Raphael derivou esta parte da composição da seguinte lenda: varios mancebos de Jerusalem, que pretendiam esposar a Virgem Santissima, se lhe apresentaram, trazendo cada qual uma varinha na mão; tendo a de S. José florescido in-continenti, julgaram os outros que o Senhor o havia, por este milagre, querido indicar como o esposo da sua escolha, e por isso quebraram as suas varinhas. Vide — Réveil & Ménard, *Musée de peinture et sculpture*, II, 25.

outro, agastado, quebra tambem a sua, servindo-se das mãos sómente; os tres restantes trazem-n'as levantadas. No fundo, uma praça publica com um templo, de dezeseis faces, cercado de uma columnata, tendo por cima do arco do meio: « RAPHAEL VRBINAS / MDIIII ». No ultimo plano, uma paizagem. Na margem inferior, o brazão do Imperador d'Austria, no meio; e differentes dizeres aos lados d'este: 1.°, « *Raffaello Sanzio dip: 1504.* », á esquerda; « *Gius.e Longhi dis: e inc: Milano 1820.* », á direita; 2.°, a seguinte quadra em italiano, disposta em duas columnas:

« Se di tai pregi adorno Mai non precorse il giorno
Fu Sanzio imberbe ancora; Più luminosa aurora. »;

3.°, a dedicatoria, « *All' Imp.le*... MAESTÀ *di* FRANCESCO I. *Imperatore d'Austria... ed Illirio &c. &c. &c. D.D.D. in attestato d'osseq:ma sudditanza Giuseppe Longhi* »; 4.° « *L'Originale esiste nella I. R. Galleria di Brera in Milano* », á esquerda; 5.°, « *Lissant impresse in Milano.* », tambem á esquerda.

Altura, 719 millimetros; largura, 487 millimetros.

N.° 4, 5.° estado, de L.B. (II, 567).

Bella estampa comprada no Rio de Janeiro durante a administração do actual Bibliothecario.

CALAMATTA (LUIZ)

Luiz Calamatta, desenhador e gravador a buril e á maneira de lapis, nasceu em Civita-vecchia a 12 de Junho de 1802.

Pouco se sabe a respeito dos primeiros annos da sua vida; descendente de uma familia obscura e pobre, recebeu, em Roma, a educação artistica e gratuita, que então se dava na Escola de São Miguel, mantida pelo governo pontificio, tendo por mestres a Giangiacomo, Ricciani e Marchetti. Nesta cidade o nosso artista, então de 16 ou 17 annos de idade, travou relações com o pintor francez Ingres (João Augusto Domingos), relações que com o andar dos tempos se tornaram cada vez mais estreitas e amigaveis. De Roma passou-se á Florença (cêrca de 1820), onde residiu por algum tempo; e depois a Paris, não se sabe ao certo em que data, sendo porém averiguado que, quando Ingres voltou para esta cidade em 1824, já encontrou ahi L. Calamatta estabelecido e que fôra este quem o hospedára nos primeiros dias e lhe emprestára algum dinheiro para occorrer ás primeiras despezas.

Pouco depois de ter chegado a Paris, L. Calamatta publicou a sua gravura a *Mascara de Napoleão*, que desde logo se tornou celebre, não só pelo seu alto valor artistico, mas ainda por se lhe ter dado certa feição politica: de feito gravar naquella epoca a mascara do Imperador equivalia á uma demonstração de opposição aos Bourbons restaurados.

Entre os annos de 1825 a 1826 começou a gravar o *Voto de Luiz XIII*, segundo Ingres; circumstancias porém independentes da sua vontade o obrigaram a interromper esse trabalho; entrementes occupava-se em reproduzir pela gravura alguns dos assumptos mais apreciados no *Salão*. D'entre essas gravuras merece especial menção a de *Bajazeto e o pastor* segundo Dedreux Dorcy, aberta em collaboração com Coiny (1827).

Em Paris conheceu L. Calamatta um distincto gravador hollandez, Taurel, o qual, precisando de um collaborador, induziu o nosso artista a acompanhal-o á Hollanda pelo anno de 1830. Durante um a dois annos trabalhou L. Calamatta em Haya; si a sua residencia nesta cidade lhe não proporcionou outras vantagens, serviu pelo menos para restabelecer-lhe a saude.

Voltando a Paris, tratou de continuar a gravura da chapa do *Voto de Luiz XIII*, a qual só depois de sete annos de trabalho foi publicada (1837). D'esta afamada estampa dizia-se então que, si Ingres soubesse manejar o buril, não a teria gravado melhor.

Pouco depois da publicação do *Voto de Luiz XIII*, partiu L. Calamatta para Bruxellas, a convite do governo da Belgica, para fundar e dirigir nesta cidade a Escola de gravura, Escola em que formou muitos discipulos distinctos: Biot, Leopoldo Flameng, Desvachez, Meunier, Demannet, Lelli e outros. Não podendo por si só dar conta de todas as obras, que lhe encommendava o governo, o nosso artista encarregava a execução d'ellas a seus discipulos, limitando-se a superintender os trabalhos e ás vezes a retocal-os. O nome de Calamatta seguido da palavra *direxit* occorre em grande numero das estampas gravadas por seus discipulos, publicadas na Belgica; entretanto é forçoso confessar que muitas d'ellas são bem pouco dignas de ser subscriptas pelo nome de gravador tão distincto. Foram assim gravados: o *Museu belgico*, collecção de retratos historicos; as *Lojas* de Raphael no Vaticano, segundo as copias de Carlos Meulemeester; e uma serie de desenhos, segundo os grandes pintores italianos, feitos pelo proprio mestre quando esteve na Italia, gravados á aqua-tinta; entretanto a mais bella estampa d'esta serie, a *Visão*

de Ezequiel, segundo Raphael, foi, por excepção, inteiramente gravada só pelo proprio L. Calamatta.

Pensando sempre na sua Italia, vivia na Belgica o nosso artista como que desterrado; de vez em quando fazia alguma viagem ao seu paiz, sempre no interesse da arte; até que em 1862 pediu a sua exoneração de director da Academia de Bruxellas, por ter acceitado, a convite do ministro italiano Mamiani, o lugar de professor da de Milão.

Encarregado pelo governo pontificio de gravar a *Disputa do Santissimo Sacramento*, a *Divina Disputa*, como elle a chamava, metteu mãos á obra, que não teve o gosto de acabar por ter fallecido antes.

L. Calamatta, desenhador provecto, costumava, ao contrario de Raphael Morghen, fazer pelas suas proprias mãos os desenhos das pinturas que pretendia gravar; taes desenhos são verdadeiras obras primas. Esta circumstancia e a maneira perita e algumas vezes peculiar com que manejava o buril e a ponta valeram-lhe a bem merecida nomeada de um dos melhores gravadores do seculo. Das suas mais perfeitas estampas as que gozam de maior estima são: as gravuras á maneira de lapis segundo Ingres, executadas com tão maravilhosa fidelidade e expressão de sentimento que a dois passos de distancia é impossivel distinguir a gravura do desenho original; o *Voto de Luiz XIII*, segundo Ingres; a *Virgem da cadeira*, segundo Raphael; a *Jucunda*, segundo Leonardo de Vinci; a *Virgem* e o retrato do *Conde Molé*, segundo Ingres; a *Disputa do Santissimo Sacramento*, segundo Raphael, &.

L. Calamatta tinha por habito não gravar de um jacto as suas chapas: trabalhava alternadamente em muitas d'ellas, ora em umas ora em outras; corrigia assim, por continuas diversões, já que de todo o não podia evitar, o que tem de fastidioso o trabalho do abridor. É a esta circumstancia que se deve não ter podido terminar a chapa da *Disputa do Santissimo Sacramento*, ainda que durante oito annos se tivesse occupado com ella.

Obteve o nosso artista por occasião da Exposição do *Salão* de 1837 uma 1.ª medalha; e na Universal de Paris de 1855 uma medalha de 1.ª classe, sendo então promovido a official da Legião de honra, da qual já era cavalleiro; foi membro correspondente da Academia de bellas-artes de Paris.

Falleceu a 9 de Março de 1869, em Milão, de onde foi depois o seu corpo trasladado para a França e enterrado em Nohant, no castello de George Sand, cujo filho se casára com Lina, filha unica do artista.

N.° 54.—Retrato do Conde Molé, segundo Ingres.

Visto até aos joelhos, em pé, a tres quartos para a direita, vestido com um casacão quasi todo abotoado, segurando com a mão direita uma luneta prêsa a uma fita pendente do pescoço, e apoiando o cotovello esquerdo sobre o espaldar de uma poltrona. No fundo: á direita, livros e uma penna em cima de um grande movel; e á esquerda, em um dos pedestaes do dito movel; « J. INGRES PINXIT / 1834 ». No alto, á direita, « MATHIEU LOUIS COMTE MOLÉ ». Na margem inferior: 1.° « PEINT PAR INGRES. », á esquerda; « PARIS, 1840. », no meio; « DISEGNATO E INCISO DA L. CALAMATTA. », á direita; 2.°, « Imp.é par Chardon ainé et Aze. », no meio, muito em baixo. Sem lettra.

Altura, 365 millimetros; largura, 283 millimetros.

N.° 13 de L.B.

Esta bella gravura foi comprada pelo ex-Bibliothecario, Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

ESCOLA ALLEMÃ

SCHONGAUER (MARTIM)

M ✝ S

N.° 39.

Martim Schongauer, ourives, pintor e gravador a buril, descendente de uma familia de Augsburgo, de origem nobre, é mais conhecido pelo cognome de Schön (bello), que lhe deram os contemporaneos, por causa da singular *graça* das suas pinturas: « Colmaria. Habuit etiam Apellem suum Martinum illum qui ob singularem pingendi gratiam *Belli* cognomen meruit (Martin Schön). » — (*Beatus Rhenanus Institutiones rer. Germ...* &, citado por B.)

Ha entre os historiadores e iconographos grande divergencia acêrca do lugar e data do seu nascimento e do anno da sua morte (Vide: B., VI, pp. 103 e seguintes; Passavant, *P. Graveur*, II, pp. 103 e seguintes; e Ch. Blanc, *Histoire des peintres:* (École allemande); seguimos porém nesta noticia biographica as opiniões de Ch. Blanc, por nos parecerem bem fundamentadas.

Martim Schongauer nasceu em Colmar entre os annos de 1420 e 1430 e falleceu na mesma cidade a 2 de Fevereiro de 1488; teve por mestre o pintor de Bruxellas, Rogero Vander Weyden, cuja influencia se revela nas obras do discipulo, tanto pinturas, como gravuras; e viveu por largos annos (pelo menos de 1469 até morrer), na sua cidade natal, onde ainda hoje se vêem muitos dos seus quadros.

Martim Schongauer é considerado como o fundador da escola allemã de pintura, dita *do Alto Rheno.* A seu respeito escreve Ch. Blanc, *Opere citato:* « A sua influencia faz-se sentir tanto na Italia como na Allemanha, pois que até as primeiras composições do proprio Raphael accusam reminiscencias do estylo do mestre de Colmar, de quem diz Jacques Wimpheling (Vide: *Vimphelingi Rerum German. Epitome, Cap. LXVI)* que: « elle se avantajava na arte da pintura em « tão eminente grau que os seus quadros, procurados com em- « penho, foram transportados para a Italia, a Hespanha, a « França, a Inglaterra e outros paizes do mundo. De todas as « nações vinham pintores copiar os existentes nas igrejas de « S. Martinho e de S. Francisco, em Colmar. De feito, segundo « a opinião de todos os pintores e de outros artistas, ninguem « saberia executar pinturas em que se vissem mais perfeitamente « reunidos a graça e a elegancia (?). » Sem partilhar o enthusiasmo de Beatus Rhenanus e de J. Wimpheling pela « graça e elegancia », que justamente faltam nos quadros d'este mestre, não se lhe póde recusar lugar mui proeminente, attendendo ao estado da pintura em geral naquella epoca. As suas figuras têem animação e notavel variedade de posições; as cabeças das suas mulheres são muitas vezes animadas de profundo sentimento; mas a ignobil magreza dos seus Christos traz á memoria o gosto byzantino; os contornos ordinariamente duros, as posições, frequentemente desagradaveis por sua extravagancia, offendem sempre as leis da esthetica. »

Apesar da sua grande nomeada como pintor, Martim Schongauer é muito mais célebre pelas suas gravuras do que pelas suas pinturas. Attribue-se-lhe erradamente a invenção da gravura a buril em Allemanha; o que porém é certo é que, embora antes d'elle tivessem apparecido á lume da publicidade varias estampas, em geral sem grande valor artistico, de mestres innominados, foi M. Schongauer o primeiro gravador de nome conhecido e portanto predecessor de Israel van Meckenen, pae e filho, de Martim Zagel, de Alberto Glockenton, de Miguel Wohlgemuth e de Alberto Durero.

Embora nenhuma das suas gravuras tenha data, presume-se que M. Schongauer principiou a gravar cêrca de 1460;

todas ellas demonstram um buril facil, desembaraçado e igual, o que se explica pela longa practica da profissão de ourives que antes exercêra.

Nas suas gravuras encontram-se as mesmas bôas partes e defeitos dos seus quadros: riqueza de composição, muita variedade de posições e desenho correcto, a par de contornos mui asperos, de dobras angulosas nas roupagens, de corpos magros e descarnados com extremidades e dedos muito longos.

B. e Passavant descrevem nas obras citadas, não só as estampas gravadas por M. Schongauer, mas tambem as que lhe são attribuidas com ou sem razão.

N.º 55. — A morte da Virgem.

Treze figuras. A Virgem é representada moribunda, deitada em um leito com sobrecéo, do qual pendem cortinas. Em torno do leito vêem-se os Apostolos, dos quaes: um sustentando com a mão esquerda um cirio que a Virgem tem na direita, e dois outros ajoelhados, á esquerda, lendo attentamente um livro apoiado no leito. Á direita, no 1.º plano, um grande candelabro com um brandão acceso. Em baixo, no meio, vê-se a marca do gravador (n.º 39 da Taboa dos monogrammas). S. d.

Altura, 258 millimetros; largura, 169 millimetros.

N.º 33 de B.

Bella e rarissima estampa, que foi graciosamente offerecida á Bibliotheca Nacional pela Ex.ma Snr.a D. Luiza de Queiroz Coutinho Mattoso Perdigão.

Na venda da Collecção *Gallichon*, realizada em Paris em 1875, uma bella prova d'esta gravura foi vendida por 1,305 francos.

DURERO (Alberto)

N.º 3 a. N.º 3 b. N.º 3 c.

Alberto Durero, pintor, gravador em metal, á agua forte e a buril, e em madeira, architecto e esculptor, nasceu em Norimberga a 21 de Maio de 1471 (Thausing, pag. 31).

Seu pae, de igual nome, hungaro de nascimento, de profissão ourives, ensinou-lhe o seu officio; mas, obrigado a condescender com o ardente desejo que tinha o filho de aprender a pintura, entregou-o, no dia 30 de Novembro de 1486 (Thausing, pag. 42), a Miguel Wohlgemuth (*), seu visinho, e pintor então de nomeada, para ensinar-lhe a sua arte por tres annos (Thausing, pag. 42).

Antes de sahir da officina paterna, A. Durero já se dedicava ao desenho nas suas horas vagas, como bem o demonstra Thausing (pp. 42 e seguintes); os seus conhecimentos e pratica do officio de ourives e as suas relações com o futuro mestre, ajudados pelo proprio talento, explicam facilmente este facto.

Terminado o tempo do contracto com Wohlgemuth, A. Durero propoz-se a viajar, como costumavam por aquelle tempo fazer os artistas. De feito, depois da Paschoa (11 de Abril) de 1490, metteu-se a caminho e só voltou a Norimberga depois do Pentecostes de 1494 (18 de Maio). Ignoram-se ainda hoje todos os lugares por onde andou, sendo entretanto certo que d'esta feita não esteve nos Paizes-baixos, como muitos affirmam. Foi nesta excursão que conheceu os irmãos de Martim Schongauer: Gaspar e Paulo, ambos ourives, e Luiz, pintor, em Colmar (1492), e Jorge, ourives, em Basiléa, os quaes o trataram com muita benevolencia e amizade; e que fez uma primeira viagem á Veneza (1494), segundo prova Thausing, pp. 77 e seguintes.

De volta á patria, para condescender com a vontade de seu pae, casou-se com Ignez Frey, filha de um celebre mecanico de Norimberga. Esta mulher, que tanto tinha de formosa quanto de avara, imperiosa e briguenta, foi, segundo affirma Bilibaldo Pirkheimer, amigo intimo do artista, seguido neste particular pelos biographos de A. Durero, o constante flagello do marido durante a sua vida, e talvez a causa da sua morte prematura, pelo trabalho sobreposse a que o obrigava com o fito de enthesourar riqueza que viesse a herdar. Thausing, porém (pp. 115 e seguintes), esforça-se por negar esse caracter de Ignez Frey, attribuindo o juizo desfavoravel de Pirkheimer a respeito d'ella á misanthropia e irritabilidade, que contra tudo e contra todos mostrava este nos ultimos annos da sua vida, em consequencia da gotta de que soffria, e á

(*) Na interessante obra « Chronicarum liber (per Hartman Schedel). *Hunc librum... Anthonius Koberger Nuremberge impressit...* Anno 1493 », in-folio maximo, mais conhecida por *Chronica Mundi* e *Chronica de Norimberga*, occorrem cêrca de 2500 xylographias (contando com as repetidas) abertas por Miguel Wohlgemuth e Guilherme Pleydenwurff.

D'esta edição possue a Bibliotheca Nacional dois exemplares, um dos quaes exposto na Secção de impressos.

má vontade que tinha á viuva do grande artista, por não ter ella querido ceder-lhe um par de bellas pontas de veado, que fôra do defunto.

Em 1506 foi Durero pela segunda vez á Veneza e depois á Bolonha, onde pouco se demorou, porque no mesmo anno já estava de volta á terra natal.

Estando o Imperador Maximiliano I em Norimberga em 1512, encommendou a A. Durero varios trabalhos, dos quaes o artista se desempenhou com a maior galhardia, sendo entre elles digno de especial menção o *Arco triumphal do Imperador Maximiliano I* (N.° 138 de B.); por todos estes trabalhos o Monarcha agraciou-o com o fôro de nobreza e uma pensão annual de cem florins, pensão que lhe foi depois continuada pelo Imperador Carlos V.

A 15 de Julho de 1520 partiu A. Durero em companhia de sua mulher e de uma criada para os Paizes-baixos. Ahi foi geralmente muito bem acolhido; a propria Governadora, Margarida de Parma, muito o distinguiu a principio, mas depois, em consequencia de ter o artista esposado as ideias da Reforma, retirou-lhe as suas bôas graças. Foi nesta viagem que Durero travou relações de amizade com Lucas de Hollanda, Luthero e Melanchton.

Depois de um anno de estada nos Paizes-baixos, voltou para Norimberga, onde falleceu, aos 57 annos de idade, no dia 6 de Abril de 1528.

Embora andasse em viagens, Durero trabalhava sempre como pintor e gravador, quando se demorava em qualquer parte por algum tempo.

Os criticos em assumptos de arte não se fartam, apesar dos pequenos defeitos que notam nas obras do grande mestre, de prodigalizar-lhe os maiores elogios e o consideram como o fundador da escola allemã de pintura e de gravura. As suas composições, caracterizadas pela riqueza da imaginação, têem certa côr local, eminentemente germanica, que um olho exercitado facilmente reconhece e não deixam de ter certo ar de semelhança com as do Mestre do caduceu, com quem tratou de perto e cujas pinturas apreciava, talvez devido, como já aqui se disse, antes a terem bebido ambos na mesma fonte (Martim Schongauer?) do que a ter um d'elles imitado o outro.

Como gravador A. Durero é talvez mais celebre do que como pintor. Nos tempos hodiernos as suas estampas têem-se tornado raras e attingido a preços elevadissimos, por vezes fabulosos; já na sua vida ellas eram muito estimadas e procuradas, a ponto do proprio M. A. Raimondi não se dedignar reproduzir a buril a *Pequena Paixão*, simulando xylographias,

o que deu origem ao conto, em que ninguem mais acredita, de ter Durero dado queixa á autoridade judiciaria em Veneza contra M. A. Raimondi, por ter este falsificado a sua obra.

O buril de A. Durero é fino e facil; quanto ás xylographias marcadas com o seu monogramma, ainda que descriptas pelos icognographos como estampas suas, não são todas gravadas por elle: Durero mui frequentemente fazia os desenhos na madeira, que era entalhada pelos seus discipulos e callaboradores; outras vezes, porém, eram estes que reproduziam os desenhos do Mestre na madeira e abriam a chapa assim desenhada. D'isto provém que essas xylographias apresentam entre si sensiveis differenças.

Nos *Archivos* de Naumann, VI (1860), pp. 186 e seguintes, R. von Rettberg dá a lista de todas as gravuras de A. Durero, em metal e em madeira, por ordem chonologica, indicando a data certa ou provavel de cada estampa. D'essa lista se vê que a primeira gravura de A. Durero, o *Grande Correio* (n.° 81 de B.), foi feita em 1486, isto é, dos 15 para os 16 annos da sua idade, quiçá quando ainda trabalhava de ourives na casa paterna.

I. — GRAVURAS EM METAL

N.° 56. — Adão e Eva.

Duas figuras, em pé, de frente, mas com os rostos de perfil; a serpente, um boi, um bode, um gato, um coelho, um ratinho, um papagaio e um cabrito; em uma paizagem, com a arvore do bem e do mal, no meio.

Á direita, Eva com uma maçã na mão esquerda, toma com a outra mão segunda maçã, que lhe dá a serpente; defronte de Eva, Adão segurando com a mão direita um ramo da arvore, em que pousa o papagaio e está pendurada uma taboleta, extende o braço esquerdo para tomar o fructo que Eva lhe vae entregar. Perto do canto superior direito, vê-se o cabrito sobre um rochedo, dispondo-se a saltar. Na taboleta lê-se: « ALBERT9 / DVRER / NORICVS / FACIEBAT; / o monogramma do gravador (n.° 3 a. da Taboa dos monogr.) / 1504 ».

Altura, 249 millimetros; largura, 190 millimetros.

N.° 1 de B. (VII, 30).

Estampa rarissima e muito bella, obra capital do gravador.

A gravura exposta é uma excellente prova, infelizmente em parte mutilada e estragada, que pertenceu á Real Bibliotheca.

N.º 57. — A Virgem Santissima e o Menino Jesus.

Em uma paizagem, vê-se, á direita, a Virgem sentada ao pé do tronco de uma arvore, sustendo nos braços o Menino Jesus e apertando-o contra o seio.

No alto, no meio, occorrem a data, 1513, e o monogramma (n.º 3 **b**. da Taboa dos monogrammas).

Altura, 117 millimetros; largura, 74 millimetros.

N.º 35 de B. (VII, 55); N.º 12 de L.B. (II, 161).

A estampa exposta, bella e rara, carece de margens.

Da Real Bibliotheca.

N.º 58. — O cavalleiro da morte.

Um cavalleiro, de perfil, armado de ponto em branco, dirigindo-se para a esquerda; ao seu lado direito marcha a morte, montada em um rossim, tendo na mão direita uma ampolheta; e após, o demonio com uma das garras extendida, como quem o vae tomar. Perto dos pés do ginete do homem armado vêem-se um cão a correr e um lagarto. Em uma taboleta encostada a uma pedra, á esquerda, lê-se a lettra s, a data, 1513, e o monogramma (n.º 3 **b**. da Taboa dos monogr.) e sobre a mesma pedra uma caveira. Em uma paizagem agreste, com um castello no 2.º plano.

Altura, 245 millimetros; largura, 190 millimetros.

N.º 98 de B. (VII, 106); N.º 98 de Passavant, *P. Graveur* (III, 155); N.º 80 de Delaborde, pag. 262.

Esta estampa, muito bella e rarissima, é uma das melhores do mestre; representa, segundo a opinião mais acceitavel, um cavalleiro christão da idade media, revestido de todas as peças de uma armadura.

A gravura exposta tem as margens mutiladas.

Na venda da collecção de Ch. F., em Paris, 1859, um exemplar d'esta gravura foi comprado por 760 francos, e na da collecção Brentano-Birckenstock, em Francoforte sobre o Meno, 1870, comprou-se outro exemplar da mesma estampa por 340 florins.

Da Real Bibliotheca.

N.° 59. — Retrato de Frederico III, o Sabio, Eleitor de Saxonia.

Em busto, quasi de frente, um pouco voltado para a esquerda, de chapéu na cabeça. Nos cantos superiores occorrem os dois escudos das armas de Saxonia; e na altura do hombro direito do retratado o monogramma n.° 3 c., pouco visivel. Em uma grande taboleta por baixo do retrato, lê-se: « CHRISTO. SACRVM. / ILLE. DEI VERBO. MAGNA PIETATE. FAVEBAT. /. PERPETVA. DIGNVS. POSTERITATE. COLI. / . D. FRIDR. DVCI. SAXON. S. R. IMP. / . ARCHIM. ELECTORI. / . ALBERTVS. DVRER. NVR. FACIEBAT. / .B.M.F.V.V. / .M.D.XXIIII. »
Altura, 193 millimetros; largura, 124 millimetros.
N.° 104 de B. (VII, 112); N.° 90 de L.B. (II, 166).
A estampa tem as margens mutiladas.

Da Real Bibliotheca.

II. XYLOGRAPHIAS.

A Pequena Paixão.

Serie de 37 estampas, gravadas em madeira, de 1509 a 1510, descriptas por Bartsch sob n.os 16-52 (VII, 119-122).

R. Weigel, citado por Nagler, *Die Monogrammisten* (I, 183), considera como obra verdadeiramente original do grande Mestre somente a chapa que representa o *Homem das dores* (n.° 16 de B.), devendo as outras da serie ser attribuidas a gravadores muito habeis que, por aquelles annos, trabalhavam sob a direcção de A. Durero, segundo desenhos seus.

Todas as estampas d'esta serie trazem o monogramma de A. Durero; e, segundo Ottley (II, 729-731), somente quatro têem data: Adão e Eva expulsos do Paraiso, 1510; Jesus Christo conduzido perante Pilatos, 1509; Jesus Christo carregando a cruz, 1509; e o Santo Sudario, 1510.

Ha varias edições d'esta Paixão; as estampas da 1.ª edição, sem titulo, e sem texto impresso no verso, eram muito estimadas pelo proprio Durero, e por isso elle as reservava para presente a seus amigos.

Altura, 128 millimetros; largura, 97 a 98 millimetros.

Serie de estampas bellissimas e muito raras.

A Bibliotheca Nacional possue d'esta serie somente 31 estampas da 1.ª edição, infelizmente quasi todas muito estra-

gadas; e algumas até imprestaveis, razão porque só expõe as 28 abaixo descriptas. Além d'estas, expõe tambem uma cópia por Anonymo da 1.ª estampa da serie, o *Homem das dores* (N.º 16 de B.). Vide o n.º 91 d'este Catalogo.

Vide B., *loco citato;* Nagler, *Lexicon* (III, 504 e seguintes); Passavant, *P. Graveur* (III, 159); Ottley, *loco citato;* e n.os 155-191 de L.B. (II, 168).

Provieram da Real Bibliotheca estas xylographias.

N.º 60. — O peccado de Adão e Eva.

Os dois peccadores abraçados; Eva tomando com a mão esquerda o fructo prohibido, que a serpente tem na bocca; á esquerda um cerdo, e á direita, um bode. No canto inferior direito, o monogramma n.º 3 **b.**, em um uma taboleta (N.º 17 de B.).

N.º 61. — Adão e Eva expulsos do Paraiso por um anjo.

Á direita, o anjo, tendo uma espada levantada na mão direita, e, com a esquerda nas costas de Adão, expelle os dois peccadores do Paraiso.

Em cima, á direita, em uma taboleta dependurada nos ramos de uma arvore, a data, 1510, e o monogramma n.º 3 **b.**

(N.º 18 de B.)

N.º 62. — A Annunciação.

Á direita, a Virgem ajoelhada, olhando para o anjo, á esquerda. Por sobre a cabeça da Virgem, o Espirito Santo sob a fórma de uma pomba, cercado de uma aureola.

Em cima, á direita, o monogramma n.º 3 **b.**

(N.º 19 de B.)

N.º 63. — A Natividade de Jesus Christo.

Cinco figuras e um anjo. Em baixo, á direita, o monogramma n.º 3 **c.**

(N.º 20 de B.)

N.° 64. — Entrada triumphal de Jesus Christo em Jerusalem.

Em cima, á direita, o monogramma n.° 3 c.
(N.° 22 de B.)

N.° 65. — A Ceia.

Com o monogramma n.° 3 b., em baixo, um pouco para a direita.
(N.° 24 de B.)

N.° 66. — Jesus Christo lavando os pés a seus discipulos.

O monogramma n.° 3 b., em baixo, á direita, sobre um cartaz.
(N.° 25 de B.)

N.° 67. — Jesus Christo orando no monte Olivete.

O monogramma n.° 3 b. occorre em baixo, á esquerda, em uma taboleta.
(N.° 26 de B.)

N.° 68. — A prisão de Jesus Christo.

Com o monogramma n.° 3 b., em baixo, á direita.
(N.° 27 de B.)

N.° 69. — O Summo Sacerdote Caiphaz dilacerando as suas vestes.

O monogramma n. 3 b. está em baixo, á esquerda.
(N.° 29 de B.)

N.º 70. — Jesus Christo escarnecido no Pretorio.

Seis figuras: o Salvador de olhos vendados; um judeu tocando buzina, e os outros em varias posições. Com o monogramma n.º 3 **b.**, em baixo, á esquerda.
(N.º 30 de B.)

N.º 71. — Jesus Christo conduzido perante Pilatos.

Em baixo, para a esquerda, vê-se uma taboleta com a data, 1509, e o monogramma n.º 3 **b.**
(N.º 31 de B.)

N.º 72. — Jesus Christo arrastado á presença de Herodes.

Com o monogramma n. 3 **b.**, em baixo, á direita.
(N.º 32 de B.)

N.º 73. — A flagellação.

Em baixo, no meio, vê-se o monogramma n.º 3 **b.**
(N.º 33 de B.)

N.º 74. — Jesus Christo coroado de espinhos.

Com o monogramma n.º 3 **b.**, em baixo, á esquerda.
(N.º 34 de B.)

N.º 75. — O *Ecce homo*.

Traz o monogramma n. 3 **b.**, em baixo, no meio.
(N.º 35 de B.)

N.º 76. — O santo sudario.

No meio, a piedosa mulher mostrando o sudario; á esquerda, S. Pedro; e á direita, S. Paulo. Em cima, no meio, 1510, sobre uma trave; e em baixo, no meio, o monogramma n.º 3 **b.**
(N.º 38 de B.)

N.º 77. — A crucificação.

O monogramma n.º 3 **b.** occorre em baixo, á direita.
(N.º 39 de B.)

N.º 78. — Jesus Christo no limbo.

Com o monogramma n. 3 **b.**, em baixo, á direita..
(N.º 41 de B.)

N.º 79. — O descendimento da cruz.

Vê-se, em baixo, á esquerda, uma taboleta com o monogramma n.º 3 **b.**
(N.º 42 de B.)

N.º 80. — O corpo de Jesus Christo, ao pé da cruz, pranteado pelas santas mulheres.

O monogramma n.º 3 **b.** occorre em baixo, no meio.
(N.º 43 de B.)

N.º 81. — O entêrro.

Vê-se, em baixo, á esquerda, o monogramma n.º 3 **b.** em um cartaz.
(N.º 44 de B.)

N.º 82. — A resurreição.

Em baixo, á direita, occorre o monogramma n.º 3 b., em um cartaz.
(N.º 45 de B.)

N.º 83. — O Salvador apparecendo victorioso á sua Mãe Santissima.

Sobre uma pequena estante, á esquerda, está o monogramma n.º 3 c.
(N.º 46 de B.)

N.º 84. — Jesus Christo apparecendo á Magdalena, sob a fórma de jardineiro.

Em baixo, á esquerda, occorre o monogramma n.º 3 b., em um cartaz.
(N.º 47 de B.)

N.º 85. — Jesus Christo em Emaüs.

No tamborete, em que está sentado o discipulo da esquerda, vê-se o monogramma n.º 3 b., em um cartaz.
(N.º 48 de B.)

N.º 86. — A ascensão.

O monogramma n.º 3 b., em uma taboleta, occorre em baixo, á esquerda.
(N.º 50 de B).

N.º 87. — O Pentecostes.

Em baixo, no meio, vê-se o monogramma n.º 3 b.
(N. 51 de B.)

A vida da Virgem.

Serie de 20 estampas, gravadas em madeira, de 1504 a 1510. N.os 76-95 de B. (VII, 131-133).

A Bibliotheca Nacional não possue a serie completa; mas sómente algumas estampas, mais ou menos estragadas, de quasi todas as edições e algumas cópias. Da edição sem texto no verso (a 1.a) são expostas as duas estampas abaixo descriptas, as mais apresentaveis da serie:

N.º 88. — S. Joaquim abraçando Santa Anna na porta aurea.

Em baixo, á esquerda, o monogramma n.º 3 **b.**, em uma taboleta; e no canto inferior esquerdo a data — 1504 —, e não — 1509, — como diz Bartsch.

Altura, 297 millimetros; largura, 209 millimetros.

(N.º 79 de B.)

Rarissima e muito bella. Da Real Bibliotheca.

N.º 89. — A circumcisão.

O monogramma n.º 3 **b.**, em uma taboleta, em baixo, á direita. Sem data.

Altura, 296 millimetros; largura, 209 millimetros.

(N.º 86 de B.)

Rarissima e muito bella. Da Real Bibliotheca.

O Apocalypse de S. João.

Serie de 16 estampas, inclusive a de titulo. N.os 60-75 de B. (VII, 127-129). Segundo Passavant, *P. Graveur* (III, 160-161) ha cinco differentes edições d'esta serie. A Bibliotheca Nacional possue diversas estampas da 1.a edição, sem texto no verso (*a* de Passavant), e da 4.a, com texto latino no verso, impresso em 1511 (*d* de Passavant), mas não tem nenhuma serie completa; e expõe somente a estampa abaixo descripta, por ser de todas a melhor:

N.º 90. — Os quatro cavalleiros montados em cavallos de differentes côres.

Dez figuras, um anjo, quatro cavallos e um dragão. No alto, um anjo voando para a direita; por baixo do anjo, quatro cavallos a galope dirigem-se para o mesmo lado, montados: o primeiro (do fundo para a frente), por um homem de coroa na cabeça e arco e flecha nas mãos; o segundo, por outro homem com uma espada na mão direita levantada; o terceiro, por um cavalleiro com uma balança na mão direita; e o quarto, por um velho, de ensinho nas mãos, figurando a morte. Por baixo do cavallo da morte, vê-se um dragão boquiaberto, em acto de tragar um homem coroado, cahido no chão; e na frente dos cavalleiros, varias figuras, uma correndo, estas cahidas, aquellas cahindo no chão. O monogramma n.º 3 **b.**, em baixo, no meio. A estampa exposta traz texto latino impresso no verso.

Altura, 395 millimetros; largura 280 millimetros.

Muito bella e rara, procedente da Real Bibliotheca.

ANONYMO IX

N.º 91. — O Homem das dores.

Jesus Christo coroado de espinhos, sentado em uma pedra quadrada, descansando na mão direita o rosto, cujas feições exprimem grande tristeza e dor. Na pedra vê-se o monogramma n.º 3 **b.**; e por cima da imagem do Salvador lê-se: «... (FIGVRÆ?) PASSIONIS DOMINI / NOSTRI IESV CHRISTI. », em caracteres typographicos. Sem data.

Estampa mutilada.

Dimensões da estampa no seu estado actual: altura, á esquerda, 122 millimetros, á direita, 118 millimetros; largura, 85 millimetros.

A descripção que dá Bartsch (VII, 121) da cópia xylographica do *Homem das dores* (N.º 16) da *Pequena Paixão* de A. Durero, condiz com a estampa exposta, e por isso a consideramos cópia, e não original, ainda que Bartsch não faça menção do titulo: «... (FIGVRÆ?) PASSIONIS DOMINI / NOSTRI JESV CHRISTI », que, na estampa da Bibliotheca Nacional, foi impresso depois.

Vide nos n.os 60–87 a descripção da *Pequena Paixão*.

Da Real Bibliotheca.

CRANACH Senior (Lucas)

N.° 25.

Ainda que este artista seja denominado por uns *Lucas Muller* e por outros *Lucas Sunder*, o verdadeiro appellido de sua familia tem ficado até hoje ignorado; os seus contemporaneos chamavam-n'o simplesmente *Mestre Lucas*, *Lucas Maler* (pintor), ou, segundo o uso da epoca, *Lucas Cranach*, por ser elle natural da cidade de Cronach, na diocese de Bamberg. Foi este ultimo nome que prevaleceu entre os autores de iconographia.

Lucas Cranach senior, pintor principalmente de retratos, e gravador, nascido em 1472, serviu por mais de sessenta annos na qualidade de pintor da côrte dos Duques de Saxonia, o Eleitor Frederico, o *Sabio*, João, irmão d'este, e João Frederico, o *Magnanimo*, cujas bôas graças soube captar, a ponto de lhe ter o Eleitor Frederico conferido fôro e brazão de nobreza.

A obra de pintura de Lucas Cranach é muito numerosa e grangeou-lhe grande nomeada; poucas são as suas gravuras em cobre; em compensação porém as xylographias que trazem as suas marcas ou monogrammas são numerosas. A respeito d'estas xylographias devemos observar que não póde dizer-se que fossem propriamente abertas por elle, e sim somente segundo desenhos seus por artistas que elle tinha ao seu serviço, como se deduz da desigualdade e variedade do buril d'essas estampas; entretanto não duvidamos, imitando os autores de iconographia, incluir na sua obra as estampas que aqui vão descriptas.

L. Cranach dedicou-se tambem ao commercio; teve não só loja de livros e papel, mas tambem pharmacia, por haver comprado em 1520 uma botica, para a qual obteve privilegio do Eleitor.

Além da marca citada neste Catalogo, usava este artista de muitas outras e de varios monogrammas. Para mais largos esclarecimentos sobre este ponto e sobre a sua vida e obra, vide Brulliot, n.os 1367 e 3276 da 1.ª, e Passavant, *P. Graveur*, IV, pp. 3 e seguintes.

Lucas Cranach falleceu em Weimar a 16 de Outubro de 1553, com 81 annos de idade.

A Paixão de Jesus Christo.

Serie de 15 xylographias, inclusa a do titulo, que é o seguinte: « *Passio D. N. Jesu Christi venustissimis imaginibus eleganter expressa, ab illustrissimi Saxoniae Ducis Pictore Luca Caranogio. Anno 1509.* » B., N.os 6–20 (VII, 280–281).

A Bibliotheca Nacional expõe sómente as quatro estampas abaixo descriptas, que são as melhores da serie truncada que possue.

Da Real Bibliotheca.

N.º 92. — Jesus Christo perante Caiphaz.

Á esquerda, Caiphaz, sentado em um throno, faz com a mão direita um gesto para Jesus Christo, que está defronte d'elle maniatado. Á esquerda do Salvador, um Judeu, visto pelas costas, toma-o pelo braço esquerdo; e á direita, outro segura com a mão esquerda a ponta da corda que prende os punhos de Jesus Christo, e mettendo a direita na bocca escarnece d'elle. Á direita da estampa, muitos Judeus, uns na sala, outros entrando por uma porta. A composição termina superiormente em arco; e nos dois tympanos, aos lados, vêem-se os escudos das armas da casa de Saxonia, de que usava o Mestre como marca, um á esquerda e outro á direita (Vide o n.º 25 da Taboa dos monogrammas).

Altura, 245 millimetros; largura, 167 millimetros.

N.º 93. — Pilatos lavando as mãos.

Quatorze figuras: á direita, um famulo, com uma bacia na mão esquerda e um jarro na direita, ministra a Pilatos, sentado, a tres quartos, olhando para os Judeus que estão á esquerda, a agua com que este lava as mãos. Á esquerda, Jesus Christo, maniatado; e no canto inferior do mesmo lado, um cão. Por cima da cabeça do famulo, vê-se a marca do gravador supra citada. Sem data.

Altura, 248 millimetros; largura, 169 millimetros.

N.º 94. — Jesus Christo, descido da cruz, panteado pelas santas mulheres.

Nove figuras: Jesus Christo, morto, deposto no chão, com as pernas ainda presas no lençol com que o discipulo o descêra da cruz, tem a cabeça e o corpo reclinados sobre os joelhos de Sua Mãe Santissima, e o braço esquerdo meio levantado pela Magdalena, para beijar-lhe a mão. No fundo: o calvario e a cruz, á direita; e a cidade, á esquerda. No alto, á esquerda, a marca do gravador (Vide o n.º 25 da Taboa dos monogrammas). Sem data.

Altura, 249 millimetros; largura, 170 millimetros.

N.º 95. — O entêrro.

Dez figuras, em uma paizagem. Os dois discipulos depõem no sepulchro o corpo morto de seu Divino Mestre; no meio da estampa, a Virgem Santissima, contristada, de mãos cruzadas no peito, contempla seu Filho; e á direita, aquem do sepulchro, a Magdalena ajoelhada. Em cima, á esquerda, vêem-se os dois escudos das armas da casa de Saxonia (Vide o n.º 25 da Taboa dos monogr.), dependurados a uma arvore. Sem data.

Altura, 248 millimetros; largura, 170 millimetros.

BINCK (Jacob)

IB

N.º 13.

Jacob Binck nasceu em Colonia em 1490 (?) ou em 1504 (?).

O seu talento applicou-se a muitos misteres; é assim que Binch foi desenhador, pintor, architecto e abridor a talho doce e a talho forte.

Discipulo da escola allemã de Norimberga, entre cujos *Pequenos Mestres* é contado, gravou a principio em Allemanha (1525 a 1526), mas depois foi-se á Italia afim de estudar na escola de Marco Antonio, para quem trabalhou, segundo Sandrart. Diz-se ainda que visitou outra vez a Italia.

De 1544 a 1551 esteve J. Binck a serviço do rei de Di-

namarca, Christiano III, como pintor e architecto. Durante este periodo ausentou-se de Copenhague, com licença do rei, afim de trabalhar para o cunhado d'este, Alberto, Marcgrave de Brandeburgo. Em 1549 foi, de ordem do Marcgrave, a Antuerpia para erigir á Princeza Dorothéa, sua mulher, um monumento funebre; aproveitando-se da sua estada nos Paizes -baixos desenhou muitos planos de fortalezas, reductos, jardins, & para o rei de Dinamarca; e em 1550 deu planos para as fortificações de Crempe, no Holstein.

Em 1551 deixou o serviço de Christiano III, por ter acceitado um emprego com salario annual na côrte de Alberto de Brandeburgo, retirando-se com sua mulher e filhos para Königsberg, onde viveu até morrer, em 1568 ou 1569 (Passavant, *P. Graveur*, IV, 87).

Parece que J. Binck não foi propriamente gravador em madeira, mas que fazia os desenhos na madeira para gravadores nesta especialidade os abrirem depois.

O seu estylo assemelha-se um tanto ao de Aldegrever; Binck porém tem mais facilidade de execução e desenho mais correcto, e pelos ares mais agradaveis das suas figuras as suas estampas têem laivos da escola italiana.

N.º 96. — O soldado e sua familia.

Á direita da estampa, um soldado, de frente, com uma alabarda na mão esquerda, volta o rosto para fallar á sua mulher, que se vê á esquerda, trazendo um cãozinho nos braços, acompanhada de um filho rapazote, segurando um gallo com a mão esquerda. No alto, á esquerda, occorre o monogramma n.º 13 da Taboa dos monogr., em uma taboleta. Sem data.

Altura, 60 millimetros; largura 46 millimetros (N.º 67 de B. (VIII, 283).

Da Real Bibliotheca.

BEHAM (João Sebaldo)

HSB HSP

N.º 17. N.º 34.

João Sebaldo Beham ou Boehem, tambem chamado pelos Francezes *Sebaldo Been*, *Hisbens*, *Hispean*, *Hisbins Hispanien*, *Peham* e *João Sebaldo de Bohemia*, e pelos Italianos *Sebaldo*

Francez (Huber & Rost), pintor e gravador em metal e em madeira, nasceu em Norimberga em 1500 e falleceu em Francoforte sobre o Meno em 1550.

Aprendeu a gravura a principio com seu irmão Bartholomeu (Loftie, pag. v) e depois com Alberto Durero, com quem tambem aprendeu a pintura.

Como pintor Sebaldo Beham não é muito conhecido, mas como gravador é estimadissimo e faz parte da pleiade dos famosos *Pequenos Mestres* da Allemanha. As suas gravuras são espirituosas e abertas com buril cheio de expressão e nitidez.

As estampas de J. Sebaldo Beham são marcadas com monogrammas compostos das lettras HSB (n.º 17 da Taboa dos monogrammas) e HSP (n.º 34 da mesma Taboa).

D'este, empregado pela primeira vez em uma estampa com data de 1518 (N.º 1 de Loftie), usou elle até 1531, e d'aquelle (Vide o n.º 93 de Loftie) d'esta ultima data em diante.

Expatriando-se em 1540, foi recebido como cidadão de Francoforte sobre o Meno, onde viveu até fallecer. Nesta cidade continuou ainda por muito tempo a trabalhar como gravador, mas afinal deixou esta profissão, para estabelecer-se com negocio de bebidas.

Si as gravuras d'este mestre lhe grangearam bôa nomeada como artista, a sua vida desregrada fêl-o decahir muito na estimação publica.

O Barão de Heineken (*Dictionnaire*, II, 339 e seguintes) dá pormenores muito interessantes sobre este gravador. Vide tambem Huber & Rost, I, 161 e seguintes; e Loftie, pp. V a XII.

N.º 97. — Santo Antão, o Eremita.

O Santo, assentado, escrevendo em um livro, olha para um crucifixo, implantado em uma cepa de arvore, á esquerda. Por detraz do crucifixo vê-se a cabeça de um cerdo. Em baixo, á esquerda, occorre, em uma taboleta, o monogramma do mestre (n.º 34 da Taboa dos monogr.), com a data 1521 por cima.

Altura, 90 millimetros; largura, 61 millimetros.

N.º 64 de B. (VIII, 141); N.º 35, 2.º estado, de Loftie, *Beham*, pag. 9.

Da Real Bibliotheca.

N.º 98. — Os dois genios.

Dois meninos alados, assentados sobre animaes chimericos com as caudas ornadas de folhagem. O genio da esquerda é visto de frente, e o da direita pelas costas. Em cima, no meio, em uma taboleta, vê-se o monogramma do gravador (n.º 17 da Taboa dos monogr.), com a data, 1544, por cima.

Estampa em fórma de friso.

Altura, 34 millimetros; largura, 100 millimetros.

N.º 236 de B. (VIII, 217); Loftie, *Beham*, n.º 135, pag. 41.

Da Real Bibliotheca.

PENCZ (JORGE)

N.º 30.

Jorge Pencz, pintor e gravador, nasceu em Norimberga pelo anno de 1500 e falleceu em Breslau no mez de Outubro de 1550, segundo Neudörffer.

Depois de ter aprendido a pintura e a gravura com Alberto Durero, foi-se á Italia, onde estudou a obra de Raphael e gravou muitas estampas sob a direcção de M. A. Raimondi, cuja maneira de gravar soube imitar com summa fidelidade. Esta semelhança de buril é tal que muitas vezes têem sido attribuidas a um estampas do outro, como, por exemplo, a *Matança dos innocentes* (N.º 18 de B.), que Bartsch diz ser obra de Marcos Antonio Raimondi, e Passavant, *P. Graveur* (IV, pp. 101 e seguinte) de Jorge Pencz.

Nas estampas que este artista gravou segundo as proprias composições, o seu desenho deixa alguma cousa a desejar nas peças grandes; nas pequenas porém é irreprehensivel.

Alguns autores dão erradamente a Jorge Pencz o nome de *Gregorio Peinz*.

N.º 99. — Jesus Christo cercado de crianças.

O Salvador, em pé, de perfil para a esquerda, beija uma criança, que sustenta no braço direito, emquanto com a mão esquerda conchega a si outra criança, deitada em uma almofada,

apresentada por sua mãe; &. Em baixo, no meio, sobre um degrau, occorre o monogramma do gravador (n.° 30 da Taboa dos monogrammas). Sem data.

Altura, 79 millimetros; largura, 117 millimetros.

N.° 56 de B. (VIII, 334).

Muito bella e rara, segundo Zani (II parte, VII, 70).

Da Real Bibliotheca.

N.° 100. — O bom Samaritano.

Em uma paizagem, um Samaritano applica oleo e vinho na ferida de um homem desconhecido, deitado no chão, á esquerda da estampa. Por detraz de uma grande arvore, no meio, vê-se a cavalgadura do Samaritano; e no 2.° plano, de um e outro lado, varias figuras. Á direita, em cima, occorrem o monogramma do artista (n.° 30 da Taboa dos monogr.) e a data, 1543, em uma taboleta.

Altura, 75 millimetros; largura, 113 millimetros.

N.° 68 de B. (VIII, 339).

Da Real Bibliotheca.

N.° 101. — Páris enamorado de Enone.

Á esquerda, Páris, em pé, entalha na casca de uma arvore as expressões do seu amor para com Enone, que, sentada em frente, olha embevecida para elle. Sobre a arvore estão escriptas as palavras: « Los NAM »; em baixo: á esquerda, perto do pé direito do amante, lê-se a palavra « BARIS » *(sic)*, e á direita, o monogramma do gravador (N.° 30 da Taboa dos monogr.), sobre uma pedra. Sem data (1539 ?).

Altura, 117 millimetros; largura, 76 millimetros.

Estampa n.° 72 de B., que faz parte de uma serie, *Quatro assumptos da Fabula*, n.os 70 - 73 do mesmo B. (VIII, 340 e 341).

Da Real Bibliotheca.

N.° 102. — Marco Curcio.

A cavallo, embraçando um escudo e com a mão esquerda empunhando uma espada, precipita-se em um abysmo, em presença de quatro de seus concidadãos, tomados de pasmo por este rasgo de patriotismo. Em cima, á esquerda, em uma

taboleta, occorrem as palavras: « MARCVS / CVRIVS *(sic)* » e o monogramma do mestre (N.º 30 da Taboa dos monogr.), á direita. Sem data (1535 ?).

Altura, 117 millimetros; largura, 79 millimetros.

Esta estampa, n.º 75 de B., faz parte de uma serie de quatro por elle descriptas sob a denominação *Os quatro assumptos da historia romana*, n.ºˢ 74 - 77 (VIII, 341).

Da Real Bibliotheca.

N.º 103. — Tarquinio.

Tarquinio, armado de uma espada, entra no quarto de Lucrecia para a violar. Á esquerda, em cima, vê-se o monogramma do gravador (N.º 30 da Taboa dos monogr.), sobre uma pilastra. Sem data.

Altura, 78 millimetros; largura, 117 millimetros.

Estampa n.º 72 de B., fazendo parte da serie *Os quatro assumptos da historia romana*, por elle descripta sob n.ºˢ 78 - 81 (VIII, 342 - 343).

Da Real Bibliotheca.

N.º 104. — A mulher da harpa.

Nua, sentada no seu leito, segurando com a mão direita uma harpa. Em baixo no meio, vêem-se, em uma taboleta, o monogramma do mestre (N.º 30 da Taboa dos monogr.) e a data 1544.

Estampa redonda, cujo diametro é de 56 millimetros. Rara.

N.º 96 de B. (VIII, 350).

Da Real Bibliotheca.

ALDEGREVER (HENRIQUE)

N.º 6.

Henrique Aldegrever, ourives, pintor e gravador, nasceu em 1502 e falleceu não se sabe exactamente quando, pare-

cendo certo (Bryan, pag. 11, e Nagler, *Die Monogrammisten*, I, pag. 288) que em 1562 ainda vivia. Quanto ao lugar do seu nascimento tambem discordam os autores, dizendo uns que é natural de Zoest, na Westphalia, emquanto Nagler *(opere citato*, I, pag. 287) affirma que nascêra em Paderborn, não obstante encontrar-se em um retrato do mestre, pintado por elle mesmo, o dizer « *Imago Hinrici Aldegrevers. Suzatien* (sic) *: ab ipso autore ad vivam effigiem delineata* », porque a palavra « *Suzatien* » deve ser interpretada como significando *burguez* e não *natural* de Soest.

Depois de ter por algum tempo estudado na patria as estampas de Alberto Durero, foi-se a Norimberga para aprender a pintura e a gravura na escola d'este grande mestre, fazendo rapidos progressos nestas artes. Como pintor imitou a maneira do mestre e deixou muitos quadros, nòtaveis pelo bom colorido. Nos ultimos annos da sua vida dedicou-se exclusivamente á gravura. As suas estampas, de desenho um tanto gothico, mas em geral correcto, são gravadas com buril preciso e delicado.

Vide Passavant, *P. Graveur*, IV, pp. 102 e seguintes.

A historia de Loth.

Serie de quatro estampas, com a data, 1555, e o monogramma do gravador (n.° 6 da Taboa dos monogr.), em uma taboleta.

N.os 14-17 de B. (VIII, 366); N.os 13-16 de L.B. (I, 13). Bellas e raras.

D'esta serie a Bibliotheca Nacional só possue as duas estampas seguintes, expostas sob os n.os 105 e 106, as quaes provieram da Real Bibliotheca:

N.° 105. — Loth recebendo dois anjos em sua casa.

Á esquerda da estampa, Loth sahindo de casa vae ao encontro de dois anjos, extendendo as mãos para elles, como quem os convida a entrar. Em baixo, á esquerda, a taboleta com a data, 1555, e o monogramma n.° 6, por baixo.

Altura, 115 millimetros; largura, 82 millimetros.

N.° 14 de B.; N.° 13 (1) de L.B.

N.º 106. — Loth impedindo que os habitantes de Sodoma ultragem seus hospedes.

Loth, á entrada de sua casa, dirige-se para dois homens, que o seguram pelo braço direito, emquanto um dos anjos puxa-o pelo esquerdo. Em baixo, á direita, vê-se em uma taboleta a data, 1555, com o monogramma n.º 6 por baixo.
Altura, 114 millimetros; largura, 82 millimetros.
N.º 15 de B.; N.º 14 (2) de L.B.

N.º 107. — O juizo de Salomão.

Treze figuras. Á direita da estampa, o rei sentado no throno, entre dois ministros, indica com o sceptro na mão direita a mulher, que lhe fica em frente, ajoelhada, como a verdadeira mãe do menino em litigio. Em baixo, á direita, a data « 1555 » e o monogramma n. 6, em uma taboleta.
Na margem inferior lê-se: « . SALOMON . CAVSAM . INTER . DVAS . MVLIERES . DIRIMIT . I . REGVM 3 : »
Altura, 109 millimetros; largura, 79 millimetros.
N.º 29 de B. (VIII, 370).
Estampa muito bella e rara.
Da Real Bibliotheca.

Os *(pequenos)* festejadores da boda.

Serie de oito estampas, com o monogramma do artista (n.º 6 da Taboa dos monogr.) e a data, 1538, por cima.
N.ºs 144–151 de B. (VIII, 407–409); N.ºs 258–265 de L.B. (I, 19).
Altura, 54 millimetros; largura, 38 millimetros.
Bellas e raras estampas.
A Bibliotheca Nacional possue e expõe d'esta serie sómente as 5 estampas seguintes, que foram da Real Bibliotheca:

N.º 108.

Um homem e uma dama, ambos de perfil, dirigindo-se para a esquerda. O monogramma e a data, em cima, á esquerda.
N.º 146 de B.; N.º 260 (3) de L.B.

N.º 109.

Um homem, de punhal á cinta, segurando o chapéu com a mão esquerda, e com o rosto de perfil voltado para uma dama, vista de frente, á esquerda da estampa. O monogramma e a data, em cima, á direita.

N.º 147 de B.; N.º 261 (4) de L.B.

N.º 110.

Um velho, com um chapéu muito baixo na cabeça, conduzindo uma dama, de cabeça descoberta; ambos de perfil, encaminhando-se para a esquerda. O monogramma e a data, em cima, á esquerda.

N.º 149 de B.; N.º 263 (6) de L.B.

N. 111.

Um homem, de espada á cinta (lado direito), dansando, com o pé esquerdo levantado para a frente, segurando com a mão direita erguida a esquerda de uma dama. O monogramma e a data, em cima, á direita.

N.º 150 de B.; N.º 264 (7) de L.B.

N.º 112.

Um homem, de perfil, com espada á cinta (lado esquerdo), abraçando e beijando uma mulher. O monogramma e a data, em cima, á direita.

N.º 151 de B.; N.º 265 (8) de L.B.

Os *(grandes)* festejadores da boda.

Serie de 12 estampas numeradas, com o monogramma n.º 6 e a data « 1538 » por cima, em um cartaz.

N.ºs 160–171 de B. (VIII, 409–410); N.ºs 266–277 de L.B. (I, 19); N.ºs 121–132 de Huber & Rost (I, 176).

Altura, 117 millimetros; largura, 78 millimetros.
Estampas raras e bellas.

A Bibliotheca Nacional possue d'esta serie sómente as tres expostas sob n.os 113–115, que provieram da Real Bibliotheca.

N.º 113.

Um homem, com o chapéu na mão esquerda e um bastão na direita levantada, tendo o rosto de perfil para a direita, andando para a esquerda, acompanhado por um cão. No alto: o n.º 1, á esquerda; e o cartaz com o monogramma e a data, á direita.
N.º 160 de B.

N.º 114.

Um homem e uma mulher, dirigindo-se para a esquerda. O cavalheiro tem o antebraço esquerdo dobrado sobre o braço e toma com a mão direita a esquerda da dama, que com a direita arregaça a parte anterior do seu vestido. No alto vê-se: á esquerda, o cartaz com a data e o monogramma; e á direita, o n.º 4.
É a estampa n.º 163 de B.

N.º 115.

Um homem e uma mulher, marchando para a esquerda, dando-se as mãos. O homem tem o braço esquerdo extendido e com a mão do mesmo lado segura o seu manto. Em cima, vê-se: á esquerda, o cartaz com a data e o monogramma; e á direita, o n.º 11.
É a estampa n.º 170 de B.

MESTRE DAS INICIAES I.B.

N.º 36.

Ignora-se o nome d'este gravador, que floresceu de 1523 a 1530, e já era conhecido antes de Jacob Bink. Gravou

imitando a maneira d'este e copiou algumas estampas de Durero, não se podendo entretanto assegurar si pertenceu á escola d'elle.

Passavant, *P. Graveur* (IV, 98), conta-o entre os *Pequenos Mestres* de Norimberga e diz que provavelmente visitou a Italia, por se encontrarem em algumas das suas estampas vestigios da escola italiana.

N.º 116. — O mercado.

Em uma paizagem, uma dama, á esquerda, acompanhada de sua criada, e um camponez, arrimado a seu cesto, á direita, apreçam um pato, que a criada tem entre as mãos. Em baixo, no meio, lêem-se as lettras **I B**, em um cartaz (Vide o n.º 36 da Taboa dos monogrammas). Estampa circular, cujo diametro é de 58 millimetros. Sem data.

N.º 37 de B. (VIII, 312); N.º 51 de L.B. (II, 411); estampa n.º 46 do artista n.º 1950, apud Nagler, *Die Monogrammisten*, III, 813. Vide Br. n.º 1324 da II parte.

Da Real Bibliotheca.

MESTRE DO MONOGRAMMA

N.º 21.

Da vida d'este gravador sabe-se apenas que era allemão e florescêra de 1534 a 1539.

As suas estampas, que, no tocante á composição e ao desenho, se approximam das de Lucas Cranach, são gravadas com dureza.

N.º 117. — Mucio Scevola.

Acompanhado por tres outras figuras, mette a mão direita no fogo, feito em um grande fogareiro, á esquerda, onde estão escriptos a data, 1538, e o monogramma n.º 21. Em um oval ao alto.

Grande diametro, 99 millimetros; pequeno diametro, 77 millimetros.

N.° 16 de Passavant, *P. Graveur* (IV, 42). Vide tambem B., IX, pag. 17; Brulliot, n.° 1249 da I parte; e Nagler, *Die Monogrammisten*, II, n.° 55, pag. 20.

Da Real Bibliotheca.

MESTRE DO MONOGRAMMA

N.° 33

Gravador em cobre e em madeira, cujo nome é desconhecido, da escola de Holbein, que viveu talvez em Basiléa, e trabalhou indubitavelmente de 1536 a 1543.

N.° 118. — Duas sereias; vinheta, segundo Henrique Aldegrever.

Duas sereias, de costas uma para a outra e dando-se os braços, no meio de folhagem de ornato. Á direita e á esquerda, dois golphinhos com as caudas levantadas. Em baixo, no meio, occorre o monogramma do artista (n.° 33 da Taboa dos monogr.), em uma taboleta. Sem data.

Altura, 29 millimetros; largura, 91 millimetros.

A estampa, n.° 2 de B. (IX, 238), é cópia invertida e modificada da de H. Aldegrever, descripta por B. sob n.° 199 (VIII, 422). Vide tambem Brulliot, n.° 2449 da 1.ª parte; e Nagler, *Die Monogrammisten*, estampa n.° 2 da obra do Mestre do monogramma n.° 1307 do III.

Da Real Bibliotheca.

SOLIS (VIRGILIO)

N.° 44

Virgilio Solis, nascido em Norimberga em 1514, era desenhador, illuminador, pintor e gravador á agua-forte e a buril.

Á vista da grande differença que se nota nas gravuras em metal marcadas com o monogramma de V. Solis, parece que nem todas foram por elle gravadas, e sim pelos seus discipulos e collaboradores segundo os seus desenhos. V. Solis nunca foi gravador em madeira; as chapas das xylographias que trazem o seu monogramma foram ou desenhadas e abertas, segundo as suas composições, por outros artistas, ou desenhadas pelo proprio Mestre na madeira e entalhadas por differentes gravadores.

V. Solis é contado no numero dos *Pequenos Mestres* da Allemanha. A sua maneira de gravar, correcta e delicada, approxima-se da de João Sebaldo Beham; as suas estampas, segundo Raphael, Lucas de Hollanda, H. Aldegrever e as proprias invenções, são hoje muito raras.

Virgilio Solis falleceu em Norimberga em 1570.

N.º 119. — O triumpho da musica.

Em um carro tirado por duas moças, uma d'ellas, SIRIGINA *(sic)*, com palmas nas mãos, vê-se uma mulher coroada, PITAG / RO *(sic)*, sentada em uma almofada, com uma vara na mão direita, apresentando com a esquerda um papel de musica a uma figura, PAN, com sua flauta na mão direita levantada. A parte anterior do carro termina em uma especie de peanha, sobre a qual estão uma bigorna e dois martellos. Tres figuras: PALIS, ORFE *(sic)* e IVBAL precedem o carro, e quatro outras: ORION, uma innominada, MERCVRI e APOLO *(sic)* o acompanham. Em baixo, no meio, lê-se: « DRIUMP. PITAGER. PATER. DE MVSICA. FVN -ɔ ». Na face anterior do carro vê-se o monogramma do gravador (n.º 44 da Taboa dos monogrammas). Sem data. Estampa em fórma de friso.

Altura, 57 millimetros; largura, 232 millimetros.

B., á pag. 271 do IX, sob n.º 223 da obra de V. Solis, descreve esta estampa nos seguintes termos: « Le triomphe de la musique, représenté par Pythagore assis dans un char, précédé et suivi par Palis, Orphée, Jubal, Sirigine (Syrinx?), Pan, Orion, Mercure et Apollon. Au bas de l'estampe... & ».

Da Real Bibliotheca.

TREU (MARTIM)

MT

N.° 40

Martim Treu, gravador a buril, sobre cuja vida nada se sabe, excepto que trabalhou pelos annos de 1540 a 1543, pertence ao numero dos *Pequenos Mestres* da escola allemã e viveu talvez em Norimberga.

A historia do filho prodigo.

Serie de 12 estampas numeradas, n.os 3 - 14 de B. (IX, 69 - 71), da qual a Bibliotheca Nacional só possue a que expõe.

N.° 120.

Á esquerda, o filho prodigo, ricamente vestido e montado em um cavallo bem ajaezado, chegando a uma cidade, na qual se vêem mais seis figuras: duas na rua, em frente ao cavalleiro, duas por detraz de um parapeito, e duas ás janellas de uma casa. Em uma taboleta, no canto inferior direito, occorrem a data, 1541, e o monogramma do gravador (n.° 40 da Taboa dos monogr.); e por cima da taboleta o n.° = 2 =.
Altura, 71 millimetros; largura, 83 millimetros.
N.° 4 de B.

Estampa rara, que proveiu da Real Bibliotheca.

MESTRE DO MONOGRAMMA

HM

N.° 32

Ignora-se até hoje o nome d'este gravador; a conjectura de que elle se chamava Henrique Meyer não tem fundamento, segundo Passavant (*P. Graveur*, IV, 54). O seu estylo é o de Lucas Cranach e a sua maneira de gravar aproxima-se da de João Brosamer. Trabalhou de 1543 a 1550.

N.º 121. — Uma dama.

De perfil para a direita, ricamente vestida, com um chapéu de plumas na cabeça, e a mão esquerda extendida para a frente; em uma paizagem. O monogramma do gravador (n.º 32 da Taboa dos monogr.) occorre á meia altura do lado direito. Sem data.

Altura, 74 millimetros; largura, 44 millimetros.

N.º 10 de Passavant, *P. Graveur* (IV, 55).

Da Real Bibliotheca.

MESTRE DA INICIAL L

L

N.º 38.

Gravador anonymo, que floresceu na primeira metade do XVI seculo e copiou estampas de Alberto Durero e de Lucas de Hollanda.

N.º 122. — Combate de centauros.

Vinheta, ornada com muitas folhagens, onde se vêem quatro centauros trazendo moças ás garupas. Os dois do meio combatem, lutando braço a braço, tendo o da esquerda uma massa na mão direita. Em baixo, á esquerda, entre as patas do ultimo centauro, occorre a inicial L (Vide o n.º 38 da Taboa dos monogrammas). Sem data.

Altura, 29 millimetros; largura, 83 millimetros.

Estampa não descripta e rara. Vide B., IX, 10; Passavant, *P. Graveur*, IV, 134; e Nagler, *Die Monogrammisten*, n.º 860 do IV.

Da Real Bibliotheca.

BRUN (Francisco)

Francisco Brun, gravador a buril, floresceu de 1559 a 1563 e gravou no gosto de João Sebaldo Beham.

Algumas das suas estampas são copias das de A. Durero; outras têem sido falsamente attribuidas a Frederico Brentel.

Vide Br., I, n.º 892; II, n.º 769.

N.º 123. — Um arlequim.

Marchando para a direita, com o rosto de frente e a cabeça descoberta, rindo-se; faz um gesto com a mão esquerda levantada, e com a direita segura uma rodilha. Em baixo, á esquerda, occorrem as lettras **FB** Sem data.

Altura, 73 millimetros; largura, 48 millimetros.

A estampa, n.º 85 de B., faz parte de uma serie de quatro descriptas por elle sob n.ºs 83-86 (IX, 464-465). Vide Passavant, *P. Graveur*, IV, 176.

Da Real Bibliotheca.

HULSIO (FREDERICO)

Frederico Hulsio, ou van Hulsen, desenhador e gravador em metal, nasceu em 1566, em Middelburg, na Zelandia (segundo Nagler, *Lexicon*, e outros), ou em Francoforte sobre o Meno (segundo Bryan). Não se sabe ao certo quem foi seu mestre; entretanto F. Le Comte diz que F. Hulsio fôra discipulo de Theodoro de Brye, de cujo estylo as suas gravuras têem laivos.

F. Hulsio viveu algum tempo em Londres, mas nos ultimos annos do XVI seculo passou-se para Francoforte sobre o Meno, onde estabeleceu negocio de estampas, sem por isso deixar de trabalhar como abridor. Gravou para livreiros frontispicios e vinhetas de livros, as estampas das *Antiguidades de Roma*, de Boissart, e retratos, alguns dos quaes para a *Bibliotheca Calcographica* do mesmo Boissard.

Falleceu em 1640 (?).

N.º 124. — Moysés e Aarão.

Duas figuras a meio corpo: á esquerda, Moysés, a tres quartos para a direita, segurando as taboas da lei com a mão esquerda; e á direita, Aarão, de frente, segurando as mesmas taboas com a mão direita.

Por baixo da figura de Moyses lêem-se: á esquerda, **FH**; e á direita, « *Haec reuisa sunt & approbata per Venerand... ad sexennium* », em 4 linhas. Sem data.

As duas figuras foram gravadas em uma só chapa, e constituem uma estampa in-folio, em largura.

A estampa exposta acha-se mutilada, isto é, não apresenta as taboas da lei, a cercadura de perolas e as margens, constando sómente das duas figuras de Moysés e Aarão separadas.

Dimensões de cada uma das figuras no estado actual: altura, 315 millimetros; largura, 204 millimetros.

N.º 1 de L.B. (II, 402); N.os 1 e 2 de Nagler, *Lexicon* (VI, 360). Vide Brulliot, n.º 824 da II parte.

Da Real Bibliotheca.

HOLLAR (Wenceslau)

Wenceslau Hollar, desenhador e gravador á agua-forte e a buril, nasceu em Praga em 1607 e falleceu em Londres a 28 de Março de 1677.

Como Jacob Callot, era gentil-homem e apaixonado pelas artes do desenho.

Tendo seu pae perdido todos os seus haveres (1619) em consequencia das desordens occorridas na Bohemia no principio da guerra de Trinta-annos, retirou-se Hollar para Francoforte sobre o Meno, onde se aperfeiçoou na gravura na escola de Mattheus Mérian. Aos dezoito annos fez os seus primeiros ensaios, que foram: um *Ecce Homo* e uma *Virgem*.

Hollar passou quasi toda a vida a lutar contra a sorte adversa e sem nunca ter assento duradouro em parte alguma. Desde que poude dispensar as lições do mestre, poz-se a viajar: de Francoforte foi-se á Colonia; depois á Antuerpia; d'esta cidade voltou de novo á Colonia, com intenção de ali estabelecer-se. De feito ahi passou alguns annos, occupando-se em gravar principalmente vistas segundo os proprios desenhos. O Conde de Arundel, embaixador de Carlos I de Inglaterra na côrte do Imperador da Allemanha, que se achava em Colonia em 1635, tendo conhecimento dos desenhos e gravuras do nosso artista, tomou-o sob a sua protecção, levou-o comsigo na sua viagem por diversas cidades da Allemanha e afinal á Inglaterra (1637).

De 1638 a 1640 gravou Hollar grande numero de objectos raros da celebre collecção do seu protector; varias series de trajes de mulheres inglezas e das differentes nações da Europa: *Ornatus mulierum anglicarum*, 1640; *Theatrum mulierum*, 1644; e *Aula Veneris*, 1644; diversas vistas; &.

Em Inglaterra começava a sorte a sorrir-lhe propicia, quando cahiu do throno Carlos I. Hollar, que era adherente á Familia Real na qualidade de professor de desenho do

Principe de Galles (depois Carlos II), vendo se falto de recursos, não teve remedio sinão tomar parte na guerra civil, servindo como militar no corpo de tropas sob o commando do marquez de Winchester. Feito prisioneiro em Baring-House, poude felizmente escapar-se do inimigo e ir ter com o seu protector, o Conde de Arundel, que se achava então em Antuerpia.

Tinha este, apesar da precipitação da sua fuga de Inglaterra, conseguido levar comsigo a sua preciosa collecção. Hollar continuou pois em Antuerpia a reproduzir pela gravura os bellos objectos da mesma collecção: desenhos de Leonardo de Vinci, entre outros; um livro de caricaturas; &.

Tendo o Conde de Arundel sido obrigado pelo mau estado da sua saude a retirar-se de Antuerpia para Veneza, onde falleceu em 1646, ficou W. Hollar reduzido á maior penuria e, forçado pela necessidade, poz-se então a trabalhar para os mercadores de estampas e livreiros, os quaes mal lhe pagavam pelas suas obras o estrictamente necessario para viver. Ainda assim permaneceu por cinco ou seis annos em Antuerpia, onde gravou, além dos objectos da collecção arundeliana, muitas estampas segundo os proprios desenhos e segundo as composições dos mestres dos Paizes-baixos: Luiz de Vader, Jacob van Artois, João Wildens, João Breughel, Boaventura e João Peters, Paulo Bril, David Teniers Junior, &.

São d'essa epoca: a serie, *Muscarum, scarabæorum, vermiumque variæ figuræ et formæ*, 1646 (N.os 133-144 de L.B.), e a *Cathedral de Antuerpia*, uma das suas obras primas mais admiraveis.

Em 1652 tornou W. Hollar para Londres, onde trabalhou constantemente para os livreiros e mercadores de estampas, os quaes não foram mais equitativos, nem menos avaros que os flamengos. Das suas estampas publicadas então nesta cidade as mais notaveis são as que representam animaes (N.os 101-112; 113-120 de L.B.; &); algumas d'estas tinham sido gravadas anteriormente em Antuerpia.

Poucos annos depois da sua restauração, Carlos II mandou W. Hollar a Tanger, em companhia do governador Lord Howard, para tirar a vista e planta d'esta cidade com os seus fortes. Depois de ter escapado de ser prêza de um corsario turco, na viagem para Tanger, e depois de um anno de aturado trabalho, deu Hollar conta da mão, publicando diversas vistas de Tanger em 6 estampas (n.os 571-576 de L.B.). Por esta serie pagou-lhe Carlos II apenas cem libras esterlinas, concedendo-lhe ao mesmo tempo o titulo de *Scenographus regis*, titulo que foi talvez uma consolação para o artista ma-

gnanimo, que tinha em maior estimação antes a honra do que o dinheiro.

W. Hollar gravou á agua-forte com summa intelligencia e foi um dos que melhor souberam imitar com a ponta a perfeição do buril; todavia o seu desenho é por vezes defeituoso. Reproduziu pela gravura estampas raras de Alberto Durero e de Rembrandt, algumas das bellas composições de Julio Pippi, dito *Romano*, de Ticiano, de Leonardo de Vinci, de João Holbein Junior ou o 3.°, de Elzheimer, de A. Van Dyck, &, ; gravou muitas vistas de cidades da Europa e grande numero de monumentos de Inglaterra, principalmente de Londres.

Os Inglezes, que o consideram quasi como seu compatriota, têem as suas estampas em grande apreço. A obra de Wenceslau Hollar é muito numerosa (cêrca de 2400 estampas) e as mesmas gravuras, que tão mal lhe foram pagas em vida, são hoje muito estimadas, procuradas e vendidas a altos preços.

N.° 125. — Retrato de Thomaz Howard, Conde de Arundel, segundo A. Van Dyck.

A meio corpo, de tres quartos para a direita, vestido de armadura, com o bastão de marechal na mão direita e pousando a esquerda sobre um elmo.

Na margem inferior occorrem:

1.°, « ILLVSTRIS:^{us} & EXCELLENT:^{mus} D: ^{nus} DOMINVS THOMAS HOWARD, COMES ARVNDELIÆ & SVRRIÆ... & Generalis Militiæ Dux. »;

2.°, por baixo do precedente dizer: « *Ant. van Dyck eques pinxit.* », á esquerda; e « *W. Hollar fecit, 1646.* », no meio.

Altura, 246 millimetros; largura, 192 millimetros.

N.° 247 de L.B. (II, 376); N.° 90 de Nagler, *Lexicon* (VI, 265).

Da Real Bibliotheca.

FALCK (JEREMIAS)

Jeremias Falck, desenhador e gravador á agua-forte e a buril, nasceu em Dantzig em 1629.

Trabalhou muito em Paris, para a casa de negocio de

estampas de Francisco Chauveau; em Hollanda, onde gravou muito para o famoso gabinete de Reynst; em Hamburgo, em Copenhague e em Stockolmo; e nos ultimos annos da vida retirou-se para a sua cidade natal, onde morreu em 1709, segundo Brulliot (n.° 749 da II) e outros. Entretanto Andresen (I, 471) discorda d'essa opinião, dizendo que parece que J. Falck falleceu em Hamburgo em 1667. Seja porém como fôr, o que é certo é que a mais recente data que nas suas gravuras se encontra é a de 1661.

As suas estampas são muito bem gravadas e por isso muito estimadas pelos entendidos em iconographia.

N.° 126. — Retrato do Principe Carlos Gustavo (depois Carlos X, Rei da Suecia), segundo David Beck.

Em busto, a tres quartos para a esquerda, vestido de armadura, com uma larga banda a tiracollo; dentro de um oval, ao alto.

Por baixo do oval, em uma lapide, lê-se a dedicatoria: « *Serenissimo et Celsissimo Principi... Carolo Gustavo, Comiti Palatini ad Rhe. in Bav.... Dno suo Clementissimo hanc Suæ Serenitatis effigiem cælo exculptam, dedicat consecratque, Suæ Serenitatis obsequentissime deuotus I. Falchius.* »; e por baixo da dedicatoria: « *D. Beck prinx.* », á esquerda; « *I. Falck sculp. et excu. Cum priu. R. S.* », no meio; e « *Stockolmiæ. 1649.* », á direita.

A estampa carece de margens, e acha-se dividida em duas partes, o oval e a taboleta ou lapide.

Dimensões do oval no estado actual da estampa:

Grande diametro, 257 millimetros; pequeno diametro, 210 millimetros.

N.° 99 de L.B. (II, 216).

Da Real Bibliotheca.

SCHMIDT (Jorge Frederico)

Jorge Frederico Schmidt, desenhador e gravador a buril e á agua-forte, nasceu em Berlim a 24 de Janeiro de 1712 e falleceu na mesma cidade a 25 de Janeiro de 1775.

Destinado á carreira de artesão, Schmidt, á força de

constancia, venceu todos os obstaculos que se lhe oppunham e conseguiu dedicar-se á profissão de artista, para a qual tinha irresistivel vocação. Na sua patria aprendeu o desenho e a gravura na Academia e com o gravador em cobre, Jorge Paulo Busch. Desejoso de aperfeiçoar-se na gravura, sahiu de Berlim para estudal-a em Paris; de passagem por Strasburgo, conheceu a João Jorge Wille, cuja amizade cultivou até á morte, e d'ahi partiram ambos para aquella cidade, onde chegaram em Julho de 1736. Em consequencia de recommendação que trazia do pintor Antonio Pesne para Nicolau Lancret, este o apresentou a Nicolau de Larmessin Junior, que o recebeu na sua officina.

A vocação de J. F. Schmidt para a gravura, a sua assiduidade ao trabalho e as lições do mestre, que lhe ensinou todos os segredos da sua arte, fizeram do discipulo um gravador perito, cujo renome perdurará sempre.

Entrementes teve Schmidt a fortuna de conhecer o famoso pintor retratista Jacintho Rigaud, o qual lhe dispensou a sua protecção e lhe proporcionou muitas occasiões de pôr em evidencia o seu grande merecimento artistico.

Em 1742 foi J. F. Schmidt, por ordem expressa do Rei Luiz XV, admittido como membro da Academia de pintura e de bellas artes de Paris, apesar de seguir o protestantismo.

Em 1744 foi chamado á Berlim e nomeado gravador do Rei; na sua cidade natal trabalhou desde então até 1757, quando, á convite da Imperatriz Isabel, foi á Russia.

Em S. Petersburgo organizou a Escola de gravura, na qual se formaram discipulos notaveis, entre outros Tschemesow, e gravou os retratos da Imperatriz segundo Tocqué e de muitas outras pessoas gradas, assim como muitas estampas.

Em 1762 voltou a Berlim, onde trabalhou com muita actividade até á sua morte.

Nas suas aguas-fortes J. F. Schmidt tomou por modelo a Rembrandt, cuja maneira imitou.

J. F. Schmidt gravou retratos e assumptos galantes e de historia; sem contar os seus pequenos trabalhos feitos para livreiros, a sua obra monta a cêrca de 200 estampas.

N.º 127. — Retrato do Conde d'Evreux, segundo Jacintho Rigaud.

Visto até aos joelhos, a tres quartos para a esquerda, com o rosto voltado para a direita, de cabeça descoberta, ornada

de grande cabelleira, vestindo uma armadura e segurando com a mão esquerda o bastão de commando, pousado em um monticulo de terra, á esquerda, onde se vê o capacete do retratado; no 2.º plano, um combate de cavallaria. Em uma paizagem.

Na margem inferior occorre:

1.º, « *Louis De La Tour d'Auvergne Comte d'Evreux... Gouverneur de l'Isle de France etc.* »

2.º, « *Presenté à Son Altesse Monseigneur le Comte d'Evreux, par son tres humble et tres obeissant serviteur Schmidt.* »

3.º, « *Peint par Hyacinthe Rigaud Chēr* (sic) *de l'ordre de S.t Michel.* », á esquerda; e « *Gravé par Georges Frederic Schmidt. à Paris en 1739.* », á direita.

Altura, 425 millimetros; largura, 325 millimetros.

N.º 48 de Nagler, *Lexicon* (xv, 308).

Da Real Bibliotheca.

WILLE (João Jorge)

João Jorge Will ou Wille, desenhador e gravador a buril, nascido em Bieberthal, perto de Königsberg, no landgraviado de Darmstad, a 5 de Novembro de 1715 (Duplessis, *Memoires... de Wille*, I, pag. 1; II, pag. 391), foi primeiramente armeiro, profissão que depois deixou para dedicar-se unicamente á arte da gravura.

Ainda moço poz-se a viajar; demorando-se algum tempo em Strasburgo, ahi conheceu a Jorge Frederico Schmidt, com quem travou relações de amizade, as quaes o tempo e a conformidade dos genios e da sorte dos dois artistas tornaram cada vez mais estreitas.

Em 1736 partiram os dois amigos de Strasburgo para Paris, onde se dedicaram ao trabalho com afinco. Nos primeiros tempos da sua estada nesta cidade Wille gravou em todos os generos, principalmente retratos; e quando o celebre pintor retratista Jacintho Rigaud, reconhecendo o seu merecimento, o tomou sob a sua protecção, a reputação de Wille como gravador aprimorado ficou estabelecida de modo inconcusso. Nem foi somente no genero retratos que elle se avantajou; reproduziu pela gravura, com igual mestria, composições de pintores das escolas hollandeza e allemã, Terburgo (Gerardo), Douw (Gerardo), Mieris, Metzu, Schalcken, Netscher, &.

Wille foi membro da Academia de pintura e de bellas -artes de Paris e das de Ruão, Augsburgo, Vienna d'Austria, Berlim e Dresda; e na sua escola formou muitos discipulos distinctos, d'entre outros, Schmutzer, J. G. Muller, Bervic, Chevillet, os irmãos Guttenberg e Vangelisti.

As datas extremas das gravuras de Wille são 1738 e 1790.

Wille falleceu, segundo Le Blanc, *Catalogue de l'œuvre de Wille*, a 5 de Abril de 1808.

N.° 128. — Retrato de Mauricio de Saxonia, segundo Jacintho Rigaud.

De frente, com o rosto a tres quartos para a esquerda, vestido de armadura com um manto de pellucia por cima, pousando a mão direita no quadril do mesmo lado; dentro de uma moldura em fórma de janella, sobre uma especie de pedestal, onde se vê o brazão do retratado e o seguinte dizer, assim:

Maurice		*de Saxe*
Duc de Curlande	(Brazão)	*et de Semigallie*
Marêchal		*de France.*

Na margem inferior lê-se: « *Peint par Hiacinthe Rigaud Chev. de l'Ord. de St Michel.* », á esquerda; « *Et Gravé par J. G. Will, 1745.* », á direita; e o endereço « *A Paris chez l'Auteur Quay des Augustins entre les Ruës Pavée et Gilecœur, au logis de M. Emery.* », no meio.

Altura, 446 millimetros; largura, 324 millimetros.

N.° 14 de Huber & Rost (II, 128); N.° 72 de Nagler, *Lexicon* (XXI, 477).

A estampa exposta pertence a um estado, não descripto, intermedio aos dois mencionados por Nagler, isto é: com a lettra, mas antes do endereço da viuva *Jean.*

Da Real Bibliotheca.

ROSBACH (João Frederico)

João Frederico Rosbach, gravador em metal, viveu em Lipsia.

Gravou, de 1725 a 1745, muitos retratos á maneira de João Martinho Bernigeroth, a quem tomou por modelo. Os melhores d'esses retratos, em geral mediocres, são os que cita Nagler, *Lexicon* (XIII, 392).

N.º 129. — Retrato de João Christovão Freund, segundo Adam Manyoky.

A meio corpo, de frente, com o rosto a tres quartos para a esquerda, de gorra na cabeça, e com um copo na mão direita; dentro de um oval sobre uma peanha. Do canto superior direito pende uma cortina, que vae até abaixo, encobrindo parte do oval e da peanha..

No oval occorre: « JEAN CRISTOP...E FREUND. PEINTRE DE S. A. S. M.GR LE DUC D'ANHALT-COETHEN. »;

e na peanha: 1.º, os seguintes versos:

« *Lorsque Le verre en main, Je me Sers | du Pinceau |*
Le Divin jus m'inspire une addresse | nouvelle |
Tout est dans mes Portraits, fin, delicat et beau |
Je Surpasse Zeuxis, Je defierois Apèlle. C. G. H.
D. E. P. P. »;

2.º, « *AD. Mányoky pinx.* », á esquerda; e « *Rosbach Sc. Lips.* », á direita.

Finalmente, na margem inferior, á direita, lê-se o endereço: « *Ieremias Wolff excudit. Aug. Vind.* » Sem data.

Altura, 361 millimetros; largura, 255 millimetros.

N.º 1 de Nagler, *Lexicon* (XIII, 392).

Da Real Bibliotheca.

SALATHÉ (FREDERICO)

Frederico Salathé, pintor paizista e gravador em cobre, nasceu em Biningen, perto de Basiléa, na Suissa. Os seus primeiros estudos artisticos foram feitos nesta cidade, mas em 1819 foi aperfeiçoal-os em Italia, vivendo por algum tempo em Roma, onde pintou vistas dos arredores da cidade. De volta á patria pintou em 1821 uma serie de vistas do S. Gothardo; mas depois abandonou a pintura a oleo para dedicar-se exclusivamente á gravura em cobre, principalmente á gravura á aqua-tinta.

Em algumas das suas estampas occorre o endereço de Steimann, editor e negociante de estampas em Basiléa e no Rio de Janeiro.

Da obra gravada de Salathé cita Nagler, *Lexicon*, somente 14 estampas, cujas datas extremas são 1831 e 1837; nesse numero não estão incluidas as que d'elle conhecemos.

Nada mais pudemos saber a respeito da vida e obra d'este artista, nem tão pouco si vive ainda.

Vide Nagler, *Lexicon*, XIV, pp. 206 e 207; *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil*, n.os 16899, 16973, 17041, 17042, 17043, 17044 e 17082.

N.º 130. — Panorama do Rio de Janeiro, segundo o panorama pintado em Paris por G. P. Ronmy pelos desenhos de Felix Emilio Taunay (Barão Taunay), enviados do Rio de Janeiro.

A estampa representa um dilatado panorama circular, tomado do telegrapho aereo no morro do Castello, comprehendendo a cidade e parte da bahia do Rio de Janeiro, Nitheroy, a barra, o Pão de assucar, o Corcovado, a Tijuca, a serra dos Orgãos, &. Gravada á agua-tinta em duas chapas e impressa em duas folhas.

Na margem superior de cada folha occorre o dizer: « PANORAMA DE RIO JANEIRO. »; e na inferior o seguinte: 1.º, a legenda explicativa: « *Couvent d'Ajuda. Eglise N. D. de Lapa. Eglise Notre Dame de la Gloire... Rue des Carmes. Bibliotheque. E.se N. D. de la Candellaria.* », em uma das folhas; « *Chapelle Royale. Eglise des Carmes. Arsenal de la Marine. Couvent de St Benoît. Ile du Gouverneur... Habitation particulière. Eglise St Sébastien. Pain de Sucre.* », na outra folha; 2.º, em ambas as folhas, á esquerda, logo abaixo do traço inferior da estampa, o endereço: « NEPVEU Libraire Passage des Panoramas. N.º 26. ». Sem data.

A estampa exposta, impressa com duas côres e retocada a guache, tem as duas folhas reunidas pelos quatro lados, de modo a formarem um cylindro, representando um panorama circular.

Altura, 164 millimetros; circumferencia do cylindro, 1 metro.

É o 3.º dos quatro estados da estampa, descripto no *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil* sob n.º 17043.

Para maiores pormenores sobre os outros estados vide tambem no mesmo Catalogo os n.os 17041, 17042 e 17044.

Estampa rara; comprada no Rio de Janeiro pelo ex-Bibliothecario Snr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

WAGNER (Frederico)

Frederico Wagner, gravador em metal, nasceu em Norimberga em 1803.

Destinado por seu pae á carreira litteraria, recebeu a primeira educação no Gymnasio da cidade natal; mas a sua inclinação e amor ás artes levaram-n'o a dedicar-se ao estudo d'estas.

De feito, em 1818 começou a aprender o desenho e depois a gravura sob a direcção de Alberto Reindel.

Passou algum tempo em Munich; e esteve em Paris (1827-1828), onde se relacionou com os mais notaveis mestres. Voltou á patria em 1828.

Em Norimberga trabalhou então para os livreiros e copiou a *Ceia* de Raphael Morghen, segundo Leonardo de Vinci, levando seis annos a executar esta gravura.

Viajou pela Italia (1842?) e em 1848 pela Belgica, Hollanda e Inglaterra.

Trabalhou para a *Liga Artistica de Alberto Durero*, para o *Instituto bibliographico de Hildburghausen* e para o *Art-Journal*. As suas melhores gravuras começaram a apparecer em 1824.

Os reis de Wurtemberg, da Prussia e da Suecia e o Grão-Duque de Saxonia Weimar conferiram-lhe medalhas de ouro em premio das suas obras artisticas.

F. Wagner foi tambem poeta.

Ignoramos outros pormenores sobre a vida e obra completa d'este artista, assim como si ainda vive.

Nº 131. — A Ceia de Jesus Christo com os Apostolos, segundo a famosa pintura mural, feita por Leonardo de Vinci no refeitorio do antigo convento dominicano de *Santa Marie delle Grazie* (hoje quartel de cavallaria), em Milão.

(Vide a descripção do assumpto á pag. 657 d'este Catalogo, sob n.º 50).

Na margem inferior occorre: 1.º, « *Leonardo da Vinci pinxit* », á esquerda; « *Fried. Wagner sculpsit* », á direita; 2.º, « La Cena di Leonardo da Vinci », no meio; 3.º, por baixo do precedente dizer: « Bibl. Ins.[t] exc.[dt] ». Sem data (1840, segundo Andresen; 1842, segundo Nagler, *Lexicon*).

Altura, 426 millimetros; largura, 886 millimetros.

N.° 5, 4.° estado de Nagler, *Lexicon* (XXI, 58); N.° 3, 3.° estado, de Andresen (II, 696).

Bella cópia no mesmo sentido da estampa de Raphael Morghen.

Comprada no Rio de Janeiro pelo ex-Bibliothecario Snr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

MERZ (GASPAR HENRIQUE)

Gaspar Henrique Merz, gravador a buril, nasceu em S.t Gall, na Suissa, em 1806. Na sua patria aprendeu o desenho, e aos 19 annos de idade veiu para Munich, onde se aperfeiçoou nesse estudo, desenhando segundo o antigo e a natureza. Com Samuel Amsler, professor de gravura na Academia de Munich, aprendeu a gravar, tornando-se por fim tão eminente nesta arte que a maior parte dos mais celebres pintores modernos allemães o têem encarregado de reproduzir pela gravura as suas obras.

Apesar das pesquizas que fizemos, não encontrámos outras informações concernentes á vida e obra d'este gravador. Tambem ignoramos si ainda vive.

Vide Nagler, IX, 158; L.B., III, 16; Andresen, II, 162.

N.° 132. — A destruição de Jerusalem por Tito e suas legiões; gravada a buril, segundo o fresco pintado por Guilherme de Kaulbach no Novo Museu de Berlim.

Composição com muitas figuras, terminando superiormente em fórma de arco.

No 1.° plano:

a) em baixo: no meio, o Summo Sacerdote, depois de ter ferido mortalmente os membros de sua familia, suicida-se cravando um punhal no peito; á esquerda, Ahasvero, o Judeu errante, rasgando as proprias vestes, foge perseguido por furias; e á direita, um bello grupo, constante de uma familia christã, desertando a cidade sob a protecção de tres anjos;

b) em cima, no meio: entre nuvens, os prophetas Isaias, Jeremias, Ezechiel e Daniel, que prophetizaram a destruição

da cidade, tendo por baixo sete anjos brandindo espadas chammejantes.

No 2.° plano:

Á direita, Tito a cavallo, precedido de trombetas, entra á frente das suas legiões em Jerusalem; e á esquerda, parte da cidade incendiada.

Nos tympanos, aos lados do arco, lê-se: = ET CIVITATEM ET SANCTUARIUM / DISSIPABIT POPULUS CUM / DUCE VENTURO, ET FI / NIS EJUS VASTITAS, / ET POST FINEM / BELLI STATUTA / DESOLATIO. / DAN. IX. / XXVI. =, á esquerda; e = ET CADENT IN ORE GLADII, ET CAPTIVI / DUCENTUR IN OMNES GEN- / TES, ET JESUSALEM CAL- / CABITUR A GENTIBUS, / DONEC IMPLEAN- / TUR TEMPORA / NATIONUM. / LUC. XXI. / XXIV. =, á direita.

Na margem inferior occorre: á esquerda, = W. v. Kaulbach invenit et pinxit =; e á direita, = H. Merz sculpsit =. Sem mais outros dizeres, e sem data.

Altura, 722 millimetros; largura, 853 millimetros.

N.° 9, 4.° estado, de Andresen (II, 162).

Um exemplar d'esta bella e rara estampa do 4.° estado já foi vendido por 56 1/3 thalers (Andresen).

Comprada no Rio de Janeiro pelo ex-Bibliothecario Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

COBURGO GOTHA (DOM FERNANDO, DUQUE DE SAXONIA), OU DOM FERNANDO II, REI DE PORTUGAL

N.° 19

O Sñr. Dom Fernando Augusto Francisco Antonio, Duque de Saxonia Coburgo Gotha, mais conhecido, depois de 16 de Setembro de 1837, pelo nome de Dom Fernando II, em consequencia de se ter casado (9 de Abril de 1836) com D. Maria II, rainha de Portugal, nascido a 29 de Outubro de 1816, não se limita a ser grande amador e fautor das bôas artes, mas tambem as cultiva com gosto e proficiencia, dando-se a trabalhos de pintura, de gravura, &.

Não cabendo aqui tratar da vida politica do Rei, limitar-nos-hemos a dar o esboço historico do artista, tanto quanto

nos for possivel, á vista da exiguidade de noticias que a esse respeito pudemos colher.

O Sñr. Dom Fernando tem gravado á agua-forte segundo as proprias composições e segundo quadros e aguarellas de outros mestres. Ainda que por vezes de desenho um tanto fraco, as suas chapas são abertas com ponta ligeira e espirituosa. Raczynski, *Dictionnaire*, pp. 86 e seguintes, descreve 45 estampas gravadas por Sua Magestade, de 1837 a 1845; Nagler, *Die Monogrammisten*, II, n.° 16, pp. 7 e 8, cita mais 8, abertas de 1845 a 1850; e a Bibliotheca Nacional possue ainda, além da estampa exposta, 11 outras com datas de differentes annos desde 1850 até 24 de Abril de 1863. Entretanto é certo que a obra do Real gravador é muito mais numerosa; nós mesmo tivemos occasião de ver na *Exposição Portugueza*, feita no Rio de Janeiro em 1879, cêrca de 200 estampas suas.

Não se encontram á venda no commercio de estampas as gravuras do Sñr. Dom Fernando, porque Sua Magestade as reserva para presentear com ellas a personagens illustres, notabilidades artisticas ou pessoas a quem dispensa a sua protecção.

S. Magestade, retirado da politica, vive ainda hoje como simples cidadão na mesma capital, em que por tantos annos figurou como Rei; e, ao que parece, depoz a ponta espirituosa do agua-fortista, com grande sentimento dos entendidos e amadores.

N.° 133. — O sapateiro remendão.

Um velho, de semblante descarnado, com bonet na cabeça, visto de frente, sentado na classica tripeça, segura com a mão esquerda um botim descançado sobre a coxa direita, e com a outra mão um martello em posição de disparar o golpe sobre a obra. Á esquerda vê-se uma grande tina com dois pauzinhos dentro; em redor do mestre, espalhadas pelo chão, varias peças de obra velhas, para serem concertadas; na extrema direita um cãozinho saltando; finalmente, em um dos portaes de uma porta, que fica por detraz do official, vêem-se dois cartazes de theatro, e por baixo d'elles, « **F. C**. (em monogramma, vide o n.° 19 da Taboa dos monogr.) *fec | 1856 | à Lisbonne* ».

Altura, 166 millimetros; largura, 116 millimetros.

Estampa não descripta; comprada no Rio de Janeiro pelo ex-Bibliothecario Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

ESCOLA HOLLANDEZA

LUCAS DE HOLLANDA

L

N.º 37.

Lucas Huygens ou Hugens (e não Lucas Damesz ou Damissen, como o chamam alguns biographos), geralmente conhecido pelos nomes patrios de Lucas de Leyden ou de Hollanda, filho de um pintor sobre vidro, Hugo Jacobsz, de quem tomou o nome patronimico de Huygens ou Hugens, nasceu em Leyden em 1494.

Pintor sobre vidro, á tempera e a oleo, e gravador á agua-forte e a buril, Lucas de Hollanda aprendeu a pintura a principio com seu pae e depois com Cornelio Engelbrechtsen, o manejo do buril com um ourives e a gravura á agua forte com um armeiro que empregava este processo para abrir ornatos nas couraças que fabricava; entretanto foi ao seu talento superior e assiduidade no trabalho que deveu os seus progressos e fama.

Já gravava aos nove annos de idade e aos doze já pintava. Depois estudou e trabalhou *manu nocturna et diurna;* só tanto afan póde explicar como em tão curta existencia conseguiu produzir tanto.

Desejoso de conhecer de perto os pintores dos Paizes-baixos e estudar-lhes as obras, projectou Lucas de Hollanda fazer uma viagem á esta região; para o que mandou, em 1527, esquipar com luxo, á sua custa, um hiate. Em Middelburgo visitou a João Gossaert, de Maubeuge, dito *Mabuseu*, e offereceu-lhe um grande banquete. Desde então Gossaert, que tambem era amante do fausto e da bôa mesa, ligou-se com tal amizade a Lucas de Hollanda que o acompanhou durante toda esta excursão. Em Gand, em Malinas, em Anteurpia, emfim por toda a parte Lucas tratava os seus collegas á lei da grandeza e os banqueteava com magnificencia. Infelizmente, de volta á Leyden, sentindo-se doente, cahiu de cama, onde permaneceu quasi sempre durante os seis ultimos annos da sua vida. Para mais amesquinhar o nosso artista e aggravar-lhe a molestia, apoderou-se-lhe da mente a ideia de ter sido durante a viagem envenenado por algum official do

mesmo officio, invejoso da sua bôa nomeada e do seu luxo. Tal suspeita de envenenamento não tem razão de ser; para explicar sufficientemente a doença do grande artista bastam a sua constituição debil e cachetica e o excesso com que se dava ao trabalho. Apesar de já se não levantar da cama, Lucas de Hollanda não deixava de trabalhar em pintura e em gravura; diz-se até que, momentos antes de fallecer, estava occupado em gravar a estampa que representa Pallas (n.º 139 de B.), a qual, depois da sua morte, foi encontrada, não acabada, no leito.

Casara-se Lucas de Hollanda com uma moça nobre da familia Boschhuysen, de quem houve uma filha. Teve esta um filho, que veiu ao mundo nove dias antes da morte do avô materno; d'este tomou a criança o nome de Lucas e do pae o patronimico de Damissen (C. Blanc, *Histoire des Peintres*, Ecole hollandaise, 1, Lucas de Leyde, pag. 10).

Alberto Durero e Lucas de Hollanda foram emulos cavalheirosos e não rivaes invejosos; esta emulação tornou-se com o tempo e o trato commum em fraternal amizade, que só a morte poude acabar.

Lucas de Hollanda falleceu na cidade natal em 1633, aos 39 annos de idade.

Pintor com razão muito estimado, Lucas de Hollanda o é ainda mais como gravador. A elle deve a arte da gravura um dos seus progressos mais essenciaes, o claro-escuro, ulteriormente tão aperfeiçoado na Hollanda; de feito, foi elle quem primeiro teve a ideia de enfraquecer as côres para representar as distancias.

Lucas de Hollanda abria as suas chapas com talho fino e delicado, do que resultava que ellas não resistiam a muitas tiragens; além d'isto o cuidado que punha o artista em que as suas estampas sahissem á luz nitidamente impressas e perfeitas, fazia com que inutilizasse todas aquellas em que havia a menor mancha ou defeito. São estas duas circumstancias a causa da raridade das estampas do grande mestre: já na sua vida eram ellas muito procuradas pelos artistas e amadores e pagas por preços elevados, e com o andar dos tempos tem-se tornado cada vez mais raras e caras.

Passa por certo que as xylographias descriptas na obra gravada de Lucas de Hollanda são desenhadas por elle nas chapas de madeira e abertas por um habil gravador, mas não pelo proprio Lucas.

A Paixão de Jesus Christo.

Serie de 14 estampas, descriptas por Bartsch sob os n.os 43-56 (VII, 362-369), da qual a Bibliotheca Nacional só possue a que expõe.

N.º 134. — Jesus Christo ultrajado no pretorio.

Seis figuras: Jesus Christo, de perfil para a direita, sentado debaixo de uma abobada, de olhos vendados, com as mãos cruzadas sobre os joelhos, é escarnecido pelos Judeus de modos differentes.

Em cima, para a esquerda, occorre a lettra **L**, como no n.º 37 da Taboa dos monogr., e em baixo, no meio, a data, 1521.

Altura, 116 millimetros; largura, 75 millimetros.

N.º 47 de B.

Bellissima e muito rara.

Da Real Bibliotheca.

N.º 135. — A Magdalena entregue aos prazeres mundanos; estampa geralmente conhecida entre os iconophilos pela denominação de *Dansa da Magdalena.*

Quatro anjos, grande numero de figuras, cães, cavallos e um veado, em uma rica paizagem. No 1.º plano: quasi no meio da estampa, a Magdalena com a cabeça circulada por um grande resplendor, conduzida por um homem que lhe dá a mão, dirige os passos para a direita, dansando ao som de uma flauta e de um tamboril, tocados por dois homens, que estão perto de uma grande arvore, á direita; muitos outros grupos de homens e mulheres, em differentes posições, vêem-se espalhados por toda a parte. No 2.º plano: a Magdalena a cavallo, e outras figuras a pé e montadas, correndo um veado, acossado por cães; e perto do cume de um alto rochedo, no fundo, a alma da Magdalena levada ao ceo por quatro anjos.

Em um cartaz, em baixo, no meio, lê-se: a data, 1519, e a lettra **L**, como na Taboa dos monog., n.º 37.

Altura, 289 millimetros; largura, 396 millimetros.

N.º 122 de B. (VII, 402).

Bellissima estampa, hoje muito rara, e uma das melhores que o Mestre gravou na pujança do seu talento. Um bello exemplar d'esta gravura custou, na venda da Collecção Galichon, 8,500 francos.

Da Real Bibliotheca.

N.º 136. — Marte e Venus.

Á esquerda: Venus, de frente, sentada, com o cotovello direito sobre um pedestal, e a cabeça apoiada na mão direita, achega para si o Amor, que se vê, em pé, a seu lado, e volta um pouco o rosto para a direita, olhando para Marte, que, sentado, tem a seus pés o seu escudo e capacete, e segura com a mão esquerda um espadão, cuja ponta descança no chão.

Em cima, á direita: a data, 1530, e por baixo a lettra **L**, como no n.º 37 da Taboa dos monogr.

Altura, 184 millimetros; largura, 243 millimetros.

N.º 137 de B. (VII, 411).

Estampa rara; uma das mais bem gravadas por Lucas de Hollanda, segundo Bartsch.

Da Real Bibliotheca.

N.º 137. — Os musicos.

Á esquerda, um homem sentado, temperando as cordas de uma guitarra, para afinal-a pelo tom da rabeca de uma mulher, que se vê, tambem sentada, á direita e um pouco para traz.

Esta estampa é exposta, apesar de mutilada, por ser uma das que Lucas melhor gravou. Faltam nella a data, 1524, em cima, á direita; e a lettra **L**, escripta ás avessas, em cima, no meio.

Dimensões da estampa no estado actual:

Altura, 106 millimetros; largura, 73 millimetros.

N.º 155 de B. (VII, 421); N.º 73 de Huber & Rost (V, 58).

Da Real Bibliotheca.

N.º 138. — Retrato de um moço.

A meio corpo, de tres quartos para a direita, com um chapéu ornado de grandes plumas na cabeça, apontando com a mão direita para uma caveira que tem na esquerda, meio occulta no regaço do gibão. A estampa exposta, provavelmente por mutilada, não apresenta a lettra L, em baixo, á esquerda, de que falla Bartsch, o qual diz que a chapa parece ter sido gravada em 1519.

Dimensões da folha no estado actual:

Altura, 183 millimetros; largura, em cima, 116 millimetros; largura, em baixo, 122 millimetros.

N.º 174 de B. (VII, 433).

Este retrato tem passado pelo de Lucas; entretanto B., *loco citato*, e Huber & Rost, n.º 3, á pag. 61 do V, não concordam com esta opinião.

Da Real Bibliotheca.

CORT (CORNELIO)

Cornelio Cort, desenhador e gravador a buril, nasceu em Horn, na Hollanda, em 1536.

Presume-se que fôra discipulo de Jeronymo Cock, para cuja casa de negocio abriu muitas chapas, todas subscriptas com o nome do mestre.

Cort já era vantajosamente conhecido pelas suas bôas estampas, gravadas segundo pintores hollandezes e flamengos, quando deliberou passar-se á Italia. Em Veneza travou relações com Ticiano, o qual lhe deu gasalhado em sua casa e o fez gravar algumas das suas mais bellas composições. Depois de longa estada em Veneza, mudou-se para Roma, onde continuou sempre a trabalhar como gravador, e estabeleceu uma escola de gravura, da qual sahiu, entre outros, o celebre Agostinho Carracci.

No principio Cornelio Cort gravava estampas de pequenas dimensões; depois publicou-as de maiores formatos.

As suas gravuras, principalmente as que executou em Roma, são muito apreciadas pela correcção do desenho, pela maneira espirituosa e pelo bom gosto com que são abertas.

Cornelio Cort falleceu em Roma em 1578.

N.º 139. — S. Jeronymo no deserto, lendo um livro, segundo Ticiano.

Em uma rica paizagem, S. Jeronymo, de frente, sentado sobre uma pequena eminencia, tendo o rosto apoiado na mão direita, segura com a esquerda um livro, aberto sobre as coxas, em que lê; á direita do Santo, um livro fechado e uma ampolheta; perto do canto inferior direito da estampa, uma caveira; finalmente, á esquerda, um leão sahindo de uma caverna.

Em baixo, á direita, lê-se: « 1.º, « *Tilianus Iēntor* »; 2.º, « *Cornelio cort fe. Cum priuilegio, 1565* ».

Altura, á esquerda, 290 millimetros; á direita, 297 millimetros; largura, em cima, 262 millimetros; em baixo, 254 millimetros.

N.º 106 de L.B. (II, 53).

Da Real Bibliotheca.

PASSEU Senior (CRISPIM)

N.º 24.

Não estão de accôrdo os biographos a respeito do lugar do nascimento de Crispim Passeu Senior: affirmam uns ter sido Colonia, outros Utrecht e finalmente outros Harmuyde, na Zelandia; á vista porém do dizer que occorre na folha de titulo das *Metamorphoses de Ovidio*, edição de Paris, 1602 (N.º 2 de Nagler, *Lexicon*, x, 565), « *...edit. per C. Passæum Zeeland. calcogr...* », parece que a patria do artista é antes Harmuyde, na Zelandia, do que Colonia ou Utrecht.

Huber & Rost dizem que C. Passeu Senior nascêra em 1536, Le Blanc em 1540 e Bryan dá o anno de 1560 como a data provavel do seu nascimento.

C. Passeu Senior aprendeu o desenho e a gravura com Theodoro Coornhaert; travando depois relações com Martim Freminet, P. P. Rubens, Abrahão Moreelze e Vander Burg, teve occasião de estudar as obras d'estes mestres, o que muito concorreu para que fizesse grandes progressos na sua arte.

Viveu e trabalhou em Amsterdão, em Colonia e em varias cidades de Inglaterra e de França, principalmente em

Londres e em Paris; foi porém em Utrecht que passou a maior parte da vida.

Le Blanc affirma que C. Passeu Senior falleceu em Utrecht em 1629; outros biographos dizem que se não sabe ao certo a data da sua morte, sendo entretanto fóra de duvida que chegou á idade muito provecta (mais de oitenta annos).

A sua obra, muito numerosa, é executada com nitidez, mas de maneira por vezes um tanto dura.

C. Passeu Senior gravou não sómente segundo os proprios desenhos, como tambem segundo varios mestres; os seus retratos têem em geral muito merecimento e são estimados.

É difficillimo distinguir as estampas de C. Passeu Senior das de seu filho de igual nome, porque ambos gravavam da mesma maneira e usavam do mesmo monogramma.

N.º 140 — Retrato de Americo Vespucio; em um oval, inscripto em um parallelogrammo, ao alto.

Em busto, de perfil para a direita, tendo na cabeça uma gorra e aos hombros um manto. Nos quatros cantos vêem-se: um papagaio; um arco e flechas em uma aljava; duas ancoras; a cabeça, um braço e um pé de um indio. Em volta do oval occorre: « AMERICVS VESPUTIVS FLORENTINVS. TERRÆ BRESILIANAE INVENTOR ET SUBACTOR. ✠ »; e por baixo do busto, em uma taboa: « NIL INTENTA – / TVM », e o monogramma n.º 24.

Em uma margem, por baixo do oval, lêem-se 6 versos hexametros latinos: « *Dignus ego ante alios... pars Orbis America dicta.* »; e o numero = 9 = no canto inferior direito. Sem data.

Altura, com a margem, 130 millimetros; altura, sem a margem, 112 millimetros; largura, 93 millimetros.

N.º 17828 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil.*

Pelo numero = 9 =, que occorre na gravura, vê-se que ella faz parte de uma serie, não descripta (?).

Estampa rara, que proveiu da Real Bibliotheca.

GOLTZIO (Henrique)

HG Goltzius

N.° 29 a N.° 29 b.

Henrique Goltz ou Goltzio, pintor, desenhador e gravador a buril e em claro-escuro, nasceu em Mulbrecht, no Ducado de Juliers, em 1558 e falleceu em Harlem no 1.° de Janeiro de 1617.

Seu pae, pintor sobre vidro, ensinou-lhe o desenho e a pintura, e Theodoro Coornhaert a gravura; a sua nomeada, porém, como gravador provêm-lhe antes do proprio talento e applicação do que das lições do mestre.

Como era debil de constituição e de pouca saude, poz-se a viajar e em tão bôa hora o fez que acabou por tornar-se forte e sadio. Depois de ter andado pela Allemanha e Italia, onde estudou as obras dos mais celebres mestres d'estes paizes, estabeleceu-se em Harlem em 1585. Goltzio é menos celebre como pintor do que como gravador. As suas estampas, muito numerosas (323 segundo B.), são correctamente desenhadas e gravadas ora com buril largo e afoito; ora com buril fino e cerrado, imitando a maneira de Alberto Durero e de Lucas de Hollanda, de modo a poderem ser confundidas por pessoas menos peritas em iconographia com as d'aquelles mestres. Entretanto o seu talho resente-se de certa affectação e extravagancia, e pode ser acoimado o artista de haver ignorado ou pelo menos descurado o claro-escuro. Apesar, porém, dos seus senões, as estampas de Goltzio são muito procuradas e estimadas pelos amadores e entendidos em gravura.

Goltzio formou discipulos notaveis: entre outros, Jacob Matham, seu enteado, João Müller, João Saenredam e Hermano Swanevelt, que imitaram a sua maneira de gravar.

N.° 141. — Thamar.

Quasi de frente, com a rosto a tres quartos para a esquerda, tendo os olhos velados, sentada debaixo de uma grande arvore, com a mão esquerda levantada. Embaixo, para a esquerda: « *Iudas et Tamar | Gene: 38.* » No fundo, á direita, vê-se Thamar em colloquios com Judas. Em uma paizagem.

Estampa circular, segundo desenho do proprio gravador, e na sua primeira maneira. Sem assignatura, nem monogramma; sem data.

Diametro da estampa, 203 millimetros.
N.° 1 de B. (III, 11).

Estampa sem margens, proveniente da Real Bibliotheca.

N.° 142. — A Sacra Familia, segundo Bartholomeu Spranger.

Á esquerda, a Virgem Santissima, vista até meio corpo, de perfil para a direita, com uma pera na mão esquerda, olhando com affecto para o Menino Jesus, assentado sobre um coxim, tendo o tronco reclinado no braço de sua Mãe; á direita, S. José, quasi de perfil, olhando para os dois. Em baixo, occorre: « *B. Spranger Inuent.* », no meio; e « *H Goltzius* (como no monogramma n.° 29 b.) *sculp.* », á direita; e na margem inferior, quatro versos latinos, em duas columnas: « *Virgo Palestinas... blanditur alumno.* », subscriptos por « *F. Estius.* » Sem data.

Altura: á direita, 270 millimetros; á esquerda, 268 millimetros; largura, 210 millimetros.

N.° 275 de B. (III, 84), o qual diz d'esta estampa: « Gravé d'une manière fort libre ».

Da Real Bibliotheca.

N.° 143. — Retrato de João Boll, pintor de Malinas.

Em busto, a tres quartos para a direita, olhando para a frente; dentro de um oval, ornado de muitos enfeites e attributos.

No oval occorre: « IOANNES BOLLIVS MECHLINIENSI... PICTOR. ÆT. LVIIII. A.° CIↃ.IↃ.XCIII. » ; e em uma peanha, por baixo do oval, seis versos latinos:

« *Cælatam Vitrice effigiem... cupe mente manuque.* »

O monogramma n.° 29 a. vê-se no canto inferior esquerdo.

Altura: á direita, 263 millimetros; á esquerda, 260 millimetros; largura, 179 millimetros.

N.° 161 de B. (III, 48); N.° 150 de L.B. (III, 307).

Da Real Bibliotheca.

DOLENDO (ZACHARIAS)

Zacharias Dolendo, desenhador e gravador a buril, nasceu em Leyden em 1561 (Brulliot e Le Blanc) ou em 1567 (Huber & Rost).

Foi discipulo de Jacob de Gheyn, cuja maneira imitou, burilando as suas chapas com firmeza e propriedade de execução.

A data e lugar em que falleceu são desconhecidos.

—

N.° 144. — A Virgem com o Menino Jesus, sentada em um throno e coroada por anjos, segundo Jacob de Gheyn.

A Virgem Santissima, de frente, assentada em um throno, segura com ambas as mãos o Menino Jesus, sentado no seu regaço, tendo na mão esquerda uma pera. A Virgem está com os olhos enlevados no filho amado, emquanto elle os tem levantados, olhando para o anjo da esquerda. No alto, dois anjos sustentam, por cima da cabeça da Virgem, uma corôa de flores.

Em baixo: á esquerda, « *I. D. Ghein Inuen.* », como no monogramma n.° 27; e á direita, « *Z. dolendo. schu.* »; e na margem inferior, dois versos latinos: « *Tu virgo... mortalibus ægris.* »

Altura, 153 millimetros; largura, 120 millimetros.

N.° 3 de Huber & Rost (v, 205); N.° 4 de L.B. (II, 135).

Bella estampa, proveniente da Real Bibliotheca.

SAENREDAM (JOÃO)

João Saenredam, desenhador, pintor e gravador a buril, era natural de Leyden, segundo Bavarel & Malpez e Joubert; Nagler, porém, no seu *Lexicon* affirma que outros com mais verdade dizem ter J. Saenredam nascido em Zaandam (tambem Saerdam ou Saanredam). A data do seu nascimento tambem varía segundo os autores: uns a dão em 1570 e outros em 1565; a inscripção, que se lê no seu tumulo, reza que elle morrêra com 42 annos de idade, e como falleceu em 1607, a data de 1565 deve ser a do seu nascimento.

Sem nunca ter tido a menor instrucção artistica, J. Saenredam já tinha dado cópia da sua vocação para as bôas-artes,

desenhando a pennejado algumas aves e animaes, quando um tio seu, a quem estava confiado, resolveu dedical-o á carreira das artes.

No principio aprendeu a pintura com Jacob de Gheyn, mas depois applicou-se exclusivamente á gravura, tendo por mestre a Henrique Goltzio, a quem tomou por modelo e imitou tão perfeitamente que muitas das suas estampas podem ser confundidas com as d'este mestre.

J. Saenredam trabalhou em Amsterdão, em Leyden e em Assendelft, onde viveu por longo tempo e morreu.

J. Saenredam gravou com buril firme, facil e largo; nas estampas, segundo as proprias composições, o seu desenho é mais correcto e menos amaneirado do que nas que abriu segundo H. Goltzio e outros mestres; razão por que aquellas são mais estimadas do que estas.

A historia de Adão, segundo Abrahão Bloemaert.

Serie de seis estampas numeradas, n.os 13-18 de B., á pp. 225-226 do III, das quaes a Bibliotheca Nacional expõe somente uma das duas que possue.

N.º 145. — Adão e Eva expulsos do paraiso terrestre, depois da sua desobediencia.

Duas figuras, um anjo, a serpente e uma lebre.

No alto da estampa, á esquerda, o anjo, armado de uma espada chammejante, expelle do paraiso os dois peccadores; Eva, em pé, de frente, com as mãos postas e os olhos voltados para o anjo, como quem lhe dirige uma supplica, e Adão, de costas, ajoelhado, segurando-a pelo pé direito e com o braço esquerdo extendido, tentando retel-a. Em baixo, á direita: « *A. Bloemaert inuen.* | *J. Saenredam sculps.* 4. »; e na margem inferior quatro versos latinos, em duas columnas: « *Reddita lux oculis;... defendat vindice siluas.* » Sem data.

Altura, 260 millimetros; largura, 194 millimetros.

N.º 16, 4 de B. (III, 225).

Da Real Bibliotheca.

Jupiter, Neptuno e Plutão com suas mulheres, segundo Henrique Goltzio.

Serie de tres estampas numeradas, n.os 53-55 de B. (III, 239), das quaes a Bibliotheca Nacional só expõe a seguinte:

N.º 146. — Plutão e Proserpina.

Em uma paizagem, Plutão sentado debaixo de uma arvore, á esquerda, acariciado por Proserpina, que em pé, junto d'elle, passa-lhe o braço direito sobre os hombros. Por detraz de Plutão vêem-se duas das cabeças de Cerbero; no 2.º plano, á direita, grandes labaredas de um incendio. No canto inferior esquerdo, lê-se: « 3 / H. G. (em monogramma. Vide o n.º 29 a. da Taboa dos monogr.) »; e na margem inferior, quatro versos latinos, em duas columnas: « *Persephone vmbrarum... et Æacus vrna.* » Sem data.

Altura: á direita, 313 millimetros; á esquerda, 310 millimetros; largura, 215 millimetros.

N.º 55, 3 de B.

Da Real Bibliotheca.

MÜLLER (João)

João Müller, desenhador e gravador a buril, nasceu, segundo alguns, em Amsterdão.

Pouco se sabe da sua vida; elle passa por parente de Herman Müller; e a julgar pelas suas gravuras foi indubitavelmente discipulo de Henrique Goltzio. As datas extremas que se encontram nas estampas de J. Müller são: 1589 e 1625, d'onde se póde talvez inferir que nasceu cêrca do anno de 1570 e morreu pouco depois de 1625.

Bartsch descreve 88 estampas d'este gravador, dizendo ser possivel que elle tivesse aberto mais algumas, que se parecem com as suas pela maneira de gravar, as quaes, entretanto, por mediocres, são geralmente attribuidas a Herman Müller, tambem discipulo de Goltzio. Weigel (I, 145) aponta mais duas estampas não mencionadas por B.

O seguinte trecho de Levêque (*Encyclopedia methodica*, tomo I, parte II, Bellas artes, pagina 370), citado por Bartsch e por outros iconographos, aprecia magistralmente os trabalhos de João Müller:

« João Müller, hollandez, diz Levêque, é talvez o gravador que com mais afouteza manejou o buril. Merecerá sempre ser estudado pelos artistas que desejarem distinguir-se na gravura, sendo porém mister que temperem com discernimento o excesso de audacia que elle é capaz de inspirar. Ninguem nunca soube mais a fundo a arte da gravura: é

impossivel abrir no cobre com mais destreza e empregar menor numero de talhos para representar os objectos. Fica-se admirado de ver com que habilidade elle obriga o mesmo talho a servir-lhe de primeiro e de segundo para fazer uma figura inteira. Raras vezes emprega terceiro talho e, quando o faz, é em alguma parte de pequena extensão que deseja sacrificar. Apesar d'esta judiciosa economia, não póde ser acoimado de monotonia no effeito geral, nem de uniformidade na execução: todos os seus planos são artisticamente variados no trabalho e no tom. J. Müller era perito desenhador, sem o que nunca teria conseguido executar o processo de que usava; entretanto é com razão censurado por ser amaneirado nas extremidades, imitando neste particular o pintor Bartholomeu Sprangers, segundo o qual gravou muitas estampas.

Como não fazia uso de pontos para empastar e se obstinava em empregar sómente dois talhos para uma figura inteira, succedia que muitas vezes formava grupos de lisonjas em grande numero, de aspecto desagradavel, que os gravadores comparam aos do dorso da sarda ou cavalla ».

N.° 147. — O repouso no Egypto.

Em uma paizagem, a Virgem Santissima, sentada á sombra de uma grande arvore, contemplando o Menino Jesus que tem nos braços; e no 2.° plano, á direita, S. José dando a beber ao burro; &. Por baixo dos pés da Virgem está escripto: « *Joannes Muller: fecit. 1593.* »; e na margem inferior: 1.°, os dois seguintes disticos latinos:

« *Quid mortem Infanti moliris percitus ira?*
An metuis Regno, sæue Tyranne, tuo?
Falleris, ah, demens: non hæc inferna requirit,
Qui dare, quandò libet, Regna superna potest. »

em duas colomnas; 2.°, o endereço « *Harman Mul: excud.* »

Altura, 209 millimetros; largura: (em cima) 194 millimetros; (em baixo) 197 millimetros.

N.° 6 de B. (III, 267); N.° 15 de L.B. (III, 66); N.° 6 de Nagler, *Lexicon* (IX, 569).

Da Real Bibliotheca.

MATHAM (JACOB)

Jacob Matham, desenhador e gravador a buril, nasceu em Harlem a 15 de Outubro de 1571.

Henrique Goltzio, seu padrasto, ensinou-lhe o desenho e a gravura, fazendo d'elle um habil artista.

Em 1593 (Larousse) foi J. Matham para a Italia e ali passou alguns annos, principalmente em Roma, onde abriu muitas estampas segundo os grandes pintores italianos; depois tornou á patria, e ahi continuou a gravar segundo os mais babeis pintores dos Paizes-baixos.

J. Matham manejava o buril com grande desembaraço; muitas das suas estampas parecem-se de tal modo com as de seu mestre, que podem ser-lhe attribuidas por pessoas menos entendidas ou mal precatadas.

Falleceu em Harlem a 20 de Janeiro de 1631.

N.º 148. — *Noli me tangere*, segundo Henrique Goltzio.

Em uma paizagem: á direita, Jesus Christo, depois de sua resurreição, apparece, sob a figura de jardineiro, á Magdalena, que ajoelhada defronte d'elle, de perfil para a direita, com a mão direita ao peito, dá mostras de grande admiração.

Em baixo lê-se: « *Cum privil. Sa. Cæ. M. H Goltzius* (como no monogramma n.º 29 b. da Taboa dos monogr.) *Inue. J. Maetham sculp. et excud. | Anno. 1602.* »; e na margem inferior:

« *Odit amor latebras, dilectum quæris* IESVM?
Quem tibi fles raptum, Magdali, vivus adest.
Vivus adest, domitor Mortis, Stygyque tyranni:
Quo redivivo hominum vita renata fuit. »

em duas columnas, com o monogramma n.º 35 em seguimento á palavra *fuit*.

Altura, 258 millimetros; largura, 188 millimetros.

N.º 103 de B. (III, 159).

Da Real Bibliotheca.

DELFF (Guilherme Jacobsz)

Guilherme Jacobsz Delft, Delff ou Delphio (Wilhelmus Jacobi Delphius), pintor e gravador a buril, nasceu em Delft em 1580 e falleceu na mesma cidade em 1638.

G. J. Delphio era o terceiro filho de Jacob de Delft, bom pintor de retratos. Com seu pae aprendeu os rudimentos da pintura e terminou a sua educação artistica com Miguel Mirevelt, cuja filha depois desposou.

O seu parentesco e a convivencia com este levaram G. J. Delphio a dedicar-se em pintura mais particularmente ao genero *retratos;* entretanto, ainda que seja tido em conta de bom pintor, é muito mais conhecido e estimado como gravador.

As suas estampas, desenhadas com muita correcção, são abertas com buril facil, nitido e expressivo.

G. J. Delphio teve um filho, Jacob Wilhelmsz Delff (Jacobus Wilhelmi Delphius), que não deve ser confundido com seu pae.

N.° 149. — Retrato de Miguel Mirevelt, pintor; segundo Antonio Van Dyck.

A meio corpo, quasi de perfil para a direita, olhando para a frente, embuçado em uma capa, e tendo na mão direita as luvas descalças. Á direita, sobre uma mesa, uma palheta, pinceis e um tento.

Na margem inferior lê-se: 1.°, « MICHAEL MIREVELT, / ICONVM PICTOR IN HOLLANDIA. »; 2.°, « *Ant. van Dyck pinxit / Wilhelm. Iac. Delphius sculpsit.* », á esquerda; « *cum priuilegio* », á direita. Sem data.

Altura, 234 millimetros; largura, 188 millimetros.

N.° 17, 4.° estado, de Andresen (1, 341).

A estampa faz parte da collecção dos *Cem retratos* de A. Van Dyck.

Da Real Bibliotheca.

VISSCHER (Nicolau Ennes)

Visscher fecit

N.° 22.

O nome d'este artista não é João Nicolau Visscher, (Br., I, n.os 1344 a, e 1494; II, n.° 1397), nem tão pouco Nicolau João Visscher (Bryan; e Huber & Rost, V, 394), e sim Nicolau Ennes Visscher, que é a traducção portugueza do nome com que o proprio gravador se assignava: *Claes Jansz: Visscher* (estampa n.° 17417 do *C. E. H.)* e *Nicolaus Joannis Piscator* ou *Visscherus* (estampas: 17423 do *C. E. H.* e n.os 26–29 de Nagler, *Lexicon*, XX, pag. 421); Nagler, *Lexicon*, XX, 418 e 419, discute com proficiencia este assumpto e distingue Nicolau Ennes Visscher de seu pae João Nicolau Visscher (nascido em 1550? e fallecido em 1612?), gravador e mercador de estampas em Amsterdão, de seu filho Nicolau Visscher e de seu neto, filho d'este, tambem de nome Nicolau Visscher.

Nicolau Ennes Visscher, desenhador, gravador á agua-forte, editor e mercador de estampas, nascido em Amsterdão, cêrca do anno de 1580 (Huber & Rost), era provavelmente parente de Cornelio Visscher e João Visscher, tambem gravadores.

Nicolau Ennes Visscher no principio da sua vida de artista trabalhou nas casas de Jodoco Hondio e de Guilherme Blaeu, editores e gravadores, abrindo cartas geographicas; mas depois o fez por conta propria.

Herdando (em 1612?) a officina e casa de negocio de seu pae, Nicolau Ennes Visscher continuou a dedicar-se ao officio de gravador e manteve o commercio de estampas até á sua morte, que se suppõe ter occorrido cêrca do anno de 1660.

Da obra de Nicolau Ennes Visscher, Nagler, *Lexicon*, menciona 42 numeros, dos quaes uns dizem respeito a series e outros a estampas avulsas. A Bibliotheca Nacional possue outras estampas que não as apontadas por Nagler.

N.° 150. — Um rapaz tirando passarinhos de um ninho, segundo David Vinckebooms.

Em uma paizagem, com duas grandes arvores no meio, um rapaz, trepado em uma das arvores, tira do ninho um

passarinho para o reunir a dois outros, que já estão recolhidos no seu chapéu, e para os quaes olha com interesse.

Á esquerda, no chão, vêem-se, olhando boquiabertos para o rapaz, tres camponios, dos quaes o da direita tem as mãos apoiadas na arvore, em que está o ninho, e o da esquerda faz com uma das mãos um gesto para o rapaz, emquanto mette a outra na patrona do camponez do meio, como que tirando d'ella alguma cousa.

Em baixo: « *C. I. Visscher Fecit* » (como no monogramma n.° 22 da Taboa), á direita; e « *D. V. B.* (como no monogramma n.° 16 da Taboa) *inventor* », á esquerda. Sem data.

Altura, 200 millimetros; largura, 146 millimetros.

Estampa não descripta (?) e rara.

A gravura exposta tem as margens mutiladas e pertenceu á Real Bibliotheca.

MATHAM (Theodoro)

Theodoro (ou Dirk, em hollandez) Matham, pintor e gravador a buril, filho de Jacob Matham, nasceu em Harlem em 1589 (Nagler, *Lexicon*, e L.B.), ou em 1598 (Siret), ou em 1600 (Bryan).

Teve por primeiro mestre a seu pae; mas, depois de haver trabalhado por algum tempo na cidade natal, foi-se á Italia e entrou para a escola de gravura de Cornelio Bloemaert, em Roma, afim de aperfeiçoar-se nesta arte. Em Roma gravou, conjunctamente com o dito Bloemaert, Persyn, Nathalis e outros, as estatuas do palacio Giustiniani. De volta á patria abriu muitas estampas sobre differentes assumptos, sobretudo retratos.

Na gravura das suas chapas T. Matham empregava ordinariamente o buril, muitas vezes, porém, usava simultaneamente d'este instrumento e da ponta.

Segundo Terwesten, citado por Siret, foi T. Matham um dos fundadores da sociedade, dita *Pictura*, de Haya.

Siret affirma que T. Matham fallecêra nesta cidade no anno de 1660; mas á vista da estampa gravada por este artista, *Titulo allegorico do Virgilio de J. v. Vondel, 1666*, descripta sob n.° 17 por Nagler, *Lexicon* (VIII, 430), aquella data parece insustentavel. O mesmo Nagler diz que o anno da morte de T. Matham é inteiramente desconhecido; entretanto Larousse o dá como fallecido em 1677.

N.° 151. — Retrato de Gaspar Barlæus, segundo Jacob von Sandrart.

A tres quartos para a direita, e a meio corpo, de beca e capa, com grande collarinho virado, apontando com a mão direita para um livro fechado que tem na esquerda; no 2.° plano, á direita, outros livros e um busto de Hippocrates.

Na margem inferior lê-se:

1.°, « CASPAR BARLÆVS MED. D. PHILOS. IN ILL. AMSTELOD. GYMNASIO PROFESSOR. »;

2.°, quatro disticos latinos, em duas columnas, « *Hic vir hic est... nemo cohorte potest.* », subscriptos por « Art. Ionstonus Med. Regius. »;

3.°, da esquerda para a direita:

« I. Sandrart Delineauit »; — « *Theod. Matham Sculp.* »; e « *C. Dankerts excudit.* » Sem data.

Altura, 237 millimetros; largura, 187 millimetros.

N.° 23 de L.B. (II, 621); N.° 17606 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil.*

Comprada em Hollanda no tempo da administração do ex-Bibliothecario, Snr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

VOERST (ROBERTO VAN DER)

Roberto van der Voerst, desenhador e gravador a buril, nasceu em Arnheim em 1596, segundo uns, ou em 1610, segundo outros, e morreu em Londres em 1669 (Andresen).

Sendo ainda moço, passou-se á Inglaterra e trabalhou por muitos annos em Londres, principalmente em retratos. Das estampas que ali gravou a mais recente tem a data de 1635.

R. van der Voerst foi gravador distincto pelo seu talento e um dos mais felizes imitadores de Egidio Sadelero, como o prova grande numero dos seus retratos, executados magistralmente, sobretudo no tocante á expressão do colorido e das physionomias.

Segundo van der Dort, R. van der Voerst foi gravador do Rei de Inglaterra Carlos I.

N.° 152. — Retrato de Roberto van der Voerst, segundo Antonio Van Dyck.

A meio corpo, de tres quartos para a esquerda, com um rôlo de papel na mão esquerda.

Na margem inferior occorre: 1.°, « ROBERTVS VAN VOERST,/ CALCOGRAPHVS LONDINI. »; 2.°, « *Ant. van Dyck pinxit / R. V. Vorst sculp.* », á esquerda; « *cum priuilegio* », á direita. Sem data.

Altura, 216 millimetros; largura, 164 millimetros.

N.° 1 de Nagler, *Lexicon* (XX, 473).

Pertence esta estampa á Collecção dos *Cem retratos* de A. Van Dyck.

Da Real Bibliotheca.

GERRITZ (HESSEL)

Hessel Gerritz é um gravador em metal, de cuja vida nada se sabe. Nagler, *Lexicon*, V, pag. 116, diz que elle e Henrique Gerrez, pintor de origem indiana, de quem trata na mesma pagina, são provavelmente uma e a mesma pessoa. Viveu em Amsterdão no começo do XVII seculo.

N.° 153. — Retrato de Pieter (Pedro) Pieterzen (Pires) Heyn.

Em busto, a tres quartos para a esquerda, vestido de armadura, com um medalhão pendente de uma corrente de muitas voltas, a tiracollo; dentro de um oval, inscripto em um parallelogrammo. No oval occorre: « PIETER PIETERSZ. HEYN, GHEBOREN VAN DELFSHAVEN ». Por baixo da gravura lêem-se tres disticos latinos e seis versos hollandezes (traducção dos latinos), dentro de uma tarjeta, tudo impresso com caracteres typographicos:

« *Talis es Auriferas primus spoliare Carinas*
Ausus, & Hesperio ponere frena mari,
Frustraque Sacratos bis sternere victor Iberos,
Cum tua Brasilidûm Pantheon arma domant;
Fulgur & attoniti, Heiniadi, tu flamma Philippi,
Hunniadæ, tanti nominis, omen habes. »;

e em seguida os versos hollandezes:

« *De blixem, die het... den doodsteeck wech.* »

Sem data.

Dimensões da gravura: altura, 127 millimetros; largura, 99 millimetros.

Dimensões da composição typographica: altura, 105 millimetros; largura, 162 millimetros.

N.° 17722 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil.*

Muito rara. Comprada em Hollanda durante a administração do ex-Bibliothecario, Snr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

HONDIO (Guilherme)

Guilherme Hondt ou Hondio, desenhador e gravador a buril, nasceu em Haya pelo anno de 1600 (Huber & Rost) ou em 1601 (Brulliot).

Com seu pae, Henrique Hondio Junior, aprendeu o desenho e a gravura. Trabalhou por algum tempo na cidade natal e depois em Dantzig; e foi um dos mais distinctos artistas empregados por Van Dyck em gravar a sua serie de retratos.

As estampas de Hondio são abertas com muito gosto e perfeição.

N.° 154. — Retrato de Henrique Cornelio Lonck, segundo Isaac Mytens.

Em busto, a tres quartos para a direita, olhando para a frente, com uma grande medalha pendente de uma corrente em muitas voltas, a tiracollo; dentro de um oval inscripto em um parallelogrammo.

No oval occorre: « Voor Godes eere t'vaderlants vriiheit. » e « Ætat. 62. »; e na margem inferior: 1.°, « Magnanimus vir, D. Henricus Cornelius Longkius, / Rosendaliensis Brabantus, Societatis Indiæ Occidentalis, / permissæ, a Provinciis confoederatis, Præfectus classis strenuissimus. » ; 2.°, « *Isaacq. Mytens pinxit. Wilhelmus Hondius sculpsit. Hagæ-Comit. Cum privil. Illust: D. D. Ord. Gener. foed. Belg.* / CIƆ.IƆ. CXXX. »

Altura, 369 millimetros; largura, 287 millimetros.

N.° 9 de Andresen (I, 691); N.° 7 de Nagler, *Lexicon* (VI, 283); N.° 17747 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil.*

Estampa bellissima e muito rara, que faz *pendant* ao retrato de Theodoro de Weerdenburg pelo mesmo gravador (n.° 155 d'este Catalogo). Comprada em Hollanda durante a administração do ex-Bibliothecario, Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

N.° 155. — Retrato de Theodoro Weerdenburg.

Em busto, a tres quartos para a direita, olhando para a frente; dentro de um oval inscripto em um parallelogrammo. No oval occorre: « PRO PATRIA AC BONA CAUSA: »; e na margem inferior: 1.°, « NOBILISSIMO AC MAGNANISSIMO THEODORO AB WEERDENBURGIO, / DOMINO A LENT TRIBUNO LEGIONUM SOCIETATIS INDIÆ OCCIDENTALIS / PERMISSÆ, VICTORI AC GUBERNATORI PERNAMBUCI OMNIUMQUE CASTELLORUM / EIUS, ET CONSILIARIO IBI EIUSDEM SOCIETATIS PRIMO. »; 2.°, « Hanc effigiem dedicatam. Schulptore Guillielmo Hondio. *Cum privilegio Illust: D.D. Ord: General: foed: Belg: etc.* / cIↃIↃc.XXXI. »

Altura, 369 millimetros; largura, 289 millimetros.

N.° 6 de Andresen (I, 691); N.° 6 de Nagler, *Lexicon* (VI, 283); N.° 17843 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil.*

Bellissima e mui rara estampa, fazendo *pendant* ao retrato de Henrique Cornelio Lonck pelo mesmo gravador (n.° 154 do presente Catalogo).

Foi adquirida por compra feita em Hollanda no tempo do ex-Bibliothecario, Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

SWANEVELT (HERMANO)

Hermano Swanevelt, dito *Hermano de Italia*, pintor e gravador á agua-forte, nasceu em Voerden, na Hollanda.

A data do seu nascimento varía segundo os autores: 1618 (Zani, citado por Bryan), 1620 (Andresen, Huber & Rost), e 1626? (Andresen); entretanto C. Blanc (*Histoire des peintres, École hollandaise, Herman Swanevelt*, pag. 2),

fundando-se no testemunho de João Baptista Passeri, coevo e conhecido de H. Swanevelt, o dá como provavelmente nascido em 1600.

Não se sabe ao certo quem foi o primeiro mestre de H. Swanevelt, ainda que geralmente se diga que fôra Gerardo Dow; C. Blanc *(opere citato)* acha pouco fundamento nesta asserção, visto como G. Dow era 10 a 12 annos mais moço que H. Swanevelt.

Ainda muito novo, H. Swanevelt mudou-se para Roma, sendo porém artista já feito, e tomou por mestre nesta cidade a Claudio Geleu, dito o *Loreno*, que lhe serviu de modêlo nas suas composições. Não contente com as lições d'este grande mestre, poz-se a estudar a natureza e o antigo, fazendo frequentes excursões pela campanha de Roma, onde são tão abundantes assumptos d'este ultimo genero. De taes excursões, da sua assiduidade ao trabalho e da vida retirada e solitaria que levava proveiu-lhe o cognome de *ermitão* e o grande apreço que tiveram as suas obras, ainda na sua vida.

H. Swanevelt gravava de uma maneira que lhe era propria, maneira que se não póde confundir com a de Goyrand, que abriu chapas segundo os seus desenhos (Bartsch). Ás suas estampas, em numero de 116, representando paizagens, são perfeitissimas e por isso muito estimadas e procuradas pelos entendidos e amadores.

Falleceu em Roma em 1655 (C. Blanc, *opere citato)*, e não em 1690, como é opinião corrente.

N.º 156. — A montanha; paizagem.

Á direita, uma alta montanha coberta de vegetação, cortada obliquamente por um caminho, onde se vê, á meia altura, á direita, um homem tocando um burro carregado, e mais para baixo, á esquerda, cinco outros viandantes. O sopé da montanha é banhado por um riacho, que, no 1.º plano, á direita, fórma uma cascatinha. Neste mesmo plano, á esquerda, um homem, com as duas mãos arrimadas a seu bastão, escuta a outro, que, tendo tambem um bastão na mão direita, aponta com a esquerda para o lado da montanha. Na margem inferior lê-se: « *Herman van Suanevelt Inventor fecit et excudit* », á esquerda; e « *cum privilegio Regis.* », á direita. Sem data.

Altura, 295 millimetros; largura, em cima, 237 millimetros; largura, em baixo, 239 millimetros.

Esta bella estampa, n.º 113, 1.º estado, de B., pertence a uma serie, de quatro, por elle descripta sob n.ºs 112-115 (II, 316-319), da qual a Bibliotheca Nacional possue a exposta e outra (n.º 112 de B.). Ch. Blanc (*École hollandaise*, I) descreve esta estampa sob n.º 80, com a denominação de *Cascatinha*, e d'ella dá uma copia em xylographia.

Da Real Bibliotheca.

BLOEMAERT (Cornelio)

Cornelio Bloemaert, pintor, desenhador e gravador á agua-forte e a buril, nasceu em Utrecht em 1603.

Aprendeu com seu pae, Abrahão Bloemaert, os elementos do desenho e da pintura. Dedicou-se a esta por algum tempo, mas desamparou-a por fim para applicar-se tão sómente á gravura, tendo por mestre nesta arte Crispim Passeu, a quem em muito sobrepujou.

Em 1630 foi a Paris, onde trabalhou; merecendo especial menção entre as estampas que ali gravou a serie de 59 folhas (N.ºs 90-148 de L.B.) abertas para a obra *O Templo das Musas*. De Paris passou-se C. Bloemaert á Roma e ahi fixou a sua residencia até morrer (1680).

Watelet, citado por Huber & Rost, fazendo longa apreciação da maneira de gravar de C. Bloemaert, diz que seria tão injusto recusar alta estimação ás suas obras, quanto perigoso imital-as sem intelligencia. A maneira de C. Bloemaert teve muita acceitação em Paris; tambem os gravadores francezes Carlos Audran, Estevão Baudet, Estevão Picart, dito o *Romano*, Guilherme Vallet e Francisco Poilly são considerados como seus discipulos ou imitadores.

A obra de C. Bloemaert, descripta por Le Blanc, consta de 321 n.ºs

---

N.º 157.— A Virgem Santissima, o Menino Jesus e S. João com um cartaz na mão, segundo Ticiano.

A Virgem, vista até aos joelhos, a tres quartos para a esquerda, sentada, sustenta com as duas mãos a seu Filho, que em pé, um pouco voltado para ella, a contempla com enlevo, tendo na mão esquerda uma maçã; á direita, S. João,

a meio corpo e de perfil, apresenta, com a mão esquerda, ao Menino Jesus um cartaz alongado, em que se lê: « ECCE AGNVS DEI »; e em torno da Virgem, dezeseis cherubins.

Na margem inferior occorrem: 1.°, a dedicatoria:

ILL.MO DÑO MARCH.NI (Brazão) VINCENTIO IVSTINIANO
Cornelio Bloemaert *D.D. et sculpsit. Romæ.* »;

2.°, « *Titianus pinxit.* », á esquerda; « *Cum priuil: S. C. Maj.tis et Regis Christ.mi* », no meio; e « *Superioru̅ licentia.* », á direita. Sem data.

Altura, 259 millimetros; largura, 215 millimetros.

N.° 24 de L.B. (1, 374).

As margens da estampa, excepto a inferior, essa mesma um pouco mutilada, foram cortadas.

Da Real Bibliotheca.

N.° 158. — S. Lucas pintando o retrato da Virgem Santissima, segundo Raphael.

Quatro figuras e um boi: S. Lucas, sentado, a tres quartos para a esquerda, pinta em uma tela o retrato da Virgem, que está entre nuvens, á esquerda, a meio corpo, com o Menino Jesus nos braços, servindo de modelo; por detraz do Santo, o boi e um mancebo em pé.

Na margem inferior, lêem-se: 1.°, dois disticos latinos, em duas columnas, « *Quid tabula Luca... pingere jussit amor.* »; 2.°, « *S. Lucæ Evangelistæ imaginem a Raphaele Sanctio olim depinctam et Academiæ Pictorum dono datam | Cornelius Bloemaert æri incidit Romæ Superioru̅ licentia cu̅ privil. S. C. M.tis et Regis Christ.mi* »; 3.°, no canto inferior direito, o endereço, « *Io. Iacobus de Rubeis formis Romæ | ad Templum S. M.a de Pace. cu̅ P. S. P.* ». Sem data.

Altura, 365 millimetros; largura, 259 millimetros.

N.° 52 de L.B. (1, 375).

Este autor assevera, firmando-se em uma nota de Mariette, que o mancebo que se vê por detraz de S. Lucas é o retrato de Raphael.

Da Real Bibliotheca.

BRONCHORST (João Gerritsz van)

João Gerritsz van Bronchorst, pintor e gravador á agua-forte, nasceu em Utrecht em 1603.

Aos doze annos de idade começou a aprender a pintura sobre vidro com João ver Burg.

Em 1620 poz-se a viajar: em Arras trabalhou na casa de Pedro Mathys, e em Paris na de Camus, tambem pintores sobre vidro. De volta á patria, em consequencia da amizade que travou com o pintor Cornelio Poelenburg, inclinou-se á pintura a oleo, e de 1637 em diante dedicou-se exclusivamente a ella, dando de mão á sua antiga arte.

As estampas de Bronchorst, gravadas á agua-forte e retocadas a buril, são em geral bem acabadas.

Falleceu em 1659 (Andresen) ou em 1680 (L.B).

N.° 159. — Retrato de João de Laet.

A meio corpo, de frente, com barba e bigodes, trajando gibão, collarinho revirado e capa e pousando a mão esquerda sobre um livro aberto em cima de uma mesa. No fundo, uma cortina tomada, deixando ver uma livraria. Em baixo, á direita, « *I. v. Bronchorst fecit.* »; e na margem inferior, « IOANNES DE LAET ANTWERPIANUS. / Anno. Ætatis. lx. cIↄIↄcxlii. »

Altura, 204 millimetros; largura, 176 millimetros.

N.° 7 de Andresen (I, 190), 1.° estado, a saber: com o nome de João de Laet... &, mas sem os 16 versos na margem inferior.

N.° 9, 1.° estado, de B. (IV, 61).

N.° 17737 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil.*

Comprada em Hollanda sob a administração do ex-Bibliothecario, Snr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

REMBRANDT (Harmensz van Ryn)

Filho de um moleiro, Harmen (Hermano) Gerretsz, cognominado *van Ryn*, por ter o seu moinho sito á margem de um canal do Rheno na cidade de Leyden, perto da Porta Branca (*Wittepoort*), segundo C. Blanc (*École hollandaise*, I,

Rembrandt, pag. 2), e não entre as villas de Leyerdorp e Koukerck, nasceu Rembrandt na casa paterna a 15 de Junho de 1606.

Na pia baptismal recebeu o nome de Rembrandt e de seu pae tomou o patronimico *Harmensz* e o patrio *van Ryn;* entretanto é geralmente conhecido sómente pelo nome de Rembrandt van Ryn.

Destinado á carreira das lettras, começou Rembrandt a fazer os seus estudos na Universidade de Leyden; como porém já se sentia arrastado pela sua vocação para as bôas-artes e lhe dava mais prazer a contemplação de uma bella estampa do que a leitura dos autores latinos, atirou para o canto todos os livros e dedicou-se inteiramente aos estudos artisticos.

Não estão de accordo os biographos de Rembrandt sobre quem fôra seu mestre: Jacob van Swanenburg, Pedro Lastman, Jacob Pinas e Jorge van Schooten são apontados como taes; seja porém como for, o que é indubitavel é que muito mais concorreram para formar o grande artista as suas felizes disposições naturaes do que as lições de todos estes mestres.

Rembrandt foi pintor e gravador á agua-forte e a buril; nos primeiros tempos da sua vida artistica trabalhou na casa paterna, tendo por modelos sómente as pessoas e as cousas que o cercavam quotidianamente; em 1630 foi-se a Amsterdão, onde estabeleceu escola de pintura e de gravura, muito frequentada, da qual sahiram notaveis discipulos.

Além de cem florins annuaes, que cada um dos seus discipulos pagava ao grande mestre pelo aprendizado, as cópias que faziam dos quadros celebres lhe pertenciam. Rembrandt as retocava ás vezes e vendia as por conta propria como originaes; Sandrart affirma que só estas vendas rendiam ao mestre cêrca de 2500 florins por anno.

Demais, Rembrandt apurava grandes sommas na venda das suas proprias obras de pintura e de gravura, não só pelo seu merecimento intrinseco, mas tambem pelos meios artificiosos que empregava para augmentar-lhes a procura e encarecer-lhes o preço: não trabalhava á vista de testemunhas; não vendia certas obras suas a qualquer que lhe apparecesse, sem que primeiro o pretendente lhe fizesse a côrte; deu-se uma vez por morto, e depois de ter vendido a bom preço os seus trabalhos, reappareceu; fazia tiragem de algumas estampas antes de acabar as chapas, e depois de acabadas retocava-as, fazendo nellas repetidas mudanças, para de cada estado tirar uma edição; finalmente chegou ao ponto de mandar vender as suas gravuras por seu proprio filho, Tito, aconselhando-o que as fizesse passar por furtadas a elle Rembrandt. Estes embustes

deram corpo á asserção de Sandrart, geralmentt acreditada, de ter sido Rembrandt muito avaro; entretanto pondera C. Blanc (*Opere citato*) que não merece esta qualificação quem, como Rembrandt, tratava sua mulher com luxo, comprava por preços fabulosos estampas bellas ou raras, quadros de mestres antigos e objectos de arte, soffrêra penhora por dividas e morrêra afinal pobre e insolvente.

Rembrandt foi grande pintor e inimitavel gravador. As suas bôas partes e os seus senões são os mesmos, tanto em pintura como em gravura: os assumptos das suas composições são ás vezes triviaes e o seu desenho incorreto; mas ninguem melhor do que elle soube ser mestre no claro-escuro, no toque e na expressão. Os rostos dos seus retratos, além da exacta parecença com os originaes, exprimem os caracteres dos retratados.

Rembrandt gravava de uma maneira livre, dextra, firme, original e propria, emfim inimitavel; as suas aguas-fortes são immortaes e têem sido vendidas por preços elevadissimos.

Rembrandt casou-se 1634 com uma rica moça de Lewaarden, a bella Saskia Uylenburg, representada com seu marido na estampa n.° 160 d'este Catalogo; d'ella teve quatro filhos, todos fallecidos antes da morte do artista.

Depois do fallecimento de Saskia, em 1642, conviveu Rembrandt maritalmente com Hendrikje Jaghers (não ha documento algum que prove o casamento dos dois), de cuja união teve um filha; e por fim casou-se com Catharina van Vijck, havendo com ella dois filhos, que lhe sobreviveram (C. Blanc, *Opere citato*).

Tendo morrido em Amsterdão, foi Rembrandt enterrado na igreja de oeste (*Westerkerk*) da mesma cidade, a 9 de Outubro de 1669.

N.° 160. — Retratos de Rembrandt e sua mulher Saskia Uylenburg.

Á direita, Rembrandt, a meio corpo de perfil para a esquerda, com o rosto de frente, de chapéu na cabeça, collarinho desabotoado, sentado defronte de uma mesa, sobre a qual descança a mão esquerda, segurando uma canneta, como quem vae desenhar; á esquerda, além da mesa, a mulher do artista, quasi de frente, com o rosto um tanto voltado para a direita, sentada. O fundo da estampa é claro. Em cima, á esquerda, lê-se: « *Rembrandt f. / 1636* ».

Altura, 104 millimetros; largura, 91 millimetros.
N.° 19 de Gersaint & Bartsch, á pag 17 do I.

Estampa rara e bellissima, proveniente da Real Bibliotheca.

N.° 161. — Retrato de Menasse Ben Israel.

A meio corpo, de frente, com grande collarinho virado e chapéu desabado na cabeça. Á direita, á meia altura da estampa, occorre: « *Rembrandt f. | 1636* ». A gravura termina inferiormente por um traço curvo.
Dimensões da folha no seu estado actual: altura, 136 millimetros; largura, 107 millimetros.
N.° 269 de Gersaint & Bartsch, á pp. 221 – 222 do I.

Bella e rara estampa, que foi da Real Bibliotheca.

TROYEN (João van)

João van Troyen, hollandez, gravador á ponta e a buril, nasceu cêrca de 1610. Gravou muitos assumptos da collecção de quadros do Archiduque Leopoldo, em Bruxellas, segundo pintores italianos.
As suas estampas são mediocres, em geral duras na maneira de gravar e muitas vezes incorrectas no desenho.
Floresceu cêrca do anno de 1650 (Bryan), e não se sabe quando morreu.

N.° 162. — Judith mettendo a cabeça de Holophernes em um sacco, segundo Carlos Saraceni, dito o *Veneziano*.

Duas figuras, a meio corpo: Judith, de frente, levanta com a mão direita a cabeça de Holophernes, para mettel-a em um sacco, que uma criada, de perfil para a esquerda, sustenta aberto, prendendo-o entre os dentes e segurando-o com ambas as mãos. A scena é illuminada por uma vela accesa que a criada tem na mão direita.
Na margem inferior lê-se: « *C. Venetiano p.* », á esquerda;

« *6 Alta. 5 Lata.* », no meio; « I. Troyen s. », á direita. Sem data.

Altura, 210 millimetros; largura, 162 millimetros.

N.° 9 de Nagler, *Lexicon* (XIX, 135); N.° 266 da III parte de Brulliot.

Da Real Bibliotheca.

KITTENSTEYN (Cornelio)

Desenhador e bom gravador a buril, trabalhou em Harlem na primeira metade do XVII seculo (Nagler, *Lexicon*, VII, 35). Segundo Andresen (I, 747), era natural de Delft e falleceu em 1671 (?).

Nada mais se sabe da vida d'este artista.

N.° 163. — Retrato de Pieter Pieterzen Heyn.

A meio corpo e a tres quartos para a esquerda; com um um medalhão pendente de uma corrente em muitas voltas, a tiracollo; tendo na mão esquerda um bastão de mando; dentro de um oval, onde se lê: « PETRVS HEYNIVS P. F. HEROS BATAVUS. CLASS. COLL. INDIÆ OCCID. PRÆFECTVS. ». Á esquerda do oval vê-se um tritão, e á direita, uma sereia, que sustentam um grande cartucho, onde estão representados tres feitos gloriosos do retratado, com os dizeres: « 1624 / S. SALVADOR », á esquerda; « 1628 / MATANCA *(sic)* », no meio; e « 1627 / S. SALVADOR », á direita. Em um grande cartuxo, por baixo do oval, occorrem tres disticos latinos:

« *Neptuni Batavi simul hæc est Martis imago,*
HEYNIADES *Zischâ major et Hunniade.*
Succubuit bis Baija tibi, te Classis Iberæ
Cubaque victorem vidit, et obstupuit.
HEYNI *insta, diri donec mens effera Mauri*
Omni se victam sentiat esse modo. »,

subscriptos por *S. Ampzing;* e no canto inferior esquerdo: « *C. Kittensteyn exc* ». Sem data.

Altura, 317 millimetros; largura, 206 millimetros.

N.° 2 de Andresen (I, 747). N.° 17721 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil.*

A estampa foi comprada em Hollanda no tempo do ex-Bibliothecario, Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

MAES (Evert van der)

E.C. Van. der. maes. fe

N. 18.

Pintor e gravador á agua-forte, que trabalhou em Haya na primeira metade do XVII seculo, e visitou a Italia (Andresen, II, 101).

N.° 164. — S. João Baptista.

Em uma paizagem: a tres quartos para a esquerda, sentado, junto de uma grande arvore, sobre uma pequena elevação do terreno, da qual jorra um fio de agua, tendo a cruz na mão direita, pousada sobre o carneiro a seu lado, com o braço esquerdo extendido e segurando com a mão correspondente uma escudella. Em baixo, á esquerda, lê-se: « *E. C. Van. der. maes. fe* », como se vê no n.° 18 da Taboa dos monogrammas.

O dizer « Hominum redemptor Christus etc. », citado por Andresen, não se encontra no exemplar exposto, por lhe faltarem as margens. Sem data.

Dimensões da estampa no seu estado actual: altura, 175 millimetros; largura, 123 millimetros.

N.° 1 de Andresen (II, 101).

Da Real Bibliotheca.

BLOOTELING (Abrahão)

Abrahão (ou Antonio?) Blooteling, desenhador e gravador á agua-forte, a buril e á maneira negra, nasceu em Amsterdão em 1634.

Geralmente se acredita que fôra discipulo de Cornelio Visscher; entretanto Andresen o dá como filiado á escola de Cornelio van Dalen. Trabalhou a principio em Hollanda, depois, durante algum tempo, em Londres, onde as suas estampas foram muito apreciadas, e finalmente em Amsterdão. Gravou segundo as proprias composições e as de outros mestres, mostrando-se artista muito perito em todas as maneiras de que usou. Le Blanc descreve da sua obra 256 peças.

Falleceu na cidade natal no fim do XVII seculo: 1676, segundo Nagler; 1685, segundo Andresen; 1690 ou 1695, segundo L.B. Tambem se não sabe ao certo si se chamava Abrahão, ou Antonio, visto como em todas as suas estampas o seu primeiro nome nunca vem escripto por extenso e sim indicado somente pela inicial A.; entretanto Gandellini acredita que deve ser Abrahão.

N.° 165. — Retrato do Vice-Almirante Miguel Adriano Ruyter.

Em busto, a tres quartos para a esquerda, olhando para a frente; dentro de um oval inscripto em um parallelogrammo, cercado por toda a parte de attributos de guerra e da arte nautica. Em um largo pedestal, por baixo do oval, occorre: 1.°, « *De Heere Michiel Adriansz Ruyter, | Ridder, L! Admirael over de Provintie | van Hollandt ende Westvrieslandt.* »; 2.°, « *A. Blotelingh fecit aqua forti et Exc.* ». Sem data.

Altura, 280 millimetros; largura, 216 millimetros.

N.° 172 de L.B. (1, 386); N.° 17795 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil.*

Bellissima e rara estampa; comprada em Hollanda no tempo do ex-Bibliothecario, Snr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

ANONYMO X

N.° 166. — Retrato de João Nieuhoff.

Em busto, a tres quartos para a esquerda, com longos cabellos cahidos, tendo uma especie de murça rendada e uma faxa a tiracollo; no fundo, uma cortina meio tomada, deixando ver, no 2.° plano, um navio no mar; dentro de um oval, ornado de folhas de loureiro, sobre uma peanha.

Nesta, vêem-se o nome e o brazão do retratado.

« Joan (*Brazão*) Nieuhoff »;

e na margem inferior seis versos hollandezes: « *Dus zietmen Nieuhoff... is past dubbelde lauwrieren.* », subscriptos por « *Jan Vos.* ». Sem data.

Altura, 208 millimetros; largura, 154 millimetros.

Os versos foram abertos e impressos por uma chapa menor, como facilmente se-vê examinando a estampa.

As dimensões d'esta chapa são:

Altura, 46 millimetros; largura, 155 millimetros.

N.° 17776 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil.*

A estampa foi comprada em Hollanda sob a administração do ex-Bibliothecario, Snr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

SCHALCKEN (Godofredo)

Godofredo Schalcken, pintor e gravador á agua-forte, nasceu em Dortrecht em 1643 e falleceu em Haya em 1706.

Seu pae, reitor do Collegio d'aquella cidade, dedicou-o primeiramente á carreira litteraria; em consequencia porém da sua natural propensão para a pintura, mudou de resolução e fel-o estudar esta arte.

G. Schalcken aprendeu os rudimentos da pintura com Samuel van Hoogstraten e acabou o seu aprendizado artistico com Gerardo Dow, sob cuja direcção se tornou pintor notavel; entretanto nunca as suas pinturas chegaram a emparelhar com as d'este mestre. Ao deixar a escola de G. Dow, G. Schalcken, no intuito de engrandecer o seu estylo, poz-se a estudar as obras de Rembrandt, mas desesperado de imitar o vigoroso toque d'este extraordinario artista, continuou a pintar no seu estylo proprio.

No reinado de Guilherme III, G. Schalcken esteve por algum tempo em Inglaterra, onde pintou muitos retratos; e depois, tornando á Hollanda, estabeleceu-se em Haya até morrer.

Apesar da incorrecção no desenho das figuras, os quadros de G. Schalcken são estimados, principalmente pelo effeito de luz.

Como gravador, este artista é menos conhecido; d'elle Nagler, *Lexicon* (xv, 133), cita apenas quatro estampas.

N.° 167. — Retrato de Mattheus vanden Broucke, segundo Samuel van Hoogstraten.

A meio corpo, com o tronco a tres quartos para a esquerda, mas com o rosto de frente, trazendo a tiracollo uma

corrente em muitas voltas, com um medalhão pendente, segurando na mão direita um bastão de mando, &. No 2.° plano, vista de mar com muitos navios.

Na margem inferior occorrem: 1.°, dez versos em hollandez, « *Het Borst — cieraad... en laaste Reden Sloot.* », subscriptos por *J. Oudaan;* 2.°, « *S. v. Hoogstraten. Pinxit. G. Schalcken. Fecit.* ». Sem data.

Altura, 152 millimetros; largura, 140 millimetros.

N.° 2 de Nagler, *Lexicon* (xv, 133); N.° 17684 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil.*

A estampa exposta pertence ao 1.° estado, por trazer a ultima palavra do 3.° verso escripta assim: « *klouck* »; e não « *Klouck* ».

Bella e extremamente rara. Adquirida por compra em Hollanda na administração do ex-Bibliothecario, Snr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

ESCOLA FLAMENGA

BOS (Cornelio)

N.° 12.

Cornelio van den Bosch ou C. Bos ou Bus, desenhador, gravador a buril, editor e mercador de estampas, nasceu em Bois-le-Duc, cêrca do anno de 1510 (Huber & Rost, v, 71).

Ainda moço mudou-se para Roma, onde, depois de algum tempo, se estabeleceu com officina de gravura e casa de negocio de estampas.

A julgar pelo seu estylo, parece que C. Bos foi discipulo de Marcos Dente, de Ravenna, e de Eneas Vico; entretanto, ou por falta de talento ou porque puzesse mais a peito o commercio de estampas do que ser perito na sua arte, nunca attingiu á perfeição d'estes mestres. A sua maneira de gravar é dura e sem effeito. As estampas que abriu, segundo Raphael e Julio Romano, são mais bem executadas do que as que gravou segundo os proprios desenhos.

N.° 168. — Explicação de doutrina (?)

Um homem, vestido de habito talar e murça, de gôrra na cabeça, sentado em uma cadeira sobre um estrado, folheando com a mão esquerda um grande livro, collocado em uma estante a seu lado, faz com a direita um gesto, explicando a doutrina do livro a um auditorio de 14 pessoas, que em differentes posições o escutam muito attentas. Entre os ouvintes nota-se, á direita da estampa, um rapaz, sentado no estrado, lendo attento um livro. Em cima, á direita, vê-se a data, 1546, e o monogramma n.° 12; e no canto inferior direito o n.° « 1 ».

Altura, 77 millimetros; largura, 112 millimetros.

A estampa exposta não tem margens; pelo numero que nella occorre conclue-se que faz parte de uma serie.

Não descripta?

Da Real Bibliotheca.

SUAVIO (Lamberto)

Os nomes de Lamberto Suavio e Lamberto Lombardo ou Suterman têem sido dados a um só artista por differentes iconographos e ás vezes confundidos com os de Lamberto Sustris, pintor de Amsterdão, e Lamberto van Ort, de Amerfort; Passavant (*P. Graveur*, III, 109) porém os distingue, dando ao celebre architecto e pintor de Liège (n. 1506; + 1560) o nome de Lamberto Lombardo ou Suterman e ao nosso artista o de Lamberto Suavio, attribuindo-lhe a profissão de gravador e, segundo Guicciardini, tambem a de architecto.

Lamberto Suavio nasceu em Liège em 1510 e floresceu de 1544 a 1572 (Andresen); a tradição o dá como discipulo de Lamberto Lombardo.

O seu estylo de desenho revela estudo profundo do antigo, como o demonstra a estampa representando o Colisseu, a qual parece tambem indicar que o artista esteve por algum tempo em Roma. A sua maneira de gravar, ás vezes dura, é nitida como a dos Flamengos e approxima-se do gosto dos mestres italianos; entretanto as attitudes das suas figuras, geralmente esguias, são raramente bem escolhidas ou adaptadas ao assumpto. Os seus retratos, principalmente os pequenos, são de execução extremamente fina e delicada.

Lamberto Suavio gravou muito segundo seu mestre e os proprios desenhos; a maior parte das suas estampas são marcadas com as lettras iniciaes do seu nome « *L. S.* »

Nada mais se sabe sobre a sua vida.

N.º 169. — S. Pedro e S. João curando um paralytico, sob o portico do templo.

Vinte e nove figuras principaes; no fundo, á direita, mais 12, algumas das quaes subindo uma escada.

No 1.º plano: á esquerda, S. Pedro, de perfil para a direita, colloca o pollegar da mão esquerda por baixo da direita de um paralytico, que se vê sentado no chão, com um cão deitado ao pé de si; por detraz de S. Pedro, S. João com a mão esquerda no peito; e á direita, um Phariseu em pé, fallando a outro, que, com a cabeça apoiada na mão esquerda, aponta com o indicador da direita para o paralytico; &.

Sobre uma pedra, em baixo, á direita, lê-se a data, « 1553 »; e numa taboleta, encostada á mesma pedra, « Hūiūs Protīpi / Inūen / Sūaūiūs. ». Por baixo do paralytico, estão duas grandes taboletas unidas, com 6 versos latinos em cada uma: « *Haud equidē mirū... procul terrena facessit.* »; e no alto, á esquerda, occorre a dedicatoria: « *Sereniss. simul ac Potētiss. Regni Hungarici / Viduæ Reginæ Mariæ ab Austria : Diui Caroli. / Quint. Max. Cæsaris Germaniæ Sorori, / Cæterarūque Prouinc. Ducat. Comit. Insulari / Brab : Fland. Holan. Cohæredi Gubernatri. / Piæ Castæ Fœlici Dedicabat.* », em uma grande taboleta, segura por duas mãos, entre nuvens.

Altura, 309 millimetros; largura, 427 millimetros.

Estampa bellissima e extremamente rara; é a obra prima do mestre.

N.º 4 de Nagler, *Lexicon* (XVII, 535); N.º 4 de Passavant, *P. Graveur* (III, 111); N.º 2 de Andresen (II, 567). A gravura exposta pertence ao 1.º estado, isto é, traz o dizer « Hūiūs Protīpi Inūen Sūaūiūs », e não « INVENTORE AC CÆLATORE SVAVIO », em baixo, á direita.

Da Real Bibliotheca.

BOS (Jacob van den)

Jacob van den Bos, ou Jacob Bosio ou Bossio, tambem conhecido pelo cognome patrio de *Belga*, desenhador e gravador a buril, nasceu cêrca do anno de 1620.

Trabalhou quasi sempre em Roma (1550 a 1562) por conta de Antonio Lafreri. O seu estylo faz presumir que aprendêra a gravura com algum dos discipulos de M. A. Raimondi. Quanto a outros factos da sua vida nada mais se sabe.

As estampas de J. Bossio não deixam de ter certo merecimento; fôra entretanto para desejar que o desenho d'ellas fosse mais correcto e a maneira de as gravar menos dura.

N.° 170. — A velha com pretenção á mocidade provoca o riso da moça, segundo Sophonisba Anguisciola.

Duas figuras a meio corpo: á esquerda uma velha, de rosto muito enrugado, garridamente vestida, sentada em uma cadeira, tendo na mão direita um cravo e na esquerda uma tabella, em que está escripto um alphabeto, em tres linhas: « ✠ A. a. b. c. . : . x. y. z. &. bus. : ꝯ », para o qual olha attentamente; á direita, uma moça, de perfil para a esquerda, com o rosto a tres quartos, olhando para o expectador, rindo-se, com a mão esquerda apoiada sobre um dos braços da cadeira e a direita levantada apontando para a velha. Em baixo, á esquerda: « *Iacobus Bos belga, incidebat* »; e na margem inferior: « LA VECCHIA RIMBAMBITA MVOVE RISO ALLA FANCIVLETTA. | *Opera di Sofonisba Gentildona Cremonese.* | *Ant. Lafreri Sequani formis Impressa Romæ.* ». Sem data.

Altura, 323 millimetros; largura, 425 millimetros.

Não descripta nos autores de iconographia (?); entretanto, á pagina 361 do volume XIX (1851) do *Magasin pittoresque*, occorre uma reproducção d'esta estampa, gravada em madeira por J. Facnion, seguida de um artigo explicativo tendo por titulo — *Dame enseignant à lire à une jeune fille.* — *Estampe du seizième siècle, tirée de la collection d'estampes et de desseins historiques de M. Hennin.* — *Dessein de Hadamard.* — Ao contrario d'esta opinião, parece, segundo a lettra da estampa da Bibliotheca Nacional, que é a velha quem aprende a ler, o que provoca o riso da moça.

Pela descripção feita pelo *Magasin pittoresque* da estampa de J. van den Bos, infere-se que ella pertence a um estado anterior ao da exposta, por esta não ter lettra na margem inferior.

Estampa proveniente da Real Bibliotheca. Rarissima.

BROECK (Crispim van den)

C.B. in.

N.º 14.

Crispim van den Broeck, pintor, architecto e gravador a buril e a claro-escuro, nasceu em Antuerpia em 1530 e morreu na Hollanda pelo fim do XVI ou principio do XVII seculo (1600, L.B.; 1602, Nagler, *Lexicon*).

Discipulo de Francisco Floris, C. van den Broeck foi pintor distincto de historia e amestrado gravador, executando com muita intelligencia e bom gosto os assumptos de que tratou.

A maneira extravagante com que costumava assignar-se nas suas obras, chamando-se indistinctamente *Crispin* ou *Crispyn*, *Crispiaen*, *Crispiniaen* e *Crispine*, deu causa a que o Abbade de Marolles fizesse de cada um d'estes nomes um artista differente.

N.º 171. — Santa Anna e S. Joaquim na porta aurea.

No meio, os dois esposos, Santa Anna á esquerda e S. Joaquim á direita, abraçam-se; na extrema esquerda da estampa, uma mulher ajoelhada e de mãos postas; um pouco retiradas, cinco figuras em diversas posições, tomadas de admiração. No 2.º plano, mais duas figuras de costas, e casaria com a porta aurea.

Por baixo dos pés de S. Joaquim occorrem « *C. V. B. in.* », como no monogramma n.º 14, e « A. H. ex », como no monogramma n.º 7.

Em uma taboleta por baixo da composição lêem-se dois disticos latinos, em duas columnas: « Feruet in amplexus... amore novæ. ». Sem data.

Altura sem a taboleta, 242 millimetros; altura, com a taboleta, 260 millimetros; largura, 184 millimetros.

Pertencerá esta estampa á serie de 19 folhas, *A Vida da Virgem*, n.os 17-35 de L.B., I, 524?

Da Real Bibliotheca.

MATSYS (Cornelio)

N.º 2.

Presume-se que Cornelio Matsys, Met ou Metensis, pintor, desenhador e gravador a buril, nascêra nos Paizes-baixos cêrca do anno de 1500.

« Este mestre, diz Passavant (*P. Grav.*, III, 97), era pintor e gravador em Antuerpia e pertencia á numerosa familia de artistas d'esta cidade, os Massys, cujo maior ornamento foi Quintino Massys. Em muitos documentos, com datas dos annos de 1466 a 1577, occorre o nome d'esta familia escripto: Mertsys, Metsys e Matsys, as mais das vezes porém Massys. No livro da confraria de S. Lucas, intitulado *Lyggere*, encontra-se o nome de Cornelio inscripto, em 1531, como mestre approvado e recebido na confraria. Parece que Cornelio era neto de Quintino e filho de João Matsys, o qual fôra em 1501 recebido como mestre na mesma confraria. Em mais nenhum documento se faz menção de outro artista de nome Cornelio. »

As differentes maneiras pelas quaes C. Matsys marcava as suas estampas levaram Bartsch (IX, pp. 90 e 97) a consideral-as como obra de dois artistas diversos; entretanto Passavant (*Opere citato*), Huber & Rost (V, 78), Bavarel & Malpez (II, 61) e Brulliot (I, n.os 225, 371, 1202; III, 254) pensam com razão que ellas são obra do mesmo gravador, Cornelio Matsys.

Acredita-se que C. Matsys trabalhou por muito tempo na Italia. As suas figuras são feitas no gosto italiano, elegantes e bem proporcionadas; entretanto as cabeças, principalmente as das mulheres, têem falta de expressão. O estylo de C. Matsys parece-se um pouco com o do mestre do Caduceu.

C. Matsys floresceu de 1544 a 1560 e gravou segundo as proprias composições e os mestres italianos; a sua obra gravada consta de 109 estampas (Passavant).

Ignora-se quando e onde morreu.

N.º 172. — S. João baptizando Jesus Christo no Jordão.

Á esquerda, junto de uma grande arvore, S. João, com um joelho em terra, lança agua na cabeça de Jesus Christo, em pé, dentro do rio. No alto, por cima da cabeça do Salvador, o Divino Espirito Santo em uma aureola. Em baixo, á direita, o monogramma n.º 2, com a data, 1550, por cima. No alto, á direita, o n.º « 3 ».

Altura, á direita, 81 millimetros; á esquerda, 79 millimetros; largura, 101 millimetros.

N.º 29 de B.

Esta gravura faz parte de uma serie de oito estampas numeradas: *A vida de S. João Baptista* (N.ºs 26–33 de B., IX, 106–108), das quaes a Bibliotheca Nacional possue unicamente a que expõe.

Da Real Bibliotheca.

SADELERO Senior (João)

Descende de um tauxiador de Bruxellas, a celebre familia de gravadores, os Sadeleros (*), notavel na arte da gravura e no commercio de estampas, não só pelo grande numero das que gravaram, mas ainda pelo bem acabado de muitas d'ellas. João Sadelero, o mais velho dos filhos d'esse tauxiador, deve ser considerado chefe d'esta familia de artistas, por ter sido o mestre e protector dos outros seus parentes, que mais se avantajaram na gravura.

João Sadelero Senior, desenhador e gravador a buril, nasceu em Bruxellas pelo anno de 1550. Foi a principio tauxiador, como seu pae, mas aos 20 annos começou a gravar a buril e até ao fim da vida dedicou-se a este mister, gravando segundo varios mestres e os proprios desenhos.

No intuito de melhor estudar a sua arte, percorreu em companhia de seu irmão Raphael muitas cidades da Europa, principalmente da Allemanha e da Italia, entre outras: Amsterdão, Colonia, Francoforte sobre o Meno, Munich, Verona, Roma e Veneza. De Amsterdão sahiu em 1587; a Munich chegou em 1588, e ahi trabalhou muito segundo os mestres

(*) Da obra gravada pelos Sadeleros possue a Bibliotheca Nacional, além de algumas series e estampas avulsas, um volume contendo 496 estampas, publicado em Paris, 1748, por Lourenço Cars. Vide na Bibliographia: Sadeler, *Recueil*.

allemães; por motivos porém ignorados retirou-se da Baviera para a Italia em 1595. Como em Roma o Papa o não tivesse acolhido benignamente, seguiu para Veneza, onde se conservou não se sabe ao certo por quanto tempo, e morreu nesta cidade, segundo uns em 1600, segundo outros em 1610.

A sua maneira de gravar não foi sempre a mesma; depois da sua viagem á Italia modificou-a, gravando com buril mais largo. A bôa reputação de que gozou a escola italiana de gravura no XVII seculo é em grande parte devida aos seus assiduos estudos e continuos trabalhos e de seu irmão Raphael.

João Sadelero Senior gravou assumptos de historia, retratos e paizagens. Teve um filho do mesmo nome, João Sadelero Junior.

N.º 173. — A adoração dos pastores, segundo Jacob da Ponte, dito *Bassano o Velho*.

Sete figuras, dois carneiros, um boi, um jumento, uma cabra, um cão e dois pombos. Á esquerda, a Virgem Santissima, de perfil para a esquerda, ajoelhada, levanta com as duas mãos o lençol que cobre o Menino Jesus, para mostral-o a tres pastores, dos quaes: um, de costas e ajoelhado, tem dois carneiros junto de si, no chão; outro, em pé, de perfil, passa o braço direito por cima do pescoço do boi, e o terceiro, tambem em pé, tirando o chapéu da cabeça. No alto, á esquerda, vê-se um dizer em caracteres hebraicos, do qual parte um raio luminoso, em que se lê: « *Filius meus es tu ego hodie genui te. Ps. 2.* » Em baixo occorre, da esquerda para a direita: « *I. Ponte Bassa. pĩx.* »; — « *cũ priuil. Sum. Pontif. et S. Cæs. Mai.* »; — « *Joa. Sadeler scalpsit et excud. Venetijs 1599.* »; e na margem inferior: « ILL.mo AC R.mo D.D. LEONARDO. MOCENIGO ELÈCTO EPISCOPO, & PRINCIPI / CENETENSI AC COMITI THARSI, PATRONO NOSTRO COL.mo DD. »

A estampa está um pouco mutilada.

Dimensões da gravura no estado actual:

Altura, 204 millimetros; largura: em cima, 292 millimetros; no meio, 297 millimetros; em baixo, 294 millimetros.

Vide Zani, pp. 5-6 do v da II parte.

A estampa exposta pertenceu á Real Bibliotheca.

Ha uma copia por Anonymo n.º XI. Vide a estampa n.º 178 do presente Catalogo.

N.º 174. — O descanso na fuga para o Egypto.

Em um oval, em largura. Zani (pag. 7 do VI da II parte) diz que a estampa é gravada segundo um Anonymo italiano, accrescentando porém que Mariette attribue a invenção da composição a Luiz Carracci, e que ainda ha outros entendedores que a julgam obra do proprio João Sadelero.

Tres figuras: a Virgem e S. José vistos até aos joelhos, e o Menino Jesus em corpo. Á esquerda, a Virgem, de perfil para a direita, sentada ao pé de uma arvore, amammenta seu divino Filho, enlaçando-o entre os seus braços; em frente d'ella, S. José, tambem sentado, quasi de perfil, olhando para o expectador, com o braço esquerdo sobre uma albarda, aponta com o indice da mão direita para o fundo da paizagem. Sobre a albarda lê-se: « *Ioãn. Sadeler scalpsit et ex.* »; e em volta do oval: « MANE SURGAMVS AD VINEAS... IBI DABO TIBI VBERA MEA. CANT: VII CAP. ». Sem data.

Grande diametro, 151 millimetros; pequeno diametro, 109 millimetros.

Da Real Bibliotheca.

N.º 175. — Jesus Christo na casa das irmãs Martha e Magdalena, segundo Jacob da Ponte, dito *Bassano o Velho*.

Oito figuras, um gato, um cão, quatro pombos, peixes em uma cesta, patos mortos e depennados no chão, utensilios de cozinha, &. No 1.º plano: á direita, Jesus Christo, acompanhado de dois discipulos, entra por uma porta, em cujo patamar se vê a Magdalena, de costas, ajoelhada em frente ao Senhor. Um pouco para a esquerda, Martha, em pé, de perfil para a direita, faz com a mão esquerda um gesto e com a direita aponta para uma criada, que, com um prato na mão direita e uma escumadeira na esquerda, observa uma panella que está ao fogo; &. No 2.º plano: uma paizagem, com uma figura, quatro pombos e um cão. Em baixo lê-se: « *I. P. Bassan pinxit.* », no meio; e « *Cũ priuil. Sũmi Pontificis. et S. Cæs. Maies.* », á direita. Na margem superior occorre. « MARTHA MARTHA SOLICITA ES, & TVRBARIS ERGA PLVRIMA: PORRO VNVM NECESSARIVM EST. MARIA OPTIMAM PARTEM ELEGIT, QVÆ NON AVFERETVR AB EA. LUC. 10. »; e na inferior: « IN GRATIAM ADMODVM MAGNIFICI ATQZ EXCELLENTIS VIRI DÕI PETRI

CORNERETTI VENETI/IOAN. SADELER SCALPSIT. M. D. XCVIII. »
Altura, 201 millimetros; largura, 286 millimetros.
N.° 80 de Nagler, *Lexicon* (XIV, 142); N.° 3 de Huber & Rost (V, 157).
Uma das obras primas do gravador, bellissima e rara, conhecida pela denominação de *2.ª Cosinha de Bassano e dos Sadeleros* (Zani, pp. 351–352 do VI da II parte).
Ha d'esta estampa uma cópia, invertida e reduzida pelo Anonymo XII. Vide o n.° 179 d'este Catalogo.

A estampa exposta pertenceu á Real Bibliotheca.

N.° 176. — O opulento guloso regalando-se á mesa e o mendigo Lazaro, segundo Jacob da Ponte, dito *Bassano o Velho.*

Treze figuras, dois cães, um gato, um macaco, seis pombos, um mocho em cima de um telhado, alguns peixes, caça silvestre, utensilios de cosinha, &, nos planos anteriores. No 1.° plano, á direita, Lazaro de costas, com o rosto de perfil para a esquerda, sentado, tendo ao lado dois cães, que lhe lambem a chaga da perna esquerda; e mais para o fundo do mesmo lado, o rico senhor comendo ao som de musica. No meio e á esquerda, outras figuras occupam-se em diversos serviços de cosinha: uma mulher pisando em um gral; outra, de costas, carregando dois baldes de agua, pendentes de uma vara, que traz ao hombro esquerdo; e terceira, fazendo ao fogo um assado de espêto, &. No ultimo plano, vê-se o homem opulento nas chammas do inferno, e Lazaro no seio de Abrahão. Em baixo occorre: « *Bassan inuēt. Ioā Sadeler sc.* », á esquerda: « *Cū priuil S. Cæs. M.* », no meio; e « ex S. LVC. XVI. cap. », debaixo dos pés de Lazaro, á direita. Na margem inferior lê-se a dedicatoria em duas linhas: « PRO ILLUSTRI ... D. IOANNI ALBERTO LIB.ro BAR.ni À SPRINZESTAĪ ET NEVHAVS... *pinxit Iacobus de Ponte Bassan: ... et Ioān. Sadeler scalps. et dd.* ». Sem data.
Altura, 220 millimetros; largura, 297 millimetros.
N.° 81 de Nagler, *Lexicon* (XIV, 142); N.° 2 de Huber & Rost (V, 156). Zani (pp. 251–252 do VI da II parte) diz que esta bellissima estampa, obra prima do gravador, é denominada a *1.ª Cosinha de Bassano e dos Sadeleros.*

Da Real Bibliotheca.

N.° 177. — A Virgem, o Menino Jesus e um anjo, segundo Carracci (Annibal?); em um redondo.

A Virgem Santissima, de frente, com um grande resplendor em torno da cabeça, vista até aos joelhos, sentada, tem o menino Jesus deitado sobre o regaço e lhe segura a cabeça com a mão direita; á esquerda da Virgem, um anjo, a meio corpo, visto a tres quartos, de frente para a esquerda, e de mãos postas sobre o peito. Traz á esquerda,

= *Caraz. invẽt. | I. Sadeler. | fecit.* =,

e em uma orla circular, em volta da composição,

= PRO PVERO MATER... CORDE ANIMOQVE PVER. =

Sem data.

Diametro da estampa sem a orla, 105 millimetros.

Será esta gravura a cópia invertida da estampa n.° 4 de Annibal Carracci, de que falla Le Blanc, á pag. 606 do I?

Da Real Bibliotheca.

ANONYMO XI

N.° 178. — A adoração dos pastores, segundo Jacob da Ponte, dito *Bassano o Velho*.

Cópia invertida da estampa de João Sadelero, n.° 173 d'este Catalogo.

As principaes differenças entre o original e a cópia são: nesta faltam: 1.°, o dizer em hebraico, e o latino « *Filius meus... genui te* »; 2.°, os nomes dos artistas, &, até á data, « *I. Ponte...* 1599 », que no original occorrem em baixo; finalmente, na margem inferior da cópia, em vez da dedicatoria do original, vê-se: 1.°, « *Pastores loquebantur ad inuicem... erat illis de puero hoc. Lucæ 2 cap.* », em duas linhas; 2.°, « *I. Bassan pinxit.* », á esquerda. Sem data.

Altura, 199 millimetros; largura, 287 millimetros.

Não descripta?

Da Real Bibliotheca.

ANONYMO XII

N.º 179. — Jesus Christo na casa das irmãs Martha e Magdalena, segundo Jacob da Ponte, dito *Bassano o Velho.*

Cópia invertida, reduzida, e não descripta (?) da estampa de João Sadelero, sob n.º 175 d'este Catalogo. Sem data e sem subscripção, monogramma ou marca do gravador. Em uma estreita margem inferior lê-se: « MARTHA MARTHA SOLICITA ES, & TVRBARIS ERGA PLVRIMA. PORRO VNVM EST NECESSARIVM. MARIA OPTIMAM PARTEM ELEGIT QVÆ / NON AVFERETVR AB EA. Luc. 10: ». Sem nenhum dos outros dizeres do original.

Altura, sem a margem, 118 millimetros; altura, com a margem, 124 millimetros; largura, 169 millimetros.

Para a descripção por menor do assumpto, vide o n.º 175 d'este Catalogo.

Estampa rara, que proveiu da Real Bibliotheca.

SADELERO Senior (RAPHAEL)

Raphael Sadelero Senior, desenhador e gravador a buril, nasceu em Bruxellas em 1555 e morreu, segundo Huber & Rost, Joubert e Andresen, em 1616, em Veneza; Nagler *(Lexicon)* porém affirma que elle morrêra não em 1617 *(sic)*, mas provavelmente em 1628 e em Munich. O certo é que Raphael Sadelero Senior não podia ter morrido em 1616 ou 1617, á vista da data (1624) e dizeres, que occorrem no frontispicio gravado do II volume da *Bavaria Sancta*, que provam que elle trabalhava ainda em 1624.

Raphael Sadelero Senior foi tauxiador no principio da sua vida, mas deixou esta profissão pela de gravador, tendo por mestre a seu irmão João, de cujos trabalhos e sorte foi collaborador e companheiro; durante algum tempo applicou-se tambem á pintura, por se lhe ter enfraquecido a vista com o exercicio da gravura; como, porém, depois melhorasse d'esse encommodo, tornou de novo á profissão de gravador.

Era muito entendido em representar o corpo humano, cujas extremidades figurava com muito cuidado e precisão. Si bem que grande numero das gravuras de R. Sadelero Senior

não sejam escoimadas de defeitos, as suas bôas estampas são buriladas com nitidez e sem dureza; e muito estimados os seus retratos.

R. Sadelero Senior gravou muito segundo pinturas de mestres allemães.

Teve um filho do mesmo nome, tambem gravador, Raphael Sadelero Junior.

N.º 180. — Jesus Christo na casa das irmãs Martha e Magdalena, segundo Martim de Vos.

Seis figuras em uma cosinha de rica architectura. No 1.º plano: no meio, a Magdalena, quasi de frente, sentada com o rosto um pouco voltado para a esquerda, folhea um livro aberto sobre as suas coxas; á direita, Martha, em pé, de perfil para a esquerda, com uma cesta cheia de hortaliças na mão direita, toca com o indicador da esquerda o braço de sua irmã, como quem a chama para ajudal-a no serviço da cosinha; á esquerda, Jesus Christo, sentado, com o rosto de perfil para a direita, olha para Martha, apontando para a Magdalena com o indicador da mão direita; no canto inferior direito: peixes e hortaliças pelo chão; uma tina com dois peixes dentro d'agua e uma cesta cheia de comestiveis. No 2.º plano, á direita, tres Apostolos em colloquio. Em baixo, á esquerda, lê-se: « *M. de Vos inuen. Raphael Sadler sculp. et excud. anno 1584.* »; e na margem inferior: « *Martha, Martha, solicita es... quæ non auferetur ab ea. Lucæ, X.* »

Altura, 188 millimetros; largura, 281 millimetros.

N.º 7 de Andresen (II, 418).

Da Real Bibliotheca.

N.º 181. — A Magdalena junto do Sepulchro, com S. João e S. Pedro, segundo Jodoco de Winghe.

No meio, a Magdalena, de frente, sentada junto ao Sepulchro descuberto, com um frasco de oleo na mão direita e a mão esquerda sobre o peito; á esquerda, S. João, admirado, olhando e apontando com o indicador da mão direita o Sepulchro vasio; á direita, S. Pedro, tambem tomado de admiração, segurando um livro com ambas as mãos e tendo na direita duas chaves pendentes de um cordão.

Na margem inferior lê-se: 1.°, um distico latino: « *Parce piis lachrimis... posse latere putes.* »; 2.°, « *Jodocus a winghe inuentor. Raphael Sadeler fecit et excudit. 1591.* »
Altura, 188 millimetros; largura, 141 millimetros.
N.° 33 de Huber & Rost (v, 162).
Da Real Bibliotheca.

N.° 182. — A Virgem Santissima e o Menino Jesus com uma maçã na mão, segundo Agostinho Carracci.

A Virgem, a meio corpo, em pé, de tres quartos para a esquerda, com um grande resplendor em volta da cabeça, sustenta nos braços o Menino Jesus, que tem uma maçã na mão esquerda e com a direita acaricia o rosto de sua Mãe. Em uma margem, por baixo da composição occorre: 1.°, « IVVENI QVEM / DILIGIT ANIMA / MEA. / *Cant.* 3. »; 2.°, « *A : Caraz. inuent.* », á esquerda; 3.°, « *Raphael Sadeler fecit. Monachij. 1593.* », á direita.
Altura, sem a margem, 133 millimetros; altura, com a margem, 157 millimetros; largura, 107 millimetros.
N.° 25 a. de Heineken, na obra de Agostinho Carracci, (III, 633).
Da Real Bibliotheca.

N.° 183. — O julgamento de Páris, segundo João de Achen.

Paizagem, onde se vê, no meio, o grupo das tres deusas contendoras: Venus, acompanhada de Cupido, entre Minerva e Juno, recebe com a mão esquerda o pomo, que Páris, visto pelas costas, sentado, lhe entrega. Por cima da cabeça da vencedora vôa um genio alado trazendo-lhe uma corôa de folhagem. No alto, á direita, Mercurio, acompanhado por outro genio alado, faz um gesto com a mão direita levantada, indicando a Páris que por ordem de Jupiter fôra elle escolhido juiz do pleito. No 1.° plano, á direita, um homem em escorço, de costas, com um remo na mão direita, entre cannas, á margem de um regato. No 2.° plano, á esquerda, um grupo de quatro mulheres (das quaes tres sentadas e uma em pé) e de um homem de costas symbolizando um rio. Em baixo, á esquerda:

« *Hans von Achen Inuentor / Raphael Sadeler fecit.* 1589. » e na margem inferior: 1.°, dois disticos latinos em duas columnas, « *Pastoris phrygij... præmia digna deæ.* »; 2.°, o endereço, « *A Paris Chez Nicolas Langlois ruë S.t Jacques a la Victoire.* », á esquerda.

Altura, 272 millimetros; largura, 374 millimetros.

N.° 42 de Huber & Rost (v, 163); N.° 122 de Nagler, *Lexicon* (xiv, 151).

Da Real Bibliotheca.

SADELERO (Egidio)

Egidio Sadelero, pintor, desenhador e gravador a buril e á ponta, nasceu em Antuerpia, em 1570, e morreu em Praga, em 1629.

Segundo Huber & Rost, Joubert e outros, era sobrinho de João Sadelero Senior e de Raphael Sadelero Senior; Nagler (*Lexicon*) entretanto o dá como filho d'este.

A principio dedicou-se á pintura, mas depois deixou esta, para trabalhar na gravura sob a direcção de João Sadelero Senior e Raphael Sadelero Senior, aos quaes acompanhou á Allemanha e á Italia. A chamado do Imperador Rodolpho II estabeleceu-se em Praga, então residencia imperial, onde gravou grande numero de estampas segundo os mestres d'este paiz; Rodolpho II concedeu-lhe uma pensão e seus successores, Mathias e Fernando II, continuaram a dispensar ao nosso artista protecção e favores.

O desenho de Egidio Sadelero é em geral correcto; havendo porém tido a fraqueza de copiar Bartholomeu Spranger, as estampas que abriu segundo este mestre não honram muito o seu buril.

Egidio Sadelero gravou, segundo as proprias composições e as de outros mestres, com buril, ora fino, á maneira de A. Durero, ora largo e afoito, á maneira de H. Goltzio e João Muller, distinguindo-se principalmente nos retratos e paizagens.

A Egidio mais do que a nenhum dos outros Sadeleros cabe o elogio, que d'elles faz Watelet, citado por Huber & Rost (v, 168).

« É admiravel o successo com que os Sadeleros gravaram a paizagem a buril puro: os troncos das velhas arvores são representados com a facilidade do pincel; si a sua folhagem não consegue ter a agradavel delicadeza da agua-forte, tem

a leveza d'esta; as aguas tombantes em cascata, os rochedos despedaçados e ameaçadores e os sombrios fundos das florestas não poderiam ser melhor representados por nenhum dos outros processos da arte; as plantas, que ornam os primeiros planos d'essas estampas, têem o porte, a fórma e a flexibilidade da natureza; as casarias vistas ao longe são tratadas com gosto; só nos terraços é que a falta da agua-forte se torna sensivel. »

Egidio Sadelero foi cognominado a *Phenix da gravura*, apreciação indubitavelmente exaggerada; todavia é muito superior a seus mestres e parentes, João Sadelero Senior e Raphael Sadelero Senior, pela originalidade do desenho, pelo bom gosto e pelo calor e amplidão do buril.

Os retratos de Egidio Sadelero são muito afamados; entretanto no dizer dos entendidos é a *Sala de Praga* a sua obra prima de gravura.

N.º 184. — A Virgem e o Menino Jesus, com S. João, Santa Isabel e S. Zacharias, em uma paizagem, segundo José Heinz.

Seis figuras, um anjo e um cão. Á esquerda, a Virgem Santissima, assentada debaixo de uma tamareira, junto de um edificio em ruinas, sustenta com a mão esquerda o Menino Jesus e com a direita colhe os fructos da palmeira, cujos cachos um anjo e uma moça nos ares abaixam até á altura da mão da Virgem; o Menino Jesus, visto pelas costas, mas com o rosto voltado para a direita, tem na mão esquerda uma maçã e segura com a direita a cruz que S. João, ajoelhado diante d'elle, lhe apresenta; por detraz de S. João, Santa Isabel, de pé, empurra docemente o filho, para chegar-se ao Deus Menino; finalmente, á direita, S. Zacharias, em pé e de perfil, com um bastão na mão direita.

Em baixo: á esquerda, sobre uma pedra, « *Illustriss : Dño | Joãn : Vincen : Pinelle | D.D. | Jos : Heinz Heluet : Jnue : | G: Sadeler scalpt.* »; á direita da pedra, « *Petr. de Iode excud.* »; e na margem inferior:

1.º, á esquerda, « *anno 1593* ».

2.º, dois disticos latinos, em duas columnas, « *Quid* PVER *alma... spondet opem.* ».

Altura, 325 millimetros; largura, 258 millimetros.

Não descripta ? Proveniente da Real Bibliotheca.

N.º 185. — A Esclavonia, segundo Ticiano.

Ricamente vestida, vista até aos joelhos, a tres quartos para a direita, olhando para a frente, arregaçando com a mão direita o vestido, e apoiando a esquerda sobre o hombro direito de uma criança moura, que lhe fica ao lado. Na margem inferior lê-se: 1.º, « ADMODVM ILLVSTRI ET GENEROSO VIRO DOMINO LVCÆ VAN VEFFELE / PATRONO SVO ÆTERNVM COLENDO OPVS HOC A SACRÆ CÆSAREÆ / MAIESTATIS SCVLPTORE ÆGIDIO SADELER ÆRI INCISVM MARCVS / SADELER OBSERVANTIÆ ERGO DONAT DEDICAT »; 2.º, em baixo, á direita, « *Cum priuil S. C. M.tis / Marco Sadeler excudit* ». Sem data?

Altura, 288 millimetros; largura, 230 millimetros.

N.º 67 de Nagler, *Lexicon* (XIV, 115), 2.º estado, a saber: com o endereço de Marco Sadeler; N.º 11 de Huber & Rost (V, 172).

Esta gravura é uma das obras primas do mestre.

A estampa exposta tem a margem inferior em parte mutilada, e carece inteiramente das outras tres.

Da Real Bibliotheca.

ANONYMO XIII

N.º 186. — O anjo annunciando aos pastores o nascimento do Messias, segundo Jacob da Ponte, dito *Bassano o Velho*.

Cinco figuras, um anjo, duas vaccas, uma cabra, tres ovelhas e um cão. Em cima, um anjo, entre nuvens, aponta para o alto com o indicador da mão direita, e com a esquerda faz um gesto para um pastor, que se vê á esquerda, em pé, de perfil para a direita, com a mão direita levantada á altura dos olhos; aquem d'este pastor, outro sentado no chão, tocando uma gaita, que tem na mão esquerda. Á direita da estampa, uma moça ordenhando uma das vaccas.

Na margem superior occorre: « QVIA NATVS EST VOBIS HODIE SALVATOR. LVC. II »; e na inferior: 1.º, seis disticos latinos em tres columnas, « *Angelus æterea demissus ab arce... Virginitatis opes.* »; 2.º, « EX PROMPTVARIO PERILL. ac COMITIS HIERONYMI DE IVSTIS EXARATA. »; 3.º « *Iacobus de ponte Bassanensis inuentor. Sadeler excud. Venetijs.* » Sem data.

Altura, 244 millimetros; largura, 204 millimetros.

Cópia invertida, e mui bem imitada, de uma estampa de Egidio Sadelero. Vide Zani, cópia A, na pagina 162 do IV da II parte.

Da Real Bibliotheca.

GALLEU Senior (Cornelio).

Cornelio Galleu Senior, desenhador, gravador a buril e mercador de estampas, nasceu em Antuerpia cêrca do anno de 1570 e morreu na mesma cidade em 1641.

Era filho de Philippe Galleu e irmão mais moço de Theodoro Galleu. Depois de ter aprendido a gravura com seu pae, foi-se á Roma, onde se demorou por muito tempo completando a sua educação artistica. É sensivel a differença entre as estampas que abriu antes e depois d'esta viagem: naquellas, gravadas com certa dureza, reconhece-se o estylo de seu pae; nestas o desenho é correcto e o buril manejado com liberdade e bom gosto.

Depois de ter gravado em Roma grande numero de estampas segundo muitos mestres italianos, tornou á patria, onde estabeleceu officina de gravura e casa de negocio de estampas, e continuou a trabalhar segundo as proprias composições e segundo os mestres flamengos.

C. Galleu Senior hombreou com os mais famosos gravadores e levou a melhor a todos os Galleus.

N.° 187. — S. Philippe Nery.

Em busto, a tres quartos, paramentado de casula, com a mão esquerda um pouco levantada, olha extatico para uma larga facha de raios luminosos, que vem do alto, á esquerda; dentro de um oval, enfeitado de flores e fructos. Em um cartuxo, em baixo, occorre: « S. PHILIPPI NERII / VERA EFFIGIES, CONGREGATIONIS / ORATORII FVNDATORIS. », no meio; e « *C. Galle* », á direita. Sem data.

Altura, 431 millimetros; largura, 330 millimetros.

Não descripta? Procedente da Real Bibliotheca.

N.° 188. — Mercurio e Jupiter na casa de Philemon e Baucis, segundo João van Hoeck.

Os dois deuses sentados á mesa: Jupiter, de frente, olhando para Philemon, que se vê á esquerda da estampa,

em pé, de costas, lançando-lhe vinho no calice; e Mercurio, voltado para a direita, fazendo um gesto para Baucis, que com as mãos extendidas se inclina para elle.

Junto de Mercurio, um pato grasnando.

Na margem inferior occorre: 1.° « BAVCIS *et* PHILEMON, *vt inter mortales beatissimi, | quod suâ sorte essent contenti à* IOVE *et* MERCVRIO INUISUNTUR. »; 2.°, « *Ioañ van hoeck inue* », á esquerda; « *P. de Balliu excudit.* », no meio; e « *Corn. Galle sculp.* », á direita. Sem data.

Altura, 249 millimetros; largura, 344 millimetros.

N.° 36 de L.B. (II, 263).

Da Real Bibliotheca.

SADELERO (JUSTO)

De Justo Sadelero, gravador a buril e mercador de estampas, filho de João Sadelero Senior, diz Joubert que nascêra em Munich em 1580; mas Nagler *(Lexicon)* assegura que em menino viera com seu pae para esta cidade e d'ahi seguira com elle para Veneza, onde trabalhou sob a direcção paterna e de seu tio Raphael.

Joubert e Bavarel & Malpez asseveram que morreu em Leyden em 1620; entretanto Nagler *(Lexicon)*, citando Gandellini, affirma que em 1620 se casára e só veiu a morrer em 1629, em Amsterdão.

Justo Sadelero gravou com muita actividade; ainda que de somenos merecimento que seu pae, trabalhou á maneira d'elle em assumptos de historia e de devoção, em paizagens e em retratos. As suas estampas apresentam grande differença entre si, o que póde explicar o juizo contradictorio de Nagler e de Zani acêrca do merecimento do nosso artista.

N.° 189. — S. José e a Virgem Santissima preparando-se para fugirem para o Egypto, segundo João Rottenhamer.

No 1.° plano, á esquerda, S. José, allumiado por uma lanterna que um anjo tem na mão esquerda, põe a albarda num burro, que está na estribaria junto com um boi; no

2.° plano, á direita, a Virgem Santissima, sentada, enfaixa o Menino Jesus, e junto d'ella um anjo aquece um cueiro ao fogo.

D'esta estampa diz Zani (v, 260 da II parte), « Nel marg. 4 versi: *Hinc Superum* ecc. *Johan. Rottenhamer inve. Jus. Sadeler sculp. et excudit* (in due righe). » A estampa exposta tem as margens mutiladas, e por isso não se encontram os versos e dizeres indicados por Zani.

Altura, 172 millimetros; largura, 224 millimetros.

Da Real Bibliotheca.

SCHUT Senior (Cornelio)

Houve em Antuerpia mais de um artista chamado Cornelio Schut. O autor das estampas abaixo descriptas, Cornelio Schut tio ou Senior, pintor e gravador á agua-forte, nasceu na dita cidade em 1597.

C. Schut Senior aprendeu a pintura com Rubens; parece que em 1618 já trabalhava por conta propria como mestre filiado á confraria de S. Lucas, pois que em 1619 fazia parte da sociedade de soccorros mutuos dos pintores.

Apesar de nunca ter visitado a Italia, como o faziam todos os discipulos de Rubens a conselho do mestre, C. Schut Senior não deixou de ser pintor de merito, como o attestam as numerosas télas que deixou.

Gravou á agua-forte com ponta facil e espirituosa, de modo magistral. As suas estampas sobre varios assumptos e de differentes dimensões montam a 133 (?).

C. Schut Senior foi infatigavel no trabalho não só pelo amor da arte, mas tambem para achar distracção, que ao menos lhe lenificasse as dôres pela perda de suas duas mulheres.

C. Schut Senior teve um sobrinho de igual nome, tambem pintor, filho de seu irmão Pedro Schut, architecto de Philippe IV de Hespanha. Este sobrinho, que tem sido confundido com o nosso artista, trabalhou quasi sempre em Sevilha, tomou grande parte na creação da Academia de pintura d'esta cidade, fundada em 1660, e foi successivamente fiscal, consul e presidente da mesma Academia.

C. Schut Senior falleceu em Antuerpia a 29 de Abril de 1655.

As quatro estações.

Serie de quatro estampas não descriptas (?). Sem data.

D'esta serie a Bibliotheca Nacional só possue as tres estampas abaixo mencionadas, provenientes da Real Bibliotheca.

N.º 190. — A Primavera.

Em uma paizagem, duas crianças sentadas debaixo de um toldo: a da esquerda, de costas; e a da direita, de frente, com o braço direito extendido para a esquerda. Na margem inferior, á esquerda, lê-se: « *C. Schūt inū cūm priū Primauera.* »

Altura, 66 millimetros; largura, 98 millimetros.

N.º 191. — O Verão.

Em uma paizagem, duas crianças: a da esquerda, de frente, sentada, com um bastão na mão esquerda e com a direita colhendo fructos de uma arvore; e a da direita, de perfil para a esquerda, em pé, com os braços extendidos para a frente, como querendo tomar o producto da colheita, Na margem inferior, á direita, occorre o dizer: « *Corn. Schūt. inū cūm priūilegio* », escripto ás avessas.

Altura, á direita, 64 millimetros; altura, á esquerda, 62 millimetros; largura, 95 millimetros.

N.º 192. — O Outomno.

Em uma paizagem, um menino, a tres quartos para a direita, sentado em uma charrua, com a cabeça ornada de espigas, abarcando um mólho de trigo e de fructos; no extremo horizonte, á direita, vê-se o sol poente. Na margem inferior, á direita, lê-se o dizer: « ... *n: Schūt iuūentor cūm priūileg:* », escripto ás avessas.

Altura, 63 millimetros; largura, 95 millimetres.

DYCK (Antonio van)

Antonio Van Dyck, pintor e gravador á agua-forte, filho de um mercador de pannos que tambem era pintor sobre vidro, nasceu em Antuerpia a 22 de Março de 1599.

Já tinha aprendido os rudimentos da arte com seu pae, quando aos 11 para 12 annos foi mandado para a escola do pintor Henrique van Balen; em 1615 entrou para a officina de Rubens, onde trabalhou até 1618, umas vezes ajudando o mestre a terminar as suas télas, outras fazendo cópias dos seus quadros. Tendo sido reconhecido como mestre da confraria de S. Lucas a 11 de Fevereiro de 1618, A. Van Dyck trabalhou desde então por conta propria.

Em 1620 esteve por pouco tempo em Inglaterra. Por conselho de Rubens emprehendeu uma viagem á Italia; de feito, em fins do anno de 1621 poz-se a caminho para esse paiz. Ao passar porém pela villa de Saventhem, sita entre Bruxellas e Lovaina, ficou de tal modo preso de amores por uma bella moça, Anna van Ophen, que por ella esqueceu Rubens, a Italia e a gloria, emfim tudo, menos a pintura, pois que nesse lugar fez o retrato da sua amada e dois quadros que esta offereceu á igreja da villa. Desprendido emfim dos laços da paixão, partiu A. Van Dyck de Saventhem e seguiu para a Italia, onde se demorou até 1626, visitando Veneza, Genova, Roma, Florença e Palermo. Em Veneza estudou as obras de Giorgione, de Paulo Veronense e de Ticiano; e póde dizer-se com C. Blanc (*Histoire des peintres*, École flamande, I, A. Van Dyck, 6) que *Veneza rematou a educação de Van Dyck e que no joven mestre o grave Ticiano temperou o fogoso Rubens.*

Em todas as cidades, por onde andou, pintou A. Van Dyck quadros e retratos. Si por um lado o primor das suas obras, a elegancia da sua pessoa e a distincção das suas maneiras lhe grangearam a amizade e protecção dos altos potentados e das mais nobres familias italianas: o Cardeal Bentivoglio, os Bracchis, os Corsinis, os Colonnas, &; por outro lhe acarretaram a má vontade e inveja dos pintores flamengos, então residentes em Roma, os quaes se colligaram contra elle e lhe moveram guerra crua e injusta.

De 1626 a 1632 A. Van Dyck viveu e trabalhou quasi sempre em Antuerpia. Foi ahi que concebeu o projecto de pintar os retratos dos personagens illustres contemporaneos, politicos, artistas, &, principalmente dos existentes no seu paiz, mandal-os gravar á sua custa e com elles formar uma galeria. Doze das chapas d'esta famosa collecção, dita dos *Cem re-*

tratos, foram abertas pelo proprio A. Van Dyck e as outras pelos mais celebres gravadores flamengos da epoca.

A Bibliotheca Nacional possue um exemplar d'esta collecção, publicada em Antuerpia por Henrique e Cornelio Verdussen. Sem data.

(Vide: *Van Dyck*, na Bibliographia.)

A chamado do Rei de Inglaterra Carlos I, grande amador e fautor das bôas-artes, mudou-se A. Van Dyck, em 1632, para Londres, onde El-Rei mandou dar-lhe alojamento á custa do seu bolsinho. Em signal do seu agrado o monarcha concedeu-lhe ulteriormente varios outros favores: a dignidade de cavalleiro, uma pensão de 200 libras esterlinas, o titulo de « principal pintor ordinario de Sua Magestade » e valiosissimos presentes.

Em Londres pintou A. Van Dyck diversos retratos do Rei e da familia Real e de grande numero de personagens notaveis, principalmente da Côrte, ainda hoje com razão admirados.

Casara-se A. Van Dyck com Maria Ruthven, neta do Conde de Gowrie, de uma das mais illustres familias da Escossia, da qual houve uma filha unica, Justiniana, nascida oito dias antes da morte de seu pae.

No principio do anno de 1641 emprehendeu A. Van Dyck uma viagem a Paris no intuito de obter o encargo de pintar a grande galeria do Louvre; não podendo porém alcançar o que desejava, pouco se demorou nesta cidade e voltou para Londres.

Ganhou A. Van Dyck avultadas sommas pelas suas pinturas; entretanto nunca poude ajuntar dinheiro, porque em phantasias de luxo, em prazeres e festas e em presentes que fazia ás pessoas a quem estimava, despendia tudo quanto adquiria pelo seu assiduo trabalho.

Extenuado de forças, combatido de doença e ralado de desgostos não poude A. Van Dyck resistir a tantos soffrimentos e falleceu em Blackfrias a 9 de Dezembro de 1641, sendo enterrado dois dias depois no côro da antiga cathedral de S. Paulo em Londres.

As obras de pintura de A. Van Dyck são tidas pelos entendidos na maior estimação: no genero retratos, em que foi de uma espantosa fertilidade, nenhum artista o excedeu. As suas primorosas gravuras, em pequeno numero, pela maior parte representam tambem retratos, dos quaes em geral só fazia a cabeça e as mãos, sendo algumas vezes as chapas terminadas por outros artistas.

N.° 193. — Ticiano e sua amante, segundo o mesmo.

Duas figuras, a meio corpo: á esquerda, Ticiano, de perfil, apalpa com a mão direita o ventre de sua amante, que está a tres quartos, voltada para elle, tendo o antebraço esquerdo apoiado sobre uma especie de vitrina encerrando uma caveira. Na margem inferior occorrem: 1.°, quatro versos italianos, em duas columnas, « *Ecco il belveder!... l'arte del magno Titiano.* »; 2.°, a dedicatoria, em duas linhas, « Al molto illustre... LVCA VAN VFFEL... il vero-ritratto del vnico Titiano Ant. van Dyck. »; 3.°, « *Titian Inuentor cum Priuilege Regis A. Bon enfant excū.* ». Sem data.

Altura: á esquerda, 261 millimetros; á direita, 267 millimetros; largura, 224 millimetros.

N.° 12 de Huber & Rost (v, 347); N.° 18, 4.° estado, de L.B. (II, 176-177).

Muito bella e rara; proveniente da Real Bibliotheca.

Além da estampa exposta, a Bibliotheca Nacional possue outro exemplar, prova esplendida, na collecção Araujeuse.

PONCIO (PAULO)

Paulo Du Pont ou Poncio, desenhador e gravador a buril, nasceu em Antuerpia pelo anno de 1599 (Huber & Rost; Nagler, *Lexicon;* e Bryan) ou em 1603 (Andresen).

Aprendeu a gravura com Lucas Vorsterman Senior; aos conselhos porém de Rubens, que lhe dedicava particular amizade, deveu a summa perfeição que attingiu nas suas gravuras. De feito, Rubens comprazia-se em fazer o discipulo gravar debaixo da sua inspecção e em dirigir-lhe o buril.

Desenho correcto, expressão apropriada das figuras e dos seus caracteres, bella execução do claro-escuro e buril amestrado, taes são as qualidades principaes d'este grande artista, digno emulo de Lucas Vorsterman e de Schelte de Bolswert, tambem, como elle, discipulos amados de Rubens.

As estampas historicas de P. Poncio são com razão admiradas; os seus retratos não o são menos, principalmente pela expressão com que soube caracterizar as cabeças.

P. Poncio falleceu a 16 de Janeiro de 1658 (Andresen).

N.º 194. — Retrato de Auberto Mireu; segundo Antonio Van Dyck.

Visto a meio corpo e a tres quartos para a direita, olhando para a frente, com o antebraço direito apoiado sobre uma mesa e a mão esquerda descançando sobre elle.

Na margem inferior lê-se: 1.º, « AVBERTVS MIRÆVS BRVXELLENSIS / DECANVS ANTVERPIENSIS. »; 2.º, « *P. Pontius sculp.* », á esquerda; « *Ant. van Dyck pinxit* », no meio; e « *Cum priuilegio* », á direita. Sem data.

Altura, 213 millimetros; largura, em cima, 168; em baixo, 166 millimetros.

N.º 36 de Nagler, *Lexicon* (XI, 513).

Esta estampa faz parte da collecção dos *Cem retratos* de A. Van Dyck; e proveiu da Real Bibliotheca.

JODE Junior (PEDRO DE)

Pedro de Jode Junior, filho de Pedro de Jode Senior, desenhador e gravador a buril, nasceu em Antuerpia a 22 de Novembro de 1606 (L.B.).

Aprendeu os elementos da arte com seu pae; si na correcção do desenho se equiparou ao mestre, no modo de tratar as partes do nú levou-lhe grande vantagem; tambem é geralmente considerado como melhor gravador do que elle.

Ignora-se si esteve na Italia; é porém certo que acompanhou seu pae a Paris, onde ambos gravaram muitas chapas para os mercadores de estampas d'esta cidade. De Pedro de Jode Junior diz Basan que « em muitas das suas estampas igualou-se aos melhores gravadores do seu tempo e em outras mostrou-se inferior a si mesmo ». Apesar d'isto P. de Jode Junior é tido em conta de habil gravador e digno de emparelhar com os melhores artistas contemporaneos: os Bolswerts, os Vorstermans, Paulo Poncio, &.

As estampas que Pedro de Jode Junior gravou para a collecção dos *Cem retratos* de A. Van Dyck são irreprehensiveis.

Não se sabe ao certo quando falleceu; segundo Bryan, a ultima data authentica das suas estampas é 1659, embora Nagler, *Lexicon*, mencione uma com o millesimo 1699 (provavelmente erro typographico); entretanto Andresen affirma que em 1667 ainda trabalhava em Bruxellas.

N.º 195. — Retrato de Henrique Liberti, segundo Antonio Van Dyck.

A meio corpo, visto a tres quartos para a esquerda, com um grande collar em tres voltas a tiracollo, tendo na mão direita um papel de musica com a lettra, « *Ars longa... vita brevis* ». Na margem inferior lê-se: 1.º, « HENRICVS LIBERTI. / GROENINGENSIS CATHED. ECCLESIÆ ANTVERP. ORGANISTA. »; 2.º, « *Anton. van Dyck pinxit.* », á esquerda; « *Petrus de Iode sculpsit* », á direita. Sem data.

Altura, 242 millimetros; largura, 197 millimetros.

N.º 96 de L.B. (II, 432).

Faz parte da collecção dos *Cem retratos* de A. Van Dyck; e pertenceu á Real Bibliotheca.

WYNGAERT (FRANCISCO VAN DEN)

Francisco van den Wyngaert, desenhador, gravador á agua-forte e mercador de estampas, nasceu em Antuerpia cêrca do anno de 1612.

Tendo-se estabelecido com casa de negocio de estampas na cidade natal, comprou muitas chapas abertas por diversos artistas e, depois de as ter retocado, fez por ellas novas tiragens. O seu endereço: *F. v. W. exc.*—*F. van Wyng. exc.* —*F. van den Wyngaerde exc.* — occorre em muitas das estampas de Roberto van den Hoecke, J. Ruysdael, L. van Uden, L. de Vadder, Egidio Neyts, D. Teniers, Guilherme Paneels, C. Mattue, João Livens e outros.

A data da sua morte é desconhecida; pode ter occorrido cêrca de 1660 (Nagler, *Lexicon*).

As estampas d'este habil artista são gravadas com ponta facil e espirituosa; e, ainda que nem sempre de desenho muito correcto, são estimadas e procuradas pelos amadores e entendidos.

N.º 196. — Santa Catharina.

Á esquerda, a Santa Martyr, de perfil para a direita, ajoelhada em cima de um fragmento de roda, aponta

com o indicador da mão esquerda para o Menino Jesus, a quem a Virgem Santissima, á direita, sentada sobre nuvens, de perfil para a esquerda, sustem no regaço, segurando-o pelos braços. Abaixo da roda, uma grande espada. No alto, á direita, muitos cherubins e um anjo com uma corôa e uma palma nas mãos. Sobre uma especie de pedestal, em baixo, occorre: 1.°, « S. CATHARINA », no meio; 2.°, *franciscus van Wyngaert fe. et excu.* », á direita. Sem data.

Altura, 229 millimetros; largura, 133 millimetros.

Estampa não descripta (?), que foi da Real Bibliotheca.

ANONYMO XIV

N.° 197. — Suzanna accommettida por dois velhos, ao sahir do banho, segundo Pedro Paulo Rubens.

Suzanna, sentada, quasi de perfil para a esquerda, com o tronco meio inclinado para a frente, o pé direito ainda dentro d'agua, e a coxa esquerda traçada sobre a direita, olhando para o expectador, encobre os seios com os braços e mãos. Á direita, um velho, de capuz na cabeça e com o semblante risonho, tira pelo lençol, em que ella se envolve, emquanto outro, á esquerda, tenta allicial-a a seus desejos. Na margem inferior occorrem os seguintes dizeres escriptos todos ás avessas: 1.°, a dedicatoria, « *Lectissimæ Virgini* ANNÆ ROEMER VISSCHERS *illustri Batauiæ sijderi, multarum Artium peritissimæ, Poetices vero studio, supra sexum | celebri, rarum hoc Pudicitiæ exemplar, Petrus Paulus Rubenus. L.M.D.D.* »; 2.°, em lettras muito miudas: « *P. P. Rubens pinxit.* », á direita; « *Cum priuilegijs, Regis Christianissimi, Principum Belgarum, & Ordinum Batauiæ* ⁓ », no meio; e « *Lucas Vorsterman sculp. | et excud. An.° 1620.* », á esquerda.

Altura: á esquerda, 376 millimetros; á direita, 371 millimetros; largura, 278 millimetros.

Bella e rara cópia invertida, não descripta (?) da estampa de Lucas Vorsterman Senior (n.° 76 de Nagler, *Lexicon*, xx, pag. 546). Vide Zani, vol. IV da II parte, pp. 213-214.

Da Real Bibliotheca.

BERBE (João)

Pouco se sabe d'este artista: suppõe-se que trabalhou em Antuerpia na primeira metade do XVII seculo. Em todo o caso é differente de João Baptista Barbé, com o qual não deve ser confundido.

N.° 198. — A Virgem Santissima e o Menino Jesus, em um nicho, segundo Francisco Franck Junior.

A Virgem, de frente, sentada, com seu Divino Filho no regaço, tem sobre o joelho direito um passarinho, para o qual o Menino Jesus olha com interesse; á esquerda, uma gaiola vasia; e em baixo, o chão alastrado de flores.

No arco do nicho, em cima, lê-se: « DILECTVS MEVS MIHI, ET EGO ILLI. CANT. II. »; e numa taboleta, em baixo: 1.°, dois disticos latinos em duas columnas: *En sincerus* AMOR ... *tota calet.* »; 2.° « *Franciscus Franc inuentor.* » — « *Ioan Berbe sculpsit.* » — « *Theodor. Galle excudit.* » Sem data.

Altura, 228 millimetros; largura, 140 millimetros.

N.° 1 de L.B. (I, 275). Vide Nagler, *Lexicon*, I, 422.

Da Real Bibliotheca.

SCHUPPEN Senior (Pedro van)

Pedro van Schuppen Senior, desenhador e gravador a buril, nascido em Antuerpia em 1623, falleceu em Paris em 1702 (Huber & Rost). Quanto ás datas do seu nascimento e morte, diz Bryan que a maior parte dos escriptores dão este artista como nascido em 1628 e fallecido em 1702 e que Laborde, discordando de todos os biographos, assevera que Pedro van Schuppen Senior nascêra entre 1625 e 1630 e fallecêra entre 1710 e 1715.

Depois de ter aprendido os rudimentos da gravura na cidade natal, mudou-se para Paris, onde foi discipulo de Nanteuil e gravou não só muitos retratos, segundo os proprios desenhos, no estylo d'este mestre, mas tambem assumptos historicos segundo varios mestres. Desenhava correctamente e manejava o buril com muita firmeza e destreza; pelo que é considerado como um dos melhores gravadores a buril.

N.° 199. — Retrato de Maximiliano Henrique, Arcebispo Eleitor de Colonia; dentro de um oval.

Em busto, a tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, com grande cabelleira e de cruz pastoral ao peito. Em volta do oval: « MAX. HENRIC. D. G. ARCHIEP. COLON. S. R. I. PRINCEPS ELECTOR, EPISCOPVS ET PRINCEPS LEOD. HILD. ETC. V. B. D. ETC. »; e na parte inferior do mesmo oval, o brazão do retratado. Em baixo, á direita, lê-se: « *P. van Schuppen faciebat. 1671. cum pri.... e.* »
Dimensões da estampa no estado actual:
Altura, 450 millimetros; largura, 387 millimetros.
O exemplar exposto tem as margens mutiladas e está um pouco estragado.

Bella estampa, não descripta (?), que proveiu da Real Bibliotheca.

BERGHEM (NICOLAU)

N.° 11.

Nicolau Berghem, pintor e gravador á agua-forte, nasceu em Harlem em 1624, viveu quasi constantemente em Amsterdão e falleceu naquella cidade a 18 de Fevereiro de 1683.
Foi successivamente discipulo de seu pae, Pedro Klaasze, pintor mui mediocre, de João van Goyen, Nicolau Moojaert, Pedro Grebber e João Baptista Weenix, a todos os quaes se avantajou.
A sua assiduidade no trabalho e a perfeição das suas pinturas grangearam-lhe em pouco tempo grande e bem merecida nomeada e elle teve o prazer de ver as suas obras muito procuradas e pagas a bom preço, ainda em vida.
N. Berghem gravou com ponta facil e espirituosa, de maneira firme e magistral. As suas estampas, em numero de 58, algumas das quaes muito raras, são consideradas como modelos perfeitos para o estudo e, depois das de Rembrandt, são as mais procuradas e estimadas na Hollanda.

Animaes.

Serie de oito estampas, tendo por titulo « Animalia ad vivum delineata et aqua forti æri impressa. Studio et arte Nicolai Berchemi », descriptas por L.B. sob n.ºs 27-34 (I, 285), com a denominação « Cahier à l'homme assis sous les arbres. », das quaes a Bibliotheca Nacional possue e expõe somente as 2 seguintes, pertencentes ao 1.º estado, isto é, gravadas á agua-forte pura e sem os numeros no canto inferior esquerdo, que lhe foram offerecidas pelo Sñr. Commendador José Thomaz de Oliveira Barbosa.

N.º 200. — Duas cabras.

Uma deitada, vista de perfil para a direita; a outra, de frente, em pé, um pouco para o fundo. No angulo inferior esquerdo lê-se : « *C. Berrighem* », como no monogramma n.º 11 da Taboa dos monogr. Sem data.

Dimensões da chapa: altura, 100 millimetros; largura, 110 mlilimetros.

N.º 33 (7) de L.B.

N.º 201. — Tres cães de caça.

Um deitado, no meio da estampa; outro, tambem deitado, visto pelas costas, amarrado ao tronco de uma arvore, á direita, um pouco para o fundo; e o terceiro, em pé, á esquerda. Sem assignatura do gravador e sem data.

Dimensões da chapa: altura, 101 millimetros; largura, 111 millimetros.

N.º 34 (8) de L.B.

ANONYMO XV

N.º 202. — O enterro de Jesus Christo, segundo Raphael.

No meio: dois discipulos, S. João e Maria Salomé depõem o corpo morto de Jesus Christo no sepulchro' á entrada de uma gruta; um pouco para traz d'este grupo, Maria Cleophas

sustentando a Virgem Santissima; á esquerda, a Magdalena, de costas, inclinada para a frente, com os cabellos desgrenhados, beijando os pés do Salvador. Na margem inferior occorre: 1.°, « O TRISTE ANIMÆ LACRYMAS INFRINGITE MORS / HÆC EST HOMINI IANVA LÆTITIÆ »; 2.°, « *a Raphaello Vrbin. delin.* » Sem data.

Altura, 154 millimetros; largura, em cima, 152; em baixo 149 millimetros.

Cópia invertida (A de Zani, IX, 39 da II parte), no 1.° estado, isto é, sem o endereço, « *Mich. van Lochom excud.* », da estampa gravada por Lucas Vorsterman, o Velho, N.° 17 de Ardresen (II, 689).

Estampa rarissima e muito bella, que proveiu da Real Bibliotheca.

LEFEBRE (VALENTIM)

Valentim Lefebre ou Lefebvre, cognominado *Lefebre de Veneza*, pintor e gravador á agua-forte, nasceu em Bruxellas em 1642.

Em Veneza, onde morou longo tempo, gravou uma serie de estampas segundo os mais bellos quadros de Ticiano e de Paulo Veronense: « *Opera selectiora, quæ Titianus Vecellius... et Paulus Calliari... inventarunt et pinxerunt... 1682.* » (Vide: *Lefebre*, na Bibliographia), em cuja execução não foi tão feliz como era de esperar de um pintor bem reputado, como elle.

As suas estampas são em geral destituidas de harmonia e de effeito; as partes nuas das suas figuras não são propriamente incorrectas, mas executadas em estylo tão amaneirado que lhes dá certo aspecto desagradavel; entretanto não se lhe póde negar espirito, facilidade e destreza de mestre no manejo da ponta.

Valentim Lefebre morreu em Veneza cêrca do anno 1700 (Andresen).

N.° 203. — A Sacra Familia com S. João e S. Zacharias, segundo Ticiano.

Cinco figuras, das quaes quatro a meio corpo: no meio, a Virgem, de frente, com o rosto a tres quartos para a esquerda, toma com a mão esquerda umas cerejas, que S. João,

á direita da estampa, offerece ao Menino Jesus, o qual se vê em pé sobre uma mesa, sustentado por sua Mãe, tendo já entre as mãos outros fructos da mesma qualidade; á esquerda, S. José, de perfil para a direita, com um bastão na mão; á direita, S. Zacharias, de frente, achegando seu filho para junto da Virgem.

Por detraz da Virgem uma cortina cahida. Na face anterior da mesa lê-se: « TITIANVS. IN. P. »; e na margem inferior, á esquerda, « *V. lefebre del. et sculps.* » Sem data.

Altura, 150 millimetros; largura, 186 millimetros.

Segundo Nagler, *Lexicon*, pag. 259 do IV, e n.º 22, á pag. 312 do XVI, esta estampa foi gravada por Lefebre e Godofredo Seuter, havendo porém exemplares, a cujo numero pertence a estampa exposta, gravados á agua-forte pura por Lefebre sómente.

A nossa gravura tem as margens quasi inteiramente mutiladas e faz parte da serie « *Opera selectiora, quæ Titianus Vecellius... et Paulus Calliari... inventarunt et prinxerunt... 1682* ».

Vide: *Lefebre*, na Bibliographia.

Da Real Bibliotheca.

N.º 204. — S. João Baptista no deserto, segundo Ticiano.

Em uma paizagem com um regato, S. João, em pé, a tres quartos para a direita, com o rosto de frente, tendo na mão esquerda uma cruz tosca, aponta com o indicador da mão direita para o lado esquerdo da estampa; á direita do Santo, vê-se o cordeiro deitado. Na margem inferior occorre: 1.º, « TITIANVS VECELLIVS. CAD. INVENT. &. PINXIT. »; 2.º, « V. lefebre del. et sculp. », á esquerda; e « I. Van Campen. Formis. Venetijs. », á direita. Sem data.

Altura, 297 millimetros; largura, 236 millimetros.

A estampa faz parte da serie « *Opera selectiora, quæ Titianus Vecellius... et Paulus Calliari... inventarunt et pinxerunt... 1682* ».

Vide: *Lefebre*, na Bibliographia.

Da Real Bibliotheca.

WESTERHOUT (ARNOLDO VAN)

Arnoldo van Westerhout, desenhador e gravador a buril, e á maneira negra, nasceu em Antuerpia em 1666 (Nagler, *Lexicon*).

Aprendeu os principios da arte na sua patria; trabalhou por algum tempo com seu irmão Balthazar em Praga e finalmente mudou-se para a Italia, onde desenvolveu grande actividade no exercicio da gravura.

Em 1692 o Grão-Duque de Toscana, Fernando, tomou-o ao seu serviço. Foi nesse anno que A. van Westerhout gravou o retrato d'este principe á maneira negra, processo ainda novo na Italia.

Durante a sua residencia em Florença A. van Westerhout occupou-se em fazer reproduzir pela gravura os quadros do Museu Florentino, sendo do seu buril muitas das estampas d'essa serie. Em 1700 passou-se á Roma, onde encontrou o seu compatriota Roberto van Audenaerde, de quem foi emulo na gravura.

A. van Westerhout gravou segundo as proprias composições e as de outros mestres; as suas estampas, muito numerosas, são abertas com buril agradavel; fôra entretanto para desejar que tivessem mais vigor e effeito. Os seus trabalhos á maneira negra, em pequeno numero, devem ser considerados como incunabulos da arte neste genero de gravura (Nagler, *Lexicon*).

Falleceu em 1725.

N.º 205. — Adão e Eva expulsos do paraiso depois do peccado, segundo José Passeri.

Em uma paizagem: no alto, á direita, o Padre Eterno entre nuvens, acompanhado de um anjo que segura uma taboleta, onde se lê: « Ipsa conteret / caput tuum. / *Genes. Cap. 3.* », aponta com a mão direita para a Virgem Santissima, que se vê em uma gloria circular, no canto superior esquerdo da estampa, e com a esquerda faz um aceno para a serpente, que, no chão, de collo erguido e cabeça levantada, olha para o Senhor; em baixo: Adão em pé, cabiscahido e de braços cruzados; e Eva, ajoelhada, olhando para o Padre Eterno, mostra-lhe com a mão esquerda a serpente

tentadora. Na margem inferior occorre: « *Ioseph Passarus Rom.*[s] *Inu. et del. Arnoldus V. Westerhout Antu.*[s] *Ferd. Mag. Princ. Etru.*[e] *Sculptor fec.* ». Sem data.

Altura, 150 millimetros; largura, 102 millimetros.

Não descripta?

Da Real Bibliotheca.

ESCOLA INGLEZA

HOGARTH (Guilherme)

Guilherme Hogarth, desenhador, pintor e gravador á agua-forte e a buril, nasceu em Londres a 10 de Novembro de 1697 e foi baptizado na parochia de S. Bartholomeu da mesma cidade a 28 do dito mez e anno (Trusler).

A principio aprendeu o officio de ourives com um lavrante de nome Gamble; finda a aprendizagem, deixou a officina do mestre, com quem aliás pouco se adiantou no desenho, e entrou para a Academia, sita em *S.*[t] *Martin's Lane*, afim de estudar a desenhar do natural.

Os primeiros tempos da sua carreira artistica não foram felizes: ganhava apenas o estrictamente necessario para viver, abrindo em metal brazões e endereços para as chapas das portas dos negociantes e desenhando e gravando cartuchos, rotulos, &. Depois passou a gravar para os livreiros, segundo os proprios desenhos: as estampas que fez para o poema satyrico de Samuel Butler, *Hudibras*, são a sua melhor producção neste genero.

Tendo travado relações com o cavalleiro Jacob Thornill, pintor do Rei, foi G. Hogarth acolhido por elle na sua officina para ensinar-lhe a pintura; o discipulo porém não poudé conservar-se por muito tempo na companhia de Thornill, não só porque vivia constantemente a criticar-lhe desapiedadamente as theorias e a maneira de pintar, mas tambem por ter-se casado clandestinamente e contra a vontade do pae com a filha do mestre (1730), da qual se enamorára.

G. Hogarth começou por este tempo a dedicar-se á pintura de retratos. Como antes de tudo amava apaixonadamente a verdade e reproduzia na téla os seus modelos com rigor

absoluto, sem omittir nem corrigir cousa alguma, succedeu que os freguezes, achando os seus retratos horrivelmente semelhantes e feios, desertaram da sua officina do pintor.

A bôa cópia de observações sobre os differentes caracteres dos homens, adquiridas nas excursões que tinha feito pelas tavernas, pelos cafés e pelas viellas da cidade, levaram-n'o a applicar-se a novo genero de pintura, que de mais a mais estava de perfeita harmonia com a sua natureza e o seu genio; assim dizia elle (citado por C. Blanc, *Histoire des peintres*, Ecole anglaise, Hogarth, pag. 6): « Estou resolvido a compor comedias na tela, a pintar, não assumptos classicos, mas retratos burguezes; não pintarei mais heroes imaginarios. Serei util. » Dedicou se portanto a pintar os defeitos e vicios do seu seculo: tudo quanto lhe parecia ridiculo ou reprehensivel foi assumpto das suas composições; caracterizou nellas os personagens conhecidos ou celebres do seu tempo, os usos, trajes e moveis do seu paiz e da sua epoca com verdade, de maneira tocante e ás vezes até pathetica; eram verdadeiros dramas, com exposição, enredo e catastrophe, de sorte que se pode dizer que foi antes escriptor de comedia a pincel do que pintor. As suas series: *Os degraus do vicio da mulher perdida* (*Harlot's progress*), *Os degraus do vicio do dissoluto* (*Rake's progress*), *O casamento à la moda*, *A actividade e indolencia* (*Industry and Idleness*) e *As eleições* devem ser consideradas como as suas melhores composições neste genero.

G. Hogarth dedicou-se tambem á pintura historica; mas a incorrecção do desenho, a fraqueza do colorido e a falta de nobreza e de graça estavam nelle de tal sorte arreigadas que nunca poude ser bem succedido neste genero.

Pouco depois da paz de Aquisgrão (1748) foi á França. Estando em Calais a desenhar uma das portas da cidade, foi preso como espião; mas, tendo sido reconhecido innocente, foi solto, assegurando-lhe então o commandante da praça que si a paz já não estivesse assignada entre a França e a Inglaterra, elle seria immediatamente enforcado.

G. Hogarth voltou á patria incontinenti e logo depois (1749), para vingar-se dos Francezes, publicou uma estampa satyrica, *A Porta de Calais*, com o dizer « *O the roast Beef of Old England.* »

G. Hogarth foi tambem escriptor sobre assumptos de arte. *A Analyse da belleza*, em que procurou demonstrar que a immobilidade é contraria á arte, que a variedade lhe é essencial e que a linha *serpentina* (curva) e não a recta é a fórma mais agradavel á vista, é uma misturada de ideias novas

e verdadeiras, de bôas reflexões e de absurdos em materia de arte.

A obra fez grande barulho e foi muito criticada pelos contemporaneos, philosophos, estheticos e pintores; mas, apesar dos seus defeitos, não deixou de ser plagiada por Diderot e seus amigos.

G. Hogarth, que sempre se tinha abstido de intrometter-se em politica, envolveu-se nella no fim da vida, publicando, em 1762, duas estampas satyricas, *Os tempos* (*The Thimes*), contra o famoso ministro Pitt. Tendo João Wilkes, escriptor politico, e o seu acolyto, o poeta Carlos Churchill, tomado partido por Pitt e atacado violentamente o nosso artista, este respondeu-lhes, publicando contra elles duas estampas: o retrato de J. Wilkes, famoso pela fidelidade com que foi reproduzido o caracter do retratado, e a caricatura de Churchill, figurado sob a fórma de um urso, segurando com uma mão um porrete e com a outra um pucaro de cerveja, com o seguinte titulo: « *The Bruiser Charles Churchill* (*O Pugillista Carlos Churchill*).

Em consequencia de ter seu cunhado, Thornill, resignado o lugar de pintor do Rei, em beneficio de G. Hogarth, foi este nomeado para o dito lugar, cujas funcções começou a exercer a 16 de Junho de 1657.

As estampas de G. Hogarth são em numero de 260, umas inteiramente gravadas por elle, outras por elle conjunctamente com outros artistas, que trabalhavam debaixo da sua direcção.

O grande merecimento de G. Hogarth consiste na invenção dos assumptos e na expressão das paixões; todos os seus esforços tendiam a exprimir a alma, e para produzir este effeito menosprezava o corpo, isto é, a parte mecanica da arte.

As suas composições são defeituosas no desenho, no colorido e no claro-escuro. Apreciando este conjuncto de bôas partes e de senões do nosso artista, C. Blanc diz d'elle (*Opere citato*, pag. 14): « Não o admirar seria injusto, mas imital-o seria perigoso. »

G. Hogarth falleceu na villa de Chiswick, perto de Londres, a 26 de Outubro de 1764, em consequencia da ruptura de um aneurisma.

Foi enterrado na dita villa de Chiswick; na sua sepultura depois levantou-se um monumento com um epitaphio em versos, composto por seu amigo Garrick.

N.º 206. — O Tribunal.

Quatro figuras, a meio corpo, sentadas, com as classicas cabelleiras dos juizes inglezes, vestidas de toga de magistrado, presidindo á sessão do Tribunal, á qual, vê-se, não prestam a menor attenção; no meio, um dos juizes, de oculos ao nariz, no cumulo do orgulho e da vaidade, com uma penna na mão direita, e lendo um papel que tem na esquerda; á direita d'esta figura, outro juiz, de perfil para a direita, tambem lendo um papel, e á esquerda, dois outros collegas: o mais proximo, de perfil para a direita, com um rôlo de papel na mão esquerda, embevecido nos seus pensamentos, e o mais distante, dormindo a somno sôlto. No alto: as armas do Reino Unido da Inglaterra, Escossia e Irlanda, tendo á direita um = R =.

Na margem superior lê-se: « CHARACTER »; e na inferior: 1.º, « *Design'd & Engrav'd by W. Hogarth* », á esquerda; « *Publish'd as the Act directs. 4. Sep. 1758.* », á direita; 2.º, « *The BENCH. | Of the different meaning of the Words* Character, Caracatura *and* Outrè *in Paiting and Drawing* ». Por baixo do precedente dizer occorre uma longa inscripção, impressa por outra chapa: « *There are hardly.... to the prejudice of* Character. — + *See Excess, Analysis of Beauty. Chap.* 6. »

Dimensões da estampa: altura, 166 millimetros; largura, 198 millimetros.

Vide: John Trusler, *The Works of William Hogarth*, pp. 29-30; L.B., n.º 121 (II, 368).

A estampa exposta foi impressa pela chapa no seu 1.º estado, a saber: antes das alterações que o proprio gravador lhe fez em 1764, apagando as armas do Reino Unido, a lettra = R = e o dizer « CHARACTER » na margem superior, e substituindo as armas e a lettra = R = por um grupo de oito cabeças, algumas das quaes somente a traço, por ter sido o artista sorprehendido pela morte antes de as ter acabado.

Segundo Trusler (*Opere citato*), as quatro figuras da estampa, no 1.º estado, representam os retratos (na ordem em que acima ficam descriptos) de: *Lord Chief Justice Sir John Willes, Sir Edward Clive, Mr. Justice Bathurst* e *Hon. William Noel.*

Le Blanc não interpretou com exactidão, ao que parece, o assumpto d'esta estampa, quando a descreve: « 121. The Bench; caricature contre les médecins. 1758. P. en Haut. »

Bella gravura, que foi da Real Bibliotheca.

ESCOLA FRANCEZA

GARNIER (Noel)

NOEL

N.º 41 a.

N.º 41 b.

N.º 41 c.

Noel Garnier, ourives e gravador do numero dos antigos mestres da escola franceza, viveu no fim do XV seculo até ao meiado do XVI e floresceu na primeira metade d'este ultimo, segundo Andresen e Nagler, *Die Monogrammisten*, de 1520 a 1540; mas á vista da data de 1544, que vem na estampa descripta pelo Snr. Jorge Duplessis no *Peintre Graveur français*, XI, pag. 107, não se pode negar que o mestre trabalhou pelo menos até esse anno. Excepto o que precede, nada mais se sabe da sua vida.

D'este mestre diz R.-Dumesnil (VII, 1) o seguinte:

« Sobre Noel Garnier, antiquissimo e muito mediocre gravador a buril, não ha outros dados além das estampas que gravou, as quaes são da maior raridade. »

Segundo Passavant, as gravuras de Noel Garnier são executadas em estylo archaico, mas sempre particular á nação que elle representa, mui duras e de desenho muito fraco.

As estampas gravadas por Noel Garnier não têem data, excepto a descripta pelo Snr. Jorge Duplessis; umas não têem monogramma, nome ou marca; outras, porém, trazem-n'os, ora um só d'elles, ora mais de um combinados. Entretanto o verdadeiro nome do gravador d'essas estampas foi por algum tempo desconhecido, até que o descobrimento da descripta por R.-Dumesnil sob n.º 50 (VII, 15) dissipou todas as duvidas, que a tal respeito havia.

Para outras informações por menor, concernentes a Noel Garnier e á sua obra, vide *Annaes da Bibliotheca Nacional*, I, pp. 355-362 e as obras ahi citadas.

As divindades dos sete (?) planetas.

Serie de sete (?) estampas, sem data, provavelmente cópias das gravadas por João Sebaldo Beham, descriptas por B. sob n.os 113-120 (VIII, pp. 161-163).

Altura, 85 millimetros; largura, 49 millimetros.

Em nenhum iconographo encontrámos noticia d'esta serie de estampas; o illustrado Snr. Jorge Duplessis, conservador adjunto do departamento de estampas da Bibliotheca Nacional de Paris, autoridade tão competente nesta materia, tambem não as conhece, como o declara na carta abaixo transcripta dirigida ao ex-Bibliothecario, o Snr. Dr. B. F. Ramiz Galvão:

« Paris, 13 juillet 1877. — Monsieur. J'ai reçu les deux fascicules des Annales de la Bibliothèque Nationale de Rio de Janeiro que vous avez bien voulu m'adresser et je vous en remercie. J'y ai trouvé avec plaisir la mention du nielle que vous possedez (le triomphe de Galathée) et *la description de cinq estampes de Noël Garnier que je ne connaissais pas.* Si jamais je fais une nouvelle édition du *Peintre Graveur français* j'aurai soin d'indiquer ces pièces, de dire à qui j'en dois la connaissance et où elles se trouvent. Veuillez me croire, cher Monsieur, bien à vous — George Duplessis. »

E pois não será temeridade affirmar que são ellas as *unicas conhecidas.*

D'esta serie a Bibliotheca Nacional possue tão somente as cinco estampas abaixo descriptas, que pertenceram á Real Bibliotheca.

N.º 207. — Saturno.

Com as inscripções: NOEL, em uma taboleta (Vide o n.º 41 **b.** da Taboa dos monogr.), em baixo, no canto da esquerda; e « SATVRNE » em cima, um pouco para a direita. A estampa representa um homem moço, de perfil para a esquerda, de pé, tendo a perna direita cortada pouco acima da articulação tibio-tarsiana e o coto dobrado sobre a coxa e apoiado a uma perna de pau; trajando apenas como que umas bragas curtas, que lhe cobrem a parte inferior do tronco e superior das coxas, e uma capa sobre os hombros; com uma espada curta á cinta, do lado direito; levando á bocca uma criancinha, que segura com as duas mãos, em ar de quem a quer comer. Vê-se mais: no primeiro plano: em baixo, á esquerda, uma grande foice emhastada; á direita, um bode voltado de frente para a direita (*Capricornius*); e em cima, no canto da esquerda, um monstro com cara de homem e cauda de peixe,

voltado para a direita, entre nuvens, despejando agua de um vaso (*Aquarius*); no segundo plano: á direita, altos rochedos; á esquerda, uma paizagem com casas.
(Vide a estampa n.º I).

N.º 208. — Jupiter.

Com o dizer « NOEL G. » (como no n.º 41 c. da Taboa dos monogrammas) em uma taboleta dependurada á uma arvore perto do canto superior esquerdo da estampa; e com a inscripção « IVPITER » em cima, para a direita. No meio da estampa vê-se um guerreiro de frente, com o rosto de perfil para a esquerda, de capacete na cabeça, com uma cota de armas, e sobre esta um manto preso por um laço ao hombro direito; de grevas e alpargatas; segurando com a mão esquerda um espadão descançado sobre o hombro do mesmo lado, e com a direita um escudo oblongo, terminado inferiormente em ponta, apoiado no chão: nesse escudo estão figurados os signos de *Sagittarius* em cima, e *Pisces* em baixo. No segundo plano: á esquerda, uma arvore; á direita, uma paizagem com vista de cidade.
(Vide a estampa n.º II).

N.º 209. — Marte.

Sem nome, monogramma ou marca do gravador. No meio da estampa vê-se um guerreiro, de perfil para a esquerda; armado de ponto em branco com uma armadura pesada da idade média: capacete de viseira abaixada, gorjal, couraça, hombreiras, braçaes, cotoveleiras, guantes, toneletes, joelheiras, grevas, sotulares, cimitarra á cinta do lado direito, segurando com a mão esquerda uma alabarda descançada no chão e embraçando um escudo com o braço direito. No segundo plano vê-se: á esquerda, um carneiro (o signo de *Aries*), deitado sobre o ventre, voltado para a esquerda, de frente para um castello meio desmantelado; á direita, uma casa.
(Vide a estampa n.º III).

N.º 210. — Venus.

Sem nome, monogramma ou marca do gravador. No meio de uma paizagem com uma grande arvore vê-se á esquerda, no segundo plano, uma mulher moça, em pé, de perfil para a esquerda, com longos cabellos soltos ao vento, trajando um

vestido de mangas mui largas, cuja sáia fluctua á mercê do vento que sopra pela frente, de pés descalços, tendo na mão esquerda um coração flammejante (com sete chammas) e na direita uma grande setta descançada sobre o hombro direito. Em baixo vê-se: á direita, uma balança (*Libra*) no chão; e á esquerda, um boi deitado sobre o ventre e voltado para a esquerda (*Taurus*).

(Vide a estampa n.º IV).

N.º 211. — Diana.

Sem nome, monogramma ou marca do gravador. A estampa representa Diana sob a figura de uma mulher moça, vista de frente, com o rosto a tres quartos para a direita, de cabellos soltos pelas espaduas, vestida, mas com os pés descalços, em pé sobre uma secção de esphera, tendo debaixo dos pés um camarão (*Scorpio*) e segurando com a mão esquerda uma lança apoiada no chão e com a direita um crescente de lua. No segundo plano: á esquerda, uma grande arvore; e á direita, vista de uma cidade.

(Vide a estampa n.º V).

N.º 212. — Apollo dansando com as Musas.

Apollo no meio, quatro Musas á direita, e cinco á esquerda, dão-se as mãos, fazendo uma grande roda e dansando.

Em baixo, á esquerda, lê-se, escripto em uma taboleta oblonga: « NOEL. », como no n.º 41 a. da Taboa dos monogrammas.

Altura, 54 millimetros; largura, 156 millimetros.

N.º 55 de R.-Dumesnil (VII, 17).

A estampa é cópia invertida da que descreve B. sob n.º 2 (x, 133), gravada por um artista anonymo do XVI seculo.

Rarissima. Foi da Real Bibliotheca.

PERRIER (FRANCISCO)

Francisco Perrier, pintor e gravador á agua-forte e a claro-escuro, filho de um ourives, nasceu em 1590 em Macon, segundo Guillet, ou em S.t Jean de Losne, segundo os registros da Academia de pintura e de esculptura de Paris, ou ainda em Salins, no Franco-Condado, segundo outros; em todo

o caso na Borgonha, como elle proprio o declara, assignando-se *Burgundus*.

Ignora-se quem fôra seu mestre de desenho. Foi da sua cidade natal para Lyão, onde pouco se demorou á falta de recursos; de Lyão partiu para Roma conduzindo um cego, o que lhe permittiu fazer a viagem sem nada despender. Nesta cidade empregou-se na casa de um negociante de quadros, que o occupou em pintar; foi ahi que fez conhecimento com João Lanfranco, de quem aproveitou excellentes lições para o exercicio da pintura. F. Perrier, que se tinha formado gravador com a mesma facilidade com que se tornára pintor, gravou então, á instigações de Lanfranco, a *Communhão de S. Jeronymo*, segundo Agostinho Carracci.

Depois de longa estada em Roma, tornou á França em 1630; de passagem por Lyão, pintou na Cartucha d'esta cidade: a *Vida de São Bruno* no claustro e a *Ceia* no refeitorio, ambas a fresco; e varios quadros para a igreja do mosteiro. Em 1631 foi á Paris, onde se relacionou com Simão Vouet, que o empregou em executar segundo os seus desenhos decorações em varios palacios e castellos.

Não obstante a bôa reputação que lhe grangearam estes trabalhos, F. Perrier, cujo temperamento e talento se não coadunavam com o papel secundario que representava na execução de taes obras, tornou de novo á Roma (1635).

Em Paris já tinha gravado algumas estampas; em Roma publicou muitas outras, principalmente as series á agua-forte: *Estatuas antigas* (1638) e *Baixos relevos da antiga Roma* (1645).

Voltando para Paris em 1645, occupou-se em pintar a fresco o tecto da galeria do palacio de La Vrillière, o palacio de Raincy e ainda varios quadros. As suas pinturas são cheias de imaginação e de fogo; mas o seu desenho é ás vezes incorrecto, o seu colorido muito carregado de preto e as suas figuras não têem belleza nem graça.

A sua obra gravada consta de 95 estampas (R.-Dumesnil), executadas com ponta espirituosa e ligeira no gosto de Miguel Dorigny. As duas series acima citadas, publicadas em Roma, merecem em parte a bôa reputação de que gozam; mas não reproduzem com fidelidade os originaes. Nas estampas de F. Perrier elle proprio escrevia o seu nome de varios modos: *Perier*, *Perrier* e *Paria* (á italiana); e em algumas d'ellas accrescentava ao apellido de familia o sobrenome patrio *Burgundus*.

F. Perrier foi um dos fundadores (1648) da Academia de pintura e de esculptura de Paris, a qual o elegeu um dos

seus *Anciãos* ou *Professores*, como depois foram denominados. Foi mestre do célebre Carlos Le Brun; e ainda que se tivesse casado, não teve filhos.

Falleceu em Paris em 1650.

N.° 213. — Minerva mostrando o templo da gloria a um joven guerreiro; allegoria, segundo Simão Vouet.

Minerva, com um globo na mão esquerda e um ramo de loureiro na outra, mostra o templo da gloria, á esquerda, a um joven guerreiro, que põe a mão direita sobre o globo, como quem o vae tomar. Na margem inferior, lê-se: 1.°, « *Simon Voüet pinxit / Cum priuilegio Regis* », á esquerda; « *François Perrier / sculp. parisi. 1632.* », á direita; 2.°, um distico latino, no meio:

« *Quisquis ad hoc sacrum, concurris limen honoris*
Aspice quod virtus strenua pandit iter -ɔ ».

Altura, 242 millimetros; largura, 113 millimetros.

N.° 16 de R.-Dumesnil (VI, 170).

Da Real Bibliotheca.

VOUET (Simão)

Simão Vouet, pintor e gravador á agua-forte, nasceu em Paris a 9 de Janeiro de 1590 e falleceu na mesma cidade a 30 de Junho de 1649 (Villot; e Ch. Blanc, *Histoire des peintres :* École française, Vouet, 1).

Seu pae, Lourenço Vouet, pintor mediocre, foi o seu primeiro mestre. Diz-se que aos quatorze annos já era tão habil retratista, que foi chamado á Inglaterra para pintar o retrato de uma nobre dama, refugiada naquelle paiz. Depois de alguns annos de estada em Inglaterra tornou á França. Graças á nomeada, de que então já gozava, e talvez tambem ás suas maneiras, foi designado para acompanhar á Constantinopla (1611) o embaixador Achilles de Harlay, Barão de Sancy, afim de tirar o retrato do Sultão Achmet I, retrato que sahira muito parecido, ao que se diz, não obstante ter sido feito de memoria, segundo as recordações que o pintor conservou do Sultão na unica vez que o viu no acto da recepção do embaixador.

Em Novembro de 1612 partiu S. Vouet de Constantinopla para Veneza, onde estudou as obras de Ticiano e de Paulo Veronense; de Veneza foi-se á Roma em 1613. Ahi executou com bom exito muitos quadros, tomando a principio por modelos as obras de *Caravaggio* e de Valentim e depois as de Guido Reni.

Em 1620 partiu para Genova a chamado da familia Doria, afim de executar algumas pinturas (o retrato de João Carlos Doria, filho do Doge, Jesus Christo crucificado, &), e no fim de dois annos voltou de novo á Roma. Estabeleceu-se então nesta cidade, trabalhando sempre com afinco; angariou a protecção do cardeal Barberini (depois Urbano VIII), que lhe encommendou o seu retrato e os de seus sobrinhos; em recompensa do seu merecimento foi eleito Principe da Academia de S. Lucas de Roma e obteve de Luiz XIII de França uma pensão; casou-se com Virginia de Vezzo, velletrana, que tambem cultivava a pintura.

O Rei de França chamou-o então á sua Côrte; em obediencia a essa ordem chegou S. Vouet a Paris a 25 de Novembro de 1627, com sua mulher, uma filha de quatro mezes, seu sogro e seus discipulos: Albino Vouet, seu irmão; Jacob Lhomme, de Troyes; e João Baptista Mola. O nosso artista foi acolhido por Luiz XIII e pela Rainha-Mãe do modo mais honroso e nomeado 1.° pintor da Côrte, agraciado com uma pensão consideravel e alojado no Louvre. El-Rei encarregou-o de muitas obras e os grandes senhores, uns por gosto, outros para imitarem o Monarcha, encommendaram ao nosso artista trabalhos importantes: assim S. Vouet desenhou os cartões para as tapeçarias da Corôa; decorou o Louvre e o Luxemburgo; executou numerosas obras para S.t Germain-en-Laye; tirou muitos retratos de Luiz XIII, assim como os de todos os senhores da Côrte; trabalhou para o Cardeal de Richelieu no Palais-Royal e no castello de Reuil (1632); pintou a famosa galeria do palacio de Boullion (1634) e as do Marechal d'Effiat, em Chilly, e do Duque d'Aumont, a capella do palacio do Chanceller Séguier; e fez retabulos e grande numero de outras pinturas para quasi todas as igrejas de Paris. Ainda que trabalhasse muito activa e expeditamente, S. Vouet não podia dar vasão ás encommendas; limitava-se pois muitas vezes a fazer os desenhos, que serviam de modelos a seus discipulos, succedendo que nem sempre tinha tempo para retocar-lhes as pinturas.

Durante a sua vida gozou S. Vouet da fama de grande pintor; a posteridade porém tem-lhe agorentado um pouco os excessivos elogios dos coevos: reconhecendo a afouteza do seu

pincel, a abundancia do seu talento facil e prompto, censura-lhe haver apenas conhecido os rudimentos do claro-escuro, não ter tido sciencia das gradações da luz e ter pintado demasiadamente por practica e não do natural.

A maior gloria de S. Vouet consiste em ter formado na sua escola célebres discipulos, que honraram a patria com as suas obras primas e tornaram immorredoura a memoria do mestre; Carlos Le Brun; Pedro Mignard; Eustaquio Lesueur; seus irmãos, Albino e Claudio Vouet; seus genros, Francisco Tortebat e Miguel Dorigny; Francisco Perrier, o *Borguinhão*; Miguel Corneille Senior; João Ninet de l'Estaing; Carlos Affonso Dufresnoy; Nicolau Chapron; Luiz Testelin; Remigio Wuibert; Carlos Meslin, o *Loreno*; Frei José, dos Bernardos Fulienses; Carlos Poerson; &.

Tratando da obra gravada de S. Vouet, R.-Dumesnil (v, 71-72) exprime-se nos seguintes termos: « Ainda que nenhum dos seus biographos o tenha dito, deve se a este célebre artista uma estampa gravada á agua-forte: é uma Sacra Familia, executada com pureza, franqueza e elegancia, á maneira de Francisco Perrier. Sabe-se quanto Vouet se avantajou em assumptos da Virgem Santissima. » Além d'esta, Nagler, *Lexicon* (xx, 571), descreve sob o n.° 2 mais outra estampa gravada por S. Vouet: *A Magdalena*, no deserto, ajoelhada, voltada para a direita, segurando com a mão esquerda o crucifixo e tendo a direita sobre um livro; com quatro versos latinos, « Amore... lambere. » e os dizeres: « Vouet juuen. » e « le Blond excud. », na margem inferior.

Em Outubro de 1638 perdeu S. Vouet sua mulher Virginia de Vezzo, de quem teve quatro filhos; dois annos depois contrahiu segundas nupcias, das quaes houve ainda tres filhos. Passou os ultimos annos da vida sempre adoentado, em tal estado de fraqueza que não podia pintar nem tão pouco dedicar-se a qualquer trabalho espiritual.

N.° 214. — A Sacra Familia.

Tres figuras em uma paizagem: á esquerda, a Virgem Santissima, a meio corpo e a tres quartos para a direita, sustenta nos braços o Menino Jesus. Este, com duas cerejas na mão direita, tenta tomar com a esquerda um passarinho, que S. José, á direita, lhe apresenta sobre o indicador da mão direita.

Na margem inferior lêem-se: 1.°, no meio, dois versos italianos:

« *Siede in braccio à la Madre il figlio Dio,*
Dona l'augello à lui giuseppe pio. »;

2.°, « *Si Voüet jn sculp.* », á esquerda; « *Cum Priuilegio Regis | 1633.* », á direita.

Altura: á esquerda, 170 millimetros, e á direita, 173 millimetros; largura, 206 millimetros.

N.os 1, 2.º estado (com a data), de Nagler, *Lexicon*, xx, 571. É a mesma estampa de que falla Robert-Dumesnil.

Da Real Bibliotheca.

CALLOT (JACOB)

Jacob Callot, desenhador, gravador a buril e á agua-forte, descendente de uma familia originaria da Borgonha, estabelecida na Lorena, nasceu em Nancy em 1592 (Maumé, I, 4 e 5) e falleceu na mesma cidade a 24 de Março de 1635, com 43 annos de idade.

« Jacob Callot, diz Mariette (I, 258 e seguintes), nasceu em Nancy de paes nobres, que, destinando-o á outra profissão que não a do desenho, se impacientavam por verem-n'o desprezar os estudos para empregar todo o seu tempo no exercicio d'esta disciplina. Querendo impedir o filho de desenhar, aguçaram com isso os seus desejos a tal ponto que, para não ser obstado nos seus intentos, resolveu, si bem tivesse apenas doze annos, abandonar a casa paterna e ir procurar na Italia os meios de aperfeiçoar-se na arte que era a constante preoccupação dos seus pensamentos. Assim, sem attender aos perigos a que o expunham os seus verdes annos, a sua pouca experiencia e mais que tudo a má companhia d'aquelles, a quem á falta de dinheiro fôra obrigado a associar-se para fazer a viagem, um bando de ciganos, chegou á Florença, onde não levou muito tempo sem encontrar pessoas das suas relações, as quaes o obrigaram a voltar com ellas para Nancy. Em segunda viagem que fez á Italia algum tempo depois não foi mais feliz; seus paes, accedendo ás suas instantes sollicitações, permittiram-lhe emfim que voltasse pela terceira vez áquelle paiz e desde então começou a dedicar-se sinceramente á gravura.

« Quem primeiro lhe ensinou o manejo do buril foi Philippe Thomassin, de nação francez, que estava estabelecido em Roma; na casa d'este mestre trabalhou Jacob Callot por algum tempo, gravando a buril puro, o que não condizia

com o seu caracter: tinha nascido para ser inventor de um novo genero de producções, que em pequeno espaço representassem grandes assumptos, talento que não herdára de pessoa alguma e que teve occasião de manifestar de modo brilhante ao começar a gravar á agua-forte, quando deixou Roma e veiu á Florença.

« As primeiras obras d'esta natureza, feitas para o Grão-Duque Cosme II, que o havia tomado ao seu serviço, foram em breve seguidas de outras da mesma especie, nas quaes o desenho, a composição e o toque são tão bem acabados que não é possivel desejar-se nada mais perfeito. Assim, quando depois da morte do Grão-Duque, seu Mecenas, Callot tornou á Lorena, a sua bôa reputação já se tinha espalhado por toda a Europa. A infanta Dona Isabel, Soberana dos Paizes-baixos, mandou-o vir a Bruxellas para desenhar o famoso sitio de Bréda, que elle depois gravou, e El-Rei Luiz XIII chamou-o á França para gravar os sitios do Rochella e do forte de S. Martinho, na ilha de Ré. São estas tres estampas as de maiores dimensões que Jacob Callot fez; todas as outras, aliás em grande numero, são pequenas; apesar porém da sua pequenhez não deixam de conter grandes composições, taes como: a série, em que tão magistralmente exprimiu todas as especies de supplicios, dita *As Calamidades da guerra*, os assumptos da *Paixão*, da *Vida da Virgem Santissima* e dos *Martyrios dos Apostolos*, *A vida do filho prodigo* e muitas outras inventadas do modo mais agradavel; mas nenhuma d'estas estampas emparelha com a que gravou em Florença, representando a feira que se faz annualmente em N. Senhora de Imprunetta, no Estado de Florença: é o quadro perfeito de tudo quanto imaginar-se póde para exprimir um grande concurso de povo occupando-se em differentissimos misteres.

« J. Callot executou esta composição da maneira mais feliz e nada é mais capaz de dar a conhecer a vastidão do seu genio. Que variedade nos pensamentos! quanta nobreza em uns! quanta simplicidade e ingenuidade em outros! Cada grupo, cada figura contribue para formar um todo, em que cada objecto se acha tão apropriadamente no seu lugar, que se lhe não percebe a menor confusão. Ha outro genero ainda em que Callot se avantajou: na representação de assumptos phantasticos e extravagantes, cujo lado ridiculo tão bem exprimiu que ao vel-os ninguem poderá conter o riso. Estas composições distrahiam-n'o e alegravam-n'o, e como que ao mesmo passo o descançavam das suas occupações mais sérias.

« Callot tinha um talento singular para imaginar posturas, physionomias, trajes, figuras chimericas, cada qual mais extra-

vagante e burlesca que as outras. Neste genero *A tentação de Santo Antão* é uma obra prima. Que pena que tal artista, tão habil, tão amado e tão estimado de todos os Principes e grandes senhores que o conheceram, tivesse morrido na flor da idade, quando mais do que nunca trabalhava com ardor e promettia augmentar consideravelmente o numero das suas obras, que no seu tempo causaram admiração aos entendidos e ainda hoje são procuradas com grande empenho. »

Os mestres de J. Callot foram: em Nancy, Claudio Henriet, que lhe ensinou os rudimentos do desenho, e Demange Crocq os da gravura; em Florença, Remigio Cantagallina, com quem se aperfeiçoou no desenho e na gravura a buril; e em Roma, o já citado Philippe Thomassin.

A obra gravada de Jacob Callot é numerosissima: Le Blanc attribue-lhe 1405 peças.

N.os 215–232. — As calamidades da guerra.

Serie de dezoito estampas numeradas, conhecida em iconographia pela denominação de *Grandes calamidades da guerra*, para distinguir de outra de sete estampas, gravadas pelo mesmo artista, denominada *As pequenas calamidades da guerra*.

Todas as estampas, menos a do titulo, trazem no corpo da gravura a subscripção do editor, « *Israel excudit Cum Priuilegio Regis* », escripta em breve de differentes modos, e na margem inferior, seis versos francezes, obra do Abbade de Marolles, dispostos em tres columnas com dois versos em cada uma; os numeros de ordem occorrem na dita margem, á direita.

Altura, 76 a 78 millimetros; largura, 184 a 189 millimetros.

N.os 564–581, 2.° estado (isto é, com os versos e os numeros) de E. Meaume (II, 265 – 271); N.os 1252 – 1270, 2.° estado de L.B. (I, 570).

Estampas bellissimas e muito raras, que pertenceram á Real Bibliotheca.

N.° 215. — Titulo.

Em uma taboleta, adornada em cima e em baixo com trophéos de armas, lê-se: « *Les* MISERES ET LES / MAL-HEVRS / DE LA GVERRE. / *Representez Par* JACQVES CALLOT / *Noble*

Lorrain. | ET *mis en lumiere Par* ISRAEL | *son amy.* | A PARIS | *1633* | *Avec Privilege du Roy* ». De cada lado da taboleta vê-se um general, coroado de louro, acompanhado de soldados.

N.° 216. — O alistamento da tropa.

Em um acampamento fóra dos muros de uma cidade: uns officiaes, á esquerda, alistam recrutas e lhes distribuem armamento, emquanto outros, á direita, fazem-lhes pagamento do soldo; no meio, vê-se tropa de infantaria e de cavallaria formada. Os versos na margem inferior rezam:

« *Ce Metal que Pluton dans ses veines encerre*
. . . .
Il faut que sa vertu s'arme contre le vice. »

N.° 217. — A batalha.

No meio da estampa, um combate de cavallaria; aquem dos combatentes, homens e cavallos mortos; no fundo, á direita, o recontro de tropas de infantaria.

« *Quelques rudes que soient les atteintes de Mars,*
. . . .
Du sang des ennemis arrousent leurs Lauriers. »

N.° 218. — O roubo.

Um troço de soldados invade uma hospedaria; uns batem-se na rua com os habitantes ou os viajantes, e outros carregam os despojos.

« *Ces courages brutaux dans les hosteleries,*
. . . .
Quand on les a soulez, et seruis a leurs mode. »

N.° 219. — O saque.

No interior de uma casa vasta e bem provida, soldados commettem todas as especies de crimes, o roubo, o rapto, o assassinio, o estupro, &.

« *Voyla les beaux exploits de ces cœurs inhumains*
. . . .
Le vol, le rapt, le meurtre, et le violement. »

N.° 220. — A devastação de um mosteiro.

No meio, vê-se ardendo em chammas uma igreja, sobre cujo portal se lê: « S. MARIA »; á esquerda, soldados pilhando um convento de freiras e raptando as religiosas; aquem da igreja, uma carroça, puxada a quatro cavallos, tomando a carga dos despojos; &.

« *Icy par un effort sacrilege et barbare*

. . . .

Quils osent enleuer pour estre violées. »

N.° 221. — Saque e incendio de uma aldeia.

A igreja e muitas casas pegando fogo; á direita, um soldado tocando o gado que tirára da estribaria; no meio, duas carroças tomando a carga dos despojos; e á esquerda, os habitantes da aldeia conduzidos prisioneiros por soldados.

« *Ceux que Mars entretient de ses actes meschants*

. . . .

Ny les pleurs et les cris les puissent esmouuoir. »

N.° 222. — O roubo nas estradas reaes.

No meio, soldados emboscados no matto atacam e roubam um carro puxado a quatro cavallos; aquem do carro, um dos viajantes assassinado, extendido no chão, tendo junto de si sua mala aberta; na extrema esquerda, dois soldados investem contra um bufarinheiro.

« *A l'escart des forests, et des lieux solitaires*

. . . .

D'oster aux Voyageurs et le bien et la vie. »

N.° 223. — A prisão dos malfeitores.

Á esquerda e á direita, a justiça bate o matto, para descobrir os soldados nelle refugiados; no meio, os malfeitores são conduzidos presos pela autoridade.

« *Apres plusieurs excez, indignement commis,*

. . . .

Un chastiment conforme a leur temerité. »

N.º 224. — O supplicio da polé.

No meio, um condemnado suspenso na polé, prestes a ser precipitado d'ella; em frente d'elle um regimento formado, de bandeiras desfraldadas, cujas primeiras filas se preparam para fazer fogo no suppliciado; á direita, outro condemnado, maniatado, sahindo da prisão, e dirigindo-se para a polé; á esquerda, quatro soldados, igualmente maniatados, montados em um cavallo de madeira, assistindo á execução.

« *Ce n'est pas sans raison que les grands Cappitaines*

. . . .

Rendent celles dautruy laches et desreglées. »

N.º 225. — O supplicio da forca.

No meio da estampa, vê-se um grande carvalho, do qual apparecem apenas o tronco e os ramos inferiores, tendo nestes muitos enforcados dependurados; por uma escada, encostada á arvore, sobe um condemnado, conduzido pelo carrasco e acompanhado por um religioso; outros criminosos esperam a sua vez; dois d'elles, perto do carvalho, jogam os dados sobre uma caixa de guerra.

« *A la fin ces voleurs infames et perdus*

. . . .

Desprouuer tost ou tard la iustice des Cieux. »

N.º 226. — O arcabuzaço.

Um condemnado, amarrado a um poste, á direita da estampa, é arcabuzado por soldados, postados á frente de um corpo de tropas, formado, de bandeiras desfraldadas, á esquerda da estampa; no chão, perto do poste, vêem-se os cadaveres de dois malfeitores já executados; no 1.º plano, á direita, apparece outro condemnado, assistido por um religioso, encaminhando-se para o supplicio.

« *Ceux qui pour obeir a leur mauuais Genie*

. . . .

Sont ainsi chastiez, et passez par les armes. »

N.º 227. — A fogueira.

No meio da estampa, um condemnado, amarrado a um poste dentro de uma fogueira, é estrangulado pelo carrasco, em presença de dois corpos de tropa, formados á esquerda e á direita. No 1.º plano, á esquerda, vê-se outra fogueira meio armada; e no 2.º, uma igreja e casas ardendo em chammas.

« *Ces ennemis du Ciel qui pechent mille fois*

. . . .

Ils sont eux mesmes enfin aux flammes immolez. »

N.º 228. — O supplicio da roda.

Em uma praça publica, apinhoada de tropa e de povo, levanta-se sobre um alto estrado a roda, a que está amarrado o condemnado, assistido por um padre, soffrendo o supplicio, que lhe inflige o carrasco. Na extrema esquerda da estampa apparece outro condemnado, acompanhado por um religioso, dirigindo-se para o patibulo.

« *L'œil tousiours surueillant de la diuine Astrée*

. . . .

Puis luy mesme deuient le ioüet d'une roüe. »

N.º 229. — O hospital.

Á esquerda da estampa, e perto de uma igreja, vê-se um hospital, para onde se encaminham soldados doentes, estropeados e mutilados.

« *Voyez que c'est du monde et combien de hazars*

. . . .

Et les autres s'en vont du Camps a L'Hospital. »

N.º 230. — Os mendigos e os moribundos.

No meio de uma rua de aldeia, soldados licenciados, espalhados por toda a parte, pedem esmola, emquanto outros,

jazendo sobre monturos (no 1.° plano), a morrer de miseria, recebem de um padre e de outras pessoas caridosas os ultimos soccorros.

« *Que du pauure soldat déplorable est la chance!*

. . . .

De voir l'obiet presant des peines quil endure. »

N.° 231. — A desforra dos camponios.

Camponezes, emboscados á bocca de um matto, atacam soldados que voltam do saque, e lhes infligem a pena de talião, despojando a uns, matando a outros, &.

« *Apres plusieurs degast par les soldats commis*

. . . .

Des pertes de leurs biens, qui ne viennent que deux. »

N.° 232. — A distribuição das recompensas.

Um Rei, sentado no throno, no meio da estampa, distribue recompensas aos militares que se distinguiram na guerra. Em baixo, á direita, occorre: « *Callot fecit Israel excudit.* »; e na margem inferior os versos:

« *Cet exemple d'un Chef plein de reconnoissance,*

. . . .

La honte, le mespris, et le dernier supplice. »

ANONYMO XVI

N.° 233. — Vista do Louvre, segundo Jacob Callot.

Muitas embarcações correm um pareo naval no Sena; d'entre ellas, as duas mais adiantadas, á direita, trazem bandeiras e flamulas floreteadas de lizes. Grande multidão de gente, espalhada pelos caes, ou embarcada, assiste ao especta-

culo; á esquerda, no 1.º plano, a torre de Nesle; á direita, mais ao longe, o Louvre e as Tulherias. Em baixo, á esquerda, sobre a agua, lê-se: « *Callot In* »; e na margem inferior: « *Gagniere excudit* (sic). » Sem data.

A estampa exposta acha-se um tanto mutilada.

Dimensões da gravura no estado actual; altura, 153 millimetros; largura, 299 millimetros.

Cópia, no mesmo sentido do original, da estampa de Callot (n.º 713 de E. Meaume, á pag. 339 do II), descripta pelo mesmo autor ás pp. 638 – 639 do II, sob o titulo *2.ª Serie*, no 3.º estado.

Da Real Bibliotheca.

OS PERELLES

Gabriel Perelle, desenhador e gravador á agua-forte e a buril, chefe d'esta familia de artistas, nasceu em Vernon-sur-Seine em 1595 ou em 1598 e falleceu em Paris em 1675. Teve dois filhos, Nicolau, o mais velho, e Adão. O primeiro, desenhador e gravador como seu pae, e tambem pintor, nasceu em Paris em 1625 e falleceu em Orléans em 1692; aprendeu a pintura com Simão Vouet, que o estimava muito. O segundo, Adão, pintor e gravador, nasceu em Paris em 1628 e falleceu na mesma cidade em 1695 ou em 1702.

As estampas gravadas por Gabriel Perelle e por seus filhos devem necessariamente ser reunidas, não só porque o genero e a maneira de gravar de todos elles são os mesmos, mas tambem porque nas suas estampas não declararam datas, nem marcas ou distincções, pelas quaes se possa com certeza attribuir cada estampa ao artista que a gravou, com excepção apenas das que representam as estações e os elementos, nas quaes occorre o monogramma particular de Nicolau.

A obra dos Perelles, muito consideravel, consta, quasi exclusivamente, de vistas e paizagens segundo Paulo Bril, Cornelio van Poelenburg, Gaspar van Wittel, João Asselyn, Jacob Fouquières, Jacob Callot e principalmente Israel Silvestre.

As paizagens, pela maior parte pequenas, são gravadas com muito bom gosto e graça, muitas vezes ornadas de casaria muito pintoresca e de figuras. Os Perelles são com razão arguidos de terem gravado as suas paizagens antes por prática do que segundo a natureza. Gravaram tambem assumptos militares segundo o engenheiro Beaulieu.

N.os 234–237. — As quatro estações.

Serie de quatro estampas circulares. Sem subscripção, monogramma ou marca (?); e sem data (?). As estampas estão cortadas pelas beiras do desenho.

Diametro dos redondos, 167 a 172 millimetros.

Da Real Bibliotheca.

N.º 234. — A Primavera.

No 1.º plano, sete figuras em diversas posições e um animal carregado, visto pelas costas; no 2.º: no meio, uma ponte sobre um rio, que mais abaixo fórma uma cascatinha, e á direita, casas e dois pastores tocando um rebanho.

N.º 235. — O Verão.

No 1.º plano, dois homens em pé; no 2.º: á esquerda, segadores ceifando uma seara, e no meio, dois pastores seguindo um rebanho; espalhadas pela paizagem muitas casas.

N.º 236. — O Outomno.

No 1.º plano, á esquerda, um portico em ruinas; no 2.º, á direita, caçadores correndo um veado.

N.º 237. — O Inverno.

No 1.º plano, á esquerda, um lenheiro cortando os ramos de uma arvore junto de um rio, que desce da direita; mais além: á esquerda, um animal carregado de lenha e dois homens, vistos pelas costas, e á direita, outro animal tambem carregado e dois homens dirigindo-se para uma casa que lhes fica em frente.

Inclinamo-nos a crer que esta serie é do buril de Nicolau Perelle, sem comtudo o affirmar, á falta de dados positivos.

MELLAN (Claudio)

CM

N.° 23.

Claudio Mellan, desenhador, pintor e gravador á agua -forte e a buril, nasceu em Abbeville em Maio de 1598 (Andresen) ou em 1601 (L.B. e Huber & Rost).

Em Paris, para onde foi muito moço, aprendeu os rudimentos da arte; d'ahi foi-se á Italia; em Roma seguiu a escola de pintura de Simão Vouet, a qual desamparou para dedicar-se tão somente á gravura sob a direcção de Francisco Villamena.

Claudio Mellan trabalhou em Roma e em Paris, ás mais das vezes segundo os proprios desenhos. Os seus contornos são puros, o seu traço fluente, as suas cabeças de homens exprimem o caracter proprio de cada um e as de mulheres são cheias de graça. Nas suas primeiras estampas, gravadas em Roma, usava, como todos os gravadores, de talhos cruzados, mas depois mudou de maneira e empregou talhos não cruzados, ora mais ou menos largos, ora finos, segundo o exigiam as fórmas e o tom que desejava dar aos objectos que gravava.

Em Claudio Mellan deve-se admirar o como com tão poucos trabalhos poude produzir tanto vigor e tanta côr nas suas estampas; a sua maneira singular, nunca desmentida na sua longa carreira artistica, e a mestria, com que a executava, grangearam-lhe grande e bem merecida reputação.

Luiz XIV concedeu ao nosso artista uma pensão e alojamento no Louvre. Claudio Mellan trabalhou até aos ultimos tempos da vida; tambem a sua obra gravada é numerosa: Nagler (*Lexicon*) menciona d'ella 336 estampas. A Santa Veronica de Jesus Christo, adiante descripta (n.° 238), é muito afamada, não porque seja a sua melhor gravura, mas pela maneira singular com que foi executada. Falleceu em Paris a 9 de Setembro de 1688.

N.° 238. — A Santa Veronica de Jesus Christo.

A gravura é executada com um só talho gyrante, que começa na ponta do nariz do Salvador.

Embaixo occorre: 1.°, « FORMATVR VNICVS VNA / NON ALTER »; 2.°, « C M (como no monogramma n.° 23) ELLAN G. P. ET F. / 1649 »; 3.°, « IN ÆDIBVS REG. »
Altura, 430 millimetros; largura, 314 millimetros.
N.° 33, 2.° estado (com a lettra) de L.B. (III, 3).
Da Real Bibliotheca.

N.° 239. — A Virgem Santissima e o Menino Jesus.

Em uma paizagem, a Virgem, sentada ao pé de uma cepa de arvore, a tres quartos para a esquerda, com a cabeça inclinada para a frente, conchega ao seio o Menino Jesus, sentado sobre os seus joelhos. No canto inferior direito, sobre uma pedra, vê-se um escudo de armas, á cuja direita se lê: « *C. Mellan G. / inuen. et sculp. / cum priuilegio* ». Sem data.
Altura, 233 millimetros; largura, 349 millimetros.
N.° 26 de L.B. (III, 3).
A estampa exposta carece de margens.
Da Real Bibliotheca.

CHAPRON (NICOLAU)

Nicolau Chapron, pintor e gravador á agua-forte, nasceu em Chateaudun, verisimilmente em 1599 (R.-Dumesnil).
Em pintura foi discipulo de Simão Vouet. Parece que não tendo sido feliz nas pinturas de sua invenção, se resignára a pintar copiando outros artistas; entretanto applicou-se de preferencia á gravura.
Para aperfeiçoar-se no desenho foi á Roma, e ali gravou as pinturas das lojas do Vaticano, conhecidas pelo nome de *Biblia de Raphael*, em 52 estampas publicadas sob o titulo: *Sacræ historiæ acta à Raphaele urbin. in Vaticanis xystis ad picturæ miraculum expressa a Nic. Chapron... et a se delineata et incisa. Romæ, 1649*, in fol. obl.
Estas estampas, consideradas bôas cópias das excellentes pinturas de Raphael, são em geral bem desenhadas, mas não têem a correcção de stylo, a pureza de desenho e principalmente a nobre verdade de expressão que caracterizam os originaes.
N. Chapron soube variar a sua maneira de gravar segundo os assumptos; é o que se póde facilmente verificar comparando

as estampas da *Biblia de Raphael* com as suas bacchanaes segundo as proprias composições.

O nome d'este artista occorre escripto nas estampas gravadas por elle de differentes modos: ***Chapron***, ***Chappron*** e ***Chaperon***. Adoptámos o primeiro, seguindo a opinião de R.-Dumesnil (VII, 213-214).

N.° 240. — A alliança de Baccho e de Venus.

Em uma paizagem: á esquerda, debaixo de um toldo preso a grandes arvores, as duas divindades em pé, olhando uma para outra; no meio, uma bacchante dormindo, e perto d'ella, um satyro e uma criança segurando uma cabra deitada no chão, em cuja teta se vê outra criança mammando; &. Na margem inferior occorre: 1.°, « *N. Chappron jnu et sculp. 1639.* », á esquerda; 2.°, um distico latino:

« *Conformis patet amborum Natura Deorum*
Nudus Vterque; et amat Bacchus, Amorque bibit »,

no meio; 3.°, « *F. L. D. Ciartes excudit Cum Priuil. Regis Christ.* », á direita.

Altura, 297 millimetros; largura, 385 millimetros.

N.° 58, 2.° estado (com o endereço de Ciartes), de R.-Dumesnil, á pag. 232 do VI.

Da Real Bibliotheca.

BOULANGER (JOÃO)

João Boulanger, desenhador e gravador a buril, nasceu em Amiens ou em Troyes, na Champanha, entre os annos de 1607 a 1613 e falleceu em Paris em idade muito provecta.

« As obras de gravura de Boulanger são acabadas com tanto esmero e tamanha nitidez, que não ha estampas que a gente contemple com mais prazer. São todas abertas a buril somente, e a maior parte representa assumptos religiosos ou retratos de personagens illustres, visto ter Boulanger preferido escolher estes sujeitos mais convinhaveis ao seu genio, que não era muito elevado nem bastante fogoso para tratar de outros, cujo merecimento consistisse na belleza dos caracteres e das expressões. Assim, este gravador se limitava tão somente á pratica da gravura; empregava todo o cuidado em dispor os

seus talhos com igualdade, de modo que o accôrdo das sombras e das meias-tintas produzisse uma côr suave e agradavel; nesse intuito, sem se importar muito com o tempo que nisso gastaria, imaginou exprimir as sombras das carnes por meio de grande quantidade de pontos collocados perto uns dos outros, como se pratíca nas pinturas á miniatura, em vez de as representar, como até então se fazia, por meio de talhos ou traços. Esta nova maneira de gravar sortiu-lhe muito bem e foi depois seguida por muitos outros artistas que, como elle, capricharam em gravar com extrema nitidez. » (Mariette, I, 167 e 168).

Este gravador não deve ser confundido com o seu homonymo, pintor, natural de Troyes, que nasceu em 1606 (?) e falleceu em 1660.

N.° 241. — A Virgem Santissima contemplando o Menino Jesus, que dorme; segundo Simão Vouet.

A Virgem, vista até aos joelhos, sentada, a tres quartos para a direita, olha com affecto para seu Divino Filho, adormecido no seu regaço, e com a mão esquerda levanta a ponta do lençol em que elle está deitado.

Na margem inferior occorre: 1.°, um distico latino:

« *Virgo silet, placidum nati mirata soporem;*
Integra quo nobis est vigilante quies. »;

2.°, « *S. Voüet pinxit.* », á esquerda; « *Franc. Tortebat del. ex. cum priuil.* », no meio; « *I. Boulanger cœlauit 1657.* », á direita.

Altura, 242 millimetros; largura, 202 millimetros.

N.° 21 de L.B. (I, 489).

Da Real Bibliotheca.

DARET (Pedro)

Pedro Daret, desenhador e gravador a buril, nasceu, conforme a versão mais seguida, em Paris em 1610 e falleceu, segundo uns, na mesma cidade em 1675, segundo outros, em Ax, nas charnecas de Bayonna, em 1684.

Depois de ter aprendido os rudimentos da arte na sua

patria, foi á Roma para aperfeiçoar-se no desenho e na gravura. Trabalhou em Paris e na Italia; a sua obra gravada consta de mais de 400 folhas, em cujo numero se conta uma serie de retratos: *Tableaux historiques ... où sont gravés en taille douce les illustres François et étrangers de l'un et l'autre sexe ... grav. par Pierre Daret, Louis Boissevin et B. Moncornet, Paris, 1652-1656*, 2 vols. in-4.°

P. Daret imitou a maneira do pintor Simão Vouet; o seu buril é bello, artistico o seu toque, mas falta-lhe certa morbideza, o que faz com que as suas estampas pareçam seccas.

No fim da vida o nosso artista abandonou a gravura pela pintura, a que se tinha dedicado no principio da sua carreira.

P. Daret formou habeis discipulos, entre outros o celebre Francisco de Poilly. Foi membro da Real Academia de pintura de Paris. Escreveu a vida de Raphael, que não é mais que traducção livre da de Jorge Vasari.

N.° 242. — A Virgem Santissima e o Menino Jesus, segundo Simão Vouet.

A Virgem, a tres quartos para a esquerda, vista até aos joelhos, sentada, achega a si com a mão direita o Menino Jesus ajoelhado no seu regaço; em cima vê-se uma cortina tomada.

Na margem inferior lê-se: 1.°, « EGO DILECTO MEO ET AD ME CONVERSIO EIUS, *Cant.* »; 2°., « *Simon Voüet pinxit* », á esquerda; « *Cum priuileg. Regis* », no meio; « *Daret Sculpsit Parisij: 1638.* », á direita.

Altura, 239 millimetros; largura, 175 millimetros.

Estampa não descripta (?), que proveiu da Real Bibliotheca.

N.° 243. — A Virgem Santissima e o Menino Jesus, segundo Simão Vouet.

A Virgem, de perfil para a esquerda, vista até aos joelhos, sentada junto a uma columna, sustenta no regaço o Menino Jesus, que com a mão esquerda lhe afaga o rosto, e com a direita lhe segura no véo. Na margem inferior occorre: 1.°, um distico latino:

« *Quo puer aspicitur, quo spectat lumine Matrem*
Non alio cupiunt sidere, cuncta regi. »;

2.°, « *Simon Voüet pinxit* », á esquerda; « *Cum priuilegio Regis. 1640.* », no meio; « *Petr. Daret sculpsit Parisij.* », á direita.
Altura, 266 millimetros; largura, 202 millimetros.
N.° 4 de L.B. (II, 94).

Da Real Bibliotheca.

ROUSSELET (Egidio)

Egidio Rousselet, desenhador e gravador a buril, nasceu em Paris em 1614 e morreu cego na mesma cidade em 1686.
A sua maneira de gravar parece-se com a de Cornelio Bloemaert; os seus trabalhos porém são mais largos, mais variados e a sua execução tem mais calor. Muitas das suas estampas provam que era bom colorista e que sabia reproduzir pelo buril os estofos e os diversos objectos que entram na composição de um quadro; muitas d'ellas têem ao mesmo tempo suavidade e viveza. E. Rousselet gravou com feliz exito tanto assumptos historicos como retratos.
A sua obra gravada consta de 334 estampas.

N.° 244. — S. Miguel victorioso do demonio, dito o *Grande S. Miguel do Louvre*, segundo Raphael.

Em uma paizagem, o Archanjo, de frente, com um dardo nas mãos, em posição de quem vae ferir o demonio, visto em escorço no chão, sob um dos seus pés.
Na margem superior lê-se: 1.°, « ***Saint Michel victorieux du Demon*** », á esquerda; « ***Michael Archangelus Cacodæmonem conculcans*** ~. », á direita; 2.°, « *d'Apres le tableau de Raphael d'Vrbin... dans le cabinet du Roy.* », á esquerda; « *ad tabulam Raphaelis Vrbin ... in Pinacotheca Regia.* », á direita; 3.°, á direita, « *Egid. Rousselet sculps.* » Sem data.
Altura, 390 millimetros; largura, 243 millimetros.
N.° 55 de Nagler, *Lexicon* (XIII, 494); N.° 32 de Réveil & Ménard, na obra de Raphael (II, pag. 32).

Da Real Bibliotheca.

DORIGNY (Miguel)

Miguel Dorigny, pintor e gravador a buril e á agua -forte, nascido em 1617 em S. Quintino, falleceu em 1662 em Paris, onde viveu e trabalhou quasi toda a sua vida.

Foi discipulo de Simão Vouet, cuja maneira adoptou tanto na pintura como na gravura. As suas estampas são gravadas segundo as proprias composições e as de outros mestres; nestas, principalmente nas abertas segundo S. Vouet, M. Dorigny representou fielmente o caracter dos originaes, o que quer dizer que lhes copiou tambem todos os defeitos. A sua execução é desembaraçada; soube distribuir com parcimonia a luz nas figuras destacadas e dar bôa disposição ao traçado das roupagens; mas no que descahiu foi no desenho, principalmente dos pés e das mãos.

R.-Dumesnil (iv, 249 e seguintes) descreve 135 estampas do nosso artista, sem contar as que não viu, citadas por outros autores.

M. Dorigny casou-se com a filha mais moça de S. Vouet, seu mestre; e foi professor na Real Academia de pintura de Paris.

N.° 245. — S. Pedro libertado da prisão, segundo Simão Vouet.

O Principe dos Apostolos, guiado por um Anjo cercado de uma aureola, sahindo da prisão e encaminhando-se para a esquerda; aos lados d'este grupo dois soldados, sentados, dormindo. Na margem inferior lê-se: 1.°, « *Tu dirupisti vincula mea: Tibi sacrificabo hostiam laudis. | Psal. 115.* »; 2°, « *Sim. Vouēt pinxit in Oratorio D. D. Petri Seguierij Franciæ Cancellarij* »; 3.°, « *Cum priuilegio Regis Christianiss.ⁱ* », á esquerda; « *M. Dorigny Sculps. Parisijs 1638* », á direita.

Altura, 291 millimetros; largura, 195 millimetros.

N.° 57 de R.-Dumesnil (iv, 271).

Da Real Bibliotheca.

N.° 246. — Diana, segundo Simão Vouet.

Sentada no chão, ao pé de um rochedo, de frente para a direita, tem na mão direita uma setta e com a outra afaga um de dois cães, que se vêem a seu lado, presos a trellas,

cujas pontas estão atadas ao seu braço esquerdo; dentro de um oval, em largo. No canto inferior esquerdo, lê-se: « *S. Voüet pinxit | Cū priuilegio* », e no direito, « *M. Dorigny scul. | Parisi 1638* ».

Dimensões do oval: pequeno diametro, 157 millimetros; grande diametro, 208 millimetros.

A estampa (N.° 60 de R.-Dumesnil) faz parte de uma serie de tres, descripta por este autor sob n.ºˢ 60-62 (IV, 272-273) e por L.B. (II, 138) sob n.ºˢ 44-46.

Da Real Bibliotheca.

SILVESTRE (ISRAEL)

Israel Silvestre, desenhador e gravador á agua-forte, nasceu em Nancy em 1621 e falleceu em 1691 em Paris, onde se tinha estabelecido.

Foi discipulo de seu tio Israel Henriet. Gravava paizagens e vistas com tanta intelligencia e bom gosto, que Luiz XIV o empregou em desenhar e gravar os palacios reaes, as praças de guerra que conquistára e festejos publicos. Depois concedeu-lhe este Rei o titulo de mestre de desenho do Delphim, uma pensão e alojamento no Louvre.

I. Silvestre foi por duas vezes á Italia, de onde trouxe grande numero de desenhos, que posteriormente gravou. A sua maneira participa das de J. Callot e de E. Della Bella. Os seus desenhos são ornados de figurinhas tratadas com muito espirito e bom gosto.

A obra do nosso artista é muito numerosa (mais de mil estampas).

I. Silvestre teve muitos filhos, dos quaes o mais notavel foi Luiz que, chamado a Dresda, ali trabalhou durante trinta annos e foi agraciado por Augusto III, Rei da Polonia e Eleitor da Saxonia, com o titulo de primeiro pintor da Côrte.

N.° 247. — Vista de um porto de mar, nas costas de Roma.

Á esquerda, uma arvore perto de uma torre redonda; para o meio da estampa, casaria e outra torre redonda; embarcações de diversos tamanhos e especies, espalhadas pelo mar, &. Estampa circular.

Na margem superior lê-se: « *Veuë d'un Port de Mer, sur* (á esquerda) *les Costes de Rome, à Naple.* » (á direita); e na inferior: « *I. Silvestre fecit* », á esquerda; « *Auec priuilege* », no meio; e « *le Blond excudit* » á direita. Sem data (1648).

Diametro do circulo, 130 millimetros.

A estampa faz parte de uma serie de 6 vistas de portos de mar de Napoles e seus arredores, descripta por Huber & Rost sob n.º 17 (VII, 185).

A gravura exposta tem as margens um pouco mutiladas.

Da Real Bibliotheca.

NANTEUIL (Roberto)

Roberto Nanteuil, desenhador e gravador a buril, filho de um negociante de Reims, nasceu nesta cidade, em 1618, segundo Baldinucci, ou em 1630, segundo a opinião mais geral; entretanto o autor do artigo sobre Nanteuil do *Magasin pittoresque*, XXVII (1859), pp. 322 e 323, attribue a data provavel do seu nascimento ao anno de 1623, á vista da noticia do *Mercure galant* de Dezembro de 1678, em que se diz ter elle fallecido nesse anno na idade de 55 annos.

R. Nauteuil começou os seus estudos classicos em um Collegio de Jesuitas de Reims; arrastado por irresistivel vocação para as artes do desenho occupava-se, nos lazeres dos seus estudos e ainda nas classes, a desenhar os retratos dos seus companheiros; e como os Jesuitas lhe contrariavam a vocação e a applicação a trabalhos de arte, R. Nanteuil passou-se para o mosteiro dos Benedictinos d'aquella cidade, os quaes, se não oppunham ás inclinações artisticas do discipulo, antes as animavam, facultando-lhe copiar e gravar antiguidades, epitaphios, quadros da igreja e do mosteiro, illuminuras de livros, &.

Não se sabe quem ensinou os rudimentos da arte a R. Nauteuil; affirma-se entretanto que se aperfeiçoou no desenho e na gravura com Nicolau Regnesson, seu compatriota, a quem excedeu e cuja irmã desposou.

As primeiras estampas que abriu são: um *Tambor*, segundo Jacob Callot; um retrato de *Luiz XV*, dentro de um oval, segundo Lasne; e duas estampas que entalhou em arvores do campo — *Jesus Christo* e a *Virgem Santissima* —, quando ainda estava no Collegio dos Jesuitas. Varios trabalhos, infelizmente perdidos, e o retrato do benedictino *Estevão Vuille-*

quin (n.° 9 de Robert-Dumesnil), do qual se diz inverisimilmente ter sido aberto com um prego, convenientemente aguçado em fórma de ponta de buril, são gravados em 1644.

A estampa que serviu para ornar a sua these de philosophia não foi, como se tem dito, a *Sacra Familia* gravada por Nicolau Regnesson e por Nanteuil (n.° 7 de Huber & Rost, na obra de Regnesson), nem tão pouco outra *Sacra Familia* burilada somente por Nanteuil em 1645 (n.° 2 de Robert -Dumesnil), mas uma estampa *representando tres figuras, a Piedade, a Justiça e a Prudencia, saudando a Universidade, a qual estampa serviu para a these de philosophia que sustentei em 1645* », segundo diz o proprio Nanteuil, citado pelo *Magasin pittoresque* á pag. 323 do XXVII (1859).

Em 1648 foi Nanteuil para Paris, onde se estabeleceu e viveu até á data da sua morte.

O seu talento, applicação e obras fizeram-n'o em pouco tempo muito conhecido; o proprio Rei, Luiz XIV, dispensou-lhe as suas bôas graças: em 1650 baixou, a seu pedido, o célebre edito de S. João da Luz a favor da gravura, reconhecendo a excellencia, as prerogativas d'esta arte e as vantagens que ella proporciona, distinguindo-a das artes mecanicas, libertando-a dos obices a que era sujeita e confirmando-lhe para sempre a distincção e a liberdade devidas ás artes liberaes; e creou em seu favor (1658) o lugar de desenhador e gravador do Real Gabinete, com uma pensão annual de mil libras.

A obra gravada de R. Nanteuil consta de 234 estampas, pela maior parte retratos. Antes de os gravar, Nanteuil os fazia a pennejado, a lapis preto e a pastel, com muita perfeição e parecença, o que contribuia para que as gravuras sahissem tão bem acabadas. Parece certo que em grande numero de retratos Nanteuil teve por collaboradores a artistas distinctos, taes como Nicolau Pitau, Nicolau Regnesson, Pedro Simão e Cornelio Vermeulen. As chapas abertas por Nanteuil soffreram muitas alterações tanto durante a sua vida, como depois da sua morte, alterações ás vezes tão consideraveis que algumas estampas do ultimo estado parecem antes impressas por chapas diversas das que serviram para a impressão das estampas correspondentes no 1.° estado, como, por exemplo, o retrato do bispo du Mans, *Beaumonoir de Lavardin* (n.° 35 de Robert-Dumesnil).

É para lamentar que os retratos de Nanteuil tivessem sido feitos em busto, por quanto a ausencia dos accessorios lhes diminue um tanto a importancia. Ha do nosso artista 32 retratos, de tamanho natural, gravados em toda a pujança do

seu talento, pelos quaes se mostrou burilista superior aos seus predecessores.

Si depois d'elle têem apparecido trabalhos superiores, cabe-lhe a gloria de ter desbravado a estrada que percorreram com tanta ou maior gloria os gravadores que lhe succederam. Estes, graças a seculos de experiencia e de progresso, têem elevado a arte á perfeição; mas as bôas partes das suas gravuras existem em germen nas estampas de Nanteuil; entretanto algumas d'estas podem rivalizar com as obras primas dos gravadores modernos.

R. Nanteuil variava a sua maneira de gravar segundo os objectos e o seu capricho: ordinariamente representava as meias-tintas com pontos; gravava com talhos sem pontos (a cabeça do retrato de *Eduardo Mollé*, n.° 193 de Robert -Dumesnil), com pontos somente (o retrato da Rainha Christina da Suecia, n.° 67 de Robert-Dumesnil) e finalmente com talhos não cruzados á maneira de Claudio Mellan.

Roberto Nanteuil falleceu em Paris em 1678.

N.° 248. — Retrato de Pedro Seguier, Marquez de S.t Brisson.

A meio corpo, de tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, com grande cabelleira, vestido de armadura tendo por cima uma facha a tiracollo; dentro de um oval sobre uma mesa.

No oval occorre: « MESSIRE PIERRE SEGVIER CHEVALLIER MARQUIS DE S.T BRISSON PREVOST DE PARIS *&c.* »; e por baixo d'elle, o brazão do retratado; a cujos lados se lê: « *Nanteuil ad viuum* (á esquerda) *del. et sculpebat 1659* (á direita)».

Altura, 262 millimetros; largura, 184 millimetros.

N.° 224 de R.-Dumesnil (IV, 176).

A estampa tem as margens mutiladas.

Da Real Bibliotheca.

AUDRAN (GERARDO)

A celebre familia Audran contou em seu seio numerosos artistas, mais ou menos distinctos, principalmente gravadores, que floresceram no XVII e no XVIII seculos; de todos elles porém o mais afamado é Gerardo Audran.

Gerardo Audran, desenhador, gravador a buril e á agua-forte, e editor de estampas, nasceu em Lyão a 2 de Agosto de 1630 e aprendeu a gravura com seu pae Claudio 1., gravador mediocre, e com seu tio Carlos. As suas primeiras obras resentem-se de certa dureza e incorrecção de desenho; mas o seu talento, a sua assiduidade no estudo, a morada que fez em Roma (1665 - 1668), os conselhos de Carlos Maratti, de Cyro Ferri e sobretudo de Carlos Le Brun fizeram d'elle um desenhador correctissimo e o mais notavel gravador de historia da escola franceza, talvez sem rival nas outras escolas.

G. Audran trabalhou em Paris de 1660 a 1664, e em Roma de 1665 a 1668; de volta á França obteve, mediante recommendação de C. Le Brun, as bôas graças de Colbert, ao qual deveu a protecção de Luiz XIV, que mandou dar-lhe aposentadoria na fabrica dos *Gobelins* e o nomeou seu gravador ordinario, com pensão. A Academia de pintura tambem o distinguiu, recebendo-o no seu gremio, como socio (1674), e depois (1681) nomeando-o seu conselheiro. São da sua ultima estada em França (1668 a 1703) os seus melhores trabalhos. G. Audran morreu em Paris a 23 de Julho de 1703.

Os processos empregados por G. Audran differem dos até então usados; as suas estampas, com excepção de poucas gravadas sómente a buril, são trabalhadas á agua-forte e a buril, servindo-lhe este utensilio apenas para aperfeiçoar aquillo que a ponta não tinha exprimido com nitidez.

É aqui bem cabida a apreciação que faz Levesque (*Encyclopédie méthodique: Beaux Arts*, 1, 384) da maneira de gravar de G. Audran: « Si o merecimento de Gerardo Audran consistisse tão somente no optimo gosto do desenho, as suas estampas deveriam ser procuradas: elle porém pintava com a ponta e com o buril, e nas suas mãos estes instrumentos tinham a facilidade do pincel. Pela sua mestria todos os objectos eram representados com o caracter que lhes era proprio. As garupas de alguns cavallos das *Batalhas de Alexandre* accusam o mais energico buril; em outras partes reconhece-se tão sómente a agua-forte pintoresca. Para representar os planos remotos bastam-lhe talhos chatos: pontos de differentes fórmas exprimem as differentes encarnações (*). Um gravador perito poderá, ao contemplar as pinturas reproduzidas em gravura por Gerardo Audran, graval-as em imaginação de maneira differente, mas quando attentar nas estampas por elle abertas, ha de reconhecer que não podiam ser melhor gravadas e con-

(*) Vide a palavra *encarnação*, em Assis Pinheiro (Bibliographia).

cluir que os seus trabalhos têem attractivos e razão de ser que não teriam quaesquer outros da mesma especie por que fossem substituidos. Reconhece-se que todos esses trabalhos eram inspirados por um sentimento profundo da gravura e da pintura. Gerardo Audran não póde ter imitadores: para gravar como elle, só elle. »

A ser verdadeiro o dito attribuido a C. Le Brun, que G. Audran nas quatro gravuras das *Batalhas de Alexandre* tinha aformoseado as suas pinturas, nenhum outro elogio póde ser mais honroso ao celebre gravador.

G. Audran teve officina de gravura e negocio de estampas em Paris, a principio *Aux Gobelins*, e depois na *Rue S.t Jacques, aux deux piliers d'or*, onde tambem publicou, como editor, obras de seus sobrinhos e de outros gravadores. Elle assignava as suas estampas dos seguintes modos: — *G. A.;* — *G. Au.;* — *Ge. Audran;* — *Gi. Audran;* — *Ger. Audran;* — *Gir. Audran;* — *Gira. Audran.*

As batalhas de Alexandre Magno.

Serie de cinco estampas gravadas á agua-forte e a buril, segundo Carlos Le Brun, das quaes quatro por Gerardo Audran e uma, a *Tenda de Dario*, n.º 258 d'este Catalogo, por Gerardo Edelinck.

Quasi todos os iconographos dizem que as quatro estampas de G. Audran são gravadas em 13 chapas; entretanto R.-Dumesnil diz que cada uma das estampas: *Passagem do Granico, Batalha de Arbelles* e *Póro ferido, levado á presença de Alexandre*, é aberta em quatro chapas, e a *Entrada triumphante de Alexandre em Babylonia* em duas, o que prefaz o total de 14 e não de 13 chapas; de feito as quatro estampas expostas constam de 14 folhas.

Os dizeres na margem inferior são em francez e latim (aquelles á esquerda, e estes á direita).

Convem observar que as estampas expostas apresentam, na largura, pequena diminuição em relação ás dimensões de R.-Dumesnil e outros, provavelmente por terem ellas sido colladas outr'ora inconvenientemente,

N.os 57-60 de R.-Dumesnil; N.os 15-18 de Andresen; N.os 212-215 de Delaborde; N.os 228-231 de Le Blanc.

Provieram da Real Bibliotheca as estampas d'esta serie.

N.º 249. — Passagem do Granicho.

No meio da estampa, Alexandre a cavallo, de espada em punho, e por detraz d'elle Clyto descarregando uma machadada sobre Spithridates, prestes a ferir o heroe; á esquerda, o exercito macedonico passando o rio a vau; e á direita, cavalleiros persas vindo ao encontro do inimigo, armados de lanças; etc.

Em baixo, á esquerda, lê-se: = *Gir. Audran sculps. 1672.*=; e na margem inferior (da esquerda para a direita):

1.º, = *Graué par Gir. Audran, sur le tableau de M.r le Brun, premier Peintre du Roy: | Ce tableau est dans le Cabinet de sa Ma.te il a 16 pieds de hault sur 30 pieds de long.* =;

2.º, = LA VERTV SVRMONTE TOVT OBSTACLE. | *Alexandre ayant passé le Granique, attaque les Perses a forces inegales, | et met en fuitte leur innombrable multitude* ~ =;

3.º, = VIRTVS OMNI OBICE MAIOR | *Alexander superato Granicho... exercitum fundit* ~ =;

4.º, = *Aeri incisus... 16 pedes alta et 30 pedes lata.* =

Altura, 651 millimetros; largura, 1m,380.

N.º 57 (1) de R.-Dumesnil, IX, 280; N.º 212 de Delaborde, 394.

A estampa exposta pertence ao 3.º estado, a saber: no 1.º dizer da margem inferior a palavra *Pintre* (2.º estado) foi substituida por *Peintre*.

N.º 250. — Batalha de Arbelles.

No meio da estampa, Alexandre a cavallo, de espada em punho, embraçando o escudo, arremette contra o inimigo; por sobre a cabeça do heroe paira uma aguia, como que symbolisando a sua grandeza; á direita, Dario assentado em um carro puxado por dois cavallos, que escravos fazem recuar; no 1.º plano da extrema direita, um cavalleiro cataphractario atirando uma setta; &.

Em baixo, á esquerda, lê-se: = *Gir. Audran sculps. 1674.*=; e na margem inferior (da esquerda para a direita):

1.º, = *Graué par Gir. Audran, sur le tableau de M.r le Brun premier Peintre du Roi. | ce tableau est dans le Cabinet de sa Ma.te il a 16 piedz de hault, sur 39. pi. 5. pou. de long.* =;

2.°, = LA VERTV EST DIGNE DE L'EMPIRE DV MONDE. | *Alexandre apres plusieurs Victoires deffit Darius dans la bataille qu'il donna pres d'Arbelle, et ce dernier combat | ayant acheué de reuerser le throsne des Perses, tout l'Orient fut soumis a la puisssance des Macedoniens* ⤳ = ;

3.°, = DIGNA ORBIS IMPERIO VIRTVS. | *Post multas victorias... cessit imperij* ⤳ = ;

4.°, = *Aeri incisus... 16 pedes alta, et 39 p. et 5. poll. lata.* =

Na margem lateral direita vê-se em caracteres romanos, figurados por series de pontos, o numero XIIIIIIII.

Altura: 654 millimetros (á esquerda), 648 millimetros (á direita);

Largura, 1^{m},580 (em cima), 1^{m},570 (em baixo).

N.° 58 (2) de R.-Dumesnil, IX, 281; N.° 213 de Delaborde, 394.

A estampa exposta pertence ao 3.° estado, por trazer no 1.° dizer da margem inferior a palavra *Peintre*, e não *Pintre*, como no 2.° estado.

N.° 251. — Póro ferido, levado á presença de Alexandre.

Em uma paizagem, Alexandre a cavallo, á frente de outros cavalleiros, recebe com benevolencia a Póro ferido, que dois soldados conduzem em braços á sua presença, no meio da composição; um elephante, traspassado de settas, jazendo por terra, na extrema esquerda; carros quebrados, homens, elephantes e cavallos mortos por toda a parte; &.

Em baixo, á direita, lê-se: = *Ger. Audran sculp. 1678.* =; e na margem inferior (da esquerda para a direita):

1.°, = *Graué par Gir. Audran, sur le tableau de M.^{r} le Brun premier Peintre du Roy : | ce tableau est dans le cabinet de sa M.^{te}, il a 16 piedz de hault, sur 39. pi. 5. po. de long.* = ;

2.°, = LA VERTV PLAIST QUOY QUE VAINCVE ⤳ | *Alexandre n'est pas seulement touché de compassion, en voyant la grandeur d'ame du Roy Porus qu'il a vaincu, | et fait son prisonnier, mais il luy donne des marques honorables de son estime, en le receuant au nombre de ses amis, | et en luy donnant en suitte vn plus grand Royaume que celuy qu'il auoit perdu* ⤳;

3.°, = SIC VIRTVS ET VICTA PLACET ⊸ | *Pori Regis victi... ampliori regno* ⊸ =;

4.°, = *Aeri incisus... 39 p. et 5. poll. lata.* =

Altura, 650 millimetros; largura, 1,m570.

N.° 59 (3) de R.-Dumesnil, IX, 282; N.° 214 de Delaborde, 394.

A estampa exposta pertence ao 2.° estado, isto é, tem lettras.

N.° 252. — Entrada triumphante de Alexandre em Babylonia.

Em um carro puxado por dois elephantes, ricamente ajaezados, Alexandre, de pé, segurando com a mão esquerda um sceptro tendo a figura da Victoria na parte superior, e empunhando uma espada com a direita; aquem do carro, um cavalleiro dando ordens a dois escravos, que carregam em uma padiola um rico vaso cinzelado; etc.

Em baixo, á esquerda, lê-se: = *Gir. Audran sculps. | 1675.* =; e na margem inferior, á esquerda:

1.°, = AINSY PAR LA VERTV S'ELEVENT LES HEROS. | *Entrée Triomphante d'Alexandre dans Babilone, au milieu des concerts de | musique et des acclamations du Peuple.* =;

2.°, = *Graué par Ger. Audran, sur le tableau de M.r le Brun premier Peintre du Roy. Ce tableau est dans le cabinet de Sa M.té il a 16 piedz de hault, sur 21 pi. 5 pou. de long.* =;

e á direita:

1.°, = SIC VIRTVS EVEHIT ARDENS. | *Alexander Babilonem... ingreditur* ⊸ =;

2.°, = *Aeri incisus... 21 p. et 5. poll. lata.* =

Altura, 655 millimetros; largura, 917 millimetros (em cima), 920 millimetros (em baixo).

N.° 60 (4) de R.-Dumesnil, IX, 283; N.° 215 de Delaborde, 394.

A estampa exposta pertence ao 2.° estado, a saber, tem lettra, mas não o nome de *Goyton*.

LEVIEUX (Reinaldo)

Reinaldo Levieux, pintor e gravador á agua-forte, nascido em Nimes cêrca de 1630, era filho de um ourives d'esta cidade.

Aprendeu os rudimentos da arte de pintura na sua provincia; mas entendendo que os seus estudos nunca seriam completos sem ir á Italia, foi por differentes vezes a esse paiz, de onde colheu todo o fructo de sciencia de que era capaz: muita mestria na composição, grande correcção de desenho, brilho e verdade no colorido, pelo que veiu a merecer lugar distincto entre os pintores de segunda ordem.

R. Levieux pintou grande numero de quadros; como gravador, só se conhece d'elle a estampa que vae adiante descripta.

N.º 253. — O repouso na fuga para o Egypto.

Em uma paizagem: ao pé de uma arvore, á esquerda, a Virgem Santissima, sentada, de perfil para a direita, sustenta nos braços o Menino Jesus visto de frente; no fundo, á direita, S. José, de perfil para a esquerda, lendo um livro. Em baixo, para a esquerda, occorre o dizer: « *Leuieux f J.* » Sem data.

Altura, 120 millimetros; largura, 90 millimetros.

N.º 1 de R.-Dumesnil (VIII, 271-273). Vide L.B. (II, 549); e Zani, á pagina 29 do VI da II parte.

Le Blanc e R.-Dumesnil descrevem esta estampa com o titulo de *Sacra Familia;* julgamos porém preferivel adoptar a denominação que lhe dá Zani.

A respeito d'esta bellissima gravura diz o já citado R.-Dumesnil: « Ha de Levieux, como gravador, uma Sacra Familia muitissimo rara. Gravada á agua-forte com ponta extremamente espirituosa, e sem duvida na Italia, onde provavelmente a chapa se terá perdido, só conhecemos d'ella um unico exemplar, pertencente ao Sñr. Prospero de Beaudricour. »

Da Real Bibliotheca.

PICART (Estevão), dito o *Romano*

Estevão Picart, dito o *Romano*, desenhador e gravador á agua-forte e a buril, nasceu em Paris em 1631 (Huber & Rost

e Bryan) ou em 1632 (Nagler, *Lexicon*, e Andresen) e falleceu em Amsterdão a 12 de Novembro de 1721.

Depois de ter recebido lições de Egidio Rousselet, foi, por conselho de Carlos Le Brun, á Roma, onde permaneceu por muito tempo e tratou de perto com Carlos Maratti. Por causa da sua prolongada residencia nesta cidade tomou, quando voltou á patria, o cognome de *Romano*, em parte tambem para distinguir-se de um mau gravador seu homonymo e contemporaneo.

Estevão Picart foi gravador do Rei; e, em 1664 (Larousse) ou em 1684 (Nagler, *Lexicon*), a Real Academia de pintura, de esculptura e de gravura de Paris recebeu-o no seu gremio.

Por motivos de religião expatriou-se com seu filho, Bernardo Picart, e foram ambos residir em Amsterdão, onde trabalharam constantemente até morrerem.

Além de algumas estampas que gravou para a collecção dita *Le Cabinet du Roi*, reproduziu pela gravura pinturas de muitos mestres italianos e francezes, gravou retratos segundo os proprios desenhos, e vinhetas e outros trabalhos para livreiros. Na abertura das suas chapas muitas vezes empregou simultaneamente a ponta e o buril; mas como deixava a agua-forte mordel-as muito, as estampas assim gravadas têem aspecto um tanto duro. Gravou á maneira de Francisco de Poilly e reproduziu pela gravura pinturas do harmonioso Correggio, mas sem accôrdo e de maneira secca e dura.

N.º 254. — Santa Cecilia cantando os louvores de Deus, segundo Domingos Zampieri, dito o *Dominichino*.

A Santa, em pé, vista até aos joelhos, a tres quartos para a direita, com o rosto de frente e os olhos levantados para o céo, toca violoncello; defronte d'ella, um anjo, nú, de perfil para a esquerda, apresenta-lhe um livro de musica aberto, que elle apoia sobre a cabeça, segurando-o com as duas mãos, no qual se lê: « *Fiat cor meum immaculatum ut nõ confũdar.* » Na margem inferior occorre: 1.º, « *S.te Cecile chantant les Loüanges de Dieu.* », á esquerda; « *Cæcilia Virgo Domino decantans.* », á direita; 2.º, « *Grauée d'apres le tableau du Dominicain... poulces de large.* », á esquerda; « *Æri*

incisa ex tabula Dominicani... pollices lata. », á direita; 3.°, « *Steph. Picart Romanus sculp.* », á direita.

Altura, 384 millimetros; largura, 271 millimetros.

N.° 20 de Nagler, *Lexicon* (XI, 256).

Da Real Bibliotheca.

BAZIN (Nicolau)

Nicolau Bazin, gravador a buril, editor e mercador de estampas, nasceu na cidade de Troyes, na Champanha, pelo anno de 1636 e trabalhou em Paris, ajudado por artistas que estipendiava, de 1681 a 1707.

As suas estampas são ordinariamente de um só tamanho, in-4.°, d'onde provém a denominação — *Formato* ou *Papel Bazin*, que ás vezes se dá ás estampas in-4.°

« Nicolau Bazin, gravador a buril, diz Mariette, I, pag. 88, dedicou-se principalmente a representar assumptos religiosos, e ninguem melhor do que elle soube dar-lhes o ar edificante que inspira a devoção, da qual aliás elle proprio vivia muito penetrado; a sua vida era exemplarissima; só frequentava e tinha relações de amizade com ecclesiasticos ou pessoas religiosas recommendaveis pelas suas virtudes. Foi discipulo de Mellan, a quem muito ajudou nos trabalhos dos ultimos annos da sua vida; mas depois abandonou a maneira do mestre para tomar a que lhe era propria, e que lhe comprazia pelo seu bem acabado, maneira que entretanto é fria, languida e sem espirito. Não ha sal em tudo quanto fez este gravador; as suas obras representam perfeitamente o seu genio, que era extremamente pacato. Desenhava com muita nitidez e paciencia; e nada mais.

« Alguns annos antes de morrer Bazin dispoz de todas as suas chapas, foi para Troyes, na Champanha, onde se estabeleceu e morreu como tinha vivido, isto é, imbuido nos sentimentos de um perfeito christão, cheio de humildade e do amor de Deus ».

Não nos consta em que anno falleceu.

N.° 255. — David cantando os louvores de Deus, segundo Domingos Zampieri, dito o *Dominichino*.

O santo Rei, sentado, a tres quartos para a esquerda e olhando extatico para o alto, toca harpa; na sua frente um

anjo, em pé, apresenta-lhe um livro aberto; no 2.º plano, á direita, uma criança escreve em um livro aberto e segura com a mão esquerda uma espada, cuja ponta descança no chão; ao longe, á esquerda, uma paizagem.

Na margem inferior occorrem: 1.º, quatro versos em francez, dispostos em duas columnas:

« *Charmer les sens de l'homme en mesme temps, l'instruire*

. . . .

C'est ce que fait David en louant le Seigneur »;

2.º, « *Peint par le Dominiquin.* », á esquerda; « *Se Vend à Paris Chez N. Bazin rüe de St. Severin devant l'Eglize, aux armes du Roy.* », á direita. Sem data.

Altura, 228 millimetros; largura, 185 millimetros.

N.º 2 de L.B. (1, 211).

A estampa é cópia reduzida da gravada por Egidio Rousselet (N.º 2 de Andresen, á pagina 402 do II).

Da Real Bibliotheca.

SIMONNEAU (Carlos)

Carlos Simonneau, desenhador e gravador á agua-forte e a buril, nascido em Orléans cêrca de 1639, falleceu em Paris em 1728.

Aprendeu a desenhar com Noel Nicolau Coypel e a gravar com Guilherme Château, a quem, a todos os respeitos, excedeu; mas foi antes ás suas felizes disposições naturaes para esta arte que deveu a perfeição que nella attingiu. Desenhava muito bem; e gravou segundo as proprias composições e as de varios mestres.

A sua maneira é espirituosa e agradavel; costumava empregar a agua-forte para representar as meias tintas e os planos remotos e o buril para as partes mais vigorosas. Gravou com feliz exito quasi todos os generos: assumptos historicos, retratos, vinhetas, &. Em algumas das suas estampas assignou-se: « Simonneau l'ainé », para distinguir-se de seu filho Luiz Simonneau.

Em 1710 foi recebido na Real Academia de pintura, esculptura e gravura de Paris, apresentando como *obra de recepão* o retrato de Julio Harduino Mansard; e pouco depois obteve o titulo de gravador do Rei, com ordenado.

As suas estampas excedem o numero de 130.

N.° 256. — Os comicos italianos, segundo Antonio Watteau.

No meio, duas mulheres dansando; á esquerda, um homem, com o rosto quasi todo encoberto pelas abas do chapèu, sobraçando um bandolim; á direita, um *pierrot*, e por detraz d'este um palhaço tomando uma cortina, que cahe do alto. No fundo, uma paizagem com um busto de satyro.

Na margem inferior lê-se: 1.°, «*Peint et Gravé à l'eau forte par Wattaux et* (á esquerda) *retouché au burin par Simonneau l'ainé.* (á direita)»; 2.°, duas quadras em francez, subscriptas por *Gacon*, em duas columnas:

« *Les habits sont Italiens,*

. . . .

De la france et de litalie »;

3.°, o endereço do mercador: «*A Paris chez* SIROIS *sur le Quay Neuf aux Armes de France. C. P. G.*» Sem data.

Altura, 277 millimetros; largura, 200 millimetros.

N.° 1, 3.° estado (a saber, com a lettra e o endereço de Sirois), de E. Goncourt, *L'Œuvre de Watteau*, pag. 11.

Como a propria estampa o diz, a chapa foi trabalhada á agua-forte por Watteau e retocada a buril por Simonneau, o qual, por mais que fizesse, só poude conseguir que a estampa sahisse de mediocre merecimento.

Tratando dos defeitos de Watteau como aguafortista, diz Goncourt (*Opere citato*, pag. 11): «Devemos confessar que as aguas-fortes de Watteau não passam de meras curiosidades, mas curiosidades da ordem das cousas rarissimas.»

Da Real Bibliotheca.

EDELINCK (Gerardo)

Gerardo Edelinck, desenhador e gravador a buril, o mais célebre artista de uma familia de gravadores de origem flamenga, nasceu em Antuerpia em 1640 (R.-Dumesnil, VII, 170) e falleceu em Paris a 2 de Abril de 1707.

Foi discipulo de Cornelio Galleu. A convite de Colbert mudou-se em 1665 para Paris, onde se estabeleceu e trabalhou

até fallecer. Luiz XIV deu-lhe aposentadoria nos *Gobelins* e encheu-o de beneficios, pelos quaes o nosso artista votou sempre ao grande Rei a maior gratidão.

Em 1677 foi G. Edelinck recebido membro da Academia Real de pintura e de esculptura. Ainda que flamengo de nascimento, deve ser considerado como mestre da escola franceza, não só por ter sido em Paris que aperfeiçoou o seu talento, mas especialmente porque ninguem melhor do que elle pode caracterizar a maneira de gravar d'essa escola. As suas estampas são em numero de 339 (R.-Dumesnil, VII, 171).

Levesque (*Encyclopédie méthodique: Beaux-Arts*, I, 385) aprecia do seguinte modo o merecimento artistico de Gerardo Edelinck: « Reconhece-se nelle o compatriota dos famosos gravadores, discipulos de Rubens. O seu trabalho, ao mesmo tempo desembaraçado e precioso, denuncía profundo sentimento da côr. O seu buril é mais apurado que o dos Vorstermans e dos Bolswerts, sem ser menos pintoresco; este apuro porém não degenerava em minudencia nem o obrigava ás delongas, que os gravadores empregam hoje em abrir as suas chapas, delongas que lhes inspiram aborrimento á sua arte e os tornam tibios. As dimensões e o numero das suas estampas attestam a sua admiravel facilidade no trabalho. Lançando um rapido olhar sobre a sua *Magdalena penitente*, admira-se-lhe o effeito, a expressão, a nitidez; examinando-a com mais attenção, fica-se sorprendido da afouteza de toque, que nella se vê, e é justamente esse toque que lhe dá espirito de vida. Parece que este segredo morreu com elle, em mal dos gravadores a buril. Julgado por esta estampa, Le Brun parece grande colorista e fôrça é confessar que este habilissimo pintor, traduzido por Edelinck e por Audran, parece haver tido perfeições que lhe faltavam. Edelinck não fez obras mediocres; em todas ellas ha calor; todas as suas cabeças são vivas. Entre as suas obras primas contam-se: a *Sacra Familia* segundo Raphael; a *Familia de Dario em presença de Alexandre*, a *Magdalena* e o *Christo dos anjos*, segundo Le Brun; os retratos de *Desjardins*, de *Le Brun*, de *Rigaud*; mas de todas as suas estampas era ao retrato de *Champagne* que elle, tão competente na materia, dava a preferencia. A mais gabada das suas gravuras é a *Sacra Familia*, por ter sido a primeira obra que lhe deu reputação; quando o autor se excedeu a si proprio, continuou-se a repetir os elogios a principio dados a esta estampa, que é com effeito de grande belleza. »

N.º 257. — A Sacra Familia, segundo Raphael.

Cinco figuras e dois anjos: o Menino Jesus, sahindo do berço, lança-se nos braços de sua Mãe Santissima; á direita, S. João, de mãos postas, adorando-o, junto de Santa Isabel que, de joelhos, o sustenta pelos braços; á esquerda S. José, com o rosto apoiado na mão direita, absorto em meditação; no 2.º plano, á direita, um dos anjos deitando flores sobre a cabeça da Virgem e o outro de mãos cruzadas no peito; no fundo, á direita, uma paizagem. Em baixo vê-se: á esquerda, « *Raphael Pinx.* »; á direita, « *G. Edelinck sculp.* »; e no meio, os vestigios de um escudo de armas existente no 3.º estado da chapa. Na margem inferior occorre: 1.º, « *La Sainte famille de Iesus Christ.* », á esquerda; « *Sacra Christi Familia* ~ », á direita; 2.º, « *D'apres le tableau de Raphael d'vrbin... au Cabinet du Roy* », á esquerda; « *Ex tabulâ Raphaelis vrbinatis... in pinacothecâ Regia.* », á direita. Sem data.

Altura, 393 millimetros; largura, 297 millimetros.

N.º 4, 4.º estado (com o brazão do Abbade Colbert apagado), de R.-Dumesnil (VII, 178-179).

Esta composição é conhecida pelas denominações de *Grande Sacra Familia do Louvre*, ou *de Francisco I.*

A estampa é uma das obras primas do gravador; a Bibliotheca Nacional possue, além do exemplar acima descripto, proveniente da Real Bibliotheca, outro no 2.º estado, que é raro, no volume LX da Collecção Araujense.

N.º 258. — A familia de Dario aos pés de Alexandre; estampa gravada em duas chapas e impressa em duas folhas, segundo Carlos Le Brun, geralmente conhecida pela denominação de *Tenda de Dario.*

Em uma paizagem: á direita, Alexandre acompanhado de Ephestião, á entrada de uma rica tenda, onde se vêem as pessoas da familia de Dario: Sisygambis, mãe do Rei vencido, confusa por ter tomado Ephestião pelo vencedor, prosternada perante este, pedindo-lhe perdão do seu engano e recebendo do heroe esta resposta: — « Não vos enganastes,

minha mãe; este é outro Alexandre » — ; a mulher de Dario, de joelhos e supplicante, apresentando-lhe seu filho; Statira, enxugando o pranto e sua joven irmã de mãos postas, ajoelhadas, implorando a clemencia do vencedor; &.

Na margem inferior lê-se:

na folha da esquerda:

1.°, logo abaixo do traço terminal da estampa, á esquerda: = *C. le Brun pinxit G. Edelinck sculpsit* = ;

2.° = *Il est d'vn Roy se vaincre soy mesme ⥽ | Alexandre, ayant vaincu Darius prez la ville d'Isse, entre dans vne tente, ou estoient la Mere, la femme, et | les filles de Darius, ou il donne vn exemple singulier de retenüe e de clemence ⥽ = ;*

3.°, = *Graué par le Sr. Edelinck, d'apres le tableau qu'en a faict M. le Brun premier peintre du Roy. et que sa Ma.té prenoit plaisir de luy voir peindre a fontainebleau en lannée 1661 ⥽ = ;*

na folha da direita:

4.°, = *Sui victoria indicat Regem ⥽ | Alexander, Dario ad Issum victo, tabernaculum Reginarum ingreditur, vbi singulare ⥽ | clementiæ ac continentiæ præbet exemplum ⥽* = ;

5.°, = *Aeri incidit Gerardus Edelinck, ad tabulam Caroli le Brun Regij Pictoris primarij, quem, illam pingentem Rex videre dilectabatur apud fontem bellaquæum anno. 1661.* =

Altura: 615 millimetros (á esquerda), 618 millimetros (á direita);

Largura: 893 millimetros, em cima; 897 millimetros, em baixo.

N.° 42 de R.-Dumesnil, VII, 200; N.° 13 de Andresen, I, 431.

O exemplar exposto pertence ao 6.° estado, isto é, tem o nome de *Goyton* ás avessas, na margem inferior, á direita, apagado, de modo a mal poder ser lido; e traz, na margem lateral direita, a 132 millimetros da parte superior da gravura, uma serie de 20 pontos, mui proximos ao traço terminal da gravura.

A largura d'esta estampa não condiz com a que dá R.-Dumesnil, talvez por terem sido as duas folhas colladas outr'ora de modo inconveniente.

Bellissima estampa. Da Real Bibliotheca.

Os barbas grandes.

Serie de oito retratos, descriptos por Huber & Rost sob n.os 8–15 (v, 178–179), dos quaes a Bibliotheca Nacional possue seis, e expõe somente os abaixo descriptos, pertencentes ao 3.° estado de R.-Dumesnil (com o endereço de Drevet).

Da Real Bibliotheca.

N.° 259. — Retrato de Alberto Durero.

A meio corpo, de tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, segurando com a mão esquerda uma chapa de cobre e com a outra um buril, além de uma mesa, em que apoia o braço esquerdo. Parte da manga esquerda do gibão da figura está cahida, encobrindo um pouco a face anterior da mesa; nesta mesma face lê-se: « *Albert Durer G.ur* »; e na margem inferior da estampa o seguinte: « *Edelinck scul.* », á esquerda; « *Drevet excud.* », á direita.

Altura, 307 millimetros; largura, 201 millimetros.

N.° 193, 3.° estado, de R.-Dumesnil (VII, 253-254).

A estampa exposta tem as margens quasi inteiramente mutiladas.

N.° 260. — Retrato de Ticiano Vecelli, de Cadora.

A meio corpo, de pé, de tres quartos para a esquerda, com o rosto voltado para a direita, olhando para a frente, tendo na mão esquerda uma palheta e um mólho de pinceis, e na direita um tento á guisa de bengala.

Em baixo, no meio, lê-se: « *Titien* »; e na margem inferior: « *Edelinck Scul.* », á esquerda; « *Drevet excud.* », á direita.

Altura, 312 millimetros; largura, 202 millimetros.

N.° 327, 3.° estado, de R.-Dumesnil (VII, 329).

A estampa exposta tem as margens quasi inteiramente mutiladas.

N.º 261. — Retrato de Luiz XIV, segundo Carlos Le Brun.

Em duas folhas. No alto da estampa: no meio, Luiz XIV, a cavallo, vencedor dos seus inimigos, que, symbolisados por diversos animaes e figuras humanas, se vêem por baixo e aos lados dos pés do ginete; por cima da cabeça do Rei, a Providencia pairando no ar, tendo na mão direita o sceptro e na esquerda a corôa de França; á esquerda, o anjo exterminador; á direita, outro anjo segurando uma bandeira, onde se lêem, 1.º, os nomes das praças conquistadas por Luiz XIV: « *S. Omer, Fribourg, Cambray* »; 2.º, « *Monstra iam desunt mihi | sensere Terræ Pacis auctorē suæ | senec in here f.* »

Na parte inferior da estampa: um grupo com varias figuras allegoricas, a inveja, a hypocrisia, &, derribadas no chão, e um monstro lançando pela bocca fogo e fumo; e perto do traço terminal, « *Le Brun Inuenit* » á esquerda; e « *Edelinck sculp.* C P R », á direita.

Entre o grupo dos inimigos do grande Rei e o da parte inferior da estampa occorre: « *Ludouico Magno | Europâ Terrâ Marique Compositâ | Vot. Pub.* »

Na margem inferior, por baixo do nome de Edelinck, vêem-se tres pequenas linhas parallelas, assim: ≡.

Sem data (1677).

Altura, 1ᵐ, 079; largura, 753 millimetros.

N.º 259 de R.-Dumesnil, VII, 292; N.º 214 de Le Blanc, II, 188. No 2.º e 3.º estados esta gravura é conhecida pelo nome de *These da Paz.*

A estampa exposta pertence ao 3.º estado, cujos principaes caracteres são: na bandeira, a palavra *Valencienne* (1.º estado) foi apagada, accrescentando-se o dizer « *Monstra iam,.. in here f.* », que não existia no 1.º estado; o texto da these do Abbade Colbert, escripto por baixo dos inimigos do grande Rei (1.º estado), foi apagado e substituido pelo dizer « *Ludouico Magno... Vot. Pub.* » e pelo grupo da parte inferior da estampa (caracteres communs ao 2.º e ao 3.º estados); os tres traços parallelos ≡, na margem inferior, por baixo do nome de Edelinck (peculiar ao 3.º estado).

Da Real Bibliotheca.

N.º 262. — Retrato de Nicolau Verien, segundo Jouvenay.

Em busto, embuçado na sua capa, com o tronco voltado para a esquerda, o rosto de frente e a mão direita no peito; dentro de um oval, meio truncado aos lados, sobre uma peanha. Nesta occorre: 1.º, sobre a parte superior, « *Iouuenay Pinx.* », á esquerda; « *Edelinck Sculp.* », á direita; 2.º, na face anterior:

« *Nicolas Verien* ~
Graueur a Paris.
1685. »

Altura, 138 millimetros; largura, 90 millimetros.

N.º 335, 3.º estado, de R.-Dumesnil (VII, 333).

Da Real Bibliotheca.

SCOTIN (Gerardo)

Gerardo Scotin, gravador a buril, nasceu em Gonesse, perto de Paris, em 1642, floresceu na 2.ª metade do XVII seculo e principio do XVIII e falleceu em 1718.

Foi discipulo de Francisco de Poilly Senior; mas, ainda que manejasse o buril com muita nitidez, as suas gravuras não têem a morbidez das do mestre; demais o desenho das suas figuras é um tanto incorrecto.

Parece que teve casa de commercio de estampas, visto como se encontra o seu endereço em uma serie de estampas segundo Pedro Boel.

O nosso artista não deve ser confundido com Luiz Gerardo Scotin, que passa por seu sobrinho.

N.º 263. — Os desposorios de Jesus Christo com Santa Catharina, segundo Alexandre Turchi, dito Alexandre *Veronense* e tambem *O Orbetto.*

Á direita, a Virgem Santissima, a tres quartos para a esquerda, vista até aos joelhos, sentada, sustenta com a mão esquerda o Menino Jesus no seu regaço; á esquerda, Santa Catharina, em pé, de perfil para a direita, apoia a mão direita em um fragmento de roda e extende a esquerda, sustentada pela Virgem, para receber o annel nupcial que o Menino Jesus

lhe põe no dedo. Na margem inferior occorre: 1.° «*Iesus Christ espouse S.te Catherine.*», á esquerda; «*Catharinam Virginem sibi desponsat Christus.*», á direita; 2.° «*D'après vn tableau d'Alexandre Veronese... de large.*», á esquerda; «*Ad tabulam Alexandri Veronensis... Regia.*», á direita; 3.°, «*G. Scotin sculps 1676.*», á direira.

Altura, 243 millimetros; largura, 331 millimetros.

N.° 4, 2.° estado (com o nome de Scotin), de Nagler, *Lexicon* (XVI, 176).

Da Real Bibliotheca.

FARJAT (BENTO)

Bento Farjat, gravador a buril, nascido em Lyão em 1646, foi discipulo de Guilherme Chasteau, a quem, á custa de applicação e com o andar do tempo, levou a melhor pela sua maneira de gravar mais larga e morbida.

Accompanhou o mestre á Italia; estabeleceu-se definitivamente em Roma, onde se casou com a filha do célebre paizista Francisco Grimaldi, dicto o *Bolonhez*, e viveu até a data da sua morte.

As suas estampas, gravadas segundo os mais notaveis mestres italianos, são muito procuradas e estimadas pelos entendidos.

Bento Farjat com certeza era vivo em 1718; geralmente se diz que fallecêra cêrca de 1720.

N.° 264. — Homero e a Musa da Poesia, segundo Agostinho Scilla.

No 1.° plano, o Poeta, de frente, sentado sobre uma pedra á borda do mar, coroado de louro, com a tuba na mão esquerda, e o braço direito extendido para o lado esquerdo da estampa, ouve attento o que lhe diz ao ouvido a Musa da Poesia, de pé, ao seu lado esquerdo, com a lyra na mão direita e o braço direito extendido para a esquerda; no 2.° plano, dois exercitos inimigos ferem batalha. Em baixo occorre: á esquerda, «*Aug. Scilla Messi: Inu. et del.*»; e á direita, «*Benedetto Fariat sculp.*» Sem data.

Altura, 123 millimetros; largura, 257 millimetros.

N.° 20 de L.B. (II, 219).

Da Real Bibliotheca.

AUDRAN (Bento I)

Bento I Audran, desenhador, gravador á agua-forte e a buril, filho de Germano Audran, nasceu em Lyão a 25 de Novembro de 1661.

Na idade de 17 annos foi para Paris, onde aprendeu a gravura com seu tio Gerardo Audran.

Trabalhou muito nesta cidade, em cuja Academia de pintura foi recebido membro em 1715; obteve a nomeação de gravador do Rei e falleceu na sua propriedade rural de Louzouer, perto de Sens, a 2 de Outubro de 1721.

Bento I Audran morou em Paris na rua de S.t Jacques, *à l'Image de Saint Prosper* (1698), e depois no Palacio do Luxemburgo (1714), em um aposento que lhe foi dado como pensionario do Rei.

Dos Audrans foi Bento I quem mais se approximou da perfeição de Gerardo Audran; as suas estampas são gravadas de maneira larga e facil; o seu buril é doce, desembaraçado e afoito; o seu desenho correcto; os seus contornos determinados, as suas cabeças expressivas e as extremidades das suas figuras bem acabadas. São estas bôas partes que distinguem as estampas de Bento I das de Bento II, seu sobrinho, com as quaes têem sido por vezes confundidas.

As estampas de Bento I são geralmente assignadas: « *B. Audran* »; « *Bened.s Audran.* »

N.º 265. — Retrato de João Baptista Colbert, segundo Claudio Le Febvre.

A meio corpo, de tres quartos para a direita, olhando para a frente, com a condecoração do Espirito Santo; dentro de um oval, em cima de uma peanha. Um anjo, debruçado sobre a parte superior do oval, despeja de uma cornucopia, que tem nas mãos, grande quantidade de fructas; á direita da estampa, uma cortina, que cahe do alto a baixo. Na peanha vê-se, no meio, o brazão do retratado tendo por baixo: « JOANNES BAPTISTA COLBERT. », e aos lados d'este dizer: á esquerda, « *C. le Febvre Effigiem pinxit.* »; e á direita, « *Benedictus Audran sculpsit* ». Sem data.

Altura, 506 millimetros; largura, 386 millimetros.

N.º 245 de L.B. (1, 76).

A estampa exposta tem as margens mutiladas.

Da Real Bibliotheca.

DREVET (Pedro)

Pedro Drevet, gravador a buril e editor de estampas, nasceu na communa de Loire, cantão de Condrieu, departamento do Rhodano, no antigo Lyonnez, a 20 de Julho de 1663 e falleceu em Paris a 9 de Agosto de 1738 (Firmin-Didot, pp. v e xv).

Aprendeu a gravura em Lyão com Germano Audran; veiu, não se sabe quando, para Paris, onde trabalhou a principio na officina de Gerardo Audran, irmão mais moço de seu mestre Germano Audran; entretanto as relações que travou com o celebre pintor retratista Jacintho Rigaud, o induziram a dedicar-se á gravura de retratos de preferencia a assumptos religiosos e historicos, que Gerardo Audran cultivava. Estas relações tambem lhe foram de grande proveito pelos sabios conselhos que recebeu d'este famoso pintor sobre assumptos da arte, como o proprio gravador o declara no dizer que occorre no retrato do dito J. Rigaud (n.º 111, 2.º estado, de Firmin-Didot), que é uma das suas obras-primas: « *Hyacinthus Rigaud... Hanc ab ipso mèt coloribus expressam effigiem, æri incidit Petrus Drevet...; perenne grati animi monumentum; quod illum in artis peritia sapientibus consiliis juvenit* (sic, aliás *juverit*) *anno MDCC.* »

Em 1692 P. Drevet estabeleceu-se com casa de negocio de estampas por conta propria; em 1696 foi nomeado gravador do Rei, provavelmente em consequencia de ter gravado no anno anterior o retrato de Luiz XIV, a meio corpo, a contento do retratado; em 28 de Setembro de 1703 foi admittido como Aggregado na Real Academia de pintura, de esculptura e de gravura e recebido Academico a 27 de Agosto de 1707.

Em remuneração dos seus trabalhos El-Rei Luiz XV concedeu, a 27 de Julho de 1726, a Pedro Drevet e a seu filho Pedro Imbert Drevet alojamento nas galerias do Louvre com sobrevivencia de um para outro.

« Pedro Drevet é notavel pela pureza do buril, pela energia do traço, pela perfeição dos mais minuciosos pormenores e pela harmoniosa gradação dos tons, que substitue de algum modo a côr, a tal ponto que ninguem com facilidade seria mais fiel interprete da pintura. Passarei por alto as suas estampas religiosas, das quaes entretanto *O sacrificio de Abrahão* é de merecimento, para somente considerar Drevet Pae naquillo que constitue o maior titulo da sua gloria: a gravura de retratos.

« Possuia a qualidade primordial, essencial, ainda mais indispensavel ao retratista do que ao gravador de historia: a

sciencia profunda do desenho. Si teve a fortuna de gravar a maior parte da sua obra segundo dois mestres como J. Rigaud e Nicolau de Largilière e si o brilho das pinturas d'estes se reflecte sobre a interpretação do buril, é fôrça confessar que Pedro Drevet se manteve na altura dos seus modelos. As figuras com as suas physionomias proprias, vivas, destacam-se tão bem sobre o papel, como sobre a téla, a despeito do fausto esmagador das roupagens, tão exprobrado a Rigaud e ao seu émulo. Drevet não tinha á sua disposição um grande recurso, a côr, mas, a poder de tenacidade e de perseverança, teve a habilidade de produzir com o buril tudo quanto póde substituir esta grande encantadora. » (Firmin-Didot, pp. XXIV e XXV).

Pedro Devret foi coadjuvado na gravura de algumas das suas estampas por seu filho Pedro Imbert Drevet, razão por que têem ellas sido attribuidas pelos autores ora a um, ora a outro d'estes artistas; na obra de Firmin-Didot (pp. XXXI - XXXIV) este ponto de controversia é tratado com muito criterio.

Conhecem-se de Pedro Drevet 105 estampas; d'ellas a obra capital é o retrato de Luiz XIV, em corpo, de pé, gravado em 1712 (n.º 55 de Firmin-Didot), e a ultima, o retrato de Luiz Boullogne (n.º 27 de Firmin-Didot).

N.º 266. — Retrato da Duqueza de Nemours, segundo Jacintho Rigaud.

Vista até aos joelhos, a tres quartos para a esquerda, sentada, com a mão direita sobre uma corôa ducal. Na margem inferior occorre: 1.º, « *Hyacint.º Rigaud pinxit* », á esquerda; « *Pet. Drevet sculpsit 1707.* », á direita; 2.º, o titulo, tendo de permeio um cartucho com o brazão da retratada em dois escudos unidos pelos lados:

« *Marie, par la grace de Neufchâtel et Vallagin,* (Brazão) *Dieu, Souveraine de Duchesse de Nemours* »,

Altura, 421 millimetros; largura, 335 millimetros.

N.º 91 de L.B. (II, 143); N.º 115 de Firmin-Didot, pag. 79.

Da Real Bibliotheca.

TARDIEU (Nicolau Henrique)

Nicolau Henrique Tardieu, desenhador e gravador a buril e á agua-forte, nasceu em Paris em 1674 e falleceu na mesma cidade em 1749.

Successivamente discipulo de João Lepautre e de Audran (Gerardo, segundo uns; João, segundo outros), fez-se em pouco tempo conhecido pelos seus bellos desenhos, facilidade e assiduidade no trabalho. Antonio Coypel, 1.° pintor do Rei, conhecendo o seu merecimento como abridor, encarregou-o de gravar algumas das suas pinturas da galeria do *Palais Royal*. N. H. Tardieu tambem gravou muitas das estampas de outras collecções publicadas no seu tempo: a de Crozat; a dos quadros de Carlos Le Brun na galeria de Versalhes, segundo desenhos de Massé; a historia de Constantino, segundo Rubens; &.

N. H. Tardieu empregava simultaneamente talhos cruzados (*hachures*), regulares ou livres, e alliava a ponta ao buril, segundo os caracteres dos differentes objectos, produzindo assim estampas cheias de muito bom gosto e perfeição.

Entrou para a Real Academia de pintura, esculptura e gravura de Paris em 1720. Entre os discipulos que formou contam-se: Jacob Nicolau Tardieu, seu filho; Lourenço Cars; Jacob Philippe Lebas; Bernardo Baron.

Como Nicolau Henrique Tardieu e seu filho, Jacob Nicolau Tardieu, muitas vezes subscreviam as suas estampas somente com o appellido « Tardieu » e ambos gravaram differentes estampas de uma mesma serie ou collecção, é ás vezes difficil distinguir quaes são as do buril do pae, quaes as do filho.

A mulher de Nicolau Henrique Tardieu (*) dedicou-se tambem á gravura.

N.° 267. — A Virgem Santissima e o Menino Jesus, segundo João Baptista Santerre.

A Virgem, de frente, sentada em um banco, em cujo encosto descança o braço direito, com o pé direito sobre um

(*) Das informações contradictorias, que encontrámos nos biographos e iconographos, não pudemos tirar a limpo quem fôra a mulher do nosso artista: si Isabel Clara Tournay, segundo Huber & Rost (VIII, 20) e Nagler, *Lexicon* (XIX, 31), si Maria Anna Horthemels (nascida em Paris em 1682, + a 24 de Março de 1727), segundo Lalanne, nos artigos *Horthemels* e *Tardieu*. O mesmo Lalanne diz mais que Jacob Nicolau Tardieu, filho de Nicolau Henrique Tardieu, se casára em primeiras nupcias com Joanna Francisca Luiza Duvivier (+ a 6 de Abril de 1762) e em segundas com Isabel Clara Tournay, nascida em Paris em 1731, onde falleceu a 3 de Maio de 1773. Convém ainda notar que todas estas mulheres foram gravadoras.

escabello, olha com affecto para seu Divino Filho, que sentado a seu lado, com semblante risonho, extende os braços para ella. Na margem inferior occorre: 1.°, « *J. B. Santerre pinxit* », á esquerda; « *Tardieu sculp.t 1715* » á direita; 2.°, dois versos hexametros latinos:

> « *Dum blando arridet Matri puer ore ; Redemptor,*
> *Corde suam effuso meditatur sanguine mortem.* »,

á esquerda; com a traducção dos mesmos em quatro outros francezes,

> « *Comme enfant il sourit tendrement a sa mere.*
> *Comme victime de son Pere,*
> *Animé d'un Divin transport,*
> *Son coeur brusle en secret du desir de la mort.* »,

á direita; 3.°, « *A Paris chez N. Tardieu rue S.t Jacques au Mecenas.* », á esquerda.

Altura, 316 millimetros; largura, 234 millimetros.

N.° 16 de Nagler, *Lexicon* (XVIII, 111).

Da Real Bibliotheca.

N.° 268. — Retratos de Antonio Watteau e de João de Julienne, segundo o proprio Watteau.

Em uma paizagem: Watteau, em pé, segurando com a mão esquerda uma palheta e pinceis, e com a direita um tento apoiado no chão á guisa de bengala, por detraz de seu amigo João de Julienne, sentado, tocando violoncello ; á direita, uma téla sobre um cavallete.

Lê-se na margem inferior o seguinte: 1.°, « *A. Watteau pinxit.* », á esquerda; « *Tardieu Sculp.* », á direita; 2.°, seis versos francezes em duas columnas:

> « *Assis, au près de toy, sous ces charmans Ombrages,*
> *Du temps, mon cher Watteau, je crains peu les outrages ;*
> *Trop hereux ! si les Traits, d'un fidelle Burin*
> *En multipliant tes Ouvrages,*
> *Instruisoient l' Univers des sinceres hommages*
> *Que je rends à ton Art divin !* » ;

3.°, « *a Paris Avec Privillege du Roy.* »

Altura, 380 millimetros; largura, 295 millimetros.

N.° 14 de Goncourt, *L'Œuvre de Watteau*, pag. 22;

N.º 63 de Nagler, *Lexicon* (XVIII, 113); N.º 17 de Andresen (II, 584).

Ainda que Nagler e Andresen descrevam a estampa como retratos de Watteau e do proprio gravador, N. H. Tardieu, preferimos seguir a opinião do Snr. E. de Goncourt, que diz serem os retratados Watteau e João de Julienne.

Da Real Bibliotheca.

DUPUIS (CARLOS)

Carlos Dupuis, desenhador e gravador á ponta e a buril, nasceu em Paris em 1675 (Andresen) ou em 1685 (Huber & Rost) ou ainda em 1695 (L.B.).

Foi discipulo de Gaspar Duchange, cuja filha veiu depois a desposar; trabalhou por algum tempo em Inglaterra, mas viu-se obrigado a voltar para a patria por lhe não convir á saude o clima d'aquelle paiz. A maior parte das suas estampas são gravadas á agua-forte e acabadas a buril. Profundo conhecedor da arte, C. Dupuis gravou com muito bom gosto; a sua maneira é larga e o seu toque magistral.

Ainda moço foi membro da Real Academia de pintura, de esculptura e de gravura de Paris. Abriu retratos e assumptos de historia. Falleceu em Paris em 1742.

N.º 269. — Retrato de Nicolau de Largillière, segundo Carlos Estevão Geuslain.

Em busto, de tres quartos para a esquerda, olhando para a frente; dentro de uma moldura oval sobre uma larga peanha. Parte da capa do retratado vê-se fóra da moldura, cahida sobre a peanha. Nesta occorre: 1.º, *Peint par | Geulain* », á esquerda; « *Gravé par | Charles Dupuis | pour sa Reception | à l'Academie | en 1730.* », á direita; 3.º, « NICOLAS DE LARGILLIERRE | *Natif de Paris, Peintre ordinaire du Roy, et | Recteur en son Academie Royale.* », no meio.

Altura, 348 millimetros; largura, 241 millimetros.

N.º 12 de L.B. (II, 158).

Da Real Bibliotheca.

N.° 270. — O philosopho casado, segundo Nicolau Lancret.

Á direita, um homem gordo, a tres quartos para a esquerda, de chapéu na cabeça e bengala na mão esquerda, extende risonho a direita para o philosopho casado, que se vê no meio da estampa, de perfil para a direita, com o chapéu debaixo do braço, extendendo-lhe a mão esquerda. Perto do homem gordo, outro, de perfil para a esquerda, arrimado á sua bengala, comprimenta o philosopho com a mão direita. Á esquerda da estampa, um grupo de tres figuras: no meio, um moço segurando com ambas as mãos o chapéu na altura do peito; á esquerda, uma mulher de mãos cruzadas; e á direita, outra segurando o leque com as duas mãos. No fundo, á direita, terceira mulher sentada.

A scena passa-se em uma vasta sala ornada de columnas, tendo, no fundo, á esquerda, uma porta envidraçada com um dos batentes aberto.

Na margem inferior occorre: 1.°, « *N. Lancret pinxit* », á esquerda; « *C. Dupuis Sculpsit* » á direita; 2.°, « LE PHILOSOPHE MARIÉ *Acte V. Scene dernier* » no meio; 3.°, oito versos, em duas columnas:

« *A ce mauvais plaisant a ce railleur grossier,*

. . . .

Et l'autre par ses ris prouve son mauvais cocur.
N. D. »;

4.°, por baixo do titulo, o seguinte endereço: « *a Paris chez la Veuve de F. Chereau graveur du Roy ruë S. Jacques aux deux pilliers d'Or Avec privilége du Roy.* » Sem data.

Altura, 327 millimetros; largura, 438 millimetros.

N.° 61, 1.° estado (com a palavra *cocur*, em vez de *cœur*, no ultimo verso), de E. Bocher, *Lancret*, pag. 47.

Esta estampa faz *pendant* á outra, *O glorioso*, gravada por Nicolau Gabriel Dupuis, descripta por Bocher, *Opere citato*, sob n.° 37, á pag. 29.

Da Real Bibliotheca.

LARMESSIN Junior (NICOLAU DE)

Nicolau de Larmessin Junior, gravador a buril, nasceu em Paris em 1684 e falleceu na mesma cidade, segundo uns, em 1755, e segundo outros, um anno depois.

Foi discipulo de seu pae, de igual nome, a quem exce-

deu; chegou a ter certa nomeada, em consequencia das estampas que gravou para a collecção Crozat; mas arrastado pela moda da epoca perverteu o seu gôsto, gravando somente assumptos de genero segundo Watteau, Lancret e Boucher. Abriu retratos e assumptos historicos; a sua maneira de gravar é nitida, entretanto as extremidades das suas figuras não são convenientemente tratadas.

O celebre Jorge Frederico Smidt, de Berlim, trabalhou em Paris sob a direcção de N. Larmessin Junior e muitas das estampas gravadas por aquelle segundo Lancret estão marcadas com o nome de seu mestre.

N. Larmessin Junior foi gravador do Rei.

N.° 271.—*L'après dinée*, segundo Nicolau Lancret.

Á sombra de grandes arvores de um parque jogam o gamão um homem e uma mulher, moços. O taboleiro está em cima de uma mesa, entre os jogadores; á esquerda, a dama, assentada, de perfil para a direita, segurando o copo com a mão esquerda e pousando a direita no taboleiro; á direita, o cavalheiro, tambem sentado, voltado para uma mulher, de pé, por detraz d'elle, mostrando-lhe o jogo, como quem pede conselho. Além da mesa outra dama, em pé, com a mão esquerda sobre o encosto da cadeira do cavalheiro.

Na margem inferior lê-se: 1.°, « *Lancret pinxit.* », á esquerda; « *De Larmessin Sculp.* », á direita; 2.°, « L'APRES DINEE (sic) »; 3.°, quatro versos francezes, em duas columnas:

« *Ce Jeu doit exercer l'etude et la Fortune*

. . . .

Dans d'autres Demelez un Tiers nous importune

M.r Roy. »;

4.°, o endereço do mercador, « *a Paris chez De Larmessin graveur du Roy ruë des Noyers la 2.me porte cocher adroite entrant par la ruë S.t Jacques. A. P. D. R.* ». Sem data.

Altura, 283 millimetros; largura, 361 millimetros.

N.° 10, 1.° estado (a saber, sem o endereço de Crepy), de E. Bocher, *Lancret*, pag. 10.

A estampa pertence a uma serie de quatro (*Le Matin*, *Le Midi*, *L'après dinée* e *La Soirée*), gravadas pelo mesmo artista, segundo N. Lancret, denominadas *As quatro horas do dia* (N.os 25-28 de L.B., á pag. 493 do II).

Da Real Bibliotheca.

WATTEAU (Antonio)

Antonio Watteau, pintor e gravador á agua-forte, nasceu em Valenciennes a 10 de Outubro de 1684 e falleceu em Nogent-sur-Marne a 18 de Julho de 1721.

Filho de um telhador, manifestou desde a infancia tamanha propensão para o desenho que o pae o poz a estudar na officina de um mau pintor da sua cidade natal, onde não ficou por muito tempo. Ou desgostoso por ter o filho desamparado o officio, ou á falta de recursos, o que é certo é que o pae de A. Watteau não continuou a fornecer-lhe os meios pecuniarios para a sua educação artistica; nem por isso porém desanimou o nosso artista e, resolvido a seguir a sua vocação, poz-se a caminho para Paris (1702) sem dinheiro e sem outra roupa mais que a do corpo. Nesta cidade entrou logo para a officina de um certo Métayer, borrador, que negociava em quadros grosseiramente executados: Virgens, Meninos Jesus, todos os Santos do paraiso, flores, paizagens, &., que vendia ás duzias aos negociantes das provincias. Tinha o mestre um processo singular para executar estas obras de fancaria; dos artistas por elle empregados cada qual trabalhava exclusivamente em uma especialidade: um fazia os ceus, outro as roupagens, este as cabeças, aquelle dava os brancos, &.; estas pinturas assim feitas tinham aos olhos do mestre tanto mais merecimento quanto mais depressa eram acabadas. Em pouco tempo avantajou-se A. Watteau aos seus companheiros pela sua aptidão para todos os trabalhos e rapidez com que os executava; durante muito tempo levou a pintar sómente quadros de S. Nicolau, e tantos fez que já os pintava de cór e sem modelo, recebendo pelo seu trabalho tres libras por semana e a sopa diaria. Entretanto esta vil occupação não arrefecia o enthusiasmo do nosso artista, que não cessava de estudar nas suas horas de lazer, á noite, aos domingos e dias santos, desenhando do natural, &.

Aborrecido afinal de trabalho tão monotono e não esperando melhorar de posição em casa de Métayer, passou-se A. Watteau para a officina de Gillot, que pintava com gosto bacchanaes, scenas campestres, arliquinadas, assumptos de modas *(Caprichos)*, &. Foi este quem iniciou A. Watteau no genero em que tanto se distinguiu depois. Pouco duraram as bôas relações do novo mestre e do discipulo; foi-se este então a trabalhar com Claudio Audran, ajudando-o na decoração do Luxemburgo, onde teve occasião de aperfeiçoar-se estudando os quadros dos grandes mestres ali existentes, principalmente os de Rubens.

Desejoso da sua liberdade, deixou A. Watteau a companhia de Claudio Audran a pretexto de visitar sua familia em Valenciennes; de feito partiu para a cidade natal, onde pouco se demorou pela versatilidade do seu genio, tornando de novo para Paris. Os dois primeiros quadros do seu pincel (n.os 52 e 53 de Goncourt), pintados para Sirois, sogro de Gersaint, já tinham feito conhecido o talento do nosso artista em Paris, o que muito facilitou a sua bôa fortuna na carreira artistica. Travou então relações com o celebre amador, o Conde de Crozat, que poz ao seu dispor todas as riquezas da sua famosa Collecção, cujas obras primas estudou e copiou, podendo dizer-se que foi ahi que A. Watteau verdadeiramente formou o seu bom gosto; entretanto o nosso artista não ficou por muito tempo na companhia de tão benevolo protector.

Desejando visitar a Italia para estudar os grandes mestres italianos, concorreu para o premio de Roma em 1709, mas obteve somente o 2.° premio. Para levar a effeito o seu intento recorreu então a um artificio; mandou collocar em uma das salas do Louvre, por onde passavam os membros da Academia de pintura quando iam ás sessões, os seus dois primeiros quadros, que foram muito apreciados pelos Academicos, principalmente por Carlos de Lafosse. Este, informado de que os quadros eram de um pintor que sollicitava da Academia a graça de recommendal-o a El-Rei para obter a pensão de Roma, mandou-o chamar á sala das sessões e disse-lhe: « Que ides fazer á Italia, meu amigo? Vós sabeis mais do que nós. Não é o caminho da Italia que deveis tomar, sim o da Academia. » A. Watteau foi immediatamente (1712) admmittido na Academia como Aggregado e cinco annos depois (a 28 de Agosto de 1717) recebido como Academico, com o titulo novo e bem merecido de *Pintor de festas galantes*. Tambem depois d'isto nunca mais pensou na viagem á Italia.

Tão subita mudança na fortuna de A. Watteau não teve entretanto influencia sobre o seu genio, ao mesmo tempo timido, versatil, sombrio, atrabilario e caustico, nem sobre a sua maneira de viver solitario. Continuou sempre a estudar e a trabalhar, mas como não tinha fé no proprio merecimento e nunca estava contente com as suas obras, gastava muito tempo a fazer e desfazer nellas as partes que lhe pareciam más.

Em 1720 foi á Inglaterra, mas como o clima de Londres lhe fosse infenso á saude voltou para Paris em 1721. Foi então que pintou em oito dias a famosa taboleta (n.° 95 de Goncourt) para a loja de seu amigo Gersaint, mercador de quadros em Paris, em cuja casa fôra morar. Com Gersaint

esteve oito mezes; mas como o seu estado de saude exigia que mudasse de ares, retirou-se para Nogent-sur-Marne, onde falleceu da molestia de peito que havia muito o consumia.

Deixou A. Watteau alguma fortuna em dinheiro (9 mil libras) e grande numero de desenhos, que legou a seus quatro amigos: Gersaint, o Abbade Haranger, Julienne e Henin.

A. Watteau desenhava correctamente; os seus quadros (em n.° de 563, segundo C. Blanc, *Histoire des peintres :* École française, Watteau, 11), são vivos, espirituosos, poeticos e conservam sempre muita naturalidade no meio dos seus comediantes, pastores convencionaes, &. As pinturas do nosso artista foram muitissimo afamadas no seu tempo; depois descahiram em completo descredito e até desprezo, e modernamente são de novo estimadas e procuradas, apesar do defeito de estarem muito ennegrecidas em consequencia do oleo graxo que empregava nellas. João Baptista Pater e Nicolau Lancret foram seus discipulos e imitadores.

As estampas gravadas á agua-forte por A. Watteau denunciam a falta de habito e o desazo artistico de um pintor inexperiente no manejo da ponta; não podem portanto ser tidas em conta de bôas gravuras e devem antes ser consideradas como verdadeiras curiosidades, mas curiosidades que entram na ordem das cousas rarissimas.

Segundo Goncourt a obra gravada por A. Watteau consta de nove estampas; entretanto o mesmo autor, conformando-se com a opinião de D'Argenville, não desespera que ainda virá um dia em que se descubram outras gravuras do nosso artista.

N.° 272. — Os recrutas indo reunir-se ao seu regimento.

Oito recrutas a pé marcham para a esquerda, tendo á frente o commandante a cavallo, acompanhado por dois cães.

Na margem inferior occorre: 1.°, « *Watcaux pinxit* », á esquerda; « *Thomasin sculp.* », á direita; 2.°, o titulo, « RECRUË / ALLANT IOINDRE LE / REGIMENT »: 3.°, doze versos francezes, em duas columnas, aos lados do titulo, subscriptos por *Gacon:*

« *A Voir marcher cette Recruë,*

. . . .

De la fatigue du Voiage »;

4.°, por baixo do titulo, o endereço do mercador: « *Sevent* (sic) *A Paris Chez Sirois... de france. A. P. R.* »

Altura, 207 millimetros; largura, 333 millimetros.

N.° 2, 2.° estado (com o endereço de Sirois), de Goncourt, *L'Œuvre de Watteau* pag. 12. Vide tambem em Huber & Rost: o n.° 13 da obra de Thomassin Filho (Henrique Simão), no vol. VII, pag. 302, e o n.° 2 da obra de Watteau, á pag. 43 do VIII; e Robert-Dumesnil, á pp. 182 e 183 do II.

O Sñr. E. de Goncourt, apoiando-se em uma nota inedita de Mariette, affirma positivamente, em contradicção á opinião de Robert-Dumesnil, que esta estampa é gravada á agua-forte por Watteau, e não por Boucher, e terminada por Thomassin Filho (Henrique Simão).

Da Real Bibliotheca.

SURUGUE (Luiz)

Luiz Surugue, desenhador e gravador á agua-forte e a buril, nasceu em Paris em 1686 (Nagler, *Lexicon)* ou em 1695 (Huber & Rost) e falleceu em Grand-Vaux, perto de Savigny, em 1762 (Nagler, *Lexicon)* ou em 1769 (Huber & Rost).

Ainda moço foi-se á Hollanda, em companhia de seu mestre Bernardo Picart, de quem foi collaborador, principalmente na grande obra da Galeria do Presidente Lambert. Em 1716 voltou de vez para a França, onde gravou muitas estampas, umas avulsas, outras fazendo parte de series, nas quaes diversos gravadores tambem trabalharam: a *Grande Escada de Versalhes*, a *Historia de Dom Quichote*, o *Romance comico*, a *Galeria de Dresda*, &.

Gravou, combinando admiravelmente a ponta com o buril, os mais differentes sujeitos, segundo mestres italianos, francezes e hollandezes: André del Sarto e Coypel, Le Brun e Teniers, Chardin e Rembrandt; foram porém as pinturas de A. Watteau e de João Baptista Pater os seus assumptos predilectos.

Foi recebido na Real Academia de pintura, de esculptura e de gravura de Paris a 30 de Junho de 1735.

Luiz Surugue era simultaneamente eminente gravador e iconophilo apaixonado e intelligente: para seu regalo tinha escolhido d'entre as estampas, que lhe passavam pelas mãos, as obras primas de cada gravador, as quaes se comprazia em contemplar e estudar frequentemente. Esta importante collecção foi vendida a 20 de Novembro de 1769, depois da morte do artista. É talvez d'ahi que provém a data attribuida por Huber & Rost á sua morte.

N.º 273. — *Arlequin, Pierrot et Scapin,* segundo Antonio Watteau.

No meio, um arlequim, em attitude burlesca, levando a mão direita ao chapéu; á esquerda, uma mulher vestida a *pierrot;* á direita, outra tocando guitarra, em conversa com um *scaramouche,* sentados ambos; no fundo, um pantalão arregaçando uma cortina. Na margem inferior occorre: 1.º, « *Watteaux pinxit* », á esquerda; « *L. Surugue Sculp. 1719* », á direita; 2.º, duas quadras em francez, em duas columnas:

> « *Arlequin, Pierrot et Scapin*
>
> . . . .
>
> *De ce qui se passe en la vie.* »;

3.º, o endereço do mercador: « *Se vent a Paris chez Sirois... Armes de France. A. P. R.* »

Altura, 187 millimetros; largura, 232 millimetros.

N.º 75, 2.º estado (com a lettra), de E. Goncourt, *L'Œuvre de Wateau,* pag. 72.

Da Real Bibliotheca.

N.º 274.—O casal feliz, segundo Antonio Watteau.

Á esquerda, uma mulher moça, de perfil para a direita, sentada, com dois filhinhos ao pé de si, canta por um livro de musica que tem nas mãos, ao som de um bandolim tangido por um homem, sentado em frente d'ella. Por detraz da dama, outro homem, em pé, debruçado sobre o espaldar da cadeira, em que está sentada.

Na margem inferior lê-se: 1.º, « *Watteaux pinxit* », á esquerda; « *L. Surugue Sculp. 1719* », á direita; 2.º, duas quadras em francez, em duas columnas:

> « *Pour nous prouver que cette belle*
> *Trouve l'hymen un nœud fort doux,*
>
> . . . .
>
> *Pouroit bien gouter quel que jour.* »;

3.º, o endereço do mercador: « *Sevent* (sic) *A Paris chez Sirois... de France. A. P. R.* ».

Altura, 184 millimetros; largura, 238 millimetros.

N.º 177, 2.º estado (com a lettra), de Goncourt, *L Œuvre de Watteau,* pag. 152.

Da Real Bibliotheca.

THOMASSIN (Henrique Simão)

Henrique Simão Thomassin, desenhador e gravador á agua-forte e a buril, mais conhecido por Thomassin Filho para distinguir-se de seu pae, Simão Thomassin, nasceu em Paris em 1688 e falleceu na mesma cidade em 1741.

Foi a principio discipulo de seu pae, Simão Thomassin; aperfeiçoou-se porém na gravura sob a direcção de Bernardo Picart, em cuja companhia seguiu em 1726 para Amsterdão, onde se demorou por dois annos. Tornando para Paris, entrou em 1728 para a Academia de pintura, de esculptura e de gravura d'essa cidade, apresentando como *obra de recepção* o retrato allegorico de Luiz XIV, segundo Luiz de Boullongne Junior, uma das obras primas do nosso artista.

Foi gravador do Rei e teve alojamento no Louvre. Gravou com feliz exito tanto retratos, como assumptos historicos. A sua maneira de gravar era livre e pintoresca; compenetrava-se perfeitamente do espirito dos pintores, cujas obras reproduzia pela gravura, e sabía alliar engenhosamente a ponta com o buril.

N.° 275. — *Coquettes*, segundo Antonio Watteau.

Cinco figuras a meio corpo: á direita, uma dama, de perfil para a direita, sentada, com uma mascara na mão esquerda, preparando-se para ir ao baile; ao pé d'ella um negrinho; á esquerda, um homem, em pé, de perfil para a direita, com longos cabellos cahidos, tendo o chapéu na mão esquerda e bengala na direita; &.

Na margem inferior occorre: 1.°, « *Peint par Watau* », á esquerda; « *Gravé par H. S. Thomassin fils.* », á direita; 2.°, oito versos francezes, em duas columnas:

> « *Coquettes qui pour voir galans au rendez-vous,*
> *Voulez courir le bal, en depit d'vn Epoux,*
>
> . . . .
>
> *Que cornes me viendroient, sans que j'en visse rien.* »;

3.°, os endereços dos mercadores: « *Se vend a Paris chez Thomassin pere et fils, et chez Duchange graveurs du Roi rue St. Jacques.* » Sem data.

Altura, 196 millimetros; largura, 242 millimetros.

N.° 78 de Goncourt, *L'Œuvre de Watteau*, pag. 74; N.° 52 de Nagler, *Lexicon* (XVIII, 376).

Da Real Bibliotheca.

Os recrutas indo se reunir ao seu regimento, segundo Antonio Watteau.

(Vide o n.° 272 d'este Catalogo.)

DREVET (Pedro Imbert)

Pedro Imbert Drevet, gravador a buril, filho unico de Pedro Drevet, nasceu em Paris a 22 de Junho de 1697 e falleceu na mesma cidade a 27 de Abril de 1739.

Dotado das mais felizes disposições para a gravura, fez sob a direcção de seu pae sorprehendentes progressos e tornou-se em mui pouco tempo artista tão consumado, que ainda muito moço já era seu collaborador.

A proposito da precocidade de Pedro Imbert Drevet na gravura tem-se dito que aos treze annos de idade já tinha burilado uma estampa que em muitas das suas partes despertaria zelos a gravadores provectos; Firmin-Didot porém não julga esta asserção sufficientemente provada.

A principio Pedro Imbert Drevet gravou sómente assumptos religiosos segundo varios mestres: *A apresentação da Virgem Santissima no templo*, segundo Carlos Le Brun (anterior a 1716), descripta por Firmin-Didot sob n.° 4, primeira estampa aberta sómente por elle, a qual Mariette chama a sua obra de ensaio; e a *Resurreição*, segundo F. João Andray, 1716 (n.° 8 de Firmin-Didot), são as suas primeiras estampas neste genero. Em 1718 começou a dedicar-se á gravura de retratos, dando á luz o do Arcebispo de Ruão, Luiz de la Vergne Tressan, Conde de Lyão (n.° 31 de Firmin-Didot); depois continuou a trabalhar simultaneamente em assumptos religiosos e em retratos; mas por fim abandonou inteiramente o primeiro genero para occupar-se unicamente do segundo. Revelou-se desde então artista de genio; o retrato de Bossuet (n.° 12 de Firmin-Didot), que gravou na pujança do seu talento, quando tinha 26 annos de idade (1723), bastaria só por si para assegurar-lhe gloria immorredoura. Foi, a 30 de Dezembro de 1724, admittido como Aggregado da Real Academia de pintura, de esculptura e de gravura de Paris e, a 21 de Abril de 1729, nomeado gravador do Rei.

Pedro Imbert Drevet foi nos ultimos annos da sua vida atacado de alienação mental; mas nos intervallos lucidos ainda trabalhava: a parte que tomou na gravura do retrato do Cardeal de Fleury (n.° 48 de Firmin-Didot na obra de

Pedro Drevet) e os retratos de Adriana Lecouvreur (n.° 24 de Firmin-Didot, na obra de Pedro Imbert Drevet) e de Renato Pucelle (n.° 29 de Firmin-Didot, na obra de Pedro Imbert Drevet), ultima estampa por elle aberta, são trabalhos executados durante esses intervallos lucidos.

Na sua obra *Les Drevet* (pp. XXXI-XXXIV) Firmin-Didot discrimina quaes as estampas propriamente do nosso artista, quaes as exclusivamente de Pedro Drevet e finalmente quaes as gravadas por este com o adjutorio de seu filho; e descreve (pp. 91-113) 33 estampas abertas sómente por Pedro Imbert Drevet.

N.° 276. — Retrato de Jacob Benigno Bossuet, Bispo de Meaux, segundo Jacintho Rigaud.

Em pé, de frente, com o rosto a tres quartos para a esquerda, em habitos prelaticios, tendo a mão direita sobre um livro fechado a prumo em cima de uma mesa e segurando com a esquerda o barrete. Espalhados por baixo da mesa papeis e livros in-folio; na lombada de um d'estes está escripto: « PEINT / PAR H. / RIGAVD », e em um papel, pendente de entre as folhas de outro volume, lê-se: « *graué / par. p / dreuet. f. s* ».

Na margem inferior occorre: 1.°, « *Hyacinthus Rigaud pinxit* », á esquerda; « *Petrus Drevet sculpsit 1723.* », á direita; 2.°, o brazão do retratado com os seguintes dizeres aos lados:

« JACOBUS BENIGNUS *Meidensis... Delphini* *synarius... Aprilis 1704.* *Hanc Effligiem... curavit*	Brazão	BOSSUET EPISCOPUS *præceptor... Eleemo-* *Iacobus... Trecensis ex fratre nepos.* »

Altura, , 479 millimetros; largura, 333 millimetros.

N.° 12, 4.° estado, de Firmin-Didot, pag. 99.

A respeito d'esta bellissima estampa diz o mesmo autor: « Obra prima de gravura que Drevet Filho executou aos vinte e seis annos de idade. *Não se póde desejar nada mais perfeitamente executado do que esta admiravel estampa,* diz Mariette. »

Da Real Bibliotheca.

CARS (Lourenço)

Lourenço Cars, desenhador e gravador a buril e á agua -forte, nasceu em Lyão, não se sabe ao certo em que anno, em 1699, em 1701, em 1702 ou em 1703, e falleceu em Paris em 1771.

Ainda moço foi para Paris em companhia de seu pae, gravador mediocre, que lhe tinha ensinado a gravar. A principio L. Cars dedicou-se á pintura, mas pouco tempo depois deixou de exercel-a para entregar-se inteiramente á arte da gravura. É um dos melhores gravadores do XVIII seculo e por seu merecimento póde ser considerado pouco inferior a Gerardo Audran. As suas melhores estampas são as gravadas segundo Francisco Lemoine e d'ellas a obra prima é *Hercules e Omphale:* nessas gravuras L. Cars reproduziu com sentimento e verdade não só o que havia de bom nos originaes, toque, empastamento e côr, mas tambem os seus senões, pelos quaes entretanto não deve ser arguido.

L. Cars abriu muitas chapas de retratos e de assumptos historicos. Em 1733 foi recebido membro da Real Academia de pintura de Paris.

N.° 277. — A buena-dicha, segundo Antonio Watteau.

Cinco figuras e um cão em uma paizagem: á esquerda, uma cigana, de perfil para a direita, acompanhada de um menino e do cão, diz a buena-dicha á uma dama, que lhe fica em frente, da qual toma a mão esquerda espalmada na sua direita, levando o indicador da esquerda á bocca.

Na margem inferior lê-se: 1.°, « *A. Watteau pinxit.* », á esquerda; « *Cars Sculp.* », á direita; 2.°, o titulo em duas linguas: « La Diseuse daventure / *Gravée d'apres le Tableau original Peint par / Watteau, de mesme grandeur.* », á esquerda; e « Futurorum prænuntiatrix / *Scalpta juxtà Exemplar Ejusdem magnitudinis / à Wateavo Depictum.* », á direita; 3.°, entre estes dois titulos: « *du Cabinet de M.r Oppenort.* »; 4.°, por baixo do precedente dizer: « *a Paris chez F. Chereau... deux pilliers d'Or* », no meio; e « *Avec Privilege du Roy* », á direita.

Altura, 340 millimetros; largura, 273 millimetros.

N.° 127, 2.° estado, de Goncourt, *L'Œuvre de Watteau*, pag. 118.

Da Real Bibliotheca.

AUBERT (MIGUEL)

Miguel Aubert, gravador á ponta e a buril, nasceu em Paris cêrca do anno de 1700 e morreu na mesma cidade em 1757.

Gravou assumptos de historia e retratos, mas em nenhum d'estes generos ganhou brilhante reputação. A sua maneira de gravar é livre e ligeira; em algumas das suas estampas historicas imitou o estylo de Gerardo Audran, não com grande successo.

N.° 278. — O homem entre duas idades e suas duas amantes, segundo Sebastião Leclerc Filho.

Um homem maduro e meio calvo, de perfil para a direita, mirando-se a um espelho, é depennado por duas mulheres: uma, já idosa, á direita da estampa, sentada com elle na mesma cama, arrancando-lhe os cabellos pretos, e outra, moça, em pé, á esquerda, arrancando-lhe os brancos.

Na margem inferior occorrem: 1.°, « *S. le Clerc pinx.* », á esquerda; e « *M. Aubert Scul. 1728* », á direita; 2.°, « *L'Homme entre deux âges, et ses deux Maîtresses / Fable 17. de la Fontaine Liv. 1.er* »; 3.°, o endereço: « *à Paris chez Jeaurat au bas des fossez S. Victor.* », á direita.

Altura, 236 millimetros; largura, 190 millimetros.

N.° 76 de L.B. (I, 65).

Da Real Bibliotheca.

DEBRIE (GUILHERME FRANCISCO LOURENÇO)

As noticias que dão os autores sobre este artista são poucas e ás vezes inexactas: Cyrillo (pag. 282) e Raczynski (Dictionnaire, pp. 39 e 66) o chamam *Gabriel Francisco Luiz Debrié;* e Heineken (IV, 558) attribue a um certo

Deprie o desenho de um retrato de *Diego de Mendosa gravée* (sic) *par Gaillard marqué Deprie pinx. à Lisbonne, apparemment artiste différent du précédent* (Debrie). É provavel que Heineken nunca tivesse visto a estampa citada; não teria então transcripto incomplèta e erradamente os dizeres d'ella. A Bibliotheca Nacional possue um exemplar d'este retrato (de Diogo de Mendoça Corte Real) no volume III dos *Retratos dos Varoens Portuguezes insignes na campanha e gabinete* da célebre Collecção de retratos de D. Barbosa Machado, sob n.º 140, em cuja margem inferior occorrem: « G.me F.s L.s Debrie Fecit a Lixboa ano *(sic)* 1730 », á esquerda; « R. Gaillard Sculp. », á direita. Si, apesar do que precede, pudesse restar ainda alguma duvida a respeito do verdadeiro nome do nosso artista, ella desappareceria inteiramente á vista de uma estampa gravada por elle em 1745, existente na Bibliotheca Nacional, representando duas estatuas de S. João Nepomuceno, identicas em tudo, excepto na posição das cabeças. Na margem inferior d'esta estampa lêem-se os seguintes dizeres:

1.º, gravado na propria chapa: « Verdadeira Reprezentação da estatua de bronze de S. João Nepomuceno, que se erigio na ponte da Cidade de Praga em 31 de Agosto de 1683 / como se Reprezenta no N.ro 1.º; a qual no mesmo dia 31 de Agosto de 1744, virou milagrozamente as Costas ao Exercito Prussiano e o Rosto para a parte chamada / a Cidade pequena, olhando para a Catedral (da qual foi Conego, e em que está depozitado o seu santo Corpo) e para o Castello e Palacio Real, como se reprezenta no N.ro 2.º / ficando para major evidencia do milagre, fixos, na propria baze, e sem mudança alguma, os pés da dita Estatua. »;

2.º, na margem em branco, por baixo do precedente dizer, fóra da chapa, um requerimento manuscripto pelo proprio gravador (como se deduz da inteira semelhança das lettras dos dois dizeres): « O Gloriozo S. João Nepomuceno protege a Guilherme Francisco Lourenço Debrie para romper o silencio, sendo o motivo tão justo, como de implorar a / Real Clemencia de S. Magestade; para que se compadeça da sua familia, que na sua falta experimentarà grandissimo prejuizo, e dezemparo; E ainda que / o Cardeal Oddi lhe deo esperança da piedoza grandeza de S. Mag.e quer com tudo dever ao patrocinio de tão grande S.to a satisfação de seus dezejos, vendo que depois / de sua morte ficão sem ter com que sustentar-se sua mulher, e sete filhos todos menores; e o mesmo S.to retribuirà o caritativo despacho desta humilde supplica. / E. R. M.ce ».

Guilherme Francisco Lourenço Debrie, desenhador e gravador a buril, nasceu em Paris, como elle proprio o declara no frontispicio gravado da obra: *Joannes Portugalliæ Reges ad vivum expressi Calamo a P. Emmanuele Monteiro... Cœlo a Guil.º Franc.º Laur.º Debrie, Parisino... Ulissipone: Typis Franc... da Sylva... 1742*, in-folio pequeno. Foi discipulo de Bernardo Picart, trabalhou por algum tempo na sua cidade natal, a convite d'El-Rei Dom João V foi para Portugal, onde gravou muito principalmente para livreiros: a *Historia genealogica da Casa Real Portugueza*, as *Memorias dos Templarios*, e outras obras publicadas em Portugal no XVIII seculo, abundam de estampas, titulos, cabeções de paginas, vinhetas e lettras capitaes gravados por G. F. L. Debrie. As datas extremas que encontrámos nas estampas, abertas pelo nosso artista em Portugal, são: 1732 e 1753; entretanto Le Blanc aponta uma, o retrato de Clemente Marot com o millesimo 1729, e Raczynski menciona duas outras com a data de 1754.

Ignoram-se as datas do nascimento e morte de G. F. L. Debrie; em todo o caso é provavel que tivesse morrido com mais de cincoenta annos, porque deveria ter sido contractado para trabalhar em Portugal homem já feito e artista consummado.

Cyrillo e Raczynski affirmam que G. F. L. Debrie tivera um filho de igual nome, nascido em Lisboa, o qual foi tambem gravador.

Conhecemos da obra por G. F. L. Debrie em Portugal cêrca de 580 estampas, incluindo neste numero as lettras capitaes e outros trabalhos miudos feitos para livreiros.

N.º 279. — As quatro idades do homem, segundo Antonio Quillard.

Em uma paizagem: no 1.º plano, uma moça quasi nua, sentada no chão, ao pé de uma grande arvore, apoiando-se na mão esquerda para ter o tronco levantado, e com a direita expremendo a mamma direita para fazer cahir leite na bocca de uma criança, de perfil para a direita, deitada no chão; por detraz d'este grupo, estão, á direita da estampa, uma mocinha, de perfil para a esquerda, em pé, colhendo fructos na grande arvore; e á esquerda, um velho de costas, com o rosto de perfil para a esquerda, sentado no chão, com uma muleta na mão direita; no 2.º plano: um rio em cascatas; um lavrador arando a terra com uma junta de bois; e

um grupo, composto de um homem deitado no chão e de uma mulher sentada tambem no chão.

Na margem inferior occorre:

1.º, « *A. Quillard inven. et dispos. 1732* », á esquerda; e « *G. F. L. Debrie del. et sculptor Regius Portug. celt. sculps. 1743.* », á direita;

2.º, por baixo dos precedentes dizeres, a seguinte inscripção polyglotta, em 4 columnas, a saber:

á esquerda,

« Ætatis primæ ***Pueritia*** tempora complet;
Hac verò elapsâ, grata ***Iuventa*** subit.
Illico succedit nulli cessura ***Virilis;***
Postremoque sedet tarda ***Senecta*** Loco.
P. Emm. Monteyro. Cong. Orat. »;

no meio,

« L'âge ***Enfantin*** fini; vient la belle ***Ieunesse:***
Puis tout a coup on passe a cet âge parfait
Qu'on appelle ***Viril,*** qui passe comme un Trait
Et qui bien tost fait place a la foible ***Viellesse.***
P. Ph. Morel. »;

e á direita,

« He da Humana Idade a ***Pueril***
A que os primeyros annos entretem:
Despoes della se segue a ***Iuvenil,***
Em que todas as graças se contem:
Maes Robusta, e maes agil a ***Viril***
Em terceyro lugar seu lugar tem;
E a ***Velhice*** emfim, que as segue tarda,
No ultimo se assenta jâ cançada.
P. Emm. Mont. Cong. Orat. »,

em duas columnas.

Altura, sem a margem, 271 millimetros.
Dita da margem, 31 millimetros.
Largura, 377 millimetros.

Estampa rara, não descripta, que pertenceu á Real Bibliotheca.

DAULLÉ (João)

João Daullé, gravador a buril, nasceu em Abbeville em 1703 e falleceu em Paris em 1763.

Aprendeu os elementos da arte na sua cidade natal com Roberto Hequet; ainda moço foi para Paris, onde trabalhou durante o resto da sua vida.

« A sua primeira estampa gravada segundo Mignard representa a Condessa de Feuquières, filha d'este pintor, sustentando com uma das mãos um retabulo com o retrato de seu pae. Si Daullé tivesse continuado a fazer progressos na gravura, poucos abridores a buril mereceriam ser-lhe preferidos; teria ao mesmo tempo tido poucos concurrentes, si pelo menos tivesse sabido sustentar-se; mas ainda que nenhuma outra estampa houvesse depois feito comparavel áquella, deve ser considerado artista muito estimavel. Em outro seculo mais feliz para as artes J. Daullé ter-se-ia limitado ao genero que melhor lhe convinha; a necessidade porém de viver do producto do seu talento o obrigou a cultivar generos com que a sua natureza se não coadunava ou, o que tanto vale, com que se não coadunavam as primeiras impressões que recebêra ao entrar na carreira das artes. » (Levesque, *Encyclopédie méthodique, Beaux-Arts*, I, 389).

Em 1742 João Daullé foi membro da Real Academia de pintura de Paris.

N.° 280. — Retrato de Catharina Mignard, Condessa de Feuquières, segundo Pedro Mignard.

Vista até aos joelhos, de frente; de cabeça descoberta e cabellos annelados, enfeitados com um ramo de flores; trajando um vestido decotado, que deixa entrever parte dos seios, de mangas curtas de fofos, apertado na cintura por um cinto bordado; tendo sobre o hombro direito um manto fluctuante pelas costas; arregaçando com a mão esquerda a parte d'este que lhe cahe pela frente, e segurando uma trombeta com a mão direita, apoiada sobre uma téla, em que está representado o retrato de seu pae, Pedro Mignard, posta em pé sobre uma mesa, onde se vêem tres estampas e uma regua. Na parte inferior da téla está escripto: « *P. Mignard p.r Peintre du Roy.* »; e na margem inferior da estampa:

1.°, « *Peint par P. Mignard.* », á esquerda; « *et Gravé par J. Daullé en 1735.* », á direita;

2.°, a lettra, com o brazão da retratada de permeio:

« *Catherine* (Brazão) *Mignard*
Comtesse *de Feuquiere.* »

Altura, 398 millimetros; largura, 303 millimetros.

N.° 22 de Andresen, em um estado não descripto por este autor, a saber, sem o endereço: « chez l'auteur place de Cambray. »

Da Real Bibliotheca.

N.° 281. — Retrato de Carlos Francisco Le Febvre de Laubrière (*), Bispo de Soissons, segundo Aved (Jacob André José).

A tres quartos para a direita, olhando para a frente, trajando habitos prelaticios, sentado em uma cadeira de espaldar, defronte de uma mesa, folheando um grande livro apoiado nella; no fundo, á direita, uma livraria, em parte encoberta por uma cortina meio corrida. Em baixo, no meio, vê-se o brazão do retratado, em um redondo. Sem lettra e sem data; o exemplar exposto porém traz os seguintes dizeres, manuscriptos com tinta de escrever: 1.°, aos lados do escudo:

« *Carolus Franciscus* (Brazão) *le Febvre de Laubriere*
Episcopus Suessionensis *Regi ab omnibus*
Consiliis *et Parlamentis* »;

2.°, na margem inferior: « *Peint par Aved* », á esquerda; « *Gravé par Daullé 1730* », á direita; e « *Offerebat Hieronymus Nicolaus Henrion Canonicus Eclesiae* (sic) *Suessionensis* », no meio.

Altura, 498 millimetros; largura, 364 millimetros.

A estampa exposta pertence ao 1.° estado de Nagler, *Lexicon*, III, 284, isto é, não tem lettra nem data. Vide tambem Huber & Rost, n.° 7, á pag. 110 do VIII; e L.B. n.° 32, á pag. 97 do II.

Da Real Bibliotheca.

(*) O verdadeiro nome do retratado é o que damos (Vide *Gallia Christiana*... Paris, 1751, n. LXXXVII, volume IX, á pp. 383 - 384), e não os mencionados por Huber & Rost, L.B e Nagler, *Lexicon*.

DREVET (Claudio)

Claudio Drevet, gravador a buril, filho de um irmão de Pedro Drevet (Floris Drevet), nasceu, provavelmente em Lyão, cêrca do anno de 1705, e falleceu em Paris a 23 de Dezembro de 1781 (Firmin-Didot, pp. XIX e XXII).

Não se sabe quando foi para Paris; mas é certo que foi nesta cidade que aprendeu a gravura com seu tio Pedro Drevet. Aos dezoito annos de idade C. Drevet já era tido em conta de bom gravador, como o prova o facto de ter sido associado aos melhores abridores da epoca que gravaram a serie de estampas que occorrem na obra de Danchet: *Le Sacre de Louis XV dans l'église de Reims le 25 Octobre 1722. Paris, 1723*, in-folio maximo, para a qual fez o retrato de Le Pelletier des Forts (n.º 10 de Firmin-Didot).

C. Drevet obteve o titulo de gravador do Rei, ignora-se em que data; é porém certo que a 8 de Maio de 1739 Luiz XV concedeu-lhe os mesmos aposentos das Galerias do Louvre que em vida occuparam seu tio Pedro e seu primo Pedro Imbert.

Gravou a principio assumptos religiosos, mas depois dedicou-se unicamente á gravura de retratos. Ainda que tivesse vivido 76 annos, a sua obra gravada conhecida não é numerosa: Firmin-Didot (pp. 117-125) descreve d'ella somente 15 estampas.

Por morte de seu tio e de seu primo, herdou C. Drevet todas as chapas gravadas que lhes pertenceram.

N.º 282. — Jesus Christo crucificado, pranteado pelos anjos, segundo Carlos Le Brun.

Vinte e cinco anjos, nove no chão, ajoelhados, e dezeseis no ar, pranteam a Jesus Christo, que expira na cruz; ao pé d'esta vê-se, sobre uma almofada, a coroa real de França. Na margem inferior occorre: 1.º, « *Car le Brun pinxit* », á esquerda; « *Cl. Drevet sculpsit.* », á direita; 2.º, « *Angeli pacis amare flebunt. Isai. c. 33.* », no meio, tendo por baixo os seguintes versos:

« *Anges de paix, Anges fidelles,*
Pourquoy pleurer amerement ?
Dieu ne meurt pas pour vous ; il meurt pour des rebelles.
Que pleurés vous ? Helas ! c'est notre aveuglement. » ;

3.°, o endereço: « *A Paris chez P. Drevet Graveur du Roy rue S.t Jacques a l'Annonciation* ».

Sem data.

Altura, 332 millimetros; largura: em cima, 235 millimetros; em baixo, 238 millimetros.

Cópia invertida e reduzida da estampa de Gerardo Edelinck, geralmente conhecida pela denominação de *Jesus Christo dos Anjos* (N.° 16 de L.B.), descripta por Zani (VIII da II parte, 126) sob o titulo *Copia B.*; N.° 3 de Firmin-Didot, pag. 118.

Da Real Bibliotheca.

N.° 283. — Retrato de Margarida Henriqueta de La Briffe, 4.ª mulher de Cardin Le Bret, Presidente do Parlamento d'Aix, por isso dita Madame Le Bret, segundo Jacintho Rigaud.

Vista até aos joelhos, representando Ceres, em uma paizagem, sentada em um monticulo, de frente, com a cabeça descoberta e os cabellos enfeitados de flores campestres e de espigas de trigo, trajando um vestido de seda decotado, que deixa entrever parte dos seios, com mangas curtas e largas, tendo no corpinho um broche com uma perola e na cintura um cinto amarrado em laço, segura com a mão esquerda uma foucinha e com a direita uma mancheia de flores do campo e de espigas de trigo.

Na margem inferior occorrem:

1.°, « *Hyacinthe Rigaud pinx.* », á esquerda; « *Claud.s Drevet sculp. 1728.* », á direita;

2.°, oito versos francezes, em duas columnas:

« *La faucille à la main c'est ainsi que Cerès*
Aussi brillante, aussi belle que Flore,
Mais plus féconde et plus utile encore,
Vient moissonner pour nous ses plus riches guerets.
En recevant les biens qu'elle nous donne,
Defendons nous de ses attraits vainqueurs :
Jeune et riante elle moissone
Moins d'épics encor que de Coeurs. »;

3.°, o endereço: « *A Paris chez P. Drevet Graveur du Roy aux Galleries du Louvre* », á direita.
N.° 9, 3.° estado, de Firmin-Didot.

Da Real Bibliotheca.

AVELINE (PEDRO)

Pedro Aveline, desenhador e gravador a buril e á ponta, nasceu em Paris em 1710 e morreu na mesma cidade em 1760.
Foi discipulo de João Baptista de Poilly, cuja maneira se revela nas suas gravuras. Merece ser contado no numero dos bons gravadores francezes; entretanto a sua reputação seria muito maior, si não tivesse consumido bôa parte da vida a gravar esboços e si tivesse sido menos facil na escolha dos assumptos que gravava.
P. Aveline foi membro da Academia de pintura de Paris.

N.° 284. — A loucura, segundo desenho de Cornelio de Visscher.

Duas figuras: um moço, a meio corpo, de frente, sorrindo-se, com os cabellos desgrenhados, o olhar fixo, a mão direita por detraz do tronco, tendo na esquerda uma gorra ornada de guizos e pluma; á esquerda da estampa, por detraz d'elle, outra figura, da qual se vê sómente o rosto, de perfil para a esquerda, com a bocca aberta, tendo na cabeça uma gorra semelhante á do moço.
Na margem inferior lê-se:
1.°, « *C. de Vischer. del.* », á esquerda; « *P. Aveline sculp.* », á direita; 2.°, « LA FOLIE », no meio; 3.°, por baixo do titulo, dois versos francezes em uma só linha:
« *Combien de Curieux empressés à me voir*
Pourront, en me voyant, se passer de miroir? »;
4.°, « *A Paris chez Huquier.., avec Privilege du Roy.* »
Altura, 257 millimetros; largura, 326 millimetros.
N.° 103, 2.° estado (com a lettra), de L.B. (1, 110).

Da Real Bibliotheca.

FRANÇOIS (João Carlos)

Franço. ‡ Sc.

N.° 20.

João Carlos François, desenhador e gravador em muitos generos de gravura, nasceu em Nancy a 4 de Março de 1717 e falleceu em Paris a 21 de Março de 1769 (Andresen) ou em 1786 (Bryan).

Como era filho de um negociante abastado, aprendeu o desenho por mero prazer; diz-se que em gravura não teve outro mestre sinão o seu talento e applicação. Desejando aperfeiçoar-se nella, deixou a sua cidade natal para ir a Lyão, onde viveu sete annos a trabalhar pela arte e a lançar as bases da obra que escreveu sobre os principios do desenho e os processos da gravura; aspirando sempre attingir nella a summa perfeição foi para Paris, afim de estudar as obras dos mais notaveis artistas francezes e seguir-lhes os conselhos e instrucções.

Foi J. C. François quem primeiro gravou á maneira de lapis; e a tão alto grau de perfeição elevou este genero de gravura, que obteve a nomeação de gravador do Rei, com a pensão annual de 600 libras; entretanto alguns gravadores contemporaneos, Magny, Bonnet e Demarteau, pretenderam ter tido a prioridade da invenção e moveram-lhe por isso tão crua guerra, que lhe abreviaram os dias de existencia.

J. C. François gravou os retratos da obra de Alexandre Saverien, *Histoire des philosophes modernes, avec leurs portraits, gravés dans le goût de crayon. Paris, 1760-1769*, 4 vols. in-4.°, em cujo 1 volume occorre, em fórma de carta, a obra do nosso artista sobre os principios do desenho e os processos da gravura. O retrato do medico Francisco Quesnay, segundo Francisco Fredou, aberto por J. C. François, é executado nas differentes maneiras que praticava: a cabeça á maneira negra, a roupagem a buril, a moldura e o fundo á maneira de lapis, os accessorios, como livros, &, á maneira de aguada e o pedestal á maneira de lapis preto e branco.

A mulher de João Carlos François foi pintora.

N.º 285. — Busto de um mancebo, segundo Francisco Boucher.

De frente, com cabellos annelados, o rosto inclinado para a direita da estampa, olhando para o mesmo lado.
Em baixo occorre: « *F. Boucher del.* », á esquerda; « *du Cabinet de M.r Bergerer* », no meio; o monogramma n.º 20, á direita. Por cima d'este, na altura do hombro esquerdo da figura, lê-se: « *avec | privilege* ».
Dimensões da folha (que está um tanto mutilada) no seu estado actual: altura, á direita, 363 millimetros; altura, á esquerda, 366 millimetros; largura, 266 millimetros.
Gravura á maneira de lapis.

Da Real Bibliotheca.

DENON (Domingos Vivant, Barão)

Domingos Vivant Denon, depois Barão Denon, desenhador e gravador á agua-forte, nasceu em Chalons-sur-Saône a 4 de Janeiro (Larousse) ou a 4 de Fevereiro (L.B.) de 1742 e falleceu em Paris a 27 ou 28 de Abril de 1825.
Foi escriptor, diplomata, artista e mais que tudo cortezão fino e cadimo; o que porém mais nos interessa é a sua vida de artista.
Fez os seus estudos em Lyão; terminados elles, foi para Paris na idade de vinte annos. Ahi tentou fortuna por todos os modos; escreveu para o theatro; dedicou-se á pintura; captou as bôas graças de Luiz XV e foi por elle nomeado successivamente guarda das pedras gravadas, que Madame de Pompadour deixára a El-Rei, e gentil-homem ordinario da Real Camara.
Serviu como diplomata na Russia, na Suissa e em Napoles; voltando á França, poz-se a gravar á agua-forte para a obra do Abbade de Saint-Non (*Voyage pittoresque ou description du royaume de Naples et de Sicile*, Paris, La fosse, 1781 - 1786, 4 tomos em 5 vols., in-folio maximo) os numerosos desenhos que tinha trazido da Italia. Em 1787 a Real Academia de pintura, de esculptura e de gravura de Paris abriu-lhe as portas: *A adoração dos pastores*, segundo Lucas Jordão, foi a sua estampa de recepção. Desejando gravar as obras primas dos mestres venezianos foi-se á Veneza, mas não podendo levar avante esse projecto, refugiou-se na Suissa

por algum tempo. Da Suissa correu a Paris por ter sabido que os seus bens tinham sido confiscados; em Paris poude insinuar-se no animo de Napoleão Bonaparte e conseguiu acompanhal o na expedição do Egypto. Fez então muitos desenhos, pelos quaes gravou as estampas da sua obra, *Voyage dans la basse et haute Egypte pendant les campagnes du Géneral Bonaparte*, Paris, Firmin-Didot, 1802, 2 vols. in-folio maximo.

Elevado ao throno imperial, Napoleão continuou a dispensar a D. V. Denon decidida protecção: nomeou-o director geral dos Museus imperiaes e Barão. Depois da Restauração recolheu-se D. V. Denon á vida privada; empregou-se então a classificar os materiaes para a obra, que não teve o gosto de ver publicada, por ter morrido antes: *Monuments des arts du dessein... recueillis par le Baron Denon pour servir à l'histoire des arts...*, Paris, Firmin-Didot, 1829, 4 vols. in-folio, com estampas lithographadas.

A obra gravada de D. V. Denon é consideravel (325 estampas). As suas melhores gravuras são as que fez á maneira de Rembrandt.

N.° 286. — Paizagem.

No 1.° plano: dez bois vadeando um riacho, tocados por um pastor; na extrema direita da estampa, dois pastores sentados, tendo junto a si dois carneiros; além do rio, á esquerda, um portico em ruinas. No 2.° plano: uma ponte perto de uma casa.

Em baixo, á direita: « *Denon f.* », escripto ás avessas. Sem outros dizeres, e sem data (?). A estampa tem as margens mutiladas.

Altura, 151 millimetros; largura, 203 millimetros.

Não descripta?.

Da Real Bibliotheca.

DEBUCOURT (Philiberto Luiz)

Philiberto Luiz Debucourt nasceu em Paris a 13 de Fevereiro de 1755 e falleceu em Belleville, então perto da mesma cidade (hoje intra-muros), a 22 de Setembro de 1832.

Aprendeu a pintura com José Maria Vien e fez muitos quadros de genero, hoje muito procurados e estimados pelos

amadores. Só depois que entrou para a Real Academia de pintura de Paris (1782) é que começou a gravar, sem ter tido outro mestre d'esta disciplina mais que o seu talento e applicação; cultivou muitos generos de gravura: á maneira negra, de aguada e de lapis, á agua-tinta e em côres. D'estas ultimas, *O passeio da galeria do Palais-Royal* e *O passeio publico* são as suas peças capitaes.

As suas estampas, hoje raras, são, como os seus quadros, cada vez mais procuradas e apreciadas, e por isso têem sido nos ultimos tempos pagas a preços elevados.

Ph. L. Debucourt foi membro correspondente do Instituto de França e gravador do Rei.

O nome d'este artista não é Philippe Luiz Debucourt, como quasi todos os autores o dão, e sim o que adoptámos, á vista da certidão do seu baptizamento e das dos seus dois casamentos, transcriptas integralmente, a paginas 210 e 211 do volume xx da *Gazette des beaux-arts*, pelos Snrs. Edmundo e Julio de Goncourt.

N.º 287. — Passeio á galeria do *Palais-Royal*, em Paris.

Grande numero de figuras, moços, velhos, fidalgos de envolta com peões, casquilhos, nymphas, emfim uma mistura de typos parisienses da epoca, trajados á moda do tempo, em differentes posições, passeando e conversando. Entre outras notam-se, no 1.º plano, no meio: uma mulher moça, de perfil para a direita, com grande cabelleira de rabicho empoada, trazendo uma pellissa azul orlada de arminho, segurando com a mão direita um regalo encarnado, marchando para a direita, acompanhada por um pequeno lacaio de jaleco vermelho e chapéu de grandes abas, sobraçando um livro e uma grande caixa de papellão; um grupo de tres moças, dando-se os braços, risonhas: d'ellas, a que está mais á frente tem um signal perto do olho esquerdo e traz grande chapéu preto, enfeitado com altos topes de fita e plumas, um ramalhete de rosas ao peito e duas cadeias de relogio com berloques; &. No fundo, duas das galerias do *Palais-Royal*, illuminadas por dois lampeões; em uma d'ellas os mostradores de differentes lojas, das quaes cinco numeradas de 162 a 166.

Na margem inferior occorre: 1.º, a data, 1787, á esquerda; 2.º o titulo, em duas columnas: « *The Palais Royal -gallery's Walk.* -» », á esquerda; « *Promenade de la*

gallerie du Palais Royal. », à direita; 3.°, por baixo do titulo, no meio, « *A Paris Cour du vieux Louvre la 5.me porte / agauche* (sic) *en entrant par la Colonade au premier* ». Sem o nome do gravador.

Altura, 292 millimetros; largura, 560 millimetros.

Estampa muito bella e rara, de impressão colorida por meio de chapas diversas (cujo processo é hoje desconhecido?), fazendo *pendant a La Promenade publique* (n.° 2623 do Catalogo de Behague).

É uma das obras primas do gravador.

N.° 43 de L.B. (II, 102); N.° 2624 do Catalogo de Behague.

A estampa exposta custou em Paris, em 1876, 850 francos.

MASSARD (João Baptista Raphael Urbano)

João Baptista Raphael Urbano Massard, pintor e gravador a buril, nasceu em Paris a 10 de Setembro de 1755 e falleceu na mesma cidade em 1831 (Andresen) ou em 1849 (Larousse).

Aprendeu o desenho com Luiz David e a gravura com seu pae João Baptista Massard. Trabalhou em Paris, em cuja Exposição de 1810 obteve uma medalha pela sua *S.ta Cecilia*, segundo Raphael. Gravou muitas das estampas das obras de *Virgilio* e de *Racine*, publicadas por Firmin-Didot, do *Musée français*, de Robillard & Laurent, Paris, 1803-1811, 4 vols. in-folio maximo, e dos *Lusiadas* de Camões, publicados pelo Morgado de Matheus na casa de Firmin-Didot, Paris, 1817.

J. B. R. Urbano Massard teve, como gravador, bôas partes: correcção de desenho, firmeza de buril e nobreza de toque; entretanto increpa-se-lhe certa frieza e dureza na maneira de gravar.

N.° 288. — Retrato do Imperador Dom Pedro I, segundo Henrique José da Silva.

Em corpo, a tres quartos para a esquerda, de pé no throno, fardado a militar, de manto imperial aos hombros, tendo na mão direita o sceptro; á esquerda, sobre uma mesa, a corôa imperial. Do mesmo lado, no fundo o Pão de Assucar, visto atravez da abertura de um arco. Na margem in-

ferior occorre: 1.°, « *Peint par Silva* », á esquerda; « *Gravé par Urbain Massard* », á direita; 2.°, « DOM PEDRO I. / IMPERADOR, E DEFENSOR PERPETUO DO BRASIL. »; 3.°, « *Pintado por Henrique Iozé da Silva, Pintor da Camara de S: M: I:, e Director da Imperial Academia, e Escola das Bellas Artes do Rio de Ianeiro.* » Sem data.

Altura, 634 millimetros; largura, 445 millimetros.

Bella estampa, não descripta. Comprada no Rio de Janeiro pelo ex-Bibliothecario, Snr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

TARDIEU (PEDRO ALEXANDRE)

Pedro Alexandre Tardieu, gravador a buril, nasceu em Paris a 2 de Março de 1756 e falleceu na mesma cidade em 1843 (Nagler, *Lexicon)*, ou a 3 de Agosto de 1844 (Andresen).

Foi a principio discipulo de seu tio Jacob Nicolau Tardieu; as gravuras do pae d'este, Nicolau Henrique Tardieu, exerceram tambem certa influencia na sua educação artistica; foi porém sob a direcção de João Jorge Wille que se aperfeiçoou na arte. Imitou com felicidade a maneira d'este ultimo mestre e levou a melhor a todos os outros membros de sua familia, que o precederam.

Trabalhou por muitos annos e abriu muitas e excellentes estampas, em cujo numero se contam como obras primas: *o Archanjo S. Miguel*, segundo Raphael; *Ruth e Boos*, segundo Hersent; a *Communhão de S. Jeronymo*, segundo o Dominiquino, estampa em que trabalhou durante quinze annos.

P. A. Tardieu entrou em 1822 para o lugar do Instituto de França vago pela morte de Bervic. Até aos ultimos tempos da sua vida frequentava esta sábia corporação; trabalhava ainda na mais provecta idade, como o prova o retrato de Luiz XIII, que em 1843 ainda não tinha sido dado á luz.

O Barão Boucher-Desnoyers foi seu discipulo.

N.° 289. — Retrato do Conde d'Arundel, segundo Antonio Van Dyck.

A meio corpo, de tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, sentado, com um papel na mão esquerda, segurando com a direita um medalhão pendente de uma fita ao

pescoço. Por detraz da cadeira, uma cortina meio tomada, deixando apparecer no fundo uma paizagem.

Na margem inferior occorre: 1.°, « *Peint par Van-Dyck.* », á esquerda; « *Dessiné et Gravé par P. A. Tardieu.* », á direita; 2.°, « *Le Comte d'Arondel* ». Sem data; entretanto no exemplar exposto lê-se, antes das palavras « *Dessiné... Tardieu.* », o seguinte dizer, manuscripto a lapis, « *En Juillet le 11. 1789.* ».

Altura, 200 millimetros; largura, 157 millimetros.

N.° 16 de Nagler, *Lexicon* (XVIII, 114); N.° 11, 2.° estado (com a lettra), de Andresen (II, 585).

Da Real Bibliotheca.

BOUCHER-DESNOYERS (Augusto, Barão)

Augusto Boucher-Desnoyers, desenhador e gravador a buril, nasceu em Paris em 1779 e falleceu na mesma cidade a 15 de Fevereiro de 1857.

Aprendeu o desenho com Guilherme G. Lethière e a gravura com Pedro Alexandre Tardieu.

A *Bacchante*, segundo Grévedon, gravada a pontelhé (*) em 1796, foi a primeira estampa que attrahiu a attenção do publico para o nosso artista, que produziu depois grande numero de assumptos do mesmo genero muito bem acolhidos pelos entendidos. A sua *Venus desarmando o Amor*, segundo Roberto Lefèbre, obteve no *Salão* de 1799 um premio de dois mil francos.

B.-Desnoyers teria cortado a sua carreira artistica, nos ultimos tempos do Consulado, por ter sido chamado como conscripto a assentar praça no exercito, si o Conselho de revisão o não tivesse julgado incapaz do serviço. Desde então trabalhou incessantemente; os seus grandes e rapidos progressos grangearam-lhe immensa nomeada e o collocaram na primeira plana dos gravadores modernos. Reproduziu pela gravura quasi todas as obras primas do Louvre, que lhe foram muito bem pagas.

B.-Desnoyers alcançou as bôas graças de Napoleão I e teve a habilidade de conservar na Côrte de Luiz XVIII o mesmo favor de que tinha gozado na do Imperador.

Foi em 1816 recebido membro do Instituto de França,

(*) Vide as palavras: *Gravura* e *Pontelhé*, em Assis Pinheiro.

em 1825 nomeado gravador do Rei e em 1828 agraciado com o titulo de Barão.

Era membro das Academias de pintura de Vienna d'Austria e de Genebra.

Tendo-lhe a idade enfraquecido a vista e aggravado a mão, B.-Desnoyers não trabalhou mais de 1848 em diante.

As suas chapas buriladas não têem a mesma liberdade e desembaraço que as abertas a pontelhé. Este processo estava mais em relação com o seu talento, timido, paciente, sem afouteza e sem energia.

As suas melhores estampas são: a serie de *Virgens*, segundo Raphael e Leonardo de Vinci; a *Transfiguração*, segundo Raphael; os retratos de *Napoleão I* e de *Talleyrand*, segundo Gérard; *Ptolomeu Philadelpho*, segundo Ingres, pela qual B.-Desnoyers obteve a grande medalha de ouro e um premio de 500 francos.

O nome d'este artista varía segundo os autores: Luiz Agostinho Boucher-Desnoyers (L.B.), Augusto Gaspar Luiz Boucher-Desnoyers (Nagler, *Lexicon;* e Bryan); entretanto nas estampas da Bibliotheca Nacional elle proprio se assigna: *Augusto Boucher-Desnoyers*.

N.º 290. — A Transfiguração, segundo Raphael.

No alto: Jesus Christo suspenso no ar, cercado de uma grande aureola, com os braços abertos, tendo á sua direita Santo Elias e á esquerda Moysés; no cume do Thabor, pouco abaixo dos pés do Salvador, S. Pedro, S. João e S. Thiago maior, deslumbrados pelo clarão da aureola; e á esquerda da estampa, um pouco para o fundo, dois diaconos, talvez Santo Estevão e S. Lourenço. Em baixo: á direita, em um grupo de dez pessoas, uma mulher moça, ajoelhada, vista de costas, com o rosto de perfil para a esquerda e os cabellos em bastas tranças enroladas na cabeça, aponta para um moço possesso do demonio, apresentado pelo pae aos nove Apostolos para que elles o curassem; estes, que se vêem á esquerda da estampa, no sopé do monte, á espera de Jesus Christo, reconhecendo-se incompetentes para tanto, indicam seu divino Mestre como o unico capaz de curar o doente.

Na margem inferior occorre: 1.º, « Peint à Rome par Raphael en 1520 (année de sa mort) », á esquerda; « 1839. », no meio; « Gravé par le B.on Boucher Desnoyeres d'après la copie à l'huile qu'il a faite à Rome en 1834 »; 2.º « LA TRANSFIGURATION. »

Altura, 727 millimetros; largura, 467 millimetros.
N.° 15, 3.° estado, de L.B. (II, 118).
Bella; uma das obras primas do artista.
O exemplar exposto (n.° 10 da edição) foi comprado em 1874, em Paris, por 120 francos, pelo ex-Bibliothecario o Snr. Dr. B. F. Ramiz Galvão; nelle se lê a seguinte dedicatoria autographa do gravador, a lapis: « *A...* (apagado) *affectioné confrère et Ami, B. Desnoyeres* ».

POTRELLE (João Luiz)

João Luiz Potrelle, pintor e gravador a buril, nasceu em Paris em 1788. Foi discipulo de Luiz David, de cujo ensino tirou mais proveito no desenho do que na pintura, o que foi talvez devido a não ter elle grande queda para esta; em todo o caso é certo que mais tarde trocou definitivamente a palheta e os pinceis pelo buril, tendo por mestres na gravura Pedro Alexandre Tardieu e o barão Boucher-Desnoyers.
Em 1806 alcançou o grande premio por um desenho segundo o antigo e por uma figura desenhada e gravada do natural.
Abriu algumas estampas segundo mestres italianos e retratos de personagens distinctos.
As gravuras de J. L. Potrelle têem certo merecimento, não porém tamanho, que o eleve acima do nivel de abridor de segunda ordem, na qual é geralmente collocado pelos entendidos.

N.° 291. — Retrato de Jacob Luiz David, segundo Francisco José Navez.

Em busto, a tres quartos para a direita, olhando para a frente, com uma condecoração á botoeira da casaca.
Na margem inferior occorrem os seguintes dizeres: 1.°; « *F. I. Navez Pinx.t* », á esquerda; « *I. L. Potrelle Sculp.t* », á direita; « L. David. / *D'après le Tableau peint à Bruxelles en 1817.* » no meio; 3.°, « *Déposé à la Direction* », á direita; 4.°, « *A Paris chez Chaillou Editeur, M.d d'Estampes, Rue S.t Honoré,* n.° 140. »
Altura, 215 millimetros; largura, 164 millimetros.
N.° 9 de Nagler, *Lexicon* (XI, 540).
Da Real Bibliotheca.

HENRIQUEL-DUPONT (Luiz Pedro)

Luiz Pedro Henriquel-Dupont, gravador a buril, á agua -forte e á agua-tinta, nasceu em Paris em 1797.

De 1812 a 1815 estudou desenho e pintura com Pedro Guérin, depois dedicou-se exclusivamente á gravura, tendo por mestre Bervic, e, quando se julgou bastante industriado nesta arte, abriu officina (1818) e começou a trabalhar por conta propria.

A principio assignava as suas estampas com o nome de *Dupont* somente, mas de 1830 em diante começou a subscrevel-as com o de *Henriquel-Dupont.*

Henriquel-Dupont gravou segundo varios mestres: Ingres, Ary Scheffer, Luiz Hersent e principalmente Paulo Delaroche.

A peça capital da sua numerosa obra é a gravura representando o *Hemicyclo do Palacio das Bellas-Artes* de Paris, famosa pintura á encaustica, executada na parede semi-circular da sala da distribuição de premios da Escola de Bellas-Artes, pelo celebre pintor Paulo Delaroche (nascido a 17 de Julho de 1797: + 1856).

Esta composição, que o pintor levou tres annos e meio a fazer e pela qual recebeu 80 mil francos, foi reproduzida em gravura por Henriquel-Dupont de modo que não só nada perdeu do seu vigor e belleza, mas até ganhou, como diz o Sñr. Ph. Burthy (*Gazette des beaux arts*, II, 211): «... ella porém (a photographia) jámais poderá empannar a gloria do Sñr. Henriquel-Dupont, que na sua gravura do Hemicyclo produziu alguma cousa mais completa que o original, visto como restituiu á esta composição a poderosa unidade que o seu colorido pouco epico lhe não dá em alguns lugares.»

De feito, o gravador, pondo em pratica ora os processos antigos, ora maneiras de gravar propriamente suas, revelou-se artista de primeira plana, digno de emparelhar com os seus predecessores, os grandes mestres da escola franceza, os Audrans e os Edelincks, a ponto de ser considerado pelos entendidos como o mais notavel gravador francez dos tempos hodiernos.

Quando o Sñr. Robert Fleury foi encarregado de restaurar a famosa pintura de P. Delaroche estragada por um incendio, a gravura de Henriquel-Dupont serviu lhe de modêlo para esta restauração.

Membro da Academia de Bellas-Artes de Paris desde 1849, Henriquel-Dupont foi nomeado professor de gravura da Escola de Bellas Artes da mesma cidade em 1863.

N.° 292. — O Hemicyclo do Palacio das Bellas Artes de Paris, gravado a buril, segundo a pintura mural de Paulo Delaroche, em 3 chapas e impressa em 3 folhas, que podem ser reunidas formando uma só estampa.

A composição é simples, mas de grande effeito; não é uma allegoria propriamente dita, e sim a representação anachronica, só desculpavel á vista da licença horaciana concedida aos pintores, dos mais afamados artistas, esculptores, architectos e pintores de todas as epocas e nacionalidades, com os seus trajes habituaes e em varias posições, com muita arte e bom gosto dispostos, em uma especie de conselho, onde se vêem apenas cinco figuras allegoricas.

No meio: em um portico, estão assentados sobre uma especie de throno os tres grandes artistas da antiguidade, Ictino (o architecto do Parthenon), Apelles, o pintor, e Phidias, o esculptor, como que presidindo á distribuição de coroas de louro, que o Genio das Artes, sob a fórma de uma bella mulher, a seus pés, se dispõe a distribuir; aquem do throno, duas mulheres personificando as artes grega e romana, e mais proximas do expectador duas outras, caracterizando a arte gothica (retrato da mulher do pintor, filha de Horacio Vernet) e a Renascença; á direita, os architectos e pintores notaveis como desenhadores; e á esquerda, os esculptores e pintores coloristas. Os nomes de todos são os seguintes, da esquerda para a direita:

1.ª FOLHA (a da esquerda)

PINTORES

1 Correggio (Antonio Allegri, dito o)
2 Paulo Veronese ou Veronense (Paulo Cagliari, dito)
3 Antonello de Messina
4 Murillo (Bartholomeu Estevão)
5 Van Eyck (João)
6 Ticiano Vecelli
7 Terburg (Gerardo)
8 Rembrandt van Ryn
9 Van der Helst (Bartholomeu)
10 Rubens (Pedro Paulo)
11 Velasquez (Dom Diogo Rodrigues da Silva e)
12 Van Dyck (Antonio)

13 Caravaggio (Miguel Angelo Amerighi, dito o)
14 Bellini (João)
15 Giorgione (Jorge Barbarelli, dito o)
16 Ruysdael (Thiago)
17 Poter (Paulo)
18 Claudio Loreno (Claudio Gelleu, dito)
19 Guaspre Poussin (Gaspar Dughet, dito)

ESCULPTORES

20 Fischer (Pedro)
21 Bontemps (Pedro)
22 Lucas della Robbia
23 Benedicto de Maiano
24 João Pisano
25 Bandinelli (Baccio)
26 Donatello
27 Ghiberti (Lourenço)
28 Palissy (Bernardo)
29 Goujon (João)
30 Cellini (Benevenuto)
31 Pillon (Germano)
32 Puget (Pedro)
33 João de Bolonha

2.ª FOLHA (a do meio)

34 A arte gothica
35 A arte grega
36 Ictino
37 Apelles
38 Phidias
39 O genio das artes
40 A arte romana
41 A Renascença

3.ª FOLHA (a da direita)

ARCHITECTOS

42 Delorme (Philiberto)
43 Peruzzi (Balthazar)
44 Erwin de Steinbach
45 Sansovino (Jacob Tatti, dito o)
46 Roberto de Luzarches
47 Palladio (André)

48 BRUNELLESCHI (Philippe)
49 JONES (Inigo)
50 ARNOLFO DI LAPO
51 LESCOT (Pedro)
52 BRAMANTE (Donato Lazzari, dito o)
53 MANSART (Francisco)
54 VIGNOLA (Jacob Barozzio, dito)

PINTORES

55 BEATO ANGELICO (Frei João de Fiesole, dito)
56 MARCOS ANTONIO RAIMONDI
57 EDELINCK (Gerardo)
58 HOLBEIN (João)
59 LE SUEUR (Eustachio)
60 ORGAGNA (André)
61 SEBASTIÃO DEL PIOMBO (Frei Sebastião de Luciani, dito)
62 DURERO (Alberto)
63 LEONARDO DE VINCI
64 DOMINIQUINO (Domingos Zampieri, dito o)
65 FREI BARTHOLOMEU
66 MANTEGNA (André)
67 JULIO ROMANO (Julio Pippi, dito)
68 RAPHAEL SANZIO, de Urbino
69 PERUZINO (Pedro Vannucci, dito o)
70 MASACCIO (Thomaz Guidi, dito)
71 MIGUEL ANGELO BUONARROTI
72 ANDRÉ DEL SARTO (André Vannucci, dito)
73 CIMABUE (João)
74 GIOTTO
75 POUSSIN (Nicolau).

Sem data; segundo porém Vapereau, *Dictionnaire des contemporains*, o artista empregou dez annos em fazer este trabalho, que foi terminado e exposto em 1853.

Na margem inferior occorre: na 1.ª folha (a da esquerda),

1.°, « *Peint par Paul Delaroche* »; 2.°, « Berlin-Verlag von Goupil & C.ie »;
na folha do meio, 1.°: « L'HEMICYLE DU PALAIS DES BEAUX-ARTS »; 2.°, « Paris — Imprimé & Publié par Goupil & C.ie — 19, Boulevart Montmartre — & 12, rue d'Enghien. / London — Published by P. & D. Colmaghi & C.°, 13 & 14, Pall Mall East. »;
na 3.ª folha (a da direita), « *Gravé par Henriquel-Dupont.* »

Altura, 406 millimetros; largura da folha do meio, 555 millimetros; largura de cada uma das duas folhas lateraes, 1,^{m}016.

N.° 8 de Andresen (I, 661); N.° 5 de Le Blanc (II, 332); N.° 259 de Delaborde, *Le Departement des estampes*, pag. 430.

Bellissima gravura.

No 3.° estado esta gravura tem sido vendida em Paris por 150 francos.

A nossa estampa, do 3.° estado (com a lettra) de Le Blanc, foi comprada em Paris pelo ex-Bibliothecario Snr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

BOUCHARDY

Bouchardy, gravador á maneira negra, de quem não encontrámos noticia nos diversos iconographos e biographos que consultámos. Floresceu na primeira metade do seculo actual e trabalhou em Paris.

N.° 293. — Retrato de Francisco Alberto Teixeira de Aragão.

Em busto, de perfil para a esquerda, sem condecoração ao peito; dentro de um redondo, por baixo do qual se lê: « *Dessi et gra par Bouchardy, successeur de Chretien in du physionotrace rue neuve des petits Champs n.° 33* (ás avessas) *a Paris* ». Sem data.

Dimensões da chapa: altura, 96 millimetros; largura, 81 millimetros; diametro do redondo, 62 millimetros.

Gravura á maneira negra.

N.° 20222 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil*, 1.° estado (sem condecoração).

Estampa rara, não descripta (?). Offerecida á Bibliotheca Nacional pelo Snr. Eugenio Augusto da Costa Passos.

FLAMENG (Leopoldo)

Leopoldo Flameng, desenhador e gravador á agua-forte e a buril, nasceu de paes francezes em Bruxellas a 22 de Novembro de 1831.

Aprendeu os rudimentos da arte na escola publica de gravura da sua cidade natal, sob a direcção de Luiz Calamatta. Tendo ido estabelecer-se em Paris em 1853, os seus primeiros trabalhos foram feitos para o *Artiste*, a *Gazette des beaux-arts* e para os livreiros.

As suas estampas, *O Manancial* e *Angelica*, segundo Ingres, gravadas a buril, são com razão estimadas.

N.º 294. — A lição de anatomia, segundo Rembrandt.

Em uma sala de amphitheatro, abobadada, um homem (o professor Nicolau Tulp) faz sobre um cadaver, deitado em uma mesa, de escorço, a demonstração de um assumpto da anatomia do antebraço. O mestre, á direita da estampa, a tres quartos para a esquerda, de gibão e capa, com chapéu desabado na cabeça, olhando para a frente, como quem se dirige a um auditorio, que se não vê, levanta, com uma pinça na mão direita, o musculo flexor superficial dos dedos, dissecado, para demonstrar o modo por que funcciona, e com a esquerda faz um gesto explicativo. Á direita do professor, cinco figuras, e aquem da mesa, á esquerda da estampa, mais duas; todas ellas de cabeça descoberta, em differentes posições, attentas á lição do mestre. Não são jovens estudantes, mas Doutores em medicina, cujos nomes estão escriptos em um papel que um d'elles tem na mão; todos, menos um, mestres jurados na Corporação dos Cirurgiões de Amsterdão. Á direita, junto dos pés do cadaver, um livro in-folio, aberto. No fundo, lê-se: « *Rembrandt f. 1632.* » Na margem inferior, no meio, occorre: « *Leop. Flameng d'après Rembrandt* », aberto á ponta.

Sem data (1876).

Altura, 280 millimetros; largura, 378 millimetros.

Bella estampa, descripta (?). Comprada sob a administração do ex-Bibliothecario, Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

ROUSSEAUX (Emilio Alfredo)

Emilio Alfredo Rousseaux, desenhador e gravador a buril, nasceu em Abbeville em 1831 e falleceu em Paris em 1874.

As notaveis disposições artisticas, que desde muito moço manifestára, induziram a sua cidade natal a conceder-lhe uma pensão para ir estudar em Paris. Tinha dezesete annos de idade quando partiu para esta cidade. Ahi foi a principio discipulo de Francisco Eduardo Picot, sob cuja direcção se tornou habil desenhador, e depois aprendeu a gravura com Henriquel-Dupont, de quem foi o discipulo predilecto. Seguindo as pegadas d'este illustre mestre, conseguiu ser considerado um dos melhores gravadores do seu tempo.

E. A. Rousseaux obteve no *Salão* de 1863 uma medalha de 2.ª classe e na Exposição Universal de 1867 uma medalha de 3.ª classe.

Das suas melhores estampas a descripta neste Catalogo é uma das mais notaveis.

N.° 295. — Retrato de Madame de Sevigné, segundo Roberto Nanteuil.

Em busto, a tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, com longos anneis de cabello aos lados do rosto, cahindo-lhe sobre os hombros, e um fio de perolas ao pescoço; dentro de um oval, sobre uma peanha. Vê-se em baixo: no meio, sobre a peanha e o oval, o brazão da retratada; á esquerda do oval, « *R. Nanteuil pinx. 1666.* »; e á direita, « *E. Rousseaux sculp.t 1874.* » Na margem inferior occorrem; 1.°, « Société française de gravure. »; 2.°, « Imp. Ch. Chardon ainé. Paris. »; 3.°, entre estes dois dizeres, o n.° de ordem do exemplar, 17, impresso em caracteres moveis, com tinta differente.

Altura, 322 millimetros; largura, 243 millimetros.

Bellissima estampa, comprada no tempo da administração do ex-Bibliothecario, Sñr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

GAILLARD (Claudio Fernando)

Claudio Fernando Gaillard, pintor e gravador á agua-forte e a buril, nascido em Paris em 1834, foi discipulo de Leão Cogniet.

Seguiu simultaneamente os cursos de pintura e de gravura na Escola de bellas-artes da cidade natal; depois foi á Roma; e voltando para Paris, ahi se estabeleceu definitivamente. Em 1856 alcançou, como gravador, o grande premio de Roma; por vezes expoz em Paris pinturas, desenhos e gravuras e obteve medalhas em 1867, 1869 e 1872 por obras de gravura e neste ultimo anno tambem uma medalha por trabalhos de pintura. Pela facilidade do buril e pela arte com que sabe reproduzir os seus modelos Gaillard goza de bem merecida reputação. D'entre as suas mais notaveis estampas citaremos: *A Virgem do doador*, segundo João Bellini; *A Virgem da casa de Orléans*, segundo Raphael; os retratos do *Conde de Chambord*, de *Pio IX*, e de *Leão XIII;* e *S. Sebastião*, segundo as proprias composições.

Andresen e Larousse chamam ao nosso artista Claudio Fernando Gaillard; mas a *Gazette des beaux-arts* denomina-o, em mais de um lugar, Fernando Claudio Gaillard.

N.º 296. — Retrato do Papa Pio IX.

Em busto, quasi de frente, olhando para a esquerda; dentro de um oval, sobre uma peanha. Na parte inferior do oval, o brazão do retratado; na peanha: « PIVS IX / PONTIFEX MAXIMVS »; e na margem inferior: 1.º, « Dessiné d'après nature à Rome en 1873 & Gravé au burin par F. Gaillard. »; 2.º, « *Romæ, anno Pontificatus 28.º ætatisque 82.º* »; 3.º, « PUBLIÉ CHEZ L'AUTEUR, RUE DE MADAME, 54, PARIS. », á esquerda; 4.º, « Imp. Ch. Chardon ainé, 30, rue Hautefeuille. », á direita. Sem data (1874).

Altura, 396 millimetros; largura, 245 millimetros.

Estampa muito bella, comprada pelo ex-Bibliothecario, o Snr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

ESCOLA HESPANHOLA

RIBERA (José de), dito o *Hespanholeto*

N.º 31.

José de Ribera, dito o *Hespanholeto*, famoso pintor e gravador á agua-forte, nasceu em Xativa (hoje S. Philippe) no então reino, actual provincia de Valença, a 12 de Janeiro de 1588, segundo J. B. Cean Bermudez, citado por Ch. Blanc (*Histoire des peintres: École espagnole*, Ribera), e falleceu em Napoles em 1656.

Foi discipulo de Francisco Ribalta, em cuja escola muito aproveitou. No intuito de estudar o antigo e os mestres italianos, passou-se, muito moço ainda, para a Italia, onde viveu a maior parte da vida. Em Roma frequentou a principio a Academia de pintura, trabalhando com extrema assiduidade e grande aproveitamento, apesar da infima miseria em que vivia. Por ser hespanhol, muito moço, de baixa estatura e franzino, os romanos o appellidaram então *Spagnoleto*, cognome pelo qual é mais conhecido na historia da arte. Em 1606 entrou para a escola de Miguel Angelo Amerighi, dito o *Caravaggio;* mas, infelizmente para o nosso artista, pouco tempo depois (1609) morreu aquelle celebre mestre. A bôa nomeada, de que então gozava o *Correggio* (Antonio Allegri), induziu J. de Ribera a ir á Parma, para estudar as obras d'este mestre, em cuja maneira suave e graciosa trabalhou um pouco, mas afinal tornou ao estylo brutal e feroz do *Caravaggio*, que condizia mais com as proprias inclinações; entretanto o estudo do *Correggio* contribuiu muito para temperar os arroubos do seu genio.

De Parma tornou J. de Ribera novamente á Roma, onde continuou por muitos annos a viver na obscuridade e a lutar contra a sorte adversa. Considerando que em Roma encontraria muitos competidores e conseguintemente pouco trabalho, resolveu passar-se para Napoles. Desde então começou a fortuna a sorrir-lhe. Em Napoles travou relações com um rico mercador de quadros, o qual lhe deu em casamento sua filha unica, Leonor Cortese. Trabalhou assiduamente com tanta facilidade e mestria, que não só floresceu em fama, sinão tambem nadou em riquezas e grandezas: Dom Pedro Giron,

Duque de Ossuna, Vice-Rei de Napoles por parte da Hespanha, nomeou-o pintor da Côrte, com 60 dobrões de pensão mensal e aposento no seu palacio; e o Papa agraciou-o com o habito de Christo (1644).

Como pintor José de Ribera foi de espantosa fertilidade; todos á porfia, particulares, grandes senhores, conventos, fabriqueiros e cabidos das igrejas e Principes faziam-lhe encommendas, das quaes se desempenhava prompta e cabalmente. Entretanto, apesar da elevada posição, a que chegou, e da consciencia do proprio merecimento, a mais negra inveja, levada ás vezes até á perversidade, marearam o lustre de tão eminente artista. Mancommunado com dois discipulos, que lhe eram muito somenos e cuja concurrencia não podia portanto receiar, Belisario Caracciolo e Correnzio, fez com que Annibal Carracci, Guido Reni e o *Josepino* (José Cesari), encarregados de pintar a Cartucha de S. Martinho e a cathedral de Napoles, abandonassem os trabalhos começados e fugissem; Francisco Gessi, que collaborava com seu mestre, Guido, permaneceu ainda por algum tempo em Napoles, mas viu-se tambem na necessidade de retirar-se, receiando ter sorte semelhante á de dois discipulos seus que morreram afogados em um passeio, que fizeram pelo mar, de companhia com Caracciolo e Correnzio; diz-se tambem que envenenára o *Dominiquino* (Domingos Zampieri), encarregado de pintar juntamente com elle a cathedral de S. Januario, depois de ter-lhe amargurado a existencia com grandes desgostos durante cêrca de tres annos (1638 - 1641).

J. de Ribera comprazia-se em pintar de preferencia assumptos asperos e horrorosos: scenas de tortura e de supplicio, martyrios, agonias, deformidades e feialdades; entretanto por mais que essa ferocidade desgoste, não se póde deixar de admirar nas suas pinturas a correcção do desenho, o bem ordenado da composição, o vigor do colorido e a magia do claro escuro. Em todas as galerias da Europa ha quadros de J. de Ribera; o Museu de Napoles possue as suas melhores obras.

José de Ribera foi membro da Academia de S. Lucas de Roma (1630).

A feroz maneira do *Hespanholeto* não morreu com elle, antes sobreviveu nos seus discipulos: João Do; Arrigo, *o Flamengo;* Bartholomeu Passante; Angelo Falcone; André Vaccaro; os Fracanzanis (Cesar e Francisco) e o célebre Lucas Jordão.

Na historia da arte é J. de Ribera igualmente famoso como gravador, ainda que a sua obra gravada conste apenas de dezoito estampas.

« As estampas do *Hespanholeto*, diz Bartsch (xx, 78), contam-se geralmente no numero das mais notaveis producções da gravura á agua-forte. O seu *Martyrio de S. Bartholomeu* é um verdadeiro primor da arte; é impossivel elevar a mais alto grau de verdade a expressão da cabeça do santo e da do carrasco que o escorcha. Em todas as obras do nosso artista admira-se a pureza e a exactidão do desenho, principalmente das extremidades; a delicadeza da ponta e a engenhosa maneira com que os traços acompanham as fórmas dos musculos e das roupagens. Aliás as suas aguas-fortes manifestam ponta facil e cheia de bom gosto, trabalho variado, adaptado com intelligencia aos differentes objectos e tão pouco burilado, que se chega a duvidar si ha nellas talhos de buril, que entretanto existem apenas quantos bastam para dar-lhes harmonia, effeito e vigor. »

N.º 297. — S. Jeronymo.

Assentado no meio da estampa, escrevendo, o santo é surprehendido pelo som de uma trombeta, que o chama ao juizo final, e tomado de pavor volta o rosto para o alto, á direita, onde se vê um anjo entre nuvens tocando uma trombeta. Em baixo, á esquerda, a cabeça de um leão, e á direita, os dois monogrammas de que usava o artista (vide o n.º 31 da Taboa dos monogrammas). Sem data.

Altura, 312 millimetros; largura, 231 millimetros.

N.º 4 de B. (xx, 80), o qual diz d'esta estampa: « Belle pièce et rare. »

Da Real Bibliotheca.

PALOMINO (João Bernabé de)

João Bernabé de Palomino, pintor e gravador a buril, trabalhou em Madrid na primeira metade do XVIII seculo. Foi artista muito perito; d'elle são as gravuras que occorrem na edição hespanhola, completa, da obra de seu tio D. Antonio Palomino de Castro y Velasco: « *El Museo pictorico y Escala optica*... Madrid, 1715-1724 », em 3 tomos.

N.º 298. — Retrato de Bartholomeu Murillo.

A meio corpo, de tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, com os cabellos cahidos; dentro de um oval, tendo por baixo um cartucho, em que se lê: « *In laudem D. Bartholomæi Murillo celeber-|rimi Pictoris Hispani.* » e o distico:

« *Huic Similes dedit una Viros Hispania multos :*
Arte suâ huic nullum protulit illa parem. »

Na margem inferior, á direita, occorre: « *I.ˢ à Palom.º del et sculp. M.ᵗⁱ* » Sem data.

Altura, 208 millimetros; largura, 141 millimetros.

Da Real Bibliotheca.

SELMA (Fernando)

Fernando Selma, gravador a buril, nasceu em Madrid em 1748 (Andresen e Nagler, *Lexicon)*, ou em Valença, 1750 (Bryan), e falleceu naquella cidade em 1810.

Diz-se que fôra discipulo de Manuel Salvador Carmona; foi porém em Paris que se aperfeiçoou na gravura. Depois de ter estado por algum tempo nesta cidade voltou para Madrid, onde trabalhou até morrer.

F. Selma é um dos mais peritos gravadores hespanhoes; a sua primeira maneira assemelha-se á de seu mestre M. S. Carmona, mas nos ultimos tempos seguiu o estylo e maneira de Gerardo Edelinck. Abriu retratos e assumptos historicos; em geral as suas estampas fazem parte de series e collecções, das quaes a mais notavel é a publicada sob o titulo: « *Colleccion de las estampas grabadas a buril de los cuadros pertenecientes al Rey de España* », que foi feita em collaboração com outros gravadores.

F. Selma foi professor da Academia de S. Fernando de Madrid; cultivou tambem, além das artes, a mathematica e a poesia.

N.º 299. — Herodias, segundo Guido Reni.

De frente, a meio corpo, segurando com as duas mãos uma bacia contendo a cabeça de S. João Baptista. Na margem inferior occorre: 1.º, « *Guido Reni lo inventó, y pintó.* », á esquerda; « *Fernando Selma lo gravó en Madrid año de 1774.* »,

á direita; 2.°, « Herodias. », no meio; 3.°, « *Se hallará en la Calcografia de la Imprenta Real.* », por baixo do precedente dizer.

Altura, 299 millimetros; largura, 215 millimetros.

N.° 7 de Andresen (ii, 497); N.° 9 de Nagler, *Lexicon* (xvi, 231).

Bella estampa, que pertenceu á Real Bibliotheca.

ESCOLA PORTUGUEZA

VIEIRA LUSITANO (Francisco Vieira de Mattos, dito)

Vieira Luzitano
invento e fez

N.° 28.

« Eis aqui um Pintor Portuguez, que póde competir com muitos dos mais egregios das Nações Estrangeiras. Nasceu em Lisboa em 4 de Outubro de 1699, e apenas tinha passado os annos da puericia quando deo signaes de que viria a ser tão extremoso amante, como insigne Pintor. Parece, que a Natureza infundio nelle ao mesmo tempo estas duas raridades para o fazer duas vezes famoso. Como, e quando começou amar a sua D. Ignez; como se recebeo com ella a furto dos seus parentes; como estes cheios de furor a clausurárão logo no Convento de Santa Anna, aonde a obrigárão a professar, inda que ella protestasse, que era casada, e como passados annos pôde sahir para viver com elle; são cousas que não só por mui sabidas, mas por exactamente contadas no Livro do Pintor Insigne nos podemos dispensar de repetir. Diremos comtudo alguma cousa a respeito dos seus progressos na Arte.

« O Marquez de Abrantes tendo visto o muito, que o seu genio estava promettendo, com beneplacito de seus paes o conduzio a Roma aonde foi como Embaxador Extraordinario de D. João o 5.° ao Papa Clemente XI. Alli foi discipulo de Lutti, e depois de Trevisani. Esteve 7 annos, e no fim delles ganhou hum 1.° premio da Academia na 1.ª classe. Quando veio mandou-lhe El-Rei fazer hum grande painel do Santissimo Sacramento para servir na Procissão do Corpo de Deos, e

outros para a Patriarchal, os quaes não acabou; e sem se despedir partio segunda vez para Roma a procurar o recurso, que lhe não valeo, para tirar a mulher do Convento. No seu primeiro estylo, menos acabado, e mais pintoresco, são feitos os dous paineis que estão em S. Roque de Santo Antonio prégando aos peixes, e prostado diante de Nossa Senhora. Pedro Alexandrino (*de Carvalho*) louvava muito a distribuição das luzes deste quadro. O corpo nú de Lucifer he huma bellissima Academia pintada com grande franqueza, e intelligencia de Anatomia.

« Antes de fazer a segunda viagem tinha elle em 22 de Outubro de 1719 entrado na Irmandade de S. Lucas, e vê-se no Livro dos assentos, que o seu nome era Francisco Vieira de Mattos. No anno seguinte servio na Meza. Esteve mais 6 annos em Roma, e foi feito Academico de merito na Academia de S. Lucas. Voltou, e conseguio a suspirada posse da Esposa que sahio da Clausura vestida de homem; mas foi gravemente ferido com hum tiro de pistola pelo Irmão della. O agressor sahio do Reino soffreo os males da pobreza, e veio por fim a mendigar o pão daquelle a quem havia tão atrozmente maltratado. Vieira receoso de algum novo insulto retirou-se por algum tempo para o Convento dos Paulistas, aonde em 1730 e 31, pintou os famosos Eremitas para o Cruzeiro da sua Igreja. Para viver tranquilo resolveo a terceira viagem de Roma, e chegou até Sevilha em 1733. Dali, sendo chamado, tornou a esta Côrte como Pintor do Rei com ordenado de 60$ réis cada mez, e as obras pagas. Muitos dos seus paineis queimárão-se pelo terremoto; mas ainda restão o Santo Agostinho da Portaria da Graça, painel famoso, pintado em 1736; os bellissimos quadros de Povolide que representão Santo Antonio, S. Pedro, S. Paulo, a Familia Sagrada, e Santa Barbara, e forão executados desde 1736 até 1740. A celebre Sacra Familia do Conde de Assumar. O grande painel de S. Francisco despojado dos habitos seculares, que está no Menino Deos; o quadro tambem respeitavel da Capella Mór da Cartuxa.

« Em S. Francisco de Paula tem o quadro do mesmo Santo na Capella Mór; e nas Capellas menores o da Senhora da Conceição, o da Sagrada Familia, e o de Santo Antonio, que forão feitos por 1765. Em Mafra, na Capella dos sette altares está outra Familia Sagrada em grande painel, regeitado pelas intrigas dos seus emulos. Na Casa de Cadaval havia huma réplica desta pintura. Na Ermida de S. Joaquim ao Calvario ha varias pinturas suas, brilhando muito a da Sagrada Familia que está sobre o Altar. O Conde de Lipe por 1762 visitou Vieira, e obteve delle hum Santo Antonio que levou para Alemanha.

Guilherme Hudson tambem conduzio a Inglaterra o celeberrimo original da Adoração dos Reis. Tambem he sua a Conceição que está na Junta do Commercio. Braz Toscano de Mello, escultor empregado em Mafra, possuia outro Santo Antonio de Vieira; e Pedro Alexandrino falla em hum painel do mesmo Santo, e do mesmo Author que se acha na Collecção de Borba. Entre os quadros deste Author, que devorou o incendio de 1755, era assás famoso o do tecto dos Martires, pintado em 1750, de que nos restão os desenhos: representava a tomada de Lisboa aos Mouros por D. Affonso 1.º, e Guilherme de Longa espada, protegidos por Nossa Senhora dos Martires. Custou 1:000$ rs. Pelos gabinetes dos Curiosos ha varios esbocetos seus. Fez um número prodigioso de optimos desenhos, dos quaes a maior parte delles possue a Inglaterra, aonde os Amadores da Arte os pagavão muito bem, e muitos forão alli estampados: tambem abrio elle mesmo alguns a agua forte, contando-se entre os melhores o de Neptuno e Coronis, e o das Parcas cortando o fio vital de seu Irmão *(adiante descriptos)*. Foi igualmente sábio em Architectura como se vê em muitas das suas obras, e no desenho que fez para huma fonte de Neptuno entre duas Casas de prazer para hum jardim de Alexandre de Gusmão. Vimos em Roma paineis seus, e estampas copiadas pelas suas invenções.

« Vieira professou na Ordem Militar de S. Tiago em 1744. Em 75 enviuvou, e deo então fim á sua carreira pinturesca. Deixando Mafra, onde D. Ignez espirou, veio viver para o sitio do Beato Antonio, cheio de mágoa, e saudades; desejando muito sahir desta vida para ir fazer companhia á sua idolatrada esposa. Publicou em 1780 o seu livro do Pintor Insigne e leal Amante (*), assistio a hum acto da Academia do nú a S. José, e tres annos depois acabou os seus dias *(a 13 de Agosto de 1783)*, tendo vivido exemplarmente soccorrendo os pobres, e frequentando com muita devoção os Santuarios. » (*Cyrillo*, pp. 99–103).

Vieira Lusitano teve alguns discipulos e bastantes imitadores: entre aquelles contam-se sua irmã Catharina Vieira e o Morgado de Setubal; entre estes Joaquim Manuel da Rocha, Antonio Joaquim Padrão, Pedro Mattheus e outros. Alguns pintores ajudaram por vezes o nosso artista na execução dos seus quadros: D. André Rubira, que com elle viera de Sevilha, foi um dos seus collaboradores.

Da obra gravada de Vieira Lusitano descreve Nagler *(Lexicon*, xx, pp. 234–235) sete estampas; d'ellas possue a

(*) O titulo exacto da obra não é esse. Vide na Bibliographia: *Vieira Lusitano*.

Bibliotheca Nacional as de n.° 4, 5 (descriptas neste Catalogo sob n.ᵒˢ 300 e 301) e 6. frontispicio allegorico da obra de Diogo Barbosa Machado *Memorias para a Historia de Portugal.* D'esta ultima existem duas cópias tambem na mesma obra: uma gravada por Francisco Harrewyn, em Lisboa, sem data; outra por Pedro de Rochefort, em Lisboa, 1739. Além d'estas possue a Bibliotheca Nacional mais as seguintes estampas do artista:

1). Santo Antonio de Lisboa. Á esquerda o Santo, de perfil para a direita, ajoelhado, com os braços extendidos para receber o menino Jesus das mãos da Virgem Santissima, que se vê em uma gloria, em cima, á direita. Em baixo: no meio, uma vieira (marca parlante do artista), tendo em volta um rosario, cuja cruz está collocada no meio d'ella; á esquerda, « *Fran.ᶜᵒ Vieira Luz.ⁿᵒ Pintor Academico / inventou deliniou e abriu e... Lx.ª Occ = 1729* ». Altura, 255 millimetros; largura, 127 millimetros.

2-3). Duas estampas, sem data, com 89 millimetros de altura e 110 a 113 millimetros de largura, provavelmente fazendo parte de uma serie, cópias das gravadas por Antonio Tempesta para as suas *Metamorphoses de Ovidio* (n.ᵒˢ 638-787 de Nagler, *Lexicon*), a saber: a) « *Hyppolitum Dianæ impulsu ad vitam revocat Æsculapius et Virbius vocatur* »; b) « *Hecuba a Græcis (Troia exusta) rapitur.* »

4). Frontispicio allegorico, no 2.° estado, da obra de D. Antonio Caetano de Sousa *Historia genealogica da Casa Real Portugueza.* No meio, sobre um alto pedestal com as armas portuguezas, o Genio de Portugal sob a fórma de uma mulher sentada em um leão, de frente, de sceptro e coroa, tendo na mão esquerda uma cornucopia; aquem do pedestal, Minerva em pé, tomando um livro da mão de um personagem trajado á antiga, coroado de louro, visto de costas, ajoelhado e acompanhado de uma mulher moça de coroa radiada á cabeça, com uma romã na mão esquerda e uma coroa de hera no braço correspondente (ambos á direita); á esquerda: uma moça escrevendo com um estylete em uma taboa e uma mulher mais idosa sustentando um grande vaso com a arvore genealogica da casa de Bragança, reinante em Portugal. Em um poial, em baixo, á esquerda: « F. V. LUSIT — / — ANUS. / INVENIT / ET F. »; e na margem inferior, á direita: « *A Cabado ao buril por P. de Rochefort. 1735.* » Altura, 254 millimetros; largura, 178 millimetros.

No 1.° estado que conhecemos, mas que não existe na Bibliotheca Nacional, faltam os dizeres: « F. V. LUSIT... ET F. » e « *A Cabado...* 1735. »

5). Attribuimos tambem a Vieira Lusitano a seguinte estampa, pela maneira por que é gravada, caracter da lettra dos dizeres, &: — Allegoria satyrica no genero extravagante de Callot, com tres figuras: á esquerda, a Pintura incensando um sujeito em fórma de hermes que está no meio; á direita, uma figura, vista pelas costas, meio despida, agachada, expellindo de si uma immensa columna de outro *incenso* de propria producção. No alto da estampa, em uma taboleta: « D. CASTRO / GAL... P. A. / TESTIC. MAX. »; nas margens lateraes e inferior muitos dizeres em latim e italiano; os d'esta começam assim: « *amici, e, Professori delle arti liberali*... & ». Sem data, sem nome, monogramma ou marca do gravador. Altura, 175 millimetros; largura, 148 millimetros.

Vide: Taborda, pp. 230 e seguintes; Cyrillo, pp. 99 e seguintes; Raczynski: *Dictionnaire*, pp. 296 e seguintes e *Lettres*, pp. 241, 265, 270, 279, 290, 294, 295, 357, 383, 384, 445 e 447; Nagler, *Lexicon*, XX, pp. 234-235.

N.° 300. — Neptuno e Coronis.

Em uma paizagem á beira mar, Neptuno, de perfil, correndo para a esquerda, com os braços extendidos, tenta segurar Coronis, que lhe foge voando; entre elles interpõe-se Pallas, suspensa nos ares, afastando com a mão direita a moça do seu perseguidor. Em cima, á direita, Cupido com o indicador da mão direita na bocca e o arco e setta na esquerda. Em baixo occorre: á direita, « *Fran. Vieira inu. pin. 1724* »; e á esquerda, escriptos em uma taboleta os seguintes versos:

« *Se Palas divide ancioza*
Coronis do Rei do Mar
he por ella assim rogar
fogindo-lhe rigoroza;
Que fora couza orroroza
e tirania sem par
quando a quizesse apartar
se lhe foce amante espoza »,

e o dizer, « *Fran. V.ra Luzit. inv. pinxit / et sculpsit Romæ. / 1724.* »

Altura, 285 millimetros; largura, 215 millimetros.

N.° 2 de Andresen (II, 661); N.° 4, 2.° estado, de Nagler, *Lexicon* (XX, 234).

Bella estampa, que procedeu da Real Bibliotheca.

N.º 301. — A morte de João Vieira de Mattos; allegoria.

Dez figuras, as tres Parcas, o Tempo, a Morte e a Verdade, dentro de um redondo, inscripto em um parallelogrammo. No meio da estampa, vê-se, deitado em um colchão sobre um estrado, um mancebo, a quem Atropos, accompanhada de suas irmãs, corta o fio da vida; á esquerda: no alto, o Tempo, abraçado pela Morte, tem suspensa sobre a cabeça do mancebo a ampulheta, indicando que elle chegou ao termo da existencia, e em baixo, uma criança sentada, chorando; á direita, quatro figuras tristes ou chorosas, e a Verdade mostrando um espelho a uma d'ellas; no alto, entre nuvens, dois grupos de duas moças, um á esquerda, perto do arco iris, outro á direita, á entrada de um templo circular. No corpo da estampa encontram-se os seguintes dizeres: « REQVIESCAT = », por baixo do arco iris; « IN PACE ÆTERN », no friso do templo; « LVSTR IIII », na estriga enrolada na roca de Clothos; e « IOANNES = / NOMEN EIUS », em uma téla meio esboçada, á esquerda do menino que chora.

Na margem inferior lê-se: « *Meu diletissimo Irmam em / sinal daquelle fraterno Amor q̄. / sempre me merecexte, esta demõstra= / çam de minha perpetua Saudade, em teu / Louvor Consacro aos meus Amigos* PINTORES. / *Sei q̄. nam menos relevarão elles o exeço da mi= / nha pena do q̄. tu agradeceras o meu puro dezejo q̄. / he so de q̄. se lembrem da tua Gentil Alma nas suas = / oraçõis ⇝ / Seu parcialissimo Am.º* », á esquerda; « *Carissimi amici* PITTORI... *salutarvi di vero Core ⇝ Vostro partial.mo affetsonato* ⇝ », á direita; e no meio, a subscripção do artista como vem representada na Taboa dos monogrammas (n.º 28). Sem data.

Dimensões do parallelogrammo: altura, 372 millimetros; largura, 369 millimetros; diametro do circulo (um tanto irregular), 350 a 360 millimetros.

N.º 5 de Nagler, *Lexicon* (XX, 234).

Bella e rarissima estampa, que foi da Real Bibliotheca.

PADRÃO (ANTONIO JOAQUIM)

A. Padrão sculps.

N.º 8.

Antonio Joaquim Padrão, pintor e gravador á agua-forte.

« Pintou o S. José, que está no Mosteiro dos Bentos, á Estrella; Nossa Senhora do Carmo para a Capella do Arcebispo d'Adrianopoli; o painel chamado da competencia porque o fez n'huma especie de concurso com o Rocha (*Joaquim Manuel da*); he a Annunciação de Nossa Senhora feita pela estampa do Baroccio, e bem se vê que poz alli todo o seu saber, conseguindo talvez igualar o seu modêlo, no colorido, graça, suavidade, e expressão. Este quadro está na Galeria de Borba. Tambem soube pintar com magisterio paizes, e retratos, e faz-lhe muita honra o de D. Fr. Manoel do Cenaculo Arcebispo de Evora, que está em Jesus. Na Sacristia da Ermida da Piedade, á Boa-Morte, está outra pintura sua feita para a bandeira do Terço, e foi huma das ultimas cousas que fez; assim como o Menino Jesus representado na idade adolescente para o P. Antonio Luiz, bem conhecido pelo zelo, e caridade com que educava os orfãos; o qual passou para a collecção do Marquez d'Angeja. Fez os esbocetos, que forão para França para por elles se executar o grande retrato do Marquez de Pombal expulsando os Jesuitas. Abrio muito bem a agua forte. Morreu moço, e tisico pelos annos 1760.

« O Lobo (*Francisco Xavier*) o elogia muito e diz, que era melancolico, e estudioso; que não poupava deligencia alguma para se aperfeiçoar, e que sabia abrir os Livros com gosto raro. Foi mestre de João Silverio Carpineti, e de José Caetano Syriaco. » (*Cyrillo*, 114-115).

N.º 302. — *Regina Angelorum*, segundo Vieira Lusitano.

Dois anjos, de perfil, ajoelhados, um á esquerda, outro á direita, levantam sobre um escudo a Virgem Santissima cercada de uma aureola, com a mão esquerda no peito e os olhos erguidos para o ceo, tendo na cabeça uma coroa real e na mão direita um sceptro.

Na margem inferior lê-se: « *Eq. Vieira Lus. inv.* », á esquerda; « *A. I. Padrão sculps.* » (como no monogramma n.º 8), á direita. Sem data.

Altura, 177 millimetros; largura, 125 millimetros.
Estampa rara, não descripta.

Da Real Bibliotheca.

N.° 303. — S. José, segundo Vieira Lusitano.

Em pé, sobre um hemispherio, a tres quartos para a esquerda, com o rosto de frente, tendo na mão direita a sua vara, adornada de angelicas, sustenta nos braços o Menino Jesus, que com um sceptro aponta para um escudo, seguro por um anjo á esquerda da estampa, no qual se vê uma vara de angelica com o seguinte dizer em volta: « DIVI JOSEPHI PATROCINIUM. »

Na margem inferior occorre: 1.°, « *Eques F. Vieira invenit* », á esquerda; e « *Antonius Ioachim Padrão Sculp.* », á direita; 2.°, « SALUS NOSTRA IN MANU TUA EST: RESPICIAT NOS TAN = / TUM DOMINUS NOSTER, ET LÆTI SERVIEMUS REGI. *Gen. 47.* » Sem data.

Altura, 235 millimetros; largura, 148 millimetros.

Bella e rara estampa, não descripta.

Da Real Bibliotheca.

ROCHA (JOAQUIM MANUEL DA)

Joaquim Manuel da Rocha, pintor e gravador á agua-forte, nascido em Lisboa a 18 de Janeiro de 1730, foi discipulo de André Gonçalves II e de Domingos Nunes, pintor, que a mandado d'El-Rei D. João V tinha ido estudar á Roma, e que pouco produziu por ter perdido a vista.

« O Rocha teve no principio colorido agradavel, depois usou muito de preto de marfim a que chamava preto santo, e da terra rossa, que dá na côr de tijolo. Copiou quantos desenhos pôde de Vieira; e copiava-os tambem que se equivocavam muito com os originaes. Pelos annos 1760 pintou o panno da embocadura para o Theatro do Bairro alto, aonde representou Apollo com as Musas, e hum bellissimo Tejo. Custou-lhe muito a manejar as tintas, e não quiz pintar mais nada a tempera. Como não fazia pannos para ornar casas, e não queria ir pintar em tectos, nem em lugar algum fóra da sua casa, achava-se ás vezes sem encommendas, e nesses intervalos pintava fógos, buzios, conxas, e outros objectos da natureza morta, tudo com a maior verdade, optima composição, e toque magistral. Tambem gravou mui pintorescamente a agua forte. O seu costume era pintar de manhã, e passear de tarde, até que sendo admittido como Lente na Aula Regia do Desenho, que então se estabeleceu, dahi por diante em-

pregou as tardes nas lições da sua escola. Fez bastantes quadros para Igrejas, e são « o da Sagrada Familia para o Carmo; os da Ultima Cêa na Conceição dos Freires, e no Loreto, os da Senhora da Conceição em Santa Isabel, na Sacristia dos Paulistas, e nas Sete Casas. O da Ermida do Morgado da Alagoa, o S. Paulo Eremita na Portaria dos Paulistas. Annunciação do Baroccio, e hum Apostolado na Ermida de Feliciano Velho. Para os Oratorios dos Jooens hum Jordão, e a Senhora do Rosario. Estes commerciantes inspeccionárão as obras da Igreja de S. Paulo, para onde fez o Rocha o famoso painel de S. Pedro e S. Paulo. Os 4 Arcanjos para a Capella do Senhor da Paciencia na Convalescença. Hum S. Jorge para Paulo Jorge, hum que está na Capella Mór, e dous na Sacristia de S. Pedro d'Alcantara. Sete paineis tambem de Igreja para a Ilha Terceira. O de S. João Evangelista na Capella Mór do Beato Antonio, e dous em huma das outras Capellas; e outros mais.

« Tambem fez retratos: o seu, o de sua Mãe, o de Francisco Vieira Lusitano, como a cabeça de um Monge, e a Senhora de Trevisani, todos pintados por elle, estão na Collecção de Borba. No ante-côro de Jesus está o de Mayne, e outros 5 seus successores, e Bispos. Em 1780 concorreu para a Academia do nú a S. José; e depois tambem ajudou a dirigir a da rua dos Camillos. Entrou na Irmandade de S. Lucas em 22 de Outubro de 1752, e morreu em 28 de Setembro de 1786. Pedro Alexandrino *(de Carvalho)* diz que desenhava bem, mas que em os seus nús usava muito das linhas rectas, ou quasi rectas; cousa que conduz ao estylo magro. O Lobo *(Francisco Xavier)* o louva muito, e diz mais, que era sisudo na côr, e forte no claro-escuro. » (*Cyrillo*, 116-118).

Jaz sepultado na igreja parochial do SS. Sacramento de Lisboa.

Na sua escola formaram-se os seguintes discipulos: Bernardino da Costa Lemos, natural do Porto de Mós, que, descontente da fortuna, desamparou a arte, trocando a palheta e os pinceis pelo tinteiro e penna de escrivão na sua patria; seus dois filhos: Joaquim Leonardo da Rocha (o mais velho), pintor e gravador á agua-forte, que foi director da aula de desenho da Ilha da Madeira, e João Francisco da Rocha, menos habil que o precedente; e o Conego da Igreja de Evora, José Jacintho.

Vide: Raczynski, *Dictionnaire*, na palavra *Rocha (Joachim-Emmanel da)*; e Taborda, 235-237.

N.º 304. — Nossa Senhora das Dores e Resgate.

Dentro de um retabulo: a Virgem Santissima, sentada ao pé da Cruz, tendo uma espada cravada no peito, exprimindo no semblante dor intensa, sustenta no seu regaço Jesus Christo morto; em baixo, á esquerda, a coroa de espinhos e os tres cravos. Na margem inferior, lê-se: 1.º, « *N. S.ra das Dores, e Resgate* »; 2.º, « *Joaq.m M.el da Rocha. sculp.* », á esquerda.

Dimensões da folha (que está um tanto mutilada de margens) no seu estado actual: altura, 105 millimetros; largura, 132 millimetros.

Estampa rara, não descripta, que pertenceu á Real Bibliotheca.

AGUILAR (Manuel Marques de)

Manuel Marques de Aguilar, gravador a buril.

« Nesta escola *(a aula de desenho sustentada pela Companhia dos vinhos da cidade do Porto)* estudou Manoel Marques de Aguillar até o anno 1793, e depois partio para Londres com huma pensão de 600$000 réis para estudar a pratica da gravura com Thomaz Milton, parente do Poeta, o qual abria muito bem paisagens, e figuras. Voltou em 96 ou 97, e foi pensionado com 480$000 réis para no Jardim Botanico fazer costumes da Asia, e objectos de Historia Natural. Gravou tambem os retratos de Suas Magestades. Nasceu na mesma Cidade do Porto em 1767 ou 1768. » « *Cyrillo*, 297 - 298).

Suppomos que João Balbino de Aguilar, tambem gravador, é seu filho. D'este possue a Bibliotheca Nacional um retrato com os seguintes dizeres: « *Copiado em Lisboa A. d'1817.* » — « *Aguilar filho gravou de idade de 11 an.s* » — « D. Maria Isabel de Bragança, | *Rainha de Espanha e das Jndias* Dedica, e offerece a Suas Mag.es Fidelissimas. | João Balbino de Aguilar. »

M. M. de Aguilar vivia e trabalhava ainda em 1814, data que occorre em um retrato de *Arthur Wellesley, primeiro Duque da Victoria*, existente na Bibliotheca Nacional, por elle gravado.

N.º 305. — Retrato de Luiz Pinto de Souza Coutinho, Visconde de Balsemão, segundo Domingos Antonio de Siqueira.

Em busto, de tres quartos para a direita, fardado, com diversas condecorações; dentro de um oval, emmoldurado em um parallelogrammo. Por baixo do oval ha uma taboleta em branco. O fundo do oval é constituido por traços obliquos dirigidos de cima para baixo e da esquerda para a direita. Sem lettra; sem data (1801 nos outros estados da estampa).

Altura, 333 millimetros; largura, 228 millimetros.

Ha cinco estados d'esta chapa; a estampa exposta pertence ao 1.º, e vem descripta no *Catalogo da Exposição de Historia do Brasil* sob n.º 17814. Quanto aos outros estados, vide os n.ºˢ 17815 – 17818 do mesmo Catalogo.

Estampa rara, que foi da Real Bibliotheca.

RIVARA (João Caetano)

João Caetano Rivara, gravador a buril.

« Sendo filho de estrangeiros nasceo em Lisboa, aonde frequentou a Aula do Castello. Foi para Roma em 1788 pensionado pela Intendencia, e alli por 3 annos foi escolar de Labruzzi. Passou depois para a Escola de Pedro Vitali, Veneziano, frequentando tambem o estudo de Volpato, Gravador famoso. Rivara gravou huma Sacra Familia do Ticiano de palmo e meio, dous ovados de Teniers representando hum pastor, e huma pastora, em meios corpos; o busto de Antenori em ovado pequeno &c. Voltou a Lisboa em 99, e depois foi a Londres estudar com Bartolozzi, tendo de pensão 600$000 réis. Alli gravou os retratos da Senhora Rainha, e do Principe Regente de Portugal. Seguio o estilo de Strange, e nesse mesmo estilo desenhou á penna hum Fauno, e huma Bachante, que estiverão no gabinete do Secretario de Estado, Antonio de Araujo e Azevedo. Em 1803 regressou a Lisboa, e foi ser Professor de gravura no Jardim Botanico, aonde tem aberto plantas, e outros objectos de Historia Natural. » (*Cyrillo*, 295-296).

Parece certo que J. C. Rivara estivera e trabalhára no Rio de Janeiro. A esse proposito diz o Sñr. A. do Valle Cabral, nos seus *Annaes da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro de 1808 – 1882*, pag. XLIX: « ... provavelmente (*J. C. Rivara*) veiu para o Brazil com a familia real em 1808, e trabalhou

na Impressão Regia, como se deduz da direcção que deu na gravura da Planta do Rio de Janeiro aberta por F. Souto. »

De feito, na alludida planta, mencionada sob n.os 295 dos referidos *Annaes* e 2579 do *Catalogo da Exp. de Hist. do Brazil*, se lê: « ... *Na Impressão Regia.* 1812. *Dirigida por I. C. Rivara, e Gravada por P. S. F. Souto. Desenhada no R. A. Militar por J. A. dos Reis.* »

Não nos foi possivel colher outras informações biographicas mais completas e precisas acêrca d'este artista.

N.° 306. — Retrato de Dona Maria I, Rainha de Portugal.

Em busto, a tres quartos para a direita, com o habito da Ordem de Christo ao peito, uma triplice facha de Grans-Cruzes a tiracollo, e o manto real sobre o hombro esquerdo; dentro de um oval, inscripto em um parallelogrammo. Por baixo do oval, em uma taboleta, occorre o titulo, com o escudo das armas do Reino de Portugal de permeio:

MARIA I. (*Brazão*) PORT. & ALG:
Regina Fidelissima. »

Sem outros dizeres, e sem data (1800?).

Altura, 234 millimetros; largura, 155 millimetros.

N.° 17957 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil.*

Bella e rara estampa, que faz *pendant* ao retrato de D. João, Principe Regente de Portugal, gravado pelo mesmo artista (20 de Agosto de 1800) e descripto no mencionado Catalogo sob n.° 17979.

Existe no Rio de Janeiro, no Paço Imperial da cidade, o retrato a oleo pelo qual foi feita esta estampa.

O exemplar exposto foi offerecido á Bibliotheca Nacional pelo Snr. Barão Homem de Mello.

SILVA (DOMINGOS JOSÉ DA)

De Domingos José da Silva, gravador a buril, diz Raczynski (*Dictionnaire*, pag. 273) o seguinte:

« Este artista foi o que mais aproveitou das lições de Bartolozzi; imitou-o e ainda o imita (*1847*) perfeitamente. É

bom desenhador. Não executou muitas gravuras, mas as que fez são boas; taes como: *S. Antonio de Lisboa; Jesus Christo crucificado*, chamado *da Bôa Sentença; S. Felix de Cantalicio; os retratos do Padre* (José) *Agostinho de Macedo, de Bocage*, e alguns para a obra « *Varões e Donas illustres* », entre outros o de *Mademoiselle Sicard*. É actualmente professor de gravura historica na Academia das Artes de Lisboa. Copiou a pennejado, imitando a gravura, o quadro classico da *Disputa*. A illusão produzida por esta obra é perfeita. Gravou tambem o diploma da Academia, que ainda não serviu, e occupa-se em fazer o *retrato do ministro Costa Cabral*, Conde de Thomar. » (*Communicação do Sñr. Santos, gravador da Academia*).

D. J. da Silva vivia ainda em 1847 na idade de cêrca de sessenta e um annos.

N.° 307. — Retrato de Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, segundo Henrique José da Silva.

A meio corpo, de tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, vestido de habitos prelaticios, com a cruz pastoral ao peito, sentado, escrevendo; no fundo uma livraria. Na margem inferior occorrem os seguintes dizeres: 1.°, « *H. J. da Silva delin. 1816.* », á esquerda; « *D. J. da Silva esculp.* », á direita; 2.°, o titulo e 3 versos hexametros latinos, com o brazão do retratado de permeio:

« D. JOZE, BISPO TRO TEMPO DE *Hunc, inter magnos* *Lusorum virtutibus,* *Illius ut nomen, sic*	Brazão	D'ELVAS, EM OU- PERNAMBUCO. *clarum Brasilia jactat,* *litteris, Orbis honorat:* *picta colatur imago.* »;

3.°, por baixo: « *Dedicada e Offerecida / por / João Joaquim d'Andrade Conego Prebendado da Sé d'Elvas.* »

Altura, 124 millimetros; largura, 99 millimetros.

N.° 18893 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil*.

Estampa rara, que proveiu da Real Bibliotheca.

PRIAZ (João Vicente)

João Vicente Priaz, gravador a buril, era de origem piemontez. Foi discipulo de Francisco Bartolozzi em Portugal; trabalhou no principio do seculo actual em Lisboa e, segundo Cyrillo, pag. 291, « regressou para o Piemonte, patria de seu pae. »

N.° 308. — A Virgem Santissima com o Menino Jesus em pé sobre uma mesa, segundo Raphael.

Vista até aos joelhos, sentada, quasi de perfil para a esquerda, tendo o rosto de frente, com os olhos baixos, conchega a si, com a mão direita, seu Divino Filho, de pé sobre uma mesa, segurando-lhe ao mesmo tempo o pé esquerdo com a outra mão. O Menino Jesus abraça sua Mãe, olhando risonho para a frente. Na margem inferior lê-se: 1.°, « *Raffael Sanzio de Urbino Pintou* », á esquerda; « *J. V. Priaz Desenhou e Gravou.* », á direita; 2.°, « A Virgem Nossa Senhora e o Menino Jesus | *Dedicada a Sua Magestade Imperial e Real | o Senhor D. João Sexto | Pelo seu respeitoso submisso e fiel vassallo João Vicente Priaz.* » Sem data (1825 a 1826).

Altura, 264 millimetros; largura, 188 millimetros.

O quadro de Raphael segundo o qual foi gravada esta estampa, descripto á pp. 120-121 do II de Passavant, *Raphael d'Urbin et son Père Giovanni Santi* (édition française, 1860), pertenceu em outro tempo á Galeria d'Orléans.

Bella e rara estampa, graciosamente offerecida á Bibliotheca Nacional pelo ex-Bibliothecario, o Snr. Dr. B. F. Ramiz Galvão.

FONTES

N.° 309. — Nossa Senhora das Dores e Santo Sepulchro.

Em um nicho: a Virgem Santissima, em corpo, de frente, com as mãos postas no peito, cujo lado esquerdo é atravessado por uma espada, tendo o manto sobre a cabeça e em redor d'esta um resplendor com oito estrellas e uma aureola. Em

um sepulchro, por baixo do nicho, vê-se Jesus Christo, morto, deitado, com a cabeça cercada de um resplendor e o corpo coberto com uma colcha. No alto do nicho, em um cartucho floreado, lê-se: « N. S. DAS DORES, E S. SEPULCHRO / *da Ordem Terceira de S. Francisco.* »; e na margem inferior, no meio: « Fontes. fez. 1829. »

Altura, 181 millimetros; largura, 120 millimetros.

A estampa representa as imagens de roca, que se veneram na igreja da Ordem Terceira de S. Francisco da Bahia.

Offerecida pelo Dr. J. Z. de M. Brum.

QUINTO (A. J.)

N.° 310. — Retrato de Dom Frei Bartholomeu do Pilar, segundo J. Cunha.

Em busto, a tres quartos para a direita, vestido de habito carmelitano, de cruz pastoral ao peito, com a mão direita um pouco levantada, segurando uma penna; dentro de um oval, ao alto. Por baixo do oval occorre: 1.°, « *J. Cunha delin.* », á esquerda; « *A. J. Quinto Sculp.* », á direita; 2.°, o titulo, com o brazão do retratado de permeio:

« D. FR. BARTHO- LAR, PRI- PO DO	Brazão	LOMEU DO PI- MEIRO BIS- PARÁ.

Sem data.

Dimensões da chapa: altura, 174 millimetros; largura, 114 millimetros.

N.° 18479 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil.*

Rara.

Da Real Bibliotheca.

ESCOLA AMERICANA

ANONYMO XVII,

da officina da *American Bank Note C.º*, de New-York.

N.º 311. — Retrato do Barão Homem de Mello, segundo Miguel Cañizares, hespanhol.

Em busto, a tres quartos para a esquerda, de *pince-nez*, vestindo farda de Presidente de Provincia, com as insignias de dignitario da Ordem da Rosa, em uma moldura oval, ornada de ramos de loureiro. Por fóra da moldura, em uma especie de *passe-par-tout*, estão representadas varias figuras allegoricas: a Fama, a Religião, a Abundancia, a Lavoura; e escriptos diversos dizeres, dos quaes, uns referem nomes de Bahianos illustres: « CORONEL / SEBASTIÃO DA ROCHA / PITTA »... « DE PEDRA BRANCA », com uma coroa de Visconde por cima; e outros são allusivos a factos concernentes á administração do retratado, como Presidente da Provincia da Bahia: « RUA / DO / BARÃO / HOMEM / DE / MELLO »... « ESCHOLA DA PIEDADE ».

No alto da estampa, no meio, duas donzellas sentadas sustentam com uma das mãos o escudo das armas da cidade da Bahia (em campo azul, uma pomba branca voando, com um ramo de oliveira no bico), tendo um B por baixo da pomba (*), emquanto com a outra levantam no ar, por cima do escudo, uma coroa de Barão.

Por baixo da moldura oval, occorre a seguinte dedicatoria, em uma taboleta tambem oval: « AO ILL.MO E / EX.MO SNR. CONSELHEIRO / BARÃO HOMEM DE MELLO, / PRESIDENTE DA PROVINCIA / DA BAHIA. / A BAHIA AGRADECIDA / ANNO 1878. »; e na margem inferior, á direita: « AMERICAN BANK NOTE C.º NEW-YORK ».

Altura: aos lados, 312 millimetros; no meio, 344 millimetros; largura, 253 millimetros.

N.º 18698 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil.*

Offerecido á Bibliotheca Nacional pelo Sñr. Barão Homem de Mello.

(*) As armas da Bahia são, segundo Gabriel Soares e Rocha Pitta, em câmpo verde, embora Varnhagen, *Historia geral do Brazil*, diga que em campo azul, e não tem o B por baixo da pomba; mas o mote: « Sic illa ad arcam reversa est », em redor.

ANONYMO XVIII,

da officina de W. Welstood & C.ia,
de New-York.

N.° 312. — Retrato do Visconde do Rio Branco.

Em busto, a tres quartos para a direita, olhando para a frente. Na margem inferior occorre: « *Engraved & Printed by W. Welstood & CO. N. Y.* »; 2.°, « *Visconde do Rio Branco* » (fac-simile da assignatura do retratado); 3.° « *Offerecido aos Assignantes do Novo Mundo* ». Sem data.

Dimensões da chapa: altura, 252 millimetros; largura, 176 millimetros.

N.° 19106 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil*.

Offerecido á Bibliotheca Nacional pelo Sñr. Conselheiro José Maria da Silva Paranhos, filho do retratado.

III

DESENHOS

ESCOLA BRAZILEIRA

LECÓR (LUIZ PEDRO)

Luiz Pedro Lecór, filho do Marechal de Campo João Pedro Lecór, nascido na cidade de Faro, em Portugal, a 10 de Abril de 1805, veiu para o Brazil em 1820.

Assentou praça de cadete no regimento de dragões da provincia Cisplatina (então portugueza) em 1.º de Agosto de 1820 e seguiu a carreira militar até ao posto de capitão, em que foi reformado a 13 de Setembro de 1837.

Não se sabe com quem aprendeu o desenho e a pintura. Foi desenhador e pintor a oleo e á aguada; cultivou varios generos: retratos, pintura historica e paizagem. A 27 de Março de 1854 foi nomeado desenhista do Archivo Militar da Côrte, emprego que exerceu até 1878.

A sua obra consta de: quadros historicos; retratos a oleo e em miniatura, em poder das familias dos retratados; paizagens á oleo e á aguarella, pela maior parte pertencentes a seu irmão o Major Antonio Pedro Lecór; uma collecção de orchideas, de tamanho natural, á aguarella, feita para o Dr. Brandão, director do Jardim-Botanico; figurinos para novos uniformes do exercito, &. Os trabalhos de cartographia (cópias de diversos originaes), que fez como desenhista do Archivo Militar, são muito notaveis não só pela exactidão e nitidez do desenho, mas tambem pelas bellas pinturas á aguada de nankin que os adornam.

Falleceu no Rio de Janeiro a 11 de Agosto de 1879.

N.º 313. — Retrato do Visconde de Cayrú.

A meio corpo, de tres quartos para a esquerda, olhando para a frente, tendo na mão esquerda um livro fechado. Na margem inferior occorre: 1.º, « VISCONDE DE CAYRU' / *Jose da Silva Lisboa* », no meio; 2.º, « *Luis Lecor des.* », á direita. Sem data (1878).

Desenho original a dois lapis.

Dimensões da folha: altura, 394 millimetros; largura, 278 millimetros.

O retrato foi offerecido á Bibliotheca Nacional pelo Sñr. Alfredo do Valle Cabral.

SANTO ANGELO (Manuel de Araujo Porto-Alegre, Barão de) *

Na então villa, hoje cidade, do Rio-Pardo, da provincia do Rio-Grande-do-Sul, nasceu Manuel José de Araujo a 29 de Novembro de 1806.

Aos cinco annos de idade perdeu seu pae; tendo sua mãe passado a segundas nupcias, foi seu padrasto quem o mandou educar. Aprendeu as primeiras lettras em Porto-Alegre e no Rio de Janeiro, onde estivera por algum tempo em 1816. Já era o primeiro e o mais instruido na escola, quando pela primeira vez gazeou para ir ver pintar a illuminação que a Camara de Porto-Alegre mandára fazer pelo nascimento do Principe da Beira. Nas aulas, que então havia nesta cidade, de latim, francez, philosophia, geographia, algebra e geometria, fez os estudos classicos com o maior aproveitamento.

Desde a infancia mostrou sempre muita inclinação para o desenho e as sciencias naturaes, pois passava as horas vagas a pintar e a colher productos da natureza, dos quaes tinha no seu quarto um museuzinho preparado por elle.

Aos dezeseis annos querendo ter uma profissão, escolheu a de relojoeiro. Já ajudava a seu mestre, J. Jacques Rousseau, e trabalhava na confecção de rodas e carreteis, quando chegou a Porto-Alegre um joven francez, Francisco Ther, que havia estudado alguma cousa de desenho. M. J. de Araujo ligou-se de amizade com elle, que era hospede de seu mestre, e começou a pintar; mas em pouco tempo o excedeu, porque Ther era apenas um curioso. O seu mestre de relojoaria, vendo aquella vocação tão pronunciada, aconselhou-o a seguir a pintura, avivando-lhe o espirito com a narração que lhe fazia das maravilhas de Paris e da Hespanha, onde tinha servido e batalhado no tempo de Napoleão I.

Havia então em Porto-Alegre um retratista por nome Manuel José Gentil e um pintor de decorações chamado João

(*) A benevolencia do Sñr. João Maximiano Mafra, discipulo predilecto e amigo intimo do Barão de Santo Angelo, devemos a fineza de ter consultado uma cópia da autobiographia de seu illustre mestre, da qual é na maxima parte extrahido quasi textualmente este esboço biographico.

de Deus; o primeiro não queria ensinar a ninguem, e o segundo era apenas um bom encarnador de imagens. Pelo que observava nas poucas vezes que era admittido a ver trabalhar estes homens, aprendeu o manejo das tintas a oleo e começou por si mesmo a fazer alguns paineis.

Mandou buscar ao Rio de Janeiro estampas elementares e alguns livros, e divertia se em copial-as e em pintar paizagens segundo as que encontrava nas bocetas de madeira de Brunswich. Em um theatro particular, onde representava, fazia tambem algumas pinturas com os seus amigos Justino Antonio Pinto e José Simeão de Oliveira.

Sem conhecer a menor regra de perspectiva, vivia em grande afflicção por não saber dar profundidade ao scenario e representar as cousas ao longe, com é preciso. Haviam-lhe emprestado uma gravura representando o interior dos Banhos romanos de Nîmes, e elle contemplava aquella perspectiva, procurando estudar os meios de fugir os objectos. De repente começou a notar que certas linhas iam todas convergir a um ponto; põe em cima da estampa duas reguas, examina todas as linhas do pavimento e cimalhas e tão contente se achou d'aquelle descobrimento que desmaiou de prazer! Como era noite, não poude dormir e, logo que amanheceu, correu ao theatro para fazer applicação do seu achado, pelo que foi comprimentado pelos seus amigos, todos discipulos somente da natureza.

Seduzido por José Simeão para ajudal-o nas pinturas que estava fazendo em uma casa, tomou gosto por este genero de trabalho e começou a trabalhar por conta propria; taes progressos fez que o orgulhoso João de Deus não duvidou convidal-o para o ajudar nas pinturas que estava fazendo em outra casa.

Vendo nesta a gravura de C. S. Pradier, segundo João Baptista Debret, representando o desembarque de S. Alteza Real a Archiduqueza D. Carolina Leopoldina, depois 1.ª Imperatriz (n.º 17472 do C.E.H.), e sabendo que o pintor estava no Rio de Janeiro, concebeu então a ideia de vir para a Côrte aprender a pintura com J. B. Debret; mas não poude realizar o seu desejo, não só por não ter animo de deixar sua mãe sozinha, mas ainda porque esta se não resignava a separar-se do filho.

No recrutamento que fez em 1826 o Presidente da Provincia Salvador José Maciel foi incluido o joven artista e mandado assentar praça no regimento de dragões do Rio-Pardo; violencia motivada por vingança do Capitão Mór João Thomaz

Coelho, irritado por haver M. A. Porto–Alegre (*) collocado sua filha mais velha em 1.º lugar no rol que elle e outros formaram das moças feias da cidade.

Entretanto poude o recrutado obter a protecção do Visconde de Castro e por intermedio d'elle a sua baixa. Esta occurrencia decidiu M. A. Porto–Alegre e sua mãe a consentirem na mutua separação e a partida d'elle para o Rio de Janeiro foi immediatamente resolvida e realizada.

Levando no bolso apenas algumas dobras, que havia ganho em retratos e pinturas, e cartas de recommendação, partiu em Outubro de 1826 para esta Côrte, onde chegou a 14 de Janeiro do anno seguinte, indo hospedar-se na casa do Monsenhor Antonio Vieira da Soledade, Senador pelo Rio Grande do Sul.

No dia 27 (**) de Janeiro de 1827 entrou para a aula de J. B. Debret, professor de pintura historica da Academia de Bellas–Artes; logo depois frequentou tambem os cursos de architectura e de esculptura da mesma Academia, e com tanto aproveitamento se dedicou a todas estas disciplinas que na Exposição de 1830 obteve tres premios, um de pintura, um de architectura e outro de esculptura.

Frequentou os primeiros annos da Escola Militar; a aula de philosophia do benedictino P.º M.º Fr. José Polycarpo de S. Gertrudes Maia; estudou anatomia e physiologia com o Dr. Claudio Luiz da Costa, a quem deve o gosto que adquiriu pela leitura; e a perspectiva estudou-a com seu mestre J. B. Debret e comsigo mesmo. Dissecou por dois annos no Hospital da Santa Casa da Misericordia e assistiu algumas vezes ás lições do professor de anatomia, Dr. Domingos José Marques, e ás do Dr. Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, depois Barão de Iguarassú.

Tendo feito alguns paineis para o Bispo do Rio de Janeiro, D. José Caetano da Silva Coutinho, mereceu a sympathia e bôas graças d'este venerando Prelado, em cujo palacio foi hospedar-se quando se retirou para o Rio-Grande do Sul o Senador A. V. da Soledade. Ali moravam então jovens esperançosos pelo seu talento, com os quaes se relacionou, entre outros: o P.º Manuel Joaquim da Silveira, depois Bispo do Maranhão, Arcebispo da Bahia e Conde de S. Salvador,

---

(*) Logo depois da Independencia muitas pessoas mudaram de nome, substituindo ou augmentando os seus appellidos de familia por outros derivados de cousas do Brazil; seguindo a moda, passou Manuel José de Araujo a chamar-se Manuel de Araujo Pitangueira, nome que mais tarde trocou pelo de Manuel de Araujo Porto-Alegre e depois se tornou célebre na republica das lettras e das artes.

(**) A *autobiographia* dá esta data, mas o Catalogo da *Exposição da classe de pintura historica da Academia dos Bellas-Artes de 1829* reza: « Manoel d'Araujo Porto -Alegre, discipulo, principiou o Dezenho em 26 de Janeiro de 1827. »

e o P.ᵉ João Antonio dos Santos, actual Bispo de Diamantina.

Tendo-lhe o Dr. Claudio Luiz da Costa pedido um painel representando o Imperador D. Pedro I entregando o decreto (9 de Setembro de 1826) de reforma das Escolas de cirurgia ao director da do Rio de Janeiro em presença do corpo academico (n.º 1 do Catalogo da *Exposição publica... na Imperial Academia das Bellas-Artes no anno de 1830* e n.º 17488 do *C.E.H.*), para presentear com elle a mesma Escola, o joven artista poz mãos á obra com todo o esmero e gratidão. Em um dia (1830) em que foi á Academia de Bellas-Artes viu o Imperador o quadro, que estava por acabar, e notando a semelhança de quasi todos os retratos, menos o seu, o do Visconde de S. Leopoldo e o do Dr. Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, quiz ver o artista; mas informado de que estava ausente, disse: « Bem, pela minha parte não ha duvida; mas pela do Peixoto e do S. Leopoldo é differente, porque um está em França e o outro no Rio-Grande. »

De volta ao paço da cidade viu o Imperador á entrada do palacio o artista, que ali tinha ido para apanhar-lhe as feições; fel-o vir á sua presença e ordenou-lhe que no dia 12 de Outubro fosse a S. Christovão para tirar o seu retrato. De feito Porto-Alegre cumpriu a ordem; no fim da audiencia disse lhe o Imperador: « A Imperatriz quer este retrato, porque o acha o mais parecido de todos, e logo que o acabares lhe virás entregal o; depois me has de fazer outro, e o d'ella e de meus filhos, os quaes irás tu mesmo levar á minha sogra em Munich, e de lá partirás para a Italia, ou onde melhor te convier estudar, e pelo tempo que quizeres, com tanto que lá não fiques. » Mas o homem põe e Deus dispõe. Essa promessa de estudar em Europa á custa do bolsinho imperial não poude realizar-se por ter M. A. Porto-Alegre logo depois adoecido gravemente e o Imperador abdicado. Pretendia fazer a viagem á sua custa, pois tinha recentemente recebido cinco mil cruzados, parte da herança paterna; ainda d'esta feita ficou burlado o seu intento á falta de dinheiro, por ter emprestado por dias a um parente e amigo de infancia os seus cinco mil cruzados, que nunca mais lhe foram restituidos. Tal era porém a força de vontade do joven artista que não desanimou. Mediante a benevola protecção de Evaristo Ferreira da Veiga, que lhe entregou Rs. 400$000, producto de uma subscripção por elle agenciada, de Monsenhor A. V. da Soledade, que lhe deu uma ordem para receber em França a mezada de Rs. 20$000 fortes, e de José Bonifacio de Andrada e Silva, que do Almirante Grivel lhe obtivera passagem gratuita no

navio de guerra francez *Durance*, poude emfim partir para França, em companhia de seu mestre João Baptista Debret, a 25 de Julho de 1831, chegando a Brest em Setembro e a Paris no dia 4 de Outubro do mesmo anno.

Poz-se desde logo a estudar pintura sob a direcção do Barão Gros e com tão bom exito que obteve na Escola de Bellas-Artes o 32.° lugar em um concurso (1832) e a 3.ª medalha em outro (1833). Na mesma Escola seguia tambem o curso de anatomia. Assistindo um dia á aula do professor Émery (Dr. Eduardo Felix Estevão), succedeu que este não pudesse continuar a lição á falta do preparador; M. A. Porto-Alegre offereceu-se para substituil-o e in-continenti preparou os musculos da coxa com tanta mestria e destreza, que mereceu publico elogio do professor e desde logo captou a sua estima e a de todos os estudantes.

Tendo fallido o seu correspondente no Rio de Janeiro, M. A. Porto-Alegre não só perdeu Rs. 600$000, que sua mãe lhe mandára, como tambem deixou de receber a mezada com que Monsenhor A. V. da Soledade o suppria; reduzido ás mais criticas circumstancias deixou de frequentar a escola do Barão Gros, por não poder pagar-lhe a mensalidade e outras despezas da aprendizagem e vendeu tudo quanto tinha de algum valor; só não desamparou a aula de architectura do professor Francisco Debret, por ser gratuita. Nesta conjunctura valeram n'o o ministro do Brazil em França, José Joaquim da Rocha, a quem Antonio Carlos Ribeiro de Andrada o recommendára, emprestando-lhe algum dinheiro, e seu mestre J. B. Debret, dando-lhe pousada na sua casa. Apesar d'isto, porém, a situação pecuniaria do nosso artista era muito embaraçosa. Por esse tempo (1834) chegou a Paris Luiz de Menezes Vasconcellos de Drummond, o qual sabendo das suas más circumstancias, offereceu-lhe vinte mil francos para ir á Italia terminar os seus estudos; mas de tão generoso offerecimento M. A. Porto-Alegre só se utilizou em parte, recebendo apenas quatro mil francos.

A 4 de Outubro de 1834 partiu para Roma, em companhia de seu amigo o Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães, depois Visconde de Araguaya, e ali se demorou por um anno estudando e trabalhando como pintor.

Ao voltar a Paris em 1835 soube que a Assemblea geral lhe tinha concedido, em 29 de Julho d'esse anno, uma subvenção annual de Rs. 600$000 durante tres annos para aperfeiçoar se no estudo das bellas-artes em Europa. Visitou Londres, viajou pela Belgica e Hollanda e tencionava ir á Grecia e ao Egypto, quando, sabendo da situação precaria de

sua mãe na sua provincia natal, em consequencia da guerra civil que desde 1835 a assolava, resolveu voltar para o Brazil.

Chegando ao Rio de Janeiro (14 de Maio de 1837), já não encontrou vivos os seus amigos e protectores, o Bispo D. José, Monsenhor A. V. da Soledade e Evaristo Ferreira da Veiga; mas nem por isso perdeu a coragem e, confiado no seu saber e actividade, não hesitou um só instante; estabeleceu-se na Côrte e mandou vir sua mãe para viver na sua companhia.

Logo depois foi nomeado professor da Academia de Bellas-Artes e, em 28 de Julho de 1840, pintor da Imperial Camara. Desgostoso pela opposição que soffria naquella Academia, sollicitou a sua transferencia para a Escola Militar, onde vagára o lugar de substituto de desenho, sendo nelle provido (1848) com geral applauso do corpo docente da mesma Escola.

Nomeado Director da Academia de Bellas-Artes, tomou posse do emprego a 11 de Maio de 1854. No seu novo posto o distincto artista foi tão bom organizador como habil administrador; assim propoz e levou a effeito a reforma da Academia: dando-lhe nova organização; reunindo-lhe o Conservatorio de musica (14 de Maio de 1855); reformando a bibliotheca; construindo a Pinacotheca; contribuindo para o augmento dos vencimentos dos professores; e elevando a seis annos, em vez de tres, o tempo de estudo dos pensionistas do Estado em Europa. As amarguras que soffreu na direcção da Academia levaram-n'o a pedir a sua exoneração, que lhe foi concedida a 14 de Outubro de 1857. Pouco depois foi tambem jubilado á seu pedido na Escola Militar, onde já era professor cathedratico.

Como pintor M. A. Porto-Alegre dedicou-se a varios generos: retratos, pintura historica e paizagem. Os Catalogos das Exposições da Academia de Bellas-Artes do Rio de Janeiro fazem menção de alguns trabalhos seus: os n.os 11 – 24 no de 1829, os n.os 1 – 12 no de 1830, e os n.os 268 – 270 no de 1879. Além d'isto M. A. Porto-Alegre decorou a Varanda (tambem de seu risco) para a sagração e coroação do Snr. D. Pedro II em 1841, o Paço da cidade para o casamento dos actuaes Imperantes em 1843, e os arcos triumphaes, &, para os festejos feitos por occasião dos baptizamentos dos Principes D. Affonso e D. Pedro, desempenhando-se cabalmente de todos estes encargos e a contento geral.

Em architectura deixou tambem M. A. Porto-Alegre trabalhos de arte: a Pinacotheca da Academia de Bellas-Artes,

o grande armazem da Alfandega, a igreja nova de Santa Anna (em cuja execução não tem sido seguido á risca o seu plano), o Banco do Brazil, o projecto para um novo edificio destinado á Faculdade de Medicina, nunca levado a effeito, todos no Rio de Janeiro; &.

O seu talento fecundo e omnimodo e a sua infatigavel actividade não se limitaram a trabalhos de arte somente; cultivou esmeradamente as lettras, em cuja republica deixou nome honroso como litterato e como poeta. As revistas e diarios do Rio de Janeiro estão cheios de escriptos da sua amestrada penna, entre outros: a *Minerva brasiliense*, a *Iris*, o *Ostensor brazileiro*; a *Guanabara* e sobretudo a *Revista trimensal do Instituto Historico*, onde foram publicados muitos discursos seus, elogios historicos dos socios fallecidos e memorias. D'estas citaremos duas por dizerem respeito a assumptos de arte: *Memoria sobre a antiga escola de pintura fluminense* (Supplemento ao tomo III, 1841, pp. 33-43) e *Iconographia brasileira* (XIX, pp. 349-378), onde o autor traça as biographias do Padre José Mauricio Nunes Garcia, de Valentim da Fonseca e Silva e de Francisco Pedro do Amaral. Escreveu comedias e dramas e publicou muitas poesias, d'entre as quaes faremos especial menção, como obras de folego e de grande merecimento litterario, das *Brasilianas* e do poema *Colombo*. Além das producções litterarias dadas á luz da publicidade, é certo que M. A. Porto-Alegre deixou muitas outras, talvez hoje perdidas.

Prestou ainda outros serviços á patria: foi director da secção de archeologia e numismatica do Museu Nacional do Rio de Janeiro, concorreu para a fundação do Conservatorio Dramatico e da Opera Nacional, serviu como vereador supplente da Ill.ma Camara Municipal (1852), foi membro da commissão encarregada de erigir a estatua equestre de D. Pedro I, que actualmente se vê na praça da Constituição.

Tão illustre brazileiro depoz emfim a palheta, os pinceis e a penna para servir a patria na carreira consular, como nosso Consul na Prussia (1859) e em Portugal (1867).

Em 1873 veiu ainda ao Rio de Janeiro, onde se demorou apenas tres mezes; foi o derradeiro adeus ao seu Brazil, que tanto amára e honrára pelo seu talento.

De volta ao seu posto em Lisboa, ali falleceu a 29 (*) de Dezembro de 1879.

M. A. Porto-Alegre foi por vezes agraciado pelo Snr.

(*) O elogio historico do B. de Santo Angelo, *Rev. do Inst. Hist.* diz 29; a correspondencia de Lisboa no *Jornal do Commercio* de 24 de Janeiro de 1880 confirma esta data; mas o telegramma do dito *Jornal* de 1 de Janeiro de 1880 e o *Almanack de lembranças* dão a morte a 30 de Dezembro de 1879.

D. Pedro II com diversas condecorações e em 1874 com o titulo de Barão de Santo Angelo; era membro de grande numero de sociedades artisticas, scientificas e litterarias, nacionaes e extrangeiras.

No seu testamento diz elle estas palavras, que retratam com verdade o seu caracter:

« Nunca provoquei lutas; porém a amizade me levou ao campo muitas vezes e o direito sempre.

Nunca amei os homens pela sua posição; nunca adorei o dinheiro, tendo sempre vivido pobremente, e nunca tive outra ambição que não fosse a de um nome sem mancha.

Soffri pela amizade e pela justiça, porque sempre detestei a deslealdade e o despotismo.

E de meus paes, de meu soberano, e dos homens honestos fui sempre respeitoso e dedicado amigo. »

Para mais pormenores sobre a vida do Barão de Santo Angelo, não concernentes á sua carreira artistica, vejam-se: Wolf, pp. 169-175 da I p. e pp. 198-212 da II; Dr. Moreira de Azevedo, *O Rio de Janeiro*, II, pp. 201-207; *Revista trimensal do Instituto Historico*, tomo XLIII, II p., pp. 527-540; Dr. Teixeira de Mello, *Ephemerides Nacionaes*, II, pp. 321-323; Innocencio, *Diccionario*, V, pp. 264-266; *Novo Almanach de lembranças luso-brazileiro para o anno de 1884*, pp. V-XXIV, acompanhado do seu retrato.

N.° 314. — Retrato de Dom José Caetano da Silva Coutinho, 8.° Bispo do Rio de Janeiro e 1.° Capellão Mor.

Em busto, com o corpo a tres quartos para a direita, e o rosto a tres quartos para o lado opposto, de cruz pastoral ao peito. Em baixo lê-se: para a esquerda, « *Porto Alegre* »; e á direita « *Melhor* ».

Desenho original a dois lapis. Sem data.

Dimensões da folha: altura, 148 millimetros; largura, 110 millimetros.

N.° 18860 do *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil.*

O retrato foi offerecido á Bibliotheca Nacional pelo Sñr. Antonio Luiz Pinto Montenegro.

TABOA

DOS

MONOGRAMMAS, MARCAS, LETTRAS INICIAES, NOMES ABREVIADOS E ESTROPEADOS CITADOS NESTE CATALOGO.

N.os (nostri)	Monogrammas, etc.	EXPLICAÇÃO	
		em lettras	in extenso
1	I·B·M·	I.BA.MA.	I(oão) Ba(ptista) Ma(ntuano).
2	CMA	CMA	C(ornelio) Ma(tsys).
3 a, 3 b, 3 c	AD	AD	A(lberto) D(urero).
4	Æ.V.	Æ. V.	Æ(neas) V(ico).
5	MF	MAF	M(arco) A(ntonio) F(ecit).
6	AG	AG	A(lde) G(rever).
7	AHex	AH ex	A(?) H(?) ex(cudit).
8	AI Padrão sculps.	A I Padrão sculps.	A(ntonio) I(oaquim) Padrão sculps (it).
9	AS	AS	A(damo) S(cultore).

Nomes dos artistas	Numeros (dos autores)
João Baptista Ghisi, dito o *Mantuano*	22, I.ª, Br.
Cornelio Matsys.	225, I.ª, Br.
Alberto Durero.	239, I.ª, Br.
Eneas Vico.	311, I.ª, Br.
Marcos Antonio Raimondi.	354, I.ª, Br.
Henrique Aldegrever.	398, I.ª, Br.
?	
Antonio Joaquim Padrão.	
Adão Ghisi, dito o *Mantuano*.	704, I.ª, Br.

N.os (nostri)	Monogrammas, etc.	EXPLICAÇÃO	
		em lettras	in extenso
10			(Mestre do) Caduceu.
11	Berrighem.	C. Berrighem.	C(laes) Berrighem.
12	CB	C– B	C(ornelio) — B(os).
13	HIBC	HIBC; ou I—BC	H(ans) I(acob) B(inck) C(oloniensis); ou I(acob) — B(inck) C(oloniensis).
14	CVB. in.	CVB. in.	C(rispim) V(anden) B(roeck). in(venit).
15	SDB	SDB	S(tephanus) D(ella) B(ella).
16	DVB	DVB	D(avid) V(incken) B(ooms).
17	HSB	HSB	H(ans) S(ebald) B(eham).
18	ECVan. der. maes fe	ECVan. der. maes fe	E(vert) C(?) Van der maes fe(cit).

Nomes dos artistas	Numeros (dos autores)
Jacob de Barbary.	3260, I.ª, Br.
Nicolau Berghem.	
Cornelio Bos ou Bus.	810, I.ª, Br.
Jacob Binck.	826, I.ª, Br.
Crispim van den Broeck.	846, I.ª, Br.
Estevão Della Bella.	872, I.ª, Br.
David Vinckenbooms.	875, I.ª, Br.
João Sebaldo Beham.	1003, I.ª, Br.
Evert Van der Maes.	

N.os (nostri)	Monogrammas, etc.	EXPLICAÇÃO	
		em lettras	in extenso
19		FC	F(ernando de) C(oburgo).
20	Franco. ‡ Sc.	JCFrance Sc.	J(oão) C(arlos) France (ois) (Cruz dobrada da Lorena) Sc(ulpsit).
21		CG (ás avessas)	(Mestre das iniciaes) CG.
22		CI Visscher Fecit	C(laes) I(anszen) Visscher Fecit.
23	CM	CM	C(laudio) M(ellan).
24		CVP	C(rispim) V(an) P(asse).
25			Brazão dos Duques de Saxonia.
26 a 26 b			(Mestre do) Dado.
27	IDGheyn. Inuen.	ID Gheyn Inuen.	I(acob) D(e) Gheyn In-uen (it).
28	Vieira Luzitano invento e fez	= Francisco Vieira de	

Nomes dos artistas	Numeros (dos autores)
Dom Fernando de Saxonia Coburgo Gotha.	16 do II vol. de Nagler, *Die Monogrammisten.*
João Carlos François, Loreno.	
?	1249, I.ª, Br.; 55 do II vol. de Nagler, *Die Monogrammisten.*
Nicolaus Joannis Piscator, ou Nicolau Ennes Visscher.	1344 a, I.ª, Br.
Claudio Mellan.	1399, I.ª, Br.
Crispim de Passe ou Passeu, Senior.	1435, I.ª, Br.
Lucas Cranach Senior.	3276, I.ª, Br.
Daddi (B...?)	3235, I.ª; e 2805, II.ª, Br.
Jacob de Gheyn Junior.	1561, I.ª, Br.

Mattos, dito *Vieira Lusitano.*

N.os (nostri)	Monogrammas, etc.	EXPLICAÇÃO	
		em lettras	in extenso
29 a		HG	H(enricus) G(oltzius).
29 b		HGoltzius	H(enricus) Goltzius.
30		GP	G(eorge) P(encz).
31		HISP RIBERA	HISP(anus) RIBERA
32		HM	(Mestre das iniciaes) HM.
33		HO	(Mestre das iniciaes) HO.
34		HSP	H(ans) S(ebald) P(eham)
35		HSS	(Mestre do monogramma) HSS.
36		IB	(Mestre das iniciaes) IB.
37		L	L(ucas).
38		L	(Mestre da inicial) L.
39	M S	MS	M(artim) S(chongauer).
40		MT	M(artim) T(reu).

Nomes dos artistas	Numeros (dos autores)
Henrique Goltzio.	2116, I.ª, Br.
Jorge Pencz.	2222, I.ª, Br.
José de Ribera, dito o *Hespagnoleto*.	2338 b, I.ª, Br.
?	2412, I.ª, Br.
?	2449, I.ª, Br.
Joáo Sebaldo Beham.	2471, I.ª, Br.
?	2515, I.ª, Br.
?	1324, II.ª, Br.
Lucas Huygens, dito *de Leyden* ou *de Hollanda*.	1810, II.ª, Br.
?	
Martim Schongauer.	2896, II.ª, Br.
Martim Treu.	2958, I.ª, Br.

N.os (nostri)	Monogrammas, etc.	EXPLICAÇÃO	
		em lettras	in extenso
41 a	NOEL	Noel	Noel (Garnier).
41 b		Noel	Noel (Garnier).
41 c		Noel G	Noel G(arnier).
42			
43		RS; ou SR	R(avennas) S(culpsit); ou S(cultore) R(avignano).
44		VS	V(irgilio de) S(olis).

Nomes dos artistas	Numeros (dos autores)
Noel Garnier.	
Marcos Antonio Raimondi.	3286, I.ª, Br.
Marcos Dente, dito *de Ravenna*.	3101, I.ª, Br.
Virgilio de Solis.	3145, I.ª, Br.

INDICES

INDICE DOS ARTISTAS

(POR PAGINAS)

A

B

C

D

INDICE DAS ESTAMPAS

(POR NUMEROS)

(**Abreviaturas: B. = Bella; BB. = Bellissima; R. = Rara; RR. = Rarissima**)

INDICE DAS MATERIAS

NUMISMATICA

ESBOÇO HISTORICO

Ninguem duvidará por certo da utilidade da numismatica como poderoso auxiliar dos estudos historicos.

Em um punhado de moedas, em algumas medalhas, estuda-se muitas vezes um periodo interessante da historia, a vida de uma geração que floresceu e passou. Quantas datas duvidosas, graças a esses incontestaveis testemunhos, não foram precisamente conhecidas? Quantos erros se não corrigiram? Quanta luz nos seus symbolos, nas suas legendas? Assim como a historia transmitte ás idades futuras os feitos d'aquelles que se tornaram illustres por armas, virtudes, sciencias, lettras ou artes, a numismatica envia ás mesmas éras os traços physionomicos d'essas frontes privilegiadas. Irmãs, companheiras inseparaveis, collaboram juntas na nobre missão de levar á posteridade os feitos e o perfil d'esses heroes! A numismatica é pois o complemento indispensavel de uma grande bibliotheca. Entretanto, a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, tão opulenta, tão apreciada por quantos sabios nacionaes e extrangeiros a têem visitado, tão liberal para com os homens estudiosos que a procuram, não possuia o mais insignificante mealheiro, nenhuma só moeda, nenhuma só medalha!

Foi durante a administração do illustrado Sñr. Dr Ramiz Galvão que se deu o primeiro

passo no sentido de dotar a Bibliotheca com uma collecção numismatica.

Em 1881 dizia o Sñr. Dr. Ramiz Galvão em relatorio dirigido ao Ex.mo Sñr. Barão Homem de Mello, Ministro do Imperio:

« Propositalmente deixei para capitulo distincto a noticia d'esta creação. A Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, ex.mo sñr., não possuia moedas nem medalhas por um vicio de organização que é facil de explicar; quando creada, pensou-se que esses trabalhos eram antes objecto de curiosidade, e por isso os deixaram fazendo parte do Museu Nacional. Alli se-acha ainda hoje uma bella collecção, que o zeloso e intelligente sñr. dr. Ladisláu Netto tem conseguido augmentar. É todavia incontestavel que moedas e medalhas são antes de tudo documentos subsidiarios da historia, e que por consequencia o seu logar proprio não é ao lado das collecções de historia natural, que por si sós dariam assumpto sobejo para a actividade dos illustres trabalhadores do Museu; o logar da numismatica é ao lado da historia, e o da historia é na Bibliotheca Nacional. Pensando assim todas as grandes bibliothecas da Europa têm a sua secção numismatica; onde similhantes objectos se não encontram é no Jardim das Plantas de Paris nem no de Kew em Londres, porque fôra uma incongruencia têl-os alli.

« Mas o que é certo é que no Brazil não se procedeu egualmente, e por isso ficámos privados até agora de uma curiosa e importante especialidade que nos-competia. Por minha parte, não quiz dar o alarma, visto acharmo-nos por emquanto assoberbados de trabalho com o arranjo e a nova classificação das especies litterarias propriamente dictas, e principalmente por que nada possuiamos que pudesse servir de base a uma collecção.

Tres brazileiros porém tomaram a si a iniciativa. Em Septembro proximo passado o sñr. dr. J. A. Teixeira de Mello, digno chefe da secção de mss. da Bibliotheca, offerecendo-nos 406 moedas e 3 medalhas; poucos dias depois o sñr. Francisco Ferreira Soares, nos-trazia 364 moedas de prata e cobre (das quaes 284 brazileiras); a estes se -seguiu v. ex.ª, que com louvavel empenho, ao saber do que occorria, depositou em minhas mãos 114 moedas e 10 medalhas, que enriqueciam o seu opulento gabinete historico. Não parou entretanto aqui a obra dos tres benemeritos. O sñr. F. Ferreira Soares era um collector intelligente e dedicado; ao vêr que acolhiamos com grande interesse a dadiva que nos-fizéra, impellido por um movimento patriotico, digno de todo o louvor, resolveu entregar á Bibliotheca o fructo de seu trabalho de muito tempo, e veio trazer-nos em seguida mais 1,242 moedas. Estava inaugurada *ipso facto* a collecção numismatica; tinhamos para começar 2,126 moedas e 13 medalhas, comprehendendo ahi quasi toda a collecção brazileira de cobre que nos-vinha do mealheiro Soares.

« De Outubro a Dezembro fizemos mais acquisição de 382 moedas e 131 medalhas, a saber:

113 medalhas offerecidas pela Casa da Moeda do Rio de Janeiro, cujo illustre director foi promptissimo em acudir ao meu pedido;
54 moedas (algumas d'ellas preciosas) e 1 medalha, offerta do sñr. capitão-tenente Frederico Guilherme de Lorena;
6 moedas, offerecidas pelo sñr. Pedro Paulino da Fonseca;
2 medalhas — pelo sñr. dr. João Severiano da Fonseca;
3 medalhas — pelo sñr. Costa Miranda;

1 medalha, — pelo sñr. J. J. Moraes Tavares;
13 moedas, — pelo sñr. C. A. de Lima Cirne;
11 moedas, e 4 medalhas, — pelo sñr. E. A. da Costa Passos;
1 barrinha de ouro, toque 23 e peso 1—5—24, cunhada em Sabará em 1814, gentil obsequio do sñr. dr. Henrique Cesidio Samico;
65 moedas e 1 medalha, que tive a honra de offerecer;
157 moedas permutadas por livros duplicados da Bibliotheca, com o sñr. dr. H. A. de Carvalho; e finalmente
75 moedas de prata e 6 medalhas compradas a um particular.

« Reunidas estas acquisições ao que haviam offerecido os 3 fundadores da collecção, resulta que ao findar o anno de 1880, e apenas 4 mezes depois de inaugurado o mealheiro, possuiamos 2,508 moedas e 144 medalhas.

« É força confessar, ex.^mo^ sñr., que estes exemplos animadores enchem de esperança o coração de quantos se interessam pelo destino d'esta grande instituição.

« A numismatica brazileira, que é a que por emquanto mais nos-importa, nunca foi cabalmente tractada, pois que se-resentem de muita deficiencia os trabalhos dos sñrs. Lopes Fernandes e Teixeira d'Aragão, unicos que até hoje se-occuparam com mais cuidado d'este assumpto.

« É meu intuito agora reunir na Bibliotheca a maior somma de materiaes que me-fôr dado colligir, e pôr mãos a esta obra que não será dos menores serviços prestados pela Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. A v. ex. cabe hoje, mais que a qualquer outro, a obrigação moral de

desenvolver e avigorar esta creação, que tambem é sua; creio que o primeiro expediente a tomar se para esse fim seria sollicitar do Ministerio d'Agricultura a remoção do bello mealheiro do Museu Nacional, visto que não tem explicação plausivel a annexação dos estudos de numismatica aos d'aquelle estabelecimento, ao qual sobra trabalho na proporção em que lhe-escasseam os recursos e o espaço.

« Parece obvio que a bella collecção numismatica do Museu deve vir para a Bibliotheca Nacional; é mais facil completar uma collecção do que duas, nem vejo razão para que o Estado se obrigue a duplicar despezas mantendo e enriquecendo dous mealheiros na mesma capital, pelo simples motivo de conservar um *statu quo*, que foi filho da inadvertencia de nossos antecessores.

« Dir-se-ha que a fundirem-se as duas collecções, deve desapparecer a mais moderna em proveito da outra?

« Não colhe o argumento. Nestes assumptos a antiguidade pouco val; mede-se a utilidade de uma idéa pelo que ella tem de proficuo e racional, não pelos annos que conta. Ora a razão manda separar moedas e medalhas de objectos de historia natural; a utilidade manda collocar os documentos historicos juncto a seus congeneres; a economia exige que se não mantenham duas collecções identicas á custa do Estado sem maior beneficio do publico.

« Tenho pois por inconcussa, ex.^{mo} snr., a conveniencia da medida que tomo a liberdade de propôr a v. ex. e acredito que ella não deverá de modo algum magoar nem de leve á esclarecida direcção do Museu Nacional, cujas luzes e cujo zelo pelo serviço publico sou o primeiro a reconhecer ».

Pelo relatorio que acabamos de transcrever vê-se como teve principio o nosso mealheiro e qual o seu estado ao terminar o anno de 1880; vejamos agora qual tem sido o seu desenvolvimento desde essa epoca até o momento em que escrevemos.

Em 1881 adquirimos 583 moedas e 171 medalhas, que nos foram generosamente offerecidas pelos Sñrs.:

A. P. de Araujo Bessa
Dr. G. M. de Villanova Machado
L. J. Ribeiro
H. A. de Lemos
Miguel Tejera
Cap. de Fragata L. F. de Saldanha da Gama
J. Garcez Palha
F. M. Cordeiro
Dr. Ferreira de Araujo
Bernabé A. Dias
F. F. Soares
J. J. de Lima e Cirne
Costa Miranda
J. S. Soares
Victor Delamare
Francisco R. Paz.
J. R. Dunlop
M. Pereira da Silva
Lepelle França
Octaviano Hudson
João Matta
Dr. F. Augusto de Miranda
Commendador Pedro de Andrade.

Em 1882, assumindo a direcção da Bibliotheca o Sñr. Dr. João de Saldanha da Gama por haver pedido exoneração o Sñr. Dr. Ramiz Galvão, continuou o novo Bibliothecario a envidar esforços

para enriquecer o nascente mealheiro tão lisongeiramente encetado pelo seu digno antecessor. Neste anno recebemos 366 moedas e 153 medalhas offerecidas pelos Sñrs.:

Luiz Rodrigues da Costa Junior
Commendador Coruja Junior
J R. Dunlop
Mendes Antas
Chefe de Divisão Soido
Conde de Iguassú
D. Francisco B. da Silveira
Alfredo Dias
Sousa Diniz
J. G. Valle Brandão
Militão Maximo de Sousa
Miguel Archanjo Galvão
J. J. da Graça
M. A. Peixoto
Dr. Assis Bueno
M. C. da Rocha
J. F. de Andrade Leite
M. J. Valentim
Dr. Carlos Escobar
Costa Miranda.

Entraram mais 256 moedas e medalhas compradas ao Sñr. Commendador Pedro de Andrade.

Em 1883 obtivemos 185 moedas e 8 medalhas offerecidas pelos Sñrs.:

Dr. Ferreira de Araujo
J. J. P. de Oliva
Dr. J. Z. de Menezes Brum
J. R. Dunlop
Carlos F. Portella
J. F. de Andrade
Modesto Omiste

Dr. Ramiz Galvão
Siqueira Torres
Dr. Mello Oliveira
Bernardo A. Pinheiro
M. J. Valentim.

E mais 1,872 moedas e medalhas compradas ao Sñr. Commendador Pedro de Andrade e 23 moedas compradas ao Sñr. Alfredo Dias Carneiro.

Em 1884 vieram enriquecer o nosso gabinete 38 moedas e 14 medalhas offertadas pelos Sñrs.:

Principe D. Pedro Augusto
M. J. Valentim
Dr. Mello Oliveira
Viriato da Silva Guimarães
Jayme A. O. Reis
Carlos von Koseritz
A. A. Gomes Barroso

Tal é o estado actual do nosso mealheiro, de cuja importancia póde fazer-se alguma idéa pelo pequeno numero de exemplares expostos. Si a subsecção de numismatica da Bibliotheca Nacional não está ainda na altura de ser considerada como um repositorio de primeira ordem, comtudo forçoso é confessar que muito se tem feito, attendendo á sua recente creação e aos modestos recursos de que dispomos para novas e sempre custosas acquisições. Nutrimos porém fundadas esperanças de ver em breve consideravelmente augmentada a nossa collecção, quando se lhe annexarem as riquezas numismaticas, hoje existentes no Museu Nacional.

O illustrado Director d'esse Estabelecimento, sendo o primeiro a reconhecer a conveniencia d'esta juncção, só espera para realizal-a a venia dos poderes competentes. Oxalá, vejamos em

breve posta em pratica esta utilissima medida, não só em proveito das duas Repartições, como d'aquelles que estudam e de todos quantos se interessam pelo engrandecimento da patria.

Bibliotheca Nacional, 2 de Outubro de 1885.

ANTONIO JOSÉ FERNANDES DE OLIVEIRA.

CATALOGO

MEDALHAS BRAZILEIRAS

D. JOÃO VI

N.° 1. — Medalha concedida pelo Principe Regente D. João aos pacificadores de Montevidéo em 1813.

Á margem de um rio, uma oliveira, com a corôa real, enlaçada por um Dragão, (timbre da Casa de Bragança). Por baixo do rio a palavra: — URUGAYA —. Chumbo.

Exemplar *fac-simile*, fundido sobre a medalha original que se acha no Museu Nacional e é muito rara. 30^{mm}.

O Sr. Tenente-General H. de Beaurepaire Rohan offereceu á Bibliotheca Nacional copia do Decreto que concedeu a medalha, extrahida do original que se conserva no archivo do Supremo Conselho Militar de Justiça.

Eis os termos do Decreto:

« Querendo Eu dar, pelo meio o mais demonstrativo, e evidente á todos os Officiaes Generaes, Coroneis, e mais Officiaes, Officiaes Inferiores, Cadetes, Soldados, e mais Empregados Civis do Meu Exercito Pacificador, que passou a Campanha de Montevideo manifestas provas da Minha Real Satisfação, pelo valor, soffrimento, e distinção com que procederão: Sou Servido Ordenar, que todos os Officiaes Generaes, que passarão á Sobredita Expedição tragão por distinctivo sobre o braço direito huma Medalha Elliptica dourada, que represente huma Oliveira á margem do Uruguay, com corôa Real, enlaçada por hum Dragão, Timbre da Caza de Bragança, conforme o desenho, que baixou com este; e que os mais Officiaes, Cadetes, e Empregados Civis, a tragão de prata, e os Officiaes Inferiores, e Soldados, de estanho, sendo-lhes estas ultimas distribuidas á custa da Minha Real Fazenda.

« Outro sim Sou Servido Ordenar, que todos os individuos, feridos na mesma Campanha, tenhão, por maior distinção, na Medalha, hum furamen no tronco da Oliveira, indicando huma cicatriz. E Prohibo, sob as penas estabelecidas para os que uzão de Titulos, e Insignias, que lhes não competem, tragão a sobredita Medalha, sem que tenhão servido na dita Campanha, e se achê para isso previamente habilitados pelo General

em Chefe do referido Exercito. O Conselho Supremo Militar o tenha assim entendido, e faça executar. Palacio do Rio de Janeiro em vinte de Janeiro de mil oitocentos e treze. (Com a rubrica do Principe Regente D. João.) »

E' a esta medalha que se refere Lopes Fernandes, á pag. 89 da sua *Memoria das medalhas e condecorações portuguezas... Lisboa*, 1861, in-4.°, lamentando não conhecer nem a simples data do decreto que a concedeu. O mesmo autor accrescenta:

— « O Snr. D. Pedro I, como Imperador do Brazil, a alterou, formando uma ordem com a mesma insignia, collocada no centro de uma cruz, e pendente ao peito com fita amarella. »

Isto é confirmado pelas seguintes palavras do Snr. A. A. Pereira Coruja, em carta dirigida á Bibliotheca Nacional, em 11 de Agosto de 1884, referindo-se á noticia que déra o *Jornal do Commercio* da acquisição da nossa medalha:

— « A medalha do braço foi mais tarde mudada para o peito por um decreto, que me lembro de ter lido, mas cuja data não posso precisar; parece que foi em um decreto que creou outra Medalha e que em um dos artigos tratava d'essa mudança. »

A que traziam ao peito é provavelmente a medalha concedida por D. Pedro I em 31 de Janeiro de 1823.

Offerecida pelo Snr. Dr. Ladislau Netto.

N.° 2. — Medalha offerecida pela Camara Municipal do Rio de Janeiro a El-Rei D. João VI, commemorando a sua acclamação na mesma cidade.

JOANNES. VI. D. G. U. R. PORT. BRAS. ET. ALG· REX. Busto do Rei, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — Z. FERREZ. 1820. — Rs. Um templo de quatro columnas; no centro, o busto do soberano reinante com a figura da Abundancia á esquerda. Aos lados da escadaria, duas pilastras com anjos. No exergo: JOANNI. SEXTO. SENATUS. / FLUMINENSIS. SEXTO. / FEBR. ANNI. DOM. / 1818. / — Æ. 50^{mm}.

N.° 16505 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* No mesmo catalogo figura outro exemplar de cobre, sob o n.° 16506, e o Gabinete de Numismatica da Bibliotheca Nacional possue ainda outro exemplar de cobre prateado.

O *fac-simile* d'esta medalha occorre na obra do Snr. Lopes

Fernandes, *Memoria das medalhas e condecorações portuguezas e das estrangeiras com relação a Portugal,* Lisboa, 1861, in-4.°, sob o n.° 90.

Eis o que nos diz o mesmo autor sobre ella :

« O Senado da camara do Rio de Janeiro de que era presidente o Snr. Desembargador Antonio Lopes de Calheiros e Menezes, querendo commemorar o dia 6 de Fevereiro de 1818, em que o Senhor D. João VI foi acclamado Rei do reino unido de Portugal, Brasil, e Algarves, mandou, em 1820, cunhar umas medalhas de ouro para as Pessoas Reaes, e outras de prata, e de cobre, para dar a varias pessoas de distincção. »

. . . .

« Esta medalha serviu depois de molde para fundir duas medalhas, nos annos de 1820, e 1821, no Arsenal Real do Exercito do Brasil, para conhecer a qualidade do bronze, tendo no anverso o busto de El-Rei e as mesmas legendas, e no reverso foram polidas, e lhe gravaram as seguintes inscripções :

ARSENAL REAL DO EXERCITO DO BRASIL.

No campo da medalha :

1.ª
FUNDIÇÃO
D'ARTILHERIA EM
6 DE DEZEMBRO
DE 1820.

ARSENAL REAL DO EXERCITO DO BRASIL.

No campo da medalha :

2.ª
FUNDIÇÃO
D'ARTILHERIA EM
26 DE MAIO
DE 1821.

« Existem na collecção da Academia Real das Sciencias de Lisboa. »

D. PEDRO I

N.° 3. — Medalha cunhada em honra de José Bonifacio de Andrada e Silva.

JOZE BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA. Busto do patriarcha. da independencia, á esquerda, vestido, tendo por

baixo o nome do gravador: ⁓ Z. FERREZ — R₈. NASCEO EM SANTOS A 13 DE JUNHO 1763 FALLECEO NO RIO DE JANEIRO A 6 DE ABRIL 1838. Entre dois ramos, um de fumo e outro de café: INDEPENDENCIA / DO / BRAZIL / 7 DE SEPTEMBRO / DE 1822 /. Por cima, uma estrella. — Æ dourada. 46.mm.

N.° 16510 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brasil.* No mesmo catalago, sob o n.° 16508, figura um exemplar de prata, e, sob o n.° 16509, outro de cobre.

O mealheiro da Bibliotheca possue ainda outra medalha cunhada em honra do mesmo estadista. Eis a sua descripção:

— JOZE BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA. Busto do patriarcha, á esquerda, vestido, sem o nome do gravador. — R₈. 7 / DE / SETEMBRO / DE / 1822. / — Æ. 20 1/2mm.

D. PEDRO II

N.° 4. — Republica Rio-Grandense.

REPUBLICA RIO-GRANDENSSE (*sic*). No campo, entre raios, um barrete phrygio, suspenso por uma adaga núa, que duas mãos unidas seguram; aos lados: 20. / 7bro /. No exergo, entre duas pequenas rosetas: 1835. — R₈. Igual ao anverso. — Æ. 38mm.

N.° 16514 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brasil.* A medalha tem 38 millimetros de diametro, e não 63mm como se declara naquelle catalogo.

N.° 5. — Fundação do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

AUSPICE PETRO SECUNDO. A *Historia*, com corôa mural, tendo em terra o joelho direito e segurando com a mão esquerda uma pedra tosca, escreve nella a data: 21. Por baixo: ⁓ Z. FERREZ (nome do gravador). No exergo: PACIFICA SCIENTIÆ / OCCUPATIO /. — R₈. INSTITUTUM / HISTORICO GEOGRAPHICUM / IN URBE FLUMINENSE / CONDITUM / DIE XXI OCTOBRIS. / A. D. MDCCCXXXVIII. / — Æ. 50 1/2mm.

N.° 16519 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Na mesma exposição figurou um exemplar de prata, sob o n.° 16518.

N.° 6. — Desembarque do Principe de Joinville no Rio de Janeiro.

Á direita o Brazil, representado por um cacique, em acção de receber o Principe de Joinville, que acaba de desembarcar. No segundo plano, á esquerda, vêem-se os mastros e o velame de um navio de alto bordo. No fundo, a bahia do Rio de Janeiro com o Pão de Assucar. No exergo: C. C. DE AZEVEDO / INV. E GRAV. / — R_8. O PRINCIPE / DE JOINVILLE / DESEMBARCANDO / NO / RIO DE JANEIRO / 18 $\frac{5}{1}$ 38 /. — Æ. 37^{mm}.

O Gabinete de Numismatica da Bibliotheca Nacional possue outro exemplar em cobre, que figurou na Exposição de Hist. do Brazil sob o n.° 16520.

N.° 7. — Chegada do Principe Eugenio de Saboia Carignano ao Rio de Janeiro.

PRINCIPE EUGENIO DE — SABOIA CARIGNANO. Busto do Principe, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — MONTEIRO F. — R_8. APORTOU / AO / RIO / DE JANEIRO / EM / 18 $\frac{28}{4}$ 39 /. — Æ. 38^{mm}.

N.° 16525 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Na mesma exposição, sob o n.° 16524, figurou um exemplar de prata, e o Gabinete da Bibliotheca Nacional possue ainda outro de ferro.

N.° 8. — Lançamento da pedra fundamental do novo Hospital da Santa Casa da Misericordia no Rio de Janeiro.

D. PEDRO II IMP. CONST. E DEF. PERP. DO BRAS. Busto do Imperador, fardado, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — AZEVEDO G. — R_8. A fachada do centro e partes lateraes por terminar do novo Hospital da Santa Casa da Misericordia; por baixo: LANÇOU

A PEDRA FUNDAMENTAL / DO NOVO HOSPITAL DA SANTA / CASA DA MISERICORDIA / 18 $\frac{2}{7}$ 40 /. — Æ. 51mm.

N.° 16527 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Na mesma exposição figurou um exemplar de prata, sob o n.° 16526.

O Gabinete da Bibliotheca ainda possue outro em cobre, cunhado em Paris á vista de um exemplar primitivo, que para lá se remettêra. Este ultimo (n.° 16528 do referido catalogo), differe do exemplar exposto em não ter o nome do gravador por baixo do busto; além d'isso, tem menos espessura, modulo menor, e traz na borda, que é lisa: + CUIVRE.

N.° 9. — Sagração e coroação de S. M. o Senhor D. Pedro II.

PETRUS II BRAS. IMP. Busto do Imperador com manto, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — AZEVEDO G. — R8. ORDO ET FELICITAS. O Imperador, de manto e sceptro, sentado á direita, e o Brazil, á esquerda, representado por um cacique, em attitude de collocar-lhe a corôa na cabeça, pisa com o pé direito um dragão. No exergo: 18 $\frac{18}{7}$ 41. — Æ. 59 ½mm.

N.° 16533 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* O Gabinete da Bibliotheca possue ainda um exemplar de cobre com 60mm de diametro, e outro de ferro com 58mm. Estes ultimos tambem figuraram naquella exposição, sob os n.os 16534 e 16535.

N.° 10. — Assignatura do contracto de casamento de S. M. o Imperador o Senhor D. Pedro II com a Princeza das Duas Sicilias a Senhora D. Thereza Christina Maria, em Vienna d'Austria.

20 DE MAIO / DE 1842 /. No centro, a mão do Imperador, com canhão bordado, aperta a da Imperatriz, com bracelete e annel. — R8. Escudos das armas do Brazil e de Anjou unidas e dentro de um manto em fórma de docel; por cima, a corôa imperial. — Æ. 38mm.

N.° 16536 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.° 11. — Lançamento da pedra fundamental da Matriz de N. S. da Gloria no Rio de Janeiro.

D. PEDRO II IMP. CONST. E DEF. PERP. DO BRAS. Busto do Imperador, fardado, á esquerda, dentro de uma corôa de louro; por cima, a corôa imperial. — Rs. Dentro de um circulo de raios e estrellas: LANÇOU A PEDRA / FUNDAMENTAL DA / MATRIZ / DE N. S. DA GLORIA / 18 $\frac{11}{7}$ 42 /. — Æ. 47^{mm}.

N.° 16538 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Na mesma exposição figurou ainda, sob o n.° 16537, um exemplar de prata pertencente ao Museu Nacional.

N.° 12. — Nupcias de S. M. o Imperador o Senhor D. Pedro II com S. M. a Imperatriz a Senhora D. Thereza Christina Maria, no Rio de Janeiro, a 4 de Setembro de 1843.

NUNQUAM CŒLO TERRÆQUE ACCEPTIOR. Figura do Hymeneo com os attributos. Por baixo: NUPTIA IMPERATORIA IN / URBE FLUMINENSE / MDCCCXLIII — Rs. Os escudos das armas do Brazil e das Duas Sicilias unidos e dentro de um docel; por cima, a corôa imperial. — Æ. 55^{mm}.

N.° 16544 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.° 13. — Instituto Historico e Geographico Brazileiro. Premio Imperial de 1847.

D. PEDRO II IMP. CONST. E DEF. PERP. DO BRAS. Busto do Imperador, fardado, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — AZEVEDO G. — Rs. INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO. No centro: PREMIO / IMPERIAL / 1847. / — Æ. 51^{mm}.

N.° 16545 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.° 14. — Nascimento e morte do Principe Imperial D. Affonso, filho de S. M. o Imperador o Senhor D. Pedro II.

D. AFFONSO PRINCIPE IMP. Busto do Principe, á direita, tendo por baixo as iniciaes do gravador: E. S. S. G. — Rs. Á esquerda, atravessado: NASCEO A 23 DE FEVEREIRO / DE 1845. / Á direita, idem: FALLECEO A 11 DE JUNHO / DE 1847. / No centro, um catafalco singelo, tendo por cima uma almofada e sobre esta uma corôa de Principe. Por baixo: 1848. — Æ. 46mm.

N.° 16546 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

Esta medalha já é hoje de difficil acquisição em razão de se terem partido os cunhos.

N.° 15. — Instituto Historico e Geographico Brazileiro. Sessão de 15 de Dezembro de 1849.

D. PEDRO II IMP. CONST. E DEF. PERP. DO BRAS. Busto do Imperador, com manto e laureado, á esquerda. — Rs. INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO. No centro: SESSÃO / DE 15 DE DEZEMBRO / DE 1849. / — Æ. 37mm.

N.° 16547 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.° 16. — Combate do Tonelero na campanha naval do Rio da Prata.

D. PEDRO SEGUNDO IMPER. DO BRAZIL. Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — MONTEIRO G. — Rs. CAMPANHA NAVAL DO RIO DA PRATA E C. DO TONELERO * . Dentro de uma corôa, formada de dois ramos de louro: 17 / 1851 / 12 /. — Æ. 60mm.

N.° 16549 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.º 17. — Organização do Corpo Diplomatico Brazileiro.

AO EX.mo SR. SENADOR PAULINO JOSÉ SOARES DE SOUSA O MINISTRO QUE REFERENDOU A LEI DE 22 DE AGOSTO DE 1851. O CORPO DIPLOMATICO BRASILEIRO RECONHECIDO. Busto do ministro, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — AUMOITTE. F. — Rs. LEI / DA ORGANISAÇÃO / DO / CORPO DIPLOMATICO / DE / XXII DE AGOSTO / DE / MDCCCLI /. — Æ. 60mm.

N.º 16550 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

Esta medalha em bronze é rara, visto se terem cunhado poucos exemplares nesse metal.

N.º 18. — Batalha de Monte Caseros na Campanha do Uruguay e de Buenos-Aires.

D. PEDRO SEGUNDO IMPER. DO BRAZIL. Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — MONTEIRO G. — Rs. CAMPANHA DO URUGUAY E DE BUENOS AYRES. Dentro de uma corôa, formada de dois ramos de louro: TRES / DE / FEVEREIRO / DE / 1852 /. Por baixo: — C. DA M. (*Casa da Moeda*). — Æ. 60mm.

N.º 16552 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* O anverso é o mesmo da de n.º 16 d'este catalogo.

O Gabinete da Bibliotheca possue ainda outra medalha de cobre, de 30mm. de diametro, commemorando o mesmo facto. Esta, que tambem figurou naquella exposição, sob o n.º 16553, tem o mesmo anverso da exposta, sem o nome do gravador. No reverso occorre a mesma legenda, e dentro de uma corôa singela de louro vem a data: 3 / 1852 / 2. Não traz as iniciaes C. DA M., que se lêem na outra.

N.º 19. — Campanha do Uruguay.

D. PEDRO SEGUNDO IMPER. DO BRAZIL. Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — MONTEIRO G. — Rs. CAMPANHA DO URUGUAY. Dentro de uma corôa, formada de varas amarradas por duas fitas cruzadas terminando em laçada: 1852. Por baixo: C. DA M. (*Casa da Moeda*) — Æ. 60mm.

N.° 16554 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* O anverso é o mesmo das de n.^{os} 16 e 18 d'este catalogo.

O Gabinete da Bibliotheca possue ainda outra medalha de cobre, de 30^{mm}. de diametro, commemorando a mesma campanha. Esta, que tambem figurou naquella exposição, sob o n.° 16555, tem o mesmo anverso da exposta, sem o nome do gravador. O reverso é tambem o mesmo, com a differença de serem as varas da corôa amarradas por uma só fita, cujas pontas se não vêem, e de não trazer as iniciaes C. DA M.

N.° 20. — Lançamento da pedra fundamental da Pinacotheca da Imperial Academia de Bellas-Artes do Rio de Janeiro.

D. PEDRO SEGUNDO IMPER. DO BRAZIL. Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — MONTEIRO G. — R_8. 1854 / NO DIA 2 DE DEZEMBRO / LUIZ PEDREIRA DO COUTO FERRAZ / MINISTRO DO IMPERIO / LANÇOU A PEDRA FUNDAMENTAL / DA PINACOTHECA / IMPERIAL /. — Æ. 60^{mm}.

N.° 16559 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

O anverso é o mesmo das de n.^{os} 16, 18 e 19 d'este catalogo.

N.° 21. — Fundação da Sociedade Estatistica do Rio de Janeiro.

REINANDO / D. PEDRO II. / IMPERADOR DO BRAZIL / FOI FUNDADA A / SOCIEDADE STATISTICA / NA CIDADE DO / RIO DE JANEIRO / EM 22 DE MARÇO / 1855 /. — R_8. Em tres linhas circulares: TERRITORIO. STATISTICA. COLONISAÇÃO. ADMINISTRAÇÃO. FORÇA ARMADA. / JUSTIÇA POPULAÇÃO RENDAS NAVEGAÇÃO / INSTRUCÇÃO AGRICULTURA INDUSTRIA COMMERCIO /. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro, e no zodiaco: — BRAZIL. — Æ. 61^{mm}.

N.° 16560 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.° 22. — Primeiro concerto de Sigismundo Thalberg no Rio de Janeiro.

ESTE CELEBRE ARTISTA DEO O SEO PRIMEIRO CONCERTO NO RIO DE JANEIRO A 25 DE JULHO. Busto de S. Thalberg, vestido, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — FARIA. No exergo: 1855. — Rs. AO / CAVALLEIRO S. THALBERG. / O. D. C. / OS PROFESSORES DE MUZICA / DO / RIO DE JANEIRO / A. D. MDCCCLV. / — Æ. 60^{mm}.

N.° 16561 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

O Gabinete da Bibliotheca ainda possue outra medalha cunhada em honra do mesmo artista, e que figurou na mesma exposição sob o n.° 16562. Eis a descripção:

— O CAVALLEIRO S. THALBERG. Busto do pianista, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — LÜSTER F. — Rs. AO / ARTISTA / PELO / CONCERTO DADO EM BENEFICIO / DO / HOSPICIO DE SANTA THEREZA / EM 26 DE SEPTEMBRO / 1855 / RIO DE JANEIRO /. — Æ. 60^{mm}.

N.° 23. — Visita imperial á Casa da Moeda em 3 de Dezembro de 1855.

D. PEDRO SEGUNDO IMPERADOR DO BRAZIL. Busto do Imperador, fardado, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — FARIA. No exergo, um pequeno dragão. — Rs. Á AUGUSTA VIZITA IMPERIAL Á CAZA DA MOEDA. Uma machina de cunhar. No exergo: — TRABALHANDO PELA PRIMEIRA VEZ / A NOVA MAQUINA DE CUNHAR / A 3 DE DEZEMBRO DE / 1855. / — Æ. 58 $^{1}/_{2}$^{mm}.

N.° 16565 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.° 24. — Visita das Princezas D. Isabel e D. Leopoldina á Casa da Moeda em 17 de Novembro de 1856.

* P. I. D. IZABEL * P. D. LEOPOLDINA * Bustos das Princezas sobrepostos á direita, tendo por baixo o nome do gravador: — LÜSTER F. — Rs. Dentro de dois ramos: SS.

AA. II. VIZITÃO / A / CAZA DA MOEDA / — * — / 17 DE NOV. / 1856 /. — Æ. 29mm.

N.º 16570 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

O Gabinete da Bibliotheca possue ainda outro exemplar d'esta medalha, em cobre, o qual figurou naquella exposição, sob o n.º 16571.

N.º 25. — Inauguração da Sociedade Propagadora das Bellas-Artes.

Busto de Minerva, á esquerda, com capacete liso, dentro de uma larga corôa de folhas de louro; por baixo: FARIA (nome do gravador); aos quatro lados, dividindo a corôa e dentro de circulos, os emblemas do desenho, musica, esculptura, e pintura. — Rs. SOCIEDADE PROPAGADORA DAS BELLAS ARTES. No campo da medalha e dentro de uma corôa de folhas: INAUGURADA / NO / DIA 20 DE JANEIRO / DE / 1857 /. No exergo: RIO DE JANEIRO. — Æ. 46mm.

N.º 16575 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* O Gabinete da Bibliotheca ainda possue outro exemplar em zinco, que figura no mesmo catalogo, sob o n.º 16576; este tem mais espessura que o exposto.

Ainda figuraram na mesma exposição varias medalhas da Sociedade Propagadora das Bellas-Artes ou do Imperial Lyceu de Artes e Officios por ella mantido, quasi todas pertencentes á Bibliotheca Nacional.

N.º 26. — Inauguração da Estrada de Ferro de D. Pedro II.

DOM PEDRO SEGUNDO IMPERADOR DO BRAZIL. Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — CHR. LÜSTER F. — Rs. ESTRADA DE FERRO DE D. PEDRO II * / INAUGURADA EM 29 DE MARÇO DE 1858. / No centro uma locomotiva; no exergo: — GRAVADA E CUNHADA PELA / CAZA DA MOEDA. / 1858. / — Æ. 60 1/2mm.

Na Exposição de Historia do Brazil figurou um exemplar em cobre d'esta medalha, sob o n.º 16587, tambem pertencente ao mealheiro da Bibliotheca Nacional.

N.º 27. — Lançamento da pedra fundamental da Casa da Moeda.

✠. PETRVS. II. D. G. CONST. IMP. ET. PERPETVVS. BRASILIAE. DEFENSOR. ✠ / Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — CHR. LÜSTER F. — Rs. / . AEQVA . LANCE . — . PROVIDET . ET . FIRMAT . / No centro : / . AEDEM . MONETARIAM . / . NVMMORVM . PVBLICI . VSVS . OFFICINAM . / . PETRVS . II . IMP . AVG . / . SEBASTIANOPOLI . / . AEDIFICARI . / . EJVSQVE . ANGVLAREM . PETRAM . / . DIE . FAVSTI . OMINIS . DECEMBRIS . II . / . ORTVS . SVI . EPONYMA . / . ANNO . AVTEM . M . DCCC . LVIII . / . REGNI . XXVIII . / . APPONI . JVBET . / Por cima, uma balança ; por baixo, um tridente com duas serpentes enroscadas. — Æ. 60 $^1/_2$ mm.

N.º 16585 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.º 28. — Medalha offerecida a S. M. I. a Senhora D. Thereza Christina Maria pelo Recolhimento de S.ta Thereza.

D. THEREZA CHRISTINA IMPERATRIZ DO BRAZIL. Busto da Imperatriz, com diadema, á direita, tendo por baixo o nome do gravador: — CHR. LÜSTER F. — Rs. A AUGUSTA / PROTECTORA / DA INFANCIA DESVALIDA. / — * — / A MEZA ADMINISTRATIVA / DO RECOLHIMENTO DE / S.TA THEREZA. / —— / 1858. / — Æ. 60 $^1/_2$ mm.

N.º 16586 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.º 29. — Medalha offerecida ao tenor Mirate.

D. THEREZA CHRISTINA IMPERATRIZ DO BRAZIL. Busto da Imperatriz, com diadema, á direita, tendo por baixo o nome do gravador: — CHR. LÜSTER F. — Rs. AO / TENOR MIRATE / OFFERECE / A IRMANDADE DE N. S. DA PIEDADE / A / EFFIGIE DE SUA AUGUSTA / PROTECTORA / 18 $\frac{12}{9}$ 59 / . — Æ. 60 $^1/_2$ mm.

N.º 16588 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

O anverso é o mesmo da precedente.

N.° 30. — Exposição Nacional de 1861 no Rio de Janeiro.

DOM PEDRO SEGUNDO IMPERADOR DO BRAZIL / PROTECTOR DAS ARTES / E DA INDUSTRIA /. Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — C. LÜSTER F. No exergo, um pequeno dragão. — ℞. No campo, o palacio da Exposição embandeirado (edificio da antiga Escola Central, hoje Polytechnica, no largo de S. Francisco de Paula), tendo por baixo, á direita, o nome do gravador: — LÜSTER F. Por cima: — EXPOSIÇÃO NACIONAL / DECRETO IMP. / DE 17 DE JULHO DE 1861 / Por baixo: — INAUGURADA / NO / RIO DE JANEIRO / A 2 DE DEZEMBRO DE 1861 /. — Æ. 51 ½mm.

N.° 16605 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

O mealheiro da Bibliotheca possue outro exemplar d'esta medalha no mesmo metal, e ainda dois exemplares em cobre do premio conferido na mesma exposição. Eis a descripção do premio:

— DOM PEDRO II IMPERADOR DO BRAZIL. Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo o nome do 1.° gravador: — C. LÜSTER F. — ℞. Dentro de uma corôa, formada de dois ramos de louro: PREMIO / CONFERIDO / NA / EXPOSIÇÃO / NACIONAL / DE / 1861 /. Por baixo, entre as pontas dos ramos, as iniciaes do 2.° gravador: E. R. S. — Æ. 37mm. (N.° 16606 do mesmo Cat.)

A Exposição Nacional de 1861 foi a primeira realisada no Brazil. Da segunda, que teve lugar em 1866, a Bibliotheca possue os premios de primeira, segunda e terceira classes, todos de cobre. Elles vem descriptos no Catalogo citado, sob os n.os 16639, 16640 e 16641.

N.° 31. — Exposição Mineira de 1861. Premio.

BENEMERENTIUM * PREMIUM * Corôa imperial dentro de um circulo raiado. — ℞. Dentro de uma corôa formada de dois ramos de louro: EXPOSIÇÃO / MINEIRA / DE 1861 / LEI N.° 1079 / OURO PRETO /. — Æ. 37mm.

N.° 16608 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

No mesmo catalogo, sob os n.os 16610, 16616, 16617, e 16618, figuram outras medalhas de differentes exposições realisadas na provincia de Minas Geraes, todas ellas pertencentes ao mealheiro da Bibliotheca. São as seguintes:

a.) — BENEMERENTIUM * PREMIUM * . Corôa imperial dentro de raios. — R$_8$. Dentro de uma corôa formada de dois ramos de louro: EXPOSIÇÃO / MINEIRA / DE 1862 / LEI N.° 1079 / OURO PRETO / . — Æ. 37^{mm}.

Differe da exposta na data e em não ter o circulo limitando as extremidades dos raios.

b.) — DOM PEDRO SEGUNDO IMPERADOR DO BRAZIL / PROTECTOR / DA INDUSTRIA /. Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — LÜSTER F. No exergo, um pequeno dragão. — R$_8$. EXPOSIÇÃO MINEIRA DE 1863, LEI 1079. * OURO PRETO. * Dentro de uma corôa formada de dois ramos, um de louro e outro de carvalho: BENE- / MERENTIUM / PREMIUM / . — Æ. 37^{mm}.

c.) — O mesmo anverso da anterior. — R$_8$. 5.ª EXPOSIÇÃO MINEIRA. 1870. LEI 1079. * OURO PRETO * Dentro de uma corôa formada de dois ramos, um de louro e outro de carvalho: BENE- / MERENTIUM / PREMIUM /. — Æ. 37^{mm}.

d.) — O mesmo anverso da anterior. — R$_8$. EXPOSIÇÃO MINEIRA * UNIÃO E INDUSTRIA * JUIZ DE FORA * Dentro de uma corôa formada de dois ramos, um de louro e outro de carvalho: BENE / MERENTIUM / PREMIUM / . — Æ. 37^{mm}.

N.° 32. — Calendario de 1867.

Dentro de seis linhas circulares e em lettras microscopicas o calendario de 1867. No centro, o busto laureado do Imperador, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — LUSTER —, e em redor: DOM PEDRO II IMP. DO BRAZIL. — R$_8$. No campo, um parallelogrammo rectangulo com a tabella do nascimento e occaso do sol e da lua. Aos lados, os eclipses. Por cima: as datas do descobrimento, independencia, e juramento da Constituição do Brazil, e das victorias nacionaes no Rio da Prata. Em baixo: AUG. CASA IMPERIAL DO BRAZIL. — Æ. 41^{mm}.

N.° 16661 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Sob o n.° 16660 do mesmo catalogo esteve exposto um exemplar de prata d'esta medalha, pertencente ao Museu Nacional.

N.° 33. — O Gr.·. Or.·. do Brazil ao Visconde do Rio Branco.

O GR.·. OR.·. DO BRASIL AO VAL.·. DO LAVRADIO / AO SEU GR.·. M.·. VISCONDE DO RIO BRANCO /. No centro, o busto do Gr.·. M.·., á direita, tendo por baixo, á esquerda, o nome do gravador: — ERNESTO F. No campo, aos lados, a esquadria e o compasso, o nivel, a regua, a colhér e o malhete. — R_s. PRESIDENTE DO CONSELHO DE MINISTROS O VISCONDE DO RIO BRANCO * LEI N. 2040 DE 28 DE SETEMBRO DE 1871 * A Liberdade, sentada á direita, mostra a um grupo de mulheres e de ingenuos um papel desenrolado, em que está escripta a data 1871. Á direita tambem, o Brazil representado por um cacique. No exergo, á direita, o nome do gravador: — CARNEIRO F. — Æ. 70 $^1/_2$mm.

N.° 16691 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* O mealheiro da Bibliotheca possue outro exemplar no mesmo metal; e naquella exposição, sob o n.° 16690, figurou ainda um exemplar de prata do Museu Nacional.

N.° 34. — Encerramento da 3.ª Sessão da 14.ª Legislatura do Parlamento Brazileiro.

D.. ISABEL PRINCEZA IMPERIAL REGEO O IMPERIO. * 25 DE MAIO DE 1871 Á 1 DE ABRIL DE 1872. *. O Busto da Princeza, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — F. CARNEIRO F.— R_s. ENCERRAMENTO DA 3.ª SESSÃO, em linha curva; e em linhas rectas: DÁ / 14.ª LEGISLATURA /. No centro, o edificio do Senado embandeirado; por baixo, á direita: CARNEIRO F. (nome do gravador); no exergo: SENADO.— Æ. 61 $^1/_2$mm.

N.° 16689 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.° 35. — Terceira Exposição Nacional no Rio de Janeiro, em 1873.

DOM PEDRO II IMPERADOR E DONA THEREZA CHRISTINA MARIA IMPERATRIZ. — Bustos do Imperador e da Imperatriz, á direita.— R_s. 3.ª EXPOSIÇÃO NACIONAL. No centro, o palacio da Exposição embandeirado

(edificio da antiga Escola Central, hoje Polytechnica, no largo de S. Francisco de Paula). No exergo: RIO DE JANEIRO / 1873 /.— Æ. 51 1/2mm.

N.° 16697 do *Cat. da. Exp. de Hist. do Brazil.*

Na mesma Exposição de Historia do Brazil figuraram, sob o n.° 16698, um exemplar em cobre d'esta medalha, e, sob os n.os 16700 e 16701, exemplares de prata e de cobre do premio conferido nessa Exposição Nacional, o primeiro e o ultimo pertencentes ao mealheiro da Bibliotheca. Eis a descripção do premio:

— DOM PEDRO SEGUNDO IMPERADOR DO BRAZIL —✱— / Busto do Imperador, á esquerda, sem nome de gravador. — Rs. Dentro de uma corôa, formada de dois ramos de louro: PREMIO / CONFERIDO / NA / TERCEIRA / EXPOSIÇÃO / NACIONAL / —✱— / 1873 /. — Æ. 37mm.

N.° 36. — Primeira Exposição Horticola de Petropolis, em 1875.

D. ISABEL PRINCEZA IMPERIAL ✱ — Busto da Princeza, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador:— CARNEIRO F. — Rs. Dentro de uma corôa formada de dois ramos de louro: PRIMEIRA / EXPOSIÇÃO / HORTICOLA / DE / PETROPOLIS / —✱— / 2 DE FEVEREIRO / DE / 1875 /. — Æ. 27mm.

N.° 16721 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Sob o n.° 16718 do mesmo catalogo figura uma medalha de palladio commemorativa do mesmo facto, com 46mm. de diametro, e do mesmo gravador que a exposta; esta ultima medalha é semelhante á do n.° 43 d'este catalogo.

N.° 37. — Quarta Exposição Nacional no Rio de Janeiro, em 1875.

DOM PEDRO SEGUNDO IMPERADOR DO BRAZIL. Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — ERNESTO F. — Rs. No campo, o palacio da Exposição embandeirado (edificio da Secretaria de Estado dos Negocios da Agricultura, na praça D. Pedro II). Por cima: 4.a EXPOSIÇÃO NACIONAL. Por baixo: RIO DE JANEIRO / 1875 /. — Æ. 56mm.

N.° 16714 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* O gabinete da Bibliotheca possue outro exemplar no mesmo metal. Um exemplar de prata figura no mesmo catalogo, sob o n.° 16713.

N.° 38. — Idem.

DOM PEDRO SEGUNDO IMPERADOR DO BRAZIL / PROTECTOR DAS ARTES / E DA INDUSTRIA /. Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo as iniciaes do gravador: — F. J. P. C. — Rs. No campo, dentro de uma corôa formada de dois ramos de louro, dois apparelhos telegraphicos montados. Por cima: 4.ª EXPOSIÇÃO NACIONAL / DE / 1875 /; e nas pontas da fita que ata os ramos, a inscripção: EXPOSIÇÃO / NACIONAL. / — Æ. 54mm.

N.° 16715 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.° 39. — Idem. Medalha de Merito.

DOM PEDRO SEGUNDO IMPERADOR DO BRAZIL / PROTECTOR DAS ARTES / E DA INDUSTRIA /. Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo as iniciaes do gravador — F. J. P. C. — Rs. QUARTA EXPOSIÇÃO NACIONAL. No centro, dentro de uma corôa formada de dois ramos de carvalho e louro: AO MERITO. Por baixo: 1875. — Æ. 54mm.

N.° 16716 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* O anverso é o mesmo da precedente.

N.° 40. — Idem. Medalha de Trabalho.

D. PEDRO SEGUNDO IMPERADOR DO BRAZIL / PROTECTOR DAS ARTES / E DA INDUSTRIA / Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo as iniciaes do gravador: — F. J. P. C. — Rs. QUARTA EXPOSIÇÃO NACIONAL. No centro, dentro de uma corôa formada de dois ramos de louro, uma colmeia sobre uma mesa tosca, tendo aos lados e e em redor flores e abelhas voando, e em baixo, em campo de grama, instrumentos de lavoura. Por cima, em

uma fita, a inscripção: TRABALHO. Por baixo: 1875. — Æ. 54^{mm}.

N.° 16717 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* O anverso é o mesmo das de n.^{os} 38 e 39 d'este catalogo.

N.° 41. — Segunda Exposição Horticola de Petropolis, em 1876.

D. ISABEL PRINCEZA IMPERIAL. Busto da Princeza, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — CARNEIRO F. — R$_8$. SEGUNDA / EXPOSIÇÃO / HORTICOLA / DE / PETROPOLIS / —✣— / 20 DE JANEIRO / DE / 1876 /. — Æ. 27^{mm}.

N.° 16722 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

O anverso é o mesmo da de n.° 36 d'este catalogo.

A Bibliotheca possue ainda outra medalha commemorativa do mesmo facto, semelhante á de n.° 43 d'este catalogo, e que se acha representada no mealheiro por dois exemplares, um de madeira com 46^{mm}, e outro de cobre com 46 $^1/_2$^{mm} de diametro. Este ultimo exemplar figurou na Exposição de Historia do Brazil com o n.° 16723.

N.° 42. — Prova da prensa monetaria feita na Casa da Moeda.

PRENSA MONETARIA FEITA NA CASA DA MOEDA DO BRAZIL. No campo da medalha: P. II., tendo a corôa imperial por cima; no exergo, uma estrella. — R$_8$. PROVA / CUNHADA / NA / EXPOSIÇÃO / INTERNACIONAL / DE / PHILADELPHIA /. No exergo: 1876. — Æ. 27^{mm}.

N. 16728 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* O Gabinete da Bibliotheca possue outro exemplar d'esta prova em cobre. (N.° 16729 do cat. cit.)

N.° 43. — Terceira Exposição Horticola de Petropolis, em 1877.

D. ISABEL PRINCEZA IMPERIAL DO BRAZIL. Busto vestido da Princeza, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: — F. CARNEIRO F. — R$_8$. Dentro de

uma corôa formada de dois ramos de louro: TERCEIRA EXPOSIÇÃO / HORTICOLA / DE / PETROPOLIS / — ✿ — / 8 DE ABRIL / DE / 1877 /. — Æ. 46 ½mm.

N.° 16725 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

O mealheiro ainda possue outra medalha de cobre, do mesmo gravador, com 27mm de diametro, commemorativa do mesmo facto. Esta, que figurou na Exposição de Historia do Brazil sob o n.° 16724, é semelhante ás expostas sob os n.os 36 e 41 do presente catalogo.

N.° 44. — A Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro ao Barão de Andarahy.

A figura da Caridade, de braços abertos, em attitude de cobrir com o manto grupos, á esquerda e á direita, de mulheres, crianças e enfermos. No exergo, sobre ramos de café e de fumo, as armas do Imperio e as da S. C. da Misericordia, separadas por tres settas atadas por uma fita. — Rs. Dentro de ramos de café e de fumo: AO / BENEMERITO IRMÃO / DA SANTA CASA / DA MIZERICORDIA / DO RIO DE JANEIRO / MILITÃO MAXIMO / DE SOUSA / BARÃO DE ANDARAHY / 1878 /. — Æ. 73mm.

N.° 16731 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.° 45. — Associação Promotora da Instrucção. Medalha de Beneficencia.

ASSOCIAÇÃO PROMOTORA DA INSTRUCÇÃO / 1874 /. No centro, atributos da instrucção sobre nuvens, tendo em cima uma estrella raiada. — Rs. DELIBERAÇÃO DE 5 DE MARÇO DE 1882. Dentro de uma corôa formada de dois ramos de louro: MEDALHA DE BENEFICENCIA. — Ʀ. 46mm.

N.° 46. — Medalha commemorativa da inauguração da estatua de D. Pedro I.

Dentro de uma corôa, formada de dois ramos, um de louro e outro de carvalho, e no alto da medalha, as armas da Casa de Bragança; por cima, a constellação do Cruzeiro

do Sul; por baixo, em uma fita, da qual pende a insignia da Ordem do Cruzeiro, a legenda: EMANCIPATIO. / IMPERIUM. / CONSTITUTIO. Em seguida, dois disticos latinos:

VINCULA BRAZILIÆ PETRUS SERVILIA RUMPIT
DUPLEX MAGNANIMUS NON DIADEMA VOLENS;
IMPERIUM GENITO REDDIT, NATÆQUE CORONAM;
HOC MAJOR NEMO, PAR NEQUE IN ORBE FUIT.

C. LOPES.

Por baixo dos disticos, um livro aberto, e sobre elle, uma balança e uma espada núa cruzadas (symbolos das leis e da justiça). No exergo, o nome do gravador: — LÜSTER F. A outra face lisa. — Æ. 64mm.

N.° 16609 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

Não foi acabada. No Gabinete da Bibliotheca se conserva outro exemplar d'esta medalha cunhado em madeira.

MOEDAS BRAZILEIRAS

BRAZIL COLONIAL

D. PEDRO II

N.° 47. — *Quatro mil reis.*

PETRVS. II. D. G. PORTVGAL. REX. Armas de Portugal, tendo á esquerda, o valor 4000, e á direita, tres rosetas. — R̸. ET. BRASILIAE. DOMINVS. ANNO. 1700. Cruz de S. Jorge dentro de quatro arcos. — AV.

N.° 15968 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Sob o n.° 15969 do mesmo catalogo figura um exemplar semelhante, raro, com a data 1702, e quatro PP nas juncções dos arcos.

A moeda exposta faz parte de uma série de ouro comprehendendo os seguintes valores: 4000 rs.; 2000 rs.; 1000 rs.

N.° 48. — *Dois mil reis.*

PETRVS. II. D G. PORT. G. REX. Armas de Portugal, tendo á esquerda, o valor 2000, e á direita, tres rosetas.

— R_s. ET. BRASILIAE. DOMINVS. ANNO 1699. Cruz de S. Jorge dentro de quatro arcos. — A'.

N.° 15970 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.° 47.

N.° 49. — *Mil reis.*

PETRVS. II. D G. PORTVG. REX. Armas de Portugal, tendo á esquerda, o valor 1000, e á direita, tres rosetas. — R_s. ET. BRASILIAE. DOMINVS. ANO. 1699. Cruz de S. Jorge dentro de quatro arcos. — A'.

Pertence á serie do n.° 47.

N.° 50. — *Duas patacas.*

PETRVS. II. D G. PORT. REX. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda, o valor 640, e á direita, tres rosetas; aos lados da corôa 16-95. — R_s. SVBQ. SIGN. NATA. STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — Æ.

N.° 15972 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* O Gabinete da Bibliotheca possue mais dois exemplares semelhantes, com a data 1701, tendo sobre a esphera um P (*Pernambuco*).

A moeda exposta faz parte de uma série de prata comprehendo os seguintes valores: 640 rs.; 320 rs.; 160 rs.; 80 rs., e 40 rs.

N.° 51. — *Uma pataca.*

PETRVS. II. D G. PORT. REX. ET. BRAS. D N. Armas de Portugal; á esquerda, o valor 320, e á direita, tres rosetas; dos lados da corôa 16-96. — R_s. SVBQ. SIGN. NATA. STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — Æ.

N.° 15974 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* No mealheiro da Bibliotheca, além de um duplicado, ainda existe outro exemplar semelhante com a data 1701, tendo sobre a esphera um P (*Pernambuco*).

A moeda exposta pertence á serie de n.° 50.

N.° 52. — *Meia pataca.*

PETRVS. II. D G. PORT. REX. ET. BR. D N. Armas de Portugal; á esquerda, o valor 160, e á direita, duas rosetas; aos lados da corôa: 16-99. — Rs. SVBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — Æ.

N.° 15976 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* A Bibliotheca ainda possue, além de um duplicado, outro exemplar semelhante com a data 1701, tendo sobre a esphera um P (*Pernambuco*).

A moeda exposta pertence á serie do n.° 50.

N.° 53. — *Quatro vintens.*

PETRVS. II. D G. PORT. REX. E. B. D. Armas de Portugal; á esquerda, o valor 80, e á direita, uma roseta; dos lados da corôa: 16-99. — Rs. SVBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — Æ.

N.° 15978 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n° 50.

N.° 54. — *Dois vintens.*

PETRVS. II. D G. P. REX. B. D N. Armas de Portugal, tendo á esquerda, o valor 40, e á direita, duas rosetas. — Rs. SVBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — Æ.

N.° 15980 do *Cat. da Exp. de Historia do Brazil.* No mealheiro ainda existe outra moeda da mesma epoca e do mesmo valor, com variedade de typos e legenda. Tanto esta como a exposta não trazem data. Pertencem á serie do n.° 50.

N.° 55. — *Vintem.*

PETRVS. II. D. G. PORTVG. R. ÆTHIOP. Armas de Portugal, escudo com ornamentos. — Rs. MODERATO * SPLENDEAT * VSV. 1697. No campo, no meio de quatro arcos com florões, nos pontos de juncção, quatro PP, e no centro: X✱X. — Æ.

N.º **56.** — *Vintem.*

PETRVS. II. D. G. PORTVG. R. D. ÆTHIOP. Armas de Portugal, escudo com ornamentos. — R8. MODERATO * SPLENDEAT * VSV. 1698. No campo, no meio de quatro arcos com florões, nos pontos de juncção, quatro PP., e no centro: X*X. — Æ.

N.º 15984 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Além d'esta e da precedente, a Bibliotheca possue outros exemplares do mesmo valor com as datas 1694 e 1699, e outros, carimbados com o escudo de Portugal, datados de 1697 e 1698. No reverso de todos acham-se os quatro PP, nos pontos de juncção dos arcos.

N.º **57.** — *Dez reis.*

PETRVS. II. D. G. PORTVG. R. D. ÆTHIOP. Armas de Portugal, escudo com ornamentos. — R8. MODERATO * SPLENDEAT * VSV. 1695. No campo, no meio de quatro arcos com florões, nos pontos de juncção, quatro PP, e no centro: X. — Æ.

N.º 15988 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* No mealheiro existe outro exemplar, carimbado com o escudo de Portugal, e cuja data não se póde lêr.

O typo da moeda exposta é o mesmo das de n.ºˢ 55 e 56.

D. JOÃO V

N.º **58.** — *Dobrão.*

IOANNES. V. D. G. PORT. ET. ALG. REX. Armas de Portugal, tendo á esquerda, o valor 20000, e á direita, cinco rosetas entre dois pontos. — R8. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. 1726. Cruz da Ordem de Christo, cantonada por quatro MM (*Minas Geraes*). — *N*.

N.º 16004 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.° 59. — *Moeda.*

IOANNES. V. D. G. PORT, ET. ALG. REX. Armas de Portugal; á esquerda: 4000; á direita, quatro rosetas. — Rs. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. Cruz da Ordem de Christo, cantonada por quatro RR (*Rio de Janeiro*). Em cima: 1720. — *N*.

N.° 15995 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

Esta moeda faz parte de uma serie de ouro comprehendendo os seguintes valores: moeda = 4000 rs; meia moeda = 2000 rs; quarto ou quartinho = 1000 rs.

N.° 60. — *Moeda.*

IOANNES. V. D. G. PORT. ET. ALG. REX. Armas de Portugal: á esquerda: 4000; á direita, quatro rosetas. — Rs. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. Cruz da Ordem de Christo, cantonada por quatro BB (*Bahia*). Em cima: 1722. — *N*.

N.° 15993 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

Faz parte de uma serie de ouro comprehendendo os mesmos valores da serie do n.° 59.

N.° 61. — *Quatro mil reis.*

IOANNES. V. D. G. PORTVG. REX. Armas de Portugal; á esquerda, o valor 4000, e á direita, tres rosetas. — Rs. ET. BRASILIÆ. DOMINVS. ANNO. 1749. Cruz de S. Jorge dentro de quatro arcos. — *N*.

Rara.

N. 15990 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Faz parte de uma serie comprehendendo os seguintes valores: 4000 rs.; 2000 rs.; 1000 rs.

N.° 62. — *Meia moeda.*

IOANNES. V. D. G. PORT. ET. ALG. REX. Armas de Portugal; á esquerda: 2000; á direita, quatro rosetas. — Rs. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. Cruz da Ordem de Christo, cantonada por quatro BB (*Bahia*). Em cima: 1715. — *N*.

Pertence á serie do n.° 60.

N.° 63. — *Quarto ou quartinho.*

IOANNES. V. D G. PORT. ET. ALG. REX. Armas de Portugal; á esquerda: 1000; á direita, quatro rosetas. — R8. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. Cruz da Ordem de Christo, cantonada por quatro RR (*Rio de Janeiro*). Em cima: 1726. — *N*.

N.° 16000 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.° 59.

N.° 64. — *Mil reis.*

IOANNES. V. D. G. PORT. REX. Armas de Portugal; á esquerda, o valor 1000, e á direita, tres rosetas. — R8. ET. BRASILIÆ. DOMINUS. ANNO. 1749. Cruz de S. Jorge dentro de quatro arcos. — *N*.

Rara.

N.° 15992 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.° 61.

N.° 65. — *Duas patacas.*

IOANNES. V. D. G. PORT. REX. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda, o valor 640, e á direita, tres rosetas; aos lados da corôa: 17–49. — R8. SVBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera, e no centro d'esta um R (*Rio de Janeiro*). — Æ.

N.° 16021 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

Esta moeda pertence a uma serie de prata comprehendendo os seguintes valores: 640 rs.; 320 rs.; 160 rs.; 80 rs.

N.° 66. — *Uma pataca.*

IOANNES. V. D. G. PORT. REX. ET. BRAS. D. Armas de Portugal; á esquerda, o valor 320, e á direita, duas rosetas. Aos lados da corôa: 17–49. — R8. SVBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — Æ.

N.° 16018 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence a uma serie de prata comprehendendo os mesmos valores da do n.° 65.

N.º 67. — *Meia pataca.*

IOANNES. V. D. G. PORT. REX. ET. B. D. Armas de Portugal; á esquerda, o valor 160, e á direita, tres rosetas; aos lados da corôa: 17–49. — Rs. SVBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — Æ.

N.º 16019 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.º 66.

N.º 68. — *Quatro vintens.*

IOANNES. V. D. G. PORT. REX. ET. B. D. Armas de Portugal; á esquerda, o valor 80, e á direita, uma roseta. Aos lados da corôa: 17–49. — Rs. SVBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — Æ.

N.º 16020 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.º 66.

N.º 69. — *Dois vintens.*

IOANNES. V. D. G. P. ET. BRASIL. REX. Armas de Portugal, (escudo das quinas coroado), com tres rosetas de cada lado. — Rs. ÆS + VSIBVS + APTIVS + AVRO + 1722 +. No campo, no centro de uma corôa de murta: XL, tendo em cima e em baixo tres rosetas. — Æ.

N.º 16024 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.º 70. — *Vintem.*

IOANNES. V. D. G. P. ET. BRASIL. REX. Armas de Portugal, (escudo das quinas coroado), com tres rosetas de cada lado. — Rs. ÆS + VSIBVS + APTIVS + AVRO + 1722 +. No campo. no centro de uma corôa de murta: XX, tendo em cima e em baixo tres rosetas. — Æ.

N.º 16027 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* O typo d'esta moeda é o mesmo da precedente.

N.° 71. — *Vintem.*

IOANNES. V. D. G. P. ET. BRASIL. REX. No campo, dentro de um circulo de pontos e entre tres rosetas: XX; em cima, a corôa real; em baixo: 1730. — R$_S$. PECUNIA. TOTUM CIRCUMIT. ORBEM. Esphera, com um B (*Bahia*), no centro. — Æ.

N.° 16039 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.° 72. — *Vintem.*

IOANNES. V. D. G. P. ET. BRASIL. REX. No campo, dentro de um circulo de pontos e entre tres rosetas: XX; em cima, a corôa real; em baixo: 1736. — R$_S$. PECVNIA. TOTVM. CIRCVMIT. ORBEM. Esphera no centro. — Æ.

N.° 73. — *Dez reis.*

IOANNES. V. D. G. P. ET. BRASIL. REX. No campo, dentro de um circulo de pontos e entre duas rosetas: X; em cima, a corôa real; em baixo: 1730. — R$_S$. PECVNIA. TOTVM CIRCVMIT. ORBEM. Esphera, e no centro d'esta um B (*Bahia*). — Æ.

N.° 16041 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* O typo d'esta moeda é o mesmo da de n.° 71.

N.° 74. — *Dez reis.*

IOANNES. V. D. G. P. ET. BRASIL. REX. No campo, dentro de um circulo de pontos e entre duas rosetas: X; em cima, a corôa real; em baixo: 1735. — R$_S$. PECVNIA. TOTVM CIRCVMIT. ORBEM. Esphera no centro. — Æ.

N.° 16035 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* O typo d'esta moeda é o mesmo da de n. 72.

D. JOSÉ I

N.° 75. — *Dois mil reis.*

IOSEPHUS. I. D. G. PORTUG. REX. Armas de Portugal; á esquerda: 2000, e á direita, tres rosetas. — R$_S$. ET.

BRASILIÆ. DOMINUS. ANNO. 1752. Cruz de S. Jorge dentro de quatro arcos. — *AV*.

N.° 16045 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Esta moeda faz parte de uma serie de ouro comprehendendo os seguintes valores: 4000 rs.; 2000 rs.; 1000 rs.

N.° 76. — *Dois mil reis.*

JOSEPHUS. I. D. G. PORTUG. REX. Armas de Portugal, tendo á esquerda, o valor 2000, e á direita, tres rosetas, — Rs. ET. BRASILIÆ. DOMINUS. ANNO. 1773. Cruz de S. Jorge dentro de quatro arcos. — *AV*.

N.° 16049 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* O modulo d'esta moeda é menor que o da precedente. Ella faz parte de outra serie de ouro comprehendendo os mesmos valores da do n. 75.

N.° 77. — *Mil reis.*

JOSEPHUS. I. D. G. PORT. REX. Armas de Portugal, tendo á esquerda, o valor 1000, e á direita, tres rosetas. — Rs. ET. BRASILIÆ. DOMINUS. ANNO. 1771. Cruz de S. Jorge dentro de quatro arcos. — *AV*.

Pertence á serie do n. 76.

N. 78. — *Duas patacas.*

JOSEPHUS. I. D. G. P. REX. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda, o valor 640, e á direita, tres rosetas. Aos lados da corôa: 17-55. — Rs. SVBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — *Æ*.

N.° 16059 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Com esta moeda começa uma serie de prata comprehendendo os seguintes valores: 640 rs; 320 rs; 160 rs; 80 rs.

N.° 79. — *Seis tostões.*

No centro, entre duas rosetas: J; em cima, a corôa real; á esquerda, entre dois pontos: 600; á direita, tres rosetas; em baixo: 1758. — Rs. SVB. Q SIGN. NATA STAB. Cruz

da Ordem de Christo com a esphera; no centro d'esta um R (*Rio de Janeiro*). — Æ.

N.° 16070 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Esta moeda faz parte de uma serie de prata comprehendendo os seguintes valores: 600 rs; 300; 150; 75 rs.

N.° 80. — *Pataca.*

IOSEPHUS. I. D. G. PORT. REX. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda, o valor 320, e á direita, duas rosetas. Aos lados da corôa: 17-56. — Rs. SVBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — Æ.

N.° 16056 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.° 81. — *Tres tostões.*

No centro, entre duas rosetas: J; em cima, a corôa real; á esquerda, entre dois pontos: 300; á direita, tres rosetas; em baixo: 1757. — Rs. SVB. Q SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera; no centro d'esta um R (*Rio de Janeiro*). — Æ.

N.° 16078 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.° 79.

N.° 82. — *Meia pataca.*

IOSEPHUS. I. D. G. PORT. REX. ET. B. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda, o valor 160, e á direita, tres rosetas. Aos lados da corôa: 17-52. — Rs. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — Æ.

N.° 16057 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* O typo d'esta moeda assemelha-se ao da pataca do n.° 80.

N.° 83. — *Meia pataca.*

JOSEPHUS. I. D. G. PORT. ET. B. D. Armas de Portugal, tendo a esquerda, o valor 160, e á direita, tres rosetas. Aos lados da corôa: 17-68. — Rs. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — Æ.

Pertence á serie do n.° 78.

N.º 84. — *Cento e cincoenta reis.*

No centro, entre duas rosetas: J; em cima, a corôa real; á esquerda, entre duas rosetas: 150; á direita, tres rosetas; em baixo: 1771. — R_8. SVB. Q. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera; no centro d'esta um R (*Rio de Janeiro*). — Æ.

Pertence á serie do n.º 79.

N.º 85. — *Quatro vintens.*

JOSEPHUS. I. D. G. PORT. REX. ET. B. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda, o valor 80, e á direita, duas rosetas. Aos lados da corôa: 17-70. — R_8. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — Æ.

N.º 16063 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.º 78.

N°. 86. — *Setenta e cinco reis.*

No centro, entre duas rosetas: J; em cima, a corôa real; á esquerda, entre duas rosetas: 75; á direita, quatro rosetas; em baixo: 1754. — R_8. SVBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera; no centro d'esta um R (*Rio de Janeiro*). — Æ.

N.º 16082 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

Pertence á serie do n.º 79.

N.º 87. — *Dois vintens.*

IOSEPHUS. I. D. G. P. ET. BRASILIÆ. REX. No campo, no centro de um circulo de pontos e entre tres rosetas: XL; em cima, a corôa real; em baixo: 1753. — R_8. PECVNIA. TOTVM CIRCVMIT. ORBEM. No centro, a esphera. — Æ.

N.º 16085 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

Esta moeda faz parte de uma serie de cobre comprehendendo os seguintes valores: 40 rs; 20 rs; 10 rs; 5 rs.

N.º 88. — *Dois vintens.*

JOSEHUS. I. D. G. P. ET. BRASILIÆ. REX. No campo, dentro de um circulo de pontos e entre tres rosetas, o valor XL; em cima, a corôa real; em baixo: 1774. — Rs. PECUNIA. TOTUM CIRCUMIT. ORBEM. No centro, a esphera. — Æ.

N.º 16104 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

Typo differente do da anterior.

N.º 89. — *Vintem.*

IOSEPHUS. I. D. G. P. ET. BRASIL. REX. No campo, no centro de um circulo de pontos e entre tres rosetas, o valor XX; em cima, a corôa real; e em baixo: 1753. — Rs. PECVNIA. TOTVM CIRCVMIT. ORBEM. No centro, a esphera. — Æ.

N.º 16089 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.º 87.

N.º 90. — *Vintem.*

JOSEPHUS. I. D. G. P. ET. BRASIL. REX. No campo, no centro de um circulo de pontos, o valor XX, entre tres rosetas; em cima, a corôa real, e em baixo: 1774. — Rs. PECUNIA. TOTUM CIRCUMIT. ORBEM. No centro, a esphera. — Æ.

N.º 16107 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* O typo d'esta moeda, diverso do da precedente, é o mesmo da de n.º 88.

N.º 91. — *Dez reis.*

IOSEPHUS. I. D. G. P. ET. BRASIL. REX. No campo, no centro de um circulo de pontos e entre duas rosetas: X; em cima, a corôa real; em baixo: 1753. — Rs. PECVNIA. TOTVM CIRCVMIT. ORBEM. No centro, a esphera. — Æ.

N.º 16092 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

Pertence á serie do n.º 87.

N.° 92. — *Cinco reis.*

IOSEPHUS. I. D G P. ET. BRASIL. REX. No centro de um circulo de pontos e entre duas rosetas: V; em cima, a corôa real; e em baixo: 1753. — Rs. PECVNIA. TOTVM CIRCVMIT ORBEM. No centro, a esphera. — Æ.

N.° 16094 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

Pertence á serie do n.° 87.

D. MARIA I E D. PEDRO III

N.° 93. — *Dois mil reis.*

MARIA. I. ET. PETRUS. III. D. G. PORTUG. REGES. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 2000, e á direita, tres rosetas. — Rs. ET. BRASILLÆ. DOMINI. ANNO. * . 1778. * . Cruz de S. Jorge dentro de quatro arcos. — AV.

N.° 16130 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Esta moeda faz parte de uma serie de ouro comprehendendo os seguintes valores: 4000 rs.; 2000 rs.; 1000 rs.

N.° 94. — *Mil reis.*

MARIA. I. ET. PETRUS. III. D. G. PORTUG. REGES. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 1000, e á direita, tres rosetas. — Rs. ET. BRASILLÆ. DOMINI. ANNO. * 1779. * . Cruz de S. Jorge dentro de quatro arcos. — AV.

N.° 16131 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.° 93.

N.° 95. — *Duas patacas.*

MARIA. I. ET. PETRUS. III. D. G. PORT. REGES. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 640, e á direita, tres rosetas. Aos lados da corôa: 17-85.

— Rs. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — Æ.

N.° 16136 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Esta moeda dá começo a uma serie de prata que abrange os seguintes valores: 640 rs.; 320 rs.; 160 rs.; 80 rs.

N.° 96. — *Pataca.*

MARIA. I. ET. PETRUS. III. D. G. PORT. REGES. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 320, e á direita, duas rosetas. Aos lados da corôa: 17-80. — Rs. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — Æ.

N.° 16137 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.° 95.

N.° 97. — *Meia pataca.*

MARIA. I. ET. PETRUS. III. D. G. PORT. REGES. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 160, e á direita, tres rosetas. Aos lados da corôa: 17-86. — Rs. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — Æ.

N.° 16138 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.° 95.

N.° 98.— *Quatro vintens.*

MARIA. I. ET. PETRUS. III. D. G. PORT. REGES. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 80, e á direita, duas rosetas. Aos lados da corôa: 17-82. — Rs. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — Æ.

N° 16139 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.° 95.

N.° 99. — *Dois vintens.*

MARIA. I. ET. PETRUS. III. D. G. P. ET. BRASIL. REGES. No meio, em um circulo de pontos e entre tres rosetas: XL; em cima, a corôa real; em baixo: 1778.

— R$_{g}$. PECUNIA. TOTUM CIRCUMIT. ORBEM. Esphera no centro. — Æ.

N.º 16140 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Esta moeda pertence a uma serie de cobre comprehendendo os seguintes valores: 40 rs.; 20 rs.; 10 rs.; 5 rs.

N.º 100. — *Vintem.*

MARIA. I. ET. PETRUS. III. D. G. P. ET. BRASIL. REGES. No meio, em um circulo de pontos e entre tres rosetas: XX; em cima, a corôa real; em baixo: 1782. — R$_{g}$. PECUNIA. TOTUM. CIRCUMIT. ORBEM. Esphera no centro. — Æ.

Pertence á serie do n.º 99.

N.º 101. — *Dez reis.*

MARIA. I. ET. PETRUS. III. D. G. P. ET. BRASIL. REGES. No meio, em um circulo de pontos e entre duas rosetas: X; em cima, a corôa real; em baixo: 1781. — R$_{g}$. PECUNIA. TOTUM CIRCUMIT. ORBEM. Esphera no centro. — Æ.

N.º 16146 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.º 99.

N.º 102. — *Cinco reis.*

MARIA. I. ET. PETRUS. III. D. G. P. ET. BRASIL. REGES. No centro de um circulo de pontos e entre duas rosetas: V; em cima, a corôa real; em baixo: 1784. — R$_{g}$. PECUNIA. TOTUM CIRCUMIT. ORBEM. Esphera no centro. — Æ.

N.º 16148 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.º 99.

D. MARIA I

N.º 103. — *Quatro mil reis.*

MARIA. I. D. G. PORTUG. REGINA. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 4000, e á direita, tres rosetas.

— Rs. / . ET. BRASILIE. DOMINA. . ANNO. 1801. / Cruz de S. Jorge dentro de quatro arcos. — *N*.

N.° 16150 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Esta moeda pertence a uma serie de ouro comprehendendo os seguintes valores: 4000 rs.; 2000 rs.; 1000 rs.

N.° 104. — *Dois mil reis.*

MARIA. I. D. G. PORTUG. REGINA. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 2000, e á direita, duas rosetas. — Rs. ET. BRASILIÆ. DOMINA. ANNO. * . 1787. * . / Cruz de S. Jorge dentro de quatro arcos. — *N*.

N.° 16151 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Faz parte da serie do n.° 103.

N.° 105. — *Mil reis.*

MARIA. I. D. G. PORTUG. REGINA. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 1000, e á direita, tres rosetas. — Rs. ET. BRASILIÆ. DOMINA. ANNO. * . 1787. * . / Cruz de S. Jorge dentro de quatro arcos. — *N*.

N.° 16152 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Faz parte da serie do n.° 103.

N.° 106. — *Duas patacas.*

MARIA. I. D. G. PORT. REGINA. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 640, e á direita, tres rosetas. Aos lados da corôa: 17-99. — Rs. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera, e no centro d'esta um B (*Bahia*). — Æ.

N.° 16159 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brasil.* Substitue a moeda de duas patacas da serie do n. 107, a qual differe da exposta somente em não ter a lettra B sobre a esphera.

N.° 107. — *Pataca.*

MARIA. I. D. G. PORT. REGINA. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 320, e á direita, duas rosetas. Aos lados da corôa: 17-87. — Rs. SUBQ. SIGN.

NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — Æ.

N.° 16156 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* A moeda exposta pertence a uma serie de prata, comprehendendo os seguintes valores: 640 rs., que não existe no mealheiro; 320 rs.; 160 rs.; 80 rs.

N.° 108. — *Meia pataca.*

MARIA. I. D. G. PORT. REGINA. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 160, e á direita, tres rosetas. Aos lados da corôa: 17-87. — Rs. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — Æ.

Pertence á serie do n.° 107.

N.° 109. — *Quatro vintens.*

MARIA. I. D. G. PORT. REGINA. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 80, e á direita, duas rosetas. Aos lados da corôa: 17-87. — Rs. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera no centro. — Æ.

N.° 16158 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.° 107.

D. JOÃO PRINCIPE REGENTE

N.° 110. — *Barrinha.*

Á esquerda e dentro de um circulo de pontos as armas de Portugal; em cima: N 1953 (lettras incusas), 1814 e as iniciaes I. P. P. em monogramma; em baixo: TOQUE 23; em seguida dois pontos raiados; 1-5-24. (letras incusas) (peso). — Rs. A esphera á esquerda, dentro de um circulo de pontos. — AV.

Correu como moeda em Minas Geraes.

N.° 16245 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.º 111. — *Quatro mil reis.*

JOANNES. D. G. PORT. ET. ALG. P. REGENS. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 4000, e á direita, tres rosetas. — R$_8$. ET. BRASILIÆ. DOMINUS. ANNO. 1807. Cruz de S. Jorge dentro de quatro arcos. — AV.

N.º 16182 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.º 112. — *Tres patacas.*

JOANNES. D. G. PORT. P. REGENS. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 960, e á direita, tres rosetas. Aos lados da corôa: 18-17. — R$_8$. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera e um R (*Rio de Janeiro*), no centro. — Æ.

N.º 16191 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Conserva vestigios bem visiveis de cunho anterior. O cunho antigo é o de um *patacão* ou *columnario* de D. Carlos III de Hespanha, semelhante ao descripto sob o n.º 16184 do mesmo catalogo.

Esta moeda dá principio a uma serie de prata que abrange os seguintes valores: 960 rs.; 640 rs.; 320 rs.; 160 rs.; 80 rs.

N.º 113. — *Duas patacas.*

JOANNES. D. G. PORT. P. REGENS. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 640, e á direita, tres rosetas. Aos lados da corôa: 18-13. — R$_8$. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera e um R (*Rio de Janeiro*), no centro. — Æ.

Pertence á serie do n.º 112.

N.º 114. — *Pataca.*

JOANNES. D. G. PORT. P. REGENS. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 320, e á direita, duas rosetas. Aos lados da corôa: 18-09. — R$_8$. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera e um R (*Rio de Janeiro*), no centro. — Æ.

N.º 16193 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie de n.º 112.

N.° 115. — *Meia pataca.*

JOANNES. D. G. PORT. P. REGENS. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 160, e á direita, tres rosetas. Aos lados da corôa: 18-10. — R̷. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera e um R (*Rio de Janeiro*), no centro. — Æ.

Pertence á serie do n.° 112.

N.° 116. — *Quatro vintens.*

JOANNES. D. G. PORT. P. REGENS. ET. BRAS. D. Armas de Portugal, tendo á esquerda o valor 80, e á direita, duas rosetas. Aos lados da corôa: 18-16. — R̷. SUBQ. SIGN. NATA. STAB. Cruz da Ordem de Christo com a esphera e um R (*Rio de Janeiro*), no centro. — Æ.

N.° 16195 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie de n.° 112.

N.° 117. — *Quatro vintens.*

JOANNES. D. G. PORT. ET. BRAS. P. REGENS. Dentro de um circulo de pontos e entre cinco rosetas: LXXX; em cima, a corôa real, e em baixo: 1818. — R̷. PECUNIA. TOTUM CIRCUMIT. ORBEM. Esphera no centro com um R (*Rio de Janeiro*). — Æ.

N.° 16218 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.° 118. — *Dois vintens.*

JOANNES. D. G. P. ET. BRASILIÆ. P. REGENS. Dentro de um circulo de pontos e entre tres rosetas: XL; em cima, a corôa real; em baixo: 1802. — R̷. PECUNIA. TOTUM CIRCUMIT. ORBEM. Esphera no centro, sem letra. — Æ.

N.° 16196 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.º 119. — *Vintem.*

JOANNES. D. G. P. ET. BRASILIÆ. P. REGENS. Dentro de um circulo de pontos e entre tres rosetas: XX; em cima, a corôa real, e em baixo: 1816. — R$_8$. PECUNIA. TOTUM CIRCUMIT. ORBEM. Esphera no centro com um B (*Bahia*). — Æ.

N.º 16214 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.º 120. — *Dez reis.*

JOANNES. D. G. ET. BRAS. P. REGENS. Em um circulo de pontos, e entre duas rosetas: X; em cima, a corôa real, e em baixo: 1816. — R$_8$. PECUNIA. TOTUM CIRCUMIT. ORBEM. Esphera no centro com um B (*Bahia*). — Æ.

Sem o P (*Portugaliæ*) na legenda.

D. JOÃO VI

N.º 121. — *Quatro mil reis.*

JOANNES. VI. D. G. PORT. BRAS. ET. ALG. REX. Cruz de S. Jorge, dentro de quatro arcos. No exergo, entre duas rosetas: 1822. — R$_8$. Armas do reino unido de Portugal e do Brazil. No exergo o valor 4000. — AV.

N.º 16246 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.º 122. — *Tres patacas.*

JOANNES. VI. D. G. PORT. BRAS. ET. ALG. REX. No campo, entre dois ramos de louro: 960 / 1820 / * R * / (*Rio de Janeiro*); por cima, a corôa real. — R$_8$. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo, tendo no centro a esphera com o escudo das armas de Portugal. — AR.

Semelhante ao n.º 16252 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

Esta moeda faz parte de uma serie de prata que comprehende os seguintes valores: 960 rs.; 640 rs.; 320 rs.; 160 rs.; 80 rs.

N.° 123. — *Duas patacas.*

JOANNES. VI. D. G. PORT. BRAS. ET. ALG. REX. No campo, entre dois ramos de louro: 640 / 1820 / + R + / (*Rio de Janeiro*); por cima, a corôa real. — R_s. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo, tendo no centro a esphera com o escudo das armas de Portugal. — Æ.

N.° 16256 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.° 122.

N.° 124. — *Pataca.*

JOANNES. VI. D. G. PORT. BRAS. ET. ALG. REX. No campo, entre dois ramos de louro: 320 / 1820 / . R. / (*Rio de Janeiro*); por cima, a corôa real. — R_s. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo, tendo no centro a esphera com o escudo das armas de Portugal. — Æ.

N.° 16257 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.° 122.

N.° 125. — *Meia pataca.*

JOANNES. VI. D. G. PORT. BRAS. ET. ALG. REX. No campo, entre dois ramos de louro: 160 / 1818 / * R * / (*Rio de Janeiro*); por cima, a corôa real. — R_s. SUBQ. SIGN. NATA STAB. Cruz da Ordem de Christo, tendo no centro a esphera com o escudo das armas de Portugal. — Æ.

N.° 16258 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.° 122.

N.° 126. — *Quatro vintens.*

JOANNES. VI. D. G. PORT. BRAS. ET. ALG. REX. No campo, entre dois ramos de louro: 80 / 1818 / . R. / (*Rio de Janeiro*); por cima, a corôa real. — R_s. SUBQ. SIGN. NATA. STAB. Cruz da Ordem de Christo, tendo no centro a esphera com o escudo das armas de Portugal. — Æ.

N.° 16259 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.° 122.

N.° 127. — *Quatro vintens.*

JOANNES. VI. D. G. PORT. BRAS. ET. ALG. REX. No campo, dentro de um circulo de pontos e entre cinco rosetas: LXXX; em cima, a corôa real; em baixo: * 1822 * / * R * / (*Rio de Janeiro*). — R. PECUNIA. TOTUM CIRCUMIT. ORBEM. No centro, a esphera com o escudo das armas de Portugal. — Æ.

N.° 16281 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Esta moeda pertence a uma serie de cobre comprehendendo os seguintes valores: 80 rs.; 40 rs.; 20 rs.; 10 rs.

N.° 128. — *Setenta e cinco reis.*

JOANNES. VI. D. G. PORT. BRAS. ET. ALG. REX. No campo, dentro de um circulo de pontos e entre duas rosetas: 75; em cima, a corôa real; em baixo: + 1819 + / + M + / (*Minas Geraes*). — R. PECUNIA. TOTUM CIRCUMIT. ORBEM. No centro, a esphera com o escudo das armas de Portugal. — Æ.

O typo d'esta moeda é o mesmo da de n.° 130.

N.° 129. — *Dois vintens.*

JOANNES. VI. D. G. PORT. BRAS. ET. ALG. REX. No campo, dentro de um circulo de pontos e entre tres rosetas: XL; em cima, a corôa real; em baixo: + 1821 + / + R + / (*Rio de Janeiro*). — R. PECUNIA. TOTUM CIRCUMIT. ORBEM. No centro, a esphera com o escudo das armas de Portugal. — Æ.

N.° 16286 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.° 127.

N.° 130. — *Trinta e sete reis e meio.*

JOANNES. VI. D. G. PORT. BRAS. ET. ALG. REX. No campo, dentro de um circulo de pontos e entre duas rosetas: 37 $^1/_2$; em cima, a corôa real; em baixo: / . 1821 . /

. M . / (*Minas Geraes*). — Rs. PECUNIA. TOTUM CIRCUMIT. ORBEM. No centro, a esphera com o escudo das armas de Portugal. — Æ.

O typo d'esta moeda é o mesmo da de n.º 128.

N.º 131. — *Vintem.*

JOANNES. VI. D. G. PORT. BRAS. ET. ALG. REX. No campo, dentro de um circulo de pontos e entre tres rosetas: XX; em cima, a corôa real; em baixo: /. 1822 . / . R . / (*Rio de Janeiro*). — Rs. PECUNIA. TOTUM CIRCUMIT. ORBEM. No centro, a esphera com o escudo das armas de Portugal. — Æ.

N.º 16292 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.º 127.

N.º 132. — *Dez reis.*

JOANNES. VI. D. G. PORT. BRAS. ET. ALG. REX. No campo, dentro de um circulo de pontos e entre duas rosetas: X; em cima, a corôa real; em baixo: 1821 / . B . / (*Bahia*). — Rs. PECUNIA. TOTUM CIRCUMIT. ORBEM. No centro, a esphera com o escudo das armas de Portugal. — Æ.

N.º 16274 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence a uma serie de cobre analoga á do n.º 127.

BRAZIL IMPERIO

D PEDRO I

N.º 133. — *Dobra.*

PETRUS. I. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF. Busto fardado do Imperador, á esquerda. No exergo: + 1824. R + (*Rio de Janeiro*). — Rs. + IN + HOC + SIGNO + VINCES. Armas do Brazil, tendo por baixo o valor 6400. — AV.

N.º 16301 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.° 134. — *Quatro mil reis.*

PETRUS I. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF. Busto fardado do Imperador, á esquerda. No exergo: + 1824. R + (*Rio de Janeiro*). — R̸. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. Armas do Brazil, tendo por baixo o valor 4000. — AV.

N.° 16302 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* O typo d'esta moeda é o mesmo da de n.° 133.

N.° 135. — *Meia dobra ou peça.*

PETRUS. I. D. G. BRASILIÆ. IMPERATOR. Busto do Imperador, á esquerda, corôado de louro. No exergo: + 1822 + R + (*Rio de Janeiro*). — R̸. Armas do Brazil tendo ao redor da esphera: IN HOC SIG VIN, e por cima a corôa real. — Æ. (*Ensaio*).

Rara.

N.° 16304 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* O original de ouro, igualmente raro, vem descripto no mesmo catalogo sob o n.° 16303.

N.° 136. — *Tres patacas.*

+ PETRUS. I. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF +. No campo, dentro de uma grinalda e entre oito rosetas, o valor 960. No exergo: 1823. R (*Rio de Janeiro*). — R̸. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. No centro, as armas do Brasil. — AR.

N.° 16306 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Esta moeda dá principio a uma serie de prata com os seguintes valores: 960 rs.; 640 rs.; 320 rs.; 160 rs.; 80 rs.

N.° 137. — *Tres patacas.*

+ PETRUS. I. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF +. No campo, dentro de uma grinalda e entre oito rosetas, o valor 960. No exergo: 1824. B (*Bahia*). — R̸. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. No centro, as armas do Brazil. — AR.

N.° 16305 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.° 138. — *Duas patacas.*

+ PETRUS. I. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF +. No campo, dentro de uma grinalda e entre oito rosetas, o valor 640. No exergo: 1824. R (*Rio de Janeiro*). — R_8. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. No centro, as armas do Brazil. — Æ.

N.° 16307 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.° 136.

N.° 139. — *Pataca.*

+ PETRUS. I. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF +. No campo, dentro de uma grinalda e entre oito rosetas, o valor 320. No exergo: 1825. R (*Rio de Janeiro*). — R_8. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. No centro, as armas do Brazil. — Æ.

N.° 16308 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.° 136.

N.° 140. — *Meia pataca.*

+ PETRUS. I. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF +. No campo, dentro de uma grinalda e entre oito rosetas, o valor 160. No exergo: 1826. R (*Rio de Janeiro*). — R_8. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. Armas do Brazil no centro. — Æ.

N.° 16310 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Tem as folhas da grinalda voltadas para a esquerda, o que não se nota em todas as outras.

N.° 141. — *Setenta e cinco reis.*

+ PETRUS. I. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF +. No campo, dentro de uma grinalda e entre oito rosetas, o valor 75. No exergo: 1823. G (*Goyaz*). — R_8. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. No centro, as armas do Brazil. — Æ.

Rara.

N.° 16344 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Cunhada sobre uma moeda colonial de D. João VI, cujas legendas se lêem mais facilmente que as do novo cunho, as quaes estão quasi invisiveis.

N.° 142. — *Trinta e sete reis e meio.*

+ PETRUS. I. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF +. No campo, dentro de uma grinalda e entre sete rosetas, o valor 37 $^1/_2$; por baixo, um M (*Minas Geraes*); no exergo: 1826. — R$_8$. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. No centro, as armas do Brazil. — Æ.

N.° 16375 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

D. PEDRO II

143. — *Moeda de dez mil reis.*

PETRUS II. D. G. C. IMP. — ET PERP. BRAS. DEF. Busto do Imperador, á esquerda, com manto. No exergo: 1849. — R$_8$. Armas do Brazil, tendo por cima, em linha recta: IN HOC S. — VINCES. — AV.

N.° 16421 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.° 144. — *Moeda de dez mil reis.*

PETRUS II. D. G. C. IMP. — ET PERP. BRAS. DEF. Busto do Imperador, á esquerda. No exergo: 1872. — R$_8$. Armas do Brazil, tendo por cima, em linha curva: IN HOC SI—GNO VINCES.—AV.

Esta moeda faz parte de uma serie de ouro comprehendendo os seguintes valores: 20,000 rs.; 10,000 rs.; 5,000 rs.

Falta ainda á nossa collecção a moeda de *vinte mil réis.*

N.° 145. — *Meia dobra ou peça.*

+ PETRUS. II. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF +. Busto do Imperador, quando criança, á direita. No exergo: 1832. R (*Rio de Janeiro*). — R$_8$. + IN

+ HOC + SIGNO + VINCES +. Armas do Brazil no centro. No exergo: 6400 (valor).—AV.

N.° 16418 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Com o mesmo typo d'esta moeda existe uma de 4,000 rs., exposta sob o n.° 149.

N.° 146. — *Meia dobra ou peça.*

PETRUS. II. D. G. C. IMP. — ET. PERP. BRAS. DEF. Busto do Imperador, quando criança, á direita. No exergo: 1839. — Rs. Armas do Brazil, tendo por cima, em linha curva: IN HOC S — VINCES.—AV.

N.° 16416 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.° 147. — *Meia dobra ou peça.*

PETRUS. II. D. G. C. IMP. — ET. PERP. BRAS. DEF. Busto do Imperador fardado, á esquerda. No exergo: 1842. — Rs. Armas do Brazil, tendo por cima, em linha curva: IN HOC S. — VINCES.—AV.

N.° 16417 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.° 148. — *Moeda de cinco mil reis.*

PETRUS II. D. G. C. IMP. — ET PERP. BRAS. DEF. Busto do Imperador, á esquerda. No exergo: 1855. — Rs. Armas do Brazil, tendo por cima, em linha curva: IN HOC SI—GNO VINCES.—AV.

N.° 16426 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.° 144.

N.° 149. — *Moeda de quatro mil reis.*

+ PETRUS. II. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF +. Busto do Imperador, quando criança, á direita. No exergo: 1832. R (*Rio de Janeiro*). — Rs. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. No centro, as armas do Brazil; no exergo: 4000 (valor).—AV.

N.° 16419 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* O typo d'esta moeda é o mesmo da meia dobra ou peça do n.° 145.

N.° 150. — *Dois mil reis.*

PETRUS II. D. G. CONST. IMP. ET PERP. BRAS. DEF. Dentro de uma corôa de louro, o valor 2000. No exergo: 1851. — R_8. Armas do Brazil com escudo estreito, tendo por cima, em linha recta: IN HOC S. — VINCES. — Æ.

N.° 16439 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Esta moeda faz parte de uma serie de prata comprehendendo os valores: 2,000 rs.; 1,000 rs.; 500 rs.

N.° 151. — *Dois mil reis.*

PETRUS II. D. G. CONST. IMP. ET PERP. BRAS. DEF. Dentro de uma corôa de louro: 2000. No exergo: 1865. — R_8. Armas do Brazil com escudo largo, tendo por cima, em linha curva: IN HOC SI- -GNO VINCES.—Æ.

Esta moeda faz parte de uma serie de prata abrangendo os seguintes valores: 2,000 rs.; 1,000 rs.; 500 rs.; 200 rs.

N.° 152. — *Dois mil reis.*

PETRUS II D. G. C. IMP. — ET PERP. BRAS. DEF. Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: LÜSTER F. No exergo, entre uma esphera e uma cruz da Ordem de Christo: 1869. — R_8. Armas do Brazil, tendo por baixo: 2000 REIS.—Æ.

N.° 16449 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

Esta moeda dá principio a uma serie de prata com os seguintes valores: 2,000 rs.; 1,000 rs.; 500 rs.; 200 rs.

N.° 153. — *Mil e duzentos reis.*

PETRUS. II. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF. Dentro de uma corôa de louro: 1200. No exergo: 1834. — R_8. Armas do Brazil, tendo por cima, em linha curva: IN HOC S. — VINCES.—Æ.

N.° 16431 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Esta moeda pertence a uma serie de prata comprehendendo os seguintes valores: 1,200 rs.; 800 rs.; 400 rs.; 200 rs.; 100 rs.

N.° 154. — *Mil reis.*

PETRUS II. D. G. CONST. IMP. ET PERP. BRAS. DEF. Dentro de uma corôa de louro, o valor 1000. No exergo: 1852. — Rs. Armas do Brazil com escudo estreito, tendo por cima, em linha recta : IN HOC S. — VINCES.—Æ.

Pertence á serie do n.° 150.

N.° 155. — *Mil reis.*

PETRUS II. D. G. CONST. IMP. ET PERP. BRAS. DEF. Dentro de uma corôa de louro: 1000. No exergo: 1865. — Rs. Armas do Brazil com escudo largo, tendo por cima, em linha curva: IN HOC SI- -GNO VINCES.—Æ.

N.° 16443 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.° 151.

N.° 156. — *Mil reis.*

PETRUS II D. G. C. IMP. — ET PERP. BRAS. DEF. Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo o nome do gravador: LÜSTER F. No exergo, entre uma esphera e uma cruz da Ordem de Christo: 1869. — Rs. Armas do Brazil, tendo por baixo: 1000 REIS.—Æ.

N.° 16450 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.° 152.

N.° 157. — *Tres patacas.*

+ PETRUS. II. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF + / 1832. R / *(Rio de Janeiro).* Dentro de uma grinalda e entre oito rosetas: 960. — Rs. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. Armas do Brazil no centro.—Æ.

N.° 16427 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* A serie a que pertence esta moeda comprehende os seguintes valores: 960 rs.; 640 rs.; 320 rs.; 160 rs.; 80 rs.

A moeda de duas patacas desta serie (640. 1832. R), é muito rara, pois apenas se conhecem dois exemplares, um dos quaes figura naquelle Catalogo sob o n.° 16428. Da pataca (320), não se conhece nenhum.

N.° 158. — *Oitocentos reis.*

PETRUS. II. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF. Dentro de uma corôa de louro: 800. No exergo: 1846. — R_8. Armas do Brazil, tendo por cima, em linha curva: IN HOC S. — VINCES.—Æ.

N.° 16432 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.° 153.

N.° 159. — *Quinhentos reis.*

PETRUS II. D. G. CONST. IMP. ET PERP. BRAS. DEF. Dentro de uma corôa de louro, o valor 500. No exergo: 1852. — R_8. Armas do Brazil com escudo estreito, tendo por cima, em linha recta: IN HOC S. — VINCES.—Æ.

N.° 16441 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.° 150.

N.° 160. — *Quinhentos reis.*

PETRUS II. D. G. CONST. IMP. ET PERP. BRAS. DEF. Dentro de uma corôa de louro: 500. No exergo: 1865. — R_8. Armas do Brazil com escudo largo, tendo por cima, em linha curva: IN HOC SI- -GNO VINCES.—Æ.

Pertence á serie do n.° 151.

N.° 161. — *Quinhentos reis.*

PETRUS II D. G. C. IMP. — ET PERP. BRAS. DEF. Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo as iniciaes do gravador: C. L. *(C. Lüster).* No exergo, entre uma esphera e uma cruz da Ordem de Christo: 1868. — R_8. Armas do Brazil, tendo por baixo: 500 REIS.—Æ.

N.° 16451 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.° 152.

N.° 162. — *Quatrocentos reis.*

PETRUS. II. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF. Dentro de uma corôa de louro: 400. No exergo: 1834. — R⁸. Armas do Brazil, tendo por cima, em linha curva: IN HOC S. — VINCES.—Æ.

N.° 16433 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.° 153.

N.° 163. — *Duzentos reis.*

PETRUS. II. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF. Dentro de uma corôa de louro: 200. No exergo: 1844. — R⁸. Armas do Brazil, tendo por cima, em linha curva: IN HOC S. — VINCES.—Æ.

N.° 16435 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.° 153.

N.° 164. — *Duzentos reis.*

PETRUS II. D. G. CONST. IMP. ET PERP. BRAS. DEF. Dentro de uma corôa de louro: 200. No exergo: 1865. — R⁸. Armas do Brazil com escudo largo, tendo por cima, em linha curva: IN HOC SI- -GNO VINCES.—Æ.

N.° 16447 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.° 151.

N.° 165. — *Duzentos reis.*

PETRUS II D. G. C. IMP. — ET PERP. BRAS. DEF. Busto do Imperador, á esquerda, tendo por baixo as iniciaes do gravador: C. L. (*C. Lüster*). No exergo, entre uma esphera e uma cruz da Ordem de Christo: 1868. — R⁸. Armas do Brazil, tendo por baixo: 200 REIS.—Æ.

Pertence á serie do n.° 152.

N.° 166. — *Duzentos reis.*

DECRETO N.° 1817 DE 3 DE SETEMBRO DE 1870 * No campo: 200 / RÉIS. — R_8. Armas do Brazil no centro, tendo por cima: IMPERIO — DO BRAZIL; e por baixo a data 1871 entre duas estrellas. — Nickel.

N.° 16455 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* A serie a que pertence esta moeda comprehende os seguintes valores: 200 rs.; 100 rs.; e 50 rs. Esta ultima é rara pois não entrou na circulação.

N.° 167. — *Meia pataca.*

+ PETRUS. II. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF + / 1833. R / *(Rio de Janeiro).* Dentro de uma grinalda e entre oito rosetas: 160. — R_8. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. Armas do Brazil no centro. — Æ.

N.° 16429 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.° 157.

N.° 168. — *Cem reis.*

PETRUS. II. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF. Dentro de uma corôa de louro: 100. No exergo: 1846. — R_8. Armas do Brazil, tendo por cima, em linha curva: IN HOC S. — VINCES. — Æ.

Pertence á serie do n.° 153.

N.° 169. — *Cem reis.*

DECRETO N.° 1817 DE 3 DE SETEMBRO DE 1870 * No campo: 100 / RÉIS. — R_8. Armas do Brazil no centro, tendo por cima: IMPERIO — DO BRAZIL; e por baixo a data 1871 entre duas estrellas. — Nickel.

Pertence á serie do n.° 166.

N.° 170. — *Quatro vintens.*

+ PETRUS. II. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF + Dentro de uma grinalda e entre oito rosetas: 80. Por baixo: 1832 R *(Rio de Janeiro)*. — R$_8$. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. Armas do Brazil no centro. — Æ.

Com o carimbo do Maranhão ✠ para alterar o valor.

N.° 16471 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.° 171. — *Quatro vinteus.*

* PETRUS II. D. G. CONST. IMP. ET PERP. BRAS. DEF. * / 1832 G / *(Goyaz)*. Dentro de uma grinalda e entre oito rosetas: 80. — R$_8$. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. Armas do Brazil no centro. — Æ.

N.° 16463 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.*

N.° 172. — *Quatro vintens.*

+ PETRUS. II. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF + / 1833. R / *(Rio de Janeiro)*. Dentro de uma grinalda e entre oito rosetas: 80. — R$_8$. + IN + HOC + SIGNO + VINCES + . Armas do Brazil no centro. — Æ.

N.° 16430 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.° 157.

N.° 173. — *Cincoenta reis.*

DECRETO N.° 1817 DE 3 DE SETEMBRO DE 1870 * No campo: 50 / RÉIS. — R$_8$. Armas do Brazil no centro, tendo por cima: IMPERIO — DO BRAZIL; e por baixo a data 1871 entre duas estrellas. — Nickel.

Rara. Não foi posta em circulação.

N.° 16458 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil;* faz parte da serie do n.° 166.

N.° 174. — *Dois vintens.*

* PETRUS. 2. D. G. CONST. IMP. ET. PERP. BRAS. DEF * / 1832 G. / *(Goyaz).* Dentro de uma grinalda e entre oito rosetas: 40. — R_8. + IN + HOC + SIGNO + VINCES +. Armas do Brazil no centro. — Æ.

N.° 16465 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* O typo d'esta moeda é o mesmo da de n.° 171.

N.° 175. — *Dois vintens.*

PETRUS II D. G. C. IMP. — ET PERP. BRAS. DEF. / Busto do Imperador, á direita, tendo por baixo as iniciaes do gravador: E. S. R. C. No exergo, entre uma esphera e uma cruz da Ordem de Christo, a data 1873. — R_8. Armas do Brazil sem os ramos de fumo e de café, tendo á esquerda: 40. e á direita: R̲ˢ — Æ.

N.° 16480 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Esta moeda pertence a uma serie de cobre comprehendendo os seguintes valores: 40 rs.; 20 rs.; 10 rs.

N.° 176. — *Vintem.*

PETRUS II D. G. C. IMP.—ET PERP. BRAS. DEF. / Busto do Imperador, á direita, tendo por baixo as iniciaes do gravador: C. L. *(C. Lüster).* No exergo, entre uma esphera e uma cruz da Ordem de Christo, a data 1869. — R_8. Armas do Brazil sem os ramos de fumo e de café, tendo á esquerda: 20, e á direita: R̲ˢ — Æ.

N.° 16481 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Pertence á serie do n.° 175.

N.° 177. — *Dez reis.*

PETRUS II D. G. C. IMP. — ET PERP. BRAS. DEF. / Busto do Imperador, á direita, tendo por baixo as iniciaes do gravador: C. L. *(C. Lüster).* No exergo, entre uma esphera e uma cruz da Ordem de Christo, a data 1869. — R_8. As armas do Brazil sem os ramos de café e de fumo, tendo á esquerda: 10, e á direita: R̲ˢ — Æ.

Pertence á serie do n.° 175.

MEDALHAS EXTRANGEIRAS

MEDALHAS ANTIGAS

EUROPA

MEDALHAS ROMANAS

Republica : —

N.° 178. — *As.*

Cabeça laureada de Jano bifronte, tendo por cima a marca — I — Rs. Prôa de navio, á direita; por cima : — I; no exergo: — ROMA.

Grande bronze da Republica Romana, conhecido pelo nome de *As.* Descripto por Barthelemy, *Numismatique Ancienne,* Paris, 1866, sob o n.° 3; e pelo Sñr. Teixeira de Aragão, no n.° 16 da *Descripção historica das moedas romanas... Lisboa, 1870,* in-8.° Naquelle autor occorre o *facsimile.*

O numismatico portuguez faz na obra citada um importante estudo sobre a moeda de cobre romana; com a devida venia transcrevemos aqui a parte que se refere á republica e mais especialmente ao *As.*

« *As* —. Depois da troca dos generos começaram os romanos a usar peças informes de metal sem marca, para as suas permutações; a esta moeda primitiva e grosseira, chamada *As rude,* foi depois fixado o peso de uma libra e tomou o nome de *As libralis.* Testemunham Plinio e Ovidio que Servio Tullio, sexto rei de Roma, fez fundir moeda de cobre com a figura de um boi ou carneiro, etc.

« O *As,* com o peso de doze onças durou, segundo diz Eckhel, até á primeira guerra punica no anno 490 de Roma; o *As grave* designava a libra do peso romano, tambem composta de doze onças.

« Plinio conta que na primeira guerra punica a republica, pelas grandes despezas a que se viu obrigada, reduziu o peso do *As* a duas onças. Mas encontrando-se muitos *Asses* de pesos intermediarios como de quatro onças, tres, etc., provam que tal reducção não foi immediata. E como crer nas palavras de Plinio? Erraria neste ponto o sabio historiador, ou haveria ommissão de algumas palavras nas copias, como quer

mr. Cohen? Pela conjectura d'este numismatico, durante esta guerra, houve uma diminuição successiva e rapida de doze a duas onças, sendo a fabrica dos pesos intermediarios similhante.

« Com o *As* foram feitas as suas subdivisões — o *semis*, o *triens*, o *quadrans*, o *sextans*, a *uncia* e a *semi-uncia*.

« Fundiram-se pela mesma epoca os multiplos — o *decussis* que valia dez *Asses*, o *tripondii* tres, e o *dupondii* dois.

« Encontra-se variado peso no *As*; confrontando-se exemplares muito bem conservados, encontraram-se dos seguintes pesos em onças — onze, dez, nove, oito, seis, cinco, quatro, tres, duas, uma e um terço, uma e um quinto, uma e meia. (Vid. mr. Dureau de la Malle dans son *Traité de l'économie politique des romains*. T. 1., pag. 77 e 78).

« Eckhel opina que o *As* de duas onças, chamado *sextantarius* durou do anno 490 até á dictadura de Q. Fabio Maximo em 537; que o *As* de uma onça, *As uncialis*, durou de 537 até á lei Papiria, e o *As semiuncialis* desde esta lei até o fim da republica.

« No tempo de Marco Antonio e Julio Cesar, quando o *As* estava reduzido a meia onça, foi desapparecendo da circulação, dando logar aos bronzes imperiaes. O *As libella* foi substituido pelo grande bronze, o *semis* ou *sembella* pelo mediano bronze, e o *teruncius* ou *quadrans* pelo pequeno bronze.

« O nome ratiti (rates) vem muitas vezes addiccionado ao *As* e suas subdivisões; pela razão de terem cunhado em uma das faces um navio. Plinio faz uma differença entre *rates* e *rostrum navis*, mas tanto nos *Asses* fundidos como nos cunhados e suas subdivisões, não se conhece senão um typo uniforme, o que torna incomprehensivel o historiador.

« Na face opposta tem o valor pela seguinte fórma:

« — *As*, a marca I e a cabeça de Jano bifronte.

« — *Semis*, a inicial S ou seis pontos, e a cabeça laureada de Jupiter.

« — *Triens*, quatro pontos e a cabeça de Roma com capacete.

« — *Quadrans*, tres pontos e a cabeça de Hercules com a pelle de leão.

« — *Sextans*, dois pontos e a cabeça de Mercurio com o chapeo alado.

« — *Uncia*, um ponto e a cabeça de Marte com capacete.

« Fabricaram-se tambem os *quincunx* (cinco onças). Cabeça laureada de Apollo á direita. — R̸. Os dioscures a cavallo, galopando á direita; por baixo, ROMA, e no exergo cinco

pontos. Esta subdivisão é muito rara. Mr. Cohen duvida que seja de fabrica romana; dá lhe a estimação de 40 francos e apresenta o seu desenho na pl. LXX, n.° 10.

« Existe uma grande quantidade de *Asses* de fabrica mais perfeita, conhecidos por *Asses italicos*, com as mesmas subdivisões do *As* romano e typcs variadissimos. Alguns exemplares teem os nomes das cidades, escriptos em caracteres etruscos, oscos ou samnitas, assim: *Volaterra*, na Etruria; *Tuder* d'*Ariminium* e *Iguvium*, na Ombria; *Firmum* e d'*Hadria*, no Picenum. Grupadas com estas moedas encontra-se o *quincussis* (cinco *Asses*), o *quadrussis* (quatro *Asses*) com a fórma quadrilonga, chamados algumas vezes *lateres* pela similhança com um tijolo. Mr. Cohen, que os julga antes um peso, tambem os não considera de fabrica romana, e apresenta os seus dois desenhos; o primeiro, com o caduceo de um lado e o tridente do outro; e o segundo, tem um boi em ambas as faces. (Vid. pl. LXXIII e LXXIV e no texto pag. 394 e 350, nota). »

Segundo a opinião geralmente acceita, diz ainda o Sñr. Aragão, « os romanos começaram a moeda de cobre no reinado de Numa Pompilio ou de Servio Tullio; a de prata em 485 de Roma, e a de oiro sessenta e dois annos depois, em 547. »

A collecção das medalhas e moedas romanas do Gabinete Numismatico da Bibliotheca Nacional é bastante importante; tem muitas moedas de prata, e um avultado numero de grandes, medianos e pequenos bronzes, sendo quasi todos estes das tão procuradas *moedas imperiaes*. Só a absoluta falta de espaço nos impede de expôl-os á apreciação dos entendidos.

N.° 179. — Lucrecia. (Familia patricia e depois plebéa.)

TRIO. Cabeça de Pallas, á direita, com o capacete alado; adiante: X. — R̸. CN. LVCR. / (*Cnæus Lucretius*). ROMA. Os Dioscures a cavallo, marchando á direita. — Æ.

O Sñr. Teixeira de Aragão, descrevendo esta medalha sob o n.° 290 da op. cit., accrescenta a seguinte nota:

« Julga Cavedoni que foi fabricada em 558 (196 ant. de J. C.); mr. Cohen considera-a mais moderna, attendendo ao seu estylo. »

Como já dissemos no numero precedente a moeda de

prata só começou a apparecer em Roma no anno 485 da sua fundação.

Sobre a moeda de prata da republica romana, eis o que nos diz o Sñr. Aragão, que tanto nos tem auxiliado com o seu importante trabalho:

« Durante a republica pouca regularidade no peso presidia ao fabrico da moeda de prata; parece que se contentavam de achar, em um dado peso (a libra) um certo numero de peças, sem cuidarem na exactidão de cada uma de per si, e, por isso, encontramos tão notaveis differenças em exemplares cunhados pelos mesmos individuos e na mesma época.

« Estas irregularidades tornam-se mais notaveis nos *qui-natios* e *sestercios* que, relativamente aos *dinheiros*, eram moedas fracas.

« Assim: o *dinheiro* em prata, com as marcas, X, X (cortado no centro por um traço horisontal) e algumas vezes XVI, valia dez *Asses*, sendo a media do peso $3^{gr.},93^{c}$.

« O *quinario* apresenta um V ou um Q; valia cinco *Asses*, tendo de peso a media, $1^{gr.},79^{c},05^{m}$.

« O *sestercio*, com a marca IIS; valia dois e meio *Asses* e encontra-se-lhe no peso a media de $87^{c},01^{m}$.

« Nos primeiros tempos da republica cunhou-se em prata o *nummus*, ou dois dinheiros, com o dobro do peso e valor. Os exemplares que temos observado pertencem ao grupo dos incertos de fabrica campaniana, e regulam entre $6^{gr.},40^{c}$ a $6^{gr.},75^{c}$.

« Do *dinheiro* em prata, do tempo da republica romana, entravam 84 peças em libra, representando quasi a drachma dos gregos. Nem sempre o exemplar de maior peso é o mais exacto: observam-se algumas do mesmo typo, mas em diversa conservação, e a *safada* pesa mais do que outra á flor do cunho.

« Os romanos denominavam tambem as suas primeiras moedas de prata, pelo que representavam nos reversos, assim: *bigati*, *quadrigati* e *victoriati*, talvez para as distinguirem do typo mais antigo e commum os — Dioscures.

« As moedas *victoriadas*, são mais pesadas proporcionalmente, e ha tres variedades, a grande ou antiga victoriada, a pequena e a meia.

« As primeiras, cujo typo parece imitado das medalhas de Capoua e de Atella; cunhadas, segundo a opinião de Cavedoni e Borghesi, desde o anno 526 (228 ant. de J. C.) até ao meio do seculo VI de Roma, tem de peso, termo medio, $27^{gr.},6^{c}$.

« Á pequena *victoriada*, com a cabeça de Jupiter e no reverso a Victoria coroando um tropheo, se refere, provavelmente, o dito de Plinio: *Qui nunc victoriatus appellatur lege Clodia percussus est.*

« A lei Clodia foi decretada por Claudio Marcello, tribuno do povo, no anno 650 (104 ant. de J. C.)

« A meia *victoriada* tem o mesmo peso da pequena *victoriada*, com a differença de representar a cabeça de Apollo em vez da de Jupiter, e são da mesma época.

N.º 180. — Baebia. (Familia plebéa.)

TAMPIL (*Tamphilus*). Cabeça de Pallas, á esquerda, com o capacete alado. — ℞. / ROMA. / BAEBI. / Apollo na quadriga, galopando á direita, com um ramo, um arco e uma flecha. — Æ.

O Sñr. Teixeira de Aragão, na *Descripção historica das moedas romanas...*, menciona esta medalha sob o n.º 97, e accrescenta a seguinte nota:

« Esta medalha foi cunhada por Marco Baebio Tamphilo, filho de Quinto, consul em 573 (181 ant. de J. C.), com Publio Cornelio Cethego. O reverso com Apollo refere-se á peste que houve em Roma nesse anno e no seguinte. Esta allegoria é attribuida aos gregos, que assim o representaram em uma moeda de Selimonta, cidade aonde a peste reinava habitualmente. Em alguns typos as legendas são em abreviatura, signal de pertencerem aos primeiros tempos da cunhagem da prata em Roma, e as de cobre pelo seu peso indicam tambem a primeira época. Os numismaticos descrevem em prata seis typos, sendo um quinario e outro Victoriado; em cobre sete, dois *Asses*, *semis*, *triens*, *quadrans sextans* e *uncia*. »

No anverso da medalha descripta pelo Sñr. Aragão existe um X adiante da cabeça de Pallas; e a legenda completa do reverso é: ROMA. M. BAEBI. Q. F. (*Roma. Marcus Baebius Quinti Filius.*)

N.º 181. — Tituria. (Familia de origem incerta.)

SABIN. Cabeça núa de Tacio, á direita; adiante, uma palma. — ℞. — L. TITVRI. Dois soldados romanos levando uma sabina. — Æ.

O Snr Teixeira de Aragão (op. cit., n.os 469-474), descreve seis medalhas d'esta familia, sendo que a do n.° 471 assemelha-se muito á nossa, differindo apenas no seguinte ponto: naquella os dois soldados romanos levam duas sabinas, uma cada um, e não os dois uma só mulher como se vê na medalha exposta.

Sobre a origem desta familia faz o Snr. Aragão as seguintes considerações:

« A cabeça de Tacio, o rapto das Sabinas e a morte de Tarpeia, denunciam que esta familia era de origem sabina; sendo estes factos muito conhecidos para nos demorarmos em explical-os. Cavedoni considera estas medalhas cunhadas em 666 (88 ant. de J. C.) attribuindo-as a Lucio Titurio Sabino, pae de Quinto Tiberio Sabino, logar-tenente de Julio Cæsar nas Gallias em 696 (58).

« São seis os typos conhecidos em prata, e em cobre apenas o *as* que descrevemos. (*n.° 474*). »

N.° 182. — Vibia. (Familia plebéa.)

PANSA. Cabeça laureada de Apollo, á direita; adiante, um symbolo. — R. C. (*Caius*) VIBIVS. C. F. Pallas na quadriga, galopando á direita, levando um tropheu e a lança. — AR.

O Snr. Teixeira de Aragão, (op. cit., n.os 494-505), descreve doze medalhas d'esta familia, entre as quaes está a nossa, sob o n.° 495; e, referindo-se a esta e mais tres outras do mesmo Caio Vibio, diz:

« Estas quatro medalhas foram fabricadas, aproximadamente, no anno 668 (86 ant. de J. C.); pertencem a Caio Vibio Pansa, que morreu compromettido na proscripção de Sylla em 673 (81); e foi pae de Vibio Pansa, consul em 711 (43 ant. de J. C.). »

N.° 183. — Claudia ou Clodia (familia patricia.)

Cabeça de Apollo, á direita; atraz, uma lyra. — R. P. (*Publius*) CLODIVS / M. F. / (*Marci filius.*) Diana em pé com dois tocheiros. — AR.

Vide Teixeira de Aragão, op. cit., n.º 150.

Este distincto numismatico descreve sob o n.º 151 est'outra medalha do mesmo Publio Clodio:

« — Cabeça radiada do Sol, á direita; atraz uma aljava. — R8. P. CLODIVS. M. F. Crescente no meio de cinco estrellas. — Æ. »

E accrescenta a seguinte noticia:

« Publio Clodio foi monetario de Marco Antonio e de Octavio, e estas duas medalhas foram cunhadas em 716 (38 ant. de J. C.). Mr. Cohen inclue na descripção, por lhe serem communs, dois exemplares da familia Cornelia, um da Neria e outro da Urbinia, que trataremos nas respectivas familias. Excluindo estas conhecem-se ao todo onze cunhos em prata, sendo um com modulo de quinario; tres reproduzidos em oiro, e mais tres typos especiaes neste metal. Em cobre apenas um pequeno bronze, e dois outros communs e descriptos nas familias Livineia e Statilia. »

Imperio: —

N.º 184. — Julio Cesar.

CAESAR. Elephante, á direita, calcando aos pés uma serpente. — R8. Não tem legenda; no campo: simpulo, aspergilio, ácha e barrete de flamine. — Æ.

Moeda Imperial. — Foi cunhada pouco mais ou menos no anno 704 da fundação de Roma (50 a. de J. Christo). Vide: Teixeira de Aragão, op. cit., n.º 525; — H. Cohen, *Description historique des monnaies frappées sous l'Empire Romain...*, 2.ª éd. *Paris, 1880*, tom. 1, n.º 49 das de Julio Cesar, onde se encontra o *fac-simile*.

Segundo Cohen ha duas variedades d'esta medalha: em uma o elephante tem a pelle rugosa; em outra a pelle é lisa. No exemplar exposto, a pelle é enrugada nos membros anteriores e posteriores, sendo lisa no resto do corpo.

Eis o que nos diz o Snr. Aragão sobre a moeda de prata no tempo do imperio romano no occidente e no oriente:

« No imperio romano as moedas de prata são puras até Septimo Severo, que começou a augmentar a liga, e cresceu esta até Gallieno, tendo, por ultimo, as moedas de *prata* só o nome e o valor nominal, que sempre conservaram o mesmo.

Diocleciano foi o seu restaurador mandando cunhar em prata limpa de liga, e assim se continuou até á queda do imperio do oriente.

« As moedas de prata imperiaes, além da quantidade do metal, constituem grandes differenças entre si, relativamente ao peso, assumpto que não cabe no acanhado desenvolvimento d'este escripto. »

. . . .

« Dissemos que Diocleciano regenerou a moeda de prata fazendo-a fabricar do mesmo toque da do começo do imperio romano, e entrando 96 peças em libra. Grande numero d'estas moedas, conhecidas com o nome de *centenionalis*, e, talvez, de *milliarensis*, tem no exergo XCVI, marca do seu peso. Pouco depois cunharam-se, ainda que em menos quantidade, os *medius-centenionalis*.

« Nos reinados de Constancio II e Juliano II os *centenionalis* de 96 peças em libra romana foram substituidos por uma moeda de menos peso, chamada *silique*, entrando 144 em libra ; 2 faziam um *milliarensi*, e 24 um soldo de oiro.

« Pela lei de Arcadio e Honorio, que prohibiu em 395 a cunhagem de moedas com o peso superior a $^{1}/_{96}$ de libra, é evidente haver corrido uma ou mais moedas de prata com superior peso e valor. Mommsen nota a falta absoluta de relação entre o valor e peso das moedas d'essa epoca, e a enorme differença que existe entre os *siliques* de Justino e os do seu successor, como entre os *siliques* de um e os *meios siliques* do outro.

« Os *siliques* de Justino I, com a marca CN (250 unidades) pesam $0^{gr},60^{c}$ a $0^{gr},62^{c}$.

« Os *siliques* de *Justiniano I*, com a mesma marca pesam $1^{gr},36^{c}$ a $1^{gr},38^{c}$, isto é, mais do dobro dos anteriores.

« Os *meios siliques* de Justino I ou de Justiniano I, com a marca PKE (125 unidades) pesam, termo medio, $0^{gr},62^{c}$.

« Os *meios siliques* dos mesmos imperadores, com a marca PK (120 unidades) pesam de $0^{gr},63^{c}$ e $0^{gr},64.^{c}$

« Heraclio e seus successores até Justiniano II, Rhinotmete, organisaram outro systema para a moeda de prata, estabelecendo :

« *Milliarensis* ou *miliarcsia*, de que entravam 48 em libra ($6^{gr},72^{c}$). O typo d'estas moedas no reverso é uma cruz sobre um globo no cimo dos degraus, e a legenda DEVS AIVTA ROMANIS. A sua cunhagem terminou em Jus-

tiniano, que já muito pouco fabricou com seu filho Tiberio IV.

« *Medius milliarensis*, 96 faziam a libra, pesavam metade dos anteriores, com o mesmo typo e tendo mais duas palmas aos lados.

« Doze *milliarensis* faziam um soldo de oiro, e parece que o *milliarensi* representava a millesima parte de uma libra de oiro, assim a empregavam os romanos no fim do IV seculo. Os gregos designavam-n'a por *miliaresia*.

« Depois do reinado de Leão III até ao uso das moedas concavas, torna-se difficil descobrir a nomenclatura e o valor da moeda de prata, que se tornou muito escassa em relação á de oiro. Apezar das notaveis differenças encontradas nestas moedas, parece haverem sido conhecidas pelo nome commum de *keration*, de que 24 faziam um soldo de oiro.

« A introducção das moedas concavas parece que não alterou nem o valor nem o peso da moeda de prata.

« As moedas de prata cunhadas em Constantinopla, em geral, não indicam o logar do fabrico, e rarissimas são as excepções a esta regra; conhecem-se apenas dois exemplares de Anastacio, cinco de Justiniano I, dois de Constante II, uma de Leão V e de Constantino VII, e outra de Basilio I. »

N.° 185. — Julio Cesar.

Cabeça de Venus, á direita, com o diadema; atraz, Cupido. — ℞. CAESAR. Tropheo com dois escudos e duas trombetas gaulezas; á esquerda, uma mulher sentada, chorando; á direita, um captivo nú com as mãos atadas atraz das costas. — Æ.

Moeda Imperial. — Foi cunhada aproximadamente no anno 706 da fundação de Roma (48 a. de Christo.). Vem descripta pelo Sñr. Teixeira de Aragão, op. cit., n.° 522; e por H. Cohen, op. cit., tom. I, sob o n.° 13 das de Julio Cesar; neste ultimo occorre o *fac-simile*.

Segundo o douto numismatico portuguez, Julio Cesar foi o primeiro romano a quem o senado conferio o direito de cunhar o seu retrato nas moedas. Elle cunhou nos tres metaes, ouro, prata e cobre.

N.º 186. — Octavio Augusto.

DIVVS AVGVSTVS PATER. Cabeça radiada de Augusto, á esquerda. — Rs Raio alado; aos lados: S / C / (*Senatus Consultus*).

Moeda Imperial. — Medio bronze, cunhado no reinado de Tiberio.

N.º 527 de Aragão, op. cit. Vem tambem descripto com o *fac-simile* em H. Cohen, *Description Historique des monnaies frappeès sous l'Empire Romain..., Paris, 1880,* no Tom. I, pag. 97, n.º 249 das medalhas de Octavio Augusto.

O Snr. Aragão auxilia-nos ainda com as seguintes informações sobre a moeda de cobre no tempo do imperio romano:

« O Systema monetario estabelecido para as moedas de cobre durante a republica desappareceu, sem que se saiba a razão, no tempo de Augusto; assim, os termos por que se designava o *As* e as suas subdivisões não se podem adaptar ás moedas do imperio. Os numismaticos teem dividido as moedas de cobre imperiaes em: *grandes-bronzes, medios-bronzes, pequenos-bronzes;* esta divisão arbitraria tem sido universalmente adoptada, e na incerteza em que se está dos seus valores, é por certo a que melhor satisfaz.

Só em algumas moedas de cobre de Nero observamos marcas que parecem indicar o seu valor: assim II encontra-se nos typos de Macellum, da Segurança e da Victoria. A marca I acha-se nas do modulo entre o mediano e pequeno bronze; modulo, que não é frequente senão em Nero, e rarissimo em alguns dos seus successores, nos typos do genio e de Nero, cantando com acompanhamento de lyra. Mr. Cohen viu esta marca em um mediano bronze que existe no gabinete de França, mas attribue-o a erro do moedeiro.

A marca S apparece nas medalhas de pequeno bronze que teem os typos — a mesa dos jogos e Roma assentada. Na collecção real ha exemplares com estas tres marcas.

Se as letras II significam *dupondius*, o I o *As*, e o S o *semis*, como nas medalhas de cobre da republica, os grandes bronzes deviam ser os *tripondius* ou *quadrussis*. Esta suspeita muito vaga pouco ou nada adianta a questão que o conde de Borghesi com tanto afinco tem procurado resolver.

As moedas de cobre romanas, desprezadas geralmente no vulgo pelo seu pequeno valor intrinseco, são para a sciencia do maior alcance historico; nos seus typos não só foram impressas quasi todas as cunhadas em oiro e prata, mas outras muitas especiaes, interessantissimas pelos factos que representam.

N.° 187. — Nero.

NERO CAESAR AVG. GERM. IMP. Cabeça laureada do Nero, á direita. — Rs. Victoria elevando-se no ar, á esquerda, com o escudo, onde se lê: S. P. Q. R. Aos lados: S / C.

Moeda Imperial. — Medio bronze. Entre as 446 moedas de Nero descriptas por H. Cohen, op. cit., a nossa figura sob o n.° 288.

O Snr. Teixeira de Aragão não a menciona.

N.° 188. — Marco Aurelio.

DIVVS M. ANTONINVS PIVS. Cabeça núa e barbada de Marco Aurelio, á direita. — Rs. CONSECRATIO. Aguia, á direita e olhando para a esquerda, em pé sobre um altar ornado de grinaldas. Aos lados: S / C.

Moeda Imperial. — Grande bronze.

Vide Teixeira de Aragão (op. cit., n.° 1143), o qual declara ter sido cunhada esta medalha depois da morte de Marco Aurelio.

N.° 189. — Faustina Filha.

DIVA FAVSTINA PIA. Busto á direita. — Rs. CONSECRATIO. Pavão á direita. — Æ.

Moeda Imperial. — É o n.° 1178 da obra do Snr. Teixeira de Aragão, o qual nos fornece a seguinte noticia:

« Annia Faustina, filha de Antonino e de Faustina, e mulher de Marco Aurelio, morreu junto ao monte Tauro, em 928 (175 de J. C.). Recebeu os titulos de Augusta, e de mãe dos campos; e teve filhos — Aurelia Sabina, Fadilla, Domicia Faustina, Lucilla, Commodo e seu irmão gemeo Antonino, Annio Vero, e outros de quem são desconhecidos os nomes. »

N.º 190. — Gordiano III, o Pio.

IMP GORDIANVS PIVS FEL AVG. Busto laureado do Imperador, á direita. — R. / P. M. TR. P. IIII. COS. II. P. P. S. C. / Apollo meio nú, sentado á esquerda, com o ramo de louro e encostado á lyra.

Moeda Imperial. — Grande Bronze. Foi cunhado aproximadamente no anno 994 da fundação de Roma (241 da éra christã). Entre as 45 medalhas ou moedas de Gordiano III descriptas pelo Sñr. Teixeira de Aragão, (n.os 1431 - 1475 da op. cit.), não se encontra a que está exposta.

MEDALHAS BYZANTINAS.

N.º 191. — Anastacio I. *Follis.*

DN. ANASTASIVS. PP. AVG. Busto de Anastacio I, com diadema, á direita. — R.. O indicio M entre duas estrellas; por cima, uma cruz; por baixo: A; no exergo: CON. — Æ.

Moeda byzantina conhecida pelo nome de *Follis.*

N.º 2341 de Aragão, op. cit., da qual extrahimos os seguintes dados sobre a moeda de cobre byzantina:

« Neste reinado (*de Anastacio I*), começa a moeda a apresentar o typo byzantino, encontrando-se quasi constantemente, no fim das legendas dos reversos as letras numeraes gregas. »

« Os antigos escriptores tinham noções muito incompletas e vagas das relações existentes entre as moedas de oiro, prata e cobre byzantinas, suas verdadeiras denominações e variadas alterações que ellas soffreram no peso e valor. Estas alterações, principalmente na moeda de cobre, foram em taes proporções de abaixamento que nos demonstram que taes peças pela sua insignificancia acabaram por não ter senão um valor legal.

« Os termos de que se servem os auctores antigos, para designar estas moedas, são umas vezes gregos e outras latinos, tornando-se difficil reconhecer o valor que elles ex primem e sobretudo de os fazer concordar entre si. A esta

confusão se junta ainda, na moeda de cobre, a differença das marcas monetarias expressas por letras ou numeros.

« Muitos tem sido os estudos sobre esta classe de moedas, descobrindo-se todos os dias typos ineditos. Conhecer com precisão o seu systema monetario é um problema que debalde se tem tentado resolver, e tarde o será.

« Parece que nos imperios de Honorio e Arcadio se deixou de fabricar moeda de cobre de grande modulo. Zenão mandou cunhar alguns bronzes de segunda grandeza, com a marca XL, mas são rarissimos.

« Anastacio, em 498, reformou a moeda de cobre estabelecendo quatro tamanhos diversos, com o respectivo valor marcado; pratica seguida até o reinado de Miguel III; e segundo esta moeda era destinada a circular nas provincias do oriente ou do occidente, assim a marca do valor era inscripta em caracteres gregos ou latinos; exprimindo a unidade que pelas épocas se intendia por *denarius* ou *nummium*.

« O *dinheiro* vem mencionado em grande numero de auctores mas com diversas significações, designando a maior parte das vezes uma pequena moeda de cobre. Cassiodoro dá ao soldo de oiro 6.000 dinheiros de cobre. Nos bronzes de Mauricio, Focas e Heraclio encontra-se aos lados da cifra as duas lettras N — M (*nummium*), assim como pelas palavras *decanummium* e *pentanummium* se designa nas moedas de cobre o conterem dez ou cinco unidades.

« Systema monetario de Anastacio:

« *Follis*, moeda de 40 *nummias* e marcada M — XXXX ou $\frac{XX}{XX}$. O soldo de oiro valia conforme a epoca, entre 210 a 180 peças de follis.

« *Tres quartos de follis*, moeda de 30 *nummias*, assim marcada Λ ou XXX. Julga-se haverem começado no tempo de Tiberio Constantino, e são rarissimas.

« *Meio follis nummus* ou simplesmente *nummus*, como era conhecido no tempo de Justiniano, valendo então o *silique* 12 nummias, — moeda de 20 nummias e marcada K — XX ou $\frac{X}{X}$. No seculo VIII eram chamadas estas peças, por Cedrenus, indistinctamente *follis* ou *nummus*, e no fim do imperio havia moedas a que chamavam *eikosarion* ou *obolo*.

« *Decanummium*, moeda de 10 nummias, assim marcada: I — X ou V + V.

« *Pentanummium*, moeda de 5 nummias e assim marcada: E — Ч ou V.

« A unidade monetaria *nummium, nummus* ou *denarius* não tem valor inscripto, havendo alguns typos de Justiniano I com a cruz, o leão, ou a letra M no reverso; e é muito provavel que depois d'este imperador deixasse de ser moeda effectiva, ficando moeda de conta. »

O Sñr. Aragão continúa o seu importante estudo, occupando-se com as moedas cunhadas em Alexandria, no Egypto, em Thessalonica e Kherson, no tempo do imperio byzantino.

N.° 192. — Justiniano I (Flavio Anicio). *Decanummia.*

Busto de Justiniano I, de face, com capacete e escudo, tendo na mão direita o globo com a cruz. No campo, á direita, uma cruz. Legenda destruida. — Rs. O indicio I entre duas estrellas de seis raios, e o todo dentro de uma corôa. — Æ.

Moeda byzantina conhecida pelo nome de *Decanummia.*

Sabatier, na *Description des monnaies byzantines... Paris, 1862*, in-8.°, descrevendo as moedas do reinado de Justiniano I, cita, á pag. 190, n.° 109, uma *Decanummia*, cuja legenda é: — DN. IVSTINIANVS. PP. A. —, a qual confere em todos os outros pontos com o nosso exemplar. O Sñr. Teixeira de Aragão (op. cit., n.° 2390), repete a mesma classificação de Sabatier para um exemplar do Gabinete Numismatico de S. M. o Sñr. D. Luiz I.

Será o nosso exemplar identico aos que foram apontados? Não podemos decidil-o categoricamente; entretanto, comparando-o com o *fac-simile* que occorre em Sabatier, parece-nos mui provavel que seja identico.

A respeito da moeda de cobre do tempo de Justiniano I, (527-565), faz o Sñr. Aragão as seguintes considerações:

« Desde o anno 539 as moedas de cobre de Justiniano apresentam o busto de face, no reverso, geralmente á esquerda do indicio, inscripta a palavra ANNO, e á direita, a cifra do anno do reinado. A sua moeda de cobre é variadissima em marcas de valor, datas, lugares em que foi fabricada, e é tambem a mais abundante do oriente. É possivel haver cunhado em todos os trinta e nove annos do seu reinado, mas não se tem encontrado além do 37.° »

MEDALHAS MODERNAS

RUSSIA

N.º 193. — Catharina II.

Legenda em caracteres russos com o nome da soberana reinante. Busto de Catharina II, á direita, coroada, tendo uma

subscripção em caracteres russos. — R_8. Uma mulher, sentada á direita sobre um feixe de trigo, coroada de flores, tendo na mão esquerda um caducêo, e a direita estendida na acção de coroar um campo, no qual se vê um homem guiando um arado, puchado por dois bois. Em cima, sobre uma fita, uma legenda ainda em caracteres russos. — Æ. 66.mm

Para as legendas do anverso e reverso e para a subscripção do busto de Catharina II, vide o *fac-simile.*

Bella medalha.

A Bibliotheca Nacional possue ainda dez medalhas russas de prata, todas mui bellas e perfeitamente gravadas, entre as quaes se contam quatro de Nicoláo I, cujos bustos estão primorosamente executados. Ellas deixam de ser expostas por não existirem no mercado do Rio de Janeiro os caracteres russos necessarios para a reproducção das legendas. *Foi sómente por este motivo, e não pela sua raridade, que se mandou abrir o* fac-simile *da acima descripta.*

N.º 194. — Ao Principe Demetrio da Russia.

DEMETR. PRINC. GALITZIN. CATH. II. RVSS. IMP. AD. AVL. CAES. ORATOR. Busto do Principe, á direita. —R_8. Figura de Pallas, á direita, olhando para uma oliveira, que se acha á esquerda, tendo por baixo, tambem á esquerda, os attributos das artes liberaes. Por cima: AMICO—HVMANITATIS; e por baixo: NAT. ABOAE. MDCCXXI. / MORT. VINDOBONAE. / MDCCXCIII. / — Æ. 50.mm

---

SUECIA E NORUEGA

N.º 195. — Familia real. Carlos XIV, Oscar I e Carlos XV.

No centro, em cima, a cabeça de Carlos XIV, tendo á esquerda: CARL XIV, e á direita: JOHAN. Por baixo: á esquerda, a cabeça de Oscar I, tendo á esquerda: OSCAR I.; á direita, a cabeça de Carlos XV, tendo á direita: CARL XV. No exergo: L. BORMANN. Todas as cabeças são voltadas para a direita. — R_8. No centro, em cinco linhas: KONUNGAR / AF / SVERIGE / OCH / NORRIGE /. — Æ. 42.mm

---

INGLATERRA

N.° 196. — Exposição Universal de Londres, em 1862.

No centro, Minerva sentada e voltada para a esquerda, com a mão esquerda sobre o escudo da Inglaterra, tendo na direita uma corôa de louro; adiante e atraz, dois grupos de mulheres, que lhe apresentam os attributos das artes mecanicas e da agricultura; a seus pés, um leão deitado. No exergo: — D. MACLISE R. A. DES. — LEONARD C. WION FEC. — R̸. No centro de uma corôa formada de dois ramos de carvalho: — 1862 / LONDINI / ——— — / HONORIS / CAUSA /. No exergo: L. C. WYON FEC. / — Æ. 76 1/2.mm.

Na borda lê-se: BARON M. M. DIAZ DA CRUZ. CLASS IV.

O exemplar exposto é um verdadeiro primor.

É realmente admiravel a delicadeza do trabalho do relevo, tanto nas figuras principaes como nos accessorios, sendo todos os contornos executados com a maior perfeição. Os dois ramos de carvalho do reverso estão perfeitamente acabados, nada deixando a desejar em todas as suas partes. Tudo nesta medalha revela a mão adestrada de um artista consummado.

FRANÇA

N.° 197. — Moinho de Bazacle fundado em 1190.

MOULIN DU BAZACLE FONDÉ EN 1190. Entre dois feixes de trigo, uma Cruz com duas travessas. No exergo, entre duas rosetas: — TOULOUSE. — R̸. S. Martinho, a cavallo, dando metade da capa a um mendigo. No exergo, á esquerda: BESSAIGNET. — Æ. 37.mm

Na borda desta medalha lê-se: ✕ CUIVRE.

N.° 198. — João Gutenberg. — Exemplar da *Series Numismatica Universalis Virorum Illustrium.*

JOHANNES GUTTEMBERG. Busto de Gutenberg, á direita, tendo por baixo: GAYRARD F. — R̸. NATUS / MO-

GUNTIÆ / IN GERMANIA / AN. MCCCC. / OBIIT / AN. M.CCCC.LXVIII. / —•— / SERIES NUMISMATICA / UNIVERSALIS VIRORUM ILLUSTRIUM. / —•— / M.DCCC.XVIII. / DURAND EDIDIT. — Æ. 40 ½.mm

Na borda lê-se : MONACHII *(Munich)*.

É desnecessario justificar o lugar que occupa esta medalha na exposição ; — o busto de Gutenberg ahi devia figurar incontestavelmente. Neste catalogo, sob o n.° 1 da secção de impressos, o leitor curioso encontrará os dados mais importantes sobre a vida e o grande descobrimento do illustre moguntino.

Da *Series Numismatica Universalis Virorum Illustrium* a Bibliotheca Nacional possue 104 medalhas com os bustos das maiores notabilidades de todas as epocas. Nesta homemagem, prestada por Durand á memoria de tantos homens illustres, collaboraram os melhores gravadores da escola franceza do seculo actũal.

Em todos os exemplares da nossa collecção encontra-se na borda a palavra — MONACHII *(Munich)*; porque ahi se acha esta palavra, não sabemos explicar, pois ella não está em todos os exemplares cunhados, como tivemos occasião de verificar. A casa da Moeda do Rio de Janeiro possue em seu gabinete numismatico uma bôa parte d'esta collecção ; mas, na grande maioria, os seus exemplares têem a borda completamente lisa, lendo-se sómente em alguns d'elles a designação d'essa cidade.

Não nos foi possivel verificar com exactidão o lugar em que se gravou esta serie ; mas os nomes dos artistas e sobretudo o estylo da gravura parecem indicar como mais provavel a origem franceza ; é por essa razão que assim a classificamos.

A serie foi generosamente offerecida á Bibliotheca Nacional pelo Sñr. Conde de Iguassú.

N.° 199. — Luiz de Camões. — Exemplar da *Series Numismatica Universalis Virorum Illustrium.*

LUDOVICUS CAMOES. Busto laureado de Camões, á direita, tendo por baixo : — CAQUÉ F. — R̸. NATUS / OLYSSIPONE / IN LUSITANIA / AN. M.D.XVII. / OBIIT / AN. M. D. LXXIX. / — / SERIES NUMISMATICA / UNIVERSALIS VIRORUM ILLUSTRIUM. / — / M.D.CCC.XXI. / — Æ. 40 ½.mm

Na borda lê-se : MONACHII *(Munich)*.

As datas do nascimento e morte de Camões, que occorrem no reverso d'esta medalha, estão erradas. Segundo a maior probabilidade, o poeta nasceu em 1524, e, pelo documento encontrado pelo Sñr. Visconde de Juromenha, é hoje incontestavel que falleceu aos 10 de Junho de 1580. Vide as medalhas n.os 212 e 213 d'este catalogo.

O Sñr. Lopes Fernandes, na *Memoria das medalhas e condecorações portuguezas e das estrangeiras com relação a Portugal*, Lisboa, 1861, sob o n.º 102, dá noticia de tres copias da medalha exposta, gravadas e cunhadas em Lisboa no anno de 1830:

« Ensaios dos gravadores na casa da moeda de Lisboa, em 1830. — Os Srs. Francisco de Borja Freire, Luiz Gonzaga Pereira, e Caetano Alberto Nunes de Almeida, pretendentes ao logar de primeiro gravador de cunhos da casa da moeda de Lisboa, fizeram para este concurso, no anno de 1830, cada um delles, uma medalha com o busto de Minerva, e alguns emblemas allegoricos. Não agradando ao governo os emblemas destas medalhas, se lhes ordenou que lavrassem outras, e que fossem em tudo similhantes áquella que se publicou em Paris, no anno de 1821, gravada por *Caqué*, e dedicada por *Durant* ao nosso poeta *Luiz de Camões*, sendo uma das que compõem a — *Serie Numismatica Universal dos Homens Illustres*. —

« Cada um destes tres pretendentes gravou esta medalha, pondo-lhe no reverso a mesma data de 1821, como se achava no modêlo, abrindo depois o Sr. Freire outro reverso para a sua medalha, pondo-lhe a verdadeira data de 1830 em que foi gravada, com o qual se cunharam alguns exemplares, sendo esta a mais perfeita das tres então cunhadas, as quaes existem na nossa collecção. »

Quanto ás razões por que esta medalha está classificada entre as francezas, vide o numero antecedente.

Offerecida pelo Sñr. Conde de Iguassú.

N.º 200. — Visita do Infante de Portugal D. Miguel á Casa da Moeda de Paris, em 28 de Julho de 1824.

DOM. MIGUEL INFANT. DE PORTUGAL VISITE LA MONNAIE R.LE DES MÉDAILLES. No centro, a esphera com o escudo de Portugal, e em cima uma corôa de principe. (Armas do Infante). Por baixo da esphera: — BARRE F. — ; e no exergo: 28 JUILLET 1824. — Rs. RERUM. GEST. FIDEI. ET. ÆTERN. No centro, uma prensa

monetaria, tendo á esquerda uma mulher gravando em uma pedra apoiada no joelho esquerdo; e á direita, outra mulher com uma moeda na mão esquerda. (Allegoria á gravura e cunhagem das moedas.) Por baixo: Æ. A. A. F. F. *(Æeri. Auro. Argento. Flando. Feriundo.)* — Æ. 41^{mm}.

Vem descripta, com o *fac-simile,* pelo Snr. Lopes Fernandes, op. cit., n.º 96.

Como bem observa o mesmo autor, as abreviaturas que se encontram no reverso são semelhantes ás usadas nas medalhas romanas.

N.º 201. — Medalha cunhada em honra de Jorge Canning.

GEORGE CANNING. Busto á esquerda, tendo por baixo: GALLE F. — Rᴇ. No centro de um circulo: LIBERTÉ / CIVILE / ET / RELIGIEUSE / DANS / L'UNIVERS. / —•— / 1827. / Por cima: A LA CONCORDE DES PEUPLES. — Æ. 51^{mm}.

N.º 202. — Inauguração da Capella de S. Fernando, levantada em memoria do Duque de Orleans Fernando Philippe Luiz.

FERDINAND PHILIPPE LOUIS C. H. DUC D'ORLÉANS. Busto á direita, tendo por baixo: BORREL F. — Rᴇ. CHAPELLE SAINT FERDINAND / SOUS L'INVOCATION DE NOTRE DAME / DE LA COMPASSION /. Vista da Capella, tendo á esquerda: BORREL; e á direita: 1844. Por baixo: ÉLEVÉE A LA MÉMOIRE / DE S. A. R. L. F. P. DUC D'ORLÉANS / PRINCE ROYAL / INAUGURÉE LE 11 JUILLET / 1843. / — Æ. 52^{mm}.

Na borda d'esta medalha lê-se: ☞ CUIVRE.

N.º 203. — Conselho Municipal da Communa de La Villete no departamento do Sena.

No centro de uma corôa, formada de dois ramos de carvalho unidos por um cacho de uvas: CONSEIL / MUNICIPAL / — / 1856 /. Por cima: * COMMUNE DE LA VILLETTE *; e por baixo: DEPARTEMENT DE LA SEINE. — Rᴇ. Um escudo, tendo no centro, em campo vermelho,

uma embarcação antiga com a vela enfunada. Por cima, uma corôa mural; e aos lados, dois ramos de louro unidos por um laço de fita. (Armas da cidade de Paris, sem o mote.) No exergo: ALBERT BARRE. — Æ. 35 $^1/_2$^{mm}.

N.º 204. — Exposição Universal de Paris em 1878.

REPUBLIQUE FRANÇAISE ✿ Cabeça da republica, á esquerda, tendo em cima uma estrella, e por baixo: OUDINÉ. — Rs. EXPOSITION UNIVERSELLE / PARIS 1878 /. No centro, o palacio da exposição, tendo por baixo: PALAIS DU TROCADERO. No exergo: ADMIN.^{on} DES MONNAIES / ET MÉDAILLES / ALPHÉE DUBOIS /. — Æ. 51^{mm}.

Na borda d'esta medalha lê-se: + BRONZE.

BELGICA E HOLLANDA

N.º 205. — Medalha commemorativa da inauguração da estatua de Antonio Van Dyck, em Antuerpia.

ANTOINE VAN DYCK. Busto de Van Dyck, á esquerda, tendo por baixo, á direita: CHARLES WIENER. — Rs. Estatua de Van Dyck, tendo á esquerda: NÉ / A ANVERS / 22 MARS / 1599 /; e á direita: DÉCÉDÉ / À LONDRES / 9 DECEMB. / 1641 /. Em baixo: STATUE ERIGÉE À ANVERS 1856. No exergo: CH. WIENER. D'APRES L. DE CUYPER. — Æ. 68^{mm}.

N.º 206. — Entrevista de Leopoldo I da Belgica e de Guilherme III da Hollanda, em Liège.

LEOPOLD I ROI DES BELGES. GUILLAUME III ROI DES PAYS BAS. Bustos sobrepostos dos dois soberanos. No exergo: LEOP. ET CH. WIENER. — Rs. ENTREVUE DES SOUVERAINS À LIEGE. Tres mulheres: duas, aos lados, dando-se as mãos em signal de alliança: a da esquerda apoia a mão esquerda sobre uma pá; a da direita toma o seu manto com a mão esquerda; por detraz da primeira o escudo das armas da Hollanda encostado a uma ancora, e

por detraz da segunda o escudo das armas da Belgica, encostado a uma columna que tem as lettras L. G. aos lados; no meio, a terceira mulher, com um ramo de oliveira na mão direita, toma pelos hombros as duas outras conchegando-as como que para as congraçar. No exergo: 19 OCTOBRE 1861 /. — Æ. 70^{mm}.

SUISSA

N.° 207. — Quinquagesimo anniversario da reunião de Genebra á Suissa.

No centro, duas mulheres abraçadas, representando a Suissa e Genebra, tendo em baixo, á esquerda: — ANT —, e á direita: — BOVY. — Por baixo da mulher que fica á direita: D'APRES DORER. Por cima, á esquerda: — ✿ UN POUR TOUS; no centro, uma estrella; e á direita: — TOUS POUR UN ✿. No exergo: 12 SEPTEMBRE 1814. — R$_{S}$. 50.^{ME} ANNIVERSAIRE DE LA RÉUNION DE GENÈVE A LA SUISSE. No centro de uma corôa de carvalho: — CÉLÉBRÉ / A GENÈVE / LE 12 SEPT.^{BE} / 1864 /. Por baixo, uma roseta. — Æ. 47^{mm}.

AUSTRIA

N.° 208. — Exposição Universal de Vienna em 1873. Medalha de merito.

FRANZ JOSEPH I., KAISER VON OESTERREICH KOENIG VON BOEHMEN ETC., APOST. KOENIG VON UNGARN. — Busto laureado de Francisco José, á direita, tendo em baixo: J. TAUTENHAYN. No exergo, uma estrella. — R$_{S}$. Á direita, uma mulher em pé, com a cornucopia da abundancia, entrega uma corôa de louro a uma outra que está sentada, á esquerda, com uma roca; no centro, um homem em pé, tendo na mão direita uma corôa de louro, e a esquerda descançada sobre um martello apoiado em uma bigorna. No fundo, á direita, um arado. Por cima: WELT-AUSSTELLUNG 1873 WIEN.; e por baixo: DEM / VERDIENSTE. / — Æ. 70 $^{1}/_{2}$^{mm}.

Esta medalha foi perfeitamente gravada e cunhada com esmero. O busto, muito saliente, está bem executado.

PORTUGAL

N.º 209. — Nossa Senhora da Conceição Padroeira do Reino de Portugal.

IOANNES. IIII. D. G. PORTUGALLÆ. ET. ALGARBIÆ. REX. Cruz da Ordem de Christo, tendo no centro o escudo das armas de Portugal, e por cima a corôa. — Rᴙ. TVTELARIS REGNI — Imagem de N. S. da Conceição, tendo por baixo a meia lua sobre o globo com a serpente e a data 1648; dos lados: o Sol; o Espelho; o Horto; a Casa de Ouro; a Fonte Selada; e a Arca do Santuario. — Æ. 40ᵐᵐ.

Vem descripta por Lopes Fernandes, sob o n.º 15 da sua *Memoria das medalhas e condecorações portuguezas e das estrangeiras com relação a Portugal*, Lisboa, 1861, in-4.º

O mesmo autor nos fornece a seguinte noticia:

« Nas Côrtes celebradas em Lisboa no anno de 1646, declarou o Senhor D. João IV, que tomava a Virgem Nossa Senhora da Conceição por Padroeira do reino de Portugal, promettendo-lhe em seu nome e dos seus successores, o tributo annual de 50 cruzados de ouro. Ordenou que os estudantes na Universidade de Coimbra, antes de tomarem algum grão, jurassem defender a Immaculada Conceição da Mãi de Deus. Consta do registo da casa da moeda de Lisboa do L. 1, a pag. 256 v., que Antonio Routier foi mandado vir de França, trazendo um engenho para lavrar umas medalhas de ouro de 22 quilates, com o pêso de 12 oitavas, e outras similhantes, mas de prata, com o pêso de uma onça, dedicadas a Nossa Senhora da Conceição, as quaes foram depois admittidas por lei como moedas correntes; as de ouro por 12000 réis, e as de prata por 600 réis.

« Estas medalhas são excessivamente raras, e as que temos visto cunhadas são as reproduzidas na casa da moeda de Lisboa no tempo do Senhor D. Pedro II, e vem estampadas na *Historia Genealogica da Casa Real*, Tom IV., Taboa EE, Fig. 1. »

O nosso exemplar pertence ao numero dos ultimos; é apenas uma reproducção fundida sobre a medalha primitiva; nelle mal se percebe a data 1648 sobre o globo, a qual se encontra no *fac-simile* e descripção dados por Lopes Fernandes.

A medalha, e depois moeda da Conceição vem apontada pelo Snr. Teixeira de Aragão, na sua *Descripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e go-*

vernadores de Portugal, Lisboa, 1874-80, no Tom. II, n.º 13 das do reinado de D. João IV. Segundo o mesmo autor o seu preço estimativo actual é 13$500 rs. fortes.

N.º 210. — Medalha cunhada em honra do Marquez de Pombal.

SEB: JOS: DE CARVALHO E MELLO MARCH: DE POMBAL. Busto do Marquez de Pombal, com grande cabelleira, á direita. — R̸. HAEC META LABORUM. Figura de Hercules, em pé, á direita, com as divisas e espolios do seu valor, offerecendo os pomos de ouro á cidade de Lisboa, sentada á esquerda e voltada para a direita, tendo na cabeça uma corôa e ao lado o escudo das armas portuguezas. Por cima, a Fama tocando o clarim. No exergo: — MDCC LXXII /. — Æ. 52 1/2mm.

N.º 49 da obra citada de Lopes Fernandes, onde se póde vêr o *fac-simile*.

O mesmo autor declara que existe outra medalha semelhante e com menor diametro, cunhada no anno de 1771, da qual viu um exemplar na collecção do Sñr. Francisco de Paula Ferreira da Costa.

A medalha exposta foi gravada e cunhada em Lisboa por ordem de Luiz José de Brito, contador geral de uma das contadorias do Real Erario, em signal de gratidão ao grande ministro de D. José I. D'ella existem exemplares em ouro, prata e cobre.

N.º 211. — Real Companhia do novo estabelecimento para as fiações e torcidos das sedas, estabelecida em 1802.

NO TEMPO DA FELIZ REGENCIA. Figura de Pamphilia dobando a seda, sentada á esquerda e voltada para a direita, collocada entre duas amoreiras. No exergo: MDCCCII. — R̸. Armas de Portugal com ornamentos, tendo por baixo: EM PREMIO DO MERECIMENTO. — Æ. 49mm.

N.º 73 da op. cit. de Lopes Fernandes, na qual occorre o *fac-simile*.

Eis as indicações que nos dá o mesmo autor sobre esta medalha:

« O Sr. D. João, Principe Regente, attendendo á representação, com vinte e quatro condições, assignada pelos sete negociantes, — *Jacintho Fernandes Bandeira*, — *João Antonio Lopes Fernandes* — *Joaquim Pereira de Almeida* — *Gaspar Pessoa Tavares* — *Carlos Francisco Prego* — *João da Silva Mendes* — *Antonio José Ferreira*, e rubricadas por D. Rodrigo de Sousa Coutinho, Conselheiro d'Estado, e Ministro e Secretario d'Estado, houve por bem, por Alvará de 6 de Janeiro de 1802, de confirmar as mesmas condições, nas quaes pediam os auctorisassem para estabelecerem uma nova companhia denominada — *Real companhia do novo estabelecimento para as fiações e torcidos das sedas*, — que duraria doze annos, ou os mais que á companhia depois lhe conviesse, concedendo-lhe muitos privilegios, e entre elles, aos fundadores, a mercê do habito de Christo, e a todos os capitalistas o reputarem-se nobres, para sem outra habilitação poderem ser admittidos aos empregos honorificos, não exercitando empregos incompativeis com elles. Poderiam authenticar os seus papeis com as armas que tenham a figura de Pamphilia, que se diz inventora da arte de manobrar a seda; mandando tambem cunhar umas medalhas de prata que tivessem a mesma figura, para serem distribuidas aos lavradores que mostrassem ter feito crescer a lavra da seda, e a cultura das amoreiras, pelas fiadeiras que se distinguissem na puresa da fiação, e por aquelles que se reputassem benemeritos em qualquer dos objectos deste estabelecimento. Querendo o Principe Regente mais efficazmente proteger esta companhia, ordenou ao Presidente do Real Erario, que estabelecesse annualmente quatro premios de 1:600$000 réis cada um, dados pelos rendimentos da Fazenda Real, dois nas provincias de Traz dos Montes, propostos por esta companhia, e os outros dois nas mais provincias do reino, propostos pelos Deputados da Junta do Commercio, ás pessoas que mostrassem haver plantado de viveiro maior numero de amoreiras, que transplantadas tivessem fructificado, e vendido á companhia maior porção de casulo.

« Estas medalhas são bastante raras; conservamos uma que nos foi dada em 1807, quando fomos nomeado Socio desta companhia, como filho unico e herdeiro do fallecido segundo dos fundadores que assignou as condições da representação. »

O exemplar do Snr. Lopes Fernandes pesava 13 oitavas e 6 grãos; e, segundo elle, a medalha foi gravada por José Gaspar, natural de Flandres.

———

N.° 212. — A Camões a Sociedade de Geographia de Lisboa por occasião do terceiro centenario de sua morte.

POR MARES NUNCA D'ANTES NAVEGADOS. No centro, a esphera com o escudo de Portugal, tendo por baixo, á esquerda : — L. C. INV. — ; e á direita : C. L. GRV. — Rs. A / CAMÕES / A / SOCIEDADE / DE / GEOGRAPHIA / DE / LISBOA / MDCCCLXXX / * /. — Æ. 50 1/2mm.

N.° 213. — Homenagem a Camões no terceiro centenario de sua morte.

Busto laureado de Camões, á esquerda, tendo por baixo : J DE SOUZA. Em cima : — A LUIZ DE CAMÕES — ; em baixo : — MDXXIV - MDLXXX. — Rs. No centro de uma corôa de carvalho e louro : — PROGREDIOR —, no meio de raios. Por cima : — « DIZEI, QUE OLHEM A MIM, CRERÃO A ELLA ». Por baixo: MDCCCLXXX. Sobre uma fita, que se enrola na corôa, os seguintes dizeres, da esquerda para a direita : — UNIVERS. / 1537 — ; — SEROES LX. / 1543 —; — AFRICA / 1547 — ; — INDIA / 1553 — ; — MECON / 1558 — ; — VOLTA LX. / 1570 — ; — LUSIADAS / 1572 —; — MORTE LX. / JUN. 10. — Æ. 76 1/2mm.

ITALIA

N.° 214. — Restauração da Basilica de S. Paulo em Roma.

Busto de Pio IX á esquerda, tendo á esquerda : — PIVS IX. —; e á direita : — PONT. MAX. — No exergo : — I. BIANCHI F. — Rs. PIVS. IX. P. M. BASILICAM. PAVLI. APOST. AB. INCENDIO. REFECTAM. SOLEMNI. RITV. CONSECRAVIT. IV. ID. DEC. MDCCCLIV * — No centro, a nave da Igreja de S. Paulo de Roma, tendo em baixo, á direita : — I. BIANCHI F. —; e no centro : — AL. POLETTI. ARCH. INV. — Æ. 82mm.

Esta medalha é um verdadeiro primor de arte. O busto está perfeitamente gravado. No reverso o effeito da perspectiva é lindissimo; a columnata, o tecto, o chão, o fundo, tudo foi tratado com a maior delicadeza. Assim, o lugar que occupa nesta exposição é absolutamente merecido.

Foi offerecida em 1884 com S. A. o Principe D. Pedro Augusto.

N.º 215. — Medalha cunhada em honra de S. Mayr e de Donizetti.

NELLE SOLENNI ONORANZE A MAYR E DONIZETTI. BERGAMO 7BRE 1875. — Busto de Donizetti, á direita, tendo por baixo: DONIZETTI. — Rs. Busto de Mayr, á esquerda, tendo na base: — A POJADHI. F. — ; e por baixo: S. MAYR. — Æ. 51 1/2mm.

AMERICA

ESTADOS-UNIDOS

N.º 216. — Centenario da independencia dos Estados-Unidos.

THESE UNITED COLONIES ARE, AND OF RIGHT OUGHT TO BE, FREE AND INDEPENDENT STATES. No centro, uma mulher, com o joelho em terra e uma espada na mão direita, ergue o braço esquerdo para o céo, onde se veem as estrellas da União radiadas. Por baixo: — 1776. — Rs. BY AUTHORITY OF THE CONGRESS OF THE UNITED STATES. No centro de uma corôa de folhas: — IN / COMMEMORATION / OF THE / HUNDREDTH / ANNIVERSARY / OF / AMERICAN / INDEPENDENCE /. Por baixo: 1876. — Æ. 37 1/2mm.

N.º 217. — Idem.

THESE UNITED COLONIES ARE, AND OF RIGHT OUGHT TO BE, FREE AND INDEPENDENT STATES. No centro, uma mulher, com o joelho em terra e uma espada

na mão direita, ergue o braço esquerdo para o céo, onde se veem as estrellas da União radiadas. Por baixo: 1876. — R_8. Na orla: IN COMMEMORATION OF THE HUNDREDTH ANNIVERSARY OF AMERICAN INDEPENDENCE. No centro, a figura da republica, com os braços abertos, corôa duas mulheres que estão a seus lados, cercadas de emblemas das artes mecanicas e liberaes. Por baixo: 1876. No exergo: ACT OF CONGRESS JUNE 1874. — Æ 57 $^1/_2$ mm.

O anverso d'esta medalha é o da anterior ampliado.

N.º 218. — Exposição Internacional de Philadelphia, em 1876.

Dentro de um circulo de estrellas, cortado por quatro pequenos medalhões ovaes, representando a America, Europa, Asia e Africa, uma figura de mulher, coroada de louro, sentada á direita e voltada para a esquerda, com o braço direito estendido segura uma corôa de louro, e tem o esquerdo apoiado sobre o escudo das armas dos Estados Unidos da America. A seus pés, instrumentos d'arte; e, no fundo, á direita, uma fabrica. No exergo: HENRY MITCHELL. DES. & SC., BOSTON, U. S. A.. — R_8. INTERNATIONAL EXHIBITION / PHILADELPHIA, MDCCCLXXVI. Dentro de uma corôa de louro e em lettras incusas: *To / Captⁿ. Luiz de Saldanha. / Naval Attaché, / for Services. /* — Æ. 101 $^1/_2$ mm.

N.º 16727 do *Cat. da Exp. de Hist. do Brazil.* Foi offerecida á Bibliotheca Nacional pelo Sr. Capitão de Fragata da Armada Imperial Luiz Philippe de Saldanha da Gama.

N.º 219. — Idem.

Dentro de um circulo de estrellas, cortado por quatro pequenos medalhões ovaes, representando a America, Europa, Asia e Africa, uma mulher, coroada de louro, sentada á direita e voltada para a esquerda, com o braço direito estendido segura uma corôa de louro, e tem o esquerdo apoiado sobre o escudo das armas dos Estados Unidos da America. A seus pés, attributos das artes; e, no fundo, á direita, uma fabrica. No exergo: — H. MITCHELL. SC.

— Rs. INTERNATIONAL EXHIBITION, / PHILADELPHIA, MDCCCLXXVI. No centro de uma corôa de louro: — AWARDED BY / UNITED STATES / CENTENNIAL / COMMISSION /. — Æ. 76mm.

O anverso d'esta medalha é o mesmo da precedente reduzido, differindo apenas na subscripção. O reverso é tambem o mesmo, exceptuando a inscripção collocada dentro da corôa de louro.

BOLIVIA

N.° 220. — Homenagem do Municipio de Potosi ao libertador D. José E. A. Goyeneche.

D. D. JOSEPHUS EMANUEL A GOYENECHE AREQUIPENSIS ORIGINE. — Busto á direita, tendo na base: — MONCAYO /. — Rs. Na orla: MUNICIPIUM POTOSI IN GRATULATIONEM ASSERTORIS LIBERTATIS PATRIÆ A 1811 —✱— /. No centro: — MILITUM / (EGREGIUS MAGIS / TER SUB FERD. VII / AUGUSTO CONFREGIT / ARGENTINA CASTRA IN / CONFLICTU CAMPESTRI D / HUAQUI ET SYPESYPE, ATQUE / SUBEGIT COMITER CIVITA = / TES SUBERSAS POTOSI, PAZ, / COCHABAMBA, ET CHUQUISA / CA, IN PERPETUM CONSILIA / TIONIS MONUMENTUM / POPULORUM, IURIUM, / ET REGIS. — Æ. 43 1/2mm.

N.° 221. — Inauguração da Casa da Moeda a vapor de Potosi, em 1869.

BOLIVIA TIENE CREDITO POR LA PAZ. — Busto á esquerda, tendo por baixo: — M. G. — Rs. Na orla: LA PATRIA AGRADECIDA AL PRESIDENTE. —; e no centro: — MELGAREJO / POR LA / INAUGURACION / DE LA / MONEDA A VAPOR / POTOSI DIBRE. / 28 DE.1869 /. — Æ. 24mm.

REPUBLICA ARGENTINA

N.º 222. — Exposição Nacional de Cordova em 1871.

Uma mulher coroada de louro, sentada á direita e voltada para a esquerda, tem na mão direita uma corôa de louro, e o braço esquerdo apoiado sobre o escudo das armas da Republica Argentina. Á esquerda estão duas mulheres em pé e uma de joelhos, que apresentam os attributos das artes e da agricultura. Por cima: — REPUBLICA ARGENTINA —; e por baixo, em uma fita enlaçando um arado: — EXPOSICION NACIONAL EN CORDOBA (em lettras incusas). No exergo: J. S. & A. R. WYON SC. — Rs. No centro de uma corôa de louro: — AL MERITO / EL / GOBIERNO ARGENTINO / BAJO LA / ADMINISTRACION / DE / D. F. SARMIENTO /. Em cima: — LIBERTAD Y TRABAJO. Por baixo: AÑO MDCCCLXXI. — Æ. 56 ½mm.

N.º 223. — O Municipio de Buenos Aires ao libertador Dom José de San Martin por occasiao do seu centenario.

EL PUEBLO AGRADECIDO AL LIBERTADOR D.ⁿ JOSE DE SAN MARTIN EN SU CENTENARIO * Busto de San Martin, á direita, no meio de uma corôa formada de dois ramos de louro. — Rs. EL MUNICIPIO DE BUENOS AIRES AL GRAN CAPITAN DE LA INDEPENDENCIA AMERICANA *. Dentro de um circulo, o mar com dois navios e uma ancora. Por baixo: 25 DE FEBRERO DE 1878. — Æ. 34 ½mm.

N.º 224. — Exposição Continental de Buenos Aires, em 1882. Medalha da inauguração.

EXPOSICION CONTINENTAL. No centro, o palacio da exposição, tendo por cima, em linha curva: ENTRADA PRINCIPAL; e por baixo, no meio de duas folhagens cruzadas formando tres ovaes: — CLUB — INDUSTRIAL — ARGENTINO —. Nos pontos de cruzamento das folhagens, quatro pequenas rosetas. No exergo: BUENOS AIRES.

— R$_8$. Escudo oblongo, tendo no centro: — INAUGURADA / EL XV DE MARZO / M DCCC LXXXII. Sobre o escudo, que é radiado na parte superior, nove bandeiras com os nomes de diversos estados da America, que são, a partir da esquerda: — BOLIVIA; — ECUADOR; — VENEZUELA; — MEJICO; — ... BLICA ARGENT... ; — BRASIL; — CHILE; —PARAGU.; — e REP: URUGUAY. No exergo: R. GRANDE — B: AIRES. — Æ. 60 $^1/_2$^{mm}.

N.° 225. — Exposição Continental de Buenos Aires, em 1882.

Armas da Republica Argentina, tendo por cima:—PROTECCION AL TRABAJO—; e por baixo:—REPUBLICA ARGENTINA. — R$_8$. No centro de uma corôa formada de dois ramos de louro: — RECUERDO / DE LA EXPOSICION / CONTINENTAL / INAUGURADA EN / BUENOS-AIRES / EL 15 DE FEBRERO 1882 / BAJO EL PATROCINIO / DEL GOB.^{NO} NAC.^{AL} / —·∞·— /. Por cima, uma estrella. — Æ. Dourada. 42^{mm}.

N.° 226. — Idem. Grande Premio de honra.

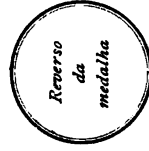
No campo, as armas da Republica Argentina, tendo por baixo, em uma fita: GRAN PREMIO AL MERITO; e logo abaixo da fita: GRANDE. Em cima: LA REPUBLICA ARGENTINA; em baixo: * PRESIDENCIA DEL GENERAL ROCA *. — R$_8$. Um cortiço de abelhas, tendo por cima, em linha curva: EXPOSICION CONTINENTAL; e por baixo, em linhas rectas: REALIZADA POR EL CLUB / INDUSTRIAL ARGENTINO / BAJO EL PATROCINIO DEL / GOBIERNO NACIONAL / ~~~ /. No exergo, em linha curva: BUENOS AIRES 1882. — AV. 37 $^1/_2$^{mm}.

Grande Premio de Honra conferido á Bibliotheca Nacional nessa exposição pelo seu *Catalogo da Exposição de Historia do Brazil.*

O diploma que acompanhou a medalha é um trabalho de arte que honra as officinas da Republica Argentina. Este diploma, dentro de uma elegante tarja ornamentada, tendo no alto as armas d'essa republica, é concebido nos seguintes termos;

Anverso da medalha

Reverso da medalha

República Argentina

El Gobierno de la Nacion acuerda este Diploma

á la **Biblioteca Nacional** (**Rio de Janeiro**) que obtuvo

Gran Prémio por **su catálogo de la historia del Brasil**

en la Exposicion Continental, realizada por el Club Industrial Argentino, bajo

el patrocinio del Gobierno Nacional, el año 1882.

Dado en el Palacio de Gobierno, en Buenos Aires, **Diciembre 29 de** 1884.

PRESIDENTE DE LA REPÚBLICA
Julio S. Roca

A. A. Calvo
PRESIDENTE DE LA COMISION INSPECTORA

MINISTRO DE HACIENDA
J. de la Plaza

Andrés Lamas
PRESIDENTE DEL CONSEJO DE JURADOS

PRESIDENTE DEL CLUB INDUSTRIAL ARGENTINO
Enrique Urien

Litog.ª A. Pech, 76 Bolivar-Buenos Aires.

MOEDAS EXTRANGEIRAS

EUROPA

INGLATERRA

N.° 227. — Carlos I. — *Meio Soberano.*

CAROLVS D: G: MAG: BR: FR: ET HI: REX +. Busto, de Carlos I, coroado e com manto, á esquerda, tendo atraz um X. — Rs. * CVLTORES SVI DEVS PROTEGIT. Escudo das armas da Inglaterra com a corôa. — AV.

N.° 228. — Carlos I. — *Um Shilling.*

CAROLVS. D. G. MAG. BRI. FR. ET. HI. REX. Busto de Carlos I, coroado e com manto, á esquerda, tendo atraz: XI. — Rs. CHRISTO AVSPICE REGNO. Escudo das armas da Inglaterra, sem a corôa, tendo á esquerda C, e á direita R. — Æ.

N.° 229. — Carlos II. — *Corôa.*

CAROLVS. II. DEI GRATIA. Busto de Carlos II laureado, á direita. — Rs. MAG. BR. FRA. ET. HIB. REX. 16-71. Quatro escudos coroados da Inglaterra, Irlanda, Escossia e França, formando uma cruz, tendo nos intervallos dois ɔC cruzados. — Æ.

N.° 230. — Guilherme e Maria. — *Meia Corôa.*

GVLIELMVS. ET. MARIA. DEI. GRATIA. Bustos sobrepostos de Guilherme e Maria, á direita, sendo o primeiro laureado. — Rs. MAG. BR. FR. ET. HIB. REX. ET. REGINA. 16-89. Armas da Inglaterra. — Æ.

N.° 231. — Anna. — *Um Shilling.*

ANNA. DEI. GRATIA. Busto da rainha, á esquerda. — Rs. MAG. BRI. FR. ET. HIB. REG. 17-JJ. (*1711.*) Quatro escudos coroados da Inglaterra, Irlanda, Escossia e França, formando uma cruz. — Æ.

N.° 232. — Jorge III. — *Dollar* ou *Cinco Shillings.*

GEORGIUS III DEI GRATIA REX. Busto laureado de Jorge III, á direita. — Rs. Dentro de um oval, tendo em cima: FIVE SHILLINGS, e em baixo: DOLLAR, uma mulher sentada, á esquerda, tendo na mão direita um ramo de oliveira, e na esquerda uma lança. Á direita, o escudo da Inglaterra; por baixo do escudo, a cornucopia d'abundancia; e no ultimo plano, á esquerda, uma colmêa. Por cima do oval, uma corôa mural; por baixo: 1804; e dos lados: BANK OF — ENGLAND. — Æ.

N.° 233. — Jorge III. — *Penny?*

GEORGIUS III. D: G. REX. Busto laureado de Jorge III, á direita. — Rs. Mulher sentada, á esquerda, tendo aos pés o mar, na mão direita um ramo de oliveira, e na esquerda um tridente. Á direita, o escudo da Inglaterra, e á esquerda, no ultimo plano, um navio. Por cima: BRITANNIA. Por baixo: 1797. — Æ.

N.° 234. — Jorge III. — *Meio Penny.*

SHAKESPEARE. Busto de Shakespeare, á esquerda. — Rs. Mulher sentada, á esquerda, com emblemas de mecanica, tendo por cima: HALF PENNY, e por baixo: 1790. — Æ.

FRANÇA

N.º 235.—Luiz ix. (S. Luiz.) —*Gros tournois d'argent.*

No centro, uma cruz, tendo em volta: LVDOVICVS. REX ✠; por fóra, a legenda: B̄NDICTV̄ ⋮ SIT ⋮ NOMĒ ⋮ DN̄I ⋮ N̄RI ⋮ DEI ⋮ I·I;V. XP̄I ✠. — R̸. No centro, um castello tornez com uma cruz, tendo em volta: TVRONVS. CIVIS ✠. Na orla, um circulo composto de doze flôres de lys. — Æ.

Esta moeda vem reproduzida em *fac-simile* no *Glossarium mediæ et infimæ latinitatis* de Ducange, vol. iv, in-fine, Tab. vi, n.º 14.

N.º 236. — João II. — *Escudo.*

IOHANNES : DEI .. GRA ... FRANCORVM : REX ✠. No centro, o rei sentado no throno; á direita, um escudo com quatro flôres de lys. — R̸. XPC : VINCIT : XPC : REGNAT : XPC : IMPERAT ✠. No centro de quatro arcos com ornatos nos pontos de juncção, uma cruz floreteada, tendo tres folhas em cada extremidade. — *N*.

Tem *fac-simile* em Ducange, *Glossarium*, vol. iv, Tab. ix, n.º 12.

N.º 237. — Luiz XI. — *Escudo.*

LVDOVICVS :. DEI :. GRATIA :. FRANCOR :. REX. Armas de França, tendo de cada lado uma flôr de lys com uma corôa por cima. — R̸. XPC ⋮ VINCIT :. XPC:. REGNAT :. XPC :. IMPERAT. (Uma pequena corôa). No centro de quatro arcos dobrados, uma cruz ornamentada, tendo nos intervallos quatro corôas. — *N*.

Esta moeda é mui semelhante á que vem reproduzida no *Glossarium* de Ducange, Tab. xiii, n.º 1, do vol. iv; differença-se porém d'ella em alguns pontos.

N.º 238. — Francisco I. — *Escudo.* (Escu au soleil.)

✠ FRANCISCVS DEI GRA: FRANCO: R. REX. F. ✠. Armas de França. — R. ✠ XPS. VINCIT. XPS. REGNAT. XPS. IMPERAT. F. ✠. No centro, uma cruz, tendo em cada extremidade uma flôr de lys, e ncs intervallos, em diagonal, duas flôres de lys e dois FF. — AV

No vol. IV do *Glossarium* de Ducange, Tab. XIV, n.º 17, occorre um *fac-simile* de uma moeda de Francisco I, — *demi escu au soleil*, semelhante á exposta. A nossa, porém, não se encontra entre as que ahi vem reproduzidas.

N.º 239. — Carlos IX. — *Escudo.*

CAROLVS.VIIII. D. G. FRANCOR. REX * . Armas de França. — R. CHRIST. REGNAT. VINCIT. ET. IMP * 1567 ✠. No campo, quatro flôres de lys formando uma cruz, e no centro d'ellas um B. — AV.

Não vem reproduzida no *Glossarium* de Ducange.

N.º 240. — Luiz XIII. — *Escudo branco.* (Louis d'argent ou écu blanc.)

LVDOVICVS. XIII. D: G. FR. ET. NAV. REX. Busto laureado do rei, á direita. — R. SIT. NOMEN. DOMINI. ℂ. BENEDICTVM. 1643 :: Armas de França. — AR.

Tem *fac-simile* em Ducange, *Glossarium*, vol. IV, Tab. XVIII, n.º 8.

N.º 241. — Luiz XIV. — *Double Louis d'or.*

LVD. XIIII. D. G.. FR. ET. NAV. REX. Cabeça laureada do rei, á direita, tendo por baixo: 1711. — R. / . CHRS. .REGN.. VINC.. IMP+. Oito L coroados, reunidos dois a dois formando uma cruz, tendo nos intervallos o sceptro e a mão da justiça cruzados. No centro, dentro de um redondo, um V. — AV.

Não vem reproduzida no *Glossarium* de Ducange.

N.° 242. — Luiz XVI. *Escudo de seis libras.*

LOUIS XVI ROI — DES FRANÇOIS. Cabeça do rei, á esquerda, tendo por baixo um leão. No exergo: 1792. Rs. — REGNE — DE LA LOI. — Um Anjo, em pé, á esquerda, voltado para a direita, escreve a palavra — CONSTI / TUTION / sobre uma taboa, que descansa em um pedestal. Á esquerda, uma lyra e um feixe de varas com o barrete da liberdade; á direita, um gallo, e a lettra A —. Por baixo: — L'AN 4 DE LA / LIBERTE. / — Æ.

Tem *fac-simile* em Ducange, *Glossarium*, Vol. IV, Tab. XXI, n.° 5.

N.° 243. — Henrique V. — *Meio Franco.*

HENRI V. ROI DE FRANCE. Cabeça do rei, á esquerda. — Rs. Armas de França, tendo por baixo: 1833. Á esquerda do escudo: $\frac{1}{2}$, e á direita: F. — Æ.

BELGICA

N.° 244. — *Dois Francos.*

Cabeças sobrepostas de Leopoldo I e Leopoldo II, tendo á esquerda: — LEOPOLD I; e á direita: — LEOPOLD II; por cima, uma estrella; e por baixo: — L. WIENER. — Rs. ROYAUME DE BELGIQUE. Armas da Belgica, tendo á esquerda — 2 — e á direita — F. Por baixo: — 1830. 1880. — Æ.

HOLLANDA

N.° 245. — Guilherme III. — *Um Gulden.*

WILLEM III KONING DER NED. G. H. V. L. Busto do rei, á direita, tendo por baixo: — I. P. S. — Rs. MUNT VAN HET KONINGRYK DER NEDERLANDEN. 1863. Armas da Hollanda, tendo á esquerda: 1, e á direita: G. Por baixo: 100 C. — Æ.

Na borda lê-se: GOD * ZY * MET * ONS *

ALLEMANHA

Schleswig-Holstein:

N.° 246. — Cristiano VII. — *Um Rygsdaler?*

CHRISTIANUS. VII. D. G. DAN. NORV. V. G. REX. Busto do rei, á direita, tendo por baixo: B. — Rs. / 60. SCHILLING. SCHLESW. HOLST. COURANT. 17 M. F. 88. / Armas do Schleswig-Holstein, tendo á esquerda: — 1.—, e á direita: — SP. — Æ.

Rostock:

N.° 247. — *Seis Pfenning.*

Dragão á esquerda, tendo por baixo: ROST. — Rs. / * 6 * / PFENNING / 1761 /. No exergo: — IHB. — Æ.

Hamburgo:

N.° 248. — *Cinco Marcos.*

FREIE UND HANSESTADT HAMBURG. Armas de Hamburgo, tendo por baixo: — J. — Rs. DEUTSCHES REICH 1876 * FÜNF MARK * Armas da Allemanha. — Æ.

Na borda lê-se: GOTT ~*~ MIT ~*~ UNS ~*~

Hannover:

N.° 249. — Ernesto Augusto. — *Um Thaler.*

ERNST AUGUST KOENIG VON HANNOVER. Busto do rei, á direita, tendo por baixo: — B. — Rs. EIN THALER, XIV EINE F. M. Armas do Hannover, tendo por cima: — BERGSEGEN DES HARZES; e por baixo: — 1850. — Æ.

Na borda lê-se: NEC ASPERA TERRENT.

Saxonia:

N.º 250. — Frederico Augusto V. — *Um Thaler.*

FRIEDRICH AUGUST V. G. G. KOENIG V. SACHSEN. Busto do rei, á direita, tendo por baixo: — F. — Rs. — EIN THALER XIV EINE F. M. 18-51. Armas da Saxonia. — Æ.

Na borda lê-se: * GOTT * SEGNE * SACHSEN *

Francoforte:

N.º 251. — *Dois Thalers.*

FREIE STADT FRANKFURT. Busto de mulher, á direita, tendo na base: — A. V. NORDHEIM. — Rs. ZWEI VEREINSTHALER. XV EIN PFUND FEIN * 1861 * Armas de Francoforte. — Æ.

Na borda lê-se: * STARK * IM * RECHT *

Baden:

N.º 252. — Grão-Duque Frederico. — *Um Thaler.*

FRIEDRICH GROSHERZOG VON BADEN. Busto á direita. — Rs. EIN VEREINSTHALER XXX EIN PFUND FEIN. 18-59. Armas de Baden. — Æ.

Wurtemberg:

N.º 253. — Guilherme. — *Dois Gulden.*

WILHELM KÖNIG V. WÜRTEMBERG. Busto do rei, á esquerda, tendo por baixo: — G. VOIGT. — Rs. Armas do Wurtemberg, tendo por cima: — ZWEY GULDEN —; e por baixo: — 1847. — Æ.

Na fita, por baixo do escudo, acha-se a legenda: *Furchtlos und trew.* —, em caracteres gothicos.

Baviera:

N.° 254. — MAXIMILIANO JOSÉ. — *Um Escudo.*

D. G. MAX. IOS. U. B. D. S. R. I. A. &. EL. L. L. / Busto do rei, á direita. — Rs. PATRONA BAVARIAE. No centro, a Virgem sentada com o menino, tendo por baixo: 1769. — Æ.

Na borda lê-se: DEO * . * . * CONST.

N.° 255. — MAXIMILIANO JOSÉ. — *Um Escudo.*

MAXIMILIANUS IOSEPHUS BAVARIAE REX. — Busto do rei, á direita. — Rs. PRO DEO ET POPULO. No campo, uma espada e um sceptro cruzados, tendo por cima uma corôa, e por baixo: — 1814. — Æ.
Na borda lê-se: BAIERISCHER KRONTHALER.

SUISSA

N.° 256. — *Cinco Francos.*

HELVETIA. Figura de mulher, coroada de espigas, sentada á direita e voltada para a esquerda, tendo o braço direito estendido, e a mão esquerda sobre um escudo com as armas da Suissa; por detraz, um arado e espigas. No fundo, á esquerda, montanhas. — Rs. No centro de uma corôa, formada de dois ramos, um de carvalho e outro de fumo (?) : 5 FR. / 1874 /. Por baixo : — B. — Æ.

N.° 257. — *Dois Francos.*

Uma mulher em pé, coroada de espigas, e olhando para a esquerda, tendo na mão direita uma lança, e na esquerda um escudo com as armas da Suissa. Dos lados, vinte e duas estrellas em circulo. No exergo: — HELVETIA. — Rs. No centro de uma corôa formada de dois ramos, um de carvalho e outro de fumo (?): 2 FR. / 1874 /. Por baixo: B. — Æ.

N.º 258. — *Dez Centesimos.*

CONFEDERATIO HELVETICA * 1880 * Cabeça de mulher, á direita, com diadema, sobre o qual a palavra: — LIBERTAS. — Rs. No centro de uma corôa formada de duas palmas de carvalho: — 10 —. No exergo: — B. — Nickel.

Berne:

N.º 259. — *Vinte Kreutzer.*

MONETA REIPUB. BERNENSIS. Armas de Berne. — Rs. DOMINUS PROVIDEBIT. No centro de um escudo formado por duas palmas e ornamentos: — 20 / KREUT = / = ZER. / 1756 /. — Æ.

Genebra:

N.º 260. — *Vinte e cinco Centesimos.*

. POST. TENEBRAS. LUX. — Armas de Genebra, tendo por cima, dentro de um sol: IHS. — Rs. REP. ET CANT. DE GENEVE. No centro: — 25 / CENTIMES / 1839 /. — Æ.

PORTUGAL

N.º 261. — D. João II. — *Espadim ou Meio Justo.*

+ IOANIS. SECVNDVS. DEI. GRAT. Armas do reino entre dois pontos. — Rs. IOHANES: II: R: P ET: A: D: GVINEE: No centro de quatro arcos cantonados por quatro pontos, a mão segurando uma espada pela parte superior da lamina, a qual, voltada para baixo, corta a legenda em seguida á lettra P. — N.

O Snr. Teixeira de Aragão, na *Descripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*, Lisboa, 1874–80, 3 vols, in-8.º gr., menciona um unico *espadim* ou *meio justo* do reinado de D. João II, cujas legendas differem muito das do exemplar exposto. (Vide o Tom. 1, n.º 5 das d'esse reinado.)

Segundo o mesmo autor as moedas de D. João II eram as seguintes: — De ouro: *Cruzado; Justo*; *Espadim* ou *Meio Justo*. — De prata: *Real*; *Meio Real; Cinquinho*. — De cobre: *Ceitil*.

O preço estimativo actual do *Espadim* ou *Meio Justo* é 30$000 reis fortes.

N.º 262. — D. João III. — *S. Vicente*.

IOANNES: III: REX: PORTV: ET: ALG: Armas do reino. — R℞. VSQVE AD MORTEM — ZELATOR FIDEI· No centro, entre duas estrellas, S. Vicente em pé, á direita, com a palma e o navio. — *AV*.

Segundo o Sñr. Teixeira de Aragão as moedas do reinado de D. João III eram as seguintes: — De ouro: *Portuguez; Cruzado; S. Vicente*, e *Meio S. Vicente*. — De prata: *Tostão; Meio tostão; Real* ou *vintem; Meio real* ou *meio vintem; Cinquinho; Real portuguez* ou *dois vintens; Real portuguez do; brado* ou *quatro vintens*. — De cobre: *Dez reaes; Tres reaes - Real; Ceitil*.

O preço estimativo actual da moeda exposta é 20$000 réis fortes, segundo o mesmo autor, que a descreve sob o n.º 7 d'aquelle reinado.

N.º 263. — D. Sebastião. — *Dez Reaes*.

SEBASTIANVS: I: D: G PORT: ET ALGARBIORVM. Armas do reino, tendo de cada lado cinco pontos em fórma de cruz. — R℞. REX. SEXTVS. DECIMVS. No campo, entre duas estrellas, um X, tendo por baixo cinco pontos em fórma de cruz, e por cima o mesmo numero de pontos dispostos da mesma maneira. — Æ.

O Sñr. Teixeira de Aragão, na op. cit., Tom. 1, n.º 26 das moedas de D. Sebastião, descreve um exemplar que só differe do nosso em ter no anverso, aos lados do escudo, as lettras L — G, em vez das cruzes de pontos que se acham neste. No n.º immediato da mesma obra se pode vêr a descripção de outra moeda do mesmo valor, tendo no reverso o carimbo do açôr mandado pôr por D. Antonio, prior do Crato, em Angra, e cuja legenda está assim escripta: REX. SETVS. DECIMVS.

As moedas do reinado de D. Sebastião eram as seguintes: — De ouro: *S. Vicente; Meio S. Vicente; Moeda de 500 reaes;*

Moeda de 500 reaes, vulgarmente conhecida pelo nome de *engenhoso*. — De prata: *Tostão; Meio tostão; Vintem; Meio vintem*. — De cobre: *Dez reaes; Cinco reaes; Tres reaes; Real; Ceitil.*

O preço estimativo actual das moedas de *dez reaes* varia, segundo o Sñr. Aragão, entre 500 rs. e 2$000 rs. fortes.

N.º 264. — D. João IV. — *Cruzado.*

.:. IOANNES. IIII. DEI. GRATIA. PORTVG. ET. ALG. REX. Armas do reino, tendo á direita: 400, designação do primitivo valor. — Rs. .:. IN .:. HOC .:. SIGNO .:. VINCES. — Cruz da Ordem de Christo com um ponto no centro e cantonada por quatro PP *(Porto)*. Carimbo de 500 com uma corôa por cima. — Æ.

As legendas do anverso e reverso foram postas com a nova orla e sarrilha sobre a moeda, conforme a lei de 14 de Junho de 1688, sendo que a do anverso apagou parte do escudo do reino.

O exemplar descripto pelo Sñr. Aragão (op. cit. Tom. II, n.º 15 d'este reinado), é differente do nosso.

As moedas do reinado de D. João IV eram as seguintes, segundo o mesmo autor: — De ouro: *Moeda da Conceição; Moeda de quatro cruzados; Moeda de dois cruzados; Moeda de cruzado.* — De prata: *Moeda da Conceição; Cruzado; Meio cruzado* ou *dois tostões; Tostão; Meio tostão; Quatro vintens; Dois vintens; Vintem; Dez reis.* — De cobre: *Cinco reis; Tres reis; Real e meio.*

Da *Moeda da Conceição* aqui indicada a Bibliotheca Nacional possue um exemplar de prata, da reproducção feita na Casa da Moeda de Lisboa no tempo do rei D. Pedro II, o qual exemplar figura neste catalogo sob o n.º 209.

O preço estimativo actual dos cruzados de prata d'esta epoca varia entre 2$000 rs. e 4$000 rs. fortes.

N.º 265. — D. Pedro II. — *Dez Reaes.*

PETRVS. D. G. P. PORTVGALIÆ. Armas do reino ornamentadas. — Rs. ANNO SEXTO DECIMO REGIM. SVI. 1683. No centro de quatro arcos ornamentados e entre quatro rosetas: — X —, designação do valor. — Æ.

N.º 28 de Aragão, op. cit. (Tom. II, pag. 48.)

As moedas do reinado de D. Pedro II eram as seguintes: — De ouro: *Moeda; Meia moeda; Quarto de Moeda.* — De prata: *Cruzado; Cruzado novo; Meio cruzado* ou *dois tostões; Doze vintens; Tostão; Meio tostão; Seis vintens; Tres vintens; Quatro vintens; Dois vintens; Vintem; Meio vintem.* — De cobre: — *Dez reis; Cinco reis; Tres reis; Real e meio.*

O preço estimativo actual da moeda exposta é 2$000 rs. fortes, segundo nos informa o mesmo Snr. Aragão.

N.° 266. — D. Pedro II. — *Tres réis.*

PETRVS. D. G. P. PORTVGALIÆ. Armas do reino com ornamentação. — Rs. ANNO SEXTO DECIMO REGIMINIS SVI. 1683. No centro de quatro arcos ornamentados e entre quatro rosetas: — III —, designação do valor. — Æ.

N.° 30 de Aragão, op. cit, (Tom. II, pag. 48.)

O seu preço estimativo actual é 2$000 rs. fortes.

N.° 267. — D. João V. — *Quatro mil réis.* (Moeda de oiro).

IOANNES. V. D. G. PORT. ET. ALG. REX. Armas do reino, tendo á esquerda: 4000, e á direita, quatro rosetas entre dois pontos. — Rs. * IN * HOC * SIGNO * VINCES * . 1707. Cruz da Ordem de Christo cantonada por quatro rosetas. — AV.

O Snr. Teixeira de Aragão, na op. cit., Tom. II, n.° 3 das moedas de D. João V, descreve um exemplar semelhante ao nosso, differindo apenas na data, que é 1719.

As moedas d'este reinado são as seguintes: — De ouro: *Dobrão de cinco moedas; Dobrão de quatro moedas* (ensaio monetario); *Dobrão de duas moedas e meia; Dobrão de duas moedas* (ensaio monetario); *Moeda; Meia moeda; Quartinho; Cruzado novo; Dobra de vinte e quatro escudos* (ensaio monetario); *Dobra de dezeseis escudos* (ensaio monetario); *Dobra de oito escudos; Dobra de quatro escudos* (Peça); *Dobra de dois escudos* (Meia peça); *Escudo; Meio escudo; Cruzadinho.* — De prata: *Cruzado novo; Doze vintens; Seis vintens;*

Tres vintens; Tostão; Meio tostão; Vintem. — De cobre: *Dez reis; Cinco reis; Tres reis; Real e meio.*

A moeda exposta valia na primitiva 4$800 rs., dinheiro portuguez. O seu preço estimativo actual é 8$000 fortes, segundo o Sñr. Aragão.

ITALIA

Veneza:

N.° 268. — Francisco Dandolo, Doge.

✠ FRA. DANDVLO DVX. Busto do Doge, á esquerda. — Rs. S. MARCVS VENETI. ✠. Leão de S. Marcos, em pé, com a bandeira. — Æ.

Francisco Dandolo foi Doge de Veneza desde 1328 até 1339.

N.° 269. — Luiz Contarini, Doge. — *Sequim.*

Christo á esquerda abençôa o Doge á direita, que tem na mão uma cruz, junto á qual estão em ordem vertical as letras — DVX. Á esquerda: — S. M. VENET. —; e á direita: — LVDOV. CONTARIN. — Rs. REGIS. ISTE. DVCA SIT... (O resto da legenda apagado e mutilado.) No centro de uma lisonja, Christo, cercado de estrellas, aponta para o Céo. — AV.

Luiz Contarini foi Doge de Veneza desde 1676 até 1684, tendo succedido a Nicolau Sagredo.

Estados da Igreja:

N.° 270. — Paulo III, Papa.

PAVLVS. III. PONT. MAX. Escudo das armas do Papa. — Rs. S. PAVLVS VAS ELECTIONIS. No centro, S. Paulo, em pé, com uma espada na mão direita e um livro na esquerda. — AV.

O Papa Paulo III *(Alexandre Farnese)*, governou a Igreja Romana desde 1534 até 1549.

N.º 271. — Clemente XII, Papa.

CLEM. XII. P. M. A. IX. — Busto do Papa, á direita. — Rs. Dentro de uma corôa formada de dois ramos de louro: — DE. LVTO. / FÆCIS / 1738 /. — AV.

N.º 272. — Benedicto XIV, Papa.

BEN. XIV. P. M. A. IX. 1741. — Uma mulher sentada sobre nuvens, tendo em torno da cabeça uma auréola, na mão direita duas chaves, e na esquerda uma casa. — Rs. DE CÆLO REPENTE. — Armas do Papa. — AV.

N.º 273. — Pio VI, Papa. — *Escudo.*

PIVS SEXTVS PONT. M. A. VI. Armas do Papa. — Rs. AVXILIVM DE SANCTO. 1780. Uma mulher sentada sobre nuvens, tendo em torno da cabeça uma auréola, na mão direita duas chaves, e na esquerda uma casa. Por baixo, um brazão de armas, encimado por um chapéu de bispo. — AR.

N.º 274. — Leão XII, Papa. — *Sequim.*

LEO. XII. PON. MAX. ANNO. V. — Busto do Papa, á esquerda, tendo por baixo as iniclaes — CG — em monogramma, entre dois pontos. — Rs. SUPRA * FIRMAM * PETRAM. No centro, uma mulher em pé, tendo em torno da cabeça uma auréola, na mão direita o calix e a hostia, e na esquerda uma cruz; junto a ella, um carneiro sobre um pedestal. Por baixo: /. R. / 1828 / . — AV.

Reino das Duas Sicilias:

N.º 275. — Carlos II.

.CAROLVS. II. D. G. REX. HISP. — Busto coroado de Carlos II, á direita, tendo atraz: —$^{A\,G}_{\;A}$—. No exergo, uma roseta entre dois pontos. — Rs. VTRIVS. SICI. HIERVS. G. 50. — Armas do reino das Duas Sicilias. Por baixo: 16–89. — AR.

N.° 276. — FERNANDO IV e M. CAROLINA.

FERDINANDVS. IV. ET M. CAROLINA. VNDIQ. FELICES. — Bustos sobrepostos dos dois esposos, tendo por baixo: P. — Rs. SOLI. REDVCI. Parte do zodiaco, tendo por baixo o sol e a terra, e A. P. / M. 17-91. — Æ.

REPUBLICA DE RAGUSA

N.° 277. — Moeda de prata da republica cunhada no anno de 1776.

RHACVSIN. RECTOR. REI. Busto á esquerda, tendo á esquerda: — D, e á direita: — M. — Rs. DVCAT. ET. SEM. REIP. RAC. 1776. Armas de Ragusa, tendo por baixo, á esquerda: — D, e á direita: — M. — Æ.

O territorio d'esta republica foi annexado ao Imperio d'Austria pelos tratados de 1815.

ROMANIA

N.° 278. — *Dez Bani.*

Armas da Romania, tendo por cima: ROMANIA. — Rs. No centro de dois ramos, um de louro e outro de carvalho: 10 / BANI / 1867 /. No exergo: WATT / & C.° — Æ.

N.° 279. — CARLOS I.

CAROL I DOMNUL ROMANIEI. Busto á esquerda, tendo por baixo: KULLRICH. — Rs. Armas da Romania, tendo por cima: — ROMANIA —, e por baixo: 1880. Á esquerda: — 5 —, e á direita: — L —. Em baixo, á esquerda: — B —; á direita, uma palma. — Æ.

GRECIA

N.º 280. — Othon I. — *Cinco Drachmas.*

ΟΘΩΝ ΒΑΣΙΛΕΥΣ ΤΗΣ ΕΛΛΑΔΟΣ. Busto de Othon I, á direita, tendo por baixo: K. ΨΟΙΓΤ. — R$_8$. Armas da Grecia, tendo por baixo: 5 ΔΡΑΧΜΑΙ / 1844 /. — Æ.

N.º 281. — Jorge I — *Dez Leptas.*

ΓΕΩΡΓΙΟΣ ΑΙ ΒΑΣΙΛΕΥΣ ΤΩΝ ΕΛΛΗΝΩΝ. 1879. Busto do rei, á esquerda, tendo por baixo: BAPPE. — R$_8$. Dentro de uma corôafo rmada de dois ramos de louro: 10 / ΛΕΠΤΑ /. Por cima: ΔΙΩΒΟΛΟΝ. Por baixo: A. — Æ.

MALTA

N.º 282. — Francisco Ximenes de Texada, Grão-Mestre.

FR. D. FRANCISCVS XIMENEZ DE TEXADA /. M. Busto do Grão-Mestre da Ordem de Malta, á direita, tendo por baixo: /. 1774. / — R$_8$. / .M. H. HOSPITALIS ET SANCTI SEPV: / — Armas de Malta, tendo á esquerda: — S, e á direita: — 20. — AV.

Esta ilha pertence hoje á Inglaterra.

AMERICA

COLONIAS INGLEZAS DO NORTE

Terra Nova :

N.º 283. — Victoria. — *Meio Dollar.*

VICTORIA DEI GRATIA REGINA. Busto laureado da rainha, á esquerda, tendo por baixo: NEW FOUND-LAND. — R$_8$. Dentro de um circulo de pontos com ornatos externos: 50 / CENTS / 1874 /. — Æ.

Não occorre na obra de Weyl, da qual nos servimos para rever todos os numeros d'este catalogo que se referem á America.

Canadá:

N.° 284. — Victoria. — *Um quarto de Dollar.*

VICTORIA DEI GRATIA REGINA. Busto da rainha com diadema, á esquerda, tendo por baixo: — CANADÁ. — Rs. Dentro de uma corôa, formada de dois ramos de folhas atados por uma fita: — 25 / CENTS / 1870 /. Por cima, a corôa real. — Æ.

É o n.° 73 da obra de Weyl, intitulada: *Die Jule's Fonrobert'sche Sammlung überseeischer Münzen und Medaillen. Ein Beitrag zur Münzgeschichte aussereuropäischer Länder. Bearbeitet von Adolph Weyl.* Berlin, 1878, in-8.°, parte relativa á America.

Nova Escossia:

N.° 285. — Victoria. — *Um Penny.*

VICTORIA D: G: BRITANNIAR: REG: F: D: Busto da rainha com diadema, á esquerda, tendo por baixo: L C W. No exergo: 1856. — Rs. PROVINCE OF NOVA SCOTIA. No centro, um ramo de folhas e flores. Por baixo: ONE PENNY TOKEN. — Æ.

N.° 166 de Weyl, op. cit., *America.*

ESTADOS UNIDOS

N.° 286. — *Um Dollar.*

Busto da Liberdade, á direita, tendo por cima: LIBERTY —, e por baixo: — 1800 —. Á esquerda, sete estrellas; e á direita, seis. — Rs. UNITED STATES OF AMERICA /. Armas dos Estados Unidos, com a legenda: E PLURIBUS UNUM, sobre uma fita. — Æ.

Na borda lê-se: ** ONE ** DOLLAR ** OR ** UNITED *** HUNDRED ** CENTS ** .

N.° 434 de Weyl, op. cit., *America.*

N.° 287. — *Um Dollar.*

Cabeça da Liberdade com diadema, á esquerda, circulada por treze estrellas. No diadema lê-se a palavra: LIBERTY. — R8. UNITED STATES OF AMERICA. No centro de uma corôa formada de dois ramos de louro : — 1 / DOLLAR / 1853 /. — AV.

N.° 807 de Weyl, op. cit., *America.*

N.° 288. — *Um Dollar.*

No centro, a Liberdade com diadema, sentada sobre um fardo e voltada para a esquerda, tendo na mão direita um ramo de louro, e na esquerda uma fita, onde se lê a palavra: — LIBERTY —; por detraz, um molho de trigo; em volta, treze estrellas ; na base: — IN GOD WE TRUST —; e por baixo, no exergo: 1878. —. R8. UNITED STATES OF AMERICA. / No campo, as armas dos Estados Unidos, tendo por cima, sobre uma fita, a legenda: — E PLURIBUS UNUM —, e por baixo: — 420 GRAINS, 900 FINE. / S / TRADE DOLLAR. / — AR.

Não vem descripta na obra citada de Weyl; é, porém, semelhante á do n.° 1320 do mesmo autor, exceptuando-se unicamente a data, que naquella é 1873.

N.° 289. — (California.) — *Um quarto de Dollar.*

Cabeça da Liberdade com diadema, á esquerda, circulada por nove estrellas. — R8. No centro de uma corôa formada de dois ramos de louro : — ¼ / DOLLAR / 1871 /. — AV.

Moeda octogna.

N.° 1428 de Weyl, op. cit., *America.*

N.° 290. — (California.) — *Um quarto de Dollar.*

Cabeça da Liberdade com diadema, á esquerda, circulada por treze estrellas. Por baixo : 1871. — R8. No centro de uma corôa formada de dois ramos de louro : — ¼ / DOLLAR / CAL /. (*California.*) — AV.

Esta moeda é circular.

E muito semelhante ao n.° 1433 de Weyl, op. cit., *America;* na moeda exposta, porém, não se encontra a inicial G, que existe naquella, por baixo da cabeça da Liberdade.

N.° 291. — (California.) — *Um quarto de Dollar.*

Cabeça de indio, á esquerda, circulada por treze estrellas, e tendo por baixo: 1876. — Rs. Dentro de uma corôa formada de dois ramos de louro: $\frac{1}{4}$ / DOLLAR / CAL /. (*California.*) — AV.

Esta moeda é octogna.

Não vem descripta na op. cit. de Weyl; mas é semelhante á do n.° 1445 do mesmo autor, exceptuando-se unicamente a data, que naquella é 1875.

N.° 292. — *Tres Centesimos.*

UNITED STATES OF AMERICA. Cabeça da Liberdade com diadema, á esquerda, tendo por baixo: — 1865 — No diadema lê-se a palavra: LIBERTY. — Rs. Dentro de uma corôa, formada de dois ramos de louro atados por uma fita: III. — Nickel.

Rara.

Esta moeda foi retirada da circulação por faltar no reverso a palavra CENTS, e substituida por outra com essa palavra.

N.° 1185 de Weyl, op. cit., *America.* A prova d'esta moeda foi cunhada em cobre, como se deduz do n.° 1184 da mesma obra.

N.° 293. — *Um Centesimo.*

Cabeça da Liberdade, á direita, com o barrete phrygio na ponta de uma lança apoiada no hombro esquerdo; por cima: LIBERTY —; e por baixo: 1794. — Rs. UNITED STATES OF AMERICA. Dentro de uma corôa, formada de dois ramos de louro atados por uma fita: ONE / CENT /. No exergo: $\frac{1}{100}$ /. — Æ.

Na borda: ONE HUNDRED FOR A DOLLAR.

Sobre esta moeda e mais tres typos que lhe são muito semelhantes, vide os n.os 381–384 de Weyl, op. cit., *America.*

N.° 294. — *Um Centesimo.*

Cabeça da Liberdade, á direita, tendo por cima: — LIBERTY —, e por baixo: 1797. — R8. UNITED STATES OF AMERICA. Dentro de uma corôa, formada de dois ramos de louro atados por uma fita: ONE / CENT /. No exergo: $\frac{1}{100}$ /. — Æ.

O reverso d'esta moeda é muito semelhante ao da precedente. Na borda não existe a inscripção que se lê na outra.

N.° 419 de Weyl, op. cit., *America.*

MEXICO

Primeiro Imperio:

N.° 295. — Agostinho I. — *Um Peso.*

.AUGUSTINUS DEI PROVIDENTIA. ° / Busto de Agostinho I, á direita, tendo por baixo: — M. 1823 /. — R8. / . MEX. I. IMPERATOR CONSTITUT. / Armas do Mexico, tendo por baixo: — 8 R. I. M / . — Æ.

N.° 6560 de Weyl, op. cit., *America.*

O mesmo autor menciona tres typos muito semelhantes, que se differençam apenas por uma pequena particularidade do reverso. No primeiro typo a cruz da corôa, que está sobre a cabeça da Aguia, acha-se collocada por baixo do primeiro traço do A da palavra *Imperator*; no segundo ella está entre os dois traços do A; e no terceiro por baixo do ultimo traço da mesma lettra A moeda exposta pertence ao primeiro typo.

Primeira Republica:

N.° 296. — (Provincia de Zacatecas). — *Um Peso.*

REPUBLICA MEXICANA. Armas da republica sobre dois ramos, um de carvalho e outro de louro. — R8. No campo, o barrete da liberdade, circulado de raios, com a palavra: — LIBERTAD —. Por baixo: — * 8 R. Z.° 1848. O. M. 10 D.° 20 G.° — Æ.

Não vem descripta na op. cit. de Weyl. Semelhante á do n.° 7137 do mesmo autor, excepção feita da data.

N.º 297. — *Um Quarto.* (Cuartilla).

REPUBLICA MEXICANA. Armas da Republica. — Rs. Entre duas palmas atadas por uma fita, formando uma corôa: $\frac{1}{4}$, e logo depois: — M̊. A. 1830 —, em linha curva por baixo do valor. — Æ.

N.º 6605 de Weyl, op. cit., *America.*

N.º 298. — (Guanaxuato). — *Um quarto de Real.* (Cuartino).

Cabeça da Liberdade, á esquerda, tendo á esquerda: Gº; e á direita: L. R. — Rs. REPUBLICA MEXICANA. No centro: — $\frac{1}{4}$. Por baixo: — 1848. — Æ.

N.º 6864 de Weyl, op. cit., *America.*

Segundo Imperio:

N.º 299. — Maximiliano I. — *Meio Peso.* (Tostão).

MAXIMILIANO — EMPERADOR. Busto do Imperador, á direita. — Rs. IMPERIO — MEXICANO. Armas do imperio, tendo por baixo: 50 CENT. — 1866 Mº/. No oval do escudo: EQUIDAD EN LA JUSTICIA * (em lettras incusas.) — Æ.

N.º 6705 de Weyl, op. cit., *America.*

HAITI

Republica:

N.º 300. — Presidente Boyer. — *Meio Gourde.* (Cincoenta Centesimos.)

J * P * BOYER — PRESIDENT * / . Cabeça do Presidente, á esquerda, tendo por baixo: *E. Dejoie* / . No exergo: AN 25 / (*1828*). — Rs. REPUBLIQUE — D'HAITI * / . Armas da Republica, tendo por baixo: 50 * C / . — Æ.

N.º 7542 de Weyl, op. cit., *America.* Vide tambem o numero immediato do mesmo autor que é o mesmo typo da moeda exposta com uma pequena variante.

Imperio:

N.º 301. — FAUSTINO I. — *Seis centesimos e um quarto.* (Tres Soldos.)

FAUSTIN 1er EMPEREUR D'HAITI /. Busto do Imperador, corôado, á esquerda, tendo por baixo a data — 1850. — Rs. LIBERTÉ INDÉPENDANCE. Armas do imperio, tendo por baixo: SIX CENTIMES UN QART /. — Æ.

Vide os n.os 7612 e 7613 de Weyl, op. cit., *America.*

AMERICA CENTRAL

Republica de Honduras:

N.º 302. — *Um Real.*

REPUBLICA DE HONDURAS. Armas da Republica, tendo por baixo, á esquerda: AMERICA; e á direita: CENTRAL. No exergo, entre uma ancora e uma estrella: — BARRE /. — Rs. No centro de uma corôa, formada de dois ramos de louro atados por uma fita: 1 / REAL / 1870 /. — Nickel.

N.º 7451 de Weyl, op. cit., *America.*

COLOMBIA

Republica Colombiana:

N.º 303. — Popayan. *Escudo.* (Dois Pesos.)

REPUBLICA DE COLOMBIA. Busto, á esquerda, com a palavra: — LIBERT —, em letras incusas, tendo por baixo: /. 1835. / — Rs. POPAYAN. Armas da republica entre duas rosetas, tendo por baixo: — * 1 . E * R . U * — AV.

Não vem descripta por Weyl, op. cit., *America.* É semelhante ao n.º 8231 do mesmo autor, excepção feita da data.

Republica de Nova Granada:

N.º 304. — *Meio decimo de Real.* (Meio Centavo.)

REPUBLICA DE LA NUEVA GRANADA. No centro, o barrete da Liberdade, circulado de raios, com a palavra: — LIBERTAD. No exergo: 1848. — R_8. No centro de uma corôa, formada de dois ramos de flores, fructos e folhas atados por um fita: $\frac{1}{2}$ / DÉCIMO / DE REAL /. — Æ.

Não vem descripta na op. cit. de Weyl. É semelhante ao n.º 8113 do mesmo autor, excepção feita da data.

Estados Unidos da Colombia:

N.º 305. — *Medellin.* (Meio Peso.)

ESTADOS UNIDOS DE COLOMBIA. Busto de mulher, á esquerda, tendo sobre uma fita nos cabellos a palavra — LIBERTAD — muito apagada; por baixo: 1873. No exergo, nove estrellas. — R_8. / G. 12,500. CINCO DECIMOS. LEI 0,835. / Armas da republica, com a legenda: — LIBERTAD I ORDEN, sobre uma fita, em cima do escudo. Por baixo: MEDELLIN. — Æ.

Na borda lê-se: DIOS. LEI. LIBERTAD / em lettras incusas.

Não vem descripta na op. cit. de Weyl. É semelhante ao n.º 8205 do mesmo autor, excepção feita da data.

PERÚ

N.º 306. — Lima. — *Um Peso.* (Meio escudo.)

No anverso, o campo está dividido em tres partes por duas linhas perpendiculares; em cima: á esquerda, uma lhama em campo azul; e á direita, uma arvore em campo de prata; em baixo, a cornucopia da abundancia em campo vermelho. (Emblemas do escudo das armas do Perú.) — R_8. No centro, uma corôa de folhas, tendo por cima: — LIMA M. B. —; e por baixo: / . 1856. / — AV.

Não vem descripta na op. cit. de Weyl; é, porém, semelhante ao n.º 9071 da mesma obra, exceptuando-se unicamente a data, que naquella é 1841.

N.° 307. —*Cinco Pesetas.*

PROSPERIDAD Y PODER POR LA JUSTICIA. Cabeça da Liberdade, á esquerda, coroada de flores e espigas. Por baixo: 1880 —. Rs. REPUBLICA PERUANA LIMA. 9 DECIMOS FINO. B. F. / Armas da Republica, tendo na parte inferior, entre as pontas da fita, um B —. Por baixo, entre duas rosetas: CINCO PESETAS. — Æ.

N.° 308. —*Dois centavos do Sol.*

No centro, o Sol radiado, tendo por cima: — 1864, e por baixo: REPUBLICA—PERUANA /. — Rs. No centro de uma corôa, formada por duas cornucopias com flores, folhas e fructos: DOS / CENTAVOS / . — Æ.

N.° 9145 de Weyl, op. cit., *America.*

BOLIVIA

N.° 309. — Potosi. — *Um Peso.* (Meio Escudo.)

LIBRE POR LA — CONSTITUCION. Busto laureado de Bolivar, á direita, tendo por baixo: — BOLIVAR. — Rs. REPUBLICA BOLIVIANA —. No centro, o cerro de Potosi illuminado pelo sol, tendo á esquerda uma lhama, e á direita um feixe de trigo com um ramo de louro na parte superior. (Emblema do escudo das armas da Bolivia.) Por baixo, seis estrellas; no exergo, as lettras S T P. (entrelaçadas em monogramma) $\frac{1}{2}$. 1843. L. R. — AV.

Não vem descripta na obra citada de Weyl; é, porém, semelhante ao n.° 9532 da mesma obra, exceptuando-se a data, que naquella é 1842.

N.° 310. — Potosi. — *Meio Boliviano.*

REPUBLICA — BOLIVIANA. Armas da republica, tendo por baixo nove estrellas. — Rs. LA UNION ES LA FUERZA. No centro de uma corôa formada de dois ramos, um

de louro e outro de carvalho: — MEDIO B.° / 50 CENT.^s / 12 G.^s 500 M.^s 9 D.^s FINO /. Por baixo, a data — 1873, tendo á esquerda as lettras S e P, entrelaçadas em monogramma, entre dois pontos; e á direita: F. R. — Æ.

N.° 9734 de Weyl, op. cit., *America.*

CHILE

N.° 311. — Santiago. — *Um Peso.*

POR LA RAZON O LA FUERZA. / No centro, um condor com o pé esquerdo sobre um escudo, que tem, em campo azúl, um machado com um feixe de varas circulados por treze estrellas. Por baixo: J. S /. No exergo, entre duas estrellas: 1856 /. — R. REPUBLICA DE CHILE. S /. No centro de uma corôa, formada de dois ramos de louro, as armas do Chile. Por baixo, entre duas estrellas: UM PESO /. — Æ.

N.° 9925 de Weyl, op. cit., *America.*

N.° 312. — Santiago. — *Um Peso.* (Um decimo do Condor ou meio Escudo.)

REPUBLICA DE CHILE * /. No centro, uma mulher em pé, com o barrete da Liberdade, tendo a mão direita sobre um livro que descansa em uma pilastra, e a esquerda sobre um feixe de varas. Á direita, uma cornucopia. Por baixo: S. — R. IGUALDAD ANTE LA LEI * /. No centro de uma corôa formada de dois ramos, um de carvalho e outro de louro: — 1 / PESO / 1860 /. — AV.

N.° 9942 de Weyl, op. cit., *America.*

N.° 313. — Santiago. — *Um centavo do Peso.*

REPUBLICA DE CHILE /. Cabeça da Liberdade, á esquerda, com o barrete phrygio, coroada de flores, espigas e folhas de carvalho e de louro, tendo por baixo: S. — R. ECO-

NOMIA ES RIQUEZA /. No centro de um circulo de pontos: UN / CENTAVO /. Por baixo, entre duas estrellas, a data — 1872 /. — Nickel.

Semelhante á do n.º 9972 de Weyl, op. cit., *America*; d'ella differe sómente pela data.

N.º 314. — *Meio centavo do Peso.*

.REPUBLICA DE CHILE./ No centro, uma estrella. Por baixo: 1853 /. — R8. ECONOMIA ES RIQUEZA /. No centro de uma corôa formada de dois ramos de louro: — MEDIO / CENTAVO /. No exergo, uma estrella de quatro raios. — Æ.

N.º 9917 de Weyl, op. cit., *America*.

REPUBLICA ARGENTINA

N.º 315. — *Um Peso.*

Cabeça da Liberdade, á esquerda, com o barrete phrygio, tendo por baixo: OUDINÉ. Por cima: * LIBERTAD *; á esquerda: UN PESO; á direita: 9 Ds FINO; no exergo, uma estrella. — R8. REPUBLICA ARGENTINA. Armas da Republica, tendo por baixo, entre duas estrellas: 1882 /. — AR.

Na borda lê-se: IGUALDAD | * ANTE * LA | * LEY * * * * |

N.º 316. — Provincia de Cordova. — *Meio Peso.* (Quatro Reales.)

PROVINCIA DE CORDOBA. No campo, um castello com uma bandeira no centro e tres outras de cada lado. No exergo, dois ramos de louro unidos por uma roseta. — R8. No centro, o sol radiado, tendo por cima: CONFEDERADA, e por baixo: 4 R 1851 9 D. — AR.

Vide os n.os 10132 e 10133 de Weyl, op. cit., *America*.

N.º 317. — *Um Centavo.*

Dentro de um circulo de pontos, a cabeça da Liberdade, á esquerda, com o barrete phrygio, tendo por baixo do collo: OUDINE. Por cima: * LIBERTAD * /; por baixo: UN CENTAVO /. — Rs. * REPUBLICA ARGENTINA * /. Dentro de um circulo de pontos, as armas da Republica. Por baixo: 1883 /. — Æ.

PARAGUAY

N.º 318. — *Dois centesimos do Peso.*

REPUBLICA DEL PARAGUAY. Dentro de uma corôa formada de dois ramos, um de louro e outro de carvalho, uma estrella radiada. Por baixo, uma estrella simples. — Rs. Dentro de uma corôa de louro e no centro de um circulo, o valor — 2 —, em campo azul, tendo por cima, sobre uma fita, a palavra — CENTESIMOS. Por baixo: 1870, tendo á direita: SHAW. — Æ.

N.º 10197 de Weyl, op. cit., *America.*

N.º 319. — *Um duodecimo do meio Real?*

No centro de uma corôa formada de dois ramos de louro, um leão, voltado para a direita, e, por detraz, uma lança cravada no chão, tendo na ponta o barrete da liberdade radiado. — Rs. REPUBLICA DEL PARAGUAY /. Dentro de um circulo, em campo azul: $\frac{1}{12}$; no exergo: 1845. — Æ.

N.º 10182 de Weyl, op. cit., *America.*

Vale $\frac{1}{192}$ do Peso.

URUGUAY

N.º 320. — *Um Peso forte.*

REPUBLICA ORIENTAL DEL URUGUAY. 1844. Armas da republica. — Rs. SITIO DE MONTEVIDEO.

10 $^1/_2$ D.ª Dentro de um circulo de nove estrellas: — UN PESO / FUERTE /. — Æ.

N.º 10156 de Weyl, op. cit., *America*. Foi cunhada durante o sitio dirigido pelo General Manoel Oribe.

N.º 321. — *Um Peso.*

REPUBLICA ORIENTAL DEL URUGUAY. Armas da republica, tendo por baixo uma estrella. — Rs. LIBRE Y CONSTITUIDA. No centro de uma corôa formada de dois ramos de louro: 1 / PESO / — o o o — /; e logo abaixo, ainda dentro da corôa, um A, tendo á esquerda uma ancora, e á direita uma abelha. No exergo: 1877. — Æ.

Não vem mencionada na obra citada de Weyl; mas approxima-se da que elle descreve sob o n.º 10175, tendo demais que ella a ancora, a inicial A e a abelha.

ASIA E AFRICA

COLONIAS PORTUGUEZAS

India :

N.º 322. — D. José I. — *Rupia.*

Busto do rei, á direita, tendo á esquerda: 1777, e á direita: RUPIA. — Rs. Armas do reino. — Æ.

Foi descripta pela primeira vez pelo Sñr. Teixeira de Aragão, na *Descripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal*, Tom. III, *Lisboa, 1880*, á pag. 330, n.º 11.

Esta moeda foi cunhada no tempo de D. José Pedro da Camara, 92.º Governador da India Portugueza, o qual exerceu este governo desde 24 de Setembro de 1774 até 26 de Maio de 1779.

N.° 323. — D. MARIA II. — *Tanga.*

Armas do reino entre dois ramos de louro, tendo por baixo: 1840. — ℞. Dentro de uma corôa formada de dois ramos de louro: 60 / R /. — Æ.

Vide Teixeira de Aragão, Tom. III da op. cit., pag. 377, n.° 22.

Esta *tanga* foi cunhada no tempo de José Joaquim Lopes de Lima, 112.° Governador da India Portugueza, o qual exerceu este governo desde 24 de Setembro de 1840 até 27 de Abril de 1842.

Angola:

N.° 324. — D. MARIA I. — *Doze Macutas.*

MARIA. I. D. G. REGINA. P. ET. D. GUINEÆ. Armas do reino ornamentadas. — ℞. AFRICA * PORTUGUEZA * * * 1789 * * * No centro de uma corôa de folhas: — MACU / TAS / * 12 * /. — AR.

N.° 325. — D. JOÃO PRINCIPE REGENTE. — *Duas Macutas.*

JOANNES. D. G. PORT. P. REGENS. ET. D. GUINEÆ. No centro, o globo com o escudo das armas de Portugal. Por cima, a corôa real. — ℞. ✿. AFRICA. PORTUGUEZA. ✿. 1815. Dentro de um circulo de pontos, e entre cinco rosetas: — MACU / TAS / 2 /. — Æ.

Moçambique:

N.° 326. — D. MARIA II. — *Barrinha.*

Parallelogrammo rectangular de 25^{mm} por 12^{mm}. Em uma das faces, tem um outro quadrilongo com os angulos cortados, e no centro de um circulo de pontos muito irregular, um M

(Moçambique), contramarcado por uma roseta. — Rs. Sobre a superficie lisa: 2 $\frac{1}{2}$ | *(Dois e meio maticaes)*. — AV com liga de prata.

Esta *barrinha* vem descripta pelo Sñr. Teixeira de Aragão, no Tomo III da op. cit., pag. 442, n.º 1.

A *barrinha* começou a ser fundida em 1835, no tempo da junta governativa composta de: Candido da Costa Soares, major de artilheria; Antonio Ramalho de Sá, juiz de direito; Padre Custodio José Vaz; Antonio Francisco Cardoso, director da alfandega, e José Ignacio de Almeida Nery. Esta junta foi nomeada por Carta Regia de 4 de Setembro d'aquelle anno, e assumiu o poder em 3 de Março seguinte.

As *barrinhas* e as *meias barrinhas*, fundidas na cidade de Moçambique desde aquella epoca, eram feitas com o ouro vindo de Rios de Sena; a *barrinha* pesava 288 grãos e valia 2 $^1/_2$ *maticaes*, sendo o seu preço estimativo actual 8$000 rs. fortes; a *meia barrinha* pesava 144 grãos e valia 1 $^1/_4$ *de matical*, sendo o seu preço estimativo actual tambem 8$000 rs. fortes.

O Sñr. Aragão, que nos forneceu estas informações, accrescenta:

« As contramarcas foram postas em 1851. A liga das *barrinhas* deve ser de $^1/_6$ de prata e $^4/_6$ de oiro puro, o que dá approximadamente o valor intrinseco de 6$500 réis; mas havendo muitas cerceadas e de toque inferior, mesmo entre as contramarcadas estabeleceu-se alguma desconfiança e difficuldade no seu curso.

« As *meias barrinhas* eram de oiro de 22 quilates e por isso desappareceram do mercado. »

As contramarcas foram postas no tempo de Joaquim Pinto de Magalhães, juiz de direito de Moçambique, despachado governador interino por decreto de 3 de Julho de 1851, o qual desembarcou em 20 de Outubro, e dois dias depois tomou posse.

« Para estudar as causas das frequentes alterações de valor na moeda circulante, o governador interino nomeou em 18 de Outubro uma commissão composta de oito membros, e a seu pedido a junta da fazenda em sessão de 8 de Novembro elevou a onze os membros da dita commissão, e mandou affixar um edital para as *barrinhas*, *meias barrinhas* de oiro e *patacas* de prata serem levadas no praso de trinta dias á contadoria geral para se contramarcarem e assim correrem pelos mesmos valores, emquanto se não adoptavam novas providencias. O edital

continha tambem varias disposições para regularisar a sua execução, sendo a mira principal d'esta medida inutilisar as *barrinhas* de oiro e as *patacas* de prata de toque ou de peso falseado, que tanto abundavam no mercado da provincia, e fazer o seu recenseamento. Parte das disposições regulamentares foram logo modificadas na sessão de 19 do mesmo mez por proposta do escrivão da junta. »

A commissão terminou os seus trabalhos em 22 de Dezembro do mesmo anno. Quanto aos resultados a que chegou, vide Aragão, *loc. cit.*, pag. 446.

INDICE

DOS DESENHADORES E GRAVADORES

(POR NUMEROS)

INDICE GERAL

INDICE GERAL

FIM.

ERRATA

Paginas	Linhas	Erros	Emendas
27	32 e 33	la independencia Española	la independencia de la America Española
33	23	in-4.° gr.	in-8.° gr.
107	29	*amiqo*	*amigo*
110	10	*Brasilaeam*	*Basilaeam*
181	39	estranhas	extranhas
184	5 e 6	explendido	esplendido
259	20	palavra	palavras
295	8	publicada, antes de Pedro Nunes	publicado, antes do de Pedro Nunes
369	9	por que se o considere	por que se elle considere
379	31	Deu caso	Deu causa
394	38	deve-se citar	devem citar-se
499	20	Diogo Gonçalves	Francisco Gonçalves
528	26	Deve-lhe	Deve-se-lhe
613	39	Mestre Caduceu	Mestre do Caduceu.
614	15	Caduceu	do Caduceu
648	14	offeiçoou-se	affeiçoou-se
700	23	*prinx.*	*pinx.*
706	31	*Marie*	*Maria*
746	3	por esta não ter	por não ter
776	3	officina do pintor	officina de pintor
802	26	superior	inferior
885	40	*Sevent*	*Sevent*
898	14	com	como
974	2	JOSEHUS	JOSEPHUS

Paginas	Linhas	Erros	Emendas
1013	9	WION	WYON
1014	14	homemagem	homenagem
1016	31	La Villete	La Villette
1023	6	com	por
1024	2	1876	1776

Erros que escaparam só em parte da edição

1028	2	*acueraa*	*acuerda*
1029	1	ESTRANGEIRAS	EXTRANGEIRAS
1029	20	OCruzados	OC cruzados
1030	25	emblema	emblemas
1037	22	pois	dois

RECTIFICAÇÃO

á noticia biographica de Luiz Calamatta, de pp. 661-663.

L. Calamatta nasceu a 21 de Junho de 1801; foi para Paris em 1823; nomeado director do Gabinete de gravura de Milão, ahi falleceu a 8 de Março de 1869; os seus despojos mortaes foram solemnemente trasladados d'esta cidade para Civita-Vecchia a 27 de Agosto do corrente anno, parecendo portanto inexacta a versão de Vapereau (*Diction. Universel des Contemporains*, Paris, 1870), que o dá como inhumado no castello de Nohant. A sua obra gravada consta de 116 estampas. Vide: *L'Illustrazione Italiana*, n.os 36 e 38 de 6 e 20 de Setembro de 1885.

ESTAMPAS

reproduzidas por photo-lithographia segundo as descriptas
á pp. 780-782, sob n.os 207-211.

I

HELIOGRAPHIA LAEMMERT & C.

II

HELIOGRAPHIA LAEMMERT & C.ª

III

HELIOGRAPHIA LAEMMERT & C.ª

IV

HELIOGRAPHIA LAEMMERT & C.a

V

HELIOGRAPHIA LAEMMERT & C.ª